TRATADO DE DOCUMENTAÇÃO

PAUL OTLET

BRIQUET DE LEMOS
LIVROS

TRATADO
DE
DOCUMENTAÇÃO

O LIVRO SOBRE O LIVRO

TEORIA E PRÁTICA

PAUL OTLET 1868–2018 SESQUICENTENÁRIO DE

PAUL OTLET

Os livros e os documentos. – A leitura, a consulta e a documentação. – Redação, multiplicação, descrição, ordenação, conservação, utilização dos documentos. – Indústria editorial e comércio livreiro; bibliografia, biblioteca, enciclopédia, arquivos, museografia documentária, documentação administrativa. – Órgãos, organização, cooperação. – Repartição e Instituto Internacional de Bibliografia e Documentação. – Rede Universal de Informação e Documentação.

[002 (02)]

Organização:

Antonio Agenor Briquet de Lemos

Tradução de:

Taiguara Villela Aldabalde, Letícia Alves, Virginia Arana, Silvana Arduini, Cristian Brayner, Marcilio de Brito, Magno Evangelista, Maria Yêda de Filgueiras Gomes, Guillaume Achiles Clair Marie Isnard Filho, Nair Kobashi, Ana Regina Luz Lacerda, Antonio Agenor Briquet de Lemos, Ercilia Mendonça, José Antonio Pereira do Nascimento, Martha Suzana Cabral Nunes, Regina Obata, Edmir Perrotti, Ivete Pieruccini, Alice Araújo Marques de Sá, Camila Silva, Max Evangelista da Silva, Johanna Wilhelmina Smit, Rosemeri Bernieri de Souza, Maria Carolina de Deus Vieira

BRIQUET DE LEMOS
LIVROS

Tradução publicada exclusivamente em edição eletrônica. Os tradutores e a editora declaram que seu trabalho foi realizado *pro bono* e renunciam a qualquer direito de natureza patrimonial. Permitida a livre reprodução desde que seja citada a fonte.

Esta tradução está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional.

Edição original:
Otlet, Paul (1868–1944). Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Editiones Mundaneum; Palais Mondial; Imp. Van Keerberghen & fils, 1934. 431 p.

Forma sugerida para citação desta tradução:
Otlet, Paul (1868–1944). Tratado de documentação: o livro sobre o livro teoria e prática. Tradução de Taiguara Villela Aldabalde, Letícia Alves, Virginia Arana, Silvana Arduini, Cristian Brayner, Marcilio de Brito, Magno Evangelista, Maria Yêda de Filgueiras Gomes, Guillaume Achiles Clair Marie Isnard Filho, Nair Kobashi, Ana Regina Luz Lacerda, Antonio Agenor Briquet de Lemos, Ercilia Mendonça, José Antonio Pereira do Nascimento, Martha Suzana Nunes, Regina Obata, Edmir Perrotti, Ivete Pieruccini, Alice Araújo Marques de Sá, Camila Silva, Max Evangelista da Silva, Johanna Wilhelmina Smit, Rosemeri Bernieri de Souza, Maria Carolina de Deus Vieira. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2018.
742 p.

Edição digital em PDF.

1. Documentação. 2. Documentação – História. 3. Otlet, Paul (1868–1944).

Briquet de Lemos / Livros
SHIN - QL 3 - Conj. 8 - Casa 19
Brasília, DF 71505-285

briquetdelemos@gmail.com

Sumário

Traduzindo Otlet
Antonio Agenor Briquet de Lemos v

Organização do conhecimento e um novo sistema político mundial: ascensão e queda e ascensão das ideias de Paul Otlet
W. Boyd Rayward xi

Paul Otlet no Brasil: da bibliografia à documentação, uma história sendo contada
Carlos Henrique Juvêncio xxix

Tratado de documentação
Paul Otlet 1

Traduzindo Otlet

Antonio Agenor Briquet de Lemos

Há muitos livros, em nossa existência de leitores comuns, que nos dão a impressão de que nasceram conosco, que sempre estiveram ao nosso lado. Até que chega a hora da verdade em que nos damos conta de que eles até podem ter sido companheiros, mas companheiros latentes, com quem nunca confraternizamos de fato. Entre profissionais, e também entre docentes e discentes, e outros que devem ler por obrigação de aprender e de escrever, isso parece ser mais comum do que se imagina. E há uma infinidade de razões. Uma das mais comuns é o fato de essa latência ser intrínseca à condição de maior ou menor dificuldade de acesso à língua em que foram escritos. Ou aprendemos a língua que eles 'falam', ou esperamos que alguém os converta à nossa língua. É um mundo bem vasto esse dos livros 'conhecidos', citados e nunca lidos. No mundo acadêmico, isso dá ensejo à subcultura do *apud*.

A biblioteconomia/documentação/informação se, durante muito tempo, careceu de produção bibliográfica, de extração local, voltada para as necessidades do ensino e da prática, mais carente era, e ainda é, no que se refere à tradução e edição de obras estrangeiras. E, quanto aos textos clássicos dessa área (clássico no sentido de 'servir de modelo', de ser 'abonado ou autorizado por autores tidos como paradigmas' (Houaiss), a situação era de penúria quase total.

Em 1957, Edson Nery da Fonseca fez, no *Jornal do Brasil*, onde manteve por algumas semanas uma coluna sobre documentação, uma enquete para saber quais obras de biblioteconomia deveriam ser traduzidas. Foram ouvidos sete experientes bibliotecários. Quase todos deram prioridade a livros que eram recentes. Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, na época diretora dos serviços de biblioteca e do curso de biblioteconomia da Universidade do Recife, lembrou-se de Otlet, e declarou: "Quando tanto se fala em documentação, não poderia ser ignorado o monumental *Traité* de Paul Otlet, justamente chamado o 'pai da documentação'".[1]

Os sobreviventes dos tempos em que a biblioteconomia era uma profissão livre, ou seja, não exigia patente, brevê ou carteirinha para ser praticada, foram apresentados a alguns desses autores 'clássicos'. Em minha memória rodava uma ciranda de avatares que correspondiam aos nossos clássicos. Unia-os não apenas essa identidade que os pósteros lhes atribuíram, mas também a 'coincidência significativa' (Jung) que era a presença do mesmo fonema no radical de seus nomes. Estavam sempre juntos e havia vozes que, de fora do grupo, pareciam entoar um cantochão: Naudé, Otlet, Briet, Gasset... Mosqueteiros do livro, da leitura e da informação aos quais se acrescentaria não um quarto, como d'Artagnan, mas um quinto, tão pouco lido e tão citado quanto eles: Ranganathan.

Talvez tenha sido para pôr fim a essa ciranda que, quando abri a editora Briquet de Lemos / Livros, estabeleci como uma de suas metas editar no vernáculo as obras desses autores. Decorridos doze anos da edição da *Missão do bibliotecário*, de Ortega y Gasset (2002), chegou a vez de Otlet, de seu tão famoso e tão pouco conhecido *Traité de documentation*.

---

[1] *Suplemento Dominical do JB* (2º caderno), nº 251, 27 out. 1957.

Editado em 1934, é de se supor que, pelo menos no início da década seguinte, estivesse disponível nas livrarias do Rio e São Paulo. Essa suposição baseia-se na referência feita a ele na introdução que o poeta e crítico gaúcho Augusto Meyer, então diretor do Instituto Nacional do Livro, escreveu para a *Bibliografia das bibliografias brasileiras*, de Antônio Simões dos Reis, editada em 1942.

A impressão deste livro foi demorada e acidentada. Com os recursos gráficos disponíveis, ainda mais na Bélgica, é inacreditável que tenham sido necessários quase dois anos para compor e imprimir uma obra de cerca de 450 páginas e sem grande complexidade gráfica. Segundo informação no rodapé da segunda capa, os originais entraram em gráfica em outubro de 1932. A edição informa duas datas para o termino da impressão: no verso da página de rosto, abril e, no verso da capa, agosto de 1934, mês do fechamento do Palais Mondial, conforme indica o posfácio. Em nota no final do capítulo 2, Otlet informa que o trabalho de impressão foi interrompido em 1934, devido ao fechamento do Palais Mondial, quando a composição havia chegado à página 328. É razoável presumir, portanto, que esta seja uma obra inconclusa.

O livro se ressente dos problemas criados pela própria forma como trabalhava o autor e sua confessadamente péssima caligrafia, cuja compreensão exigia esforço que o fazia sentir pena de quem tivesse de ler seus manuscritos.

Em junho de 2018, escrevi para Stéphanie Manfroid, responsável pelos arquivos do Mundaneum, informando sobre erros tipográficos encontrados no texto. Ora eram coisas banais, outras vezes eram nomes próprios quase irreconhecíveis, letras trocadas; alguns eram facilmente identificáveis outros, não. Eis a resposta de Stéphanie Manfroid:

> As provas corrigidas do *Traité de documentation* não foram encontradas entre os papéis pessoais de Paul Otlet.
>
> Encontrei, entretanto, alguns capítulos e diversas provas. Gostaria muito, se fosse possível, encontrá-las e colocá-las à disposição dos pesquisadores. Consegui identificar algumas principalmente graças à numeração sistemática adotada por Otlet. No começo, ele utilizou publicações ou comunicações feitas para profissionais da documentação ou do livro. Lembrando que ele dirigiu o Instituto Internacional de Bibliografia durante algumas décadas e depois interessou-se pelo ambiente do livro com o museu do livro. Enfim, as revistas e jornais também o interessaram por intermédio da Union de la Presse Périodique Belge. Assim, por volta de 1910, Paul Otlet possuía a estatura de um especialista em várias áreas, inclusive da pesquisa científica.
>
> Quando suas instituições se desenvolvem, depois de 1910, sendo reunidas, após a Grande Guerra, no Palais Mondial / Mundaneum, ele se encontra à frente de um centro intelectual internacional onde a CDU é o instrumento metodológico de ordenação e pesquisa.
>
> Outra informação muito útil: sua letra é ruim. Ele é vítima da impaciência de seu pensamento e de sua vivacidade. A leitura de sua escrita é bem difícil (envio-lhe uma amostra). Como consequência direta disso, tratamos de organizar a transcrição de seus escritos, inclusive os memorandos e as normas administrativas. Contamos com uma equipe que se declara impotente diante de sua letra, uma equipe que tem a incumbência de transcrever seus memorandos. Estes são então numerados e colocados no documento, como anexo, com o título de notas numeradas.
>
> Depois de inúmeras leituras, passei a conhecer melhor sua letra. No entanto, decifrá-la nem sempre permite que se apreenda e compreenda o conteúdo. Às vezes, a transcrição está errada.
>
> A organização das anotações de Paul Otlet é rigorosa quanto à numeração e contínua.

Além disso, nos anos trinta, quando ele precisava de ajuda para enviar correspondência, recorria à esposa.

Reitero minha mensagem de estímulo ao trabalho em curso. De meu lado a experiência acumulada durante quase 16 anos a serviço dos arquivos de Paul Otlet me permite ter uma ideia sobre a maneira como ele trabalhava e também sugerir pistas para reflexões sobre a conservação do arquivo e sobretudo o trabalho desse teórico da documentação (se nos ativermos somente a esse campo!).

Se o senhor puder me passar detalhes sobre sua iniciativa, terei muito prazer em divulgá-la em nosso site na internet, caso seja de seu agrado.

Aqui, cuido de velar pelo acesso adequado aos trabalhos concluídos e pelas pesquisas que o arquivo possibilita.

Cordialmente

Manfroid Stéphanie, Responsable des Archives

Para ajudá-lo na edição, Otlet contratou uma amiga da família, a jovem holandesa, de 20 anos, Milisa Coops (Wilhelmina Emilia Suzanna Coops) (1912–2006), que fora para a Bélgica para melhorar seu francês. No depoimento que prestou a Françoise Levie, diretora do documentário *The man who wanted to classify the world*, sobre Otlet, ela diz:

> A obra [*Traité de Documentation*] estava pronta, mas precisava ser revista. O professor Otlet tinha uma letra muito pouco legível, e não era fácil para o editor decifrar o manuscrito. Eu corrigia as provas. Às vezes havia uma palavra que nem o tipógrafo nem eu podíamos entender e era preciso então pedir ajuda ao professor Otlet, que, na maioria das vezes, não tinha tempo! Eu fazia todo o possível para tornar o texto mais compreensível! Usava óculos especiais. Trabalhava na casa dele, na rua Fétis, e, durante seis meses sentamo-nos à mesma mesa.[1]

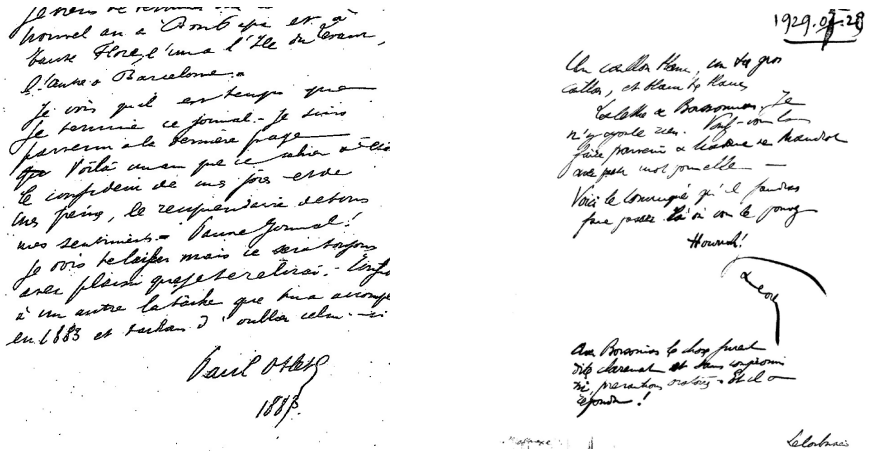


Figura 1. À esquerda: página do diário íntimo de Paul Otlet, de 1883, quando ele tinha 15 anos. À direita, cópia de um bilhete quando ele tinha 61 aos, três anos antes de os originais do *Traité* serem entregues à gráfica para composição e impressão. (Com agradecimentos a Stéphanie Manfroid, do Mundaneum.)

O trabalho de Milisa, pelo que se vê nas amostras acima da letra de Otlet, não foi fácil. Mas, bem ou mal o livro aconteceu.

A edição espanhola incluiu 'notas críticas de la traductora' que fala dos obstáculos sintáticos e linguísticos que enfrentou, chegando a atribuir alguns desses obstáculos a uma influência 'valona', isto é, do francês falado na Bélgica. Acredito que outros motivos pesaram mais nas deficiências editoriais do tratado. Levem-se em conta, além das idiossincrasias

[1] Levie, Françoise. Filmer Paul Otlet. *Cahiers de la documentation – Bladen voor documentatie* – 2012/2, p. 74-78. Disponível em: https://www.abd-bvd.be/wp-content/uploads/2012-2_Levie.pdf

do autor, sua sofreguidão intelectual, a amplitude de seus compromissos, as tensões econômicas e políticas daquele momento na Europa, que punham em risco a sobrevivência do grandioso (megalômano?) projeto do Mundaneum. Jean-François Füeg, que foi diretor do Mundaneum, comenta, no documentário narrado por W. Boyd Raymond, que Otlet fazia muitas coisas ao mesmo tempo, jamais conseguia se concentrar em um único objetivo e até os painéis expostos no museu eram mal-feitos, improvisados, caseiros, *bricolés*.[1]

Voltemos ao início da história desta tradução. Em 2010, foi infrutífera a tentativa de localizar os herdeiros de Otlet para negociar a aquisição de licença de tradução para o português. Em janeiro de 2017, tendo a obra caído em domínio público, aproximava-se a possibilidade de Paul Otlet se dirigir a seus leitores em português, à semelhança de seus outros colegas do panteão dos clássicos, a saber, Naudé, Ortega y Gasset, Briet e Ranganathan. Afinal, fazia tempos que o *Traité de documentation* fora apresentado a seus potenciais leitores brasileiros.

Em julho de 2017, lancei por uma rede social a ideia de fazer uma tradução cooperativa. Rapidamente formou-se um grupo de 31 voluntários, que selecionaram os trechos que gostaram de traduzir, a partir de uma lista onde o livro fora dividido em 41 grupos de páginas. Não se estabeleceu o máximo de páginas que cada um poderia escolher e tampouco definiu-se um prazo de conclusão do trabalho, caracterizado como estritamente voluntário e sem remuneração.

Com o passar do tempo, alguns desistiram. Houve, então, redistribuição do trabalho entre colaboradores que se prontificaram a assumir essa tarefa adicional. Foram 23 colaboradores que traduziram as seções indicadas entre parênteses: Taiguara Villela Aldabalde e Virginia Arana (seções 233.2 a 240.4), Letícia Alves (242.2 a 242.34), Silva Arduini e Ana Regina Luz Lacerda (262 a 262.442), Cristian Brayner (231.15 a 233.1, 242.4 a 242.63, 243.34 a 243.74, 257.6 a 258.2), Marcílio de Brito (241.7 a 242.19 e 243 a 243.334), Magno Evangelista (42 a 422.12), Maria Yêda de Filgueiras Gomes (422.2 a 422.34), Guillaume Achiles Clair Marie Isnard Filho (253.23 a 253.29) Nair Kobashi (seções 256 a 257.7), Antonio Agenor Briquet de Lemos (artigo de W. Boyd Rayward, capítulos 0 e 1, seções 221.4 a 223,2, 231 a 231,14, 241.22 a 241.328, 241.4 a 241.6, 243.75 a 253.0, 422.35 a 425.22), Ercilia Mendonça (253.1 a 253.22), José Antonio Pereira do Nascimento (262.443 a 265.2), Martha Suzana Nunes (253.29 a 255.1), Regina Obata (5 a 53, 225 até a alínea *e* de 230), Edmir Perrotti (255.2 a 255.5), Ivete Pieruccini (255.6 a 255.85), Alice Araújo Marques de Sá (242.35 a 242.38 e 259 a 261.4), Camila Silva (240.5 a 241.214), Max Evangelista da Silva (211 a 212.5), Johanna Wilhelmina Smit (4 a 417), Rosemeri Bernieri de Souza (22 a 221.13 e 222.3 a 223.1), Maria Carolina de Deus Vieira (265.3 a 283.4 e 30 a 324).

Os textos traduzidos foram revistos e editorialmente uniformizados pelo mentor do projeto, que também redigiu as notas marginais.

Os tradutores basearam-se no texto digitalizado disponível na internet, trabalho feito originalmente pela universidade de Gent, e disponibilizado pelo Internet Archive e pelo Wikisource, neste caso acompanhado do texto digitado.

---

[1] *Alle kennis van de wereld: het papieren internet*, filme documentário criado e dirigido por Ijsbrand van Veelen para o programa Noordelicht, mostrado em 1º de novembro de 1998. Disponível, na versão original, em inglês e francês, em: https://archive.org/details/paulotlet

Com as facilidades oferecidas pela internet e a existência em formato digital de obras citadas por Otlet, foi possível corrigir muitas das deficiências que ocorreram entre o registro em forma manuscrita e sua conversão para a composição em linotipo e a impressão. Quando possível, verificamos as citações e as referências bibliográficas. Muitos dos autores citados tiveram seus nomes verificados e, quando possível, corrigidos. Quando relevante, indica-se a correção feita. As notas marginais registram as intervenções de responsabilidade desta tradução e são identificadas pelas iniciais N.E.B. (nota da edição brasileira). Quando não foi possível elucidar uma dúvida no original, fez-se a tradução literal seguida da ressalva *sic* no próprio texto. Repetições e interrupções do texto original são indicadas por meio de notas marginais.

Os nomes de instituições nacionais estrangeiras foram grafados na respectiva língua. Eventualmente, diante da dificuldade de conhecer com precisão os nomes autorizados na língua do país, optou-se por não usar iniciais maiúsculas, sem prejuízo da compreensão da informação respectiva. Nomes russos e de outras origens que em textos de língua francesa soem ser escritos de modo ortograficamente afrancesado (ex., Roubakine) foram grafados conforme os preceitos gerais de transliteração (ex., Rubakin). Não se atualizaram os topônimos (ex., Pérsia, não Irã). Foram omitidos os pontos interliterais nas siglas (ex., URSS e não U.R.S.S.).

Como aconteceu com os outros clássicos que editamos, esta tradução exigia material adicional que explicasse, em grandes linhas, a importância de Otlet, antes e agora. A escolha de um artigo de W. Boyd Reward, o estudioso que, de certa forma, promoveu o renascimento de Paul Otlet, explica-se por si só.

Mas era preciso falar de Otlet no Brasil e seria bom que fosse alguém que, como Boyd Reward, tivesse vasculhado as fontes primárias, nossas fontes primárias. E ninguém melhor do que Carlos Henrique Juvêncio, que tanto pesquisou sobre as relações do Instituto Internacional de Bibliografia com a Biblioteca Nacional, para nos fazer pensar naqueles tempos em que começávamos a perceber que a troca de informações pode ajudar a romper fronteiras e aproximar os povos.

Esta é uma tradução aberta e em progresso. Comentários quanto a alternativas mais adequadas do que as que foram registradas pelos tradutores serão bem-vindos. Também pretendemos ampliar a verificação dos nomes de autores e das citações junto com a elaboração do índice onomástico. Isso será incluído em versões futuras. Esta é a versão 1.0.

A Stéphanie Manfroid, W. Boyd Rayward e Carlos Henrique Juvêncio os agradecimentos de toda a equipe responsável por esta tradução.

Além dos tradutores mencionados na página de rosto, este trabalho contou com a ajuda de Tarcisio Zandonade na tradução de textos latinos. Maria Lucia Vilar de Lemos foi a interlocutora sempre presente com críticas e sugestões.

A primeira reimpressão fac-similar do *Traité* foi feita em 1989 pelo Centre de Lecture Publique de la Communauté Française, de Liège. Em 2015, com o título alterado para *Le livre sur le livre: traité de documentation*, saiu nova edição fac-similar, feita pela editora belga Les Impressions Nouvellles, enriquecida com prefácios de Sylvie Fayet-Scribe, Benoît Peeters, Alex Wright.

Digitalizações disponíveis na internet:

https://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_documenta-

tion_ocr.pdf

https://fr.wikisource.org/wiki/Trait%C3%A9_de_documentation/La_Bibliologie_ou_Documentologie

https://fr.wikisource.org/wiki/Livre:Otlet_-_Trait%C3%A9_de_documentation,_1934.djvu

https://archive.org/details/OtletTraitDocumentationUgent

É importante citar o projeto HyperOtlet, interinstitucional e interdisciplinar, do Centre Maurice Halbwachs (CNRS), de Paris, em colaboração com a École Nationale Supérieure des Sciences de l'Information et des Bibliothèques (ENSSIB), de Lyon, o laboratório MICA (Médiations, Informations, Communication, Arts) da Université Bordeaux-Montaigne, o Mundaneum, de Mons, Bélgica, e a Maison des Sciences de l'Homme (MSH-Paris Nord), que tem o objetivo de situar o *Traité* em sua complexidade contextual e pôr à disposição dos especialistas uma edição crítica, apoiada na proposta de 'hiperdocumento'. Não apenas um texto melhorado, mas um texto decomposto em documentos, passíveis de proporcionar novos enriquecimentos, organizações e modelagens. Teve início em 2017 com término previsto para 2020. Ver em: http://www.enssib.fr/projet-de--recherche-anr-hyperotlet

Conferir as antecipações de Otlet é enriquecedor e divertido. Veja-se, por exemplo, como soam atuais os conceitos de 'hiperdocumentação' e 'hiperinteligência' que estão na seção 53 deste tratado. Aliás, uma recomendação: comecem a ler o livro pelo fim, a partir da seção 52 ('O problema da documentação'). Terão a sensação de estar dialogando com um nosso contemporâneo. E mais contemporâneo do que muitos que andam por aí...

Brasília, agosto de 2018

Ano do Sesquicentenário de Paul Otlet

Organização do conhecimento e um novo sistema político mundial: ascensão e queda e ascensão das ideias de Paul Otlet

W. Boyd Rayward *

"Dreams are true while they last, and do we not live in dreams?"
[Os sonhos são verdadeiros enquanto duram,
e não vivemos em sonhos?]
Tennyson, *The higher pantheism*[1]

* Professor emérito, Graduate School of Library and Information Science, University of Illinois at Urbana-Champaign, Champaign, IL, EUA

Tradução, com alterações, de artigo publicado em *Transnational Associations / Associations Transnationales*, revista da União Internacional de Associações (nº 1/2, p. 4-15, de 2003). Com autorização do autor e da editora a quem ficam aqui registrados os agradecimentos.

Sobre organizações

A história de Otlet (1868–1944), de Henri La Fontaine (1854–1943) e das organizações que criaram é fascinante e tem sido contada e recontada muitas vezes. A primeira dessas organizações foi o Office International de Bibliographie (1895), depois Institut International de Bibliographie, com seus recursos, repertórios, coleções (bibliográficas, iconográficas e documentárias)[2] e seus institutos-satélites: Institut International de Photographie (1905); Bibliothèque Collective des Sociétés Savantes (1906); e Musée de la Presse (1907).[3] O Office Central des Associations Internationales, 1907, tornou-se a secretaria da Union des Associations Internationales criada em Bruxelas em seguida a uma enorme conferência organizada por Otlet e La Fontaine e realizada com patrocínio real, em 1910, por ocasião da Feira Mundial de Bruxelas.[4] No mesmo ano foi formado o Musée International com coleções em grande parte oriundas das exposições feitas na feira mundial. Esse conjunto de organizações completava-se, efetivamente, para Otlet, com a criação em 1920 de uma escola internacional de verão. Otlet e seus companheiros, um tanto equivocadamente, deram-lhe o nome de Université Internationale; ela somente funcionou em três ocasiões: em setembro de 1920, agosto–setembro de 1921 e em agosto de 1922. A partir de 1920, num processo de transformação que só terminou em 1919, depois do interregno da Primeira Guerra Mundial, essas organizações foram fisicamente reunidas em uma enorme edificação a que Otlet deu o nome de Palais Mondial, posteriormente Mundaneum, na ala esquerda do Palais du Cinquantenaire, em Bruxelas.[5] Nos planos de Otlet estava a ideia de que essa nova instituição, dedicada ao internacionalismo, poderia, um dia, formar o núcleo da Cité Mondiale, que seria o símbolo de uma nova ordem mundial.

Talvez, de certo ponto de vista, Otlet seja mais bem avaliado como uma figura *fin de siècle*, cuja obra gozou de notável aceitação e apoio em

[1] Tennyson, Alfred. *Poetical works, including the plays*. London: Oxford University Press, 1954, p. 222.
[2] Ver: Rayward, W. Boyd. *The universe of information: the work of Paul Otlet for documentation and international organization.* Moscow: Published for the International Federation for Documentation by the All-Union Institute for Scientific and Technical Information (VINITI) of the USSR Academy of Sciences, 1975, ch. III Foundation of the IIB, ch V the Universal Decimal Classification, ch. VI the Universal Bibliographic Repertory.
[3] Rayward, *The universe*... Ch. VII The development of the International Office and Institute of Bibliography.
[4] Rayward, *The universe*... Ch. VIII The Union of International Associations.
[5] Rayward, *The universe*... Ch. X The Palais Mondial, e p. 226, 239 e 254 para a Université Internationale e p. 226.

seu país e no exterior antes da Primeira Guerra Mundial. No entanto, passada a guerra, começou um rápido processo de perda de prestígio. Ele, que alcançara influência nacional e internacional, pelo menos em um círculo relativamente especializado, passou a ser visto como alguém difícil e pouco cooperativo, à medida que envelhecia. Suas ideias e os extraordinários esquemas institucionais por meio dos quais elas vieram a se expressar — o Palais Mondial ou Mundaneum —, pareciam grandiloquentes, fora de foco e passadistas.[1] No início da década de 1930 foi travada, em surdina, uma luta dramática para despejar o Institut International de Bibliographie, que, finalmente, se transformara em Fédération Internationale de Documentation, desse complexo institucional e do que era tido como mãos defuntas do passado — na realidade, as mãos envelhecidas do ainda bastante vivo Otlet. A partir de 1924, aproximadamente, com o primeiro despejo parcial, por um período relativamente curto, do Palais du Cinquantenaire, o outro principal componente, a Union des Associations Internationales, entraria em estado agônico. Ela foi ressuscitada depois da Segunda Guerra Mundial quando ambos os fundadores — Otlet e seu colaborador e amigo da vida inteira, Henri La Fontaine — estavam mortos.[2] As dependências ocupadas pelo Palais Mondial no Palais du Cinquantenaire foram fechadas por completo pelo governo, em 1934, porém, assim que a guerra se desencadeou, em 1939, as autoridades municipais de Bruxelas ofereceram a Otlet novas dependências no Parc Léopold. Ele denominou Mundaneum o local e o que sobrara das coleções e registros do Palais Mondial que ali ficariam até o início da década de 1970.

Otlet morreu em 1944, com 76 anos, no momento em que Bruxelas estava sendo libertada. Deixou um legado de discípulos, Les Amis du Palais Mondial, para perpetuar sua memória enquanto vivessem, uma vasta quantidade de publicações bastante repetitivas,[3] e os despojos dos arquivos das duas principais organizações que ele e La Fontaine, este, aos 89 anos, antecedera-o na morte por um ano, haviam criado e cuidado por mais de meio século — a União de Associações Internacionais e o que então era a Federação Internacional de Documentação.

Talvez seja mais apropriado ver Otlet como uma figura de transição apanhada em meio às mudanças que transformaram o mundo inglês, de arrogante certeza cultural dos tempos vitorianos e eduardianos, e o resplandecente mundo da *belle époque* belga no mundo muito mais atormentado que emergiu da Primeira Guerra Mundial. Esse mundo novo é, evidentemente, nosso mundo moderno. Ao findar a década de 1930, pode-se ver Otlet espiando esse mundo, com seu olhar míope, através de minúsculos óculos redondos. Um homem de idade, surpreendentemente alto, levemente encurvado, de ralos cabelos brancos e barba branca como neve, densa e bem aparada. À medida que as forças das mudanças econômicas, sociais e políticas, ainda maiores do que aquelas que até então ele e seus contemporâneos haviam suportado, se abateram sobre ele, rumo à imensa convulsão da Segunda Guerra Mundial, é fácil imaginar que essas mudanças deixaram-no taciturno, social e intelectualmente deslocado, como se apagassem sua relevância.

---

[1] Rayward, *The universe*... Ch. XI L'Affaire du Palais Mondial.

[2] Rayward, *The universe*... Ch. XIII Change, New directions, e ch. XLV Last decades.

[3] Ver a bibliografia em Paul Otlet: international organisation and dissemination of knowledge: selected essays of Paul Otlet. Edited and translated by W. Boyd Rayward. Amsterdam: Elsevier, 1990, p. 221-248. Também disponível em https://archive.org/details/internationalorg000tle

Sobre ideias

Isso, porém, é muito simplista. O que Otlet nos legou foi, de fato, muito mais do que os caóticos despojos de suas várias organizações. Sepultadas na montanha de seus escritos e de toda a documentação que a ele sobreviveram encontram-se importantes ideias e relações intelectuais. A passagem do tempo permite-nos agora escavar e desenredar essas ideias e relações da expressão institucional que lhes foi dada durante sua vida. A ironia daqueles últimos anos tão deprimidos e depressivos da vida de Otlet está em que ele havia previsto muitas das mudanças que se abatiam sobre a sociedade e tinha alguma percepção da natureza do mundo novo que estava em gestação. Estava profundamente preocupado sobre como, com novas tecnologias e novas formas de organização, o conhecimento poderia ser mobilizado para administrar as mudanças sociais de modo mais eficaz do que antes.

La Fontaine era senador do parlamento belga fazia quase 40 anos. Figura de destaque do movimento pacifista internacional, conquistou o prêmio Nobel da Paz de 1913. Ironicamente, o desencadeamento da guerra impediu que ele fizesse o tradicional discurso de aceitação pronunciado pelos laureados com esse prêmio. Sua colaboração com Otlet teve início no começo da década de 1890 e perdurou até sua morte em 1943. Otlet, contudo, ao contrário de La Fontaine, pouco trabalhava no terreno da política ou da ação social direta. Isso foi particularmente verdadeiro depois da guerra, embora ele também, como La Fontaine, tivesse participado incansavelmente do movimento que levou à criação, após a Primeira Guerra Mundial, de uma Liga de Nações, aquela fantasia de esperança que garantiria paz universal e duradoura.[1] Com todo o autocontrole de um herdeiro das classes altas, embora, talvez, de natureza mais reservada e introvertida do que La Fontaine, Otlet esforçou-se por imaginar e dar feição institucional a novas formas de organização e disseminação do conhecimento. Desse modo, com um movimento que hoje nos parece saltar de uma varinha de condão organizacional, tanto ele quanto La Fontaine alimentavam a esperança de que chegaria o dia em que seria possível erigir uma nova ordem internacional estável e justa.

Portanto, a história de Otlet não é simplesmente a narrativa do ciclo de vida da fundação de organizações que, durante meio século, cresceram, floresceram, decaíram e lutaram pela sobrevivência em meio a circunstâncias políticas e econômicas em processo de mudança no diminuto reino europeu da Bélgica, embora seja também tudo isso. Na realidade, a luta e seu inevitável desfecho alcançaram finalmente uma espécie de qualidade épica que foi até mesmo reconhecida nas reportagens sarcásticas da época à medida que a guerra chegava ao fim.[2] A história de Otlet é, em última análise, uma história de ideias, de uma crença que se sustenta, apaixonada e resolutamente, na importância da vida intelectual, na possibilidade de sua transformação por meio de novos tipos de instrumentos e máquinas para administrar e comunicar conhecimentos e na necessidade de concretizar finalmente uma sociedade mundial nova e pacífica.

O documento. No coração, no cerne dessas ideias e crenças, encontra-se o conceito de Otlet sobre documento. Para ele, o conhecimento achava-se engastado em documentos que o objetificavam e lhe davam uma espécie de *status* público. Os documentos, entretanto, consistiam

[1] Rayward, *The universe*... Ch. IX The war and its aftermath.

[2] Ver, por exemplo, Rayward, *The universe of information*... 1975 (nota 3 na p. xii), p. 245 e 266-267.

não apenas em palavras escritas ou impressas. Objetos, figuras e ilustrações, partituras musicais — qualquer coisa que tivesse valor probatório, que 'documentasse' algo, era um documento. A pergunta candente era: como poderiam os documentos em suas muitas manifestações e formatos repassar o conhecimento que eles 'contivessem' ou representassem?

Na visão de Otlet seria preciso reunir e inter-relacionar todos os documentos em seus vários formatos. O objetivo era a universalidade. A biblioteca, o museu e o arquivo deviam ser todos vistos como aspectos de uma única organização documentária. No caso de documentos textuais, Otlet sugeria que seria necessário identificar o que houvesse de novo e importante em documentos específicos. Tudo que fosse simplesmente retórico ou duplicado ou estivesse errado teria de ser descartado. O objetivo era, com efeito, adquirir, repertoriar e debulhar* de todos os documentos que fossem sendo publicados as informações válidas — os fatos — que contivessem, assim como se debulham as ervilhas de uma vagem. Se cada 'fato' fosse registrado separadamente de forma padronizada, então esses registros poderiam ser sistematicamente ligados entre si, arranjados e rearranjados segundo uma ordenação conceitual dos campos do conhecimento representados pelas tabelas minuciosamente subdivididas e outros dispositivos da CDU. Para Otlet esse processo é um desiderato essencial do que eram efetivamente os sistemas 'manuais' hipertextuais e multimídias que ele contemplava. Para nós, hoje em dia, habitantes de uma era pós-moderna e com sua *mentalité* relativista e revisionista, esse processo está repleto de todo tipo de dificuldade conceitual e 'epistemológica'.

* Ver nota marginal na p. 5, sobre *dépouillement*. [N.E.B.]

Otlet ressaltava a importância de criar novos tipos de documentos como parte desse processo — mapas, tabelas e diagramas que correlacionassem, resumissem, ilustrassem e simplificassem informações que, de outro modo, seriam volumosas e complexas. A ideia era reunir, correlacionar, integrar e criar múltiplas representações do conhecimento, que haviam sido produzidas e disseminadas aleatoriamente, e que por isso se mostravam fragmentadas, dispersas, repetitivas, sujeitas a erros e incompletas. Otlet chamava de codificação esse processo de representar e reconstituir o conhecimento. Ele acreditava ser essa a função mais importante de uma nova espécie de enciclopédia que ele estava propondo. Exigia novos modos de comunicação, como o microfilme (ele escreveu bastante sobre seus experimentos com o microfilme desde 1906)[1] o rádio, a televisão e o que era chamado cinescópio.[2] Ele também antecipou a invenção de novas modalidades de máquinas que apoiariam e melhorariam o trabalho intelectual, o que hoje descreveríamos como estações de trabalho e redes.[3]

A rede: Para que tudo isso fosse eficiente, os órgãos de informação, como bibliotecas e museus, teriam de ser transformados ou reinventados para que se tornassem centros de documentação interligados, e seu

[1] Goldschmidt, Robert; Otlet, Paul. Sur une nouvelle forme du livre: le livre microphotographique. *Institut International de Bibliographie Bulletin* 12 (1907): 61-69, traduzido como "The microphotographic book", em Otlet, *International organisation and dissemination*... 2000, p. 87-95. A nota nº 1 do editor traz um histórico das edições desse ensaio (ver nota 3 na p. xii).

[2] Ver a discussão em Françoise Levie, "Paul Otlet et la multimédia" no número 1-2, de 2003, de *Transnational Associations/Associations Transnationales*.

[3] Rayward, W. Boyd. Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868–1944) and hypertext. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 45, p. 235-250, 1994; e The origins of information science and the work of the International Institute of Bibliography/International Federation for Documentation and Information (FID). *Journal of the American Society for Information Science*, v. 48, p. 289-300, Apr. 1997.

conteúdo de alguma forma fosse reproduzível, numa rede documentária universal. Todas as associações e sociedades que reunissem pessoas, com base em interesses especializados, e por intermédio das quais conhecimentos de todos os tipos, desde os triviais e práticos até os eruditos e científicos, estivessem representados teriam de se acomodar também nessa rede. A necessária interligação teria de ser centralizada, segundo Otlet, em um arranjo hierárquico que levasse, por intermédio da rede, de um nível local, passando por várias formas de organização nacional e internacional, até o núcleo de uma central mundial. Aí, em um grande palácio mundial, o Mundaneum, estaria localizado o centro nervoso para administrar a aquisição e disseminação dos conhecimentos em escala global. À sua volta seria desenvolvida uma cidade mundial representando simbolicamente uma nova organização política em que relações internacionais de todos os tipos poderiam ser ordenadas racionalmente em benefício da humanidade.

O Mundaneum: Nas páginas finais de *Monde*, sua última obra importante, é como se Otlet destilasse as décadas de evolução de seu pensamento até chegar ao que se tornou agora uma noção intrincadamente multifacetada do Mundaneum. Ele apresenta, em dez páginas, uma suma das crenças e ideias que se encontram atrás da obra de sua vida. O Mundaneum, conta-nos ele, é uma *ideia* de universalismo. É uma *instituição* em que são reunidos "o museu para ver, o cinema para assistir, a biblioteca, enciclopédias e arquivos para ler, o catálogo para consultar, a palestra, o rádio e os discos para ouvir, e a conferência para debater (Ad mundum, vivendum et legendum, et audiendum et discutiendum)". * O latim, com seus matizes clássicos e litúrgicos, talvez se preste para acentuar a importância dessa litania de funções.

* Para o mundo, ele tem de viver e ler e ouvir e discutir. [N.E.B.]

O Mundaneum, porém, é mais do que isso. É um *método* que implica, entre outras coisas, "pesquisa e previsão, unificação e padronização, ordenação e classificação, cooperação, planejamento e regulação, por fim, expressão, apresentação e reprodução". É um *edifício* físico a ser realizado arquitetonicamente. É, afinal, uma *rede*. Idealmente, o Mundaneum existiria como um protótipo central com uma escala descendente de exemplos derivados: em nível nacional (o Mundaneum–França ou o Mundaneum–Itália) e níveis regionais e locais. Estaria representado em nível pessoal por um Studium–Mundaneum, um gabinete pessoal tecnologicamente sofisticado no qual as pessoas poderiam utilizar novos métodos de documentação que antecipavam "possibilidades tecnicamente ilimitadas" de "repertórios analíticos e tabelas sintéticas que listassem e visualizassem fatos".[1]

O novo imperativo global do Mundaneum, *l'idée mondiale et universelle*, que estimulará as tecnologias e sistemas documentários do Studium–Mundaneum de cada pessoa terá efeitos de amplo alcance. Otlet acredita que isso teria impacto na "própria vida, nas ocupações, no trabalho e nas relações pessoais, familiares e sociais (Otlet emprega a palavra '*aspirations*')." Seria possível pensar nessa afirmação como um resumo das questões acerca da natureza dinâmica da comunidade, de práticas baseadas no trabalho e relações sociais que depertaram tantos comentários e pesquisas em relação com a internet e com a World Wide Web.[2] Por intermédio

[1] Otlet, Paul. *Monde*. Bruxelles: Editiones Mundaneum; Van Keerberghen & Fils, 1935, p. 124.
[2] Ver, por exemplo, para uma discussão recente deles: *The Internet in everyday life*, edited by Barry Wellman and Caroline Haythornthwaite. Oxford: Blackwell, 2002.

do Réseau Universel e a teia de interações que ele propicia (Otlet não emprega este termo), a pessoa consegue transitar ao longo de seus vários níveis a fim de participar da Cidade Mundial, a 'Civitas Mundaneum'. Otlet de novo recorre ao latim e a seus ecos litúrgicos, e talvez possamos também ouvir ecos ainda mais remotos de Agostinho e Campanella: "A Cidade Mundial que as nações construirão juntas e em que o espírito da humanidade habitará — a Beata Pacis Civitas, a Venturosa Cidade da Paz."[1]

Existe uma reciprocidade fascinante e em contínuo desdobramento, através da longa vida de Otlet, entre abstração e realidade, entre o utópico e o banal, entre a imponência retórica e os fatos, entre um forte positivismo racionalista e uma apreensão quase mística do espiritual.[2] De um lado encontram-se suas ideias abstratas e utópicas, prescritiva e repetitivamente (muitas vezes cansativamente) expostas em uma massa monumental de escritos publicados e inéditos. Por outro lado essas ideias estão imperfeitamente exemplificadas em sistemas que empregam uma tecnologia primitiva embutida em organizações administradas de modo ineficiente. Contudo, a despeito de sua extrema inadequação, nesses arranjos, tanto então quanto agora, cintila algo esplêndido e inspirador da visão que está por trás deles.

Por uma historiografia otletiana

É fácil afirmar que Otlet e suas ideias foram rapidamente esquecidos após sua morte, dada a atual vitalidade do interesse interdisciplinar por ele e sua obra. Talvez ele tenha sido esquecido no passado, mas, na história das ideias e da ciência o transcurso de mais de cinquenta anos não parece ser um período indevidamente longo antes que comecemos a perceber por completo uma figura tão complexa e multifacetada quanto Otlet, por assim dizer. Ele se coloca na confluência de tantas correntes de experiência histórica — de ideias, de guerras, de cultura literária e impressa, de estruturas institucionais da sociedade e de mudança social, da Bélgica e da Europa. Por tudo isso, em retrospecto, pode-se ver que pelo menos uma consciência residual dele nos vários mundos que habitou jamais de fato se dissipou. O que se segue não pretende ser um estudo completo do que foi escrito sobre Otlet ou dos enfoques com que ele e sua obra foram examinados. É, reconheço e lamento, quase totalmente eurocêntrico. A intenção é simplesmente sugerir uma continuidade de interesse e a crescente complexidade da discussão que assinala o longo período de cinquenta anos que nos traz ao presente.

FID e UIA: A Federação Internacional de Documentação (FID), em Haia, que foi à falência em 2001, e a União de Associações Internacionais (UIA), ainda muito atuante em Bruxelas, sempre incluíram em seu trabalho uma sombra da memória de seus fundadores. Ambas as organizações foram cedo responsáveis por bibliografias relativas à sua história que se tornaram comprovadamente indispensáveis.[3] Um volume de ensaios comemorativos do 60º aniversário da UIA trata de uma ampla gama de assuntos. De particular interesse, neste contexto, é o levantamento feito

---

[1] Ver de Otlet "Conception du Mundaneum" e "Les types du Mundaneum" in *Monde...* (nota 1 na p. xv), p. 448-458.

[2] Ver, por exemplo, a seção 7 de *Monde*, "L'inconnu. Le mystère. Le secret (X+Y)", p. 393-400.

[3] FID Publications: an 80-year bibliography, 1895-1975. FID 532; The Hague: FID, 1975 e Georges Speeckaert, *Bibliographie sélective sur l'organisation internationale, 1885-1965*. FID Publication 361; UIA publication 191; Bruxelles, UIA, 1965.

por Georges Speeckaert sobre a história da UIA desde sua fundação, e a análise de J. Baugniet a respeito das contribuições específicas de Otlet e La Fontaine.[1]

Documentação: Importante linha de interesse em muitos países do mundo refere-se às ideias de Otlet sobre documentação e a CDU e suas implicações para mudanças na biblioteconomia e aquilo que em inglês se chamava *library science* [ciência das bibliotecas]. Otlet cunhou o termo 'documentação' já em 1903.[2] A colaboração internacional para o desenvolvimento da Classificação Decimal Universal (CDU) começou em 1896, nos vertiginosos dias de otimismo e experimentação da virada do século. A CDU tornou-se parte do arsenal de novas tecnologias e técnicas que Otlet e seus colaboradores projetaram para a documentação, tanto como campo de estudo quanto como prática profissional. Embora a FID haja deixado de existir, a CDU continua sendo amplamente utilizada na Europa e seu permanente desenvolvimento é administrado por um consórcio de organizações interessadas.[3] Na Inglaterra, onde a CDU foi finalmente adotada pelo British Standards Institute como norma inglesa, os ensaios de S. C. Bradford sobre a CDU e a história da FID foram reunidos e publicados postumamente em 1948 em seu livro *Documentation*.[4] Constituem um ponto de referência inicial em inglês para os estudos sobre Otlet, junto com alguns dos trabalhos de Frits Donker Duyvis, que havia trabalhado com Otlet e La Fontaine na década de 1920 e foi designado terceiro secretário-geral da FID em 1928. Continuou como secretário-geral até sua morte em 1961.[5]

Documentação: décadas de 1950 e 1960: Merecem ainda ser lembrados vários apanhados históricos iniciais sobre a organização internacional da bibliografia e da documentação.[6]

Nos anos de 1950 e 1960, nos Estados Unidos, Jesse Shera reconheceu a importância das ideias de Otlet sobre classificação e documentação e ajudou a mantê-las vivas.[7] Uma importante personalidade francesa, que escreveu extensamente sobre classificação e recuperação da informação nos anos de 1950 e nos trinta anos seguintes, foi Eric de Grolier. As críticas por ele feitas à CDU e os relatos sobre seu desenvolvimento

---

[1] Speeckaert, G.P. A glance at sixty years of activity (1910-1970) of the Union of International Associations, e Baugniet, J. Two pioneers in the sphere of international co-operation and world peace: Henri La Fontaine and Paul Otlet. In: *Union of International Associations, 1910-1970: past, present, future; sixtieth anniversary*. Brussels: UIA, 1970.

[2] Otlet, Paul. Les sciences bibliographiques et la documentation. *Institut International de Bibliographie Bulletin*, v. 8, p. 254-271, 1903. (trad. como "The science of bibliography and documentation", in Paul Otlet: *International organisation...* 1990 (nota 3 na p. xii), p. 71-86.

[3] A página do UDC Consortium na internet encontra-se em http://www.udcc.org/avbout.htm

[4] Bradford, S.C. *Documentation*. London: Crosby Lockwood & Sons, 1948.* Bradford, diretor da Science Museum Library, de Londres, era ardoroso defensor da CDU e ajudou a fundar a associação inglesa 'coirmã' do IIB, a British Society for International Bibliography, BSIB.

[5] Ver os trabalhos e a bibliografia em *F. Donker Duyvis: his life and work*. The Hague: Netherlands Institute for Documentation and Filing (Nederlands Instituut voor Documentatie em Registratuur, NIDER), 1964.

[6] Por exemplo, Ditmas, E.M.R. Co-ordination of information: a survey of schemes put forward in the last fifty years. *Journal of Documentation*, v. 3, p. 209-222, 1948; Murra, Katherine O. History of attempts to organize bibliography internationally. In Shera, Jesse; Egan, Margaret (ed.) *Bibliographic organization*. Chicago: University of Chicago Press, 1951, p. 24-33; e Scott, Edith. IFLA and FID: history and programs. *The Library Quarterly*, v. 32, p. 1-18, 1962.

[7] Shera, Jesse; Egan, Margaret. A review of the present state of librarianship and documentation. Introdução à edição de 1953 de *Documentation*, de S.C. Bradford (London: Crosby Lockwood & Sons, 1953). Shera, Jesse. Documentation: its scope and limitations. *Library Quarterly*, v. 21, p. 13-26, 1951.; Jesse Shera e Donald Cleveland, "History and foundations of information science", *Annual Review of Information Science and Technology*, ch. 8; New York: Wiley for the American Documentation Institute, 1977, p. 11-45.

* Tradução brasileira da edição inglesa de 1953: *Documentação*. Trad. de Maria Emilia de Mello e Cunha. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962. Inclui a introdução de Shera e Egan, mencionada na nota 7 abaixo, e apêndice de Edson Nery da Fonseca sobre a CDU no Brasil. [N.E.B.]

formaram uma plataforma para trabalhos teóricos posteriores que contribuíram para avanços na ciência da informação. Uma bibliografia de seus trabalhos foi publicada em *International Classification*.[1] Em 1968, um número da revista da Association Belge de Documentation foi dedicado como *festschrift* a Otlet por ocasião de seu centenário de nascimento.[2]

Durante muitos anos, o cabeçalho do papel de carta usado pelo American Documentation Institute (fundado em 1937) e hoje American Society for Information Science,[3] levava impressa (sem dar crédito à autoria) uma definição de documentação de Otlet, a qual também aparecia no cabeçalho de sua revista, *American Documentation* (atualmente *Journal of the American Society for Information Science*). No final dos anos de 1960 e 1970 o campo de estudo e prática profissional que era designado, em geral, pelo termo 'documentação', cunhado por Otlet, passou a ser rotulado cada vez mais como 'ciência da informação'. Mas, para mim e outros que estudam as mudanças representadas pela evolução terminológica, as ideias de Otlet sobre tecnologia, informação e comunicação eram muito mais relevantes e estimulantes do que hoje. Mostrei que o *Traité de documentation*, de Otlet, era de fato um dos primeiros grandes tratados de ciência da informação.[4]

Outros trabalhos das décadas de 1950 e 1960: Nos decênios posteriores à Segunda Guerra Mundial, relatos sobre o movimento pacifista, a Liga das Nações e sobre organização internacional fazem referência mais genérica à obra de Otlet e La Fontaine e à UIA.[5] Dele se encontram também menções de passagem em outros trabalhos, como os estudos iniciais dedicados ao amigo de longa data de Otlet, o sociólogo e urbanista escocês Patrick Geddes.[6] Na Bélgica longos verbetes sobre Otlet e também sobre La Fontaine foram elaborados para o dicionário biográfico nacional editado pela Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux Arts de Belgique, o que mostra um certo reconhecimento pelo menos para quem foi profeta em sua própria terra.[7] Meus estudos de doutorado, baseados em pesquisas feitas em 1967–1968 no Mundaneum, quando estava sediado no Parc Léopold, em Bruxelas, talvez tenham sido a primeira tentativa de fazer um relato abrangente sobre a vida e a obra de Otlet, embora deixando explícito que a vida ali se subordinava ao trabalho.[8] Essa pes-

---

[1] Eric de Grolier: selected bibliography. *International Classification*, v. 18, n. 2, p. 71-72, 1991.

[2] Festschrift for Paul Otlet. *Cahiers de la Documentation*, v. 22, n. 4, p. 95-116, 1968.

[3] Farkas-Conn, Irene. *From documentation to information science: the beginnings and early development of the American Documentation Institute–American Society for Information Science*. New York: Greenwordd Press, 1990.

[4] Rayward, W. Boyd. Library and information science: an historical perspective. *Journal of Library History*, v. 20, p. 120-136, 1985, e Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868–1944) and hypertext. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 45, p. 235, 1994.

[5] Por exemplo, F.P. Walters refere-se aos "dois elegantes belgas Henri La Fontaine e Paul Otlet" e faz um breve relato sobre a UIA no livro clássico *A history of the League of Nations*. London: Oxford University Press, 1969 (reimpressão), p. 190.

[6] Defries, Amelia. *Interpreter Geddes, the man and his gospel*. New York: Boni & Liveright, 1928; Boardman, Philip. *Patrick Geddes, maker of the future*, with an introduction by Lewis Mumford. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1944; revisto como *The worlds of Patrick Geddes: biologist, town planner, re-educator, peace-warrior*. London: Routledge and K. Paul, 1978; Kitchen, Paddy. *A most unsettling person: the life and ideas of Patrick Geddes, founding father of city planning and environmentalism*. New York: Saturday Review Press, 1975.

[7] Lorphèvre, Georges. Otlet, Paul. In *Biographie nationale*. Bruxelles: Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux Arts de Belgique, 1964, t. 32, col. 545-558; Abs, Robert. Fontaine (Henri-Marie la). In *Biographie nationale*. Bruxelles: Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux Arts de Belgique, 1973–1974, t. 38 (suppl. 10), col. 215-221

[8] Rayward, W. Boyd. *The universe of information: the work of Paul Otlet for documentation and international organization*... 1975 (ver nota 2 acima). (Trad. para o russo como *Universum informatsii Zhizn' i deiatl' nost' Polia Otle*. Trad. de R.S. Giliarevsky. Moskva: VINITI, 1976, 402 p., e posteriormente para

quisa e sua continuação sustentaram vários trabalhos durante cerca de vinte anos, alguns dos quais incidiram sobre aspectos da documentação.[1]

A documentação nos anos de 1980 e 1990: O interesse pelas contribuições de Otlet à documentação e à história da ciência da informação tiveram continuidade nas décadas de 1980 e 1990. Na universidade de Amsterdã, Paul Schneiders defendeu tese de doutorado que trata essencialmente de Otlet.[2] Um importante acontecimento para os estudiosos de Otlet ocorreu na Bélgica, nos anos de 1980, quando André Canonne passou a defender a ideia de ressuscitar o Mundaneum como museu e arquivo que seria instalado em Liège.[3] Ele conseguiu com que o *Traité de documentation* de Otlet fosse reimpresso, em 1989, em reconhecimento a sua importância e raridade.[4] Em 1990, publiquei uma tradução para o inglês de uma seleção de trabalhos de Otlet, tanto sobre documentação quanto sobre organização internacional, abrangendo o período desde seu primeiro trabalho teórico sobre bibliografia de 1893 até sua comovente homenagem a Henri La Fontaine em 1934. A introdução a essa obra procurou destacar a natureza pioneira de suas ideias acerca da organização do conhecimento e o emprego de novas espécies de equipamentos, até então existentes só em teoria, com essa finalidade. A bibliografia constante desse trabalho talvez seja ainda a mais abrangente (embora incompleta) dos trabalhos de autoria de Otlet até então.[5] Em 2003 apareceu uma tradução russa, feita por Ruggero Giliarevskii, de alguns dos trabalhos de Otlet sobre bibliografia, bibliotecas e documentação.[6] Giliarevskii há muito tem se interessado por Otlet. Ele traduziu para o russo meu livro anterior sobre Otlet e também tem estudado as mudanças terminológicas que assinalaram novas abordagens do campo que Otlet chamou de 'documentação' e que atualmente é amiúde chamado de 'informática' na Europa.[7]

Espanha: Nas últimas décadas registrou-se um histórico de grande interesse por Otlet e a documentação na Espanha. Entre as principais figuras ligadas a isso estão José López Yepes, Félix Sagredo e José María

---

o espanhol, ver nota 5 na p. xx).

[1] Entre outros estudos houve: UDC and FID: a historical perspective. *Library Quarterly*, v. 37(1967): 259-278; Paul Otlet, a centennial tribute. *International Associations*, v. 20, p. 55-58, 1968; The International Institute for Bibliography and Pierre Nenkoff, a Bulgarian librarian: an attempt at international co-operation. *Libri*, v. 24, p. 209-228, 1974; IFLA-FID - Is it time for Federation? *IFLA Journal* 3, p. 278-280, 1977; Paul Otlet. In *World encyclopedia of library and information services*. 1st ed: Chicago: American Library Association, 1980, p. 418-420 (e edições subsequentes); The International Exposition and the World Documentation Congress, Paris, 1937. *Library Quarterly*, v. 53, p. 254-268, Jul. 1983; The case of Paul Otlet, pioneer of information science, internationalist, visionary: reflection on biography. *Journal of Librarianship and Information Science*, v. 23, p. 135-145, Sept. 1991; Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868-1944) and hypertext (ver nota 3 na p. xiv); e The origins of information science... (ver nota 3 na p. xiv). Este último artigo foi reimpresso na revista da FID *International Forum for Information and Documentation*, v. 22, p. 3-15, 1997, na edição russa deste periódico, in *Historical studies in information science*, edited by Trudi Bellardo Hahn and Michael Buckland. Medford, NJ: Information Today, for ASIS, 1998, e em *Otle Pol'. Biblioteka, bibliogafiya, dokumentatsya*... 2003 (ver nota 6 abaixo).

[2] Schneiders, P. *De bibliotheek- en documentatiebeweging 1880–1914: bibliographische ondernemingen rond 1900*. Universiteit van Amsterdam, 1982. Tese de doutorado inédita.

[3] Cannone, André. Regards sur 'Mundaneum', Classification Décimale et C.L.P.C.F. [Centre de la Lecture Publique de la Communauté Française]. *Lectures*, 5, p. 2-20, mai-juin 1982,

[4] Otlet, Paul. *Traité de documentation; le livre sur le livre: théorie et pratique* (reimpressão da ed. de 1934). Liège: Centre de la Lecture Publique de la Communauté Française, 1989.

[5] *Paul Otlet: International organization and dissemination of knowledge*... 1990 (ver nota 3 na p. xii). A bibliografia está disponível em http://alexia.lis.uiuc.edu/-wrayward/otlet/otbib.htm

[6] *Otle Pol'. Biblioteka, bibliografiya, dokumentatsya: izbrannye trudy pionera informatiki.* [Trad. de Ruggero Giliarevski.] Moskva: Pashkov Dom, 2003.

[7] Para sua tradução ver a nota 8, na página anterior; também R.S. Gilyarevskii, Chto takoe informatika? [O que é informática?] *Nauchno-Tekhnicheskaya Informatsiya*; Series 1, v. 11, p. 18-21, 1989.

Izquierdo Arroyo.[1] Os interesses de cunho linguístico de Izquierdo Arroyo culminaram, em 1995, em um volume duplo, fisicamente curioso, de excertos de textos otletianos e sua análise hermenêutica formal.[2] O *Traité de documentation* foi traduzido para o espanhol por María Dolores Ayuso García que, com José Antonio Moreiro González, também publicou um estudo terminológico nele baseado.[3] Um texto em espanhol disponível na internet sobre recuperação da informação contém uma parte introdutória sobre Otlet e alguns comentários sobre mudanças terminológicas.[4] Mais recentemente, a tese de doutorado de Pilar Arnau Rived foi publicada junto com uma tradução espanhola de Arnau Rived de meu estudo inicial sobre Otlet e uma seleção de meus artigos posteriores.[5]

Estados Unidos: Nos Estados Unidos, Michael Buckland publicou importantes trabalhos teóricos sobre a natureza do documento e dos sistemas de informação, além de haver projetado em nossos dias a imagem da '*madame Documentation*', a documentalista pioneira francesa, Suzanne Briet, e seu antílope.[6] Os trabalhos de Ron Day[7] e de Isabelle Rieusset-Lemarie[8] contribuíram com aspectos da teoria crítica na análise do texto e da obra otletiana. Day postula que Otlet estava empenhado em uma "protocompreensão desconstrucionista da textualidade".[4] Esses artigos e outro de minha autoria[9] aparecem em uma subseção rotulada 'Paul Otlet e seus sucessores' em um número do *Journal of the American Society for Information Science* dedicado à história desse tema. Uma coletânea desses e uma série de outros artigos formaram a base do volume *Historical studies in information science* no qual Buckland e Liu fazem uma revisão da literatura sobre a história da ciência da informação e que contém uma seção sobre Otlet.[10]

---

[1] Sagredo Fernández, Félix; García Moreno, Antonia. History of information science in Spain: a selected bibliography. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 48, p. 369-372, Apr. 1997.

[2] Izquierdo Arroyo, José María. *La organización documental del conocimiento. 1/1 El marco documental.* Madrid: Tecnidoc, 1995. 502 p. No mesmo volume: *La organización documental del conocimiento. 1/2 El marco documental* (*corpus otletiano*). Madrid: Technidoc, 1995. 188 p.

[3] Otlet, Paul. *El tratado de documentación: el libro sobre el libro: teoría y práctica*. Trad. de María Dolores Ayuso García [Murcia: Universidad de Murcia], 1996; e María Dolores Ayuso García e José Antonio Moreiro González, *Conceptos fundamentales de la teoría de la documentación y estudio terminológico del tratado de documentación de Paul Otlet*. Murcia: DM, 1998. 315 p.

[4] Tramullas, Jesús. *Introducción a la documática, 1: teoría*. Zaragoza: Kronos, 1997. Agora em: https://issuu.com/tramullas/docs/documatica

[5] Arnau Rived, Pilar. *Documentación: hitos históricos: precedentes, Dewey, Otlet, FID*. Madrid: Mundarnau, 1999; Rayward, W. Boyd. *El universo de la documentación: la obra de Paul Otlet sobre documentación y organización internacional*. Trad. de Pilar Arnau Rived. Madrid: Mundarnau, 1996; 2. ed 1999; Rayward, W. Boyd. *Hasta la documentación electrónica: nueve artículos y bibliografía*. Trad. por Pilar Arnau Rived. Madrid: Mundarnau, 2002.

[6] Buckland, Michael. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 42, p. 351-360, 1991; Information retrieval of more than text. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 42, p. 586-588, 1991; *Information and information systems*. New York: Praeger, 1991; The centenary of 'Madame Documentation': Suzanne Briet, 1894–1989. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 46, p. 235-237, Apr. 1995, traduzido como "Le centenaire de 'Madame Documentation': Suzanne Briet, 1894–1989", *Documentaliste: Sciences de l'Information*, 32, n. 3, 179-181, 1985.

[7] Day, Ron. Paul Otlet's book and the writing of social space. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 48, p. 310-317, Apr. 1997; Totality and representation: a history of knowledge management through European documentation, critical modernity, and post-Fordism. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 52, p. 724-735, 2001; *The modern invention of information: discourse, history, and power*. Carbondale, IL: Southern Illinois University Press, 2001.

[8] Rieusset-Lemarie, Isabelle. P. Otlet's Mundaneum and the international perspective in the history of documentation and information science. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 48, p. 301-309, Apr. 1997..

[9] Rayward, *The origins of information science and the work of the International Institute of Bibliography*... 1997 (ver nota 3 na p. xiv).

[10] Buckland, Michael; Liu, Ziming. History of information science [a review of the literature]. In *Historical studies in information science* edited by Trudi Bellardo Hahn and Michael Buckland. Medford, NJ: Information Today for American Society for Information Science, 1998, p. 283.

França: Ao longo dos anos, foram publicados vários artigos interessantes sobre a história da documentação na França, os quais mencionam Otlet, na revista profissional *Documentaliste*.[1] O Institut International de Bibliographie e suas coleções e técnicas têm seu lugar na extraordinariamente abrangente *Chronologie des supports, des dispositifs spaciaux, des outils de repérage de l'information*, de Sylvie Fayet-Scribe, publicada no periódico eletrônico *Solaris* em 1997. Em outro trabalho, a mesma autora também examinou o desenvolvimento da documentação na França, ao tratar da obra pioneira do general Hyppolyte Sebert, outro velho amigo e colaborador de Otlet, que foi indispensável para o estabelecimento na França da 'filial' do instituto belga, o Bureau Bibliographique de Paris em 1896.[2]

Henri La Fontaine. Embora o foco dos trabalhos acima mencionados tenha sido essencialmente Otlet, deve-se observar que Henri La Fontaine foi uma figura de grande importância tanto na política belga quanto no movimento internacional pela paz. Parece que não há uma farta bibliografia sobre La Fontaine, mas existem, o que não é de surpreender, vários artigos úteis sobre ele publicados na revista da União de Associações Internacionais, *Transnational Associations*, como as memórias pessoais de Irwin Adam e uma nota de Nadine Lubelski-Bernard.[3] Lubelski-Bernard publicou uma série de importantes artigos diretamente relacionados com La Fontaine e o movimento pela paz na Bélgica.[4] Diversos outros trabalhos de sua autoria sobre o movimento pacifista belga, do ponto de vista, por exemplo, da participação feminista ou em relação com a maçonaria tocam em outros aspectos dos interesses e compromissos de La Fontaine.

Permito-me mencionar aqui, fora da ordem cronológica, a publicação em 2002, pelo Mundaneum, de uma coleção de ensaios intitulada *Henri La Fontaine: tracé[s] d'une vie*. Vários de seus capítulos são da autoria do excelente quadro de pessoal da área de curadoria e arquivo do Mundaneum; outros, de proeminentes estudiosos belgas, inclusive uma contribuição importante de Lubelski-Bernard.[5] Embora seja fisicamente franzino, este trabalho revela a amplitude dos interesses e realizações de La Fontaine por seu próprio mérito. Sugere a complexidade que deve ter caracterizado a longa associação e colaboração entre ele e Otlet (e nos deixa admirados com a extraordinária eficiência com que La Fontaine

---

[1] Por exemplo, Blanquet, M.-F. La fonction documentaire, étude dans une perspective historique. *Documentaliste*, v. 30, n. 4/5, p. 199-204, juil./oct. 1993; Serres, A. Hypertexte: une histoire à revisiter. *Documentaliste*, v. 32, n. 2, p. 71-83, mar./avr. 1995; Fayet-Scribe, Sylvie. Étude de trois associations professionelles françaises dans l'entre-deux-guerres", *Documentaliste*, v. 35, n. 4/5, p. 216-228, juil./oct. 1998.

[2] Fayet-Scribe, Sylvie. Chronologie des supports, des dispositifs spatiaux, des outils de repérage de l'information. *Solaris*, sept. 1997. http://gabriel.gallezot.free.fr/Solaris/d04/4fayet_0intro.html; Fayet-Scribe, Sylvie, *Histoire de la documentation en France: culture, science et technologie de l'information, 1895–1937*. Paris: CNRS, 2000.

[3] Abrams, Irwin. Henri Lafontaine: a true international man. *Transnational Associations*, v. 6, p. 293-296, 1999. Antes publicado em *Inter-Parliamentary Bulletin*, 1996, p. 63-68 e disponível em http://www.uia.org/uiata/lafontaine.htm. Também Lubelski-Bernard, Nadine. Henri Lafontaine et la Société Internationale de la Paix. *Transnational Associations/Associations Transnationales*, v. 45, n. 4, p. 186-189, 206, 1993.

[4] Lubelski-Bernard, Nadine. Les débuts de l'Union Interparlementaire et la Bélgique (1888-1914). In Bariéty, Jacques; Fleury, Antoine (org). *Mouvements et initiatives de paix dans la politique internationale (1867-1928)*. Bern: Peter Lang, 1987, p. 81-110; The Institute of International Law, Auguste Beernaert and Henri La Fontaine. In Abrams, Irwin (ed.)*The Nobel Peace Prize and the laureates: an illustrated biographical history, 1901–1987*. Boston: G.K. Hall, 1994; Henri La Fontaine (1854-1943) ou la paix par le droit. *Revue Belge de Droit International*, v. 28, p. 343-356, 1995.

[5] Lubelski-Bernard, Nadine. Le partisan de la paix. In *Henri La Fontaine: tracé[s] d'une vie*. Mons: Mundaneum, 2002, p. 71-87.

soube administrar seu tempo!).[1]

Outras conexões: Tanto quanto esses estudos, cada vez mais complexos, sobre aspectos da documentação e da ciência da informação, novos estudos começaram a aparecer, analisando outros aspectos da obra de Otlet, relacionando-a a diferentes contextos acadêmicos e científicos. Takashi Satoh examinou a obra de Wilhelm Ostwald, prêmio Nobel de química, no breve movimento Die Brücke, na Alemanha, ao qual Otlet esteve ligado antes da Primeira Guerra Mundial.[2] Essa ligação de Otlet foi também estudada mais recentemente em diversos artigos de Thomas Hapke sobre Ostwald[3] e no trabalho bastante substancial de Rolf Sachsse sobre Die Brücke disponível na internet.[4] Estimulada pelo trabalho de Brigitte Schroeder-Gudehus's sobre organização internacional da ciência, Anne Rasmussen descortinou mais outra perspectiva sobre a UIA e Otlet e La Fontaine em seu estudo da história dos congressos internacionais e da representação internacional do trabalho intelectual.[5] David Forester examinou as contribuições de Otlet à contabilidade tanto de tipo teórico quanto prático quando Otlet foi presidente da Association Internationale de Comptabilité.[6] Por sua vez, Jean-François Füeg e Vincent Algraint começaram a estudar os interesses de Otlet e sua relação com a fotografia.[7]

Urbanismo e arquitetura, Geddes e Le Corbusier: Há quase vinte anos, Pieter Uyttenhove inaugurou uma nova área de estudos sobre Otlet ao examinar suas ideias acerca de Bruxelas e da Bélgica no pós-guerra, da perspectiva do urbanismo.[8] Desde então muitos historiadores da arquitetura e do urbanismo trataram de Otlet em estudos focados em questões de fundamental interesse para eles. Na Itália, em 1982, Giuliano Gresleri e Dario Matteoni concluíram um estudo de fôlego sobre a ideia de uma cidade mundial, desde sua formulação inicial por Hendrik Anderson e seu projeto por Ernest Hébrard, antes da Primeira Guerra Mundial, até seu desenvolvimento por Otlet e a adesão por ele conseguida do grande arquiteto modernista Le Corbusier, como projetista no final da década de 1920.[9] Catherine Cortiau produziu diversos trabalhos sobre a saga que

---

[1] *Henri La Fontaine: tracé[s] d'une vie*... (ver nota 5 na p. xxi).

[2] Satoh, Takashi. The Bridge movement in Munich and Ostwald's treatise on the organisation of knowledge. *Libri*, v. 37, p. 1-24, 1987.

[3] Hapke, Thomas. Wilhelm Ostwald, the 'Brücke' (Bridge) and connections to other bibliographic activities at the beginning of the twentieth century. In *Proceedings of the 1998 Conference on the History and Heritage of Science Information Systems*, edited by Mary Ellen Bowden, Trudi Bellardo Hahn, Robert V. Williams. Medford, NJ: Information Today, 1999, p. 139-147; Wilhelm Ostwald und seine Initiativen zur Organisation und Standardisierung naturwissenschaftlicher Publizistik: Enzyklopädismus, Internationalismus und Taylorismus am Beginn des 20. Jahrhunderts. In *Fachschriftum, Bibliothek und Naturwissenschaft im 19. Und 20. Jahrhundert*, hrsg. von Christoph Meinel. Wiesbaden: Harrassowitz, 1997 (Wolfenbütteler Schriften zur Geschichte des Buchwesens; 27) S. 157-174; também: Wilhelm Ostwald's activities to improve scholarly information... Paul Otlet and the Institut International de Bibliographie (IIB) at http://www.tu-harburg.de/b/hapke/ostwald/lpz3-1.htm

[4] Sachsse, Rolf. *Das Gehirn der Welt: 1912: Die Organisation der Organisatoren durch die Brücke, 19.11.1998*. https://www.heise.de/tp/features/Das-Gehirn-der-Welt-1912-3440009.html

[5] Por exemplo: Rasmussen, Anne. Jalons pour une histoire des congrès internationaux au XIXe siècle: regulation scientifique et propagande intellectuelle. *Relations Internationales*, n. 6, p. 115-133, 1990.

[6] Forester, David A.R. European congresses of accounting: a preliminary review of their history. In: *An invitation to accounting history*. Glasgow: Stratchclyde Convergences, 1998. Disponível em: http://accfinweb.account.strath.ac.uk/df/c6.html

[7] Füeg, Jean-Françoise; Algraint, Vincent. Albert Kahn et Paul Otlet: deux pioniers de l'iconographie. *Archives et Bibliothèques de Belgique*, v. 69, p. 99-110, 1998.

[8] Uyttenhove, Pieter. Les efforts internationaux pour une Belgique moderne. In: Smets, Marcel (ed.) *Resurgam: la reconstruction en Belgique après 1914*. Bruxelles: Crédit Communal de Belgique, 1985, p. 35-68

[9] Gresleri, Giuliano; Matteoni, Dario. *La città mondiale: Andersen, Hébrard, Otlet, Le Corbusier*. Venezia: Marsilio, 1982.

foi essa aventura.[1] Trabalho mais recente sobre Patrick Geddes também assinala a conexão de Otlet, embora tangencial. Otlet é mencionado brevemente, por exemplo, por Sofia Leonard ao estudar o legado europeu de Geddes[2] e também por Volker Welter em seu recente estudo, esplendidamente realizado, de 'história arquitetônica' sobre as concepções de Geddes acerca da cidade.[3] Helen Meller apresenta a relação de Otlet com Geddes, de forma mais substantiva, em um estudo sobre a relação do urbanismo de Geddes com ideias biológicas, estudo que é muito mais refinado e rigoroso do que as narrativas mais hagiográficas que precederam esse trabalho.[4]

Hipertexto e internet: Assim que a revolução da informação teve início, a obra de Otlet podia ser vista em um novo tipo de contexto. Aquilo que parecera utópico, até mesmo mais parecido com ficção científica, em suas especulações sobre o que hoje denominamos tecnologia da informação, começou a parecer uma previsão deste mundo novo. Em 1991, escrevi sobre essas ideias de que Otlet estaria antecipando o hipertexto e as redes baseadas em computadores[5] e, num artigo de 1974, intitulado 'Visions of Xanadu...',[6] examinei formal e detidamente as implicações do hipertexto. Verificou-se que o lugar de Otlet na história do hipertexto é especialmente curiosa. Anthony Judge reuniu na página da UIA na internet excertos pertinentes, para os quais não indicamos aqui as respectivas referências, extraídos de inúmeros artigos sobre Otlet e o hipertexto. Ele deu a seu comentário o título "Union of International Association - virtual organization: Paul Otlet's 100-year hypertext conundrum",[7] o qual serviu de base para o artigo publicado no número 2, de 2003, de *Transnational Associations / Associations Internationales* que inclui as referências pertinentes.

Interesse renovado: o Mundaneum, em Mons

Uma parte da vitalidade e do rumo assumido pelo interesse renovado por Otlet na década de 1990 pode ser parcialmente atribuído à criação em 1995–1996 do novo Mundaneum, para o qual André Cannone empreendera as iniciativas preliminares dez anos antes em Liège. Hoje vemos o Mundaneum concretizado e instalado no centro da cidade de Mons, em dependências sólidas, espetacularmente projetadas por Benoît Peeters e François Schuiten.[8] Trata-se de um arquivo e museu dedicado à obra de Otlet e La Fontaine e inúmeras pessoas e organizações a eles ligadas e o período em que floresceram. O acervo do Mundaneum inclui, como

---

[1] Cortiau, Catherine. La cité internationale, 1927-1931. In: *Le Corbusier à Genève 1922-1932*. Lausanne: Payot, 1987, p. 53-69; L'epopée de la Cité Mondiale de Paul Otlet. *Lectures*, n. 41, p. 13-17, 1988.

[2] Leonard, Sofia G. The context and legacy of Patrick Geddes in Europe. In: Welter, Volker; Lawson, James (ed.) *The city after Geddes*. Oxford: Peter Lang, 2000, p. 73-74.

[3] Welter, Volker. *Biopolis: Patrick Geddes and the city of life*. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.

[4] Meller, Helen. *Patrick Geddes: social evolutionist and city planner*. London: Routledge, 1990.

[5] Rayward, W. Boyd. Restructuring and mobilising information in documents; a historical perspective. In: Vakkari, Perti; Cronin, Blaise (ed.) *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives* (proceedings of COLIS I, Tampere, Finland, 1991). London: Taylor Graham, 1992, p. 50-68. Uma edição revista foi publicada com o título: Some schemes for restructuring and mobilising information in documents; a historical perspective. *Information Processing and Management*, v. 30, p. 163-175, 1994.

[6] Rayward. Visions of Xanadu... (ver nota 3 na p. xiv).

[7] Union of International Associations – virtual organization: Paul Otlet's 100 year hypertext conundrum? http://laetusinpraesens.org/docs/otlethyp.php#history

[8] Schuiten, Peeters (sic). *Le Mundaneum: projet d'exposition permanente* (24 folhas e anexo: *L'homme qui voulait classer le monde, projet de documentaire* 52. Sem data ou lugar de publicação. Disponível no Mundaneum, Mons.

material pertinente, o que sobrou dos registros e coleções originais das organizações a partir das quais foi formado o primitivo Palais Mondial ou Mundaneum. Apesar de tudo que se perdeu ou foi destruído, depois de mais de 60 anos de mudanças para vários lugares, em condições de armazenamento pavorosas, as coleções continuam sendo muito ricas e relevantes. Na página do Mundaneum na internet, que é extremamente informativa, é apresentada uma descrição da amplitude da instituição, uma introdução sobre Otlet e La Fontaine, além da história do Mundaneum e de suas várias mudanças, de uma espécie de armazém inadequado para outro, junto com as perdas de documentos que tais mudanças causavam.[1]

À medida que as coleções do arquivo do Mundaneum são organizadas e repertoriadas, isso vem possibilitando a realização de pesquisas de diferentes tipos. Esse potencial de pesquisa encontrou, em certo sentido, sua expressão na publicação *Cent ans de l'Office International de Bibliographie*, patrocinada pelo Mundaneum em 1995. Ela contém um conjunto respeitável de artigos que passam em revista aspectos da vida e da época, tanto de Otlet quanto de Henri La Fontaine e examinam algumas das coleções, relacionadas, por exemplo, com o feminismo, o anarquismo e o movimento pacifista internacional, atualmente alojadas no Mundaneum.[2] Como dito antes, em 2002 o Mundaneum também patrocinou a publicação de uma coletânea de ensaios, *La Fontaine, tracés d'une vie*.[3]

Filmes documentários e teatro: Em parte por causa da publicidade que envolveu a criação do Mundaneum e sua abertura para o público como museu, Otlet começou recentemente a atrair a atenção de um público mais amplo, além dos especialistas e pesquisadores que, antes, se interessavam por ele. A tragédia e a comédia de sua vida e de sua obra, a aparente arrogância de suas visões utópicas e a heterogênea realidade física do que foi realmente levado a cabo, e que é mostrado de modo tão admirável pela cenografia do Mundaneum, revestem-se de enorme interesse humano. Em 1998, o cineasta holandês de filmes documentários, Ijsbrand van Veelen, tendo lido sobre o novo Mundaneum e Otlet, fez um curta-metragem intitulado *Alle kennis van de wereld: het papieren internet*, para o programa de ciência Noorderlicht da televisão holandesa.[4] Um grupo de teatro experimental holandês, o TheatreAdhoc, também teve a curiosidade despertada por Otlet. Ao preparar uma produção dramática sobre Stefen Themerson e a 'ultima máquina inteligente', começaram a fazer uma extensa pesquisa sobre Otlet, a fim de incluir um relato sobre suas ideias. A pesquisa feita no Mundaneum foi ampliada com uma entrevista com o neto de Otlet, Jean, que ainda vive em Bruxelas, e outra com Milisa Coops, em Haia, que, ainda moça, fora a 'assistente editorial' na preparação do *Traité de documentation* de 1934.[5]

Particularmente relevante, no entanto, em sua orientação para o grande público, é o minuciosamente pesquisado, imaginativamente realizado e premiado filme de 2002 sobre Otlet dirigido por Françoise Levie. Inti-

---

[1] http://www.mundaneum.be/contente/archives/archives/_frame.html e http://mundaneum.be/contente/mundaneum/qqsmots.html

[2] *Cents ans de l'Office International de Bibliographie: les premisses de Mundaneum*. Mons: Editions Mundaneum, 1995.

[3] *La Fontaine, tracés d'une vie*...(ver nota 3 na p. xxi).

[4] *Alle kennis van de wereld: het papieren internet*, filme documentário criado e dirigido por Ijsbrand van Veelen para Noordelicht, mostrado em 1º de novembro de 1998.*

[5] TheatreAdhoc possui extensos blogues na internet sobre seu trabalho no Mundaneum e as entrevistas que fizeram. Ver: http://www.theateradhoc/nl/index.php

* Disponível, na versão original, em: https://archive.org/details/paulotlet [N.E.B.]

tulado *The man who wanted to classify the world*, foi mostrado na televisão belga e está disponível em versões em vídeo em inglês e francês.[1]

Colóquio sobre arquitetura do conhecimento: Esse filme foi exibido com grande sucesso para uma plateia particularmente bem-informada no Mundaneum, em Mons, em maio de 2002, como parte do colóquio Arquitetura do Conhecimento: o Mundaneum e Antecedentes Europeus da Rede Mundial. Organizado por Charles Van den Heuvel, historiador de arquitetura, na época ligado ao instituto McLuhan da universidade de Maastricht, em colaboração com Pieter Uyttenhove, historiador de urbanismo da universidade de Gent, e por mim, historiador de ciência da informação da University of Illinois, esse colóquio reuniu pesquisadores de uma série de disciplinas e nações para estudar as ideias e as colaborações entre Otlet e vários de seus contemporâneos. Nossa expectativa é assegurar que esse simpósio seja um de vários que nos ajudarão a formular um programa e estimular o interesse por uma conferência internacional centrada não apenas em Otlet diretamente, mas nos temas e no período abarcado pela vida e a obra de Otlet.

Transnational Associations / Associations Transnationales

O fascículo 1-2, de 2003, de *Transnational Associations / Associations Transnationales* dá continuidade à tendência dos estudos sobre Otlet representados em parte pelo colóquio sobre arquitetura do conhecimento acima mencionado. Essa tendência tornou-se em geral mais evidente nos últimos anos. Implica um foco crescente em Otlet por pesquisadores e outros estudiosos de uma ampla gama de disciplinas e interesses, não apenas documentalistas e cientistas da informação. Há duas orientações associadas a isso, sendo que às vezes elas são nítidas e às vezes borradas. A primeira orientação é de quem tem um interesse direto em Otlet, suas organizações, suas ideias e o contexto científico e outros com os quais possam estar relacionados. Otlet é o centro das atenções. A segunda orientação é seguida por aqueles cujo interesse primordial é diferente, mas que procuram examinar as relações de Otlet com seus assuntos preferidos por causa da luz que pode lançar sobre eles — Ostwald, Le Corbusier, Neurath — e questões de organização internacional e visualização do conhecimento, por exemplo, são casos pertinentes. Há, naturalmente, aqueles cuja orientação situa-se em algum ponto entre esses dois extremos!

Orientação prioritariamente voltada para Otlet: Os artigos de Jean-François Füeg ("*Ordo ab chaos*: classer est la plus haute opération de l'esprit"), Stéphanie Manfroid ("Utopies et réalités d'une documentation") e Françoise Levie("Paul Otlet et le multimédia") lidam com questões relacionadas com Otlet, com elementos documentários do Mundaneum e o interesse de Otlet pelas mídias audiovisuais e como foram utilizadas em seu Mundaneum. As considerações de Levie a respeito do rádio e do cinescópio, neste contexto, acrescentam novos materiais. O artigo de Paul Ghils ("Fonder le monde, fonder le savoir du monde") propõe-se uma tarefa árdua e importante que é a de examinar como o conteúdo utópico das ideias de Otlet sobre conhecimento e política pode ser compreendido em relação tanto às correntes de pensamento contemporâneas quanto

[1] Levie, Françoise. *The man who wanted to classify the world: from the index card to the World City, the visionary life of a Belgian utopian, Paul Otlet (1868-1944)*. Filme. Roteiro original de Benoit Peeters e Françoise Levie. Bruxelles: Sofic, 2002. *

* Disponível, com legendas em português, em: https://www.youtube.com/watch?v=L9jgnU-3V944&t=1026s. [N.E.B.]

às antigas tradições filosóficas, inclusive. Os ecos leibinizianos que ele descerra são convincentes.

Orientação secundária ou de outro tipo: Dando início, talvez, a um afastamento conceitual do interesse direto por Otlet, Anthony Judge levanta questões sobre como devemos conceituar a União de Associações Internacionais no mundo digital e apresenta uma reunião de trabalhos sobre Otlet e hipertexto que informam seu ensaio teórico. Embora Guérin e Marchand estejam interessados em garantir que Otlet, como pioneiro da tecnologia da informação, seja admitido no panteão de heróis já reconhecidos, como Vannevar Bush, Douglas Engelbart e Ted Nelson, sua preocupação primordial é com uma nova abordagem para desenvolver o sistema hipertextual inteligente NESTOR.

Otlet manteve contatos importantes com Le Corbusier e Otto Neurath. Le Corbusier era um dos arquitetos mais importantes de seu tempo. O fato de Otlet ter conseguido convencê-lo a fazer um projeto para o Mundaneum, de Otlet, desesperado com o tratamento que teve na Bélgica, ter partido para a proposta de construí-lo, primeiro em Genebra e depois em outros lugares, é de grande interesse para os historiadores da arquitetura. Otto Neurath era membro do Círculo de Viena, do qual participavam filósofos da corrente do positivismo lógico. Entre seus inúmeros interesses estava o problema da representação do conhecimento, a invenção de um novo tipo de linguagem visual e o desenvolvimento do que ele e seus colegas chamavam uma enciclopédia unificada da ciência. Tudo isso eram questões pelas quais Otlet nutria o mais vivo interesse. Por isso, não causa surpresa ver o senhor idoso, superocupado, e a jovem figura revolucionária encetarem amizade e começarem a se corresponder. O artigo de Nader Vossoughian sobre as interações entre eles quanto à natureza do Mundaneum como museu, baseado em parte nas cartas que ele encontrou no Mundaneum, constitui valiosa contribuição original. A conexão entre Otlet e Neurath constitui o fundo para o artigo de Giuliano Greslei ("Convergences et divergences: de Le Corbusier à Otto Neurath") no qual ele examina as ligações entre Le Corbusier e Neurath na conferência de Atenas do CIAM (Congrès Internationaux d'Architecture Moderne). Ele acredita que essa ligação lançará novos esclarecimentos sobre a declaração de princípios funcionalistas para a cidade moderna conhecida como Carta de Atenas. Catherine Cortiau ("La création d'une ville internationale autonome, selon Paul Otlet") traça a história das ideias de Otlet sobre a conformação arquitetônica de uma cidade mundial, fazendo observar seu interesse pelo trabalho inicial de Anderson e Hébrard, até sua colaboração com Le Corbusier ao decidir sobre qual seria a aparência desse novo centro e onde e como ele seria localizado em Genebra.[1]

Conclusão: avaliando a importância de Otlet

O fascículo 1-2, de 2003, de *Transnational Associations / Associations Transnationales*, junto com o simpósio sobre arquitetura do conhecimento, de 2002, representam um amadurecimento das pesquisas relacionadas com Otlet e de nossa compreensão dos vários mundos que ele habitou durante sua longa e singular existência. Assim como, para os historiadores da documentação e da ciência da informação, a vida e a obra de

[1] Toda essa questão, incluindo tanto Andersen quanto Le Corbusier, é um aspecto importante do filme de Levie sobre Otlet (nota 1 na p. xxv). O filme nos leva até à Villa Hélène, em Roma, onde Andersen trabalhava, ao edifício da Liga das Nações em Genebra e à Fondation Le Corbusier em Paris.

Otlet são dominantes, outros estudiosos começaram a se interessar por ele a partir de perspectivas crescentemente diferentes. Podemos agora visualizar Otlet e sua obra como parte e reflexo de temas e movimentos mais amplos da vida intelectual e da cultura europeia.

Parece-me que ele pode nos proporcionar um caminho especial, uma perspectiva fértil, uma série de aspectos da vida e das letras no último quartel do século XIX e da primeira metade do século XX que ainda precisam ser totalmente pesquisados. Sua participação, por exemplo, desde que a compreendamos, poderia nos oferecer novas percepções sobre a cultura literária e artística da Bélgica de antes da guerra. Considerando tudo que foi escrito, de uma perspectiva anglo-norte-americana, sobre a Primeira Guerra Mundial e o Movimento da Paz, que culminaram com a fundação da Liga das Nações, o que as atividades e os escritos de Otlet e seus colaboradores nos têm a dizer sobre a dinâmica desse movimento na Europa naqueles anos críticos da guerra? Que luzes suas relações lançariam sobre a obra de outras importantes figuras da vida social, intelectual e política da Europa, além de Ostwald, Geddes, Le Corbusier e Neurath sobre quem os estudos até agora têm incidido?

Visionário da sociedade tecnológica e da informação: A perene importância de Otlet pode estar em parte em nossa percepção de que ele foi uma figura visionária, cujas ideias sobre globalização, por um lado, e sobre representação e organização do conhecimento, por outro lado, prenunciam o mundo digital e em rede de nossos dias. Não é pequena pretensão à fama que Otlet seja agora visto como um dos 'avós' da internet e da digitalização e da ordem social cambiante sugerida por termos como globalização, revolução da informação e sociedade da informação. Do que mais precisamos para compreender suas ideias, sua origem, o que elas refletem de sua época, e o que mais poderão novos estudos revelar sobre nossos próprios tempos?

Modernista europeu: Em termos de outra linha de análise, no entanto, pode-se também supor que a importância de Otlet estaria no modo como ele e o círculo daqueles que com ele trabalhavam e conviviam integraram o desenvolvimento do modernismo europeu no final do século XIX e início do século XX, o que só agora estamos começando a perceber e explorar. A esta altura, o arado da pesquisa mal chegou a marcar o sulco.

Biografia conhecida de modo incompleto: No mais humano dos níveis, porém, aquele do homem e sua biografia, permanece a fascinação pela aparente complexidade e as contradições da personalidade de Otlet, sua ampla rede de relações pessoais, colaboradores e amigos, que o põem em contato com muitas das correntes intelectuais, sociais e políticas de seu tempo, e as excepcionais vicissitudes de sua vida e de sua carreira. Sobre todas essas questões ainda resta muito a ser descoberto e compreendido.

Só recentemente, por exemplo, Françoise Levie, ao pesquisar no Mundaneum para fazer o seu *The man who wanted to classify the world*,[1] encontrou uma coleção de cartas de amor de Otlet para uma dama holandesa, Cato Van Nederhasselt, que veio a se tornar sua segunda esposa em 1912. Com elas começamos a perceber que corria muito mais do que tinta nas veias de Otlet.

[1] Ver nota 1 na p. xxv.

Paul Otlet no Brasil: da bibliografia à documentação, uma história sendo contada

Carlos Henrique Juvêncio *

* Professor do Departamento de Ciência da Informação do Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Meu encontro com Paul Otlet, digo-o sem constrangimento, foi por acaso, quando iniciava minhas pesquisas de mestrado e topei com uma informação sobre o contato entre a Biblioteca Nacional (BN) e o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) nos *Anais* da instituição — obviamente, que, de cara, aquela informação me chamou a atenção, mas precisava ater-me à minha busca que, felizmente (neste caso) não foi adiante, ironicamente por falta de fontes... Dediquei-me, então, a descobrir se o que achara sobre o IIB já havia sido estudado e, para minha surpresa, não! Numa acepção ginsburgiana, apenas pistas, restos e rastros compunham a pequena história sobre a influência de Otlet no Brasil e foi a partir delas que pude desvelar boa parte de uma história há muito esquecida.

A pista primeira era um relato sobre correspondência trocada entre a Biblioteca Nacional e o IIB em 1909; filho da Nacional que sou, pois ali trabalhara por seis anos, era natural que soubesse onde achar tal carta — se ela ainda existisse, é claro — e buscar outras sobre essa história. Assim, concentrei minhas buscas em toda a correspondência recebida e enviada pela BN entre 1895 e 1930, tendo como início, achar aquela de 1909. E qual não foi a minha surpresa quando a achei! Dali em diante mapeei o resto da correspondência e recuperei cartas trocadas entre os anos de 1909 e 1914. As peças começavam a se encaixar.

Manuel Cícero Peregrino da Silva (1866–1956) foi diretor da BN entre 1900 e 1924. Em sua gestão, o prédio por ela ocupado até hoje foi planejado e inaugurado, e é na esteira dessa revolução monumental que o ideário de Otlet desembarca no Brasil. Peregrino, um servidor a serviço do Estado, busca concatenar-se com o que havia de mais moderno no mundo e, para isso, pesquisa, viaja e visita várias instituições, sendo o IIB uma de suas paragens. Infelizmente, o relatório tão prometido dessa viagem parece que nunca foi feito ou, se o foi, não foi publicado.

Peregrino da Silva é nome de destaque porque ele aproveita o momento pelo qual a Nacional passava para pôr em prática várias das ideias apregoadas por Otlet e Henri La Fontaine na direção do IIB, daí, a documentação, mas a bibliografia se faz presente em solo brasileiro como o principal meio de adoção de parte dos ideais do instituto. Sendo assim, é notória a quantidade de catálogos e bibliografias que visavam a fazer parte do Repertório Bibliográfico Universal, organizados segundo seus ditames, que foram editados em nosso país. De fato, é necessário retornar ao Brasil do século XIX para compreender como as ideias do jurista belga chegam ao nosso solo. O ano de 1898 marca o primeiro contato que pude identificar de instituições brasileiras com os ideais de Otlet e La Fontaine, sendo o Senado o palco para tal, quando, na organização de suas obras adota a Classificação Decimal de Dewey (CDD) utilizando a seguinte justificativa:

'Uma biblioteca sem catálogo é uma caixa cheia de inestimáveis riquezas e da qual perde-

> *mos a chave que nos facilitava dispor delas devidamente*' — é esta a frase citada, com poucas variantes, por quase todos os bibliólogos em seus compêndios, enquanto outros afirmam: 'ser mais útil um ruim catálogo do que de todo não existir'.
>
> O catálogo geral da Biblioteca do Senado Federal deverá constar de três partes: 1ª. *Catálogo Alfabético*, ou pelo nome dos autores ou das obras; 2ª. *Catálogo Sistemático*, segundo a classificação decimal de M. Dewey; e 3ª. *Digesto*, ou catálogo dos capítulos de cada obra, organizado alfabeticamente.
>
> Quem conhecer a classificação Dewey julgará, sem dúvida, dispensável o catálogo n. 1, que é o destinado a ser manuseado pelo pessoal, para servir aos consultantes; porém, segundo o plano que havemos imaginado, reservamos para o segundo as notas bibliográficas que havemos colhido durante a classificação, trabalho esse que não se coaduna com a urgência imperiosa da publicação de um catálogo que satisfizesse desde já as necessidades dos estudiosos.
>
> Quanto ao terceiro, não precisamos encarecer a sua imensa utilidade.[1]

Ressalto duas passagens no trecho acima: a primeira, refere-se à utilização da CDD como sistema de classificação, pois evidencia que a instituição opta por seguir estritamente o que Otlet professava desde a fundação do IIB, de que a Classificação de Dewey era a melhor e deveria ser adotada em todas as bibliotecas ou, ao menos, pelos seus companheiros de empreitada. Tal preceito perdura até a publicação da Classificação Decimal Universal, em 1904.

Contudo, o trecho que nos chama mais atenção é o que diz que uma "biblioteca sem catálogo é uma caixa cheia de inestimáveis riquezas e da qual perdemos a chave que nos facilitava dispor delas devidamente", pois essa imagem, com pequenas modificações e sem indicação de autoria, é a mesma de Otlet e La Fontaine na página 19 do primeiro número do *Bulletin de l'Institut International de Bibliographie*: "[...] sem o catálogo a biblioteca é uma caixa fechada cheia de coisas preciosas, mas inacessível e invisível, sem chave".

Amparando-se claramente nos ideais do IIB o autor da apresentação desse catálogo informa que para organizar as fichas que comporiam o catálogo "foi também adquirido um móvel especial, manufaturado de acordo com as indicações mais correntes em bibliotecnia",[2] o que indica mais uma aproximação com os ideais da dupla belga, pois ambos estimulam a adoção da ficha 12,5 cm × 7,5 cm como padrão para a construção dos repertórios das instituições que custodiam os frutos do espírito humano.[3]

Passado um ano, em 1899, Juliano Moreira, segundo pista que consta em obra de Edson Nery da Fonseca, também segue as instruções do IIB e adota a Classificação de Dewey na revista por ele dirigida, os *Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia*. Edson Nery da Fonseca observa, ainda, que, em 1900, "outro grande cientista brasileiro introduzia o sistema [a CDD] na biblioteca do instituto que organizara e teve depois o seu nome: o Instituto Oswaldo Cruz".[4] Contudo, tal fato é questionado por Alexandre M. Correia de Sousa que observa que:

> Mesmo sendo impreciso na data — já que sua utilização na Biblioteca do IOC [Instituto Oswaldo Cruz] estava vinculada com a efetivação do Catálogo Analítico de Assunto, que só ocorreu com a chegada de Overmeer em 1909 — o que nos chama

---

[1] Villa-Lobos, R. *Bibliotheca do Senado Federal da Republica dos Estados Unidos do Brazil: I: Catalogo Alphabetico.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898, p. xvi. Grifo nosso.

[2] Villa-Lobos, 1898, p. xv

[3] Na acepção otletiana, frutos do espírito humano podem ser entendidos como quaisquer registros produzidos pelo ser humano.

[4] Fonseca, Edson Nery. Origem, evolução e estado atual dos serviços de documentação no Brasil. *Revista do Serviço Público*, Brasília, v. 108, n. 1, p. 37-52, jan./abr. 1973.

atenção nesse relato é o destaque dado para a utilização da CDU por parte da Biblioteca do IOC anos antes da introdução desta pelo 'Otlet brasileiro' na Biblioteca Nacional.[1]

E complementa que:

> Apesar dos registros bibliográficos atribuírem a Oswaldo Cruz a aprovação na escolha da Classificação Decimal belga para a biblioteca, acreditamos que foi Overmeer o responsável pela introdução dessa classificação no instituto e pela sua consequente metodologia de trabalho. O fato de Overmeer ser de origem flamenga (mesma região europeia de Otlet e da FID), ter tido contato com vários países através de seu ofício de livreiro e o lançamento desse sistema de classificação ter ocorrido em um período em que Oswaldo Cruz já se encontrava no Brasil nos levam a crer nessa prerrogativa.[2]

Desta forma, a Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz, àquela altura ainda Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos, foi uma das instituições pioneiras na adoção da CDU, mas discordamos de Alexandre de Sousa quando declara que o instituto foi o primeiro no Brasil a utilizá-la em seu tratamento técnico pois, como aponta Edson Nery da Fonseca, a Câmara dos Deputados a adota em 1904, cinco anos antes:

> A Biblioteca da Câmara dos Deputados também está entre as primeiras do país que adotaram o catálogo sistemático segundo a CDU e receberam as publicações do IIB, graças à clarividência de seu diretor, que era, na época, o escritor Mário de Alencar (1872–1925), filho de José de Alencar e amigo íntimo de Machado de Assis.[3]

Ainda no bojo dos primeiros contatos de brasileiros ou instituições do país com os ideais belgas, surge o nome do engenheiro Victor da Silva Freire, que publica "[...] um artigo sobre a necessidade da participação do Brasil na organização internacional da bibliografia científica",[4] e onde diz:

> O Office [Internacional de Bibliografia] tem fornecido e continua a fornecer duplicatas do repertório existentes a várias instituições; dele tira igualmente extratos referentes a questões especiais, mediante insignificante retribuição.
>
> Em resumo, a obra colossal e utilitária que o instituto tomou a seu cargo, acha-se em plena elaboração.
>
> Para a completa realização do seu programa, dirige o instituto um apelo aos trabalhadores intelectuais de todos os países.
>
> Podemos nós, brasileiros, recusar-lhe a nossa cooperação?
>
> Na América, depois dos Estados Unidos, cuja parte em todo o movimento foi vista no decorrer da exposição, o governo mexicano, compreendendo todo o interesse que havia no desenvolvimento da obra encetada, criou o Instituto Bibliográfico Mexicano, instituição anexa à Biblioteca Nacional, e cuja missão é reunir os elementos para a bibliografia geral do México, abrangendo:
>
> 1.º Todas as obras escritas por mexicanos, seja qual for o lugar em que tenham sido publicadas;
>
> 2.º As obras de autores estrangeiros que tenham sido impressas no México.
>
> Que processo haverá, superior a este e de mais fecundos resultados, capaz de desvendar aos olhos de todos, nacionais e estrangeiros, os recursos naturais de um país novo e mal conhecido ou injustamente apreciado, o grau de cultura e de civilização dos seus filhos?
>
> Realizar um tal objetivo equivale a colaborar para seu desenvolvimento, forta-

---

[1] Sousa, Alexandre Medeiros Correia de. *Estudo de uma experiência de fluxo informacional científico no Instituto Oswaldo Cruz: a 'Mesa das Quartas-Feiras'*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Universidade Federal Fluminense, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2006, p. 87.

[2] Sousa, 2006, p. 87-88.

[3] Fonseca, 1973, p. 40.

[4] Fonseca, 1973, p. 40.

> lecendo ao mesmo tempo o espírito de nacionalidade.
>
> Portanto, sob este ponto de vista, não temos o direito de regatear no nosso auxilio à obra comum; cumpre-nos o dever de contribuir para o patrimônio da humanidade com a bibliografia brasileira.

E finaliza declarando que:

> Com um pequeno esforço de cada um, a bibliografia brasileira será uma realidade dentro de pouco tempo.
>
> Às corporações científicas, às escolas e academias, seria fácil estabelecer, mediante insignificante despesa, duplicatas da bibliografia universal, que permitiriam pôr ao alcance do trabalhador as fontes de instrução que tão grande falta hoje lhe fazem.
>
> Finalmente, a organização racional das nossas bibliotecas transformá-las no que elas devem ser: um instrumento de estudo ao alcance de todos.[1]

O autor demonstra sua afinidade com a causa de Otlet e La Fontaine, vendo a criação de fontes de informações como um meio para o desenvolvimento e para o progresso das nações. E observa que a organização de uma bibliografia nacional é fator preponderante para a preservação da memória do país e do mundo, tendo o projeto de Paul Otlet e Henri La Fontaine como um modo de contribuir para o patrimônio da humanidade. O legado seria o inventário de toda a produção humana em qualquer suporte, em qualquer formato, para que todos tenham acesso a todos os conhecimentos.

Seguindo esta linha do tempo, chegamos às iniciativas da Biblioteca da Marinha e do Real Gabinete Português de Leitura, ambos situados no Rio de Janeiro.

Sob a égide do bibliotecário João Augusto dos Santos Porto, a Biblioteca da Marinha inicia seu processo de modernização, optando por adotar a Classificação Decimal de Dewey pois:

> Este importante sistema de classificação é hoje adotado pelo Instituto Internacional de Bibliografia, cuja missão é estabelecer um repertório bibliográfico universal pelo qual possa-se obter reproduções parciais que tratem, respectivamente, de assuntos concernentes a qualquer ramo do conhecimento humano, de como a colocar sempre:
>
> 1.º «Os homens de estudos ao corrente dos trabalhos de seus predecessores e de seus contemporâneos, para utilizar e levar mais longe as investigações científiicas evitando repetições involuntárias e perda de tempo.
>
> 2.º «Os profissionais, legisladores, administradores, etc., na posse de documentos que lhes possam ser úteis, fornecendo preciosos elementos de sucessos para as lutas industriais ou na gestão dos negócios públicos.»
>
> Com este objetivo procura o Instituto adotar a [*sic*] esta classificação certos melhoramentos, de modo a preencher mais satisfatoriamente sua missão.[2]

Mário R. da Silva também observa que a bibliografia, enquanto disciplina da biblioteconomia, é elemento-chave na organização do conhecimento humano, oferecendo preciosas informações sobre os livros. O que vai ao encontro dos ideais do IIB. Logo, a empreitada belga é vista como fator preponderante para o desenvolvimento científico da sociedade.

Já o Real Gabinete Português de Leitura, cujo 'bibliotecário-mor' era Benjamin Franklin Ramiz Galvão, promotor da grande reforma por que

---

[1] Freire, Vítor da Silva. A Bibliographia universal e a Classificação decimal. *Annuario da Escola Polytechnica de São Paulo*, n. 2, p. 125-157, 1901.

[2] Silva, Mário R. da. A catalogação decimal da Bibliotheca de Marinha. *Revista Marítima Brazileira*, v. 21, n. 7, p. 891-911, jan. 1902.

passou a Biblioteca Nacional nas décadas de 1870 e 1880, também participa de tal empreitada. A iniciativa de Ramiz Galvão demonstra desde o século anterior sua afinidade com a construção de repertórios e/ou bibliografias nacionais; nesse sentido, sua primeira iniciativa foi com a edição do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, com o objetivo de apresentar tudo o que concerne à pátria e sua história.[1]

De fato, o então bibliotecário do Real Gabinete buscava adotar o que era moderno na instituição que dirigia, assim, como fizera na Biblioteca Nacional,[2] ao publicar o *Catalogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro*, optou por organizá-lo:

> [...] segundo o sistema decimal do ilustre americano Melvil Dewey, aceito e preconizado pela Repartição Internacional de Bibliografia de Bruxelas, — sistema que já adotaram mais de 1 000 bibliotecas dos Estados Unidos e muitos dos conceituados especialistas do Velho Mundo.[3]

O bibliotecário continua, na 'advertência, enumerando as vantagens do sistema de Melvil Dewey, destacando a aproximação física de obras que tratam de assuntos semelhantes, a padronização internacional da nomenclatura, ou seja, do número de chamada do documento, a sua criação por especialistas dentre outras. Por fim, tece a seguinte consideração:

> Parece que assim teremos contribuído para tornar útil esta publicação, conservando-lhe entretanto perfeito acordo com os trabalhos do instituto de Bruxelas, que prega com ótimo fundamento as vantagens da uniformização bibliográfica.[4]

O maior contato de instituições brasileiras com o ideário otletiano se deu em 1911, quando a Biblioteca Nacional lançou as bases de seu Serviço de Bibliografia e Documentação, estabelecendo contato com o IIB por meio da figura de seu diretor, Manuel Cícero Peregrino da Silva, como expõe Edson Nery da Fonseca:[5]

> [...] A Biblioteca Nacional teve a sorte de ser dirigida, de 1900 a 1915 e de 1919 a 1921 , por Manuel Cícero Peregrino da Silva [...] Deve-se a ele, igualmente, a primeira tentativa de organização da bibliografia brasileira na base da cooperação nacional e internacional. Empolgado com as primeiras atividades do Instituto Internacional de Bibliografia, [...] Manuel Cícero Peregrino da Silva compreendeu logo o que Fidelino de Figueiredo diria mais tarde, na primeira de suas memoráveis conferências em São Paulo: 'o serviço bibliográfico já não pode ser devoção individual, nem fantasia acadêmica, tem de ser desempenhado por um organismo técnico, um instituto nacional de bibliografia com pessoal especializado, com a estreita colaboração das bibliotecas e hemerotecas, não para publicar um dicionário bibliográfico, mas para organizar a bibliografia geral do passado e registrar a de cada dia e cada hora'. Na reforma que introduziu na Biblioteca Nacional em 1911, Manuel Cícero Peregrino da Silva estabeleceu um 'Serviço de Bibliografia e Documentação em correspondência com o Instituto Internacional de Bibliografia de Bruxelas'. [...] Por aí se vê que Manuel Cícero Peregrino da Silva foi também precursor em matéria de serviços bibliográficos e que na sua reforma da Biblioteca Nacional estava quase profeticamente anunciando o órgão que só em 1954

---

[1] Amadeo, Maria Eliza; Kury, Lorelai. O *Catálogo de* [sic] *Exposição de História do Brasil* (1881). Biblioteca Nacional Digital, 29 jun. 2014. Disponível em: http://bndigital.bn.br/artigos/o-catalogo-de-exposicao-de-historia-do-brasil-1881/. Acesso em: 22 set. 2015

[2] Fonseca, Edson Nery. *Ramiz Galvão: bibliotecário e bibliográfo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

[3] Ramiz Galvão, Benjamin Franklin. Ramiz Galvão, Barão de. *Catalogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & C., 1906. (v. 1), p. ix.

[4] Ramiz Galvão, 1906, p. xiii.

[5] Fonseca, Edson Nery da. Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil. *Revista do Livro*, ano 2, n. 5, p. 95-124, mar. 1957.

se instalaria com o nome de Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação.

Desta forma, Peregrino da Silva justifica a adesão da Biblioteca ao ideal do Instituto observando que:

> É considerável o número dos documentos existentes e dos que constantemente se produzem em todos os países adiantados. Sem uma classificação rigorosa e uniforme, essa massa de documentos gráficos esparsos ficará em grande parte desconhecida dos estudiosos. [...] A inventariação e a descrição dos documentos são objeto do Repertório Bibliográfico Universal, reunião de todas as bibliografias nacionais ou especiais. [...]
>
> Para chegar a tais resultados é indispensável a cooperação internacional, que só será possível estabelecendo-se um acordo para a adoção de métodos e planos uniformes e para a formação de grupos autônomos, ligados a um instituto central que dirija os trabalhos, distribua os serviços e organize e conserve as coleções e repertórios adotados como tipo. A União Internacional de Bibliografia e Documentação que o governo belga procura criar permitirá realizar com a sistematização dos esforços esse vasto plano de condensação dos conhecimentos humanos.[1]

Sua fala parece refletir seu ideal modernizador, sua busca pelo melhor meio de tratar e disponibilizar ao público os mais diversos tipos de suportes documentais. Além de indicar a afinidade de seu pensamento com o de Paul Otlet e Henri La Fontaine, sob este prisma, Edson Nery da Fonseca declara que "Manuel Cícero Peregrino da Silva foi um autêntico precursor brasileiro da documentação, um homem com visão profética de Paul Otlet e Henri La Fontaine".[2] O mesmo autor chega a nomear Peregrino da Silva de Otlet brasileiro.[3] W. Boyd Rayward destaca que:

> Talvez o maior acontecimento na história da distribuição do R[epertório] B[ibliográfico] U[niversal] tenha sido o recebimento, em 1911, de um pedido da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro de 600 mil fichas para formar um repertório de assuntos gerais. A biblioteca concordou em pagar a importância de 15 mil francos pelas fichas. Tendo solicitado que metade do dinheiro fosse paga adiantadamente 'para recrutar pessoal para realização do trabalho', Otlet e sua equipe reuniram 230 mil fichas, que foram organizadas em ordem de classificação em 192 caixas. Uma cerimônia foi organizada para a entrega do material ao embaixador brasileiro, para a qual foram convidados membros do corpo diplomático da França e da Bélgica e da maioria dos países sul-americanos. No final de 1913 o volume de material enviado chegava a 351 697 registros. Uma remessa adicional de 33 mil registros foi feita em julho de 1914, quando então Masure, secretário do O[ffice] I[international] de B[ibliographie], escreveu ao diretor da biblioteca sugerindo que, talvez, o escritório pudesse enviar duplicatas das fichas anteriormente enviadas ao Rio para que com elas fosse organizado um repertório alfabético por autor. As fichas antes enviadas provinham em sua maioria de contribuições recentes à *Bibliographia Universalis*, com um ou dois itens excepcionais que remontam ao período de 1895 a 1900. É evidente que o problema de obter exemplares das bibliografias que formavam a *Bibliographia Universalis*, mas que estavam esgotadas em 1911, ou de qualquer outro material do RBU, era insuperável, e a cifra de 600 mil fichas contratadas aparentemente nunca foi cumprida. No entanto, as fichas recebidas no Rio enviadas pelo OIB eram tidas como muito importantes, de modo que, em 1914, houve uma tentativa de enviar alguém do Brasil para Bruxelas com a finalidade de estudar como o OIB trabalhava, a fim de melhor aproveitá-las. Infelizmente o início da guerra tornou essa visita impossível.[4]

---

[1] Silva. Manuel Cícero Peregrino da. A Bibliotheca Nacional em 1909. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v. 32, p. 746-774, 1910. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_032_1910.pdf. Acesso em: 10 fev. 2013.

[2] Fonseca (1957), p. 98)

[3] Fonseca (1973), p. 41)

[4] Rayward, W. Boyd. *The universe of information: the work of Paul Otlet for documentation and international organisation*. Moscow: VINITI; FID, 1975, p. 123. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/

As considerações de Rayward, baseadas na correspondência com Peregrino da Silva arquivada no Mundaneum, são, na minha visão, de suma importância. Primeiro porque orientaram nosso entendimento sobre a interação entre as duas instituições e, em segundo lugar, porque me deram a oportunidade de complementar as informações ali arroladas, bem como questioná-las, fatos esses que comentarei adiante.

Sendo assim, posso apontar como marco inicial do projeto de aproximação entre a BN e o ideal de Otlet, o projeto do regulamento para a Biblioteca Nacional, elaborado em 1902 por Peregrino da Silva. Ele previa a criação do Instituto Bibliográfico Brasileiro, instituição anexa à BN, que teria a missão de organizar repertórios como meio de contribuir com o RBU e adquirir fichas deste como fonte de informação para os pesquisadores brasileiros.[1] Contudo, Peregrino da Silva declara, em carta a Louis Masure, secretário do IIB, anos mais tarde, que "[...] não criamos um serviço independente, porque o governo não o tinha autorizado legalmente na reorganização da biblioteca. De resto, penso que será melhor começar modestamente."[2]

Sete anos depois da criação do protótipo do novo regulamento, em 1909, e no cerne do planejamento da mudança da Biblioteca Nacional para seu novo prédio, Peregrino da Silva escreve ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, relatando os fatos ocorridos na Conferência Internacional de Bibliografia e Documentação, que se realizou em Bruxelas em julho de 1908:

> Por equivoco que só agora pode ser reparado, deixou de ser respondido o aviso nº 2 045, de 9 de novembro do ano passado .
>
> A Conferência Internacional de Bibliografia e Documentação que se reuniu em Bruxelas em julho de 1908 decidiu promover a organização de um congresso internacional de bibliografia e documentação, congresso que se reunirá pela primeira vez em 1910, provavelmente ao mesmo tempo que o congresso internacional de bibliotecários. Ao Instituto Internacional de Bibliografia cabe dirigir os trabalhos preliminares do congresso, constituindo uma comissão central composta dos delegados das diversas comissões nacionais e associações internacionais. Em cada país as comissões nacionais procurarão congregar os delegados das grandes bibliotecas, das associações de bibliotecários, bibliófilos e editores, de modo a serem expressos todos os *desiderata* .
>
> Estão compreendidas no programa do congresso todas as questões discutidas naquela conferência e as questões conexas que se possam propor, assim como a organização da bibliografia e documentação numa base internacional. Neste sentido a conferência submeteu ao governo belga um anteprojeto apresentado pelo Instituto Internacional de Bibliografia para a criação de uma 'União Internacional de Bibliografia e Documentação', devendo caber àquele a iniciativa de convidar os governos estrangeiros.
>
> A documentação no sentido amplo que lhe atribui o instituto abrange não só os textos manuscritos e impressos, mas tudo quanto se tem empregado como meio de realização da [promoção] intelectual e como meio de transmissão das aquisições do homem no domínio da inteligência. É a reunião e a coordenação de todos os documentos, conjunto que representará a experiência universal.
>
> Mas essa coordenação deve obedecer a uma organização sistemática. É considerável o numero dos documentos existentes e dos que constantemente se produzem em todos os países adiantados. Sem uma classificação rigorosa e uniforme, essa massa de documentos gráficos esparsos ficará em grande parte desconhecida

handle/2142/651. Acesso em: 2 ago. 2018.

[1] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. *Projecto de Regulamento para a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro: 1902*. [Rio de Janeiro], 1902.

[2] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. Carta ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 28 nov. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

> dos estudiosos. A documentação vem coordenar os elementos característicos dos materiais que a inteligência humana vai acumulando através dos séculos. Ela compreende a formação de coleções de documentos (manuscritos, obras impressas, jornais, revistas, músicas, estampas, fotografias, etc.) e a organização de repertórios por meio de fichas. A inventariação e a descrição dos documentos são objetos do Repertório Bibliográfico Universal, reunião de todas as bibliografias nacionais ou especiais. A coordenação e a análise dos documentos para a extração de resumos ou elementos essenciais são objeto do Repertório Enciclopédico Universal, que, como o repertório bibliográfico, deve estar sempre em dia com os dados obtidos.
>
> Para chegar a tais resultados é indispensável a cooperação internacional, que só será possível estabelecendo-se um acordo para a adoção de métodos e planos uniformes e para a formação de grupos autônomos, ligados a um instituto central que dirija os trabalhos, distribua os serviços e organize e conserve as coleções e repertórios adotados como tipo. A União Internacional de Bibliografia e Documentação que o governo belga procura criar permitirá realizar com a sistematização dos esforços esse vasto plano de condensação dos conhecimentos humanos.
>
> Contribuindo com o seu contingente para a execução dessa obra universal, assumirá o nosso país a posição que a extensa bibliografia brasileira exige. Fazendo-se representar no congresso de 1910 e alistando-se entre os países que vão compor a União Internacional de Bibliografia e Documentação, colocar-se-há o Brasil à altura a que lhe dá direito a sua cultura.[1]

No momento em que a BN planejava sua mudança para um novo espaço, enquanto suas técnicas de tratamento de acervo eram revistas, bem como seu regulamento, o termo 'documentação' aparece na fala do diretor, talvez servindo como guia para as ações que ele colocaria em prática a partir de então. Nesse sentido, é bem provável que o desejo de modernização, aliado à vontade de internacionalização da instituição, tenha impulsionado Peregrino da Silva a fazer parte do projeto de integração mundial proposto por Otlet e La Fontaine.

É notório que Peregrino da Silva compreendia a documentação como uma técnica de organização de acervo, mas, sobretudo, um projeto em escala mundial que visava a ordenar todos os frutos do espírito humano por meio da sua classificação e representação em fichas catalográficas, fato bem alinhado ao pensamento do jurista belga.

A missão de tal empreendimento, como nos elucida o diretor, é tornar toda informação disponível aos estudiosos, às pessoas, estando essas organizadas segundo preceitos universais, e disponíveis a todas as pessoas do mundo, independente de onde tais materiais ou pessoas estivessem. Sendo consorte da iniciativa, provavelmente a biblioteca se consolidaria como centro de informações, buscando atender aos anseios de seus usuários, bem como às intenções governamentais de mostrar que o país contava com instituições modernas e que em nada deixavam a desejar a seus congêneres europeus.

O cunho internacionalista da proposta belga é evidenciado de forma mais clara quando Louis Masure entra em contato com o embaixador brasileiro em Bruxelas, Oliveira Lima, no ano de 1910, conclamando a participação brasileira junto ao IIB. Escreve ele:

> O Instituto Internacional de Bibliografia, em vários congressos internacionais, acontecidos sucessivamente em Bruxelas e Paris, fez aprovar um programa abrangente, projetado para organizar a bibliografia e deixar à disposição dos estudiosos e do público em geral as coleções de obras reunidas pelas grandes bibliotecas do mundo. O programa tem sido comunicado em seu tempo a todos os governos. A

[1] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. Ofício ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Augusto Tavares Lyra. Rio de Janeiro, 19 abr. 1909. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

> ajuda que podem dar para a realização do congresso pode ser poderosa e os benefícios que podem conseguir para seus serviços bibliográficos nacionais podem ser consideráveis. Um novo congresso está sendo organizado em Bruxelas nos dias 25, 26 e 27 deste mês, a fim de progredir na ideia de um acordo internacional. Ele visa, especialmente, a discutir maneiras práticas para arquivar e multiplicar as bibliografias enviadas para a central de nosso instituto ao longo dos anos. Temos a honra, senhor, de pedir que o vosso governo se faça representar oficialmente nesse evento.[1]

A carta foi encaminhada ao então ministro das Relações Exteriores, o barão do Rio Branco, e, a partir daí, não foi possível identificar se houve alguma discussão a respeito. Decerto, a Biblioteca Nacional já buscava participar de tal empreendimento, conforme evidencia a carta dirigida por Peregrino ao ministro da Justiça e Negócios Interiores.

Uma hipótese para a finalidade desta carta é que o IIB buscava a participação do maior número possível de instituições e, mesmo sabendo da predisposição brasileira por meio da BN, buscou diretamente o governo. Entretanto, nos planos de modernização da instituição, Peregrino da Silva parece deixar claro o papel de liderança exercido pela Biblioteca Nacional. Nesse sentido, ela era o órgão responsável pelo contato entre as instituições brasileiras e estrangeiras, incluindo o IIB.

Note-se, também, que a carta cita o exemplo argentino como forma de procurar convencer as autoridades brasileiras. De fato, alguns de nossos vizinhos, como Peru e Chile, além da Argentina, já haviam fundado suas oficinas bibliográficas e mantinham estreito relacionamento com o IIB, sobretudo pela figura de Federico Birabén, mente por trás dos três projetos bibliográficos.

Enquanto isso, no Brasil, Peregrino da Silva tenta convencer o ministro de que a participação brasileira em tal empreitada seria de grande valia para a biblioteca e para o país, sobretudo para a promoção de ambos no exterior, tanto que o congresso ao qual Louis Masure se refere é o mesmo citado pelo diretor neste ofício, publicado no relatório referente ao ano de 1909:

> A adesão á União Internacional de Bibliografia e Documentação acarretará despesas que dependem da extensão que se possa dar à organização dos repertórios brasileiros como contribuição para o repertório universal da aquisição feita por partes ou de uma só vez de um exemplar quanto possível completo dos repertórios estrangeiros até agora preparados, do modo pelo qual o Brasil se faça representar no Congresso Internacional de Bibliografia e Documentação a reunir-se em Bruxelas em 1910 e da quota anual que venha a ser fixada.
>
> O serviço de organização dos repertórios brasileiros poderá ficar a cargo desta biblioteca, constituindo o objeto de disposições do novo regulamento a ser expedido.
>
> A aquisição de uma coleção das fichas impressas do repertório bibliográfico universal é-nos indispensável. Reconhecendo essa necessidade incluí no número dos móveis que foram encomendados para o novo edifício e já ali se acham dois armários, cada um com 120 gavetas destinadas a guardar fichas do repertório de acordo com o formato adotado pelo Instituto Internacional de Bibliografia, de Bruxelas, menores do que as que são empregadas nos catálogos desta biblioteca, para as quais outros móveis foram igualmente pedidos. Estava portanto prevista essa aquisição, que poderá começar por 700 mil fichas aproximadamente, número que poderá ser fornecido pelo instituto de Bruxelas ao preço de 2 1/2 cêntimos ou seja a despesa de cerca de 17 500 francos.
>
> Não está fixada a quota com que cada um dos países que irão formar a União

[1] Lima, Oliveira. Ofício ao ministro das Relações Exteriores, barão do Rio Branco. Bruxelas, 23 ago. 1910. (Arquivo Histórico do Itamaraty, 205,1,03).

> terá de contribuir anualmente. É uma questão a ser resolvida pelo Congresso Internacional de Bibliografia e Documentação. É provável porém que seja módica a contribuição a exemplo do que acontece com a União Internacional de Berna para a proteção da propriedade intelectual.[1]

É nítido que Peregrino da Silva já planejava as ações a serem realizadas em conjunto entre a BN e o Instituto Internacional de Bibliografia, como a compra de fichas do RBU. Parte de um projeto de acesso à informação e de cooperação internacional, o Serviço de Bibliografia e Documentação parece também ter recebido atenção especial de Peregrino da Silva, uma vez que, antes mesmo de sua implementação, pelo Regulamento de 1911, o serviço já dispunha de mobiliário adequado para o recebimento das fichas no padrão de 7,5 cm × 12,5 cm, bem como espaço para consulta.

Com tal finalidade, em março de 1911, enfim, abriram-se as negociações entre a BN e o IIB, para que a biblioteca pudesse comprar junto ao instituto as fichas do Repertório Bibliográfico Universal. Essa ação era uma das maneiras encontradas por Otlet e La Fontaine (1895) para custear o projeto do IIB e difundir o RBU ao redor do globo. Peregrino da Silva escreve então ao secretário do instituto, Louis Masure:

> Durante minha estadia em Bruxelas [em 1907], tive o prazer de lhes fazer uma visita a fim de obter informações sobre as fichas do Repertório Bibliográfico Universal que eu desejo adquirir para esta Biblioteca.
>
> Eu preciso, agora, de uma coleção destas fichas, sendo as mais completas possíveis e ordenadas alfabeticamente, gostaria que me dissesse o preço pelo qual podemos obtê-las e o tempo necessário para recebê-las.
>
> Aguardando sua resposta, por favor, senhor secretário, aceite os meus protestos da mais elevada consideração.[2]

Masure responde em 9 de maio de 1911:

> Para responder à questão específica que vós me pedistes, tenho a honra de informá-lo que posso lhe fornecer uma cópia das fichas do Repertório Bibliográfico ao valor de 25 francos por cada 1 000 fichas classificadas de acordo com o nome do autor, fontes, etc.
>
> Por favor, permita-me fazer uma observação: Eu acho que seria muito benéfico para a sua biblioteca possuir, ao mesmo tempo, um repertório alfabético e um repertório metódico, assim a Biblioteca do Rio de Janeiro irá disponibilizar aos seus visitantes uma variedade maior de informações.
>
> Quanto à questão do tempo necessário para este trabalho, ele estaria sujeito ao envio, pelo governo brasileiro, de metade do montante a ser pago com vistas a termos maior velocidade.[3]

Percebe-se que o desejo de dispor das fichas do RBU no espaço da biblioteca já tinha um preço: 25 francos a cada mil fichas. Restava então a autorização do governo para que tal quantia fosse empregada na compra. Peregrino escreve ao ministro Rivadávia Correia em 10 de junho de 1911:

> Tenho a honra de solicitar que vos digneis de me conceder autorização para encomendar ao Instituto Internacional de Bibliografia de Bruxelas uma coleção de fichas do repertório bibliográfico universal que vai sendo organizado pelo mesmo

---

[1] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. A Bibliotheca Nacional em 1909. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v. 32, p. 746-774, 1910. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_032_1910.pdf. Acesso em: 10 fev. 2013.

[2] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. Carta ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 21 mar. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

[3] Masure, Louis. Carta ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 9 maio 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 68,2,006).

instituto.

Não é preciso encarecer a importância do repertório nem a necessidade de que exista no Brasil e neste estabelecimento um exemplar dessa coleção de fichas. Seriam aliás necessárias duas coleções, uma disposta em ordem sistemática e outra em ordem alfabética. Poderá porém ser encomendada por ora a coleção sistemática ou uma grande parte dela para depois ir sendo completada e pouco a pouco acrescida da coleção alfabética.

Entre os móveis americanos, cuja aquisição foi autorizada por esse ministério e efetuada antes de ser inaugurado o edifício da biblioteca, estão dois armários, cada um com 120 gavetas, destinados às fichas do repertório, para o qual foi reservada uma das salas do 2º andar.

Tendo-me dirigido por carta ao secretário daquele instituto a fim de saber em que condições podia ser fornecida uma coleção das fichas do repertório, acabo de ser por ele informado de que o preço será de 25 francos por mil fichas, sendo porém necessário que o governo brasileiro lhe adiante a metade da quantia em que importar a encomenda.

Penso que poderão ser encomendadas 600 mil fichas do repertório sistemático, elevando-se assim a 15 mil francos o preço total e a 7 500 francos a quantia que, no caso de ser concedida a autorização, peço seja adiantada ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia, em Bruxelas, por intermédio da delegacia do Tesouro Brasileiro em Londres e por conta da subconsignação 'Permutações e documentação. Investigações, etc.' da rubrica nº [84] do orçamento desse ministerio.

Na 'documentação', no sentido que lhe atribui aquele instituto, está compreendido repertório bibliográfico, conforme tive occasião de expor em ofício nº 73 de 19 de abril de 1909.[1]

Nesta carta, percebe-se o quanto Peregrino da Silva considerava importante a aquisição das fichas: sua fala não deixa dúvidas de que a compra é de suma importância para o desenvolvimento da biblioteca como instituição e como disseminadora da informação. Parece-me, inclusive, que a comunicação ao ministro é uma mera formalidade, e que a decisão já estava tomada: seriam encomendadas 600 mil fichas do Repertório Bibliográfico Universal junto ao Instituto Internacional de Bibliografia. Tal quantidade de fichas, conforme Rayward comentou, foi a maior encomenda recebida pelo IIB e jamais equiparada ao longo de sua história.

Em 4 de julho de 1911, Peregrino da Silva volta a escrever:

Acusando o recebimento de vossa carta de 9 de maio, tenho o prazer de anunciar que fui autorizado pelo ministro de Negócios Interiores a encomendar 600 mil fichas de vosso repertório metódico, no valor de 15 mil francos, dos quais metade (7 500 francos) lhe pagarei por meio da sucursal do Tesouro Brasileiro em Londres. A ordem de pagamento será emitida e eu vos avisarei.

Por não saber o número exato que vós podereis me fornecer, eu fixei o máximo de 600 mil no ano corrente. Eu preciso de uma coleção completa de fichas do repertório metódico, e outra do repertório alfabético que será encomendado depois.

É indispensável que, ao menos, metade da quantidade encomendada seja enviada a tempo.[2]

Dias após o envio desta carta, o novo regulamento da Biblioteca Nacional finalmente foi publicado, estabelecendo que o Serviço de Bibliografia e Documentação cooperaria com o IIB, organizando o repertório bibliográfico brasileiro, que compreenderia as "obras de autores nacionais ou estrangeiros, impressas ou editadas no país, as de autores nacionais, im-

[1] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. Ofício ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Correia. Rio de Janeiro, 10 jun. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

[2] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. Carta ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 04 jul. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

pressas no estrangeiro ou inéditas e as de autores estrangeiras que se ocuparem especialmente do Brasil, incluídos os artigos insertos em publicações periódicas e os escritos de qualquer natureza", e, ademais, organizaria o "catálogo coletivo das bibliotecas brasileiras".[1]

Tendo como metas as propostas do Instituto Internacional de Bibliografia, o Serviço de Bibliografia e Documentação surgiu para finalmente legitimar o contato profícuo que vinha se construindo entre as duas instituições. Ele ratificou a participação brasileira no ideal internacionalista de Otlet e La Fontaine, bem como colaborou com a construção de uma rede de informações no Brasil, principalmente por meio de catálogos coletivos e das fichas do RBU.

Encomendadas as fichas, Peregrino da Silva envia nova carta ao IIB em 12 de agosto de 1911, informando que a ordem de pagamento da primeira metade do valor já tinha sido emitida pelo Tesouro Brasileiro. Em carta do dia 19 de setembro de 1911, confirmando o recebimento do valor enviado ao instituto, Louis Masure dizia que enviaria as fichas classificadas segundo o repertório metódico (CDU).

Na carta seguinte, Peregrino da Silva comentou a criação do Serviço de Bibliografia e Documentação:

> Acredito que você não tenha tempo para me entregar este ano as outras 300 mil fichas que completariam a primeira encomenda, mas não importa, porque vou tentar renovar para o próximo ano, já que o pagamento se encontra autorizado e posso fazê-lo assim que for necessário. Envie-me as primeiras fichas (300 mil) assim que estiverem prontas, este ano ou no próximo.
>
> Você recebe uma cópia do nosso regulamento em vigor desde 11 de julho, com o Serviço de Bibliografia implementado. Nós não criamos um serviço independente, porque o governo não o tinha autorizado legalmente na reorganização da biblioteca. De resto, penso que será melhor começar modestamente.[2]

É importante ressaltar, nesta carta, que Peregrino da Silva deixava clara a intenção de a biblioteca comprar mais fichas, já que a BN dispunha de verba reservada a esse fim, evidenciando a vontade do dirigente de tornar a instituição brasileira um centro de informações da estirpe do Mundaneum, aquilo que o IIB se tornaria mais tarde, obviamente, resguardadas as devidas proporções, contextualizando-se a situação brasileira.

Peregrino ainda declarava que a parte do regulamento da biblioteca referente à bibliografia e documentação estava em consonância com o que ele conheceu, por ocasião da sua visita ao instituto.

Masure respondeu, em 29 de dezembro de 1911, que havia convidado o embaixador do Brasil em Bruxelas, Oliveira Lima, para receber a primeira remessa de fichas do RBU ao Brasil, que totalizava 192 caixas, com um total de 230 mil fichas. O secretário explicava que as caixas seriam enviadas pelo serviço de intercâmbio internacional, e que tinha recebido o regulamento da biblioteca citado na carta anterior, expondo que esse seria um dos temas do próximo número do *Bulletin de l'Institut International de Bibliographie* e que novos carregamentos seriam enviados.

Após alguns meses de silêncio, em 11 de junho de 1912, Peregrino da Silva voltou a escrever ao secretário do instituto sobre o recebimento das

---

1 Decreto nº 8.835, de 11 de Julho de 1911. Approva o regulamento da Bibliotheca Nacional. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8835-11-julho-1911-502890-republicacao-102224-pe.html

2 Silva, Manuel Cícero Peregrino da. Carta ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 28 nov. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

fichas, em boas condições, e de que esperava que as que faltavam fossem entregues até dezembro daquele ano.[1] A resposta de Masure chegou um mês depois, informando que uma nova remessa estava para ser enviada.[2]

A última carta da BN a que tive acesso foi enviada por Peregrino da Silva em 29 de julho de 1912, e reiterava os termos da carta anterior.[3] Masure responde a Peregrino da Silva em 2 de setembro para confirmar a remessa, em 19 de agosto, de 71 caixas, com 1 400 fichas cada. Também avisava que logo enviaria o inventário do que fora remetido à biblioteca.[4]

Pelos meus cálculos, quase 330 mil fichas chegaram à Biblioteca Nacional, ou seja, 55% do montante encomendado em 1911.

De fato, percebemos uma grande influência dos ideais documentalistas de Otlet e La Fontaine na Biblioteca Nacional, para além da construção de seu Serviço de Bibliografia e Documentação, conforme Otlet (1934) professa, a instituição adere a movimentos internacionais, como a União de Berna que resguarda os direitos do autor, coloca-se como ponto de paragem com a fixação do seu papel como estação intermediária do contato entre estabelecimentos brasileiros e estrangeiros, cujo maior expoente é o Serviço de Intercâmbio Internacional. Seguindo a premissa internacionalista, edita uma nova lei de depósito legal, em 1907, que também contribui para o enriquecimento de seu acervo.

Como um centro de informações, a biblioteca cria um serviço para auxiliar as pessoas a acharem o que desejam, mesmo que estivesse em outros lugares. Reorganiza os acervos, de modo a melhor acomodá-los e a tratá-los conforme os preceitos da documentação. Estimula a criação de bibliografias, por meio da proposta de concursos bibliográficos, da determinação contida na lei de depósito legal e das atribuições do Serviço de Bibliografia e Documentação.

É inegável que as ideias e os ideais difundidos por Otlet, La Fontaine e o IIB tiveram forte influência na Biblioteca Nacional, fato esse que pode ser explicado pela tendência de Peregrino da Silva de se inspirar/espelhar no moderno, bem como o fato de que o momento vivido pela instituição favorecia o florescimento e a adoção de novos pensamentos.

Transformando em metas as propostas do IIB, diferentes serviços são implantados na BN, os quais irão legitimar o contato que vinha sendo estabelecido entre as duas instituições. Isso ratifica, também, a participação brasileira no ideal internacionalista de Otlet e La Fontaine, bem como, seu maior expoente, o Serviço de Bibliografia e Documentação, colabora com a construção de uma rede de informações no Brasil, principalmente por meio da ideia de criação de catálogos coletivos e das fichas do RBU.

Peregrino da Silva reflete, em anotações manuscritas encontradas em seu arquivo, sobre vários aspectos do projeto otletiano e sua intenção de criar uma rede universal de informações. Seria pertinente ler essa síntese das ideias de Otlet como esboço de uma proposta que Peregrino da Silva teria para a Biblioteca Nacional a longo prazo?[5]

---

[1] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. Carta ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 11 jun. 1912. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,011).

[2] Masure, Louis. Carta ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 10 jul. 1912. (Biblioteca Nacional, Mss 68,2,007-008).

[3] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. Carta secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 29 jul. 1912. (Biblioteca Nacional, Mss, 69,4,011).

[4] Masure, Louis. Carta ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 2 set. 1912. (Mundaneum, Dossiê 504).

[5] Juvêncio, Carlos Henrique. *Manoel Cícero Peregrino da Silva, a Biblioteca Nacional e as origens da documentação no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília,

Cercado de um arcabouço teórico e legislativo que lhe permitiu realizar mudanças que, a seu ver, eram necessárias para a biblioteca, Peregrino pôs em prática uma revolução no modo como a BN era vista e concebida por seus contemporâneos, graças, também, ao 'palácio' que, segundo o então diretor, a instituição passou a ocupar.

Assim, Peregrino da Silva insere a BN num dos maiores projetos de organização e difusão da informação de que temos notícia. As reformas que ele comandou poderiam inscrever a Nacional no rol das instituições mais modernas à época e com destaque no cenário nacional e internacional.

O grande fruto do contato entre a BN e o IIB foi a edição do *Boletim bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Organizado por Cícero de Brito Galvão, foi editado entre os anos de 1918 e 1921, contando com 14 volumes produzidos conforme as normas do IIB com as informações impressas no reto da folha, com espaço para que os registros fossem recortados e colados em fichas-padrão de 7,5 cm × 12,5 cm. Assim, o "*Boletim Bibliographico*, finalmente vem à luz pública sem originalidade de maior, porquanto para ele se adotou o melhor modelo conhecido que é o do Institut Internationale de Bruxelas".[1]

Com a edição desse boletim bibliográfico, os esforços de cooperação e intercâmbio entre a Biblioteca Nacional brasileira e o IIB ficam mais evidentes. Não sendo a produção do boletim uma iniciativa pioneira, pois gestões anteriores da instituição já haviam publicado bibliografias nacionais, a novidade estava em sua consonância com os ideais do IIB.

A construção do repertório bibliográfico brasileiro, ou seja, da bibliografia nacional, foi um dos objetivos propostos para a criação do Serviço de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Nacional. Além disso, havia o compromisso legal com a construção de uma fonte de informação nesses moldes, tendo em vista que o decreto nº 1 825, de 20 de dezembro de 1907, sobre depósito legal, determina no artigo 5º que a biblioteca "publicará regularmente um boletim bibliográfico que terá, por fim principal registrar as aquisições efetuadas em virtude desta lei".[2]

Sobre a menção que Boyd Rayward fez quanto à ida de alguém da BN a Bruxelas para estudar as técnicas empregadas pelo IIB, e que isso não aconteceu devido ao início da Primeira Guerra Mundial, encontrei elementos que indicam uma situação diferente. De fato, em 1913, Peregrino da Silva articulou com o ministério da Justiça e Negócios Interiores o envio de um funcionário da BN ao IIB, com o objetivo de aprender sobre a construção do Repertório Bibliográfico Universal.

Cícero de Brito Galvão era o funcionário encarregado das fichas do Repertório Bibliográfico Universal e foi ele o nome pensado por Peregrino da Silva para ir a Bruxelas. Assim ele expôs a proposta ao ministro da Justiça e Negócios Interiores em 17 de julho de 1913:

> Sendo conveniente que o oficial Cícero de Brito Galvão, encarregado de pôr em ordem as fichas do repertório bibliográfico universal que têm sido fornecidas pelo Instituto Internacional de Bibliografia de Bruxelas, estude a organização do mesmo repertório e se familiarize com o sistema de classificação decimal nele adotado, de modo a poder organizar o repertório brasileiro, tenho a honra de sub-

---

2016, v. 2, p. 243-247. Disoponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/22530.

[1] Magalhães, Basílio de. Prefácio. *Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, ano 1, n. 1, jan./mar. 1918.

[2] Decreto nº 1 825, de 20 de Dezembro de 1907. Dispõe sobre a remessa de obras impressas à Biblioteca Nacional. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1825-20-dezembro-1907-509239-norma-pe.html

meter à vossa aprovação a designação que fiz do mesmo oficial para proceder àqueles estudos no referido instituto de Bruxelas.

A comissão que será confiada ao oficial Cícero de Brito Galvão poderá ser desempenhada nos meses de agosto a dezembro mediante a gratificação de quinhentos mil-réis mensais e um conto de réis para passagens, sem prejuízo dos seus vencimentos, despesa que correrá pela subconsignação 'Investigações e estudos em bibliotecas, etc.' da consignação 'material' do n. 27 do orçamento deste ministério.

Por conta dessa gratificação extraordinária e para ocorrer às primeiras despesas que o desempenho da comissão irá acarretar, solicito que vos digneis de ordenar seja paga ao referido oficial a quantia de dois contos e quinhentos mil-réis.[1]

Ao que o ministro respondeu:

Em referência ao ofício nº 145, de 17 de julho corrente, declaro-vos que [...] foram solicitadas ao ministério da Fazenda as necessárias providências a fim de que seja paga ao oficial dessa biblioteca Cícero de Brito Galvão, comissionado para estudar no Instituto Internacional de Bruxelas a organização do repertório bibliográfico universal, a gratificação mensal de 500$000, além da quantia de 1:000$000 para as passagens, sem prejuízo de seus vencimentos, correndo a despesa por conta da subconsignação 'Investigações, e estudos, etc.', da consignação 'Material' do nº 27 do vigente orçamento do ministério a meu cargo.

Para as primeiras despesas resultantes dessa comissão, que deve ser desempenhada nos meses de agosto a dezembro vindouros, será paga àquele funcionário a quantia de 2:500$000, por conta da referida gratificação.[2]

Tendo a autorização de seu superior, Peregrino da Silva ainda pediu ao ministro que intercedesse junto ao Ministério das Relações Exteriores para que Cícero de Brito Galvão fosse recomendado à embaixada brasileira em Bruxelas, a fim de "mais facilmente poder desempenhar-se da comissão que lhe foi confiada".[3] Rivadávia Correia atendeu à solicitação de Peregrino da Silva e encaminhou o pedido ao ministro de Relações Exteriores.[4]

Resolvidas as questões burocráticas, em 4 de agosto de 1913, Peregrino da Silva escreveu ao secretário do IIB, Louis Masure:

Tenho o prazer de anunciar que acabei de encarregar o sr. Brito Galvão, funcionário desta biblioteca, para ir a Bruxelas para estudar no Instituto Internacional de Bibliografia a organização do repertório bibliográfico universal.

Ao funcionário, peço, por gentileza, que o acolha bem, ele deve permanecer em Bruxelas até o fim de novembro ou primeiros dias de dezembro, desta forma tendo tempo suficiente para compreender o mecanismo do repertório.[5]

Cícero de Brito Galvão embarcou para a Europa em 6 de agosto de 1913, para estudar no IIB. No dia 31 de dezembro ainda permanecia por lá, como informa o relatório de 1913 do diretor da Biblioteca Nacional.[6] A viagem é também confirmada no relatório de 1918.[7]

---

[1] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. Ofício ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Correia. Rio de Janeiro, 17 jul. 1913. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,012).

[2] Correia, Rivadávia. Ofício a Manuel Cícero Peregrino da Silva. Rio de Janeiro, 25 jul. 1913. (Biblioteca Nacional, Mss 68,3,001-002).

[3] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. Ofício ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Correia. Rio de Janeiro, 30 jul. 1913. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,012).

[4] Correia, Rivadávia. Ofício ao ministro das Relações Exteriores. Rio de Janeiro, 9 ago. 1913. (Arquivo Histórico do Itamaraty, 301,4,11).

[5] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. Carta a Louis Masure, secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 4 ago. 1913. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,012).

[6] Silva, Manuel Cícero Peregrino da. A Bibliotheca Nacional em 1913. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v. 36, p. 687, 1914. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_036_1914.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

[7] Magalhães, Basílio de. A Bibliotheca em 1918. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v. 41-

Com um hiato de alguns anos — há um verdadeiro silêncio dos arquivos; a falta de fontes me impediu de traçar a trajetória do oficial da biblioteca que fora a Bruxelas —, em 1918 foi lançada, de acordo com os padrões estipulados pelo IIB, a bibliografia brasileira, com o nome de *Boletim bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*.

O *Boletim Bibliographico* teve sua publicação encerrada em 1921, depois da morte de Cícero de Brito Galvão, ocorrida em 1920 (SOUZA, 1921-1922)[1] e, ao que me parece, a inexistência de um pupilo para dar continuidade ao trabalho por ele iniciado.

A descontinuidade de projetos é uma característica de muitos setores da administração pública, sujeita a ações personalistas e a um processo de constante desconstrução, remodelação ou interrupção de atividades. O Serviço de Bibliografia e Documentação, interrompido logo após a gestão de Peregrino da Silva, não fugiu à regra.

'Refundado' quarenta anos depois, com o nome de Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, o IBBD surgiu sob o estímulo da UNESCO, visando a fomentar a organização das informações, sobretudo científicas, por meio de institutos de informação, outrora chamados de '*offices bibliographiques*', cuja instalação Otlet já promovia e incentivava desde o final da década de 1890.

E, sobre Manuel Cícero Peregrino da Silva, que se lembrem estas palavras de Lídia de Queirós Sambaquy, ao destacar que ele, "além de político, administrador, educador e historiador, [...] foi sobretudo emérito bibliotecário e bibliógrafo. Foi ele, sem dúvida, pioneiro da biblioteconomia moderna no Brasil, quando de sua fecunda administração na direção geral da Biblioteca Nacional."[2]

42, p. 292-293, 1919-1920. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_041-042_1919_20.pdf.

[1] Sousa, Aurélio Lopes de. A Bibliotheca Nacional em 1921. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v. 43-44, p. 226-246, 1921-1922. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_043-044_1921-1922.pdf. Acesso em: 10 fev. 2013.

2 Sambaquy, Lídia de Queirós. Manuel Cícero Peregrino da Silva. *Boletim Informativo do IBBD*, v. 2, n. 5, p. 235-239, set./out. 1956.

TRAITÉ
DE
DOCUMENTATION

LE LIVRE SUR LE LIVRE

THÉORIE ET PRATIQUE

PAR

PAUL OTLET

Les Livres et les Documents. — La Lecture, la Consultation et la Documentation. — Rédaction, Multiplication, Description, Classement, Conservation, Utilisation des documents. — Edition et Librairie; Bibliographie, Bibliothèque, Encyclopédie, Archives, Muséographie documentaire, Documentation administrative. — Organismes, organisation, coopération. — Office et Institut International de Bibliographie et de Documentation. — Réseau Universel d'Information et de Documentation.

[002 (02)]

EDITIONES MUNDANEUM
PALAIS MONDIAL
BRUXELLES
1934

Qui scite ubi scientia
*habenti est proximus.**

* Provérbio latino. Encontram-se formas variantes. "Quem sabe onde está o conhecimento, está bem perto de possuí-lo." [N.E.B.]

Apresentação

Ô le travail des ans. Ô le travail des heures.
Ce qui ne fut d'abord que songe et que rumeur
Dans telle âme profonde
Devint bientôt le bruit et la clameur
Du monde.

É. VERHAEREN *

* Ó, o trabalho dos anos. Ó, o trabalho das horas. / O que no começo não passou de sonho e rumor / Em tal alma profunda / Torna-se logo o ruído e o clamor / Do mundo." Émile Verhaeren (1855–1916). Poeta belga. [N.E.B.]

Esta obra destina-se a apresentar uma exposição geral das noções relativas ao livro e ao documento, e ao emprego lógico dos elementos que constituem a documentação.

Nossa época, entre todas as demais, caracteriza-se pelas tendências gerais de: organização e racionalização de métodos e processos, emprego de máquinas, cooperação, internacionalização, significativo desenvolvimento das ciências e das técnicas, preocupação em aplicar as informações ao progresso das sociedades, extensão da educação a todos os níveis, aspiração e vontade latente de dotar todas as sociedades de maiores alicerces intelectuais e de orientá-las de modo planejado.

É nesse meio que devem evoluir em nossos dias os livros e os documentos. Expressões escritas das ideias, instrumento de sua fixação, de sua conservação e de sua circulação, são os intermediários obrigatórios de todas as relações entre os homens. Sua quantidade enorme, acumulada no passado, cresce a cada dia, a cada hora, unidades novas em números desconcertantes, às vezes perturbadores. Deles, assim como da língua, pode-se dizer que podem ser a pior e a melhor das coisas. Deles, assim como da água caída do céu, pode-se dizer que podem provocar a inundação e o dilúvio ou se espalhar em irrigação benéfica.

Impõe-se uma racionalização do livro e do documento, partindo de uma unidade inicial, estendendo-se a grupos de unidades cada vez mais extensos, até, finalmente, abarcar todas elas, existentes ou futuras, em uma organização que tenha por objetivo, basicamente, a entidade documentária individual que forma para cada pessoa a soma de seus livros e de seus documentos; a entidade documentária coletiva das instituições, das administrações e das empresas; a entidade dos órgãos especialmente consagrados ao livro e ao documento, ao conjunto ou a qualquer uma de suas funções: escritório, instituto, editoras de publicações, bibliotecas, centros de documentação.

Disso a presente obra oferece um escorço geral, apresentado segundo um método coordenado.

Não faltam textos que explicam como fazer, a partir de simples anotações, as laudas de um manuscrito; a partir de um grande amontoado de livros, uma biblioteca bem organizada; de um monte de cartas ou de registros de contabilidade, arquivos bem ordenados; de um conjunto de textos variados, uma codificação coerente. Mas esse grande número de publicações, excelentes quanto à sua finalidade, focalizou apenas um aspecto das coisas do livro e, por conseguinte, dava a impressão de que haveria domínios específicos, distintos e separados por compartimentos estanques, e que seria preciso, ao abordar cada um deles, iniciar-se em noções completamente novas, familiarizar-se com práticas sem conexão com as que já houvessem sido adquiridas.

Este tratado visa, principalmente, a esclarecer fatos, princípios, regras gerais e a mostrar como se pode alcançar a sistematização e a coerência.

O Instituto Internacional de Bibliografia, a repartição internacional que lhe está associada, os institutos que cooperam no Palais Mondial — o Mundaneum —, esforçam-se, desde sua fundação em 1893, 1895 e 1920, por estudar, definir e tornar realidade viva e tangível essa sistematização, essa coerência. Os congressos internacionais desses e outros organismos já estabeleceram um importante conjunto de elementos reguladores.

Foram esses elementos que, nesta obra, serviram de inspiração direta, e é ao seu desenvolvimento que ela se aplica, de forma livre e descomprometida com qualquer instituição. O objetivo é preparar novos entendimentos, novas normas e novas obras a serem estabelecidos e sancionados de comum acordo.

No que tange a objetivos particulares, por outro lado, fez-se um esforço para apresentar com clareza as noções gerais que a análise e a síntese atualmente permitem revelar. Noções que foram também demonstradas em casos especiais, tratando de expor quais meios a teoria e a prática hoje oferecem aos organismos documentários de qualquer espécie para levar a cabo suas operações. Como não se trata de uma normalização nem de uma mecanização completas do trabalho, deixou-se a cada organizador de seu próprio trabalho, ou do de outrem, a tarefa de fixar finalmente seus próprios princípios, diretrizes e regras. Compete a cada um compor, para seu uso, ou de seus serviços, um 'manual de documentação', conservando, adotando e aplicando aqueles elementos de organização gerais que haja podido selecionar na presente obra. Pois esta, embora contenha numerosas fórmulas, na realidade nada tem de receituário.

0

Fundamentos

Para tornar acessível a quantidade de informações e artigos publicados todo dia na imprensa diária e nas revistas, para conservar os folhetos, anais, prospectos e documentos oficiais, para recuperar as matérias dispersas nos livros e para formar um todo homogêneo com essas massas incoerentes, são necessários processos novos, muito diferentes daqueles da antiga biblioteconomia, do modo como têm sido aplicados.

Tendo em vista os novos fins propostos:

1° Foram estabelecidos os *objetivos da documentação*; 2° as diversas *partes da documentação* foram identificadas, completadas e relacionadas entre si; 3° um *método documentário geral* foi elaborado e aplicado a todas essas partes; 4° o mesmo se fez quanto às diversas *atividades da documentação*; 5° os *organismos documentários* foram definidos como as entidades que agrupam, elaboram e administram todos os elementos assim tratados; 6° a relação entre todos os organismos foi proposta e desenvolvida, a fim de constituir, sobre bases racionais e eficientes, a *organização internacional* do livro e da bibliografia, e constituir, por meio da cooperação, uma *rede universal de documentação*; 7° buscou-se a constituição de uma ciência e uma técnica gerais do livro e do documento.

Eis o desenvolvimento dessas ideias.

I. Objetivos da documentação

Os objetivos da documentação organizada consistem em poder oferecer sobre qualquer espécie de fato e de conhecimento informações documentadas: 1° universais quanto ao seu objeto; 2° corretas e verdadeiras; 3° completas; 4° rápidas; 5° atualizadas; 6° fáceis de obter; 7° reunidas antecipadamente e preparadas para serem comunicadas; 8° colocadas à disposição do maior número possível.

II. Partes da documentação

A documentação compreende, em princípio, as sete partes seguintes que se mesclam e se combinam:

A. **Os documentos propriamente ditos**. Cada um deles é constituído por um conjunto de fatos ou ideias apresentados em formato de texto ou imagem e ordenados segundo uma classificação ou um plano determinado pelo objeto ou o propósito a que se propõem seus redatores.

B. **A biblioteca**. É a coleção dos próprios documentos, cada um conservado em sua integridade individual (livros e publicações diversas de todas as espécies). A coleção é arranjada em receptáculos adequados e facilmente acessíveis (estantes, livros, armazéns); é classificada e catalogada.

C. **A bibliografia**. É a descrição e classificação dos documentos (livros, periódicos e artigos de revistas, etc.), distinguindo-se entre a bibliografia de referências e a bibliografia analítica. 1° Utilização direta das bibliografias especializadas existentes. 2° Análise [*dépouillement**], do ponto de vista dos repertórios a serem formados, das bibliografias gerais, e aná-

* O vocábulo *dépouillement*, empregado por Otlet, é definido pela Association des Professionnels de l'Information et de la Documentation (ADBS), da França, como (1) no caso de um documento composto de várias unidades documentárias o tratamento de cada uma dessas unidades na descrição bibliográfica, e (2) a seleção das partes que serão descritas e analisadas; recuperação e seleção de informações contidas em um documento em função de critérios predeterminados. Nesta tradução o termo foi traduzido como *análise*. [N.E.B.]

lise das recensões de obras publicadas em revistas. 3º Resumo sistemático dos artigos publicados nas revistas da especialidade e nos artigos sobre essa especialidade que aparecem em revistas gerais. 4º Análise interna das publicações (livros, relatórios, artigos, recensões, etc.), catalografia, indexação dos diferentes elementos contidos nas publicações colocando-se na perspectiva das questões que fazem parte do objeto do respectivo órgão de documentação.

D. **Arquivo documentário** (pastas, materiais da documentação). O arquivo, com suas pastas, inclui as peças originais e documentos menores na íntegra ou em partes. São colocados em pastas. A formação dessas pastas implica o recorte [*découpage*] das publicações, a fim de redistribuir os elementos segundo uma ordem diferente e formar conjuntos que reúnam tudo que trate das mesmas questões. As pastas incluem extratos ou partes de livros, de periódicos, de jornais, notas manuscritas datilografadas ou mimeografadas. Dessa forma, apresentam duas grandes vantagens: 1º essas pastas agrupam as peças, reduzindo ao mínimo o esforço de consulta. 2º Permitem, por assim dizer, uma maneira automática de apreender as coisas de modo mais objetivo e em sua totalidade, cada documento cobrindo um ponto de vista, a realidade total sendo abrangida pelo conjunto desses pontos de vista. 3º Essas pastas permitem a possibilidade de crítica imediata. Quem as consulta não tem de se sujeitar a influências tendenciosas, mas se liberta de 'preconceitos' pela própria diversidade das fontes reunidas e das críticas apresentadas em todos os sentidos.

E. **O arquivo administrativo.** Compreende todos os ofícios, cartas, relatórios, estatísticas e contas relativos a uma instituição. Resultam na formação de: 1º pastas dedicadas a uma pessoa ou entidade, a um assunto ou questão; 2º repertórios ou fichários que reúnem, conforme os quadros unificados, os dados analíticos da administração (repertório administrativo geral); 3º quadros com texto, colunas, esquemas e imagens, condensando esses mesmos dados de uma forma sintética.

F. **O arquivo histórico**. Formado por documentos antigos, comumente manuscritos e originais, relativos à administração de tempos passados e que compreendem principalmente os documentos oficiais dos organismos públicos e os documentos privados de famílias e de estabelecimentos comerciais.

G. **Outros documentos, exceto os bibliográficos e gráficos**. A música, as inscrições lapidares, os processos relativamente recentes pelos quais se grava e se transmite a imagem da realidade em movimento (cinema, filme, filmoteca) e o pensamento falado (fonógrafo, disco, discoteca).

H. **As coleções museográficas**. Amostras, espécimes, modelos, peças diversas, tudo que é útil para a documentação, mas que se apresenta como objetos tridimensionais. É a documentação objetiva, tratada como a da biblioteca e dos arquivos quanto à coleção, ao catálogo e à ordenação.

I. **A enciclopédia**. Compreende o trabalho de codificação e coordenação dos próprios dados. Resulta de extratos e transcrições de acordo com um plano de sistematização única. É o que se poderia chamar de livro universal em oposição aos livros específicos.

Seriam os próprios dados muito diferentes dos documentos em que são relatados? Trata-se de organizar sistematicamente conjuntos desses fatos e dados. Para cada um da ordem respectiva é feito um registro sistemático, padronizado, que informe: a) os elementos a serem levantados para cada categoria de fatos; b) o modo segundo o qual serão dispostos no

registro (regras documentárias).

Para a confecção desses registros contribuem todas as fontes coletadas: os documentos da biblioteca, as pastas são analisadas e se utilizam também os dados documentários recolhidos por meio de inquéritos. Deve-se ter a cautela de indicar em cada registro a fonte dos dados.

A enciclopédia é formada por 1° repertórios de fatos em fichas. Esses repertórios se reportam a questões, coisas, objetos, produtos, países, à história, às pessoas e instituições. São dispostos segundo as diversas ordens fundamentais de classificação: sistemática (assunto), histórica (data), geográfica (lugar); 2° em pastas ou classificadores onde cada folha móvel seja utilizada para a representação de um dado disposto segundo a forma bibliológica mais adequada (esquema, ilustração) no original ou resultante da análise sistemática do conteúdo das publicações do IIB.

III. Operações

O documento é o objeto de um ciclo de operações, que permitem a mais completa divisão do trabalho e a mais ampla utilização de seus resultados. Um documento é feito, inicialmente, num original ou protótipo. Em seguida, é multiplicado, e depois distribuído àqueles a quem se destina. Posteriormente, são formadas coleções ou conjuntos onde ele nada perderá de sua individualidade. Além disso, torna-se objeto de um trabalho complementar, que tende a julgá-lo e avaliá-lo, e a incorporar aos dados do conhecimento os dados específicos que contiver; finalmente é utilizado. A etapa posterior, eventual, mas não obrigatória, consiste na destruição do documento, cercada de medidas de precaução.

IV. Métodos

Compreendem: 1° coleta sistemática dos documentos; 2° classificação que ofereça um esquema comum a todas as divisões da instituição e sob cujos números apareça qualquer assunto suscetível de interessá-la; 3° sistema de redação de monografias e sistema de fichas e folhas para ordenação vertical; 4° sistema de pastas colocadas em classificadores verticais, formando conjuntos organizados; 5° confecção de fichas catalográficas, desdobradas e bem detalhadas, de modo a mencionar os documentos nas diversas séries fundamentais da classificação às quais se referem; 6° equipamento mecânico e processos químicos para proteger, confeccionar, reproduzir, multiplicar, selecionar, ordenar e transportar os documentos.

V. Organismos documentários

Os organismos da documentação são: a) bibliotecas públicas gerais; b) bibliotecas especializadas; c) centros ou serviços de documentação, tanto independentes quanto subordinados a instituições científicas, repartições públicas, estabelecimentos de finalidade social; d) centros ou serviços de informação e documentação de empresas industriais, comerciais ou financeiras; e) bibliotecas particulares, estúdios, gabinetes de trabalho dos trabalhadores intelectuais onde se encontrem, organizadas, coleções de livros, documentos e repertórios, tendo em vista o estudo e a elaboração de trabalhos intelectuais.

VI. Organização universal

A partir do levantamento dos fatos e seu exame geral pode-se extrair o seguinte esboço de uma organização universal:

1° A organização abrangerá todo o campo das áreas do saber e da prática, bem como o conjunto das formas e funções da documentação.

2° A organização implica o estabelecimento de princípios de cooperação, coordenação, concentração e especialização do trabalho, repartição das tarefas entre organismos existentes ou criação de órgãos novos com a finalidade de manter os encargos antigos. A organização se efetuará por concentração vertical, horizontal e longitudinal.

3° Os órgãos de documentação serão multiplicados de maneira a responder às necessidades permanentes. Serão especializados e cobrirão a parte do domínio geral que vier a ser determinada de comum acordo com cada um.

4° A repartição será feita segundo as três bases combinadas a) da matéria (repartição vertical) (assunto ou ciência); b) do lugar (repartição horizontal); c) da espécie de função ou operação documentária (repartição longitudinal). [Publicação, biblioteca, bibliografia, arquivos, enciclopédia ou museografia; locais, regionais, nacionais ou internacionais; gerais ou especializados]*; a solução completa do problema mundial comporta: cem matérias, sessenta países, seis formas de documentação, nas duas modalidades, produção ou utilização, seja um bloco ou rede de 72 mil alvéolos. No centro, na sede da organização mundial, estarão reunidas as coleções gerais, bem como os serviços centrais de permuta e de empréstimo, colocados sob um regime de propriedade comum e de gestão cooperativa.

* Os colchetes estão no original. [N.E.B.]

5° A fim de racionalizar suas atividades e torná-las mais eficientes, será efetuada progressivamente uma reordenação dos organismos documentários ou de suas atividades, por meio de fusão, separação, concentração ou descentralização.

6° A rede geral será constituída de forma orgânica e hierárquica, de tal modo que em cada matéria os órgãos locais estejam ligados aos regionais, estes aos nacionais, estes últimos aos internacionais e estes à organização mundial.

7° A organização nacional será confiada a órgãos nacionais que agrupem as atividades oficiais ou particulares (bibliotecas, centros e serviços existentes).

A organização internacional será confiada a órgãos internacionais sob a autoridade e com a cooperação dos quais atuarão os organismos especializados. Alguns dos organismos especializados serão privados (associações internacionais), os outros serão oficiais (Liga das Nações, União Pan-Americana, repartições oficiais dos governos).

8° Os núcleos de tal organização já existem em grande medida, mas são esparsos, incompletos, mais ou menos desenvolvidos, trabalhando sem coordenação e sem o cuidado de evitar a duplicidade de ações e de sanar as lacunas. São: a) os centros de documentação, os órgãos de informação, as bibliotecas especializadas em certos países; b) a órgãos nacionais de documentação; c) as bibliotecas nacionais com seus serviços de catálogos coletivos e empréstimos; d) o serviço de permutas internacionais; e) as organizações produtoras de catálogos e bibliografias; f) as organizações que produzem as grandes publicações periódicas ou publicações regularmente atualizadas, como revistas, grandes tratados e enciclopédias; g) as repartições públicas, científicas ou sociais, que coletam e distribuem informações úteis às administrações públicas de todos os níveis; h) os órgãos de documentação, informação e publicação que

funcionam no âmbito de associações privadas, mistas ou oficiais; os serviços desse tipo em ligação com a Liga das Nações; Secretaria, Repartição Internacional do Trabalho, Comissão de Cooperação Intelectual, Organização Internacional dos Transportes, Organização Econômica e Financeira, comissões nacionais de cooperação intelectual; i) a Repartição e o Instituto Internacional de Bibliografia [IIB], o Instituto Internacional de Documentação [IID], bem como a União das Associações Internacionais. Esta, em acordo com o IIB, tem se dedicado a suscitar uma melhor organização da documentação no seio das associações internacionais.

9°Será organizada, por meio de livre acordo internacional, que reúna organismos públicos e privados, tendo como intermediário uma repartição central mundial, uma rede universal, que faça com que haja uma relação cooperativa entre todos os serviços específicos de documentação, tanto para produção quanto para utilização.

VII. Ciências bibliológicas

A sistematização dos conhecimentos relativos ao livro e à documentação compreende os dados relativos à sua sistemática, terminologia, notação e mensuração; a situação em que se encontram os temas das pesquisas, as relações entre as ciências bibliológicas e as demais no quadro geral da classificação das ciências, da organização das pesquisas e dos estudos, da história dessas ciências.

1

A bibliologia ou documentologia

Ciências do livro e da documentação

11 Noção. Definição. Características

111 Noção

1. Livro (bíblion,* documento ou grama) é o termo convencional aqui empregado para designar toda espécie de documento. Abrange não apenas o livro propriamente dito, manuscrito ou impresso, mas também revistas, jornais, textos escritos e reproduções gráficas de qualquer espécie, desenhos, gravuras, mapas, esquemas, diagramas, fotografias, etc. A documentação no sentido lato do termo abrange o livro, isto é, meios que servem para representar ou reproduzir determinado pensamento, independentemente da forma como se apresente.

2. O livro assim entendido apresenta um duplo aspecto: a) é, primordialmente, uma obra feita pelo homem, o resultado de seu trabalho intelectual; b) mas, multiplicado em inúmeros exemplares, apresenta-se também como um dos inúmeros objetos criados pela civilização e capazes de sobre ela produzir efeito; isso é próprio de todo objeto que possua caráter corporal e que se organiza tecnicamente.

* O autor adotou o vocábulo grego, grafando-o sem destaque tipográfico. Foi assim mantido nesta tradução, com o acréscimo, porém, do acento para indicar a sílaba tônica e evitar a pronúncia oxítona, à francesa. [N.E.B.]

112 Necessidade de uma bibliologia

Há uma língua comum, uma lógica comum e uma matemática comum. É preciso criar uma bibliologia comum: a arte de escrever, de publicar e difundir os dados da ciência.

Precisamos agora não somente da bibliografia — a descrição dos livros —, mas também da bibliologia, isto é, de uma ciência e uma técnica gerais do documento. Os conhecimentos relativos ao livro, à informação e à documentação permaneceram durante muito tempo no estado onde se encontrava a biologia há um século. Havia então numerosas ciências sem ligação entre si e que tinham como objeto de estudo os seres vivos e a vida (anatomia, fisiologia, botânica e zoologia).

A biologia aproximou e coordenou todas essas ciências isoladas em uma ciência geral. No caso do livro, possuímos hoje tratados de retórica, de biblioteconomia, de bibliografia e de tipografia. Ainda não dispomos, porém, de uma bibliologia perfeitamente constituída, isto é, uma ciência geral que abranja o conjunto sistemático, ordenado, dos dados relativos à produção, conservação, circulação e utilização dos escritos e documentos de todo tipo. Essa ciência levaria a que refletíssemos mais profundamente sobre as próprias bases que alicerçam às diversas disciplinas do livro. Ela permitiria contemplar novos progressos, graças a definições mais gerais e mais profundas, graças à expressão de necessidades mais amplas e ao domínio de uma técnica que possa resolver os novos problemas.

É preciso, portanto, envidar esforços no sentido de constituir como ciência autônoma todos os conhecimentos teóricos e práticos relacionados ao livro: a bibliologia. Esta ciência destina-se a retirar do empirismo as aplicações e as realizações.

Devemos formar grandes bibliotecas, devemos elaborar repertórios muito eficazes. Mas, do mesmo modo que, depois de Jussieu e Lineu, que descreveram milhares de espécies, chegaram os Darwin e os Claude Bernard, que criaram a biologia, ciência teórica que explica, de modo evolutivo, o conjunto dos seres vivos, hoje chegou o dia em que é preciso fundar a bibliologia, ciência teórica, comparativa, genética e abstrata, abrangendo todos os livros, todas as espécies e todas as formas de documentos. Assim como a sociologia, síntese das ciências da sociedade, que se constituiu a partir de todas as ciências sociais específicas. Assim como existe uma mecânica geral aplicada, existe, independentemente de qualquer estudo particular do livro, a bibliologia, ciência de todas os aspectos relacionados ao livro: síntese bibliográfica, ciência específica do livro, ciência de todas as questões específicas de livros.

113 Objetivo

A bibliologia deve se propor como objetivo:

1. Analisar, generalizar, ordenar e sintetizar dados adquiridos nas áreas do livro e, simultaneamente, promover novas pesquisas para, sobretudo, aprofundar as indagações teóricas sobre certas práticas da experiência.

2. Elaborar uma série completa de 'formas documentárias' para onde possam afluir os dados do pensamento científico ou da prática, desde o simples documento até os complexos das grandes coleções e as formas elevadas que constituem os tratados e as enciclopédias.

3. Fazer avançar tudo o que facilite a exposição mais metódica e mais racional dos dados de nossos conhecimentos e informações práticas.

4. Estimular certas invenções que, sem dúvida, poderão permanecer por muito tempo isoladas e sem aplicação, mas que um dia serão talvez o ponto de partida de transformações tão profundas que equivalerão nesse campo a verdadeiras revoluções.

5. A bibliologia elabora os dados científicos e técnicos relativos a esse quádruplo objetivo: 1° registro do pensamento humano e da realidade exterior em elementos de natureza material chamados documentos; 2° conservação, circulação, utilização, catalografia, descrição e análise desses documentos; 3° o estabelecimento, com auxílio de documentos simples, de documentos mais complexos, e, com auxílio de documentos específicos, de conjuntos de documentos; 4° em último nível, o registro dos dados de modo cada vez mais completo, exato, preciso, simples, direto, rápido e sinótico, de forma tanto analítica quanto sintética, obedecendo a um plano cada vez mais integral, enciclopédico, universal e mundial.

6. Do ponto de vista científico, o princípio bibliológico fundamental, princípio-tendência da publicação ideal, se exprime nestes quatro desideratos: 1° dizer tudo sobre uma coisa; 2° dizer tudo de uma vez; 3° a verdade acerca de tudo; 4° da forma mais apropriada à compreensão. Esse princípio é temperado de quatro maneiras: 1° o que ainda é ignorado; 2° a tese da verdade, a dúvida, a discussão, as teses diversas; 3° a variedade das inteligências: língua, grau de escolaridade, idade e formação anterior; 4° a pluralidade das formas possíveis, a exposição segundo o gosto de cada um e o progresso possível na apresentação, a acessibilidade e o preço.

114 Condições da constituição da bibliologia como ciência

A bibliologia deve responder às oito seguintes condições necessárias para que seja uma ciência completa:

1. Um *objeto* geral ou especial (seres, entidades, fatos).

2. Um *ponto de vista específico* ou objeto intelectual distinto para apresentar esses fatos e coordená-los.

3. *Generalização*, *fatos gerais*, *conceitos fundamentais*, *leis*.

4. *Sistematização*, resultados coordenados, classificação.

5. *Método*: que compreende: a) métodos de pesquisa, processos lógicos ou de raciocínio; b) classificação, terminologia; c) sistema de medidas; d) instrumentos; e) registro e preservação dos dados obtidos (fontes, bibliografia).

6. *Organização do trabalho* (divisão do trabalho, cooperação, organismos nacionais e internacionais, associações, comissões, congressos, institutos incumbidos das funções de pesquisa, discussão, decisão quanto a métodos, ensino e difusão).

7. *História*.

8. *Aplicação* das diversas ordens de estudos e de atividade.

115 Objeto próprio da bibliologia

1. O que é próprio do livro? O que nele é propriamente bibliográfico? Já falamos da distinção entre: a) a realidade objetiva, b) o pensamento subjetivo ou estado de consciência provocado no eu pela realidade, c) o pensamento objetivo que constitui o esforço da reflexão combinada e coletiva sobre esses dados primeiros até a ciência impessoal e total, d) a língua, instrumento coletivo da expressão do pensamento. Coleção total, todo livro contém esses quatro elementos associados concretamente em si mesmo e que, somente mediante abstração, é possível dissociar e estudar à parte. O que é próprio do livro é o quinto elemento: o pensamento fixado pela escrita das palavras ou imagens de coisas, signos visíveis fixados num suporte material.

2. Donde estas três consequências: a) a realidade, o pensamento objetivo ou subjetivo e a língua têm uma existência anterior, que independe do livro, e são estudados em seus respectivos conhecimentos (psicologia–ciência–linguística); b) ao contrário, signos e suportes são próprios do livro e cabe às ciências bibliológicas estudá-los em todos seus aspectos; c) mas, por sua vez, o complexo concreto das ideias, das palavras e das imagens, tal como se acha incorporado no livro e no documento ('biblificado' [*biblifié*] ou 'documentalizado' [*documentalisé*]), encontram-se, em relação uns com os outros, na posição de conteúdo e continente. Suas relações, influências recíprocas e repercussões serão oportunamente examinadas, e aqui temos um domínio comum às ciências de *a* e às de *b*.

3. É oportuno realizar estudos e atividades da documentação no quadro geral do conjunto dos conhecimentos e da prática mediante o estabelecimento de relações com: a) as diversas ciências; b) as diversas técnicas e seu objeto (ciência universal, técnica geral); c) os diversos planos de organização (plano mundial).

4. Definir a bibliologia é caracterizar o terreno sobre o qual essa ciência estende seu império e ao mesmo tempo indicar os limites que o separam dos territórios vizinhos.

5. Convém diferençar o objeto de uma ciência da ciência desse objeto. A ciência é a organização dos conhecimentos de um objeto. O objeto existe fora do conhecimento que dele se tem. A ciência geológica, por exemplo, é de criação recente, enquanto a Terra preexistia a ela. Os livros já existiam muito tempo antes que existissem as ciências bibliológicas.

6. A bibliologia tem um caráter enciclopédico universal, em virtude de que os documentos (seu objeto) se referem ao conjunto de todas as coisas.

A bibliologia participa da mesma generalidade de que participam a lógica e a linguística: tudo é suscetível, ao mesmo tempo, de expressão e de documentação. A lógica, afirmam os lógicos, é uma ciência geral no sentido de que regula o conteúdo de todas as outras e que todas devem ser constituídas segundo suas leis. Seu objeto, de simplicidade extrema e de extensão ilimitada, é o ser racional. A bibliologia, embora estude as características do melhor livro feito ou a ser feito, não regula o pensamento em si mesmo. No entanto é grande sua influência sobre cada pensamento, pois, cada vez mais, cada um de nós tende a se expressar, a se comunicar com os outros, a interrogá-los, a responder-lhes em forma documentária. Ora, tal forma pode alterar ou exaltar o próprio pensamento. Por isso, deve-se encarar a bibliologia como uma ciência geral, auxiliar de todas as outras e que a estas impõe suas normas desde que elas tenham de divulgar seus resultados na forma de 'documento'. O objeto da bibliologia, como o da lógica, é de simplicidade extrema e de extensão ilimitada. Trata-se aqui do ser 'documentado', como o objeto da lógica é o 'ser racional'.

7. O ponto de vista próprio da bibliologia geral é o do livro considerado em seu conjunto, da totalidade dos livros. Da mesma forma que a sociologia se ocupa não de fenômenos que se passam na sociedade, mas de fenômenos que reagem socialmente, a bibliologia se ocupa de fatos que exercem uma ação geral sobre o livro.

8. O domínio próprio da bibliologia deve ser determinado e explorado. Em sentido lato, esse domínio compreende a história da literatura e a crítica. Mas, além da história dos livros e dos autores, existe paralelamente a história do pensamento.

116 Fundamento

Existe uma realidade feita da totalidade, e que é o que ela é. No seio dessa realidade vemos atuando o homem, os homens e sua sociedade no seio da natureza. No homem, o que é uma constatação, senão definição e explicação, somos levados a distinguir dois elementos: 1° o eu profundo, pessoal, vivido; livre mobilidade qualitativa na duração que lhe é estranha; memória pura mergulhada no movimento indivisível do impulso vital; 2° o eu inteligente, de funções práticas, de mecanismo determinista. Os dois elementos coexistem, produzindo todas as obras com seus dois métodos, intuição e conhecimentos diretos para um; lógica e conhecimento discursivo para outro. Reencontram-se estes dois elementos no indivíduo, na vida da sociedade (pensamento, sentimento e atividade) e se reencontram nos livros, que são sua manifestação ou expressão.

A inteligência, em disputa com o instinto, procedendo do consciente para o inconsciente, tornou-se clara, comunicativa, demonstrativa e cooperativa nas duas grandes criações que lhe são muito próprias e que são sociais: a ciência sistemática e a civilização coordenada. O livro é por excelência a obra da inteligência, mas não exclusivamente, pois a intuição (instinto, sentimento) também tem aí sua grande participação. Abriu-se uma bifurcação entre as espécies de livros segundo duas grandes linhas divergentes: o livro de ciência e de prática racional; o livro de literatura que vai da simples notação espontânea até as fixações escritas e gráficas do misticismo mais elevado.

12 DIVISÃO E MODOS DE EXPRESSÃO

121 Partes das ciências bibliológicas

1. A documentação deve constituir-se em corpo sistemático de conhecimentos como ciência e doutrina, por um lado; em técnica, por outro lado; em corpo sistemático de organização em terceiro lugar.

A) Como ciência: o estudo de todos os aspectos sob os quais seu objeto pode ser examinado, isto é, em si mesmo, em suas partes, em suas espécies, em suas funções, em suas relações, visto no espaço e no tempo. Como toda ciência, a bibliologia tem, portanto, por objeto: a) a descrição de fatos no tempo, ou história, e de fatos no espaço, ou estudo comparado (grafia, donde *bibliografia*); b) a compreensão e a explicação teórica dos fatos até as relações necessárias mais gerais (nomia, donde *biblionomia*).

B) Como técnica: as regras de aplicação de fatos às necessidades da vida prática e da produção. Essas regras abrangem todo o ciclo das operações de que resultam a produção de documentos, sua circulação, distribuição, conservação e utilização (tecnia, donde *biblio-tecnia*).

C) Como organização: a ordenação racional das forças individuais e do trabalho em coletividade, a fim de obter por correlação o máximo de resultados. Tudo o que, mediante entendimento e cooperação, puder acarretar mais amplitude e unidade facilitará, por conseguinte, o trabalho intelectual e o desenvolvimento do pensamento (economia ou organização, donde *biblio-economia*).

2. A ciência é especulativa ou prática. Ao lado da ciência existe a arte.

A ciência especulativa fixa-se no conhecimento de seu objeto: a ciência prática faz com que o conhecimento de seu objeto sirva a uma ação ou a uma obra posterior. A arte é um conjunto de regras práticas, diretrizes para a ação. A tendência moderna é atribuir a todo conjunto de conhecimentos as três características: especulativa, prática e normativa. A bibliologia tenderá, portanto, a ser tanto ciência especulativa quanto prática e arte. Os conhecimentos relativos à língua já possuem essas mesmas características. Igualmente a lógica, que é o estudo metódico da ordem que se deve aplicar às ideias, com o objetivo não apenas de conhecer sua coordenação, mas também para o rumo posterior do pensamento.

A bibliologia compreende duas ciências distintas: a bibliologia geral, global e sintética, que contém o estudo do livro em seu conjunto, com as comparações e as indicações que isso implica, e as ciências bibliológicas parciais e analíticas que compreendem o estudo sucessivo e separado de cada um dos diversos aspectos do livro: bibliologia econômica, tecnológica, sociológica, estética, etc.[1]

3. O fenômeno do livro resulta da lógica e da psicologia, da sociologia e da tecnologia. É a inteligência que cria o livro e que assimila seu conteúdo. É a técnica que o confecciona. É na sociedade que ele reage, pois serve para estabelecer uma relação pelo menos entre duas individualidades e modificá-las.

A bibliologia deve, portanto, compreender quatro grandes ramos que a ligam ao conjunto das ciências: a) a *bibliologia lógica*, isto é, as relações do livro com a comunicação científica; b) a *bibliologia psicológica*, isto é, as

[1] Segundo Zivny, a bibliologia, que trata do livro no sentido mais geral, divide-se em teórica e prática. Essas divisões compreendem: 1° a bibliologia física, que trata: a) dos materiais, escrita ou tipografia, encadernação e formas do livro como unidade (tecnologia das artes gráficas. Bibliografia gráfica e descritiva); b) o livro como um agregado (catálogo bibliográfico); 2° A biblioteconomia: produção e distribuição do livro.

relações do livro com o autor; c) a *bibliologia tecnológica* ou as relações do livro com os meios materiais de sua produção e de sua multiplicação; d) a *bibliologia sociológica*, isto é, as relações do livro com a sociedade que lhe dá origem em seu ambiente e nele o acolhe.

122 Terminologia. Nomenclatura

1. Como todas as ciências, a bibliologia deve ter, e efetivamente tem, uma nomenclatura, quer dizer, um acervo de termos técnicos. Lamentavelmente, como acontece com a economia política e a sociologia em geral, a maioria dos termos da bibliologia são emprestados da linguagem corrente. Faltam-lhe termos especializados ou definições que fixem o sentido convencional dos vocábulos usuais. Não há como definir um termo sem explicar sua importância filosófica ou metafísica, nele deixando todos os significados vagos da linguagem cotidiana. Definir um termo do ponto de vista de uma ciência é delimitar exatamente e com precisão o seu sentido do ponto de vista da ciência em causa.

2. A definição das palavras deve basear-se na definição das coisas, dos fatos e das próprias noções que elas devem expressar. Uma definição deve ser um enunciado preciso das qualidades necessárias e suficientes para criar uma classe, a fim de indicar as coisas que pertencem e as que não pertencem a essa classe (Stanley Jevons, *Traité de logique*).*

* Título não identificado. Talvez: Jevons, William Stanley. *The principles of science: a treatise on logic and scientific method*. London: Macmillan, 1874. [N.E.B.]

3. A fim de evitar repetições inúteis, é preferível expor a bibliologia em todas suas partes e apresentar seus termos e definições no momento em que se analisam e se comunicam as coisas, os fatos e as noções. As definições levam às leis. Estas são a expressão de relações entre as coisas. Não haverá expressão clara a não ser se as coisas relacionadas forem claramente definidas. Reciprocamente, toda definição implica certas leis (relações constantes), mesmo que sejam as leis dos elementos constitutivos das coisas definidas.

4. Na expectativa de que se chegue a um acordo quanto à unidade da terminologia, empregaremos indiferentemente os termos formados com os quatro radicais seguintes, dois gregos e dois latinos, atribuindo-lhes por convenção uma significação equivalente: 1° *biblion*, 2° *grapho* (*grammata gramme*), 3° *liber*, 4° *documentum*.

5. Permanece sendo um problema dispor de um vocabulário de termos gerais e adjetivos suficientemente amplos, regulares e adequados para exprimir aqui as ideias gerais, os conjuntos e as propriedades comuns. Tentaremos. O grego nos deu o vocábulo *biblion*, o latim, o vocábulo *liber*. Com um deles foram feitos bibliografia, bibliologia, bibliofilia, biblioteca; e com o outro, livro, livresco, livraria.

Schriftum dizem os alemães e, por outro lado, partindo do radical *Buch*, formam *Buchwesen* e *Bucherei*. Os alemães também se servem do radical *biblion*, porém, ao lado de palavras como *Bibliothek* e *Bibliographie* introduziran expressões novas: *Inhaltverzeichnis*, *Zeitschriftenschau* (bibliografia do conteúdo dos periódicos), *Referate* (resumo analítico e crítico), *Literaturübersichten in Kartenform* (catálogo em fichas), *Literatur-Auskunftdienst*, *Beratungstelle*, etc.

6. A história desses termos é interessante:

a) A palavra 'bibliografia' surgiu na época grega pós-clássica. Significava o escrito ou a cópia, isto é, a produção de livros. Ainda no século XVIII entendia-se por bibliografia o estudo dos antigos livros manuscritos. A técnica e a história da produção do livro também fazem parte da ciência

dos livros. Para o especialista de qualquer área da ciência, a bibliografia designa todas as espécies de listas de livros; para o bibliotecário, ela compreende a coleção, o tratamento e a administração dos livros nas bibliotecas (Hoosen).

b) O radical *gramma* deu origem outrora a ——— (linha); um termo da geometria. *Grammae*, *arum* f. pl. (ao invés de *grammata*), letra, caracteres. *Gramatica* (*f*) e *grammatice* (———) gramática, a ciência gramatical. Para Cícero, a gramática compreende a interpretação das palavras. *Grammaticus*, homem de letras, literato, sábio, erudito, crítico, filólogo; *grammatophorus*, mensageiro (portador de um escrito); *grammatophylacium*, arquivos; *graphice*, arte do desenho, *graphion*, desenho, plano, esboço e arte de traçar planos, *graphium*, estilete, punção (para escrever sobre cera).

Nos tempos modernos, com o radical *gramma* se compôs telegrama, diagrama, cinegrama, barograma e se poderia formar fotograma. Documentos que tratam de um assunto segundo a ordem das coisas, do lugar ou do tempo poderiam ser chamados de 'ontogramas', 'topogramas' e 'cronogramas'.

7. Convém construir a terminologia a partir da palavra *documento*, mais geral do que livro ou bíblion. Justifica-se esta mudança de radical, 1° pelos motivos que permitiram o vocábulo documento, documentação, e, 2° pelo atraso das práticas do mundo do livro que, por não terem evoluído de modo suficientemente rápido, deixou que fosse criada toda uma nomenclatura à parte para objetos e noções dos quais ele se desinteressou inicialmente.

Os novos ramos que a palavra livro não abrangeu são: a) documentos propriamente ditos: estampas, peças de arquivos, documentos administrativos, discos, fotografias, filmes, imagens para projeção; b) coleções formadas por documentos: mapoteca, hemeroteca, periodicoteca, discoteca, filmoteca; c) o material especial: fichas, prateleiras, armários, classificadores, pastas, fichários, catálogos.

A série básica do radical documento seria, portanto, *documento* (substantivo): o objeto (signo + suporte). – *Documentação* (substantivo): ação de documentar e conjunto de documentos. – *Documentalista* (substantivo) ou *documentador* (substantivo, mesma desinência de doutor): a pessoa, os técnicos da documentação. – *Documentar*: a ação de utilizar o documento. – *Documentário* (adjetivo): que se refere à documentação. – *Documentatório*: que satisfaz a qualidade de ser uma documentação suficiente. – *Documentório* ou *documentoteca*: centro de documentação. – *Documentotécnica*: técnica da documentação.

8. O problema da terminologia da documentação foi debatido na XI Conferência Internacional do IIB (IID), em Frankfurt. Comunicações feitas por Gérard, Dupuy, Ledoux, Otlet (ver os anais respectivos).

No que concerne à terminologia técnica, os dez últimos anos assistiram a progressos revolucionários. Aquilo que antes exigia longas perífrases (três ou quatro palavras) acabou por ser possível expressar numa única. O *Pitman's technical dictionary* trata atualmente de 60 a 70 mil coisas distintas.

124 O livro e a medida. Bibliometria

124.1 Noções

1. Em qualquer área, a medida é uma forma superior assumida pelo conhecimento. Existem razões para constituir em um conjunto coordenado as medidas relativas ao livro e ao documento: a bibliometria.

2. As medidas são as que dizem respeito aos objetos, aos fenômenos ou fatos, às relações ou leis. Tratam do particular (medição [*métrie*] propriamente dita) ou dos conjuntos (estatística). Dizem respeito ao que é ou que deveria ser (unidade e normalização).

As medidas das relações principais consideradas por uma ciência assumem a forma de índices. (Por exemplo, os geógrafos que estudam as relações entre as águas pluviais e os solos criaram o índice de aridez.)

3. Os dados obtidos pela medição em geral e pela sociometria em particular são levados em consideração para realizar a bibliometria.

O ditado *omnia in mensura*,* tudo em medidas, tornou-se a ideia diretriz de todas as ciências que tendem a passar do estágio qualitativo para o estágio quantitativo. Essa passagem já se concretizou no caso das ciências astronômicas e fisiológicas.

* *Omnia in mensura et numero et pondere disposuisti*. *Sabedoria* 11, 20. Mas tudo dispuseste com medida, número e peso. [N.E.B.]

As ciências biológicas ou biopsicológicas esforçam-se por acrescentar à descrição minuciosa a medição tão exata quanto possível. A frequência da repetição de um tipo permite uma medida indireta da vitalidade da espécie vegetal ou animal; o comprimento, o tamanho dos órgãos, seu diâmetro, seu peso — a variabilidade das características essenciais — permitem novas precisões. A antropologia se beneficia com o estabelecimento de correlações e coeficientes; a antropometria tem ajudado a criminologia. A psicologia tomou, por sua vez, o caminho das medidas múltiplas, indiretas, graças às correlações psicológicas laboriosamente estabelecidas. A sociologia tende também a se tornar quantitativa. Ela trabalha com grupos e estes são suscetíveis de ser recenseados, e para isso a estatística estabelece os métodos e registra os resultados. As coisas do livro não são de modo algum mensuradas, nem em sua realidade objetiva e material, nem em sua realidade subjetiva e intelectual. É, portanto, desejável que se envidem esforços nesse sentido.

As ciências do livro também devem procurar hoje em dia introduzir a medição em suas pesquisas. Uma vez que o livro é objeto da psicologia, da sociologia e da tecnologia, seus fenômenos são suscetíveis de ser medidos.

A 'bibliometria' será a parte definida da bibliologia que se ocupa da medida ou quantidade aplicada aos livros (aritmética ou matemática bibliológica).

Todos os elementos estudados pela bibliologia são, em princípio, suscetíveis de medição e é preciso procurar cada vez mais revestir seus dados com a forma exata dos números, passar do estágio qualitativo ou descritivo para o estágio quantitativo.

4. A medida do livro consiste em relacionar todas as partes e elementos de um livro qualquer com as de um livro-modelo, padrão, exemplar. Este modelo deveria ser o melhor dos livros.

124.2 A medida dos livros

1. **Unidades de medida bibliológica**. Considerando que todo livro contém uma parte da matéria bibliológica geral, seria possível convencionar unidades de medida dessa quantidade e compará-las diretamente com as unidades de medidas psicológicas e sociológicas em geral, e, com o auxílio destas últimas, compará-las com as unidades físicas. A física estabeleceu um sistema de unidades de medida de suas forças elementares e que são comparáveis diretamente entre si. Ela estabeleceu que essas forças são, aliás, conversíveis e transformáveis entre si, segundo uma re-

lação constante (lei da conservação das forças). Às unidades bibliológicas caberia avaliar a quantidade de matéria ou de energia bibliológica armazenada em cada organismo bibliológico (ou livro). Essa avaliação seria feita pela decomposição do livro em seus elementos constitutivos últimos, os quais, por outro lado, seriam medidos pelas mesmas unidades.

2. **A estilística**. A estilística ou estilometria foi criada recentemente para estudar a forma de expressão dos autores. Introduziu-se a estatística na análise das frases, das expressões empregadas para traduzir as emoções na linguagem (ex., B. Bourdon).*

* Bourdon, B. *L'expression des émotions et des tendances dans le langage*. Paris: Alcan, 1892. [N.E.B.]

3. **A esticometria**. Os antigos criaram meios para medir a extensão dos livros. Convencionou-se tomar como unidade de medida o hexâmetro grego que contém em média de 15 a 16 sílabas e de 35 a 36 letras. Essa unidade foi denominada *stikhos* ou *epos* (verso épico, em latim *versus*). Obtinha-se a quantidade de linhas de uma obra fosse escrevendo um exemplar-modelo em linhas normais, fosse por meio de uma avaliação por aproximação. *As Musas,* de Heródoto, tinham de duas a três mil linhas.

É a medida que foi observada mais tarde pelos prosadores, historiadores, filósofos, geógrafos e autores de tratados didáticos. Alguns autores só excepcionalmente concedem a seus livros 1 500 ou mesmo 1 200 linhas, enquanto outros atingem ou superam o número absolutamente incomum de quatro mil ou mesmo cinco mil linhas. A grande maioria, porém, oscila entre 1 800 e três mil linhas. A esticometria assim entendida garante uma tríplice vantagem: remeter à linha como se remete atualmente ao capítulo e ao versículo; impedir as supressões e as interpolações mais ou menos extensas; determinar definitivamente o preço da obra e a retribuição a ser paga ao copista.[1]

4. Foram feitas pesquisas estatísticas em dicionários biográficos sobre o coeficiente mais ou menos elevado dos estudiosos nascidos em tal país ou região de um país. Pesquisas sobre a superioridade de determinado autor em comparação com outro (por exemplo, Sófocles versus Eurípides) com base na extensão dos artigos que lhes foram consagrados, com base na quantidade de adjetivos elogiosos ou não (pró e contra) que lhes são atribuídos nesses artigos, trabalhos baseados na extensão das comunicações e o grau de elogios presentes nas expressões.[2]

5. **Medidas dos incunábulos**. Os procedimentos de identificação dos incunábulos ensejaram medidas de extrema precisão.

6. **Bases da bibliometria**. A quantidade de mil palavras representaria a) quantas letras nas diferentes línguas (francês, inglês, alemão, etc.); b) quantos espaços em diferentes textos reduzidos a centímetros quadrados na página (exemplo comum: quanto numa peça de teatro, um romance, um jornal, uma sessão); quanto tempo de leitura em voz alta ou leitura silenciosa.

Didot fixou o ponto como a sexta parte da linha de um *pied-de-roi*. O metro legal equivale a 443 linhas e 296 milésimos. Desprezando a fração infinitesimal de um terço de ponto, temos 2 660 pontos em um metro.

O centímetro equivale, portanto, a 26,6 pontos e o milímetro, a 2,66 pontos.

Por isso, para saber qual a quantidade de pontos contidos em uma medida métrica, seja centímetros ou milímetros, basta multiplicar por um

[1] Ver Vigouroux, *Dictionnaire de la Bible*, V^e^, livre nº 2.

[2] Frederick Adams Woods. Historiometry as an exact science. Reprinted from *Science*, N.S., vol. XXXIII, nº 850, p. 568-574, April 14, 1911.

desses números. Uma folha de papel, formato 4º, medindo 0,45 × 0,56 m, terá, portanto: 0 m 45 × 26,6 = 1 197 pontos; em 0 m 56 × 26,6 = 1 490 pontos. O ponto, porém, tem um múltiplo que serve para simplificar. Alguns chamam esse múltiplo de cícero, lembrando *De officiis*, de Cícero, que foi impresso com caracteres que correspondiam mais ou menos a esse tamanho. É preferível dizer doze pontos, que é mais preciso, mais cômodo e menos sujeito a confusão.

Quando é preciso fazer uma justificação, diz-se doze pontos, e quando se conhece o número de pontos, como no exemplo acima, é preciso dividir por doze. Então, é mais simples procurar imediatamente o número de 'dozes',* o que é bastante fácil se nos dermos ao trabalho de lembrar que, em um metro ou 2 660 pontos, há 222 'dozes' menos 4 pontos (221 d. pontos). É preciso enfatizar 'menos 4 pontos'; é isso que permite uma aproximação tão exata quanto possível. Quando a medida métrica aproxima-se do quarto de metro [25 cm] deve-se diminuir um ponto e se fará o mesmo para cada quarto de metro.

* Expressão do jargão tipográfico francês. No Brasil diz-se 12 pontos; seu equivalente (cícero) é mais utilizado para a largura e altura das linhas e os brancos interliterais. [N.E.B.]

Por conseguinte, em 'dozes', o centímetro equivale a 2,22, o milímetro, a 0,222. Multiplicando por esses novos números tem-se uma aproximação suficiente.*

* Sobre medidas tipográficas usadas no Brasil ver: Araújo, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008, p. 287-293. [N.E.B.]

7. **Os coeficientes**. Os coeficientes referem-se principalmente a: 1º formatos; 2º pontos tipográficos; 3º peso do papel, peso total, espessura dos livros-modelo; 4º os preços unitários.

A bibliometria resume as estatísticas e fornece os índices de comparação.

8. **Frequência de leitura de um autor ou de um livro**. Seria interessante saber quantas vezes um autor foi lido. Vejamos Voltaire. De 1740 a 1778 foram publicadas 19 coletâneas de suas obras, sem contar as edições separadas, muito numerosas no caso dos seus escritos principais.[1] De 1778 a 1815, Quérard menciona seis edições das obras completas sem contar duas edições das obras incompletas e já abundantes. Enfim, no período de 1815 a 1835, em vinte anos, Bengesco encontra 28 edições das obras completas.[2] Depois disso nada, de 1835 a 1852. De 1852 a 1870, cinco edições, das quais a edição de propaganda do jornal *Le Siècle*.

A partir de 1870, houve uma só edição, a de Moland, exclusivamente literária e histórica, sem relação alguma com a conservação ou a difusão do voltairianismo. Em geral, grande consumo até a Revolução; depois, redução até 1815; prodigioso recrudescimento da demanda sob a Restauração; em seguida, novamente diminuição; sensível retomada sob o Segundo Império. Essa curva corresponde bastante à dos movimentos liberais; imprime-se e se reimprime Voltaire, sobretudo nas épocas em que esses movimentos encontram maior resistência e assumem mais violência. No entanto, é preciso também ter em conta que, durante a Revolução, depois da edição *encadrée* [páginas ornadas com cercadura] de 1775 e as duas edições de Kehl; e, durante o reinado de Luís Filipe, depois das 28 edições num período de vinte anos, o mercado se viu saturado; seria preciso dar tempo ao público para absorver a produção da indústria editorial. Acontece sempre que a própria abundância da oferta, por parte dos editores, revela uma demanda significativa pela opinião liberal. Seria preciso conhecer a tiragem dessas edições. O governo da Restauração tentou conhecer a causa da difusão dos 'maus livros'. Graças a um relatório oficial, então

[1] Bengesco, G., t. IV, nº 2122-2141.*
[2] Ibid. nº 2145-2174

* Bengesco, G. *Voltaire: bibliographie de ses oeuvres*. Paris: Rouveyre et Blond, 1890. [N.E.B.]

analisado pelos jornais, sabe-se que, de 1817 a 1824, foram impressas doze edições de Voltaire, num total de 31 600 exemplares e de 1 milhão e 598 mil volumes. Ao mesmo tempo, 13 edições de Rousseau somaram 245 mil exemplares e 480 500 volumes. As edições separadas de escritos de ambos os autores despejaram no mercado 35 mil exemplares e 81 mil volumes. No total, foram 2 159 500 volumes filosóficos lançados durante sete anos contra a reação legitimista e religiosa, e, dessa quantidade espantosa de projéteis, Voltaire forneceu mais de três quartas partes.[1]

9. Bibliossociometria. Como medir a ação do livro e do documento sobre o homem e a sociedade?

a) Vejamos, por exemplo, um tratado de física, com tiragem de dois mil exemplares; cada um deles forma uma espécie de esfera de influência que possui o potencial de agir sobre todo leitor que dela se aproxime. Em suas 500 páginas, suponhamos que esse tratado tenha 15 capítulos e um total de 50 seções e 600 parágrafos, constituindo cada um a exposição de uma ideia que possui um sentido completo. O 'volume documentológico' global oferecido à leitura na sociedade por esse tratado é de 600 parágrafos × 2 000 exemplares = 120 000 ideias documentalizadas. Mas os dois mil exemplares têm destinos bem diversos: exemplares que serão livros didáticos de estudantes do curso de magistério, circunstância que determinou a edição; exemplares nas bibliotecas; exemplares com particulares; exemplares nas livrarias; exemplares para a imprensa; exemplares dados de presente; exemplares que permanecem estocados com o editor ou com o autor. Decorrido certo tempo, atuaram no corpo material dos exemplares as causas que os levaram ao desgaste pelo uso e à deterioração, e nas ideias por eles expostas agiram as causas do seu envelhecimento (por exemplo, os livros de ciências ultrapassados). A chance que têm os exemplares de encontrar seus leitores é, portanto, desigual, e com o tempo ela diminui ou aumenta, proporcionalmente à notoriedade do autor e da obra. Por outro lado, os leitores têm complexidade e formação diferentes. Na presença de um conjunto determinado de dados bibliográficos, cada um deles procederá à leitura seguindo sua especialidade, sua curiosidade e sua receptividade. Intervém também o grau de saturação, em função do conhecimento ou das impressões anteriores adquiridas ou experimentadas e que, para um leitor determinado, diminui o apetite e aproveita a leitura.

b) O problema geral da 'bibliossociometria' consiste em determinar os lugares e os tempos e, no que concerne aos leitores, a chance que existe de as obras serem lidas, e, portanto, exercer sua ação na sociedade. Que seja possível colocar teoricamente tal problema, mesmo que sua solução seja retardada ou impedida pela falta de dados concretos, já é uma etapa rumo à solução; a simples relação estabelecida entre os termos indica com precisão como se apresenta a questão, e problema bem formulado já tem metade resolvida. Ademais, convém fazer uma comparação com a alimentação. Quando se trata de alimento capaz de nutrir as forças corporais, preocupamo-nos também com o estabelecimento da unidade geral de medida alimentar. Os livros, à sua maneira e para o espírito, são um alimento do qual se deve poder medir as 'calorias' intelectuais. As calorias são as ideias suscetíveis de serem transmitidas e compreendidas.[2] Se supusermos que nos escritos a unidade correspondente à ideia susce-

[3] Voltaire, de G. Lanson.*

[2] O vocábulo *éducation*, que é muito recente, substituiu a palavra *nourriture* [alimento] empregada

* Lanson, G. *Voltaire*. Paris: Hachette, 1906. [N.E.B.]

tível de ser compreendida não seja a palavra, que não implica julgamento algum, nem a frase, que é muito pouco explícita por si só, porém antes o parágrafo (versículo ou artículo) que exprime uma ideia completa, por conseguinte, poderemos apresentar as definições convencionais dos termos seguintes com as unidades de base que resultariam disso:

Ideia: a menor parte de um enunciado que apresenta em si um todo completo.

Ideograma: a parte do documento que contém a ideia assim definida e que por convenção é o parágrafo.

Ideogramita: a unidade da ideia (energia intelectual) incorporada no ideograma e assimilável por meio da leitura. O ideogramita é assim, como a caloria, o que é a recepção de uma ideia pelo livro, como a alimentação pelo alimento.

Leitura: o fato de ler.

Leituridade: a relação entre os livros existentes e as ocasiões propiciadas para serem lidos (de *lecturus*, gerúndio de *legere*, *lectus*).[1]

Legibilidade: possibilidade física da leitura, quanto aos livros.

Leiturabilidade: possibilidades psíquicas de leitura, quanto aos leitores.

c) Se, então, generalizarmos o caso do tratado de física, tomado antes como exemplo, e expressarmos as relações em termos de fórmula, teremos

Leituridade = (Livros diferentes × Exemplares × Ideogramitas × Leiturabilidades) : Legibilidade

ou resumidamente: $\frac{Lu = L \times E \times I \times Lb}{Lg}$

d) Para toda comunidade desejosa de assegurar, mediante a leitura, a cultura de seus habitantes e aumentar a utilização social do livro, deve-se concluir pela necessidade de oferecer a esses habitantes uma certa quantidade de livros colocados em lugares que ofereçam boas condições de leitura.

124.3 A estatística

1. A estatística do livro confunde-se com a bibliometria, embora por enquanto ela tenha sido aplicada principalmente para recensear a quantidade produzida de livros (edições). Mas a estatística começa a se estender agora para as tiragens, para a circulação do livro, as bibliotecas, as livrarias, os preços, etc. Já foram empreendidos esforços consideráveis sobre a estatística do livro. Debruçaram-se sobre os números absolutos e também sobre os coeficientes. Sem dúvida, não é preciso exagerar a importância desses números, pois os recenseamentos ainda estão longe de ser completos, exatos e comparáveis. Além disso, os coeficientes que podemos obter não passam de médias, que comportam todas as espécies de variações, em função de inúmeras variáveis. Mas, tomando como

pelos grandes autores dos séculos XVII e XVIII. A educação, alimento físico e intelectual no ambiente natural, é a ideia-mestra da filosofia de J.-J. Rousseau. Na Antiguidade dizia-se *nutrimentum spiritus – educit nutrix* [alimento do espírito – a nutriz educa].

[1] A teoria da leituridade se manifesta por analogias com duas teorias de natureza econômica, ambas tratadas com métodos matemáticos (cálculo diferencial). 1° A lei da demanda dá lugar à teoria dos máximos e mínimos elaborada por Cournot. A quantidade de mercadoria vendida anualmente no território do país ou do mercado considerado em função dos preços (Auguste Cournot, *Recherches*, p. 55-56).* 2° A propriedade da ofelimidade, estudada por Pareto e que se define assim: "A ofelimidade para um indivíduo de determinada quantidade de uma coisa acrescentada a uma outra quantidade determinada (que pode ser igual a zero) dessa coisa já possuída por ele, é o prazer que lhe proporciona essa coisa". (Vilfredo Pareto, *Manuel d´économie politique*. Tradução Bonnet, Paris, 1909, p. 158-159.)

* Cournot, Augustin. *Recherches sur les principes mathématiques de la théorie des richesses.* Paris: Hachette, 1838. [N.E.B.]

provisórios os números que já possuímos, eles devem ser para nós um preparativo rumo a números mais exatos e mais completos.[1]

2. **Estatísticas**. Eis alguns dados numéricos a título de avaliação enquanto estudos sistemáticos são empreendidos que permitirão a extração de coeficientes.

Quantidade de obras. Restam-nos mais de 1 600 obras da Antiguidade grega ou latina.

Produção atual. Varia de um país para outro, de um ramo do saber para outro, de um ano para o outro. A produção literária alemã em 1932 foi 27% inferior à do ano anterior.

Segundo Holden,* a estatística da quantidade de obras sobre astronomia até 1600 foi, século por século: 2º século (2), 3º século (2), 4º século (3), 5º século (5), 6º século (2), 7º século (2), 8º século (2), 9º século (5), 10º século (4), 11º século (8), 12º século (13), 13º século (14), 14º século (19), 15º século* (190), 16º século** (1933).

* O astrônomo norte-americano Edward S. Holden (1846–1914).[N.E.B.]

No caso da zoologia, a estatística levantou os seguintes trabalhos:

Períodos	Crescimento no período	Total
1700–1845	13 560	13 560
1846–1860	40 750	54 310
1861–1879	125 000	179 310
1880–1895	115 000	294 310
1896–1908	104 415	398 725
1700–1908	Total 398 725	398 725

De 1911 a 1913 a quantidade de obras e memórias científicas publicadas sobre peixes atingiu 1 178.

Alguns números falam da extensão que assumiu a bibliografia médica. O *Index-Catalogue*,* que continua em curso de publicação, compreende 342 895 títulos de livros e 1 527 038 títulos de artigos de periódicos. A biblioteca do Surgeon-General's Office, em Washington, especializada em medicina, continha, em 1929, 842 395 livros e folhetos e 7 618 retratos.

* *Index-Catalogue of the Library of the Surgeon-General's Office* (1880–1961). Essa biblioteca passou a ser, em 1956, a National Library of Medicine dos EUA. [N.E.B.]

Verificou-se que, sem levar em conta as patentes, publicam-se por ano de um a um milhão e meio de artigos científicos e técnicos (dr. Bradford, *The necessity for the standardisation of bibliographical methods*, 1928).

A URSS informa as seguintes cifras: 500 milhões de exemplares em 1930, comparados com 120 milhões antes da guerra. Atualmente, 50% de obras sobre assuntos econômicos e sociais e 30% sobre assuntos técnicos ao invés de 5 e 14. Editaram-se 16 milhões de exemplares de obras de Lenin e 50 mil por ano de *O capital* de Marx, e 30 milhões de exemplares de obras clássicas. No ano passado foram 52 mil títulos de obras das 58 nacionalidades [da URSS], em lugar de 24 em 1913.

André Suarès* escreveu: "Havia cem manuscritos de um poema para cem príncipes amigos da poesia. Com o Renascimento e o incunábulo havia cinco ou seis mil exemplares da mesma obra para vinte mil leitores. Atualmente há um milhão de volumes para dez milhões de pessoas que leem."

* André Suarès (1868–1948). Poeta e crítico francês. [N.E.B.]

Um humorista disse que, como existem muitos impressos, que, devido

[1] Ver por analogia Alfredo Niceforo: La misura della vita. Separata da *Rivista d'Anthropologia*, Roma, 1912.

[8] 1440. O século da invenção da imprensa.

** Obra principal de Copérnico, que foi publicada em 1543.

às sutilezas de seus redatores, devem ser lidos entre as linhas, é preciso dobrar muitas dessas cifras.

Estima-se em 12 milhões a quantidade de livros publicados desde a invenção da imprensa, em quase 200 mil a produção anual da totalidade dos países, em mais de 75 mil a quantidade de revistas e jornais, e em mil a quantidade das grandes bibliotecas gerais e especializadas.

Existem por volta de 30 mil revistas científicas e técnicas. Estima-se em mais de três milhões a quantidade de artigos nelas publicados.

A Textil Chemische Gesellschaft publicou mais de um milhão de resumos bibliográficos classificados por assunto e por autor.

Alguns números dão uma ideia da quantidade de documentos.

As canções populares letãs chegam a 218 mil.

Em seu 85º aniversário (outubro de 1932), o presidente Hindenburgo recebeu 22 mil cartas, cartões postais, mensagens e presentes, e 1 700 telegramas. Essas remessas foram registradas e respondidas.

Tempo de elaboração das obras. O tempo para elaborar as obras varia desde uma extrema rapidez até uma extrema lentidão.

A obra de Forcellini (*Totius latinitatis lexicon*) foi começada em 1718. Interrompida várias vezes, somente foi terminada em 1753, ou seja, depois de 35 anos. Quase dois anos foram depois despendidos com a revisão; o manuscrito foi transcrito por Louis Violato, que dedicou oito anos a essa tarefa, que só foi concluída em 1761. O léxico só foi aparecer em 1771, isto é, decorridos 53 anos. Forcellini morreu antes da publicação de sua obra.

Extensão das obras. A *Odisseia* é composta de 12 118 versos. A *Ilíada* é composta de 12 210 versos e cada verso tem por volta de 33 letras, o que dá um total de 501 930 letras. Os poemas épicos, líricos ou didáticos dos latinos não passavam de mil versos por canto. O romance de François Coppée, *Henriette*, um volume de 193 páginas, contém 19 029 palavras.

O poema *Mahabbharata* tem 200 mil versos e cada um de seus cantos (são 18) é quase igual à *Ilíada* em extensão. (Existem, ainda, o *Rigveda* e o *Ramayana*).

As canções de gesta apresentam uma extensão impressionante. Contêm, em geral, vinte, trinta, cinquenta mil versos que se sucedem em falas de vinte a duzentas, e às vezes mais, com uma mesma rima.

O *Romance da rosa*, obra capital da literatura francesa e mesmo europeia, é um monumento de 22 mil versos.

A National Education Association, fundada há 65 anos, informava em 1923 que o único volume de seus anais, que correspondia a um décimo do total de suas publicações, alcançara uma distribuição de 111 milhões de páginas. Sua revista, de formato grande, é enviada a 130 mil associados.

Em 1907 o Exército da Salvação possuía 69 jornais e revistas e havia publicado 1 013 292 exemplares. (Departamento de Publicações, Fortess Road, 79, Londres).

Os *calendars* das universidades do império britânico alcançam, para um único ano, quase 50 mil páginas.

Um bilhão de francos em notas de mil formaria dois mil volumes de 500 folhas.

Tiragem. No início da imprensa, as tiragens habituais eram de 275 a mil exemplares.

Os sermões de Spurgeon* são publicados e distribuídos anualmente a um milhão de pessoas.

A tiragem do *Rotschilds Taschenbuch für Kaufleute*, 60ª edição, atingiu

* C.H. Spurgeon (1834–1892). Pregador batista inglês. [N.E.B.]

meio milhão de exemplares. Cerca de 500 mil exemplares da cartilha georgiana foram distribuídos pelo regime czarista.

Edição. De todos os livros, a Bíblia é o que teve maior número de edições. Dela se conhecem cerca de 700 traduções completas ou parciais.

Peso. "A maior parte dos livros ingleses passa de 400 gramas de peso." Um livro de três centímetros em papel-bíblia pode conter mil páginas. (Exemplo: a *Encyclopaedia Britannica*).

Preço. Estima-se em 200 milhões o custo da produção e organização da documentação química.

De 1885 a 1893 o *Meyers Konversation-Lexikon* faturou mais de 24 e meio milhões de marcos, o que corresponde a mais de 143 mil exemplares. Por um livro científico de 350 páginas, com uma tiragem de mil exemplares, o editor Alcan, antes da guerra, pagava ao autor 500 francos e lhe entregava gratuitamente 50 exemplares.

Tipografia, linhas, letras, palavras. Existem 400 milhões de letras no grande *Dictionnaire Larousse* numa média de quatro mil palavras por página (27 500 × 4 000) 90 milhões de palavras. Um volume da Bibliothèque Scientifique Flammarion contém:

a) páginas: 300
b) linhas por página: 29, total: 8 700
c) letras por linha: 50, total: 435 000
d) palavras por linha: 8 a 9
e) palavras por página: aproximadamente 215
f) palavras por volume: aproximadamente 65 000.

Existe o tipo de volume de 320 páginas (20 folhas) de 33 linhas por página (= 10 560 linhas), de 10 palavras por linha (= 106 600 palavras). Alguns livros de tipo comum têm 60 linhas em média por página. Calcula-se que uma obra conste em média de dois volumes.

Leitura. Um romance de 100 mil palavras é lido em quatro horas.

1 hora = 25 000 palavras,
1 minuto = 400 palavras,
1 segundo = 6 palavras e meia, ou seja, uma linha em dois segundos e uma página por minuto.

Destruição. Calcula-se que na Rússia, durante a revolução, foram publicados 60 milhões de volumes, enquanto foram queimados 15 milhões.

Espaço cúbico ocupado pelos livros nas bibliotecas: em Hannover: 220, em Stuttgart: 225, em Boston: 225, no British Museum: 224.

A divisão típica das prateleiras será:

1 prateleira in-fólio	= 45 centímetros
1 prateleira in-quarto	= 35 cm
5 prateleiras in-octavo	= 125 cm
espaço livre	+ 21
——	———
7 prateleiras	224 cm

ou 8 prateleiras in-octavo = 200 + 24 = 224 centímeros.

A largura dos livros foi calculada:

em Goettingen: 8º, 20 cm	em Halle: 8º, 35
4º, 30 cm	40, 25-35
fol., 40 cm	fol. 35-45
	grande in-fólio + 45

Podem-se contar 80 livros por metro quadrado de superfície lateral. É

a média, pois cálculos feitos mostraram respectivamente 100, 66 e 63. Há uma tendência de os livros diminuírem de tamanho.

Equipamentos. A força da tecnologia do livro pode ser medida pelas cifras seguintes: máquina para fundir tipos (Wicks), 60 mil caracteres por hora; máquina de composição Lanston Monotype, 12 mil letras por hora; máquina impressora, 50 mil folhas por hora, quádrupla ou Pall Mall, 200 mil; máquina de encadernar, seis mil volumes por dia; máquina de encapar com tela ou papel, 22 mil volumes por dia.

Desde 1910, as impressoras de grandes dimensões produzem por hora 66 mil exemplares de um jornal de 24 páginas, dobradas, amarrados em pacotes, prontos para serem despachados pelo correio. Bastariam dez compositores e cinco impressores num grande jornal para fazerem o trabalho de 300 mil copistas.

A partir do início do século XX, na Alemanha, 275 mil pessoas eram empregadas nas indústrias do livro e produziam o valor de 100 milhões [de marcos?] para exportação. Na mesma ocasião, 125 mil pessoas, em Paris, viviam da imprensa, do pensamento impresso. Nos Estados Unidos, os capitais investidos nas indústrias do livro eram de 200 milhões de dólares com um faturamento anual de 375 milhões de dólares.

3. Diante dessa estatística do livro e do documento dever-se-ia compilar a estatística do estado atual de nossa civilização da qual eles são a expressão e onde devem ser úteis. Lembremos que somos dois bilhões de seres humanos, repartidos por três continentes, cinco regiões do mundo, 60 Estados. Construímos um milhão de quilômetros de ferrovias; possuímos cerca de 60 mil navios; podemos dar a volta ao mundo de Zeppelin em 21 dias e, por rádio, em alguns segundos. Anualmente, o comércio exterior universal ultrapassa um bilhão e meio de livros. Indústrias muito recentes, como a automobilística e a cinematográfica, investem respectivamente bilhões de capital. E quando nos metemos a guerrear e a destruir tudo, sem que desapareçamos, podemos, como na Grande Guerra, alinhar sobre o solo 10 milhões de mortos, outro tanto de feridos e dois mil bilhões de francos-ouro de gastos.

Mas, quando construímos, trata-se de imensas organizações, 400 associações internacionais, 200 trustes internacionais, cinco religiões internacionais, uma Liga das Nações que já abrange 54 Estados.

Na verdade, nossa época pertence ao colossal.

4. Convém trabalhar em conjunto a fim de estabelecer uma **estatística geral do livro**, que tenha em mira ao mesmo tempo os assuntos, os países, as datas, as formas e as línguas das publicações. Diversos ensaios de síntese estatística foram empreendidos, dos quais o primeiro, cronologicamente, é o do Instituto Internacional de Bibliografia. A dificuldade de reunir dados exatos é imensa, mas é preciso insistir nisso constantemente. Ademais, dados aproximados valem mais do que a ausência de qualquer dado.

O trabalho preparatório deve ser compartilhado entre os diversos países e as grandes especialidades. A estatística apresentada no Congresso Internacional de Bibliografia, em 1910, publicada em seus anais e também no *Bulletin de l'Institut International de Bibliographie* (1911), n. 1-3, p. 1, constitui uma primeira base. Formulários unificados e coordenados (tabelas) indicam o objetivo rumo ao qual é preciso insistir. O resultado final do trabalho e de suas conclusões foi apresentado numa série de diagramas.

A preparação da estatística geral do livro apoia-se na análise das bi-

bliografias existentes. Combina também com um trabalho de inventário das fontes principais a serem centralizadas e coordenadas no Repertório Bibliográfico Universal. Trata-se também de produzir uma espécie de bibliografia das bibliografias, selecionada, limitada aos grandes levantamentos fundamentais da bibliografia, com o registro de cada um sendo acompanhado de indicações relativas ao estado atual ou futuro, bem como o número de unidades registradas. Esses levantamentos constituem as fontes, sempre controláveis, da própria estatística. O Instituto Internacional de Bibliografia preparou dessa forma quadros estatísticos e listas bibliográficas preliminares.

5. A metodologia da estatística dos impressos tem progredido. A câmara central do livro, em Moscou, dedicou-se particularmente à elaboração da estatística dos impressos russos considerados de diferentes pontos de vista: total de unidades impressas, total de folhas impressas, tiragem, reedição e reprodução, literatura original e tradução, preço de venda, difusão territorial da produção, grupos de editoras (editoras privadas, editoras científicas, editoras estatais), assunto tratado, distribuição da produção por grupos de leitores. Cada um desses pontos é examinado segundo quatro aspectos diferentes: 1° a quantidade de títulos impressos; 2° a quantidade de folhas impressas contidas num título impresso; 3° tiragem; 4° total de folhas impressas contidas na tiragem total de todas as publicações. (N. F. Yanitzky.)

A estatística dos impressos da RSFSR (Rússia) em 1926 (142 páginas), apresenta as cifras da produção dos impressos russos numa série de quadros analíticos e sintéticos. O questionário e as respostas quantitativas constituem um método notável. A classificação decimal serve muito bem de quadro para as tabelas fundamentais. (Trabalhos de N. F. Yanitzky.)

6. Os primeiros trabalhos de conjunto sobre a estatística do livro foram estabelecidos há cerca de vinte anos pela Repartição Internacional do Direito de Autor, em Berna, (M. Röthlisberger), e depois pelo Instituto Internacional de Bibliografia. Recentemente, a Comissão Internacional de Cooperação Intelectual solicitou ao Instituto Internacional de Estatística que incluísse mais dados intelectuais nos quadros recomendados às administrações e, por conseguinte, também quanto ao livro. Está prevista a publicação pelo Instituto Internacional de Cooperação Intelectual de um anuário da estatística intelectual que reunirá principalmente as estatísticas escolares e bibliográficas dos diferentes países. Entre os trabalhos recentes citemos aquele bastante sugestivo de E. Wyndham Hulme intitulado *Statistical bibliography in relation to the growth of modern civilization*, 1923. Ele trabalhou principalmente com os dados, não publicados em outras fontes, relativos ao *International Catalogue of Scientific Literature*.

A obra estatística de Enrique Sparn *Las bibliotecas con 50 000 y más volúmenes* (Córdoba, Argentina, 1924), permanece como uma fonte geral para a estatística das bibliotecas. No *Jahrbuch der Deutschen Bibliotheken*, 1929, foi publicado o mapa das bibliotecas e institutos alemães.

124.4 A matebibliologia

1. Deve-se garantir um lugar para a matemática na bibliologia. Todas as ciências tendem senão a assumir a forma matemática pelo menos a recorrer ao auxílio da matemática como a um método de pesquisa complementar (física, química, biologia, matemática, sociologia, economia matemática). A ausência quase total de trabalhos teóricos dessa ordem

não é motivo suficiente para não introduzir o tema no quadro geral da sistemática da bibliografia. A matebibliologia liga-se a tudo que concerne à medida do livro (estatística do livro, bibliometria).

A matemática constitui uma linguagem. Ela exprime as relações lógicas entre os fatos objetivos. No domínio social constitui o meio para implantar e utilizar a estatística e ligá-la, mediante um sistema de relações exatas, às leis definidas pela sociologia. Mostrou-se, por exemplo, que é possível introduzir a economia no domínio das ciências exatas, como uma teoria matemática análoga à teoria estatística dos gases, por exemplo, ou mesmo à termodinâmica em geral.

Mostrou-se, em outro exemplo, que em cada nação há uma relação matemática entre preços a varejo, salários e número de desempregados.[1]

13 MÉTODO DA BIBLIOLOGIA

131 Generalidades

1. Em geral, os métodos válidos nas outras ciências serão válidos na bibliologia. Mas é preciso refletir sobre essas aplicações, examinar sua legitimidade, ver como se pode estender seu uso e torná-las flexíveis, sem lhes diminuir o rigor, a fim de que se adaptem às exigências das pesquisas em domínios novos.

Tendo surgido depois de tantas ciências, a bibliologia deve construir seu método a partir da comparação de todos os métodos. A. Observação. B. Experimental: os livros novos. C. Histórico. D. Dedutivo. E. Indutivo. F. Matemático (emprego dos símbolos). G. Estatístico.

A matemática era primitivamente empírica e indutiva: as ciências da natureza tendem a se tornar como a matemática, conceituais e dedutivas. Seria preciso fazer um esforço para tratar a documentação de maneira abstrata e constituir por meio do raciocínio sistemas documentários que serão simplesmente possíveis.

2. As regras do método científico consistem essencialmente em enumerar os diversos fatores que intervêm no problema em pauta e elucidar sucessivamente a influência de cada um deles tomado isoladamente, todos os outros permanecendo invariáveis.

Em conformidade portanto com o método em todas as outras ciências, trata-se de a) determinar os fatos particulares; b) depois de estabelecidos esses fatos, agrupá-los numa construção metódica ou sistema, a fim de descobrir as relações entre eles. Devem-se isolar os fatos para comprová-los, aproximá-los para compreendê-los.

A primeira questão é, portanto, estabelecer a maneira de determinar os fatos. Ela consiste na observação direta dos fatos. Mas o procedimento é insuficiente. Inúmeros fatos se passaram e somente pelos vestígios que deixaram nos documentos é que podemos ter conhecimento deles. Além disso, os fatos são dispersos em relação aos próprios objetos da bibliologia: os livros. É impossível para um homem sozinho proceder à observação pessoal e direta de todos esses fatos. É inevitável, então, acrescentar a essa observação a de outros observadores e combinar as observações próprias com documentos escritos pelos outros observadores. Observação direta e método indireto por meio dos documentos, tais são os dois meios de se conseguir determinar os fatos da bibliologia.

3. As ciências, as técnicas e as organizações mais avançadas consti-

[1] F. Arnould. *Theoretical study of unemployment*, 1932.

(_ _ _ _ _ _ _)

“ _ _ _ _ _ _ _ _”

Estatística geral dos livros

Produção de livros em (país) durante o ano (milhar)

ASSUNTOS	TOTAL – Livros e folhetos	DISTRIBUIÇÃO									
		LIVROS *					FOLHETOS **				
		TOTAL de livros	Livros originais	Livros traduzidos	Livros novos	Livros reimpressos	TOTAL de folhetos	Folhetos originais	Folhetos traduzidos	Folhetos novos	Folhetos reimpressos
0. Obras gerais											
1. Filosofia											
2. Religião											
3. Ciências sociais. Direito											
4. Filologia. Linguística											
5. Ciências puras											
6. Ciências aplicadas. Tecnologia											
7. Belas-artes											
8. Literatura											
9. História. Geografia											
Total											

(_ _ _ _ _ _ _)

“ _ _ _ _ _ _ _ _”

Estatística geral dos periódicos

Produção de periódicos em (país) durante o ano (milhar)

ASSUNTOS	TOTAL DE PERIÓDICOS	PERIODICIDADE				
		DIÁRIOS	DE 2 A 6 DIAS POR SEMANA	SEMANÁRIOS	MENSAIS	MAIS DE UM POR MÊS
0. Obras gerais						
1. Filosofia						
2. Religião						
3. Ciências sociais. Direito						
4. Filologia. Linguística						
5. Ciências puras						
6. Ciências aplicadas. Tecnologia						
7. Belas-artes						
8. Literatura						
9. História. Geografia						
Total						

tuem também modelos em que convém inspirar-se e levar em consideração para sua constituição. Em busca de completa autonomia, ela pode, por seus desideratos, suas iniciativas e suas invenções, oferecer modelos às outras ciências, técnicas e organizações.

4. Uma ciência completa de fatos e teoria; o espírito de observação e a especulação. Assim a ciência linguística, por exemplo, é formada pela história linguística (fato) e a psicologia linguística (teoria). A ciência documentária será, então, formada por a) a história do livro e do documento (fatos observados); b) sua interpretação ideológica: psicologia, tecnologia, sociologia.

5. O livro é um objeto de observação bibliológica. Do mesmo modo que um matemático, um químico ou um biólogo saberão considerar, nos objetos que observam, somente as características que sustentam sua própria ciência; o bibliólogo sabe ver no livro exclusivamente as características bibliológicas, deixando de lado o próprio conteúdo do livro, o assunto de que ele trata. Assim a um químico pouco importa se faz a análise das matérias orgânicas do corpo de um coelho ou de um frango. Introduziu-se, então, o método da história natural em bibliografia e a isso se deu o nome de bibliografia sistemática.[1]

Nas ciências da natureza o objetivo é duplo: descrição dos fatos e sua explicação ou teoria. Os fatos aqui escapam ao homem e é preciso sobre eles fazer um comentário satisfatório. Na bibliologia o objeto de estudo resulta da criação humana. Nada oferece de oculto, de misterioso, mas aqui a invenção e a imaginação, prefigurando as formas futuras, são chamadas a desempenhar um papel análogo ao da teoria e das ciências da natureza: trata-se nos dois casos de uma construção científica.

6. Tendo descrito e comparado os livros (de todas as épocas, países, assuntos, formas e línguas) e os tendo classificado segundo suas diversas características (bibliologia descritiva, bibliologia teórica) disso extrair: 1° as possibilidades relativas diversas para a expressão das ideias (produção, conservação, compreensão, difusão) (teoria técnica); 2° as leis pelas quais ocorreu a transformação dos livros ao longo do tempo (evolução do livro); 3° as aplicações principais a deduzir disso (aplicações).

7. Poder-se-ia, em bibliologia, inspirar-se no método desenvolvido pela retórica e a poética. Ambas procuram traduzir em fórmulas e preceitos aquilo que pareceu mais belo nas obras literárias. As obras-primas lhes serviram de base, mas tanto uma quanto outra souberam se libertar dessas obras até se elevarem, pelo menos em parte, ao nível de ciência racional. Acontece que as obras-primas de cujo estudo a retórica e a poética foram deduzidas são resultantes de operações lógicas e naturais do espírito humano. A retórica, a poética e a arte da composição literária pesquisam essa sequência de operações, analisam-na, dão-se conta de seu valor e as traduzem em fórmulas. Seria preciso estudar da mesma forma os livros como formas documentárias.

8. A última operação da construção bibliográfica é agrupar os fenômenos sucessivos para chegar a traçar o quadro da sua evolução. Esta constitui uma série de mudanças que vai numa direção que nos parece constante. A evolução é um fenômeno fundamental em todas as ciências que estudam seres vivos.

É preciso esclarecer o sentido da evolução biológica. Ela se liga à evo-

[1] Cole, George Watson. Bibliographical problems: In *Bibl. Soc. of Amer. Papers*, 19, 1914, p. 119-142. – In *Bibliog. Soc. Transactions*, 1912-13, p. 40-53). Greg. – What is bibliography.*

* Greg, W.W. What is bibliography? *The Library*, v. 12, n. 1, p. 39-54, Jan. 1913. [N.E.B.]

lução da sociedade e dos costumes, fatos muito diferentes da evolução de uma espécie animal. Entre eles só existe de comum o fato de uma transformação num sentido contínuo, mas o processo da transformação é diferente.

Hereditariedade e seleção são os dois fatores da evolução das espécies. A evolução sendo aí puramente biológica, esses fatores são puramente biológicos. Na bibliologia, como na sociologia em geral, os fatos são mistos: parte fisiológica, desenvolvimento do homem que modifica o meio, e parte psicológica (intelectual). Predominam dois fatores: a) a hereditariedade = todos os materiais acumulados pelo passado; b) seleção = escolha feita por inúmeros motivos entre esses materiais para continuar a transmitir uns e a rejeitar outros.

9. O livro será sucessivamente comparável a um mecanismo, a um organismo, a um psiquismo, a um sociologismo.

132 A análise e a síntese dos elementos

Distinguem-se a análise e a síntese, a indução e a dedução; por conseguinte, as ciências racionais baseiam-se na indução e as ciências de observação baseiam-se na dedução. A documentação é uma ciência de observação que, após ter conseguido expressar certas relações gerais, serve-se do método dedutivo para generalizar os dados, e dos métodos de combinação e de invenção para imaginar dados novos. As pesquisas têm por objeto determinar as propriedades do livro e do documento, e, mediante estas, sua natureza específica segundo as leis de sua ação. O objeto de pesquisa é ou a descoberta das causas ou das leis e a definição dos tipos.

Depois* de haver descrito e comparado os livros de todas as épocas, países, assuntos, formas e línguas e de tê-los classificado conforme suas diferentes características (bibliologia descritiva, bibliologia teórica), é preciso disso extrair: 1) as diferentes possibilidades relativas para expressão das ideias (produção, conservação, compreensão, difusão das ideias) (são as questões técnicas); as leis segundo as quais se deu a transformação dos livros ao longo do tempo (evolução do livro); 3) as principais aplicações a deduzir disso.

* Este parágrafo, a partir de 'Depois' até 'disso', repete o conteúdo do quarto parágrafo da página 30. [N.E.B.]

A análise e a síntese estão constantemente presentes no livro como na ciência e nas próprias línguas. Há um sistema, o sistema bibliológico, cujos elementos estão incessantemente atuando uns sobre os outros e sofrem todos, em cada momento temporal, as influências da totalidade do sistema. Associação de elementos, dissociação, redistribuição em associações novas, três operações estas que são contínuas. Toda forma bibliológica particular ou analítica (por exemplo, uma comunicação cronológica ou geográfica, a disposição dos termos na demonstração, a formulação das conclusões recapitulativas), ao se aperfeiçoar, consegue desintegrar as outras formas menos perfeitas fixadas em certas sínteses. Toda forma bibliológica, geral ou sintética (por exemplo, um tratado, um periódico), ao se aperfeiçoar, acarreta, por sua vez, a transformação não somente de seus próprias formas particulares, mas, pouco a pouco, por imitação e por necessidade de coordenação, acarreta as outras formas integradas em outros conjuntos. Ao conjunto desses movimentos a bibliologia deve prestar uma atenção especial: seu estudo constitui um ponto importante de seu objeto.

133 Pluralidade dos sistemas bibliológicos

1. Os povos, ao longo do tempo, constituíram seu sistema bibliológico, seja separadamente, seja por imitação, seja por interinfluência. Temos aqui o mesmo que em história natural. A célula está no fundo de todas as formações, no entanto, cada ser pôde, a partir da existência puramente celular, tomar um rumo divergente. O mesmo acontece em linguística, em que o ponto de partida não foi o mesmo para todas as línguas, que se separaram desde a origem antes de seguir seu caminho particular, e se sua evolução posterior é paralela, esta não coincide entre elas em seu sistema geral. Cada povo — assírios, egípcios, gregos, ocidentais, orientais, primitivos — criou seu próprio sistema bibliológico. Posteriormente, as evoluções acabaram por se confundir ou pelo menos um sistema mais avançado substituiu os outros.

2. Existe, portanto, um 'fenômeno bibliológico', 'efeito bibliológico' (a palavra efeito é aqui entendida no sentido de fenômeno bibliológico, assim como se fala, por exemplo, de efeito fotoelétrico). Consiste essencialmente na aplicação de signos sobre suportes (planos ou volumétricos).

3. Deve-se perguntar em que medida as propriedades bibliológicas aqui reconhecidas afetam realmente o pensamento que se manifesta em forma documentária? Para responder, seria preciso poder esboçar paralelamente o quadro de uma mesma ordem de raciocínio nos diversos casos considerados: a) palavra de improviso, registrada pela taquigrafia; discurso escrito; discurso premeditado, mas não escrito; b) narrativa espontânea e conto ou romance escrito; c) poesia oral e poesia escrita; d) teatro improvisado e teatro escrito; e) meditação interior sobre um tema científico, e comunicação documentária do mesmo tema; f) tradição oral de memórias históricas e anais escritos; g) receitas e práticas de uma profissão e doutrina profissional escrita.

4. Convém: 1° observar diretamente os fatos; 2° anotá-los, descrevê-los sucintamente, enumerá-los; 3° analisá-los sob todos seus aspectos, dissecá-los; 4° descobrir uma relação comum e constante que liga todos os fatos, prelúdio indispensável à elaboração de toda lei, à explicação e à determinação da causalidade.

5. Há duas maneiras diversas de praticar a comparação: 1° para daí tirar leis universais; 2° para daí tirar indicações históricas.

6. Uma ciência avançada é constituída por um conjunto de princípios fundamentais que não são mais discutidos pelos estudiosos; por um sistema de verdades estabelecidas, de leis demonstráveis e verificáveis experimentalmente. Mas o primeiro aspecto de uma ciência, dizia Kant, é uma confusão de fenômenos (*Gewühl von Erscheinungen*), uma rapsódia de percepções (*Rhapsodie von Wahrnehmungen*). Assim, na base de todo conhecimento existem descrições: 1° bem exatas; 2° feitas em termos compreensíveis; 3° medidas; 4° classificadas. Donde se passa ao exame das relações gerais existentes entre os elementos da ciência em causa e que já foram descritos, denominados e mensurados.

7. Todo método (do grego *metá* e *hodós*, caminho, rumo a) se exprime completamente num sistema que se baseia em princípios. É possível que haja sistemas diversos e mesmo numerosos, do mesmo modo que muitos caminhos que levem ao mesmo objetivo, e coordenem os mesmos dados suscitados pela prática ou pelas discussões. Muitos sistemas também podem não ser opostos quanto aos princípios ou aos métodos, mas exprimir somente as diferentes etapas e fases de sua elaboração.

134 Método de exposição da bibliologia

Há dois métodos possíveis para se fazer uma exposição sobre a bibliologia. Tratá-la separadamente em três partes e mesmo em três obras distintas — 1° a bibliologia, 2° a bibliotecnia, 3° as regras, recomendações baixadas ou preconizadas pela organização internacional da documentação — ou então tratar simultaneamente essas questões, no marco de uma classificação única cujos diferentes pontos seriam examinados a partir desses diversos pontos de vista.

Na presente apresentação foram combinados os dois métodos.

14 PROBLEMAS GERAIS DA BIBLIOLOGIA

Como em toda ciência, na bibliologia existe um problema fundamental sobre o qual se concentram constantemente todos os esforços. Como o documento consiste essencialmente em um mecanismo de transmissão do pensamento por meio da escrita e da leitura, esse problema pode ser expresso nos seguintes termos: a) ler a maior quantidade; b) no menor tempo; com o mínimo de esforço e de fadiga; d) o máximo de assimilação, e) o máximo de memorização, f) o máximo de reação intelectual (trabalho da mente), g) o máximo de concordância.

1. Para fazer a bibliologia avançar é importante precisar, sistematizar e compreender as pesquisas novas. As teorias apoiam-se muitas vezes em dados incompletos, vagos, muito mais descobertos ao acaso do que escolhidos.

2. São necessárias observações cada vez mais exatas. A matéria a ser observada são os livros e os documentos. Mas não basta que eles sejam depositados nas bibliotecas, pois é ainda preciso que sejam examinados do ponto de vista bibliológico (a forma) que é totalmente diferente do ponto de vista científico (o conteúdo). Seriam necessários também centros de estudos, verdadeiros laboratórios onde possam trabalhar em conjunto 'bibliólogos' qualificados em gerir os materiais e os instrumentos de estudo. Os problemas devem ser identificados em conjunto e resolvidos por meio da cooperação em comum.

141 Problemas práticos

1. De uma maneira diretamente prática o problema fundamental da documentação possui dois aspectos, um de fundo, outro de forma.

a) *Quanto ao fundo*

A documentação nada mais é do que o terceiro termo de uma tríade: realidade, conhecimento, documento. Por conseguinte, a documentação tem como problema fundamental formular métodos próprios, extrair do amontoado de documentos as verdades originais, importantes, não repetidas e colocadas no quadro sistemático das ciências. Este problema não deixa de ser análogo ao da metalurgia, cujo objeto é um método para separar da ganga os minerais cujo teor seja mais ou menos elevado.

b) *Quanto à forma*

O documento nada mais é do que o meio de transmitir dados informativos ao conhecimento dos interessados, afastados no tempo e no espaço, ou cujo espírito discursivo tem necessidade de que lhe sejam mostrados os vínculos inteligíveis das coisas. Como consequência, a documentação deve procurar realizar ao máximo para o homem condições cujo limite a ser atingido será a ubiquidade, a eternidade e o conhecimento intuitivo. Essas condições são ideais, sendo impossível atingi-las, pois se en-

contram lá onde se encontra o espírito puro. Mas pode-se considerá-las como condições-tendência.

O problema, então, consiste em buscar o aperfeiçoamento do livro em si mesmo (rapidez, riqueza, extensão, preço, etc.), o aperfeiçoamento de cada um dos elementos analisados e o aperfeiçoamento dos substitutos do livro, isto é, de outros meios de atingir o objetivo, de outros órgãos capazes de exercer a mesma função. A documentação partiu inicialmente do livro na forma que lhe havia sido dada pelos autores e os editores, e ela procurou dar-lhe organização. Devemos nos preocupar agora em estudar sistematicamente o aperfeiçoamento do livro e sua reforma em geral e em si mesmo. Esse movimento suscita uma série de problemas que assim se categorizam:

a) a bibliografia e a biblioteconomia: tratamento dos livros recebidos prontos; b) a publicação; os tipos racionais de publicações e a regra para estabelecê-los; c) a estrutura de uma ciência: a maneira de ordenar e sistematizar o conjunto dos dados relativos a uma ciência, d) a classificação geral dos conhecimentos: a maneira de organizar as relações entre as diversas ciências, e) a síntese científica: princípios, leis e métodos que devem determinar e regular os dados de cada ciência.

A bibliologia deve abordar sucessivamente essas duas questões:

a) Considerando os livros produzidos ao longo do tempo e que continuam a ser publicados, quais as características materiais, gráficas e intelectuais que eles apresentam e como esses diversos elementos são capazes de exprimir dados intelectuais?

b) Reciprocamente, considerando os dados intelectuais, quais os elementos materiais, gráficos e intelectuais que mais se prestam para a comunicação bibliológica e documentária?

4. Em suma, o problema prático fundamental da documentação ainda pode ser formulado nos seguintes termos:

a) Como um pensamento, seja intelectual puro, sentimento e emoção, ou tendências e vontades; quer se refira ao eu ou ao não eu, como pode um pensamento expressar-se por meio de documentos, isto é, de realidades corporais e físicas, incorporando ou carregando os referidos dados do pensamento graças a signos, formas ou elementos diferenciados perceptíveis pelos sentidos e ligados à mente por uma correspondência.

b) Como os documentos de qualquer espécie, tomados individualmente, ou em suas partes, ou nos conjuntos e coleções que constituem, podem realizar ao máximo essa expressão, obedecendo a certos princípios, certas disposições sistemáticas e coordenadas.

c) Como compreender o pensamento do autor, expresso graficamente, no menor tempo possível (rapidez), com o mínimo de esforço possível, isto é, com o máximo de eficiência (quantidade, qualidade).

d) Como conseguir, na elaboração do livro, efetuar a união de tudo que a divisão do trabalho, convencional ou histórica, parece ter separado (cooperação, aproximação).

e) Como obter um aumento da eficiência total do livro, de um lado aperfeiçoando cada um dos elementos que o compõem; por outro lado, separando, cada vez mais, o objetivo total e final almejado dos objetivos particulares e transitórios de cada uma das partes. E, para isso, como basear-se nos meios tradicionais ou inventar métodos e meios novos.

142 Problemas teóricos: a bibliologia pura

1. Coloca-se a questão de uma bibliologia pura, concebida à maneira de toda ciência pura, baseada em alguns conceitos fundamentais, dos quais em todas as direções seriam deduzidas todas as consequências lógicas e as possibilidades imagináveis. Sobre essas bases criou-se, por exemplo, uma matemática pura, uma física pura, uma economia pura, um direito puro.

Seria possível chamar de metadocumentação ou documentação pura as formas mais elevadas da documentação. E se afirmaria também este fato: que não se deixe estacionar no raciocínio e na invenção pelo desejo unicamente de alcançar resultados práticos imediatos e de aplicação geral, mas chegar, sem parar, mais longe. O algoritmo matemático não é para todos; a medida dos fenômenos físicos é feita por meio de instrumentação complexa (por exemplo, a luz, o pêndulo). Conhecem-se igualmente conflitos extremamente confusos para os quais o juiz ou o árbitro só pode tomar decisões muito populares, como no caso de muros divisórios.

A documentação pura deve aspirar à possibilidade de se elevar tão alto quanto lhe permitam as capacidades, não de todos, mas de alguns, de realizar transcrições documentárias raras ou únicas, combinações de documentos complexas e incomuns. Amanhã, o que é muito provável, saberá simplificar, generalizar e tornar útil o que hoje seria simplesmente verdadeiro e racional.

2. O precedente da matemática é notável. Até o século XIX toda pesquisa matemática se inspirava e tinha importância somente em função dos problemas práticos surgidos desde o princípio do pensamento humano, ou em função das novas descobertas e invenções da física. Nesse sentido a matemática seria serva das outras ciências. Mas, a partir do século XX, baseada no acervo de resultados acumulados pelos gênios sintéticos de Newton, Euler, Lagrange, Gauss e tantos outros a matemática se afirma como exercício lógico e independente. A crítica a liberta de toda dependência da intuição e ela própria, com base em seus próprios conceitos e postulados independentes, estabelece um sistema de teoria lógica, fechado em si mesmo, sem qualquer necessidade de apoiar-se em algo que não seja ela mesma.

3. Uma bibliologia pura poderia ser erigida sobre os alicerces de um conceito composto dos quatro elementos seguintes: a) a representação do mundo; b) um sistema de signos; c) em suportes práticos e manipuláveis; d) ensejando registros que possam ser conservados, comunicados e difundidos.

Seria possível estabelecer, pelo raciocínio lógico, todas as possibilidades inerentes aos quatro termos e à sua combinação dois a dois, três a três, quatro a quatro. A representação do mundo seria estendida à do mundo real e à do mundo ideal. Quanto aos signos, seriam considerados os signos visíveis e os signos invisíveis, os signos abstratos e concretos, os signos fixos e os signos em movimento. O suporte seria considerado em relação às diversas dimensões: duas (superfície), três (volume) e ao movimento (dinamismo). A comunicação seria considerada no lugar ou a distância, e dirigindo-se aos vários tipos de inteligência destinados a recebê-la.

4. No quadro da bibliologia pura — quadro abstrato, ampliado incessantemente pela crítica, pela dedução e a indução — teriam lugar todas as realizações existentes ou que existiram, isto é, todos os tipos de livros e

de documentos. Estes surgiram em um dado lugar, em uma dada época, e trataram de uma dada coisa individualizada. A bibliologia pura teria como característica ser desligada desses três modos de contingência para deles reter dados concretos e realizados que neles existam de generalizável.

5. Será que um dia acontecerá com a bibliologia o que aconteceu com a matemática? Nesta ocorreu uma transformação no século XX. De início, não passava de um simples meio auxiliar unicamente para a descrição quantitativa dos fenômenos e não essencialmente para a concepção quantitativa dos fenômenos. Atualmente ela foi promovida à dignidade de elaborar as novas categorias de pensamento necessárias à sistematização lógica e à própria 'conceitualidade' de novos fenômenos (novas concepções do tempo e do espaço; geometrização dos fenômenos de gravitação, expressão da categoria causal). Poder-se-ia conceber uma transformação análoga em bibliologia, mas em sentido inverso. O documento continua sendo, até hoje, essencialmente, uma descrição de qualidades. Um aperfeiçoamento das categorias bibliológicas poderia tender para esses detalhes, para uma precisão e uma correlação tal das partes com os conjuntos que chegaria perto da descrição quantitativa por um outro caminho que não o da própria matemática. Seria esse o caso, principalmente, com uma classificação científica que fosse expressa em algarismos ordinais e em cujos quadros se situariam os dados científicos e graças à qual poderiam ser operadas mecanicamente aproximações, decomposições e composições de ideias.

Por outro lado, na evolução humana, constatam-se quatro fases: sensações, inteligência, linguagem, escrita-documentação. Sem a linguagem a inteligência não teria podido aperfeiçoar-se, sem a escrita-documentação a linguagem teria permanecido num estado inferior. Da mesma forma que, por meio da linguagem, as categorias do pensamento se constituíram mais forte e plenamente, o mesmo poderia acontecer com uma documentação num estágio mais avançado. Por seu intermédio, entrevê-se a possibilidade de um dia dotar o pensamento de novas categorias elaboradas pelo processo indireto do documento da maneira como a própria matemática contemporânea elaborou novas categorias de pensamento.

6. Quando Aristóteles criou sua lógica, Atenas estava tomada por um mal intelectual terrível. Os sofistas pretendiam poder, indiferentemente, provar o falso e o verdadeiro, o útil e o nocivo. Mais tarde, depois dos abusos e desvios da escolástica, chegou um tempo em que a lógica e seus processos foram profundamente desprezados. A culpa não se deve à obra de Aristóteles, que continuou imortal, mas à de seus sucessores, que desconheciam o espírito dela. O caos do livro e dos documentos exige hoje em dia uma ciência que evitaria o mal da documentação tornada desordenada, repetitiva, contraditória, um mal comparável, sob certos aspectos, ao dos sofistas sobre os quais Aristóteles acabou por triunfar. Essa ciência seria, em virtude da ordem que aplica aos documentos, o prolongamento da lógica, que é a ciência da ordem que se aplica às ideias. Quaisquer que sejam os abusos que essa nova ciência infalivelmente ocasionará, sua utilidade e sua necessidade são incontestáveis.

7. As transformações futuras dos livros. Por meio de uma evolução extrema, chega-se a conceber quase uma documentação sem documentos. Seria possível ocorrer uma generalização radical que lembraria nesse terreno o processo que levou os matemáticos àquilo que se poderia chamar uma matemática sem número nem espaço! Os geômetras, transportando

elementos geométricos simples para espaços cada vez mais complexos, chegaram a geometrias generalizadas, das quais a simples, a geometria de Euclides, seria apenas um caso particular. Os algebristas construíram aritméticas generalizadas.[1]

O documento elementar corresponde ao pensamento discursivo. Serve de apoio a esse pensamento ao lhe permitir um desenvolvimento explícito cada vez mais extenso e abundante. O documento de grau superior que se percebe corresponderia ao pensamento intuitivo. Ele despojaria o documento elementar de suas propriedades fundamentais, físicas e psicológicas para sublimá-lo e reduzi-lo a pouca coisa e seu substrato, e a série encadeada de seus signos. O quê? Como? É difícil, por enquanto, enunciar isso de modo preciso. Dizemos que a música reduzida a tons puros, talvez jamais anotados, possa nos dar uma ideia vaga disso: assim como o rádio atuando 'ubiquamente', audível à vontade, viesse subitamente preencher um determinado espaço com suas ondas ou esvaziá-lo, isso ao nosso alcance e ao simples apertar de um botão. Dizemos que a música e o rádio nos permitem, nesse caso, antecipações muito difíceis de ir além de seu simples enunciado.

15 RELAÇÕES DA BIBLIOLOGIA COM OS OUTROS CONHECIMENTOS

A bibliologia, como toda ciência, possui relações com os outros conhecimentos. Essas relações assumem duas direções: a de emprestar e a de dar. Os principais conhecimentos com os quais existem essas relações são a linguística, a tecnologia, a lógica, a psicologia e a sociologia.

Existem, porém, relações inteiramente gerais com o conjunto dos conhecimentos e a ciência como tais, e são essas relações que devemos examinar de início.

151 Relações gerais

As relações entre as coisas, entre as ciências que lhes correspondem, são em princípio relações recíprocas. Tem-se, portanto, 'lógica : livro' e 'livro : lógica', 'psicologia : livro' e 'livro : psicologia', 'tecnologia : livro' e 'livro : tecnologia', 'sociologia : livro' e 'livro : sociologia'. A reciprocidade dessas relações ocorre, entretanto, em cada caso, segundo duas direções diferentes. Assim, convém considerar as influências da lógica sobre o livro e, inversamente, as influências do livro sobre a lógica à qual ele trouxe um instrumento próprio para demonstrações rigorosas e coordenadas num vasto sistema. (Por exemplo, o que teria sido da lógica presente na geometria se ela não tivesse podido se expressar nos oito livros de Euclides.) O mesmo acontece com as influências correlatas do livro sobre a psicologia (formação da mente), sobre a técnica (significação clara atribuída às coisas produzidas), sobre a sociedade (extensão e precisão do vínculo social), maneira pela qual o livro reage sobre os fenômenos sociais, em particular, e, reciprocamente, a ação do livro sobre um público ou uma multidão dispersa.

Uma formação sistemática dos termos poderia exprimir claramente essas relações nos dois sentidos. Seria possível dizer lógica, psicologia, tecnologia e sociologia bibliológicas. Ou, reciprocamente, bibliologia lógica, psicológica, tecnológica e sociológica.

---

[1] Harris Hancock. *Foundations of the theory of algebric numbers*. 1931.

152 A linguística ou filologia bibliológica

1. As relações da bibliologia com a linguística constituem o que se poderia denominar filologia bibliológica. O objeto desta é mostrar como, na origem, ocorreu o prolongamento da linguagem no signo, depois que o próprio pensamento (sensação, sentimento, ideia) preparou um caminho exterior para essa mesma linguagem, como a língua encontrou no livro o meio de se fixar e progredir até as formas complexas da literatura, como ela continua a se desenvolver sem parar por meio de mais livros, pela necessidade de incorporar mais pensamentos em mais documentos, como, para tal fim, ela efetua sem descontinuidade a ampliação do vocabulário, da nomenclatura e da terminologia.

2. Os sistemas fonéticos, os sistemas morfológicos e os sistemas psicológicos da linguagem também são complementados por meio de um sistema bibliológico. As pesquisas que há séculos vêm sendo feitas sobre as línguas e os estudos de gramática comparada são um indicativo do que se pode esperar dos estudos sobre os livros. Pensou-se, inicialmente, em classificar as línguas segundo diversos pontos de vista e depois em seu conjunto. Examinou-se, em seguida, a evolução de cada grupo sistemático de línguas ao longo do tempo e o caminho que seguiu e devia seguir. Por isso há estudos a partir do ponto de vista etimológico e genealógico, estudos sobre as três partes muito distintas da linguagem: a fonética, a morfologia, a sintaxe ou parte psicológica. As formas bibliológicas estudadas segundo métodos análogos darão resultados não menos notáveis.

3. Os textos para o estudo das línguas oferecem elementos preciosos. Para as línguas antigas, só é possível observar os fatos com seu auxílio. É em documentos escritos que se observa, por exemplo, o ático, o gótico ou o eslavo antigo. Pode-se também determinar o estado de uma língua em determinado momento, em certas condições, e o exame de textos torna-se, então, o substituto da observação direta, que seria impossível. A língua escrita, porém, está longe de registrar exatamente todas as mudanças da língua falada, pois há diferenças variáveis conforme os indivíduos e seu grau de cultura. Ora, as línguas românicas não foram a continuação do latim literário, mas, principalmente, do latim vulgar. Os textos de épocas diversas apresentam estados sucessivos da língua. As mudanças fundamentais às quais se deve a passagem do latim antigo para o romano, do século III ao século X dC, deixaram seus rastros nos monumentos escritos. A linguística faz suas abordagens a partir de uma 'língua comum' inicial (*Ursprache*). Cada fato linguístico faz parte de um conjunto onde tudo se contém (sistema linguístico). Aborda-se, então, não um detalhe com outro detalhe, mas um sistema linguístico com outro sistema.

4. Em cada região há um grupo de falares locais da mesma família e uma língua escrita, língua de civilização que serve para todos os usos gerais, para as relações com país e que é a língua do governo, da escola, das administrações, da imprensa, etc. Igualmente, a língua escrita tem sobre os falares locais uma forte influência.[1] Foi assim na França. No século V aC, na Grécia, quase toda localidade grega tinha seu próprio falar, enquanto que a partir dessa época o uso da língua geral cada vez mais intenso elimina, um após o outro, os particularismos locais, e uma língua comum baseada no ático se espalha por toda a Grécia. Esta observação esclarece a noção de 'língua clássica'.

---

[1] A.A. Meillet. *La méthode comparative et linguistique historique*, p. 73.

5. Acontece que quando uma população não se renova, muda de língua. É o caso do Egito onde, depois de uma persistência que durou cerca de quatro mil anos de períodos históricos, o egípcio deixou de ser usado e foi substituído pelo árabe. No território atual da França, o gaulês chegou com a conquista céltica na primeira metade do milênio anterior à era cristã; depois cedeu lugar ao latim após a conquista romana. Não se pode, portanto, identificar um país com a língua que ali se fala, nem tampouco uma língua com um país. Esta observação tem sua importância na classificação dos documentos.

6. A palavra. Antes de qualquer livro houve a palavra, que coexiste paralelamente ao livro.

A vida em comum, a civilização tem necessidade da palavra: conversas, comunicações, acordos, ordens, avisos, ensino; a fala nas casas, nos salões, nos escritórios, nas oficinas, nas administrações, nas assembleia, nas conferências.

O telefone é a palavra levada à distância. Houve o 'jornal telefonado'. O rádio é também um modo de transmissão da palavra.

A linguagem apresenta cinco graus na escala da ordem colocada nas ideias expressas: a) fala; b) conversa; c) debate; d) cursos e conferências baseados em anotações; e) teatro com base num texto escrito.

Encontram-se nas formas bibliológicas os equivalentes das formas faladas. Assim, temos a conversação, a entrevista, o diálogo, a narrativa, o debate.

7. A conversação se assemelha ao canto. O canto responde a uma necessidade orgânica tanto quanto intelectual. Canta-se por cantar e isso sem um objetivo definido. Do mesmo modo, pode-se conversar pela necessidade fisiológica e psicológica de falar e de modo algum para informar, descrever, provar ou persuadir. É verdade que o canto comumente exprime os sentimentos mais elevados e suas palavras traduzem ideias elevadas em forma poética. Ao contrário, a conversação pode ser encontrada num nível primário e expressar os lugares-comuns mais triviais.

Os salões foram muito importantes no século XVIII. Mais mundanos e literários antes de 1750 (os salões literários servem na segunda metade do século principalmente à propagação das novas ideias: a *cour* de Sceaux da duquesa du Maine, os salões de madame de Lambert, madame de Teneur, madame Geoffrin (ponto de encontro dos enciclopedistas), madame de Deffand e senhorita de Lespinasse, madame Necker.

8. A improvisação ficou como o essencial da arte oratória. A improvisação está na origem da poesia. Havia então uniformidade na construção de frases, simplicidade de ritmos, inúmeras licenças da linguagem. As dançarinas sábias do Egito, os rapsodos dos gregos, os bardos da Escócia, os escaldos do Norte e os trovadores tinham, em diferentes graus, o dom da improvisação. Entre os povos selvagens ainda existentes podem-se ouvir improvisos. As tribos de negros se regozijam com os cantos improvisados de seus feiticeiros.

Com o passar do tempo e línguas que se enriquecem e se complicam, a improvisação, tornada difícil, cede seu lugar às obras mais trabalhadas e acaba por desaparecer. No mínimo deixou de ser o próprio modo da poesia e se transformou em um particularismo, um gênero inferior.

Na música, a improvisação geralmente não passa de um divertimento. A distração de um grande artista cuja imaginação fecunda conta com o auxílio de longos estudos e uma ciência consumada. Beethoven e Mozart

foram grandes improvisadores. No entanto, uma improvisação por mais brilhante, por mais impressionante que seja, jamais alcançará a elevação de uma obra maduramente refletida, elaborada com amor e no silêncio que convém ao nascimento de uma verdadeira criação. A natureza e as condições materiais do órgão exigem a improvisação.

9. A tradição, seja na ciência, seja em outros campos, continua a desempenhar um importante papel. A transmissão dos conhecimentos se dá não apenas pela intermediação dos documentos, mas também sem documentos, por meio da fala, dos objetos ou dos atos de formação profissional (aprendizagem, educação).

153 A sociologia bibliológica

1. As relações entre a bibliologia e a sociologia formam aquilo que se poderia chamar de sociologia bibliológica.

2. A sociologia é a ciência dos fenômenos sociais. Onde houver dois ou mais indivíduos presentes, haverá um fenômeno social. Em nossa época constituiu-se uma ciência geral que abarca todas as disciplinas que estudam os fenômenos sociais, que é a sociologia.

3. O livro nasce na sociedade. São as circunstâncias de tempo e lugar da sociedade que lhe conferem sua fisionomia própria. Um determinado livro teria sido impossível de conceber e publicar antes de determinado momento ou fora de determinado país. As circunstâncias sociais são as que determinam as formas da cooperação intelectual ou material e as modalidades comerciais e de outro tipo segundo as quais se dá a difusão dos escritos no organismo social. Para estudá-las em seu verdadeiro contexto, a bibliologia empresta da sociologia seus dados fundamentais. Em sentido inverso, ela lhe proporcionará as conclusões de ordem social de suas próprias pesquisas.

4. A sociologia atual desenvolveu estes três princípios: 1º a sociedade humana é uma totalidade e cada fenômeno parcial repercute em todos os outros; 2º toda coisa específica na vida social deve ser vista em função das demais: a noção de funções substitui a de causas; 3º o ponto de vista predominante desde então deve ser o da relatividade. Esses princípios são três corolários quanto à documentação, vista como expressão do pensamento social: 1º a documentação é uma totalidade; 2º os fatores que atuam em cada domínio da documentação devem ser considerados como funções que dependem umas das outras; 3º o valor intrínseco e extrínseco (fundo e forma) da documentação submete-se à relatividade.

5. A concepção nova resulta de uma justiça eficiente, uma saúde controlada, uma economia dirigida, uma política científica e de uma intelectualidade amplamente cooperativa. É a contribuição de todo o conjunto de resultados já obtidos pelas ciências e os que elas obterão amanhã. Percebe-se, portanto, um papel imenso a ser desempenhado pela documentação, pois a coletividade humana, ampliada ao nível mundial, não saberia praticamente definir suas ações, levá-las adiante com regularidade, prolongá-las em toda a esfera internacional senão utilizando documentos.

Segundo essa concepção nova da sociedade, que tende a prevalecer, toda realidade, por menor que seja, aparece como função de todas as outras realidades existentes. Trata-se, desde logo, de uma harmonia e um equilíbrio permanente a serem buscados entre todas elas, e isso não é possível a não ser por meio de uma documentação cada vez mais aper-

feiçoada.[1] É preciso esperar dos próprios acontecimentos certos efeitos psicológicos. Eles devem levar a que todos tenham uma visão clara das exigências de nossa época. A informação documentada colocada diante dos olhos do público fará acelerar esses efeitos psicológicos.

A inteligência da nação deve ser empregada ao mesmo tempo que a de seus mandatários e de seus órgãos executivos. Todo cidadão tem sua responsabilidade, e deve estar preparado para agir. Diante de ideias numerosas e confusas ele deve estar habilitado a ver com clareza e a escolher entre elas. Ele deve praticar e sair do caos em que se debate.

'Examinar', na mente dos povos e dos estadistas, a que correspondem os problemas, os pensamentos, os projetos, as ideias a que se acham ligados o destino, a prosperidade ou a ruína, a vida ou a morte dos humanos.

Não basta absolutamente que homens, grupos e organizações trabalhem para se libertar e dizer o que é preciso fazer. É preciso tocar na massa dos cidadãos. Informar-lhes é necessário para que, advertidos, queiram a cooperação e sejam levados à realização. Tudo isso evidencia o papel da documentação na sociedade.

6. Na evolução, o papel do livro em um certo momento tornou-se capital. Melhorar o livro é melhorar a civilização, termo abrangente sob o qual se colocam todos os elementos que compõem a sociedade. Constata-se que a evolução do corpo humano quase que estacionou desde os tempos históricos. Não se verificou qualquer mudança em seus órgãos, membros e sentidos. No entanto, a mudança surgiu como um prolongamento externo de sua pessoa. Um, o instrumento que prolonga sua mão (mão-ferramenta); o outro, o livro, prolongamento de seu cérebro (cérebro-livro). Existe aí uma espécie de desenvolvimento exodérmico em oposição ao desenvolvimento endodérmico (fora dos limites do envoltório cutâneo do corpo). O que leva a pensar no que os metapsíquicos chamam de ectoplasma.* Aperfeiçoar o livro é aperfeiçoar a humanidade.

* No original, *ectoderme*. [N.E.B.]

154 A ciência ou lógica bibliológica

Convém remontar à concepção sintética que se deve fazer de todas as coisas (universalismo). Para isso lembremos as distinções fundamentais. 1° A realidade objetiva (o homem e a sociedade). 2° O pensamento que procura representar essa realidade e que a associa à realidade subjetiva do eu. 3° A expressão e a formulação desse pensamento, seja pela linguagem, que é fugidia, seja pelos seus signos, a escrita ou o desenho, em documentos. O livro de caráter científico pode então ser visto como deformações às quais esses estão submetidos.

Por outro lado, a classificação das ciências distingue:

Os conhecimentos, inicialmente confusos, sem ordem, e depois bastante elementares, tornam-se mais tarde sucessivamente especializados ao extremo. Entramos num período de síntese onde a correlação de todas as ciências assumiu o primeiro plano das preocupações.

Cabe, então, considerar as ciências bibliológicas do mesmo ponto de vista. As correlações serão de duas ordens: 1° as que elas emprestam às outras ciências, 2° as que elas lhes aportam.

A bibliologia ainda não se constituiu como ciência e deveria fazê-lo de forma relacionada e cooperativa.

[1] Paul Otlet: a) *Constitution mondiale*, 1917; b) *Programme mondial*, 1932; c) *La banque mondiale et le plan économique mondial*, 1932.

Será útil recordar as noções fundamentais sobre a ciência em geral e sua formação.

1. **Noção de ciência**. Uma ciência é um conjunto de proposições que constituem um sistema, um todo que se mantém de pé.

Laplace (*Oeuvres complètes*, VII, p. VI) assim se expressou sobre a ciência: "Uma inteligência que, em dado momento, conhecesse todas as forças de que a natureza é animada e a respectiva situação dos seres que a compõem, e que, ademais, fosse tão vasta para submeter esses dados à análise." A documentação pode basear a necessidade de sua universalidade nessa definição da ciência e da qual deve ser a auxiliar.

Toda realidade concreta oferece apenas o individual. É a inteligência que por meio da abstração pode distinguir o que ela tem de geral. A ciência de um objeto e de um conjunto de objetos é formada precisamente pelo que oferecem de geral. Nas condições de existência a serem satisfeitas pelas realidades concretas há algo de necessário. Pode-se, portanto, determinar intelectualmente tipos e espécies, bem como as condições às quais deve satisfazer todo objeto, todo fenômeno imaginável da ordem estudada.

As concepções filosóficas, sejam as do exemplarismo ou do mecanicismo,* levam ao princípio segundo o qual na inteligência residem não somente as coisas, mas retratos das coisas, imagens intelectuais em que se suspeita ou não do sistema, da semelhança.

* No original, *mécanisme*. [N.E.B.]

Fatores da sistematização. Há três fatores da sistematização científica:

a) a definição que diz o que é uma coisa é; b) a demonstração, que passa dos princípios às conclusões; c) a divisão ou diferenciação.

Pode-se definir assim o ideal de uma ciência perfeita: um conjunto de proposições evidentes e certas, necessárias e universais, sistematicamente organizadas, extraídas mediata ou imediatamente da natureza do sujeito e que mostra a razão intrínseca de suas propriedades bem como das leis de sua ação.

Trabalhos analíticos. **Trabalhos sintéticos**. Os dois tipos de trabalhos, com os documentos e as publicações que comportam, precisam ser vistos tanto individualmente quanto em correlação. Análise e síntese são os dois movimentos essenciais do pensamento, que alternativa ou sucessivamente decompõem um conjunto de elementos e seus elementos formam um conjunto. Economia no pensamento e ganho no trabalho é o que significam a análise e a síntese, em ligação tão estreita que sem esforço uma leva à outra e vice-versa.

3. **Objetivo**. O objetivo da ciência é formar e constituir a imagem intelectual do mundo em movimento (ciência estática, dinâmica) e a determinação dos pontos de ação sobre os quais é possível uma ação em vista da transformação do mundo segundo as necessidades humanas (desideratos materiais e intelectuais).

Assim, "saber para prever a fim de poder". Ora, isso não é possível para a mente, nem espontaneamente, nem imediatamente, nem diretamente, nem isoladamente. Ela precisa: 1° de tempo; 2° de cooperação; 3° de um método; 4° de um instrumental (língua, classificação, lógica, documentação).

4. **Espécies de ciências**. As ciências são de duas ordens: 1° ciências de objetos (ciências de realidades concretas). Elas lidam com coisas eventualmente únicas, como a Terra, objeto da geografia, vista na síntese total que ela forma; 2° ciências de fenômenos, de aspectos. (Ciência abstrata,

analítica, que lida com as coisas ou alguns de seus elementos dando lugar a tipos ou classificação e a leis.)

Existem as ciências exatas e as outras. Para ser uma ciência exata, conforme a terminologia reconhecida, é preciso que ela seja praticada em objetos mensuráveis:

a) as ciências da natureza e as ciências do homem e da sociedade; instituições, objetos artificiais e ideias criados pelo homem; b) as ciências dos fatos, ciências das leis, e as ciências aplicadas ou disciplinas práticas.

O passado conheceu a divisão das ciências em duas partes, uma oculta, reservada aos iniciados no saber, sábios e sacerdotes ao mesmo tempo, e a outra, pública, esotérica, para o vulgo e revelada por intermédio de símbolos. (Os egípcios construtores de pirâmides, Zoroastro, os pitagóricos, todos os adeptos da gnose.) O livro foi o instrumento tanto de uma quanto de outra dessas formas de ciência.

Por outro lado, o pensamento refletido expresso nos documentos (escritos, imagens) parte de quatro ordens de produção elevando-se de umas para as outras segundo uma progressão crescente de precisão e generalização abstrata: a) folclore; b) literatura; c) ciência; d) filosofia.

5. **Movimentos internos na constituição da ciência**. A constituição geral da ciência é atingida neste momento por grandes movimentos internos que tendem a abraçar todos os conhecimentos e os quais a bibliologia deverá levar em conta. Esses movimentos são:

a) interdependência mais estreita de todas as partes (no interior e no exterior);

b) explicação genética, evolução histórica. Atualmente nos dois sentidos: aprofundamento de seu próprio domínio; utilização do domínio das outras ciências oferecendo a elas seus próprios resultados;

c) matemática das ciências, formulação de suas leis, em linguagem matemática (concentração, dedução);

d) eliminação da distinção entre ciências puras e ciências aplicadas;[1]

e) substituição da noção de função pela de causa;

f) substituição da noção de lei estatística, que enseja as probabilidades, pela de determinação das causas. Restauração do indivíduo e de seu livre arbítrio relativo. Ocorreu uma revolução nessa concepção após os grandes descobrimentos da física. A concepção determinista foi atacada, almeja-se reconstruir uma espécie de livre arbítrio no mundo dos corpúsculos (Heisenberg, Bohr). É impossível conhecer ao mesmo tempo a posição e o movimento preciso de um corpúsculo e seu estado imediatamente posterior. Somente considerações estatísticas definirão um estado mais provável entre os diversos estados possíveis. A noção de lei, até hoje fundamental, seria, por conseguinte, especialmente modificada;

g) importância crescente do finalismo voluntário humano, social, com o nome de plano (teleologia).

6. **Constatação. Previsão. Ação**. É necessária, hoje em dia, uma ciência desenvolvida até estes três níveis: 1º Registro dos fatos quando eles acontecem; 2º Previsão dos fatos e estabelecimento das consequências úteis antes de seu pleno desenvolvimento; 3º Ação em vista de produzir ou modificar os fatos.

7. **Ciência geral comparada**. Sem que um nome diferente ou mesmo uma organização diferente a caracterize, ela constitui sob nossos olhos

[1] Comment se font les inventions. (A. Boutaric, *Les grandes inventions françaises*, p. 9.)

uma ciência geral comparada; isto é, uma maneira comum de constituir cada ciência específica, seu conteúdo, sua expressão e sua organização. Essa ciência específica, sob o império de seu próprio desenvolvimento, pode não ter sentido a necessidade de um método ou uma forma de organismo, nem ter sido levada a colocar determinadas ordens de problemas, e que essas necessidades, contudo, surgem desde que as ciências se aproximem e se comparem. A bibliologia se beneficiará de tudo o que resultará dessa 'ciência comum'. Antes de ser formulada, ela deverá confrontar diretamente as ciências mais importantes e mais características.

8. **Ciência e objeto da ciência**. Uma primeira e fundamental distinção a ser feita é entre a coisa e sua ciência, aqui entre o livro-documento e a ciência do livro-documento. A zoologia, ciência dos animais, é muito diferente dos próprios animais: ela tem uma história (evolução das concepções relativas aos animais) muito distinta da história dos animais, sua evolução, a qual é objeto de uma ciência própria: a paleontologia.

9. **Caráter completo ou seletivo das ciências. Importância dos assuntos tratados**. Descrever o mundo, descrever o pensamento dos homens, descrever o que esse pensamento concebe sobre a natureza, o homem e as sociedades: que tarefa imensa. *A priori*, é impossível realizá-la por completo. Para escrever uma história integral, por exemplo, seria preciso descrever, segundo a segundo, o que aconteceu ao longo do tempo: para escrever uma geografia integral seria preciso descrever não só a Terra, mas todo o espaço, metro a metro, senão quilômetro a quilômetro.[1] É impossível e sobretudo inútil construir e comunicar um saber completo. Procedeu-se, então, de duas maneiras: criando tipos gerais aos quais se admite que correspondam as entidades particulares e selecionando os assuntos a serem tratados. Há inúmeros assuntos que não têm interesse. As pessoas de espírito medíocre e incapazes, muitas vezes qualificadas como curiosas, debruçam-se amiúde sobre questões insignificantes. A lista de títulos bibliográficos o comprova. "Toda ciência deve ter em conta condições práticas da vida, pelo menos na medida em que ela for destinada a se tornar uma ciência real, uma ciência que possa chegar a conhecer. Toda concepção que leve a dificultar o saber impede que a ciência se forme. — A ciência é uma economia de tempo e de esforços alcançada por um processo que torna os fatos rapidamente conhecíveis e inteligíveis: ela consiste em colher lentamente uma quantidade de fatos e detalhes e condensá-los em fórmulas portáteis e incontestáveis. As ciências têm a opção entre duas soluções: serem completas e inconhecíveis, ou serem conhecíveis e incompletas. Escolheram a segunda, elas resumem e condensam, preferindo o risco de mutilar e de comunicar arbitrariamente os fatos à certeza de não poder compreendê-los nem comunicá-los". (Charles V. Langlois e Charles Seignobos. *Introduction aux études historiques*, p. 228.)

10. **A ciência e o livro**. Nossa época criou a pesquisa científica. É um crescimento ilimitado dos conhecimentos provocado tanto pela ânsia de conquistá-los quanto por uma organização para realizá-lo (pessoal, planejamento, métodos e equipamentos). Se sempre houve amor e esforço para conhecer, o ponto essencial e a grande novidade agora está na pesquisa assim definida. Ora, as condições *sine qua non* são que os resultados possam ser comparados exatamente e que possam somar-se uns aos outros. Trata-se, mediante processos muito poderosos, mediante uma

[1] André George. *L'oeuvre de Louis de Broglie et la physique d'aujourd'hui.*

ação contínua, de constituir um capital — capital intelectual — de leis e processos poderosos. Continuidade, adição, comparabilidade, capitalização somente são plenamente possíveis graças à documentação. Reciprocamente, não existe documentação satisfatória aos desideratos da ciência a não ser que corresponda a esses mesmos quatro objetivos-desideratos.

155 A psicologia e as atividades da mente ou psicologia bibliológica

1. Na bibliologia abriu-se um novo capítulo: a psicologia bibliológica, que é o estudo das relações mentais entre autores e leitores por intermédio do livro, o estudo do livro considerado como uma cristalização das ideias, dos sentimentos, das vontades de quem o produz, uma cristalização que, por sua vez, influenciará essa outra cristalização, mais frágil e suscetível de modificação que é o usuário do livro. Nikolai Rubakin [Nicolas Roubakine] estudou isso durante mais de trinta anos; durante a guerra foi levado por seus amigos a sair do meio exclusivamente russo onde ele apresentava fatos e ideias de alcance universal. Por meio de uma ação conjunta, o Institut Rousseau (escola de ciências da educação em Genebra) e o Instituto Internacional de Bibliografia organizaram a criação em 1916 de uma seção de psicologia bibliológica que se transformou, em 1928, no Institut International de Psychologie Bibliologique. Instalado de início em Clarens, está atualmente em Lausanne, onde funciona ativamente sob a direção e o estímulo do próprio N. Rubakin, assistido por sua colaboradora Marie Bethmann. Os princípios desse novo ramo da ciência acham-se expostas nos dois volumes escritos em francês, somando 600 páginas (*Introduction à la psychologie bibliologique*, Paris, Povolosky, 1922) e em dois volumes em russo, com 900 páginas, publicados em 1923–1924, contendo os últimos avanços. Um inquérito internacional de psicologia bibliológica foi realizado em 1932. Levantou materiais excelentes para o estudo dessa ciência e para a determinação dos tipos de leitores, estudados longa e minuciosamente segundo suas próprias reações bibliopsicológicas. Ninguém que se interesse pelas ciências do livro ou pelas ciências da mente poderá a partir de agora ignorar os novos problemas suscitados e as primeiras soluções propostas para eles. Pois se trata de uma ciência mista: ela participa tanto da psicologia quanto da bibliologia: ela é uma resultante de uma e de outra, um aporte de uma à outra.

2. Os filósofos, segundo Aristóteles, haviam proposto três termos: o objeto, a mente, a verdade, ou, em sua linguagem, o objeto conhecido, o sujeito conhecedor, a relação de um com o outro que devia ser uma *equatio* [equação] para merecer o nome de verdade. Toda sua lógica, em grande parte ainda a de hoje, baseia-se nesse fundamento. Mas sua psicologia era sumária e, atrás da lógica como atrás dela, a metafisica reinava na afirmação de princípios absolutos. Foi preciso a revolução científica e as pacientes análises da psicologia fisiológica para se penetrar no ponto de vista fenomenalista, relativista, e reconhecer tudo o que o 'sujeito conhecedor' oferece de modalidades e de individualidades diversas. Se não há dois homens fisicamente idênticos, como acreditar na estrutura uniforme da mente? E, então, como não refazer sobre novas bases a obra individual e social da razão, concebida como muito racional"?

3. A bibliopsicologia é um ramo especial da psicologia científica: ela se apoia antes de tudo nos métodos das ciências naturais e das ciências exatas em geral. Seu objeto é o estudo de todos os fenômenos psíquicos ligados à criação do livro, à sua circulação, à sua utilização e à sua influên-

cia. Na bibliopsicologia, a palavra 'livro' assume seu sentido mais amplo: indica ao mesmo tempo livro, jornal, revista, discurso, conferência, etc.

Como se sabe, até hoje, a atenção dos estudiosos tem estado voltada principalmente para o estudo da origem dos fenômenos literários. A bibliopsicologia, ao contrário, estuda a *percepção* desses fenômenos (palavras, livros, discursos, etc.) e sua influência sobre o leitor e o ouvinte. Ela ultrapassa do estudo preliminar do *leitor* e do processo da leitura para o estudo do autor e de seu trabalho de criação. Demonstra que o leitor não conhece a alma do autor e o conteúdo de sua obra senão na medida de sua ação sobre ele, em condições dadas interiores e exteriores (raça, meio social e sua história, etc.). O efeito produzido por um mesmo livro sobre um mesmo leitor depende não só da individualidade, mas também de todas essas condições, que mudam continuamente. É por isso que a bibliopsicologia formulou sua tese fundamental da seguinte maneira: "O livro somente existe em função do leitor." Isto é, tudo que não tiver sido percebido pelo leitor não existe para ele. Na medida em que dois leitores se parecem, o conteúdo de um mesmo livro lhes parece idêntico e vice-versa. Desse ponto de vista, o livro não existe para o leitor senão na medida em que ele lhe percebeu o conteúdo, e esse próprio conteúdo, desde que seja percebido, não passa da expressão de todas as faculdades do leitor, de sua alma, complexo de fenômenos psíquicos despertados pela leitura do livro. O conteúdo do livro, fora do leitor, não existe, pois, para cada leitor tomado separadamente, ele se encontra na projeção dos estímulos produzidos pelo livro na alma do leitor. Por conseguinte, para estudar um livro é indispensável estudar seus leitores e suas qualidades fisiológicas, psicológicas, antropológicas, étnicas e sociais.

4. A influência de um livro é determinada pela individualidade do leitor, pela sua *mneme*. A palavra *mneme*, de uso tão cômodo para todos os trabalhadores do livro, foi introduzida na ciência pelo professor R. Semon. Ela indica a memória orgânica hereditária da espécie e a memória individual que permite adquirir e conservar engramas, isto é, as mudanças produzidas na matéria orgânica por quaisquer estímulos. Nesse sentido, a *mneme* é o total de engramas.[1] A *mneme* não se compõe apenas de conhecimentos e ideias, mas também de emoções, de sentimentos, de desejos e de reservas de consciência e de subconsciência. O livro representa para o leitor um conjunto de percepções, isto é, de estímulos desses centros psíquicos da forma como constituídos nele pela *mneme*, pela totalidade de suas experiências raciais e individuais. Ora, cada palavra não estimula somente um, mas quase sempre um conjunto de fenômenos psíquicos. O leitor pode registrar esses fenômenos segundo suas aptidões pessoais e o estado de sua consciência em circunstâncias e em um momento dados. Se escrevemos o texto no eixo das abcissas e, no eixo das ordenadas, qualquer classificação dos fenômenos psíquicos, o indivíduo pode indicar as impressões produzidas por cada palavra do livro durante a leitura e classificá-las respectivamente. Cada individualidade se caracteriza pelo número e pela distribuição dessas indicações. Fazendo a estatística dessas anotações, correspondente às diversas categorias de fenômenos psíquicos, obtém-se a soma e a porcentagem dos estímulos produzidos num leitor por um livro e num momento dado.

5. Dessa maneira podem-se obter *coeficientes bibliopsicológicos numéri-*

[1] R. Semon. *Die Mneme*. 3. Aufl., p. 15. – A. Forel. *Gehirn und Seele*, p. 8, 94.

cos que caracterizam o leitor em um momento dado. A teoria da estatística permite passar desses coeficientes *individuais* para coeficientes médios (para um mesmo leitor, para leitores diferentes, etc.). Esse método especial leva a bibliopsicologia à análise dos diferentes leitores, à determinação de seus tipos psíquicos e à obtenção, assim, de uma série ou uma escala de padrões de um leitor médio (em geral), de um leitor especialista (de determinado ramo de uma ciência), de um povo, de uma classe social, de um momento da história, etc.; podem-se comparar coeficientes individuais com esses padrões. Tal comparação permite caracterizar não somente qualitativamente mas também quantitativamente não importa qual leitor. Substitui-se dessa maneira o estudo subjetivo das obras literárias pelo estudo objetivo; o mesmo método nos permite introduzir nas opiniões dos críticos e dos comentadores seus 'corretivos como leitor' (equação pessoal) ou seja o corretivo do crítico. Chega-se assim a explicar o papel dos falsos testemunhos no domínio da literatura e da crítica.

Esse método especial da bibliopsicologia (a estatística dos estímulos produzidos por cada palavra do livro) abre a possibilidade de aplicar a teoria das probabilidades e as curvas matemáticas ao estudo de todos os fenômenos psíquicos da leitura. Desse estudo do leitor passa-se ao estudo dos próprios *livros*, pois os *coeficientes médios bibliopsicológicos*, que caracterizam o *leitor médio* de um livro, nada mais são do que a característica desse livro (conforme a lei dos grandes números de Quetelet). O estudo pelos mesmos processos de todas as obras de um escritor leva à constatação objetiva das qualidades de seus trabalhos e à sua ação em tal ou qual sentido sobre os leitores. A comparação de coeficientes bibliopsicológicos relacionados com todas as obras de determinado autor com os padrões de diferentes tipos de leitores permite caracterizar cada *autor* também objetivamente e a partir de pontos de vista diferentes.

6. Ao desenvolver cada vez mais a aplicação desse método e ao basear sempre o estudo dos livros no estudo preliminar dos leitores, e os dos autores no estudo de suas obras, a bibliopsicologia tende a transformar a história e a teoria da literatura em um dos ramos da psicologia científica, em uma ciência que estuda a qualidade e a quantidade de estímulos psíquicos produzidos pelos livros. O mesmo método permite determinar com exatidão as noções fundamentais do tipo de livros, leitores e autores e suas relações recíprocas.

As leis fundamentais da bibliopsicologia são as seguintes:

a) *Lei de W. Humboldt–Potebnia*: "A palavra é um estimulante e não um transmissor do pensamento."

b) *Lei de E. Hennequin*: "Um livro produz um efeito máximo no leitor cuja organização psíquica é mais análoga à do autor."

c) *Lei de H. Taine*: "A raça, o meio e o momento da história determinam a mentalidade dos leitores."

d) *Lei de R. Semon*: "A compreensão do livro é função da mentalidade do leitor, isto é, da totalidade dos engramas formados nele por ela própria."

e) *Lei de Ernst Mach*: "A economia do tempo e das forças do leitor aumenta à medida que o tipo do livro se aproxima do tipo do leitor."

As pesquisas bibliopsicológicas permitem, portanto, constatar a dependência funcional dos três fatores — 1° o leitor; 2° o livro; 3° o autor — e expressá-la por meio de coeficientes numéricos. Por conseguinte, pode-se utilizar um livro como reagente no leitor e vice-versa.

7. A psicologia bibliológica recente foi mais longe. Agora ela se apoia

em leis cósmicas, descritas pelo sr. Rubakin; não estuda somente os fenômenos do livro e da literatura segundo o ponto de vista social e das ciências naturais. Ela tende a formular a lei da conversação e dos critérios. Ela já formulou e comprovou experimentalmente a lei muito importante das consonâncias e das dissonâncias das emoções. Essa lei é a verdadeira base de trabalho prático no domínio do livro e da palavra. Ela determina a bibliopsicologia como ciência do comportamento verbal e estuda a dependência funcional entre o percipiente, o agente e o meio (tempo e espaço).

8. As aplicações possíveis da bibliopsicologia foram assim resumidas por N. Rubakin: 1° a possibilidade de redigir os livros de divulgação científica e os manuais escolares de tal modo que sejam mais lidos do que as obras de ficção; 2° em lugar de estudar para fins de instrução e autoinstrução uma quantidade de livros, realizar esse trabalho com um número de livros relativamente pequeno, sem prejudicar os conhecimentos recebidos e o desenvolvimento mental; 3° transformar as bibliotecas em laboratórios onde se estuda a circulação das ideias e a opinião pública; 4° organizar a atividade das editoras e distribuidoras de livros para que não mais se assemelhe a um tiro disparado às cegas em um alvo invisível; 5° e, talvez o mais importante, fazer com que todos que, no regime social atual, são oprimidos, humilhados, ofendidos e empobrecidos, que não têm nem os conhecimentos nem as possibilidades de trabalhar para criar melhores condições, possam, também eles, lutar e trabalhar com sucesso, sem verter lágrimas nem sangue; todos podem aprender a criar uma vida nova, e a criar, sempre e em todos os lugares, com perseverança e entusiasmo, e isso sem que sejam advertidos por aqueles que, hoje em dia, constroem sua felicidade e seu bem-estar sobre a desgraça alheia.

"A força do livro e a da palavra não são ainda empregadas plenamente", afirma N. Rubakin. "Ainda não encontramos os melhores meios de nos servirmos delas. Não sabemos ainda como colocá-las em prática. Nos tempos atuais, o livro ainda não é um instrumento da luta pela verdade e pela justiça. Podemos e devemos, porém, transformá-lo nisso."[1]

156 As relações do livro com a técnica ou bibliologia tecnológica

1. A bibliologia tecnológica tem em mira as relações do livro com os meios materiais de reproduzi-los e multiplicá-los.

Existe hoje uma técnica geral que abrange em seus quadros todos os meios racionais de ação do homem sobre a matéria; todos os processos químicos, mecânicos e elétricos da indústria. Quanto mais ela avança, cada vez mais suas aplicações passam a servir ao livro e aos documentos.

Uma invenção em uma área repercute sobre todas as outras; há empréstimos e contribuições recíprocas entre as áreas. Por exemplo, os princípios em que se baseiam as prensas tipográficas, o teclado da máquina de escrever, inspirado no teclado do piano e a distribuição automática na máquina compositora sugeriram inúmeros dispositivos em outros domínios fora da imprensa.

[1] A. Ferrière, La psychologie bibliologique d'après les travaux de N. Roubakine, nos *Archives de Psychologie*, 1916, t. 16, n. 62, p. 101-132. – Do mesmo autor: Transformons l'école. Bâle: Bureau International des Écoles Nouvelles, 1920, p. 93-98. – T. Kellen, Die bibliologische Psychologie; eine neue Wissenschaft von Büchern und Lesern, *Deutsche Verlegerzeitung*, Leipzig, 1921, nº. 22. – S. Salvoni, N. Roubakine, *Culture Populaire*, n. 6, 1923. – Carel Scharten, De Mensch en de Geleerde Nicolas Roubakine, *Telegraaf*, 17, VIII, 1922, Amsterdam. – V. Bauer, Biblio-psychologie, novà weda o knize, em *Česka Osvěta*, 1925, nº 6. – Thomson, J. De macht van het boek, *Algemeen Handelsblad*, 4 em 5 Maart, 1921. – *Rocznik Pedagogiczny*. Serja II, tom II, 1924 (pelo prof. H. Radlinskà).

2. Não existiu uma técnica completa do livro, ainda são muitas as receitas. O tradicionalismo domina toda essa questão onde parece que não se conseguiu ir além das primeiras artes, enquanto os progressos eram na maioria inconscientes e avançavam com uma lentidão que temos dificuldade para imaginar.

157 Ensino ou bibliologia pedagógica

1. Em notável medida, livros e documentos constituem um ensino. Os livros, portanto, desempenham um grande papel no ensino e reciprocamente os cursos ensinados dão origem a um grande número de livros.

2. A importância do ensino oral em relação aos outros meios de estudo não deixou de dominar. Antes do descobrimento da imprensa, era o principal veículo de transmissão das ideias. Os manuscritos não podiam rivalizar com a fala, porém, pouco a pouco, os impressos assumiram o lugar principal nas questões intelectuais. Levaram as luzes para fora das escolas, para fora das cidades, para fora dos países civilizados. As palavras fugidias foram substituídas por algo duradouro e exato, que permite a cada um refletir sobre os raciocínios e comparar exatamente as opiniões. Se um livro for bem feito, haverá mais leitores do que ouvintes nos cursos mais frequentados. (de Candolle.)*

* Augustin Pyrame de Candolle (1778–1841). Botânico suíço. [N.E.B.]

3. A arte de expor se inspirará na arte de ensinar. Esta passou por uma transformação profunda. Os novos métodos pedagógicos nada têm em comum com os de antigamente, que se baseavam no princípio falso de que todo conhecimento deve fixar-se na mente por intermédio da memória. Não é nada disso. Seria possível acreditar nisso numa época em que a arte de ensinar consistia para o professor em transmitir o que ele havia aprendido, e a arte de aprender a receber a palavra do mestre como palavra sagrada. Atualmente, passou-se a estudar as fases da mente humana, as formas como os conhecimentos são adquiridos na infância e ao longo da vida. Ora, o cérebro humano, por causa da plasticidade de sua organização celular, é feito de tal forma que pode armazenar os conhecimentos e recuperá-los no momento desejado. Há circunstâncias que podem ajudar ou atrapalhar o funcionamento dos centros nervosos. Tudo o que é adquirido não deve ser invocado ao mesmo tempo para a memória.

A aquisição do conhecimento depende da força da impressão. Apossar-se do conhecimento, sem impor ao cérebro um trabalho em excesso e enervante. Toda forma de atividade moderna é agradável, todo trabalho é feito com prazer, concentra em si todas as forças mentais e, por conseguinte, tende a causar uma impressão profunda. Quanto maior for a facilidade de perceber semelhanças e diferenças, mais seguros e mais rápidos serão o julgamento e o raciocínio da pessoa. O mais importante da associação baseada em semelhanças e diferenças é ser um elemento de grande utilidade para a transmissão do saber científico, pois acarreta economia de tempo e esforço. Basta lembrar as semelhanças que sejam conhecidas e insistir somente nas diferenças, as quais constituem elementos novos para a mente. É preciso conhecer o modo natural como trabalha a mente. Será ignorá-lo expor a mente, de súbito, à presença de coisas abstratas, difíceis, indefinidas, complexas, um corpo de doutrina já estabelecido e princípios que são produto de um longo trabalho. A criança é caprichosa, crédula, curiosa e precisa de uma grande autoridade do espírito.[1]

[1] *Old and new methods of teaching*, by E. A. Lopez. Annual Reports of the Commission of Education (USA.) 1904, II, p. 2427.

4. Por que, então, é preciso que a mente só chegue à síntese das coisas, à sabedoria da vida, numa época tardia, quando as forças positivas estão diminuídas? Por que, desde a educação, os fundamentos da síntese não poderiam, graças aos livros, ser passados para as mentes jovens? O problema está, de um lado, em simplificar a exposição das noções específicas e, por outro lado, em fazer compreender o vasto conjunto do universo.

158 O livro e a vida, a realidade

1. O livro tende sempre a alijar as realidades vivas! Estudantes leem os livros de anatomia sem se reportar suficientemente à ilustração viva que carregam necessariamente consigo: seu próprio corpo. Do mesmo modo, a administração encara os fatos da vida social através de relatórios escritos: ela tem uma visão artificial de situações que exigem decisões rápidas.

Os problemas surgem, portanto, de um lado, na forma de lutar contra o que é muito 'livresco', contra a letra que mata o espírito; por outro lado, encerrar a realidade em textos cada vez mais precisos, em documentos cada vez mais representativos e completos.

2. Se o livro se afasta da vida, o inverso também acontece. O livro, por sua vez, produto da vida: vida exterior, vida interior. Produz a vida exterior ao introduzir e manter no corpo social uma quantidade imensa de ideias que são como protótipos de ações empreendidas. Ele produz a vida interior ao fazer nascer um mundo, na mente de cada leitor, e fazê-lo dele desfrutar. Por meio do livro, cada um de nós é transportado para todos os países, apresentado a todos os ambientes, iniciado em todas as experiências da vida. Por intermédio dele, eleva-se, amplia-se, aprofunda-se a representação mental; ela pode assumir exatidão e acuidade extraordinárias; vantagem para o autor, vantagem para o leitor, e tudo se passa como se as coisas realmente estivessem presentes, estando, no entanto, representadas somente por seu duplo, isto é, o livro. Há romances que não se leem, mas que se vivem, e, se forem, de fato, obras-primas, tudo mudará.

3. E o livro deve exprimir toda a vida. Bem ou mal, toda a maneira de se viver foi mudada com essas invenções de ordem intelectual, que chamamos de jornal diário, o rádio, o cinema e, no futuro, a televisão; com a máquina e a velocidade; com a dureza das condições econômicas e as profundas perturbações sociais. Uma grande dificuldade do espírito em nossa época consiste em medir as mudanças que modificam sem cessar os costumes da sociedade, as relações dos homens e dos povos entre si e a aparência do mundo. (L. Romier).*

* Lucien Romier (1885-1944). Historiador e político francês. [N.E.B.]

159 A evolução simultânea dos instrumentos intelectuais

Os instrumentos que o homem forjou para tratar intelectualmente as coisas são: 1° a lógica; 2° a classificação; 3° a linguagem; 4° o livro; 5° a ciência coordenada e escrita. Existe um sistema e uma teoria de cada um desses cinco instrumentos.

De imediato, é preciso distinguir a realidade do pensamento (meditado, falado, escrito). Ora, a realidade — os fatos — superam em muito as necessidades de ordem do homem, seu espírito de sistema e suas concepções lógicas. Com efeito, há, de um lado, os fatos novos, e, de outro lado, os pontos de vista novos sob os quais se percebem os fatos antigos. Assim, os agrupamentos da classificação não conseguiriam ser estáveis, e seria preciso um permanente esforço para enquadrar os conceitos novos na classificação estabelecida e no estado dos conhecimentos já sistema-

tizados como ciência. A distinção entre o que até então era confundido e o imbricamento de um assunto com outro assunto são constantes. A essa dificuldade acrescenta-se a da linguagem, da terminologia. As palavras possuem significados consagrados pelos dicionários ou pelas ideias dominantes. Não despertam na mente de quem as ouve, ou as lê, imagens idênticas àquelas que estão na mente de quem as enuncia ou escreve. Resta, então, inventar novas palavras. Mas agora o obstáculo está em que serão ainda menos compreendidas. Conscientes de uma terminologia inadequada, chega-se a reunir vários termos, a superpor significados e depois de ter enunciado as palavras acrescentar-lhes outras para assinalar as nuanças. Portanto, desenvolve-se um trabalho contínuo, simultâneo, paralelamente ou de forma conexa, nos cinco domínios: ciência, lógica, classificação, terminologia e livros. Esse trabalho é grandemente fragmentário e ocasional; só raramente é que assume formas bastante importantes para chamar a atenção, e é a longo prazo que se nota o resultado.

16 ORGANIZAÇÃO DAS PESQUISAS E DOS ESTUDOS

A ciência é uma coisa, a organização da ciência é outra, e ambas estão intimamente ligadas. A bibliologia se organiza, como ciência da documentação e do livro, enquanto que estas, consideradas do ponto de vista da ciência particular a que se refiram (medicina, direito, tecnologia, etc.), são fatores de organização em seu respectivo domínio. Trata-se, portanto, na realidade, da 'organização de uma parte da organização', e se trata de pesquisas, de ensino e difusão.

A organização das pesquisas e dos estudos se faz em todos os campos de modo cada vez mais sistemático. Em congressos e trabalhos que se sucedem, a União das Associações Internacionais tem se ocupado especialmente dessas questões. (Ver *Actes du Congrès Mondial* e introdução aos volumes do *Annuaire de la Vie Internationale*). Em seu *Manuel de bibliographie historique* (t. II), o sr. Langlois mostrou, a propósito da história, todo o interesse relativo à organização dos estudos em uma área especializada.

161 Pesquisas

Diversos organismos se ocupam de pesquisas que visam a fazer avançar tanto a bibliologia em geral, quanto algumas de suas questões. Esses organismos ou são centros especializados para tal fim, ou departamentos de organizações mais gerais.

162 Ensino

A bibliologia, como ciência ou técnica, é pouco ensinada nas universidades. As coisas do livro e do documento cedo deram lugar a um ensino que era sobretudo profissional: preparar bibliotecários e arquivistas.

O ensino na École des Chartes, em Paris, apresentou, muito cedo, um caráter científico. Existe atualmente a tendência a incorporar o ensino do livro nas universidades.

É preciso organizar em todos os ramos do ensino superior um curso de bibliografia e documentação que ensine as fontes da ciência e a maneira de se documentar, de utilizar os documentos. Saber pesquisar é toda uma arte.

A ASLIB, de Londres, na conferência de 1930, adotou resolução solicitando às autoridades universitárias que ofereçam aos estudantes um curso sobre o uso eficiente de bibliotecas, e que pelo menos os bibliotecários sejam incumbidos de ministrar uma vez por ano uma aula sobre o tema.

Uma escola de biblioteconomia foi organizada em Paris pela American Library Association, que possuía certa característica internacional. Essa escola foi fechada.

O ensino das matérias do livro deve lutar contra dificuldades enormes porque a bibliologia não é mostrada como ciência central ou única e seus diferentes ramos se apresentam de forma independente e dispersa.

163 Associações

São tantas as espécies de associações quantos são os ramos do livro. Assim, temos associações de editores, livreiros, bibliotecários, arquivistas, bibliógrafos e as dos bibliófilos. Dos autores e dos impressores. Existem associações bem especializadas, como as dos colecionadores de ex-líbris, de filatelistas, etc.

164 Fomento ao livro

Diversas questões que dizem respeito aos livros e aos documentos já foram objeto de concurso, como, por exemplo, a higiene. Há inúmeros prêmios literários ou científicos concedidos periodicamente pelas academias e associações literárias, há bolsas de estudos que, destinadas aos estudantes, facilitam a preparação de suas teses, dissertações e relatórios. Há os prêmios Nobel de literatura, medicina, física e química, cujo valor é de cerca de 172 mil coroas para cada área, ou seja 780 mil francos franceses.

165 Fontes

1. A bibliologia conta com importante repertório bibliográfico: a *Internationale Bibliographie des Buch- und Bibliothekswesen*, publicada desde 1926, ano em que se separou da *Zentralblatt* e de seus suplementos.[1]

2. A bibliologia possui também coletâneas, obras recentes ou periódicos que estão na base de quaisquer estudos sobre o livro. O sr. F.-C. Longchamp publicou um *Manuel du bibliophile français*, em 4 volumes, 1600 p., com 385 ilustrações. Trata-se de uma obra de conjunto, histórica e bibliográfica, que traz tudo sobre o livro e suas artes, desde as origens até nossos dias (147–1921) (impressão, ilustração, encadernação, ex-líbris, etc.).

3. As listas bibliográficas colocadas *in fine* nessa obra, bem como as notas de rodapé ao longo do texto, indicam as principais obras consultadas. Todo o conjunto constitui atualmente um manancial das ciências bibliológicas e documentárias.

17 História e evolução. Fases das ciências bibliológicas

1. Três pontos de vista tendem a predominar em qualquer ciência: o estático, o dinâmico e o genético ou evolutivo. O mesmo acontece na bibliologia. Durante muito tempo estática, agora se torna bastante evolutiva e genética.

A lei da evolução é geral. Nós a encontramos nos fenômenos biológicos e sociais e nos que são objeto das outras ciências. Influência do meio, processos orgânicos diversos e reiterados de agregação das partes em um todo; transição incessante de uma ordem menos homogênea, menos orgânica, menos eficaz e menos perfeita para uma mais homogênea, mais orgânica, mais eficaz e mais perfeita. Sob o nome de 'história do livro' fo-

[1] Hoecker, R. e Vorstius, J. *Internationale Bibliographie des Buch- und Bibliothekswesen, mit besonderer Berücksichtigung der Bibliographie*. – In *Kritischer Auswahl Zusammengestellt* von R. Hoecker und J. Vorstius (Leipzig Harrassowitz).

ram reunidos importantes materiais, que visam, porém, mais aos detalhes do que aos conjuntos. A história do livro, diferentemente da história das ciências bibliológicas, será tratada no capítulo sobre os livros nas diversas épocas.

Uma história do livro minuciosa constitui uma fonte incomparável para a compreensão real do livro tal como ele se apresenta hoje. O livro é a culminância de uma evolução longa, muito longa, e bem poucas de suas características são o resultado do acaso ou de um fator arbitrário. Há, assim, um estímulo para a criação de novos tipos, com conhecimento mais completo das possibilidades. As notas históricas esclarecem qualquer texto e lhe conferem um significado mais vivo.

Parece que, para nossos objetos familiares, assim como para nossos conhecimentos, o mais difícil é tomar consciência deles, desvinculá-los, por assim dizer, de nós mesmos, a fim de que adquiram existência e consciência próprias. É a 'saída do eixo' facilitada pela história que possibilita essa 'autonomização'.

2. A documentação, antiga como o homem no momento em que ele inscreveu seus primeiros signos, apresentou três fases em seu desenvolvimento recente:

1º Ao fim da época moderna, as bibliotecas constituem grandes centros de erudição. Comandam a atividade intelectual e elaboram seus catálogos ao mesmo tempo que realizam a tarefa de formar coleções. É, por outro lado, nelas e com seus recursos de toda espécie que se realizam as grandes compilações, repertórios, dicionários e enciclopédias.

2º Em seguida, a bibliografia se separa pouco a pouco da biblioteca. Ela nasce das necessidades, não de uma coleção determinada, que é atendida pelo catálogo, mas da ciência, desejosa de utilizar os livros onde quer que estejam armazenados. Para constituir um método — o da descrição dos livros e dos estudos sobre os conjuntos de livros — ela logo chega a ampliar a concepção que tinha do próprio livro até substituí-la pela noção de documento. A partir desse momento, apertada nos limites antigos, a bibliografia se afirma autônoma, do mesmo modo que a biblioteconomia, e critica seu particularismo. Lidando com a categoria do universal, logo influencia a ciência, a própria produção intelectual, à qual ela proporciona o meio de representar mais claramente sua própria universalidade.

3º Eis que, agora, teve início uma nova fase. Não é nem aquela da biblioteconomia, nem da bibliografia, mas a do conjunto do livro e do documento: a documentação. Ambas são partes, mas partes ligadas a um corpo mais vasto, cuja existência as aumenta, as engrandece, as transforma.

Pode-se comparar todo esse desenvolvimento ao da química através dos tempos. Ciência teórica e indústria prática, somente existem de início as oficinas da Idade Média e entre alguns espíritos a preocupação com o problema da matéria, de suas espécies e de suas criações. A química nasce lentamente da alquimia e da filosofia natural até chegar um momento, o nosso, em que toda a farmácia é absorvida e reordenada pela química.

3. Não seria surpresa que a bibliologia somente viesse a se formar nos dias atuais. Era preciso, primeiro, que os livros existissem antes que se pudesse descrevê-los, analisá-los e resgatar de sua própria existência fatos gerais. Igualmente, a crítica literária surgiu tardiamente, "o último produto de uma longa experiência, dizia Longin,* com a missão de constatar o estado civil dos vivos e de exaltar os mortos".

Proudhon* (*Sur l'économie politique*) disse:

* Longino. Dionysius Longinus ou Pseudo-Longino, século I dC. Escreveu *Do Sublime*. [N.E.B.]

* Pierre-Joseph Proudhon (1809–1865). Economista, filósofo e sociólogo francês. [N.E.B.]

"A história da bibliologia é necessariamente prematura se a julgarmos do ponto de vista de uma ciência acabada. Mas ela é luminosamente útil vista como o último degrau que temos de subir para chegar ao santuário."

Há ciências que se formaram em universidades. Outras, fora das universidades, como a estatística. É compreensível que a bibliologia se haja constituído fora das universidades e que hoje consiga ser aceita por elas.

4. A história dos meios de comunicação mostra as seguintes fases:

Primeira época. No princípio, a palavra é o único meio de comunicação. Mais tarde, as notícias são transmitidas por meio de sinais (fogueiras noturnas, sinais pela linguagem dos tambores na África). Mais tarde, o sistema de mensageiros.

Segunda época. Comunicação escrita.

O livro e a escrita são tão importantes que denominamos período pré-histórico aquele que vai das primeiras manifestações humanas até os primeiros documentos escritos.

Terceira época. Comunicação mediante aparelhos mecânicos. Imprensa (jornal), telegrafia, telefone, correio, radiofonia.

Século XX. Encontramo-nos subitamente na presença do livro em ampla associação com as publicações periódicas e contínuas, com a comercialização, com formas materiais novas, principalmente de repertórios em fichas, com a invasão do texto pela imagem, com processos de notação, codificação e diagramas, com a cultura simultânea de todas as ciências a que se aplicam.

Talvez estejamos em um momento tão importante na história do livro quanto foi o descobrimento e a generalização da imprensa no século XV. Em qualquer área, as grandes mudanças de rumo necessitam de longos e pacientes preparativos. Após os esforços particulares das últimas décadas, assistimos agora ao que se poderia chamar de renovação do pensamento bibliológico.

5. As fases do livro correspondem às fases do pensamento: 1° Os pensamentos primitivos. 2° A expressão literária do pensamento moral, filológico e científico. 3° A ciência constituída. 4° A etapa nova: a ciência sintetizada, documentada, visualizada, matematicizada, condensando-se, juntando-se, para saltar mais longe e mais alto.

É a fala exterior, a verdade, a fonação, que acabou por modelar a fala interior e deu ao trabalho de nosso pensamento a expressão verbal, uma realidade quase tangível. Igualmente, é a escrita que deu à ciência uma forma, uma realidade: a escrita, pouco a pouco, constituiu os livros. De maneira geral, pode-se acompanhar essa história do pensamento cerebrado (cogitado) e se constituindo pouco a pouco em um vasto organismo intelectual: a ciência.

6. A ciência bibliológica, em sua primeira fase, foi puramente descritiva: a bibliografia propriamente dita. Numa segunda fase, ela tendeu a se tornar teórica: bibliologia. Eis que ela tende a se tornar técnica, isto é, a influenciar a confecção do livro por meio de regras deduzidas da teoria (bibliotecnia). Deixando de ser a serva de livros acabados, e insuficientemente bem feitos, ela reivindica uma ação a exercer sobre os livros. Ela prescreve ao mesmo tempo as melhores formas (abstração feita do conteúdo) e a oportunidade de escrever certas obras segundo as necessidades científicas reconhecidas, o que é hoje deixado inteiramente ao arbítrio das editoras e muitas vezes dos autores. As ciências do livro têm de compartilhar essa função com a organização científica de cada ciência.

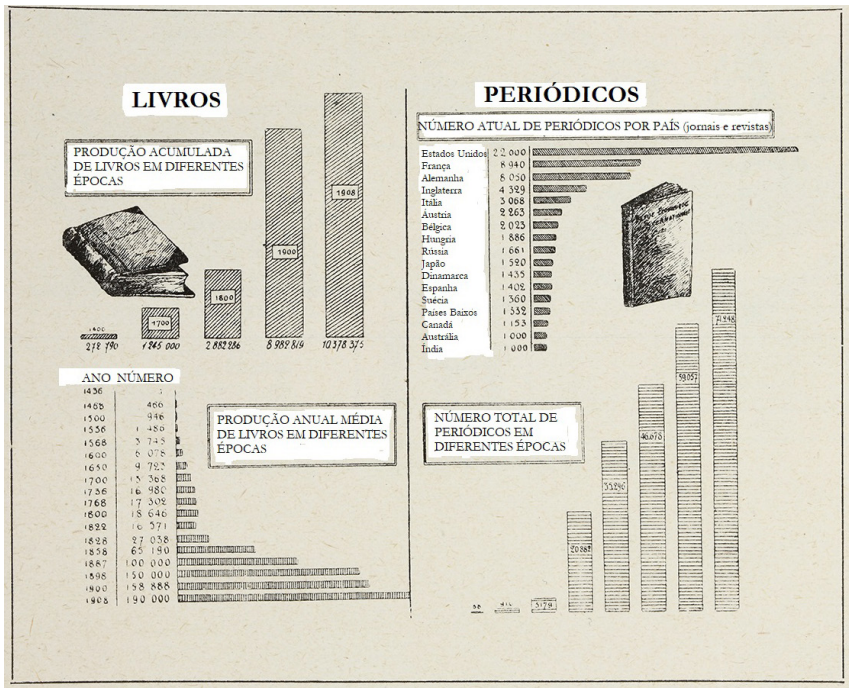


Figura 1. Estatística geral de livros e periódicos (modelo)

[Melhor visualização em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Production_des_livres_et_des_périodiques.jpg]

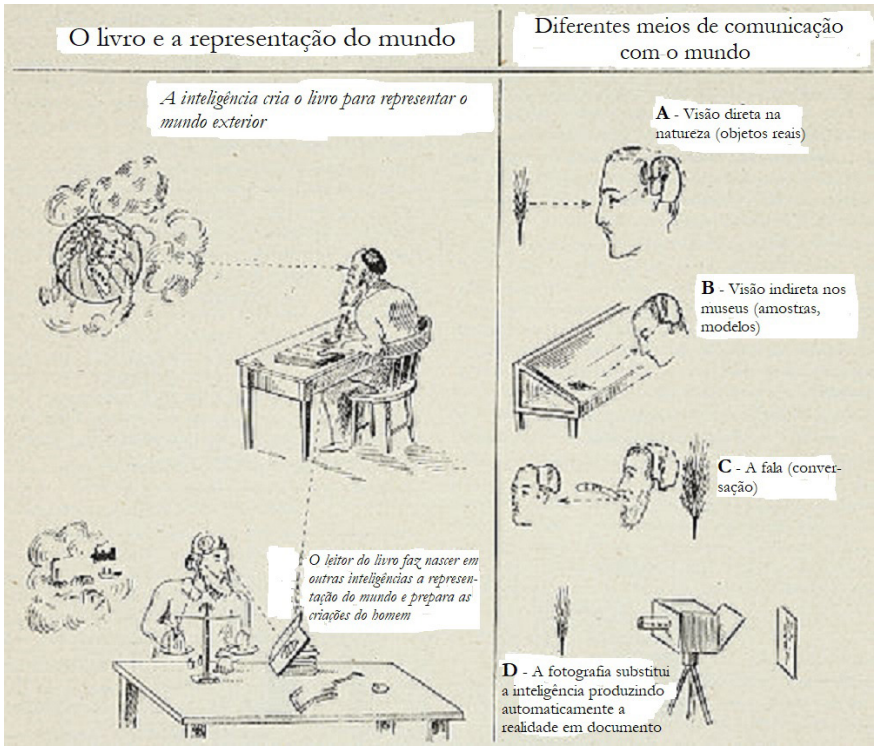


Figura 2. O livro e a representação do mundo

[Melhor visualização em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d5/Le_Livre_et_la_représentation_du_Monde.jpg].wikimedia.org/wiki/File:Production_des_livres_et_des_périodiques.jpg]

Figura 3. O universo, a inteligência, a ciência, o livro

[Melhor visualização em https://fr.wikisource.org/wiki/Page:Otlet_-_Traité_de_documentation,_1934.djvu/44#/media/File:L%27univers._L%27intelligence._La_science._Le_livre.jpg]

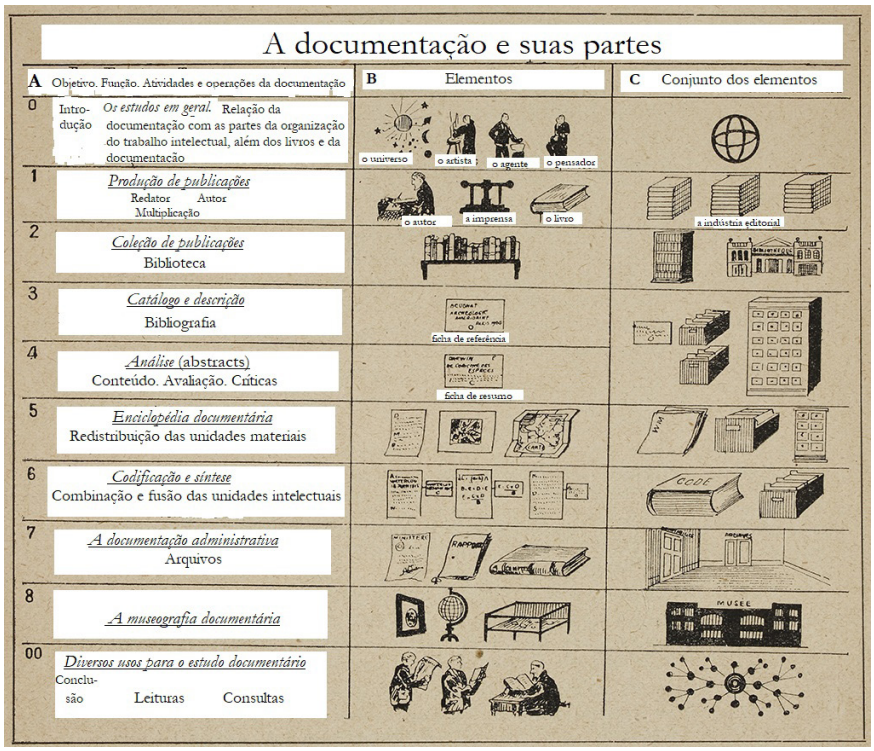


Figura 4. A documentação e suas partes

[Melhor visualizaçao em https://fr.wikisource.org/wiki/Page:Otlet_-_Traité_de_documentation,_1934.djvu/45#/media/File:La_documentation_et_ses_parties.jpg]

2

O livro e o documento

É preciso examinar sucessivamente: 1. A noção geral de livro e de documento. 2. Seus elementos constitutivos: materiais, gráficos, linguísticos, intelectuais. 3. Suas partes. 4. Suas espécies ou tipos. 5. Os documentos gráficos, além das publicações impressas: manuscritos, documentos cartográficos, estampas, arquivos, músicas e inscrições. 6. As outras espécies de documentos, livros ou documentos gráficos que podemos considerar como seus substitutos: objetos e aparelhos de demonstração, discos, filmes etc. 7. As operações, funções e atividades que dão origem ao livro: feitura, descrição, crítica, distribuição e circulação, conservação, utilização, destruição.

21 O LIVRO EM GERAL

211 Noção e definição de livro e de documento

1. **Definição geral**

Livros. Fica entendido que este termo genérico abrange os manuscritos e impressos de toda espécie que, em números que alcançam vários milhões, foram compostos ou publicados na forma de volumes, periódicos e publicações de arte, constituindo em seu conjunto a memória materializada da humanidade, na qual, dia a dia, foram registrados os fatos, as ideias, as ações, os sentimentos e os sonhos, quaisquer que sejam, que tenham impressionado o espírito humano.

Os livros tornaram-se, por excelência, os organismos de conservação, concentração e difusão do pensamento, sendo necessário considerá-los como instrumentos de pesquisa, cultura, ensino, informação e recreação. Ao mesmo tempo, são o receptáculo e o meio de transporte das ideias.

O desenvolvimento da produção, o preço barato e a excelência das edições, a variedade dos assuntos tratados, a reimpressão de obras importantes, em curtos intervalos de tempo, a partir de conjuntos cada vez mais completos e mais bem ordenados, são circunstâncias que contribuem para o aumento da importância do papel social do livro.

Ao lado dos livros propriamente ditos, há uma multidão de documentos de toda espécie que não foram publicados ou que não se destinam à publicação.

A definição mais geral que se pode dar de livro e documento é: um suporte, feito de determinado material e com determinada dimensão, eventualmente resultado de determinada dobragem ou de montagem em rolo, onde se colocam os signos representativos de certos dados intelectuais.

2. **Os documentos menores**

O menor documento é uma inscrição, o marco miliário que leva o nome de uma localidade e a distância em quilômetros. O poste que mostra 'pare' ou redução de velocidade, uma simples figura convencional da sinalização (círculo, triângulo, barreira fechada). E, menos que isso, tem-

-se o sinal que os escoteiros traçam a giz nas árvores ou nas pedras; em papel é o cartão de visita, um nome às vezes seguido de um título profissional e um endereço; o selo postal é minúsculo e menores ainda são os cupons de desconto e todas as etiquetas pequenas.

3. **O bíblion**

A partir de agora existe um termo genérico (bíblion, bibliograma ou documento) que abarca ao mesmo tempo todas as espécies: volumes, brochuras, revistas, artigos, mapas, diagramas, fotografias, estampas, patentes, estatísticas, até mesmo discos fonográficos, negativos de vidro e películas cinematográficas.

O *bíblion* será para nós a unidade intelectual e abstrata, mas que podemos encontrar, concreta e realmente, assumindo diferentes formas. O bíblion pode ser imaginado como se fosse o átomo (íon) em física, a célula em biologia, o espírito em psicologia, o agregado humano (o sócion) em sociologia. O átomo propiciou uma representação cada vez mais precisa, com base na qual se realizam todas as pesquisas e discussões. (Foi Bohr quem apresentou a primeira imagem do átomo.)

a) No cosmos (conjunto das coisas) o livro ou documento assume lugar entre as coisas *corpóreas* (não incorpóreas), *artificiais* (não naturais), e que tem uma utilidade intelectual (não material).

As criações materiais são produtos ou meios de produção. Há: a) os meios de produzir coisas úteis e consumíveis (as máquinas) ; b) os meios para produzir fenômenos naturais, abstração feita de qualquer preocupação com a utilidade (os aparelhos) ; c) os meios de medir os fenômenos (os instrumentos). O livro é um meio de produzir utilidades intelectuais.

b) *As coisas* mantêm com os documentos relações de diversas espécies:

1° Relação entre coisas com significado e coisas sem significado, o que constitui o próprio fundamento da documentação.

2° As próprias coisas tratadas como objetos de documentação quando, na condição de espécime ou amostra, figuram nas coleções documentárias (museus, exposições).

3° As coisas criadas, modelos e mecanismos para demonstração científica, educativa ou publicitária.

4° As marcas de todos os tipos colocadas nos objetos, que servem para sua identificação e sinalização.

5° A aplicação por analogia de métodos da documentação à administração das próprias coisas (documentação administrativa).

c) Os escritos têm a propriedade expressa no adágio *scripta manent verba volant*. Os escritos permanecem e as palavras voam. Mas, do ponto de vista do rigor do pensamento, pode-se propor em termos latinos este outro adágio, em que os termos se distribuem gradativamente

Verba divagantur
Scripta concentrant
Constructiones coordinant
Mechanica logicant *

* As palavras divagam
Os escritos concentram
As construções coordenam /
As máquinas são lógicas.
Ver os quatro parágrafos seguintes. [N.E.B.]

1) A palavra pode divagar. Palavras, o vento as leva. Como a palavra é sucessiva, ela pode ser traduzida simplesmente por uma série de pontos, cuja ligação material, por ser simplesmente sonora, é tão leve que ela pode flutuar em todos os sentidos.

2) Os escritos concentram o pensamento de quem os produz. Eles estão na superfície. Nós os lemos, e a eles podemos voltar, de trás para

a frente. As ligações lógicas da verdade, se não forem reais, podem ser facilmente detectadas.

3) As construções, estereogramas tridimensionais, coordenam estritamente as ideias. Pelas omissões e ênfases, pelas três direções da ideia, que devem ser concordantes, que permitem um controle fácil, já fica mais difícil aventurar-se em desdobramentos superficiais e mal estudados.

4) As máquinas, enfim, são lógicas por excelência. Elas não saberiam entrar e se manter em movimento a não ser pelo funcionamento rigorosamente exato, concordante e simultâneo de todas suas peças.

d) O documento oferece da realidade uma imagem de sexta derivação. Temos, de fato, os seguintes termos intermediários: 1° o mundo (ou a realidade em si); 2° os sentidos do homem que percebem o mundo exata e completamente ; 3° a inteligência, que elabora os dados sensoriais; 4° a língua, instrumento social de comunicação; 5° a ciência, ou conhecimentos coletivos; 6° o documento composto pela inteligência e para expressar a ciência.

Cada um de seus intermediários é uma causa de deformações e atritos que absorvem a energia intelectual.

Todo esforço deve ser feito: a) para suprimir ou atenuar as deformações e os atritos intermediários; b) para criar meios de perceber ou representar a realidade.

4. **Definições literárias de livro**

O homem passa, o livro permanece. – O livro leva às gerações futuras luz, consolação, esperança e força (Milton). – A imprensa é a artilharia do pensamento (Rivarol). – O livro forma um círculo distinto, de modo algum barulhento, mas sempre vivo, na intimidade do qual se repousa à vontade (Montaigne). – Os livros realizam a conversa impressa (Ruskin). – Os livros são amigos mudos que falam aos surdos (provérbio flamengo). – A realização humana mais poderosa, a mais vantajosa para uma sociedade, é colocar ao alcance de todos os tesouros armazenados nos livros (Carnegie). – A literatura é o sopro vital da civilização, o sal do corpo social (Wells). O livro é a paixão de espalhar suas ideias pelo mundo e compartilhá-las com todos os homens (Suarès).

O que é o livro para nos atrair a tal ponto que por ele nos apaixonamos quando o conhecemos? Um livro é uma voz que ouvimos, uma voz que nos fala, que conquista nossa confiança, principalmente quando se insinua mais calmamente, mais intimamente; é o pensamento vivo de uma pessoa distante de nós no espaço e no tempo. É uma alma, uma alma da qual ninguém pode prever o destino e a duração, que muitas vezes vai perto ou distante, não sabemos aonde, no universo conhecido, comunicar-se com outras almas, levar-lhes suas belezas e também suas feiuras, a verdade e o erro, ah!, com frequência. Uma alma que prende, quase sempre, por causa de seu contato intimo, a sós, com a outra alma que ela toca, capaz, por conseguinte, de torná-la magnífica e sublime, perversa ou desprezível. E, portanto, a alma que reclama cuidados delicados, alma que exige atenções especiais de todos aqueles que a cercam e lhe proporcionam seu entusiasmo. (Gabriel Beauchesne.)

O maior personagem que, há três mil anos, talvez faça o mundo falar dele, alternadamente, como gigante ou pigmeu, orgulhoso ou modesto, ousado ou tímido, que sabe assumir qualquer forma e todos os papéis, capaz alternadamente de esclarecer ou perverter os espíritos, de inquietar ou aplacar uma paixão, artesão de facções ou conciliador de partidos, verdadeiro Proteu que nenhuma definição pode capturar: eis o livro. (Egger.)

A humanidade é um homem que vive sempre e que aprende sem cessar. (Pascal.) – In bibliothecis loquuntur defunctorum immortales animae. [As almas imortais falam nas bibliotecas.] (Plínio o Velho.) – Nullus esse librum tam malum ut non aliqua parte prodesset. [Nenhum livro é tão ruim que não tenha alguma parte

útil.] (Plínio o Velho.) – Libri muti magistri sunt. [Os livros são mestres silenciosos.] (Aulo Gélio.)

212 Análise das características do livro e do documento

Da imensa quantidade de livros diferentes existentes, nós extraímos por analogia a noção do livro em geral.

Acontece com o livro o mesmo que acontece com as máquinas. Nos primeiros tempos, cada máquina era considerada como um todo, composta de partes que lhe eram próprias. Com raras exceções, os olhos do espírito ainda não distinguiam, nas máquinas, o conjunto de precisão que designamos hoje pelo nome de mecanismo. Uma máquina era um moinho, a moagem era um processo, e nada mais. É que, na realidade, é preciso que o pensamento sobre um assunto dado já tenha avançado bastante para estar em condição de distinguir o que é geral do que é específico naquele assunto; é a primeira distinção entre pensamento científico e pensamento comum (Reuleaux, *Cinématique*, p. 10.)*

* Reuleaux, F. *Cinématique: principes fondamentaux d'une théorie générale des machines*. Paris: F. Savy, 1877. [N.E.B]

É preciso considerar as características do livro da mesma maneira pela qual o naturalista considera as espécies animais, vegetais e minerais. A concepção de um tipo geral e abstrato, o livro, se destaca da mesma maneira como a zoologia, a botânica e a mineralogia imaginam o animal paralelamente aos animais, a planta paralelamente às plantas, o mineral paralelamente aos minerais. Deve-se examinar sucessivamente:

1° os elementos constitutivos do livro ou documento;

2° suas diversas partes e sua estrutura;

3° as espécies ou famílias de obras.

O exame desses dados tem sua razão de ser em si mesmo e para qualquer finalidade. Também serve de base para as operações de colação, de bibliografia, de catálogo e de classificação e lhes dá um fundamento científico e racional.

A determinação das características de um livro é indispensável para reconhecê-lo e identificá-lo. Essa determinação individual somente se conseguirá fazer em função das características gerais.

212.1 Características gerais

O livro pode ser visto de acordo com as seguintes características:

1° a verdade (o verdadeiro); 2° a beleza (o belo); 3° a moralidade (o bem); 4° a originalidade; 5° a clareza (compreensibilidade); 6° o valor econômico (comerciabilidade); 7° a novidade.

Os documentos têm em comum com a palavra a possibilidade de não exprimir a verdade. Eles têm, ademais, a possibilidade de se apresentar sob aparências enganadoras, atribuições falsas a autores errados ou pseudônimos, datas falsas, indicações fraudulentas de editor, de impressor, de edição, etc. O erro voluntário e a mentira voluntária podem ser cometidos pelo autor. A propagação de documentos apócrifos, inventados ou adulterados, e a difusão intencional de informações mentirosas podem ser atos de terceiros. Ambas são suscetíveis de causar dano à verdade em si e às pessoas, físicas ou jurídicas, prejudicando seu prestígio.

A novidade marca toda a documentação, bem como toda a vida contemporânea. O jornal, a telegrafia sem fio e o filme correm contra o tempo para oferecer ao público insaciável o máximo de informações no menor prazo possível.

212.2 Qualidades e defeitos dos livros

As qualidades de um livro-documento correspondem aos três critérios superiores: verdadeiro, belo e bom. Diz-se, por exemplo, que um balanço é verdadeiro ou falso, as falsas cartas pontifícias, a boa imprensa boa, os belos livros.

Em um conjunto de livros, as variações individuais oscilam em torno de uma média (flutuações). Um grande número tem um valor médio: são pouco numerosos os verdadeiros livros ruins, muito raros os livros superiores. Em um gráfico ou tabela estatística encontramos a curva em forma de sino ou curva de frequência (polígono de Quetelet).

Os defeitos de um livro são: erros, peso, forma desordenada de exposição, confusão do essencial com o acessório, lacunas e desatualização.

212.3 O livro, capital e ferramenta

O livro é um capital de ideias que se acumula e se mantém em reserva. O homem acumula ideias e fatos, assim como acumula produtos.

O livro é uma arma, uma ferramenta.

"Martinho Lutero, que julgamos mal porque teimamos em considerá-lo um teólogo, foi sobretudo um patriota alemão, o maior ideólogo contestado desse país. Ele maneja o panfleto em lugar da cimitarra, pois conhece a arte de armar os nobres contra os clérigos." (Peladan.)*

* Joséphin Peladan (1858–1918). Escritor francês. [N.E.B.]

212.4 Unidades, múltiplos e submúltiplos

A unidade física, a matéria do documento, é marcada tanto pela continuidade material de sua superfície (p. ex: a superfície de uma carta, de um jornal), quanto por uma ligação material entre várias superfícies (p. ex: as folhas encadernadas de um livro), ou por uma ligação imaterial (p. ex: os diversos tomos de uma mesma obra).

A unidade intelectual é o pensamento.

Como em todas as coisas, podemos distinguir também no documento: 1° a unidade; 2° as partes; 3° sua totalidade; 4° uma pluralidade de unidades; 5° a totalidade de unidades.

Vimos, acima, o que se pode considerar como unidade intelectual. Existem múltiplos e submúltiplos das unidades materiais e intelectuais.

Toda coisa considerada em sua própria ordem é posta no degrau de uma escala cujos dois extremos são o nada de um lado e a totalidade do outro. Na escala dessa série, escolhe-se mais ou menos arbitrariamente uma unidade de onde se possa proceder nas duas direções, ascendente e descendente. No que concerne à documentação, a unidade será o livro, seus múltiplos serão os conjuntos formados pelo livro, como as coleções (bibliotecas), e seus submúltiplos serão as divisões, como suas partes (capítulos, etc).

212.5 Equação do livro

De forma condensada e se referindo às seguintes tabelas de elementos e da estrutura do livro, a definição geral pode ter a forma de uma equação enumerando os fatores:

$$L = \frac{E\,(M + G + L + 1)}{S\,(r + f + p + c + t + a)}$$

Onde: livro = elementos (elementos materiais + elementos gráficos + elementos linguísticos + elementos intelectuais) : Estrutura (encadernação + frontispício + preliminares + corpo da obra + tabelas + apêndices).

Expressando, assim, a determinação de um espaço (lugar) e de um tempo (data) e os dados relativos ao autor, a equação se completa deste modo:

$$L = \frac{E}{S} \times e \times t$$

Francesco Lumachi (*Nella repubblica del libro*, Firenze, F. Lumachi, 1907, p. 190) apresenta para o livro a seguinte fórmula, que não é completa:

$$L = \frac{A\,(t + e + 1)}{P}$$

de: A = autor; t = tipografia; e = editor; l = livreiro; P = público; L = livro.

22 ELEMENTOS QUE COMPÕEM O LIVRO E O DOCUMENTO

220 Visão de conjunto

1º *Elementos materiais*
Substância, matéria (suporte, superfície)
Forma material (figura), dimensões (formato)
2º *Elementos gráficos* (*signos*)
Texto
Escrita fonética (alfabeto)
Notações convencionais
Ilustrações
Imagens (reproduções concretas).
Desenhadas (imagens feitas à mão)
Fotografadas (imagens mecânicas)
Esquema (*diagramas*) (reproduções abstratas).
Feitos à mão
Resultado de um registro mecânico
Decoração do livro
Vinhetas, fundos de lâmpada, florões
3º Elementos linguísticos
Língua do livro
4º *Elementos intelectuais*
As formas intelectuais do livro (apresentação didática; retórica, gêneros literários, formas bibliológicas)
Os dados do livro. (Matéria científica ou literária, *res scripta*)

Um livro é a reunião de *folhas* de papel impresso. Nelas, dispõe-se a impressão, dividida por páginas, reto e verso, de modo que as páginas se sucedam em ordem, depois da dobragem, pois as folhas *serão dobradas* algumas vezes sobre si mesmas, segundo o formato exterior previsto para o livro. Depois elas são *reunidas*, seguindo uma numeração, independente da paginação. Este número de folha é chamado de *assinatura*. Depois que as folhas são postas em ordem, acrescenta-se, no início, a folha de rosto, que geralmente repete a capa (o título da falsa folha de rosto, que a antecede, nem sempre é explícito), as folhas preliminares com prefácio,

preâmbulo e advertência. Coloca-se o sumário no início ou no final do volume. Acrescentam-se os anexos, mapas, estampas, quadros, etc. Costuram-se as folhas, que são depois brochadas e recebem a capa de cartolina, ou são encadernadas. Eis o livro. (Bourrelier.)*

O livro compõe-se de vários elementos: *elementos intelectuais* (ideias, noções e fatos expressos), *elementos materiais* (substância ou suporte disposto em folhas, de certo formato, dobradas em páginas) e *elementos gráficos* (signos inscritos no suporte). Os elementos gráficos são o texto e as ilustrações. O texto se compõe de escrita alfabética e notações convencionais. As ilustrações incluem imagens, desenhadas (imagens feitas à mão), ou fotografadas a partir do real (imagens mecânicas). As ilustrações são colocadas no texto ou publicadas como lâminas impressas somente no reto, dispostas junto ao texto ou na forma de anexos, ou reunidas em álbum ou atlas separados do texto, mas fazendo parte integrante da obra.

O livro pode ser considerado:

1º *Como conteúdo*: as ideias que se referem a um certo assunto ou matéria, consideradas num certo lugar e num certo tempo.

2º *Como um continente*: uma certa forma de livro e uma certa língua na qual as ideias são expressas.

Essas formas, por sua vez, são de dois tipos: a) a forma da exposição objetiva, didática, científica, forma suscetível de progresso constante e que são como os moldes preparados para receber o pensamento; b) as formas literárias propriamente ditas, que correspondem aos gêneros e espécies estudados pela retórica.

Esses elementos servem de base para a classificação.

* Michel Bourrelier (1900–1983). Editor francês. [N.E.B.]

221 Elementos materiais

Os elementos materiais do livro-documento são constituídos pelo seu suporte, cujas substâncias podem ser variadas, com formas e dimensões diversas, e o próprio corpo separado do seu invólucro ou capa.

221.1 Substância ou suporte

221.11 Noções

1. A principal substância que comporta os signos e que constitui seu suporte é o papel.

'A era do papel' é mesmo um dos epítetos que melhor caracterizam nossa época, mas o papel é apenas uma das espécies de matéria capazes de receber a escrita.

2. O papel é um meio de criar e multiplicar a superfície.

O papel suscita várias questões: a qualidade, a adaptação de diferentes espécies de papel a diferentes usos aos quais se destina, a normalização proposta para seus formatos, a normalização sugerida por alguns fabricantes, os preços em função das possibilidades do consumo, e as aplicações imprevisíveis derivadas do papel e do papelão. Em todos os países, o papel e o papelão se tornaram elementos essenciais da organização atual.

221.12 Histórico

1. Escreveu-se sobre pedra, metal, cerâmica, papiro, pergaminho e, finalmente, papel.

2. O livro de pedra, tão sólido e tão durável, deu lugar ao livro de papel, mais sólido e mais durável ainda. "Isso matará aquilo." (Victor Hugo, *O corcunda de Notre Dame*, capítulo II, Livro VI)

3. O papiro remonta a três mil anos aC, ou seja, mais de cinco mil anos.

4. Os livros de papiro foram até interditados porque se escreviam livros em prosa que exigiam muita extensão de material.

5. O pergaminho (*membrana pergamena*) deve sua origem a uma disputa entre bibliotecários. Pérgamo e Alexandria eram as duas grandes bibliotecas da época. Rivalizavam pelo número de livros. Um soberano do Egito, para tirar dos copistas de Pérgamo sua matéria-prima, interditou a exportação do papiro. Em Pérgamo, a resposta foi o aperfeiçoamento de um processo já antigo, a escrita em pele: o pergaminho.

6. O *papel* foi inventado cem anos depois da era cristã por um chinês, Ts'ai Lun, apelidado Tchong. Ele imaginou não ter mais de utilizar um tecido pronto, como o papiro, mas fabricar uma espécie de feltro, o papel, com fibras que ele obtinha de trapos velhos, de restos de redes de pesca e, até mesmo, de cascas de árvores. Resumindo, T'sai Lun encontrou o método geral que se perpetuaria até nossos dias, tanto no que tange ao processo de fabricação como à matéria-prima empregada.

O papel era desconhecido na Europa até o século XII, época em que foi importado do Oriente por intermédio da Grécia. Sua fabricação esteve, a princípio, concentrada na Itália, França e Alemanha no século XIV, e foi somente em meados do século XIV, quando se tornou de uso quase geral, que ele começou a se tornar o rival do pergaminho como material de impressão do livro.

O papel penetrou na Europa cristã antes do final do século XIII, no momento em que a Itália liderava o mundo. A manufatura do papel só começou na Alemanha no século XIV e foi apenas ao findar desse século que ele se tornou suficientemente abundante e barato para que a impressão de livros se tornasse um negócio viável.

221.13 A fabricação do papel

1. Primeiramente, o papel foi fabricado à mão, num aparelho chamado 'forma'. A primeira máquina de fabricar papel data de 1828. A fabricação agora é contínua e permite a produção de papel em bobinas.

2. Há mais de meio século, a madeira vem sendo utilizada como matéria-prima para a fabricação do papel, sendo empregada tanto como pasta dita 'mecânica', para os papéis mais comuns, quanto como pasta 'química'. Esta última resulta da desagregação da madeira pela ação de agentes químicos. Tem muito mais valor que as anteriores e é usada na fabricação de tipos superiores de papel.

3. Atualmente, a indústria da celulose e do papel na Suécia e na Noruega está em vias de transformação. Em razão da menor longevidade do papel de celulose da madeira, por causa do processamento com bissulfito de cálcio, comparado com o do papel de trapos, a tendência é substituir, para a desagregação da pasta de madeira, o bissulfito pela soda cáustica. Esta seria preparada no mesmo lugar de utilização, a partir do sulfato de sódio de fabricação inglesa: este sal é tratado com soda por um processo análogo ao de Leblanc. Este modo de preparação da celulose é, assim, chamado, muito impropriamente, como processo com sulfato. Ele forneceria um papel de muito boa conservação.

4. A princípio, o papel é composto de celulose, ou seja, uma combinação na qual adicionam-se 36 gramas de carvão e 41 gramas de água.

O belo papel de outrora era feito de trapos velhos de linho e cânhamo,

mas as fibras desses vegetais foram substituídas pelas de outros vegetais mais ou menos fibrosos ou por aqueles de talo oco designados genericamente como gramíneas: arroz, milho, urtiga, lúpulo, giesta comum, urze, caniço do brejo, junco, babosa, agave, bambu, alfalfa, fórmio, hibisco, amoreira-do-papel (*Broussonetia*), *Betula papyrifera*, etc. Chegou-se mesmo a utilizar talos de alcaçuz, malvaísco, ervilha, batatas, folhas de castanheiro e até algas marinhas.

Na Indochina, imprime-se em papel fabricado com bambu, com palha de arroz, *tranh* ou sapê, de que existem nessa região quantidades inesgotáveis. O *tranh* produz um papel muito encorpado e resistente; a palha de arroz, ao contrário, um papel muito branco, mas frágil. Está prevista a utilização de arrozais que cobrem na Indochina milhares de quilômetros, e do *Papyrus cyperus* que, no Gabão, produz um papel magnífico. Serão também utilizadas as plantas *ravinala*, *votor* e *herana*, muito abundantes em Madagascar.

Foi sugerida a utilização de folhas de árvores. Elas são compostas de um tecido verde, o parênquima, sustentado por nervuras. Ao serem trituradas e depois lavadas, consegue-se separar as nervuras, que são as únicas partes utilizáveis; o parênquima vira pó e pode servir como combustível. A França importa anualmente 500 mil toneladas de pasta de celulose, ao custo de cem milhões de francos. Essas árvores perdem anualmente de 35 a 40 milhões de toneladas de folhas. Bastariam quatro milhões de toneladas para fabricar todo o papel consumido na França e, além disso, dois milhões de toneladas de subprodutos úteis.[1]

5. A fabricação do papel progrediu notavelmente nas últimas décadas. Esse progresso, que chegou às máquinas, nota-se agora nas matérias-primas empregadas. Fabrica-se papel de látex de borracha, o qual, devido à impermeabilidade que confere à superfície das folhas de papel, evita seu encolhimento. Requer menos tinta e sua flexibilidade facilita a dobragem.

6. A película de celuloide tornou-se um suporte na fotografia e no cinema. Está prestes a ser substituída pelo filme sonoro de papel, incombustível, a que se seguirá o filme fotográfico em papel.

Há muito tempo que o papel é o suporte-rei. O celuloide, por meio do filme, ameaçou destroná-lo. Mas, percebe-se que, oportunamente, o papel conseguirá derrubá-lo.

7. Assim, de composição em composição, de substituto em substituto, o papel tende a não ser mais o que era originalmente, pois sua função impôs-se à sua composição, independentemente da matéria-prima, desde que possa melhor servir, seja de suporte dos signos, em livros e documentos, seja de suporte de cores e motivos decorativos, seja ainda como simples proteção ou resistência, no caso de embalagens, revestimentos ou fabricação de objetos.

Sabemos do imenso problema de ordem econômica que o papel hoje provoca, devido ao esgotamento das florestas, que agora devem ser buscadas cada vez mais longe. Estuda-se, atualmente, em laboratório, como substituir a madeira e a pasta de celulose por gramíneas que possam ser colhidas anualmente, de certa forma como o papiro de antigamente, o que permitiria pôr fim à destruição das florestas, que poderiam ter outras destinações.

Estaríamos às vésperas de uma revolução na indústria papeleira. Os

[1] E. Perier: Le monde vivant. *Le Temps*, 10 juin 1918.

aperfeiçoamentos técnicos, desde a guerra [de 1914–1918], permitiram aumentar a produção diária de 30 para 100 toneladas por máquina. Mas agora se pensa em buscar na palha um substituto do papel. Esse novo papel poderá ser mais bem conservado do que o de hoje, ao qual se atribui uma longevidade de apenas quinze anos. Dessa nova situação advirá um deslocamento dos centros produtores do papel, que são atualmente o Canadá e a Noruega, uma vez que o pinheiro e o abeto são árvores papeleiras por excelência.

Chegamos a uma espécie de substância simples, mas constantemente renovada. O papel branco das fábricas cobre-se de caracteres. Nós o lemos. Depois de usado, é devolvido às fábricas onde, reprocessado, volta a sair em branco para servir de suporte a novas e efêmeras inscrições.

221.14 Espécies de papel

1. Os papéis são de múltiplas espécies.[1]

Papel avergoado [*vergé*], papel da holanda, papel Whatman, papel-velino (tem a transparência e o aspecto do antigo pergaminho verdadeiro), papel da china (fabricado com a parte interna do bambu), papel do japão, papel imitação japonês, papel de rami, papel de játiva, papel-bíblia (papel da índia), papel-pluma, papel-pergaminho (pergaminho vegetal), papel Joseph, papel- vegetal, papel pardo.

2. A durabilidade de um livro guarda relação estreita com a qualidade do papel em que é impresso. Seria possível classificar os livros de biblioteca em cinco categorias, de acordo com a qualidade do papel empregado em sua fabricação.

a) os livros impressos em *papel leve*, ordinário, conhecido pelo nome de *antique* ou *bouffant*.

b) os impressos em papel com alta carga mineral e bem calandrado;

c) os impressos em diferentes gêneros de *papel artístico* ou *papéis gessados* (cuchês);

d) os livros impressos em papel de espessura média, sem carga excessiva de matérias minerais e composto em grande parte de celulose de madeira e de palha.

e) o papel que contém mais de 25% de pasta mecânica.

Existem atualmente papeis *imitação de cuchê* (supercalandrados), tão perfeitos que podem ser utilizados em lugar do papel-cuchê. Para as obras que exigem muito texto num volume pequeno, existe o *papel-bíblia*, denominado em inglês *India paper*.

3. Os papéis-*bouffants*, popularizados pela Inglaterra e os Estados Unidos, têm a vantagem de ser leves e, por conseguinte, compensam tanto pelo preço intrínseco em relação à gramatura quanto pelo preço dos livros. Os papéis-*bouffants* de fibra de esparto são leves e imprimem bem, mas entopem os tipos porque soltam pelugem e por isso atrasam a produção.

4. O *papel da índia*, trazido do Extremo Oriente em 1841, é fabricado, desde 1874, pela Oxford University Press. É um papel opaco, resistente e muito fino. As obras nele impressas chegam a ter apenas um terço da espessura habitual.

O papel-bíblia *pelure* da Índia é extremamente fino, embora resistente. A espessura dos volumes impressos nesse papel não chega a um terço da espessura dos volumes impressos em papel comum. Chega apenas a

[2] Cim. *Petit amateur de livres. I. Papier*.

28 gramas por metro quadrado, e se apresenta perfeitamente opaco. As edições feitas com esse papel se destinam a moradores de apartamentos e bibliotecas que não disponham de muito espaço.

O papel que seja de gramatura leve mas não transparente é importante para as obras de documentação. Por exemplo, o papel do *Annuaire Militaire de la S. D. N. 1928-1929*, 5e année, permitiu aumentar o conteúdo e diminuir o volume da publicação.

Papel fino, muito resistente para a impressão do guia de viagem Baedecker, da Suíça. Com o dobro de conteúdo no mesmo volume. As 568 páginas mais os mapas formam um volume de 25 mm de espessura.

5. O papel Hydroloid 'Vi-Dex' [impermeável] não teme nem a manipulação excessiva nem a umidade dos dedos; pode, sem risco, ser molhado, amassado e sujado. Uma vez lavado e seco, volta se mostrar intacto e utilizável. A tinta comum não sofre danos causados pela água.

221.15 Qualidade do papel

1. As características do papel são:

a) o *formato* ou comprimento e largura das folhas ou bobinas;

b) a *gramagem* ou gramatura; p.ex.: 110 gramas por metro quadrado.

Papéis extrafinos, finos, fortes, extrafortes, cartão.

A dimensão do papel é expressa em metros quadrados. Ex., m^2 = 43 g com 10% de carga.

2. Os papéis são colados ou não colados, gessados ou recobertos. São vendidos em resmas de 500 folhas, divididas em mãos de 25 folhas ou segundo o peso, no caso de grandes volumes de produção. Para as obras de luxo, utiliza-se também papel extraleve, papel artesanal, papel-*vergé* ou papel-velino.

É impossível fabricar papel de espessura regular, matematicamente exata. No entanto, não foi prevista tolerância para variações nas folhas de um mesmo fornecedor no código de práticas para a venda de papéis. Impõe-se uma grande tolerância na comparação de duas folhas isoladas.

3. A cor do papel serve para estabelecer diferenças necessárias. A gramatura tem sua importância para a conservação dos documentos. Indica-se papel resistente sempre que o livro ou o documento for submetido a manuseio excessivo ou quando precise durar muito tempo. O papel deve ser opaco, não deixar que o texto apareça por transparência.

Uma discreta coloração do papel faz com que ele perca a crueza do branco, torna-o fosco e repousa os olhos do leitor.

4. O papel, segundo sua finalidade, requer qualidades especiais: o papel de cartas; o papel destinado à edição em geral, principalmente para a impressão em heliogravura e offset; as edições coloridas exigem fineza de grão, elasticidade, absorção e opacidade.

O papel-cuchê torna a impressão mais delicada, o *vergé* lhe confere um aspecto mais pesado, o papel acetinado dá um aspecto mais normal aos traços. A cor do papel e a cor da tinta, às vezes, podem melhorar ou destruir a legibilidade do texto.

5. Foram feitas pesquisas com a finalidade de produzir papel ignífugo, invenção que seria útil para documentos importantes, testamentos e papel-moeda.

6. Nos laboratórios da Bell Telephone foram realizadas pesquisas tendo em vista a produção de papel com a espessura de alguns milésimos de polegada para servir de isolante em instalações telefônicas.

7. O papel apresenta marcas chamadas filigranas ou marcas d'água, que servem sua para identificação.

O sr. Briquet publicou uma minuciosa descrição de filigranas de obras xilografadas da biblioteca real de Munique em que detectou 1 363 variações de marcas d'água.*

(*Der Papier Fabrikant*, Berlin, 1910.)

* Briquet, C.M. *Les filigranes: dictionnaire historique des marques du papier.* Paris: Alphonse Picard, 1907. 4 v. [N.E.B.]

8. Existe na Alemanha uma regulamentação para os papéis destinados ao uso administrativo do Estado. O congresso sobre reprodução de manuscritos (1905) votou moção favorável à adoção de regulamentação semelhante para os papéis destinados a servir de suporte para a reprodução de manuscritos.

Em 1886, foi criado em Gross Lichterfelde, perto de Berlim, um instituto de pesquisas sobre o papel. De início, o objetivo era exclusivamente controlar todo o papel fornecido aos serviços do governo da Prússia. Logo passou a ser também utilizado pelos comerciantes residentes na Alemanha e até no estrangeiro, desejosos de comprovar se seus papéis estavam conformes com as regras formuladas pelo instituto. Este controla a composição, o formato, a espessura, o peso, a consistência, o toque, a resistência à umidade, o poder de absorção e a permeabilidade à luz. No início, os produtores alemães se mostraram hostis à criação do instituto. Pouco depois, essa oposição desapareceu e foram reconhecidas as vantagens dos testes oficiais do papel. Atualmente, atribui-se a esse instituto uma parte do êxito do desenvolvimento da fabricação do papel na Alemanha.[1]

Um laboratório oficial de análises e testes de papel funciona no Bureau of Standards, em Washington.

As questões relativas à conservação do papel foram estudadas pela Comissão de Cooperação Intelectual. O *New York Times*, para atender aos desideratos da conservação do papel, agora imprime uma edição especial em *all-rag paper* [papel feito exclusivamente de trapos].

A Library Association (Londres) formou uma comissão para o estudo das questões relativas à durabilidade do papel.[2]

221.16 Consumo e preço

221.161 *CONSUMO*

Em toda a França, o consumo de papel destinado a livros seria de 180 a 200 mil kg por dia, e o de papel de jornal seria de 60 mil kg.

Um terço do consumo total de papel seria do papel de impressão comum, enquanto que o papel de embalagem chegaria a dois terços.

Ultimamente, o consumo de madeira aumentou de forma imensa. A área do território com florestas é de 61% na Rússia e de 4% na Inglaterra. As florestas do Canadá e dos Estados Unidos foram dizimadas. Os Estados Unidos consomem por ano 90 milhões de troncos de árvores. Prevê-se uma grande falta de madeira nos Estados Unidos e no Canadá, dentro de quinze ou vinte anos.

Os Estados Unidos, em 1880, consumiam três libras de papel de jornal por habitante, por ano. Em 1920, consome 35. Nesse ano, o papel poderia formar uma bobina de 75 polegadas de largura e de uma extensão de 13 milhões de milhas. Os jornais têm uma circulação diária de 28 milhões de

[1] Essais de fournitures de bureau pour l'administration des postes d'Allemagne. (*L'Union Postale*, Berne, novembre, 1927, n. 136.)

[2] Paquet, T. Le papier et sa conservation. *Bulletin Le Musée du Livre*, 1925, 61.

exemplares e, do Atlântico ao Pacífico, há mais de 100 jornais diários que imprimem mais de 100 mil exemplares.

É preciso assinalar os malefícios do papel no que tange ao desflorestamento. São verdadeiras florestas, com efeito, que são necessárias para garantir a tiragem diária de 30 mil jornais, alguns dos quais se imprimem em número de vários milhões, e o dos 200 volumes [*sic*], cifra essa que representa a média de todos os que se publicam diariamente no mundo. Esses 30 mil jornais, dos quais se imprimem dez bilhões e 800 milhões de exemplares, consomem todos os dias por volta de mil toneladas de pasta de celulose; exatamente 350 mil a cada ano. Tem-se, assim, com os livros e as revistas, o carregamento de 37 500 vagões de dez toneladas, tracionados por 1 800 locomotivas, ou seja, quase o efetivo do material de uma grande companhia ou 180 navios lotados. Além disso, não entraram nesse cômputo os papéis de embalagem, papelões, anúncios impressos, papéis de carta, etc. São 350 milhões de m^3 que o corte de árvores deve fornecer por ano na Europa. A França fornece 6,5 milhões, a Inglaterra, nove milhões, e a Rússia, Noruega, Canadá e Estados Unidos fornecem o resto. Porém os Estados Unidos, sozinhos, consomem 900 milhões de m^3. Cortam-se, portanto, as árvores, destroem-se as florestas para alimentar todos os dias essa produção fantástica. Mas uma árvore não cresce nem em um ano nem em um dia.

Uma semana de publicação de um dos jornais atuais de grande tiragem corresponde a uma floresta abatida em algum lugar.

221.162 *PREÇO*

O imenso consumo de papel em nossa época deu origem a uma enorme especulação econômica. Durante e depois da guerra mundial [1914–1918] o papel sofreu elevações vertiginosas de preço sem relação com as condições normais do mercado. A especulação e a cobiça foram consideráveis. A tendência geral à formação de trustes levou aqui a casos concretos.

O preço do papel caiu de 24 centavos em 1862 para 2 centavos em 1900.

O papel comum que, antes da guerra, era vendido por 28 francos os 100 kg, alcançava, em fevereiro de 1918, 180 francos.

O preço do papel tornou-se excessivo nos países onde a moeda foi desvalorizada durante a guerra. Pode-se dizer, por exemplo, que na Bélgica, enquanto o coeficiente de desvalorização da moeda é 7, paga-se até 12, 14 e 15 pelo papel. Isso constitui, de imediato, um entrave à produção.

O papel pelo qual se pagava, em 1914, 30 francos por 100 kg, na França, agora alcança até 415 francos.

Durante a guerra faltam papel e dinheiro.

Quando o papel faltou na França, em abril de 1916, as empresas jornalísticas solicitaram que o governo conseguisse da Inglaterra um navio para ir buscar a pasta necessária no Canadá.

A escassez de papel provocou a diminuição do tamanho dos jornais. Cogitou-se até de suprimir um grande número de jornais.

Uma portaria do governo francês de 2 de fevereiro de 1918 restringiu a espessura dos papéis de impressão, a quantidade e o tamanho dos cartazes, a dimensão dos programas de teatro e o uso de tipos grandes na composição dos livros. (*Bibliographie de la France*, 8 février 1918.)

O preço alto do papel exige concisão.

Antes disso, houve uma crise de papel durante a Revolução Francesa.[1]

Papel velho tem seu valor. Foram pagos 125 francos por aparas limpas (outubro de 1932), livros usados em bom estado, 33 francos, papel de jornal limpo, 65; papel de jornal amarrotado, 26 francos. Em comparação, pelo papel de jornal bobinado pagavam-se 125 francos. Pelo cuchê superior limpo, 400; pelo de impressão superior, 220.

221.17 Usos do papel

O papel tem múltiplos usos. Seu emprego não é apenas para a documentação (escrever e imprimir), mas também para embalagens, biombos, matéria-prima de objetos comuns (guardanapos, toalhas, pratos, travessas, copos, etc.)

É possível obter do papel efeitos foscos ou brilhantes, esfarrapados, aveludados, pregueados, grãos novos que imitam os mais nobres materiais, de uma variedade inimaginável, que tornaram um revestimento banal em novo elemento decorativo; ele tem uma função decorativa. O papel serve para embalagens, para fazer biombos, para a fabricação de inúmeros objetos. É uma superfície macia, simples, que não é cara, que se presta a todos os fins. O modo como um produto é apresentado (embalagem) exerce influência preponderante nos resultados buscados pelo produtor, em que o papel garante aos produtos possibilidades reais de divulgação.

A utilização de caixas multiplica-se com uma variedade infinita, à medida que sua confecção é feita com um material mais adaptado a tal fim. Além disso, ampliou-se o emprego de cartonagem em publicidade ou mesmo simplesmente para fins demonstrativos e didáticos: cartazes, letreiros, painéis, vitrines, figuras recortadas e outras soluções atraentes à base de papelão. Este material participa atualmente do ensino nos artefatos feitos por professores e alunos. Está presente nas demonstrações científicas e didáticas. Com ele tornou-se possível executar modelos destinados à museografia.

Foram confeccionados tecidos de fio de papel. O produto disso é uma tela para embalagem e fabricação de bolsas, de fio de juta ou alternando com fios de papel e de trama totalmente de papel. Trata-se de fabricar também tapetes, carpetes, cordas e toldos de fio de papel ou em combinação com têxteis.

221.18 Outros materiais de suporte, exceto o papel

Não existe só o papel. Escreve-se em todo lugar, escreve-se de tudo, escreve-se sobre tudo. Sobre tudo quer dizer sobre qualquer material; e qual é hoje em dia o material que de fato não haja sido revestido de signos ou imagens? Há tendência de novas invenções permitirem que se escreva sobre qualquer material e que se possa fixar uma marca, seja uma simples letra, seja um número em todas as coisas.

1. Escreve-se e imprime-se em tecido. Ex.: álbuns de pano, que não se rasgam, para crianças menores de cinco anos, publicados pela editora Hachette, de Paris. Tecidos desenhados e pintados com textos indicativos para a montagem de bonecas. Os tecidos foram também meios de escrever, pintar e desenhar. (Ver principalmente o Musée des Tissus, de Lyon.] É possível imprimir em três ou quatro cores em sacos de juta com

[1] *Echo de Paris*, 26 mars 1916.

o emprego de impressoras rotativas nas quais os caracteres são gravados numa imitação de borracha (sistema Tiger). Impressão direta em tecido pegamoide de cartas geográficas (sistema Cremers).

2. Edison anunciou que um dia chegariam os livros em folhas de níquel. (*Cosmopolitan Magazine*, 1911.) O níquel absorverá a tinta de impressão tão bem quanto uma folha de papel. Uma folha de níquel com a espessura de um décimo de milésimo de centímetro é mais barata. Mais resistente e também mais flexível do que uma folha de papel comum, como o que se encontra normalmente nas livrarias. Um livro de níquel com a espessura de cinco centímetros conteria 40 mil páginas e pesaria apenas 460 gramas. E Edison se propunha fornecer 460 gramas dessas folhas pelo preço de um dólar e 25 centavos.

A gravura em oco pode, assim como a água-forte e a litografia, ser considerada um meio de reprodução artística. A calcografia, que existe desde o século XII, é a gravura em oco feita em cobre. Mais recentemente, o mesmo processo de abrir gravura foi aplicado a outros metais, até ouro.[1]

3. A escrita em quadro-negro, derivada da escrita em ardósia, tem um papel muito importante. A demonstração é feita por meio de imagens, textos e equações que são apagados logo depois. Um golpe do apagador e o documento produzido desaparece sem deixar vestígio a não ser no espírito dos ouvintes-espectadores. As salas de aula atualmente são cercadas por uma sucessão de quadros-negros, ou que ficam concentrados atrás da mesa do professor, com as placas superpostas e móveis.

4. Não se escreve na luz, mas com luz. Foram criadas letras luminosas que permitem escrever verdadeiras frases quando são ligadas em seu quadro elétrico. Também se escreve com letras de neon.

5. Durante a campanha eleitoral as calçadas e as ruas tornaram-se o suporte dos apelos aos eleitores.

6. A empresa Savage criou um projetor de um milhão e meio de velas, com o qual conseguiu projetar publicidade nas nuvens a dois mil metros de distância. As letras projetadas têm 400 metros de altura. O aparelho é montado num vagão e um único operador manobra todo o equipamento.

7. É possível imprimir cartazes em placas de zinco. (Ex.: Compagnie des Messageries Maritimes.)

8. Também se escreve sobre a pele. A tatuagem é bem conhecida. Agora um hospital de Delaware, por causa de lamentáveis confusões com a identidade de bebês que lhe estavam confiados, escreve um número nas costas de cada um, com a ajuda de um estêncil e uma forte lâmpada de luz ultravioleta.

A biblioteca real de Dresden possui um calendário mexicano em pele humana.*

221.2 Formas, formatos e dimensões do livro e do documento

Convém distinguir:

1° as formas ou disposições

2° os formatos ou dimensões.

221.21 Formas

1. O livro conheceu formas muito diversas. Foi feito, sucessivamente, de placas amarradas umas às outras (livros orientais); em rolo (em latim,

[1] O artista retratista A. Guaisnet.

* Em 1812, um bibliotecário de Lyon, A.F. Delandine, mencionou essa história apócrifa (*Manuscrits de la bibliothèque de Lyon*, 1812, t. 1, p. 40). Repetiram-na P. Capelle (*Manuel de la typographie française*, 1826, p. 45) e L. Lalanne (*Curiosités bibliographiques*, 1857, p. 208). A biblioteca real está na Sächsische Landesbibliothek – Staats- und Universitätsbibliothek Dresden (biblioteca estadual da Saxônia e da universidade técnica de Dresden), que possui, desde o século XVIII, o Codex Dresdensis. Não em pele humana, mas em papel *amate* (*āmatl*), empregado pelos maias desde a época pré-hispânica, a partir do córtice de espécies de *Ficus*. Ver, na Biblioteca Digital Mundial, www.wdl.org/pt/item/11621/ [N.E.B.]

volumen, donde volume); de folhas separadas encadernadas ou amarradas (do latim, *codex*, *codices*, donde código) a forma que tem atualmente.

2. A história do livro mostra como, imperceptivelmente, se passou de uma forma para outra e quais as circunstâncias que prevaleciam quando ocorreu essa transformação. Assim, foi por volta de 1262 que o escrivão do Parlement [corte suprema], Jean de Montluçon, começou a redigir o primeiro registro das decisões do tribunal [em francês, *olim*]. Seu trabalho consistia em copiar ou resumir em cadernos as decisões antigas que remontavam ao ano 1255, que eram escritas em pergaminhos, em rolos. Pois, antes de Jean de Montluçon, parece que os escrivães do tribunal não faziam registros em cadernos, mas em pergaminhos a que chamavam *rôles*.

3. Atualmente, o livro, isto é, o documento, apresenta-se em cinco formas fundamentais:

a) em folha aberta, in-fólio (cartaz, anúncio, jornal, quadro mural)

b) em volume (códice) encadernado

c) em fichas; solto

d) dobrado (mapa em embalagem)

e) em rolo guardado num tubo (plantas).

A cada uma dessas formas correspondem certas vantagens (visão de conjunto, documento em biblioteca, crescimento indefinido nos repertórios).

As formas novas possíveis são numerosas, pois nada indica que a evolução as tenha esgotado.

4. Eis algumas formas características que foram dadas a alguns documentos:

a) Edição impressa numa única face do papel que permite tanto recortar os diferentes resumos nela impressos e colá-los em fichas quanto incluir os resumos recortados nos dossiês, sem estragar os colocados no verso, bem como fazer anotações no verso dos resumos, no caso de os fac-símiles serem mantidos intactos. Ex.: *Bibliographie de l'IIB*.

b) Existem também edições com folhas brancas intercaladas. Ex.: *Enquête ethnographique et sociologique sur les peuples de civilisation inférieure* da Société Belge de Sociologie.

c) Foram publicadas listas formadas por listas de endereços em papel gomado para destacar e utilizar. Ex.: *Directory of libraries United States and Canada*; Wilson Co. Minneapolis.

d) Livros com dedeiras ou índice de dedos. Ex.: livros litúrgicos e outros para serem lidos frequentemente.

e) Álbuns, atlas de montar, combinações divertidas para livros infantis, combinações didáticas em livros científicos, como em atlas de anatomia ou nos manuais de máquinas.

f) A forma de livro tem sido empregada para formar diversas coletâneas. Como os álbuns de selos, de cartões-postais, de amostras (bordados, tecidos, crochê, etc.).

g) Livro do qual uma segunda parte é encadernada de modo a permitir, depois de retirada da encadernação e aberta, a consulta simultânea com a primeira parte. Na realidade, é como se tivéssemos dois livros em um.

Utilidade. a) Livros em que o índice deve ser consultado frequentemente. b) Atlas e índices geográficos a serem consultados durante a leitura. c) Livros com coletânea de estampas para levar. d) Modelos de apoio a regras descritas.

h) Em sanfona ou biombo articulado no caso de uma exposição em sequência.

i) Livros com partes destacáveis. Ex.: o guia alemão de estradas de ferro.

Os guias Baedecker somente são vendidos em volumes completos e encadernados. Mas se dividem em partes costuradas separadamente e que podem ser destacadas. Com essa finalidade, abre-se o livro no começo e no fim da parte a ser separada e aparece a talagarça que bastará ser cortada. Para proteger essas partes em brochura vendem-se capas revestidas com tecido.

j) As publicações em fichas vieram possibilitar um novo tipo de documento que se baseia numa forma material que lhe é própria.

6) As inovações quanto à forma e à matéria dos livros, bem como sua proteção jurídica, foram objeto de estudos da secretaria permanente do Congresso Internacional dos Editores (Milão, 1906).

221.22 Formatos

1. O formato do papel é o tamanho obtido com a dobragem da folha.

A dobragem do papel faz com que ele se multiplique.

Quatro dobras resultam em 16 partes.

2. A dobragem das folhas de papel nos dá páginas. Obtêm-se, sucessivamente, estes resultados:

1 dobra	4 páginas
2 dobras	8 páginas
3 dobras	16 páginas
4 dobras	32 páginas

O papel presta-se a todas as dobras. Um livro representa papel dobrado. Porém, a fantasia dos autores e dos editores, sobretudo em matéria de publicidade, chega a várias soluções de dobragem, às vezes surpreendentes. Os mapas de grande tamanho, dobrados soltos ou em volumes, também nos mostram o partido que se pode tirar da dobragem.

A dobra dos mapas permitirá ter voltada sempre para o leitor a parte do mapa que ele deseja consultar.

3. Nas obras impressas as folhas dobradas dão origem às páginas, formando cadernos que recebem uma numeração para facilitar sua reunião e a encadernação. Esse número é impresso com tipos pequenos no pé da página e leva o nome de assinatura.

4. As designações in-fólio, quarto, octavo, etc. geralmente causam confusão, pois não indicam as dimensões do livro, mas o número de páginas por folha de papel.

Um in-fólio	4 páginas
Um in-4°	8 páginas
Um in-8°	16 páginas
Um in-16°	32 páginas

quer dizer, 2, 4, 8 ou 16 páginas em cada lado do papel.

Na *Bélgica* (segundo [*Papeteries*] De Ruysscher n° 10714) o formato de papel comercial chamado *coquille* [concha] na indústria papeleira varia entre 43,5 × 56,5 e 44 × 56 [cm].

Na *França*, geralmente é de 44 × 56 [cm] e também se chama *coquille*.

Na *Inglaterra*, com o nome de *medium*, emprega-se o formato 45 × 57 e grande *post* 42 × 53.

Na *Alemanha*, o formato varia entre 44 × 56, 45 × 59 e 46 × 59.

5. Os formatos ingleses são determinados pelas seguintes dimensões em *inches* (polegadas).

Pot 8vo	6 1/8 × 3 7/8
Foolscap 8vo	6 ¾ × 4 1/4
Crown 8vo	7 ½ × 5
Demy 8vo	8 ¾ × 5 5/8
Medium 8vo.	9 ½ × 6
Royal 8vo	1 × 6 1/4
Imperial 8vo.	11 × 7 1/2
Pot 4to	7 ¾ × 6 1/8
Foolscap 4to	8 ½ × 6 3/4
Crown 4to	10 × 7 ½
4to	11 1/4 × 8 3/4 12 × 9 1/2
Royal 4to	12 ½ × 10
Imperial 4to	15 × 11
Pot fólio	13 ½ × 8 ½
Crown fólio	15 × 10
Fólio	17 ½ × 11 1/4 19 × 12
Royal Fólio	20 × 12 ½
Imperial Folio	22 × 15

Partituras:

Royal 4to	12 ½ × 9 1/2
Music 8vo	10 × 7
Music 4to	13 ½ × 10 1/2

6. O formato dos livros era indicado antigamente na forma in-4°, in-16°, etc. Para ter mais precisão, mede-se agora em centímetros com o emprego de dois fatores, em que o primeiro é a altura e o segundo, a largura. Ex.: 28 × 12.

Dimensões aproximadas dos diferentes formatos:

In-fólio	45 × 32
In-4°	33 × 25
Petit in-4°	26,5 × 19
Grand in-8°	25 × 17
In-8°	22,5 × 14
In-16°	19 × 12
In-12° 1	7,5 × 10,5
In-32°	16 × 10

Às vezes os formatos são indicados por convenção. Assim, na biblioteca central de Florença e em muitas outras a indicação é feita da seguinte maneira:

In-fólio	o volume acima de 38 cm de altura
In-4°	o volume de 28 a 38 cm de altura
In-8°	o volume de 20 a 28 cm de altura
In-16	o volume de 15 a 20 cm de altura
In-24	o volume de 10 a 15 cm de altura
In-32	o volume abaixo de 10 cm de altura.

Para a normalização dos formatos, ver a seção n° 412.2.[1]

7. Tabela dos formatos de papel em função do peso. A tabela de con-

[1] Cim: *Petit manuel de l'amateur de livres*. Paris, Flammarion. (II. Le Format, p. 57-90).

cordância dos formatos de papel baseia-se no *coquille* que mede 44 × 56 cm. O emprego de papel bobinado introduziu o uso de uma base diferente de peso por metro quadrado.*

Parece, à primeira vista, que bastaria saber quanto pesa o papel por metro quadrado. No entanto, as encomendas de impressos são feitas pela quantidade e, por conseguinte, é preciso saber quanto pesa uma rama de determinado formato e de peso indicado.

Existem algumas fórmulas conhecidas, que se prestam para ambos os casos e cuja tabela permite tanto controlar o resultado quanto saber imediatamente o que é necessário.

As fórmulas mais usadas são:

Coquille 44 × 56 fórmula 8
Raisin 50 × 65 fórmula 6,1
Jésus 55 × 70 fórmula 5,2
Grand Jésus 56 × 76 fórmula 4,7
Colombier 60 × 80 fórmula 4,15
Grand-Colombier 63 × 90 fórmula 3,52

Ex.: A *coquille* de resma de 8 kg pesa 8 × 8 = 64, isto é, 65 gramas por metro quadrado. No caso da resma de *raisin*, divide-se o peso (65 g) pela fórmula 6,1, o que dá 10,655 kg, e então serão encomendados 10,500 kg. Vê-se quanto é fácil servir-se dessa concordância, dessa tabela. O profissional habituado a lidar com papel, reconhece que lhe é informada a gramatura do papel *coquille* de 8 kg a resma. De relance, perceberá que esse papel pesa 65 g por metro quadrado, que a resma de *raisin* corresponde a 10,550 kg. Sabe-se que o peso da resma, em quilos, multiplicado por 2 dá, em gramas, o peso da folha; o peso da folha, em gramas, dividido por 2, dá o peso da resma em quilos. Uma resma de 8 kg dá 16 gramas por folha. A folha de 20 gramas vem de uma resma de 10 kg.

8. Há formatos comuns, como os de bilhete de trem e de selo postal.

Têm sido pesquisados melhores formatos e justificativas para os romances e outros livros, portáteis, destinados mais a uma leitura rápida do que a uma conservação por tempo indefinido.

Com o formato do livro, buscou-se a maneira de segurá-lo numa das mãos, fechado (leitura na cama, na poltrona, no trem), dobrado em dois sem estragá-lo; buscou-se também a maneira de guardá-lo no bolso (ex.: catálogos de exposições e de museus).

Os formatos das fotografias não guardam qualquer relação com o formato das publicações e repertórios.

Formato de caderno escolar.

O formato tem grande influência no custo de impressão. Estima-se que o formato *coquille*, com impressão em duas colunas, resulta num custo de impressão inferior a mais da metade do custo da impressão em formato comum de romance.

No passado, encontravam-se os grandes formatos, os in-fólio. Progressivamente foi-se chegando aos formatos reduzidos de hoje em dia.

Foi Aldo Manuzio quem, para facilitar a difusão da literatura latina, adotou o formato *petit* in-8º, que, antes dele, somente era usado para missais.

Livro grande ou pequeno. Ambos têm suas vantagens, conforme o caso. (Ex.: um dicionário de língua, grande ou pequeno). Ter tudo reunido em um volume é prático para a consulta, mas ele fica pesado, mais difícil de transportar e de consulta mais lenta.

Não desistimos das obras de dimensões minúsculas. A editora Tara-

* Para mais informação sobre formatos de papel e do livro, com equivalências em outros sistemas, ver: Porta, Frederico. *Dicionário de artes gráficas*. Porto Alegre: Globo, 1958, p. 163-164. E também: Araújo, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008, p. 345-353. [N.E.B.]

porevala, de Bombaim [Mumbai], publica o Alcorão, o Bagavadguitá e o Khordeh Avesta em pequenas edições de uma polegada de altura por 3,4 polegada de largura, encadernadas em metal e acompanhadas com lentes de aumento.

Existe uma espécie de competição entre tipógrafos com vista a confeccionar o menor livro possível. Os irmãos Salmin, editores em Pádua, detêm o recorde com um volume liliputiano de 10 × 10 × 7 mm, com 208 páginas. Reproduz a carta de Galileu para a madame Cristina di Lorena (1615).

A editora Payot publica a coleção Bibliothèque Miniature (7 × 10 cm).

221. 3 O envoltório do livro: brochagem, aparagem e encadernação

O livro, depois de impresso, precisa de três coisas:

1° que as folhas não corram o risco de se dispersarem, o que é a função da brochagem ou costura;

2° que as páginas possam ser lidas sem que o leitor tenha de separá-las; essa é a função da aparagem;

3° que o conjunto fique protegido dos riscos de deterioração; essa é a função da encadernação.

Para manter juntas as folhas de documentos de qualquer formato e assim formar unidades compostas de nível sucessivamente superior (documentos distintos) há toda uma série de recursos:

1° colocá-las soltas em invólucro de papel ou cartão correspondente à unidade superior (pasta);

2° reunião móvel de folhas soltas, com capa comum, passível de ser facilmente desfeita, perfuradas e presas em pastas registradoras ou classificadoras, por meio de argolas ou grampos, ou por pressão de mola lateral (encadernação chamada *électrique*).

3° Encadernação fixa de três níveis: brochado, cartonado e encadernado propriamente dito.

Os três dispositivos acima descritos (folhas soltas, móvel e fixa) têm suas vantagens e seus inconvenientes: a) rapidez de uso; b) custo do material; c) garantia contra a dispersão; d) proteção contra o atrito e o desgaste das folhas; e) intercalação contínua; f) espaço ocupado; g) aspecto externo.

4) Brochado ou encadernado.[1]

221.31 Encadernação

1. *Função*. A encadernação pode ter várias funções ou utilidades.

a) Garantir, preservar.

b) Ornar, embelezar.

c) Evocar o conteúdo, símbolos.

d) Significativa: ajudar a que tenha um significado, como, por exemplo, encadernação em cores que representam algo convencionado.

e) Tornar mais compacto. Exemplo extremo de compactação obtido com uma boa encadernação é o *Webster's new international dictionary*. Esse dicionário abarca 400 mil palavras em 2 700 páginas em um volume.

2. *Espécies*. A encadernação da época moderna pode ser dividida em três partes:

1° a encadernação artística;

2° a encadernação de amadores ou de bibliotecas e a de luxo;

---

[1] Existe agora um *Annuaire International de la Reliure Ancienne et Moderne* (*Jahrbuch der Einbandkunst*) von Hans Londbier und Erhard Klette: Zweiter Jahrgang 1929. O dr. Schreiber sugeriu um repertório de ilustrações sobre encadernações.

3º a encadernação comercial e a encadernação industrial (encadernação da editora). A encadernação comercial data de apenas uns sessenta anos e teve grande avanço; tem origem na indústria, assim como a encadernação usual que é feita em inúmeras oficinas e que serve para proteger os volumes das bibliotecas destinados ao empréstimo, ou volumes de pouco [*sic*] valor, os volumes valiosos, doações, catálogos, etc.

3. *A encadernação artística*. A encadernação de nossa época apresenta certas características. A riqueza, a beleza de um material escolhido de maneira uniforme, polido, de fino grão e coeso. A alegria, o brilho do colorido dos couros nela empregados. São recortados em mosaico, mais ou menos cubistas, onde o ouro, a prata e o marfim vêm somar uma nota cintilante e que emite reflexos.

Empregam-se as letras do título e as do nome do autor como único elemento decorativo. As pastas do livro são perfuradas, deixando aparecer as guardas, geralmente de couro, através desses orifícios.

Na encadernação decorativa como tal, convém lembrar que o livro é feito para ser colocado nas prateleiras de uma biblioteca e deve ter na lombada sua localização e as pastas não podem ser enfeitadas com elementos que dificultem sua inserção na sequência ou atrapalhem o manuseio. Também será conveniente ter em conta que uma decoração suntuosa, que exigiu muito trabalho, não se dá bem com a matéria-prima: vitela, pergaminho, quando existe o marroquim. A mulher sobressai na encadernação assim como na toalete.

4. *Encadernação da editora*. Até meados do século XIX não se vendiam livros encadernados na Alemanha, e a encadernação era um assunto pessoal do comprador. Em 1882, um livreiro de Leipzig teve a ideia de oferecer a seus clientes livros encadernados e prontos para serem lidos.

5. *Processos de encadernação*: a) por costura; b) por perfuração; c) por pressão. As máquinas vieram revolucionar a arte, antes totalmente manual, do encadernador. Há máquinas de dobrar, brochar, arredondar a lombada e encapar os livros. Uma máquina de arredondar a lombada consegue passar de 500 ou mil a cinco mil ou seis mil livros por dia. Uma máquina de encapar livros e revistas faz 22 mil exemplares por dia.

6. *Materiais.* Os materiais utilizados na encadernação são madeira, couro (pergaminho, velino chagrém, carneira), tecidos (seda, veludo, tela) e papel.

O alumínio foi usado para capas de revistas (ex.: *Revue de l'Aluminium*).

Os senhores Dunn e Wilson[1] inventaram um novo tipo de encadernação para periódicos (chamado Fiam). Consiste em celuloide não inflamável com couro nos cantos. As revistas têm capas características e muitas vezes coloridas que ficam visíveis graças à transparência do material. Silenciosa, clara, limpa e durável.

7. *Artifícios da encadernação*. Alguns artifícios usados na encadernação:

Os cantos e o pé do livro são protegidos com lâminas de cobre.

Intercalação de páginas coloridas para indicar divisões.

Encadernação com rótulos coloridos no dorso (em coleções de códigos de direito).

Marcadores de página de cores diferentes (também nas coleções de códigos de direito).

Foi proposto à American Library Association que adotasse cores para

[1] Bellevue Bindery, Falkirk, Escócia.

as encadernações de livros, que, convencionalmente, correspondessem aos assuntos tratados nos livros, de acordo com a Classificação Decimal.

8. *Conservação das encadernações*. A encadernação, para ser conservada, requer cuidados, principalmente se for de couro. O couro se deteriora por si mesmo, e precisa de revestimentos e pomadas que lubrifiquem suas fibras, tornando-as macias e resistentes, além de menos porosas, o que contribui para suportem os gases nocivos em suspensão na atmosfera.

221.32 Conselhos práticos sobre encadernação

a) Não mandar encadernar livros impressos recentemente.

b) Escolher a época propícia para o envio de uma encomenda.

c) Permitir ao encadernador dispor de um prazo razoável.

d) Não montar volumes factícios.

e) Cuidado ao aparar o livro! Respeitar as margens.

f) Conservar as capas impressas originais.

g) Títulos que ficarão em destaque.

h) Modelos para fornecer ao encadernador.

i) Colacionar os volumes; defeitos.

j) Convém colocar o nome do autor e o título abreviado na lombada e na primeira e na quarta capas, de modo que se possa reconhecer de imediato de que obra se trata, independentemente de sua posição.

k) Encontra-se em certos livros uma advertência para o encadernador, o que é muito recomendável. (Ex.: *Atlas des enfants*, Amsterdam, Schneider, 1773).

l) Do ponto de vista material, um volume, para ser bem proporcionado, não deve ser nem muito grosso nem muito fino. Nas obras pesadas, quando colocadas de pé, as páginas infalivelmente desabam até metade do corte do pé tocar a prateleira que sustenta o volume. Os livretos muito finos levam na lombada títulos que são difíceis de ler. Isso fez com que, de um lado, se dividisse um volume muito grosso em dois volumes, e, por outro lado, a incluir num mesmo volume encadernado três ou quatro livretos muito finos. Em princípio, o importante é que cada obra conserve sua indivisibilidade, mesmo depois de encadernada, o que é um requisito de uma ordenação racional.

m) Os subtítulos mal colocados pelo impressor podem ser retificados pelo encadernador, de modo que não seja difícil identificar a obra.

n) Pode-se recomendar que seja feita uma cartonagem firme na qual seja colada a própria capa do livro brochado, mantendo-se, assim, o aspecto que lhe foi dado pelo autor e o editor.[1]

221.33 Corte das margens

Convém que os livros sejam fornecidos aos compradores com as páginas aparadas, isto é, previamente abertas nas dobras externas. É um ganho de tempo para todos, além de ser também uma medida para proteção dos livros. Podem ser feitas tiragens especiais para bibliófilos, para quem um volume somente tem valor se conservar íntegras as margens. O bibliófilo, então, poderá mandar encaderná-lo como lhe aprouver.

Uma revista de 96 páginas não pode ser aberta pelo leitor em menos de quatro minutos, tempo esse que, nem pela metade, se confunde com o da leitura. Trata-se, portanto, de um desperdício de tempo para a tota-

[1] Cim: *Petit manuel de l'amateur de livre*, III.

lidade de 10 mil assinantes, em comparação com o tempo que a máquina leva para aparar a publicação. A abertura manual das páginas levaria cerca de dez horas e quase um mês de trabalho, à base de dez horas por dia.

222 Elementos gráficos: os signos

222.0 Grafia em geral

222.01 Os signos em geral

Existem as ideias ou coisas significadas e os signos das ideias ou coisas significantes.

1. O livro é a expressão do pensamento por meio de signos. Todo pensamento que se exprime tem necessidade de signos exteriores. Como consequência da evolução, a fala, de um lado, e a imagem, de outro lado, tornaram-se os dois signos mais importantes. A fala foi representada pela escrita, espécie de imagem, cujos principais tipos, hoje em dia, são de base fonética. A imagem, por sua vez, de início concreta, deu lugar à imagem abstrata de onde saíram no começo os ideogramas e os alfabetos, e atualmente os gráficos, os diagramas, os esquemas, as notações derivadas dos alfabetos ou formadas de signos convencionais.

No documento, no livro, a escrita, a imagem e a notação assumem seu lugar e, na atual etapa de nossa evolução, elas se combinam e se fundem em disposições e proporções variadas para, como em sua origem, expressar o pensamento do modo mais apropriado e integral possível.

Na *escrita alfabética*, afirma Condorcet,* um pequeno número de signos é suficiente para escrever, assim como um pequeno número de sons é suficiente para tudo dizer. A língua escrita era a mesma língua falada. Só havia necessidade de saber reconhecer e combinar esses signos pouco numerosos e esse passo garantiu para sempre o progresso da espécie humana.

* Condorcet, Jean-Antoine-Nicolas de Caritat, marquês de (1743–1794) *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain; suivie de réflexions sur l'esclavage des nègres.* Paris: Masson, 1822, p. 8. [N.E.B.]

2. Em última análise todo sistema de signos baseia-se nas propriedades físicas dos corpos, que se manifestam por meio de vibração e são perceptíveis pelos sentidos. As vibrações são visíveis, audíveis ou táteis. Os dispositivos permitem a transformação de umas em outras. Existem, portanto, documentos visíveis, audíveis e táteis. Todos os sentidos foram utilizados pelos signos. O papel, por exemplo, foi impregnado com certo perfume para afastar as traças. Seria possível, então, imaginar livros destinados a transmitir diversas impressões odoríferas. Foi possível incorporar relevo ao papel, gofrar, estampar, perfurar ou ainda pontilhá-lo com os códigos braile para os cegos; o livro dirige-se assim ao sentido do tato. O cilindro fonográfico ou o rolo da pianola destinam-se à audição. E temos o livro para a escrita e a imagem, ou seja, para a visão. Assim, por meio da visão, do ouvido e do tato, o livro tornou-se um instrumento para despertar os sentidos, a todo instante, numa ordem determinada e também para suscitar no espírito um encadeamento de ideias e sentimentos.

3. As escritas são de duas formas: alfabética e ideográfica.

1° Um alfabeto é uma série de signos ou caracteres que provavelmente começaram como desenhos, mas que, depois de usados por muito tempo, foram abreviados e simplificados, sendo atualmente empregados como símbolos de sons elementares da voz humana. As combinações desses signos, que chamamos letras, formam palavras. Servimo-nos das palavras como signos de ideias e as combinamos para formar uma língua. Como essas combinações são simplesmente arbitrárias e formadas para cada língua, elas são ininteligíveis por pessoas que falem língua diferente.

2° Os ideogramas, como as letras, de início foram desenhos, que se tornaram, depois de usados por muito tempo, simples marcas feitas facilmente com o auxílio da pena ou lápis. Não são mais desenhos, mas meros símbolos arbitrários das ideias, inteligíveis para as pessoas que os aprenderam e não pelos demais. Os ideogramas que, provavelmente, não começaram como desenhos, e que são conhecidos no mundo inteiro, são os algarismos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 0.

Os signos mnemônicos existem ao lado da escrita pictográfica. Ex.: o bastão do mensageiro, os quipos, como o nó no lenço, as contas do rosário, os *encoches** do padeiro.

* Varinha de madeira usada para registrar venda fiada. O número de entalhes indicava o valor da dívida. O *encoche* ou *coche* (entalhe) acabou por designar o instrumento. *La coche du boulanger*. Centre de Recherche sur la Canne et le Bâton, França. www.crcb.org [N.E.B.]

4. Precisamos de uma teoria geral do signo, do algarismo, da notação, do alfabeto, da imagem. Precisamos de um sistema gráfico universal que abarque todos os signos, de um lado, adaptado a todas as necessidades de expressão, de outro lado.

Ao longo das eras, foi criada uma quantidade considerável de signos gráficos; de seu conjunto derivaram progressivamente os alfabetos. Dos diversos alfabetos derivaram alguns alfabetos principais e essa tendência continuou até a unificação com base no alfabeto latino. Imagina-se para o futuro um grande sistema coordenado de signos gráficos que se estenda a todas as línguas, a todos os modos de expressão suscetíveis de exprimir a realidade inteira percebida e refletida pelo pensamento.

222.02 Símbolos. Alegorias

Toda coisa sensível que se torna a representação de uma coisa moral, de um ser abstrato, é um símbolo. Em iconologia e em numismática, os símbolos são certos emblemas ou atributos próprios de alguma divindade ou alguma personagem. Os símbolos ocupam um lugar importante na história das religiões. O sentido é mais antigo do que o signo, é a ideia que se oculta sob a palavra, na frase ou atrás do símbolo. Se o sentido é duplo ou dúbio, a palavra e o símbolo são equívocos. Mas acontece com frequência que os dois ou mais sentidos ocultos sob o signo são subordinados entre si, isto é, o primeiro desperta um segundo, que pode até despertar um terceiro; donde a distinção que se faz entre sentido literal e sentido figurado (alegórico, espiritual, analógico, místico).

Há toda uma mística de números e formas elaborada e transmitida nos mistérios do ocultismo, da magia e da religião. Ela encontra sua aplicação nos objetos, monumentos e artefatos rituais. Constitui, à sua maneira, toda uma escrita, uma linguagem.

1. Acontece que uma ideia se associa a determinado signo e surge uma linguagem emblemática. (Ex.: os diversos artefatos que os malaios de Sumatra enviam uns aos outros e que, conforme a quantidade e a disposição dos objetos no pacote — bocado de sal, batata, bétel, etc. — exprimem um sentimento: amor, ódio, ciúme.) No entanto ainda não existe aí um sistema de expressão, um meio de exprimir indiferentemente todas as ideias.

2. *A simbologia cristã*. É uma linguagem convencional. Quando se assiste a um serviço de culto, cada objeto e cada gesto correspondem a uma ideia, qualquer que seja a religião professada.

No que toca à realidade dessas ideias e as relações que expressam, é preciso admitir que o procedimento é verídico. É uma linguagem de objetos, e é artística pelo gosto dos objetos.

3. *Na linguagem do ego na teosofia.* Não se trata de uma linguagem no sentido comum da palavra, mas, antes, uma comunicação de ideias e uma

relação de experiências por meio de imagens. Assim, para o ego, um som pode ser representado por uma cor ou uma figura geométrica, e um odor, por uma linha vibratória; um acontecimento histórico aparecerá não somente como uma imagem, mas também na forma de sombra e luz, ou ainda de um odor repugnante ou de um perfume suave; o vasto mundo mineral não revelará somente seus planos, seus ângulos e suas cores, mas também suas vibrações e suas claridades. (Eusebio Urban (Judge) *The Path*, June 1890.)*

* Urban, Eusebio, pseud. de William Q. Judge. Remembering the experiences of the ego. *The Path*, v. 5, n. 3, p. 91, June 1890. [N.E.B.]

222.03 Sinalização

1. A sinalização tem duas razões de ser.

O homem se dirige ao homem por meio de gestos, gritos, apelos, sinais, independentemente de qualquer língua falada ou escrita.

O homem pode dizer que ele é. Todas as coisas, plantas e animais, pelo que sabemos, não podem dizer o mesmo. O homem é, portanto, levado a rotular as coisas, a sobre elas apor um nome, um signo, um número.

2. Existem grandes sistemas de sinais. Como os sinais da marinha, do exército e das estradas. Existe a sinalização automática dos trens.

Existem os sinais de hora. A Conferência Internacional da Hora, de Paris, admitiu, em princípio, que todo ponto do globo deveria receber pelo menos um sinal de hora à noite e outro de dia, com um máximo de quatro a cada 24 horas.

3. Existem numerosos dispositivos de sopro para chamada e sinalização que não são instrumentos musicais propriamente ditos, mas que se baseiam no mesmo princípio. Como os apitos, trompas e cornetas de chamada, chamarizes para a caça, etc., de chifre, madeira ou metal. Existem dispositivos de chamada e sinalização de funcionamento, mecânico, elétrico ou luminoso.

4. Os sinais sonoros (o ouvido) perdem-se à distância e cada vez que os usamos é preciso repeti-los. Os sinais ópticos (a visão), ao contrário, perduram.

Em conjunto, portanto, o seu desenvolvimento é muito mais perfeito do que a forma falada.

222.04 Importância da grafia no livro

O livro inteiro é formado de elementos gráficos: escrita, notação e ilustração. Tudo que se refere à língua, ao alfabeto, à ortografia, à forma da escrita, à disposição dos textos, largura de linhas, margens, claros, facilidade ou dificuldade de leitura, deve, portanto, ser preservado como fator do progresso bibliográfico. E, ao lado do texto, existe a imagem.

222.1 Escrita, alfabeto, caracteres tipográficos

O tema da escrita suscita inúmeras questões: sua noção, sua história, suas espécies (alfabetos), seus instrumentos, seus materiais, seu pessoal; a escrita entre os diversos povos, o alfabeto fonético internacional. Os métodos de aprender a escrever. A arte da escrita ou caligrafia.

222.11 Noção

1. A escrita é a arte de fixar a palavra mediante signos convencionais, traçados à mão, e que são denominados caracteres.

A escrita é a mais maravilhosa das notações. Com 26 signos do alfabeto latino pode-se reproduzir uma infinidade de ideias, do mesmo modo

que com as sete notas musicais pode-se anotar a variedade ilimitada da música universal.

2. Toda escrita aplicada em um suporte consiste, de fato, na aplicação de um pigmento no local. Trata-se de diferençar, pela forma de certos caracteres ou desenhos, entre a cor da escrita e a cor do suporte que lhe serve de fundo. Essa diferença resulta de incisão, valendo-se da sombra e da luz, ou aplicação de uma substância sobre outra substância (tinta, cor).

Quanto à impressão, todos os processos (tipográfico ou litográfico, caracteres ou clichês) conseguem realizar uma obra, seja em traçado oco (gravura em madeira, chapas em metal abertas à mão ou com ácidos), seja em relevo (os caracteres tipográficos confeccionados em relevo).

3. A escrita é ideográfica ou fonética. No primeiro caso, ela representa o pensamento; no segundo, ela somente representa a linguagem.

A escrita ideográfica é a mais antiga. Ela pinta as ideias, ou melhor, as coisas. É como se fosse uma pintura resumida e mais ou menos convencional, pois tende a se simplificar com o uso. Como a escrita dos chineses; nossos rébus; certos caracteres hieroglíficos. A escrita fonética exprime a palavra por meio de sílabas (escrita japonesa) ou mediante as articulações e outros sons elementares que a compõem (escrita alfabética); esta, por intermédio da análise dos sons, consegue exprimir todos eles e com uma pequena quantidade de letras.

4. A disposição dada à escrita no papel possui algo de fundamental. Em princípio, pode-se escrever normalmente da esquerda para a direita e de cima para baixo. O inverso, porém, é possível. Da direita para a esquerda, de baixo para cima, pode-se escrever e começar pela primeira página a partir do exterior ou pela página do meio.

A escrita da esquerda para a direita justifica-se por usar a mão direita. Observe-se que o Sol também descreve sua curva aparente da esquerda para a direita, no sentido oposto ao da rotação da Terra.

Em princípio, a escrita é linear, pois acompanha a enunciação dos sons que se sucedem no tempo. A linha adquiriu, então, três direções fundamentais: horizontal, vertical e retorno (bustrofédon).

Seria possível para a escrita deixar de ser simplesmente linear numa superfície, e haveria alguma vantagem numa escrita multilinear à semelhança das partituras musicais ou das notações químicas? Em linhas superpostas na mesma direção ou em linhas que, partindo de um ponto central, tomem direções diversas, seriam escritos os argumentos de uma exposição que se sucedem linearmente nos dias atuais. A música passou da homofonia, como o cantochão e a melodia, para a polifonia (várias vozes), enriquecendo extraordinariamente a unidade musical de tempo. Não há proibição para que se pesquise um enriquecimento análogo da forma escrita na qual se expressaria um pensamento complexo, de complexidade simultânea. O quadro sinótico, o esquema e a notação moderna da química têm algo a ver com essa pesquisa.

5. A arte da escrita e a do desenho guardam estreitas relações entre si. Por exemplo: a miniatura e a ornamentação medievais.

222.12 História

1. Os rudimentos primitivos e antigos do desenho, da escrita, da escultura, da gravura e mesmo da pintura, que encontramos entre os homens das cavernas, foram o primeiro marco rumo à escrita, talvez rumo à linguagem, em todo caso, rumo à civilização.

A escrita passou por três estágios:

a) Representação figurada de objetos e ideias.

b) Representação alterada e convencional de objetos.

c) Representação fonética pura das articulações da voz humana (escrita alfabética).

A maioria dos povos atribui a si a invenção da escrita. Os chineses atribuem-na ao imperador Fu Xi. Os hebreus, a Enoque, Abraão ou Moisés. Os gregos, ora a Mercúrio, ora ao fenício Cadmo. Os escandinavos, a Odin. Os egípcios, a Tot, seu equivalente de Hermes.

Conhecem-se sucessivamente as inscrições em pedra egípcias, gregas e romanas. As tabuinhas recobertas de cera e o gráfio ou estilo de chumbo; os pergaminhos persas e turcos; a escrita em folha de palmeira do Ceilão e do Sião; a escrita dos japoneses e chineses (pincéis); os manuscritos, em pergaminho da Idade Média, com pena de ganso; a escrita com pena de aço (Senefelder).*

Vale para a escrita assim como para a língua. No início, um signo significa uma frase ou, ainda mais, a imagem de uma situação ou de um incidente tomado em sua totalidade. Depois ela se desenvolve como expressão ideográfica de cada signo tomado isoladamente; vem em seguida a escrita alfabética. Unidades cada vez mais numerosas são representadas por signos. (Jespersen.)*

2. *Hieróglifos*. Os egípcios da Antiguidade empregavam hieróglifos na escrita de sua língua. Esse sistema tão característico aplica, sem qualquer ordem, figuras de pessoas, animais, vegetais e astros, em suma, tudo o que pode ser reproduzido graficamente. A palavra 'hieróglifo' significa 'escrita sagrada', pois, de fato, na época tardia, quando os viajantes que assim a nomearam estiveram no Egito, ela era reservada às inscrições nos templos. Estava tão intimamente ligada ao paganismo no vale do Nilo que desapareceu junto com ele, e se acreditava que se perdera para sempre até que, em 1822, Champollion descobriu a chave do segredo.

A escrita hieroglífica era verdadeiramente monumental, tanto em seu uso público quanto privado. Sua forma cursiva, empregada desde os tempos mais antigos para as necessidades correntes da vida, recebeu o nome de escrita hierática ou sacerdotal, e numa época tardia era reservada aos livros sagrados dos templos. Uma simplificação da escrita hierática, adotada a partir do século VII antes de nossa era, que se tornou a escrita normal na época dos viajantes gregos, deles recebeu a denominação de demótica ou popular.

Escrita cuneiforme. Os sumérios inventaram um sistema de escrita no início da Idade do Cobre. Os primeiros elementos dessa escrita, exclusivamente pictográfica, representavam objetos materiais, esquemáticos, de frente ou de perfil. Logo foi constatada a insuficiência desses signos e foi inventado o ideografismo ou pintura de ideias: o objeto representado serve de símbolo, tanto para outros objetos materiais quanto para ideias abstratas, a parte é empregada para o todo, a causa para o efeito, e do agrupamento de várias ideias surgem ideogramas compostos: o signo de água colocado no signo da boca, por exemplo, transmite a ideia de beber. Isso ainda era insuficiente para exprimir completamente o pensamento. Era preciso indicar as relações gramaticais que unem as diferentes partes do discurso, ou seja, os sons. Os ideogramas despertam no espírito do leitor os próprios nomes dos objetos representados: para muitos deles conserva-se somente a sílaba inicial e a pessoa se acostuma a ler indepen-

* Johann Alois Senefelder (1771–1834). Ator e dramaturgo alemão, inventor da impressão litográfica. Desenvolveu uma pena de aço para desenhar em pedra litográfica. [N.E.B.]

*Jespersen, Otto. *Language: its nature, development and origin*. London: George Allen & Unwin, 1922, p. 437. [N.E.B.]

dentemente do valor ideográfico. Um mesmo signo da escrita suméria pode, então, apresentar vários valores diferentes, sendo uns ideográficos e outros exclusivamente silábicos ou fonéticos.

Para facilitar a leitura, costumavam colocar como determinativos certos ideogramas antes ou depois dos nomes que pertenciam a certas classes de objetos, por exemplo, o peixe antes do nome dos peixes, e às vezes acrescentando a um ideograma seu complemento fonético, isto é, a última de suas sílabas. Os sumérios empregavam mais de 800 signos. Às vezes é completamente impossível reconhecer o objeto que era representado primitivamente, pois os textos descobertos são, na maior parte, escritos em argila, do que resultou uma total deformação das imagens. O junco empregado para traçar os signos os adulterava para elementos que se assemelhavam a cunhas ou cravos, donde o nome de escrita cuneiforme pelo qual designamos a escrita suméria, denominação ainda mais justificada uma vez que na pedra e outros materiais duros desenvolveu-se em boa hora o costume de copiar naturalmente os signos do jeito que haviam sido formados na argila, acabando-se por abandonar completamente o traçado primitivo, de espessura uniforme, retilíneo ou curvilíneo. A escrita cuneiforme é formada de elementos dispostos de sete maneiras diferentes. Os mais usados são o cravo horizontal, o cravo oblíquo da esquerda para a direita ou cunha, e o cravo vertical de cima para baixo. Ela foi adotada pelos elamitas, que habitavam o planalto iraniano, pelos povos acadianos e pelos assírios.

No início do terceiro milênio, era conhecida no Cáucaso e no planalto da Anatólia; mais tarde espalhou-se pelas montanhas da Armênia; os persas aquemênidas, por fim, a simplificam e inventam um silabário que comporta somente 41 signos. Graças aos textos dos persas é que foi possível decifrar os signos cuneiformes.[1]

O desenvolvimento da escrita hieroglífica, em resumo, é o seguinte: imagens, palavras, utilização dessas palavras para a formação de rébus, transformando os signos ou palavras em signos fonéticos com três ou duas articulações, um pequeno número dos quais apresentam uma tendência de atrofia, para dar origem a sílabas propriamente ditas, com uma única articulação consonantal, mas sempre com a impossibilidade de assinalar as vogais que, no entanto, lá se encontram em estado latente.

Não é inverossímil que se venha um dia a constatar que o descobrimento do alfabeto não foi o resultado de um desenvolvimento lento e contínuo, de uma evolução, mas, ao contrário, a ocorrência de um sintoma que provocou uma brusca 'mutação'.[2]

3. O emprego do alfabeto propiciou ao pensamento humano uma expansão ilimitada. Os fenícios (autóctones, não semitas e egeus reunidos sob o nome de fenícios) transformaram a escrita cuneiforme silábica em uma escrita alfabética de 28 signos (século XIII aC).

O alfabeto que se tornou comum a todos os povos indo-europeus é de origem semítica e deriva da escrita egípcia por intermédio do alfabeto fenício. Passou por numerosas modificações.

Embora se atribua aos fenícios a invenção do alfabeto, é sabido que os primeiros signos que se tornaram caracteres remontam à pré-história. Cadmo teria importado o alfabeto fenício para os gregos que o transmi-

---

[1] M. Petit. *Histoire générale des peuples*. La Mésopotamie, p. 22.

[2] Jean Capart. Quelques découvertes récentes relatives à l'histoire de l'alphabet. *Bull. Classe des lettres de l'Académie de Belgique*. 1920, n° 7–8, p. 408.

tiram aos etruscos e por estes aos romanos. O alfabeto tornou-se o nosso, o alfabeto latino. Como o fenício, o alfabeto grego tinha inicialmente apenas 16 letras às quais foram posteriormente acrescidas sete outras: g, h, k, q, x, y, z. O alfabeto francês que só tinha 23 letras até ser estabelecida a distinção entre o i e o j, entre o u e o v (século XVIII). O alfabeto da Índia, o mais perfeito, conta 50 caracteres dispostos não ao acaso, como o nosso, mas de maneira metódica.

4. No sistema de escrita grega, as inscrições são mais amiúde gravadas em mármore, bronze e, mais raramente, em chumbo. A escrita ou é retrógrada, bustrofédon ou *stocheidon* (cada letra era colocada sob a letra correspondente da linha superior: inscrições áticas do século V ou em colunas (*kionedon*); é o sistema chinês e protoassírio). Mais amiúde ela é disposta como nos livros, mas sem pontuação ou com pontuação caprichosa, sempre faltando signos, e as palavras não são separadas. Os erros de ortografia e de gravação não são raros.

5. As runas são caracteres empregados pelos escandinavos e os outros germanos. O alfabeto rúnico comporta 16 letras e cada uma corresponde à inicial do nome que ela tem e reproduz comumente a forma do objeto designado por esse nome. Úlfilas, bispo godo do século IV, complementou o alfabeto rúnico com algumas letras e compôs o alfabeto gótico, que utilizou na tradução da Bíblia. A escrita gótica moderna data do século XIII: é o gótico antigo subordinado a regras fixas e formadas por traços regulares. Tende a ser substituído pelo alfabeto latino, embora a guerra haja retardado essa tendência.

6. Os turcos antigos (*thou khiu*, tribo dos *hioung-nou*) possuíam contratos na forma de entalhes feitos numa prancheta que selavam e marcavam com um sinete triangular. É dessas pranchetas entalhadas que se utilizam quando fazem o recenseamento de militares e cavalos; e, quando seus reis fazem a cobrança do imposto, na forma de reses, eles entregam um recibo com a aposição de um selo triangular. (Cahun.)

O alfabeto é independente da língua. Os dialetos dos grupos turcos não empregam menos de seis tipos de escrita diferentes (sem contar as transcrições com o alfabeto russo). O árabe, o siríaco transformado pelos uigures e o armênio. O grego, o hebraico e o chinês, aos quais é preciso acrescentar a antiga escrita chamada tchúdica ou runiforme, hoje reconhecida como turca.[1]

A escrita nestoriana foi levada há muito tempo até a Pérsia* pelo mundo cristão. Ela se impôs ao mundo turco e mongol e resistiu até mesmo ao budismo e à escrita chinesa. Foi somente depois de 1450 que a Igreja muçulmana se sentiu bastante forte para deixar de lado esse alfabeto e impor a escrita perso-árabe. O mongol e o manchu ainda conseguiram conservá-lo, com orgulho e bravura. A escrita chinesa devorou e englobou as escritas da Índia, Indochina, Coreia e Japão.

* No original está Pe-Loul. [N.E.B.]

Os povos antigos do Peru não conheciam precisamente a escrita, pelo menos conforme nosso sistema fonético. Possuíam, porém, uma notável quantidade de processos simbólicos, comparáveis aos dos hieróglifos, e graças aos quais podiam expressar na trama dos tecidos uma infinidade de noções. Dispunham igualmente de quipos, espécie de cordas com nós de cores variadas, nas quais amarravam pequenos objetos e serviam para os funcionários do Estado fazer sua contabilidade. Em suma, a escrita es-

[1] Léon Cahun. *Introduction à l'histoire de l'Asie*, p. 36.

tava em processo de formação quando da conquista espanhola e a língua quíchua podia se orgulhar de uma literatura oral.

A escrita que são Clemente denomina quiriológica ou expressiva, mas que era imitativa, oferecia o esqueleto das palavras, com exceção das vogais, que eram facultativas. O método cabalístico empregava somente iniciais, o que as tornava enigmas análogos aos signos.

7. Mais tarde, foi possível assistir ao nascimento de uma escrita, inventada inteiramente por um iroquês em 1818.* Os índios haviam encontrado com alguém uma carta da qual o portador fez uma leitura inexata. Ao deliberar sobre esse incidente, levantaram a questão de saber se os poderes misteriosos da 'folha falante' seriam um dom que o Grande Espírito havia conferido ao homem 'branco' ou se seria uma invenção do próprio homem branco. Quase todos foram favoráveis à primeira opinião. Porém, See-Tnah-Joh, na solidão a que se forçou depois da discussão, pôs-se a refletir. Aprendeu com os uivos dos animais ferozes, com a arte do tordo, com as vozes de seus filhos e amigos, que os sons transmitem as sensações e paixões de uma alma para outra. Isso despertou nele a ideia de se lançar ao estudo de todos os sons da língua iroquesa e logo construir um alfabeto de 200 caracteres para representá-los.[1]

* Chamava-se George Gist, conhecido como Sequoyah (1767–1843). [N.E.B.]

8. Ainda há muito de desconhecido e de incertezas em relação às origens da história da escrita. Pesquisas continuam sendo realizadas e inúmeras hipóteses continuam em discussão.

Estudos recentes concentraram-se na ordenação sistemática de todos os elementos de escrita das populações primitivas do globo. O sr. H. Wirth, ao compará-las, constatou que todos esses signos se ligam a um único sistema que data da época paleolítica.[2] Teria origem na divisão do ano solar, e os signos do alfabeto designariam os pontos bimensais do nascer e do pôr do Sol, começando com o solstício de inverno. O ano seria dividido em 10 meses nas épocas mais antigas e, mais tarde, em 12 meses. Com isso chega-se a 20 e depois 24 signos.

Se as supostas descobertas em Glozel fossem verdadeiras, teríamos de concluir que houve entre os gauleses uma escrita que as civilizações mediterrâneas teriam ali recolhido.* Os fenícios não teriam inventado absolutamente nada. A escrita dos franceses teria nascido em seu solo. Glozel representaria uma grande civilização europeia que teria conseguido expandir-se sobre um vasto território. Os objetos de Glozel, diziam seus inventores, pertenciam ao Neolítico mais antigo e incluíam seixos com incisões de animais e signos de escrita, signos que seriam desde o começo da história placas de argila gravadas com signos, em número de 120, análogos aos signos chineses e fenícios.

* Glozel é uma localidade na região central da França onde, em 1924, foram encontradas peças atribuídas a uma época muito antiga. O governo francês, em 1995, declarou que os objetos remontavam à Idade Média ou haviam sido forjados na época contemporânea, assim como a escrita 'glozeliana'. (L'affaire Glozel. In: Craddock, Paul. *Scientific investigation of copies, fakes and forgeries*. Amsterdam: Elsevier, 2009, p. 119-125.) [N.E.B.]

Le Clément de St Marcq, autor da *Histoire générale des religions*, explica o mecanismo da história dos cinco últimos milênios pela luta entre o alfabeto e a escrita chinesa. Para ele, o Além preparou e apoiou a revolução alfabética e cristã.

222.13 Espécies de escrita

1. É oportuno considerar: 1º as diferentes espécies de escrita em que se baseia o alfabeto latino; 2º as diferentes escritas baseadas em outros alfabetos.

2. À medida que cada vez mais se escrevia afirmava-se a necessidade

[1] *Catholiques des Pays-Bas,* 16 juillet 1830.]
[2] Hermann Wirth. *Der Aufgang der Menscheit*. Eugen Diederich, Jena.

de escritas cursivas, aquelas em que os caracteres de uma mesma palavra são traçados de forma ligada uns aos outros e sem levantar a mão.

Foram alcançados grandes progressos com a escrita cursiva. Escrever mais rápido, escrever mais rápido. A velocidade gerou a cursiva. Em seguida vieram o papel acetinado, a pena, a caneta-tinteiro e a máquina de escrever, que aumentaram ainda mais a velocidade.

A escrita cursiva inglesa e toda a caligrafia foram arruinadas pela caneta-tinteiro. A máquina de escrever acabou com sua razão de ser.

3. A menor mudança de detalhe transforma inteiramente uma letra e não é com curvas bizarras nem hastes partidas que se criarão novos tipos. São três os gêneros de letra: o romano, o itálico e o gótico. Não é preciso deturpar o romano. Suas letras estão nos olhos das pessoas há mais de dois mil anos e sua legibilidade depende da sua pureza de forma.

O desdobramento de certas letras latinas é arbitrário. Cindir, por exemplo, o I latino em um 'i' e um 'ji' e o V em um 'u' e um 'v' é modificar o alfabeto de uma língua morta. Isso afeta a recitação do alfabeto, a soletração e a ordenação alfabética.

4. *Letras*. As minúsculas, em geral, foram imitadas da escrita carolíngia. As maiúsculas copiam, em princípio, a letra capital da época de Augusto.

A versal é sempre imponente. Tem seu lugar nos títulos. É preciso ter em conta a facilidade de leitura e a beleza de um impresso.

A escolha dos signos e dos caracteres é influenciada por sua existência ou não nas gráficas e nas máquinas de escrever. Na Alemanha, a escolha dos caracteres tem importante papel, *Antiqua* (alfabeto latino) e *Fraktur* (gótico). Uma complicação especial resultou de os textos em iídiche, próximo do alemão, serem compostos e impressos em caracteres hebraicos.

222.14 O alfabeto

Convém considerar: 1° as letras, 2° os acentos, 3° a pontuação, 4° as assinaturas e as siglas.

1. *As letras*. No alfabeto francês são as seguintes: a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

Elas têm como versais correspondentes as seguintes: A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

2. *Os acentos*. Trata-se de sinais que se colocam sobre uma vogal, a fim de que se saiba qual sua pronúncia e também para diferençar entre duas palavras. Em francês, há três acentos: agudo, grave e circunflexo.

Algumas línguas, como o tcheco e o polonês, têm letras com um farto acompanhamento de acentos diacríticos.

3. A pontuação. É feita com símbolos como . , ; : ' - ? !

Não há pontuação nos textos antigos. Na origem, não havia pontuação nem separação das palavras. Introduzida tardiamente na escrita, a pontuação assinala as divisões das frases, a marcação com números [*numérotation*] 1°, 2°, 3°, etc., ou a marcação com letras [*littéralisation*] A, B, C, a, b, c, etc., que é uma espécie de pontuação das ideias que se prolonga depois nas outras partes do livro-documento: parágrafos, capítulos, etc.

O que vale é a intenção, diz o provérbio. Poderíamos acrescentar como 'o hábito faz o monge'. A escrita só não basta. O ponto de interrogação faz mudar a intenção. Há línguas escritas que conhecem o ponto de ironia. Os iroqueses terminavam cada discurso com *hiso* (eu disse) seguido da exclamação *koué* à qual o orador dava a entonação desejada, de dor ou entusiasmo guerreiro.

Por que, tendo imaginado o ponto de interrogação, não se desenvolveu o sistema, generalizando-o, introduzindo no texto signos que acentuassem o sentido das frases? Por exemplo, +, ×, etc.

222.15 O conhecimento das escritas

O conhecimento das escritas propiciou: 1° a paleografia; 2° a grafologia, sobre cujos dados se basearam os estudos de falsificação da escrita.

222.151 *PALEOGRAFIA*

1. A paleografia é o conhecimento das escritas antigas e de tudo o que lhes diz respeito. Diz-se particularmente da arte de decifrá-las.

2. O terreno da paleografia foi determinado pela história: a) ela compreende exclusivamente a leitura de manuscritos, documentos cartoriais, diplomas e, acessoriamente, a leitura de selos de autenticação. A decifração das inscrições feitas em monumentos, vasos e medalhas é de competência da epigrafia. b) A paleografia faz parte da diplomática, em sentido amplo, a qual consiste em decifrar textos; a diplomática propriamente dita tem como seu objeto a análise de textos, determinação de seu valor, a crítica e a classificação dos monumentos com inscrições. À paleografia pertence, portanto, toda a parte externa, por assim dizer, desses monumentos, sua descrição, o exame dos materiais sobre os quais foi traçada a escrita, dos materiais que serviram para traçar a escrita, as formas das letras, das abreviações, das siglas, das assinaturas, monogramas, etc. Todas essas coisas podem fornecer indícios sobre a idade do documento em exame, ao mesmo tempo que a decifração, último objetivo desse minucioso estudo, descobre-lhe o sentido.

3. Do ponto de vista da evolução contínua do livro, do documento, dos signos, da escrita, dos materiais e das tintas, existe um interesse real de não tratar separadamente a grafia 'antiga' (paleografia) da grafia moderna (técnica do livro). A segunda dá continuidade à primeira e nela se podem encontrar elementos que pararam em seu desenvolvimento, devido às circunstâncias, mas que são passíveis de muitas utilidades.

4. *História*. A paleografia é relativamente recente. Antes do século XVII e dos primeiros trabalhos dos beneditinos, não se possuíam nem mesmo os primeiros elementos. Alguns raros eruditos, a partir do Renascimento, aplicavam-se a decifrar manuscritos e diplomas, mas seus esforços continuavam isolados e sua ciência, pessoal. Os próprios arquivistas das abadias, em cujos depósitos estavam encerrados os mais preciosos espécimes, consideravam indecifráveis os textos em escrita merovíngia. Registravam ingenuamente em anotações sua total ignorância. Assim se perderam muitos manuscritos considerados únicos. O padre Papebroeck dedicou-se no século XVII a recolher algumas regras esparsas que pudessem servir como primeiros elementos de paleografia.* Ele as registrou no prefácio do tomo II (abril) das *Acta sanctorum*, e esse ensaio deu a Mabillon a ideia de seu célebre tratado *De re diplomatica* (1681, in fol.). Montfaucon escreveu uma *Paléographie grecque* (1708, in fol.) com as mais úteis informações. Grandes obras foram concluídas em nossos dias, principalmente por Kopp, *Paleografia critica* (Mannheim 1817, 4 vol., in-8°; Natalis de Wailly, *Eléments de paléographie* (Paris, 1838. 2 vol. gr. in-4°); A. Chassant, *Paléographie des chartes et des manuscrits du XIe au XVIIe siècle* (1847, in-8°), etc.

* Daniël Papebroeck (1628–1714). Jesuíta holandês. [N.E.B]

5. *A decifração*. A decifração das escritas antigas defronta quatro or-

dens de dificuldades: 1° O significado dos caracteres em relação com a língua empregada; 2° a identificação dos caracteres empregados; 3° a forma das letras que as distingam umas das outras; 4° as abreviaturas; 5° os sinais de abreviação e monogramas.

6. *Forma das escritas antigas*. A escrita cursiva dos gregos era difícil de decifrar, sendo muito irregular, com letras desiguais, as menores encravadas nas grandes, inúmeras são totalmente defeituosas, além da ausência de qualquer sinal de pontuação e as palavras arbitrariamente cortadas no final das linhas. A escrita cursiva dos romanos é ainda mais indecifrável; tem um belo aspecto, os traços são elegantes e variados, mas é preciso a maior atenção para separar as letras umas das outras por causa das ligaturas, de traços parasitas e da posição excessivamente inclinada dos caracteres. As ligaturas das letras contribuem em certa medida para sua formação e as tornam irreconhecíveis, fazendo com que variem infinitamente. Ademais, como nas letras capitais, não existe separação alguma entre as palavras.

222.152 GRAFOLOGIA

1. A grafologia tende a tornar-se uma ciência exata, desligada das pretensas ciências divinatórias. Trata-se de um método precioso para o estudo do caráter humano. A escrita é um gesto social que tem como objetivo comunicar o pensamento. Aprendido por imitação, logo se torna individual. A grafologia considera a escrita uma sucessão de pequenos gestos individuais. Depois de esforços muito longos e muito persistentes (o primeiro ensaio de estudo da escrita data de 1622), ela conseguiu classificar metodicamente todos esses movimentos. Atualmente, existe um método racional, experimental e, por conseguinte, científico. O grafólogo torna-se colaborador do médico, do educador, do juiz, do executivo da indústria. O Collège Libre des Sciences Sociales, da França, implantou um curso de grafologia. Também é ensinada na escola de arquivologia de Bucareste.* Um congresso internacional de grafologia, o segundo, foi realizado em 1928, em Paris, presidido pelo professor Pierre Janet.

* Şcoala Superioră de Arhivistică şi Paleografie. [N.E.B.]

2 A grafologia é a ciência que permite, mediante um exame metódico e profundo da escrita, penetrar no segredo do caráter humano, com sua complexidade, suas contradições, seus defeitos. A escrita, com efeito, é reveladora, com seus milhares de formas, milhares de maneiras, combinações que variam ao infinito, do registro direto desses pequenos gestos não vigiados que o cérebro transmite automaticamente para a mão e revelam o ser interior.

3. A escrita é estudada, umas vezes como meio e outras como objeto de identificação. Vê-se a personalidade humana através da escrita como se estivesse por trás de um véu esburacado, que mascara quase por completo alguns fatos e outros, ao contrário, revela bastante bem. (F. Michaud.)*

* Michaud, F. *Ce qu'il faut connaître de l'homme par l'écriture*. Paris: Boivin, 1930. [N.E.B.]

4. Como é indiscutível, afirma o dr. Héricourt,* que as características da personalidade se desenham no rosto, há outros movimentos, como os do gesto, cujo estudo desperta igual interesse. Ninguém, ademais, contesta o valor disso, do aspecto da pessoa, em geral, quando se trata de reconhecer alguém de quem não vemos os traços físicos, nem se pode dizer que as características peculiares de um indivíduo não apareçam na intensidade, velocidade e amplitude de seus movimentos. A fala, que difere de um indivíduo para outro, também seria útil de estudar com o fito da análise psicológica. No fundo desses estudos, aparentemente díspares, verifica-se que o sujeito é sempre o mesmo. É a atividade muscular em

* Jules Héricourt (1850–1938). Médico francês. [N.E.B.]

suas diversas formas. O jogo da fisionomia, a posição dos braços e das pernas, a maneira de falar, são sempre músculos em ação, movimentos em parte voluntários e conscientes, em parte involuntários e inconscientes. Ora, trata-se de um aparelho motor que se encontra em relação ainda mais íntima do que os outros com a função cerebral ideomotora e em que o jogo deve ser, por conseguinte, um reflexo muito fiel dos diversos modos dessa atividade: é ele que se presta à ação de escrever.

A escrita é, portanto, um gesto, composto de uma multidão de pequenos gestos. Ela é o fluxo materializado do pensamento.

5. Todas as escritas parecem ser realmente diferentes. Descobre-se uma infinita variedade de peculiaridades gráficas, mesmo nos rabiscos das crianças. Chega-se a bilhões ao se calcular as variedades mais simples que se podem produzir com o algarismo 1, o mais simples de todos os signos. (Crépieux-Jamin, *Les lois fondamentales de la graphologie*). As variedades gráficas são atribuídas às variedades de caráter: existe uma relação entre a palavra e sua expressão motora.

6. Criaram-se métodos aperfeiçoados, principalmente por Crépieux-Jamin (*L'écriture et le caractère*), por Persifor Frazer (*A B C de la graphologie*), por Bertillon (*La comparaison des écritures*) e por Locard (*Technique graphométrique*).

7. Outrora, os especialistas em escrita eram calígrafos, litógrafos, professores, que trabalhavam em condições materiais deploráveis, com instrumentos precários. Seu processo consistia em coligir, nas peças submetidas a exame, semelhanças de grafismo meramente materiais. As verificações eram feitas sem um método definido, sem regra categórica, precisa. Hoje em dia, os especialistas em escrita se valem de instrumentos de primeira ordem: o microscópio e a fotografia.

8. *Perícia das escritas*. Falsificação da escrita. Desde que existem escritas existem falsificações. Justiniano fala delas, e dispomos de toda uma literatura sobre essa questão, na Idade Média e nos tempos modernos. Incidentes célebres, como o caso Dreyfus e o caso Humbert-Crawford, deram uma importância dramática às teorias concorrentes. Toda uma ciência surgiu para investigar e descobris essas falsificações. A fotografia e a microfotografia colaboraram para isso. Foram descobertos retoques por meio da composição química diferente das tintas, o actinismo diferente resultando em nuanças contrárias à fotografia.

Foi investigado o paralelismo gramatical e criada, para formar diagramas, uma análise grafométrica que mostra a variação dos valores angulares de letras autênticas e letras falsificadas.[1]

9. Foram definidas regras pelos professores da Société Technique des Experts en Écriture, as quais são atualmente ensinadas em seus cursos.

222.14 Instrumentos, tintas e especialistas da escrita

Escrevemos com todos os tipos de instrumentos, utilizamos todas as espécies de materiais para traçar caracteres, e há especialistas da escrita.

222.141 *INSTRUMENTOS*

1. Os instrumentos da escrita são a pena e o lápis. A pena é colocada na caneta, o lápis às vezes é uma lapiseira em que se coloca a mina de creiom, e pode ser de qualquer cor.

[1] Ver os belos estudos do dr. Locard, diretor do Laboratoire de Police Technique, de Lyon. O autor fez um resumo que foi publicado na *Revue Générale des Sciences*, 30 juillet 1922.

Aparentados com os instrumentos da escrita são os de desenho: régua, esquadro, régua-tê, tira-linhas, cursor de régua, pantógrafo, etc.

2. Antigamente escrevia-se com o estilo na placa encerada, com o cálamo (planta do gênero *Arundo*), com a pena de ganso.

Não faz mais de trinta anos, na Birmânia, escrevia-se ainda com um estilete de ferro chamado *kauk* em folhas de palmeira, sem a ajuda de qualquer tinta. As folhas eram depois enroladas e guardadas em um tubo onde podiam, segundo parece, manter intacta a escrita durante centenas de anos. Esse método ainda é utilizado por alguns birmaneses, especialmente os sacerdotes.

3. Hoje em dia levamos a caneta-tinteiro, com seu próprio reservatório de tinta, com pena de ouro ou irídio.

A primeira caneta com reservatório de tinta foi concebida e realizada por um capuchinho da Saboia, o frei Candide de Moglard.*

O uso da caneta-tinteiro foi objeto de crítica. "Para bem pensar é preciso bem escrever." O próprio andar de nosso pensamento, sua busca da verdade, a filtragem que deve fazer de todos os germes do erro presentes no raciocínio, refletem-se de algum modo no movimento da pena, a busca da palavra justa e da lógica das articulações de uma sintaxe rigorosa. Bem, o instrumento da escrita influi na própria escrita. O uso moderno da caneta-tinteiro não permite ao espírito a breve pausa durante a qual mergulhava-se a pena no tinteiro, o que permitia o ócio forçado de refletir sem agir. O uso da pena de ganso, que era preciso aparar a intervalos, dobrava oportunamente a duração desses repousos necessários. Hoje em dia, ditamos para o ditafone. Trata-se, sem dúvida, do máximo da rapidez, que é, porém, conquistada muitas vezes às custas de um assustador relaxamento do pensamento. (E. Giscard d'Estaing.)

A velha caligrafia, imposta às custas de reguadas nos dedos, acabou-se. E a escrita caiu em decadência. As ideias sociais a esse respeito evoluíram. Reconheceu-se que a decadência havia começado com a chegada da pena de metal, aquela pena pontiaguda, instrumento de martírio para a criança, assim como o caderno de folhas pautadas. Toda a espontaneidade desapareceu junto com a liberdade. A escrita deve ser, desde o início, como o desenho, a expressão da personalidade, embora mantidas as qualidades essenciais de legibilidade, harmonia e velocidade.[1]

Na Alemanha convém assinalar o método Kuhlmann e o método Huliger, bem como as novas penas Sönnecken.

As penas têm grande importância. Os educadores condenaram as penas pontiagudas que provocam tensão nervosa e deixam os músculos crispados. As penas grossas oferecem mais regularidade e legibilidade à escrita. (Ex.: S 21 ou 20 ou 5 de Sönnecken, n°s 23, 28, 29 de Mallat.)

Heintze e Blanckertz realizaram na Alemanha um movimento pela reforma da escrita. (Verlag für Schriftkunde. Berlin 44 Georgenkurthstrasse.)

222.142 *AS TINTAS*

1. Tinta é o líquido preparado para escrever, imprimir ou desenhar com a pena.

2. Há uma grande quantidade de tintas diferentes. Tinta de impressão, que é uma pasta composta de diversos materiais, principalmente de negro de fumo e óleo de linhaça. Tinta autográfica, utilizada em litografia

* Esse nome não foi encontrado. Ademais, há discordância quanto aos pioneiros da invenção da caneta-tinteiro.[N.E.B.]

[1] R. Dottrens. *L'enseignement de l'écriture, nouvelles méthodes*. (Paris, Delachaux et Niestle).

para traçar num papel preparado e em seguida transportar para a pedra o que foi escrito ou desenhado. Tinta simpática, líquido incolor no papel e que pode se tornar visível submetendo a escrita a certas influências químicas. Tinta da china [tinta nanquim], preparação seca de negro de fumo empregada particularmente em aguadas.

3. O Egito, aparentemente, foi o primeiro a estender o emprego da escrita com tinta em pedra e madeira às folhas de papiro convenientemente preparadas. Essa invenção produziu uma grande revolução na arte de representar ideias e coisas. Ela contribuiu para passar da pintura de objetos hieroglíficos para escritas e signos hieráticos, os quais, cada vez mais simplificados, deram origem aos caracteres coptas da escrita demótica. Os antigos escreviam a tinta ao mesmo tempo que nas tabuinhas enceradas. As tintas dos palimpsestos eram muito resistentes. Depois de um recuo na fabricação, do século IX ao XII, assiste-se a um contínuo progresso. As tintas italianas e espanholas do século XVI atingem o mais elevado grau de perfeição. A decadência começa no século XVII. Atualmente, as tintas carecem de longa resistência.

4. Em princípio, trata-se, na escrita, de alterar o material de modo a fazer surgir um signo sobre um fundo. Procede-se por coloração (branco ou cor) ou por alteração do volume (relevo ou incisão provocando eventualmente sombras). Há toda uma escala, da profundidade à altura (letras superpostas). A diferenciação de caracteres e textos pode ser feita pela cor.

5. Livros podem ser impressos em cores. Durante dois séculos, na França e em outros lugares, imprimiram-se livros nas cores vermelha e preta juntas.

A cor vermelha era atribuída em geral aos títulos dos livros, à primeira letra de um parágrafo. Nos rescritos imperiais, a fórmula da data é em vermelho. Na China, o emprego de tinta vermelha nos escritos oficiais era reservado ao imperador. Azul, amarelo e verde já foram usados na escrita.

O ouro foi muito usado durante a Idade Média, principalmente do século VIII ao século X. Existem vários evangelhos, livros de horas e inúmeros diplomas escritos com esse material. Com ele fazia-se uma tinta que era aplicada com a pena, ou, então, no formato de folhas com um dispositivo que o fixava ao pergaminho, ou ainda, reduzido a pó, formava um aglomerado com o emprego de goma arábica.

A experiência ensina que a impressão de preto no branco é melhor do que o branco no preto. O vermelho é a cor que mais atrai nosso olhar. O verde é a cor que vem imediatamente depois do vermelho quanto aos efeitos sobre nossa atenção. Tais fatos resultam de experiências de laboratório e são utilizados pela publicidade.

Atualmente, os livros de arte e as impressões para bibliófilos valorizam as tintas de cor.

Existe o *Livre des quatre couleurs aux quatre éléments, de l'imprimerie des quatre saisons, l'an 4444*. Impresso em vermelho, azul, laranja e roxo. (O que resulta numa geometria de cores.)

A tinta preta dos antigos se compunha de negro de fumo, goma, água e vinagre. Foi utilizada até o século XII, quando foi inventada a tinta composta de sulfato de ferro, noz de galha, goma e água, e que continua em uso.

7. É formidável o consumo de tinta. A Alemanha consome por volta de 40 milhões de quintais [um quintal = 100 kg] de papel por ano. A esse consumo corresponde o de 360 mil quintais de tinta de impressão.

Os maiores consumidores são, evidentemente, os jornais, que, sozinhos, absorvem 40% do total das tintas. As outras tintas pretas (obras e ilustrações) não atingem nem mesmo 20% do total. Em compensação, o emprego das cores de impressão representa aproximadamente um quarto do consumo total. As tintas de heliogravura participam desse número com um sexto disso. O pigmento constitui apenas um quarto do peso das tintas utilizadas. Os óleos minerais e de linhaça compõem igualmente um quarto do peso total, enquanto que para o resto são as resinas, os solventes como benzina, benzol, etc. que completam o volume

As fábricas de tintas de impressão são mais numerosas nas proximidades dos grandes aglomerados urbanos. Berlim, Saxônia e Hannover detêm quase 60% da produção total da Alemanha. A Saxônia vende anualmente 12,5 milhões de marcos de tintas; Berlim, 7,5 milhões e Hannover, 9,7 milhões.

222.143 *ESPECIALISTAS DA ESCRITA*

Antigamente, e durante muito tempo, o fato de saber escrever era especialidade de alguns homens. Na Antiguidade, os escritores eram escravos. Houve um tempo na Idade Média em que esta fórmula era usada em documentos: "E, tendo em vista sua qualidade de fidalgo, declarou não saber escrever". O grande selo de lacre e marcas ou iniciais, na empunhadura da espada, substituíam a assinatura.

Os clérigos detinham o privilégio do saber e também o da escrita. No século XIV surgiram as corporações de escritores, que gozavam de privilégio, e abrangiam as pinturas e iluminuras. Havia escritores juramentados, escritores públicos. Pouco a pouco, ler e escrever se ampliaram até a época moderna, quando a educação tornou-se obrigatória e campanhas enérgicas, como na Rússia e no Oriente, foram empreendidas contra o analfabetismo.

Havia na Idade Média os crisógrafos, ou escritores em ouro, os taquígrafos, que escreviam com rapidez, e os calígrafos, que escreviam com a mão apoiada.

Nos países do Ocidente, não há mais escritores públicos, embora escrever a serviço de outrem continue sendo ali uma prática. Existem somente escritores, pura e simplesmente, e 'escrevedores'. Definem-se escritores como aqueles que escrevem livros, textos destinados à publicidade, pessoas que escrevem com arte e gosto; 'escrevinhador' diz-se de quem escreve, mas sem grande mérito, e 'escrevinhadeiro', aquele que tem a comichão de escrever.

222.15 Escrever à mão ou à máquina

Escreve-se: 1° à mão (caligrafia); 2° à máquina de escrever (datilografia); 3° por processos tipográficos: xilografia, tipos fundidos para composição manual; composição tipográfica à máquina.

222.151 *A CALIGRAFIA, ESCRITA À MÃO*

1. A escrita à mão é, quanto ao traçado das letras, toda uma arte. A bela escrita, a arte de quem tem uma bela escritura, chama-se caligrafia.

Antigamente, como entre os orientais ainda hoje, a caligrafia era prova de uma arte mais elevada.

Chineses, árabes, turcos, indianos e persas levaram muito alto o gosto pela caligrafia. Têm como grande honra a arte de pintar a escrita, de traçar

os caracteres com um grau particular de elegância. O calígrafo não fica muito abaixo do escritor que compõe uma obra de belo estilo.

2. *Iluminuras*. Os manuscritos que nos restam são os testemunhos da grandeza e da decadência da iluminura. Por muito tempo o Oriente preservou o gosto e o segredo da pintura aplicada à decoração dos livros. No Ocidente, a invasão dos bárbaros desferiu contra a arte caligráfica, como em todas as artes, um golpe mortal. A partir do século XIV, o gosto foi restabelecido. Os últimos anos do século XV e os primeiros do XVI assistiram ao desabrochar no pincel miniaturistas com obras requintadas, principalmente nas obras litúrgicas. Elas alcançavam preços tão altos que somente os príncipes podiam delas usufruir. Logo depois a tipografia e a gravura as tiram de cena.

3. *Caligrafia*. Existem dela exemplos modernos e as tradições da bela escrita se conservam em alguns.[1]

Léon Bloy, em tempos de miséria, propôs ao conde Robert de Montesquiou-Fézensac, poeta e descendente de ilustre família francesa, "transcrever seu livro – *Les chauves-souris* [Os morcegos] – num pergaminho luxuoso, em escrita divina de monge carolíngio, e ornamentar cada página com vinhetas extraordinárias". E acrescentou: "Estou pronto a doar-lhe um ano de minha vida abominável, a fazer para vós uma obra-prima, se quiserdes salvar-me, pois pereço absolutamente." O poeta, apesar de imensamente rico e de uma prodigalidade vaidosa, recusou.

4. A obra-prima caligráfica muitas vezes era formada por certas acrobacias e proezas da escrita, como escrever microscopicamente. Eliano fala de um homem que, depois de escrever um dístico com letras de ouro, podia colocá-lo na casca de um grão de trigo, e de outro que gravava versos de Homero num grão de milhete. Cícero relata que viu a *Ilíada* escrita num pergaminho que cabia numa casca de noz. Essas obras de paciência estão distantes dos manuscritos latinos do século IV cujos caracteres eram tão grandes que são Jerônimo os chamava de fardos escritos.

Por outro lado, os calígrafos esforçaram-se por traçar figuras de pessoas ou de objetos com a ajuda de linhas de escrita finas.

5. No início, a escrita era angular, pois era feita pelos epigrafistas, escultores de pedra ou gravadores de bronze que abriam as inscrições. Mais tarde, ao ser possível escrever sobre materiais em que a pena era o instrumento, surgiram as curvas e a escrita modificou-se, tornando-se cursiva.

6. Uma pessoa um pouco acostumada a manejar a pena pode escrever em média trinta palavras por minuto, o que representa, com as curvas e inflexões, uma extensão de cinco metros ou 300 metros por hora, três mil metros por dia de dez horas de trabalho ou 1 095 quilômetros por ano. Além disso, escrevendo 30 palavras por minuto, a pena faz em média 480 curvas e inflexões, ou seja, 28 mil por hora, 288 mil por dia de dez horas ou 105 120 quilômetros por ano, conquistados à força do punho e dos dedos...

7. A escrita legível continua sendo uma aspiração, principalmente a escrita comercial, a escrita contábil e a escrita administrativa. Essa legibilidade da escrita é difícil de obter com a correria da vida e a obrigação que alguns têm de escrever rapidamente e muito.

---

[1] *Développement des maîtres calligraphes anglais du commencement des premiers scriptoria monastiques du moyen âge à la domination de l'écriture commerciale du XIXe siècle. The English writing-masters and their Copying Book 1570–1800. A biographical dictionary and a bibliography by Ambroise Hesh with an introduction on the development of handwriting* by Stanley Morison. Cambridge University Press, 1931.

É uma verdadeira fadiga ler escritas diferentes. Imagine-se, por exemplo, um funcionário que tenha de ler todos os dias 100 a 150 requerimentos escritos pelos pobres. Imagine-se também o esforço dos datilógrafos e tipógrafos. "Há alguns anos, dizia um sábio, só havia duas pessoas que conseguiam ler minha letra: Deus e eu. Agora, só resta uma: Deus."

8. Surgiu um movimento visando a que as pessoas possam usar ambas as mãos para escrever, não importa se a direita ou a esquerda. As mutilações causadas pela guerra aumentaram as razões para a escrita ambidestra.[1]

222.152 *A DATILOGRAFIA. ESCRITA À MÁQUINA*

1. A invenção da máquina de escrever fez surgir uma técnica e uma arte nova: a datilografia. Ela avança a cada dia.[2]

2 A máquina padronizou, unificou o tipo de escrita; permitiu escrever mais rápido e conseguir várias cópias ao mesmo tempo.

Nos concursos de datilografia, o campeão atingiu 20 mil palavras num período de seis horas e 17 mil palavras em quatro horas. Cita-se um recorde de 28 944 palavras em sete horas para um trabalho ditado.[3]

Criaram-se máquinas de escrever para vários fins. Para endereçar pacotes, começou-se escrevendo à mão; depois vieram os alfabetos recortados em estêncil. Era lento e fácil de errar. Existem hoje grandes máquinas que perfuram as letras em cartão impregnado de óleo em forma de estênceis (Idéal-Stencil machine). Em seguida, aplica-se o estêncil sobre os pacotes (até duas mil vezes). A máquina perfura até 150 estênceis por hora.

222.153 *OS TIPOS DE IMPRESSÃO*

Os tipos têm toda uma história. Os primeiros eram gravados em madeira. Foi assim que Gutenberg começou. Seu objetivo era imitar o trabalho dos copistas e vender o produto da imprensa como se fosse o fruto de esforços caligráficos. Os caracteres eram góticos (letras de forma acompanhadas de letras de soma). Schoeffer teve a ideia de fundir as letras. Nicolas Jenson gravou tipos que reproduziam as capitais romanas e as minúsculas emprestadas das escritas latina, francesa, espanhola, lombarda e carolíngia, cujas formas era muito próximas. Em seguida os tipos evoluíram: Teobaldo (Aldo) Manuzio introduziu os 'itálicos', Granjon, o cursivo [manuscrito]. Houve Garamond, Elzevir, Didot, Bodoni, Baskerville. O primeiro livro composto em grego é o de Lactâncio, impresso no mosteiro de Subiaco.

Louis Elzevir (Leiden, 1595) foi o primeiro que distinguiu o i (vogal) do j (consoante) e o u do v. Lazare Zetzner (Estrasburgo, 1619) introduziu nas versais o U redondo e o J com cauda.

2. Existe uma genealogia das letras, da xilografia à tipografia. A classificação da letra: a) gótica; 1. a gótica de forma, 2. a gótica de soma, 3. a bastarda, tipo de transição, 2. Didot: didot tipo egípcio, latino, 3. antigo.

Há toda uma fisiologia da letra. O tipo e seu matiz influem na compreensão dos textos. A legibilidade dos caracteres é a aspiração suprema.[4]

Os tipos ou caracteres de impressão mais utilizados são os seguintes: romano, itálico (bastardo), egípcio (negrito), inglês, gótico.

---

[1] F. Garin: *Comment écrire des deux mains. Guide pratique pour les mutilés, les gauchers, les droitiers*. Paris, Nathan. Ver também os trabalhos da srta. Kipiani.

[2] Code technique de la dactylo. (*Revue Sténographique Belge*, 15 avril 1932, p. 99.)

[3] *L'art de dactylographier*. (Gérard G. L., L'organisation, p. 24.)

[1] Marins Audin: *L'histoire de l'imprimerie par l'image*.

O tamanho dos tipos de impressão chama-se corpo. Os corpos dos tipos mais usados em livros são os seguintes: 6, 8, 9, 10 e 12.

4. As exigências de ordem, rapidez e clareza, que são do pensamento e da informação moderna, devem ter seus correspondentes nas exigências da indústria editorial. É preciso levar em conta as condições do leitor. Nossos nervos são postos à prova. Nossos olhos ficam muito cansados por causa do movimento da rua, do turbilhão dos anúncios luminosos e da multiplicidade de textos que a maioria de nossas profissões ou de nossos entretenimentos nos obrigam a ler. O impresso, o livro, a revista e o jornal, indispensáveis à nossa existência, devem, portanto, proporcionar-nos cuidados especiais e não aumentar essa fadiga. É preciso que se faça a impressão com tipos bem estudados para que a leitura se torne um deleite e um repouso para os olhos.[1]

É preciso manifestar-se contra as fontes de tipo de difícil leitura. Os caracteres devem ser simples e claros. Por que criar dificuldade, quando se trata de um conteúdo que deve servir para me comunicar com o outro?

A escrita cursiva continua se diferenciando da escrita tipográfica. A condição da escrita cursiva é a rapidez, que exige ligaturas, mas estas tornam a escrita menos nítida. O caráter tipográfico, que serve de matriz para milhões de reproduções, pode ser de fabricação mais cuidada e visar à nitidez perfeita.

A letra, do ponto de vista tipográfico, foi objeto de sérios estudos fisiológicos (citemos, dentre outros, os do dr. Javal).* Na evolução futura, terão que ser levados em consideração.

* Javal, citado em outras partes deste tratado, era o médico francês Émile Javal (1839–1907), autor do pioneiro e clássico *Physiologie de la lecture et de l'écriture* (Paris: Félix Alcan, 1905). Tinha como subtítulo: *suivie de déductions pratiques relatives à l'hygiène / aux expertises en écriture / et aux progrès de la typographie, de la cartographie, / de l'écriture en relief pour les aveugles, etc.* [N.E.B.]

5. Os catálogos de fundições apresentam modelos de notável variedade. Os novos catálogos de tipos de caracteres alemães oferecem, por exemplo, os seguintes: Mainz Fraktur; Ausburger Schrift, tendendo ao latino; Secession-Grotesk; Antiqua (Bremen); Cursivo (Hinci) itálico; as escritas caligráficas: Neu-Deutsch; Grasset Antiqua; Renaissance Antiqua; Romische Antiqua; Moderne Grotesk; Wandmalereien; Baldur; Antiken; Behrenschrift, etc.

Os catálogos franceses oferecem, por exemplo, as seguintes categorias: *allongées*, *alsaciennes*, *antiques*, *antiques allongées*, *antiques grasses*, *classiques*, *égyptiennes*, *italiennes*, *latines*, *blanches*, *ombrées*, *maigrettes*, *anglaises*, *ronde bâtarde*, *gothique*.*

* Para mais informação sobre termos antigos e exemplos de famílias tipográficas francesas, há vários sítios na internet, como o Corpus Typographique Français. Sobre a moderna classificação tipográfica, ver a Classificação Vox-AtyPI. Qualquer mecanismo de busca informará os sítios relevantes. [N.E.B.]

6. Existe atualmente toda uma indústria de fundição de tipos. Enquanto as fundidoras de tipos não produziam mais de três mil letras por hora, a máquina Wick Rotations produz 60 mil, completamente desbastadas e prontas para serem embaladas. Essa máquina é controlada por um homem e um rapazote. Foi inventada por Frederick Wicks, de Glasgow, um simples escritor e jornalista que procurava eliminar o trabalho de distribuição das chapas tipográficas. A Monotype retomou a ideia de outra forma. Ela também, ao fazer, de cada vez, uma composição com tipos novos, dispensa sua distribuição.

7. A duração dos tipos depende da composição do metal. Os corpos 7 e 8 chegam a ser usados, mantendo-se legíveis, em dois milhões de impressões de jornais. O normal é um milhão e muitas gráficas rejeitam usar tipos miúdos depois de 300 mil impressões. No caso da impressão de trabalhos avulsos e obras que exijam cuidados, o limite deverá ficar muito abaixo disso.

[1] Ver os recentes estudos da Linotype e de sua fonte de tipos Ionic, que proporciona, com mais clareza e descanso para os olhos, uma capacidade de 13% a mais de texto com menos papel.

222.16 Os sistemas especiais de escrita

Entre os sistemas especiais e as modalidades de escrita convém considerar: 1° a ideografia, 2° a taquigrafia, 3° a criptografia, 4° a escrita dos cegos; 5° a escrita mediúnica ou espírita; e 6° a escrita morse.

222.161 *A IDEOGRAFIA*

Entende-se por ideografia signos que exprimem diretamente a ideia e não os sons da palavra que representaria essa ideia: os algarismos aritméticos são verdadeiros ideogramas.

Enquanto os chineses abandonam a ideografia e adotam nosso alfabeto, o Ocidente reconhece suas vantagens e tenta retornar a ela.

Ao aprender a escrita e a ortografia, aprendem-se apenas noções, e a comunicação entre os povos reconhece os obstáculos da língua.

Os *neoglyfy* [neoglifos]. Nova escrita mundial do professor Alexandr Sommer Batek (Praga).

222.162 *TAQUIGRAFIA*

1. Noção. A taquigrafia é a arte de escrever rapidamente, por meio de abreviações, de escrever de modo tão rápido quanto a fala. Inicialmente, foi denominada 'braquigrafia' e 'estenografia'. Os ingleses lhe deram o nome de *shorthand*, ou seja, escrita breve.

A arte taquigráfica é uma das mais preciosas invenções do século XIX.

No estado atual da taquigrafia, não é impossível alcançar velocidades de 200, 240 e 250 palavras por minuto (em inglês).

2. A história da taquigrafia remonta à Antiguidade. Os hebreus a conheciam, os gregos a utilizavam e era corrente em Roma. Cícero escrevia com signos inventados por Ênio e que ele ensinou a seu escravo liberto Tirão. Este os aperfeiçoou (*Notae tironianae*). O ensino dela se difundiu, tornando-se comum entre os particulares ter um escravo ou um liberto que escrevesse rapidamente. Foram chamados, inicialmente, em grego *tachygraphos*, em latim *cursores*, corredores, por causa da rapidez com que registravam os discursos. Mais tarde, esses *cursores* passaram a ser chamados *notarii*, por causa das anotações de que se serviam. A Idade Média conheceu a taquigrafia.

3. Na taquigrafia são suprimidos todos os acessórios da escrita, tudo o que os órgãos vocais não articulam ou que não são percebidos pelo ouvido. Não leva em conta a ortografia. Suprimem-se até as simples vogais. Por outro lado, são empregados signos simplificados.

4. O documento taquigrafado assume um lugar cada vez mais importante. É a divisão do trabalho. O trabalho da composição literária é substituído pelo da improvisação falada, a qual é registrada pelo taquígrafo. Todos os debates públicos, nos parlamentos, nos conselhos e nas comissões produzem uma literatura enorme. Os próprios métodos de trabalho pessoal se transformam sob o império da taquigrafia. Theodore Roosevelt deu exemplo ao ditar a seus taquígrafos seus discursos e mensagens ao Congresso, bem como as minuciosas respostas às cartas que lhe enviavam. Depois dos Estados Unidos, chegou a vez da Europa, com o notável desenvolvimento do emprego de taquígrafos por particulares. São os estenodatilógrafos.

5. Nas assembleias e congressos, existe um serviço permanente de taquigrafia, que é, comumente, assumido por duas equipes de dois taquígrafos que se revezam em turnos de 15 minutos por hora. Tão logo chega

o fim de seu turno, os dois taquígrafos se retiram para que cada um dite a datilógrafos a metade do apanhamento.

6. Existe uma grande variedade de sistemas de taquigrafia (Astier, Conen de Prépean, Aimé Paris, Duployé, Meysmans, Prévost-Delaunay, Stolz, etc.)

A 'brevigrafia', inventada por Raoul Duval, utiliza as letras do alfabeto e a pontuação datilográfica, o que permite 'brevigrafar' um discurso com uma máquina de escrever.

7. *Taquigrafia mecânica*. A taquigrafia mecanizou-se. Maquininhas admiráveis foram inventadas, principalmente a Sténophile Bivort. Suas vantagens são: completa ausência de métodos difíceis de aprender; escrita com letras alfabéticas comuns; facilidade de aprendizagem; leitura possível por todos; nenhuma fadiga; velocidade ilimitada, ultrapassando de longe a fala humana; mecânica simples, leve, pouco volumosa e silenciosa; possibilidade de taquigrafar em todas as línguas e mesmo na escuridão.

Taquigrafa e relê perfeitamente as línguas sem compreendê-las.

Uma fábula conhecida, que tem 70 palavras, é escrita em 10 segundos, o que significa a velocidade de 420 palavras por minuto.

8. *Documentação taquigráfica*. A Associação Internacional de Taquígrafos formulou o projeto de concentrar em uma única biblioteca todos os documentos cujo denominador comum seja o de resultarem da taquigrafia. (Ver as comunicações feitas sobre esse tema pelo sr. Depoin ao IIB.)

9. *Problemas*. Os problemas a resolver são de três graus:

1º Uma taquigrafia pessoal eficaz;

2º Uma taquigrafia legível para todos;

3º Um único sistema de taquigrafia.

A escrita taquigráfica mental seria mais rápida do que a escrita alfabética, de tal sorte que a taquigrafia abriria caminho para a escrita e a leitura rápidas.

É preciso:

a) formular os desideratos da taquigrafia,

b) ampliar todas as possibilidades de sinais,

c) criar escritas para avaliar sistemas,

d) criticar os sistemas,

e) combinar em um único sistema as vantagens reconhecidas de todos os sistemas e aperfeiçoá-los.

Existe um grande número de sistemas taquigráficos. Vêm sendo envidados esforços visando a alcançar a unificação taquigráfica, não somente por língua, mas até internacionalmente (reivindicações formuladas por Forci e Broda).

Verificou-se que uma tabela completa de fonogramas teria por volta de 150 sinais.

222.163 *CRIPTOGRAFIA*

1. A criptografia é a arte das escritas sigilosas. A ela foram atribuídos diversos outros nomes: criptologia, poligrafia, esteganografia, etc.

2. Em todas as épocas, governos, estadistas, embaixadores e militares valeram-se do que se convencionou chamar linguagem cifrada. Para isso, são utilizadas chaves, grades, livros com páginas marcadas, cartas de jogar, livros impressos (*O escaravelho de ouro*, de Edgar Allan Poe).

Durante a guerra, o Bureau des Chiffres do estado-maior francês foi incumbido de reconstituir o sentido de todos os radiogramas convencionais.

Em diplomacia, a criptografia teve de desenvolver-se paralelamente à prática do *cabinet noir** pelos governos junto aos quais os embaixadores acreditados fazem muitas vezes passar sua correspondência.

* Serviço secreto do Estado, incumbido da censura postal. [N.E.B.]

Homens de ciência empregaram escritas secretas. Francis Bacon, por exemplo, provavelmente valia-se da criptografia, como meio de registro científico de versos que ele destinava à posteridade científica. Essas verdades seriam ininteligíveis para os contemporâneos ou sua revelação seria perigosa para ele. (Bacon-Shakespeare. *Mercure de France*, 15–IX–1922.)

3. Os sistemas utilizados em diplomacia são numerosos: método de Júlio César, japonês, do paralelogramo, de Scott, do conde Grensfeld, de Bacon, etc.

As combinações são infinitas. A decifração é feita por tentativas, baseada numas vinte regras (por ex., a da repetição de letras).

4. A chave de um código é o alfabeto acordado de antemão. Distinguem-se várias espécies: o *código de chave simples* é aquele em que sempre se usa o mesmo alfabeto para substituir as diversas letras de uma mensagem, e o *código de chave dupla* é aquele em que o alfabeto é mudado a cada palavra. Utilizam-se ainda *zeros*, sílabas ou mesmo frases sem sentido que são misturadas com os caracteres que têm sentido. Para aumentar ainda mais a dificuldade de leitura das mensagens em código, emprega-se uma *grade*, um pedaço de papelão recortado, de modo imprevisto, no dia, e que, quando colocado sobre as mensagens somente, deixa aparecer os caracteres necessários, pois os que foram usados como enchimento somente são acrescentados pelo remetente depois de escrita a mensagem.

O sistema mais simples de escrita cifrada consiste em escrever as 24 letras do alfabeto (exceto o j) em duas linhas horizontais e paralelas. Quando se deseja disfarçar uma palavra, basta representar as letras dela pelas letras correspondentes na outra linha. Não passa de um brinquedo infantil. Os sistemas empregados na diplomacia são muito mais complicados.

Outro exemplo de escrita sigilosa. Escolhe-se um livro qualquer do qual os destinatários possuam um igual. Empregam-se grupos de quatro algarismos, em que o primeiro é o número da página, o segundo é o da linha, o terceiro é o da palavra, e o quarto, da letra. Obtém-se, por exemplo, o criptograma 6432, 7626, 3214, 8217, 8219, 2314 para designar V E R D U N, onde 6432 significa página nº 6, linha nº 4, palavra nº 3, letra nº 2.

O recurso a alfabetos secretos é ilusório, pois a quantidade de combinações é limitada e decodificadores habilidosos geralmente acabam por descobrir a chave. Isso requer inúmeros conhecimentos, o domínio de línguas e uma paciência a toda prova, pois somente depois de uma infinidade de tentativas é que se consegue atingir o objetivo.

222.164 *ESCRITA DOS CEGOS*

Louis Braille (1809–1852) criou um novo sistema de escrita mediante um pequeno número de combinações de pontos em relevo para a leitura pelo tato. Aplicou-o à notação musical. Pierre-François-Victor Foucault acrescentou-lhe novos aperfeiçoamentos. Esse sistema, hoje difundido no mundo inteiro, desbancou todos os outros. Ernest Vaughan criou uma pequena impressora que produz uma impressão rápida do texto. Este, composto de um lado em letras romanas, inteligíveis por si mesmas, mostra do outro lado os sinais de braile.

2. O leitor comum de braile faz uma leitura corrente de 100 a 120 palavras por minuto.

3. De início tentou-se aplicar relevo às letras comuns. Todas as escritas renderam-se ao alfabeto de Louis Braille, hoje universalmente adotado, tanto que os chineses o adaptaram à sua escrita ideográfica. Com um máximo de seis pontos, Braille construiu 63 sinais perfeitamente reconhecíveis pelo tato. A leitura, no entanto, tem seus limites e requer condições psicológicas. O poder discriminador do dedo é infinitamente menor que o do olho. Toda ampliação provoca um aumento de nitidez e clareza, que, no entanto, se perde na lentidão causada no exame analítico das consoantes.

Constatou-se, em outro terreno, que a persistência das imagens luminosas na retina é insuficiente para explicar a reconstituição cinematográfica da imagem. É preciso intervir com a síntese perceptiva, obra exclusivamente mental. O mesmo se dá com a leitura dos cegos. Soletrar é cansativo e desanimador. A síntese mental de elementos táteis sucessivos não pode ocorrer rapidamente. O toque é essencialmente ativo: o dedo não sente o objeto, ele o explora.

4. Recentes progressos muito notáveis, embora não decisivos, foram alcançados na escrita para cegos ou escrita cuja leitura prescinde da participação do olho (escrita tátil ou sonora). Temos o otofone de Fournier d'Albe, no qual cada letra é representada por um motivo musical, e também o visagrafo de Naumburg, bem como o fotoeletrógrafo de Thomas e Coulaud, que recorre ao tato.[1]

Conseguiu-se, por meio de um sistema fotoelétrico, transformar a energia luminosa em energia mecânica. Com esse conhecimento, foram construídas máquinas de escrever e ler para cegos. O otofone (1920), de Fournier d'Albe: uma escala de cinco pontos luminosos é projetada sobre o papel e percorre a linha da esquerda para a direita. De baixo para cima, cada ponto vibra conforme as sequências 384, 512, 576, 640 e 768, correspondentes às notas sol, dó, ré, mi, sol (oitava de primeira). A imagem dessa escala luminosa é detectada por um sensor de selênio ligado num circuito telefônico. A corrente telefônica é modulada pelas vibrações luminosas que atingem as partes brancas do papel e geram um som correspondente. Cada letra é assim repetida por um motivo musical. O visagrafo, de Robert Namburg (1931), e o fotoeletrógrafo, de Thomas e Coulaud, recorrem ao tato.[1]

222.165 *ESCRITA MEDIÚNICA OU ESPÍRITA*

1. Os adeptos do espiritismo e da metapsíquica têm apresentado textos obtidos pelo médium e que viriam de personalidades mortas. Trata-se da escrita automática que tem sido tema de pesquisas fisicopsicológicas.

Para se corresponder com os espíritos desencarnados, foi inventado um quadro com as letras do alfabeto, denominado 'sim–não'. Recentemente contribuiu para o aperfeiçoamento de um telefone para comunicação com o além.[2]

2. A escrita espírita se relaciona com a questão da fotografia direta do pensamento. Há quem não descarte a possibilidade de que, um dia, por meio de processos ainda ignorados, venha a ser possível registrar o pensamento, sem intermediário, em alguma chapa ou papel sensível especial.

3. A metapsíquica e as ciências ocultas têm sua maneira especial de lidar com certos fenômenos, como, por exemplo, a função registradora do papel. Maeterlinck conta (*L'hôte inconnu*, p. 51) que um vidente, con-

[1] Pierre Henri: Une application de la photoélectricité. *Revue Scientifique*, 23 avril 1932, p. 239.
[2] Ver *Bulletin de la Société Métaphysique* [*sic*] *de Belgique*, 1932.

sultado por sua mulher, quando ia ver os cavalos do distrito de Elberfeld, a respeito de um papel bastante antigo e sem relação com sua viagem, que descrevia o estábulo onde se encontrava. "É preciso acreditar que o aspecto daquilo que um dia iria ver já estava descrito nesse papel profético ou, mais simples e provavelmente, que esse papel que me representava bastaria para transmitir, fosse ao subconsciente de uma mulher, fosse à madame M., que então ainda não conhecia, a imagem exata daquilo que meus olhos contemplavam a quinhentos ou seiscentos quilômetros dali?"

O papel estaria impregnado com o fluido das pessoas que nele haviam tocado. Explicação: "Ou então o papel, junto com o psicômetro e impregnado de fluido humano, contém, à maneira de um gás prodigiosamente comprimido, todas as imagens, renovadas incessantemente, renascidas incessantemente, que envolvem um ser, todo seu passado e talvez seu futuro, sua psicologia, sua saúde, seus anseios, suas vontades amiúde desconhecidas dele mesmo, toda sua vida, em uma palavra, mistério tão insondável quanto o da geração, que transmite, numa partícula infinitesimal, a matéria e o espírito, todas as qualidades e defeitos, todas as aquisições, toda a história de uma série de existências, das quais ninguém pode conhecer o número." Por outro lado, se não aceitamos que tanta energia possa ocultar-se, subsistir, agitar-se, desenvolver-se e evoluir indefinidamente numa folha de papel, é preciso supor que desse mesmo papel irradia-se constantemente uma rede inverossímil de forças inominadas que, através do tempo e do espaço, encontram, no mesmo instante e não importa onde, a vida que lhes deu a vida e o colocam em comunicação integral, alma e corpo, sentidos e pensamentos, passado e futuro, consciência e subconsciência, com uma existência perdida entre a multidão incontável.

O papel absorveria como uma esponja toda a vida e de preferência a vida subconsciente de quem escreve, e despejaria em nosso subconsciente tudo o que contivesse.

222.166 *ESCRITA MORSE*

O alfabeto morse, por meio de pontos e traços, padronizou os sinais visíveis do telégrafo e os sinais audíveis do telégrafo sem fio. Amplamente aplicado e generalizado, tornou-se a base de extensas comunicações.

222.167 *QUESTÕES DIVERSAS*

222.171 Método para aprender a escrever

1. Grande problema. Centenas e centenas de milhões de seres humanos que devem aprender a escrever, e, por conseguinte, um grande número de métodos. Qualquer progresso nos métodos corresponde a um ganho de tempo no ensino.

2. Aprender a escrever quando se aprende a ler e, reciprocamente, a escrever.

Pelo método Montessori, começa-se fazendo exercícios com a mão e os dedos, desenhando, e passando depois para o traçado das letras. O método baseia-se no desenvolvimento de todos os sentidos. Os dedos são treinados a acompanhar o contorno de letras recortadas em papelão recoberto com lixa, muito sensível ao toque.

Alguns pedagogos imaginaram ensinar as crianças a escrever empregando diretamente a máquina de escrever. O movimento da máquina e a atividade a que nela podem se aplicar interessam vivamente as crianças, às quais, mais tarde, é ensinada a escrita manual.

Essa ideia surgiu com muita naturalidade na mente de um pedagogo que notou que toda criança, ao ver uma máquina de escrever, só tem um único objetivo: pô-la para funcionar. Ela bate nas teclas, logo conhece os sinais e aprende, brincando, a ler e escrever. Dessa maneira, utiliza-se o instinto de brincar, tão vivo em todo jovem, com objetivos educacionais. É um princípio que, em pedagogia, não se deve jamais esquecer. A experiência mostrou que, depois desse ensino com a máquina, não há nada mais fácil do que inculcar na criança as primeiras noções de escrita.

222.172 *VELOCIDADE DA ESCRITA*

1. A mão de velocidade média traça aproximadamente uma palavra a cada dois segundos, uma palavra que, incluindo os arcos e voltas de suas letras, de suas curvas e inflexões, mediria 16 cm de comprimento. A mão 'faz' cinco metros por minuto, 300 por hora, 3 000 por dia, e, se o dia for de dez horas, 1 095 km por ano.

2. Na datilografia foram alcançadas velocidades de 45,5 a 60 palavras por minuto.

A rainha das datilógrafas (a norte-americana Rose Fritz) conseguiu atingir a velocidade de 165 palavras por minuto, ou seja, três a quatro palavras por segundo, desde que o texto lhe fosse conhecido e que as palavras fossem curtas. Se não fosse assim, a velocidade caía para 155. É como se esse trabalho, no fundo, não passasse de um caudaloso recital de piano para um músico.

3. O apanhamento taquigráfico alcança velocidades que vão de 140 a 180 palavras por minuto.

4. No serviço belga de cheques postais, foi alcançada a escrita contínua de 28 mil números por hora, alguns de sete algarismos.

222.173 *EMPREGO DA ESCRITA*

No começo, as necessidades práticas da escrita eram muito limitadas, como, por exemplo, na compilação de listas, em lembretes na recitação de rituais. A necessidade da escrita ampliou-se gradativamente. Confunde-se com a necessidade do documento e se mede como ele.

222.174 *UNIFICAÇÃO DAS ESCRITAS: SISTEMA UNIVERSAL DE ESCRITA*

O instrumento elementar de nosso trabalho escrito, o alfabeto, não teve um passado imutável. É produto de uma longa evolução que ocorreu por simplificação sucessiva para chegar a uma maior generalização de expressões. Por que ele não poderia continuar evoluindo?

Há cinco meios a considerar ou que foram considerados:

1º Um instrumento de comparação e de transformação das escritas.

2º Substituição de pequenos sistemas alfabéticos por outros maiores.

3º Unificação dos alfabetos, tomando por base um deles, o latino.

4º Um alfabeto novo feito de forma racional e padronizada.

5º Um sistema geral de expressões, unificado e padronizado, e do qual a escrita fizesse parte.

1º) *Alfabeto internacional*. Foram realizados esforços visando ao estabelecimento de um alfabeto internacional para transcrição a) de todos os outros alfabetos, b) de todos os sons falados quaisquer que sejam.

a) Os orientalistas aprovaram em 1894 um alfabeto que atendia às suas necessidades.

b) Os norte-americanos criaram um sistema de notação fonética especial para o estudo das línguas indígenas.

c) A transcrição do árabe foi implantada pela Société Asiatique.

d) Entre os numerosos métodos de transcrição das línguas não escritas, o do abade Rousselot, diretor do laboratório de fonética experimental do Collège de France e professor do Institut Catholique de Paris, parece preencher as melhores condições de precisão científica e simplicidade. Adotou-o o *Essai de phonétique*, com sua aplicação ao estudo dos idiomas africanos, de autoria do padre Charles Sacleux.

e) A Associação Fonética Internacional criou um alfabeto internacional que abarca todos os sons e se destina à transcrição de todas as línguas, tal qual são faladas.

Permitiria transcrever todas as línguas em símbolos fonéticos, independentemente das ortografias e dos alfabetos empregados.

f) O instituto chinês de história e filologia estuda uma extensão do alfabeto fonético internacional, combinado com o registro dos dialetos chineses, especialmente um sistema quase gráfico de 'letras acentuadas' (*tone letters*). Os sistemas de romanização de Matteo Ricci e de Nicolas Trigault encontraram espaço na fonologia chinesa à maneira das 36 iniciais adotadas do sânscrito.

2°) *Fortalecimento de pequenos sistemas alfabéticos*. Assistimos ao desenvolvimento de alfabetos diferentes, no estilo de alguns grandes alfabetos, e isso paralelamente ao movimento que levou ao estabelecimento de algumas grandes línguas nacionais, após a supressão de dialetos.

3°) *Unificação com base no alfabeto latino*. Houve um grande movimento favorável à unificação dos alfabetos com base no alfabeto latino. Constata-se, com efeito, que o retorno ao gótico não progrediu muito na Alemanha nesses últimos anos.

Os povos turco-tártaros da URSS consagraram e adotaram o alfabeto latino em 1922, o que, segundo Lenin, representa uma revolução para o Oriente. E, com efeito, os povos do norte do Cáucaso e da Ásia Central não contavam com língua escrita antes da Revolução de Outubro. No Azerbaijão, constatou-se que a facilidade de assimilação do alfabeto latino em comparação com o árabe era de 70 a 80% maior.

a) A associação dos orientalistas de Moscou tratou do novo alfabeto turcomeno (srs. Bartold, Pavlovich, Menued [*sic*] Zadé). Foram analisados o antigo alfabeto árabe e o latino, tendo sido demonstrado que não se conseguiria corrigir seus defeitos senão introduzindo um novo alfabeto turcomeno baseado nos caracteres latinos. Todas as alusões ao fanatismo religioso das massas e os diversos motivos invocados pelos adversários da latinização não resistem à crítica; é preciso renunciar ao alfabeto ligado a todo o passado religioso muçulmano do Oriente. Os adversários do alfabeto latino replicaram que seria preciso encarar essa questão com maior cautela e levar em conta os diversos graus de desenvolvimento cultural e as diferenças de classes entre as populações turco-tártaras. Decidiu-se pela criação, na associação dos orientalistas, de uma comissão para introdução de um novo alfabeto turcomeno.[1]

b) Alguns eslavos utilizam o alfabeto cirílico (grãos-russos, russos brancos, ucranianos, sérvios e búlgaros) e outros, o alfabeto latino (tchecoslovacos, poloneses, croatas, eslovenos e sérvios da Lusácia). Os russos

[1] *Bulletin d'Information* n° 27 de la Société pour les Relations Intellectuelles.

levantaram a questão da adoção do alfabeto latino. As outras nações interessadas logo se interessaram pela questão, que foi objeto de um inquérito do periódico búlgaro *Bulgarska Kniga* (Sofia), nº 2, 1930).

A favor da reforma, alegou-se que ela aproximaria mais as nações eslavas; que as aproximaria das civilizações ocidentais, que o alfabeto latino era mais simples; que resultaria em economia na composição tipográfica e na impressão em geral. Na Bulgária, no entanto, a maioria se pronunciou a favor da manutenção do alfabeto cirílico.

A academia das ciências de Leningrado criou um novo alfabeto latino. Uma conferência de chineses e mongóis foi convocada para Vladivostok, a fim de estudar a adaptação do latim à língua chinesa, tendo em vista os interesses da cultura e dos leitores em geral que pouco conhecem o alfabeto latino. Há sons em búlgaro que só podem ser representados em cirílico. Há quem admita que, se a Rússia desse o exemplo, seria preciso segui-lo.

Na Rússia fez-se uma campanha intensiva favorável à introdução do alfabeto latino. O alfabeto russo foi ali introduzido por Pedro, o Grande (Petrus I).

Mesmo na Rússia essa questão ainda não foi decidida. Receia-se que se tornem inúteis os milhões de livros existentes nas bibliotecas, e que seriam lidos como hoje em dia se lêem os livros em eslavo eclesiástico. Durante muito tempo, seria preciso considerar milhões de russos como analfabetos, até que conhecessem o novo alfabeto. Foi proposto um meio-termo: utilizar o alfabeto latino numa parte da produção de livros, principalmente os que também se destinam ao estrangeiro.

c) A adoção dos caracteres latinos já ocorreu na Turquia. O primeiro dicionário misto turco-alemão em caracteres latinos com a nova ortografia acaba de ser publicado (autoria de Mehmed Ali, 15 mil palavras). A reforma foi também adotada em certas regiões da União Soviética. O governo de Chipre a acolheu. Na Pérsia, é reivindicada pela imprensa.

A adoção do alfabeto latino em lugar da escrita árabe na Turquia entrou parcialmente em vigor em 1º de dezembro de 1928 e completamente no dia 1º de junho. Nessa data, todos os documentos oficiais passaram a ser impressos com os novos caracteres. Estes facilitarão o estudo da língua turca pelos estrangeiros e assim ajudarão indiretamente o comércio.

d) A escrita chinesa se compõe de 40 mil signos. Em tais condições, a ciência é cultura que depende exclusivamente da memória, isto é, da parte material da inteligência, que só tem a se atrofiar com tal exercício. A vida de um homem mal dá para aprendê-la. A escrita ainda representa um obstáculo ao progresso da civilização. Ela contribuiu, em notável proporção, para frear a progressiva evolução do povo.

É preciso conhecer mais de três mil caracteres para compreender a leitura de uma obra das mais simples. E 40 mil para as obras de eruditos. O povo, portanto, não sabe ler. Os chineses também abriram salas onde fica alguém que lê os jornais em voz alta. Depois chegaram reformadores que simplificaram a escrita, e os eruditos, lançando-se resolutamente nesse esforço, enfrentaram os velhos prejuízos que diziam que seria realmente vergonhoso escrever a língua como ela é falada, e fundaram jornais cuja leitura é acessível aos mais humildes. Ainda continuam sendo usados caracteres ideográficos, mas as palavras têm o mesmo som da língua falada, e, ademais, a forma das frases corresponde à do discurso comum.

Graças ao dr. Hu Shih, a língua falada na China passou a ser, depois de 1930, a língua escrita, pondo fim ao isolamento intelectual no qual vivia o

povo, por causa da língua literária dos letrados. Tal fato permite ao movimento pela educação das massas, dirigido pelo sr. Y.C. James Yen, tornar o ensino acessível a todas as classes.

Atualmente são feitas tentativas com a finalidade de escrever o chinês com alfabetos romanos de 24 letras às quais será preciso acrescentar 10 outras, como, por exemplo, o ñ espanhol, que tem seu correspondente neerlandês/flamengo no nj (método do monsenhor Ibáñez, O.F.M., vigário apostólico de Yan'anfu, China).

O Japão também tem tratado da reforma grafológica. Várias personalidades, lideradas pelo sr. Hayashi, que foi embaixador em Londres e ministro de assuntos estrangeiros em Tóquio, estudam essa questão. Um grupo progressista publica uma revista impressa em caracteres latinos. Esse alfabeto seria útil para o comércio, mas insatisfatório como língua literária.

g) O sr. Bean [*sic*] fundou na Indochina dois jornais anamitas, um em caracteres latinos. (Em *quoc-ngu* anamita transposto para caracteres franceses.)

h) O sr. Takanadate, professor da universidade de Tóquio, propôs à comissão das cooperativas intelectuais recomendar a todos os países que estudassem a possibilidade de adotar os caracteres latinos na língua escrita e, quando houvesse sistemas ortográficos diferentes em vigor, que a ortografia fosse unificada tanto quanto possível, de acordo com a natureza da cada língua. A comissão se pronunciou a favor da importância de um método de transcrição uniforme das línguas ao lado da escrita nacional tendo em vista uma melhor compreensão mútua entre os povos.

4° Convém buscar a racionalização e a padronização do alfabeto.

a) Existe atualmente um movimento em prol do aperfeiçoamento internacional do alfabeto latino: caracteres cada vez mais claros, a reforma das escritas cursivas, novo desenho de alfabetos, progressivo abandono de certas letras, como o J e o Y.

b) No caso de língua internacional procurou-se evitar os signos que causam dificuldades como z, y, oe, etc. Usar signos simples para as combinações frequentes de sons (x, c, etc.).[1]

c) Os caracteres da escrita evoluíram sem método há trinta séculos, afirmou o sr. Javal, e a própria tipografia tem sérios inconvenientes para a higiene escolar. Não seria possível, com os dados da ciência atual, fazer algo melhor?

A reforma do alfabeto se desenvolve em duas direções. Atribuição de signos (um signo, um som) e formação de signos.

Um alfabeto perfeito deveria ter tantas letras e signos complementares quantas articulações e sons elementares e distintos.

Atendo-se simplesmente ao grafismo, todas as letras são formadas de traços, constituídos por linhas retas, quebradas ou curvas. A taquigrafia definiu uma classificação dos traços do grafismo e lhes atribuiu um significado racional inexistente nos signos arbitrários e tradicionais do alfabeto.

d) Seria possível ensinar um modo de escrita, classificador e sinóptico, taquigrafia de ideias e não de palavras. A disposição das ideias, feita com o mínimo de palavras e o máximo de propriedades, deverá ser relativa, sendo expressa claramente e mediante posições e tamanhos dos caracteres, bem como por signos muito simples de relação e classificação. É rumo a isso que tendem os estudos sobre ideografia.

5° Novos sistemas de expressão. O processo da formação da escrita,

[1] Baudoin, Marcel. Nécessité d'un alphabet international. *Bull. Inst. Inter. Bibliogr.*, 1900. v. p. 155–188.

nas origens, mostra o rumo para o qual tende hoje a humanidade. A escrita nasceu de uma necessidade: comunicar e transmitir os fatos. E nasceu ao mesmo tempo em diferentes lugares, ensejando desenvolvimentos autônomos; ela não deriva de uma forma primitiva única. Enfim, algumas raças pouco civilizadas permaneceram numa etapa rudimentar da escrita, enquanto outras a superaram rapidamente para chegar a um sistema de escrita completo, que pode expressar todos os matizes do pensamento.

Observamos, nos dias de hoje, aperfeiçoamentos parciais da escrita, inovações realizadas em diversos domínios, espontaneamente, impostas por três novas necessidades: simplificação, generalização em todos os países, extensão para ideias e fatos mais complexos.

Um sistema novo deve ser formado com base no antigo, acrescido de todas as inovações reconhecidas como boas, e desenvolvido de forma coordenada.

É preciso criar uma teoria geral da grafia que abranja todas as combinações possíveis que se multiplicarão extraordinariamente.[1]

Lenta mas firmemente, o movimento mundial conduz os povos a necessitar de um sistema geral de expressão. Dele deve fazer parte a escrita, bem como a língua e a documentação. Qualquer que seja a lentidão própria ao desenvolvimento de tal movimento, é dever dos homens pesquisar incessantemente o que teórica e praticamente possa levar a isso.

222.2 Notação e abreviação

Ao lado da escrita usual encontra-se uma categoria importante de signos e convenções: a notação e as abreviações. Aqui também se coloca o problema de um sistema universal de notação.

222.21 Notação

1) A notação (a forma anotada) situa-se entre as palavras da língua (texto) e a imagem. Ela expressa de forma convencional: 1° elementos, partes ou aspectos (termos); 2° as relações entre eles (fórmulas, questões); 3° a classificação dos elementos e das relações; 4° eventualmente seus números e suas medidas; 5° a expressão condensada de leis.

2) Uma vez alcançado um certo desenvolvimento, as ciências criam sua notação. Assim, temos as notações da matemática e da química. Essa notação é mais ou menos desenvolvida, completa.

3) Uma notação integral das ciências bibliológicas compreenderia as cinco ordens de elementos antes citadas. Realizações iniciais da notação bibliológica se encontram: a) na criação da bibliometria; b) nas fórmulas da psicologia bibliológica; c) nas tabelas de classificação bibliográfica, principalmente nas da Classificação Decimal.

4) O número: diz-se de signos ou conjuntos de signos que representam uma quantidade.

Algarismos: O algarismo é a expressão material de uma grandeza numérica, assim como a palavra é o signo de uma ideia. Ambos correspondem, de igual modo, a uma operação fundamental do espírito e são, portanto, igualmente independentes.

O sistema universal de unidades assumiu a forma científica final com base no centímetro, no grama e no segundo, que se exprimem na forma de números comuns que seguem a multiplicação e a subdivisão decimal

[2] A combinação de meios possibilitou recentemente a realização de um curso de taquigrafia mecânica do esperanto pelo telégrafo sem fio.

de todas as unidades (sistema decimal, sistema métrico, sistema CGS).

A numeração sequencial de qualquer tema reveste-se de grande importância. Numeram-se as dinastias, os soberanos, os pontífices, etc.

5) A técnica criou uma notação própria, que aplica às plantas de projetos e, às vezes, às próprias coisas: máquinas, instalações e locais. Por ex., a notação relativa à eletricidade.

6) A notação química representa geralmente o átomo de um elemento simples com uma letra simbólica e a molécula de um composto por meio de reuniões de um certo número desses símbolos. Hoje em dia, a estereoquímica criou um modo de representação das relações de compostos por meio de figuras tridimensionais.

A notação química tem uma história muito longa. Ela passou por radical transformação graças a Lavoisier e Berzelius. Sua evolução continua.

7) A notação musical surgiu entre os gregos, mas sua chave se perdeu na Idade Média. E ela cria sua própria notação, essas neumas como 'patas de moscas' (*pedes muscarum*). Essa 'dança de mosquitos' (*Mückentanz*, como diz Ambros)* indicava vagamente a direção vocal, sem valor e nem mesmo intervalos precisos.

* Ambros, August Wilhelm (1816–1876). *Geschichte der Musik*. 2. Aufl. Leipzig: F.E.C. Leuckart, 1880, v. 2, p. 134. [N.E.B.]

As neumas eram sinais de notação musical, empregadas de início no cantochão e mais tarde também na música profana. Em sua origem, as neumas eram simplesmente acentos como os que, na gramática, marcam as inflexões da voz durante o discurso. Sua forma, de início cursiva e solta, torna-se maior, mais angulosa, até chegar à notação quadrada. Cada uma delas possui um nome específico: ele indica se a voz deve subir, descer ou se manter uníssona sem, contudo, revelar a nota uníssona ou o grau exato de descida ou subida: supõe-se que a melodia seja conhecida pelo uso. Como paliativo à insuficiência dessa notação, Guido d'Arezzo, no século XI, introduz o emprego da pauta, composta de quatro espaços, na qual ele distribuirá as neumas.

Posteriormente, chegou-se à forma atual de notas correspondentes aos tempos, aos compassos e às claves. O regente da orquestra, ao dirigir uma grande ópera (de Strauss, por exemplo), tem diante de si uma partitura que chega a ter 27 pautas sincrônicas, correspondentes a cada uma das partes, instrumento ou voz. Foram realizados trabalhos notáveis para, de um lado, traduzir para signos musicais modernos a música antiga ou exótica, e de outro lado, substituir por um sistema de notação mais simples e mais racional o sistema que se tornou tradicional.[1]

8. Leibniz, com sua *characteristica universalis*, imaginou um simbolismo para exprimir qualquer ideia, semelhante aos símbolos algébricos. Esse simbolismo foi obtido nos tempos modernos por Boole, Peano, Burali, Whitehead, Russell, etc. (simbolismo lógico, matemático). A lógica foi aplicada às questões mais controversas da filosofia antiga e moderna (J. Butler, Burke). Os símbolos da álgebra e da lógica constituem uma língua internacional semelhante ao esperanto e à interlíngua.

9. Sistema de notação

Os algarismos, as letras e os símbolos convencionais constituem elementos de notação. Para estabelecer um sistema desenvolvido de notação com letras dispomos de três sistemas. 1º Os expoentes. Ex.: o sistema da Bibliothèque Nationale de Paris. Ex.: A1, A2, A3. As repetições de letras. Ex.: AA, BB, CC, etc. 3º A combinação de maiúsculas: Ex.: AB, AC, AD, etc.

[1] Trabalhos de Tirabassi; trabalhos de Hautston.

222.22 Abreviação

1) As abreviações consistem em supressões de letras ou palavras admitidas pelo uso e substituídas geralmente por signos breves, e são empregadas para acelerar a escrita e ocupar menos espaço.

As siglas são letras iniciais que se empregam como abreviações de uma palavra. Assim, S. C. R. M. é a sigla de *Sacra*, *Catholica*, *Regia*, *Majestas*.

2) Os antigos usavam abreviações principalmente nas inscrições. Porém as usavam também nas leis, decretos, discursos, cartas e mais raramente nos manuscritos de suas obras. Os hebreus, gregos e os romanos utilizavam abreviações. Consistiam em uma ou várias letras de uma palavra, para representar essa palavra. Por isso é que Cícero (*signa verborum*) as chamava de *singulae litterae*, donde se formou *siglae*, siglas. Há duas espécies de siglas: as siglas simples, que designam cada palavra por sua letra inicial, como D. M. S. (*Dis manibus sacrum*); as siglas compostas, que, depois da letra inicial, apresentam uma ou várias letras da palavra, como CS (*consul*), COSS (*consulibus*), S. P. Q. R. (*Senatus Populusque Romanus*), AM (Amiens). A palavra grega, por exemplo, K. A. P. A. I. (cabeça), que alude aos cinco chefes da Igreja grega, é formada pelas iniciais de Constantinopla, Antioquia, Roma, Alexandria e Jerusalém. D. O. M. se traduz para *Deo Optimo Maximo*.

Encontra-se na Bibliothèque Nationale de Paris um manuscrito, conhecido pelo nome de Virgílio de Aper, no qual vários fragmentos de Virgílio estão escritos em siglas. Eis o primeiro verso: *Tityre, t. p. r. s. t. f.*, que significa *Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi*. Tais abreviações somente se usam para substituir passagens muito conhecidas, as quais não valeria a pena transcrever por extenso; do contrário, seriam incompreensíveis. Chevillier, em sua *Origine de l'imprimerie de Paris*, dá um exemplo tirado da *Lógica*, de Occam. Com essa amostra será possível avaliar os curiosos rébus que os copistas ofereciam à nossa adivinhação: *Sic hic e fal sm qd simplr a e pducibile a Deo g a e. Et silr hic a n e g a n e pducible a Deo*. Isso deve ser lido assim: *Sicut hic est fallacia secundum quid simpliciter: A est producibile a Deo. Ergo A est. Et similiter hic: A non est. Ergo. A non est producibile a Deo*. Algumas siglas causam embaraço principalmente aos paleógrafos: as que abreviam os nomes próprios.

O uso de siglas ainda continua nos dias atuais. Em certos casos, duplica-se a letra para indicar o plural, como em MM (*messieurs*), PP (*pères*). Na língua inglesa é frequente o emprego de siglas. Nos últimos tempos, sobretudo depois da guerra mundial [1914-1918] elas se multiplicaram em todas as línguas. Também foram assim formadas palavras convencionais (ex.: URSS) cujas sílabas, consoantes e vogais são emprestadas de diversas palavras que compõem um nome, em particular o de uma associação, de uma instituição ou de uma empresa.

3) Em trabalhos comparativos e de síntese, quando se trata de comparar, completar, rever os resultados de diversos autores, e com isso compor uma exposição única, coletiva ou cooperativa, levou-se a abreviação a representar até as obras citadas nas referências pela simples inicial do nome dos autores.[1]

As abreviações são causa de obscuridade. Por exemplo, nas obras de história natural, o nome abreviado dos autores, após os termos taxonômicos.

---

[1] Ex.: Decroly: *Développement du langage parlé chez l'enfant*, p. 19.

Nos livros científicos são escritas expressões longas, repetidas, depois de algumas linhas, pelas siglas de suas principais letras. Ex.: aksl. *Altes Kirilulige slavisch*.

4) As abreviações são importantes na bibliografia.

Em princípio, elas não são convenientes, pois podem exigir do leitor que se dirija a uma lista de abreviações para conhecê-las.

Mas é indiscutível que isso traz uma economia material que pode pesar e que se trata ainda de poupar tempo a quem lida com muitas informações bibliográficas. Será preciso, então, organizar as abreviações e isso com uma dupla direção: em cada ciência e em cada país, de início; e, em seguida, em todos os países e em todas as ciências.

5) O abuso em que se incorreu no emprego de abreviações fez com que fossem proscritas pelo legislador moderno. Por isso, foram proibidas na Bélgica, principalmente nos atos cartoriais, no livro diário, nos registros notariais e nas cópias de peças documentais. (Art. 42 do código civil, 65 do código comercial, 24 da lei de Ventoso, ano XI).

222.23 Outros signos comuns

Há um grande número de signos convencionais empregados em documentação. Como os sinais de revisão de provas tipográficas, os sinais de sublinhamento e de anotações em livros e documentos, etc.

Os seguintes signos e outros possíveis são empregados como remissão às referências colocadas nas margens ou no rodapé das páginas. Quando se esgotam, podem ser usados duplicados.

* Asterisco

† Cruz

‡ Cruz dupla

¶ Seção

|| Paralelas

§ Parágrafo = marca que indica que houve uma mudança no assunto do discurso

☞ Dedo, índice = atenção, importante.

→ Obélio, sinal encontrado em manuscritos antigos. Marca a repetição das mesmas frases e as palavras supérfluas ou afirmações inverídicas.

222.24 Notação universal

1. Percorrendo as publicações de cinquenta anos atrás (1882–1932), verifica-se que existe, inegavelmente um novo aspecto da mancha tipográfica. Ela era formada quase inteiramente de texto compacto, composto com caracteres tipográficos, na primeira das datas indicadas. Agora, no entanto, o texto é cada vez mais reduzido e reprimido, produzindo um efeito duplo em sentido inverso: com as imagens, as publicações se tornam acessíveis a um número maior de pessoas; com os esquemas, os mapas, os diagramas, as notações científicas e as fórmulas matemáticas, o texto se dirige a leitores cada vez mais especializados.

2. Nasce assim toda uma nova linguagem gráfica, linguagem composta, feita do emprego simultâneo desses diversos meios de expressão. Antigamente, bastava saber ler os caracteres alfabéticos. Hoje em dia, é preciso aprender a ler e a compreender os outros modos de expressão gráfica. E há novos 'analfabetos' e uma espécie de novo analfabetismo. Com os modelos das coisas, com sua representação ao mesmo tempo figurada mais concreta e mais abstratamente, os problemas passam a ser mais bem

compreendidos e com mais clareza, as definições são mais precisas, os diferentes seres, estados e fenômenos são mais bem separados e ordenados, suas relações são mais bem determinadas. Finalmente, tudo se mede e as consequências das medidas aparecem sem dificuldade.

3. Talvez estejamos no caminho de um método universal de expressão. Ele combinaria o essencial do que nos oferece: a) a observação lógica das relações e dos sistemas de relações; b) a terminologia racional; c) a notação (simbolismo, algoritmo); d) os processos do cálculo e das equações matemáticas; e) a classificação; f) as formas da documentação. Tudo que hoje existe em estado separado nessas seis ordens de ideias, que se estendem à linguística, à matemática, à lógica e à documentação, não seria mais considerado a não ser como casos particulares de uma teoria geral.

4. Teríamos assim uma notação para o conjunto de conhecimentos sobre o universo e a sociedade. Isso seria um progresso imenso. Por muito tempo as fórmulas de Riemann, desenvolvidas por Einstein, têm sido consideradas como um andaime de símbolos matemáticos, uma engenhosa álgebra. Eis que somos levados a ver nisso um dos precursores de uma figuração de tudo o que compreende o vasto mundo. A notação teria um desenvolvimento universal paralelo ao da classificação e do esquema.

222.3 Ilustração

1. A ilustração do livro e do documento assume a forma de imagens reais, de imagens esquemáticas e de padrões decorativos. A palavra ilustração é um termo genérico que se aplica ao conjunto das figuras e desenhos que uma obra contém, quaisquer que sejam suas espécies, sua qualidade e seu número. Este termo inclui, portanto, todas as formas de apresentação, todos os documentos que não sejam textos. Ele corresponde à palavra inglesa *picture*.

2. A história da ilustração do livro é marcada pelas seguintes etapas:

a) A *iluminura* ou pintura de livros: uma das principais expressões da arte da Idade Média. Fonte de informações sobre a pintura dos séculos anteriores ao Renascimento; uma arte de extrema meticulosidade. Westwood (paleógrafo inglês), com uma lupa, contou, em uma superfície de meio centímetro quadrado, 158 entrelaçamentos de uma delicada fita colorida, ornada de traços brancos, sobre fundo preto. Arte complexa, essencialmente convencional.

b) A partir de 1423, encontram-se gravuras populares em madeira na própria origem da imprensa. Os primeiros impressores queriam que os produtos de suas prensas competissem tanto quanto possível com as obras dos calígrafos e iluminadores antigos. Isso os levou naturalmente a inserir imagens em suas publicações. Os livros com imagens, impressos em um só lado da folha, cujo texto era apenas o acessório das figuras, antecederam até mesmo os livros nos quais a imagem não é senão o ornamento, a elucidação, a ilustração do texto.

c) Século XV. Gravura em talhe-doce (metal) inspirada na arte do nigelador, mas a madeira permanece para o livro.

d) Séculos XVII e XVIII. Gravura em metal.

e) Século XVIII. Litografia.

f) Século XIX. Gravura sobre madeira (a topo). Fotogravura. Tricromia.

A partir do século XIX aparecem os grandes periódicos ilustrados, revistas com abundância de gravuras, que, em cada país, e em grande núme-

ro, trazem a cada mês, a cada semana, até a cada dia, a ilustração gráfica dos acontecimentos da atualidade. Os jornais diários abriram espaço para as imagens e são publicados fartamente ilustrados.

As revistas de moda estavam entre as primeiras a publicar ilustrações.

3. Os maiores artistas de todos os tempos contribuíram para a ilustração dos livros. Alguns artistas desenhistas e gravadores se distinguiram particularmente como ilustradores.

4. Jamais houve tantos livros ilustrados e tantas ilustrações de livros. Além disso, nunca tantos artistas ilustraram ou se dispuseram a ilustrar um texto. Há 20 anos todos se dedicam a isso.

Na Alemanha, a ilustração de livros alcançou tão grande difusão que foi chamada de Illustrationsseuche (epidemia de ilustração).

Nossa época, afirma Neurath,* pode quase ser chamada de Era dos Olhos. A democracia moderna teve início com o discurso, a imprensa e o livro. Hoje, é o cinema, o cartaz de rua, a revista ilustrada e a exposição.

O livro realmente se torna cada vez mais uma mistura de textos e ilustrações. Qual é a melhor dessas combinações? 1° Inserção de ilustrações no texto. O texto, porém, não deve ser dividido e fragmentado por tantas reproduções, separado em retalhos quase invisíveis por inúmeros elementos não textuais, ao ponto de dificultar sua localização. Por outro lado, é difícil organizar, sem complicação ou monotonia, as ilustrações exemplificativas com os textos que as comentam. 2° Publicação separada do texto, acompanhada de um sistema conveniente de remissivas, de um volume de ilustrações e estampas. 3° Publicação na forma de monografias em folhas [*sic*], com a imagem como parte principal e o texto como seu comentário.

* Otto Neurath (1882–1945). Filósofo, economista, sociólogo e político austríaco. Contribuiu para o desenvolvimento da comunicação gráfica, principalmente ao propor o Sistema Internacional de Educação Tipográfica Pictórica, ISOTYPE. Ele e Otlet trocaram ideias sobre a função dos museus na educação. [N.E.B.]

222.31 Imagens reais

1. *Noção*. A imagem é uma figura que representa uma coisa, obtida por qualquer um dos processos das artes do desenho.

2. A superfície refletora formada pelo espelho e o vidro ampliou a visão do homem. Primeiro ele conseguiu se ver, depois conseguiu colocar sua visão em condições mais práticas, pela reflexão de ângulo, em ângulo como nas lunetas astronômicas.

Condillac instruía sua estátua mostrando-lhe imagens e sons.

3. Espécies de imagens reais que representam objetos, sua aparência física real ou artisticamente interpretada, desenhos à mão às vezes multiplicados pelos processos de reprodução e as imagens obtidas pela fotografia, que também podem ser reproduzidas tipográfica ou litograficamente, a fotografia também servindo para reproduzir o próprio desenho à mão. Desenho e fotografia podem ser documentários ou artísticos; podem ter em vista a ilustração ou ornamentação do livro; ser inseridos nele ou ser objeto de um documento distinto e separado.

Serão tratados, na seção 242, a fotografia, os carimbos e as gravuras; na 272, os processos de reprodução.

3. Teoria científica

a) Segundo a física, a imagem é a reprodução de um objeto como efeito de certos fenômenos ópticos: um espelho reflete uma imagem, a fotografia fixa a imagem da câmara escura, forma-se em cada olho uma imagem de um objeto. A imagem vista no espelho ou na água parece estar invertida.

b) Distinguimos a imagem real da imagem virtual. A imagem real é

aquela que se forma em um lugar diferente daquele que o objeto ocupa, pela convergência de raios desviados por refração ou por reflexão, como a que se forma na frente dos espelhos côncavos. A imagem virtual é aquela que não se deve à convergência efetiva dos raios luminosos. O olho recebe a impressão por causa de um erro dos sentidos que faz supor a existência do objeto no prolongamento em linha reta dos raios desviados, como são percebidos na parte de trás de todos os espelhos.

c) Existe na física (óptica) uma teoria da produção de imagens; em fisiologia, uma teoria da percepção das imagens; na psicologia, uma teoria da associação de imagens; na pedagogia, uma teoria educacional das imagens. A bibliologia exige uma teoria da transmissão dos conhecimentos por meio de imagens cada vez melhores, cada vez mais multiplicadas e difundidas ao máximo.

d) Em uma imagem (paisagens, retratos ou cenas de costumes), não se trata de relações explícitas, como acontece na linguagem (oração, sujeito, verbo, complemento), mas de relações implícitas. Pois, ou a imagem exprime relações preexistentes no espírito, no qual já estão traduzidas em palavras, ou, então, a imagem esboçada na origem é em seguida traduzida em palavras.

As relações e os elementos da imagem são suportados pelos objetos figurativos, pelas propriedades atribuídas a eles (tamanho, forma, cor), pelas relações de posição que ocupam. A imagem é de percepção simultânea, enquanto a linguagem falada ou escrita é de percepção sucessiva; portanto, a mente não pode percebê-la instantaneamente. A mente deve analisar as relações implicitamente incorporadas na imagem e então, uma vez entendidas, pode usar a imagem como uma substituição da síntese compreendida, substituição na qual é sempre capaz de encontrar todos os elementos analisados e também outros.

4. *A imagem e a mística*

1° Originalmente, a imagem reveste-se de um caráter mágico, místico e sagrado. A imagem não é apenas uma representação. Ela é alguma coisa do próprio ser representado. (O feitiço, o duplo.) A imagem participa do mesmo caráter místico que o nome de certos seres que nem sequer podem ser pronunciados. (O nome de Deus, o Evangelho que é sagrado, a Missa que não pode ser rezada na língua vulgar, comum, etc.)

2° A imagem 'mental' de um objeto é uma realidade particular, ao lado da realidade do objeto; trata-se de descrevê-la exatamente, de modo que, a partir exclusivamente da descrição, sejam deduzidas as propriedades particulares da imagem, que se opõem ao objeto físico e à forma da imagem.

3° Paracelso dizia que "o homem se transfigura no objeto por ele contemplado ou imaginado". No objeto contemplado, porque reflete todos os progressos feitos sob o impulso da espécie humana; no objeto imaginado porque nele o homem pode dar livre curso às antecipações de sua imaginação e criar uma imagem que atenda às suas aspirações mais elevadas e suas mais preciosas noções de perfeição e harmonia.

4° As meditações conhecidas e dirigidas sobre uma imagem material por sua própria forma, por seu aspecto sensível, tornam-se o ponto de partida de uma série de outras imagens internas que proporcionam um certo estado místico, a presença sentida de um culto religioso.[1]

[1] A liga Berneuchener dirigida por Wilhelm Stählin (Munster).

5° "Todo objeto reduzido de uma dimensão para outra jamais pode ser reproduzido de forma exata. O desenho de uma casa teria pouco ou nenhum significado se nunca tivéssemos visto uma casa; só veríamos linhas e sombras, ele não nos sugeriria nenhuma ideia. Um desenho sobre uma superfície plana reduz um objeto de três para duas dimensões: os quadros representativas dos períodos dos mundos e dos globos nas obras esotéricas, em que a realidade apresenta de quatro a sete dimensões, e se trata de interpenetração. O desenho aqui é análogo à representação do funcionamento de um relógio, alinhando as diferentes engrenagens num mesmo plano. Os quadros de realidades hiperevoluídas devem ser concebidos espiritualmente, caso contrário, em vez de esclarecer o assunto, causam confusão."[1]

6° Assim que o instinto do maravilhoso fez com que o homem admitisse a existência de seres sobrenaturais, ele sentiu a necessidade de representá-los por meio de figuras perceptíveis pelos sentidos e lhes conferiu a aparência, os gestos e a fisionomia dos seres vivos que tinha diante dos olhos. Logo se acostumou a identificar os seres divinos que havia concebido com as imagens que deles procurara fazer. Daí o culto de imagens ou ídolos (idolatria significa adoração de imagens).

A Igreja e as religiões organizadas sempre tiveram que lidar com imagens. O papel do duplo entre os egípcios; a proibição de imagens aos hebreus por Moisés. Os gregos não acreditavam na natureza divina de uma estátua de Diana ou Júpiter, mas atribuíam sutilmente algumas virtudes absolutamente maravilhosas a certos ídolos venerados. Na Igreja primitiva, a princípio as imagens não eram veneradas publicamente. Em torno do III ou IV século, a Igreja começou a ser menos severa quanto a isso. Os muçulmanos atacaram os cristãos nesse ponto e proibiram as imagens. Cristãos do Oriente manifestaram a mesma rejeição; um imperador os apoiou, o papa os excomungou. O culto das imagens triunfou, mas os protestantes iconoclastas modernos os atacaram nesse ponto.

7° Na Igreja católica romana, portanto, imagens e estátuas são usadas, enquanto nas igrejas orientais elas são proibidas. Em relação à veneração das imagens, a doutrina católica foi formulada pelo Concílio de Trento, em 1563. Honras e veneração lhes são devidas, não porque elas próprias sejam divinas ou possuam algum atributo especial, mas por causa das honras devidas àqueles que elas representam, aos seus protótipos. Entre os gregos, o culto das imagens é chamado de *dulia* (veneração secundária) em oposição à *latria* (adoração suprema) que só pode ser prestada a Deus.

8° Os milhões de imagens espalhadas por toda parte e dedicadas à sagrada escritura não representam nem os deuses nem os seus personagens em vestuário de época (como acredita a massa ignorante), mas de acordo com uma concepção idealizada que corresponde ao gosto de artistas posteriores. As escolas de pintura italianas exerceram uma influência dominante; isso vem do fato de que, na Idade Média, a Itália não era apenas a sede dos papas que governavam o mundo, mas também a produtora dos maiores pintores, escultores e arquitetos que se colocavam a seu serviço.

5. *Desenho*

"O desenho", afirma Leonardo da Vinci, "é uma imitação de tudo que é visível, feita com linhas. O desenho significa não só a forma particular dos corpos, mas também a analogia de todas as partes que formam o con-

[1] Max Heindel. *Cosmologie des Rose-Croix*. 1925, p. 201.

junto, que é chamado de *proporção*. [...] O conjunto é o que apresenta à visão a união de todas as partes de um corpo na sua própria proporção e a graça do conjunto nasce das relações e da harmonia dos movimentos.”*

* Leonardo da Vinci. *Traité de la peinture*. Paris: Perlet, 1803, p. 3-4. [N.E.B.]

6. *Desenho e fotografia*

O lápis dos artistas que sabem ver e compreender é dotado de flexibilidade, facilidade e elegância, desse dom de simplificação, dessa qualidade essencial que se chama toque espiritual e leve. Eles têm o talento para dizer muito com poucos recursos.

Mas a fotografia ajuda os artistas. Para eles, as impressões fotográficas são uma coleção incomparável de informações, de notas precisas, mil vezes superiores aos esboços do desenhista mais alerto e mais experiente.

Desenho e fotografia se completam. Há objetos que a fotografia representa imperfeitamente.

7. *O ensino e o desenho*

A escrita atual é substituída por desenhos. Por que não saber desenhar como sabemos escrever?

“De todos os exercícios que podemos imaginar para provocar a espontaneidade do pensamento, o mais natural, o mais lógico e o mais fértil é o desenho.”[1]

“Desenvolver o olho e a mão pelo desenho é desenvolver o sentido da observação, o raciocínio e a sensibilidade, é desenvolver os próprios instrumentos da inteligência, é dar a esta um meio de se expressar, de exteriorizar em formas a visão interior, porque o desenho é a ideia tornada visível. Desenhar é criar.”

“O desenho é o rei nas escolas dos Estados Unidos.”

A princesinha Elisabeth, da Inglaterra, recebe suas primeiras aulas de piano por meio de um novo método: as teclas eram marcadas com várias imagens de animais. (*Miroir du Monde*, 5 mars 1932, p. 295.)

8. *Perspectiva*

1° A invenção do desenho em perspectiva foi uma descoberta imensa para a técnica da representação. A terceira dimensão só foi representável a partir desse momento. Ela data de quando?

2° O primeiro esforço feito para representar a realidade esférica por meio de um plano foi a perspectiva. Se alguém não tivesse encontrado esse primeiro modo de representação, outro modo enxertado neste prestaria imensos benefícios. Por conseguinte, é necessário identificar o problema, as condições e os elementos da sua solução.

Geometria descritiva

Toda a geometria descritiva é dedicada ao estudo das projeções: projeção octogonal em dois planos, projeção oblíqua, cônica, esférica, globular, estereográfica. É a base da perspectiva e do desenho em perspectiva. É a teoria das sombras, da gradação e de sua representação. É a técnica da estereotomia.

A cartografia emprega várias espécies de projeções. a) Mercator; b) estereoscópica; c) cônica; d) Flamsteed; e) Flamsteed modificada; f) projeções polares.

9. *Caricatura*

A caricatura é a arte de expressar uma ideia por meio do desenho.

A caricatura (sátira, humor) constitui segmento importante de documentos.

[1] Jean Delville. *La défense de l’art*. 1932.11.1

Os nomes de Debucourt, Daumier, Monnier, Gavarni e Forain marcam um século da caricatura francesa, que mereceu uma exposição (1932) e o Salon des Humoristes.

222.32 Imagens esquemáticas

1. Diferentes das imagens que transmitem as aparências reais das coisas (imagens físicas e concretas) há aquelas que nos proporcionam a figura ideológica: imagens intelectuais e abstratas. As primeiras levam às segundas por meio de transições imperceptíveis.

Os esquemas são úteis para a assimilação de conteúdos pela mente, como também o são os quadros sinópticos e os de assuntos tratados no livro.

2. As imagens esquemáticas incluem: a) os esquemas propriamente ditos; b) os gráficos ou diagramas que traduzem os dados numéricos de medidas e estatísticas em linhas (curvas), superfícies e blocos.

3. Diagramas. Para representar valores numéricos, linhas e figuras de documentos de grande proporção, elaboramos diagramas que, por mais que sejam aproximativos, são, no entanto, muito interessantes.

Os diagramas são desenhos geométricos que servem para demonstrar uma proposição a ser resolvida, um problema, para representar a situação de algo ou para mostrar graficamente a lei de variação de um fenômeno.

Assim, os diagramas são formados por curvas que traduzem em linhas os números que medem os fenômenos. Duas curvas da mesma escala comparadas entre si mostram em sua diferença uma relação que, por sua vez, pode assumir a forma de uma terceira curva diretamente comparável às outras duas. Ex.: o diagrama de Rueff: uma relação entre a curva de desemprego e a que representa as relações dos salários com os preços por atacado.

O diagrama, figura geométrica, tem uma forma que varia com os dados representados. Pode-se conceber a criação de um aparelho que forneça um diagrama analógico do fenômeno, cuja configuração inteira varia de acordo as transformações do próprio fenômeno. As propriedades do diagrama podem ser estudadas matematicamente, especialmente pela trigonometria. Elas podem proporcionar medidas que serão aquelas dos fenômenos e um registro fotográfico que enseja um filme cinematográfico.

Os resultados de uma pesquisa podem ser vantajosamente mostrados na forma de diagramas. Ex.: van t'Hoff e seus discípulos, tendo formulado as leis da cristalização de sais marinhos, colocaram-nas na forma de diagramas triangulares (estereoquímica).

O harmonograma é o quadro cronológico de todas as etapas previstas para a realização de determinado trabalho a ser concluído em uma data estabelecida. É um instrumento de previsão, coordenação e controle pelo qual a gerência e seus colaboradores mantêm sob constante supervisão todas as operações específicas a serem realizadas. A concatenação e concomitância de todas as operações estão ali intuitivamente justificadas. Nenhuma memória humana poderia substituir esse instrumento sinóptico que permite realizar de maneira metódica e segura milhares de operações. Exemplo: o quadro cronológico da exposição de Bruxelas, de 1935, inclui 85 colunas verticais que podem conter quase 3 200 fichas e indicar as várias categorias de obras. Elas são cruzadas por colunas horizontais que permitem acompanhar mês a mês a realização de cada uma das obras projetadas, desde o início até o fim. A transcrição do harmonograma mos-

tra o resultado da análise de um arquivo administrativo e proporciona a imagem de sua vida.

4. Os gráficos também são desenhos simplificados. Eles constituem uma linguagem, a linguagem da linha. Em qualquer estudo em que a forma seja relevante (por ex., a zoologia), a arte do desenho registra as características e as vincula estreitamente à estática, à mecânica e à anatomia animal. Dá formas a esses três pontos de vista, numa compreensão rápida e segura.

No campo da botânica, descrições, chamadas de *pen portraits*, foram publicadas na Holanda. Em vez de diagnoses excessivamente detalhadas, encontram-se nessas obras descrições, esquemas, que, em um relance, equivalem a diagnoses. Não é mais a um texto que se dá acesso, mas à visão direta, esquemática.

5. Os organogramas das instituições (empresas, administrações, institutos, secretarias) visam a mostrar visualmente: a) a composição do sistema: seus órgãos, seu papel, sua composição, seu organismo; as atividades e a ordem em que devem ser executadas; os organismos acessórios; b) os vínculos entre as diferentes partes do sistema e algumas dessas partes e o exterior do organismo. Esses vínculos são um dos principais objetivos do gráfico; c) as funções e os nomes dos executores; d) a ordem cronológica de atividades e tarefas; e) os diversos métodos que sejam úteis conhecer para a execução do trabalho.[1]

6. A arte de elaborar esquemas (a esquemática) deve tornar-se um ramo da bibliologia; ela é, assim como esta, a teoria do registro e da exposição metódica dos conhecimentos científicos.

O lugar que o esquema deve ocupar no livro é indicado pelo seguinte quadro:

- Livro
  - texto (escrita)
  - imagem
    - concreta
      - real
        - desenhada
      - fictícia
        - mecânica (fotografia, decalque, registro automático)
    - abstrata

O avanço progressivo da constituição de uma linguagem esquemática comum consiste em: a) encontrar uma expressão diagramática para a exposição de qualquer ideia; b) chegar a um acordo coletivo sobre os esquemas básicos para que, uma vez realizados, os estudos atendam a todos; c) fazer com que, no esquema coletivo básico, cada um indique o que seu trabalho aporta de novo, seja como acréscimo ou como modificação. Bastaria atribuir cores que sejam convencionadas ao que é geral e conhecido, às peculiaridades individuais e às conclusões próprias do trabalho.

7. O Österreichische Gesellschafts- und Wirtschaftsmuseum, em Viena, produziu um verdadeiro renascimento dos hieróglifos da ideografia (*Wiener Methode*). No campo da estatística social, ele formulou este princípio: "O que pode ser expresso em imagens e cores não deve ser expresso em signos alfabéticos." Esse feito atendeu às necessidades da visualização e da estética.

8. No caso das tipografias, será preciso fundir fontes para a composição tipográfica de diagramas e cartogramas. Se elas existissem e se as

[1] Ver principalmente o gráfico da organização do controle orçamentário elaborado pelos srs. F. Greiner e A. Martynoff. *Bulletin du Comité National Belge de l'Organisation Scientifique*, 15 juillet 1932, p. 88.

indicações para seu uso fossem formuladas e difundidas, os autores certamente achariam uma maneira de expressar ou especificar muitas ideias ao usá-las, recorrer a clichês especiais, de preço geralmente proibitivo.

222.33 Padrões decorativos

1. Ilustração é uma coisa, decoração é outra. Composição pitoresca e composição decorativa.

2. Na Idade Média, a caligrafia empregava ornatos, miniaturas, vinhetas de toda espécie.

No início, a gravura em madeira, então chamada de gravura em relevo, era executada com madeiras lenhosas e fibrosas, de faia ou de abeto, usando como única ferramenta um canivete. Os entalhadores de imagens simplesmente se esforçavam para gravar o desenho traçado na madeira; nisso empenhavam muito pouco de ciência e toda sua alma: seus ingênuos fac-símiles jamais foram superados.

O que chamamos de adaptação tipográfica é procurado hoje como uma qualidade muito rara. Naquela época, ela surgiu espontaneamente, um dia em que o gravador traçou o desenho e a letra no mesmo bloco. O instinto e o gosto fizeram o resto: nunca imagens mais francas e vigorosas se casaram tão harmoniosamente com o texto.

Infelizmente, durante o século XVI, outra busca veio alterar o caráter próprio da gravura em madeira. Os gravadores que buscavam produzir os efeitos da perspectiva aérea das pinturas imitavam as obras encantadoras das gravuras abertas em cobre com buril, que se desenvolvia paralelamente. O talhe se estreitava continuamente, comprometendo o resultado da impressão.

Nos séculos XVII e XVIII, a gravação em cobre substitui a xilogravura no livro quase completamente. A água-forte, especialmente, nessa época gloriosa, alcançou um êxito notável. Devido à precisão do traço e à agilidade sedutora da técnica, ela atinge admiravelmente seu objetivo: o arabesco brota espontaneamente na página, ilustração direta, viva, acompanha o texto rapidamente em graciosas fantasias, enquanto o preto dourado do entalhe se harmoniza prazerosamente à cor das fontes, resultando numa unidade perfeita. Durante a Revolução, o livro bonito [*beau livre*] desaparece completamente, e todas as tentativas do século XIX não conseguiram renovar as boas tradições dos séculos anteriores. Do ponto de vista da ilustração, as diferentes técnicas de gravação se fundem ou colidem; a gravura em madeira, que vegetava tristemente, tornou-se interpretativa, diz-se 'em tom' e procura traduzir com as tintas todas as nuanças do modelo. Além disso, o buxo substituiu a madeira fibrosa e sua composição perfeitamente homogênea, resistente e plástica, se presta a todas as virtuosidades do buril... mas, infelizmente, a habilidade jamais substituiu a arte.

A gravura desapareceu do ofício e o surgimento da fotografia veio completar sua derrota.

3. Foi em torno de meados do século XVI que a gravura a talho-doce foi introduzida no livro. As primeiras gravuras deste tipo têm uma fatura rígida imposta pela ferramenta. — Jacques Callot e Abraham Bosse, no entanto, conseguiram dar ao buril uma leveza extraordinária que, modificando a técnica de gravura, preparava o advento da água-forte. — No século XVII, os grandes mestres trouxeram a arte da água-forte à sua mais alta perfeição e, seguindo o inesquecível exemplo de Christophe Plantin, que recorreu a Rubens para suas ilustrações, todas as novas editoras

deram preferência à gravação em cobre. — No reinado de Luís XIV — a idade de ouro do buril — a água-forte chega a seu pleno florescimento e os discípulos de Simon Vouet enfeitam os livros com reproduções ou criações gravadas em profusão.

Sob Luís XV, a mania da água-forte chega ao auge. Esse é o momento em que todos a praticam e a própria madame de Pompadour não hesita em nela colocar seus lindos dedos. — O livro é enriquecido com vinhetas graciosas, delicadas, com motivos da natureza, enfeites de arabescos e encantadoras composições de mestres e pequenos mestres do século XVIII, cujas impressões de um amarelo-ouro [sic] se harmonizam tão bem com as elegantes fontes de tipos da época. — No século XIX, a invenção da fotografia acarretou a decadência da gravura, precipitando a do livro. (Tattegrain.)

* Francis Tattegrain (1852–1915). Pintor francês. [N.E.B.]

4. Nossa época tende a suprimir os ornamentos. Ela, no entanto, não aprecia menos as belas formas bem proporcionadas, harmoniosamente ricas em cores; ela as encontra particularmente na natureza. O modernismo evolui rapidamente, já se pode considerar que ele retrocede a 1900, 1910, 1920 e 1925.

5. Alguém indagou: um livro deveria ser enfeitado apenas com elementos ornamentais ou deveria ter representações dos personagens? Contra a figuração de personagens alega-se que há um grande risco em lhes atribuir um corpo. Cada leitor faz isso segundo seu temperamento e seu gosto. Um artista precisa ser um gênio para impor a sua concepção de personagem. (Ex.: Gustave Doré criou Gargantua, Naudin encarnou *O sobrinho de Rameau*, Brouet, *Les frères Zemganno*). Um ornato, uma paisagem, pelo contrário, acompanharão o texto sem entrar em conflito com ele. Assim faziam os editores franceses do século XVII. Os deste pós-guerra retornam às versões semiluxuosas ou simplesmente tipográficas.[1]

Fernand Lot disse sobre Gustave Doré: "Tradutor do sonho dos mais elevados poetas de todos os tempos, ele não esteve aquém da sua tarefa. Ele soube tão bem incorporar seu próprio sonho que, sem ele, Cervantes, Dante e Ariosto seriam empobrecidos."

6. Existe toda uma geometria de traços, baseada sobretudo em projeções e na perspectiva. Há uma composição decorativa resultante da combinação de pontos, linhas, planos e panos de fundo.

O monograma é um signo emblemático composto de letras entrelaçadas ou ligadas que representam o nome próprio de uma pessoa.

7. Devemos aplaudir o progresso alcançado pelos processos fotomecânicos. Do ponto de vista documentário, o campo da ciência é um dos mais vastos e não tem qualquer interesse em cruzar seus limites. Por outro lado, o campo da arte pertence aos artistas, e o livro de arte necessita de especialistas conscientes. O livro é um conselheiro; ele guia, inspira e educa. O *beau livre* é, além disso, um amigo precioso. É preciso poder amá-lo sem segundas intenções e, para isso, nenhum detalhe dele pode ser negligenciado.

222.4 A página. A estética do livro

1. *Noção*. Da aplicação dos vários elementos gráficos resulta a página, bem como o aspecto que ela assume: página de texto, página de ilustração ou página mista.

[1] Raymond Hesse: *Le livre d'après-guerre et les sociétés de bibliophiles.*

Os elementos da página são: a) os caracteres tipográficos; b) as ilustrações; c) a ornamentação; d) a justificação (largura do texto, daí a largura das margens); e) o lugar atribuído aos elementos, as colunas; f) os claros, as margens; g) a paginação. Os primeiros três pontos foram tratados anteriormente.

A paginação é para o livro-documento o que a cenografia é para o teatro.

Cada parte do livro, cada espécie de livro, cada parte de cada uma das espécies dá origem a um tipo de apresentação da página impressa. Esses tipos combinam elementos comuns com outros que lhes são próprios.

A disposição da página foi cuidadosamente estudada, tanto para facilitar a leitura, por um lado, quanto para responder às aspirações estéticas, por outro lado. A prática e a bibliofilia tornam-se leis. A página destina-se a ser visualizada (lida). Por conseguinte, o mecanismo da visão está em jogo. As leis da óptica e da oftalmologia devem ser identificadas e observadas acima de tudo.[1]

2. *Histórico*. A página de texto mostra-se muito diferente conforme a época. Grécia: compacta, sem pontuação. Idade Média, iluminada. Renascimento: glosas, comentários. Moderna: ilustração e entretítulos.

Os primeiros livros impressos eram perfeitos sob todos os pontos de vista, desde o papel até a encadernação que perdurou por séculos. Seguiu-se um período de hesitação e de relativa decadência da arte tipográfica, que pode ser perfeitamente caracterizada por produções tão feias e que bem conhecemos. No início do século XX, houve, do ponto de vista artístico, um renascimento na imprensa.

Hoje em dia, verifica-se uma influência do estilo dos impressos publicitários e dos cartazes no estilo dos livros e da composição. O destaque aos elementos tornou-se mais ousado.[2]

3. *Os caracteres tipográficos*. Existem signos numerotécnicos que contam com mais de quatro mil anos de existência, signos 'alfabetiformes'.

Depois que o formato da edição é fixado em grandes linhas, a primeira coisa a fazer é escolher um tipo cuja fisionomia guarde relação com o espírito do texto. Essa sintonia entre a obra literária e sua notação tipográfica é absolutamente necessária, pois sempre influenciará o leitor, mesmo que ele não se dê conta disso. A principal qualidade a procurar é a legibilidade perfeita, e é sempre arriscado adotar uma fonte nova e insuficientemente testada.

Evitar textos escritos totalmente em maiúsculas. A caixa baixa é mais legível do que a alta. Todo o texto composto em maiúsculas pode atrair atenção, mas a fadiga de leitura logo se instala. A diferenciação de corpos e famílias de tipos é um ótimo recurso para distinguir as várias espécies de dados em um texto. Por ex., entre o principal e o secundário; entre o resumo e o próprio corpo do trabalho; as divisões do próprio texto ou notas.

4. *Linhas*. A composição tipográfica ocorre em linhas contínuas. Poderíamos, se quiséssemos, dar-lhe a forma de certas figuras.

No *Élan*, de 1926, Osenfant dedicou-se à pesquisa tipográfica (psicotipia). Ele tentou adaptar a expressão óptica dos caracteres de impressão ao sentido das palavras. E concluiu: o efeito produzido pelas 'formas sensíveis' é poderoso mesmo quando se trata de signos convencionais; as formas sensíveis não são convencionais, mas imperativas.

---

[1] a) Dr. Javal. *La lecture et l'écriture*. b) Cock. *Les Annales de l'Imprimerie*, oct. 1910, p. 133.

[2] O *Manuel de géographie* dos irmãos Alexis apresenta formas características do emprego de textos variados e subordinados.

5. A *largura das linhas*. A largura das páginas tem importância porque permite a inclusão de dispositivos sinópticos que, somados à clareza do texto, facilitam e aceleram a referência a todas as partes do tema.[1]

Há condições fisiológicas impostas aos livros por nossos órgãos. Sabe-se o quanto é penoso ler linhas compridas que impõem um reconhecimento difícil a cada fim e a cada começo.

Os jornais abriram o caminho para a justificação fisiológica e racional, especialmente os jornais ingleses. Jornais apresentam sete colunas de 5,5 cm lado a lado (*L'Indépendance Belge*). A ficha de 12,5 × 7,5 cm equivale à largura de duas colunas de jornal. Nos livros, muitas vezes são adotadas duas colunas, quando se trata de um grande formato. A Liga das Nações produz uma quantidade de textos impressos cuja leitura é, muitas vezes, desmotivadora porque não atende a esses requisitos. Os documentos dela, tão difíceis de ler, possuem linhas de 14 cm, quase dois terços maiores do que três colunas de jornal.

As revistas estão experimentando caracteres cada vez menores e justificações cada vez mais estreitas. Ex.: *Le Mouvement Communal* (Bruxelles) frequentemente imprime suas páginas (19 × 25) em três colunas, caracteres pequenos, sem fio de separação.

6. A *paginação*. Toda uma paginação, com colunas, meias-colunas [*sic*] e recuos, foi realizada para tornar o texto mais claro, mais rapidamente assimilado, para permitir remeter mais rápida e diretamente a uma passagem já lida ou a ser descoberta.

Ex.: As seções do conselho de Estado francês faziam relatórios que eram impressos na metade da página junto com o do ministro. — As tabelas da Classificação Decimal, edição francesa e edição inglesa, apresentam paginação bem equilibrada.

Da paginação decorre o costume de interromper o texto dos artigos de jornal, deslocando sua continuação para mais adiante, e o de dispor os artigos de revistas, a fim de facilitar o recorte do fascículo valendo-se de um único exemplar.

Um exemplo típico de disposição de texto é dado pelos registros bibliográficos impressos em fichas e, em geral, por muitos formulários ditos administrativos.

7. *As margens*. As margens são o espaço em branco existente nos lados do texto de um livro ou de um desenho. É necessário manter uma proporção das margens com os textos, dos claros com as manchas. As margens são às vezes usadas para rubricas que informam os temas tratados, para rasuras, para as referências aos textos básicos. Margens generosas servem para as anotações marginais feitas pelo leitor.

8. *As colunas*. O sentido de leitura do livro. A coluna divide as páginas de um manuscrito ou de um impresso ao meio pelo recurso de um claro ou um fio de separação de cima a baixo. A página pode ser dividida em várias colunas. Por exemplo, as páginas de jornais, dicionários e grandes enciclopédias, e as de edições poliglotas.

Os livros orientais se abrem da esquerda para a direita, os livros ocidentais da direita para a esquerda. As páginas podem ser dispostas na horizontal em relação à encadernação, ou na vertical.

É desagradável ter que mudar o sentido de leitura e visualização de um livro, de um álbum ou de um atlas. Esforçar-se para imprimir todas as

[1] Exemplo: *Liquidators index and summary of the companies act and winding of rules*, 1929, by J. H. Senior and H. M. Prak. London, Sir Isaac Pitman.

ilustrações no mesmo sentido, de modo que não seja preciso virar o livro.

9. *A estética do livro*. A apresentação tipográfica deve ser objeto dos mais rigorosos cuidados. É na escolha dos caracteres para títulos, subtítulos e entretítulos, é na divisão do todo em parágrafos bem equilibrados que residem em grande parte as condições da bela e boa página escrita ou impressa.

A tipografia simples é uma verdadeira arte, pela estrita proporção de caracteres e títulos, pela ordenação dos claros, por todos esses detalhes, cuja reunião produz essa coisa requintada e rara: um belo livro.

Os princípios fundamentais que William Morris se comprometeu a observar são os seguintes. É importante nada negligenciar para se fazer um bom trabalho com material impecável; o que constitui a unidade do livro não é a página isolada, mas a página dupla do livro aberto, os dois blocos de texto separados apenas por um espaço estreito na dobra da folha; a largura das margens deve aumentar na seguinte ordem: cabeça, dianteiras e pé. Morris atribuiu importância capital ao espaçamento, não só quanto à posição do olho da letra em relação ao pé, mas também quanto à distância entre as letras de uma mesma palavra, as palavras de uma mesma linha, as linhas de uma mesma página. Ele mostrou que, mesmo sem a menor tentativa de ornamentação, um livro pode se tornar uma obra de arte, desde que os tipos sejam bem desenhados, sobre uma base reta, da mesma natureza e reunidos na composição sem 'claros inúteis'. Morris queria que a ilustração, fosse ela uma estampa ou um ornato, fizesse parte integrante da página e se enquadrasse no projeto do livro.

Assim, a estética, do ponto de vista da tipografia, é a arte que consiste em dar às obras que são realizadas o sentimento que devem expressar. A estética é a ciência que permite estabelecer os princípios e as regras da beleza. Para que uma obra de arte aplicada seja digna de atrair atenção, ela deve satisfazer às três condições seguintes: a) cumprir seu propósito; b) ter empregado logicamente os materiais dos quais ela é composta; c) ser concebida como uma forma de arte que reflita a época em que o trabalho foi criado. Para o livro, os dois primeiros pontos situam-se no campo da técnica tipográfica. O terceiro ponto é do domínio das artes aplicadas.

Artistas e ilustradores colaboram na produção do livro, criando letras ornadas, cabeções, *culs de lampes*, ilustrações variadas. Por isso, o pode-se considerar o livro uma arte aplicada. Quando ilustrado, não se pode mais separá-lo das artes plásticas. Os artistas do livro foram muitas vezes inspiradores de várias formas de ornamentação; ajudaram na criação de estilos, isto é, na forma gráfica do caráter de um povo em determinada época.

No passado, o livro deu à ilustração o estilo de seu tempo. Em nossa época, existe um estilo moderno consentâneo com as exigência de nosso tempo, ao qual cada povo criador legou as marcas de seu próprio gênero. O livro será desse estilo *nouveau*, estilo muito intrincado, mas tão sábio e de grande sabor artístico quando tratado por um homem talentoso.[1]

O livro identificou o problema da arte aplicada, da arte aliada à indústria e que incorpora um pensamento, um sentimento, uma harmonia às coisas do uso diário. Este problema, que é muito apaixonante, apresenta-se para o livro em condições especiais: a sua multiplicação. O livro é um pensamento que foi concretizado.

Alguns editores destacam-se ao tratar um folheto simples com a importância de um livro, tanto pelo uso de fontes de impressão cuidadosa-

[1] L. Titz. *L'esthétique du livre moderne*. Publication du Musée du Livre, XIII, 1910.

mente escolhidas, quanto pela disposição gráfica e pela inclusão de ilustrações ou ornamentos específicos para desvelar e realçar a decoração.[1]

Mas a arte aplicada ao livro nem sempre foi cuidadosamente distribuída. "As obras menos destinadas a permanecer nas bibliotecas, esses milhares de opúsculos cambaios sobre questões da pequena erudição de província, ou esses romances retardatários de capa e espada, geralmente são mais bem impressos e mais cuidados, ao contrário de outros mais importantes compostos com cabeça de prego* e em papel esfarelento." (Bouchot, *Le livre*, p. 238.)

* Cabeça de prego é o tipo gasto e que produz impressão defeituosa, devido ao olho amassado ou entupido de tinta. (Frederico Porta, *Dicionário de artes gráficas*.) Em francês: *tête de clou*. [N.E.B.]

223 Elementos linguísticos. As línguas

Os documentos na sua maioria são constituídos por elementos linguísticos; eles são expressos em determinado idioma; são uma tradução em signos alfabéticos das palavras da língua.

Há quatro termos a serem lembrados: a) a *realidade* ou a universalidade das coisas existentes; b) o *pensamento*, que concebe a realidade e organiza seu conhecimento científico, ou que, partindo da realidade, combina as concepções segundo as possibilidades da imaginação; c) a *linguagem* que expressa o pensamento; d) a *documentação* que registra e fixa a linguagem.

A documentação interessa-se, portanto, por tudo que se relacione às línguas. As questões relacionadas às línguas são complexas; suscitam um grande número de perguntas: o que é uma língua, quais são suas espécies e variedades, de onde vêm, como evoluem e se transformam.

Qualquer aperfeiçoamento da língua implicará aperfeiçoamento do livro. Daí o interesse: a) no desenvolvimento da língua; b) no desenvolvimento da literatura; c) nas línguas artificiais internacionais que evoluíram bastante; d) na reforma ortográfica, que se impõe cada vez mais à medida que a educação se torna mais democrática e as massas populares são chamadas para conhecer a escrita e a leitura; e) nas reformas recentes: extensão alcançada pelo estudo de idiomas, número de pessoas que falam mais de uma língua, simplificação de línguas, da ortografia e da escrita; influência dos movimentos políticos (nacionalidade) e dos movimentos econômicos (negócios) no movimento cultural em que a língua é uma das expressões; influência da língua escrita sobre a língua falada, especialmente em sua fixação, traduções.

223.1 Noções

1. *Relação entre realidade, linguagem e ciência*. Existe um vínculo genético entre linguagem, realidade e ciência. Em tese, diz Condillac, "a arte do raciocínio reduz-se a uma linguagem bem feita. Na verdade, a arte de raciocinar reduz-se à análise e as línguas são os únicos métodos analíticos verdadeiramente perfeitos. Os homens começam a falar a linguagem de ação tão logo a sentem e a falam sem a intenção de comunicar seus pensamentos. Somente manifestam o intuito de falar para se fazer compreender ao perceberem que são ouvidos, mas no início ainda não projetam nada, porque não observaram nada. Então, tudo está confuso para eles em sua linguagem e nada estará claro enquanto não aprenderem a analisar seus pensamentos." * Em outras palavras: a) cada um tem sua própria experiência; b) cada um relata sua experiência em termos genéricos que constituem sua língua; c) os termos genéricos de cada um são cotejados

* Condillac, Étienne Bonnot de (1714–1780). *La logique ou les premiers développements de l'art de penser*. Paris: L'Esprit, 1780, p. 77. [N.E.B.]

[1] Ver principalmente: Anatole France. *Discours prononcé au cimetière de Montmartre le 5 octobre 1902*. Paris, Edouard Pelletan, 22 p. in-4º.

e, mediante a linguagem, compartilham-se as experiências; d) o registro da experiência e os documentos, por meio da linguagem comum, generalizam e coordenam a experiência e a língua específica em geral.

Para os pitagóricos, entre os quais Platão e, em grande parte, os primeiros padres da Igreja, o menor ser não é senão a realização do pensamento divino. (*In principio creavit Deus caelum et terram. In principio erat Verbum.*) Eles denominaram *logos* o pensamento divino e consideraram a natureza como um discurso interminável de palavras divinas, como o grande sopro pelo qual as ideias se transformam na música das palavras. Como corolário do pensamento humano é a fala, o do pensamento divino é a criação. Essa comparação não poderia ser estendida à documentação?

2. *A língua e o ser humano*. A língua está na essência do ser. Não se trata apenas de uma forma fortuita que pode ser alterada sem mudar o próprio conteúdo do que ela apreende ou exprime. Toda experiência que ocorre na vida psíquica do homem tem seu caráter determinado pelo caráter da língua. Ela não só expressa coordenações lógicas, como uma forma algébrica de valor uniforme e universal, mas também conteúdos emocionais, pessoais no mais alto grau. E isso não só do ponto de vista do homem como indivíduo, mas também no sentido do que se poderia chamar de personalidades coletivas. Pois a comunidade linguística não conecta apenas coisas individuais, mas também o conjunto dessa comunidade humana com todo o passado em que ela se formou. O cuidado com as palavras, suas afinidades emotivas características, os torneios da frase e as estruturas idiomáticas, a literatura na qual tudo isso fixou solidamente o sedimento espiritual de um longo passado cultural comum. Em nenhum lugar o chamado subconsciente coletivo ou a 'memória coletiva' da espécie existe de forma mais vívida e mais expressiva do que na língua, e a expressão 'língua materna' bem indica que se trata de uma colaboração íntima entre herança biológica e social.[1]

A linguagem é humana no sentido de que somente existe graças aos homens e entre os homens. Ela se faz presente em três momentos: a) linguagem interior (pensamos em grande medida com palavras e signos); b) linguagem falada com o emprego de sons; c) linguagem escrita que reproduz os sons da linguagem falada ou os signos.

3. *O vocabulário*. Toda uma construção intelectual se faz com base nas palavras. Nas frases, as palavras têm significado específico. A srta. Desœuvres compilou uma lista de 2 903 palavras presentes no vocabulário de uma criança de sete anos (o desenvolvimento da criança de 2 a 7 anos). Segundo L. e E. Aufroy, o vocabulário segue uma progressão ascendente de 4 900 a 19 800 palavras de 7 a 14 anos. (*Bulletin de la Société Binet*.)

A impossibilidade de transmitir o pensamento é absoluta e insuperável. O ouvinte só pode, por uma inferência de seu próprio pensamento, concluir que aquele que fala pensou a mesma coisa que ele. O que acontece na fala entre duas pessoas é simplesmente um som, desprovido de qualquer sentido. As palavras assim compartilham essa natureza dupla: ter um significado e ser um som.

Todo homem adulto é o repositório vivo de um conhecimento profundo da linguagem. Não somente possui um vasto repertório de palavras, mas ele é, de certa forma, um artista na forma de usá-las.[2]

4. *Domínio da língua*. Um japonês disse: a língua não é apenas viva, ela

---

[1] Henri De Man. Nationalisme et socialisme. *Équilibre*, mai 1932, p. 26.

[2] Gardiner, Alan H. 1932. *The theory of speech and language*. Oxford, Clarendon Press.

é uma criatura dotada da mais delicada sensibilidade. Ela dirige o homem muito mais do que ela é dirigida. O homem pode ser livre para pronunciar a primeira palavra, mas ele tem menos liberdade quanto às palavras seguintes: o prestígio da língua começa a agir e conduzir o pensamento.

5. *A linguística e a filologia*. A linguística estuda a fonética e a estrutura (morfologia, sintaxe) das línguas (dialetos, idiomas) com vista à classificação sistemática e dedução das leis gerais que emergem dela. O que predomina no linguista é o espírito de comparação e síntese. A filologia estuda uma língua ou uma família de línguas detidamente; faz a crítica dos documentos, esforça-se por situá-los no tempo e no espaço e explicar seu significado profundo, determinar a autoria e verificar a autenticidade (crítica e hermenêutica). Estuda a gramática da língua de que se ocupa, nos diferentes períodos de sua evolução, traça a evolução fonética, morfológica e sintática (gramática histórica) e a evolução lexicológica nas pesquisas sobre etimologia (dicionário etimológico). Finalmente, estuda a gênese, a transformação e a evolução dos gêneros literários e da literatura em geral, tanto de uma quanto de um grupo de línguas (história da literatura). Compara as diferentes literaturas do mundo nos estudos gerais (história comparada das literaturas). Para alcançar esses objetivos, a filologia recorre a várias ciências auxiliares. O elemento dominante no filólogo é o sentido histórico e o culto do belo. A filosofia da linguagem é a apresentação das conclusões da linguística e da filologia levando em conta os resultados obtidos no campo das ciências a ela relacionadas.[1]

A linguística é a ciência da linguagem como fenômeno natural. Ela está relacionada ao estudo científico das várias línguas existentes ou que um dia existiram: filologia comparada, etimologia científica, fonologia, glossologia, gramáticas comparadas, idiomografia, filologia etnográfica. (Sobre as relações da linguística com a bibliologia, ver seção 152.)

6. *Psicologia*. Para Meillet (características gerais das línguas germânicas), a filologia comparada baseia-se neste princípio psicológico: para dar conta das transformações, recorre às tendências ou 'princípios ativos de mudança'. A realidade de suas tendências sendo medida pela realidade de sua manifestação nos fatos, não há inconvenientes em postular sua existência antes mesmo de se traduzirem nos dados, bem como sua persistência após sua última manifestação conforme a ordem cronológica.

7. *Divisão da linguagem*. Raoul de la Grasserie apresentou as seguintes divisões naturais de cada língua comum.

8. *A gramática*. a) A gramática se define como a arte de ensinar a falar e a escrever corretamente. Ela surgiu muito tempo depois da poesia e da retórica. Os primeiros vestígios encontrados no Ocidente estão dispersos em Platão e Aristóteles; ela começou a formar uma ciência à parte somente quando os filósofos de Alexandria e Pérgamo passaram a analisar a língua grega. A gramática mais antiga é atribuída a Dionísio Trácio, discípulo de Aristarco. Foi somente no final do século XVIII que apareceu a primeira gramática filosófica, graças a Arnauld, e muitas vezes designada pelo nome de *Méthode de Port Royal*. No século XIX, S. de Sacy publicou sua *Grammai-*

[1] Classificação decimal, divisão 4. Observação L, p. 282. Diferentes definições de filologia: Boeck, o conhecimento do que é reconhecido, ou seja, do que é apreciado, àquilo que se atribui valor. Naville: a ciência das obras duráveis nas quais o homem incorporou, com arte, a vida de seu espírito (obra literária e obra de arte) — (portanto duração e valor). É uma ciência histórica, mas também uma ciência econômica. Salomon Reinach: a filologia abarca o estudo de todas as manifestações da mente humana no espaço e no tempo. É diferente da psicologia propriamente dita que estuda a mente por meio da consciência, independentemente do espaço e do tempo, na sua essência e não nas suas obras.

re générale. Atualmente, temos gramáticas de todas as línguas, inclusive de povos primitivos cujas falas foram estudadas pelos linguistas.

	SILABOSCOPIA (A sílaba)	PREMIASCOPIA (A palavra)	PRATERSCOPIA (A frase simples ou composta)
Fonologia	Gama de fenômenos, quantidade, gênese, crescimento, decrescimento	Harmonia vocálica, acento tônico, apofonia, perifonia	Acento das proclíticas e enclíticas, ligações
Morfologia	Diferenciação nas línguas monossilábicas	Lexicoscopia, raiz, reduplicação, composição, derivação, variação vocálica, formas do gênero, do número, da determinação, do tempo	Gramatoscopia, declinação e conjugação, seja sintética por flexão interna ou externa, ou variação vocálica, ou analítica por preposição
Ideologia	Diferenciação do significado das palavras, por meio de diferentes sons. Diferenciação da parte do discurso à qual uma palavra pertence, de acordo com a ordem dos monossílabos	1° Conceito e emprego do gênero, do número, da determinação, do tempo. 2° Conceito e emprego das diferentes partes do discurso. 3° Conceito das ideias e sua aplicação às palavras ou sensíticos [sic]	1° sintaxe de uso, emprego da declinação e da conjugação, preposições, etc. 2° Sintaxe da concordância. 3° Sintaxe da expressão das relações pela ordem obrigatória das palavras

b) Alguns gramáticos (James Harris) reduziram a duas classes principais as dez categorias de palavras às quais a análise reduz todo o discurso: 1° palavras significativas em si mesmas ou principais: uma vez que há só substâncias e atributos (advérbio, adjetivo, particípio-advérbio), as palavras não podem ser apenas substantivos (nomes próprios, nomes) ou atributos (advérbio, adjetivo, particípio adverbial); 2° as palavras significativas por relação ou adesão. Servem para melhor designar ou determinar os seres (definidos), ou para unir entre si seres ou fatos (conectivos: artigos, pronomes demonstrativos, possessivos, indefinidos, a conjunção e a preposição que certas línguas substituem por meio da declinação).

As noções de duração, de tempo e de espaço em sua acepção metafísica dão forma à linguagem. O pensamento analisado libera os modos de proposições que são perceptivos (indicativo dos verbos) ou volitivos (outros tempos verbais).

223.2 A fala e o escrito

1. *A fala*. A fala é um som articulado que exprime uma ideia propriamente dita. O som articulado é o que resulta não apenas da emissão de vogais, mas também de consoantes e, portanto, de sílabas. A palavra, como dizia santo Agostinho, é o mais importante dos signos, deles é o soberano. "Verba obtinuerunt principatum significandi." * Somente a fala é totalmente viva, a escrita é morta e somente renasce mediante a interpretação, como Platão já havia observado.

Eloquentia, em latim, significa a arte de bem dizer o que se tem a dizer. Além da literatura, da expressão e do expressado, existe o 'inefável':

* No original de santo Agostinho: "Verba enim prorsus inter homines obtinuerunt principatum significandi quaecumque animo concipiuntur." *De doctrina christiana*, II, 3, 4. [Pois a palavra é o principal meio de que dispõem os homens para exprimir o que lhes passa no espírito.] [N.E.B.]

alcançar pela meditação zonas de pensamentos que ultrapassam o nível da expressão verbal onde qualquer pensamento, limitado pela expressão, perde imediatamente sua qualidade. Tem início, então, a função da sugestão.

Ampliar cada vez mais a palavra — não verdadeiramente em círculos nem em ondas concêntricas — pois as ondas na superfície da água são criadas por choques e permanecem na superfície, enquanto a palavra e a ampliação da palavra devem ocorrer por ligação e é a imagem da espiral, a espira da palavra ampliando-se, elevando-se sempre mais.

2. *A palavra sagrada*. A palavra conserva até hoje algo de misterioso e superior.

Deus definiu o Verbo: "Et Deus creat Verbum."[1]

As quatro letras hebraicas I, H, W e H correspondem à ideia de Deus. A Septuaginta traduz *Jehovah* como *Kurios e a* Vulgata como *Dominus.*) Grandes discussões foram causadas por causa da maneira de pronunciar essa palavra. Na realidade, a verdadeira pronúncia somente seria conhecida pelo grande pai; ela acabou se perdendo. Até mesmo teríamos adquirido o hábito de não enunciar por completo o 'inefável' tetragrama e substituí-lo diretamente por *Adonai* ou, como entre os samaritanos, pelo vocábulo *schema*, que significa, literalmente, 'o nome'.

Keyserling mostra, em tudo que parte do espírito, um comportamento que tem a aparência de paradoxal para nossa alma terrestre: feitiçaria, magia, verbo e símbolo parecem impor-se a nosso mundo como pensamentos inquietantes vindos de alhures.

3. *Conversa e conferência*. A conversa versa sobre qualquer assunto e inclui todos os gêneros; a ela pertencem as entrevistas jornalísticas. A entrevista gira em torno de coisas importantes e ocorre entre duas pessoas ou um pequeno grupo. O diálogo é a entrevista ou conversa que um autor atribui a seus personagens nos livros ou mesmo no palco. Em sentido mais amplo, o diálogo é a entrevista considerada do ponto de vista literário. A conferência trata de assuntos importantes e pode ter um conteúdo imaginário ou didático. O colóquio é uma conversação que versa sobre temas religiosos e da qual participam comumente pessoas qualificadas para isso. As palavras estudadas antecipadamente dão origem a discursos, orações, sermões, panegíricos, homilias, pregações, alocuções, arengas, falas jurídicas.

b) Os conversadores, os contadores de histórias, raça quase desaparecida desde a invenção da imprensa e principalmente graças à multiplicidade de jornais, desempenharam um importante papel nas sociedades precedentes. Eram os rapsodos na Grécia, os bardos na Gália, os escaldos nos países nórdicos. Guardiães das tradições, contam para os guerreiros os nobres feitos de seus ancestrais e mostram às gentes as histórias maravilhosas de sua origem. Quando seu papel heroico termina, depois que a escrita perenizou as tradições de que ele é o depositário, isso não o leva a desaparecer; agora ele se limita a entreter aqueles que outrora ele instruía e então surgem os contos, as histórias, que, incessantemente, serão repetidos, ampliando e compondo uma nova fase, não menos curiosa, na história do espírito humano. Os contadores de Roma e os dos países do

1 "Santo é Deus, o pai de todas as coisas [...] Tu és santo, pois que, pelo Verbo, constituíste tudo o que existe [...] Recebas os puros sacrifícios em palavras que te oferece uma alma pura, um coração dirigido para Ti, ó inexprimível, ó indizível, Tu que somente o silêncio pode nomear." *Corpus Hermeticum*, 31)" (Hermes Trismegisto.)

Oriente eram amiúde incumbidos de desviar a atenção do povo da liberdade perdida. Os califas ordenavam que cada café tivesse seu contador de histórias. No Japão os contadores ainda têm uma função importante. Na Idade Média, na França, eram os jograis, os trovadores e os menestréis que iam de castelo em castelo, de morada em morada. Mais tarde, transformaram-se nos elegantes *causeurs* dos salões e dos jantares, numa sociedade que se divertia por ser espiritual.

Madame de Staël (em *De l'Allemagne*) escreveu:

"O tipo de bem-estar provocado por uma conversa animada não consiste precisamente no assunto dessa conversa; nem as ideias nem os conhecimentos que dela podem decorrer são o interesse principal, mas uma certa maneira de agir, uns em relação aos outros, de se divertir reciprocamente e com rapidez, de falar tanto quanto se pensa, de se divertir de imediato consigo próprio, de ser aplaudido sem esforço, de manifestar seu espírito com todos os matizes pelo sotaque, pelo gesto, pelo olhar, enfim, de manifestar-se à vontade como uma espécie de eletricidade que faz soltar faíscas, consola uns pelo excesso de sua vivacidade e desperta os outros de uma apatia incômoda." *

* *De l'Allemagne*. 2e ed. Paris: Librairie Stéréotype, 1814, t. 1, p. 94-95.

Há conferencistas que contam com empresários que organizam suas turnês. Registrou-se nos Estados Unidos a falência retumbante de um desses empresários (o sr. James Pond), com um passivo de quase sete mil libras esterlinas. Acontece que o rádio tem sido um forte concorrente para as conferências de personalidades de renome.

4. *Discurso*. O vocábulo discurso possui dois significados: a palavra que se enuncia e o texto escrito que se lê. O orador que fala ocupa a tribuna para os debates mais espinhosos, de mãos vazias, tendo como única força sua inteligência, sua memória e suas certezas, confiança em sua voz, em seus gestos, em seu pensamento. Sabe o que quer fazer e o que deve dizer. O orador que lê um texto é quem, acostumado aos gabinetes, se intimida com a luz dos auditórios. As ideias, os fatos, o raciocínio e o encadeamento dos pensamentos podem então ser totais e impor a certeza de enunciar somente o que mereceu reflexão; isso, porém, sem improviso, sem intuição, sem brilho; uma técnica seca, desbotada, sem vida.[1]

Elocução = 'actor and elocutionist', dizem os ingleses.

Ossys-Lourié: "A faculdade oratória é uma arte menor. Quem é astuto sabe dela se valer para cativar os medíocres que se interessam menos pela ideia do que por sua tessitura, mesmo absurda, conquanto que adule seus desejos e suas inclinações. O orador não produz, não cria; ele imita, repete, jamais é criador, sempre um vulgarizador."

A justeza dessa afirmação é bastante discutível. Muitos oradores são criadores.

Na Idade Média, a prédica era dotada de uma eficácia interior e de um êxito externo que tocavam o milagre. Alguns exemplos: o franciscano Berthold de Ratisbona (meados do século XIII) teria tido plateias de 60 mil a 200 mil ouvintes. Vincent Ferrier, nascido em Valencia, em 1346, dominicano, percorreu quase toda a Espanha, a França, a Itália, a Inglaterra, a Escócia e a Irlanda. Em todas essas viagens jamais deixava de pregar. "Multidões imensas o seguiam e os grandes apressavam-se para encontrá-lo. Acompanhavam-no padres para ouvir as confissões e celebrar os

[1] Entre os parlamentares vivos, o sr. Poincaré, ex-presidente da República, redige seus discursos. Nada fica a dever ao sr. Caillaux.

[2] Moeller: *Histoire de l'Église,* III, p. 39 e 53.

ofícios, cantores e órgãos, notários para redigir os atos necessários às reconciliações entre inimigos, homens experientes para cuidar dos víveres e dos alojamentos. Não era um homem, mas havia a convicção de que um anjo se fazia ouvir."[1]

Na Sexta-Feira Santa os franciscanos da Alsácia pregavam de seis a sete horas. Era intenso o comércio de manuais destinados a pregadores rurais. *Dormi secure** ('dormi tranquilos', pregadores; 36 edições) e *Dictionnaire des pauvres*.

* Eram assim conhecidos modelos de sermões prontos, aos quais os pregadores podiam recorrer, por falta de tempo ou de inspiração. Eram *best-sellers*. Por exemplo: Johannes de Verdena. *Sermones 'dormi secure' de tempore*. (Louvain: Johannes de Westfalia, c. 1483.) [N.E.B.]

Ouve-se a fala no telefone, no amplificador, no fonógrafo, no rádio, que são instrumentos extraordinários.

Continua assim a concorrência entre a palavra baseada na audição e a escrita baseada na visão. A que for mais fácil de usar, mais precisa, irá mais rápido, com mais segurança, de modo mais agradável, direto e econômico.

5. *Debates*. Os debates têm importância notável nos países onde há livre expressão. Durante a história dos parlamentos, criou-se todo um processo para realização de debates. Caracterizam-no, entre outros, dois fatos: de um lado, o processo escrito está ligado de perto ao processo oral e a cada fase dos debates correspondem tipos de documentos: proposição, relatório, resolução; dos debates são redigidas transcrições, *in extenso*, taquigrafadas ou datilografadas. De outro lado, o processo interparlamentar chegou a tal ponto de internacionalização que, fundamentalmente, é quase o mesmo em todos os lugares, e pode servir de modelo quando as pessoas se reúnem em grandes congressos internacionais, tendo chegado até a organizar uma União Interparlamentar e fundar a Liga das Nações.

Na busca da verdade ou na defesa de interesses pela via da argumentação, toda afirmação é passível de ser discutida e de assim ensejar o debate. Durante o debate (contestação, altercação, controvérsia, litígio) são apresentadas objeções, refutações e respostas. A contestação é a recusa em consentir uma alegação ou pretensões de alguém.

Sempre foram envidados esforços visando a aprimorar as discussões orais. Na Antiguidade havia formas muito bem ordenadas para a discussão de teses teológicas e filosóficas, bem como para os debates religiosos (os colóquios). E também aí a união entre documento e fala encontrou felizes realizações. Sente-se grandemente, nos dias atuais, a necessidade de debates aprofundados e bem organizados.[2]

6. *Escrever e falar*. Assim, a linguagem assume a forma da escrita. A escrita, por sua vez, transforma a língua. A documentação possui desideratos relativos à língua.

Fala e escrita são, entretanto, coisas diferentes. O pensamento falado possui suas leis, o pensamento escrito, as suas. É um erro querer modelar uma na outra. A concisão, possível no texto escrito bem refletido, torna-se difícil na expressão falada. A brevidade do tempo da fala é contrária aos desdobramentos possíveis quando se fala. Em compensação, devolve-se uma função aos gestos e às demonstrações. O escrito, porém, com sua ilustração, tem a seu favor a precisão.

Cormenin expressou corretamente: "Os discursos escritos não fazem

---

[2] Ver os debates das tribunas livres, como o Rouge et le Noir, na Bélgica. Os debates organizados no Palais Mondial, com programação estabelecida previamente, anunciada para o público (objeto, método, conclusões) com documentação em grande parte visual em exposição, emprestada pelo Musée Mondial e o Atlas Universalis ou preparada para tal fim e depois transferida para lá.
Modern debate practice by Waldo O. Willhoft, London, Pittman.

efeito algum na tribuna, os discursos improvisados não causam efeito na leitura." * Na Inglaterra, durante muito tempo, era proibido ler um discurso, era preciso improvisar. O ritmo da frase falada é diferente do ritmo da frase escrita. O estilo também é diferente. Tanto é preciso ser mais breve, mais direto, quanto, ao contrário, mais explícito.

* Timon (pseud. de Louis Marie de la Haye, Vicomte de Cormenin). *Études sur les orateurs parlementaires*. Paris: Bureau de la Nouvelle Minerve, 1836, p. 5. [N.E.B.]

"A necessidade de uma ordem rigorosa não se impõe ao professor que *fala*, mas se torna evidente para quem *escreve*. O leitor tem diante de seus olhos o começo e o fim, ele acompanha o raciocínio; impossível trapacear. É possível ensinar um curso escrito; um curso oral, ao ser redigido, em geral não se sustenta." (Bouasse.)

Nas conversas, o pensamento, sem se ater a uma ordem lógica rigorosa, pode percorrer agradáveis meandros. Na frase falada, sobretudo na frase oratória, existe uma facilidade de compreensão que procede do tom. Não há nada que a altura da entonação já não anuncie a importância relativa das diversas partes da frase. Isso não acontece na frase escrita onde tudo parece *recto tono**. Por outro lado, o tom da voz é análogo a um acorde: determinada nota forçosamente chama as outras (dó, mi, sol... dó). Aqui as reticências anunciam obrigatoriamente uma sequência que virá.

* Expressão latina que indica no canto litúrgico o tom recitativo. Tom uniforme. Cantochão. [N.E.B.]

O domínio do escrito delimita-se ainda de outro modo. Isso foi definido recentemente ao se tentar uma delimitação entre etnografia e folclore.

> Em geral, afirma-se, a etnografia cobre todas as atividades sociais dos primitivos e entre os povos civilizados ela somente alcança o que corresponde aos estágios das regras e das instituições. Quer dizer, no que se conserva por meio dos escritos. Ao contrário, o folclore abrange entre os civilizados o domínio dos usos, costumes e tradições que se conservam por meios orais. Entre os povos primitivos, todas as aquisições e organizações sociais se conservam e se transmitem pela tradição oral. Pelo seu estudo, etnografia e folclore se confundem. Entre os civilizados distingue-se: as aquisições e organizações sociais são conservadas e transmitidas por meios escritos ou impressos e ensinadas (domínio da etnografia), ou são conservadas e transmitidas pela tradição oral (domínio do folclore).[1]

7. *Os pregoeiros*. Os anúncios e reclames que precisavam ser feitos ao público foram, durante muito tempo, lidos em voz alta por um pregoeiro de profissão, no meio de ajuntamentos de pessoas ou de grupos que eram conclamados pelo som de uma trombeta, e em alguns casos pelo retinir das batidas de uma barra de ferro contra uma pá de lareira. A partir de 1830, na França, os avisos originários da prefeitura (combate às lagartas nas plantações, corveias, recrutamento militar) eram feitos ao som do rufar de tambor. Em outros lugares, usava-se uma sineta.

223.3 Histórico, evolução

1. A língua passou por uma longa evolução. Tudo nela é movimento. Em geral, sua evolução é necessária.

Ela continua simultaneamente em dois sentidos: segmentação dos idiomas em línguas especializadas e em dialetos; desenvolvimento das línguas nacionais e retrocesso dos dialetos.

Entre certos povos a língua é tão instável que bastam alguns anos para que não seja reconhecida.

A transcrição fonética de canções populares resultou em preciosos documentos para o estudo das línguas.

2. Uma mesma língua apresenta variações ao longo do tempo e confor-

[1] Albert Marinus: Ethnographie, folklore et sociologie, p. 21. In *Le Folklore Brabançon*, a. 10, n. 60, p. 507-528, 1931.

me os lugares e ambientes onde é falada e escrita. Distingue-se, em geral, uma língua, segundo as diferentes épocas de sua existência, em língua velha ou antiga, em língua média e em língua nova ou moderna. Nos tempos modernos, distingue-se também a língua clássica, unificada, oficial ou literária. Distinguem-se, enfim, os diversos dialetos, patoás ou idiomas locais que são diferentes segundo as regiões e as épocas.

3. Desde seu começo, as línguas guerrearam entre si; rivalizaram como as raças e se misturaram como os sangues. A Terra ouviu mais de dois mil idiomas primitivos ou derivados, vivos ou mortos, ilustrados com uma literatura ou bárbaros.

4. Cada povo teve sua língua, sua poesia e sua literatura. Esses bens tiveram a mesma sorte de seus possuidores. Um povo se apoderava de uma região rica para ali fundar um império duradouro e florescente e sua língua não demorava a se desenvolver com os conhecimentos, os costumes e as instituições. O povo anterior, ao contrário, vencido pelos inimigos de fora, junto com a decadência interna, curvava-se sobre si próprio e a língua desmoronava em ruínas, junto com ele e suas riquezas materiais que passavam a ser usadas na construção de novos edifícios.

5. Por intermédio do livro e do documento travou-se a luta das línguas. Uma língua só se difunde se for instrumento de uma civilização dotada de prestígio. Isso aconteceu com a '*koiné* jônico-ática' que substituiu todos os outros falares gregos. Do mesmo modo, o latim prevaleceu sobre os falares bárbaros; o espanhol e o português, sobre os dos povos da América do Sul; o inglês, sobre os dos povos da América do Norte. A multiplicação de 'línguas comuns' na Europa de hoje, e isso, numa época em que existe no fundo uma unidade de civilização material e intelectual, é uma anomalia.[1]

O fenômeno 'interlingua' permanece. Houve, no passado, línguas gerais intermediárias. No futuro, ela poderá surgir.

6. A Antiguidade civilizada conheceu a predominância do grego. Na Idade Média, tudo era em latim. Mais tarde, dá-se a reação, e os falares nacionais tornam-se línguas literárias; por ex., Dante e Lutero renunciam a escrever em latim, a fim de empregar a língua vulgar que eles depuram e aperfeiçoam.

7. Na luta entre as línguas o latim não perde suas vantagens. Continua a ser empregado pela Igreja católica, é objeto de estudos ditos de humanidades. O Congresso Internacional de Botânica tornou o latim obrigatório como língua de diagnose. Procurou-se modernizar o latim (latim sem flexão). Recentemente, a grande empresa alemã Siemens & Halske, depois de instalar alto-falantes e aparelhos de rádio na catedral de Speyer — antigo santuário ilustrado pelos santos Bernardo e Conrado e Frederico Barbarossa — publicou um folheto descritivo com este título bem moderno *De amplificatoribus in aede Spirensi institutis*. Se alto-falante foi traduzido como *amplificator* e microfone como *microphonum*, os *Spezialbahnsprecher* foram chamados *tubi* e os *Siemens Bändchenmikrophon* foram designados *laminatum*. Dizia-se de todo o conjunto '*Effectus autem est 200 Watt*'.

Na Alemanha foi fundada em 1933 a Societas Latina e sua revista em latim (München, G. Horth). Peano e seus colegas na Schola et Vita fazem campanha a favor do latim simplificado sem flexão.

---

[1] Meillet, A. *La méthode comparative en linguistique historique*. Oslo: H. Aschehoug, 1925.

8. Uma obra lenta mas formidável se desenrola sob nossos olhos: a transformação sistemática da linguagem. Ela se estende: 1º aos conjuntos linguísticos de um lado, em constante evolução; 2º à criação de uma língua internacional; 3º aos conjuntos denominados convencionais, que se multiplicam, desde os símbolos matemáticos até a nomenclatura da química.

223.4 Espécies de línguas

1. Distinguem-se as línguas de várias maneiras: 1º pelo lugar onde são faladas (asiáticas, africanas, americanas ou oceânicas); pela sua derivação em famílias cujas principais são: a) as línguas semíticas: hebraico, árabe; b) as línguas indo-europeias: meridionais, sânscritas, iranianas (avestano), pelásgicas (grego, latim), as do norte: célticas, germânicas e eslavas.

2. Foi levantada a seguinte questão: o que a civilização tem a ganhar com a multiplicação de focos de cultura, principalmente com a revisão das línguas e das literaturas regionais? Atualmente, ensina-se em finlandês, em Helsinque, em estoniano, em Tallin, em lituano em Kaunas, em letão em Riga, enquanto que o russo ali predominava há somente 20 anos. A ciência e a unidade humana não estariam comprometidas devido a essa dispersão de esforços e essa superabundância de meios de expressão? (Théodore Ruyssen.)

223.5 Língua literária

Alguns autores inventaram, às vezes para si próprios, uma sintaxe e uma gramática. Fomos levados a suscitar o princípio de que o estilo não deve afastar-se das tradições normais da atividade intelectual. (Gonzague True.)

Gustave Flaubert, escreveu o sr. Brunot, tinha a cabeça tomada pela ideia de um estilo irrealizável que "devia ser ritmado como os versos, preciso como a linguagem das ciências, que penetraria em nosso pensamento como um golpe de estilete, e onde nosso pensamento viajaria sobre superfícies lisas como quando se corre num bote com bom vento pela popa. Escravo do verbo, sentindo seu primeiro rascunho relaxado e até incorreto, ele procura numa angústia de cada dia aquela forma que ninguém jamais possuiu, agarrando-se a uma página, riscando, parando um pouco para recorrer à escola dos grandes escritores de todos os tempos, depois retomando a tarefa, sempre insaciável, sempre enraivecido e impotente diante da pobreza dos materiais que a língua lhe oferece." Ele declamava suas frases, escrevi-as no quadro-negro e se achava feliz quando, depois de dez horas de trabalho obstinado, ele escrevera sessenta linhas que o deixaram quase satisfeito.

O que não se pode expressar diretamente poderá sê-lo pela via travessa da sugestão. Para um talento verdadeiro a sugestão é muito mais forte do que a expressão direta (p. ex., transferir para as coisas as qualidades humanas e para os homens, as das coisas.[1]

Poetas analisaram os instrumentos de trabalho, os modos de expressão favoritos, a escolha das palavras por sua sonoridade, seu valor plástico, imagens, símbolos, alegorias. Outros examinaram a arquitetura de sua obra: o espírito do poeta que escolhe, organiza, retarda ou acelera a expressão poética.[2]

[1] Boillot: Sobre o cartaz de Ulen * para a caneta Waterman.

[2] Paul de Reul. *L'art et la pensée de Robert Browning*. Bruxelles: Lamertin, 1929. 527 p.

* Erro tipográfico. Trata-se de Jean d'Ylen, pseudônimo do ilustrador francês Jean Paul Beguin (1886–1938). Boillot talvez fosse Félix Boillot (1880–1961), escritor e professor francês. [N.E.B.]

223.6 Ortografia

Denominava-se *orthographia* a arte de escrever corretamente, que, em francês, deu *orthographie*, antigo sinônimo de *orthographe*. Este vocábulo expressa a arte de escrever corretamente as palavras de uma língua, isto é, com os caracteres e sinais consagrados pelo uso.

O latim, o grego, o italiano e o espanhol se escrevem como são falados. O mesmo não acontece com o francês e o inglês.

2. A ortografia francesa é muito complicada e isso devido a vários motivos. Existe a escrita das palavras como tais e a função que exercem no discurso. Ao invés de corresponder à pronúncia, como seria natural, a ortografia depende da etimologia, da qual se distancia, no entanto, de modo muito arbitrário e frequente; da analogia, que é constantemente violada; do uso, sobretudo, o que é quase sempre abusivo, amiúde incerto e contestado. A essas causas de confusão, convém acrescentar os defeitos do alfabeto francês onde existe: 1º duplicidade de sons do *c*, *ç* e do *s*, do *e*, *è*, *ai* e *ei*, do *f* e do *ph*, do *g* e *j*, do *s* e *z*, etc.; 2º dupla função do *h*, *ch*, etc. Enfim, o assombroso abuso de letras nulas herdadas por uma quantidade imensa de palavras. A todas essas dificuldades devidas à ortografia baseada no uso somam-se as da ortografia baseada em regras. Há um oceano de regras e uma inumerável quantidade de exceções. É, antes de tudo, uma língua de matizes. Talvez nenhuma outra disponha de tantos meios para variar o pensamento com a ajuda de certos procedimentos de sintaxe, que, lamentavelmente, amiúde, são muito sutis. Escritores e lexicógrafos se perdem em minudências insignificantes e que não se consegue regular de forma segura. Ex.: o emprego de maiúsculas, do hífen, a formação do plural de substantivos compostos e as regras do particípio passado.

Depois de 300 anos de existência a Académie Française publicou recentemente sua gramática, sempre com atraso. Provocou uma tempestade de protestos. A ortografia é exigida em toda parte, mas nem sempre seguida. "Compor versos sem seguir a ortografia", disse o padre Petit, "é vestir um hábito ornamentado sem usar camisa." Napoleão não sabia ortografia. Tampouco, antes dele, Henrique IV, Luís XIV, e o marechal de Richelieu.

3. Para quase todas as línguas existe um movimento de reforma: francês, inglês, alemão, neerlandês, etc. Publicam-se obras com ortografia simplificada.[1]

4. Desde o século XVI que inúmeros esforços vêm sendo feitos visando a uma reforma da ortografia francesa. Encontraram oposição.

A ortografia, dizem os opositores, é uma forma convencional de escrita. Tem a vantagem de se impor às irregularidades dos dialetos e às mudanças históricas dos sons. Ela une as forças e as expressões de uma civilização. Sem ortografia ou com ortografia fonética Shakespeare e a Bíblia antiga seriam obras estrangeiras para os ingleses de hoje. A linguagem literária como vínculo de uma civilização e voz de uma nação deve ser encarada de início como uma linguagem escrita, embora não deva manter-se sem relação com o falar para se tornar viva.

Os gramáticos envidaram, então, um esforço sistemático para alcançar um recurso que servisse para o entendimento comum e fosse bastante autêntico entre as comunidades de uma nação com dialetos diversos.

O sr. Brunetière dirigiu duas censuras à reforma; ela mudaria a 'figura'

[1] Della Rocca de Vergalo. *La réforme générale de l'ortografe*. Paris: Lemerre, 1909. 169 p. 5 fr.

das palavras e alteraria a 'harmonia', transformando o francês em uma espécie de volapuque. O sr. Renard retruca que nos séculos XVI e XVII a ortografia apresentava uma outra figura, que nas edições atuais ela se moderniza e que o próprio Brunetière, em sua edição dos *Sermons*, de Bossuet, não respeitou a antiga ortografia.

No final do século XVIII, a Académie simplificou em bloco cinco mil palavras das 18 mil com que contava a língua. E ninguém protestou.

5. No caso do inglês, não existe academia alguma para proteger sua ortografia. Há cinco séculos que o inglês é simplificado e aperfeiçoado. O dr. Murray, editor do *New English dictionary*, publicado pela Clarendon Press, esforçou-se bastante, com seus colaboradores, para fixar de uma vez por todas a ortografia.

A Spelling Reform Association, nos Estados Unidos, empreendeu o maior esforço para simplificar a ortografia inglesa. Ela busca este ideal: com 42 caracteres diferentes escrever os 42 sons diferentes do inglês.[1]

Antes, a Associação Fonética Internacional criou um alfabeto para a notação de todas as línguas. (Ver também a obra *Melvil Dewey: seer, inspirer-doer*, 1851–1931.

6. *Grafismo e fonetismo*. A luta que interessa em muito ao livro permanece aberta entre os que impõem a ortografia etimológica e os que preconizam a ortografia fonética.[2]

É a tipografia que, em última instância, decide sobre a ortografia reformada.

Há quem pense que a reforma radical da ortografia francesa, como no século XVI, é impossível para a Académie. Todos os livros impressos anteriormente se tornariam, de um só golpe, ilegíveis e o sacrifício seria muito grande.

Os neoesperantistas declaram que a língua é feita inicialmente para os olhos, depois para o ouvido, e reivindicam a manutenção da forma ortográfica das palavras. Calculam que em 90 de cada 100 vezes o grafismo desempenhará o principal papel.

7. Nas demais línguas, exceto o francês e o inglês, a reforma da ortografia continua em curso.

Por exemplo, a ortografia sérvia foi fixada por Karadjitch no século XIX segundo o princípio fonético; os croatas-eslovenos mantiveram a tradição etimológica, porém Gay, também no século XIX, aperfeiçoou para eles os caracteres latinos acrescentando sinais que até então eram específicos do tcheco.

8. Qualquer deficiência de um sistema repercute sempre nos outros sistemas. Deixou-se que a ortografia se constituísse a esmo. Fonética por essência, a escrita tornou-se etimológica. Como consequência: a) foi preciso inventar uma ortografia fonética para ser usada na taquigrafia e no 'estenótipo' (máquina de taquigrafar). A transcrição da escrita fonética para a escrita ortográfica é feita pelo datilógrafo ou pelo tipógrafo. b) A transformação da palavra falada (o som) em um texto legível (impresso) é concebível por intermédio de aparelhos elétricos, mas que se torna impossível devido à discordância entre som e ortografia. Essa experiência já foi feita nos Estados Unidos. A narração de uma luta de boxe feita ao telefone ligado a uma compositora tipográfica (monotipo), que compõe diretamente em grande velocidade, mediante acionamento do teclado, a

[1] Dewey, Melvil. Simpler spelling: reazons and rules (In *Decimal classification*, edition 12th 1927, p. 49).
[2] Paul Reuner. *Gutenberg Jahrbuch* 1930, p. 338-343.

fita de papel perfurado que gerará os textos fundidos, os quais, por sua vez, formarão as chapas que irão para as impressoras.

Está em causa aqui toda a lexicografia. Esta frase: *La documentation internationale au service d'une civilisation mondiale* [A documentação internacional a serviço de uma civilização mundial] contém quatro palavras que, antes de 1878, não eram reconhecidas pela Académie francesa. Data de então a ideia que ela concebe sobre as palavras internacional e civilização; a palavra mundial só foi reconhecida pela Académie em 1931; a palavra documentação continua excluída do francês acadêmico.

223.7 Línguas internacionais

1. Francês, inglês, alemão e espanhol são línguas consideradas internacionais por causa de sua grande difusão. Por muito tempo o francês era a língua da diplomacia. O inglês teve tratamento igual ao do francês na Liga das Nações, onde todos os documentos são publicados nas duas línguas.

As obras publicadas ou traduzidas em inglês terão uma grande saída em uma população imensa. Isso será, para os escritores e os tradutores, um estímulo que nem o alemão nem o francês poderão oferecer. Logo um terço da população mundial entenderá o inglês.

A quantidade de línguas de grande circulação tem crescido: o árabe, o russo e o japonês estão nessa condição.

2. *Língua internacional*. O homem não se sente mais satisfeito com as línguas espontâneas que a tradição lhe legou. Ele quer racionalizar a linguagem, inicialmente no sentido da internacionalidade, em seguida no sentido da sistematização lógica.

A língua pensada, falada ou escrita formou-se lentamente ao longo dos tempos. Ela apresenta três características fundamentais: a) foi constituída como unidades independentes, diferenciadas e 'incompreensíveis' reciprocamente entre grupos humanos mais ou menos numerosos; evoluiu, tanto se diferenciando quanto se unificando conforme as comunidades humanas mantivessem ou não relações frequentes e constantes entre si; c) ela abrange dados espontâneos ou empíricos, inerentes ao estado dos conhecimentos adquiridos ou inventados e dados racionais ou suscetíveis de raciocínio, de invenção e de disciplina voluntária.

Conviria que houvesse, no estado de civilização universal a que chegou a humanidade, e que interessa ser desenvolvido, uma língua universal.

Uma língua pode nascer mediante três processos: a) pela simples mistura de línguas. Foi assim que aconteceu muitas vezes no passado. No entanto, para isso, parecem ser necessários séculos, ou milênios; b) pela predominância de uma língua existente. Assim aconteceu com alguns dialetos em cada língua nacional, do grego e do latim na Antiguidade. Mas as lutas nacionais, que também atingem a língua, opõem-se a semelhante absorção, enquanto a civilização nova deveria ser formada por elementos tomados de todas as índoles, o instrumento de sua expressão deve ser também igual e comum.

Tanto nas línguas quanto na documentação ocorre uma diferenciação entre o que é espontâneo, familiar e comum: língua vulgar; o que é cultivado, trabalhado, estético: língua literária; o que é racional e preciso: língua científica. As três línguas, do modo como se constituem atualmente, são faladas, porém as duas últimas, a literária e a científica, são cada vez mais escritas.

É preciso elaborar racionalmente e difundir eficazmente uma língua universal. Inúmeras tentativas foram feitas há três séculos. Cada uma delas trouxe à baila elementos preciosos, tanto ao formular melhor algumas metas quanto ao apresentar soluções cada vez mais adequadas. Enfim, caminha-se rumo a uma elaboração nitidamente consciente da língua sintética: uma pasilalia, que permita dizer tudo internacionalmente, e uma pasigrafia, que permita escrever tudo.

Uma língua internacional é o complemento indicado de uma civilização universal. Os homens pertencentes a uma mesma unidade deverão entender-se entre si. A língua internacional deveria ser escolhida por um órgão qualificado e ser ensinada obrigatoriamente nas escolas. Existem várias línguas internacionais e nascem outras todos os dias. A mais difundida e mais popular é o esperanto. Foram realizados estudos com o fito de criar uma língua filosófica e científica universal.

Desenvolveu-se um grande movimento em prol de uma língua internacional. Na Idade Média e até nos tempos modernos, a língua de Roma, antigamente adotada pela Igreja e consagrada pelo direito (direito romano) era a língua comum de toda a intelectualidade, ensinada nas escolas. Hoje em dia, os esforços estão voltados para uma língua artificial, cujo vocabulário seja formado de raízes que tenham um máximo de internacionalidade e cuja gramática seja simplificada e padronizada de tal modo que só contenha algumas regras sem exceções. O esperanto é a mais difundida das línguas internacionais. Nascida há 45 anos, ganhou grande desenvolvimento. Espalhou-se no mundo inteiro e continua a avançar. Em cada país realizam-se congressos nacionais anuais de esperantistas e há uma organização internacional muito forte.

Calcula-se em cerca de 125 mil o número de esperantistas no mundo. Esse número inclui muitas pessoas de cultura muito simples.

Os esperantistas estão espalhados por cem países. Estão organizados em 1 776 associações locais, das quais 632 são associações profissionais.

O esperanto trouxe novas possibilidades à documentação: a) Livros e documentos editados em esperanto, que assim dispõe de uma plataforma de exposição. b) Resumos de obras e trabalhos em esperanto. c) Bibliografia cujos cabeçalhos e títulos sejam traduzidos para o esperanto e combinados com a Classificação Decimal.[1]

São numerosas as aplicações do esperanto. Revistas polonesas, lituanas e japonesas apresentam resumos em esperanto. As atas da conferência internacional Vrede door Religie (Haia, 31 de julho de 1928) apareceram em duas versões no mesmo volume: uma em holandês e a outra em esperanto. Os conferencistas falaram em sua língua e foram imediatamente traduzidos. Alguns deles se expressaram diretamente em esperanto.

As aplicações do esperanto à documentação foram objeto de trabalhos

[1] Interessantes propostas foram apresentadas pelo sr. Vsevolod Cheshikhin* (Nizhny Novgorod) sobre a questão da língua internacional, como pasigrafia:

a) Empregar indiferentemente os radicais das grandes línguas de circulação internacional acrescentando-lhes as desinências gramaticais do esperanto e separando o radical da desinência com ponto, cujo número corresponde por convenção a cada língua. Ex.: *Chieno*. Chien (francês) substantivo.

b) Empregar os números da Classificação Decimal como radicais que expressem os conceitos combinando-os com as desinências gramaticais do esperanto. Ex.: *599.725 oj* Cavalos.

c) Completar essa última notação com um hieróglifo chinês.

d) Estabelecer livremente uma correspondência convencional entre os números da Classificação Decimal e as sílabas que designam as notas musicais, ou seja, 1 = ut, 2 = ré, 3 = mi, 9 =- dó, 0 = hha

ou seja cheval-oj ou 599.725 oj *Soldedesire soloij*.

As notas poderiam ser cantadas como em algumas línguas antigas.

* Cheshikhin, Vsevolod Evgrafovich (1865–1934) juiz, etnógrafo, publicista e tradutor russo. [N.E.B.]

do Centra Officejo (Paris) e, em especial, de seu presidente, o general Sébert.[1]

4. Na luta em prol da língua internacional única, prevaleceram as metas mais complexas da língua nos campos das ciências, artes e política. Há quem queira uma língua simples pronta para ser usada imediatamente. E há outros que defendem a necessidade de um instituto internacional interlinguístico, o qual criaria, de forma colaborativa, essa língua.[2]

O esperanto e o ido concorrem entre si, porém, o esperanto conta com uma organização mais forte de sua propaganda. Duas tendências se defrontam no seio do esperanto, uma coloca a nova língua a serviço dos interesses e da ideologia reformista e burguesa; a outra organiza o desenvolvimento e a aplicação do esperanto para a luta revolucionária.

Centenas de projetos de língua internacional existem e inúmeros estudos sobre esse tema e numerosos projetos aprofundam a questão a cada dia.[3]

223.8 Terminologia científica especializada

1. A terminologia científica tornou-se muito especializada e difícil de entender para os não iniciados. Ela torna complicada a leitura das obras. O problema de uma terminologia científica e universal está em discussão. (Ver as considerações na seção 122.)

2. Na vida cotidiana, recorre-se com frequência ao uso de nomes especiais. Por exemplo, no caso do nome de empresas comerciais, referimo-nos à [empresa de eletricidade] Liège–Namur–Luxembourg como *Linalux*; *Serma* designa a Société d'Électricité de la Région de Malmédy. Também existem famílias de siglas: o Syndicat d'Études et d'Entreprises au Congo chama-se *Synkin*, mas se relaciona com *Symaf*, a qual tem como filiais regionais *Symor*, *Symetame* e *Syluma*. Nomes são também emprestaados de qualidades. A seda artificial de acetato de celulose chama-se *Setilose*; *Çalin* para *cela lint*; *Durobor*, nome da companhia internacional de copos inquebráveis (*dur au bord*).

3. A nomenclatura antiga é causa de confusão. Quanto tempo se ganharia se se pudesse reformar a nomenclatura! Por exemplo, quão simples é fazer entender a determinação da posição geográfica pela longitude e a latitude. Contudo, acumulam-se as complicações devido aos termos empregados e a convenções que carecem de simplicidade. *Meridiano* embora *longitude* signifique a mesma coisa. Divisão do círculo em graus e não decimalmente. Expressão da medida do meridiano em léguas e não em quilômetros. Divisão dos graus de latitude em duas séries de 90° e os de longitude em duas séries de 180°, ao invés de se ter uma notação única de 0 a 360°, que acabaria com as determinações subsequentes dos graus em N S E O, o que confunde as mentes.

4. Leibniz, com sua *characteristica universalis*, imaginou, para expressar qualquer ideia, um simbolismo semelhante ao da álgebra. Esse simbolismo foi realizado nos tempos modernos por Boole, Peano, Whitehead, Russell, etc.*

* Repetição de frases que estão no item 8 da p. 109. [N.E.B.]

[1] Ver publicação do l'Institut International de Bibliographie.

[2] Ver propostas de W. Jezierski, *Schola et Vita*, 1931, n. 1-3, 1932, n. 1-2, p. 92.

[3] Couturat. *Histoire de la langue internationale*. – E. Wüster. *Internationale Sprachnormung in der Technik*. Um linguista renomado, como Otto Jespersen, construiu, por sua vez, uma língua artificial, o novial (*An international language*, Allen & Unwin. 1928).

223.9 Diversos

223.91 Traduções

1. Há obras que dão origem, eventualmente, a traduções em várias línguas. *Ann Vickers*, o novo romance de Sinclair Lewis, autor de *Babbitt*, foi publicado simultaneamente no mesmo dia em 17 línguas.

2. A Comissão de Cooperação Intelectual solicitou que lhe fosse indicado, para ser traduzido em várias línguas, o melhor livro de cada país. Ela também determinou que fosse elaborado um *Index Traductionum*.*

3. As edições poliglotas combinam várias línguas em uma mesma obra. A Bíblia poliglota de Plantin é um exemplo típico. Foram publicadas obras clássicas traduzidas em duas colunas intralineares ou inframarginais.

Durante a guerra, Rizoff, ministro da Bulgária em Berlim, publicou uma obra em quatro línguas justapostas, tratando das fronteiras históricas da Bulgária.

4. As traduções de obras científicas são muitas vezes adaptações para um novo público, sendo assim atualizações de pesquisas recentes.

* Trata-se do *Index Translationum*, criado pela Liga das Nações em 1932. Hoje é uma base de dados mantida pela Unesco. [N.E.B.]

223.92 Sinalização

A sinalização é uma forma de linguagem, que se exprime, porém, por meio de instrumentos materiais. Por ex.: a sinalização das estradas, das ferrovias, da navegação, das línguas. A sinalização que os contrabandistas mantêm entre si. Os sinais são ópticos ou acústicos ou ambos ao mesmo tempo; podem ser fixos ou móveis.

Foram criadas sinalizações a torto e a direito. Estamos cercados de sinais. É a torre de Babel da sinalização. Impõe-se uma padronização, uma correlação: uma sinalização universal.

223.93 Correlações da língua

A língua possui numerosas correlações. Em um curso recente na Sorbonne, reproduzido com o título de 'L'homo loquens' (*Annales de l'Université de Paris*, mai 1931, p. 218-233), o sr. Léon Brunschwig fez uma bela síntese das concepções presentes na história da linguagem, de suas relações com o pensamento e com a lógica e, incidentemente, com a classificação.

224 Elementos intelectuais. As formas de exposição

224.0 Visão de conjunto

1. Os elementos intelectuais são as ideias (concepções, sentimentos, atividades, imaginações), são as formas como se exprimem as ideias (exposições científicas e didáticas, de um lado, e, de outro, exposições literárias e artísticas). O campo das ciências e do ensino tem crescido e provavelmente continuará crescendo imensamente, o das letras e das artes, também. Ao mesmo tempo, a correlação se tornará cada vez mais estreita entre o pensamento e sua expressão. O livro escrito tornou possível a concentração mental necessária para a criação de obras profundas, equilibradas, ricas de substância e impecáveis na forma. Se a memória de quem cria essas obras tivesse ficado entregue a si mesma, jamais teria podido alcançar esse resultado; o pensamento é tão sutil e tão fugaz que é preciso saber fixá-lo. A era das improvisações dos primeiros poetas há muito que se acabou. Basta imaginar o que o algoritmo, puro sistema de signos e símbolos, foi para as matemáticas e se entenderá a importância dessas formas bibliográficas e documentárias. Cada vez mais precisas,

mais bem encadeadas umas às outras, elas se apresentam como moldes preparados para receber o pensamento, para exprimi-lo com o máximo de força, de clareza e, por conseguinte, de eficiência. Essas formas, esses moldes, serão o resultado do esforço coletivo, somado e progressivo. Unidos pela preocupação de melhor ordenar as ideias, de projetar os textos para que destaquem mais ainda a ordenação e as relações, transformarão o livro, cada vez mais, em uma linguagem superior, inteiramente pensada, superpondo-se à linguagem normal das relações usuais, e que nele é totalmente espontânea. Tal linguagem será o instrumento adequado para a edificação de imensas arquiteturas de ideias, as quais virão a constituir, cada vez mais, nossa ciência, nosso ensino, nossas letras e nossa arte, partindo, também elas, do saber e do fazer primitivo para se elevar até a inteligência e a ação metódicas.

Assim visto, o livro torna-se o meio de elaboração do pensamento humano, a concretização desse pensamento em seus graus mais elevados. A bibliologia não se limita mais a ser tecnológica. Ela se torna, já o vimos, psicológica, pedagógica e sociológica.

2. Na apresentação do assunto aqui, é preciso distinguir as seguintes questões: a) as regras da composição literária em geral, a palavra 'literária' estendendo-se aqui a tudo que é letra ou escrito, portanto, à ciência e à técnica, e não menos à literatura. A composição literária é também chamada retórica; b) o estilo em geral; c) os diversos tipos de exposição; d) as diversas espécies de obras ou formas de livro; e) o conjunto de livros que podem, de um lado, ser caracterizados como científicos, e, de outro lado, como literários.[1]

3. A forma de um livro é muito diferente, conforme se trate de uma obra literária ou de uma obra científica. Fantasia e imaginação em um caso; rigor científico e racionalização em outro. No entanto, as formas de exposição, sejam elas literárias ou científicas, possuem em comum inúmeros elementos que convém examinar em conjunto.

4. As formas representam as diversas estruturas bibliológicas nas quais os materiais estão ordenados. As formas podem ser consideradas em seu estado simples, 'elementar', fundamental: constituem, então, partes ou aspectos das obras. Podem ainda, ao se combinar, assumir a forma das próprias obras em sua totalidade e como tais serem definidas como as 'formas das formas'. (Para relação e pormenores das várias formas, consultar a Classificação Decimal, Tabelas de subdivisões comuns de formas.)

5. A forma do livro não é arbitrária. Ela é amplamente determinada por necessidades, ou seja, por objetivos a serem alcançados. Mas, como acontece quase sempre, toda essa evolução foi provocada por necessidades muito limitadas e imediatas. Tais necessidades podem ser assim definidas: 1) registrar completa e facilmente; 2) recuperar facilmente o documento; permitir que seja lido rapidamente.

A forma do livro é o resultado de um trabalho coletivo, assim como seu próprio conteúdo. Quando se estuda o livro ponto por ponto, elemento por elemento, forma por forma, constata-se o imenso e secular esforço que foi necessário para criar o que hoje nos parece tão simples que não conseguiríamos imaginá-lo de outra forma. E também não podemos adivinhar tudo que o futuro nos reserva nesse campo das formas do livro.

---

[1] Tudo o que se refere à *literatura* encontra-se em continuação, bem como tudo o que se refere aos escritores. Para o estudo das formas, ver também o que se diz em *Fórmulas*, *Balanço* e *Métodos pedagógicos.*

6. A forma do livro é diferente de sua substância, pois os dados que ele contém são relativamente independentes. Dados de diferentes fontes (autores diferentes, países diferentes) podem ser comparáveis do ponto de vista da forma, pois dizem respeito a um mesmo objeto, ao mesmo tempo, e porque são expressos da mesma maneira. Apesar disso, esses diferentes dados podem, muito bem, não ser comparáveis, quanto à essência, sendo alguns o resultado de uma observação consciente, de um raciocínio lógico, e outros, ao contrário, resultando da fantasia e da invenção de todas as peças. Seria cometer um erro amalgamá-los, compará-los ou somá-los.

7. Há dois problemas que devem ser tratados separadamente: o dos métodos e da organização da pesquisa científica; e o dos métodos e da organização da expressão dada aos resultados dessa pesquisa (livro, documentação). Esse último problema consiste principalmente em examinar quais são as qualidades de forma necessárias para que os dados científicos, depois de terem aparecido em documentos específicos, possam ser reunidos em livros gerais (enciclopédia universal). Dessa forma, os dados podem se relacionar a um objeto, a um fato, a um fenômeno determinado, enquanto outros, a um grupo de fatos, de objetos; uns sendo representados em determinadas unidades de medida, outros, não, etc. Eles podem ser redigidos de tal forma que a justaposição de textos, sua comparação e sua soma são impossíveis. Ao combinar esses diferentes dados comete-se de novo um erro, e, mesmo em certos casos, a diversidade de forma é tão aparente, tão forte, que seria absurdo querer tentar uma aproximação, agrupar a totalidade em uma mesma coluna, um mesmo quadro.

Vê-se, então, que as exigências de forma e conteúdo são diferentes e podem ser estudadas separadamente. As exigências de forma, sob certo aspecto, são mesmo mais essenciais do que as outras cada vez que se trata de coordenar trabalhos muito extensos, como são os trabalhos internacionais e os que incidem simultaneamente sobre os territórios de várias ciências ou ramos de atividade.[1]

8. Até recentemente o livro era sintético: vasto conjunto histórico descritivo, instrutivo ou sentimental ou lírico. Exemplo, as epopeias, os grandes livros religiosos. Mais tarde ele se tornou analítico, tendendo a chegar à síntese racional.

9. Defrontam-se dois estados de espírito: uns a favor de uma verdadeira padronização da forma de exposição, pelo menos em suas grandes linhas, e capaz de ser explicado por meio de princípios e normas. Outros receiam essa padronização e proclamam a liberdade.

La Bruyère dizia: "Entre todas as expressões do pensamento, há uma que é a melhor." Depois da luta dos clássicos contra os românticos, encontrou-se um acadêmico para dizer que os gêneros em número e textura eram determinados de maneira imutável. Mas a imutabilidade das formas não existe e sua sistematização a todo custo não deixa de ter inconvenientes. As formas de exposição são momentos. Ao serem criadas contribuem bastante para a ordenação das ideias; mais tarde, tornam-se tirânicas e amiúde cerceiam o pensamento.

É preciso, então, proclamar o direito à liberdade de pesquisa em todos os sentidos (Pareto.)

O positivismo, com a preocupação de ligar e coordenar fatos e dados

[1] Cf. no que concerne à comparabilidade estatística: U. Ricci, *Les bases théoriques de la statistique agricole*, 1914, p. 7.

intelectuais, representou um sério estorvo ao livre movimento das diversas ciências. (de Ruggiero.)

Existem, além disso, exposições científicas que não refazem sistematicamente a ciência, mas que tocam em todas suas partes, para renová-las e conduzi-las para novos caminhos. Ex.: a obra de Poincaré.

Os escritos são de diversos tipos, assim como os pensamentos: os que se esforçam para ser objetivos, impessoais (científicos); e os que visam a condenar (arrazoados); e os que visam a entreter (obras literárias). Quantos discursos, artigos de jornais e folhetos de propaganda consistem em mascarar as coisas, silenciando, exagerando, ponto em lugar inexato, inventando, negando!

224.1 Técnica da composição literária. Retórica

1. *Noção*. A retórica é a teoria da eloquência, definida esta como a arte de persuadir. Ela busca a essência da eloquência e reduz a fórmulas e preceitos o que, em um belo discurso, parece ser o instinto do gênio. Assim, a retórica procede experimentalmente. Ela se formou a partir das obras-primas da oratória, assim como a poética se fez a partir das epopeias e das tragédias. Ela está entre a gramática e a lógica e deve unir-se naturalmente à documentação.

A retórica pode ser concebida em grande parte como uma ciência racional em via de constante desenvolvimento e aperfeiçoamento. Pois as obras-primas ou exemplos a partir dos quais ela foi deduzida provêm de uma série de operações lógicas e naturais da mente humano. A retórica pesquisa essa sequência de operações, analisa-a, reconhece seu valor e a traduz em uma fórmula.

Todas as obras da mente são realizadas por meio de três operações: 1º a pesquisa de ideias (também chamada invenção); 2º a ordem na qual elas devem ocorrer (também chamada disposição); 3º a expressão (também chamada elocução). Embora diferentes, essas três operações dependem, contudo, estreitamente, uma da outra.

"Com efeito, se a mente reuniu com cuidado e escolheu com discernimento todos os elementos que devem entrar no corpo da obra; se ela determinou, por um exame aprofundado, sua importância relativa e suas relações de geração, esses elementos se unirão em virtude de suas afinidades reais e encontrarão seu encadeamento natural; e ademais, por uma consequência rigorosa, a inteligência, senhora dos materiais da obra que meditou, segura da ordem em que devem se dispor, irá produzi-los com uma expressão poderosa que refletirá suas clarezas interiores e a animará com seu calor."[1]

2. *Histórico*. Aristóteles, livrando a retórica de todas as sutilezas escolásticas, fundou-a não sobre artifícios, mas sobre princípios universais; ele a definiu como a arte de falar de maneira a convencer, ou a dialética das verossimilhanças e lhe deu por base o raciocínio. Seu objetivo é ensinar que a língua do orador não é senão a língua do raciocínio e que o melhor estilo é o que vos ensina o máximo de coisas.

O que foi a retórica para os antigos e para os humanistas. Quase uma ciência enciclopédica. Seria preciso esforçar-se para distinguir o fundo da forma. (Cícero, *De oratore*, I, IV, 17)

---

[1] Géruzet, E. *Cours de littérature conforme au plan d'études des lycées*. 11e éd. Paris: Jules Delalain, 1857, p. 90.

> Est enim et scientia comprehendenda rerum plurimarum, sine qua verborum volubilitas inanis atque irridenda est, et ipsa oratio conformanda non solum electione, sed etiam constructione verborum; et omnes animorum motus, quos hominum generi rerum natura tribuit, penitus pernoscendi, quod omnis vis ratioque dicendi in eorum qui audiunt, mentibus aut sedandis aut excitandi expromenda est. *

* De fato, deve-se adquirir o conhecimento de inúmeros assuntos, sem o qual o fluxo de palavras é vazio e ridículo, e também o próprio discurso deve ser moldado não apenas pela escolha como também pelo arranjo das palavras, e todas as paixões que a natureza atribuiu à raça humana devem ser minuciosamente conhecidas, porque todo o poder e toda a teoria oratória devem ser expressos acalmando-se ou incitando-se o pensamento dos ouvintes. Tradução de Adriano Scatolin. http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-19022010-165443/pt-br.php [N.E.B.]

Um humanista como Montanus [Montaigne], por exemplo, deve precisar que a retórica não passa de uma adequação e compatibilização dos meios aos fins, o que permite obter formas expressivas amplas, que, exigindo "uma sólida bagagem ideal, emocional e volitiva, deve reconhecer a distância que separa as disciplinas científicas da arte da palavra".

3. *Tratados*. Há inúmeros tratados de retórica. Os dos gregos (o de Aristóteles é o principal), os latinos antigos (o de Cícero), os do Renascimento (o de Erasmo), os do século XIX (V. Leclerc, Géruset, D. Ordinaire, Edouard Laboulaye).[1]

O professor de letras parte de um texto que é uma realidade complexa e o analisa dos pontos de vista gramatical, lógico, intelectual e estético; ele faz com que os alunos encontrem leis ou regras correspondentes a suas diversas peculiaridades; ele faz com isso aplicações variadas.[2]

De la méthode littéraire: jornal d'um professeur dans une classe de première (746 p. premiada pela Académie, 6e édition). Este livro não é nem um manual nem uma coletânea. Trata-se de uma espécie de filme de cinema em que o leitor pode ver e ouvir trabalhar juntos o professor e seus alunos: preparação dos deveres, correção, explicação, comentários. É a arte de trabalhar, o método, a competência.

4. *Retórica antiga e técnica moderna da composição literária*. A retórica, como a ensinavam os antigos, abrangia os elementos mais diversos. Ela determinava tanto as leis da composição quanto as leis do estilo; ela confinava com a lógica pelo estudo da dialética e do raciocínio, com a mímica pelo estudo do gesto e da dicção, porém, em geral, tudo isso não passava de simples forma. Ensinava a melhor maneira de vestir as ideias sem apresentar uma ideia, oferecendo, ao contrário, o meio de substituir, mediante todas as espécies de artifícios, a falta de ideia. Ela podia fazer florescer uma eloquência totalmente superficial, impor ordem e método em ninharias, expor inesgotavelmente coisas que não valem a pena ser ditas.

Exórdio, exposição, previsão, provas, refutação, recapitulação, peroração, tudo isso era a retórica e disso não saía. Na realidade todas essas partes se encontram nos discursos espontâneos, os menos estudados. Mas a retórica antiga consistia precisamente em dissimulá-los, em cobrir o esqueleto com músculos e pele.

Mas eis que desde a Antiguidade a ciência construiu sua obra. E é ela que responde por completo à parte da invenção; e, por outra parte, é a matemática moderna que oferece a forma de enunciação mais avançada. O fato é que a ideia de racionalizar o discurso bem como a língua e o pensamento foi uma concepção genial dos gregos e que, com os novos recursos de que hoje dispomos, temos de retomar essa obra e ampliá-la. É essa, especialmente, uma das tarefas da documentologia.

---

[1] Marmontel: *Éléments de littérature*. – Laharpe: *Cours de littérature*. – Batteux: *Principes de littérature*. – Blair: *Leçons de rhétorique*. – Baldensperger, F.: *La littérature: création, succès, durée*. Paris: Flammarion, 1913. – Broeckaert (R.P.): *Le guide du jeune littérateur.*

[2] *My class in composition*, de Bézar, adaptado por Phillis Robbins.

224.2 O estilo

1. O estilo é um resultado. É o homem, afirmou Buffon; é também a época; é a matéria de que se trata. Imponderável, indefinível, porque, embora atendo-se à realidade, ele exprime à sua maneira esse vínculo de todas as coisas, desde que, explícita ou tacitamente, em termos manifestos ou por elipse e síncope, o escritor visa a por à prova a unidade concreta e sintética do campo examinado.

O estilo, segundo Couturat, é a ordem que colocamos na expressão do pensamento. Também é o fato de expor as noções com clareza, pondo-as em ordem, apesar do enorme caudal de ideias que jorram na mente de quem escreve. O estilo é a forma da exposição, ou, mais precisamente, cada uma de suas formas tem seu estilo.

2. Há diversas espécies de estilo: o estilo simples, o estilo comedido, o estilo sublime. A aristocracia da França, berço da língua francesa, imaginava hierarquizar seu vocabulário, assim como ela hierarquizava o próprio povo da França. Havia palavras nobres, palavras burguesas, palavras plebeias, e outras cunhadas como proibidas, como o nome de algumas partes do corpo humano.

Na China, há sete espécies de estilo: antigo, literário, florido ou mundano, comum, semivulgar, familiar e epistolar.

3. Entre os moralistas, particularmente os moralistas franceses, a observação das coisas se condensa em uma máxima, uma reflexão ou um pensamento. (Pascal, Vauvenargues.)

Ao falar sobre Taine, Bréder e Hasar (*Histoire de la littérature française illustrée*, § II, p. 240) assim se expressam: "A solidez do pensamento, a lógica luminosa da argumentação refletem-se em seu estilo com uma limpidez absoluta; até o aspecto tipográfico que comprova isso desde a primeira visão desse ordenamento rigoroso: o hífen acrescentado aos pontos e às vírgulas para separar o teorema inicial, depois as diferentes partes da demonstração, depois a conclusão; todas as casas traçadas no espaço de um capítulo são preenchidas por igual e se continua a ver desenharem-se essas casas mesmo cheias."

Anatole France exige a 'roçada' da página escrita; ele quer que se extirpe o capim dos *que*, *qui*, *qu'on*, *dont*, que sejam banidos o ponto, a vírgula, o hífen. Escreve-se, acrescenta ele, segundo o ritmo e o formato usual do papel de cada um. É preciso abreviar os epítetos, suprimir a 'fofoquice', prevenir-se contra a afetação, o exagero. "Nada é fácil como *de tonner*, *de détonner* e *d'étonner*." [...] "Uma peça que fosse aplaudida a cada verso teria o espectador pregado à poltrona a noite inteira."

Formar frases orgânicas que tenham um eixo em torno do qual se ordene o pensamento, com um ritmo, um número, uma harmonia, tudo que um estilo elevado supõe de reflexões, de riquezas íntimas de forte educação clássica, de capacidade de síntese, de ordem enfim. (Remy.)

Cada autor tem seu dicionário e sua maneira; ele se afeiçoa a palavras, a um certo som, uma certa cor, uma certa forma e a certos torneios de frase, a cortes nas frases em que se reconhece sua mão. (J. Joubert.)

Sujeito, verbo, regência direta ou indireta, as inversões, as figuras de retórica, algumas imagens, a frase era *linear*; ela se torna *volumétrica*, ela se apega estreitamente ao objeto tal como ele é sonhado pela emoção e de maneira que apareça em sua raiz e em sua flor, no instante e no tempo. (Delhorbe sobre Ramuz.)*

Amplifiquemos, digamos que ela se torna *dinâmica*.

* Florian Delhorbe (La Horbe, Florian de 1888–1972). Escritor suíço. Charles-Ferdinand Ramuz 1878–1947). Escritor e poeta suíço. [N.E.B.]

Para escrever bem são necessárias três qualidades:

a) a correção (não a incultura): evitar barbarismos, solecismos, galicismos;

b) a clareza (não a obscuridade): propriedades dos termos e simplicidade natural;

c) a elegância (não sem graça, não vulgar): elegância, de *eligere*, consiste em escolher palavras, locuções e uma construção de frase que dão ao pensamento mais graça ou força.

4. Hoje em dia os próprios poetas se excluíram em grande número da multidão. Desejavam refinar-se, requintar-se, sugerir e não emocionar, cerebralizar e fazer de sua arte uma ciência intelectualista e não um sacerdócio sensível. De onde surgiram muitas vezes o obscurantismo, o hermetismo e a incoerência. Os poetas tornaram-se estrangeiros para a massa, falando uma língua incompreensível para servir ao pensamento e com frequência puerilmente vazia. Mas, ao se requintar, também atingiram formas superiores de expressão do pensamento e é preciso reconhecer o seu esforço.

5. O estilo telegráfico das notícias de jornal acostuma as mentes à concisão na clareza. A imprensa de todos os países, no ano passado, viu-se forçada a apresentar em telegramas breves informações muito complexas sobre as grandes negociações políticas e econômicas. Houve aí um esforço extraordinário que é muito desconhecido.

6. O estilo pode elevar-se e continuar acessível; qualidade rara. Os franceses não acreditam que exista matéria tão difícil que não possa ser apresentada ao público de forma fácil, familiar e fluente. A clareza francesa.

224.3 A exposição, os enunciados

1. *Noções*. Todo documento é um enunciado de dados, fatos e ideias. Esse enunciado é mais ou menos bem ordenado, claramente formulado, bastante estilizado. O progresso é sempre possível em uma apresentação mais lúcida, uma coordenação mais exata, um equilíbrio mais harmonioso de informações conceituais. E também em uma descrição mais adequada de princípios fundamentais.

"Há pessoas", afirmou Pascal, "que gostariam que um autor jamais falasse de coisas das quais outros já falaram; não sendo assim, acusam-no de nada dizer de novo. Mas se as matérias de que ele trata não são novas, sua disposição é nova. Quando jogamos a pela, ambos atiramos a mesma bola, porém um a coloca melhor. Eu gostaria igualmente que fosse acusado de lançar mão de palavras antigas: *como se os mesmos pensamentos não formassem um outro discurso mediante uma disposição diferente*, do mesmo modo que as mesmas palavras formam outros pensamentos por meio de disposições diferentes." *

* *Pensées de Pascal*. Paris: Firmin Didot, 1847, p. 115. [Grifo de Paul Otlet. N.E.B.]

2. *Gêneros de obras*. Existem três grandes gêneros de obras: a) o gênero didático, no qual o autor se contenta em expor os princípios das artes e das ciências; b) o gênero filosófico, no qual se demonstram princípios; c) a crítica, no qual faz-se a aplicação dela às artes e às obras existentes.

a) *Gênero didático*. Chama-se didática toda obra que tem como objetivo principal e essencial educar. O termo indica as composições que se limitam a ensinar os princípios das artes e das ciências aos que supostamente as ignoram. Suas qualidades são a exatidão e a concisão.

b) *Gênero filosófico*. Chama-se filosófica toda obra que vise a expor e a

demostrar os princípios das ciências. Toda demonstração lógica consiste em deduzir uma ou várias conclusões certas de uma verdade conhecida (silogismo, entimema, dilema). Em toda demonstração trata-se, antes de tudo, de levantar claramente o *estado da questão*, isto é, de conhecer o que se supõe como certo e o que se pretende demonstrar. Esse enunciado deve ser feito de maneira rigorosa e mediante definições lógicas. Formular bem a questão e nunca dela se afastar, definir exatamente os termos e conservá-los sempre com a mesma acepção [no original, *acceptation*]: essa é a primeira regra de qualquer discussão.

Uma obra filosófica deve apresentar um raciocínio ininterrupto e completo. A totalidade ou pelo menos cada parte estável [no original, *instable*] da obra pode ser resumida como um silogismo geral cuja conclusão forma a *proposição* dessa parte e cujas premissas são desenvolvidas e provadas por sua vez por outros silogismos que se subordinam e se encadeiam uns aos outros até a demonstração completa. A demonstração de uma dessas premissas, para ser clara e distinta, exige amiúde que seja feita por partes, isto é, que se façam *divisões*: é particularmente nesse caso que a forma nua e crua do raciocínio pode ou deve aparecer no alto da obra, a fim de projetar sua luminosa claridade até as profundezas mais recônditas do raciocínio. Uma lógica rigorosa deve ligar todas as partes de uma obra e traçar claramente as divisões. Estabelecidas sobre esses princípios, as divisões estarão facilmente completas sem que umas entrem nas outras, exatas sem exceder os limites do assunto. Esses limites são determinados pela proporção geral da obra. (R. P. Broeckaert.)

Existem dois métodos de demonstração. a) O método *sintético*: pressupõe da parte de quem escreve um conhecimento previamente completo do assunto, sem nada mais a ser demonstrado para si próprio, e nada a pesquisar. Com o que ele possui ele compõe (*suntíthemi*)* constrói um edifício regular onde a ideia simples e geral forma a base, onde em seguida a ideia particular e concreta forma os detalhes e os acessórios. b) O método analítico (*analúō*),** é o processo de quem está em busca da verdade; é preciso que ele decomponha (análise) seu assunto, que detalhe os objetos específicos, que os examine e os relacione entre si, que, enfim, deduza a ideia simples, geral e abstrata. O princípio assim encontrado pela análise torna-se a base da síntese.

* Do grego: reunir, combinar. [N.E.B.]

** Do grego: desligar, dissolver, soltar, separar, libertar, analisar, examinar. [N.E.B.]

c) *Gênero crítico*. Chama-se crítica a obra que visa a julgar outra obra e a examinar se ela corresponde ou não a princípios adotados como critérios (ver seção 274).

O enunciado pode ser 1º uma apresentação de fatos, 2º um julgamento de fatos, 3º uma defesa ou um ataque.

A documentação pode assumir a forma objetiva, comentada, com base na dialética precisa, ou a forma panfletária, adotada pelos críticos de um estado de coisas determinado ou pelos protagonistas das inovações.

3. *Graus da exposição*. A exposição de uma mesma questão, noção ou ciência pode ser feita conforme diferentes graus.

a) A primeira ordem de grau refere-se à extensão da exposição. Esta, do ponto de vista ideológico, é proporcional à característica genérica ou detalhada da ideia: do ponto de vista literário, depende do caráter implícito ou explícito, prolixo ou conciso da expressão; do ponto de vista documentário, depende da extensão material do documento.

b) A segunda ordem de grau é relativa ao estado mental daqueles a quem o documento se destina (idade, formação escolar, ano da classe,

especialista). Aqui se especificam os graus de escolaridade: preparatório, elementar, médio, superior, especialização. (Ver seção 155.)

Em um trabalho determinado é preciso saber limitar-se.

É preciso distinguir a exposição completa (tratado, enciclopédia) da exposição específica (obra, artigo).

Uma exposição completa nem sempre é necessária ou conveniente.

Uma exposição específica tem um objetivo, um motivo. Deve-se reservar um lugar para ela ao lado da exposição completa.

Remontando à origem, convém perguntar o que é preciso documentar. A respostas será: tudo que diz respeito às questões cujo conjunto constitui a estrutura da ciência em causa, ou todos os fatos importantes, invisíveis aos olhos de uma testemunha inadvertida na massa de fatos acessórios.

Em princípio, no entanto, um livro científico deve ser completo (completude). Mesmo um livro que tenha em vista os estudos primordiais, aqueles dos quais todo o resto decorre, deve abranger tanto a exposição dos *elementos* quanto das *teorias* deles resultantes. Ademais, a definição entre uns e outros é frequentemente similar.

Parece também ser preciso distinguir três tipos de mentalidade aos quais correspondem três tipos de obras: a) para os de espírito analítico e especialista, a monografia descritiva; b) para os de espírito sistemático e universalista, o tratado; c) para os de espírito sintético e teórico, a exposição teórica.

A matéria é apresentada em três espécies de exposição;

1º Exposição literária: pitoresca, narrativa, sucessiva, simultânea (impressões estéticas e apelos ao sentimento).

2º Exposição pessoal: que visa a um leitor ou uma categoria de leitores (*ad hominem*), sem abordar o que é conhecido ou o que eles já sabem. A carta é o exemplo desse tipo de exposição.

3º Exposição sistemática: objetiva, didática, a matéria apresentada por si mesma e de modo completo, independentemente da categoria de leitores ou da impressão estética.

De um outro ponto de vista há duas grandes categorias de escritos. Os escritos destinados ao progresso da ciência (contendo fatos científicos novos). Os escritos destinados a divulgar e difundir a ciência. Paralelos à publicação dita científica.

Convém permitir que a ciência esteja ao alcance daqueles que têm o anseio de saber, o desejo de se instruir, que gostam da natureza, da arte, das coisas verdadeiras, úteis ou belas.

Em geral, a divulgação científica é impossível para quem não participa da construção da ciência. Carece penetrar logo no âmago dos problemas suscitados e apresentar a explicação clara sem exigir do leitor o esforço que não temos o direito de dele esperar. "Ao contrário, haverá apenas a diluição da totalidade das verdades adquiridas ao ponto de uma xaropada melíflua." (Edgard Heuchamp.)

A *Scientific American* abriu um concurso destinado a recompensar o autor que melhor soubesse expor, com menos de três mil palavras, em inglês, de forma clara e não técnica a teoria de Einstein. *L'Illustration* (Paris), por sua vez, publicou uma exposição completa, sem um único termo técnico, de autoria do sr. Charles Nordmann (28 de maio de 1921).

c) A terceira ordem de grau concerne à complexidade dos dados: a) maneira de incorporar em uma redação um fato ou uma ideia simples; b)

maneira de combinar um número de dados em um todo: uma obra; maneira de combinar em um todo diversas obras; d) maneira de conceber a combinação, umas com as outras, da totalidade das obras.

224.4 O plano

Um livro, segundo Taine, é uma subordinação de relatos gerais a um relato específico.

O plano está na base de toda exposição sistemática (científica, didática). Consiste, essencialmente, na classificação e na ordenação das ideias (ver Classificação na seção 412.3. A dificuldade procede, de um lado, da complexidade dos temas tratados e da multiplicidade de pontos de vista sob os quais podem ser abordados; por outro lado, do cruzamento constante desses pontos de vista. O plano tem como objetivo impor ordem onde haveria confusão e mixórdia. Toda coisa considerada (ser, fenômeno, acontecimento, questão) apresenta-se como um complexo de outras coisas: correlação, repercussão, encadeamento de causas e efeitos. Todo documento relativo a isso participa da mesma complexidade e o menor enunciado trata de pontos secundários e ao mesmo tempo do ponto principal. Por conseguinte, encontram-se forçosamente dados que não aparecem no título, expressão do tema principal, o que nas operações de ordenação e catalografia implica uma pluralidade de índices e registros.

"O problema fundamental", segundo Bouasse, "é este: como distribuir os materiais? Em sequência. A escolha das sequências subordina-se à condição de somente introduzir as ideias (tanto quanto possível) umas em seguida às outras, à medida das necessidades, de maneira que o leitor se familiarize imediatamente com elas sem correr o risco de confundi-las. A escolha das sequências subordina-se ainda (nas ciências) à maior ou menor facilidade de representar materialmente as teorias e ilustrá-las por meio de experiências."

Em um livro bem construído percebe-se o esqueleto que forma o suporte da argumentação geral e que mostra sua harmonia e sua consistência. É exatamente o contrário do que é recomendado pelos retóricos que seria disfarçar o esqueleto com a arte de transições imperceptíveis.

As obras didáticas atribuem muita importância ao 'plano de estudo'. Traça-se de antemão um plano para o estudo de cada objeto. (Ex. Alexis, *Géographie*.)

224.5 Ordenação ou ordens dos enunciados

1. As principais ordens seguidas nas exposições são: 1º a ordem das matérias; 2º a ordem geográfica ou topográfica (distribuição no espaço); 3º a ordem histórica ou cronológica da argumentação; 4º ordem alfabética (por exemplo, as biografias).

Um livro também pode ser considerado como uma marcha: um ponto de partida e uma meta rumo à qual ele avança.

2. Um problema geral da documentação é determinar as relações entre as diversas categorias de ordenação: assunto, lugar, tempo, forma e língua. Cada uma dessas categorias constitui em si mesma uma sucessão cuja razão de progressão lhe é própria, e é um equívoco fragmentar essa categoria nela inserindo, em cada nível, documentos de outra categoria.

3. O estudo de um assunto, a preparação e a redação de uma obra são possíveis com diversas categorias de formas de documento. Por ex.: o texto, as ilustrações, as listas bibliográficas, as listas cronológicas, os extra-

tos antológicos de natureza literária, as notas explicativas que detalham os documentos justificativos (poesia sobre o assunto). É possível mostrar os dados dessas formas diferentes em várias séries documentárias distintas constituídas na forma de fichas ou pastas separadas; é possível também fazer uma exposição única, combinando todas as formas: colocando a ilustração antes ou no meio do texto, as notas e a bibliografia dispostas em notas de rodapé, as citações ou extratos poéticos ou literários, os fatos cronológicos e os documentos inseridos em seu lugar no próprio texto.

O estudante e o autor, sabedores das diferenças científicas dessas diversas formas, escolherão aquela que mais lhes convier, mas sem esquecer o adágio latino "Electa una via excluditur altera". A escolha de um método excluirá o outro.

224.6 Ordens de exposição

É preciso distinguir três ordens de exposição: 1º a ordem de demonstração, somente pode muito tardiamente designar uma noção de uma utilidade conhecida; 2º a ordem de descobrimento, histórico no conjunto da humanidade ou cronológico na vida do pesquisador; 3º a ordem de iniciação ou de ensino.

A ordem de exposição difere muito da ordem da invenção. O autor que comunica suas ideias não pode forçosamente obrigar o leitor a refazer, em sua companhia, em seus ziguezagues, o caminho que ele mesmo teve de abrir através do desconhecido. Depois que o terreno for desbravado pelos pioneiros, o caminho para os outros pode ser reto. A ordem da exposição científica deve ter como objetivo a utilização de dados: estes, em sua existência documentária, devem tornar-se também tão manipuláveis quanto instrumentos em um laboratório de física ou substâncias em um laboratório de química.

Ademais, talvez seja útil no ensino iniciar cedo noções fáceis de compreender, mas cuja demonstração rigorosa ocorre depois de uma longa sequência de outras demonstrações. Assim, por exemplo, em matemática, a noção de função pode ser bem compreendida, talvez apresentada no frontispício da ciência. "O inconveniente disso é desprezível, pois, se pode ser agradável, para a satisfação completa da mente, conseguir assim uma definição global e sintética, procuramos em vão qual poderia ser a utilidade, seja do ponto de vista do ensino, seja de uma compreensão geral das coisas, para quem procura adquirir uma simples iniciação prévia." (A. Laisant, *La mathématique*, p. 28.)

Deve-se poder ler um livro numa ordem diversa da ordem das páginas, a fim de conseguir fazer comparações. Por exemplo, em um livro de história tudo o que se refere à arte, ou a indústria em um livro de arte, tudo que concerne à arte em determinado século ou entre um determinado povo. A notação bibliográfica dos capítulos contribuirá para isso.

Uma mesma matéria, por objetivos diferentes, pode estar distribuída em diversas categorias e essas categorias se encontrarem em sucessão na mesma obra. Por exemplo, os programas e catálogos das universidades. Neles, a distribuição dos cursos será encontrada de três maneiras: por matéria, por professor e pelo dia e hora da semana.

Seria conveniente se fosse possível ler um livro científico percorrendo-o e eliminando facilmente, de relance, tudo que não fosse de interesse.

"A utilidade de séries artificiais ou transpostas não oferece dúvida: é a elas que devemos, como já disse, nossas artes e nossa indústria. [...] Nos

relatos científicos é frequentemente cômodo abandonar a ordem natural dos fatos e das ideias e substituí-la por outra, como acontece nos dicionários." (Proudhon.)*

* *De la création de l'ordre dans l'humanité, ou principes d'organisation politique*. Paris: Prévot, 1843, p. 191-192.

224.7 A exposição na ciência

1. *Histórico*. A exposição científica é a última ocorrida na evolução das formas: foi em tempos recentes que ela começou a concorrer com as formas à moda antiga, oratória ou sentenciosa, patriótica ou filosófica. A exposição científica caracteriza-se pela objetividade, simplicidade, clareza e método.

2. *Noção*. Expor um assunto científico consiste em delimitá-lo (seu lugar entre os demais assuntos); defini-lo (o que ele tem de específico); analisá-lo (de que ele se compõe).

3. *Fundamento*. "A ciência só interessa em sua totalidade. Nossas explicações, sendo exclusivamente verbais (no sentido de que somos capazes somente de enunciar com o nome de princípio uma proposição que contém grande número de fatos), a ciência dos específicos torna-se uma simples definição de palavras. Não se pode imaginar a função da explicação física a não ser acerca de conjuntos. – Dependendo de começar a exposição por essa ou aquela extremidade, o sistema de explicações se transforma completamente. O que era *fato de experiência* transforma-se em *definição de vocábulo*; inversamente, o que era incontestável como *definição de vocábulo* transforma-se em demonstrar como *fato de experiência*. Nossos filósofos estão pouco familiarizados com essas noções, para nós elementares; não são nem de Aristóteles, nem de Lachelier. Que ensinam que, a depender do caso, as mesmas proposições invertem sua ordem de precedência; por conseguinte, que sua certeza (aparente) muda de natureza. Eles vão querer lembrar que a explicação em física é a comparação de um fato com as premissas de um sorites desenvolvido de modo independente."[1]

4. *A exposição comparável a uma arquitetura de ideias*. A divisão de um discurso — que vai da simples frase à alínea, ao parágrafo, à seção, ao capítulo — é de primordial importância. Trata-se de fazer com que o leitor compreenda a arquitetura do edifício intelectual que lhe é proposto: trata-se também de lhe permitir interessar-se por uma parte e não por outra. Deve poder voltar sua atenção para um detalhe, mas retomar o interesse pela outra parte, sem perder o fio da meada.

A característica de o livro ser uma 'arquitetura de ideias', de dados intelectuais, faz com que se leve em conta a enorme revolução por que passa em nossos dias a própria arquitetura. É impossível, doravante, não se interessar pela evolução dos conceitos arquitetônicos. Com a guerra provocando um novo fervor* no espírito técnico e nas soluções categóricas, a arquitetura voltou-se para as soluções da ciência desdenhadas até então em benefício das pesquisas ditas artísticas, as quais, muitas vezes, eram apenas decorativas, portanto, parasitárias. Surgiram, então, formas novas, insuspeitadas, fruto da tendência geral rumo à civilização racional, em que se empenha nossa geração. A arquitetura nova utiliza também materiais novos (pedra, tijolo, madeira, ferro, concreto, aço, palha comprimida, concreto de cinzas ou vidro). Ela tem como objetivo a insonorização, a aeração de grandes obras, a utilização do espaço. A regularização

* No original: *faveur*. [N.E.B.]

[1] H. Bouasse. Introdução ao tome III do *Cours de physique*.
Sobre as condições e os requisitos da ciência ver a seção 152.1.

da arquitetura e sua tendência ao urbanismo total ajudam a melhor compreender o livro e seus próprios desideratos funcionais e integrais.[1]

Tudo que na exposição escrita não estiver ordenado segundo a lógica causará uma distorção da mente, tão mais perturbadora, penosa e ineficiente, quanto mais a mente estiver consciente da ordem lógica.

As qualidades exigidas das obras científicas são: a) *exatidão das ideias*: ela é fruto de um estudo sério; b) *método na argumentação*: consiste sobretudo em não misturar os objetos distintos do aprendizado nos assuntos um pouco complicados, em estabelecer e respeitar as divisões naturais; c) a *clareza na expressão*: ela aspira a que o autor se previna contra os arrebatamentos da imaginação; d) a *noção das proporções*, tão importante na composição de uma obra.

5. *Análise da exposição*. A forma da exposição consiste antes de tudo em uma disposição de elementos: a) toda frase pode obedecer a um modelo (sujeito, adjetivo, verbo, advérbio, complemento); todo raciocínio (sequência de frases) a um silogismo; c) toda exposição (sequência de raciocínios) a um modelo literário ou científico; d) todo livro (sequência desses modelos) a um modelo de arquitetura livresca.

Tem-se a seguinte gradação: a sílaba (fonema), a palavra, a frase simples, complexa (várias proposições) * , o parágrafo (várias frases).

* No original: *proportions*. [N.E.B.]

Na base da ordem das palavras na frase está o que se denomina a construção gramatical. Dois fatores a determinam: a ordem das ideias e a harmonia dos sons. Os hebreus adotaram, em sua língua pobre, a ordem das ideias, os gregos e os latinos sacrificaram com frequência à harmonia dos sons a clareza de um estilo simples e direto. O latim moderno e os anglo-saxões empregam construções diretas e os germanos transferem o verbo para o fim.

6. *Formas intelectuais fundamentais*. É possível separar as seguintes formas intelectuais, que os matemáticos individualizaram com precisão, mas que são suscetíveis de generalização para todos os domínios das ciências.

Uma *teoria* forma um encadeamento contínuo. - Um *axioma* é uma verdade evidente por si mesma. - Uma *proposição* ou *teorema* é uma verdade que precisa de uma demonstração para se tornar evidente. - Dá-se o nome de *princípio* a uma ou várias proposições que se reportam a uma mesma teoria. – Uma *hipótese* é uma suposição. – Uma *regra* é a indicação do caminho a seguir para alcançar um resultado procurado. – Um *sistema* (ex., em aritmética, do grego *systema*, montagem) é um conjunto de convenções sobre um mesmo assunto. Ex.: sistema métrico, sistema de numeração. – Um *problema* é uma questão a ser resolvida. A resolução de um problema compreende a solução (indicação das operações a serem feitas para alcançar o resultado esperado) e o cálculo (execução das operações indicadas pela solução).

7. *Uma ciência*. Toda ciência possui fatos, um objeto, um programa ou meta, teorias, métodos.

Pode-se redigir a exposição na seguinte ordem: definição, proposição, previsões, consequências, regras, observações, exercícios, problemas.

"Além dos trabalhos de pesquisa, toda ciência precisa de exposições sintéticas, orais e escritas. Esse tipo de exposição requer ideias gerais em primeiro plano e os fatos em segundo, enquanto que, ao contrário, no ensino acadêmico, é preciso, como dizia Fustel de Coulanges, um ano de

[1] Ver as obras de Henry van de Velde, Le Corbusier, Alberto Sartori (*Éléments de l'architecture fonctionelle*. Torino: Hoepli. 678 reproduções.

análise para autorizar uma hora de síntese." (Salomon Reinach.)

8. *Desideratos. Recomendações.* Apresentamos, visando a uma exposição clara, as seguintes recomendações, sugestões e desideratos: 1º a ideia principal será dividida; 2º as partes serão interligadas, formando uma 'cadeia', em que cada elo será um problema ou um aspecto especial do assunto tratado. Às vezes esses pontos são dispostos em uma ordem estrita, outras vezes são reunidos por meio dos elos de um raciocínio bem articulado; 3º serão dispostos em uma ordenação; 4º expressos em termos adequados, precisos, concisos e animados; 5º dispostos em seções numeradas; 6º cada seção receberá um título; 7º ela será suscetível de ser condensada em uma proposição enunciada claramente; 8º a ideia principal completa poderá então ser ligada a um resumo integral formado da totalidade das proposições específicas expressa nas seções da argumentação; 9º termos precisos, repetir as mesmas palavras ao invés de equivalentes; 10º frase de construção simples, sem inversão, curta; 11º exposição direta, encadeamento direto das ideias sem orações incidentes (digressões); 12º sistema lógico de divisões e subdivisões mostrada de modo claro, zelando pela redação literária; 13º ilustração, real e esquemática; 14º remissões de uma parte a outra da exposição; 15º apresentar eventualmente no texto os dados gerais e enviar as notas de qualquer espécie para uma segunda parte. Às vezes o autor faz uma exposição sintética, ao ensejo de uma polêmica, mas remete para um apêndice as notas onde a discussão é retomada. Um estudioso, de ideias sintéticas, após ter produzido muitas ideias específicas, acaba incorporando seus estudos específicos a uma obra genérica;[1] 16º relacionar as fontes bibliográficas. Do ponto de vista da exposição, o método científico requer remissivas de confirmação no rodapé das páginas ou no fim do volume. Indicação exata das fontes da afirmação apresentada. A ciência torna-se lista, inventário, quadro numérico. Ex., classificação do espectro das estrelas: catálogo do Harvard College Observatory; 17º incluir resumos. Existem a exposição, o resumo da exposição e às vezes o resumo do resumo.[2] 18º fazer quadros. Os dados da ciência costumam cada vez mais ser 'tabulados', a serem apresentados na forma de quadros, seja em colunas que correspondem a características ou partes que merecem destaque, seja em esquemas sistemáticos.

9. *Observações complementares*

a) O método científico (de escrever), afirma Candolle, consiste em apresentar primeiramente, sobre cada questão, os fatos, depois o raciocínio e por fim as conclusões, sem dissimular para o leitor o que parece obscuro ou incerto; o grande público, porém, não gosta desse método. Ele quer que o autor se expresse de modo ousado, apresentando alguns fatos ou alguns princípios demonstrados e depois se interesse pela elaboração de pormenores e de consequências.

b) Somos levados agora a pesquisar um processo que torne evidente a estrutura do livro que os autores antigos ocultavam e para quem o livro se apresenta como o edifício na fase da verdade dos materiais aparentes. – Mostrar a estrutura pelo desenho da planta (desenvolvimento sinóptico, numeração das partes e colocação de entretítulos. Ideia matriz ou proposição, prova, notas, bibliografia: textos diferentes segundo a natureza dos materiais.

c) A arte de expor deve inspirar-se na arte de ensinar e nos progressos

[1] Ver, a título de exemplo: Freemantle, *Comparative politics*.

[2] Victor Cousin: *Du vrai, du beau et du bien*. 23e édition, p. 660.

por ela alcançados. Reciprocamente, a arte de ensinar deve reservar um lugar capital para a arte de expor.

"Com processos de ensino mais ágeis, uma rígida economia de esforços inúteis, aprender-se-ia o grego em três anos e o latim em dois. Em humanidades como em pedagogia a solução do problema é idêntica: é preciso aperfeiçoar os instrumentos de transmissão do saber, melhorar o desempenho sem exagerar no esforço, aumentar os resultados úteis do trabalho mediante a supressão dos atritos que levam ao seu desperdício. A mente humana, que é a mais flexível das máquinas, presta-se admiravelmente a transformações de métodos quando está nas mãos de engenheiros que conhecem suas qualidades e suas resistências. No dia em que a pedagogia, que ainda não passa de uma arte, vier a se tornar uma ciência positiva, o problema da sobrecarga dos programas de ensino só assustará os tímidos e os indolentes." Salomon Reinach cit. por Boissacq.

d) *Exposição pela imagem*. Existe uma metodologia de exposição por meio da imagem.

e) Pode-se também desenvolver o assunto da seguinte maneira: 1º simples pontos numerados, bem distintos, sem ligação com o texto, mas com uma conexão implícita; 2º informações sem preocupação de ordem (tipo dicionário e enciclopédia); 3º raciocínio segundo um dos modos característicos (silogismo, dilema, sorites, etc.); 4º sistematização–ordenação rigorosa.

f) Há diversas maneiras de tratar um mesmo assunto: a) em partes ou no todo; b) sumariamente ou pormenorizadamente; c) de uma perspectiva estreita ou de uma perspectiva ampla; d) todas as coisas apresentadas no mesmo nível ou ressaltando o fato mais proeminente; e) segundo uma ordem estrita de ordenação (matéria, tempo, lugar, etc.) ou uma ordem dispersa; f) os dados apresentados simples e despojadamente, em si mesmos, ou em destaque sobre um fundo de interpretação, de comparação, de ideias gerais destinadas a realçá-los e mostrar suas conexões.

g) Outras recomendações: 1. Examinar todos os problemas que o assunto em causa suscita ou pode suscitar. 2. Desdobramento dos aspectos secundários desses problemas. O suporte de uma documentação abundante, selecionada, ordenada, explicada. 3. Apresentação metódica de diversos casos da mesma espécie. 4. Para cada questão preparar um apanhado histórico, e depois mostrar as opiniões dos autores, concluindo com sua própria opinião.

10. *A exposição nas diversas ciências*. Cada ciência possui não apenas sua terminologia própria, mas também métodos rigorosos de exposição e dialética. Trata-se de não fazer desaparecer o enunciado dos fatos, de difusão essencial, nas partes de considerações emaranhadas sem ordem.

a) *Filosofia*. São obras de um caráter geométrico em que as partes estão de tal modo interligadas que se recusam a qualquer análise, e virariam pó assim que se quisesse dissecá-las, membro por membro, articulação por articulação. Como a *Lógica*, de Hegel (1812–1816).

d) *Direito*. A forma de exposição que se dá às peças jurídicas, os 'considerando' e os 'tendo em vista' são sólidas armaduras, fórmulas que orientam o pensamento, protegem-no e o defendem.[1] As leis prescrevem um conjunto de 'formalidades' às quais se acomodam os dados para que tenham solidez.

c) *Matemática*. Com muita frequência considerações quanto a métodos

[1] Ver "Une Croisade". *Journal des Tribunaux* (Bruxelles, 2 février 1902).

e princípios são associados a aplicações e cálculos, o que gera dificuldades para os iniciantes apreenderem a filiação natural. Convém que sejam reunidos em um corpo de doutrina separado onde o encadeamento se torna mais sensível. (Ex., o que fez Freycinet para o cálculo diferencial.)

d) *Ciências naturais*. As ciências naturais alcançaram tipos de exposição que correspondem a todos os graus de desenvolvimento de uma ideia e de um enunciado. Pode-se a propósito dos animais, por exemplo, encontrar tanto uma descrição completa, quanto algumas palavras de diagnose acerca de seu sujeito, ou a mera indicação de seu lugar entre gêneros vizinhos. Foram criados modelos morfológicos e, recorrendo-se a eles, é possível encontrar a descrição precisa e detalhada de sua conformação interna, exceto diferenças secundárias que não alteram, de modo algum, sua constituição essencial e que indicam as diagnoses pelas quais o modelo foi derivado.

e) *Botânica*. Suas matérias estão divididas em alguns tipos de obras. As floras (meros catálogos ou obras metódicas em que são descritos os vegetais nativos). As obras gerais, onde estão reunidas no corpo da obra todas as plantas, dispostas metodicamente e descritas de maneira clara e concisa (sinopse, pródromo, nomenclatura). As monografias onde os autores dão a conhecer uma única família.

f) *Técnica*. A técnica ou ciência da ação, sempre direta e sempre urgente, expõe-se cada vez mais em formas diretas instrutivas, despojadas do supérfluo.

Descrição de um dado com o auxílio de uma figura (ex.: A. Guillery: *Manomètre d'enregistrement avec contrôle permanent de ses inductions*. Académie des Sciences, 2 juillet 1928). *Résultats exposés à l'aide de tableaux* (Ex. E. Rothee et A. Hee: *Sur les propriétés magnétiques des zones stratigraphiques de la vallée du Rhin*. Académie des Sciences, 2 juillet 1928.)

Quadros de associações de normalização de diversos países, principalmente os da Deutsche Normenausschuss. Descrição de patente de invenção, em que o inventor é obrigado a redigir a reivindicação na forma prescrita.

g) *Arquitetura*. Aqui se encontram os tipos de obras seguintes: as obras arquitetônicas; as monografias dos mais belos monumentos: é frequente ver-se nessa análise o enriquecimento com dados novos de âmbito geral (ex.: Penrose). Todos os edifícios de uma cidade artística. Tudo o que concerne a uma família de edifícios (igrejas, palácios, casas, etc.). Os elementos e a teoria da arquitetura (ex.: paredes, abóbodas, escadas).

h) *História*. Notam-se aqui três grandes categorias de formas: 1º as fontes (documentos propriamente ditos); 2º os trabalhos críticos sobre as fontes e que são simplesmente preparatórios; 3º os trabalhos de construção que variam entre ele segundo a finalidade da obra e, por conseguinte, a natureza dos fatos, a maneira de dividir o assunto, isto é, de ordenar os fatos, a maneira de apresentá-los, a maneira de expressá-los, o estilo.[1]

---

[1] *L'histoire de France*, de E. Dermot (*cours moyen. 1ère année, éducation civique, histoire de la civilisation*, 144 p.) Eis um tipo de livro moderno para estudo da história. Os dois mil anos de história são divididos em 69 lições, dos gauleses até 1911. Cada lição ocupa só uma página. Ela tem título geral e é dividida em três, quatro ou cinco pontos com títulos e numerados. As palavras características, as que for preciso lembrar, são impressas em itálico. Um resumo enquadrado e em itálico; um questionário fecha a página: antes, um esboço, no texto, se for preciso, mapa, retratos com legenda e um texto, leitura ilustrada a respeito de um dos fatos tratados na lição. O próprio texto é dividido por ponto. Depois do texto, sob o título 'para sublinhar', a indicação dos pontos do trecho a serem destacados e que esclarecem a história dos costumes e dos progressos da civilização. *In fine*, cronologia que apresenta cem datas, separada por períodos e em três estilos de tipo, romanos, itálicos, egípcios, para res-

11. Exame de obras específicas quanto aos princípios de exposição. Um grande trabalho resta a fazer: o exame científico e prático de obras específicas do ponto de vista de sua forma e dos princípios de exposição nela empregados.

Esse trabalho deve ser aplicado às grandes obras do passado e às obras que surgem todos os dias; trata-se, portanto, de um trabalho contínuo. É a verdadeira observação bibliológica, enquanto que outros, pela experimentação bibliológica, consistirão na elaboração de obras com plena consciência e conhecimento dos princípios da exposição.

Obras célebres apresentam interessantes características, positivas ou negativas, quanto às formas de exposição. Aquelas que carecem de ordem na exposição ajudam a que compreendamos a importância da ordem, mas ao mesmo tempo talvez estejam mais próximos da vida, a qual não é de modo algum ordenada. Eis alguns exemplos:

a) O diálogo de Platão *Parmênides*, segundo Victor Cousin, permanece como uma das obras de Platão cuja verdadeira finalidade é a mais difícil de saber e de acompanhar o fio e o encadeamento através dos milhares de desvios da dialética eleática e platônica. Há muito tempo que o verdadeiro pensamento de Platão continua sendo um problema. Seria um grande exercício de dialética, o santuário misterioso onde se oculta, atrás de um véu de sutileza quase impenetrável, a teoria das ideias?

b) O *Corão* é ilegível duas vezes para um ocidental. Uma parte de sua ininteligibilidade se deve a seu arranjo. Na preparação da edição 'canônica' não houve tentativa de apresentar as matérias em ordem cronológica; revelações de diferentes períodos ficaram muitas vezes misturadas em uma só no mesmo capítulo. O princípio geral adotado foi colocar primeiro os capítulos mais longos seguidos dos mais curtos. Como as primeiras revelações estão muitas vezes contidas nos capítulos mais curtos, pode-se afirmar que a melhor maneira de ler o Corão é começando pelo fim. Sua ininteligibilidade provém também da mente desorganizada do Profeta, que, na parte histórica de suas revelações, confundia as coisas. O contraste é flagrante com a Bíblia onde a ordem histórica é adotada. O Corão fala de Adão, Abraão, Jesus, Moisés e outros mais fora de ordem e sem que se possa ressuscitar a ordem em que eles aparecem na sequência temporal.

c) A *Imitação de Jesus Cristo* apresenta um texto descontínuo e pouco coerente: os preceitos que constituem sua substância estão espalhados por toda a obra, confundindo-se com os elementos de misticismo e as regras específicas da vida monacal.

d) A obra de Nietzsche é curiosamente fragmentada em uma infinidade de pensamentos, axiomas, críticas endereçadas a todos os filósofos. Ela constitui uma série de documentos preciosos, ideias novas e teses de uma lógica implacável. (Thoran Bayle.)

e) A preocupação em responder perpetuamente a objeções que amiúde se repetem em formas diversas e nem sempre são indispensáveis à exposição da tese, enfraquece a obra de certos filósofos, como Le Dantec e William James.

Muitos autores de obras modernas preocuparam-se grandemente em cuidar da forma da exposição, ao contrário desses exemplos célebres. Neles encontramos, explicitamente ou em embrião, inúmeras inovações

---

saltar ainda mais os fatos importantes. Esse pequeno volume cartonado era vendido por 90 centavos.

passíveis de serem generalizadas, inúmeras formas passíveis de se transformar em 'modelos'.[1]

12. *Exposição pelos métodos da ideografia e dos símbolos*. a) Segundo a ordem cronológica, os primeiros símbolos são os algarismos 0, 1, 2, etc, cuja origem é muito antiga. Em seguida os símbolos das operações aritméticas +, — (a. 1500), × (a. 1600) ... as relações = (a. 1550), > (a. 1650), os números e, Π (a. 1700) ... Durante o último século os símbolos Σ Π, lim, mod, sgn, e, ... entraram no uso comum.

Esses símbolos permitem expressar completamente quaisquer proposições:

$$2 + 3 = 5 \qquad 2 < e < 3 \qquad \lim_{4 = \infty} \left(1 + \frac{1}{n}\right)^n =$$

$$\int_0^\infty \frac{\sin x}{x}\, d\,x - \frac{\Pi}{2} \text{ etc.}$$

b) Em geral, utilizam-se símbolos matemáticos para expressar as partes de uma proposição, as quais devem ser acompanhadas da linguagem comum, para formar as proposições completas.

A parte reservada à linguagem comum, menor em alguns trabalhos de análise, ainda era grande nas obras de geometria. O cálculo baricêntrico de Möbius, a ciência da extensão de Grassmann, os quatérnios de Hamilton, para citar apenas as teorias principais que permitem agora operar com os objetos geométricos como se opera em álgebra com os números.

c) A lógica matemática estuda, por sua vez, as propriedades das operações e das relações lógicas que ela indica com símbolos.

A lógica matemática foi desenvolvida sucessivamente por Leibnitz, Lambert, Boole, de Morgan (1850), Schröder (1877), McColl (1878) e Bertrand Russell. Dela se encontram embriões até em Aristóteles.

---

[1] Eis alguns exemplos:

a) No que concerne às ciências puras, matemática, química, física, botânica, zoologia, etc., C. A. Laisant organizaou na editora Hachette uma coleção de obras redigidas para a infância e voltada para sua iniciação nesses temas. Esses livrinhos (*Iniciation mathématique*, etc.) destinam-se aos pais que desejem iniciar seus filhos, ao mesmo tempo que se divertem e se interessam por observações efetivas, nos rudimentos das diferentes ciências, cujo conhecimento tornou-se, numa época de progresso como essa em que vivemos, uma necessidade quase absoluta.

b) Nas tábuas de logaritmos do serviço geográfico do exército, a fim de evitar as possibilidades de erro e fadiga, foi adotado o seguinte aperfeiçoamento: os caracteres são de um tipo novo e sua disposição nos números não pode deixar espaço para confusão. O papel é tingido para atenuar para os olhos o efeito da luz refletida: é discretamente amarelado para todas as tábuas, exceto algumas azuladas para que sejam reconhecidas de imediato. (Imprimerie Nationale, 1889.)

c) Manuel Astruc, 'Formulia': São oferecidas noções sobre sete ciências aplicadas ao automóvel. Química, física, mecânica, trigonometria, álgebra, geometria e aritmética.

d) As *Tables nautiques*, de C. Cornet (Gauthier Villars). Diz o autor: "As duas tábuas desta obra permitem resolver o triângulo esférico com segurança e rapidez; foram estudadas para evitar erros, facilitar as consultas e evitar que as páginas sejam folheadas."

e) E. Cottet. *Leçons et exercices d'analyse à l'école primaire. Livres d'exercices avec des points à la place des mots, à remplacer par les élèves*.

f) Em *La femme a ses raisons...*, de Charles Oulmont. O autor apresenta os diários íntimos de seus dois heróis justapostos em duas colunas. Destaca assim de forma divertida os mal-entendidos que se insinuam na vida do casal.

g) Jules Laforgue, sentindo-se atravessado por um fluxo tumultuado de sensações, ideias e impressões fugidias, não conseguia colocar em ordem tudo isso que jorrava de cambulhada em poemas amorfos onde, através de obscuridades laboriosas, passavam, aqui e ali, inspirações de gênio.

h) Alguns autores espalham em todas suas obras, na forma de reflexões esparsas ou misturadas com outros fatos, suas ideias, as quais, se fossem condensadas didaticamente em um capítulo especial, dariam forma a sua concepção. O leitor, por causa disso, é forçado a reconstituir a teoria e reler em seguida a obra inspirada por essa teoria. Existe aí a necessidade de oferecer comodidade para a leitura.

d) Peano criou uma ideografia que resulta da combinação de símbolos lógicos com os algébricos.[1] Ele escreveu inteiramente com símbolos algumas teorias matemáticas e certos autores o acompanharam. Em outros lugares, procurou-se somente enunciar teoremas de forma mais clara. Em geral, essa ideografia é considerada por seus criadores como instrumento indispensável para analisar os princípios da aritmética e da geometria e para discutir as ideias primitivas, as derivadas, as definições, os axiomas e os teoremas. Ela também serviu para construir longas sequências de raciocínio, quase inabordáveis com a linguagem comum.

Peano procurou reunir em um único volume as proposições escritas totalmente com símbolos e que ele chama de 'fórmulas'. Trata-se de seu *Formulaire de mathématique*, do qual ele publicou três edições sucessivas (t. I, em 1892–1895; t. II, em 1897–1899; t. III em 1901). Este último contém 230 p. É o resultado de uma preciosa colaboração com diversos estudiosos e contém grande número de informações históricas e bibliográficas. O *Formulaire* é uma obra em contínua elaboração, e suas atualizações são publicadas de modo contínuo na *Revue de Mathématique*.

Os termos da linguagem matemática conhecidos chegam a vários milhares. Esse número cresceu durante os séculos. Era de um milhar na época de Arquimedes e chega a 17 mil no vocabulário publicado pelo sr. Muller em 1900,* sem contar os vocábulos pertencentes à lógica. Peano disse que não convém de modo algum transformar todas essas palavras em símbolos, pois ele as expressou com cerca de 100 símbolos.

*Talvez, Müller, Felix (1843–1928). *Vocabulaire mathématique français-allemand et allemand-français, contenant les termes techniques employés dans les mathématiques pures et appliquées.* Leipzig: Teubner, 1900. [N.E.B.]

Na linguagem comum dispõe-se de várias formas para representar uma mesma ideia indicada no formulário por um símbolo único e cada símbolo tem um nome. Mas os símbolos e os conjuntos de símbolos são lidos de uma forma que se aproxima da linguagem comum. Um pouco de exercício permite ler facilmente os formulários.

O formulário é dividido em §§. Cada § tem como título um signo ideográfico. Os signos se sucedem numa ordem tal que qualquer signo é definido pelos precedentes (com exceção das ideias primitivas). Qualquer § contém as proposições que são expressas pelo signo do § e pelo precedente. Estes últimos servem para ordenar as proposições do §. Por conseguinte, encontra-se no formulário o lugar de uma proposição já escrita com símbolos, quase como se encontra o lugar de uma palavra em um dicionário. Toda proposição é indicada por um número que tem uma parte inteira e uma parte decimal, com o objetivo de facilitar a interpolação. O signo * colocado antes de um texto indica a mudança da parte inteira.

e) Esforços deveriam ser encetados em outras ciências, fora da matemática, para nelas introduzir a ideografia e paralelamente outras exposições antes mencionadas como o *Formulaire des mathématiques*. Pode-se imaginar a utilidade que traria tratar dessa forma principalmente as ciências, a sociologia, hoje campo de batalha em todas as direções.

Não é inútil lembrar aqui este pensamento de Proudhon:

> Quero que o autor, mais amigo da verdade do que da glória de bem falar, mais desejoso de me convencer do que de me surpreender, sem negligenciar a elegância

[1] Peano imaginou que toda teoria seja explicada de novo na forma de símbolos. Isso, segundo ele, exige uma análise profunda das ideias que figuram nessa teoria; com os símbolos não se podem representar ideias não precisas. Ele condensa todas as ideias e proposições diversas graças a essa notação. Ele faz um formulário ordenado em que cada proposição é expressa por uma fórmula. Ele ordena as proposições na ordem de combinação seguindo a ordem da sequência de símbolos. Atribui às proposições um número decimal que permita as interpolações.

do estilo, a forma do pensamento, a rapidez da exposição, faça brilhar aos meus olhos, com uma penetrante análise, o relato dos termos que ele compara; que me faça tocar com o dedo a fórmula; que ele justifique a propriedade e a suficiência de seu ponto de vista; que pela força das divisões e dos grupos, pela magia das figuras, ele me mostre, por assim dizer *in concreto*, a verdade do que afirma; sobretudo que na conclusão ele não ultrapasse jamais o campo da série.

Mas antes de exigir dos autores essas condições de certeza, é preciso ensinar a quem lê e também a quem escreve o que é frasear e o que é provar. Toda a mixórdia, a obscuridade, as contradições, toda a embrulhada, os inextricáveis paralogismos, os sofismas brilhantes e as sedutoras quimeras de que nossos livros regurgitam; todas as incertezas da opinião, as bacharelices da tribuna, o caos das leis, o antagonismo dos poderes, os conflitos administrativos, o defeito das instituições resultam de nossa miserável lógica, de nossa lógica antisserial. *

* *De la création de l'ordre dans l'humanité, ou principes d'organisation politique*. Paris: Prévot, 1843, p. 247-248. No texto de Paul Otlet os parágrafos estão invertidos. [N.E.B.]

(Cf. seção 159. A evolução simultânea dos instrumentos intelectuais. 222.24 Notação universal.)

224.8 A exposição e as formas intelectuais na literatura

Em princípio, em nome de seu objeto próprio, a literatura se distingue da ciência. Na realidade, porém, nem sempre é fácil determinar essa diferença e na prática nem sempre ela é observada.

O objeto imediato da poesia é seduzir, o da eloquência é persuadir, o da história é descrever os fatos verdadeiros para assim instruir os homens. O objeto da ciência e da filosofia é buscar a verdade na realidade e nas coisas e ampliar o domínio de nossos conhecimentos sobre elas.

As formas literárias existem em grande número e misturam seus elementos. É possível distinguir as formas elementares, a prosa e a poesia, os gêneros propriamente ditos. Somos obrigados a nos limitar aqui a algumas observações gerais, deixando o desenvolvimento desse tema para os tratados de literatura.

1º *As formas elementares*. As principais formas elementares são a narração, a descrição e o diálogo. A unidade de pensamento se expressa na proposição. Conforme o sentido e a maneira de ser, a proposição toma nomes especiais: a *sentença* é uma proposição que encerra um grande sentido; o *axioma* é uma verdade primeira, evidente por si mesma; o *provérbio* é uma sentença que se popularizou; o *aforismo* é uma sentença ou um preceito científico, que resume em poucas palavras grandes verdades; o *apotegma* é um dito memorável. A *narração* é a parte do discurso que abrange o relato de fatos; a exposição a precede e a confirmação lhe sucede. Distingue-se: 1) a narração oratória: ela exprime o fato do ponto de vista mais favorável à causa; 2) a narração histórica: deve exprimir a exata verdade, o que nem sempre faz; 3) a narração poética: é deixada à imaginação do poeta.

2. *Poesia, prosa*. A prosa e a poesia aplicam-se a quase todos os gêneros. Da inspiração nasce a poesia (linguagem dos deuses). Entre a poesia e a prosa existe mais do que uma distinção baseada na métrica, no ritmo e na observação de outras regras poéticas. Essas duas formas da palavra respondem sobretudo a duas maneiras bem diferentes de sentir e exprimir o verdadeiro e o belo. Distinguem-se as poesias líricas, épicas ou heroicas, dramáticas, didáticas ou filosóficas, elegíacas, pastorais ou bucólicas, eróticas, satíricas e descritivas. Do ponto de vista do ritmo e da métrica, distinguem-se: 1) a poesia rítmica. Nela se observam a cadência e o número de sílabas, mas não seus acentos, pois são todas consideradas iguais: assim é a poesia moderna em geral e também a dos orientais. 2) A poesia métrica. Baseia-se nos acentos das sílabas, pois umas são breves e outras

longas: assim é a poesia grega, latina e alemã.

3º *Os gêneros literários*. Os principais gêneros literários são a poesia, o romance, o teatro, a história e a crítica. Pouco a pouco, no curso do tempo, foram sendo formados esses gêneros. Posteriormente, as grandes correntes da vida e do pensamento os transformaram; houve, constantemente, influência recíproca entre os gêneros.

4º *A epopeia*. Na origem dos povos encontram-se com muita frequência narrativas legendárias e poéticas, repletas de atos heroicos e maravilhosos. Como o *Mahabharata* e o *Ramaiana* entre os hindus, o *Chah Nameh* entre os persas, a *Ilíada* e a *Odisseia* entre os gregos, a *Canção de Rolando* entre os francos, os *Niebelungen* entre os alemães. Há poemas épicos que não assinalam as origens de uma literatura, mas que se referem a precedentes: a *Farsália*, de Lucano, a *Eneida*, de Virgílio, a *Divina comédia*, de Dante, a *Jerusalém libertada*, de Tasso, o *Paraíso perdido*, de Milton, a *Messiade*, de Klopstock, a *Franciade*, de Ronsard, o *Telêmaco*, de Fénélon, os *Mártires*, de Chateaubriand.

Dava-se outrora o nome de poema épico à narrativa de um grande feito nacional. Hoje lhe damos o de enciclopédia poética de uma civilização (Charles Hildebrand. *Études italiennes*). A *Ilíada* é a guerra de Troia e o contraste entre o mundo asiático e o mundo europeu. A *Divina comédia* é a luta entre o papa e o imperador.

Nas palavras de Lalo: "Para compor uma epopeia eis a receita. Escrevem-se 24 cantos, contendo alguns deuses nos infernos, outros no céu, e mesmo um no purgatório, se for bom católico, um sonho ou pelo menos um sono, uma profecia, um ou dois inventários de qualquer coisa; por fim, uma batalha. Essa narrativa deve ser essencialmente nobre e metafórica: em verso se for possível; se não o for, em prosa poética."

5º *O romance*. De todos os gêneros literários o romance é o que se tornou durante o século XIX o gênero literário por excelência. Se é inferior à poesia para a expressão direta de sentimentos, ele a supera em muito quando se trata de apresentar uma análise minuciosa ou de desenvolver ideias filosóficas ou artísticas, e nenhum gênero, nem mesmo o drama ou a comédia, pode com ele rivalizar para a pintura de ambientes históricos ou contemporâneos.

6º *O discurso*. Toda fala de certa extensão pronunciada em público e com um certo método. O orador deve agradar, instruir e convencer. Os discursos apresentam a mesma variedade dos gêneros de oratória: religiosos, parlamentares, acadêmicos. Os mestres da retórica dividem o discurso em sete partes: exórdio, proposição, divisão, narração, confirmação, refutação e peroração.

7º *A dissertação*. É um discurso filosófico que difere das composições oratórias propriamente ditas porque se limita a estabelecer um ponto de doutrina pela via do raciocínio, sem receio de persuadir apelando para a imaginação e a sensibilidade. Analisar, expor, deduzir todas as razões que levam à mesma conclusão, refutar os adversários, ser invencível ou irrefutável: é nisso que consiste a dissertação.

8º *O diário íntimo*. Há escritores que mantêm seu diário (Amiel, 16 mil páginas), Mauriac, Gide, Barrès, de Vigny, Pierre Louys, Katherine Mansfield). Para alguns deles, a função do diário é alimentar a obra, e não publicam nada em estado bruto, a não ser resíduos, as páginas que não transformaram em obras de arte, seus cadernos são então coletâneas de notas que servem para suas obras. Para outros, o diário é o espelho da

alma interior de quem escreve: uma obra que possui suas leis e seu próprio clima.

O diário de Albert Schumann começou no dia 12 de setembro de 1840, dia de seu casamento, e onde ele e sua mulher deviam, alternadamente, cada semana, escrever tudo o que os houvesse marcado em sua vida conjugal. (Publicado nos *Annales* de Paris, 1932.)

9º *Biografia*. Pode assumir formas variadas: contar a história da pessoa; ser uma exposição puramente objetiva de suas doutrinas ou de suas opiniões sucessivas; considerar a personalidade como um documento psicológico de valor excepcional. As biografias se mesclam com a história geral; surgiu recentemente o gênero 'biografia romanceada' onde a verdade objetiva se associa às ficções da imaginação.

10º *O enigma*. Atualmente, o enigma não passa de um passatempo. Mas os antigos, sobretudo os orientais, cujas línguas abundam em imagens, o empregavam muitas vezes para expressar pensamentos mais ou menos profundos. A Escritura preservou a lembrança de alguns enigmas de Salomão, de Sansão, etc. Nas lendas gregas encontramos o enigma da Esfinge, o de Esopo. Negligenciado por muito tempo, o enigma foi cultivado no século XVII por Boileau e pelo abade Cottin. Atualmente, nós o vemos substituído pela charada, o logogrifo e o rébus.

225 Elementos científicos ou literários do livro: os dados da exposição

1. *O continente*. Os elementos considerados anteriormente são os do 'continente' ou 'forma' no sentido amplo da palavra (elementos materiais, gráficos, linguísticos e intelectuais). Os elementos considerados aqui são os do 'conteúdo' ou 'fundo'. Estes são os elementos científicos ou literários, os próprios dados, da exposição: fatos e ideias.

Por trás do livro 'continente' existe o 'conteúdo', a literatura em sentido amplo, (as letras, a 'coisa literária': *res litteraria*, *materia bibliologica*, *res scripta*, a enciclopédia imaterial do conhecimento).

Na verdade, a matéria dos livros é tudo o que é constatado e pensado, sentido e provado, desejado e proposto. A divisão da matéria como científica, literária, prática ou de ação social é relativamente recente. Houve uma primeira confusão e mistura, depois uma lenta diferenciação. Essa matéria não tem outro limite senão o pensamento humano, o qual, em princípio, não possui outros limites, exceto a realidade universal.

As tradições orais acabaram por ser escritas como os costumes eram redigidos; as canções populares transcritas, as paisagens, os locais, as indústrias, as coisas fotografadas ou filmadas.

Em termos gerais, os livros produzidos podem ser divididos nas seguintes categorias: obras antigas, que valem por si mesmas ou como fontes da história; obras literárias; obras científicas; obras técnicas e profissionais; publicações administrativas oficiais; publicações comerciais.

2. *Conteúdo da massa de livros*. A que estão consagrados esses milhões de obras, essas centenas de milhões de documentos escritos todos os dias, de vida mais ou menos durável ou efêmera e cujo efeito, nem que tenha sido por um átimo e sobre um ponto particular, veio inscrever-se na realidade universal? Todo o esforço da inteligência resulta em pensamentos, ligações, combinações, ciclos de pensamentos, que constituem sistemas, teorias, verdades, erros e opiniões. Resulta, em uma palavra, em ideologias que tendem, por síntese e eliminação, a uma mentalidade

universal e humana.

Para estar atento ao que contém a massa dos livros, é necessário: 1° deles fazer uma estatística ordenada; 2° considerar as causas gerais dessa produção; 3° acompanhar as grandes correntes do pensamento através dos tempos. Precisamos de uma história da ciência, dos conhecimentos, que indique todas as inovações, todas as ideias ditas revolucionárias que foram o ponto de partida do florescimento de novas obras. Pois uma ideia se expressa por uma plêiade de homens em uma corrente de livros; ex. o Renascimento, a crítica religiosa, as grandes correntes modernas. Cada movimento criou um livro-protótipo: esse livro, uma vez criado, desenvolveu-se, foi reeditado, continuou de edição em edição. Ex.: os livros sagrados, as obras dos grandes filósofos, os dicionários de línguas, enciclopédias, coletâneas de inscrições, etc.

O que há na totalidade dos livros? Que espetáculo teríamos se, por um milagre bibliográfico, de repente tivéssemos a oportunidade de ler ao mesmo tempo todas suas partes, todas suas páginas? A primeira coisa que nos chocaria seria a repetição; em seguida, a superação de inúmeras asserções que desde então perderam valor; e ainda a futilidade e a pequenez extremas da variedade de questões tratadas; e, finalmente, a forma inadequada e ineficaz como é apresentada a maioria das narrativas. Logo, porém, nos chocaria a grandiosidade da obra realizada, a ligação e o encadeamento que nos oferece a matéria tratada por toda essa sucessão de livros.

3. *O pensamento bibliológico universal*. A matéria dos livros, em sentido amplo, é chamada matéria literária. Na verdade, a matéria dos livros é tudo o que é constatado e pensado, sentido e provado, desejado e proposto. A divisão da matéria como científica, literária, prática ou de ação social é relativamente recente. Houve uma primeira confusão e mistura, depois uma lenta diferenciação. Essa matéria não tem outro limite senão o pensamento humano, o qual, em princípio, não possui outros limites exceto a realidade universal.*

* Repetição do último parágrafo da p. 160. [N.E.B.]

Existe realmente apenas um único pensamento. Esse pensamento circula pela sociedade humana (todas as gerações e todos os países) através de um intercâmbio perpétuo. Ele se fixa parcial e momentaneamente nos livros. A analogia aqui é real com as forças físicas que, na realidade, se reduzem a uma única, a que circula por meio de uma troca perpétua na natureza morta, bem como na natureza animada, e se incorpora nos diversos corpos.

A porção do pensamento humano incorporada nos livros constitui a matéria bibliológica em geral. Tem a característica adicional de ser: 1° pensada; 2° expressa; 3° escrita; 4° corresponder mais ou menos adequadamente à realidade exterior.[1]

É uma longa evolução que levou ao ponto atual. Como se conseguiu tornar toda a matéria do pensamento em uma matéria bibliológica, realizar a concentração dos conhecimentos em ciências bem sistematizadas, a se conscientizar dos problemas e expô-los claramente, e criar métodos para resolvê-los. Essa evolução passa do homogêneo para o heterogêneo (expressão de Spencer), do que é semelhante e confuso no início para o que se diversifica, se ramifica e se especializa progressivamente.

4. *Erudição*. a) Diz-se 'dominar a literatura' ao falar de quem leu mui-

[1] O magnífico discurso de Hofmannsthal, testamento desse grande poeta, sobre o *Écrit. domaine spirituel de la Nation*.

tos livros, especialmente os melhores, e conservou na memória as impressões que essa leitura produziu em seu espírito. b) A erudição também supõe que foram lidos os comentários feitos sobre os livros, foram comparadas as várias edições, estudado a época em que viveram os autores, as fontes a que recorreram, etc. O termo *erudição* (*Gelehrte Bildung*, *Gelehrsamkeit*) tem se limitado pelo uso ao conhecimento literário de todos os gêneros. Inclui, além da história da literatura e do conhecimento das línguas e dos livros, a história dos povos, antigos e modernos, arqueologia, numismática, cronologia, geografia, a parte histórica de todas as ciências. c) O *saber* e a *ciência* indicam mais o conhecimento das coisas do que os dos livros; mas o *saber* é geralmente absoluto em sua significação; a *ciência* é mais precisa e requer estudos mais profundos.

5) *O desenvolvimento da erudição*. Os progressos sucessivos da erudição revestem-se de grande interesse. "Todos os trabalhos isolados, empreendidos durante séculos por eruditos que não previam qual seria seu destino final, vêm reunir-se como riachos que desaguam em um rio e contribuem para um objetivo comum digno dos maiores esforços."[1]

Eles revelam por qual sequência de esforços a erudição conseguiu adquirir tanta importância.

a) Aristóteles era um observador e um pensador; deixou uma obra de vasta erudição e a colocou a serviço da ciência. Seus discípulos, exceto Teofrasto, negligenciaram a ciência, perderam-se nos detalhes ou limitaram-se ao papel de críticos.

b) Entre os romanos, encontramos também muitos comentadores e escoliastas, entre os quais três estudiosos notáveis: Varrão (*Antiguidades das coisas humanas e divinas*); Plínio, o Velho (*História natural*) e Aulo Gélio (*Noites áticas*). Varrão escreveu por volta de 80 obras que no seu conjunto formam mais de 580 livros. Aulo Gélio oferece o primeiro modelo da erudição literária, da ciência dos textos, das aproximações engenhosas.

c) Após a queda do Império Romano, as letras retiraram-se para o Oriente. O espírito criativo desapareceu. Ficou uma erudição medíocre, estreita, sem força, na medida dos espíritos bizantinos, para quem discussões pueris ocupavam a vida intelectual. No entanto, a *Biblioteca*, escrita no século IX pelo patriarca Fócio, permanece um modelo. É a análise de 280 obras de poesia, retórica, teologia, filosofia e linguística: extratos e comentários. A coletânea de Avicena (século XI), ao mesmo tempo lexical, enciclopédica e biográfica, é uma compilação sem método.

d) A erudição moderna nasceu no Ocidente pouco antes da tomada de Constantinopla pelos turcos, que levou à emigração para a Itália de eruditos e homens de letras. Nomes como Crisoloras, Bessarion, Teodoro Gaza, Láscaris, Jorge de Trebizonda, Filelfo, Poggio, Angelo Poliziano.

e) Em seguida, aconteceu a descoberta e o progresso da imprensa. O trabalho dos eruditos consistia em encontrar, publicar e restaurar os fragmentos das letras e das ciências antigas arruinadas, em tantos lugares, pela ignorância das mentes. Muitos desses homens foram impressores pioneiros, como Aldo Manuzio. Os vastos e preciosos léxicos intitulados: *Trésor de la langue latine* e *Trésor de la langue grecque*. Erasmo, Scaliger, Casaubon, Guillaume Budé, criador da biblioteca de Fontainebleau, berço da Bibliothèque Nationale, e também criador das cátedras livres de latim, grego e hebraico, que deram origem ao Collège de France). — Justus Lip-

* No original, *dictionnaires*. [N.E.B.]

[1] Ver mais considerações sobre esse tema nas grandes enciclopédias* gerais e especializadas.

sius, Montaigne, Rabelais.

f) No século XVII, o emprego de fórmulas de linguagem e citações, aparato pedante que só desapareceu gradualmente (Molière cria o personagem Vadius, cujo original era Ménage).*

A verdadeira erudição expande seu território: André Duchesne cria a história da França; os irmãos [Scévole e Louis] de Sainte-Marthe lançam as bases da *Gallia christiana* continuada por Haureau. Philippe Labbe publica a *Collection des conciles*, Baluze, os capitulares dos reis da França, o padre Ménétrier funda a ciência heráldica, os agostinianos, com o padre Anselmo, estudam as genealogias dos reis da França. Os bolandistas comentam as *Acta sanctorum*. Os beneditinos preparam grandes trabalhos históricos e literários, com Jean Mabillon e seu *De re diplomatica* que distingue os verdadeiros dos falsos documentos. Richard Simon faz uma primeira exegese do Antigo Testamento.

Edição de *Nouveaux instruments utiles aux linguistes, aux littérateurs, aux historiens*, de Elzevir, *ad usum Delphini*, a coleção de *Variorum*; a *Byzantine* do Louvre, a Bibliothèque des Pères, as Bíblias poliglotas. Du Cange publica seus glossários de latim e grego da Idade Média, Heinsius escreve sobre os poetas latinos, Vossius sobre os historiadores da Antiguidade, Graevius publica seu *Thesaurus antiquitatum romanarum* e Gronovius o das antiguidades gregas.

g) No final do século XVII, começam a ser publicadas, em formato de dicionários, obras para popularizar algumas partes da erudição: o *Grand dictionnaire*, de Moréri (1674), le *Dictionnaire historique et critique*, de Bayle (1695), continuado por Chauffepié e Prosper Marchand. Montfaucon ensina paleografia grega. Em *L'Antiquité expliquée* ele apresenta um resumo completo dos conhecimentos até então adquiridos em arqueologia grega, latina, judaica, gaulesa. Dom Rivet, ajudado por seus confrades da congregação de são Mauro, produz a *Histoire littéraire de la France*. Na França, a Académie des Inscriptions abre-se para os eruditos. Fabricius, Burmann, Brunck, Ernesti, Heyne, Reiske, Wolf, Schneider, Muratori, etc. enriquecem o cabedal da erudição com incessantes pesquisas e publicações cada vez mais impecáveis.

h) No século XIX, os trabalhos continuam sob o impulso da força adquirida e o gênio de homens que tinham visão de conjunto. Os progressos alcançados pela Alemanha, França, Inglaterra e Itália em filologia, em exegese, em história. Publicação do *Magasin Encyclopédique*, de Millin. Os hieróglifos são decifrados por Champollion, progresso no conhecimento das línguas e literaturas orientais (Silvestre de Sacy, Chezy, Abel de Remusat, E. Quatremère, Eugène Bournouf, etc.). A erudição se utiliza de signos gráficos, gramáticas e traduções de obras literárias, filosóficas ou sacras, propícios para a compreensão do espírito das civilizações distantes no tempo. O estudo histórico e arqueológico prossegue. As principais coleções de autores gregos e latinos da Idade Média são reeditadas; os documentos e trabalhos sobre a história multiplicam-se. A crítica se organiza sobre bases cada vez mais rigorosas e faz uma revisão em todas as áreas. Apoiada por descobertas arqueológicas, principalmente pelas escavações, ela contribui com uma base sólida para a história que a aproxima das ciências exatas. Os trabalhos de linguística levam à filologia comparada. As crenças e as religiões são submetidas a uma análise rigorosa.

6. Extensão da *Materia bibliologica*

a) A *matéria literária* continua a se ampliar. O exotismo está em todas

* Vadius, personagem de *Les femmes savantes* (*As sabichonas*), que teria sido inspirado em Gilles Ménage (1613–1692), erudito francês. [N.E..B.]

as literaturas nacionais. Chega-se agora às literaturas indígenas. Depois da arte negra, a vez da literatura negra. Há alguns anos o Instituto Internacional de Línguas e Civilizações Africanas organizou entre os africanos de todas as raças concursos de literatura em sua própria língua. Composições foram traduzidas (André Demaison: *Diaeli, le livre de la sagesse noire, orné de nègreries* par Pierre Courtois. Paris, Edition d´Art H. Piazza).

Há também muita bacharelice, muito falatório, conversa fiada.

b) Na arte, na crítica, na literatura, na poesia ou na psicologia não há, nem deve haver nenhum assunto reservado. Nenhuma área deve permanecer inexplorada às investigações da mente e da criação humana.

c) Os assuntos tratados ou que podem ser tratados são infinitos, como os elementos que compõem o mundo e as relações entre esses elementos. Dois exemplos nos farão entender. Para estudar a respectiva situação comparada de 60 países, analisada em oito relatórios diferentes com intervalo de dez anos, durante o último século, será necessário lidar com (60 × 60 — 60) × (8 × 8 — 8) × 10 = 17 912 200 dados. Os 60 mil assuntos previstos na Classificação Decimal, considerados em suas relações recíprocas, nos três mil lugares mencionados e em 10 diferentes períodos de tempo, darão mais de 10 quintilhões de possibilidades.

7. *Livros feitos, livros a fazer*

Um livro representa um conjunto de ideias e de fatos colocados em certa ordem. Por meio da classificação e da bibliografia poderíamos traçar um mapa muito interessante de livros feitos e livros ainda a serem escritos ou livros possíveis. Em tais línguas há tais livros, em outras não (livros possíveis). De igual modo, em tal ciência estudamos tal questão, em tal época, ou em tal país ou sob tal aspecto. Falta um estudo integral de todos os países, épocas ou aspectos; isso não é feito em nenhuma ciência.

8. *Conteúdo de um livro*

Um livro que expõe uma tese contém muitos conceitos interessantes e muitas vezes pouco conhecidos, alheios ao assunto em si, mas usados para fundamentar uma demonstração.

Um livro assim é uma contribuição para o assunto de que trata; uma contribuição também para outros assuntos.

Há grande interesse em destacar essas noções do conjunto em que foram reunidas pela primeira vez, e colocá-las em suas próprias categorias. Para isso se empregam os analistas, os críticos, comentaristas, sintetistas.

O *volume* é a divisão material de uma obra. O *tomo* é a parte intelectual.

a) Um livro tem diversas *partes*: a encadernação — a capa, — o título (título, falso título, subtítulo, frontispício); as preliminares (dedicatória, prefácio, introdução, preâmbulo); a obra propriamente dita, o sumário e índice, os apêndices (anexos, estampas pós-textuais).

b) O livro apresenta inicialmente sua *página de rosto* com o título da obra, o nome do autor, suas qualificações, o número da edição, a data de publicação.

c) Um livro tem um *autor* (declarado ou anônimo, real ou pseudônimo, individual ou coletivo) — o autor pode ter um ou vários colaboradores; pode ser autor da obra ou simples editor da obra de terceiro.

d) a *divisão material* da obra é feita em volumes, cadernos ou fascículos, folhas e páginas.

Pode-se convencionar uma terminologia baseada no número de páginas: plaqueta (até 50 páginas); folheto (de 50 a 100 páginas); volume (além de 100 páginas).

Encadernação.
Capa (brochura). Folhas de guarda

Frontispício	Falsa folha de rosto Folha de rosto. Subtítulo

Preliminares	Dedicatória Prefácio Introdução

Obra propriamente dita (corpo da obra)
- Divisões
  - Partes, capítulos, seções, parágrafos, alíneas, entretítulos, numeração, sumário
- Páginas
  - Paginação
  - Título corrente
  - Chamadas à margem
  - Notas marginais
- Texto e ilustrações
  - Caracteres (maiúsculas, minúsculas, sinais)
  - Vinhetas, figuras, ilustrações
  - Quadros

Tábuas
- Tábua metódica
- Índice alfabético { Assuntos / Pessoas / Lugares
- Repertório cronológico

Apêndices
- Estampas pós-textuais
- Anexos

A *folha* é o conjunto da superfície impressa, que é dobrada em seguida para formar páginas (folhas de 4, 8, 16 e 32 páginas). Um *prospecto* é parte de uma folha de papel com duas páginas (avulsos, volantes, folhas avulsas).

e) A divisão *intelectual* da obra divide o conteúdo em seções que agrupam matérias conexas e apresentam um mesmo encadeamento. Essa divisão é feita em partes, tomos, capítulos, parágrafos, seções, alíneas, versículos. Essas divisões têm entretítulos ou cabeçalhos, números de ordem e são às vezes acompanhadas de resumos. As páginas levam uma numeração ou paginação e às vezes um título corrente, chamadas e notas de rodapé.

Muitas vezes, *introduções* ou *prefácios* explicam o objeto da obra, o ponto de vista do autor, o motivo que o levou a escrever a obra.

f) Os *índices das matérias*: metódico ou sistemático, alfabético, cronológico, numérico.

Os índices referem-se a assuntos, nomes de pessoas ou de lugares, datas, números de peças e de documentos.

g) As ilustrações intercaladas no texto servem para explicá-lo por meio da representação visual dos objetos. Elas são comentadas no texto e em cada caso é possível recorrer a ele.

h) Um livro possibilita *reproduções* em exemplares múltiplos realizadas por um impressor (tipógrafo, litógrafo, gravador, fotógrafo). Distinguem-se as edições de uma mesma obra de suas sucessivas reimpressões. Fazem-se as seguintes distinções:

Um *exemplar* é uma obra completa, abstração feita do número de páginas, bem como do número de volumes e de tudo que eles contêm. Aplica-se o termo à unidade da tiragem de uma obra, de uma gravura, etc.

Distinguem-se as *tiragens* efetuadas sucessivamente por meio da informação sobre os milheiros impressos (primeiro milheiro, segundo milheiro, etc.). As reimpressões não implicam ideia alguma de correção ou modificação no texto, que é reproduzido, frequentemente, a partir de um clichê ou de uma composição que foi guardada. As *edições*, ao contrário, pressupõem um texto revisto, modificado ou ampliado e que, como consequência, foi tipograficamente recomposto.

Certas obras só existem no estado de manuscritos, originais ou cópias, que, às vezes, foi o próprio autor quem as manuscreveu (autógrafos).

i) O mais frequente é o livro possuir uma *editora comercial*; raramente é uma *edição particular*.

Mas existem publicações feitas por órgãos públicos (publicações oficiais) e por associações científicas. Essas publicações podem ser comercializadas ou não.

O quadro anterior resume essas diferenças e apresenta as partes de um livro na ordem da estrutura que comumente lhe é atribuída, ordem essa que nada tem de invariável.

Os elementos que compõem os documentos (seção 22) entram na estrutura do livro. Dão origem a suas diversas 'partes estruturadas'. Trataremos aqui somente das partes do livro propriamente dito e do livro em geral. Aquilo que diz respeito às partes das diversas espécies de livros e de outros documentos é tratado sob cada matéria específica. Os pontos seguintes são examinados separadamente: 1° os títulos e informações externas; 2° os prefácios, dedicatórias, introduções; 3° o corpo da obra, seu seccionamento, divisão e capítulos; 4° tábuas e índices; 5° os apêndices e as outras partes da obra.

Cada uma das partes do livro tem sua história e suas transformações, cada uma tem sua finalidade.

Em geral, os autores e as editoras aceitam uma ordem que se tornou tradicional para as diversas partes do livro e que corresponde à que foi acima indicada. Exceções, no entanto, amiúde vêm complicar a apresentação.[1]

231 Título e informações externas

[1] O sistema de política positiva de A. Comte, em quatro volumes, apresenta um caso típico de organização complicada de uma obra. O tomo I contém um prefácio e dedicatórias muito longas, um complemento da dedicatória, um discurso preliminar, uma introdução fundamental e três capítulos (com um apêndice). O tomo II tem um prefácio e um apêndice do prefácio formado por quatro elementos, um preâmbulo geral e sete capítulos seguidos de uma conclusão geral do tomo II. Os tomos III e IV são construídos da mesma forma. O tomo IV contém uma conclusão geral desse tomo, uma conclusão total do sistema de política positiva, uma invocação final e um apêndice do quarto tomo.

Trata-se aqui: 1° do título e do subtítulo; 2° do nome do autor; 3° da data; 4° do endereço bibliográfico dos editores e impressores.

A primeira página do livro chama-se página de rosto. Nela estão o título, os nomes do autor e de seus colaboradores, o endereço bibliográfico.

Frontispício ou portada diz-se da página de rosto de um livro grande quando ela é ornamentada com alegorias ou outros motivos, e também da gravura colocada na cabeça da página, e que guardam com a própria obra uma relação de afinidade.

A associação das editoras inglesas adotou regras para a composição das páginas de rosto.[1]

É a página de rosto que fornece os principais elementos do registro bibliográfico. O IIB propôs que se imprima, na capa e na lombada de cada, obra o índice da Classificação Decimal e, no verso da página de rosto, um registro bibliográfico completo que contenha, de modo explícito e regular, todos os elementos necessários à sua identificação. Esse registro serviria assim, definitivamente, para as diversas descrições a serem feitas dessa obra. Reproduzindo-a, em três vias, numa folha destacável, dividida em fichas, quem quer que a possuísse disporia de um meio prático de incluí-la em seu catálogo ou repertório, sem ter o trabalho de redigir ou mesmo copiar.[2]

A imprensa oficial dos Estados Unidos tomou a iniciativa de inserir em suas obras uma página chamada de *library catalogue slip* na qual são impressas, prontas para o bibliotecário, as entradas de autor, assunto e série.

231.1 O título

231.11 Noções

O título é a palavra ou frase com que se enuncia ou se dá a conhecer o assunto ou a matéria de uma obra, de qualquer documento manuscrito ou impresso ou de cada uma das partes ou divisões de um livro. O título é com frequência muito longo.

Ele deve descrever, fiel e adequadamente, o conteúdo do volume, a menos que se trate de uma obra de ficção. Será preciso que a página de rosto permita identificar a obra, atribuir-lhe um número de classificação e indexá-la.

Se houver várias seções ou capítulos de um livro, e se forem longos, cada seção deverá receber um título inteligível e que tenha ligação com seu conteúdo.

Títulos inexatos ou vagos causam confusões. A impressão de um título requer que sejam usados diferentes tamanhos de tipos, de modo a marcar a evolução e a importância comparada das ideias.

Todo título bem concebido deveria ser uma real indicação daquilo que o livro contém, quase sua definição.

O título completa a obra ou, mais que isso, a precede, a ela se liga e dela se torna inseparável. O título individualiza a obra literária e a distingue de obras similares (Cour de Paris, 19 de janeiro de 1912).

O título pode ser comum ou genérico e necessário ou então pode ser original e ser em si mesmo uma criação literária.

Nos manuscritos e nas edições antigas, o *incipit* (as primeiras palavras do texto) desempenhavam o papel de título da obra.

---

[1] Ver *Bulletin de l'IIB* 1898, p. 144

[2] Ver como modelo a publicação do IIB n° 65, *Manuel du Répertoire Bibliographique Universel*, etc.

Títulos e subtítulos. A legibilidade depende da clareza dos tipos e da disposição dos títulos das partes, que são qualidades fundamentais. Pois o texto é feito para ser lido.

A redação dos títulos, seu número, sua importância relativa e sua disposição são objeto de cuidados. Os títulos nítidos, os subtítulos explícitos, em bom número e substanciais, oferecem uma exposição esquemática, mas suficiente, com todo o rigor, para a matéria exposta.

Não nos limitamos a designar as obras por seus títulos. Em história, certos nomes foram atribuídos a algumas teorias. Assim, falando das teorias de Malebranche, chamamos uma de 'a visão em Deus' e a outra a 'hipótese das causas ocasionais'.

Há livros que foram publicados com mais de um título.[1]

231.12 Histórico

No começo, as obras eram desprovidas de um título próprio e raramente traziam indicação do lugar ou da data em que tinham sido feitos. O primeiro livro que recebeu um título, da maneira moderna, foi o *Kalendarius*, de Johannes Regiomontanus (Veneza, 1476).

Os livros de Henri Estienne (1502–1520) trazem, na página de rosto ou no final, o ano, o mês e até o dia da publicação, às vezes a fórmula da data, com indicação de seu nome e endereço, inclusive expressões relacionadas com o assunto do livro. Comumente, a página de rosto leva uma gravura ou um símbolo. Muitas vezes suas obras incluem o nome dos revisores das provas tipográficas.

Fourrier, o inventor das séries, gostava da série conjugada. Suas obras são divididas assim: prólogo e pós-prólogo; prefácio e pós-prefácio; prolegômenos, cislegômenos e intermédios, etc. A cabeça do livro oposta ao pé, a segunda divisão em penúltimo lugar e a conclusão colocada no corpo da obra.

231.13 Características do título

O título está para o livro assim como o rosto está para a pessoa. Reconhece-se o livro por sua página de rosto, assim como se reconhece a pessoa pelo seu rosto. Um título bem feito deve, em poucas palavras, transmitir o conhecimento exato de seu conteúdo e suas características.

O título de um livro tem grande importância; ele é uma função da época mais do que do livro, e um livro se compra sobretudo por causa do título. O título às vezes é todo um poema e o melhor que o autor escreveu. Há regras que devem determinar sua escolha. É preciso, parece, desconfiar de um título formado por um nome. (Henri Baillère.)

Diz-se, com razão, que o título deve ocorrer ao autor de um jato ou não sairá excelente, atraente e preciso. O autor escreve em função do título de sua obra.

231.14 Espécies de títulos

Distinguem-se: 1° o título da capa; 2° o título interno, muitas vezes mais completo; atestado nas descrições; abrange: título e subtítulo; 3° o falso título; 4° os títulos das diversas partes; 5° os títulos na margem das páginas; 6° os títulos no alto das páginas ou no alto das colunas (títulos correntes).

---

[1] *A modern Proteus, or a list of books published under more than one title*. New York: 1884

231.15 Desideratos dos títulos

Evitar os títulos que iniciem pelos artigos 'um' e 'o'. Evitar títulos negativos. Evitar o uso da voz passiva nos títulos. É preferível a voz ativa. Evitar expressões genéricas no título: 'Pesquisas sobre...', 'Contribuição a...', 'Exame do...', 'Observação...'. São palavras que indicam o formato bibliológico ou intelectual, não o assunto.

Evitar títulos longos.

Há títulos que são todo um programa. Exemplo:

O livro de Saint-Simon publicado em 1814: *De la réorganisation de la société européenne et de la nécessité de rassembler les peuples de l'Europe en un seul corps politique en conservant à chacun son indépendance propre* [Da reorganização da sociedade europeia e da necessidade de reunir os povos da Europa em um único corpo político, mantendo cada um sua própria independência].

A publicação 126 da União das Associações Internacionais: *De l'organisation des Forces Internationales et de leur concentration à Genève*. [Da Organização das Forças Internacionais e de sua concentração em Genebra.]

Normalmente, as coletâneas de estudos ou de notícias adotam, como título, o do primeiro texto, mas isso é induzir o leitor ao erro.

Tem-se um título duplo quando houver o título da coleção e o título da monografia na coleção.

Alguns dos títulos fazem menção detalhada do conteúdo. Ex.: *Dictionary of philosophy and psychology including many of the principal conceptions of ethics, logic, aesthetics, philosophy of religion and giving a terminology in English, French, German and Italian written by many hands and edited by James Mark Baldwin. P. H. D.* Princeton.

Um título é preciso quando não deixa dúvida sobre o conteúdo. Ex.: A Europa menos a França?

O título na falsa página de rosto se justifica para preencher uma página em branco quando a página de rosto é feita em um caderno de quatro páginas, depois que o miolo da obra estiver pronto. A falsa página de rosto tem, ainda, a função de separar a página de rosto das informações do verso da capa. Estas vantagens são muito questionáveis.

231.16 Títulos curiosos e indesejáveis

a) Os títulos das obras literárias podem ser fantasistas; sua fantasia ou sua ou profundidade têm, usualmente, um encanto atraente. Contudo, os títulos de trabalhos científicos nem sempre são claros, e os que são instrumentos de trabalho deveriam ser. Quem descobriria, sob o título *Les faux amis de Derocquigny* [Os falsos amigos de Derocquigny], um glossário de palavras inglesas geralmente mal traduzidas para o francês? Em um título, a linguagem figurada está fora de lugar. Alguém que não conhece o título de uma obra deve ser capaz de descobrir sua existência pelo mero jogo da lógica. (Félix Boillot.)

Um título curioso, enigmático, é como uma parede atrás da qual tudo pode acontecer.

A falta de espírito sintético e universalista se evidencia em relação ao título dos livros. Os autores atribuem títulos gerais ao invés de títulos específicos, crendo serem os únicos a tratar do tema. É como se, do ponto de vista dos autores, tudo devesse ser ordenado sob o cabeçalho 'escritores': não haveria como reconhecer alguém.

b) Eis alguns exemplos de títulos inapropriados.[1]

Un pape, un empereur, un roi. [Um papa, um imperador, um rei.]. (Trata da análise dos direitos religiosos do czar.)

Di un libro molto prezioso e poco noto. [De um livro muito precioso e pouco notado.](Prof. C. Castellani, *Rivista delle Biblioteche*, anno IV, vol IV, p. 33.)

Le ver rongeur des sociétés modernes. [O verme roedor das sociedades modernas.]

L'envers de la médaille. [O outro lado da medalha.]

Essai de solution philologique d'une question d'archéologie généralement réputée insoluble. [Ensaio de solução filológica de uma questão arqueológica geralmente considerada insolúvel.]

Pourquoi nous prononcer pour la négative. [Porque nos pronunciarmos pela negativa.]

Em algumas coleções de patentes, uma *bière* (ataúde, esquife) foi colocada entre as bebidas [*bière* também significa cerveja], e um *orgue électrique* (caixa de distribuição de corrente), assim designado pelo seu inventor, foi colocado entre os instrumentos musicais [órgão].

231.17 Lugar e forma do título

Duas hipóteses:

A. O título vem primeiro, seguido do nome do autor porque: 1º lê-se primeiro o título, depois o autor, especialmente nas estantes; 2º têm-se um título mais nítido quando cercado por mais branco.

B. O título após o autor porque: 1º economiza-se a palavra 'de' [ou 'por'], o que equivale a uma linha (é verdade que compensa o fio após o nome do autor no alto); 2º o título marca o nome de uma obra que se apresenta de forma autônoma. Uma joia, uma pintura, um monumento não é assinado 'de'. Empregam-se maiúsculas do mesmo tamanho nas palavras do título.

Letras maiúsculas do mesmo tamanho são usadas para as palavras do título. Isso por analogia com as inscrições romanas dos monumentos, mas é fato que um texto longo, em maiúsculas, é difícil de ler. Não atrai a atenção. As maiúsculas iniciais maiores são justificadas.

231.18 Os títulos e os registros bibliográficos

A transcrição bibliográfica do título suscitou estas dúvidas: o direito de encurtá-lo — ou modificá-lo para corrigi-lo — ou ampliá--lo para que fique claro nos catálogos. (Discussão na Royal Society, de Londres.)

Por outro lado, o título serve de base para a ordenação da obra. O autor tem o direito de ver seu livro figurar no número de chamada a que corresponde seu título, e o bibliógrafo será atendido se sua classificação corresponde ao título, sem prejuízo dos registros secundários aos assuntos principais tratados.

231.19 Regime jurídico do título

1. A lei protege tanto o título como o livro, mas esta proteção está sujeita ao fato de que o título seja original e integral.

2. O título de um jornal na França é protegido apenas se for depositado no ministério público e a publicação for corrente. O uso preserva o

[1] Livres à titres bizarres. *Revue des Bibliothèques et Archives de Belgique*, 1906 (sept./déc. 492).

direito, o não uso o extingue, desde que seja não uso definitivo. Contudo, há publicações que podem deixar de ser publicadas sem deixar de existir se seu dono publicar uma ou duas edições por ano.

3. Uma decisão judicial afirma:

> Considerando que não há dúvida de que ao escolher o título *Les deux gosses* e apropriando-se dele para usá-lo em fitas cinematográficas que comercializa, a empresa ré, ainda que reproduza outras imagens para o público por meio dessas fitas, sem qualquer relação com o trabalho do sr. Decourcelle, pretendia, no entanto, lucrar com a popularidade obtida por este título;
>
> Considerando que o direito do autor não se limita à propriedade literária de seu trabalho, uma vez que este título o individualiza e o distingue de obras similares. (Tribunal de Commerce de la Seine, Art Moderne, 1907.)

4. O Congresso Internacional de Editores reivindicou direitos de propriedade exclusivos para títulos característicos de livros

Voto nº 60. "Convém adotar um sistema de registro de todos os títulos característicos, um sistema que compreende o direito exclusivo de usar o título durante o período de duração do direito de autor. Na Áustria, a proteção de títulos é regulamentada pelo artigo 22 da lei de direitos autorais. A jurisprudência das câmaras de comércio e indústria é favorável ao registro como marca. Consequentemente, não apenas os títulos, como marcas verbais, mas também, em geral, as páginas de rosto podem ser registradas pelas câmaras de comércio e indústria em virtude da lei de marcas e modelos."[1]

231.2 O autor

O autor é a pessoa que cria ou inventa uma obra de ficção ou documentária.

a)Nos impressos, o nome do autor é colocado na página de rosto; em artigos de revista ou jornal, geralmente é posto no final.

b)Nos manuscritos antigos, encontra-se no final. Na Idade Média e no Renascimento, os autores latinizavam seu nome, o que veio a causar muita confusão na catalogação de suas obras.

c)A ortografia, especialmente a dos nomes próprios, foi inconstante por muito tempo. As pronúncias locais contribuíram muito para isso. Daí Montarby ou Monterby.

d) Obras que não tenham nomes de autor são consideradas anônimas (sem nomes).

A prática de suprimir os nomes dos autores tem sido aplicada com muita frequência em obras de autoria de mulheres. E isso pode ser difícil de decifrar. Os homens foram citados pelos historiadores, mesmo quando a eles são atribuídas obras de outros, ou até quando, talvez, nunca existiram, como Orfeu, Pitágoras, Zoroastro e muitos outros.

Nos *Vers dorés* (p. 189), a propósito de uma obra, de Lysis diz: "Se não unia seu nome a esta obra é porque na época em que ele escrevia, ainda persistia o uso antigo de considerar as coisas, não os indivíduos.

Os discípulos de um grande homem não tinham outro nome além do dele. Todas suas obras eram atribuídas a ele. Isso nos explica como Vyasa na Índia, Hermes, no Egito, e Orfeu, na Grécia, foram os autores supostos de tantos livros que a vida de vários homens não teria sido suficiente para lê-los. (Fabre d'Olivet.)

---

[1] Ver a edição da lei austríaca comentada pelo dr. barão de Seiller, Viena, Mauz, 1904.

No transbordamento da inveja de gênero da época atual, atribuiu-se a um homem, criado pela imaginação dos sacerdotes, todas as obras escritas anteriormente pelas mulheres sujos nomes desapareceram para sempre da história. (Céline Renooz: *L'ère de vérité*, II, p. 448.)

e) Às vezes, autores dissimulam sua verdadeira identidade por meio de nomes emprestados ou inventados. Suas obras são, então, pseudônimos.

Essa dissimulação da personalidade é causada pelo desejo de maior liberdade de expressão ou de escapar de represálias ou inveja.

Para alguns, parece tedioso sempre usar o mesmo pseudônimo, e seus trabalhos aparecem sob um grande número de nomes.

f) O autor, muitas vezes, junta ao seu nome seus próprios títulos, qualificações, particularmente em relação à profissão ou seus títulos científicos que informam sua autoridade para escrever a obra. Às vezes, o nome do autor é seguido da indicação de sua obra principal.[1]

g) Às vezes o autor apõe sua assinatura ou rubrica nos exemplares de sua obra.

O retrato do autor é frequentemente encontrado no início dos livros.

231.3 Data

a) Em princípio, as obras devem ser datadas.

b) Nos manuscritos, a data é colocada no fim. Em trabalhos impressos geralmente é colocada no pé da página de rosto, às vezes na forma de 'acabou-se de imprimir em', às vezes ao lado do nome do editor.

c) Muitas obras não são datadas, são antedatadas ou pós-datadas. A determinação da data deve, por vezes, ser objeto de muitos estudos.

Assim, a data da criação dos oito livros da *Política*, de Aristóteles, tem sido discutida há muito tempo. Às vezes, o livro VIII é atribuído tanto aos primórdios de sua maturidade como aos seus últimos anos de vida.

d) Os Elzevirs dataram muito poucas obras suas, talvez para não se comprometer aos olhos dos poderosos.

e) Editores tomam ou retomam o mal costume de não datar os livros que publicam, de não registrar nenhuma data. A vantagem comercial é que, assim, um volume pode preservar a aparência de novidade por longo tempo. Porém, isso é uma fraude em detrimento da verdade, e causa erros, em muitos casos para historiadores e críticos. Às vezes, é muito importante saber se uma obra é anterior ou posterior a uma outra. Na Bibliothèque Nationale de Paris, adotou-se a prática, para remediar esse inconveniente, de apor com um carimbo de caracteres móveis a data de recebimento do exemplar que não tiver data de publicação. Infelizmente, os editores nem sempre fazem o depósito legal no mesmo ano de publicação do volume.

No ministério francês de educação pública, essa questão da data foi analisada pelo comitê de trabalhos históricos. Por unanimidade, o voto foi favorável a que a lei do depósito legal seja alterada sobre o assunto, e que seja acrescentado um artigo ordenando a impressão do ano de publicação na página de rosto de cada exemplar. O governo anuncia que, como sanção, não mais adquirirá qualquer obra sem a indicação de data.

O direito autoral obriga os editores a datar seus livros, mas, muitas vezes, eles cuidam de registrar o *copyright* e a data em um local onde ninguém pensaria procurá-los.

---

1 Ex.: *Truth of the war*, by E. D. Morel, author of...

f) Nos escritos eclesiásticos, há a data da permissão para imprimir (*nihil obstat*).

Algumas obras que exigiram muito tempo para imprimir trazem a data em que a impressão foi concluída.

g) Alguns livros são datados por ano, mês e dia. Ex.: Albert Cheron: *Les innovations législatives égyptiennes em matière de société*. Paris, Rousseau, 26 mai 1931.

h) Determinação da data de obras não datadas. A citação no corpo do livro de outras obras que são datadas é um meio de determinar a data anterior em que poderia ter sido impressa.

i) A obrigação de informar a data de publicação de um livro em algarismos romanos remonta à origem da imprensa. Enquanto as regras quanto ao emprego dos algarismos arábicos são precisas nos incunábulos, o mesmo não ocorre com os algarismos romanos. Com frequência, D (500) se expressa pelos elementos I Ↄ e M (1 000) por Ↄ I Ↄ. Como resultado da adição e da subtração, muitas vezes somos colocados diante de siglas. Veja alguns exemplos ininteligíveis de datas insólitas ou perturbadoras.

MccccLXXII (1 000 + 400 + 50 + 20 + 2) 1472
MiiijD (1 000 + 500 — 4) 1493
M'ƆVIII 1508

j) As datas não são as mesmas para todos os calendários. Propõe-se um calendário universal devido à reforma do calendário gregoriano. A Liga das Nações publicou a classificação em nove categorias de vários projetos atualmente existentes.

231.4 Endereço bibliográfico [imprenta]

a) O endereço bibliográfico (*dirección bibliográfica, pie de imprenta*) é a menção geralmente colocada ao pé da página de rosto do livro. O endereço compreende o nome e endereço da editora, pelo menos a cidade, e também inclui a data de publicação no sentido amplo da palavra.

b) As obras trazem, geralmente, o nome do editor. Elas às vezes registram o nome do impressor. O primeiro é registrado na página de rosto; o segundo, muitas vezes, é indicado *in fine*. Às vezes, há editores que rubricam os exemplares com seu autógrafo.

c) Exigências alfandegárias determinam que seja informado, agora, nos exemplares, o país no qual a obra é impressa.

d) O colofão é o parágrafo colocado ao final dos livros impressos no qual se informa o nome e o endereço do impressor, o local e a data de início ou término da impressão e outas particularidades.

e) Os tipógrafos holandeses nunca registravam seu nome em suas produções. Na maioria das vezes o editor apenas assinava o livro, sem acrescentar se era, também, o impressor.

232 Prefácio. Introdução

a) Todo discurso preliminar colocado no começo de um livro, seja para explicar o plano e a intenção que presidiram sua composição, seja para ganhar a benevolência do leitor, toma o nome de prefácio. Foi anteriormente intitulado de prólogo, mas, hoje, é usado apenas para peças de teatro. Também tem sido chamado de 'isagoge, exórdio, preliminares'.

b) O prefácio leva, às vezes, o nome de preâmbulo. Ele é precedido, em certas ocasiões, por um prefácio, do qual é o desenvolvimento e a justificação.

c) A introdução apresenta, resumidamente, todos os conhecimentos necessários para a compreensão da obra. Torna conhecido, por exemplo, o estado da ciência, das artes e das letras na época; ela recorda os eventos entre os quais se enquadram a vida ou a história particular que vai ser contada. A introdução pode se desdobrar de tal modo a ponto de se tornar, em si mesma, uma verdadeira obra.

d) O histórico da obra encabeça uma edição: tal edição, ano, tiragem. Ex.: *Encyclopaedia Britannica*.

e) Preliminar. Assim se chama o conjunto dos capítulos e documentos que, na qualidade de preâmbulo, precedem o texto da obra.

Encontramos isso no começo de um livro:

"Para facilitar ao leitor o estudo deste livro, aconselho-o a começar pela leitura do último capítulo, que resume o sentido geral de todos os meus argumentos."

O prefácio diz respeito: 1° à origem da obra; 2° seus aspecto; 3° suas relações com trabalhos anteriores do autor ou com outras obras; 4° a informação sobre os colaboradores e os agradecimentos; 5 ° as condições de trabalho do autor.

É costumeiro que o autor explique como e por que ele escreveu seu livro, o objetivo que perseguia.

Porfírio, discípulo de Plotino, introduziu nas categorias de Aristóteles um prefácio preciso e elegante que a posteridade nunca mais separou da obra principal.

É necessário começar e terminar a leitura de uma obra pelo prefácio: começar para saber, desde o princípio, o que o autor promete; terminar para verificar se ele cumpriu a palavra.

Às vezes, o prefácio constitui uma obra em si mesmo. Como nas obras de Bernard Shaw.

Em seu tratado, *Le salaire, l'évolution sociale et la monnaie* (Paris, Alcan), François Simiand começa dizendo aos leitores o que eles deveriam ler de seu livro conforme o pouco tempo de que disponham, uma ou duas horas, ou em seu tempo livre.

A dedicatória é o parágrafo ou carta (epístola dedicatória) que é posta no início de uma obra, geralmente após a página de rosto, e endereçada à pessoa a quem é oferecida. Antigamente, as dedicatórias tinham uma grande importância, pois ali os escritores, dependentes dos senhores, deviam manifestar essa dependência, proclamando-a publicamente.

O prefácio deve definir o propósito, o espírito e o plano do trabalho.

Posfácio. Tem sua razão de ser quando a publicação da obra tomou um longo período de tempo para permitir ao autor atualizar algumas questões.

Advertência. Aviso aos leitores. Contém observações práticas sobre como utilizar a obra.

Objetivo do livro. — Domínio do livro. — Ordem do livro e marcha da obra.

233 Corpo da obra

O corpo da obra é o próprio livro despojado de todos os acessórios, tais como prefácio, preliminar, apêndice, tabelas, etc.

O corpo consiste nos assuntos tratados, e que é a parte do autor; entre esses assuntos, há um principal em relação ao qual todo o resto é, apenas, acessório.

233.1 Divisão. Seccionamento das obras

1. *Noção*. Comumente, o texto se divide em tomos, partes, livros, capítulos, seções, parágrafos, etc., entre os quais é distribuída toda a matéria.

No seccionamento são necessárias tabelas de correspondência. Estas facilidades para o leitor nunca devem ser negligenciadas em livros que, frequentemente, somos levados a consultar.

O propósito do seccionamento é manter a atenção, estimular o interesse, aliviar a memória. A isto deve-se acrescentar uma disposição tipográfica inteligente, sobretudo o emprego de tipos variados e o uso de vinhetas e gravuras.

A divisão em parágrafos e os entretítulos justificados à esquerda permitem ao leitor passar por cima de tudo o que ele julgar supérfluo.

O tratamento lógico de um tema segundo um ciclo de divisões e subdivisões claramente marcadas no texto é um avanço no livro científico e didático. Corresponde a um desenvolvimento da pontuação num duplo sentido; 1° é uma pontuação de grau superior ao ponto simples (.); 2° é uma pontuação colocada na divisão lógica da ideia e não apenas nas frases da linguagem que as expressa.

O título é função da divisão adotada. É como se o título geral fosse inserido no topo da tabela de divisões, e estas fossem subtítulos do próprio título.

As divisões são de diversas ordens. Ao lado daquelas que correspondem ao desenvolvimento fundamental do assunto, há aquelas que se relacionam com as introduções e as conclusões, com as condições externas do tema, como sua apresentação, anexos, tabelas. Assim, podemos dividir uma obra em partes (livros) e dar-lhe, além das partes principais numeradas, uma parte preliminar (definição do tema como um todo e indicando o processo de seu desenvolvimento) e uma parte complementar (por ex., a história e a bibliografia do tema). Um prefácio, um epílogo.

2. *Histórico*. Os antigos não conheciam a divisão de uma obra em vários livros, de um poema em várias cantos de extensão quase igual. A *Ilíada* e a *Odisseia* compreendiam certo número de rapsódias que podiam ser recitadas separadamente, mas essas rapsódias não correspondiam, em absoluto, a três cantos distintos, e sabemos, por meio de um escoliasta, que elas eram escritas numa única linha, sem nenhum sinal de separação além do signo chamado *coronis*. Nem Heródoto, nem Tucídides dividiram suas histórias em livros. Da mesma forma, Xenofonte, Platão, Teofrasto, enfim, todos os autores que precederam a era de Alexandre.

É somente a partir desse momento, quando as escolas de gramática e de crítica foram fundadas, anexas à biblioteca de Alexandria, que eles acharam difícil encontrar uma passagem ou verificar uma citação. Assim, cada um dos poemas de Horácio foi dividido em vinte e quatro cantos, destinados a serem escritos em pequenos rolos e designados pela sequência de letras do alfabeto grego.

Heródoto foi dividido em nove partes, que levaram o nome das nove musas. O mesmo princípio foi aplicado, posteriormente, a outras obras. A partir dos primeiros Ptolomeus, todos os próprios escritores dividiram suas obras de grande fôlego em livros de extensão uniforme.

Frequentemente, a divisão dos livros em rolos resultava em cortes arbitrários, segundo a extensão dos rolos que estavam à venda, e também havia rolos que se extraviavam, deixando o livro incompleto. Os rolos eram então guardados num mesmo escaninho, o que não era uma solução

satisfatória. Quantos livros se perderam assim, e ficaram incompletos! Foi muito mais tarde que se criou o hábito de terminar a linha fechando o sentido.

3. *Unidades de seccionamento*. Como na simples aritmética, em toda matéria se deve determinar o que é considerado unidade normal (um), com seus múltiplos de um lado (dois, três, dez, cem), e submúltiplos por outro (um décimo, um centésimo, etc.). Essa determinação é convencional. Por meio dela se realiza a análise e a síntese, a decomposição e a combinação. Seria inexato fazer da ideia o pensamento científico correspondente à unidade da realidade objetiva. Pois, se há unidades determinadas em certos setores da ciência, em outros não há nenhuma. A análise científica voltará a ser uma ideia simples, cada vez mais simples, até a última de todas que é o *ser* sem determinação. A partir daí, a proposição implícita ou explícita na frase é apenas a unidade da linguagem, a unidade do discurso verbal ou escrito (documentário).

Uma unidade externa que não se encaixa exatamente na unidade do pensamento. Esta determina o autor em cada caso particular, correspondendo a uma frase principal com, eventualmente, uma ou várias frases determinativas e precisas que chegam ao período, já que, gramaticalmente, é possível a frase curta ou o complexo da frase, chegando até ao parágrafo. Na prática, isso seria, aproximadamente, a alínea, ou o que os antigos chamavam de *versículo*.

4. *Espécies de divisões*. a) O tomo corresponde a uma divisão muito grande da obra. O termo volume indica uma divisão material que depende, unicamente, da encadernação. Ordinariamente, a divisão por volume condiz com a divisão por tomo. Contudo, não é incomum encontrar tomos encadernados em um volume; por outro lado, é muito raro que sejam necessários vários volumes separados para conter um único tomo. Os estudos de uma ciência são excessivamente amplos para estarem contidos em dois ou três volumes.

b) O capítulo pontua cada uma das partes em que se divide uma obra ou um escrito, com a finalidade de garantir uma melhor ordem e uma compreensão mais fácil da matéria que está sendo apresentada.

Um capítulo equivale a uma questão em ciência.

c) O parágrafo é definido como cada uma das partes de um escrito ou impresso, que se formam passando de um ponto a outro.

Nas gramáticas, as frases usadas como exemplos servem de título dos parágrafos. Assim, o conteúdo fica claro e a regra é recordada com a simples leitura do exemplo.

d) *Versículo*. O livro antigo se compõe de versículos. Frases curtas, duas ou três no máximo. Quanto ao aspecto lógico das ideias, o encadeamento dos versos deixava a desejar. Nada que nossa arte moderna não tenha.

Em algumas ciências, a divisão em matérias traz nomes especiais. Assim, na geometria, as divisões são chamadas teoremas, problemas, corolários e escólios.

5. *Desideratos do seccionamento*. a) Convém que, para benefício das diversas partes e capítulos, as matérias sejam tratadas, se possível, segundo um plano simétrico.[1]

---

[1] Exemplo: nos 19 volumes de sua *Géographie universelle*, Elisée Reclus manteve uma ordem bem regular na descrição de todos os países: generalidades, orografia, hidrografia, climatologia, flora, fauna, etc. Ver, sobre isso, a teoria das subdivisões comuns da Classificação Decimal.'

b) O seccionamento deve estar estritamente de acordo com a divisão da matéria em si.

Às vezes, os autores dão o mesmo título a vários capítulos que se sucedem, indicando-os como continuações ou conclusões. Esse é um procedimento inadmissível. A disposição sistemática da matéria deve ser independente da extensão dos textos, e há algo de chocante ao ver uma ruptura do desenvolvimento por causa de razões extrínsecas.

6. *Título corrente*. O título corrente deve prestar um serviço útil ao livro. É necessário considerá-lo como sumário ou resumo da página acima da qual aparece.

É um erro atribuir a todas as páginas de um livro o mesmo título corrente, ou seja, o do próprio livro. Este título é bem conhecido do leitor, e é melhor deixar espaço para mencionar nas páginas pares (da esquerda) as principais divisões da obra e nas páginas ímpares (da direita) as divisões mais específicas; em qualquer caso, palavras expressivas atribuídas à ordem sistemática. Se for preciso recortar páginas de livros científicos e técnicos, talvez seja útil, no entanto, que cada página tenha impresso no rodapé o título com o nome do autor e o ano.

7. *Divisão com folhas de cartolina*. É possível marcar de modo visível as partes de um livro com o uso de folhas de papel grosso, ou de cartolina branca ou colorida, que tenham impressas na margem as denominações da divisão correspondente. Ex.: *Manuel de l'Institut International de Bibliographie* (publication n° 67). Alguns relatórios anuais da Caisse d'Épargne de Belgique.

8. *Indicação do fim das obras*. Deve ficar claramente explicitado que um artigo, parte de uma obra ou volume terminou. Se a publicação de certas partes ou volumes for adiada indefinidamente, isso deve ser claramente mencionado nos números subsequentes. A palavra 'fim' é consagrada. Às vezes é acompanhada por uma vinheta.

Várias obras das quais se anunciava que continuariam sendo publicadas ('a continuar') nunca tiveram seguimento nem foram concluídas, muitas vezes pela vontade dos autores que mudaram de ideia.

233.2 Notação das divisões

A notação das divisões proporciona um sistema prático e preciso.[1] Ele serve à consulta, à referência e à sinalização.

A notação dos parágrafos pode funcionar como uma transição. A ligação pode estar no pensamento que se segue e abrange, sem esforço, objetos diversos porque ela os relaciona a um objeto superior perfeitamente identificado.

Espécies de notação. A identificação das divisões pode ser feita com uma notação de base numérica ou alfabética.

a) Os algarismos permitem a numeração, seja com um número corrente (*numerus currens*), seja com um número decimal correspondente às divisões do sumário (ver 'sumários').

Os números podem ser algarismos arábicos ou romanos.

b) As letras permitem uma aliteração (ex.: littera C, littera Cb). As letras podem ser maiúsculas, minúsculas ou uma combinação das duas. Podem ser latinas ou gregas, ou uma combinação de letras dos dois alfabetos. Ex.: Bγ.

[1] Sobre a numeração em geral, ver o que é dito em 'classificação' e em 'administração'.

c) Pode ser uma combinação de números e letras. Ex.: II Bγ.

Numeração. A numeração é de criação relativamente recente. Foi somente no século XVI, na edição de Du Moulin (Lyon, 1554) e na de Le Conte (Paris, 1556) que se começou a dar números aos diferentes capítulos ou cânones das distinções e das cláusulas das obras de Graciano. Durante toda a Idade Média e amiúde ainda nos tempos modernos, citou-se pela primeira palavra do cânon.

Foi também tardiamente que foram numerados os versículos da Bíblia. Pelo uso, os capítulos dos diversos livros que a compõem são indicados convencionalmente por algarismos romanos, e os versículos por algarismos arábicos. Ex.: *Mat*. V, 1-8, isto é, Evangelho segundo Mateus, capítulo V, versículos 1 a 8.

Os artigos dos códigos, das leis e das convenções são numerados. O Código Civil Francês (código napoleônico) comporta 2 200 artigos. As leis de certos Estados são numeradas por ano. Diz-se 'Chapter 415 of the laws of 1897'.

A numeração de versos e, eventualmente, das linhas é um meio prático para as notas de rodapé ou do final de texto.

Na edição dos poetas clássicos feita por Teubner, os versos são numerados de cinco em cinco.

Nos *Proceedings of the British Museum Commission* de 1849, todas as perguntas e respostas receberam uma numeração contínua.

A numeração será única ao longo de todas as partes de uma obra ou recomeçando em cada parte. Às vezes, suplementos editados por muitos anos são paginados e numerados sequencialmente (ex: *Geógraphie*, dos irmãos Alexis).

233.3 Ordem das matérias no livro

O livro tem uma progressão, uma sequência, o motivo que leva à sua concatenação (a classificação, a ordenação, a lógica). A questão das ordens foi tratada quando se discorreu sobre os elementos intelectuais do livro.

A sequência escalonada ou hierarquizada, como as dos reinos animal e vegetal, é a forma mais comum nas obras de raciocínio nas quais se procede por divisão e subdivisão dos assuntos.

A ordem varia ao infinito conforme os autores, conforme as obras e até conforme uma mesma obra, no caso de uma que faça parte de uma coleção. Por exemplo, S. Berger conta no Velho Testamento nada menos de 212 ordens diferentes, distribuídas em sete séries principais, e declara, expressamente, que esse número de ordens pode aumentar. No Novo Testamento, ele registra 38 ordens.

233.4 Inclusão de entretítulos

Há diversos termos para denominar as divisões de um texto (título, subtítulo, rubrica). Os entretítulos facilitam enormemente a leitura e as pesquisas. Se as divisões cercarem com clareza o objeto tratado, os entretítulos focalizarão o pensamento no seu objeto principal. Colocar bons entretítulos em um documento é uma arte. O autor que se dedica a fazê-lo vê sua exposição melhorada, porque só o fato de ter de expressar-se com palavras adequadas e claras, e que se sucedam de forma sequenciada, obriga-o a ser preciso na indicação do assunto de um parágrafo ou de uma seção e a refletir maduramente sobre a ordem do plano de exposição.

Antigamente, havia um especialista, o 'rubricador' ou iluminador, que traçava as rubricas nos livros.

A colocação de rubricas em textos legais e ordens do dia de congressos e assembleias legislativas fornece ampla matéria experimental à técnica da elaboração de entretítulos.[1]

As rubricas foram muito importantes nas decretais de Graciano (direito canônico).

233.5 Paginação

1. *Noção*. As páginas de um livro ou as folhas de um documento são numeradas com numeração contínua. Com o objetivo de: a) manter a ordem entre os elementos dispersos, evitar todo tipo de inversão de folhas durante a revisão, a impressão, a costura e a encadernação; b) indicar a localização exata da obra quando seus elementos são reunidos, facilitar as remissões dos sumários, remeter de uma parte a outra dos volumes e as citações.

A paginação se refere à divisão dos elementos materiais do livro (o suporte, o papel) enquanto que a notação de divisões se refere à divisão dos elementos intelectuais.

2. *Formas de numeração das páginas*. A paginação pode aparecer de diversas maneiras: a) No alto ou no pé das páginas. b) Na margem externa ou na margem interna das páginas, ou no centro delas. Convém colocar a paginação na margem externa das páginas. 1° Na margem externa, pois assim é possível folhear somente os cantos da esquerda e da direita, poupando-nos o trabalho de ter que mostrar as páginas inteiras; 2° no pé das páginas, porque assim será possível aproveitar a parte de cima das páginas, e as páginas ímpares poderão ser numeradas. c) Tipo grande ou pequeno, número com cercadura ou não, em negrito ou itálico. É um equívoco não mostrar com tipos grandes a paginação dos livros de consulta frequente.

3. *A paginação*. Pode apresentar diferentes soluções. 1° Contínua, quer dizer, reto e verso. 2° Reto somente, o verso fica em branco, reservado para anúncios e, por consequência, podendo ser sacrificado à vontade ao ser aparado. 3° Disposição que permite a separação de cada artigo por corte e colagem. 4° Colocação da continuação de um artigo mais adiante no mesmo fascículo. 5° Os livros didáticos apresentam muitas vezes duas páginas, uma ao lado da outra, quando tratam de uma mesma ideia. (Ex.: história, geografia.)

Na paginação é útil colocar os números dos capítulos à direita e à esquerda do título corrente. (Ver a solução adotada no presente tratado.*)

4. *Numeração contínua ou fracionada*. Seria vantajoso e simples, nas obras científicas, que elas adotassem uma única numeração contínua na mesma obra. Não haveria exceção para as páginas de rosto e os capítulos em páginas ímpares. Por razões estéticas, a numeração nesse caso apareceria no pé das páginas.

Talvez fosse vantajoso, para as tábuas e citações, se os periódicos ado-

* Nesta tradução, editada somente em formato eletrônico, não foi seguida a disposição recomendada por Paul Otlet. [N.E.B.]

[1] Em sua *Somme des connaissances humaines*, Elie Blanc assim se expressa: "Os artigos são numerados de 1 a 10 000 e cada volume terá exatamente cem artigos, o que simplificará grandemente as remissões e as pesquisas. Vários artigos de menor importância poderão ser reunidos sob um mesmo número de ordem. Eles serão designados individualmente, se necessário, por meio de decimais. A numeração assim adotada poderá então satisfazer a todas os mudanças posteriores e a todas as exigências. Cada artigo, se for extenso, será precedido de uma ementa na qual cada parte será desenvolvida em um parágrafo próprio."

tassem uma numeração contínua das páginas durante cada semestre ou cada ano. Resultaria, ao mesmo tempo, numa estatística pronta dos materiais impressos.

Isso causaria o surgimento de números extensos, o que é secundário. Por exemplo, a numeração de páginas da *Börsenblatt*, em 1905, chega à página 7449. Quando ela publicava artigos muito longos, empregava-se uma numeração separada, junto com uma numeração contínua.

Nas publicações em fascículos ou partes separadas, pode-se chegar a uma paginação fracionada da seguinte forma: 14–27, que significa fascículo 14, p. 27. Ex.: *Traité d'hygiène de Chantemesse et Mosny.* Essa notação seria reproduzida somente nas páginas ímpares. A *Revue de l'Université de Bruxelles* adotou em seus artigos duas numerações: uma da revista e outra dos artigos. Por isso, as separatas dos artigos são numeradas assim: [1]

362 8 9 363

5. *Numeração com algarismos arábicos ou romano*s. Houve críticas aos algarismos romanos e a reivindicação de que a numeração das páginas fosse com algarismos arábicos. Se for preciso criar mais de uma sequência, a distinção entre elas poderá ser feita com uma letra para as sequências adicionais.

As páginas ímpares (as que começam o volume, partes ou capítulos) não são numeradas. No entanto, para facilitar a consulta, foi sugerido que sua numeração fosse incluída no pé da página.

6. *Subdivisão da página*. Talvez haja interesse em designar com segurança a coluna, a parte da página, a linha e mesmo a palavra.

a) A coluna é indicada por 1ª, 2ª, 3ª etc.

Nos jornais pode-se indicar a página, a coluna e a posição do artigo na coluna, assim p. (1–4–3).

b) A parte da página e por conseguinte a parte da coluna podem ser indicadas dividindo-se a página em cinco partes, identificadas pelas letras A, B, C, D, E, escritas na margem.

Exemplo na obra de Quérard, *Supercheries littéraires*, e na de Barbier, *Dictionnaire des ouvrages anonymes*.

c) As linhas podem ser designadas por sua ordem numérica marcada na margem de cinco em cinco linhas. Ex.: 5, 10, 15, 20, 25, etc.

A reprodução de textos de obras antigas traz na margem uma numeração contínua das linhas.[2]

d) A palavra é designada pela posição que ocupa na linha. Por exemplo: 35^{9}–36^{8} significa da página 35, linha 9 até a página 36, linha 8. Outro exemplo: 35^{9-4} significa página 35, linha 9, 4ª palavra. Os artigos, os números e as letras iniciais contam como palavras, assim como as partes de palavras cortadas no começo e no fim das linhas. Se se adotasse o sistema sugerido de designar um livro pelo seu número de ordem (país, ano e nú-

[1] No Grand Concours de Bruxelles 1888, foram formulados os seguintes desideratos: "Buscar um sistema uniforme de divisão em tomos, de paginação e de título corrente. Qual seria o meio de suscitar um acordo entre editores e impressores de diversos países com o fim de: a) adotar o sistema fechado de divisão em volumes, isto é, suprimir a divisão fracionada em partes, qualquer que seja o nome que se lhe dê; b) adotar a numeração continuada, sem lacunas, da paginação, isto é, abandonar o costume de não numerar as páginas que começam com um título de capítulo ou subtítulo, e suprimir o título corrente que repete o próprio título do livro ou substituí-lo pelos títulos dos capítulos?"

[2] Voluspa. Texto segundo os pergaminhos da biblioteca de Copenhague, em Van den Bogaert. *Recherches sur l'histoire primitive des belges.*

mero de ordem) e se o sistema estivesse generalizado seria possível, com a ajuda de alguns números, apontar uma palavra no conjunto universal dos livros. Ex: (493)-"1933"N°_1227-p. 35^{9-4}.

7. *Numeração intercalada*. Paginação especial seguida de asteriscos ou letras quando há intercalação de folhas, notadamente partes de revistas a serem encadernadas, separadamente, no final da obra. Ver a seção 'Bibliographie' da *Revue d'Histoire Ecclésiastique*.

8. *Substituto da numeração de páginas*. Nos documentos manuscritos ou impressos em formato de folhas avulsas ou fichas, a paginação perde sua função uma vez que será sempre possível haver intercalação e ordenação segundo diferentes critérios. Atribui-se, entretanto, a cada folha ou ficha um número destinado a individualizá-las e que são tiradas de uma sequência única. Pode-se, assim, numa mesma ordem, encontrá-las com segurança.

234 Sumário, tábuas e índices *

234.1 Noções

1. Os sumários são listas colocadas no começo ou no fim do livro e que indicam os capítulos ou as divisões importantes que ele contém, com a referência das páginas onde se encontram, a fim de facilitar sua consulta.

Um sumário pode ser definido como a bibliografia (ou catalografia) do conteúdo de determinada obra.

2. O sumário tem muitas funções: a) apresentar o conteúdo da obra; b) encontrar o local onde uma questão foi examinada; c) resgatar do texto certas informações relacionando-as *in fine*; (por ex., um índice de espécies em um tratado de zoologia); d) permitir abarcar o assunto geral em sua complexidade, as partes e o conjunto, as correlações das partes e o todo graças a um resumo sinóptico das matérias tratadas.

Constitui uma redução dos assuntos tratados apresentada metodicamente de forma que se possa ver o conjunto a partir de um rápido passar de olhos (tábua genealógica, tábua cronológica).

O sumário estabelece entre as diversas partes de uma obra um sólido vínculo de coesão. Ao fazê-lo, constatam-se lacunas muitas vezes.

3. O sumário é um elemento absolutamente necessário. Ali estão os dados da obra ordenados segundo outro plano, mas, nesse caso, a partir de uma simples referência aos textos que não são mais repetidos. Assim, por exemplo, acrescentar uma tábua geográfica ou cronológica a uma obra organizada por ordem de assuntos é como se ela fosse escrita uma segunda vez, agora com base na ordem dos lugares, e uma terceira vez com base na ordem das datas.

As tábuas e índices constituem, em princípio, o meio de proporcionar a redistribuição dos assuntos da obra segundo uma outra ordem diferente da que foi adotada no corpo da obra.

As tábuas de um livro devem conter todas as informações úteis e ser de fácil acesso. Devem, portanto, complementar toda publicação. São de importância capital, em particular, as tábuas dos grandes tratados, das obras de instituições, dos periódicos e dos anuários.

4. *Relação com a bibliografia*. Os sumários e os índices constituem, em certo sentido, instrumentos de pesquisas bibliográficas e, como tais, complementam as bibliografias. Principalmente no caso dos sumários e índices de periódicos.

* São várias as acepções de *table*. Adotou-se nesta tradução o termo 'tábua', sugerido por Antônio Houaiss, para quem ela difere do índice "pelo princípio básico de sua estruturação: os índices, *stricto sensu*, são sempre alfabéticos, enquanto as tábuas só o serão por acaso, porque o princípio que as informa é o da estruturação orgânica da obra" (*Elementos de bibliologia*, 1967, v. 2, p. 150.) Assim, *table des matières* é sumário, e as várias *tables* especiais serão tábuas se não forem organizadas em ordem alfabética, mas pela ordem de seus elementos na obra. Houve situações em que se traduziu *table* e *table des matières* como *índice*, porque assim eram. Parece que Paul Otlet , refletindo a própria prática editorial da época, não conseguiu ser sistemático. [N.E.B.]

* O texto está truncado. No original de F.P. Dutripon (1839) (*Concordantiæ bibliorum sacrorum vulgatæ editionis*) está: "cum enim studiosi illi veteres locupletem rerum ac verborum omnium copiam semper, et cum summa commodidate, in promptu habere desiderarent, excogitarunt sibi indice Alphabetario ordine digestos; [...] quorum inventionem imitati posteriores litterarum amatores, praesertim Jurisconsulti et Theologi, libros fere omnes professionis suae in elenchos, syllabos, indices, tabulas et repertoria copiosissima redegerunt". Tradução: "Na verdade, como aqueles antigos sábios desejassem ter sempre ao alcance da mão e com a maior comodidade possível os recursos confiáveis de todas as coisas e de todas as palavras, inventaram para si classificações com índice em ordem alfabética; [...] os amantes das letras contemporâneos que imitaram a invenção daqueles [antigos sábios], especialmente os jurisconsultos e os teólogos, recopilaram quase todos os livros de sua profissão em índices de livros, sumários, índices, tábuas e muitíssimos repertórios." [N.E.B.]

234.2 Histórico

Quem primeiro imaginou um índice alfabético foram os gregos (*syllabikê* [*sic*], *syllabus*) como reporta Marco Túlio a Ático. Tratava-se de encontrar facilmente "cum enim studiosi illi veteres locupletem rerum ac verborum omnium copiam semper et cum maxima commodidate, in promptu agere per desiderarent, excogitarunt sibi indice alfabetaris ordine digestos. Les Jurisconsultes, les théologiens rédigèrent bientôt des tables Amatores litterari, prœsertin jurisconsulti et theologi, libros fere omnes professionis suœ in eleneos, syllabos, indices, tabulas et repertoria copiossima redigerumt¨. (Dutripon).*

Nas obras do século XVIII, havia tábuas analíticas muito elaboradas, uma espécie de resumo das proposições desenvolvidas nas teses.

Os anglo-saxões, desde cedo, deram grande importância aos índices.

234.3 Espécies de tábuas e índices

As tábuas podem ser: a) gerais ou específicas; b) metódicas ou alfabéticas; c) referentes aos assuntos (ideológicas) aos nomes de pessoas (onomásticas) aos lugares (geográficas) ou a quaisquer outros dados.

As tábuas de uma obra podem, portanto, ser discriminadas de duas maneiras: pelo seu objeto e pela sua forma de classificação. a) Pelo seu objeto: serão por assunto (ideológicas), por nomes de pessoas (onomásticas), por lugares (geográficas), por datas (cronológicas). b) Pela forma de ordenação: alfabética, sistemática, numérica, decimal.

Certas obras comportam dois sumários. Um, simples divisão sistemática do assunto, dando uma visão de conjunto. O outro, analítico, detalhando o primeiro na mesma ordem sistemática.

Sobre as características e as vantagens respectivas da ordenação sistemática, sintética e analítica da base alfabética ou notas, convém ver o que se diz sobre o tema da classificação.

O nome e a variedade dos índices e das tábuas aumentam cada vez mais nas obras e são organizados a partir de diversos pontos de vista.[1]

d) O *Manuel général des travaux de l'Institut de Droit International*, 1893.

234.4 Tábuas sistemáticas

a) Tratando-se de um trabalho extenso, o sumário constitui o plano, que, comparando, se dissimula no corpo da obra como o esqueleto sob a carne.

b) Todo livro deverá ser acompanhado de um sumário sistemático. Esse sumário pode muitas vezes, com vantagem, ser repetido, por fragmentos, na ordem alfabética. Ele jamais deve ser escrito em frases contínuas ao longo da página, pois isso pode dificultar a leitura. Deve sempre indicar as páginas iniciais e finais. Ex.: 1–20.

c) Existem sumários explicativos onde os capítulos são explicados

[1] Exemplos: a) o *Traité de géologie*, de É. Haug. Em 2 024 páginas conta com 100 p´´aginas de tábuas e índices, estes em número de seis, além de uma bibliografia.

b) O *Traité de zoologie concrète*, de Yves Delage, contém cinco tábuas: uma metódica no começo e quatro no fim: índice bibliográfico, tábua de palavras técnicas. a de nomes de hospedeiros de parasitas e o índice genérico de protozoários.

c) Vernes (*Manuel d'histoire des religions*) conclui seu livro com uma tábua intitulada *Résumé analytique d'après le contenue des paragraphes*. Inclusão de registros bibliográficos extensos com avaliação crítica, colocados antes das diferentes divisões do livro. Cada parágrafo é acompanhado de um título que indica seu conteúdo e de uma tábua especial, ou resumo analítico, colocada no final do volume, que recapitula esses títulos de modo a permitir ao leitor encontrar facilmente as páginas que precisa consultar.

por argumentos, em seguida por sinopses correspondentes a uma tese ou proposição. (Ex.: *Traité théorique et pratique d'économie politique*, de Leroy--Beaulieu).

d) Quando uma obra tem vários volumes, ou quando o autor publica muitos livros que apresentam estreitas ligações entre si, é oportuno publicar *in fine* o sumário sintético detalhado da obra completa.[1]

e) Pode-se começar e continuar uma publicação editada em números soltos ou fascículos sem adotar uma ordem sistemática. Quando a obra estiver suficientemente avançada, publica-se o sumário, colocando a sequência numa ordem racional. Mesmo que cada parte da obra constitua um volume pronto, e independentemente de sua dimensão, o comprador da publicação terá apenas que, no lugar da ordem cronológica de seu aparecimento nas livrarias, adotar a ordem metódica indicada no sumário. Ex.: *Encyclopédie des mathématiques*.

234.5 Índice alfabético

1. *Noção*. a) O índice feito seguindo a ordem alfabética de palavras ou nomes propicia um meio para encontrar facilmente os assuntos que são tratados num livro ou num documento. Um livro obtém efetivamente com seu índice uma ampliação de seu uso, um valor prático agregado.

O índice substitui todos os nomes citados numa obra por números de páginas ou de seções. O que permite que, conhecido um nome, pode-se achar facilmente o assunto, da mesma forma que pelo assunto, se aprende a conhecer o nome ao qual ele se relaciona.

Em algumas de suas partes o índice constitui uma espécie de panorama sinóptico do assunto. Embora baseado exclusivamente na ordem alfabética, ele apresenta uma certa ordem sequencial que subordina, alfabeticamente, as partes às partes e às partes das partes.

b) Fazer índices é toda uma arte, uma arte difícil, complexa, cujos princípios e regras vão surgindo a cada dia em maior número. Há alguns anos foi criada na Inglaterra a Index Society com o objetivo de indexar obras que não tinham índices, e desde então a metodologia de *indexing* se enriqueceu sem cessar com novas contribuições.

2. *Métodos*. a) Os índices alfabéticos contêm termos técnicos e nomes comuns.

Os cabeçalhos de assuntos de objetos, questões, etc., e os nomes podem ser encontrados em dois índices distintos ou num só em ordem alfabética. Ex.: Amostra do índice de *The Library*, 1905, p. 452:

> *Legends*, bequeathead by Caxton, rather "Sacra Legenda" than "Golden Legends" 335 199
>
> *Leighton, Alexander*, proclamation for his capture, 25.
>
> *Lemaître, Jules*, notice of his "La Massière", 188.
>
> *Letter Writer*, a Jacobean, 22-24.

b) Índice: com indicação em negrito da localização principal do assunto e subdivisões pelos pontos tratados: exemplo de Gustave Lanson, *Histoire de la littérature francaise*:

> Lesage, 522; comédie **534**, 628, 664, 665; roman: **668-674**, 675, 678, 679, 710, 748, 811, 817, 820.

c) As notas ao texto são indicadas pelos números das páginas seguidos da letra *n* em itálico. Ex.: Mandchourie, 52*n*.

d) Muito amiúde, os índices causam perda de tempo, quando são múl-

[1] Ex.: Maurice Boigey: *L'élevage humain*.

tiplos, encerrando separadamente diferentes séries (anuais ou outras) de uma publicação, e quando registram só uma palavra sem especificação. Somente os índices cumulativos e os índices de muitos vocábulos (uma palavra especificada por uma ou duas outras) prestam serviços úteis.

e) Ao invés de incluir no índice palavras simples, é preferível empregar orações e subdividir os pontos de vista.

Ex.: O índice de *Enforced peace* 1916, não em duas colunas, mas em uma só linha.

League to Enforce Peace, appeal to intellect, not emotion. Monroe Doctrine, George Grafton, Wilson and Jefferson, definition of
Not a part of International Law.
Spreads a Pax Americana over two Continents.
U. S. bound to arbitrage questions under variety of ideas of.

f) Índice que consiste, de fato, em uma redistribuição do texto sob divisões alfabéticas e a repartição desse texto sob cada divisão julgada útil.

Ex: *Index to the Constitution* anexo à publicação da constituição norte-americana feita pela Carnegie Endowment. Aí se encontra sob uma palavra — *Soldiers*, shall not be quartered in time of peace in any house without the consent of the owner, art. 3.[1]

234.6 Outras tábuas e índices

Existe um grande número de tábuas gerais. Elas levam em conta a possibilidade de utilização da obra sob diversos aspectos; sua clareza e facilidade de consulta devem ser objeto de especial atenção.

a) *Tábua geográfica*. Ela contém o índice em ordem alfabética ou ordem metódica. Bastará buscar um nome de cidade, país ou região para ver imediatamente tudo o que existe na obra sobre o lugar.

La terre, ses aspects, sa structure, son évolution, de Auguste Robin. Paris, Larousse.

Índice alfabético ilustrado de todos os termos geográficos ou geológicos e de todos os nomes próprios citados no volume.

b) *Tábuas cronológicas*. Em uma única sequência são apresentados os dados acompanhados, se necessário, de termos que os tornem mais precisos: por volta de, quase, antes, depois, entre.

Tábua geral do *Journal Officiel* da colônia de Madagascar desde sua criação até o fim do ano de 1901

Data da promulgação	Análise	Número do jornal	Data do jornal	Observações

Henri Mazel declarou que pretendia organizar uma cronologia histórica dos acontecimentos relatados e uma tábua filosófica das principais ideias da obra.

c) *Listas dos autores*. Lista dos autores cujas opiniões são discutidas ou

[1] Ver na bibliografia *in fine* os trabalhos sobre o método de indexação. Ler no *Bulletin I. I. B.*: Note sur la manière de preparer des index. Ver como modelos: *Review of Reviews Index*. – Pool Index (A. L. A. Index). – Certos índices das publicações da Liga das Nações.
Sumário analítico do *Recueil Périodique des Assurances* (longa análise de casos citados).
Tábua analítica da *Revue Encyclopédique Larousse*.

citadas na obra. (Ex.: Vareilles Sommières: *Les personnes morales.*)

d) *Tábuas de personagens*. Trata-se não de autores nem de pessoas mencionadas, mas de pessoas fictícias criadas nas obras de imaginação. Os senhores Christophe e Cerfbeer publicaram um "Répertoire alphabétique des personnages" da *Comédia humana*, de Balzac (são mais de mil).

e) *Iconografia*. Tábua de figuras e mapas (por número de figura e segundo a ordem das páginas). Tábua de gravuras. Tábua de pranchas (reproduções fotográficas, fora do texto).

Ex.: *Félicien Rops et son oeuvre*, édition Deman, 1897. "Esta obra contém uma tábua iconográfica que constitui um repertório geral da obra gravada e litografada, tão completa quanto nos foi possível organizar."

Complemento ao catálogo descritivo da obra gravada de Félicen Rops, por E. Ramiro. "Contém diversas tábuas: tábuas das obras ilustradas por Rops e das obras cujas ilustrações lhe são atribuídas. Tábua dos autores cujas obras ele ilustrou e daquelas cujas ilustrações lhe são atribuídas. Tábua das ilustrações do catálogo. Lista numerada das obras descritas que remete para a paginação; errata.

f) *Índice de manuscritos*. As obras de erudição incluem também um índice especial de manuscritos com a indicação das páginas onde são citados.

g) *Índice de iniciais*. Às vezes oferecido à parte.

h) *Concordâncias*. Denomina-se concordância da Bíblia uma espécie de dicionário onde todas as palavras da Sagrada Escritura são ordenadas alfabeticamente, com indicação das passagens onde se encontram. Existem concordâncias em latim, grego e hebraico. A concordância em latim mais antiga remonta ao século XIII e feita pelo frei franciscano santo Antônio de Pádua. Quase na mesma época, o dominicano Hugo de Saint-Cher, comumente chamado cardeal Hugo, compôs uma outra mais completa que foi logo melhorada pelo franciscano Arlot Thuseus e o dominicano Conrad d' Halberstad: foi nessa ocasião que a Bíblia foi dividida em capítulos.

A primeira concordância hebraica foi feita entre 1438 e 1445, pelo rabino Marchodée Nathan, que adotou a divisão por capítulos do cardeal Hugo e criou a subdivisão por versículos. Não existe uma verdadeira concordância grega para o Antigo Testamento, mas várias nessa língua para o Novo, e a primeira delas foi compilada por Xystus Betulius, em 1546, e completada mais tarde por Robert Étienne.[1]

i) *Tábua de espécies*. A descrição das espécies e, em particular, das novas espécies, tem grande importância nas ciências naturais. Para facilitar as pesquisas abrangentes, indicam-se as espécies comuns num índice especial. Assim, por exemplo, a tábua de protozoários no *Traité de zoologie concrète*, de Yves Delage.* Essa tábua foi impressa com dois tipos diferentes: um, maior, para os nomes de grupos, e outro, menor, para os nomes de gêneros. Em cada uma das duas séries serão encontrados dois tipos de nomes. Uns sem parênteses, alinhados na margem da coluna, são aqueles referentes aos grupos adotados ou aos gêneros descritos na obra. Os outros, entre parênteses e recuados do alinhamento da coluna, designam os sinônimos, tanto de grupos, quanto de gêneros descritos, e cada si-

* Nesse tratado, a palavra empregada foi *index* e não *table*: 'Index générique des protozoaires' (Delage, Yves; Hérouard, Edgard. *Traité de zoologie concrète.* Paris: Schleicher Frères, 1896, v. 1, p. 553-582). [N.E.B.]

[1] E. P. Dutripon. *Concordantiae bibliorum sacrorum vulgatae editionis.* Paris, 1838, Bélin, in-folio, 3 colunas, mais de 25 mil versículos. Índice comum a todos os livros da Bíblia. O autor mostra, com um exemplo, que, havendo as palavras da Bíblia sido assim reunidas, é possível elaborar estudos sistemáticos abrangendo exclusivamente as palavras sagradas ordenadas sob rubricas escolhidas (por ex., definição, necessidade, causa, modo, tempo, lugar, etc.).

nônimo é acompanhado de uma palavra sem parênteses que é o nome do grupo ou do gênero do qual ele é sinônimo e que é descrito na obra na página indicada pelo número que vem depois de seu nome na ordem alfabética. Isso permite encontrar imediatamente os nomes dos gêneros e dos grupos não incluídos na obra e relegados pelo autor na sinonímia. Mas é necessário fazer a operação inversa, e indicar para cada um dos grupos e gêneros incluídos pelo autor os sinônimos adotados por outros autores. Comumente, é no corpo do texto que se acham essas indicações, mas, neste caso, é na tábua que elas se encontram, entre parênteses, em seguida aos nomes adotados, após o número que remete ao texto.

234.7 Tábuas e índices nas diferentes ciências

Conforme cada ciência e cada técnica, as tábuas apresentam formas diversas e variada importância.

a) Em matéria de patentes de invenções, quando se trata de fazer pesquisas exaustivas, os índices são de importância capital.

b) Para as obras de filologia baseadas na totalidade do que foi escrito em relação a um texto, elas não são menos importantes.

c) No direito, as tábuas têm um papel fundamental nas compilações de jurisprudência. Trata-se de recuperar todas as decisões judiciárias relativas a uma dada questão, e que foram publicadas nas numerosas compilações existentes.

234.8 Lugar e forma material das tábuas

a) Normalmente, é no começo do livro que se deve colocar o sumário, onde se encontra a concepção e o propósito do autor, todos os itens que o leitor quer e deve conhecer desde o princípio, da mesma forma que é no começo dos capítulos que se coloca a sinopse, isto é, o sumário pertinente a cada capítulo. Hoje, entretanto, tornou-se costume deslocar o sumário para o final do volume, após o índice alfabético. Isso se deve em parte à necessidade de definir a numeração das páginas, o que é impossível de ser feito antes de encerrar a composição. Seria preferível colocá-lo no começo, impresso num caderno adicional e as páginas numeradas com algarismos romanos.*

Está se difundindo a prática de colocar o sumário no começo do volume, tornando-o, assim, o melhor dos prefácios.

b) Estando todo o volume com suas seções e parágrafos numerados, as referências serão feitas por meio desses números, colocando-se o número do parágrafo como expoente. Ex.: 321.4^4

c) Para evitar acrescentar uma tábua às precedentes, combinam-se, às vezes, duas tábuas, diferenciando com asterisco os nomes que tenham determinada característica. (Por exemplo, Yves Delage, no seu *Traité de zoologie*, combina uma lista alfabética de protozoários parasitas com um índice genérico de protozoários.)

d) *Tábuas cumulativas.* (Ver o princípio em 241.31 Periódicos.)

e) É possível ainda buscar soluções inovadoras, como o índice alfabético de uma publicação que é apresentado, no final da obra, de forma desdobrável, a fim de facilitar a consulta. O índice desdobrado forma uma parte visível para consulta enquanto o livro permanece aberto. Exemplo: Edmund Stemmner (Budapeste), catálogo nº 9.*

Outro exemplo: distribuição geográfica das indústrias e das profissões publicada pelo Office du Travail da Bélgica.

* No Brasil, prevalece a colocação do sumário no início da obra, com a paginação em algarismos romanos. [N.E.B.]

* Editor e livreiro húngaro. [N.E.B.]

f) As divisões e subdivisões do sumário de uma obra podem ser expressas por uma notação decimal apropriada. Diversos casos podem ser citados:

1° Uma notação pessoal e sintética diferente da notação da Classificação Decimal que é universal e analítica. Essa notação do sumário é aplicada, com vantagem, à identificação e numeração das seções e subseções no próprio corpo da obra. O presente tratado aplicou esse método.

2° Certas obras têm, quanto à distribuição interna dos assuntos, seguido estritamente a ordem da Classificação Decimal. Elas têm exposto isso de modo visível, dando destaque aos números de classificação. Utilizam, para as seções e seus títulos, tipos de corpos variados, proporcionais à área coberta por cada seção. (Ver sobre isso o que se diz em Classificação.)

3° Solicita-se que sejam incluídos em todos os documentos, livros, artigos de periódicos, patentes, etc., os números da Classificação Decimal que correspondam ao assunto tratado. Convém também colocar esses números depois de cada capítulo e mesmo de cada parágrafo de obras científicas. Isso traria três vantagens: concordância da classificação específica da obra com a Classificação Universal; elaboração da tabela decimal das concordâncias a ser colocada no final do volume; facilidade para separar a obra e distribuir suas partes pelas pastas respectivas da enciclopédia documentária.

4° *Combinação com outras tábuas e índices*. Os sumários com notação decimal da C. D. são muito valiosos do ponto de vista das línguas. É fato conhecido que é preciso muito menos tempo para aprender a ler do que para falar e escrever uma língua, e que a maioria dos pesquisadores estão habituados a ler revistas de sua especialidade em várias línguas. Essa leitura se torna fácil devido ao grande número de termos técnicos, que são quase todos internacionais, e também por causa das ilustrações, que se tornam cada vez mais abundantes. Mas há uma grande dificuldade em consultar índices alfabéticos, pois é preciso conhecer a língua e sua sinonímia. Um índice decimal prestará serviços notáveis.

235 Outras partes do livro

1. *Apêndice*. Por apêndice (ou anexo) entende-se a parte colocada no final da obra e que contém notas, documentos, peças justificativas destinadas a esclarecer, explicar ou ilustrar o texto. Muitas vezes, o apêndice reproduz os documentos *in extenso*, notadamente nos livros de história, para evitar a um grande número de leitores o incômodo ou a confusão que poderiam ocorrer por causa da abundância de assuntos. Certos autores reservam para o apêndice as citações, os detalhes científicos, os desenvolvimentos mais amplos, as observações pertinentes ao texto e tudo isso sob os números correspondentes aos do próprio texto.

2. *Bibliografia*. a) A bibliografia pode ser disposta de diversas maneiras: 1° no texto corrente; 2° no pé da página; 3° no final de cada capítulo; 4° resumida no fim do volume. No 3° e 4° caso, ela pode fazer uma referência genérica ou, então, para cada assunto, remeter para a própria página a que lhe corresponde e não a uma só página para todo o capítulo. O inconveniente de citar as obras no pé das páginas ou num lugar à parte está nas repetições ou na localização numa única categoria de obras que podem interessar a várias outras categorias.

b) Remeter para o índice bibliográfico situado *in fine* os números ins-

critos entre colchetes em seguida aos nomes dos autores impressos em versaletes. Ex.: Yves Delage: *Traité de zoologie concrète*.

c) Listas ou tábuas bibliográficas podem ser criadas de acordo com os diversos níveis de ordenação, como acontece no caso das bibliografias independentes e dos sumários (sistemática ou analiticamente, se as listas forem organizadas pelo nome de autor, ou inversamente, em ordem alfabética, se forem ordenadas na ordem sistemática por assunto).

d) Ao informar a página inicial e final dos artigos, revela-se, senão a importância, pelo menos a dimensão dos artigos. Ex.: p. 14-27, artigo da página 14 à página 27. Nas edições sucessivas e nas traduções, a paginação muda muitas vezes e causa dificuldades e confusões nas remissões a determinada passagem. É por isso que se adotou o sistema de referência ao capítulo, à seção, ao parágrafo (§), etc. Ex.: Baldwin. *La pensée et les choses*. Préface: p. XVII.

e) *Citação e referência bibliográfica*. A citação pode ser à página ou ao capítulo. A citação exata chega até à linha e à palavra.

3) *Resumo em língua estrangeira*. Todo autor que escreva em uma língua pouco conhecida deveria se dar ao trabalho de criar, ao lado de sua obra em língua vernácula para os compatriotas, uma tradução em língua internacional para os estrangeiros. Ex.: Os artigos da *Revue Polonaise d'Éducation*; a tese do dr. Domec, etc.

4) *Indicação de outras obras do autor*. As obras trazem muitas vezes a indicação das outras obras do mesmo autor ou da mesma coleção. A informação é útil para o leitor e para a difusão das obras mencionadas.

5) *Estampas*. Elas são muitas vezes dispostas fora do texto, complementando as que se encontram no texto. Às vezes, são todas reunidas *in fine*, impressas em papel cuchê, e o texto impresso em papel comum.

6) *Anúncios*. O jornal, a revista e depois o livro tornaram-se veículos de anúncios, que são incluídos junto com o texto ou em folhas especiais intercaladas, no começo ou no fim do volume ou do fascículo. O papel de cor especial em que são impressos adverte ao leitor que se trata de anúncios. Quando os anúncios são regularmente impressos no verso do texto isso facilita seu recorte.

7. *Errata e corrigenda*. a) Durante a impressão da obra são cometidos erros que convém destacar *in fine* uma lista chamada Errata e Corrigenda (erros e correções).

b) *Adendo e corrigenda*. São listas que têm grande importância em certas obras, pois elas as melhoram principalmente quando houver decorrido um longo espaço de tempo entre o aparecimento dos primeiros e dos últimos volumes. Resta a questão de tornar essas listas verdadeiramente úteis sem a obrigação de recorrer constantemente a elas. As correções feitas à mão no texto impresso onde estão os erros, com base nessas listas, são um paliativo, entretanto insatisfatório, pois arruínam os livros.

c) As edições sucessivas são também corrigidas, aumentadas e repaginadas. Certos autores têm a probidade de identificar suas mudanças de opinião. Por exemplo, Lanson, *Histoire de la littérature française*, 11ª e 12ª edições, p. XVIII e nota 1, afirmou, para a educação literária dos jovens, o que ele chama suas "notas de arrependimento e de conversão".

8. *Sinopses e tese*. a) Resumos sucintos, sinopses, sínteses ou súmulas são muitas vezes incluídos em publicações extensas e minuciosas. Ex.: *Four English humorists of the nineteenth century*, de Lilly. – *Indian agriculture*, de Voelcker, em que cada capítulo é precedido de uma breve sinopse

(ou argumento) que o sintetiza e permite abranger o conteúdo.

Desiderato: 1. Colocar uma sinopse detalhada no início de cada capítulo. 2. Reproduzir essa sinopse no sumário. 3. Indicar as ideias desenvolvidas em forma de proposição ou tese ou somente de assunto ou rubrica.

b) É possível resumir as principais doutrinas e proposições contidas numa obra na forma de tese colocada no final. Ex.: *Traité élémentaire de philosophie à l'usage des classes*. Edité par l'Institut Supérieur de Philosophie de l'Université de Louvain. Tomo II: após a *Theódicée* e ao fim do volume.

c) *Suplemento*. Como em toda obra humana, o autor reconhece que cometeu erros e omissões. Ele, então, publica *suplementos*, depois de terminar uma obra de fôlego.

24 ESPÉCIES, CLASSES, FAMÍLIAS DE OBRAS

240 Generalidades

240.1 Noção

Os documentos formam espécies (tipos, formas e categorias) que se combinam de maneira diferente, de um lado, os elementos componentes, vistos no nº 22, de outro lado, as partes estruturadas, vistas na seção 23.

As espécies de livros e documentos podem ser classificadas em quatro grandes grupos.

a) Os documentos propriamente bibliográficos (tratados aqui no nº 24).

b) Os documentos gráficos, exceto as publicações impressas e os manuscritos de natureza literária e científica (seção 242).

c) Os documentos que, sem ser bibliográficos nem gráficos são, todavia, equivalentes ou substitutos do livro (seção 243).

d) Os documentos que são o resultado do registro, em qualquer forma, de dados relativos à administração pública e privada, aos negócios (correspondência, notas, relatórios, contas, registros, inventários, listas e repertórios, etc.)

Depois da invenção da escrita, principalmente depois da imprensa, os livros se multiplicaram a tal ponto que formam quase tantas classes, gêneros, famílias e espécies quanto os mais conhecidos produtos da natureza. A bibliologia tornou-se uma ciência quase tão vasta quanto a botânica e a mineralogia.

A natureza, com elementos relativamente pouco numerosos, produz complexos morfológicos muito variados. A teoria matemática das combinações entra em ação. A situação é idêntica para os livros, e os estudos realizados para classificar em séries os elementos químicos, os vegetais e os animais devem sugerir trabalhos análogos sobre o livro.

É necessário estudar, identificar e colecionar os livros como se estudam as plantas e os animais, pelos seus tipos e não somente pelos seus indivíduos.

Nesse sentido, existem diversas espécies de catálogos de livros que já adiantaram bastante esse trabalho.

No seu conjunto, os livros formam uma imensa orquestração de vozes humanas. Encontram-se grandes famílias de instrumentos e, em cada família, espécies bem características, todas com sua razão de existir. O livro propriamente dito, a revista e o jornal formam três dessas grandes famílias. O jornal de grandes tiragens oferece quatro ou cinco tipos, a revista, uma dúzia de tipos, e o livro pelo menos uns vinte. Isso é o que,

em termos técnicos, se pode chamar as 'formas' do livro, e seu estudo confunde-se com o das espécies. Já estão no 2° grau, e os complexos de formas bibliológicas mais elementares estão no 1° grau. Seria preciso poder decompor todos os documentos em suas formas elementares, sistematizá-las e examinar em seguida como elas se combinam entre si para originar as diversas famílias de formas de livro.

240.2 Classificação

A classificação das espécies de livros pode ser feita a partir de vários pontos de vista.

I. Segundo o conteúdo ou assunto tratado

A. *Segundo os conteúdos tratados*

Os livros em seu conjunto tendem a registrar todos os conhecimentos adquiridos e formar assim o corpo bibliográfico da ciência. Os conhecimentos ou ciências são ordenados segundo uma hierarquia e uma classificação: filosofia, ciências sociais, filologia, etc. Isso será discutido mais adiante. As especializações resultantes da divisão do trabalho fazem com que, comumente, um livro ou um documento se dedique ao estudo de uma ciência, uma questão ou um ponto de vista particular.

B. *Segundo os lugares*

Distinguem-se também as obras segundo o país ou lugar ao qual se referem os conteúdos tratados: ex.: Inglaterra, França.

C. *Segundo o tempo*

Distinguem-se as obras segundo o tempo ou o momento ao qual os conteúdos se referem. Ex.: Século XV.

II. Segundo o continente

Considera-se a forma a partir de cinco pontos de vista diferentes: formas materiais, formas escriturais, formas linguísticas, formas documentárias, formas intelectuais e formas de destinação.

A. *Formas materiais*

1° O *livro*, ou obra independente, que se publica sem continuação e forma um todo completo e autônomo. 2° O *folheto* ou opúsculo, livro de poucas páginas. 3° As *folhas avulsas*, cartazes e publicações que aparecem em tiragens sucessivas. 4° A *revista* ou *periódico*, publicação que aparece em datas regulares, de modo sequencial, e cujos números sucessivos de anos anteriores formam coleções. A revista destina-se principalmente a manter seus leitores atualizados acerca de tudo que acontece em determinada área, em determinada ciência. É uma espécie de jornal que publica notícias de cada especialidade. 5° O *jornal* que apresenta os fatos do dia a dia.

B. *Formas escriturais*

Distingue-se muitas vezes conforme se trate de: a) manuscrito (antigo ou contemporâneo, autógrafo); b) obra composta oriunda de gráfica; c) reprodução datilografada ou poligrafada por outros procedimentos diferentes da imprensa.

C. *Formas linguísticas*

Há livros escritos em todas as línguas. Eles dão origem a grupos distintos de acordo com as línguas, as quais pertencem a grandes famílias (latina, germânica, eslava) e que têm seus dialetos. Existe uma classificação das línguas. Na organização de bibliotecas, distinguem-se as obras segundo a língua nacional (na Bélgica: francês, flamengo e alemão) e as

línguas estrangeiras.

D. *Formas documentárias*

Distinguem-se: 1° As obras ditas bibliográficas, isto é, os textos e as publicações propriamente ditas; 2° As *estampas*, gravuras, cartazes, cartões-postais ilustrados e tudo o que contém uma ilustração e é publicado à parte. 3° As *fotografias* não publicadas. 4° Os *mapas* e *plantas*. 5° *As partituras musicais*.

E. *Formas intelectuais*

Distinguem-se categorias de obras segundo a disposição interna dos assuntos e de certas formas bibliológicas que se foram formando durante a evolução do livro.

Dentre os livros propriamente ditos distinguem-se as *monografias*, que tratam de uma questão específica (ex.: monografia sobre o aço), os *manuais* ou *tratados*, que expõem toda uma ciência ou uma classe de conhecimento, um assunto, sistematicamente e com todas suas partes (ex.: tratado de física, manual de química); as *enciclopédias* ou *dicionários*, dedicados, como os tratados, a uma ciência, mas que diferem porque os assuntos são distribuídos em certo número de palavras ou verbetes, em ordem alfabética (ex.: enciclopédia da construção, *teses* ou *dissertações acadêmicas*).

F. *Formas de destinação*

A essas ordens de ordenação pode-se acrescentar uma sexta, aquela que tomaria como base a maneira como a obra é tratada, as características dos autores e dos leitores (psicologia bibliológica). Segundo esse ponto de vista, pode-se distinguir:

Os livros para o grande público instruído, para especialistas, para as categorias especiais de leitores, para o ensino de diversos graus, para o público em geral. Pode-se distinguir ainda:

Livros de fatos (conteúdo científico).

Livros de especulação: livros de imaginação, de indução, de pesquisa, de invenção.

Livros de ideias ou livros de filosofia: estudam os fatos do ponto de vista da sua relação de causa e efeito.

Livros de sentimentos: dirigem-se às faculdades afetivas e, particularmente, às faculdades sociais, estéticas, emotivas e morais (destinados à educação literária).

Essas categorias de ordenação são fundamentais. Pode-se considerar que cada uma delas ocupa uma das faces do cubo ou bloco que representaria o conjunto das obras. São as mesmas obras que podem ser distribuídas a cada vez segundo uma ordem diferente.

Assim, uma obra sobre filosofia (assunto), na Inglaterra (lugar), no século XVII (tempo), que seria um tratado (forma), escrito em francês (língua).

A classificação bibliográfica proporciona o meio de ordenar as coleções e seu catálogo, tendo em conta essas classes fundamentais.

Ela permite também ordenar os repertórios bibliográficos, as pastas e os fichários de anotações.

É possível também fazer uma classificação das obras a partir de outros pontos de vista.[1]

Os livros e os documentos são:

---

[1] A *œuvre* [obra] (em latim *opera*, palavra derivada de *opus*, *operis*) é o resultado permanente do trabalho ou da ação, em particular, uma produção do espírito e, mais particularmente, um escrito, um livro. Embora *ouvrage* [obra] se refira à coisa feita e *œuvre* à ação, a palavra *œuvres* no plural aplica-se,

1° os de ordem científica, objetiva, utilitária;

2° os de ordem literária, imaginativa, recreativa.

Eles se desenvolvem em condições diferentes, formando tipos gerais, a partir dos quais é possível deduzir princípios, normas e regras diferentes. Deixando de lado aqui as obras literárias, das quais os tratados de literatura se ocupam, nos concentraremos principalmente nas obras científicas.

A obra científica não tem por finalidade agradar, nem dar receitas práticas de conduta, nem emocionar, mas simplesmente o conhecimento.

b) Do ponto de vista das bibliotecas públicas, distinguem-se as divisões seguintes:

Obras de leitura corrente e obras de estudo.

Obras de referência, de informações, de orientações, de consulta, que não se leem no todo (dicionários, enciclopédias, atlas).

Obras de estudo em geral.

c) Vistas de outros ângulos, as obras ainda podem se diferençar de diversas maneiras, segundo sejam: especializadas ou gerais; de pequena ou grande extensão; de um ou de vários autores; periódicas ou não; simples em seu conteúdo ou formadas de diversas obras reunidas; livres para serem lidas, consultadas ou estudadas.

240.3 História. Evolução. Genética.

As espécies de obras escritas, assim como a maioria das realizações humanas, foram formadas no decurso do tempo, tanto pela ação coletiva — as obras se transformando lenta e fragmentariamente pela influência de umas sobre outras —, quanto pela ação individual, em que um autor cria uma obra que se torna um modelo. No começo tudo é complexo, vago e confuso; depois, tudo tende a se diversificar, a se individualizar e a se precisar. Esta dupla ação é determinada tanto pelas necessidades práticas quanto por considerações teóricas onde intervêm a lógica, a estética e os fins morais. A evolução acontece sob nossos olhos.

A humanidade começou com a poesia. A prosa chegou mais tarde (Quintiliano: retórica). O jornal é do século XVII: Abraham Verhoeven e Renaudot. A revista de interesse geral nasce no século XIX, batizadas principalmente [no caso dos países francófonos], como *mercure*, *correspondance*, *annales*, *magazine*. Depois vemos nascerem as publicações comerciais (Estados Unidos e Inglaterra). Hoje, as publicações de arte.

O livro foi substituído pela revista, logo por anuários, depois pela documentação em fichas, mais tarde pela coordenação internacional da informação científica.

Vemos todos os dias o surgimento de obras de um novo tipo, obras que não estavam ou estavam mal representadas na literatura antiga. Um livro é capaz de criar uma nova ciência ou, pelo menos, todo um ramo de uma ciência, ou um dos aspectos do conteúdo de uma ciência.

Podemos chegar também a *novas formas* do livro por dois caminhos: 1° indagando quais os objetivos que o livro deveria alcançar, a que ele deveria servir (uso diferente ao que já possui); 2° ou, depois de haver analisado a estrutura do livro atual, imaginam-se outras configurações de seus novos elementos, aperfeiçoamentos e novas ligações entre suas partes.

---

no entanto, aos escritos de um autor, porém sempre com um sentido geral: *œuvres complètes*, *œuvres posthumes*. Quando se quer falar especialmente de uma delas, com uma ideia que seja mais precisa, mais concreta, usa-se a palavra *ouvrage*.

240.4 Relações entre as espécies

1. É possível considerar dois casos: ou a forma e o fundo são tão imbricados um com o outro que o fundo (os dados) somente pode ser expresso em uma forma documental determinada, ou as formas são independentes do fundo, de modo que são suscetíveis de 'informar' qualquer dado de qualquer fundo. De fato, a tendência é que essa última possibilidade venha a ocorrer. A princípio se aplica uma nova forma a um fundo, mas logo se encontram para ele outras aplicações, e, finalmente, consegue-se desvinculá-lo *in se* e generalizar seu emprego para a matéria universal. Por exemplo, o jornal começou com notícias políticas, a fotografia com o retrato, o cinema com cenas de acrobacia.

2. As formas das publicações e dos documentos surgiram ao longo do tempo. Elas puderam se desenvolver por cissiparidade, sem qualquer ligação entre si. As ligações atuais devem funcionar e cada ciência deverá dispor de um sistema completo de publicação. (Ver mais adiante o sistema proposto.)

3. Eis alguns exemplos de relações entre as diversas formas:

a) O tratado pode deixar muitos detalhes para os dicionários enciclopédicos e, assim, alcançar em alto grau a característica sintética desse tipo de obra.

b) O periódico tem relações com o tratado ao expor de forma similar. A relação é conveniente: ao fazer a publicação periódica constantes referências ao tratado; ao tornar o periódico um substituto do tratado; esforçando-se, então, em indexar minuciosamente cada parte, em se referir constantemente um ao outro, em organizar tábuas sistemáticas detalhadas.

c) Os tratados têm relações com os anuários bibliográficos (revistas de resumos), os *Centralblätter* (listas bibliográficas). Ex.: *Paleontographica: Beiträge zur Naturgeschichten der Vorzeit. Neues Jahrbuch für Mineralogie, Geologie und Paleontologie*.

d) A alternativa se apresenta entre tratados demasiadamente extensos ou muito antigos, onde há o risco de se perder, e teses, folhetos e artigos de revistas, em que a ciência se encontra disseminada e fragmentada.

e) As revistas permitem a publicação de trabalhos específicos, de pequenas descobertas que não poderiam receber as honras dispendiosas de um livro; as bibliografias mantêm os pesquisadores atualizados com o estado da ciência; os resumos críticos assinalam os erros.

f) Distinguem-se, gradativamente, segundo a característica de acabamento dos trabalhos: 1° as simples notas ou artigos em um periódico; 2° as memórias; 3° as obras; 4° o que chamamos de 'livro', nome que se aplica a uma composição sobre um tema bem delimitado, que segue uma sequência lógica para extrair consequências por meio de novas ideias ou fatos em grande parte novos.

g) Há obras que são simplesmente compostas por duas espécies de obras fragmentadas e justapostas. Por ex.: algumas zoologias, algumas anatomias comparadas. As descrições das espécies zoológicas e botânicas se encontram dispersas em expressivo número de periódicos e em dez memórias especiais as quais é preciso compulsar e consultar no caso de qualquer determinação. Conseguimos, mediante listas de revisão, catálogos ou repertórios regionais, as obras de conjunto que publicam descrições. Temos na zoologia trabalhos cujo marco é zoogeográfico (monografias de espécies, de lugares e outros determinantes, ex.: Pellegrin: *Les poissons du bassin du Tchad*, Paris 1914) e outros cujo marco é precisa-

mente zoológico. Uns consistem em uma monografia completa de todas as espécies conhecidas de um grupo natural relevante e outros têm um marco biológico (vida funcional).

h) Produzem-se documentos sobre documentos, sobre documentos de documentos e, assim, continuamente, sem limites. Os livros dão origem a bibliografias, que dão origem a bibliografias de bibliografias e a bibliografias de bibliografias de bibliografias. Faz-se uma crítica de uma obra e depois a crítica da crítica.[1]

i) Para prender a atenção, a imagem é mais eficaz do que o texto; a maquete, superior à fotografia; um dispositivo em movimento provoca mais interesse do que se fosse imóvel.

240.5 Espécies, ciclo bibliográfico e tipos de exposição

a) A classificação por espécies de livros e documentos intervém em todos os estágios do ciclo bibliológico; quanto à produção, há os autores, impressores, editores especializados (por ex., de periódicos, de dicionários, etc.); quanto à distribuição, livrarias especializadas (ex.: livraria de dicionários); quanto à conservação: catálogo, coleção, instituição (ex.: obras gerais são ordenadas nas bibliotecas de referência, os periódicos, nas hemerotecas); quanto à utilização: tipo de leitor; quanto à organização: regras e planos especiais.

b) Por outro lado, as várias espécies de obras estão intimamente ligadas a modos fundamentais de exposição; por razões de simplificação tratou-se eventualmente desses modos ao falar de algumas espécies.

241 Documentos ditos bibliográficos

241.1 Obras especializadas

Existem três tipos de trabalhos: *trabalhos específicos* (análises, monografias); *trabalhos gerais* (sínteses, teorias); *trabalhos documentários*, englobando todos os fatos particulares e ordenando-os sinteticamente.

Quatro tipos característicos de obras especializadas devem ser distinguidos: 1º folhetos, panfletos, textos curtos; 2º monografias propriamente ditas, breves ou extensas; 3º ensaios; 4º livros propriamente ditos, de dimensão limitada, diferente dos tratados e das enciclopédias.

1. *Folheto*

Este termo aplica-se ao caráter material do escrito: um texto de pouca extensão se comparado ao livro. O jornal e a revista tiraram do folheto a importância que teve. Mas, na propaganda, os folhetos claros, curtos e sugestivos são muito valiosos.

Voltaire foi claro, sucinto e direto. Mais do que grandes obras, valem os pequenos folhetos de algumas páginas in-12°. "Nunca", disse ele pensando na *Encyclopédie*, "vinte volumes in-fólio farão uma revolução: são os livros pequenos e portáteis de trinta tostões que devem ser temidos. Se o Evangelho custasse 1 200 sestércios, a religião cristã jamais teria sido instituída."*

* Voltaire. *Oeuvres complètes; correspondance particulière*. Paris: Th. Desoer, 1817, t. 12, 2ème partie, p. 1214,

A vida do folheto varia de país para país. Ele costuma ser vendido mais como acompanhamento de jornais do que de livros. Uma vitrine tem seu custo: ocupá-la com um folheto barato é imobilizar com pouca vantagem um espaço muito importante.

Na Inglaterra, a família Smith é a grande editora de folhetos, por cau-

[1] Augustus Ralli. *A history of Shakespearean criticism*. Oxford University Press, 1930. 2 v.

sa de suas livrarias em estações ferroviárias. Durante a guerra, editaram pouco. Seu objetivo era exclusivamente comercial, publicavam aquilo que o público demandava e não o que exigisse uma preparação do público.

Às vezes são organizados concursos para escolher os melhores folhetos. Assim, *L'Émulation Agricole* organizou em 1908 um concurso para redação de monografias contra o abandono dos campos. Foram apresentadas 787 monografias.

2. *Monografia*

a) É a exposição sobre um assunto, completa e sob todos os pontos de vista. É a avaliação de todos os documentos e todos os elementos de informação relacionados a um assunto único e limitado, de modo a compor um retrato que seja exatamente semelhante ao modelo.[1]

Já não se pode publicar todo o material e são necessários laboratórios para elaborá-los. Daí o princípio da publicação em elementos que possam ser reunidos, formando uma coleção, e também o princípio do repertório em fichas ou folhas destinadas a ordenar esses elementos em coleções.

Uma monografia que reúna tudo o que concerne a um assunto é um trabalho de análise e síntese bibliográficas.

b) Existem coleções de monografias e monografias publicadas segundo planos sistemáticos.[2]

c) No nível mais simples, um documento é uma descrição que pode ser ligada a uma definição;[3] mais simplesmente ainda, a definição é substituída pelo definido: o nome (palavra, termo). A enumeração, o catálogo e o dicionário são coleções de descrições ou nomes.

A descrição, base essencial da monografia, também é um elemento dos vários tipos de publicação.

As descrições dos objetos das ciências devem ser cada vez mais precisas. Elas visam tanto às características que não sejam passíveis de medição quanto à determinação de características numéricas (caracterização).

A questão das descrições está ligada à das sinalizações.[4]

Nas ciências naturais, as descrições se fazem conforme os métodos que se tornaram habituais.

Constantemente as descrições são renovadas. E novas espécies devem ser descritas. Por isso, as revisões, as reedições. Cada espécie recebe uma 'diagnose' adequada e uma ilustração que esclarece suas características fundamentais. As dimensões são expressas de acordo com a sua natureza em metros, milímetros ou mícrons (milésimos de milímetro) representados pelas letras m, mm ou ϖ. As descrições em algumas obras de ciências naturais são precedidas de tabelas dicotômicas. (Ex.: S. Garman, *The Plagiostomia*, Cambridge (Harvard) 1913.)

As descrições de objetos requerem convenções para designar as posições descritas. Assim, em descrições anatômicas, o animal deve ser colocado verticalmente, com a cabeça no topo e a face ventral para frente. Os termos alto, baixo, frente, atrás têm os significados que esta orientação implicam. Os termos direito e esquerdo sempre se aplicam ao animal des-

---

[1] a) Mascarel. *Monographie des communes et des paroisses*.
b) Michel Edmond. *Monographie d'un canton type: topographie, géologie, mœurs et coutumes, groupements sociaux*. 1911, um vol. com cartogramas, gráficos e autotipias. 12 fr.

[2] As monografias de sistemas de educação de cerca de 50 países e as descrições do desenvolvimento, ano a ano, de alguns deles, publicadas no *Educational Yearbook* (1924–1928).

[3] Liard, Louis. *Des définitions géométriques et des définitions empiriques.*

[4] Ed. Jacky. *Traité de signalement des animaux domestiques. Nomenclature descriptive des expressions employées dans le signalement. Avec un tableau de l'âge des animaux domestiques d'après la dentition* (1,50 fr.).

crito sem levar em conta a posição do observador.

b) O Congresso Internacional de Navegação solicitou o estudo de um formulário claro, breve, mas suficientemente completo, que contivesse as informações necessárias para definir as características de cada rio, estudado sob o duplo ponto de vista de seu regime e das necessidades de navegação.[1]

c) Os mesmos argumentos que justificam a classificação universal e a unificação de formatos levam diretamente ao princípio da publicação em forma de *monografia*, isto é, de elementos intelectuais unitários, independentes, em nítida substituição das coletâneas poligráficas ou pelo menos ocupando seu lugar ao lado delas. É conveniente, em cada ciência, chegar-se a um acordo, mediante entendimento internacional, sobre um sistema de características mínimas a serem exigidas para uma descrição científica (diagnose).

3. *Ensaio*

É a composição específica, geralmente em prosa, de caráter crítico ou filosófico, sobre uma questão bem delimitada e sem caráter dogmático. Existem obras de ensaístas famosos: Montaigne, Francis Bacon, Charles Lamb, De Guincey, Carlyle, Macaulay, Addison, Emerson, Sainte Beuve, Anatole France, Jules Lemaître, Paul Bourget, Emile Faguet.

H. Spencer definiu assim o ensaio: "Durante os anos em que me dediquei a escrever várias obras sistemáticas, de tempos em tempos surgiam ideias que não se prestavam a fazer parte delas. Muitas encontraram seu lugar em artigos publicados em revistas, e atualmente estão reunidos nos três volumes dos meus ensaios."

O ensaio se relaciona com a conferência. Ela é geralmente pronunciada, com base em texto escrito anteriormente, e é muitas vezes publicada. Francisque Sarcey, que não gostava do gênero, disse: "É a arte de nada dizer de interessante." A conferência científica é uma aula. A conferência literária também consiste em uma espécie de aula familiar, representada, espiritual, viva e, na maioria das vezes, improvisada. "É a arte de entreter um público dando-lhe água açucarada — é a arte de fazer de uma palestra sem pretensão algo que esteja a meio caminho do discurso e da conversa."

4. *O livro*

O livro, exceto em suas divisões, poderia ser considerado como a unidade normal situada entre o folheto, de um lado, e a obra de conjunto, de outro lado.

241.2 Obras de conjunto

Sobre cada questão, de tempos em tempos, obras de conjunto tornaram-se necessárias. A utilidade de uma boa atualização parece cada vez mais evidente à medida que trabalhos específicos foram se multiplicando. É então necessário proceder à triagem das publicações e identificar os fatos que merecem ser preservados, mostrar sua importância, indicar suas consequências práticas e discutir as hipóteses para as quais serviram de base.

Se essas obras forem escritas na forma de um tratado, com desenvolvimento metódico, ou em forma de enciclopédia ou dicionário, seu objetivo será sempre condensar, reunir em um único trabalho de extensão limitada todos os conhecimentos atuais relativos a seu objeto.

---

[1] Ver o relatório de M. V. E. Timmof. — *Bulletin de l'Association Internationale Permanente des Congrès de Navigation*. Janvier 1930, p. 65.

241.21 Tratados. Manuais

241.211 *NOÇÕES*

a) O tratado é uma obra que resume e condensa, de forma concisa e clara, nossos conhecimentos mais precisos sobre uma ciência. Ao fazer uma escolha judiciosa de matérias, ele se atém a apresentar um quadro de conjunto, enfatizando os fatos conhecidos, passando rapidamente sobre as experiências duvidosas e as questões mal elucidadas.

Um tratado magistral é um documento fundamental; é uma mina de informações bem coordenadas; é a soma dos conhecimentos sobre um assunto.

O tratado deve, em primeiro lugar, ser o guia indispensável de todos aqueles que desejam se iniciar no estudo de uma ciência, é seu companheiro, seu amigo de todas as horas. É ele que, nas universidades, fornece aos professores o quadro de seus ensinamentos e coloca os alunos em condições de completar, com seu esforço pessoal, as aulas que quase sempre só conseguem abordar uma parte mais ou menos restrita de um vasto domínio.

b) Os tratados e os manuais, por si sós, são insuficientes quando lidamos com novas questões ou que não interessaram aos autores de manuais e compêndios. Somos obrigados a buscar esclarecimentos fora deles, nas próprias obras originais. A erudição, portanto, não é aperitivo nem vão ornamento; ela é parte integrante da própria substância da pesquisa. (Meyerson: *De l'explication dans les sciences*, p. XIII.)

c) Uma ciência afirma sua constituição e sua autonomia no dia em que dá origem a um tratado. O tratado surge assim que as novas noções de uma ciência exigem que se recorra a inúmeros trabalhos dispersos em coletâneas científicas. Quando se acumulam inúmeros materiais, um verdadeira entesouramento de riquezas, o espírito corre o grande risco de se perder entre eles, se não tomar como guia uma obra metódica que lhe permita abraçar o todo, dando a conhecer com detalhes necessários os elementos principais.

Por exemplo, uma ciência tão nova como a criminalística já possui um tratado em seis volumes (o tratado do dr. Locard).

d) O tratado sistemático, quando pode deixar de lado, em grande medida, as minúcias de um dicionário enciclopédico, realiza em alto grau uma obra de síntese. Nele, nossas mentes tentam abraçar toda a matéria, ordená-la da maneira mais coordenada, dar-lhes alma com o alento da unidade. Nos tratados são semeadas com generosidade as ideias que muitas vezes preocuparam os cientistas ao longo da vida. Um tratado é a expressão do espírito que alcançou o objetivo de seu grande esforço para buscar e compreender. Ele é como um testamento intelectual total que lega à obra de que participa.

e) Muitas ciências e muitos problemas científicos surgiram ou se desenvolveram com a criação de cátedras ou institutos, formando professores, levando-os a escrever manuais. A partir do ensino superior, neles se preparam os estabelecimentos e o pessoal para o ensino secundário e primário.

f) O tratado deve abranger os dados a partir de uma perspectiva sistemática e sintética; a enciclopédia, os repertórios e catálogos, em forma monográfica; o periódico na forma de informação corrente.

241.212 *HISTÓRIA DOS TRATADOS*

O tratado é o produto de uma longa evolução histórica que não teve o mesmo ritmo em todos os domínios dos conhecimentos. Eis alguns fatos.

a) Tudo que a geometria elementar havia encontrado durante o período clássico foi resumido por Euclides (século III aC) em seus *Elementos* (*Stoikheia*).

Poucos livros tiveram sucesso tão duradouro. Desde sua aparição até nossos dias ele não deixou de ser utilizado. Desde então nada de essencial foi modificado. Os ingleses ainda chamam seus livros de geometria elementar de *Euclid*.

b) Os verdadeiros manuais da Antiguidade são as compilações dos séculos V e VI, as de Martianus Capella, Isidoro de Sevilha, Bolie, etc.

c) Os Upanixades são tratados de filosofia religiosa, em número que passa de 200 e que são muito diferentes entre si. Eles são como apêndices aos Brâmanas ou obras de exegese teológica.

d) O estabelecimento, por Justiniano, no século VI, das institutas de direito romano, um verdadeiro tratado de direito para uso no ensino, representou um tipo notável de tratado.

e) Antes de La Quintinie, que foi 'diretor-geral dos pomares e hortas de todas as residências reais', não havia tratados de horticultura na França. Foi ao observar os jardineiros, fazendo-lhes perguntas, que La Quintinie aprendeu os segredos que as gerações de jardineiros tinham passado umas às outras.

A ideia de registrar a experiência da vida prática das profissões chegou tarde. A *Encyclopédie* no século XVIII descreveu muitas artes então difundidas, e depois dela publicaram-se tratados ou manuais sobre essas matérias específicas.

f) Os fisiocratas não fizeram um tratado metódico. A ciência não possui nenhum deles, exceto o pequeno *Abrégé des principes de l'économie politique*, organizado em quadros e fórmulas, à maneira das árvores genealógicas, escrito em 1772 pelo marquês de Baden ou, talvez, Dupont de Nemours.

g) No período que se inicia no século XVIII, os professores universitários criaram, na Alemanha, especialmente em Göttingen, para fins educativos, uma nova forma — o manual de história — coletânea metódica de fatos cuidadosamente justificados, sem pretensões literárias ou de qualquer outro tipo.

O tratado ou manual teve grande desenvolvimento na Alemanha no século XIX. História das religiões, história das instituições, história literária antiga e moderna, história da arte, do direito, das ciências naturais, não havia, por assim dizer, nenhuma área de estudos superiores que não tivesse o seu próprio. A França ficou por muito tempo atrasada a esse respeito, mas recuperou o terreno perdido e produziu tratados admiráveis.

Foi da Alemanha que, durante muito tempo, os outros países dependeram para as obras destinadas ao ensino superior.

h) O primeiro tratado de química orgânica foi elaborado pelo infatigável Beilstein. Atualmente, não encontraríamos mais pesquisadores ou cientistas da mesma envergadura que pudessem continuar, com o mesmo espírito e inspirando tanta confiança, esse esforço que cresceu até o infinito. Desde então tem sido necessário confiar a elaboração dos tratados a toda uma equipe de colaboradores.

i) Nestes últimos anos, um grande movimento promove a renovação

dos tratados em todos os ramos da ciência e determina a criação de novos tipos.

241.213 *ESPÉCIES E TIPOS DE TRATADOS*

Os tratados apresentam inúmeras variedades e tendem mesmo a se fixar em alguns tipos fundamentais. Não há para uma ciência um único tipo de tratado; existem vários deles, alguns autores têm diferentes pontos de vista, e esses tratados são complementares, apoiando-se uns aos outros. Os dados seguintes mostram isso.

a) Pode-se distinguir:

o tratado completo em vários volumes;

um suplemento de novidades (obra de criação, opinião, discussão);

um compêndio de popularização, cujo principal objetivo é reunir em um único livro, de modo ordenado, fácil de ler e de cômoda consulta, as numerosas publicações especializadas, importantes ou modestas e relativas a cada um dos pontos da ciência.

b) Os tratados apresentam a exposição ora de um ponto de vista teórico, ora de um ponto de vista prático, e às vezes eles combinam os dois enfoques.

Um tratado geralmente compreende duas ordens de dados: 1° uma revisão do tema que leva em consideração todos os aspectos ou problemas, inclusive as pesquisas mais recentes; 2° uma exposição das ideias pessoais do autor.

Há muitas coisas importantes que ocupam apenas modestos lugares nos tratados clássicos, e que, portanto, merecem ser objeto de obras especializadas.

Por outro lado, há obras que têm o título de enciclopédia embora sejam sistemáticas (ex.: *Encyclopédie des sciences mathématiques*). E obras que têm o título de tratado embora sejam alfabéticas. (ex.: *Traité alphabétique des droits d'enregistrement, de timbre et d'hypothèque*, de E. Maguéro).

c) Há manuais alfabéticos (ex.: *Le manuel alphabétique de philosophie pratique*, de John Carr). Ostwald escreveu um tratado de química em forma de diálogo.

Alguns editores se interessam em fornecer cursos completos. Assim, a livraria Savoy publicou um curso completo de história natural: *Botanique* (Philippe Van Tieghem, 1600 p.), *Géologie* (A. de Lapparent, 1280 p.), *Zoologie* (Claus, traduzido por Moquin Tandon, 1566 p.).

Muitos tratados são redigidos conforme o programa de um ou outro estabelecimento de ensino (ex.: *Traité des machines à vapeur*, de Alheilig e Roche, elaborado conforme o programa do curso de máquinas a vapor da École Centrale).

Muitas vezes, mestres que ministraram cursos nas universidades não os publicaram, mas deles deixaram notas. Por outro lado, acontece que alguns de seus alunos transcreveram esses cursos a que assistiram e algum deles, com base em notas e transcrições, providenciaram a publicação de um livro (ex.: *Histoire de l'Église*, de J. A. Möhler, publicado pelo reverendo padre Gams).

O tratado didático exige adicionalmente explicações orais. Portanto, não é completo em si mesmo, cabendo sua complementação ao professor.

Às vezes, emprega-se a forma de uma obra geral, dirigindo-se ao grande público instruído, e que é a dos relatórios complementares que contêm estudos técnicos destinados a especialistas. (Ex.: J. Murray e J. Hjort:

The depths of the ocean, London, 1912, relativo à expedição oceanográfica do navio Michael Sars no Atlântico.)

Certos tratados consagrados a uma ciência são acompanhados de uma sinopse de uma ciência auxiliar. (Ex.: Louis Roule, *Traité raisonné de la pisciculture et des pêches*. Na segunda parte é acrescentada uma sinopse sobre oceanografia.)

Quando o assunto complementar é muito importante para alguma disciplina, sobre ela se escreve um tratado próprio. Ex.: *Traité de zoologie médicale*.

Obras de grande extensão foram resumidas. Outras foram condensadas (ex.: *Le système de politique positive* de A. Comte foi condensado por Christian Cherfils, Paris, Girard, 1912). O plano e, na medida do possível, a letra do texto foram respeitados escrupulosamente. *La philosophie positive* foi condensada por *miss* Martineau.

d) Tratado sintético. Parece que hoje os tratados são a expressão de grandes sínteses científicas. Quem quer reconstruir a arquitetura do conjunto de uma ciência compõe um tratado. E as obras desta espécie são essencialmente grandes arquiteturas de ideias. Não se trata de proceder por eliminação ou poda, o que geraria um simples esquema, mas de se prender ao essencial.

Os tratados podem se contentar em resumir em um capítulo aquilo que disseram fragmentariamente os autores de cada um dos assuntos, sob um ponto de vista particular; outra coisa, porém, é utilizar todos esses elementos sinteticamente e substituir noções coordenadas por noções desarticuladas. Mas, ao reunir em um mesmo estudo do objeto aquilo que muitas vezes foi visto apenas separadamente em vários estudos, às vezes bastante distantes uns dos outros, naturalmente nos expomos a fazer conexões mais ou menos imprecisas, a reunir proposições mutuamente excludentes, etc. Seria necessário ir mais fundo em todos os grupos de objetos por meio de estudos pessoais para evitar, com segurança, essas armadilhas. Isso é impossível. Então, é preciso admitir os inconvenientes do método e tratar de corrigi-los posteriormente.

Ao lado ou em nível abaixo das obras de pesquisa, são necessárias exposições sintéticas, orais ou escritas, para todas as ciências. Em tais exposições, as ideias gerais estão necessariamente no primeiro plano, os fatos no segundo, enquanto que, ao contrário, no ensino acadêmico, é preciso, como disse Fustel de Coulanges, um ano de análise para autorizar uma hora de síntese. (Salomon Reinach.)*

* Repetição do último parágrafo da p. 151 [N.E.B.]

Obras de introdução. É preciso outorgar o maior prêmio às obras destinadas por seus autores a levarem, de alguma forma, cada ciência a tomar consciência de si mesma. No caso da matemática, Pierre Boutroux escreveu obra semelhante em *Les principes de l'analyse mathématique: exposé historique et critique* (2 volumes, Herman, 1914 e 1919) e em *L'idéal scientifique des mathématiques dans l'antiquité et dans les temps modernes* (Paris, Alcan). O autor utiliza o estudo aprofundado que fez da evolução do pensamento matemático para escrever um tratado do qual se afirmou ser a iniciação mais direta e substancial que se poderia almejar ao mesmo tempo e indivisivelmente para a ciência, para a história e para filosofia da matemática. Esta obra suscita o problema do futuro da ciência matemática e revela a missão atual dos matemáticos.

e) Nascimento de novas formas. Em dado momento, assiste-se ao nascimento de novas formas de tratado e elas estão intimamente ligadas à

concepção própria que o autor tem da estrutura da ciência.

Assim, nas ciências naturais, existem tratados publicados há muito tempo, ditos de zoologia e de anatomia comparada, nos quais o assunto é tratado da seguinte forma: o reino animal é dividido em grandes seções, que são estudadas separadamente. Por ex.: Moluscos. O capítulo começa com generalidades sobre o grupo; é uma anatomia comparada dos moluscos na qual se expõe a variação de funções e órgãos nesse grupo, como seria feito no capítulo sobre Moluscos em um tratado de anatomia comparada como era anteriormente entendido. Em seguida, informa-se que o grupo é dividido em classes, que imediatamente são estudadas e examinadas separadamente, uma depois da outra. Tomemos a classe dos Gastrópodes. São tratados da mesma forma adotada com o ramo dos moluscos, e depois se passa para a subclasse, da ordem para a subordem, sem preocupação com os animais que possuem os órgãos sempre da mesma maneira e, de repente, muda-se bruscamente de plano. Entra-se na zoologia pura. Descrevem-se as famílias, os principais gêneros, mesmo as espécies, mas sem dar a conhecer nada além dos caracteres quase exclusivamente externos que os distinguem e que são suficientes para a finalidade da zoologia, que é nomear e ordenar em classes.

Isso não é nem zoologia nem anatomia comparada, mas capítulos de anatomia comparada aninhados uns nos outros e nos quais o último de cada grupo contém um capítulo de zoologia pura.

A falha é que esse livro foi feito para ser lido e consultado, mas não para se aprender quando não se sabe. O estudante não consegue encontrar noções concretas de descrições análogas sobre um ser real sem as procurar em monografias especializadas.

Um novo tipo de tratado de zoologia foi realizado por Yves Delage e Herouard (tratado de zoologia concreta).

O autor propõe apresentar as coisas na forma desejada pelo estudante, na forma em que ele precisa que elas estejam, a fim de ter uma noção precisa delas ou memorizá-las.

Existe uma ligação entre revista e tratado. Por ex.: o *Recueil de Législation, de Doctrine et de Jurisprudence Coloniale*, publicado sob patrocínio da Union Coloniale Française, tem relação com o *Traité de droit colonial*, de P. Dareste. Este tratado dará uma base de documentação que o *Recueil* manterá atualizada, e vice-versa. Os 34 anos anteriores do *Recueil*, que nem todos podem adquirir, estarão resumidos, de certo modo, no *Traité*.

As três publicações que seguem foram em parte coordenadas sob direção do professor J. E. Conrad.

— *Grundriss zum Studium der politischen Œkonomie*, em um volume.

— *Handwörterbuch der Staatswissenschaften*, 3ª edição 1908 a 1911.

— *Jahrbuch für Nationalœlkonomie und Statistik*.

Essas publicações formam então um tratado, uma enciclopédia alfabética e uma revista.

Certos tratados estão associados a quadros murais didáticos (ex.: *Manuel de l'arbre*, editado pelo Touring Club de France).

Vários tratados são redigidos em colaboração, notadamente na Alemanha, onde vários autores especializados se agrupam sob uma direção editorial. (Ex.: *Handbuch der technischen Mykologie*, de Lafar.)

Chegaram os tempos em que as ciências, que continuam a exigir grandes tratados sistemáticos, são incapazes de vê-los produzidos por indivíduos isoladas. A colaboração entre dois ou três autores tornou-se corren-

te; a de uma coligação de autores, de um grupo de trabalho composto por dezenas de membros, dá-lhe continuidade. Pouco a pouco, são implantados institutos permanentes, cuja missão, dedicada inicialmente a produzir monografias simples, foi depois estendida aos relatórios e mais tarde a revisões e atualizações desses relatórios. As organizações internacionais, oficiais ou privadas, cumprem aqui uma função muito importante. O que está acontecendo na Liga das Nações e no Bureau International* [*sic*] é particularmente interessante de acompanhar, como também acontece com os institutos científicos do governo dos Estados Unidos.

f) Em algumas matérias, como na arte, a palavra 'sistemático' foi adotada com sentido diferente. Uma obra de arte e de arqueologia começa com uma introdução que apresenta a definição e a divisão da área. Vem em seguida, dividida por períodos, a história da arte de diferentes povos, isto é, a história de seu desenvolvimento orgânico. A parte sistemática trata, então, da arte em seu conjunto, estuda-a em si mesma, os materiais que emprega, processos que aplica, condições que lhe são impostas, características que dá às formas, assuntos de que trata, a distribuição de seus monumentos em toda a superfície do terreno ocupado pela civilização. (Plano do manual de arqueologia da arte, de Otfried Müller, comentado por Perrot e Chippiez.)

"Depois de um período de síntese filosófica e de teorias estéticas cujas duas tentativas mais importantes foram, em seu início, *Vorlesungen über die Esthetik*, de Hegel (1835–1838), e, em seu declínio, a *Philosophie de l'art*, de Taine (1867), a ambição dos historiadores da arte teve que se tornar mais modesta. Advertidos pela insuficiência de enciclopédias efêmeras, cujos serviços seria injusto esquecer, eles se limitaram às monografias. Estudar a obra de um artista, a história de um monumento, a arte de uma região, esmiuçar inventários e contas, constituir séries e elaborar catálogos foram as palavras de ordem em todos os centros de pesquisa histórica. À história da arte, bem como à história social e política, se aplica o famoso lema de Fustel de Coulanges: "Uma vida de análise para um dia de síntese." André Zinkel. *Histoire de l'art*. Introdução.

g) A filosofia produziu grandes tratados desde Aristóteles e desde a Idade Média. O curso de filosofia publicado pelo Institut Supérieur de Philosophie de Louvain abrange uma série de volumes dedicados às várias partes da filosofia de autoria de seus diversos professores.

Os tratados clássicos de psicologia são os de Wundt, Lieps, James, Höfdening, etc.

A Alemanha continua a publicar grandes tratados. Por ex., o de Joseph Fröbes (*Lehrbuch der experimentellen Psychologie*, 2 vol. com total de 1 278 páginas). Uma suma, uma obra enorme, paciente, densa e admiravelmente documentada, como aparece apenas na Alemanha, um tratado que, graças aos índices, pode-se consultar como uma enciclopédia.

h) Os autores de grandes tratados científicos defrontam-se com uma tarefa enorme por causa das rápidas transformações da ciência.

A dificuldade de escrever um tratado de física, afirma o sr. É. H. Amagat, consiste em "abrigar os novos estudos respeitando as teorias clássicas". [...] "Se é conveniente modificar imediatamente a exposição sobre certos ramos da física, agrupando as leis, outrora sem vínculos evidentes, cuja dependência recíproca resulta agora de fatos experimentais firmemente estabelecidos, não parece, em outros casos, mais conveniente, pelo contrário, e mais prudente preservar a exposição sem modificações

essenciais, fazendo entrever que, no futuro, retoques e adaptações poderão ser necessários? Não seria lamentável e prematuro, por exemplo, mutilar neste momento a obra admirável de Fresnel, sob o pretexto de incorporá-la em um todo mais homogêneo com as teorias eletromagnéticas? [...] Acho que ninguém me contestaria, portanto, se afirmasse que, atualmente, nenhuma outra ciência tem sua exposição pontilhada de escolhos, da mesma forma como se apresentam nossos conhecimentos de física, especialmente se se leva em conta a dificuldade de discernir as obras que devem permanecer, na avalanche de materiais, muitas vezes medíocres, de que a ciência está cada vez mais congestionada, consequência inevitável da sua ampla difusão."*

O *Traité de physique* de Chwolson apresenta-se como intermediário entre os livros tradicionais, muitas vezes escritos para um programa de exame determinado, e os textos originais de obras especializadas.

O grande tratado de mecânica de Tisserand traz uma exposição geral dos conhecimentos de astronomia no final do século XIX. É uma obra magistral e duradoura, que substitui o tratado de Laplace, a que condensa todos os resultados anteriores do ponto de vista matemático e físico.

O tratado de geologia de Haug é o mais recente. É muito extenso (4 volumes). Põe abaixo todas as teorias anteriores, mostrando o dinamismo nos fenômenos.

O tratado de geologia de Lapparat substituiu em 1882 todos os tratados precedentes. Em 1903, a sexta edição já havia sido publicada. Graças ao seu sucesso, pôde ser mantida atualizada. É como um repertório de conhecimento da Terra em nossa época. A obra de Suess, graças ao seu ponto de partida tectônico, tem mais vida. O livro de Haug é ilustrado com gravuras, o que retira definitivamente da geologia o que antigamente ela tinha de fastidioso.

A grande obra de conjunto de Karl von Zittel sobre a paleontologia é uma revisão abrangente dos conhecimentos adquiridos sobre animais e plantas fósseis, com uma história de cada grupo, sua origem, evolução e relações prováveis com ramos vizinhos.

A grande obra de Yves Delage e E. Hérouard, o *Traité de zoologie concrète*, pode ser considerado como um tratado típico.

No curso de zoologia de J. Lensen, o autor escolhe, como modelo, para cada grupo zoológico, um animal cuja descrição permite identificar as características do grupo inteiro.

A propósito de um tratado que marcou época (*Les colloïdes*, de J. Duclaux, chefe de laboratório no Institut de France (Paris, Gauthier Villars, 1920), observou-se que os trabalhos que têm como objetivo o estudo teórico de uma nova matéria não se inspiram em uma única doutrina. O espírito então se perde em meio às contradições, o que exige um estudo de revisão da literatura. O primeiro passo é reunir todos os dados certos em um conjunto coerente. O segundo consiste na eliminação de detalhes inúteis, e especialmente das doutrinas obsoletas. As teorias se sucedem revelando formas cada vez mais perfeitas. Podemos relegar à história muitas leis e regras reconhecidas como falsas ou inaplicáveis, que, muito conhecidas antigamente, continuam a subsistir devido à forma e à tradição.

Existe a compilação de dados conhecidos que estão dispersos. Por exemplo, os peixes do Japão foram descritos em várias coletâneas não apenas sobre o Japão mas sobre todos os países; eles exigiam pesquisas

* A citação é do prefácio de É.-H. Amagat para a edição francesa do *Kurs fiziki*, do físico russo O. D. Khvolson (ou Chwolson), publicada de 1908 a 1914, com o título de *Traité de physique* (Paris: A. Hermann, 5 v.). Dois erros da transcrição dificultam a compreensão da passagem: o primeiro foi usar '*répétant*' [repetindo] ao invés de '*respectant*' [respeitando] e '*loin*' [longe] ao invés de '*lois*' [leis]. Foi feita a correção segundo o texto original de Amagat. [N.E.B.]

bibliográficas trabalhosas. Um repertório elaborado pelos srs. Jordan Tanaka e Snyder (*Journal of the College of Science*, Imperial University of Tokyo; t. XXXIII, I, 1913) reuniu e coordenou todos os documentos dispersos.

As obras sistemáticas das ciências aplicadas têm grande importância. É necessário erigir sobre bases científicas e precisas os preceitos da aplicação, é preciso sistematizar a prática e o emprego das coisas. Trata-se, por um lado, de considerar os objetos e os seres descritos como eles se comportam na natureza, e como devem ser considerados em relação ao uso que fazemos deles. "Trata-se de mostrar como problemas numerosos e por vezes complexos suscitados pela prática encontram solução nos estudos científicos e como, por conseguinte, estes últimos devem assumir sua posição e ocupar seu lugar, que é o primeiro, sendo preciso expô-los tal como são e mostrar todas as consequências."[1]

i) A medicina tem uma matéria imensa para coletar e sistematizar. Os tratados ali são obras consideráveis.

O novo tratado de medicina e terapêutica foi publicado em fascículos sob a direção dos srs. Brouardel e A. Gilbert (40 fascículos, 200 francos, Paris, Baillière, 1906).

Diz o prefácio: "Deixando aos dicionários e aos tratados de tempos atrás a antiga forma de volumes pesados, inconvenientes para consultar e ainda mais para ler, o novo tratado aparece em fascículos separados, inteiramente distintos, tendo cada um seu título, sua paginação própria e seu sumário. Cada fascículo é vendido separadamente e forma um todo completo reunindo as doenças que constituem grupos naturais."

"Para garantir uma publicação mais rápida, os fascículos são lançados tão logo ficam prontos, independentemente da ordem dos números."

O *Traité d'hygiène*, publicado por Brouardel e Mosny, com um grande número de colaboradores (Paris, Baillière et Fils) é dividido em 26 fascículos publicados mensalmente, mas sem respeitar a sequência numérica, a fim de assegurar uma publicação mais rápida, obstáculo com que até agora se defrontavam os principais tratados de medicina publicados em grandes volumes com colaboradores múltiplos.

j) O direito apresenta a peculiaridade, tanto na prática, quanto na teoria, onde não é de menor importância, de precisar de textos e de interpretações de textos. Daí a importância dos tratados de direito. A ordem adotada na exposição nos tratados de direito fornece uma espécie de meio mecânico de se localizar no labirinto de opiniões e decisões judiciais.

Uma obra de direito inglês, como a de Taylor, *Law of evidence as administered in England and Ireland*, cita em suas 1 253 páginas aproximadamente dez mil casos.

As *Pandectes belges* (*Corpus Juris Belgici*, repertório geral do direito da Bélgica, de Edmond Picard e seus colegas, compreende mais de 120 volumes. Seu fundador descreveu em um texto especial intitulado *Une grande juridique*, a gênese e o desenvolvimento desse grande trabalho.

O *Traité pratique de droit civil français,* dos srs. Planiol e G. Ripert, foi elaborado com a colaboração de professores das faculdades de direito. Ele aparecerá em forma condensada contendo uma exposição completa da doutrina, da legislação e da jurisprudência. Serão 13 volumes de 800 a 1 000 páginas e um 14° de índices. Ele combina em uma única obra as

[1] Louis Roule. *Traité raisonné de la pisciculture et des pêches.*

vantagens de uma exposição metódica de doutrina, de um repertório de jurisprudência e de um código anotado.

O *Traité de droit international public*, de Pradier-Foderé, tem oito volumes com um milheiro de páginas cada. Acompanha-o um quadro analítico com 198 páginas.

Sobre *Droit romain*, de Georges Cornil (*Aperçu historique sommaire ad usum cupidae legum iuventutis*). Bruxelles, 1921, X-746 p.), seu comentador disse: é o fruto magnífico de trinta anos de ensino e de uma vida dedicada ao estudo e à pesquisa séria. Ele resume de forma pessoal todos os trabalhos anteriores sobre a matéria, incluindo os do autor. Encontra-se em 700 páginas tudo que o pensamento humano tem, até hoje, dado à luz de mais sábio e de mais profundo sobre esse grande tema, que se renova a cada século: o direito romano, que os modernos entendem melhor do que os próprios romanos jamais conseguiram compreender. É uma obra-prima em seu gênero.

k) Com o título de *Les archives du manuel social*, editado sob direção dos padres A. Vermeersch e A. Muller, S. J., foram publicados periodicamente, na forma de fascículos de preço variável, estudos que, em seu todo, comporão um manual doutrinário de grande valor sobre todas as questões sociais atuais. A base deste trabalho será formada pela reedição reformulada, atualizada e consideravelmente aumentada do *Manuel social* do padre Vermeersch.

l) O *Manuel de l'histoire de la littérature française*, de Brunetière, é dividido tipograficamente em duas partes: na metade superior das páginas uma sucessão de 'discursos' sobre o desenvolvimento das letras francesas até cerca de 1880; na metade inferior, informações sobre diferentes autores.

m) Os tratados de história são obras ditas de segunda mão, que, com base em documentos originais, expõem as conclusões dos autores sobre os fatos. Há tratados de história geral e tratados de história específica.

O difícil é o bom seccionamento das séries. Ex.:

Le répertoire chronologique de l'histoire universelle des beaux-arts, depuis les origines jusqu'à la formation des écoles contemporaines, de Roger Peyre. Vérification des dates, Concordances de l'histoire des beaux-arts chez tous les peuples. Paris, H. Laurens, 534 p.

Por ano, dentro de cada ano por país, um índice alfabético dos nomes próprios utilizados frequentemente.

Na história específica (ex: história da arte). Trata-se de apresentar um quadro da história, a evolução com detalhes suficientes para que o aprendizado possa ser acompanhado.

A dificuldade é abrir espaço para as influências das matérias excluídas dos assuntos tratados. É impossível no tratamento de uma matéria tão vasta e tão complexa conservar para cada parte cortes estritamente sincrônicos. Mas, pelo menos, se esforçará para que o agrupamento e o encadeamento lógicos das obras e dos fatos nunca sejam quebrados.

n) Os grandes *Grundrisse* dos alemães são feitos em colaboração conforme os planos gerais elaborados pelos editores da publicação. Ex.: O *Grundriss* [*der Geschichte der Philosophie*] de Ueberweg.

o) Existem as grandes coleções de tratados ou manuais. Por ex., em francês, a coleção de manuais Roret para as diversas artes e ofícios.

A nova coleção Mises au Point (Paris, Gauthier Villars) tem por objetivo completar, com um mínimo de esforço, a educação geral científica e atualizá-la quanto ao essencial da ciência moderna. Não são tratados

didáticos, nem obras de documentação, mas livros de leitura científica; nenhuma fórmula irá parar o leitor e figuras esquemáticas ou fotográficas esclarecem constantemente o texto. Um sumário das publicações recentes acompanha cada volume. Este compreende:

1° um lembrete dos princípios essenciais novos e antigos;

2° um quadro de síntese, bastante completo e detalhado, muito claro, com referências e documentação (moderada), do estado atual das ciências, tanto do ponto de vista da teoria quanto de suas aplicações, concentrando-se sobretudo nos dados mais recentes, pouco conhecidos do público mais velho, sem negligenciar a história da ciência estudada, o encadeamento das descobertas, a evolução das ideias e doutrinas e o aperfeiçoamento dos métodos;

3° conclusões gerais da extensão possível da ciência considerada, das possibilidades de evolução das teorias e princípios; enfim, os principais problemas que ainda ficam por resolver e os aperfeiçoamentos a realizar.

A coleção dos Manuali Hoepli compreende, desde 1906, mais de 900 volumes. Essa coleção forma a mais vasta enciclopédia de ciências, letras e artes que apareceu na Itália. Os manuais têm por objeto todos os ramos do conhecimento. Seu preço varia entre 1,50 e 12 francos.

Denomina-se 'enciclopédia' uma coleção de tratados sobre os ramos das ciências humanas e sobre todos os ramos de uma ciência complexa.

241.214 *MÉTODOS. DESIDERATOS*

Uma metodologia do tratado vem surgindo gradativamente da experiência. Vários autores, nas introduções que escreveram para seus tratados, formularam certos princípios.[1] Observações, recomendações e desideratos devem ser formulados sobre este assunto.

a) O tratado deve ser conciso. Dizer muita coisa em poucas palavras, este é o ideal do bom tratado. Mas a concisão não deve prejudicar nem a precisão, nem a clareza, nem a completude.

Ele deve resumir a multiplicidade de fatos e as descobertas cotidianas. O objetivo é extrair dos milhares de monografias — 'contribuições' empilhadas nas estantes das bibliotecas — os resultados positivos e as observações gerais passíveis de ele considerar como certas. É útil nem que seja apenas para demarcar mais claramente no mapa as fronteiras de terras incógnitas.

O tratado resume para uso dos iniciantes todos os trabalhos anteriores de modo a facilitar-lhes o estudo e fornecer-lhes, para todas as pesquisas que possam querer fazer, um ponto de partida e um método.

Ele não deve ser tão completo quanto possível, mas o autor deve se preocupar em nunca deixar o leitor sem qualquer informação sobre um assunto. Os detalhes são tarefa das obras mais especializados.

b) O tratado deve ser completo; ele deve ser a exposição de todas as matérias da ciência à qual é dedicado.

É possível ter um tratado mais completo e, em seguida, retirar dele os tipos menos completos, seja omitindo-se partes dele, seja resumindo-se outras.

Em princípio, existem, portanto, tratados de tipo elementar (mínimo), médio, superior (máximo).

---

[1] Yves Delage: Sur la manière d'écrire dans les sciences naturelles. Préface d'un mémoire sur l'embryofence des éponges. In: *Arch. de Zoologie Expérimentale et Générale*, 2e série, t. X, 1892. Ver também o prefácio e a advertência ao leitor do tratado de zoologia concreta do mesmo autor.

Os processos tipográficos podem destacar os níveis de apresentação. Por ex., na sinopse e no corpo dos capítulos, as ideias e os fatos de maior importância são compostos em negrito, que atrai a visão (Ex.: *Cours d'histoire*: Charles Guignebert. *L'Europe et le moyen âge*, de Dupont Ferrière).

Cada parágrafo do texto é resumido em uma frase introdutória em negrito (Ex.: *Résumé aide-mémoire d'histoire de la littérature française*, de De Plinval.)

c) O tratado deve aplicar as formas bibliológicas mais avançadas. Tudo o que foi dito sobre as partes e sobre a estrutura do livro encontra-se aqui. Um tratado, de fato, é a reunião em uma superestrutura bibliológica de vários elementos estruturados mais simples. (Por ex.: a divisão em capítulos, notas históricas e outras, índices, bibliografia, ilustrações, etc.)

Assim, as ideias gerais que dominam cada ciência como premissas ou como conclusão, as leis que ela estabelece, as grandes sequências de fatos e as fórmulas que as resumem, são apresentadas em parágrafos, cada um com seu número de ordem e se completam com uma série de notas impressas em tipo menor. Nessas notas são indicadas as ideias de importância secundária e as aplicações particulares de cada lei; as afirmações sucintas se justificam por remissões às obras especializadas das quais foram tiradas; às vezes até os textos mais importantes que o autor apontou são transcritos na íntegra. Dessa forma, o leitor fica dispensado de recorrer às fontes ou está habilitado a saber a quais deve se dirigir, às mais ricas e às mais específicas.

d) O tratado deve ser coordenado, deve ser sintético. As proposições mais importantes devem ser apresentadas na ordem ideal de seu encadeamento. Muitos autores, devido à falta de tempo, se contentam em reproduzir, como capítulo de livro, trabalhos publicados em artigos de revistas ou apresentados em congressos. É conveniente ter em uma mesma coletânea o conjunto das ideias do autor, mas seria ainda mais conveniente se ele se impusesse a tarefa — longa, meticulosa e difícil — de reformar seus vários escritos sobre um assunto em um único, apresentado como um corpo coeso de ideias e forma de expressão.

e) O tratado deve ter uma apresentação sistemática. A redação alfabética é a que mais se afasta de todos os princípios da classificação natural. Portanto, é necessário procurar proporcionar à redação sistemática todas as vantagens da pesquisa sistemática. (Ver o que foi dito no número 224. Exposições sistemáticas.)

O método de descoberta não é necessariamente o que é apropriado para a apresentação dos resultados obtidos. Na verdade, esta apresentação é feita de duas maneiras, no caso de uma ciência: na forma de dicionário ou na forma de tratado.

No dicionário, expõe-se sob cada verbete o que se sabe sobre o tema correspondente com o emprego de todas as leis que com ele se relacionam. Faz-se, portanto, uma síntese de explicações. Acontece que, em geral, tal artigo será entendido apenas pelo leitor já familiarizado com as próprias leis. Os dicionários são convenientes para procurar informações, detalhes que a ordem alfabética permite encontrar facilmente, mas eles não oferecem nenhuma ideia do encadeamento das leis científicas, isto é, do essencial da ciência.

Os tratados se propõem a proporcionar essa ordem, uma ordem linear e lógica, mas não dão a menor ideia de como se faz ciência. São valiosos para profissionais, pesquisadores ou estudantes. Nas partes mais avança-

das das ciências, onde o encadeamento dedutivo das leis é bem conhecido, eles são admiráveis monumentos de lógica.

Em suma, para descrever a árvore da ciência, ou corta-se a ciência em pedaços que são rotulados e organizados em ordem alfabética: o dicionário, ou, então, descreve-se a ciência partindo das raízes para as folhas: o tratado sintético, mas, por razões variadas, todas ou quase todas as folhas são retiradas.

f) O tratado deve apresentar unidade. É necessário que os grandes tratados sejam reunidos, de tempos em tempos, em um único tratado, concebido com rigoroso espírito de unidade, sem o qual haverá indecisão nas pesquisas e falta de proposta nas observações. As ciências e os fatos não seguem um passo regular. Em certos pontos, eles são estacionários em outros se transformam com rapidez; sua variação e seu progresso estão subordinados às variações e aos progressos das sociedades. É necessário, em algum momento, traçar o painel do todo, o que os periódicos não conseguem.

g) O tratado pode ser impessoal, na medida em que relata o estado da ciência como obra conhecida, e pessoal na medida em que dará uma ordenação e uma direção de pensamento aos dados expostos e que ele ligará às várias matérias ordenadas dados novos e originais.

h) O tratado deve estar atualizado.

O tratado clássico, no entanto, elimina tudo o que é muito recente ou ainda muito individual, sob o risco de ser efêmero. Ele deve eliminar também tudo o que caiu definitivamente em desuso e já não é levado em consideração nem a sério por ninguém. No entanto, ele irá apontar em nota a existência do que é recente e do que está caduco.

i) O tratado deve apresentar agrupamentos ordenados de dados. Há trabalhos possíveis com o aparato bibliográfico existente, mas tediosos e que provocam grande desperdício de tempo. Por ex., com certos tratados de zoologia, o estudante é obrigado a escolher um animal e procurar no capítulo sobre anatomia tudo o que é dito sobre ele, citando seu nome entre parênteses, em seguida a alguma breve indicação, de modo a constituir um modelo, pelo menos, sobre o qual ele possa descansar seu espírito. Mas ele nunca consegue isso, pois o que é dito sobre o aparelho digestivo não é mais citado quando se passa para o sistema nervoso ou para os órgãos da reprodução. Jamais acontece que algo seja aceito em relação a todas as funções, e o estudante se resigna, cansado, a aceitar as coisas enquanto as encontra e a permanecer na vaga das abstrações. Esse trabalho que ele não pôde fazer, o autor deveria fazer por ele. *O autor deve apresentar-lhe as coisas na forma que ele deseja*, sendo necessário para se ter uma noção precisa e retê-las. (Yves Delage.)

j) O tratado, pelo conteúdo e apresentação, será um estímulo para o progresso da ciência e não uma cristalização. Ao mostrar os feitos do passado, ele deve ser um apelo para o progresso futuro: ao indicar os pontos ganhos, deve ressaltar os problemas levantados e a serem resolvidos.

O tratado não deve procurar impor o *statu quo* em tinta e papel, e perpetuá-lo nessa forma.

k) O tratado será a obra essencial da exposição fundamental de cada ciência, a obra integral. Serão encontrados em sua expressão ideal os vários elementos bibliológicos combinados igualmente entre si.

l) O tratado fará parte integral da organização da documentação e da indústria editorial.

Ele fará parte disso, a saber: 1° implementando toda a série coordenada das formas bibliográficas elementares; 2° relacionando-se com a série de formas fundamentais de publicação (enciclopédia, revista, anuário, atlas, bibliografia); 3° aplicando as regras formuladas para a publicação e para a bibliografia; 4° contribuindo para o plano da documentação universal.

m) O tratado será amplamente cooperativo. A organização seguinte, já esboçada em grande parte na realidade, permitiria chegar a uma documentação integral. Ela se baseará ao mesmo tempo no ensino, nos serviços científicos oficiais e nas sociedades científicas, nas cátedras dos institutos superiores e em seminários semelhantes em todos os países, que são quase todos membros de associações internacionais. Estas poderiam, em cooperação sistemática e contínua, produzir um tratado fundamental de cada ciência. Uma vez que as matérias são ensinadas em todos os países, o trabalho de atualização do conteúdo já é feito pelos professores. Os cursos em todos os países deveriam ser concretizados em um tratado completo colocado à disposição dos alunos. Os professores assistentes, ajudados pelos estudantes, teriam a tarefa de elaborar os tratados por meio dos materiais publicados em diversos lugares.

241.22 Enciclopédia. Dicionário

241.221 *NOÇÕES*

a) Enciclopédia é a obra que trata ou pretende tratar de todas as ciências humanas. Enciclopédia também é o termo atribuído ao conhecimento de tudo o que o homem pode saber. A palavra vem do grego *enkyklios paideia* que significa literalmente círculo de ciências, de *en* (dentro) *kyklios* (círculo) e *paideia* (instrução, ciência).

b) À palavra 'enciclopédia' foram atribuídos cinco sentidos diferentes: 1° a enciclopédia dita *universal*: a totalidade de uma ciência englobando todas suas noções abstratas e concretas; 2° a enciclopédia dita comum: noções sumárias sobre todas as partes de uma ciência ou ciências; é a enciclopédia das pessoas cultas; 3° a enciclopédia como ciência *preliminar*, principalmente como preparativo para estudar; 4° a enciclopédia como ciência *complementar* (preencher lacunas nos estudos); 5° a enciclopédia *filosófica*: conjunto das generalidades abstratas e permanentes de uma ciência: as normas ou primeiros princípios; as constantes.[1]

c) A enciclopédia difunde conhecimentos sobre tudo aquilo que uma pessoa não pode se permitir ignorar: ciência, indústria, técnica, história, arte, sociedade. Ela permite que se acompanhe em toda parte o movimento crescente da evolução humana. Em nossa época generalizou-se a curiosidade do pensamento e a enciclopédia tornou-se o instrumento dessa curiosidade. Esta é a época em que o rico material dos dicionários se sistematiza em enciclopédias metódicas.

Encontramo-nos, e isso é afirmado por todos os autores, na era da enciclopédia. E acrescentam: a mente mais bem nutrida não é a que conhece as coisas, mas a que sabe onde encontrá-las (não seria essa uma nova versão da primitiva divisa do Instituto Internacional de Bibliografia: 'quid scit ibi scientiae habendi est proximus'). É preciso criar o hábito de consultar a enciclopédia (*encyclopedia habit*). A enciclopédia é a pedra fundamental (*cornerstone*)* da biblioteca. É o elo entre todos os livros. Já a vemos penetrando na escola e de lá ela chegará à residência, do mesmo

* Em inglês no original. [N.E.B.]

[1] Comp. E. Picard. *Les constantes de droit*, 1921, p. 1.

modo que o dicionário estreou nos Estados Unidos. Ela é o meio ilimitado de responder a perguntas sem limites. Sem necessidade, como nos livros, de um índice no final; qualquer assunto, seja genérico seja especializado, figura em seu lugar próprio na ordem alfabética. E esses autores afirmam ainda: os conhecimentos que custaram ao homem centenas de milhões podem ser agora comprados por um preço verdadeiramente insignificante.

d) As obras em forma de *dicionário* são úteis porque concentram inúmeras informações onde a preocupação é mais com a exatidão e com a 'monografia de cada assunto' do que com suas relações de dependência e de conexão. São obras por excelência para serem consultadas e não lidas da primeira à última página. Os dicionários, assim como as enciclopédias, são instrumentos mais flexíveis do que as infiéis dissertações. Os dicionários ajudam os homens e os deixam mais livres, mais ágeis. Fornecem rapidamente, a qualquer hora, conforme as necessidades do momento, as informações, a documentação da vida, das ciências e das profissões. Assim, o instrumento de informação por excelência é o dicionário, que tem uma forma que oferece uma ordem mais aberta, porém de consulta mais fácil do que a ordem lógica ou escolar das questões.

Um dicionário compõe-se de verbetes, e como cada um forma um todo completo, ele é mais compreensível do que as seções de um tratado que dependem do que foi explicado antes. Pode-se, portanto, entendê-los diretamente e, assim, sem perder seu cunho científico, alcançam o objetivo de divulgação. Cabe-lhe apresentar um apanhado completo e científico dos fatos até hoje conhecidos.

e) Apresenta inconvenientes e vantagens próprios da forma de dicionário: é impossível nele encontrar um tema tratado em seu todo, sendo preciso sair a buscar os elementos dispersos em uma dúzia de artigos e às vezes uma dúzia de volumes. Trata-se de fragmentação arbitrária e indefinida com inumeráveis duplicações e repetições. Trata-se da total ausência de método e de unidade mal disfarçada pela regularidade aparente que a ordem alfabética consagra. A lentidão com que os volumes são publicados e a quantidade que alcançam cansam amiúde a paciência do público.

Um tratado e um dicionário não prestam o mesmo serviço. Quando se busca uma informação precisa sobre um ponto, ela á raramente encontrada em um tratado dogmático. Como se trata de obras didáticas, devem ser concisos e pouco dispendiosos, insuficientes e detalhados. Um dicionário facilita as pesquisas graças ao vocabulário detalhado. Alguns artigos muito gerais sobre questões fundamentais podem representar verdadeiras monografias que aproximam o dicionário do tratado.

Uma ciência, para ser completa, deve sair dos limites muito estreitos onde se mantém muitas vezes aprisionada e invadir os domínios que antes lhe eram interditados, tratando-os do ponto de vista da ciência em causa.

É claro que, quanto a essas ciências conexas, serão utilizados apenas livros comuns e trabalhos já publicados, sem a pretensão de usar o novo; mas já seria obra muito importante a de reunir as informações dispersas, de modo a apresentá-las em seu todo. Ademais, a história de uma ciência, a biografia e a bibliografia não se encontram de modo algum presentes nos tratados. Em suma, o dicionário não é nem o manual nem o tratado. Não tem a bela ordenação nem o encadeamento de ideias que se admira nessas obras. A ordem alfabética contraria isso. Ela rompe fatalmente a

sequência lógica, as interessantes discussões sobre os pontos polêmicos. Em compensação, oferece, com poucos signos, tudo o que o leitor precisa saber; ele coloca os fatos, as coisas e os personagens em seu verdadeiro quadro, resume as descobertas, totalmente livre das dificuldades técnicas colocadas ao alcance das mentes pouco instruídas.

241.222 *HISTÓRICO*

É muito antiga a ideia de reunir numa única obra a totalidade dos conhecimentos humanos. As primeiras que surgiram eram muito confusas, pois se tratava de poligrafias, com tudo que essa palavra implica. O tempo cuidou de estabelecer as diferenças entre os gêneros. Os antigos livros sagrados, notadamente a Bíblia, eram verdadeiras enciclopédias. Moisés e Confúcio eram centralizadores. Os textos da filosofia antiga, dispersos na obra de Aristóteles, dão-nos uma ideia da enciclopédia. Os escritos dos polígrafos gregos e os de Catão, Varrão e Plínio revestem-se de caráter enciclopédico. No século V de nossa era, Marciano Capella reuniu em um único livro as sete ciências que constituíam então o saber humano: gramática, dialética, retórica, geometria, astrologia, aritmética e música. Ao entrar pela Idade Média encontram-se enciclopédias dedicadas especialmente a determinada ciência e conhecidas pelo nome de *summae* ou *specula*. Salomão, bispo de Constância, tentou no século IX fazer um *Dictionarium universale*. A obra literária máxima da Idade Média é a enciclopédia de Alberto Magno: 21 volumes in-fólio na edição Jammy (1615), e 38 in-quarto na edição Borgnet (1890-1899). Santo Tomás de Aquino escreveu sua *Suma*, que atravessou os séculos. Durante o reinado de são Luís, no século XIII, o dominicano Vincent de Beauvais elaborou, a pedido do rei, seu *Speculum historiale, naturale, doctrinale et morale*, uma imensa compilação destinada a reproduzir noções que se encontravam dispersas em inúmeros escritos. Em todas essas obras, no entanto, a ideia de uma enciclopédia ainda permanecia incompleta. A partir do início do século XVII foram empreendidas tentativas mais acuradas. Em 1606, um professor de Bremen, Mathias Martins, esboçou o plano de uma enciclopédia completa; Henri Alated publicou em Herborn uma *Encyclopedia VII tomis distincta* (1620). Bacon, com sua classificação metódica dos conhecimentos humanos (1620), será o embrião daquilo que, no século XVIII, viria a produzir verdadeiras enciclopédias. O *Dictionnaire historique et critique*, de Bayle (1696), exerceu uma enorme influência no rumo que as ideias tomariam a partir do século XVIII. Ela foi apelidada de 'obra à alemã', por ser uma compilação informe de trechos alinhavados uns nos outros. O autor não buscava um texto, mas um pretexto para desenvolver suas próprias ideias.

A mais célebre das enciclopédias foi a fundada por Diderot com o título de *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et métiers, par une société de gens de lettres, mis en ordre par Diderot et quant à la partie mathématique par d'Alembert* (1751–1772, 28 vol., suppl. 1776-1777, 5 vol.; *table analytique et raisonné*, 2 vol. 1780).

No início da *Encyclopédie* foi colocado o famoso *Discours préliminaire*, que seria, segundo Voltaire, superior ao *Discurso do método* de Descartes e igual ao que Bacon havia escrito de melhor.

A *Encyclopédie* tratava apenas de certos temas selecionados e concernentes às letras, artes, ciências ou profissões. E os apresentava no seu todo.

Essa imensa coleção foi reimpressa várias vezes. Monumento grandioso dos conhecimentos humanos e do espírito filosófico inovador, a *Encyclopédie* foi um instrumento de guerra ao mesmo tempo que uma obra de ciência. Dela a Revolução extraiu a maior parte de seus princípios. Uma infinidade de publicações do mesmo gênero surgiu depois em diversos países.

As enciclopédias, depois dessa primeira, se multiplicaram na França. O *Dictionnaire philosophique*, de Voltaire; a *Encyclopédie méthodique* editada por Panckouke e Agasse (1782–1832) em 201 volumes; artigos ordenados por assuntos, constituindo, assim, uma série de dicionários específicos de diversas ciências. *Encyclopédie moderne* (1831–1844). *Dictionnaire de la conversation. Encyclopédie nouvelle* (1844). *Encyclopédie catholique* (1838).

Le grand dictionnaire universel du XIXe siècle, de Pierre Larousse (1865) propõe-se este programa: combinar dicionário e enciclopédia, registrar em ordem alfabética todas as palavras, quaisquer que sejam, agrupando em torno de cada uma os fatos e as ideias que lhe digam respeito e apresentando a explicação imediatamente; fazer um levantamento completo do saber humano que responda à divisa 'instruir todo mundo sobre todas as coisas'.

Na Inglaterra, houve um movimento enciclopédico paralelo ao da França, às vezes ultrapassando-o. *The Encyclopaedia*, de Chambers, é de 1728. A *Encyclopaedia britannica* publicada em Edimburgo (1771) chegou até nossos dias. (Ver adiante.)

Na Alemanha, também foram publicadas inúmeras enciclopédias. A de Zedler (1751), de Jablonsky (1767), de Koster (1778), de Hübner, a *Allgemeine Encyclopädie* de Ersch foi continuada por Grüber (1818), o *Konversations Lexikon* da Brockhaus.

A China revelou-se desde cedo como o país das enciclopédias. A *Paï-Wen-Yun-Fou* é a que contém, além da língua, tudo que diz respeito à China no terreno físico e moral. É creditada a 76 eruditos reunidos em Pequim sob a presidência do imperador Khangh-hi; obra em 127 volumes, concluída num período de oito anos (1711).[1]

241.223 *ESPÉCIES*

a) Distinguem-se as enciclopédias gerais das especializadas, as ordenações alfabéticas das sistemáticas, as enciclopédias verdadeiras dos dicionários da língua, os tratados e as enciclopédias dos textos e das coleções que reproduzem noções e dados.

Também se distinguem as obras enciclopédicas, lexicográficas e as obras biográficas, estas duas últimas categorias devendo, no entanto, ser consideradas como contribuições importantes para a enciclopédia total.

A terminologia ainda não está bem consolidada. As palavras 'enciclopédia' e 'dicionário' são empregadas indiferentemente quando a obra segue a ordem alfabética. Às vezes o termo 'enciclopédico' foi atribuído a tratados sistemáticos (por ex.: a *Encyclopédie des sciences mathématiques*).

b) De maneira geral, há dois grandes tipos de enciclopédia: a enciclopédia analítica, que adota o formato de dicionário, registra os detalhes e serve de armazém (*dock*) para as curiosidades do espírito; a enciclopédia sintética que apresenta os elementos essenciais e expõe o saber segundo

[1] Sobre as enciclopédias e dicionários ver Larousse, *Dictionnaire universel*, Introduction e Ve Dictionnaire. Um exemplar com três mil volumes da enciclopédia chinesa foi doado aos institutos do Palais Mondial.

as grandes linhas da classificação.

c) As grandes coleções fracionadas em volumes pequenos constituem, de fato, verdadeiras enciclopédias sistemáticas. Exemplo: coleções alemãs como a *Grosschen Sammlungen* e *Aus Natur und Geisteswelt* (Verlag Teubner).

241.224 *TIPOS DE ENCICLOPÉDIA*

Existe um vasto número de grandes enciclopédias. A existência de umas facilita a produção de outras.

a) A Alemanha possui várias grandes enciclopédias. A *Brockhaus* e o *Meyers Konversations Lexikon*, fundadas em 1826. A cada edição, o número de volumes aumenta. (Dezessete da quinta edição com 10 500 ilustrações e uma tiragem registrada de 250 mil exemplares.) A grande enciclopédia alemã *Der grosse Herder* (Herder und Co., Freiburg, editora católica). Ela acrescenta aos dados documentários reflexões e conselhos práticos. Abundantemente ilustrada.

A enciclopédia *Brockhaus* implantou o processo de retirar de circulação exemplares de edições anteriores aceitando-os como pagamento parcial do preço. Pois não basta apenas lançar livros novos, é preciso impedir a acumulação provocada pelos antigos.

b) A Itália implantou uma enciclopédia nacional. Um mecenas — foi a primeira vez que isso aconteceu — fundou um instituto com a finalidade de produzir essa enciclopédia, que terá 32 grandes volumes ilustrados.

Além disso, uma *Enciclopedia delle enciclopedie* está em curso, em 16 partes especiais de mil páginas, mas vendidas separadamente. A obra será completada com dois volumes de dicionário sintético. Abrangendo todas as palavras do saber seguidas de uma breve interpretação e de referências aos volumes onde o assunto foi tratado, sendo, portanto, uma fusão do método alfabético e do método sintético (*trattatistico*).

c) A *Encyclopaedia britannica* foi fundada em 1768. A 14ª edição, recentemente publicada, apresenta fatos típicos do grau de desenvolvimento a que chegaram as grandes enciclopédias. A edição foi realizada com a cooperação de três mil e 500 colaboradores de todos os lugares. Foram investidas 400 mil libras antes de ser iniciada a impressão. Toda a obra custou 500 mil libras (aproximadamente 62 milhões de francos belgas). Fazia vinte anos que a *Encyclopaedia* não passava por uma revisão. A editora anuncia sua obra como a primeira *Encyclopaedia* 'humanizada', de elevado grau de praticidade, completamente ilustrada (*pictured*) e não somente colocada 'em dia', mas 'em minuto'. É um empreendimento que pertence à empresa The Encyclopaedia Britannica Co. Ltd., que detém o direito autoral de todo seu conteúdo desde 1929. O editor-chefe foi o sr. J. L. Garvin. Foi da seguinte forma que os editores formularam os objetivos que têm em vista: Para todos aqueles que desejam compreender a época extraordinária em que vivemos, os novos mecanismos, as novas estruturas sociais e econômicas. O *digest* das informações universais que se pode obter em qualquer lugar, sobre qualquer assunto. Todos os conhecimentos assimilados pela humanidade e as informações indispensáveis sobre os dias atuais. Acessibilidade imediata a todos os conhecimentos, fatos e teorias, tudo o que aconteceu no mundo e tudo o que hoje existe. A solução leva a generalizar problemas que se apresentam a cada um a cada instante da existência, dizer como fazer uma multiplicidade de coisas. Ela atende à necessidade da leitura. Ela permite que continuemos nossa

educação sozinhos, com o conteúdo explicado pelos melhores mestres.[1]

Essa enciclopédia compreende, aproximadamente, o conteúdo de 500 livros de tamanho médio. Ao preço médio de 10 xelins e seis pences cada um, isso daria 262 libras e 10 xelins, quer dizer, aproximadamente dez vezes o preço da *Encyclopaedia*. Ela inclui 500 mapas, 192 dos quais coloridos, reunidos em um volume com um índice geográfico de cem mil nomes de lugar (*Atlas-Index*). No final de cada artigo são incluídas bibliografias para orientar a leitura. O índice alfabético ocupa um volume à parte: contém 500 mil entradas, 15 mil ilustrações explicativas do texto, mais de 1 200 estampas, muitas delas coloridas.

No início de cada artigo principal que trata das grandes divisões do conhecimento encontra-se uma introdução que aponta quais artigos será preciso ler para se ter um conhecimento apropriado do assunto. Trata-se de uma característica nova.

O papel em que é impressa a *Encyclopaedia* é apropriado à sua finalidade. Corresponde ao resultado de anos de experiências. Foi fabricado especialmente. A composição é de sulfite puro e trapos. Sua cor é creme-claro, opaca e aveludada. As páginas são viradas facilmente.

É notável o fato de uma obra dessa envergadura ter sido feita por uma empresa privada. Ela representa uma tentativa audaciosa para ampliar cada vez mais o mercado da *Encyclopaedia* e, com uma publicidade comercial apropriada para fazer entender, nos meios da ciência, da educação, da administração, dos negócios e no seio das famílias, as vantagens de possuir o instrumento de estudo e de informação que é uma grande enciclopédia. Seu preço total é de 27 libras e seis xelins, com encadernação inteira de percalina e um móvel para guardar os volumes. O pagamento é feito com uma entrada de uma libra, paga no ato do pedido, e mais 25 prestações mensais de 23 libras e nove xelins cada uma. A *Encyclopaedia Britannica* planeja coligir e agrupar em volumes especiais tudo o que concerne a um determinado ramo da ciência e da atividade humana.

d) Os soviéticos iniciaram a publicação da grande enciclopédia russa. Nos Estados Unidos, a *Encyclopedia americana* é complementada pela *The Americana, an encyclopedia of current events*. A *World Book Encyclopedia*, com sua nova edição em 12 volumes, oito mil páginas, 10 mil ilustrações, custou um investimento de um milhão de dólares.

Na Espanha, a *Enciclopedia España* é muito bem documentada e ilustrada abundantemente.

A *Enciclopedia Espasa*, da editora Espasa Calpe, abrange 70 volumes.

A enciclopédia inglesa *Europa* é feita com folhas soltas.

Para a França, o *Larousse du XXe siècle*, em seis volumes, contém 200 mil artigos e 50 mil ilustrações.

A '*nouvelle encyclopédie française*' está sendo preparada. Seu plano é da autoria do sr. de Monzie. Segundo o prefácio, não se trata mais de produzir uma compilação, nem um dicionário que sirva de depósito para as curiosidades do espírito. Os manuais e as obras de divulgação elementar não faltam.

A originalidade dessa enciclopédia, que terá de dez a doze volumes, estará na substituição do arranjo alfabético, ainda adotado na última enciclopédia, publicada sob a direção de Marcelin Berthelot, por uma or-

[1] A apresentação afirma: "It is not only a book to consult, but a book to enjoy, without any sacrifice of that erudition which has been the peculiar glory of the Britannica in the past, it has been 'humanised' so that the riches of all knowledge are accessible and intelligible to the plain man."

denação claramente metódica. E, para facilitar as pesquisas, um último volume fará o levantamento em ordem alfabética de todos os assuntos tratados. Por fim, conforme regras a serem definidas, a obra será constantemente atualizada quanto aos avanços científicos. As biografias serão reduzidas ao mínimo; nenhuma despesa suntuária com ilustrações impedirá a conclusão dessa tarefa.

Os métodos a serem adotados de início para a divisão dos assuntos seguirão a rigorosa e fecunda lei da divisão do trabalho. Estará excluída a parcialidade. Será buscada a colaboração da universidade, porém não se trata de uma obra acadêmica.

E os recursos? Trata-se de um empreendimento sem fins lucrativos. Nada pede ao orçamento do Estado. Nada de doações ou legados, e como terá autonomia civil concedida pelo Conselho de Estado, deverá garantir seus recursos. Nem livreiros, nem editores farão parte da comissão. Se houver lucro, será repassado ao orçamento das letras e das ciências. A obra terá como inspiração o espírito de devotamento que anima os cientistas.

241.225 *ENCICLOPÉDIAS E DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS*

As enciclopédias e dicionários especializados existem em todos os ramos de nossos conhecimentos: filosofia, ciências, artes, literatura, história, religião, Bíblia, etc.

Eis alguns exemplos e algumas particularidades:

a) Entre as publicações antigas podem ser citadas: a enciclopédia das ciências filosóficas, de Hegel (1817), a enciclopédia de anatomia e fisiologia, de Tood (Londres, 1835–1859), a enciclopédia da literatura inglesa, de Chambers (1843), a enciclopédia da literatura americana (1857), a enciclopédia de teologia protestante, de Herzog (1853–1859).

b) Em pedagogia: de 1903 a 1910 aparecem em dez volumes o *Encyclopädisches Handbuch der Pädagogik*; em 1905, o *Paedagogisch Woordenboek* holandês; em 1911, o *Nouveau dictionnaire de pédagogie*, sob direção de F. Buisson. Atualmente, na Alemanha o *Lexikon der Pädagogik der Gegenwart*, sob a direção de Pieler (1930); na Itália, *Pedagogia*, de Santamaria, na *Enciclopedia delle enciclopedie*, editada pelo sr. Formiggini.

O novo dicionário de pedagogia e educação fundamental de F. Buisson tem como objetivo: oferecer aos mestres um guia prático e seguro de todos os conhecimentos que lhes sejam úteis, para que orientem convenientemente seu ensino, para que conheçam bem a obra à qual estão devotados e para que tenham uma ideia exata do futuro que os espera.

O dicionário contém no final um índice alfabético dos artigos com remissão para as páginas, a fim de permitir que se perceba a totalidade dos assuntos tratados e, percorrendo de relance os títulos dos artigos, ver quais são aqueles que poderão complementar as informações sobre determinado aspecto. *In fine* a lista de colaboradores assinala que os artigos não assinados devem ser atribuídos à direção do dicionário.

c) No domínio da técnica, os dicionários técnicos ilustrados de A. Schloman são publicados em inglês, francês, alemão, italiano, espanhol e russo. As edições recentes acrescentam constantemente extensões e aperfeiçoamentos.

O *Pitman's technical dictionary of engineering and industrial science in seven languages* (a sétima é o português) foi editado por S. Slater com muitos colaboradores.

A *Encyclopédie technique des aide-mémoire Plumon* (Paris, Béranger, Liège) é publicada em fascículos, cada um sobre um aspecto bem definido da técnica. Essa forma de divisão do campo permite a qualquer engenheiro, graças a um novo modo de encadernação, formar seus manuais técnicos segundo suas necessidades e com o mínimo de despesas.

d) A enciclopédia de ciências matemáticas deste século é o resultado de colaboração entre matemáticos alemães e franceses. O autor de cada artigo da edição alemã mostrou as modificações que julgava conveniente que fossem feitas em seu artigo e, por outro lado, a redação francesa de cada artigo gerou um intercâmbio de opiniões do qual participavam todos os interessados.

A importância desse tipo de colaboração, do qual a edição francesa da enciclopédia oferece o primeiro exemplo, não passará despercebida. Uma edição inglesa baseada nos mesmos princípios estava sendo preparada em 1914.

e) No *Dictionnaire de physiologie*, de Charles Richet, o primeiro trabalho citado e informado imediatamente após o verbete é o trabalho fundamental com as principais indicações bibliográficas. As informações contidas nesse trabalho não são reproduzidas, contentando-se em relatar, sem outra citação, os resultados científicos obtidos pelos autores ali citados. Quanto ao resto, são informadas as fontes que foram consultadas.

f) O dicionário médico de Dechambre já reeditado abrange cem volumes.

g) Há enciclopédias judaicas em francês, alemão, inglês e russo.

241.226 *DICIONÁRIO, LÉXICO, VOCABULÁRIO, GLOSSÁRIO*

A) *Dicionário* é uma compilação de vocábulos de uma ou de várias línguas, dispostos em determinada ordem, que pode ser metódica, porém, mais amiúde, alfabética. Dá-se também o nome de dicionário a certas compilações ou repertórios alfabéticos (dicionário de química, de história natural, de ciências). *Léxico* é um pequeno dicionário que reúne uma seleção de vocábulos, como os que foram utilizados numa época ou por um autor, ou que pertencem a determinado gênero. *Vocabulário* é um dicionário alfabético que contém os vocábulos de uma língua com uma explicação sucinta, ou, então, termos específicos de uma ciência, arte, época ou literatura. Enfim, *glossário* é um dicionário que dá o significado de certas palavras menos conhecidas.

O dicionário, afirma Camille Lemonnier, é o tesouro inesgotável da eloquência e do saber humano; é a vasta compilação onde se decanta a experiência dos tempos.

A consulta de dicionários antigos reveste-se de grande interesse. De imediato, a gente se dá conta da concepção que tinham os homens de então sobre assuntos que são eternos.

b) As compilações mais antigas às quais se poderia dar o nome de dicionário de uma língua parecem não recuar a período anterior ao reinado de Augusto. Para isso foram apresentadas duas razões. Para se sonhar em compilar uma obra assim, será preciso que a língua com que se vai trabalhar já tenha alcançado seu apogeu, ou seu declínio, e também que se tenha à disposição a coleção das obras escritas nessa língua. Com a criação do centro intelectual de Alexandria, surgiram tais condições. O primeiro, cronologicamente falando, é o *Léxico homérico*, de Apolônio o Sofista, que era uma coletânea das palavras empregadas por Homero, e

que apareceu em Alexandria na época de Augusto. Seguiu-se uma série de glossários e dicionários, obras embrionárias, de Andrômaco, de Júlio Pólux, de Harpocration de Alexandria, de Fócio, de Suidas, etc.

É somente no século XI que vamos encontrar um esforço sério de elaboração de um dicionário, devido a um certo Papia, cognominado o Lombardo, que lhe deu o título de *Elementarium*. Trata-se de um vocabulário latino em que o autor incluiu, como exemplos, versos e trechos de obras gregas. No século XV, Giovanni Crestone [ou Crastone], carmelita de Piacenza [Placência], redigiu um dicionário greco-latino (1476). Em 1523, Guarino Favorino [no original, Guarnio de Tavera], publicou um léxico grego intitulado *Magnum ac perutile dictionarium*. Em 1572, Henri Estienne, dando continuidade às obras de seu pai, publicou sem famoso *Thesaurus linguae graecae* (5 vol., in-fólio). Mais tarde, surgiu o primeiro dicionário onde as palavras francesas foram arranjadas em ordem alfabética, o de Nicot, publicado postumamente pelo livreiro Jacques Dupuys. Aparece depois o *Dictionnaire* da Académie Française (1694), cuja 17ª edição foi publicada em 1844. A Académie trabalha constantemente fazendo revisões. Esse é um exemplo tanto de uma obra coletiva quanto de uma obra editada continuamente.

O *dictionnaire étymologique*, de Menage, data de 1650; o *dictionnaire français*, de Richelet, de 1680; o *dictionnaire de Trévoux*, de 1704; o *dictionnaire universel de la langue française*, com a pronúncia figurada (1813), o *dictionnaire de la langue française*, de Littré.

O primeiro dicionário inglês (latim–inglês) remonta ao século X, e é encontrado em uma gramática latina. O famoso dicionário de Johnson, que dominou todo o campo da lexicografia inglesa, é de 1755. O norte-americano Noah Webster publicou seu dicionário em 1806. O *English dialect dictionary*, em seis volumes, foi concluído em 1905. Foi Charles Richardson (1775–1868) quem primeiro chamou atenção para a mudança no significado das palavras. Daí surgiu o *English Oxford dictionary*, iniciado pela Philological Society em 1842 e concluído em 1928 graças ao esforço de J. A. H. Murray.[1]

c) Um dicionário é um catálogo de palavras. É a matéria-prima da língua registrada, e todo dicionário novo incorpora os anteriores. Um dicionário, portanto, é um conjunto de verbetes colocados em ordem alfabética. Esses verbetes podem ser redigidos em conformidade com um plano comum e abranger todos os mesmos elementos, apresentados a cada vez em uma mesma ordem. Por exemplo, o dicionário da língua latina, de Freund, oferece os seguintes dados: 1° gramaticais; 2° etimológicos; 3° exegéticos; 4° sinonímicos; 5° históricos, especiais ou cronológicos; 6° retóricos; 7° estatísticos.

Em seu dicionário grego–francês, Alexandre resume e coloca no começo dos verbetes principais os diferentes sentidos de um vocábulo, remetendo, por meio de números, aos exemplos que os abonam.

Existe um dicionário paralelo das línguas russa, francesa, alemã e inglesa, de Philip Reiff (Karlsruhe, 4ª edição).

d) Foram produzidos dicionários da língua segundo diferentes aspectos, segundo diferentes princípios e segundo diferentes tipos de arranjo: dicionários etimológicos (por ex. para o francês os de Scheler e de Stappers); dicionários do tipo chamado analógico ou de ideias afins suge-

[1] *A survey of English dictionaries* by M. M. Mathews, Oxford University Press, London.

ridas pelos vocábulos (por ex., os de Boissière e de Rouaix); dicionário ideológico (Robertson), dicionário histórico das palavras da língua, dicionário lógico (Le Blanc, Elie Blanc), dicionário de rimas, etc.

241.227 *DESIDERATOS. MÉTODOS*

a) Do estudo das enciclopédias é possível deduzir os seguintes requisitos: 1° integralidade; 2° classificação metódica adaptada ao objetivo de síntese ao mesmo tempo que de análise; 3° imparcialidade; 4° colaboração; 5° continuidade.

b) As enciclopédias devem oferecer informações exatas, completas e detalhadas sobre todas as coisas; abarcar todos os conhecimentos humanos no estado atual da ciência; toda a língua, todas as terminologias com as palavras mais novas, todos os homens, todos os fatos, todas as ideias até os dias de hoje.

c) Para cada ciência, o formato mais avançado seria 1. uma enciclopédia sistemática; 2. vinculada à internacional da ciência que manterá seu plano e sua organização; 3. ligada ao sistema de publicação dessa ciência; 4. produzida mediante cooperação internacional e interdisciplinar [*interspéciale*]; 5. que cada capítulo não seja simplesmente a obra de um especialista, mas de uma comissão de especialistas de diferentes países que concordem com um texto básico e indiquem as variantes apropriadas.

d) O formato de dicionário presta-se ao primeiro estágio de uma ciência, enquanto os fatos vão sendo recolhidos. Um dicionário especializado pode ser produzido por um grupo de pessoas dispostas a anotar observações e analisar do ponto de vista da ciência e de suas questões as fontes documentárias que existem. O trabalho é executado segundo um plano em que a matéria é dividida em ordem alfabética. O trabalho é repartido entre os colaboradores. São empregadas fichas de formato previamente estabelecido. Cada colaborador ali registra a matéria da qual aceitou incumbir-se. Uma duplicata das fichas é remetida ao secretário que reúne todas elas. Depois de todas reunidas, uma comissão de redação coloca-as em ordem e redige na devida forma o dicionário ou os dicionários.

e) Ao falar sobre o dicionário da Bíblia, diz Vigoroux: "Um dicionário da Bíblia não poderia substituir um comentário. Um dicionário deve nos dizer precisamente, sem palavrório, sem parcialidade, o que se sabe hoje em dia de certo ou de provável sobre um personagem, um fato, uma teoria. Os verbetes de um dicionário devem ser como monografias minuciosas, embora concisas; devem resumir e condensar para nosso uso o que foi escrito de mais judicioso sobre cada ponto específico."

f) Não é preciso equivocar-se sobre a natureza e a importância do trabalho enciclopédico. Sainte-Beuve, embora com um lamentável exagero, afirmou: "A menor carta de Pascal era mais difícil de escrever do que toda a *Encyclopédie*." * A verdade é a seguinte: o esforço de criação e de síntese é uma coisa; o trabalho de coletar, de editar o texto, de ordenar, de resumir e definir é outra. Dois trabalhos igualmente úteis e absolutamente necessários. Toda síntese só vale se estiver baseada em fatos suficientes e controlados; qualquer inventário desses fatos vale sobretudo se puder resultar em sínteses.

g) Há autores, editores e livreiros que se especializaram no ramo dos dicionários.[1]

* A frase é de Paul-Louis Courier (1773–1825), escritor e polemista francês. Cf. *Oeuvres de P. L. Courier*. Paris: Firmin Didot, 1862, p. 247. [N.E.B.]

[1] A Maison des Dictionnaires reunia em seu catálogo todos os dicionários conhecidos (Paris, 6, rue Herschel).

Edison possuía uma biblioteca formada unicamente de dicionários. Isso lhe fazia poupar muito tempo pois ali encontrava rapidamente a informação de que precisava.

h) Sobre a concepção de uma enciclopédia sistemática, universal, internacional, ver o arrazoado na 4ª parte.

241.31 Revistas. Periódicos propriamente ditos

241.311 *NOÇÃO*

a) Por publicações periódicas entendem-se, em sentido lato, os jornais políticos, literários, científicos ou profissionais, bem como as publicações da mesma ordem que se editam periodicamente (principalmente os jornais de modas e as publicações destinadas a publicidade). Em sentido estrito, periódico ou 'publicação seriada' (*serial publication*) é toda aquela publicação editada em intervalos regulares ou irregulares, que emprega uma numeração consecutiva e não apresenta previamente uma data de encerramento.[1] É uma publicação, salvo exceção, produzida em colaboração. Em geral, é especializada em um assunto e está ligada aos países, regiões ou localidades. A palavra *magazine*, emprestada da língua inglesa, designa um periódico ilustrado publicado comumente uma vez por mês. O IX Congresso Internacional de Editores apresentou a seguinte definição de periódico, do ponto de vista das tarifas postais: "as publicações, jornais e revistas, coletâneas, anuários, memórias, boletins (em coleção), que são editadas pelo menos uma vez por trimestre". A Bibliothèque Nationale de Paris, de modo mais amplo, estende a definição às publicações que aparecem mais de uma vez por ano. Segundo a tarifa postal francesa, deixam de ser consideradas como periódicos as publicações que sejam editadas menos de uma vez por mês.

b) Os conhecimentos relativos aos periódicos (ciências e artes do periódico) têm direito a denominações similares às que são atribuídas a outros conhecimentos e possibilitam uma distribuição ou classificação análoga. Por conseguinte, 1° *Periodicologia* [*périodiocologie*] será o nome da ciência do periódico; ela observará e descreverá (periodicografia) [*périodicographie*]; explicará, mediante causas e efeitos, pela gênese e sua coexistência; sistematizará, portanto, em leis (*periodiconomia*) [*péridioconomie*]; começará, portanto, pela análise que levará à síntese. 2° *Periodicotecnia* será o nome da arte do periódico: como redigi-lo, editá-lo, difundi-lo e conservá-lo com a maior e melhor eficiência. 3° *A periódico-economia* [*periódico-économie*] será o nome do conjunto das medidas que visam a organizar os esforços tendentes a propiciar aos periódicos, na sociedade, em nível local, regional, nacional e internacional, toda a projeção que sua utilidade merece.

c) Alguns números darão uma ideia da quantidade de periódicos. Na Bélgica, oscila em torno de 2 200. Uma lista dos periódicos do mundo publicados de 1900 a 1921, encontrados em bibliotecas da Grã-Bretanha, identificou 24 678 títulos. A tiragem dos periódicos varia muito de um título para outro. A tiragem das revistas ilustradas [no original, *feuilles de loisir*], por exemplo, é considerável na Alemanha: a *Berliner Illustrierte Zeitung* tem uma tiragem de 1 753 580 exemplares, a *Münchener Illustrierte Presse*, 700 mil e a *Kölnische Illustrierte*, 300 mil.

---

[1] Ver definição da Manchester Union List, 1898. Leigh Reports of Proc of the 55th Meeting of the Library Association.

241.312 *HISTÓRIA, EVOLUÇÃO DOS PERIÓDICOS*

Escrever a história dos periódicos ficou difícil porque mal conseguimos distinguir o início daquilo que denominamos revista. No início, a denominação de *jornal,* que acabou por prevalecer sobre a de *gazeta*, estava reservada às coletâneas literárias e científicas. Chamava-se então *jornal* uma publicação periódica que trazia recensões de livros recém-editados com informações sobre os descobrimentos ocorridos todos os dias nas artes e nas ciências (enciclopédia). Era, dizia-se, um meio inventado para aliviar o trabalho de quem era muito ocupado ou muito preguiçoso para ler livros inteiros.

1. Foram assinaladas cinco épocas na história da literatura periódica: 1º seu surgimento no século XVII; 2º seu jubileu no século XVIII, quando, na Inglaterra, Addison e Steele lançaram suas notáveis publicações; 3º sua rápida difusão na primeira metade do século XIX; 4º a revolta dos especialistas na última metade do século; 5º a vasta produção atual que tem como objetivo conquistar a aprovação do público.

2. França e Inglaterra acompanharam o desenvolvimento da imprensa periódica, revezando-se na primazia de um ou outro gênero. Semelhante processo ocorreu na Alemanha, mas havendo menor interesse pelo periódico do que na Inglaterra.

3. O começo da publicação dos periódicos é marcado pela publicação de catálogos de livros, logo acompanhada de notícias e comentários. Depois surgem na França: o *Journal des Savants* (1665), *Nouvelles de la République des Lettres*, de Bayle, as *Mémoires de Trévoux*; na Grã-Bretanha, as *Acta Philosophica* (1665), as *Philosophical Transactions* (1665) da Royal Society; na Alemanha, as *Acta Eruditorum* (1682). Surgem em seguida as avaliações críticas por autores competentes, depois contribuições originais, artigos. Para fazer o *Journal des Savants* (1665) era preciso muita colaboração. A partir de 1702, o abade Bignon criou uma companhia para dar continuidade ao *Journal de Savants*.

4. O século XVIII dá início ao 'ensaio' e nele se estrutura o periódico como um modelo: *Spectator* (1711), *Gentleman's Magazine*, *Guardian* (1712). A política começa a se misturar com a literatura. Chegam a ser feitas tiragens de até quatro mil exemplares. Mas a lei do selo (Stamp Act) vem aplicar um freio à liberdade de crítica. Uma característica do século XVIII, nos Estados Unidos, será o anseio de cada cidade de alguma importância de possuir sua própria revista para exprimir a opinião da cidade e orientar o gosto literário de seus habitantes.

5. No início do século XIX surgem na Inglaterra as revistas de estilo elevado. A *Edinburgh Review* (1802), que durou 127 anos até 1929, a *Quarterly Review* e a *Blackwood's Magazine*, que proclamava que "almejava despertar o gosto pela literatura e aplicar à política os princípios filosóficos e os preceitos da verdade e da humanidade".

6. Nos últimos 50 anos foram lançados a revista popular *All the Year Round*, 1859, *Cornhill* (1860) e *Macmillan's Magazine*, 1860. O objetivo era distrair o público. Na França, o que chamamos de jornais de leitura e recreação só vai surgir mais tarde. As primeiras revistas para crianças aparecidas no Brooklyn, nos Estados Unidos (*The Young Misses' Magazine*) foram seguidas por inúmeras outras a partir de 1870.*

7. O final do século XIX assiste ao surgimento de grandes revistas científicas como uma forma de reação e também pela necessidade de comunicação mais ampla, mais rápida e mais extensa entre os cientis-

* O exemplo é de um livro com ensinamentos morais para meninas, traduzido do francês, de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1711–1780): *Magazin des enfans ou dialogues entre une sage gouvernante et plusieurs de ses élèves* (1768, 2 v.), com várias edições na Inglaterra e nos EUA. O emprego da palavra *magazin* relaciona-se com o significado do étimo original árabe *mahazin* (entreposto, armazém), por metonímia, qualquer reunião de muitas coisas, e, neste caso, ensinamentos. No *Dictionnaire de l'Académie Française,* 4 .ed. 1762: "un grand amas que l'on fait de diverses choses". Com o significado de periódico só aparece na 6. ed. de 1835. O emprego da palavra no sentido de publicação periódica chega ao francês e ao português por intermédio do inglês que, em 1931, empregou-a no título da *Gentleman's Magazine* porque a revista seria um depósito, um armazém de informações. [N.E.B.]

tas. Exemplos: a *Classical Review* (1887), a *Asiatic Review* (1875). A França antecipou-se em relação a esse tipo de revista, pois o *Journal du Palais* (direito) data de 1672 e as *Nouvelles Découvertes dans Toutes les Parties de la Médecine*, de 1679.

8. Na década de 1860 a ilustração chega aos periódicos. O *English Illustrated Magazine* é de 1864. É um dos ancestrais do periódico ilustrado. Em 1871, o *Strand Magazine* alcança um imenso sucesso na mesma ocasião em que W. T. Stead cria a *Review of Reviews*. Logo apareceriam na França *Le Tour du Monde*, de Charton, e *L'Illustration*, que continua sendo a principal entre as revistas ilustradas. Foi preciso esperar pelo século XIX para que se assistisse à formação de revistas propriamente ditas, e pelo fim desse século para acompanhar o florescimento das publicações de organismos científicos e profissionais de todas as categorias.

241.313 *OBJETIVO. FUNÇÃO*

A revista ocupa um lugar entre o livro e o jornal, e sua função está definida. O livro geralmente é uma obra individual sobre um determinado assunto e que se conclui no instante em que é publicado. O jornal depende de colaborações e aparece comumente todos os dias trazendo notícias de todos os tipos. A superioridade do periódico em relação ao livro está na especialidade de seus artigos, cada um dos quais tem origem numa competência. O autor de um livro não é igualmente versado em todos os terrenos do assunto de que trata, o que se pode constatar ao lê-lo. As revistas se tornaram mentores, jornais de informação em todos os campos. Garantem a todos informação rápida sobre todas as novidades, no campo das letras, artes, ciências, educação, filosofia, indústria, comércio, agricultura, economia política e social, etc. O Congresso Internacional da Imprensa Técnica e Profissional (1929) declarou que é à imprensa técnica que cabe o papel de difundir mundialmente os últimos progressos. Uma boa revista não pode deixar passar ideias novas sem as comunicar e discutir. Não confundir um periódico com uma obra publicada em fascículos. Por exemplo, Spencer publicou seus *primeiros princípios* na forma de fascículos periódicos. Seis fascículos formavam um volume. Muitas vezes os artigos publicados em nossas revistas por um autor ensejam a publicação de um livro. Porém toda a matéria científica que aparece nos periódicos está longe de passar para o formato de livro. Isso principalmente em astronomia. Os jornais diários contêm em abundância a matéria da história no dia a dia e, por esse motivo, devem ser conservados. As revistas deveriam supor a existência de grandes obras impressas das quais seus artigos naturalmente dão seguimento, obra de grande fôlego já bastante atrasada em relação ao que se poderia ter apreendido no momento de seu aparecimento. As revistas têm um valor duradouro: a) porque a ciência não se renova totalmente a cada período de três ou quatro anos; b) porque elas contêm o desenvolvimento histórico das questões; c) porque as condições financeiras dos trabalhadores intelectuais [no original, *individuels*] não lhes permitem renovar periodicamente os livros de sua biblioteca. No entanto, os periódicos antigos não têm a mesma importância para todas as ciências e isso devido ao caráter das ciências. Por exemplo, os periódicos de matemática, filosofia e história têm utilidade permanente; os de medicina e de técnica, ao contrário, logo se tornam obsoletos.

241.314 *CLASSES DE PERIÓDICOS*

Os periódicos se dividem em duas classes principais: 1° periódicos publicados de forma independente; 2° publicações feitas sob os auspícios de uma instituição. Uns levam um título específico (ex., *Annales de Bretagne*), outros têm um título genérico (ex:, relatório, boletim, jornal). Em princípio, cada instituição tende a possuir sua publicação periódica, revista ou boletim, na qual são publicadas as informações a ela concernentes. Enquanto aguardam a possibilidade de criar sua própria publicação, algumas instituições valem-se de uma parte ou seção nas publicações de terceiros. A cooperação poderia levar as associações a se entenderem com o fito de publicar em conjunto ou por grupos similares um periódico coletivo. Com uma capa comum, ele conteria folhas ou cadernos móveis. Haveria economia de impressão e de transporte, e, ao mesmo tempo, com uma boa divisão do trabalho, muitas publicações de menor extensão poderiam ali se apresentar com melhor aparência e a certeza de terem acesso nas bibliotecas.

A revista é um formato em constante evolução e em busca de seu próprio equilíbrio. Ela tende tanto ao jornal quanto ao livro (quando, por exemplo, todo um fascículo é dedicado a uma mesma questão, a uma mesma obra, a uma mesma personalidade e do qual se faz uma tiragem especial, às vezes numerada.[1]

Surgiram revistas 'em volumes' como poderiam ser chamadas. Cada fascículo contém uma numeração própria das páginas que podem ser reunidas para formar cinco ou seis volumes contendo cada um uma obra à parte. Foram criados recentemente jornais que substituem revistas de pequeno formato e composição compacta por publicações de grande formato como os jornais diários, com seis ou oito colunas, títulos com tipos graúdos e variados, que chamam atenção e facilitam a leitura, com abundantes ilustrações e informações recentes. Por ex., *Pax* (Paris) sobre questões internacionais; *Le Siècle Médical* (Paris) sobre medicina. Este periódico tem 14 páginas. É bimensal e custa apenas 20 centavos. O cabeçalho informa que é "reservado exclusivamente aos profissionais médicos". Foi criado em 1927 graças à iniciativa dos laboratórios do Synthol e de sua poderosa organização. Em 1930 foi-lhe acrescentada uma edição em língua espanhola. Os norte-americanos e os ingleses publicam muitas coleções de folhetos (*pamphlets*) que aparecem sem periodicidade fixa, mas são numerados. São criadas revistas com a finalidade de promover o conhecimento recíproco dos povos: a *Revue d'Allemagne* em francês, em inglês *The French Quarterly*, "uma revista que traça um panorama (*survey*) adequado e imparcial dos diferentes aspectos das atividades intelectuais francesas de um ponto de vista moderno".

241.315 *PARTES*

A revista abrange três elementos fundamentais: a) as seções permanentes, que permitem que se acompanhe a ciência ou o objeto do periódico, o movimento da área em seus diversos aspectos; b) os estudos sobre pontos específicos (monografias); c) os estudos sintéticos que expõem

[1] Exemplo: o n° 7 de *L'Architecture d'Aujourd'hui*, dedicado à obra de Claude-Émile Perret. Outro número será dedicado à Rússia.

Nosokomeion, revista trimestral de hospitais, Stuttgart, Kohlhammer. Cada fascículo constitui um volume de mais de 300 páginas, editado em várias línguas. Os estudos ou artigos publicados em línguas estrangeiras são acompanhados de um resumo em francês. Ilustrações abundantes.

um problema em toda sua extensão e complexidade. Um bom periódico especializado se compõe, portanto, de seções variáveis e seções permanentes. Eventualmente, pode conter 1° um editorial que apresenta certos fatos, ressaltando sua importância; 2° artigos de fundo; 3° miscelânea e variedades, documentos inéditos, notas, críticas, etc.; 4° bibliografias metódicas (de trabalhos críticos); 5° uma crônica que ofereça detalhes sobre os trabalhos realizados ou em curso, o estado atual de uma questão, informações de interesse para as pessoas, etc. (fatos, documentos).

O 'artigo' é o texto de dimensões usuais, que faz parte dos periódicos e outras publicações análogas e no qual são abordadas questões de maior ou menor importância.

241.316 *OPERAÇÕES. FUNÇÕES*

Citaremos aqui, apenas para lembrar, os títulos dos capítulos onde são tratados sob essa denominação geral. Trata-se do ciclo inteiro das operações relativas à produção (redação, impressão, edição), distribuição (livraria), conservação (biblioteca) e utilização (leitura, consulta).

241.317 *PERIÓDICO-ECONOMIA. ORGANIZAÇÃO*

A periódico-economia trata dos processos de organização. Em princípio eles se dividem em dois grupos: 1° aqueles relativos à organização interna da instituição produtora de um periódico; 2° aqueles relativos à organização geral da totalidade dos periódicos.

1. Organização científica do trabalho e documentação: todos os princípios e recomendações no que concerne à boa organização dessas instituições e administrações devem ser aqui aplicados (organização do escritório, organização científica do trabalho).[1]

Os periódicos precisam organizar sua própria documentação, a qual deve abranger: a) o que foi impresso, os manuscritos e cartas; b) o material que lhe foi enviado para publicação, mas não foi publicado; c) as notícias recebidas de seus correspondentes; d) as notícias das agências de notícias que não foram publicadas por eles; e) as outras revistas e jornais; f) as outras fontes de documentação. As revistas encontram em sua documentação o recurso para publicar instantaneamente informações extensas a respeito de fatos que lhes são comunicados de forma sumária por meio de cartas ou telegramas. Sabedores da importância de seus correspondentes, encontram também em seus despachos elementos preciosos de orientação entre as notícias recebidas de terceiros.

2. Finanças: As revistas independentes, cuja redação e administração funcionam à base de trabalho voluntário, conseguem sobreviver com a receita das assinaturas, ou, se for uma empresa editorial e de seu boletim, com recursos daí provenientes. É comum calcular-se em 500 o número mínimo de assinantes necessário para cobrir os custos de impressão e correio. Na Bélgica, existe um certo número de assinaturas obrigatórias: a) de publicações oficiais pelos municípios; b) do boletim religioso (semana religiosa) pelas paróquias às custas dos rendimentos da igreja. Na Bélgica também o governo, por intermédio de seus diversos ministérios, paga assinaturas com frequência a fim de estimular os periódicos.

3. Exposição: foram organizadas exposições de periódicos em diversas ocasiões. Junto com a exposição do livro, em Leipzig, em 1914, e com a ex-

[1] É bastante conveniente proporcionar uma organização de conjunto aos periódicos, mantendo ligação com a da documentação em geral. (Ver este ponto.)

posição da imprensa em geral, em Colônia, em 1927 (Pressa). Uma exposição da imprensa teve lugar em Tíflis [Tbilisi] em 1930. Uma exposição da imprensa periódica belga foi realizada no Palais Mondial em 1922, com a cooperação da Union de la Presse Périodique, do Instituto Internacional de Bibliografia e do Musée de la Presse.

4. Concentração dos periódicos: diante do número impressionante de periódicos, que cresce a cada dia, deve-se perguntar se há necessidade de tantos periódicos científicos. Seria conveniente que houvesse mais concentração dos periódicos, fusões, simplificações, coalizões. A transformação dos periódicos nessas direções se imporá do tríplice ponto de vista: científico, técnico e financeiro.

5. O periódico nas bibliotecas: o periódico conquistou seu lugar nas bibliotecas. Tendo nelas adentrado timidamente, há várias décadas, ele ocupa agora um lugar cada vez maior, ao ponto de em algumas bibliotecas ter passado a formar um departamento especial. A Bibliothèque Royale da Bélgica possui atualmente quatro mil diferentes periódicos no salão do público; por volta de 1 500 nas reservas somando ao todo cerca de dez mil com as coleções descontinuadas. O orçamento anual é de 200 mil francos belgas. Na Bibliothèque Nationale de Paris está sendo preparada atualmente a sala que será destinada aos periódicos.

A John Crerar Library recebe 4 168 periódicos correntes e 17 mil outras séries, como relatórios anuais e volumes de livros publicados em séries. Onze mil coleções de periódicos científicos e técnicos são enviados ao Science Museum de Londres.

6. Associações e congressos da imprensa periódica. Em inúmeros países existem associações autônomas e diferentes que se ocupam da imprensa periódica. Por exemplo, na Bélgica a já bastante antiga Union de la Presse Périodique. Em outros países, a imprensa periódica e a imprensa diária se confundem em um único organismo de defesa e representação. Há países em que a imprensa periódica nem mesmo é separada das associações de editores. Ao contrário disso, em países onde a evolução diferenciada é mais acentuada, encontram-se associações de imprensa periódica especializada, e, onde o espírito de entendimento e cooperação é insuficientemente desenvolvido, encontram-se, com diferentes nomes, várias associações rivais que concorrem entre si. Além disso, associações internacionais foram criadas com seus congressos internacionais (associação, federação). Existe o congresso, bem genérico, da imprensa periódica, e outro, especializado, da imprensa periódica técnica.

241.32 Jornais

241.321 *NOÇÃO*

a) O jornal foi assim definido por Hatin: "Todos os escritos, independentemente da forma e da época de sua publicação sucessiva, que, pelo seu título, seu plano e seu espírito formam um conjunto e um todo.[1]

O jornal é uma publicação que aparece todos os dias e que, por causa de sua grande tiragem e dos recursos indiretos que pode obter, é vendido por preços especialmente baixos. O jornal é o espelho universal da vida

[1] Hatin. *Bibliographie historique et critique de l apresse française. Précedé d'um essai historique et statistique sur la naissance et le progrès de la presse périodique dans les deux mondes*. Paris, Didot 1866. -- A *Tribune*, de Londres, apresentou esta definição: "A great London daily jornal is something more than a purveyor of news, however importante that element of its activities may be. It is a mirror of the life and thought of its time; an open platform for the ventilation of political and social grievances, and the advocacy of reform; na instrument by means of which public opinion may be instructed, guided and made effective."

contemporânea; pode fazer sua crítica. O jornalismo tornou-se ao mesmo tempo uma ciência e uma arte. Um jornal é um meio de compartilhar ideias.

"A imprensa é o clarim que faz soar o toque de alvorada dos povos." (Victor Hugo, *La legende des siècles*.)

O nome *gazeta* (de *gazetta*, pequena moeda no valor de dois tostões que era quanto custava essa folha) era reservado até há bem pouco tempo para designar os jornais políticos. A denominação de jornal, que veio a prevalecer mais tarde, era de início reservada para as publicações literárias e científicas.

A etimologia do vocábulo gazeta é instrutiva. Desde 1563, os venezianos compravam pelo preço de uma gazeta, uma moeda de pequeno valor, as *Notizie scritte*, uma espécie de jornal manuscrito cuja impressão era proibida. Por isso o nome de *gazeta* tornou-se sinônimo de jornal. Quanto à *Gazette de France*, apoiada por Richelieu, que ali conseguia inserir textos mais ou menos oficiais, ela inicialmente se chamava *Bureau d'Adresse*. Foi no século XVIII que ela recebeu o nome de *Gazette*, ao qual foram mais tarde acrescentadas as palavras *de France*. Como estava sujeita a censuras de maior ou menor gravidade, houve, em diferentes ocasiões, *gazetas à mão*, isto é, manuscritas, que eram distribuídas clandestinamente.

b) O jornal apresenta uma característica que se torna cada vez mais importante. É ele que conta a vida no dia a dia, a vida pública, e que torna pública a vida privada. É, portanto, um grande teatro do mundo -- 'Theatrum Mundi'. Uma peça imensa, com múltiplos personagens, cenas complicadas e episódios infinitos. O jornal conta essa grande peça. Nas horas em que o drama se intensifica, em que se torna tragédia, comédia ou epopeia, a leitura do jornal diário torna-se apaixonante. Não existe, então, folhetim tão palpitante quanto a simples sucessão de despachos recebidos de todas as capitais. Os jornais representam, no conjunto, as peças mais preciosas e mais autênticas do espírito de cada nação. Fazem parte dos instrumentos da história de uma época, qualquer que seja o aspecto que se queira estudar. Em nenhum outro lugar se conseguiria encontrar informações em maior número. E se aplicarmos o método apropriado, em seu conjunto mais seguro, ao interrogar essas testemunhas dos acontecimentos aos quais quase sempre estiveram intimamente ligados, comparando-os, controlando-os uns aos outros, é que se poderá chegar à verdade.

O jornal é, sobretudo, *journal*, isto é, relação de acontecimentos que ocorrem no mundo no dia (*jour*) a dia, assim como, em tempos de vida menos acelerada, eram os 'anais' escritos 'ano a ano'.

c) O jornal apresenta essas três tendências: 1° dirige-se ao público, à grande massa de leitores (procura ampliar seu número); concentra as novidades e as informações (esforça-se por multiplicá-las); 3° por ser periódico e desempenhar uma função com regularidade, tende a ser o mais assíduo possível.

d) O jornal constitui uma espécie bem característica de documento. Constitui também um gênero literário. Não apenas o artigo de jornal, seu espírito, seu jeito, sua composição, mas o jornal inteiro.

e) O jornal que custava um vintém antes da guerra era igual ao tipo de livro que é o mais difundido nos dias atuais. O jornal tornou-se a única leitura da maioria das pessoas. Atualmente, um grande jornal é, material e intelectualmente, um livro, ou mesmo mais, quase uma biblioteca que surge todos os dias.

f) A imprensa tornou-se uma potência intelectual que cresceu extraordinariamente, ou melhor é a comunicação do pensamento humano, fatos e opiniões que nela encontraram um instrumento de concentração, de amplificação e de difusão o qual não se poderia imaginar. O cardeal Maffi dizia a seus padres: "Vós pregais aos domingos; mas o jornal prega todos os dias e a qualquer hora. Vós falais a vossos fiéis na igreja: o jornal os acompanha em casa. Vós os entretendes durante meia hora: o jornal não para de lhes falar."

g) O valor da imprensa é bastante desigual. Em grande medida ela é até um não valor e, para alguns de seus órgãos, um antivalor.

"Os jornais", afirmava Jules Clarette, "constituem uma usina formidável de informações, de ideias, de notícias, um moinho de palavras e de polêmicas, moendo o grão cotidiano, o trigo, o joio, os homens e o próprio moleiro."

A ciência contém muito mais coisas do que o mais bem-intencionado jornalista não saberia onde colocar. (Jean Labadie, *L'Opinion*, 18 mars 1922, p. 299.)

A produção de um jornal apresenta uma dupla característica: empresa de publicação (informação, polêmica, literatura, fantasia, reportagem); empresa de publicidade (anúncios, assinaturas, estabelecimento gráfico).

Os franceses não pensam mais, não dispõem mais de tempo para pensar; não pensam mais a não ser por meio de seu jornal. Têm um cérebro de papel. (Drumont.)

Os defensores do jornal moderno respondem à enquete da *Revue Bleue* (1897): "Não tenhais senão coisas sublimes e delicadas a me confiar, falarei outra língua. Não represento mais uma aristocracia intelectual, represento a multidão. Que a multidão tenha uma alma, serei uma alma também. Sou o fórum antigo transportado ao domicílio: não tenhais senão oradores dominados pela ideia da cidade. Sou a Bíblia dispersa da humanidade: fazei-me revelações dignas do gênio do homem. Reformai-vos, eu me reformarei convosco."

241.322 *HISTÓRIA DOS JORNAIS*

a) O jornal já conta com uma longa história, cujas etapas podem assim ser resumidas. Origem: Abraham Verhoeven (*Nieuwe Tijdinghens*), em Antuérpia (1605); Theophraste Renaudot, na França (1631). (Bureaux d'Adresses et de Rencontres.) A liberdade de imprensa. A revolução inglesa e em seguida a francesa impulsionam a imprensa. A tipografia a vapor. Jornal barato. Marinoni e as impressoras rotativas. A 'imprensa marrom' norte-americana. *L'Illustration*. Marconi: os jornais conquistam os mares e as notícias são difundidas pelo rádio.[1]

b) Os romanos conheceram os jornais, os diários, espécie de cartazes que, na época de Júlio César, eram lidos nas esquinas da cidade. *Acta diurna populi romani*.[2]

---

[1] Eugène Hatin escreveu uma *Histoire politique et littéraire de la presse en France* (*1859–1861*), em 8 volumes. Adotou o processo de escrever sobretudo uma monografia dedicada à fundação e ao desenvolvimento de cada jornal. Acrescentou capítulos que resumem a história de uma época, voltados ao mesmo tempo para jornais grandes e pequenos, e uma bibliografia geral de jornais. "Apliquei-me", diz o autor, "a reunir todos os fatos relativos à imprensa, a verificá-los, a coordená-los, a mostrar como nasceu e cresceu o jornal, por quais fases sucessivas e tão diversas ele passou faz dois séculos. Em uma palavra, o que me propus escrever foi a história do instrumento, muito mais do que a de seus efeitos."

[2] Le Clerc, J.-V. *Des journaux chez les romains*. Paris: Firmin Didot, 1838.

c) Com as *acta diurna* há as atas dos primeiros cristãos. Há as correspondências dos sábios do século XVI que renovaram Guy Patin, Saumaise e Vossius, correspondências que eram os verdadeiros jornais de então.*

d) As origens do jornal moderno, assim como as origens da tipografia, foram muito pesquisadas e discutidas. Acontece que é difícil decidir em qual momento tratava-se de um simples escrito de circunstância, peças isoladas relativas a um único acontecimento (*relatio*, *Zeitung*, *tijdinghen*, *avviso*, *couranten*) e em qual momento passou a haver a publicação periódica contínua. É provável que a origem deva ser pesquisada nos *Nieuwe Tijdinghen*, de Abraham Verhoeven, cujos primeiros números apareceram em 17 de maio de 1605.[1]

e) Havia no século XVIII três tipos de jornais: as gazetas oficiais que nada continham; as gazetas orais que o sr. Funk Brentano estudou em os *Nouvellistes*; as gazetas clandestinas ou notícias à mão, estudadas por Paul Beyle e J. Herblay na *Nouvelle Revue*.

f) Até a Revolução, a leitura de uma gazeta, agente de informação, permanecia sendo privilégio das classes ricas. O preço dos jornais era muito alto para o bolso dos camponeses ou dos operários. A dificuldade de leitura e de comunicações impedia que chegassem ao interior, e ainda mais porque o material das tipografias não se prestava para a produção de uma quantidade significativa de exemplares. Não arrebanhavam absolutamente fiéis nas classes próximas do povo. Os pequenos burgueses de Paris se cotizavam para comprá-los em comum ou pagavam pelo seu aluguel nos gabinetes de leitura.

Os jornais revolucionários conquistaram rapidamente a multidão, uma multidão restrita, é verdade, formada pelo povo parisiense. Também abandonaram o terreno árido da informação para se lançar na batalha política. Também os contemporâneos consagraram a imprensa como salvaguarda de todas as liberdades e inclusive educadora do povo. Durante o Império a imprensa foi duramente cerceada.

Durante a Revolução, época de efervescência do jornalismo, lançou-se mão de todas as denominações para publicar um jornal. Chamavam-se *bulletins* [boletins], *feuilles* [folhas], *annales* [anais], *chroniques* [crônicas], *courriers* [correios], *postillons* [postilhões], *messagers* [mensageiros], *avant-gardes* [vanguardas], *avant-coureurs* [precursores], *sentinelles* [sentinelas], *spectateurs* [espectadores], *observateurs* [observadores], *indicateurs* [indicadores], *miroirs* [espelhos], *tableaux* [quadros], *lanternes* [lanternas], etc.

g) Quando, depois de Napoleão, a imprensa se reergueu, ela voltou a seu papel político. Os homens da Restauração estimularam-na. A maioria dos jornais, entretanto, ainda custava 0,15 francos o que mantinha afastada a massa de camponeses e operários. Contudo, o jornalismo ampliou então o território de sua clientela em enormes proporções, pois conquistou definitivamente as províncias onde os jornais do antigo regime e sobretudo da Revolução já haviam realizado proveitosas investidas.

Por volta de 1800, as *nouvelles* [notícias] de Paris chegavam a cada quatro dias; as de Londres, a cada dez; eram necessárias duas semanas para receber as correspondências de Viena, e um mês para receber as de Roma.

h) No século XIX, a revolução na difusão do jornal foi realizada pelo sr. de Girardin. Até então, por causa de seu alto preço, o jornal era tido como

* Este parágrafo (alínea c) encontra-se na recensão, assinada por Labitte, do livro de Le Clerc, citado na nota 2 no rodapé. (*Revue de Paris*, Bruxelles, t. 1, p. 79, jan. 1839. [N.E.B]

[1] Govaert, A. *Origine des gazettes et nouvelles périodiques*. Anvers, 1880. – Van den Branden: Abraham Verhoeven. – Patria Magazine, avril 1933: *Het stormachtige leven van Abraham Verhoeven, de eerste courantier van Europa*.

um objeto de luxo. Em 1835, a imprensa política contava, em Paris e no interior, com apenas 70 mil assinantes numa população de aproximadamente 33 milhões de almas. O motivo disso estava no preço da assinatura. O *Journal de Paris* custava antes da Revolução 24 libras para Paris e 30 para o interior, o *Mercure*, embora geralmente fosse mensal, custava 24 e 32 libras, enfim, os jornais estrangeiros custavam, em 1779, 48 libras o de Amsterdã e 42 o de Clèves. Girardin fixou assinatura da *Presse* em 40 francos por ano, e os anúncios cobririam a diferença. A partir de 1838 a página de anúncio era arrendada por 150 mil francos. Com a reforma de Émile de Girardin, o jornal a cinco centavos concluiu a penetração da imprensa em todas as classes da sociedade. Portanto, tornou-se para todo mundo algo assim "como o tabaco, como o café, uma necessidade imperiosa de nossa existência".

A extinção do imposto sobre jornais constituiu também um passo rumo à imprensa barata. Outro foi a publicidade. O romance-folhetim, do qual Alexandre Dumas e Eugène Sue eram os autores amiúde mais literários do que morais, foi também outro recurso para promover a imprensa.

O jornalismo ganhou impulso graças à facilidade das comunicações, à transmissão, por assim dizer, instantânea das notícias, ao aperfeiçoamento da indústria do papel e da máquina de imprimir.

No final do século XIX, Paris possui uns sessenta jornais diários que têm entre seus redatores e diretores os políticos de maior renome, que transitam da redação para o poder e do poder para a redação. A imprensa do interior conta com três mil e 200 jornais, dos quais cerca de um mil e 200 são diários.

Em 1704 aparece na Nova Inglaterra o primeiro jornal semanal.* Um século mais tarde, o jornal norte-americano de maior tiragem não passava de 900 exemplares diários. Em 1871, não havia em todos os Estados Unidos mais de onze jornais que conseguiam imprimir por dia dez mil exemplares. Em 1896, a tiragem total diária dos jornais norte-americanos chegava a oito milhões até atingir, em 1929, 66 milhões de exemplares. Ao mesmo tempo os formatos aumentaram e hoje ninguém se assusta com 60 páginas diárias e 200 páginas aos domingos de alguns jornais.

* *The Boston News-Letter*. [N.E.B.]

i) Todos os meios oferecidos pela ciência moderna contribuíram para que o jornal pudesse ir atrás de notícias (e, se preciso fosse, inventá-las), reproduzir rapidamente os originais manuscritos e entregar instantaneamente a folha impressa aos seus leitores.

Assistimos à sucessão das seguintes invenções. Até 1832, os jornais eram impressos à mão. Nesse ano foi introduzida a impressão a vapor. Depois as impressoras rotativas (cilíndricas). A estereotipia chega para multiplicar a impressão, aperfeiçoada pela chapa fundida em superfícies curvas. São construídas impressoras múltiplas que combinam seis ou oito unidades com tiragem de 100 mil exemplares por hora. A composição é feita com linotipia ou monotipia. A extensão das ferrovias que transportam os jornais. A telegrafia, os cabos submarinos, os telefones, o rádio.

j) Há duas tendências atualmente: os grandes jornais de Paris caracterizam-se pelas notícias sobre crimes. A notícia policial, segundo Tarde, levou, sozinha, a que fossem cometidos mais crimes de homicídio e roubo por contágio do que a escola jamais poderia impedir. Os jornais do interior têm como característica as calúnias. Como o povo compreende mais facilmente as imagens concretas do que as ideias abstratas, eles deixam de lado o debate de ideias e combatem as opiniões com injúrias contra

quem as propõe. Todos buscam não o bem da multidão, mas seu dinheiro e as declarações sobre educação e outras coisas bonitas não passam de palavras de fachada atrás das quais se pratica a cobiça. J. Pigelet.

k) Parece que o futuro se caracterizá pela concentração dos jornais; pela transmissão instantânea de ilustrações a distância. Os substitutos do jornal: o rádio (jornal falado, a imprensa falada ou informações jornalísticas a domicílio); o cinema (atualidades, a imprensa filmada). Amanhã a imprensa televisionada.

241.323 *FUNÇÃO DOS JORNAIS. OPINIÃO PÚBLICA*

a) Atualmente interessam-se pelos jornais: 1° o público formado pelos leitores; 2° os governos; 3° as diferentes organizações que querem educar e dirigir as massas, criar ou manter movimentos na opinião pública; 4° os proprietários de jornais; 5° os jornalistas, escritores, redatores; 6° o pessoal operário, administrativo e técnico; 7° os anunciantes.

b) É por intermédio da imprensa que se leva a cabo a obra de demolição, de defesa e de reconstituição social. As palavras de monsenhor Ketteler se tornaram célebres: "se são Paulo voltasse ao mundo, ele seria jornalista".

É preciso distinguir três casos: 1° a divulgação de fatos e notícias exatos e objetivos. Causa infalivelmente uma melhor compreensão mútua através do mundo; 2° a notícia falsa. Perturba as mentes e as instiga umas contra as outras; 3° a ausência de notícias. Gera ignorância e cria o medo com seus mal-entendidos e finalmente o ódio. É preciso ter em conta a conspiração do silêncio. Há países onde a imprensa não aborda todas as questões.[1]

Os jornais possuem uma atividade diária permanente. Houve campanhas da imprensa que ficaram célebres. Por exemplo, a de Cornély no *Figaro*, a propósito do caso Dreyfus. Todo dia um pequeno artigo incisivo, eloquente, conciso, preciso, irônico, bem-humorado e sobretudo perseverante, com unidade e método. Todo dia uma gota pingava e pouco a pouco abria-se uma brecha na consciência pública. Foi um maravilhoso exemplo de tenacidade e persuasão. O que dizer do que aconteceu antes e depois da guerra: a boataria.

c) É por intermédio da imprensa e não mais pelas revistas e os livros que os cientistas, os exploradores e os inovadores expõem ao público seus novos conceitos, suas descobertas e suas teorias. Com a redução do preço dos jornais, estes penetram em todos os lugares, até nos lugarejos mais remotos. A política abriu lugar para a informação e se refugia nos jornais especializados.

Achamos, durante muito tempo, que a liberdade de imprensa por si só seria o remédio para os males causados pela imprensa. Antes da guerra, podia-se escrever de boa-fé:

> Graças à liberdade da imprensa o povo tem sempre a garantia de ser esclarecido sobre os prós e os contras de todas as questões. A informação contraditória, a discussão, o direito de resposta e as explicações dos partidos políticos proporcionam a todos os interessados os elementos múltiplos e opostos entre os quais é possível escolher os testemunhos e julgar os depoimentos.
>
> Mas, acima de tudo, a liberdade de imprensa favorece a defesa de todos os interesses e salvaguarda a nação contra as iniciativas daqueles que, possuidores do poder, fossem tentados a dele abusar em seu próprio benefício, ou em benefício

[1] Sr. de Tressan, France. Assemblée de la Société des Nations, *Journal* 1932, p. 233.

de um pequeno número de privilegiados. Se os escândalos políticos, se as malversações se tornaram extremamente raras em comparação com o que acontecia durante o antigo regime, isso não é, absolutamente, porque a natureza humana mudou muito, mas sobretudo porque a publicidade feita pelos jornais transformou as administrações em casas de vidro onde tudo acontece a céu aberto. Na verdade, a liberdade da imprensa é indispensável, mas insuficiente. Aqui, o problema se apresenta nas mesmas condições que concernem à liberdade econômica. É preciosa, mas, sozinha, insuficiente. Jules De Bock, *Le journal à travers les âges*, p. 131.

241.324 *CARACTERÍSTICAS*

A) *Especificação*. Em sua forma atual, com seu espírito, suas tendências, seu objeto, o jornal aparece, portanto, como uma criação totalmente específica, claramente diferente do livro e da revista. Sem dúvida, entre as matérias do livro e as do jornal, pode haver semelhança e nada impediria que muitos livros fossem publicados em partes (ex.: romances-folhetins, etc.). Mas o conteúdo aqui é secundário. O fato de oferecer aos eleitores, a cada dia, informações sobre questões que eles não pediram, em um formato mastigado, caleidoscópico, panorâmico, tendo um objetivo, à maneira do advogado de uma causa, é aí que residem as diferenças essenciais. E é em sua manutenção e em seu agravamento que talvez se possa ver o futuro do jornal. Não é demais poder dispor para duas finalidades diferentes de duas formas bibliológicas que sejam psicológica e sociologicamente diferentes.

b) *Número*. Em 1846, segundo Balby, publicava-se em todo o planeta por volta de três mil jornais. Em 1866, conforme Hatin, a quantidade teria sido de 12 mil, sendo três mil a cada dia espalhando durante 24 horas pelo globo de cinco a seis milhões de folhas. Antes da guerra, o número de jornais e revistas estava estimado no todo em 72 mil.

c) *Periodicidade*. Pode-se dizer que as impressoras de notícias rodam todo o tempo. Temos jornais matutinos, vespertinos, noturnos e até mesmo várias edições de um mesmo jornal ao longo do dia.

d) *Tamanho*. Cada número de *The Times* representa um volume de cerca de cem páginas. O que dá dois milhões de páginas para a coleção do jornal. O *Berliner Tageblatt* publica 44 páginas, o *Lokal-Anzeiger*, 48, a *Gazette de Voss*, 32, sem contar seu suplemento. O jornal inglês é imenso, ele é consultado, não é lido. O jornal alemão é lido do começo ao fim. Um número de *The Times*, do *Nieuwe Rotterdamsche Courant*, de um grande jornal norte-americano, contém por um preço mínimo a matéria de um volume in-8° de 300 páginas.

e) *Tiragem*. É possível conhecer a tiragem pelos números fornecidos de tempos em tempos nos relatórios e certificados pelas autoridades às quais são prestadas contas. O *Daily News and Leader* publica toda manhã a informação sobre sua tiragem. É um atrativo para a publicidade. Na França, diariamente, 300 jornais cobrem o país com 18 milhões de exemplares. Durante a guerra, a tiragem do *Petit Parisien* elevou-se a mais de dois milhões. O *Berliner Tageblatt*, com seus seis suplementos semanais, chega quando muito a 100 mil exemplares.

f) *Rapidez da informação*. A necessidade de ser o primeiro a dar as notícias tem levado a que se façam prodígios. Nos Estados Unidos, os grandes jornais preparam antecipadamente notícias bibliográficas sobre todas as grandes personalidades. Quando adoecem e se houver risco de vida as informações são atualizadas. A prova de velocidade vai mais longe. Nos últimos dias da morte do papa, durante toda uma semana, um dos jor-

nais de Ohio imprimiu toda manhã 500 exemplares com este telegrama: "Roma. O papa morreu hoje." Esses 500 exemplares eram regularmente destruídos até o dia em que a morte aconteceu. Assim, o jornal pôde ser o primeiro da cidade a dar a notícia. Enquanto esses exemplares eram vendidos, outros eram impressos.

241.324.1 *Espécies de imprensa*

a) Distinguem-se os jornais: 1° pela sua periodicidade: diário, semanário ou várias vezes por semana, jornal vespertino, do meio-dia ou da manhã; 2° pela sua destinação. Os que se dirigem à massa ou a uma elite; 3° pelo conteúdo: jornais de informação, jornais políticos, jornais especializados; 4° pela sua organização financeira: jornais constituídos como empresas comerciais; jornais do Estado, jornais de partidos políticos. Às vezes desejosos de possuir um jornal independente os assinantes subscrevem suas ações (ex.: *Le Quotidien*). Outras vezes, o proprietário do jornal se abstém sistematicamente de tudo que seja especulação. (Ex.: *Christian Science Monitor*.)

b) *Imprensa financeira*. Há alguns anos havia na Bélgica mais de 900 jornais financeiros. Seu número está atualmente reduzido a menos de uma quarta parte dessa cifra. O procedimento de alguns desses jornais é simples: por meio de estudos circunstanciados, muitas vezes habilmente apresentados, mas sempre tendenciosos, lançar suspeita sobre todos os outros valores que não sejam os do dono do jornal, terminando com um conselho de compra por outro lado interessado em favor desses últimos.

c) *Jornais de moda*. O primeiro jornal de moda da França data de 1768 (*Journal du Goût ou Courrier de la Mode*). Jornais desse tipo contam-se hoje às dezenas.

d) *Jornal mundial*. Surge a ideia de um jornal mundial, colocado sob o controle eficaz de todos os interessados e que publique de um lado as notícias e de outro lado os desmentidos e as retificações. Todo mundo poderia consultar um jornal desses com a confiança de nele encontrar uma apresentação sincera e digna de fé das notícias internacionais. Tal jornal seria complementado com uma estação central de rádio que transmitisse diariamente essas notícias; e por uma agência internacional de notícias que as distribuiria para os jornais existentes; por uma união da imprensa internacional, vinculada à Liga das Nações e à União Pan-Americana, por uma seção de informação no seio dessa organização ou da organização mundial que venha a substituí-la.[1]

241.325 *COMPOSIÇÃO E PARTES DO JORNAL*

a) Um jornal se compõe de um conjunto de colunas, umas permanentes ou periódicas, outras ocasionais. Diversos artigos de fundo. Artigos de debates políticos. Notícias do dia e fatos diversos. Romance-folhetim, notícias locais, anúncios.

b) É preciso fazer diferença entre as notícias (*news*) e as opiniões (*views*). Algumas folhas (*papers*) são jornais (*newspapers*); outras, ao contrário, tendem a ser revistas (*viewspapers*). Os jornais são impressos, segundo Steed, para contar notícias. O gosto pelas notícias é tão velho quanto o mundo; um fluxo constante de notícias interessantes e verídicas é necessário para a vida de qualquer jornal.

---

[1] Ver as sugestões das associações de imprensa para a colaboração com a organização da paz. (N° oficial das publicações da Liga das Nações, Conf. D. 143.)

c) O número de sábado, 14 de dezembro de 1929, de um grande jornal parisiense dá uma medida exata da mentalidade de certos órgãos ditos 'de informação'. Na primeira página, três colunas sobre os massacres da Palestina, uma coluna sobre a tromba d'água em Hérault [departamento da França], três colunas sobre o cadáver descoberto em uma mala, em Lille; segunda página: três colunas e meia sobre o cadáver em uma mala, um conto, um folhetim e publicidade. Têm havido denúncias frequentes sobre a maneira como a imprensa parisiense chamada de informação compreende sua função.

d) A imprensa francesa tem se distinguido em todas as épocas pelo cuidado e a busca de grandes e belas formas literárias.

Tem-se reclamado que o artigo de jornal seja curto, conciso, completo, simples e, contudo, elegante; que não passe de uma coluna, umas mil palavras. Na Inglaterra o *Globe* Não aceita artigos que passem de 1 200 palavras, o *Daily News*, mil palavras pagas com uma libra, o *Daily Graphic*, 900 palavras. "Raramente consigo ler, sem sentir raiva ou fadiga, um artigo de opinião, enquanto que não me canso de aprender fatos", dizia Zola.*

A leitura dos jornais é facilitada por títulos detalhados e pelo lugar fixo onde saem os artigos.

e) A ordenação das matérias assume importância em todo jornal que atinja 16 e 20 páginas e que se publica em edições quase contínuas. Essa ordenação baseia-se nas categorias de notícias, na ordem em que chegam, pelos países, ou pelas 'formas' dos artigos (artigo de fundo, correspondência, reportagem, entrevistas, resumos, etc.).

Em geral a ordenação das matérias nos jornais apresenta algo de confuso, quando comparada com a bela organização do livro. É a própria confusão e a luta entre artigos e informações para captar a atenção. O jornal lembra o espetáculo desordenado das ruas ou de viagens, com pouco esforço para ajudar a mente a ordenar e ler os fatos e atribuir a cada um sua importância relativa.

Os jornais norte-americanos, seguidos pelas folhas europeias, ordenam as matérias concentrando o começo de todas as principais na primeira página e remetendo para sua continuação nas outras páginas.

A *Neue Freie Presse* coloca telegramas nas manchetes. O *Kölnische Zeitung* espalha-os pelo texto para obrigar o leitor a percorrê-lo. O *Berliner Tageblatt* coloca em cada número o fato sensacional que é preciso ter lido, o *Frankfurter Zeitung* publica informações detalhados sobre fatos de política internacional ou de comércio.

Eis uma análise da paginação de um número do *Daily Telegraph*:

1ª p.: Anúncios de casamentos, de instituições beneficentes, de espetáculos de música, de viagens, anúncios legais, etc. – 2ª p.: cotações da bolsa e publicidade financeira. – 3ª p.: Resumo dos diversos mercados comerciais ingleses; partidas de navios; um ou dois artigos de interesse geral. – 4ª p.: Crônicas musicais e literárias com clichês de anúncios de editoras de música e vendedores de pianos. – 5ª p.: Artigos diversos e problemas de xadrez. – 6ª p.: Anúncios esportivos e crônicas sobre esportes; informações religiosas e notícias diversas. – 7ª p.: Continuação de diversas colunas esportivas e clichês de anúncios em duas colunas. – 8ª p.: Anúncios de teatro e anúncios diversos de farmacêuticos, perfumistas, grandes lojas; as informações do dia; um anúncio do próprio jornal. – 9ª p.: Artigos diversos, notícias. – 10ª p.: Informações estrangeiras; bolsa dos Estados Unidos. – 11ª p.: Crônica de arte, notícias do continente. – 12ª p.:

* Zola, Émile. Préface. In: Blavet, Émile (Parisis). *La vie parisienne* (1888). Paris: Paul Ollendorff, 1889, p. vi. [N.E.B.]

A moda e anúncios de costureiras, de modistas, etc. – 13ª p.: Informações militares e navais, anúncios classificados de editoras, instituições, etc. – 14ª, 15ª e 16ª páginas: pequenos anúncios diversos.

f) A manchete é a frase que alguns jornais imprimem no alto, perto do cabeçalho e muda a cada dia. O jornal *L'Oeuvre* lançou esse gênero que é difícil. Uma boa manchete deve ser curta e sugestiva, mais do que explícita. Ela não impõe uma ideia acabada: ela provoca a reflexão.

g) Além do reclame espalhafatoso que atrai o olhar, existe o anúncio propriamente dito, que funciona para o jornal como uma espécie de associação mutuária e que deve ser estimulado. O anúncio é o meio mais rápido e mais direto de aproximar a oferta e a demanda. *The Times* publica regularmente várias páginas suplementares de anúncios, que alcançam no total de 60 a 80 colunas de 300 linhas cada uma. Nos Estados Unidos, há dias em que o *Herald* publica 4 500 anúncios repartidos em 100 colunas e abarcando todos os ramos de negócios, todas as necessidades da vida contemporânea. São arranjados com tanta ordem e sob cabeçalhos tão diversos que o leitor encontra sem esforço aquilo que procura nesse oceano de linhas microscópicas. *The Times* fatura às vezes 50 mil francos de anúncios por dia; um jornal de Berlim, em três semanas, faturou 400 mil francos de anúncios.

Agora, porém, há excesso: o anúncio é duplicado pelo reclame e triplicado pela propaganda.

O jornal, essa admirável máquina intelectual, retorna à matéria. Ele acaba estando totalmente voltado para a publicidade. Precisa dela para viver, para pagar seus dividendos; então, duas consequências se impõem. De um lado, procurando incessantemente ampliar sua tiragem a fim de poder elevar sua tabela de publicidade, ele abaixa o nível médio de seus e apela para seus sentimentos mais baixos, para sua lamentável ignorância. Por outro lado, ele se cala diante de questões vitais para não desagradar os poderosos que lhe compram o espaço publicitário e ameaçam retirar-se caso os artigos falem clara e francamente.

241.326 *TIPOS DE JORNAIS*

a) O jornal de combinação *La Croix de Paris*, publicado pela Maison de la Bonne Presse de Paris. Com seus 14 modos de combinação, ele se transforma facilmente em jornal regional, com uma parte comum e uma especial, sempre levando o título de *Croix*. Ex.: *La Liberté pour Tous*, editado pela Maison de la Bonne Presse de l'Ouest. O jornal de quatro páginas de cinco colunas, com duas páginas que formam a parte comum, duas páginas, a parte especial reservada para o noticiário local ou regional. Mil exemplares com uma página inteira de composição especial saem por 33,50 francos.

b) Camille Lemonnier, por volta de 1900, escreveu: "O *Soir* de Bruxelas foi criado por um tipógrafo como jornal gratuito, quase obrigatório. Ele encontrou o meio para contar com escritores talentosos que, por vinte francos, escrevem artigos de três ou quatro colunas. Todos os dias, o único dos jornais belgas a publicar um artigo de primeira página sobre assuntos de ciência, arte e de utilidade pública. É uma das criações mais notáveis do jornalismo europeu."

c) Em 1907, o *Daily Mail*, de Londres, publicou uma edição em caracteres braile para uso dos cegos.

d) Letellier, grande empresário,* viu-se envolvido no negócio do canal do Panamá. Um jornalista de muito talento, mas de moralidade duvidosa,

* Eugène Letellier (1845–1923). Grande empreiteiro de obras públicas. Proprietário de jornais. [N.E.B.]

convenceu-o que, para se defender, deveria fundar um jornal. Foi assim que surgiu *Le Journal* ao qual Xau,* em alguns meses, deu o maior impulso. O recurso foi simples: a pornografia. Todos os dias, meio milhão de franceses podem obter, por um centavo, dois artigos picantes e na última página anúncios de prostituição. O sucesso foi tão grande que, durante a guerra, Letellier pôde vender o jornal pela bagatela de vinte milhões.

* Fernand Arthur Pierre Xau (1852–1899) Jornalista francês. [N.E.B.]

e) Na catástrofe que golpeou a civilização durante a guerra, nas emoções elementares e vitais que ela despertou e no desabrochar universal de heroísmo, pôde-se ver a prova de profundas sobrevivências, de forças afetivas e instintos. Vimos assim combater a autoridade da razão e a intuição e isso tão fortemente que se podia ler, nos muros de Paris, cartazes que diziam: "*L'Oeuvre*, limpa, viva, não é o jornal que os imbecis leem."

f) O *Tape* (criação moderna)* é um jornal financeiro único em seu gênero, como se poderá ver, publicado em Nova York. É publicado todos os dias de abertura da bolsa e é impresso em cinco horas, entre as 10 da manhã e 3 horas da tarde. Seu formato é sua menor peculiaridade: cerca de 300 metros de comprimento e dois centímetros de largura. Não é vendido por número, mas conta com inúmeros assinantes nos Estados Unidos e no Canadá. Aparece simultaneamente em São Francisco, Montreal, Quebec, etc., ao mesmo tempo que Nova York. Trata-se do órgão oficial da bolsa de Nova York. Somente publica a pura verdade, isto é, as cotações sucessivas registradas de todas as transações realizadas, cujo número é de quase cinco mil atualmente (1910).

* Referência à *ticker tape machine* introduzida na bolsa de valores de Nova York no final do século XIX. Utilizava linhas telegráficas para transmissão das cotações da bolsa. Otlet descreve-a como se fosse um jornal de novo tipo a que dá o nome de *Tape* (fita). [N.E.B.]

O editor de *Tape* comanda 20 repórteres ocupados, sem parar, em anotar as cotações à medida que vão ocorrendo e o trabalho vai sendo metodicamente dividido. Quarenta telegrafistas especiais enviam essas cotações a doze colegas instalados no alto do edifício da bolsa, de onde as transmitem ao escritório central de *Tape*. Lá vinte outros empregados, mediante uma simples pressão do dedo em um botão, acionam um fio elétrico, imprimindo de uma só vez cada cotação em aparelhos tão pequenos que cada um deles cabe sob uma cúpula do tamanho de um chapéu. Essas 20 mil cotações aparecem simultaneamente para os assinantes alguns segundos depois de sua definição na bolsa, num raio de 20 milhas. A partir dessa distância é a companhia que por meio de milhares e milhares de outras pequenas impressoras semelhantes difunde em alguns minutos nos Estados Unidos e no Canadá as cotações sucessivas de todos os valores transacionados em Nova York. Chegou-se a chamar *tape prices* (preços enfitados) os preços sucessivamente cotados durante uma sessão de bolsa e indicando progressivamente as flutuações do mercado, desde o preço de abertura até o preço de fechamento.

241.327 *INFLUÊNCIA. PROPAGANDA. VALOR E VENALIDADE DA IMPRENSA*

a) Quando da idade de ouro da imprensa dizia-se: a imprensa é o órgão informador e diretor da opinião. Ela se honra de ser o eco e a animadora da opinião pública. A imprensa que instrui e moraliza as nações, forma a opinião pública, ela rege o mundo inteiro.

Certamente, a imprensa é e continua sendo o principal meio de formação e de expressão da opinião pública e a guerra mostrou que a opinião pública era doravante a misteriosa e formidável alavanca do governo das nações; convém, portanto, ter uma imprensa que seja função das relações que os respectivos países se propõem a estabelecer entre si. A formação

de uma corrente de opinião tem duas fontes principais: 1º a infiltração lenta das ideias e dos fatos — e por fatos é preciso entender também o enunciado ou a apreciação de um interesse — levados por um mesmo declive de canais dos quais o mais importante é a impressa diária ou periódica; 2º um acontecimento que desperta subitamente o velho acervo de ideias da massa, que desloca de algum modo a linha divisória das águas, que carrega o curso das opiniões e cria em pouco tempo um estado de espírito diferente, isto é, em suma, novas possibilidades econômicas e políticas. (Henry Moresset.)

b) A imprensa foi por muito tempo um organismo de propagação de notícias, de difusão e de defesa de opiniões. Tendo se desenvolvido proporcionalmente à educação pública, tornou-se uma atividade comercial muito cara, cujas rendas mais garantidas provêm da publicidade. A transformação da imprensa de opinião, de tiragem reduzida, em grande imprensa de informação e de publicidade é um dos capítulos mais importantes da história social contemporânea.

Os grandes jornais fazem a conspiração do silêncio contra tudo que se parece com uma ideia (a expressão é do próprio André Tardieu) e com frequência estão, em última análise, nas mãos de algumas personalidades. Na França e em outros lugares a grande imprensa abstém-se cuidadosamente de mencionar os jornais que ela mesma lança de modo paralelo.

Os povos se enganam reciprocamente a respeito de uma infinidade de manifestações de opinião. Em matéria de política exterior, os jornais, mesmo em tempo de paz, são todos tendenciosos: discursos oficiais, somente reproduzem aquilo que corresponde a seus próprios interesses políticos. Isso aqui será cuidadosamente eliminado de modo que as belas palavras caiam no vazio; esse outro, ao contrário, que tem pouca importância, será objeto de comentários apaixonados, entusiasmados. As opiniões isoladas de alguns grupos sem importância real ou de alguns indivíduos sem mandato são apresentadas como a expressão da opinião pública ou a própria política seguida pelos governos responsáveis. Além disso, mesmo a imprensa em seu conjunto não apresenta sempre, de modo adequado, a opinião pública.

c) A imprensa de informação é com frequência imprensa de desinformação. A imprensa peca por ignorância ou parcialidade.

"Nada", afirma Charles Richet (*Les coupables*), "é mais servil do que um jornal. Ele não se atreve, para não desagradar seus assinantes, a resistir ao sentimento popular e, no entanto, é o jornal que determina o sentimento popular. Círculo vicioso terrível, pois a opinião pública é filha direta do jornal. O jornal cria a opinião e a opinião dirige o jornal. Ele não tem a coragem de ser algo mais que um reflexo. Um reflexo! Mas os vacilantes clarões que se compraz em refletir são aqueles que ele mesmo foi o primeiro a projetar no espaço."

d) Impõe-se, portanto, a análise política e social da imprensa. Mas quem fará essa análise? É preciso conhecer a dimensão de uma opinião. Os órgãos a serviço do pangermanismo lançaram para o público artigos ameaçadores, tranquilizando as populações ao proclamar que esses jornais não tinham influência e quase não tinham leitores. Os acontecimentos provaram o contrário.

e) Imprensa. Opiniões de imprensa.

"Agrada-nos ver como um mesmo acontecimento ocorrido conosco ou fora reage em nossos diversos espaços, qual ressonância encontra nos

diferentes meios de nossa opinião. E quando, depois dessas leituras variadas, esforçamo-nos por chegar à síntese que elas exigem, sentimo-nos mais firmes e mais tranquilizados quanto ao sentido dos grandes acontecimentos que vemos ocorrer diante de nossos olhos e mais bem armados também para acompanhá-los e dirigi-los em suas evoluções sucessivas." (Albert Lebrun, presidente da república francesa.)

f) Segundo Fashoda, os órgãos nacionalistas de Paris, *L'Intransigeant*, *La Presse*, *La Patrie*, etc., lançavam contra a Inglaterra e os ingleses as piores invectivas e os mais virulentos sarcasmos. Passados alguns anos, a exaltação era uníssona. Eles faziam joguetes da opinião pública, pois nos dois casos eles não falavam somente de circunstâncias, mas de princípios.

Durante os acontecimentos que levaram Hitler ao poder, vimos o governo prussiano impor aos jornais a publicação de um manifesto contrário ao referendo organizado por seus adversários e reprovado pelos jornais. O presidente Hindenburg interveio no último instante para fazer com que a lei fosse alterada.

g) Seria o caso de indagar também se a imprensa não deveria sistematicamente ser complementada por medidas de publicidade política. O que foi feito na Inglaterra para o recrutamento voluntário e mais tarde para o grande empréstimo merece ser estudado com a maior atenção. Uma quantidade enorme de homens se convenceu em muito pouco tempo de um dever patriótico ao qual tinham de atender: alistar-se e contribuir com sua subscrição para a pátria.[1]

h) "O jornal contemporâneo", segundo Brandeis, "é fatalmente obrigado a obedecer à lei do lucro que é vital para ele, que o transforma em um joguete, instrumento que busca satisfazer o gosto, qualquer que seja ele, de seu cliente, ou então é instrumento de campanha política ou financeira. Cada pessoa que abre um jornal diário tem o direito de perguntar se o que encontrará foi ali colocado para adular sua mania ou para influenciar seu pensamento em benefício de alguém. O que é útil, uma única coisa qualquer que valha a pena divulgar só encontra ali um abrigo excepcional e a custo. O jornal é com frequência a propagação de imoralidades."

i) Foram feitas três grandes críticas à imprensa: 1° ela é má; 2° ela é venal; 3° o seu conteúdo é inferior. Muitos órgãos da imprensa, para viver, receberam subvenções do governo ou de grandes empresas que tinham interesse em que a opinião pública e os parlamentares fossem influenciados de alguma maneira. Em uma fase posterior vimos a propriedade dos jornais passar diretamente para certas empresas (principalmente as que fabricam armas). Vimos também, em sentido inverso, jornalistas tornarem-se ricos e poderosos proprietários de fábricas.

Um estudo sobre a corrupção da imprensa e suas consequências políticas seria hoje um dos mais instrutivos entre os que poderiam ser feitos sobre o mecanismo real e os bastidores da política mundial.

Hoje em dia, um homem que enriqueceu por meios que impedem que aqueles que o conhecem lhe ofereçam a menor estima pode comprar um jornal e a partir de então tornar-se 'tabu' impondo-se à admiração de um milhão e 400 mil leitores.

Durante a guerra, as histórias escandalosas de Letellier, de Humbert e de Almereyda (*Le Journal*, *Le Bonnet Rouge*) desvendaram práticas, influências e uma moralidade desconcertantes.*

* Henri Letellier (1868–1960). Empresário. Proprietário de jornais, como *Le Journal*. Filho do citado Eugène Letellier, empreiteiro na construção do canal do Panamá. Charles Humbert (1866–1927). Político e jornalista. Era o principal colaborador de *Le Journal*. Miguel Almereyda pseudônimo de Eugène Bonaventure Jean-Baptiste Vigo (1883 –1917. Militante sindicalista e anarquista. Um dos fundadores de *Le Bonnet Rouge*. [N.E.B.]

[1] Ver nos jornais ilustrados da época, principalmente *Le Miroir* de 4 de março de 1917.

Alguns meses antes da guerra, *Le Journal* foi comprado por le Creusot [*sic*]. Seu principal colaborador, que em seguida passou a ser seu diretor, lançou naturalmente uma campanha na imprensa favorável ao aumento dos armamentos. *Le Figaro* foi subvencionado pelos bancos alemães, como demonstrou o processo Cailliaux. A *Rheinische Westfähliche Zeitung*, que todo ano reivindicava insistentemente a compra de armas, pertencia à empresa Krupp.

Em todos os países, hoje em dia, há grupos que influenciam a imprensa seja pelas ideias, os interesses ou dinheiro. Agem de maneira muitas vezes oculta. Na França, Le Creusot * dispõe agora do *Temps* e dos *Débats*. Na Bélgica, o *Action et Civilisation*, o *XXe Siècle*, *L'Indépendance*, *L'Étoile Belge*, *La Gazette*; na Alemanha, as divulgações sensacionais (caso Klepper) trouxeram ao conhecimento público as subvenções de que gozavam alguns diários importantes: *Deutsche Allgemeine Zeitung*, *Kölnische Volkszeitung*, *Berliner Tageblatt*, *Frankfurter Zeitung*. Na cidade da Liga das Nações, o *Journal* de Genebra.[1]

* Le Creusot: comuna francesa onde, no começo do século XIX, começou a se formar um grande complexo de mineração e siderurgia. Sua força econômica e política continua sendo uma das maiores da Europa. [N.E.B.]

Diminuem as chances de o leitor ser informado completa e exatamente. Para uma parte muito grande, a imprensa nada mais é senão o instrumento conclusivo de banqueiros e industriais, uma máquina para dirigir a opinião pública em um sentido favorável a certos interesses privados. Os órgãos independentes da imprensa têm que se esforçar muito para sobreviver.

k) No dia 29 de novembro de 1917, *L'Oeuvre* publicou em manchete: "Amasis (faraó do Egito) foi o autor dessa lei pela qual todos os egípcio eram obrigados a declarar anualmente ao governador de sua província os recursos com os quais asseguravam a sua subsistência; quem não fizesse isso e não provasse que tinha um meio de vida honesto era punido com a morte. Sólon, o ateniense, trouxe essa lei do Egito para ser observada pelos atenienses; eles a seguem sempre, pois se trata de uma lei perfeita." (Heródoto, II, 177.)

A magia do 'preto no branco' ou 'está escrito' dos maometanos, do tabu que a palavra representa, expressão da realidade quando ela é moldada com caracteres tipográficos. Os jornalistas comportam-se muitas vezes a torto e a direito sem refletir sobre as consequências de suas informações e de seus artigos. Levam-nos a pensar nos aprendizes de feiticeiros ao suscitar às vezes reações populares das quais, depois, não são mais os mestres.[2]

A vaidade e a fúria da publicidade desde o século XVII foram enormes. "Fulano, se tiver levado um pacote ao paço, acompanhado alguém de uma vila a outra em plena luz do dia, ou estado de serviço em alguma função medíocre, fica revoltado se não vê seu nome na *Gazette*..."

As notícias falsas no século XVII: "[...] A história é a narrativa de coisas acontecidas; a *Gazette* apenas o boato que passa. A primeira deve dizer sempre a verdade; a segunda faz muito se deixa de mentir. E ela não mente, mesmo quando relata alguma notícia falsa que lhe foi passada como verdadeira." (Théophraste Renaudot, 1631.)

1) A grande imprensa está sistematicamente devotada a todos os governos sucessivos e contraditórios enquanto estejam no poder. Vimos na França, em 1932, a imprensa pronunciar-se em massa a favor do Japão de-

[1] Ver os incidentes escandalosos relatados por Philippe Lamour no *Monde*, quando do tumulto em uma conferência sobre a imprensa feita na Sorbonne no inverno de 1933.

[2] *Apprentis sorciers*; toda edição, 10 juin 1933.

pois de tê-lo feito para a China; abandonando de repente, ao lhe ser ordenado, a 'tese francesa' para aderir com efusão às propostas de Tardieu em Genebra, enquanto na véspera, comovida, ela as considerava 'uma utopia criminosa e uma traição'.

Certos governos passam para o estrangeiro, em algum jornal de terceira ordem, um artigo elogioso de sua política, por mais deplorável que ela tenha sido. Seus serviços de imprensa, em seguida, conseguem reproduzir esse artigo, que sai de seu próprio gabinete, em um ou outro jornal a seu serviço, como se fosse uma aprovação vinda do exterior! Alguns jornais mantêm relações diretas notoriamente conhecidas com os ministros de relações exteriores de seus países. (*Le Temps*, *The Times*.)

Na França, o presidente do conselho dispôs de um montante de 24 milhões de fundos secretos por ano. Um deputado socialista criticou essa instituição perante a Câmara, em 24 de junho de 1916 (*Journal de Genève*, 9 juillet 1916). Além das ajudas financeiras aos jornais, existem as que são pagas aos jornalistas. Há serviços de imprensa nos órgãos da administração de todos os países. O serviço de imprensa do ministério das relações exteriores da Bélgica tem custado cerca de 300 mil francos por ano.

Muitos jornais são alimentados com recursos de verbas secretas que foram às vezes chamadas de 'verbas dos répteis'.

m) Ao lado dos negócios públicos existem os negócios privados. Aqui, uma das formas de atuação da imprensa é a 'chantagem'. Quando um jornal toma conhecimento, acerca de alguma personalidade, de uma história que lhe seria pouco agradável caso o público a conhecesse, ele propõe um negócio vendendo-lhe seu silêncio. Bancos ou empresas financeiras compram assim a publicidade dos jornais; compram os números ou os subvencionam. O sr. Vallé calculou que, no caso da negociata do Panamá, a imprensa recebeu 14 milhões.[1]

n) Mediante a trustificação assiste-se à implantação gradual de uma 'Internacional da Imprensa'. Esta, ai de mim!, é triste constatar, que chamei de Internacional do Fascismo e Internacional Sangrenta dos Armamentos.[2] Assim, sob nossos olhos e por caminhos diferentes todas as matérias formam uma força espiritual enorme que lembra a das religiões de outrora, grandes pontífices que as dirigem. Mas possuíam grandes inspirados.

241.328 *O PÚBLICO. OS LEITORES*

a) O leitor acompanha seu jornal. Tem confiança nele, raciocina como ele; dele recebe os fatos com uma apreciação expressa a seu propósito. Pode-se verificar que quando muda a direção de um jornal sem que o leitor disso tenha sido informado, ele, por sua vez, muda de opinião.

b) O público compreende os jornais que lê? Conhece um número de palavras suficientes para isso? O sr. Bony procurou responder a isso analisando o número de 9 de julho de 1920 do jornal *Le Temps*. Ele encontrou 45 500 palavras das quais 2 800 eram nomes próprios e uma centena de palavras estrangeiras. Encontrou, portanto, cerca de 42 600 termos da linguagem corrente. Nesse número havia 3 838 palavras diferentes. De modo que, apenas para ler esse número, seria preciso conhecer quase

[1] O que foi distribuído para a imprensa na França por ocasião do caso do Panamá. Paul de Cassagnac reproduziu a famosa lista Flory em *L'Autorité* de 30 de março de 1893. Reproduzida em Didier: Le Journal et la Revue. Conferência na Maison du Livre, Bruxelas, 1910.

[2] L'Internationale Sanglante des Armements, de Otto Lehmann-Russbüldt. Bruxelles-Eglantine.

quatro mil termos. A primeira página continha 1 371 palavras diferentes; a segunda, 780; a terceira, 551; a quarta, 470; a quinta, 406; a sexta, 260. E mais, as palavras não incluíam nem pronomes nem adjetivos possessivos. E para compreender '*actif*', é preciso conhecer '*acte*' e compreender '*barque*' para '*débarquer*', etc. Além disso, as palavras têm vários sentidos: '*malaise économique*', '*mécanisme du crédit international*'. Em suma, para compreender esse número do *Temps* seria preciso conhecer por volta de seis mil palavras. Para ensinar esse vocabulário a uma criança, supondo que conheça mil e que possa aprender 20 por semana, seriam necessários seis anos.

c) Entre os que leem os jornais, poucos leem outra coisa, e como assinala Tanneguy de Wogan, nenhuma leitura é mais prejudicial ao hábito da atenção do que essa. A leitura do jornal não prende nunca a mente sobre um assunto qualquer durante mais de três ou quatro minutos ao mesmo tempo e cada assunto apresenta uma mudança completa da cena. Disso resulta que o número de leitores do livro diminui gradualmente e de maneira contínua em todas as nações civilizadas. A influência imediata do livro na política e na sociedade diminui também proporcionalmente. As ideias do autor do livro passarão pelo filtro do jornal antes que possam exercer seu efeito na mente do povo.

Para a propaganda pela imprensa, uma ideia precisa ter a forma de algo 'novo'. Assim ela é comunicada pelas agências, ela é lida e os jornalistas a usam como matéria de artigo.

d) Na opinião dos criminalistas nada é mais favorável à ocorrência de agressões do que a reprodução em grande tiragem e com muitos detalhes dos crimes e dos delitos de toda espécie.

e) O público não tem a imprensa que ele merece? Foi realizada uma enquete sobre essa questão: o motivo que leva à leitura de determinado jornal e não de outro. Houve três tipos de respostas: 1° por hábito; 2° pelos anúncios; 3° pelo obituário.[1]

241.329 *ORGANIZAÇÃO*

Um jornal exige toda uma organização, o que implica direção, colaboradores, oficinas de produção e serviços administrativos. Todos os progressos alcançados na arte de escrever e reproduzir, na cooperação intelectual e na administração encontram aí sua aplicação. A organização está presente em duas direções: organização interna de cada jornal e organização geral da totalidade da imprensa.

1. *Ciência do jornal (jornalismo)*

Constituiu-se uma ciência do jornal. Em alemão leva o nome de *Zeitungswesen*.[2] Pode-se arriscar em francês o termo *hémérologie* [hemerologia], coordenado com os de hemeroteca, bibliologia e periodicologia. Que os materiais dessa ciência são abundantes e que inúmeros trabalhos, completos ou parciais, já foram publicados sobre ela, é comprovado pelos sete mil títulos da *Internationale Bibliographie des Zeitungswesen*, do dr. Karl Bömer (Leipzig: O. Harrassowitz).

2. *Ciclo das operações*

---

[1] *Rouge et Noir*: 1932.08.03, p. 5.

[2] Brunhuber, Robert. *Das moderne Zeitungswesen* (*system der Zeitungslehre*). Leipzig: G.J. Göschen, 1907. 109 S. 0,80 M. (Sammlung Göschen, 320)

a) Comunicação. As notícias recebidas e transmitidas (e até fabricadas) pelas agências jornalísticas representam, a cada dia, uma quantidade impressionante. A telegrafia e a telefonia funcionam o dia inteiro e as informações, assim que são recebidas, são transcritas, multiplicadas e enviadas aos jornais assinantes. Estes não têm condições de publicar senão uma parte desses despachos, comunicados e artigos. Que acontece então com o resto desse material? É conveniente, no interesse da história, conservá-lo na forma de alguns exemplares de modelo.

Existem combinações de tarifas telegráficas e telefônicas para os jornais.

b) Impressão. Os grandes jornais diários de informação possuem suas próprias oficinas, com rotativa, material de composição e clicheria.

c) Transportes. É uma questão crucial para a imprensa. Em 1929 realizou-se em Genebra uma conferência europeia sobre o transporte de jornais e revistas. Ela adotou deliberações sobre os pontos fundamentais desse problema que se tornou complexo.

d) Distribuição. Os jornais de Paris que não dispõem de um serviço próprio de venda a varejo no interior do país dele incumbem as Messageries Hachette ou as Messageries do *Petit Journal*. Os revendedores do interior informam a quantidade de exemplares vendidos de cada jornal. Os empregados da distribuidora informam ao escritório do jornal a quantidade total pedida e enviam a cada revendedor um pacote que contém a quantidade solicitada de todos os jornais que ele vende. Em Paris funcionam sistemas que dividem a capital em setores, onde cada encarregado registra as vendas e recebe de volta os encalhes.

Formaram-se serviços de distribuição de jornais que são análogos às editoras de livros e suas distribuidoras. Esses serviços fazem as remessas para os varejistas.

Na França, a editora Hachette conta com sete mil empregados; atende a 16 mil vendedores de jornais e possui uma frota de 279 veículos; por seu intermédio são vendidos 28 milhões de unidades impressas por ano ou aproximadamente 77 mil por dia, dez dos quais são periódicos que ela mesma publica.

As distribuidoras ampliam suas atividades. Por meio de um acordo entre as Messageries Hachette e a estação de rádio Poste Parisien, que lhes reserva a exploração da publicidade literária dessa grande estação radiofônica, bem como a organização das palestras que realiza.

3. *Os jornalistas*

a) Em um jornal existe a direção e a redação, as quais têm responsabilidades civis, administrativas e penais muito diferentes. Uma função especial é a de secretário da redação, que tem a incumbência de dar a aprovação final para a impressão. Os colaboradores de um grande jornal estão dispersos pelo mundo. O jornal conta com redatores titulares, redatores ocasionais e colaboradores eventuais a título gracioso.

b) Ao contrário do que acontece na França, na Inglaterra um político nunca é jornalista. Os jornalistas desempenham um papel tão importante quanto o de um ministro, mas se trata de um papel diferente. A pessoa que não ocupa cargo algum pode expor suas ideias. O trabalho do jornalista é belo e importante, pois ele pode exercer influência sobre os acontecimentos e possuir notável autoridade.

Há alguns anos os jornais literários têm se ocupado em definir as re-

lações que existem entre jornalismo e literatura. Jornalistas escrevem obras literárias; o jornal é um meio de levar as obras ao conhecimento do grande público.[1]

c) a Repartição Internacional do Trabalho publicou um estudo sobre "as condições do trabalho e da vida dos jornalistas". Esse estudo passa em revista a situação dos jornalistas em vários países, do ponto de vista do espaço geral da profissão, da formação do jornalista, do grau de organização da profissão, das condições de trabalho propriamente ditas (horário de trabalho, repouso semanal, férias, etc.), salários, mercado de trabalho e instituições de previdência. O estudo mostra diferenças chocantes que existem de um país para outro no que concerne à situação do jornalista.

Os verdadeiros jornalistas não abrem mão de suas convicções nem de seu caráter. Têm consciência e defendem nos jornais com sinceridade aquilo que acreditam ser justo. É exato que um jornalista é muitas vezes uma pessoa mais cautelosa ao encarar a realidade imediata no que ela tem de confuso e apaixonante do que de estudar os fenômenos transcendentais sob o aspecto da realidade.

O Congresso da Imprensa Belga (agosto de 1921) avaliou que a profissão de jornalista, missão de confiança, de colaboração e iniciação, tem o caráter de atividade remunerada, e desaprovou sua qualificação como empregado, mas considera que as garantias de estatuto, aviso prévio e férias são necessárias ao exercício da profissão. O sindicato dos jornalistas e o sindicato das empresas jornalísticas da França têm negociado, mas sem êxito, o estabelecimento de um estatuto dos jornalistas que sirva de base para as convenções entre os jornais e seus colaboradores.

Paris conta com um número de jornalistas seis vezes maior do que o necessário. Talvez, um dia, a imprensa seja representada apenas por alguns grandes jornais de informação, que matarão os outros, do que resultará uma situação de desemprego a ser levada em conta no futuro.

4. *Agências. Informações*

a) As agências telegráficas de notícias foram fundadas por Reuter em 1849. Há na Europa quatro grandes agências: Reuters, Wolf, Stefani e Havas, que formam uma espécie de truste, comunicando entre si seus telegramas e que assim detêm uma fatia da opinião do universo. As agências, como a Havas, possuem em cada capital um correspondente que lhes enviam as notícias telegráficas para seus escritórios de Paris. Lá são impressas e levadas por ciclistas aos jornais assinantes que as reproduzem.

b) Com o telégrafo e o telefone os jornais locais têm seis ou oito horas, às vezes doze horas, de adiantamento em relação aos jornais da capital. Há, portanto, uma sobrevida para esses jornais. Como as agências telegráficas enviam a todos os jornais as mesmas notícias isso liquidou com os jornais internacionais, com o *L'Indépendance Belge*. Os representantes da imprensa alemã (reunião de 22 de agosto de 1915) compreenderam esse perigo e reivindicaram a organização de um serviço de informações de "caráter nacional, pois ainda é mais importante enviar notícias da Alemanha para o estrangeiro do que de lá receber notícias muitas vezes estúpidas e que os fatos contradizem".

É preciso garantir para a Alemanha a independência absoluta e a liberdade de suas informações.

---

[1] Ginisty, Paul. *Anthologie du journalisme*. Paris: Delagrave.

c) O jornal diferenciou-se da revista e agora as informações se diferenciam dos jornais (escritórios e agências jornalísticas, os comunicados, os despachos). Na exposição Pressa as palavras *Nachrichtenwesen* [ciência das notícias] aparecia ao lado de *Zeitungswesen* [ciência dos jornais]. (Runkel. *Oeffentlicher Nachrichtendienste*, 1928.)

d) Durante a guerra foi cogitado o fechamento das agências. Elas se tornaram mais fortes. Havas e Reuters entenderam-se com as 18 agências nacionais. Elas dividiram o mundo do ponto de vista das notícias. Nada acontece que não seja controlado nacionalmente ou pelos países que detêm o monopólio dentre outros.

e) As informações são vendidas aos jornais. E também a grandes personalidades. As agências que compram um artigo por 50 francos dele fazem 10 cópias à máquina que são revendidas por dez francos cada uma no interior, ganhando assim 50 francos por artigo.

f) Há duas agências de notícias curtas. Por ex., Informations Quotidiennes de la Presse Associée, cujo diretor-fundador é Jean Bernard. Envia de cinco a dez folhas de informações inéditas que não se encontram em outros lugares, assinatura para os diários, semanários, etc.

5. *Trustes. Concentração*

a) Nos tempos de Girardino, com 300 mil francos fundava-se um jornal sério. Hoje em dia, são necessários cinco milhões para lançar e manter um jornal ao gosto do dia.

b) Em toda parte existe tendência à concentração. A concentração de jornais foi impressionante. Na Alemanha, Stinnes, o grande industrial, possuía sozinho 60 grandes jornais. Enormes trustes jornalísticos funcionam na Alemanha: o grupo Ulstein-Konzern, Moses. O conjunto de publicações de Ulstein (inclusive o *Vossische Zeitung* e o *Berliner Zeitung am Mittag*) registra a formidável tiragem de 4 210 920 exemplares. A empresa possui 66 rotativas, 114 veículos, duas lanchas e três aviões. Consome oito milhões de toneladas de papel por ano.

c) O truste de jornais de lorde Northcliffe, esse senhor feudal do jornalismo, multimilionário, nomeado lorde e encarregado de uma alta missão diplomática nos Estados Unidos.

d) O famoso truste organizado por Hearst nos Estados Unidos foi muito poderoso ao ponto de conseguir retardar um pouco a entrada dos Estados Unidos na guerra. A gráfica onde o truste Hearst imprime seus jornais tira a cada dia cinco milhões de exemplares e sabemos qual a quantidade de páginas que têm os jornais norte-americanos.

Outro truste que abrange 521 jornais acaba de ser fundado em Nova York. Ele possui inúmeras linhas telegráficas que, em sua totalidade, chegam a ter uma extensão superior a dez mil quilômetros.

e) Algumas gráficas adquirem jornais que deixaram de existir, mas continuam sua publicação, imprimindo todos com a mesma matéria. Muda-se apenas o título. Assim, quem quiser pode mandar imprimir um jornal de que seja proprietário. Duzentos exemplares sairão por dez francos.

O homem que conseguisse resolver o problema de comprar em todos os países a maioria dos jornais e das agências telegráficas seria automaticamente o dono do mundo. Porém todos os órgãos de imprensa não estão à venda e novos jornais podem ser criados. No entanto, haveria um certo controle sobre todos os jornais, se fossem contidos por intermédio do fornecimento do papel. Pode-se adquirir o controle das papeleiras com-

prando nos locais de origem vastas florestas das quais é extraída a pasta de celulose. Hugo Stinnes começou operando dessa forma, ao se tornar proprietário da produção do papel na Alemanha, Finlândia e Escandinávia.[1]

6. *A imprensa e as notícias* (*verdadeiras ou falsas*)

a) De fato, é graças aos despachos de todos os países, enviados pelas agências, que nos mantemos a par do que está acontecendo. Todas as manhãs ou todas as tardes, às vezes, nas duas ocasiões e até ao meio-dia, os despachos relatam o que acontece na imensa arena do mundo onde os fatos se desenvolvem por meio de uma série de lutas ou de cooperação de trabalho regular ou de inovação geral.

O homem-jornal — ele era de Heligolândia, morreu em 1907 — ia de fazenda em fazenda diariamente e contava em voz alta as últimas notícias do mundo inteiro. Ao chegar a cada local, reunia os moradores fazendo soar uma sineta. Não recebia pagamento, mas seus ouvintes declaravam um reconhecimento proporcional ao interesse das notícias que ele trazia.

b) A conferência de especialistas da imprensa (agosto de 1927) começou a sintetizar os elementos relativos às notícias: como colhê-las e garantir sua transmissão rápida, a proteção antes e depois da publicação, a difusão intensiva. Tendo uma vez ingressado nessa via fecunda, pode-se perceber como desenvolvimento lógico a necessidade ampliada de documentação certa, rápida e completa; a necessidade de imaginar outros meios de difusão da verdade, de estendê-los não apenas às notícias no sentido jornalístico da palavra (*informations du jour*) [informações do dia], mas aos artigos e sobretudo aos próprios dados nos quais se baseiam os fatos de interesse para a vida internacional.

c) Ainda não se definiu o que seja notícia falsa. Essa é uma questão fluida, efêmera e espinhosa para apreender. Às vezes, estamos em presença de notícias tendenciosas, deformadas ou fantasiosas, e às vezes dá-se a elas uma importância desproporcional. Conhecem-se intermináveis discussões em Genebra sobre a definição de agressor! Seria conveniente que houvesse um estudo histórico sobre o efeito das notícias de jornais na opinião pública, em períodos de crise.

A questão das notícias falsas foi levantada na Liga das Nações. Como reduzir ou eliminar essas falsas notícias cujo efeito é irritar a opinião pública. A aversão unânime dos jornalistas e das associações de jornais manifestou-se não somente com relação à intervenção governamental, mas também em relação a toda intervenção externa. É preciso ter em conta o preço que o público está disposto a pagar pelas notícias. A maioria do público não pagaria pelas notícias de seu interesse o preço cobrado por elas. É preciso, portanto, que a publicidade paga e outros interesses comerciais venham cobrir a diferença. Disso surge uma influência poderosa que tende a afastar as notícias de seu caráter de objetividade total. Uma declaração das associações de jornais reivindica, no interesse da paz, que as indústrias de armas não sejam autorizadas a possuir ou dirigir indiretamente jornais de circulação pública. Assinalou-se que a ausência de notícias era tão prejudicial quanto a notícia falsa. O silêncio cria o medo, o que leva aos mal-entendidos e, no final das contas, ao ódio.

d) Foi proposto que a Liga das Nações fosse incumbida de difundir

[1] *L'Allemagne nouvelle* de Victor Cambon.

notícias controladas por ela, e, por conseguinte, que controlasse rapidamente as notícias que foram publicadas e lhe parecessem suspeitas, dispondo para isso de órgão que ajudaria os que já existem e no qual o mundo poderia confiar.[1]

e) Foi criado recentemente um tribunal de honra dos jornalistas com a missão de responder aos litígios que ponham em jogo um interesse internacional. Tem competência para aplicar uma espécie de sanção moral aos autores de informações voluntariamente erradas e também àqueles que não tenham o cuidado suficiente para se documentar. Não pode lidar nem com doutrinas nem com ideias, mas tem o objetivo de manter a noção de honra nas relações entre jornalistas estrangeiros.[2]

f) Na mesa-redonda da União das Associações Internacionais, o sr. Briantchaninoff, organizador dos congressos psicossociológicos, apresentou um projeto de corte internacional privada para se ocupar das questões da imprensa em suas relações com a opinião pública.

7. *Documentação*

a) O jornal, assim como a revista, apresenta três utilidades documentárias: 1° é lido quando aparece; 2° não é colecionado (muito pouco); 3° é recortado (bastante).

b) Convém distinguir a documentação pela imprensa diária e a documentação da imprensa diária: 1° a imprensa diária é a primeira em divulgar as notícias, enquanto os artigos de revista e os livros só tratarão da matéria muito mais tarde; 2° contém elementos que serão reencontrados posteriormente nas revistas e nos livros; 3° contém a expressão imediata do pensamento e da opinião pública em relação aos acontecimentos; 4° pelos cruzamentos, reproduções similares ou alterações, pelos próprios erros constantes de uma série de artigos publicados em jornais diferentes, podemos verificar, desde a origem de certas notícias, suas fontes e quem lhes paga (ex., Ivar Kreuger para Ivar Kreuger).*

O jornal como documentação é: 1° atualidade; 2° estar na pista do fato; 3° exposição breve e bem titulada; 4° artigos de divulgação de questões; 5° material abundante e barato.

c) Alguns jornais elaboram seus próprios índices do conteúdo dos números. *The Times* publica os índices de seu conteúdo.

d) Os *Archives Contemporains* (sistema Keesing) [*Keesing's Contemporary Archives*] publicam uma documentação cronológica ilustrada dos acontecimentos mundiais. A publicação é semanal. É feita em quatro línguas. Um índice alfabético acompanha o índice acumulativo. O índice que tiver a numeração mais alta é o que deverá ser conservado, pois reproduz e comenta todos os anteriores que podem então ser descartados.

e) Há jornais que publicam revistas da imprensa nas quais os artigos são citados textualmente, para ajudar a imprensa e também para seus próprios serviços. O ministério das Relações Exteriores da França organizou um serviço de tradução de jornais estrangeiros e tem publicado boletins de imprensa com abundância de informações e apresentados de maneira bastante objetiva.

f) Há jornais que publicam edições resumidas, como as edições semanais para o estrangeiro da *Gazette de Cologne*, antes *L'Indépendance d'Outremer*, a *Kölnische Zeitung Wochensausgabe*.

* Ivar Kreuger (1880-1932) magnata sueco da indústria de fósforos cujas empresas cometeram variados tipos de fraudes. [N.E.B.]

[1] Proposta do sr. Jules Raisson ao comitê francês de cooperação europeia.
[2] Ver relatório de P. Otlet ao congresso psicossociológico.

g) Serviços de recortes de jornais são encontrados em todas as grandes organizações públicas e privadas. Agências de recortes de jornais foram formadas (ex.: Argus de la Presse), que, mediante pagamento por recorte, enviam diariamente todos os recortes da imprensa relativos a uma questão ou a uma pessoa. Essas agências contam com numerosos leitores que percorrem os jornais, de tesoura na mão, depois de terem memorizado, a partir de listas elaboradas e atualizadas, todos os assuntos que interessam aos assinantes. Políticos, artistas, pessoas públicas desejosas de saber o que a imprensa disse a seu respeito. É isso que faz a notoriedade (que antigamente a gente chamava de glória).

Os escritórios de um grande jornal constituem centros de documentação muito importantes. Recebem muita correspondência e desconhecidos lhes enviam uma grande quantidade de documentos. É conveniente que essa documentação, suscetível de melhorar consideravelmente o valor das notícias publicadas, seja organizada e os métodos gerais de ordenação e catalogação possam aí ser aplicados.

h) Os jornais são preciosos para serem conservados. A França, segundo o bibliófilo Jacob, não conserva os jornais, que são, contudo, os melhores instrumentos da história de uma época, independentemente do ponto de vista a partir do qual se queira estudá-la. Esses pobres jornais vão tristemente para o nada, para o esquecimento, e mais, talvez amanhã, seja pago por eles seu peso em ouro. São os oráculos da Sibila escritos em folhas de carvalho; é assustador que se deixe destruir, nas mãos do fabricante de manteiga e do quitandeiro, as peças mais preciosas e mais autênticas do espírito nacional de nosso século XIX.

i) A conservação dos jornais suscita quatro questões diferentes: 1° de qual maneira apresentar os jornais diários nas bibliotecas públicas e também nos grandes círculos literários? 2° como conservar as coleções completas de alguns jornais (hemerotecas); 3° como organizar arquivos da imprensa que incluam exemplares típicos de todos os jornais (museu da imprensa); 4° como utilizar jornais em forma de recortes (enciclopédia documentária).

j) Todos os jornais do país na biblioteca nacional, alguns grandes diários e os jornais locais nas outras, pelo menos um jornal, que seja fontes de fatos e da história contemporânea, em toda biblioteca. Encadernam-se os jornais a cada trimestre. Os de consulta corrente são seguros em pregadores e reunidos dia a dia. Os números desemparelhados de vários jornais que se queira conservar são objeto de coleções factícias onde os fascículos de vários deles são ordenados por data.

A Bibliothèque Nationale de Paris possui uma coleção completa dos jornais parisienses. A Library of Congress de Washington possui coleções impressionantes.

Em algumas bibliotecas inglesas, os jornais são afixados em murais. São lidos de pé. Os jornais de maior procura, como o *Daily Mail*, o *Telegraph* e *The Times* são afixados com dois ou até três exemplares, de modo que vários leitores possam consultá-los ao mesmo tempo.

A biblioteca deve possuir uma seleção criteriosa de jornais. "Pelos jornais, a biblioteca oferece a cada um a oportunidade de formar uma opinião pessoal pensada, baseada numa informação plural e contraditória, ao invés de receber somente a opinião acabada do único jornal que lê."

k) Existem grandes coleções de amostras de jornais. Em Aachen, o sr. Oscar von Forkenbeek chegou a reunir 75 mil folhas de jornais diferentes

no Zeitungsmuseum, subvencionado pela cidade. Na Bélgica, existe um forte interesse pelas coleções mais importantes. O Musée de la Presse no Palais Mondial inclui agora as coleções de Warzée, Vanden Broek e de Fonvent em um conjunto admirável.[1]

8. *Instituições*

O jornalismo fez surgir todo um conjunto de instituições comuns para as relações profissionais e a deontologia, para a ajuda mútua, para o ensino, as casas e institutos da imprensa.

a) Nos Estados Unidos, o jornalismo chegou às universidades. Em Columbia, o jornalista foi elevado à categoria de profissional, embora isso talvez seja uma ocupação. Em Berlim, na universidade, foi criada não somente uma cátedra de jornalismo (*Zeitungswissenschaft*), mas também um instituto, laboratório ou biblioteca onde 800 jornais são recortados e ordenados. Há escolas de jornalismo nas universidades de Chicago, Filadélfia e Columbus (Ohio) que oferecem cursos preparatórios de jornalismo. Université Catholique de Lille. Na Alemanha, o professor Koch em Heidelberg. O secretariado do Volksverein de München-Gladbach foi transformado em escola de jornalismo.

b) A Maison de la Presse, de Paris, criada durante a guerra (rua François Ier), só fechou em dezembro de 1922. Ela abrangia um serviço de informação que recebia, analisava e divulgava os conteúdos da imprensa do mundo inteiro; um serviço de propaganda difundia opiniões. Este último serviço tinha a ingenuidade de se apresentar abertamente como órgão de propaganda francesa, a fim de que ninguém tivesse dúvida.

A Maison de la Bonne Presse (Paris, 5, rue Bayard), fundada pelos assuncionistas e continuada pelo sr. Paul Feron-Vrau, é atualmente uma editora de porte. Possui quase 600 empregados. Esse número nada representa diante da quantidade de colaboradores de boa vontade que se agruparam em torno dela e que formam um exército de mais de 50 mil zeladores, cavaleiros da Cruz, pajens de Cristo, portadores de suas diversas publicações. Por meio de seus jornais e revistas ela chega, semanalmente, a mais de um milhão de lares. A tiragem total de todas as publicações reunidas passa de dois milhões de exemplares.

Ela possui sua gráfica, uma administração que se mantém em relação constante com todos os que se ocupam da propaganda e da redação de suas 25 revistas e jornais.

c) A Federação Internacional de Jornalistas é uma instituição permanente. Ela estabeleceu, nas grandes capitais da Europa, sedes de organismos nacionais oficiais, comissões de trabalho: documentação e arquivos, finanças (Paris), estudo jurídico (Berlim), previdência e assistência (Viena), estudos técnicos (Genebra) e propaganda (Londres). A comissão de documentação preparou importante compilação de contratos e textos orgânicos, convencionais ou legais, um verdadeiro código internacional da condição de jornalista.

Uma Associação Internacional de Jornalistas acreditados perante a Liga das Nações foi formada em Genebra, em 1927. O problema da colaboração da imprensa com a organização da paz foi debatido na assembleia de Genebra (1932) (Document A. 312, 1932). A conferência de Madri tratou de um aspecto da questão: as relações telegráficas.

---

[1] A coleção de jornais do falecido dr. Guilmot, cerca de 80 mil itens, foi adquirida pelo sr. juiz Berrewaert, de Louvain. Era incontestavelmente a mais importante do mundo.

Recentemente, o comitê executivo da Federação Internacional de Jornalistas adotou uma resolução condenatória das perseguições à imprensa na Alemanha e declarou rompimento imediato com a federação dos jornalistas alemães.

d) Em maio de 1933, foi formada em Haia uma federação internacional das associações de diretores e editores de jornais.

e) Institutos de jornalismo foram criados em diversos países. Na Alemanha, principalmente, o Deutsches Institut für Zeitungskunde. Publicações especializadas foram consagradas à teoria e à prática do jornalismo. Ex.: na Alemanha, a *Zeitungswissenschaf*t.

A criação de um instituto internacional da imprensa foi aprovada pelo comitê da Federação Internacional de Jornalistas (Praga, abril de 1929). Foi consequência da votação aprovada em 1927 pela conferência internacional de associações de imprensa.

f) Exposições internacionais da imprensa ocorreram junto com muitas exposições gerais. Também ocorreram dentro de exposições mais especializadas. A do livro em Leipzig, em 1924, e da Pressa, em Colônia, em 1927.

g) A criação de uma biblioteca (hemeroteca) mundial da imprensa deve merecer atenção. Destina-se a ser um departamento importante da biblioteca mundial.

9. *Desideratos. Reforma*

a) Entre os objetos de reformas podem ser indicados os seguintes: ampliação do número de páginas dos jornais, multiplicação de seções, colaboração competente, informações sobre a vida no exterior e 'que horas são no mundo', edição de suplementos especiais que atendam à necessidade de leitura dominical, acrescentando aos jornais ao mesmo tempo distração, conhecimentos, imaginação e beleza. Para o camponês, o jornal popular constitui muitas vezes sua única revista e sua única biblioteca. Deveria ser transformado em órgão distribuidor de um alimento intelectual, saudável e abundante. Esse é um mínimo de desideratos. Pode-se perguntar, por outro lado, se, sem causar qualquer restrição à liberdade de imprensa, não conviria combater o lado pernicioso, com informações em maior número e mais sistematizadas oriundas das autoridades, governo e organizações. A própria concepção do *Journal Officiel* [Diário Oficial] permanece imutável há mais de um século. Encontram-se preciosas possibilidades no desenvolvimento e adaptação da ideia matriz que lhe deu origem. O Estado deve a seus membros informações precisas, detalhadas e contínuas sobre o que ele almeja, empreende e propõe à concepção de seus membros.

b) No que concerne à leitura e à documentação, por meio dela pode-se almejar principalmente: 1° que sejam organizadas nos grandes centros salas de leitura de jornais, como na Inglaterra e nos Estados Unidos, a fim de combater a influência nefasta da leitura de um jornal único e tendencioso; essas salas de leitura deveriam ser, tanto quanto possível, anexas às bibliotecas; 2° que estas últimas organizem coleções de jornais, centrais ou gerais, e outras, locais ou especiais; os jornais são fontes importantes da história e órgãos da tradição; 3° que sejam publicados por um jornal, pelo menos, de cada país, índices minuciosos como o que é publicado por *The Times*, os quais, reportando-se à data dos principais acontecimentos, possam facilitar as pesquisas nos números contemporâneos de outros

jornais. Em sua falta, mesmo simultaneamente, que catálogos bibliográficos manuscritos em fichas com várias entradas sejam criados no centro nacional de colecionamento de jornais, que se promova uma utilização mas generalizada e mais sistemática dos recortes de jornais para alimentar a formação de repertórios de documentação. Existem possibilidades de uma melhor utilização, para tal fim, dos serviços de imprensa das administrações e dos Argus de la Presse. Iniciativas de distribuição de jornais velhos; utilização sistemática de jornais já lidos para ampliar a leitura gratuita em todas as classes sociais.

c) Diferentes paliativos a considerar. 1° Limitar a liberdade de imprensa. Impossível. 2° Mostrar-se mais severo na repressão dos delitos. Pelo regime em vigor, com base na lei de 1881, a imprensa irresponsável está atualmente acima da lei, pois os delitos que comete quase nunca vão a processo, pois, quando são processados, os processos, lentos, demorados e caros, parecem ter como objetivo salvar o culpado, desestimular a vítima, pois os verdadeiros autores do delito, cuidadosamente protegidos, querem levar aos tribunais o testa de ferro do jornal, o gerente, pois as penas cominadas ou aplicadas são ineficazes ou ridículas. O advogado-geral Cruppé, que assim se exprime, reivindica um tribunal mais moderno, composto de três elementos: o juiz, o júri popular e o perito judicial. Qualquer pessoa, organização ou empresa atacada ou difamada pela imprensa deve ter o direito de responder na mesma publicação que a atacou, no mesmo lugar, com a mesma quantidade de linhas e no mesmo formato.[1] 2° Formar uma liga da elite dos jornalistas que rechace qualquer relação com panfletários e pornógrafos (sr. Leroy-Beaulieu). 4° Criar associações para a proteção dos leitores de jornais.[2] 5° Combater o ideal vil com o ideal elevado, opor a imprensa séria à imprensa frívola e corruptora.

241.329.1 *A IMPRENSA EM DIVERSOS PAÍSES*

1. *Inglaterra*. A imprensa inglesa não teve uma longa infância. Desde o século XVIII ela apresentava um caráter viril. Interessou-se pelas narrativas de viagens em formato de folhetim. Foi, por muito tempo, órgão da opinião pública, seu porta-voz sincero e autêntico, defensor privilegiado dos interesses e dos cidadãos ingleses, encarnação do espírito inglês. A imprensa atualmente encontra-se nas mãos de trustes, de alguns potentados, e corre o grande risco de se degenerar.

Os jornais ingleses, ao contrário dos franceses, parecem ter essencialmente por objetivo informar rapidamente e bem. Poucas teorias, poucas considerações gerais: fatos, fatos, fatos. Essa forma de jornalismo basta por si só para caracterizar a sociedade britânica.

O jornal inglês tem como alvo a informação, o leitor não procura ali uma orientação para sua consciência. O jornal francês é sobretudo político. O jornal inglês conta com fortes recursos financeiros, o jornal francês, não. O jornal inglês não pode ser venal, o risco seria grande; o jornal francês é acessível às tentações.

2. *Alemanha*. O início da imprensa foi árido e impessoal. Foi Frederico

[1] Depois da aprovação da lei escolar pelos católicos, em 1884, o *Journal de Bruxelles* criou o gabinete dos desmentidos: em menos de um mês conseguiu-se expurgar os jornais dos adversários da maioria das mentiras com que abasteciam seus leitores por ocasião dessa lei.

[2] No dia em que pudermos ter uma nova legislação sobre a imprensa, separar a imprensa literária e política da imprensa financeira, teremos feito uma benemérita obra de saneamento. (Franck, na câmara belga, 16 de março de 1922, p. 379.)

II quem, ao despertar a consciência nacional, deu à imprensa seu primeiro impulso, embora sua força de expansão date sobretudo da revolução alemã de 1848. Havia, em 1928, 3 293 jornais e 4 730 revistas. Lá a imprensa não é centralizada como na França; há grandes jornais no interior.

Quando Bismarck conseguiu a aprovação de uma lei contra os socialistas (1878) eles se organizaram na forma de associações sem finalidade política na aparência: 'círculo de fumantes', círculo coral. Levaram seu jornal para a Suíça, em Zurique, de onde os exemplares chegavam por contrabando a toda a Alemanha. Imprimiam secretamente seus volantes e continuaram com sua propaganda.

Em Berlim, Scherl, que foi vendedor ambulante de livros e relógios, criou a *Woche*, depois o *Lokal-Anzeiger* e o *Tag*. Este, por volta de 1906, tinha duas edições: *Politische*, que era uma reprodução reduzida do *Lokal--Anzeiger*; e *Unterhaltung*, com todos os outros tipos de notícias. Todos os dias da semana o *Tag* traz um suplemento diferente: agrícola, literário, etc. Sua tiragem é de 100 mil exemplares. O governo o subsidiava, pois era precioso para ele que o público bastante educado que lia o *Tag* permanecesse com suas opiniões medianas. No alto da primeira página do *Lokal-Anzeiger* encontram-se em poucas palavras um resumo dos acontecimentos de destaque do mundo inteiro. A leitura desse resumo dava a garantia imediata de que a leitura seria tranquila, pois nenhum acontecimento forçaria alguém a modificar o curso de suas ideias ou a orientação de sua atividade.

Na Alemanha, os autores conhecidos publicam com frequência seus ensaios nos jornais.

Em Berlim havia cerca de 10 mil jornaleiros de rua, dos quais 6 800 tinham um lugar estável.

Durante a guerra, Ludendorff organizou o famoso Kriegspresseamt [departamento de imprensa da guerra]. Wolf mentia, mentia sempre. "A mentira é um dever patriótico", essa era a divisa. O poder militar, onipotente, e o poder civil inexistente. A propaganda do Kriegspresseamt inspirava-se em dois princípios: a esperança e o ódio.

Houve por muito tempo duas imprensas oficiosas: a da Chancelaria e a de von Tirpitz que havia organizado no ministério da Marinha um departamento de imprensa com tendências pangermanistas. A imprensa não passava de um informador oficial, obrigada principalmente a inserir os artigos preparados pela autoridade. O governo mandava que os artigos fossem publicados não apenas por seus órgãos, mas também por jornais independentes. O governo declarou que os artigos de fontes oficiais têm como objetivo fornecer aos jornais pequenos notícias interessantes.

Era a agência nova Trans-Ocean que transmitia as notícias por rádio durante a guerra, pois os cabos submarinos tinham ficado inutilizáveis. Essa agência era mantida pelos industriais e com subsídios do governo.

A legislação sobre a imprensa na Alemanha, a organização do Pressebureau e a censura praticada em tempos de paz, associadas à confiança do povo alemão, permitiam a Berlim criar em toda a Alemanha a opinião que lhe convinha, sem aparentar isso. Com efeito, um regulamento obrigava o jornalista alemão a trocar um texto censurado por outro aceito. Depois da chegada de Hitler, a imprensa ficou concentrada nas mãos do governo.

3. *Estados Unidos*. O jornalismo norte-americano transformou-se numa máquina formidável. Nela se encontram os exemplos mais completos da *yellow press* [imprensa marrom]. É o jornal conhecido como meio

de ganhar muito dinheiro. (A cadeia de jornais de Hearst.) Ao lado dela existe a *human interest press* que usa abundantemente incidentes que revelam a natureza humana e despertam emoções. (Por ex., *The Kansas City Star*.) Os Estados Unidos têm *newspapers* e *newspapermen*, a Inglaterra e o continente têm jornalistas. Há nisso uma grande diferença. Os jornais norte-americanos fazem imensos sacrifícios para utilizar todos os recursos criados pela ciência para a transmissão rápida de informações. O jornal norte-americano, como instrumento noticioso, está anos à frente dos outros.

A imprensa norte-americana é, em geral, uma mera empresa comercial, totalmente amoral, utilizada segundo uma técnica inteligente, racionalizada, mecanizada, o estado da arte da publicidade, da informação e da reportagem. Está organizada em forma de truste.

A imprensa dos Estados Unidos tem uma enorme influência. É rica e em geral interessante; ela ocupa, em tempos de prosperidade, segundo relatórios fornecidos pelo ministério do Interior, 261 mil empregados que movimentam 2,6 bilhões de dólares por ano e 28 mil homens e cinco mil mulheres trabalham exclusivamente na redação de 20 mil publicações diversas das quais 2 300 são diárias e têm uma circulação quase inacreditável de 44 milhões de exemplares em média por dia. (A quantidade de livros publicados em um único ano próspero foi de 227 495 000 inclusive os livros didáticos, etc.) Imprimem-se em média, por dia, nos Estados Unidos 312 mil jornais italianos, 334 mil jornais alemães, 536 mil jornais em hebraico. É oportuno salientar que a maioria dos judeus é de origem russa e alemã, embora um grande número deles prefira declarar que são poloneses desde quando os países onde nasceram caíram em descrédito.

Há nos Estados Unidos mais de 2 300 jornais diários e 14 600 semanários. Conta-se praticamente um exemplar para cada cinco habitantes. Esses jornais representam um capital de 1 154 786 000 dólares. Um único desses jornais ocupa 2 066 pessoas, sendo 48 redatores a serviço da informação e 466 pessoas na publicidade. Uns sessenta jornais americanos têm escritório em Paris.

Existem 44 publicações periódicas em língua francesa nos Estados Unidos, sete das quais são jornais diários, duas que saem três vezes por semana, uma que sai duas vezes por semana, 24 semanais, duas revistas quinzenais, seis revistas mensais e duas revistas trimestrais. A tiragem total dos diários de língua francesa é de 43 700 exemplares. O *Daily Mail*, o *New York Herald* e o *Chicago Tribune* têm edição parisiense.

Há um jornal norte-americano que deixa em branco as páginas do meio, para permitir ao leitor embrulhar com elas seus sanduíches.

4. *Itália*. A imprensa italiana dedica uma grande parte à política, ao teatro, à crítica literária e filosófica, aos artigos de opinião geral. O gosto pelo pitoresco, até pelo lirismo, parece ser o traço característico da informação italiana: transformado em industrial e desbravador, o italiano nem assim deixa de ver o mundo como artista. (Gabriel Arboin.)

5. *Holanda*. A Holanda possui jornais muito importantes: *Nieuwe Rotterdamsche Courant*, *Algemeen Handelsblad*, *Telegraaf* e *Maasbode*.

O *Nieuwe Rotterdamsche Courant* (*N.R.C.*) constitui o exemplo mais avançado da imprensa holandesa. Na sexta-feira, 19 de maio de 1933, 'Ochtenblad' 12 páginas e à tarde 'Avondblad', 24, ou seja um total de 36 páginas. O que dá em média 28 ou 30 páginas por dia (8 ou 10 de manhã e 20 à tarde). Também o *N.R.C.* é o jornal que abre mais espaço para a arte

em geral, não apenas para a literatura holandesa, mas para a literatura de todos os países, francesa, alemã, inglesa, russa, escandinava, espanhola, italiana, etc., etc.

6. *Japão*. A imprensa japonesa é uma das que mais progrediram. Em 1860, os nipônicos conheciam apenas os jornais. Foram os europeus que fundaram os primeiros jornais. Existem atualmente 115 grandes jornais dos quais a metade tem mais de 10 páginas por dia e dois com tiragem de 900 mil e um milhão e 500 mil exemplares (*Tokio-Nichinichi* e *Osaka-Mainichi*). Com os periódicos que aparecem mais de três vezes por mês, há 8 445 jornais. Os jornais em forma de sociedades anônimas tornaram-se grandes empresas capitalistas a serviço do capitalismo. Não existe um grande jornal que expresse a cultura e a ideologia da massa proletária.

241.33 Anuários (almanaques, calendários, agendas)

241.331 *NOÇÃO*

a) Os anuários são coletâneas destinadas a reproduzir a cada ano uma série de fatos ou acontecimentos relativos a um país, um estado, uma localidade ou um setor qualquer dos conhecimentos ou atividades humanas. Os anuários aparecem geralmente no início de cada ano, a fim de servir de guia para as pessoas de determinada profissão. Contêm dados úteis ao exercício da profissão ou determinam a cronologia das atividades a serem desenvolvidas, bem como a maneira de executá-las.

Um anuário oferece informações sobre a composição dos organismos oficiais e privados de qualquer natureza, da especialidade à qual ele se refere (administração, empresas, institutos de pesquisa e ensino, imprensa especializada); frequentemente informações sobre as próprias personalidades. Informações gerais de ordem comercial, jurídica, administrativa. Dados fundamentais e permanentes sobre a matéria.

b) É difícil definir anuário por meio de características bem claras. No que existe de essencial, o anuário é um conjunto de dados atualizados anualmente. Mas essa definição também se aplicaria ao tratado e a qualquer tipo de obra reeditada anualmente. Para que existam anuários é preciso uma segunda condição, que é a própria matéria ser renovada anualmente. É o caso das estatísticas e das listas de pessoal das organizações, de listas de instituições existentes, endereços de pessoas, de assinantes de serviços públicos ou privados.

Os anuários são documentos difíceis de enquadrar em uma definição simples. Têm, ou deveriam ter, em comum, de um lado, o fato de serem publicados anualmente, e, de outro lado, o fato de conter informações sucintas e bibliográficas. Há as que formam, no entanto, publicações anuais e constituem uma série independente. (Ex.: o catálogo anual de bibliografia, a coletânea anual de bibliografias, as coletâneas anuais de administrações oficiais (que publicam documentos oficiais), as coletâneas ou relatórios de associações e os anais de alguns congressos.) Os anuários têm por objeto a atualização sobre a situação e os progressos em todos os países e em um campo determinado.

Esforço contínuo, melhorado a cada ano, levou aos grandes anuários atuais. Um anuário pode reproduzir todo ano, atualizando-a, a parte geral. Cada um dos volumes forma, então, um todo completo independente.

241.332 *TIPOS DE ANUÁRIOS*

a) Vários anuários conquistaram grande reputação: o *Annuaire du*

Bureau des Longitudes, o *Annuaire du Commerce Didot-Bottin*, o *Annuaire Historique* fundado em 1818 por Lesur,* o *Annuaire du Clergé de France*, o *Annuaire Diplomatique*, o *Annuaire Militaire*, etc.

* Charles-Louis Lesur (1770–1849). [N.E.B.]

b) Sebastien Bottin (1764–1853) era, em 1794, secretário-geral da administração central do Baixo Reno quando publicou o primeiro *Annuaire Statistique* que se viu na França. De 1809 a 1853 ele continuou a publicação anual que de La Tynna* começara a publicar em 1801. Depois da morte de Bottin, o *Almanach du Commerce de Paris, des Départements et des Principales Villes du Monde* foi reunido com o *Annuaire du Commerce de Didot* publicado desde 1797. As palavras 'um Bottin' ou 'um Didot-Bottin' tornaram-se uma espécie de nome comum para designar livro de endereços (chamado almanaque de 500 mil endereços).

* Jean de la Tynna (1764–1818]. [N.E.B.]

O anuário Didot-Bottin chegou a seu 137° ano de publicação. A coleção contém mais de 200 volumes e constitui um repertório muito valioso de documentos históricos, que podem ser consultados, a pedido, na sede de anuário.

Hoje o anuário contém endereços de todos os países, e chega a 20 mil páginas em cinco volumes que pesam por volta de 30 quilos. Se os exemplares de uma única edição fossem empilhados chegariam a uma altura nove meses maior do que a do monte Blanc!

c) A Bélgica possui um *Annuaire Permanent de Documentation Financière et Industrielle*. Trata-se de uma coletânea em fichas, constantemente atualizada, distribuída semanalmente, publicada graças à colaboração de um grupo de especialistas em contabilidade, engenheiros comerciais, atuários e juristas. Em seu 12° ano tinha cinco volumes com cerca de nove mil verbetes sobre as sociedades cujos títulos são negociados.

d) O *Minerva, Jahrbuch der Gelehrten Welt*, anuário do mundo científico, foi fundado em 1892. Dedicado ao progresso das relações no mundo da ciência. Depois da guerra foi publicado o *Index Generalis*, dirigido por R. de Montessus de Ballore (Paris: Éditions Spes), que fornece informações sobre 1 100 universidades e escolas superiores, 315 observatórios, três mil bibliotecas, 775 institutos científicos, 250 laboratórios, 1 250 academias e sociedades científicas, 2 300 páginas, 60 mil nomes de intelectuais notáveis (lista alfabética). Preço: 192,50 francos.

e) Também existem os 'Qui êtes-vous?', anuários de contemporâneos, espécie de biografia documentária, o *curriculum vitae*, as funções e títulos atuais e as obras produzidas.

Who's who in America, *Who's who in Great Britain*, *Wer ist's*, *Wie is dat*, *Vem är det*.

Os anuários podem também ser catálogos de pessoas e instituições. Ex.: *Botaniker Adressbuch*, *Index Biologorum*, etc.

f) Foram feitos anuários internacionais. Como o repertório internacional de editoras, feito pelo congresso internacional de editores (lista de todas as editoras e livrarias: livros, música, artes).

Foram feitos anuários como guias práticos para correspondência, viagens e as relações em congressos internacionais, conferências e reuniões. Como o *Annuaire du Bureau International d'Éducation* (Genebra), o *Annuaire de la Vie Internationale*, publicados pela União das Associações Internacionais (Bruxelas). Os dados, portanto, são ao mesmo tempo nacionais e internacionais.

g) O *Deutsche Schule im Auslande* apresenta em seu número de dezembro de 1928 uma forma prática de anuário. Traz um resumo de todas as

informações úteis para estrangeiros que queiram passar uma temporada na Alemanha. Essas informações incluem: 1º a lista dos serviços que tratam dessa questão; 2º bibliografia de obras para consultar.

h) O *Frankfurter Gelehrten Handbuch* do dr. Borzmann diz respeito exclusivamente a uma cidade: Frankfurt.

i) O novo Instituto Internacional de Direito Público iniciou a publicação, em 1929, cobrindo o ano anterior, de um anuário que contém as leis de direito público adotadas em diferentes países, inclusive da Europa e dos Estados Unidos.

j) Na Alemanha existem anuários (*Jahrbücher*) para os diversos campos do direito. Apresentam a cada ano os resultados mais importantes obtidos nesse domínio, conforme se encontram em obras, revistas, jurisprudência e na prática administrativa. O último rebento desses anuários é o *Jahrbuch des Treuhandrechts* (anuário do direito fiduciário) de J. Heins.

k) Algumas publicações da Liga das Nações são obras magistrais do gênero anuário. Como o *Anuaire Militaire 1928-1929* que contém em suas 1 123 páginas informações abundantes sobre a organização militar de 60 países, exceto as colônias. Todo ano as monografias são revistas e corrigidas com base nos documentos mais recentes. Na grande maioria dos casos, graças aos documentos periódicos que se publicam a intervalos regulares, foi possível acompanhar e inserir no próprio ano informações a ele concernentes. Como em 1929, as informações até o começo mesmo do ano 1929 [*sic*]. Gráficos e quadros recapitulativos dão destaque às características principais da organização em diferentes anos e apresentam visões de conjunto sobre as diversas marinhas.

O anuário torna-se assim a forma de publicação-matriz de dados essenciais recolhidos pelos observatórios sociais pelos quais se completam cada vez mais as grandes organizações.

l) Uma comissão especial de especialistas reunidos no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual elaborou um plano de publicação de uma série de anuários especializados (anuário de cientistas, anuário de literatos, anuário de artistas). Eles previram a repartição do trabalho entre os diferentes países, e o instituto desempenharia o papel de um órgão de coleta dos dados e produção da obra. Acima desses anuários especializados haveria uma publicação mais geral e sucinta: um 'quem é quem internacional', lista biobibliográfica das principais personalidades mundiais, para cuja execução o instituto recebeu importante subvenção privada.

241.333 *DESIDERATOS. RECOMENDAÇÕES*

a) Os anuários são convenientes particularmente nos domínios onde as mudanças são tão rápidas que é importante ter atualizações periódicas. Deveriam abranger informações apresentadas em forma concentrada, facilmente consultáveis, sobre os seguintes pontos: 1º relação de estabelecimentos, associações, instituições e pessoas concernentes à especialidade, dados sobre as pessoas célebres; 2º cronologia (datas importantes, data da obra); 3º calendário geral e calendário de eventos futuros relativos à especialidade (congressos, reuniões corporativas); 4º legislação sobre a matéria (leis, decretos, etc.); 5º códigos de práticas; 6º quadros de unidades, tabelas, fórmulas; 7º terminologia: vocabulário internacional (francês, inglês, alemão) de termos empregados na especialidade; 8º tarifas; 9º patentes; 10º estatísticas; 11º bibliografia da especialidade: a)

obras e artigos do ano; b) bibliografia fundamental, c) lista de periódicos; 12° documentação: centros de documentação, grandes coleções existentes, museus especializados (autônomos ou seções); 13° ensino: escolas e cursos; 14° comércio: fornecedores de setor; 15° endereços em geral; 16° anúncios classificados relativos à especialidade.

b) Usando terminologia adequada seria preciso substituir o vocábulo 'anuário' por 'repertório' quando a publicação não fosse anual. Falta em francês uma noção equivalente ao inglês *directory*.[1]

c) Todos os registros deveriam ser redigidos pelos próprios interessados, com o emprego de um formulário ou questionário. É a maneira de ser exato. Os melhores anuários guardam a composição tipográfica. A cada ano remetem aos interessados a prova tipográfica do registro que lhes diz respeito, solicitando que sejam feitas atualizações e correções.

d) Seria preciso que houvesse em cada país uma central ou pelo menos uma organização geral de endereços. Os elementos dessa organização seriam: 1° os registros civis e fichários da população que são mantidos pelos municípios ou outras administrações; 2° os anuários gerais e especiais públicos (cadastros de endereços, diretórios, listas telefônicas, de caixas postais, etc.); 3° as agendas de endereços manuscritas feitas por instituições especializadas; 4° as informações que os particulares fossem convidados a fornecer.

241.334 *ALMANAQUE. CALENDÁRIO*

O almanaque contém, além do calendário, informações astronômicas e às vezes previsões do tempo. Às vezes são acrescentadas algumas informações especiais (almanaque do agricultor, das missões, do peregrino). Em geral, o almanaque é uma obra popular. Chega até ao interior das regiões rurais. Arroga-se amiúde a especialidade de fazer a previsão do tempo.[2]

A origem dos almanaques é muito antiga. Os gregos davam o nome de almanaque aos calendários egípcios. Registro ou catálogo que compreende todos os dias do ano distribuídos por mês com dados astronômicos, notícias e datas relativas aos atos religiosos e civis, principalmente os santos e as festas.

A sucessão dos fenômenos anuais e as divisões do ano se encontravam nos monumentos públicos muito antes de seu emprego em agendas portáteis.

Todo ano em Pequim é impresso, nas gráficas oficiais, um almanaque com tiragem de oito milhões de exemplares que são imediatamente enviados a todas as províncias do Império Celestial. E o interesse de que se revestiam para os chineses, a confiança que tinham em seus ensinamentos e em suas previsões eram de tal ordem que esses oito milhões de exemplares eram todos vendidos até o último exemplar.

O calendário astronômico publicado como conteúdo nos almanaques e em muitos anuários mostra a sequência dos dias, semanas e meses, com os nomes de santos, festas, etc.

Com frequência é dado o nome de almanaque às publicações oficiais

---

[1] O Instituto Internacional de Bibliografia atendeu a um conjunto de desideratos documentários em seu *Annuaire de la Belgique, Scientifique, Artistique et Littéraire* (publication n° 71).

[2] O célebre Sarragozano, almanaque espanhol, tiraria, segundo consta, 50 mil exemplares que anunciavam para determinados dias tempo bom, e outros 50 mil que anunciavam tempo ruim. A média das avaliações dos leitores mantinha-se favorável ao talento divinatório do editor.

ou oficiosas, anuais (almanaque real, almanaque de Gotha), relativas aos governos dos países, e o de anuários às coletâneas estatísticas dos Estados. Mas esses últimos anuários foram consideravelmente ampliados.[1]

241.335 *ANUÁRIOS*

a) Os 'anuários' (*Jahrbücher*, *yearbooks*) (como *Année Philosophique*, *Année Psychologique*, *Année Sociologique*,[2] *Année Électrique*) são publicações que divulgam, com maior ou menor grau de completude, trabalhos realizados no ano sobre uma dada ciência e publicados em línguas diferentes, que permitem que cada um conheça rapidamente os trabalhos de quem estuda os temas com que ele se ocupa e possa utilizá-los.

b) Os anuários fazem parte também da bibliografia geral. Sobretudo quando se trata dos *Jahrbücher* alemães. Mas alguns anuários incluem tábuas cronológicas, de fatos, de contatos, etc. que os fazem ultrapassar o quadro bibliográfico. Por outro lado, existe muitas vezes entre os redatores a vontade de extrair das obras examinadas as ideias gerais, de marcar a direção e o movimento científico comparando diversas obras.

c) Pode-se perguntar por que não se publicam regularmente relatórios periódicos sobre o estado de nossos conhecimentos, assim como todos os outros ramos da atividade privada ou pública (indústrias, administrações, etc.)? A British Association confiou a comissões especializadas a função de elaborar relatórios sobre os progressos científicos realizados em determinada área. Isso permite que se possa acompanhar o movimento das ideias e dos fatos da ciência sem ter de ler a massa inteira da literatura do assunto. Para dividir o trabalho, essa leitura é feita por alguns para todos.

A Chemical Society publica anualmente relatórios sobre os progressos realizados nos diferentes setores da química durante o ano.[3]

241.4 Coleções. Coletâneas de textos. Comentários

As coleções, coletâneas e comentários encontram-se entre as grandes obras bibliográficas. Sua elaboração exige enorme volume de trabalho.

Várias questões devem ser examinadas: a publicação de coleções de obras nas quais cada uma constitui uma individualidade; as coletâneas de textos que não são obras inteiras; a análise de textos e os princípios a serem seguidos na sua publicação; a reprodução de manuscritos, principalmente pelos processos fotográficos; os comentários de obras.

241.41 Noção

a) *Coletânea* é o nome genérico atribuído a um conjunto, uma reunião de leis, peças, escritos, obras em prosa e verso e também trechos de música, estampas, etc. As coletâneas abrangem, portanto, várias obras com características comuns ou que tratam de uma mesma questão. Por exemplo: coletânea de leis, coletânea de discursos, coletânea de peças de teatro. As grandes coleções de ordens religiosas (beneditinos e jesuítas:

---

[1] Exemplo: o *Annuaire du Canada 1927–28* publicado pelo Bureau Fédéral de la Statistique, seção da Statistique Générale (um volume de 1 122 páginas) leva como subtítulo *Répertoire statistique officiel des ressources de l'histoire, des institutions et de la situation économique et sociologique de la puissance*. Procede, por transformações sucessivas, do *Annuaire et Almanach* publicados desde 1867.

[2] O *Année Sociologique*, fundado por Durkheim (Paris: Alcan), retomou sua publicação com a colaboração do Institut Français de Sociologie. Com 150 páginas de contribuições ele contém pelo menos 400 páginas de bibliografia analítica onde não apenas são analisados livros, mas também onde os fatos são repartidos e organizados.

3 Exemplo de relatório: *L'état actuel de la science*. Rapport de M.E. Picard. Artigo de Adhémar na *Revue de Philosophie*, 1901 ou 1903.

os bolandistas), as dos legados papais, as dos historiadores. Exemplos: *Collection des pères de l'Église*, *Collection des conciles*, *Collection des bollandistes*, *Collection des mémoires de l'histoire de France*, *Recueils de traités*.

b) O objetivo das coletâneas e coleções é organizar e publicar, sem omissões ou erros, todos os documentos relativos a uma questão. A impossibilidade material de reunir certos documentos existentes justifica a existência de obras que reproduzem e analisam os conteúdos originais. Algumas reedições têm como alvo evitar as cansativas pesquisas nas publicações originais. Ex.: tabelas estatísticas retrospectivas publicadas pela estatística internacional de movimentos populacionais.

c) A coletânea corresponde a uma atividade bibliográfica fundamental que, por sua vez, relaciona-se com uma instituição intelectual fundamental. As coisas se agrupam e se reúnem de início na mente, apresentando-se numa forma não material. Foi neste sentido que Cousin disse: "A história é uma coletânea de experiências nas quais pode-se estudar a lei do pensamento humano." O agrupamento, a reunião de documentos considerados como unidades, como entidades documentárias distintas, pode ser feito de modo bem diferente, segundo o objetivo colimado, os princípios escolhidos e a base da ordenação.

d) As gerações desenvolveram esforços para nos legar vastas coletâneas de textos nas condições em que agora as possuímos. As edições aperfeiçoam-se de forma incessante, tanto no texto quanto na forma de apresentação.

241.42 Espécies, tipos de coletâneas e coleções

Existe uma grande quantidade de espécies de coletâneas e coleções.

a) *História*. Para estudar os documentos de uma maneira histórica, sentiu-se a necessidade de deles fazer edições críticas estabelecidas por meio da comparação metódica de diferentes manuscritos. Compreendeu-se a vantagem de reuni-los em grandes coleções (principalmente as coleções alemãs para a Idade Média). Também foram reunidas inscrições em *corpus*. Foi preparado o catálogo dos manuscritos de autores antigos e iniciado o inventário de documentos inéditos de arquivos.

Na área da história foram reimpressas peças isoladas e formados *corpus* ou coletâneas de documentos que são os principais instrumentos e as principais iniciativas da erudição histórica antiga e moderna.

A maioria dos documentos históricos está reunida em coletâneas que os tornaram de fácil acesso. Alguns exemplos: com o título de *Monumenta germaniae* foram feitas coletâneas de documentos relativos à história da Alemanha. O *Recueil des ordonnances des rois de France* é uma vasta coletânea in-fólio iniciada no reinado de Luís XIV e continuada depois.

No início do século XVIII o estudioso Muratori reuniu as mais notáveis fontes da história medieval italiana. Para a época foi um esforço maravilhoso de saber e crítica e o *corpus* mais completo de textos históricos do século VI ao XVI para a Itália, uma suma indispensável de pesquisas. O comendador S. Lapi projetou e concluiu a nova edição — *Rerum italicarum scriptores* — que, depois de sua morte, foi finalizada por Carducci e Fiorini. A descoberta de manuscritos que Muratori não chegou a conhecer e que acreditava estarem perdidos, a nova orientação dada à crítica histórica quanto ao estudo das fontes e a preparação de seus textos e os meios mais amplos e mais exatos de pesquisa e reprodução de que podemos dispor com essa finalidade permitiram renovar a obra de Muratori.

"Minha edição", disse Lapi, "seguirá, em cada uma de suas partes, a ordem dada por Muratori à sua coletânea e dela reproduzirá, salvo algumas exceções justificadas, todos os textos e respectivos prefácios. Cada página levará a indicação da página correspondente na edição de Muratori. Minuciosos índices analíticos, fundidos em um índice geral no fim da obra, acompanharão cada um dos documentos. Cada volume conservará a numeração que recebeu na edição original, porém, sempre que for necessário, ele será dividido em partes, cada uma das quais formará um ou vários tomos, com numeração própria, de modo que, embora venham a ser publicados com intervalos e parceladamente, será fácil encontrar seu lugar no esquema da coletânea inteira. Uma numeração, que continuará a dos volumes que compõem a coletânea de Muratori, será atribuída aos volumes de *aggiunte* (suplementos) publicados por Tartini e por Mittarelli. Essa numeração se estenderá aos outros volumes que espero vir eu mesmo a acrescentar, abrangendo os textos que Muratori não pôde inserir na coletânea, mesmo que tenham sido já editados ou estejam inéditos, no todo ou em parte."

A coletânea das crônicas belgas inéditas, publicadas por determinação do governo pela Commission Royale d'Histoire, já abarca 125 volumes in-4°. Em toda parte dá-se continuidade à publicação de materiais de arquivos e manuscritos, salvando-se da destruição e da inutilização uma razoável quantidade de peças que são os vestígios do passado. Esse trabalho é acompanhado de uma revisão comparada dos textos, a fim de conseguir chegar a versões mais exatas. A confecção dos índices e sumários desses documentos continua ao mesmo tempo.

b) *Literatura*. Foram reunidas em coleções as obras literárias da Antiguidade e da Idade Média. Iniciativa semelhante foi iniciada para algumas obras modernas.

Edições excelentes de certas obras ou de obras completas de autores antigos facilitam a todos o acesso a tesouros de outrora. Por ex., as *Conciones latinae* (Falas latinas), o livro clássico dos retóricos no qual Henri Estienne, há três séculos, reuniu os melhores discursos, extraídos de Tito Lívio, Salústio, Tácito e Quinto Cúrcio; as *Narrationes*, coletânea de fatos históricos extraídos dos mesmos autores, para uso das classes do curso secundário.

c) *Coleções religiosas*. Patrologia. Cânon. Existem vastas coleções de documentos religiosos. A *Patrologia*, de Migne, obra que reúne toda a literatura da Igreja dos doze primeiros séculos. — As coleções canônicas da época de Gregório VII: essas coleções foram compostas com materiais fornecidos por imensas compilações empreendidas graças ao estímulo, ou pelo menos, com o consentimento do papa. Não foi de modo algum desprezível a contribuição das buscas realizadas no arquivo da Santa Sé e nas bibliotecas de igrejas e mosteiros para a renovação do direito canônico. — As *Regesta pontificum romanorum*, de Philip Joffé, continuadas por Potthast, abrangem 19 pontificados e resumem mais de 26 mil cartas.

A *Amplissima collectio conciliorum* (Mansi) [*Conciliorum omnium catholicae Ecclesiae collectio amplissima*]. Terá 50 volumes com tiragem de 350 exemplares. Conta com 279 assinantes. Para os anos até 1720, trata-se de reproduções e fac-símiles das obras de Mansi, Coleti e do suplemento de Mansi para a obra de Coleti. A partir de 1720 foram feitas continuações tipográficas para Marin e Petit. A obra tem como finalidade centralizar em uma única coleção todos os documentos relativos aos concílios.

As *Anedocta maredsolana* publicadas por dom Germain Morin, monge beneditino da abadia de Maredsous, constituem coletâneas de textos relativos à antiga literatura cristã. Na maioria inéditos, são publicados acompanhados de notas críticas.

d) *Coletâneas jurídicas*. As coletâneas jurídicas figuram entre as maiores coleções. Abarcam a legislação e a jurisprudência ou decisões de cortes e tribunais. Serão vistas juntos com a documentação, e o direito será incluído nesse grupo.

O *Recueil des traitées* publicado pela Liga das Nações em virtude do artigo 18 do Pacto, abrangia, no final de 1932, 125 volumes com quatro índices gerais, tendo publicado mais de três mil tratados ou compromissos internacionais. As coletâneas publicam informações úteis sobre a prorrogação de compromissos, as modificações que possam ter sofrido, adesões, retificações e denúncias de que tenham sido objeto. Esses anexos refletem, portanto, a situação exata das relações entre os Estados.

e) *Livros diplomáticos*. Aos livros diplomáticos foram atribuídas denominações baseadas nas cores. Assim, o livro vermelho (Espanha), verde (Itália), branco (Inglaterra, assuntos exteriores), azul (Inglaterra, assuntos internos, *blue book*).

f) *Coletâneas de documentos científicos*. Todas as ciências possuem documentos que marcaram época e que se tornaram clássicos. Eles foram objeto de coleções publicadas. Ex.: *Classical documents of the theory of evolution*. *Les maîtres de la pensée scientifique*, coleção de artigos e obras publicados sob os cuidados de Maurice Solovine e que deverá abranger as contribuições mais importantes de todas as épocas e de todos os países.

A Bibliothèque égyptologique (Paris: Leroux, 1879-98), fundada pelo sr. Maspero. O autor anunciava a intenção de reeditar em uma coleção, de formato e preço acessíveis, as obras dos egiptólogos franceses dispersas em diversas compilações e que até então não havia sido possível reunir. Extraí-las dessas coletâneas, agrupando-as e assim formando um instrumento de trabalho, um monumento.

O serviço de antiguidades egípcias, que a França estabeleceu no Egito, prepara um catálogo geral das antiguidades egípcias onde serão encontrados reunidos todos os documentos relativos ao Egito. Esse serviço solicitou colaboração, por via diplomática, através do ministério de assuntos exteriores, aos governos estrangeiros.

g) *Coleções gerais*. Com a denominação de 'biblioteca' ou nomes similares, são publicadas obras em série. Em algumas coleções cada volume é independente mas o conjunto forma uma unidade. Ex.: L'Évolution de l'Humanité: toutes les histoires fondues en une seule. Paris, La Renaissance du Livre. — Bibliothèque Utile (Alcan); Bibliothèque Populaire; Bibliothèque des Actualités Industrielles; Bibliothèque de Philosophie Scientifique; Bibliothek der Allgemeinen und Praktischen Wissenchaften; Webers Illustrierte Catechismus.

Os *Meyers Volksbücher* formam uma coleção de obras populares ao preço unitário de dez pfennigs. Seu número passa de dois mil volumes. A Universal Bibliothek de Reklam, por 20 pfennigs. Nelson's Six-Pence Classics. All unabridged.[1]

h) Não confundir as obras editadas com a intenção de formar coleções e as coletâneas factícias constituídas *ad libitum* nas bibliotecas públicas e

[1] Pellisson, M. -- 1906, Collections de livres à l'usage du peuple. *Bulletin de Bibliothèques Populaires*, avril 1906. Breve histórico das coleções até então publicadas.

particulares por meio da encadernação em um único tomo de várias obras diferentes. (Ver encadernação.)

i) Dá-se muitas vezes o nome de coletânea a publicações periódicas que podem ser tanto de periodicidade invariável quanto simplesmente ininterrupta, aparecendo quando oportunas e com numeração sequencial. Ex.: as publicações em fascículos de certas repartições de estatística. Outro ex.: *Annales du Musée du Congo*, divididos em séries, cada uma das quais compreende um número indeterminado de tomos, cada tomo abrangendo um certo número de fascículos.

Foram criadas séries de monografias com títulos genéricos. Ex.: *Historische Studien* (E. Ebering), *Literarische Forschungen* (E. Felber).

j) Entre as coleções podemos colocar as obras completas de um autor.

241.43 Publicação de textos

241.431 *NOÇÃO*

Um dos trabalhos mais importantes consiste em remontar à fonte, aos documentos originais. As ideias dos estudiosos que viveram em tempos antigos estão dispersas nas obras de citadores. Muitos dos sábios da Idade Média têm uma parte de suas obras espalhada nas obras dedicadas a comentários. Uma grande quantidade, portanto, de livros antigos só é conhecida por meio de fragmentos, de traduções ou citações.

Os fundadores de grandes doutrinas (por ex., Zenon e Crisipo) somente chegaram ao nosso conhecimento por intermédio de textos datados de muitos séculos depois e que não representam suas ideias em sua integridade. Desde cedo os discípulos ou os comentadores destruíram a unidade do sistema; eliminaram trechos que, com base em seus próprios princípios e as necessidades de sua época, lhes pareciam mais áridos e dentre estes ainda fizeram suas escolhas.

Recorre-se aos textos quando é preciso justificar fatos, com rapidez e segurança, ou para oferecer um exemplo cômodo ou convincente das ideias.

É preciso não confundir a matéria-prima com o produto fabricado, ou seja, as fontes históricas com as narrativas feitas com base nessas fontes; entre os testemunhos e a transformação desses testemunhos, isto é, as fontes e a capacidade de decifrá-las. É preciso, portanto, que haja textos, e textos exatos. Nada de textos mutilados, truncados ou reproduzidos de forma inexata.

A correção dos textos é matéria importante. Como atribuir a um autor um texto se essa atribuição aceita palavras que não são devidas a ele ou suprime as que lhe são devidas. Gui Patin (1602–1672) afirmou que havia contado numa primeira vez mais de seis mil erros, e, depois, mais de oito mil, no Plutarco, de Amyot.

O texto representa as próprias palavras do autor em oposição às notas, glosas, comentários. A restituição de textos alterados pertence especialmente à filologia e à crítica, ciências cultivadas desde a Antiguidade, mas que adquiriram em nossos dias grandes avanços, graças principalmente aos progressos da linguística e da história. Não seria ocioso recomendar que se recorra ao estudo inteligente dos textos. "É esse o caminho mais curto, o mais seguro e o mais agradável para qualquer tipo de erudição", afirmou La Bruyère.

O Congresso Internacional de Editores, de Berna, 1905, aprovou uma moção sobre as bibliotecas profissionais (advogados, médicos, arquitetos).

241.432 *REGRAS PARA A PUBLICAÇÃO DE TEXTOS*

A publicação de textos fez surgir regras e recomendações diversas das quais apresentamos as principais. Pouco a pouco vão se destacando das melhores práticas, sendo codificadas.[1]

a) Publicar os textos integrais, o que é diferente de uma seleção de trechos ou de uma coleção denominada 'obras-primas' ou 'grandes clássicos'.

b) Publicar todas as obras da literatura de uma certa língua ou de um certo país e de uma certa época.

c) Estabelecer os textos com base nos métodos que presidem os trabalhos filológicos e com aparato crítico apropriado.

d) Apresentar as obras tal como foram mostradas a seus contemporâneos e conforme a última vontade do autor. Reproduzir o texto da última edição e na ortografia da época.

e) Fazer com que a obra seja acompanhada de: 1° prefácio introdutório de boa extensão e que seja de leitura atraente; 2° aparato crítico; 3° notas; 4° glossário de termos; 5° variantes; 6° informações bibliográficas.

f) As edições críticas devem ser estabelecidas em função direta da tradição manuscrita e não com base em uma edição anterior. O texto deve apoiar-se na totalidade dos manuscritos que possuam alguma autoridade e não em um manuscrito arbitrariamente pinçado dos outros, mesmo que seja o melhor.

Os textos das edições críticas são publicados incluindo as variantes de diferentes impressões e, se for o caso, as diversas redações de manuscritos. Muitas vezes as edições são acompanhadas da indicação das fontes e de um comentário histórico e filológico.

g) O *aparato crítico* mostra todos os lugares em relação aos quais existe a suspeita de erro de composição, seja devido ao autor ou por sua negligência. Ele aponta qualquer contradição, qualquer inverossimilhança de fatos, qualquer anacronismo, qualquer passagem obscura ou ambígua, qualquer incorreção gramatical, qualquer anomalia métrica ou prosódica, qualquer 'pluripartição' orientada, qualquer falta de proporção, de simetria.

h) *Numeração*, chamadas numéricas, paginação, numeração de linhas. Nas edições críticas de obras em versos, numeram-se os versos de cinco em cinco, de quatro em quatro, de três em três, ou com base na análise das estrofes e outras unidades maiores. Se o texto for em prosa, no interior de uma divisão preexistente, livro, capítulo ou parágrafo, foi proposta a divisão em frases e incisos. As frases que formem um sentido completo são numeradas com expoentes prepostos: [5] sed..., [6] tamen. No interior das frases, incisos de sentido completo podem ser diferençados por letras como expoentes: "*Sed*... [a]*nunc antem*... [b]*non modo ne*... [c]*sed etiam*..." Semelhante divisão dispensa a numeração das linhas que aumenta os custos de composição. Permite, além disso, incluir no aparato chamadas definitivas, o que diminui o trabalho, as possibilidades de erro e os custos de revisão de provas. Esse sistema possibilitaria no futuro chamadas exatas, independentemente de qualquer paginação e numeração de linhas.

---

[1] Princípios para a edição da coleção das universidades da França. Princípios da Société des Textes Français Modernes. – Havet, Louis. *Règles pour éditions critiques. Règles et recommandations générales par l'établissement des éditions Guillaume Budé. Établis à l'usage des collaborateurs de l'association Guillaume Budé.*

i) A *disposição*. Quando uma tradução é acompanhada do texto original para facilitar sua compreensão dela constituindo uma espécie de comentário contínuo, cada página da tradução receberá o mesmo número da página do texto a que corresponde. Os parágrafos da tradução serão os mesmos parágrafos do texto original. Os números dos capítulos e de outras divisões importantes do texto serão repetidos na tradução.

j) Multiplicar as alíneas (abrir parágrafo) em cada capítulo, em cada parágrafo, em cada grande unidade de conteúdo, a intervalos de 10 a 20 versos, a cada trecho de texto que termine com uma frase de sentido completo e quando a totalidade do texto formar uma espécie de unidade lógica. Isso facilita a consulta e evita durante a impressão um número excessivo de recorridos de linhas quando da emenda de erros.

k) Entre duas chamadas numéricas, o aparato crítico se decompõe em unidades críticas separadas por traços duplos verticais: || A cada unidade crítica corresponderá um trecho de texto nitidamente definido, de modo que seus limites coincidam em todas as fontes indicadas. Ex.:

|| erat alius Prisc: erat B. Non, alius erat DE || *

l) *Títulos correntes*. Os livros, cantos, capítulos, parágrafos, atos e cenas contidos em cada página serão anunciados por meio de um título corrente.

m) *Chamadas e índice*. Não há nada mais cansativo do que consultar uma série de chamadas do tipo comum. I, II, 3; III, 4, 5; II, V, 13; XIV, VII, 22; 25. Isso se deve a que as diversas chamadas não têm a mesma forma e também porque é preciso prestar atenção à natureza dos sinais de pontuação que representam as abreviações. Será mais vantajoso, pelo menos nos índices, empregar algarismos arábicos separados por vírgulas, escrevendo cada chamada sem se preocupar com as outras e de forma integral: 1, 2, 3; 1, 3, 4; 1, 3, 5; 2, 5, 13; 14, 7, 22; 17, 7, 25. Apesar de repetir números de divisões superiores, esse sistema poupa um pouco de espaço, ao mesmo tempo que relaxa o olho e a mente.

n) Às vezes, na publicação de textos, depois de estudos e comparações das fontes: 1° conservam-se certas imperfeições, mas, ao invés de conservá-las no interior de um texto que deve servir aos estudos, elas são deslocadas para notas; 2° conservam-se os títulos tradicionais dos artigos indispensáveis aos leitores, mas que não se encontram no manuscrito reproduzido; 3° para tornar o texto mais utilizável, ele é transcrito segundo a ortografia moderna (latim ou línguas vivas); 4° estabelecem-se as referências exatas citadas no texto quando elas não se apresentarem dessa forma.

* Significa que os dois primeiros elementos (*erat alius*) assim aparecem na fonte Prisc. (o gramático latino Prisciano); que *erat* é como aparece no manuscrito B; e *Non, alius erat* é como está nos manuscritos D e E. (Com agradecimento ao professor Lucas Dezotti.) [N.E.B.]

241.433 *TIPOS DE PUBLICAÇÃO DE COLETÂNEAS*

a) Para explicar Aristóteles, Alberto Magno empreende uma extensa paráfrase, que segue o plano geral das obras e onde o texto das versões latinas é totalmente absorvido. Paráfrase recheada de interpolações, adornada de observações pessoais, incorporando uma multidão de materiais emprestados de comentadores árabes e judeus e que se inspira na preocupação de iniciar os profanos em um imenso tesouro do saber. Intermináveis digressões sobre diversos assuntos entrecortam a marcha das ideias; *praeter hoc digressiones facilmus* é uma fórmula favorita. Elas dão a impressão de que o autor almejava ali registrar uma erudição inesgotável.[1]

1 Maurice Dewulf. Le milieu intellectuel d'Albert le Grand. *Rev. Catholique des Idées et des Faits*, 1933.01.27.

b) Uma edição recente da *Suma teológica*, de santo Tomás, de A.D. Sertillanges O.P. (Tournai, Desclée 1925) apresenta cada página dividida ao meio, com o texto latino na metade superior e a tradução francesa na metade inferior. O artigo como no texto é cercado por suas objeções e suas respostas. No pé das páginas suas notas muito breves e pouco numerosas, para não tornar pesado o texto, são acrescentadas sempre que é preciso elucidar um ponto obscuro ou uma dificuldade textual. Cada volume é acompanhado de: 1° um apêndice que apresenta notas explicativas relativas ao próprio texto do tratado e às ideias gerais de santo Tomás e concordantes com as notas expostas alhures; 2° um apêndice que contém informações técnicas de ordem mais geral relativas à doutrina exposta no tratado: aspectos diversos sob os quais essa doutrina pode ser estudada; 3° índice analítico de assuntos.

c) Uma nova coleção intitulada Documentation Internationale acaba de aparecer. O primeiro volume é consagrado a Contantinopla e seus estreitos. "Não de modo sumário", diz o sr. de Lapradelle, "não com alguns esboços, mas *in extenso* a íntegra das peças que o governo soviético extraiu dos arquivos russos. Não se poderia tratar aqui, seguindo as estritas regras do método documentário, senão de uma tradução integral, sem qualquer omissão; qualquer corte parece com efeito sempre mais ou menos subjetivo. O único método verdadeiramente científico, que traz em si mesmo, até na aparência, a característica e a prova de sua objetividade, é a publicação integral..."

O dr. Mardrus, comparando e coligindo as inúmeras variantes da história da rainha de Sabá, produziu um texto árabe do qual publicou a tradução.[1]

241.44 Comentários de textos

A edição de textos não prescinde de comentários que ultrapassem amiúde o mero estabelecimento do escrito original para penetrar no pensamento dos autores. Há imensos comentários da Bíblia, do Corão, do Talmude, das *Sentenças* de Lombardo, e modernamente dos códigos jurídicos, incluindo, mais recentemente os tratados internacionais.

Os comentários acrescentam-lhes versões ou reproduzem as versões de autores indicando suas fontes. Há dois casos (por ex., comentários de Dante), onde as notas somente foram limitadas pela necessidade de deixar em cada página espaço suficiente para o texto.

Durante séculos a cultura consistiu em discutir textos ao invés de estudar as realidades por meio da observação ou de experiências!

241.5 Catálogos

1. *Noções*

a) O catálogo constitui uma espécie de obra bem característica. É também uma forma elementar de exposição, quer aplicada à escala de uma obra inteira, querse situe entre os elementos de uma obra complexa.

b) O catálogo foi definido como: lista, rol de pessoas ou coisas ordenadas segundo certo critério. O catálogo fornece as características das coisas tais como elas resultam de seu exame e análise. O catálogo é o 'documento' no qual se registram as coisas. Os catálogos são os inventários (levantamentos), os guias das pesquisas, as chaves das coleções.

[1] Fasquelle, Paris, 1917.

c) Há termos sinônimos ou equivalentes empregados com sentidos que o uso privilegiou, devido sobretudo ao objetivo proposto. O catálogo é uma lista lógica, elaborada com cuidado, com método, segundo uma ordem que sirva para dar a conhecer a importância do conjunto e muitas vezes com detalhes específicos sobre cada objeto.

O *cadastro* [*dénombrement*] visa sobretudo a dar a conhecer principalmente coisas ou pessoas. O *estado* [*état*] visa a dar a conhecer a situação exata das coisas, a fim de que a reflexão possa em seguida, se necessário, vir a modificá-las, aperfeiçoá-las, compará-las com outras coisas da mesma natureza. O *inventário* [*inventaire*] é a lista de objetos, principalmente para fins jurídicos ou econômicos (lista de bens feita após a morte de alguém, do estoque de uma loja ou de uma fábrica, de um museu), e cuja finalidade é dar a conhecer o valor total desses objetos ou permitir sua *verificação* [*récolement*]. A *lista* é pura e simplesmente uma série de nomes apropriados para designar cada um dos objetos que se precisa conhecer, acompanhada eventualmente de alguns pormenores úteis. O *repertório* [*répertoire*] informa sobre os objetos em uma ordem apropriada para se recuperar cada um deles em caso de necessidade; não é simplesmente, como o inventário, a lista de coisas encontradas, pois é principalmente a lista de coisas a serem encontradas, a serem buscadas. (*Reperire* = reencontrar.)

d) O catálogo encontra-se entre as obras mais úteis. Trata-se de um instrumento indispensável para os pesquisadores e os estudantes. É também a base das aquisições científicas, a forma fundamental que assume o inventário da natureza dos conhecimentos humanos, das obras e das riquezas criadas.

e) Entre as diversas espécies de catálogos, os que dizem respeito aos livros ocupam um lugar notável; são os catálogos de editoras, de livrarias, de bibliotecas e principalmente as bibliografias. Delas trataremos em seções posteriores.

f) Além da documentação propriamente dita e dos catálogos aos quais ela dá origem, existem os catálogos de objetos, de seres, de fenômenos e de pessoas.

g) Um imenso esforço (catalografia) é realizado, com maior ou menor divisão do trabalho, e continuidade, mas que se persegue incansavelmente ao longo do tempo. Podemos imaginar o momento em que esses elementos poderão estar concentrados e assim constituírem um único conjunto homogêneo e orgânico, um catálogo universal do qual o Repertório Bibliográfico Universal seria apenas a parte dedicada aos livros e aos documentos. Isso seria de valor inestimável para a ciência, os estudos e as aplicações técnicas e sociais.

2. *Características*

a) Cooperação e continuidade. Os catálogos são por excelência obras coletivas e contínuas e que visam à totalidade. Vão se completando, se suplementando e melhorando sem parar, de obra em obra, de edição em edição; o trabalho dos pioneiros incorpora-se ao dos seguidores. Com o aumento do número dos objetos a catalogar ou com sua mudança de posição ou de sua situação é preciso haver continuidade no trabalho.

b) Progressos realizados. Por causa de suas características, a obra catalográfica aperfeiçoou-se em várias direções: 1° regras precisas e convencionais para a redação dos registros; 2° organização do trabalho, re-

partição das tarefas e centralização do trabalho executado; 3° recurso à fotografia como observador, testemunha objetiva; 4° sistema de fichas que facilita as intercalações e, por conseguinte, a cooperação e a continuidade.

c) Os catálogos de objetos de coleções são amiúde contribuições de primeira categoria para o estudo da matéria. Isso acontece se os autores se preocuparem em analisar minuciosamente os objetos catalogados, a descrevê-los de modo que correspondam suas descrições a verdadeiras 'diagnoses', se, além disso, tiverem o cuidado de, depois da análise, resumir as considerações de síntese em alguma introdução ou conclusão, enfim, se acrescentarem uma bibliografia ou referências às coleções similares. (Ex., o catálogo monumental de instrumentos de música chineses no Musée des Instruments de Musique de Bruxelas, de Victor Mahillon.

d) As descrições catalogadas permitem organizar catálogos de coleções determinadas de espécimes ou duplicatas como simples inventários que remetem, no caso de necessidade de informações completas, para os números das descrições feitas uma única vez.

3. *Espécies de catálogos*

Os catálogos são de diversas espécies:

1° Quanto ao objeto ao qual se referem: a) catálogos de coisas: materiais, seres naturais, fenômenos, fatos e acontecimentos; b) catálogo de documentos ensejados pelas coisas.

2° Quanto à extensão do campo abrangido: a) catálogo de existência (a universalidade de coisas ou de documentos similares); b) catálogo de um conjunto, de um depósito ou de uma dada coleção.

3° Quanto à forma material: a) catálogo em forma de classificador; b) catálogo em forma de fichas.

4° Quanto à ordenação: as diversas bases da classificação, assunto, lugar, tempo, forma, língua, etc., expressas pelos diversos tipos de notação, palavras arrumadas em ordem alfabética, números, símbolos numéricos ou alfabéticos.

4. *Tipos de catálogos*

a) Catálogos de estrelas. Os catálogos de estrelas são tabelas que contêm, para um lugar e uma época determinados, a lista das estrelas fixas visíveis, com indicação, sobre cada uma, de seus elementos astronômicos, a saber: longitude e latitude celestes ou ascensão e declinação. Existe uma longa tradição de catálogos de estrelas desde Hiparco (1 022 estrelas), Ptolomeu, Albategni, Ulugh Beg, Tycho Brahe, Kepler, Hevelius (1 654 estrelas), Flamsteed (2 910 estrelas), Lacaille. Por volta de 1860, graças aos trabalhos de Lemonnier, Mayer, Bradley, Maskelyne, von Zach, Delambre, Piazzi, Bessel e outros, os observatórios possuíam catálogos que relacionavam mais de cem mil estrelas dos dois hemisférios, até a 12ª grandeza, e logo pelos catálogos de nebulosas organizados por W. Herschel, Messier, etc. (quatro mil). O conhecimento acumulado produz a cada ano um catálogo das posições de certo número de estrelas notáveis com as variações das ascensões retas e da longitude para todos os dez dias.

Atualmente os catálogos visuais de estrelas apresentam as coordenadas equatoriais de 300 mil desses astros. O catálogo fotográfico compreende quase dois milhões de estrelas. Obra colossal, cuja iniciativa, assumida pelos franceses, remonta a 1884. Imenso inventário celeste que

transmitirá aos astrônomos do futuro o estado do céu em nossa época.

b) Flora e fauna. As obras que descrevem floras e faunas e os manuais de história natural são, em certo sentido, catálogos ou prolongamentos deles. Apresentam uma descrição completa das plantas e dos animais, de todos ou de algumas espécies, de um país ou de uma região, de uma localidade, de suas propriedades úteis. São frequentemente acompanhadas de mapas botânicos ou zoológicos, etimologia dos nomes, quadros analíticos para localização dos nomes de famílias e gêneros, quadro sinóptico de famílias, índice alfabético de famílias, gêneros, espécies e sinônimos. São acompanhadas de figuras.

Uma sociedade da Alemanha está planejando a publicação da introdução ao reino animal.

Das Tierreich é o título de uma grande obra de resumos de zoologia publicada pela sociedade de zoologia da Alemanha.

c) Catálogos comerciais. O catálogo é uma lista e uma descrição de produtos, uma apresentação ao público das qualidades comerciais desses produtos. É um caixeiro viajante silencioso. O catálogo é uma publicação destinada à realização de negócios. Em seu catálogo o fabricante descreve as vantagens e os pormenores de suas mercadorias, as facilidades de que dispõe para fabricar produtos uniformes e de boa qualidade. Ele descreve os processos de fabricação e a perfeição do acabamento. Esforça-se, de todas as formas a seu alcance, para convencer o leitor de que as mercadorias que fabrica ou vende são justamente aquelas que mais lhe convêm, excluídas as outras.

Os catálogos comerciais adquiriram grande importância. As descrições apresentam especificações. Os objetos são numerados: às vezes contêm também as palavras de um código convencional. Recebem cuidados especiais: apresentação estética, ilustrações abundantes, redação técnica, precisão e informação científica. Os preços, variáveis, são amiúde informados numa lista diferente do catálogo.

d) Catálogos-guia. Uma forma nova de catálogo está a se multiplicar. Quando o trabalho de inventariar ou publicar todas as coleções supera os recursos financeiros ou de mão de obra, faz-se um guia das coleções, o qual fornece informações ao mesmo tempo sobre a instituição, sua organização, seus diversos fundos e suas obras importantes.

241.6 Tabelas e quadros

1. *Noções gerais*

a) Está em curso a constituição de toda uma técnica de elaboração de tabelas e quadros (tabulação). O texto em linhas contínuas e parágrafos se desdobra em uma tabulação, com o texto em colunas e células. O objetivo do quadro é melhor ordenar os dados segundo suas afinidades, dar-lhes uma ordem sequencial, diretamente visível, destacá-los, eliminar lacunas e repetições, facilitar a comparação, realçar as relações entre os diversos dados.

A tabela consiste, portanto, em uma redução das matérias apresentadas metodicamente de modo que se possa ver o conjunto em um relance.[1] Muitas vezes são simples resumos e se ligam aos pontos principais.

b) Quando se trata de dados que formam conjuntos, coleções de fatos, tem-se uma vantagem: 1° padronizar a redação; 2° dispor os dados em

[1] Tabela deriva do latim *tabula*, prancha, tábua, pedaço plano de metal ou pedra que serve para escrever ou gravar, donde, escrito, lista, registro e, enfim, pintura em painel de madeira, quadro.

quadros com colunas dedicadas a cada um dos elementos a serem registrados. Pode-se assim consultá-los conforme as diferentes entradas, além de se conseguir uma uniformidade que melhora a facilidade de consulta.

c) Nas tipografias entende-se sob a denominação genérica de 'quadros' todos os trabalhos com colunas, fios e colchetes, como estatísticas, registros, inventários, tarifas, preços correntes, faturas, etc. O quadro é a página enquadrada e dividida em compartimentos separados por fios.

d) Em sentido figurado um quadro é uma exposição panorâmica sobre o estado de uma coisa ou de uma questão. Com tal sentido o mesmo nome é atribuído a certos documentos. Por exemplo, considera-se conveniente que seja produzido, de tempos em tempos, um quadro dos progressos da ciência em todos os campos. (Balanço das ciências.)

e) Há grande número de categorias ou espécies diferentes de tabelas. Aqui serão vistas apenas as principais.

2. *Quadros sinópticos*

Os quadros sinópticos têm a finalidade de permitir que se abarque em um relance as diversas partes de um todo, e proporcionar uma espécie de visão de conjunto. Esses quadros servem tanto para ressaltar com clareza uma classificação, quanto para facilitar as comparações entre objetos, épocas e países diferentes.

Existem, então, duas espécies de quadros sinópticos: 1° aqueles que têm como finalidade mostrar um encadeamento científico (ex. quadros de métodos de Jussieu em botânica); 2° os que têm por finalidade lembrar os fatos comparados.

O quadro sinóptico colocado no final de uma obra, de um capítulo ou de uma lição, 1° fixa o conhecimento; 2° facilita a recapitulação.

Os quadros facilitam a compreensão e a memória: falam aos olhos. Assim, por ex., em gramática temos o quadro das declinações, o quadro dos verbos, etc. Spencer criou vários quadros sinópticos de documentos da sociologia antes de redigir seus princípios.[1]

Condorcet falava de quadros sinópticos por meio dos quais os alunos poderiam percorrer uma verdadeira enciclopédia.

3. *Tabelas estatísticas*

A tabela estatística é toda uma arte. Uma arte que se desenvolveu paralelamente à ciência estatística e sob o império dos grandes trabalhos realizados pelo Instituto Internacional de Estatística, visando a tornar precisos, comparáveis e extensíveis os dados numéricos.

Um quadro estatístico é um agrupamento de dados segundo uma certa ordem muito expressiva, onde as relações respectivas dos dados são indicadas pelo lugar ocupado do mesmo modo que pelo cabeçalho: quadro dos principais valores em caixa dos bancos, etc.

---

[1] Spencer, Herbert. *Descriptive sociology or groups of sociological facts*. (Em francês por James Collier. Paris: Alcan, 1 v. in-fólio.)

H. Spencer realizou, com a ajuda de três colaboradores, o inventário ordenado dos fatos em que deve basear-se toda a sociologia. Esses fatos permitiram a elaboração de diversas tabelas históricas sinópticas, em colunas, com base nos diferentes fatos, e em extratos textuais de obras ordenadas segundo o tema social tratado. A obra deveria estender-se às sociedades não civilizadas, às sociedades civilizadas que entraram em decadência e às sociedade civilizadas ainda florescentes. De todo o trabalho concluído somente pôde ser publicado um primeiro volume, pois Spencer investira 4 425 libras e só recuperou com as vendas 1 054 libras.

4. *Tabelas cronológicas*

Esse gênero de tabelas dispõe as matérias em ordem de data. Em história, são inúmeras. Por ex., *Table chronologique des chartes et diplômes imprimés concernant l'histoire de la Belgique* (Bruxelles, 1866–1892, 8 v. in-4°) por A. Wauters, sob os auspícios da Académie de Bruxelles.

5. *Tabelas genealógicas*

Essas tabelas têm por finalidade mostrar claramente os vínculos de parentesco, descendência e união existentes entre os membros de uma família humana. São de grande importância nas dinastias, nas famílias principescas, nas famílias nobres (ver armas e brasões) e, por causa de heranças, em todas as famílias em geral.

6. *Tabelas diversas nas ciências matemáticas, físicas e naturais*

Em ciência, denomina-se tabela um quadro em que se encerram os resultados numéricos de cálculos efetuados diretamente e, também, de experiências. Trata-se, então, de séries de números ou observações que se inscrevem em uma ordem metódica para facilitar as pesquisas.

1° Em matemática as tabelas têm como objeto evitar ao operador cálculos longos e fastidiosos ao fornecer os resultados calculados nas hipóteses tão próximas quanto possível umas das outras. Esse é o objeto das tabelas de multiplicação, de logaritmos, de senos e tangentes, de função elíptica e a tábua de Pitágoras ou tabela de multiplicação que fornece todos os produtos de dez por números simples multiplicados dois a dois. É o tipo mais antigo, o tipo clássico de tabela numérica.

2° Em astronomia, as tabelas têm origem em cálculos baseados tanto em leis empíricas resultantes da observação, quanto em leis matemáticas da mecânica celeste. Essas tabelas, submetidas a verificações diárias, servem para orientar os práticos (por ex., os navegantes).

3° Em física e em química as tabelas têm a experiência como única origem. As leis de fenômenos sendo desconhecidas, elas são substituídas por um quadro dos valores correspondentes, das causas atuantes e dos efeitos produzidos.[1]

4° Qualquer que seja a natureza do fenômeno reduzido em forma de tabela, esta terá entrada simples ou dupla, conforme o resultado ou o efeito dependa de uma única causa ou dado ou de duas causas ou dados.

a) Uma tabela de entrada simples contém somente duas colunas onde uma delas contém o valor da causa e a outra o do efeito. As células de ambas as colunas se correspondem conforme uma regra estabelecida que, naturalmente, tem por base comum a justaposição. As tábuas de logaritmos, de senos, de tangentes, grande número de tábuas astronômicas, as tabelas de dilatação de diferentes corpos pelo calor, etc., são tabelas de entrada simples.

b) As tabelas de entrada dupla são formadas de linhas mais ou menos prolongadas e em número maior ou menor segundo o maior ou menor valor atribuído a cada uma das causas consideradas. Em geral, são dispostas de modo a formar um quadro retangular inscrevendo numa linha ho-

[1] G. Bigourdan. *Le climat de la France*, 1916. Os quadros resumem uma quantidade imensa de observações longa e laboriosamente recolhidas por um grupo de observadores, munidos dos melhores instrumentos. E as curvas que ajudaram a construir traduzem-se imediatamente de maneira clara. Oferecem o meio de conhecer, para o ponto que se desejar, os valores médios mensais de temperatura e pressão quase como se ali houvesse uma estação meteorológica.

rizontal diferentes valores da primeira causa, numa linha vertical o valor da segunda causa, e seguindo o resultado na célula colocada na interseção da coluna que corresponde ao valor da primeira causa e da linha que corresponde à da segunda. Assim são a tábua de Pitágoras onde os dois dados são os dois fatores do produto; as tabelas de funções elípticas onde os dados são a amplitude e a excentricidade.

c) Uma tabela de entrada tríplice, isto é, uma tabela onde o resultado dependeria de três dados, para ser construída segundo o mesmo princípio exigiria as três dimensões; ela não seria realizável, portanto, em uma folha de papel, a menos que se recorra aos processos da geometria descritiva. Normalmente, em seu lugar, o que está longe de ser vantajoso, fazem-se várias tabelas de entrada dupla, em que cada uma tem como argumento o valor da terceira causa.

7. *Tabelas de constantes numéricas*

A compilação de dados numéricos extraídos de diferentes trabalhos publicados (coeficientes) dá origem a um tipo de obra *sui generis*.

As tabelas anuais internacionais de constantes e dados numéricos ressaltam os dados mais importantes de química, física e tecnologia. — O volume IV abrange cerca de 1 300 páginas de quadros. Foram eliminados os dados dependentes de condições experimentais ou relacionados a sistemas mal definidos. Os títulos das publicações correspondentes e alguma bibliografia acompanham cada quadro. Isso é o que se denominou 'documentação numérica'.

Tabelas críticas internacionais de dados numéricos de física, química e tecnologia são também publicadas pelo U.S. Bureau of Standards. O conselho nacional de pesquisas norte-americano criou um comitê incumbido da publicação de tabelas críticas.

Seria conveniente ampliar para todas as ciências a publicação de tabelas de características ou constantes. Esses dados essenciais para a constituição das ciências encontram-se dispersos em inúmeras obras e periódicos. A documentação precisa, incessantemente, agrupar e reagrupar dados obtidos, sistematizá-los, criticá-los e publicá-los de modo circunscrito a uma determinada classe de dados.

8. *Tabelas das leis da ciência*

Convém que cada ciência possua um repertório metódico e conciso dos grandes fatos estabelecidos, uma coletânea das leis que seriam para as ideias gerais dessa ciência o que são, por ex., para os fatos, as compilações de constantes numéricas. Entre as supostas leis e as chamadas regras universais, é preciso fazer uma firme triagem dos dados para cada um dos princípios enumerados, das fontes bibliográficas que permitam remontar às origens, apoiá-los com alguns exemplos típicos e indicar as exceções, diferençar com cuidado o que é realmente geral do que é somente válido em alguns casos, o que é provado do que não passa de indício preliminar. Léo Errera,* *Revue de l'Université de Bruxelles*, juillet 1898, p. 34. *Le recueil des lois de la biologie générale*, do sr. Herrera,* 1897, México, 147 + XII p., constitui um ensaio de codificação da biologia em leis e subleis.

* Abraham Léo Errera (1858–1905). Botânico belga. [N.E.B.]

* Alfonso Luis Herrera (1868–1942). Biólogo e mexicano. [N.E.B.]

9. *Outras tabelas*

As tábuas e índices de assuntos colocados *in fine* das obras; as tabelas de classificação científica ou bibliográfica e as tabelas sistemáticas das

ciências, as bibliografias e os catálogos que enumeram e descrevem as obras a partir de diferentes pontos de vista, não são senão espécies particulares da família das tabelas em geral. Disso se tratará alhures.

10. *Tabelas gráficas. Atlas*

a) Os quadros gráficos combinam ao mesmo tempo textos concentrados e dispostos sinopticamente, imagens de todos os tipos em conformidade com as ideias da melhor compreensão. Possibilitam a exposição rápida, completa, convincente, agradável e fácil de memorizar. O que prevalece é a economia de tempo.

Cada vez mais se impõe como uma lei imprescindível a visualização dos dados. Os esforços de nosso tempo apelam para os do célebre pedagogo tcheco J. A. Comenius (Komenski) que, para concretizar o princípio pedagógico que havia enunciado nestes termos lapidares — "as palavras com as coisas, as coisas com as palavras" — publicou no século XVII o primeiro livro didático com ilustrações: *Orbis sensualium pictus* (1648). Ele colocava em ordem os conhecimentos elementares, enunciando-os em frases curtas, em diversas línguas, e mostrava imagens representativas das coisas e ideias que as palavras exprimiam. É a primeira tentativa de ensino intuitivo. Alcançou um sucesso espetacular.

Quando o abade de l'Épée, valendo-se das iniciativas de Pereira,* publicou sua *Instruction des sourds-muets par la voie des signes méthodiques* (1774) e seu *Dictionnaire general des signes employés dans la langue des sourds et muets*, ele partiu desta proposição: "Fazer entrar pelos olhos na mente dos alunos o que entrou no nosso pelas orelhas."

* Jacob Rodrigues Pereira (1715–1780). Educador de surdos, francês, de origem portuguesa. [N.E.B.]

A superioridade da visualização é enorme comparada com a fala e a escrita que apresenta as abstrações de seu texto.

Chegou-se a elaborar um quadro ideológico do mesmo modo como se faz um quadro pintado: o pintor escolhe um assunto bem delimitado e o realiza na pintura. Dessa forma, ele pode se concentrar e levar a cabo uma obra inteira, acumulando-a pela repetição. Quem escreve, produz e ensina dispõe apenas do artigo, do folheto ou do livro. Está condicionado pelas dificuldades da impressão. Com o quadro ideológico ele pode lançar-se ao trabalho a partir de qualquer de suas partes e realizar exposições das quais poderá depois criar ou completar a série.

b) Existe todo um conjunto coordenado de meios de ilustração. Pode-se tomar um assunto (por ex.: o corpo humano) e visualizá-lo com a ajuda de fotografias em preto e branco e coloridas, pela reprodução de desenhos antigos, por meio de esquemas, pelos raios X, fotografia com microscópio, diagrama, mapas de repartição, etc.

c) Formas dos atlas. O termo atlas generalizou-se. Era aplicado de início a uma coleção de mapas encadernados. Hoje se aplica igualmente a coleções de estampas ou quadros relacionados a uma questão especial. O termo atlas tende assim a exprimir um formato geral. Ex.: *Atlas photographique du Rhône*, de A. Challey. *Atlas of physiological chemistry*, de Funke. *Atlas de microbiologie*. Um atlas da Lua, de Levy e Poiseux, na escala de um milímetro por 1 800 metros. Atlas anatômico.

241.7. Outras espécies de documentos

Seria necessário tratar aqui diversas outras espécies de livros e documentos que, por sua multiplicação e os princípios de sua editoração, constituem as famílias de toda a espécie bibliológica (o gênero *bibliologi-*

cum). Limitamo-nos a tratar sumariamente algumas espécies, a enumerar outras e a referir-se a outras partes deste tratado ou aos índices alfabéticos localizados ao final da obra.

a) *Catecismo*

O catecismo é uma obra que traz uma breve exposição sobre uma ciência ou arte, redigida na forma de perguntas e respostas.

As perguntas são bem claras. Todas as palavras contam, pois tem-se a preocupação de manter o pensamento alerta para uma pergunta à qual o espírito não soube responder e para a qual dá-se a resposta. É também uma forma de dividir uma apresentação. Entretítulos simples são muito concisos e não podem expressar as diferenças entre uma seção e outra.

b) *Código*

O código é um corpo de leis dispostas segundo um plano metódico e sistemático, ou uma compilação de leis e regulamentos de um país. Um código inclui tantos livros quantas são as matérias jurídicas. Existem as codificações oficiais e as codificações privadas. Assim, Pasquale Fiore apresentou um conjunto completo de normas jurídicas visando à organização jurídica da sociedade internacional, sob o título de *Droit international codifié*.[1] Não se trata de forma alguma, diz ele, de um conjunto de normas jurídicas possuidoras da mesma autoridade encontrada nas normas que constam de um código de leis positivas. Ele não nomeou sua obra *Code de droit international*. Ele se propôs, seguindo o exemplo de Paroldo, e em seguida de Petrushevees, de Bluntschli e Field, a expor, em formato de código, as normas do direito internacional, direito histórico, direito científico e direito racional, o que já existe e o que deveria tornar-se o direito positivo, com o intuito, antes de tudo, de apresentar ao público um sistema, tanto quanto possível, metódico e completo. Da mesma forma como o projeto de constituição mundial da Liga das Nações foi redigido.[2]

Os códigos são os instrumentos documentários da sistematização dos princípios, das leis e das regras. Pode haver códigos de ideias e códigos de prática. Ex.: Códigos de regras de uma profissão. Códigos de regras bibliográficas. Códigos de votações das organizações internacionais.

c) *Teses*

As teses são os trabalhos feitos pelos estudantes para obter certos graus acadêmicos. Sua importância bibliográfica é grande. Há, por exemplo, na biblioteca da Université de Lyon, 135 mil volumes de livros e 115 mil teses. As teses fazem avançar a ciência sobre pontos específicos; seus temas são com frequência atribuídos pelos orientadores que ajudam os estudantes a desenvolvê-los. As teses apresentadas nas universidades estão repletas de materiais recolhidos com atenção e método.

Em sentido amplo as teses são posições a respeito de certas questões polêmicas ou apresentadas pela primeira vez. Elas são explícitas (formuladas nos próprios termos pelos autores) ou implícitas (elaboradas por outros a partir de textos originais). Ex.: As teses de doutorado, as propostas cuja condenação é solicitada a Roma.

Uma tese de certa amplitude não pode ser condensada em algumas páginas sem perder a maior parte de sua força de persuasão.

---

[1] Nova edição. Paris, A Pedone, 1911.

[2] Paul Otlet. *Constitution mondiale de la Société des Nations*. Paris, Cres, 1917.

d) *Guias*

Guia é o título dado a um grande número de obras que contêm informações ou preceitos e conselhos de diversas naturezas. Ex. 'os guias do estrangeiro', Guide Joanne, Baedeker, guias azuis, as belas publicações do Touring Club Italiano, 'o guia das mães'.

Os guias de viagem (guia Baedeker, guia Joanne, guia azul, etc.) ocupam lugar especial entre os livros. Sua preparação intelectual exige viagens e pesquisas documentárias consideráveis, sondagens e colaborações diversas. Materialmente, possuem às vezes de 500 a 600 páginas, de composição miúda e compacta, em papel fino, podendo facilmente conter em um volume a matéria de quatro ou cinco romances. Sua tipografia é complicada, com vários corpos diferentes, entrecortados a cada instante por palavras em negrito, em itálico ou maiúsculas; os mapas e plantas desenhados, gravados e impressos especialmente, a maioria em várias cores, cada um dobrado e colado na página que lhe corresponde, e todo o conjunto é reunido e revestido de uma resistente encadernação flexível.

Na elaboração dos guias está presente um volume enorme de conhecimentos. São preparados com base em pesquisas, notas, correspondências e dossiês. Os guias apresentam uma rede de itinerários metódicos: o problema consiste em descrever uma superfície por meio de uma série de linhas entrecruzadas; como as malhas de uma rede, sendo cada malha estreita o suficiente para não deixar escapar nenhuma localidade interessante; cada cruzamento é provido de remissivas que permitem organizar comodamente todos os itinerários pessoais mais variados através dessas malhas. Nenhuma repetição, duplicação, sobretudo nenhum vazio. Cada coisa possui seu lugar lógico.[1]

e) *Índices de espécies*

Todos os trabalhos descritivos (espécies minerais e vegetais; localidades geográficas; personagens históricos) deveriam ser acompanhados de índices alfabéticos, mostrando todos os nomes citados de maneira a constituir uma contribuição direta ao estudo sistemático coletivo do assunto e entrar no esquema universal estipulado para a organização dos resultados da ciência.

f) *Relatórios*

O relatório é a prestação de contas que alguém faz de uma missão que lhe foi atribuída, de algo que lhe foi incumbido, de um exame que lhe competia realizar. É também a exposição de conclusões propostas sobre um projeto de lei e de regulamentos, de um projeto de resolução a ser tomada em reuniões de natureza científica ou social.

Fazem-se obras intituladas, por exemplo, 'relatório sobre o estado dos conhecimentos relativos a um assunto'. (Ex.: A. T. Masterman, *Report on investigation upon the salmon*, 1913.) O autor resume e desenvolve estudos de seus antecessores, faz uma crítica e apresenta suas pesquisas pessoais.

A criação de grandes órgãos internacionais especializados, oficiais ou privados, permitiu delegar a pessoal responsável e devidamente qualificado a elaboração de relatórios anuais sobre a situação nas diversas áreas. Assim, por exemplo, todos os anos o Instituto Internacional de Agricultura apresenta um estudo panorâmico sobre a situação agrícola mundial.

[1] Marcel Bonmarché. *Comment on fait un guide bleu. Toute l'Édition, 9 mai 1933.*

Nas universidades, as faculdades publicam seus relatórios anuais sobre a atividade científica original de seus professores e estudantes.[1]

A administração moderna faz-se por intermédio de relatórios escritos. Neles estão representados os gabinetes dos ministérios de relações exteriores. É através desses relatórios que o conhecimento chega aos gabinetes sobre o que acontece em todos os países, onde homens que lutam por objetivos precisos procuram manter em suas mãos o governo dos negócios. Para eles há necessidade de percorrer a cada segundo a Europa e o mundo inteiro, de ver um universo de pensamento e ação para o qual tantas pessoas permanecem cegas.

g) *Repertórios*

São coletâneas de certos fatos e dados e que constituem listas ou inventários. Os repertórios possuem afinidades com certos anuários e catálogos.

Organizam-se atualmente repertórios documentários cuja característica é tratar de uma única particularidade sobre um assunto, um único elemento visto sob todas as formas nas quais ele possa se tornar acessível. Assim são a bibliografia, a biografia, as constantes físicas e químicas, o *Répertoire des peintures datées.*

A Conferência Econômica Internacional de 1927, da Liga das Nações, recomendou (XI) que seja criado um repertório dos portos abertos ao comércio internacional, atualizado periodicamente.

h) *Documentos e obras diversas*

Um grande número de documentos e obras possuem nomes especiais. Por exemplo:

Nobiliário: livro que trata da nobreza e da genealogia das famílias.

Missal: livro litúrgico com as orações dos ofícios divinos e particularmente da missa.

Breviário: livro litúrgico, manual que contém as orações do ofício eclesiástico.

Antifonário: livro litúrgico que contém as antífonas e os hinos, e no qual a música era sempre anotada.

Encíclica: carta ou missiva que o Sumo Pontífice envia a todos os bispos do mundo católico. Assim como as bulas, são denominadas pelas primeiras palavras com que começam. Ex.: As encíclicas *Humano genus*, *Rerum novarum*, *Quadragesimo anno*.

Mensagem: comunicação oficial entre o poder legislativo e o executivo ou entre duas assembleias legislativas.

Minuta: extrato de um texto.

Álbum: é um livro em branco comumente encadernado com maior ou menor luxo e destinado a conter breves composições literárias, sentenças, máximas, peças musicais, assinaturas, retratos, etc. Existem álbuns em branco com cortes regulares nas folhas duplas para inserção de fotografias.

Cartas. Epístolas. Para os gregos e romanos, os escritos destinados à correspondência eram comumente expedidos em formato de rolo. Eram feitos inicialmente com folhas de papiros de pequenas dimensões; depois, a partir do século IV, passou-se a utilizar folhas de pergaminho. O

[1] Exemplo: Faculté de Pharmacie. Rapport annuel du doyen. *Annales de l'Université de Paris*, mai 1931, p. 193.

uso do papel de trapo começou no final do século XII, ou início do século XIII. A moda de separar o corpo da carta de seu envoltório data de aproximadamente um século. No princípio os envelopes eram feitos à mão, só mais tarde passaram a ser fabricados por máquinas. Dá-se o nome de epístola às missivas dos antigos que chegaram ao nosso conhecimento, em particular as cartas de são Paulo e de alguns outros apóstolos (ver Bíblia). As missivas deram origem a todo um gênero literário, muito amplo e bem variado, chamado de gênero epistolar. Ele compreende tanto as cartas escritas realmente aos correspondentes, quanto as obras escritas em forma de cartas, como as *Lettres provinciales*, de Pascal, as *Lettres persanes*, de Montesquieu, e os romances em forma de cartas.

Bilhete, tíquete, comprovante. Usado na administração. Pequeno documento cujo objetivo é comprovar que o portador pagou a tarifa da viagem. O comprovante de despacho de bagagem é o recibo da bagagem despachada que deve acompanhar o viajante no mesmo trem. É o equivalente da guia de remessa ou do conhecimento de embarque para o transporte de mercadorias por via terrestre ou aquática.

Comunicados. A guerra elevou os comunicados a gênero especial. Ele é o relato oficial de um acontecimento redigido por pessoas ou órgãos autorizados. Admiráveis de fato têm sido as expressões encontradas para minimizar as derrotas e maximizar as vitórias; para mentir enquanto se diz a verdade sem dizê-la. (Ver principalmente *Plutarque a menti*, de Pierrefeu.) O comunicado está em vigor nas chancelarias, nos conselhos de ministros e nas informações prestadas à imprensa por organismos de todos os tipos. Trata-se de apresentar os fatos em poucas palavras, torná-los interessantes e utilizá-los em proveito próprio.

Atos notariais. Há atos que são autenticados, desde a época dos romanos (*notae*), e realizar essa operação é função dos notários.

Atas de congresso. Há congressos para tratar de temas especiais e cujos relatórios constituem verdadeiras enciclopédias sobre uma nova questão.

Receitas. Em toda disciplina existem receitas práticas. Elas se transmitem comumente boca a boca ou pela prática. Um dia, acabam sendo escritas. Assim, se tecnifica e se cientificiza tudo o que foi empírico na vida, nas profissões, na educação dos filhos, na arte de conduzir os homens e os negócios.

Diário de bordo. O diário de bordo é o registro que o piloto de uma embarcação é obrigado a manter e onde registra regularmente, dia a dia, os ventos dominantes, o caminho percorrido pelo navio, a latitude observada ou estimada, as profundidades, etc., em suma, todas as observações que possam interessar à navegação. Pelo regulamento da marinha de 1689, o capitão comandante de uma nau real é obrigado a manter um diário exato de sua rota. Ao retorno de cada campanha esses diários são reunidos no depósito de mapas e plantas da marinha; e as observações e comentários que neles se encontram servem para aperfeiçoar a hidrografia e a construção das cartas marinhas.

Livro de registros (*stud book*). Livro onde seres vivos são registrados para se conhecer sua hereditariedade e seus ascendentes. Exemplo, o livro de registros de cavalos. O livro de registros de cães foi introduzido na Bélgica pela Société Royale de St.-Hubert. Foi implantado um livro de registros internacional para certas plantas.

Letreiros. O termo designa as tabuletas ou cartazes temporários com inscrições em grandes letras. Afixam-se em edifícios, casas e exposições.

Também são empregados para dar informação, e registrar protestos ou reivindicações em passeatas e manifestações.

Petições. As petições políticas avolumam-se graças aos angariadores de assinaturas e chegam às multidões. Uma delas chegou a alcançar 600 metros, com 5 035 697 assinaturas que reivindicavam a proibição da exportação de objetos letais. Foi entregue ao senado dos Estados Unidos. Reproduzida no cinema (maio de 1916). Uma petição-monstro foi aquela apresentada em Genebra na Conferência do Desarmamento, em 1932, organizada pela Liga Internacional das Mulheres; foi recebida pela assembleia e continha aproximadamente seis milhões de assinaturas.

i) *Categorias diversas*

Categorias de documentos e livros abrangem obras de diversas naturezas e diversos assuntos, mas apresentam certas características comuns. Por exemplo:

1° *Livros populares*. O grande movimento de difusão da ciência ao qual nós assistimos atualmente é inédito na história. Nas maiores épocas intelectuais de outrora, a ciência não saía de pequenos círculos e somente as publicações populares, difundidas pelos vendedores ambulantes, alcançavam as massas. Foi assim que os bestiários da Idade Média saíram de fontes pseudocientíficas. Da mesma forma, ainda hoje, os almanaques e as chamadas gravuras de Épinal.*

2° *Livros profissionais. Livros técnicos.* Sua importância cresce em razão da especialização, da complexidade e das incessantes mudanças da técnica. Mas, por outro lado, a introdução das máquinas retira seu valor dos conhecimentos individuais. Os livros profissionais evoluem para os livros de indústria.

3° *Obras ditas de divulgação*. Existe toda uma categoria de livros que não apresentam nenhuma ideia nova ou científica, mas que têm por objetivo colocar ao alcance do público informações que estavam expressas em termos científicos e em seu jargão complicado. Ex.: Livros de medicina para leigos, tratados de direito para leigos.

4° *Documentos de propaganda*. Pratica-se em nossas sociedades, graças à intervenção do livro, uma imensa propaganda, a propaganda feita por todos aqueles que querem convencer, persuadir e obter, por um interesse qualquer, a adesão dos espíritos. Todos os partidos políticos, governos e autoridades de diversos graus, obras filantrópicas, seitas filosóficas e religiões. Estudam-se, psicológica e sociologicamente, os diversos tipos de propaganda, em particular a propaganda das missões religiosas, dos revolucionários, dos governos em tempos de guerra. À mais intensa dessas propagandas deu-se o irreverente nome de 'lavagem cerebral'.

j) *Classes de obras segundo a forma*

Classes de livros foram estabelecidas em função da circunstância puramente objetiva e material, seja pelo número de páginas (livro, folheto ou folha avulsa), seja pela forma dos cadernos: em rolos (*volumen*), encadernado ou brochado (códice), móvel (fichas ou cartões-postais). (Ver o que foi dito sobre Forma em 221.2).

k) *Modalidades das obras*

Podem-se distinguir os livros segundo certas modalidades do estilo. Assim, há livros em que a exposição flui de modo contínuo e aqueles or-

* Estampas de temas populares, coloridas e ingênuas, em voga na Europa no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Seu criador, na cidade de Épinal, foi o francês Jean-Charles Pellerin (1756–1836), que as imprimia em sua Imagerie d'Épinal. [N.E.B.]

ganizados na forma de perguntas e respostas (chamados catecismos); há livros em que a narrativa se dá em voz direta, quando o autor emprega o pronome *eu*, ou quando, dirigindo-se a determinados interlocutores ele usa *você* ou *tu*;[1] ao contrário de livros que são impessoais. (Ver o que foi dito sobre Apresentação na seção 224).

241.8 Modalidades de uma mesma obra. Edição. Tradução. Extratos. Adaptações

Uma mesma obra pode assumir várias formas: as edições sucessivas, o estado de seus diversos exemplares, traduções, extratos, adaptações, transformações, empréstimos, cópias, citações, plágios; sua inserção na coleção das obras completas do autor ou em outras coleções de formas diversas; continuação em outras obras, pelo autor ou por outros autores.

241.81 Edição

a) A edição é a indicação relativa ao número de ordem de cada uma das impressões de uma obra. Não se devem confundir os termos tiragem, reimpressão e edição. Uns e outros significam o resultado da ação de imprimir uma obra. Mas a reimpressão é diferente de uma nova edição. Existe reimpressão quando se limita a reproduzir sem modificações, acréscimos ou cortes a edição anterior. Ela é feita empregando-se a composição original que foi conservada ou uma nova composição. Reproduz-se também em fac-símile por meio de processos especiais. Em princípio a edição nova implica modificação.

b) As edições são comumente numeradas e levam amiúde a menção 'nova edição', 'edição corrigida', 'edição revista e aumentada'. Por exemplo: 'Nova edição inteiramente revista e completada a partir das conferências de Haia de 1899 e de 1907'.

c) A edição é clandestina ou pública, definitiva ou provisória, aproximativa [*sic*] ou fac-similar, oficial ou privada, original ou *princeps*, realizada em vida do autor ou póstuma. Todas as obras produzidas estão longe de serem reeditadas. Razão pela qual, para os autores cujo valor foi reconhecido mais tarde, existem as reedições póstumas.

d) Certas edições são denominadas 'definitivas'. Expressão infeliz. O que é definitivo? A edição de 1917 das *Flores do mal*, de Baudelaire, foi acrescida ainda de um certo número de poemas em relação à edição dita definitiva.

e) Com frequência as edições posteriores distinguem-se da primeira somente por causa de uma melhor sistematização das ideias e uma documentação mais completa. A ideia principal permanece imutável. As diversas edições de uma obra constituem, de certa forma, sua evolução. Esta, em certa medida, combina com a evolução da ciência contemporânea. As edições posteriores devem completar a obra e corrigi-la de modo a acompanhar o progresso incessante das descobertas. A obra de um autor se aperfeiçoa através de edições posteriores. Uma obra que começou com algumas páginas acaba por formar um grosso volume. A edição posterior de uma obra se desenvolve e se aperfeiçoa com o tempo. Ela lembra o germe que cresce, a planta que morre a cada ano e renasce na primavera seguinte, toda renovada em sua seiva e seu verde, toda crescida após o repouso fecundo do inverno.

---

[1] Ex.: Gradet. *Cours d'architecture.*

f) Certas obras possuem cem anos de existência e por meio de edições sucessivas são constantemente rejuvenescidas através dos anos. Por exemplo, o *Stieler Atlas* editado por Julius Pertes (1ª edição em 1823). Da mesma forma o *Atlas Vidal Lablache* é constantemente atualizado, melhorando-se e completando-se. Há livros que se publicam em edições anuais. Ex.: os *Leitfaden für den Unterricht der Geographie*.

g) Um romance, antes de ser editado em livro, aparece atualmente em uma revista, ou como folhetim em um jornal. Há às vezes também memórias, narrativas de viagens, ou estudos científicos.

241.82 Exemplares

a) O exemplar é uma obra completa, abstração feita do número de páginas e também dos volumes e tomos que ela abrange. É uma unidade que faz parte da tiragem multiplicada de uma obra, de uma grande obra. Uma biblioteca, por exemplo, pode possuir três exemplares de uma mesma obra, um exemplar em um volume, outro em dois, o terceiro em quatro.

b) Os exemplares de uma obra, sobretudo de uma obra antiga, podem diferenciar-se pelo estado de completude ou de conservação, por notas manuscritas ou anexos. Essas modalidades agregam valor à obra e desempenham um grande papel em bibliofilia. Por outro lado, os exemplares participam das relações de propriedade com seus proprietários e trazem com frequência a marca disso em forma de inscrição, ex-líbris ou brasão gravado na encadernação.

241.83 Traduções

1. *Noções*

Tradução é a reprodução de uma obra, em ideias e palavras, mas em língua diferente. Lamentavelmente, se já é difícil conhecer bem a própria língua, é absolutamente impossível conhecer todas as línguas. Por outro lado a atividade literária se manifesta em quase todos os países. Temos que abrir mão de ler todos os autores no original. A função dos tradutores será, portanto, cada vez mais importante e cada vez mais necessária. Eles serão os agentes de ligação do espírito humano. Possam eles mostrarem-se exatos e vigilantes. Pela tradução se aprenderá a passar, de um povo para outro, os tesouros da sabedoria e das literaturas humanas. As traduções flexibilizaram, enriqueceram cada língua de palavras novas, aumentaram o cabedal comum das ideias filosóficas e morais, econômicas e científicas. As traduções permitiram também ao mundo conhecer obras que, se tivessem ficado confinadas no círculo de uma única língua, teriam podido ser lidas mas não compreendidas. Muitos livros se tornaram conhecidos somente graças à tradução.

As tendências nacionalistas atuais que levam os autores a escrever na língua de seus países, mesmo quando estes contam com uma população pequena, faz da tradução uma necessidade. Ex.: obras escritas em holandês, flamengo, finlandês, norueguês, islandês, búlgaro, etc.

Muitos autores buscam suas informações, suas ideias e mesmo sua composição em obras estrangeiras conhecidas somente deles. Daí uma pseudo-originalidade devida ao desconhecimento da língua dos outros países pelos não iniciados.

As traduções ajudaram a enriquecer o vocabulário das línguas. Graças a elas, sobretudo, as línguas nacionais se tornaram mais completas.

De há muito, os estudantes tchecoslovacos, durante seus estudos,

adotavam o costume de se apegar a uma obra estrangeira, a meditar sobre ela, a traduzi-la para uma língua que assim se tornava cada vez mais completa, enriquecendo a cultura nacional tcheca.

Pela transmissão, pela reprodução das obras particulares de cada povo entre outros povos, uma verdadeira comunhão espiritual poderá se instalar entre todas as partes da humanidade.

2. *Histórico*

Traduzir é uma prática muito antiga, principalmente quando o estudo dos idiomas ainda era menos desenvolvido. Ptolomeu Filadelfo fez traduzir para o grego, em benefício da biblioteca de Alexandria, um número aparentemente imenso de obras trazidas, segundo se conta, de todos os países do mundo. É preciso fazer uma menção especial aos tradutores judeus, que desempenharam um papel importante, apesar de pouco conhecido, como intermediários intelectuais durante toda a Idade Média. Alguns traduziram para o árabe obras gregas, ou para o hebraico obras em árabe e siríaco; eles próprios copiavam com frequência originais gregos, e as versões hebraicas eram depois traduzidas para o latim, e foi por esse caminho que uma parte das obras de Aristóteles, Avicena, Averróis e vários estudiosos da Antiguidade parecem ter chegado ao conhecimento da Europa ocidental. Sob a dinastia de Han, na China, os livros budistas trazidos da Índia eram oficialmente traduzidos. Com as últimas edições, a Bíblia está traduzida atualmente para 886 línguas ou dialetos.

3. *Traduções características*

Existem algumas traduções famosas ou características. A Septuaginta (a Bíblia traduzida para o grego), a Vulgata (a Bíblia traduzida para o latim), a tradução de Aristóteles feita na Idade Média. A tradução de Delille das *Geórgicas,* de Virgílio, o *Paraíso perdido,* de Milton, traduzido por Chateaubriand, a *Divina comédia,* de Dante, traduzida por Lamennais; a *Ilíada,* de Homero, por Leconte de Lisle, a tradução de Shakespeare, por François Victor Hugo.

As Éditions Montaigne (Paris) publicam a coleção Les Chefs-d'Oeuvre de la Littérature Allemande [*sic*], com o texto original e tradução ao lado, acompanhada de um estudo aprofundado do autor, bem como a gênese e as fontes da obra. Notas no final do volume.

4. *Disposições tipográficas das traduções*

Vários disposições foram dadas às traduções. Tradução justalinear, às vezes em duas cores. Tradução em nota de rodapé. Publicação em duplo texto lado a lado.[1] Tradução em partes separadas (volume do professor, volume dos alunos ou volume com os exercícios corrigidos).

5. *Dificuldades da tradução*

A tradução apresenta quatro espécies de dificuldades:

1° Conhecimento de línguas por parte do tradutor.

2° A ausência de palavras e expressões para encontrar o equivalente de uma língua em outra sem debilitar ou modificar, por menos que seja, os efeitos, cores ou nuanças do texto.

3° O esforço para fixar aquele algo quase evasivo, todavia essencial,

[1] Ver, por exemplo, *Formation de la houille*, par le prof. Potomé, traduit par le R. P. Gaspar Schmitz S.J.

aquele sopro com que o espírito do autor penetra em toda a obra e lhe dá vida, movimento, individualidade, talvez comparável ao princípio vital nos corpos organizados.

4° O obstáculo que opõe às equivalências as diferenças de sentimentos, costumes e ideias, causadas por diferenças de séculos, raças e climas.

Quantas dificuldades para bem traduzir: sentidos contrários, traduções inexpressivas e incompletas. Os 'falsos amigos' ou as traições do vocabulário inglês; Koessler e Derocquigny dizem muito sobre isso, bem como o que lhe acrescenta a recensão feita por F. Boillot (*French Quarterly*, v. X, n° 4, p. 2). Toda palavra tem uma história. As palavras se apresentam envoltas em uma atmosfera devida às associações de ideias que costumam acompanhá-las e que uma tradução literal, embora a única correta, é impotente para revelar. As palavras mudam de significado conforme as profissões. Os estalajadeiros são temíveis.*

* Seria esta frase eco da leitura dos capítulos II e III, de *Dom Quixote*, em que o estalajadeiro se mostra hábil na escolha de palavras que o fizessem sintonizar com o desvario do cavaleiro? Cf. Cervantes Saavedra, Miguel de. *Obras completas*. Madrid: Aguilar, 1975, t. II, p. 311-318. [N.E.B.]

As palavras também pertencem às classes sociais, como os indivíduos, e a confusão de classes é altamente inapropriada na linguagem. Ocorre com frequência uma espécie de descompasso na evolução de palavras de mesma estrutura em francês e em inglês. Esse descompasso afeta seu valor intelectual, moral ou social, separada ou simultaneamente.

Cuidado com as metamorfoses. Elas possuem um grau de desgaste, isto é, um poder de evocação de reconhecimento difícil para um estrangeiro. Uma obra traduzida sempre apresenta uma soma de erros, ambiguidades e subentendidos.

Traduttore, traditore, diz o provérbio italiano. Montesquieu afirmou: "As traduções são como aquelas moedas de cobre que possuem o mesmo valor de uma moeda de ouro e até são de maior utilidade para o povo; mas são sempre fracas e de liga ruim." Madame de Sévigné comparou os tradutores com os criados que vão transmitir uma mensagem de seu mestre e dizem o contrário do que lhes foi ordenado.

Os deslizes dos tradutores têm sido enormes. *Crocodilos*, o réptil, foi traduzido por *crocodile* [*sic*]; a cidade de Corfinium virou um capitão Corfinium; *Omnis bonus liber*, o homem de bem é livre, foi traduzido como: todo livro é sempre bom em qualquer lugar. Traduziu-se: "é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um homem rico entrar no reino dos céus". O tradutor confundiu *kamelos* (camelo) com *kamilos* (corda).[1]

6. *Métodos de tradução*

A tradução é um trabalho mais completo que a versão; esta, a rigor, consiste apenas na substituição de uma palavra por outra de igual sentido numa língua diferente, enquanto a tradução exige todas as mudanças requeridas pela diferença que pode existir no gênio das duas línguas. Nas escolas, chama-se comumente de versão os exercícios em que, no estudo das línguas, traduz-se em língua materna os textos escritos em outras línguas. O tema, é o oposto, trata-se da equivalência em outro idioma de um texto escrito em língua materna. Algumas traduções são fiéis, palavra por palavra; outras constituem interpretações de estilo livre e fluido.

Há correntes de pensamento que há muito discordam quanto à abordagem que se deve dar à tradução.[2] Para algumas, é necessário ser literal

[1] As antigas traduções latinas de obras árabes de medicina contêm inúmeros erros. No projeto de edição de um *Corpus medicorum arabicorum*, foi mencionado que era preciso levar em conta as traduções que difundiram a medicina árabe no Ocidente e assinalar as diferenças entre as traduções e os textos originais.

[2] Um bom tradutor, já dizia santo Tomás (no prólogo do opúsculo contra os erros dos gregos), deve, sempre

(fotografar o original). Para outras, é preciso "proceder à ressurreição em uma nova pátria de uma literatura que jaz em seu túmulo: é a nova vida de um verbo passado em um verbo presente".

É o caso por exemplo de Homero, Moisés, Virgílio, Dante e Shakespeare pensando e falando francês. Mas constata-se que traduzir assim torna os autores muitas vezes irreconhecíveis. Há imitação, não mais tradução.

A tradução alemã de Shakespeare por Schlegel e Tieck está eivada de erros e, apesar disso, graças a essa tradução incorreta, Shakespeare é mais bem compreendido na Alemanha do que nos países anglo-saxões, tendo se tornado um patrimônio quase mais alemão do que anglo-saxônico.

Um código de recomendações a serem seguidas nas traduções poderia ser extremamente útil.[1]

O esforço a ser feito para a aproximação das raças e, primeiramente, sua compreensão mútua, permanece imenso. Não se fala a mesma língua de ideias, é preciso fazer traduções não palavra por palavra, mas sentido por sentido. Editaram-se livros sobre isso. Por exemplo, na Índia: *The mysterious kundalin; the physical basis of the kundalini* (*hatha*) *yoga in terms of Western analogy and physiology* by Dr. Vacant G. Rele. Bombay, D. B. Taraporevala, Sons & Co.

Por vezes, o autor elimina passagens muito especiais no país de origem ou ele leva em conta as críticas feitas ao seu livro, dando ao seu pensamento uma expressão mais correta. (Ex.: *Socialisme théorique de Bernstein*, traduzido por A. Cohen.)

Uma grande iniciativa pode ser empreendida traduzindo-se obras de vanguarda de uma ciência, sem se limitar à transcrição fiel de um idioma ao outro, mas acrescentando prefácio, comentário e notas. Ex.: a tradução da *Origem das espécies* para o francês, em 1862, por Clémence Roger.

7. *Área da tradução*

Em geral, qual a proporção do pensamento escrito traduzido nas várias línguas? Para se avaliar isso, seria interessante estabelecer alguns coeficientes segundo a fórmula Aa = Ab ± Ac ± Ad ... ± Az.

O número de traduções aumenta constantemente, mas também cresce o número de obras originais. De fato, constata-se: 1° Que nem tudo foi traduzido. Não se traduzem todas as obras, nem todos os autores. Para ser traduzida, uma obra precisa ter grande notoriedade. 2° Traduz-se com atraso. 3° Traduz-se incompletamente (em geral, apenas a obra principal do autor). 4° Traduz-se mais ou menos exatamente. 5° As traduções geralmente se limitam a uma ou duas edições, rapidamente superadas pela publicação sucessiva de três ou quatro edições revistas do original.

8. *Aplicações da tradução*

Constatam-se avanços na ampliação do 'poliglotismo em publicações', particularmente em periódicos. Ex.: 1° Muitos periódicos publicam sumários e resumos em vários idiomas. Por exemplo o *Bulletin de la Fédération Dentaire Internationale* apresenta a tradução para inglês, francês e alemão de cada artigo. 2° Nos congressos internacionais, as resoluções são traduzidas para vários idiomas e, às vezes, os relatórios. 3° A sociedade de relações culturais entre a URSS e o exterior, sob a direção do prof. R. N.

---

preservando o sentido das verdades que traduz, adaptar seu estilo ao caráter da língua em que se exprime.

[2] Ver a esse respeito: *Some notes on translations for students taking the Library Association language test by Thomas D. Pearce*. The Library Association, May 1933, p. 94

Petrof, publicou uma revista ilustrada em três idiomas: francês, inglês e alemão. Seu radiojornal é transmitido em inglês, alemão, francês, espanhol e holandês, alcançando toda a Europa e até os Estados Unidos.

9. *A organização da tradução*

O trabalho de tradução pode ser deixado à própria sorte e à iniciativa individual, ou seria conveniente encorajá-lo, dirigi-lo e ajudá-lo? A segunda hipótese parece ser a correta e é aquela que vem sendo tentada, mesmo que timidamente.

1° O Congresso dos PEN Clubs de 1928 preconizou uma espécie de centro referencial de traduções e tradutores (bibliografia de traduções e lista de tradutores, etc.).

2° *Index Translationum*. O repertório internacional de traduções é publicado pelo Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. Fornece trimestralmente a lista de traduções publicadas nos principais países e extraídas das bibliografias nacionais. De início, ele anunciou as traduções publicadas na Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e Itália. (O n° 1, de julho de 1931, por exemplo, contém 915 títulos.)

3° No relatório do sr. Ciarlantini sobre traduções, a secretaria permanente do Congresso Internacional de Editores está encarregado de um estudo favorável à criação de um órgão internacional de informações sobre traduções, editores de todos os países que publicam, a bibliografia dessas traduções e a clientela de seus leitores.

4° A associação dos tradutores de Moscou propôs-se a familiarizar os leitores da URSS com as obras selecionadas de literatura estrangeira e vice-versa, o leitor estrangeiro com a literatura soviética; assumir a defesa dos interesses sindicais dos tradutores; melhorar as condições de trabalho premiando com garantias coletivas a qualidade das traduções. (*Bulletin de V. O. X.* n° 36, p. 19.)

5° Certos governos e certos grupos se preocupam em dar um caráter menos aleatório à tradução. Constitui elevado dever intelectual divulgar obras úteis publicadas em outras línguas. Por exemplo, há traduções feitas por encomenda, como a de *Psychologie de l'éducation*, de Lebon, feita por ordem do grão-duque Constantin, presidente da academia russa de ciências.

6° É interessante lembrar um decreto proposto por Talleyrand ao Comité de l'Instruction Publique em 1791, que dizia: "As diretorias das bibliotecas tomarão medidas para garantir que todas as obras publicadas em todos os gêneros e em todas as línguas sejam compradas com fundos especiais. Esses livros, após terem sido registrados, serão examinados pelas classes respectivas do Instituto, e aqueles que forem indicados por elas serão traduzidos, no todo ou em parte, por intérpretes designados para esse fim, em número suficiente, para as bibliotecas". Este decreto não foi cumprido.

241.84 Extratos. Antologia

De uma obra fazem-se extratos, seleções, citações longas e múltiplas; publicam-se trechos, partes e fragmentos. De um conjunto de obras são organizadas antologias, umas gerais, para divulgar e apreciar uma literatura, outras especiais para divulgar um assunto pelos melhores autores que escreveram sobre ele. Ex.: os florilégios, coleções de trechos de obras de poetas ou prosadores.

O autor ou seus editores, em vida ou postumamente, às vezes coletam, em uma ordem lógica e coordenada, as melhores páginas escritas sobre assuntos específicos. (Ex.: *La vie future*, página do reverendo padre Monsabré, por J. Chapeau).[1]

241.85 Adaptação. Transcrição

a) Não se trata de uma cópia (reprodução), mas de transformação do texto original com um propósito útil. Dois objetivos em particular: 1° Adaptar um texto a uma categoria de leitores. A tradução para outro idioma é o caso típico. As 'edições destinadas a' são outro caso típico. Nelas, as palavras difíceis são substituídas por outras mais simples, e se multiplicam as notas explicativas. Assim, para as edições escolares (ex., *Epitome historiae sacrae*, em latim, extraído da Bíblia, por Lhomond), também para obras de divulgação (ex., as obras de Nikolai Rubakin). 2° Dispor os elementos de um texto em ordem diferente, de leitura mais fácil. Este caso se distingue do resumo e do extrato, do qual ele geralmente participa, por essa característica de ordem invertida. Por exemplo, para a mecanização das operações administrativas e contábeis dos dados de uma empresa, os dados dos documentos originais (contratos, cartas, atas) são transcritos. A paráfrase de uma carta-contrato, por exemplo, é a reprodução do original em que apenas algumas palavras foram modificadas ou substituídas.

b) Versão. As edições da obra de um autor preparadas sob sua orientação constituem em grande parte uma história das modificações de seu pensamento ou das novas condições em que pôde exercer seu trabalho. 2° Um autor pode, a esta altura, ter transformado sua própria obra, que passa a ser menos uma edição do que uma nova versão. Montherlant reivindicou o direito do autor, "até a idade do pé na cova, de rever e corrigir suas obras". Um escritor, diz François de Roux, deve ser livre para melhorar e até danificar uma obra sua. As diferentes versões de uma obra de primeira categoria nunca se perdem, e cada um, enquanto o autor estiver vivo, pode sempre escolher sua preferida.

c) Os livros fundamentais e os livros sagrados acabaram recebendo uma redação 'histórica'. As transcrições, omissões, aditamentos e traduções conseguiram exercer uma influência dissolvente sobre a forma original de expressão.

d) A adaptação da obra pode ser feita para uma destas formas: literária, musical, teatral, cinematográfica, fonográfica ou radiofônica. Assim, faz-se uma peça de um romance, faz-se um romance de uma peça e também um roteiro de filme. Ex.: *Sapho*, de Daudet .

c) Nos livros didáticos elementares, encontra-se o volume do professor separado do volume do aluno. Trata-se de um rearranjo da mesma matéria.

f) Existe uma estreita relação entre tradução e adaptação.

As ideias precisam de tradução e adaptação para se propagar de um povo a outro. "Para nascer e durar, as fórmulas do marxismo pareciam estranhamente distantes", disse Dmitrievsky (nas conclusões do Kremlin).* "Dir-se-ia que foram escritas em uma língua estrangeira absolutamente incompreensível ao povo. Mais adiante, descobri que somente Lenin soube traduzir o marxismo para o russo."

* As palavras entre parênteses, incompreensíveis no parágrafo, correspondem ao que está no original: *dans les conclusions du Kremlin*. Gralha tipográfica, pois o autor estaria se referindo ao livro de Sergey Dmitrievsky intitulado *Dans les coulisses du Kremlin* [*Nos bastidores do Kremlin*], editado em Paris, em 1933. [N.E.B.]

[1] *New learned history for ready reference*. Esta obra é exemplo de extrato feito pelo autor. Trata da história universal em forma de dicionário. Os verbetes reproduzem as próprias palavras que foram utilizadas pelos melhores historiadores do mundo, com citação exata das fontes.

241.86 O novo e o plágio. Empréstimo. Cópia. Citação

1. *Noção*

O plágio consiste em inspirar-se diretamente em outros livros sem citá-los; publicar temas idênticos; ideias emprestadas de terceiros, em grande número, para produzir imitações de textos.

O plagiário, em todos os graus, apropria-se de um trecho, uma frase ou uma palavra de um autor respeitado, para inseri-los em seu trabalho, limitando seu esforço a adaptá-los ao seu pensamento; ou faz extensos empréstimos ou mesmo se apropria de toda uma obra.

Em 1868, La Bruyère afirmou: "Tudo foi dito e chegamos muito tarde, pois há mais de sete mil anos que existem homens que pensam."

2. *Histórico*

O plágio é praticado desde os tempos mais remotos. Os romanos emprestaram dos gregos (por ex.: Fedro escreveu suas fábulas com base em Esopo; Cícero emprestou dos filósofos). Virgílio, que escreveu o *Sic vos non vobis*, foi convencido, entretanto, a tomar emprestado versos inteiros de Ênio. Shakespeare emprestou de autores obscuros, dizendo que assim queria afastar uma jovem das más companhias, levando-a para boas companhias.

No século XVIII era comum emprestar dos antigos. "Tirar dos antigos e tornar propriamente seu o que eles escreveram é como piratear fora dos limites; mas roubar de seus contemporâneos, apropriando-se de seus pensamentos e suas produções, é como assaltar à noite nas ruas e roubar casacos na ponte Neuf." * La Fontaine emprestou muitas de suas fábulas de Esopo por intermédio de Fedro. Voltaire plagiou, Alexandre Dumas plagiou e justificou o plágio em geral de Schiller a Walter Scott, a Chateaubriand.

* La Mothe le Vayer, François de (1588–1672). *Oeuvres*. Paris: Augustin Courbé, 1662, t. 2, p. 1052. [N.E.B.]

"São os homens, e não o homem, que incitam; cada um tem sua vez, toma posse das coisas conhecidas de seus pais, implementa-as mediante novas combinações, depois morre, após adicionar algumas parcelas à soma dos conhecimentos humanos legada aos filhos; uma estrela na via Láctea." *

* Dumas, Alexandre (1802–1870). Comment je devins auteur dramatique. *Revue des Deux Mondes*, t. 4, 20 déc. 1833. [N.E.B.]

Toda epopeia e tragédia antigas retomadas pelos modernos possuíam uma mesma matéria. Molière não tinha nenhum escrúpulo em furtar, ou melhor, em se servir do que precisasse lá onde encontrasse. Lê-se em *Stello*, de Alfred de Vigny, um capítulo inteiro copiado de Chamfort. Jean Lorrain inseriu em um artigo frases de Rimbaud. Houve o caso do sr. Benoit e de *L'Atlantide*, tributário de *She* do inglês Haggard. Musset disse: "É preciso ser ignorante como um mestre-escola / para se gabar por dizer uma única palavra / que alguém cá embaixo não tenha dito antes. / É como imitar alguém que planta batata!" *

* Musset, Alfred de (1810–1857). *Premières poésies 1829-1935*. Paris: Larousse, 1907. [N.E.B.]

3. *A questão do plágio*

A questão do plágio foi formulada da seguinte forma: em que medida um autor, mesmo que suas fontes nos escapem, tem um compromisso com seu tempo, com sua formação moral, com seus modelos literários e, mais geralmente, com seus predecessores na carreira? Tem ele o direito a reivindicar uma originalidade efetiva de conteúdo e forma?[1]

A noção de propriedade literária é moderna. As épocas lhe eram indi-

[1] M. Wilmotte. *Qu'est-ce qu'un plagiat?*

ferentes, quando a personalidade do escritor se apagava atrás de sua obra. Com frequência, ele sequer sonhava em assiná-la, pois ou tinha boas razões para isso (sua posição, suas funções ou a prudência levavam-no a que não o fizesse), ou estava ciente do humor daqueles que o leriam; para eles pouco importava quem era o criador: a criação absorvia toda a atenção e monopolizava o interesse.

Nos manuscritos dos séculos XII e XIII, é excepcional que uma canção de gesta seja assinada; a quantos autores diferentes não foram atribuídas as produções mais belas da lírica antiga? Mesmo o maior escritor da Idade Média francesa, Chrétien de Troye, não se livrou dessas variantes desconcertantes. Tanto se corta um poema que ele certamente compôs, como lhe é atribuída a infeliz paternidade de escritos que lhe fazem menos honra do que o seu. A mais bela epopeia da Idade Média francesa, o *Roland* é anônima. (Maurice Wilmotte.)

4. *Espécies e modalidades*

Cabe distinguir:

a) A imitação: é o pasticho. Uma série *À la manière de* [à maneira de], fórmula exemplificada por Charles Müller e Paul Reboux. (Gênero continuado por *La page arrachée* [a página arrancada]).*

b) Encontros ou acaso, mais frequentes do que se acredita e que deram origem ao provérbio 'os gênios se atraem'.

A fraude literária ou cópia de uma obra inteira. O uso desse fundo comum, de suas inevitáveis banalidades às quais a inteligência está condenada, assim como o corpo ao movimento

As fraudes literárias eram muito familiares aos escritores do século XVI. Eles gostavam de fingir, sob uma capa de antiguidade e uma latinidade agradável e florida, uma elegia ou algum epigrama que lembrava seu Catulo e seu Marcial. Atribui-se a Vièves a reconstituição à sua própria maneira de algumas *acta diurna* com centões de Cícero, Tácito, Suetônio, Plínio e os escólios anedóticos de Ascônio Pediano.[1]

d) Citação. Na ciência as verdades se acumulam e, na qualidade de verdades, tornam-se 'lugares-comuns'. É impossível avançar na redação de um trabalho se cada frase tiver de ser remetida ao autor original. Como a literatura tem a criação como característica que lhe é inerente, nela o empréstimo é julgado com severidade. Em história e em filologia, por exemplo, as citações são estritamente obrigatórias porque são ciências baseadas em testemunhos ou textos. A citação destina-se também a encaminhar às fontes, onde podem ser encontrados os argumentos mais bem desenvolvidos.

A citação pode ser feita literalmente. Ou, então, resume-se a ideia do autor citado. É possível também informar ao leitor que convém consultar determinada obra, ou indicar a bibliografia do assunto.

5. *Reconhecimento do plágio*

É um trabalho considerável reconhecer as fontes consultadas por outros, os trechos usados textualmente. Existem métodos para conseguir isso, os quais foram aplicados para reconstituir, por intermédio de outras obras, escritos (passagens) de autores de obras desaparecidas, por exemplo, por meio de grandes codificações [*sic*].

* Paul Reboux (1877–1963) e Charles Müller (1877–1914) publicaram, com enorme sucesso comercial, dezenas de livros cujos títulos começavam com as palavras *à la manière* de seguidas dos nomes dos autores que eram objeto do pasticho. *La page arrachée* (1933) é de autoria de Jeanne de Coulomb (pseud.) (1864–1945), autora prolífera de mais de uma centena de romances de folhetim. [N.E.B.]

[1] Quérard. *Les supercheries littéraires*.

241.87 Obras completas

A obra de um autor pode ocupar um lugar na coleção de suas obras completas ou em outras coleções formadas segundo diferentes critérios.

De certas obras é feito o que se chama de 'grandes edições'. Assim, a Ditta G. Barbera, de Florença, está reimprimindo a edição nacional das obras de Galileu (*Le opere de Galileo Galilei*). Ela terá 21 volumes in-4°, 11 500 páginas decoradas com um grande número de desenhos, fac-símiles e autógrafos, inclusive as notas autográficas de Antonio Favoro, editor da edição anterior. Três volumes serão publicados anualmente. Preço 4 500 liras. A edição será impressa em papel artesanal e composta em caracteres Bodoni.

241.88 Continuidade das obras

Uma obra pode ser continuada com outros títulos pelo mesmo autor, ou autores diferentes podem dar-lhe continuidade com o mesmo título ou títulos diferentes. Uma nova edição do mesmo autor, ou a obra de um outro sobre o mesmo assunto; existe afinidade entre as duas formas. Existe diferença de grau apenas na revisão ou forma. Chega-se à continuidade das obras. Ex.: Hector Berlioz escreveu um tratado de orquestração, obra monumental, uma enciclopédia da técnica orquestral. Gevaert, em seu *Traité d'orchestration*, altera as afirmações, tornadas ultrapassadas, de Berlioz. Richard Strauss compôs comentários e acréscimos ao tratado de Berlioz (coordenados e traduzidos por Ernest Closson; Leipzig: Peters). Ao fazê-lo, Strauss facilitou o acesso a suas mais raras sugestões, que estavam dispersas em suas próprias obras.

242 Documentos gráficos, exceto as obras impressas

242.1 Os manuscritos

242.11 Noção

Denominam-se manuscritos os escritos redigidos à mão, geralmente de natureza histórica, religiosa, científica ou literária.

A ciência dos manuscritos, o conhecimento dos manuscritos, de sua autenticidade, de sua cronologia, etc., faz parte da paleografia e da diplomática.

242.12 Histórico

Os manuscritos mais antigos de que se tem conhecimento foram encontrados em tumbas egípcias; eles são todos de papiro e pelo menos contemporâneos de Moisés. Os manuscritos gregos e romanos mais antigos também são de papiro. Foram descobertos como rolos carbonizados nas ruínas de Herculano.

Os manuscritos mais antigos, e, por conseguinte, os mais valiosos, estão escritos em pergaminho ou papiro. Com exceção de alguns papiros egípcios, nenhum manuscrito remonta aquém do século II de nossa era. Os manuscritos em papel de trapo não são anteriores ao século XIII. Os manuscritos são por vezes organizados em rolos, daí o nome de *volume*; outras vezes formam cadernos independentes costurados uns aos outros (*códices*). Durante a Idade Média, os monges mostraram grande zelo ao reproduzir os livros por meio de boas cópias e preservá-los para a posteridade; seus manuscritos, especialmente os missais, oferecem iluminuras muito ricas e letras ornadas com muita arte.

No século V, copiam-se em pergaminho, no formato de códices, os papiros anteriores, diante do enorme entusiasmo por esse formato.

Na Idade Média, dada a escassez de papel e às vezes também a ignorância quanto ao valor das obras, muitas vezes escrevia-se em pergaminhos cuja escrita anterior fora raspada. Em muitos casos, pode-se ainda restaurar o texto e importantes monumentos da literatura antiga foram assim recuperados. (Ex.: a *República*, de Cícero, as *Instituições*, de Gaio). A esses manuscritos dá-se o nome de 'palimpsestos'.

242.13 Iluminura. Miniatura. Decoração

Se a escrita deu origem à iluminação dos manuscritos, isso continua sendo assunto de discussão. Mas as inscrições mais antigas são acompanhadas de imagens. O livro dos mortos dos egípcios é também o nosso livro ilustrado mais antigo. Mas houve livros ainda muito mais antigos, de matemática, botânica e medicina. Os gregos tiveram uma tradição de ilustrações. A arte bizantina deu-lhe continuidade com uma tendência para a arte decorativa oriental (maior formalismo, simetria na composição, supressão dos fundos). As iluminuras irlandesas (séculos VII ao X) começam com uma decoração pura, não ilustrativa do texto, mas artisticamente unida a ele. A renascença carolina (século IX) combina os estilos clássico, bizantino e celta.[1] A unidade torna-se admirável, a página de texto, as letras capitulares, as pinturas e a moldura formam um todo decorativo e harmonioso. As miniaturas constituem, como os livros ilustrados de nossos dias, fontes preciosas de documentação iconográfica: retratos, construções, cenas da vida familiar, desenhos científicos ou semicientíficos em tratados de botânica, lapidários, bestiários e obras médicas.[2]

242.14 Erros de cópia

Os manuscritos antigos eram acompanhados de uma fórmula que certificava a conformidade com a minuta oficial. Essa fórmula geralmente dizia 'feita a colação'.

Na verdade, os erros de cópia pululavam nos manuscritos. No século XIII, o cardeal Hugo de Saint-Cher, dominicano, comprometeu-se a corrigir as Sagradas Escrituras de acordo com o texto original e os melhores manuscritos. Ele publicou uma edição, e o capítulo geral de sua ordem, em 1236, decide que todas as Bíblias da ordem seriam revistas e pontuadas de acordo com aquela edição.

Os erros nos manuscritos foram classificados assim por Hall:*

A. Confusões e tentativas de remediá-las. (1) Confusão de letras e sílabas semelhantes. (2) Interpretação equivocada de abreviaturas. (3) Transcrição incorreta de palavras como resultado da semelhança genérica. (4) Combinação ou separação erradas, pontuação errada. (5) Assimilação de terminações e acomodação com uma construção vizinha. (6) Transposição de letras (anagramatismo) e de palavras e frases; deslocamento de frases, seções e páginas. (7) Erros na transcrição do grego e do latim e vice-versa. (8) Confusão de números. (9) Confusão de nomes próprios. (10) Erros devidos à mudança de pronúncia. (11) Substituição de sinônimos ou palavras familiares por palavras incomuns. (12) Novas grafias em

* Hall, F.W. *A companion to classical texts.* Oxford: Clarendon Press, 1913, p. 153-154.. A transcrição de Otlet foi cotejada com o texto original de Hall e com ele harmonizada. [N.E.B.]

[1] Morey, Charles Rufus. Sources of medieval style. *Art Bulletin*, 7 (1924).

[2] Choulant. *History and bibliography of an anatomic illustration* (1920). – Engelman, R. *Antike Bilder aus römischen Handschriften in phototypischer Reproduktion*. Leiden: Sijthoff, 1909. – Bradley, J.W. *Illuminated manuscripts*. London: Methuen, 1905. – Jacobi, Franz. *Deutsche Buchmalerei in ihren stilistischen Entwicklungsphasen.* Mun. Bruckmann, 1923. – Henry Martin. *Le livre français des origines à la fin du second Empire.* Paris: Van Oest, 1926. – Société Française de Reproduction de Manuscrits ou Peintures. *Bulletin*.

lugar de antigas. (13) Interpolação ou tentativa de corrigir ou remediar os resultados de erros inconscientes. – B. Omissões: (14) Haplografia ou omissão de palavras ou sílabas iniciais ou finais semelhantes. (15) Lipografia (parablepsia) ou simples omissão de qualquer espécie. – C. Adições: (16) Ditografia ou repetição de um contexto imediato. (17) Inserção de notas ou glosas interlineares ou marginais. (18) Leituras combinadas. (19) Adições devidas à influência de escritos análogos.

242.15 Coleções. Bibliotecas

Os manuscritos são conservados nas bibliotecas, onde constituem fundos especiais, eventualmente seções, departamentos ou salas. Esses acervos representam valores intelectuais e econômicos consideráveis .

Entre as bibliotecas mais ricas em manuscritos estão a do Vaticano, a Bibliothèque Nationale de Paris e a do British Museum em Londres. A Bibliothèque Royale de Bruxelas também é muito rica, procedente da antiga biblioteca dos duques de Borgonha. As bibliotecas norte-americanas adquiriram muitos manuscritos, tornando os pesquisadores europeus dependentes delas.

242.16 Catálogos de manuscritos

Os catálogos de manuscritos são muito importantes devido a que os manuscritos são frequentemente obras únicas, que ainda não foram reproduzidos, e, de qualquer modo, é importante conhecer as várias cópias existentes. Certos manuscritos antigos ficaram conhecidos tardiamente por causa da ignorância de seus proprietários ou do grande trabalho exigido para identificar os locais onde estavam depositados.

O manuscrito das *Instituições*, de Gaio, só foi descoberto em 1816 em Verona.

A descrição dos manuscritos deu origem a regras cada vez mais precisas. Em parte, elas são comuns às regras (bibliográficas, catalográficas) de descrição dos impressos.

Os manuscritos são identificados pelo seu número no catálogo das bibliotecas. A idade de um manuscrito pode ser determinada a partir de características próprias da escrita.

Publicou-se o catálogo geral de manuscritos das bibliotecas da França.

242.17 Trabalhos sobre os manuscritos

Os trabalhos que têm como origem os manuscritos são: 1° as reproduções; 2° as edições; 3° os estudos.

1° *Reproduções de manuscritos.* São tipográficas ou fotográficas: possibilitam a existência de várias cópias do mesmo trabalho, depositadas em diferentes coleções. Nem todas as cópias possuem valor. Frequentemente, existem fragmentos além dos trabalhos completos.

É importante obter a reprodução completa do documento. Toda impressão produz exemplares que são cópias exatas do original. Com os manuscritos isso não acontece. Graças à invenção da xilografia e da imprensa, a cópia tornou-se cada vez mais mecânica e automática. A fotografia hoje fornece uma cópia exata que não precisa ser revista ou corrigida como uma cópia manuscrita ou tipográfica. Para que todos saibam que se trata de uma cópia, isso é declarado, o que constitui a primeira diferença em relação ao original. Incorreções ou erros não intencionais são outras diferenças. Só a reprodução fiel desses manuscritos pelos mé-

todos fotomecânicos mais aperfeiçoados poderá preservá-los da completa ruína, e, ao mesmo tempo, apresentará a imensa vantagem de torná-los acessíveis a todos os estudiosos com o verdadeiro aspecto dos originais.[1] A reprodução dos manuscritos é feita às vezes parcialmente, às vezes integralmente.

Foram realizadas notáveis reproduções fac-similares coloridas (especialmente do breviário Grimaldi).

2° *Edição de manuscritos*. As edições de manuscritos exigem um esforço considerável. As obras antigas são preservadas em várias cópias manuscritas, inteiras ou fragmentárias. Na edição, trata-se de escolher entre as melhores versões das diversas cópias.

Os manuscritos editados formam um texto crítico mais ou menos conjectural baseado na comparação (colação) de todos os manuscritos (MSS) existentes de uma determinada obra.

Para esse trabalho, designa-se geralmente a colação por letras convencionais. A edição demanda várias condições e operações:

a) respeitar a grafia ou justificar as correções;

b) organizar a numeração das páginas ou versos para identificar as lacunas;

c) identificar personagens, lugares, datas e coisas;

d) tábuas de personagens, menções, notas topográficas, glossários;

e) definir a pontuação; explicar as abreviações;

f) apresentar uma análise da obra e de seu objeto;

g) apresentar em lâminas não textuais um fac-símile; reconstruir um quadro de brasões;

h) apresentar as variantes, analisá-las, adotar uma delas (lições). Pela comparação de manuscritos, completar o texto de um com o texto do outro, levando-se em consideração a qualidade dos copistas-escribas, de sua maneira de proceder (escribas pouco cuidadosos mas respeitadores do texto transcrito, escribas atentos ao preenchimento das lacunas mas que introduzem palavras inventadas);

i) analisar os dados que são mostrados nas miniaturas, a fim de elucidar o texto. Às vezes, as miniaturas são superiores em exatidão ao texto e provêm de artistas mais bem informados do que os próprios autores, possivelmente de colaboradores;

j) dar detalhes do idioma do autor: fonética, morfologia, vocabulário, sintaxe, fala dos personagens, língua dos copistas;

k) um estudo sobre o autor.[2]

Na Itália, na Biblioteca Laurenciana, em Florença, segue-se o rastro das leituras de um manuscrito. Cada manuscrito leva uma folha onde se inscrevem os nomes dos leitores que o solicitaram, coma finalidade de estabelecer prioridades.

3° *Estudos sobre os manuscritos*. Abordam diversos pontos específicos do manuscrito (notas, observações, análise, correções de detalhes, ensaio de interpretação, estudo sobre as obras como contribuição à apresentação do assunto, por exemplo, um estudo sobre o manuscrito como documento para a história de uma época, de uma instituição, de um personagem.

---

[1] Ex.: *Codices graeci et latini photographiae depicti duce Scatone De Vries, Bibliothecae Universitatis Leidensis Praefecto.*

[2] Como método de edição, ver a publicação recente: Jacques Bretel, *Le tournoi de Chauvency*, édition complète par Maurice Delboville. Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège: fasc. XLIX, 1932.

242.18 Os papiros

O rolo de papiro foi o principal e quase único material de escrita utilizado para todas as grandes obras literárias no Egito e no mundo grego e romano desde o quarto milênio antes de Cristo até a Idade Média. O papiro liberou as bibliotecas das tabuinhas, de madeira ou argila, e das placas de pedra.

A descoberta de papiros gregos aos milhares durante os últimos quarenta anos foi um acontecimento sensacional para todos os estudiosos da Antiguidade; ela causou tanto entusiasmo que se chegou a falar de um Renascimento do século XIX. Em 1918, segundo W. Schubart (*Einführung in die Papyruskunde*), a publicação dos papiros já compreendia mais de 1 300 textos ou fragmentos literários.

Descobriram-se depósitos inteiros de papiros empilhados, como se fossem locais de descarte de documentos administrativos da época.

A 'papirologia' é a ciência que tem por objeto a decodificação dos manuscritos em papiros.

Esse ramo da paleografia assumiu uma importância considerável nos últimos anos; em muito pouco tempo, os documentos que ela revelou nos permitiram elucidar uma série de pontos obscuros ou pouco conhecidos da história política e literária da Grécia. Devemos esses resultados quase exclusivamente às descobertas feitas no Egito, não somente porque, após a decadência da Grécia clássica, o reino dos Ptolomeus tornou-se o centro da vida e do pensamento helênicos, mas porque o uso do papiro foi ali mais comum do que em outros países, e também em razão das condições climáticas e dos costumes funerários que favoreciam a preservação de objetos mais frágeis.

A tarefa é delicada: a decifração e reconstituição desses manuscritos. Esses documentos chegaram até nós, amiúde em muito mal estado; alguns encontrados em meio a ruínas — às vezes em ânforas onde era costume guardá-los, mas com frequência no meio de escombros ou em antigas lixeiras, outras vezes em sarcófagos, onde eram usados para enfaixar as múmias; por vezes, rompidos, muitas vezes, apagados pela umidade, quase sempre rasgados. Para desenrolar e abrir, sem esfarelar essas folhas seculares, o papirólogo deve esmerar-se como químico e prestidigitador habilidoso, que saiba executar esse trabalho minucioso, com destreza e com paciência. Também é preciso saber abrir o manuscrito sem alterar os caracteres, organizar na ordem desejada as diversas folhas de um mesmo rolo ou os fragmentos de uma mesma folha, etc. Em seguida, vem a leitura propriamente dita, que geralmente não é muito fácil: alguns papiros, especialmente 'documentos comerciais', são traçados com uma escrita cursiva, cujos caracteres não se distinguem facilmente, sem separação entre as palavras, ou faltam inúmeros sinais ortográficos e de pontuação, onde abundam correções confusas e abreviações peculiares; para se localizar é preciso, ao mesmo tempo, ter um olhar perspicaz e conhecimentos muito especiais. Essas dificuldades são mais sensíveis para os papirólogos do que para outros paleógrafos, pois a maioria dos papiros contém atos redigidos rotineiramente, sem muito cuidado com a forma, ou cópias apressadas de obras clássicas, uma espécie de 'edição barata', em que os descuidos são frequentes, e que também não são caligrafadas como os pergaminhos da Idade Média, obras de paciência e arte, às quais os monges consagravam as numerosas horas de lazer de sua existência ociosa.

Em presença desses documentos deteriorados, confusos e incomple-

tos, a crítica textual impôs-se como tarefa prioritária aos paleógrafos e filólogos que haviam se comprometido a editá-los ou comentá-los. Se houve na França, na Alemanha, na Itália e em outros lugares muitas publicações, é sobretudo à escola inglesa que devemos as obras aparentemente mais importantes.

Os documentos de origem papirográfica dividem-se em dois grupos distintos: os papiros literários e os não literários. Os primeiros são, de longe, os menos numerosos: no lote dos mais importantes, o de Oxirrinco, representam, no máximo, um sexto do total. São, como dissemos, cópias geralmente muito medíocres de obras em prosa ou verso da era clássica; apesar dos defeitos, o interesse por eles é considerável. Primeiramente, esses papiros, cuja maior parte data dos últimos três séculos antes de nossa era, são muito anteriores aos mais antigos manuscritos que possuíamos; revelam, portanto, muitas alterações que ocorreram nos textos pela mão dos copistas da Idade Média. Ademais, eles nos dão a conhecer novas partes de certas obras que haviam chegado até nós muito mutiladas; fragmentos mais ou menos extensos de poesia épica, lírica ou dramática; às vezes passagens bastante longas de historiadores, oradores, filósofos e teólogos foram assim acrescidas aos fragmentos que a Antiguidade nos legou.

Enfim e sobretudo, várias obras inteiramente perdidas, das quais conhecíamos apenas o nome, nos foram restituídas por uma feliz coincidência ou por um achado... num antiquário local.

Os papiros não literários, dos quais já se conhecem vários milhares, incluem atos privados ou públicos dos mais variados tipos: contratos, relatórios, registros de vendas, empréstimos, orçamentos, memoriais, recibos, petições ou requerimentos, cartas comerciais, depoimentos de reclamantes e testemunhas, relatórios policiais, decisões de inquéritos judiciais, etc. Esses documentos, dos quais os mais importantes e mais numerosos datam da época romana, são de interesse capital para o estudo das instituições públicas e das relações privadas sob o domínio imperial; como o governo central dava às províncias uma certa autonomia na administração de negócios exclusivamente locais, esses escritos ainda são os produtos e testemunhos concretos de uma civilização helênica. As informações fornecidas por esses papiros são suficientemente precisas e permitiram que vários historiadores resolvessem questões até então muito confusas e fizessem reviver um passado que se acreditava perdido nas trevas.

242.19 Manuscritos modernos. Incunábulos

1. *Manuscritos modernos*

a) O período dos manuscritos não terminou, pois, qualquer que seja o número de obras impressas, há também as que não se prestam à impressão. O que acontece com elas? Permanecem nas gavetas dos editores e nas salas de redação? As bibliotecas são levadas a reunir os manuscritos porque eles representam um trabalho realizado.

b) Hoje em dia, alguns trabalhos são publicados, não para o público em geral, mas para uso restrito, e são denominados *Als Manuskript gedruckt*, ou seja, impresso como um manuscrito.

c) Há algum tempo que se estudam atentamente os manuscritos de grandes autores, procurando-se, pelas rasuras e emendas, entender seus processos estilísticos.

2. *Incunábulos*

a) Por esse nome entendem-se os livros, sempre muito procurados, que remontam às origens da imprensa e surgiram antes de 1500, 1512 ou 1520. Distinguem-se os incunábulos xilográficos, obtidos por meio de blocos de madeira e os incunábulos tipográficos, compostos com tipos móveis. Os primeiros são os mais antigos, porém de data incerta; alguns, no entanto, parecem ser anteriores a 1440.

b) O número total de livros do século XV é surpreendentemente grande. O *Repertorium bibliographicum*, de Haim, registrou 16 300 títulos. O *Gesamtkataloger der Wiegendrucke*, editado pela comissão prussiana (1925) acrescentou a esse período uma quantidade adicional que se espera chegue um dia a 30 mil títulos.

c) Em bibliografia e nas bibliotecas, os incunábulos são em geral tratados como uma classe especial de obras por causa de seu valor e porque fazem a transição entre o período dos manuscritos e o das impressões do século XVI. No entanto, no final do século XV, o livro moderno já se consolidara em suas características essenciais. As famílias de tipos de Jenson e Aldo [Manuzio] lhes conferem também um alto grau de legibilidade.[1]

242.2 Mapas e plantas. Atlas

1. *Noções*

a) Um mapa é a representação cartográfica da terra ou de uma de suas partes sobre uma superfície plana. O mapa pode ser definido como: um registro sinóptico dos fatos geográficos em função do lugar.

b) O método geográfico consiste em determinar a extensão dos fenômenos na superfície do globo (Ratzel). O processo mais seguro para marcar com uma chancela geográfica uma pesquisa é expressar cartograficamente os resultados. A representação cartográfica tem excepcional importância para a geografia (de Martonne). A topografia é a descrição e a representação gráfica de um lugar, é a arte de representar graficamente um lugar sobre o papel com os acidentes da superfície.

c) O mapa representa a feliz tentativa de conseguir uma representação tão análoga e inalterada quanto possível do contorno e do relevo terrestre. Nele são considerados: 1º a posição; 2º a dimensão; 3º a orientação: medidas em relação a pontos tomados como referência, norte, sul, leste, oeste; em relação aos polos e ao equador; 4º a medida: escala em às medidas de referência, como o metro.

Os antigos atribuíram às regiões representadas dimensões e posições muito imprecisas.

d) Os mapas são como os escritos. Sua leitura pode ser mais fácil ou menos fácil. A cartografia não é somente a arte de representar os dados verdadeiros da geografia, do aspecto geográfico de todas as espécies de fatos. Ela tornou-se o modo de representá-los com a eficiência que se exige de todo documento em geral.

e) Reconstituição das coisas por meio da imagem.

O mapa permite também a reconstituição de coisas por meio da imagem. Por exemplo, é possível preparar um verdadeiro atlas físico de todos os aspectos geográficos de um mesmo lugar da Terra em diversas épocas da evolução geológica.

Ao desenhar uma série de mapas geográficos para os períodos suces-

[1] Habler. *Handbuch der Inkunabelkund.*

sivos da história terrestre, podemos ver, como em um caleidoscópio em movimento, os mares que mudam de forma e de lugar a cada instante, os continentes emergindo para logo submergirem sob as águas. Parece que, ao traçar essas transformações, poderíamos perceber certas características relativamente constantes e um ritmo, um período no curso desses fluxos e refluxos. Talvez datá-los por aproximação com as influências astronômicas em fases conhecidas. (De Launay: *Histoire de la Terre*, p. 82-83.)[1]

O mapa é um meio de marcar o conhecido e o desconhecido. Ex.: a comparação do mapa da África ou das regiões polares, há alguns anos e atualmente. A comparação entre o mapa dos oceanos no início dos estudos oceanográficos e hoje em dia.

f) "Pour l'enfant, amoureux de cartes et d'estampes, / L'univers est égal à son vaste appétit. / Ah! que le monde est grand à la clarté des lampes! / Aux yeux du souvenir que le monde est petit!" (Baudelaire.)*

g) Os mapas e plantas têm duas características essenciais: 1° ser a representação do espaço (superfície ou três dimensões) e, assim, ser uma espécie do gênero que abrange todas as exposições que tomam por base o lugar (ver 224); 2° ser essa representação do espaço em forma convencional e abstrata e para ser assim uma espécie do gênero que abarca todas as imagens esquemáticas (ver 222.32). O fato de um mapa ou uma planta terem uma existência autônoma ou fazer parte de outro documento é secundário, mesmo que o acompanhem certos efeitos documentários.

* Para a criança, enamorada de mapas e estampas, / O universo é igual a seu vasto apetite. / Ah! como o mundo é grande à luz das lâmpadas! / Aos olhos da lembrança como o mundo é pequeno! (Do poema *Le Voyage*. In: *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1976, p. 129) [N.E.B.]

2. *Histórico*

No início, os mapas eram desenhados sobre tábuas ou pranchas (donde as palavras *tabula* e *mensa*). O emprego de panos para confecção desse objeto introduziu mais tarde a palavra *mappa* * que os espanhóis e os ingleses (*map*) conservaram com o significado absoluto e exclusivo de carta geográfica e de onde derivou a palavra francesa *mappemonde*. Enfim, até que o pergaminho e o papel substituíram as pranchas e os pedaços de pano, o vocábulo francês *carte* veio substituir as denominações admitidas anteriormente.

* Em latim, pedaço de pano, lenço, guardanapo. Faltou lembrar os portugueses... [N.E.B.]

A Idade Média parece ter conhecido apenas representações bastante grosseiras do globo terrestre; elas brilhavam por sua raridade e pela falta de precisão científica, mesmo que sua execução revelasse às vezes qualidades estéticas de bom gosto. Os mapas gravados em prata ou os globos preciosos eram objetos de arte e de luxo, cuja posse era reservada aos soberanos. O famoso mapa-múndi de Fra Mauro (1439), monumento central da história da cartografia, desconhece os paralelos e os meridianos. Com a imprensa, no período do Renascimento, a cartografia ganha um grande impulso. Em 1471 é publicada a primeira tradução latina de Ptolomeu, em 1478, a primeira edição de seus mapas gravados em cobre. Destinados a registrar os novos descobrimentos, passam por todas as mãos e os cartógrafos são levados a considerar sob todos seus aspectos a questão das projeções.

A partir de então uma febre cartográfica abala a Europa. As oficinas da Itália, França, Alemanha e Países Baixos trabalham ativamente. Em 1570,

[1] Phillips. — *List of works relating to cartography*, Washington, 1901. — Warne, F. I. —1919. *Cartography in ten lessons*. In-vol. XIV-159 p. Washington. Illustrations. — DeMarchi, L. (Padova). — *La reppresentazione della superficia terrestre*. Scientia, 1919. — Fordham. — *Maps, their history, characteristics and uses*. — U. S. Library of Congress, Division of Maps: *List of geographical atlases*. Washington, 1919-20, 4 vol. by P. L. Phillips. *List of geographical atlases.* Jeorg W. L. G. Post war atlases. In *Geog Rev.* 13 (1923). p. 582-98.

Mercator completa os mapas ptolomaicos e aplica diversos sistemas de projeção. Ortelius publicará coleções de mapas modernos sob o título genérico de *Theatrum orbis* cujo início remonta a 1570.

Colbert tinha a preocupação de possuir mapas exatos, que permitissem aos navegadores chegar com mais segurança aos portos das Índias, sem a ajuda de pilotos holandeses que não estavam dispostos a colocar sua experiência a serviço dos franceses.

Os antigos portulanos, os mapas, os atlas do século XVII e do século XVIII não eram somente documentos, mas também obras de arte adornadas de vistas, de figuras e ornamentos executados com precioso esmero.

Os primeiros mapas reproduzidos por meio de gravura datam de alguns séculos apenas. Eram obras de arte de particulares: de sábios, como os Mercator, os Ortelius; impressores, como os Hondius; livreiros-editores como Frickx; depois, de militares como aquele general conde de Ferraris que dotou os Países Baixos com seu primeiro mapa topográfico. Mais tarde, podemos citar, na Bélgica, o extraordinário Phillipe Vander Maelen, que publicou, além de numerosos atlas, as primeiras cartas topográficas ao 80 000° e ao 20 000° da Bélgica independente. Hoje em dia, o mapa de um país exige um trabalho enorme, uma exatidão cada vez maior, com detalhes cada vez mais numerosos. É necessário dispor de capitais e pessoal numeroso e experiente. Os Estados confiaram a confecção dos mapas, sua publicação e sua atualização a estabelecimentos oficiais: o serviço geográfico do exército na França, o Ordnance Survey na Inglaterra, o Istituto Geografico Militare na Itália e o Institut Cartographique Militaire na Bélgica.

As antigas cartas geográficas eram baseadas em postulados, em reconhecimentos do terreno e em levantamentos topográficos parciais. Não havia ainda grandes atividades geodésicas nem observações astronômicas em que se fundamentassem. Continuavam eivadas de falhas quanto às formas gerais das grandes regiões e às dimensões dos continentes. O Mediterrâneo nos mapas de Sanson tem mais de 300 léguas de comprimento e mais de 1 500 no sentido do Oriente.

Vários mapas-múndi da Idade Média representam a terra com uma forma quadrada. Essa figura se impunha ao espírito dos geógrafos por causa de um texto do Evangelho segundo Mateus que diz que o Senhor enviará seus anjos aos quatro cantos do mundo para ali fazerem ressoar as trombetas do juízo final.

Os mapas-múndi antigos parecem ter sido feitos amiúde de modo desproporcional, com a preocupação de ali colocar os nomes encontrados nas geografias e nos viajantes. O mapa participa assim do inventário e da classificação.

Havia outrora nas bibliotecas enormes globos terrestres, circundados por tiras de cobre, estreladas de rosas dos ventos.[1]

Os mapas-múndi mais célebres são os da coleção Cotton (século X), o da biblioteca de Turim (1687), o mapa-múndi de Nicol Oresme e de Guillaume de Pilastre (século XIV), o de Fra Mauro (1459 no convento de Murano), o monge veneziano que seus contemporâneos chamavam de *cosmographus incomparabilis*. O mapa-múndi tem 1,937 m x 1,965 m, coberto de desenhos à pena e de miniaturas brilhantes de ouro e coloridas com numerosas notas.[2]

---

[1] Vicomte de Santarem. *Atlas des Mappemondes*.*

[2] O famoso mapa de Tendre não tem nada a ver com a geografia. Tendre é a terra imaginária do amor,

* Santarém, Visconde de (1791–1856. *Atlas composé de mappemondes, de portulans et de cartes hydrographiques et historques depouis le VIème jusqu'au XVIème siècle* [...] Paris: E. Thunot, 1849. Importante historiador, político e diplomata português. Criou o termo *cartografia*. Acompanhou a corte portuguesa que se transferiu para o Brasil, aos 17 anos, e morou no Rio de Janeiro por cerca de dez anos. "[...] um moço assaz louvável pelo seu estudo e aplicação profunda, sendo dos que frequentam a livraria [a Real Biblioteca trazida por Dom João] com a maior curiosidade e interesse literário" (Marrocos, Luís Joaquim dos Santos. *Cartas do Rio de Janeiro 1811-1821*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008, p. 339.) [N.E.B.]

242.23 Técnica

a) A cartografia teve três progressos: 1° com os globos, ela representa a forma da terra; 2° com os processos de estampagem de metais, é possível produzir globos terrestres em número ilimitado; 3°com os relevos.

A confecção dos mapas foi geralmente confiada a institutos especializados (instituto cartográfico, geodésico ou topográfico). Os mapas, para serem comparáveis, devem adotar a mesma projeção, o mesmo meridiano de origem e o mesmo ponto de referência (número de graus em latitude e longitude). É importante também unificar as escalas dos mapas e plantas, a fim de possibilitar comparações e superposições.

c) Há dois problemas fundamentais: 1° a representação das figuras da superfície esférica sobre as superfícies planas da folha de papel; 2° a representação das figuras em três dimensões e em relevo sobre essas mesmas superfícies planas. É a arte das projeções.[1]

Progressos imensos foram realizados pela cartografia.

d) Houve um tempo, durante a Idade Média e o Renascimento, quando os desenhos das plantas de cidades somente representavam figuras vistas do alto. Não se imaginava a possibilidade de representar as ruas por linhas. (Ex.: planta da cidade de Roma na biblioteca Vittorio Emanuele.)

Mercator imaginou um novo sistema de projeção para representar em grande escala as dimensões da Terra.

Elisée Reclus propôs imprimir os mapas sobre calotas esféricas que poderiam ser reunidas em um atlas e tão bem quanto folhas planas.

A superfície de uma esfera não pode ser desdobrada sobre um plano sem ser rasgada. A menos que a superfície seja elástica. Mas então as figuras traçadas ficariam deformadas. Toda carta geográfica é, portanto, uma deformação da superfície terrestre e das figuras que ali observamos.[2]

O Institut de Géographie da universidade de Paris dirige neste momento uma grande pesquisa sobre a cartografia das superfícies planas.

e) De acordo com De Martonne, as principais projeções estão no quadro da página seguinte.

f) Os cartazes de publicidade das estradas de ferro e de localidades turísticas causaram toda uma revolução na arte de confeccionar mapas e plantas. A questão está em como torná-los inteligíveis por parte do grande público. Os mapas simples exigiam muito conhecimento. As imagens fotográficas ao vivo eram fragmentárias. Nasceu uma nova arte de projeção e composição; uma arte também de deformação, de simplificação, de exageros. Foram combinados o plano com as perspectivas aéreas; foram agrupadas as vistas panorâmicas em medalhões.

g) Mapas simples de superfície bidimensionais são apresentados como projeções tridimensionais, como os mapas geográficos, os mapas batimétricos, os mapas meteorológicos.

Representamos o relevo do terreno com curvas convencionais chamadas curvas de nível e geralmente equivalentes em altura.

Toda a física do globo pode ser traduzida por curvas de igual elemento ou curvas isopletas, isotermas, isóbaras, isoietas.

h) O processo fotográfico de levantamento de mapas e plantas sim-

---

descrita por *mademoiselle* de Scudéry em seu romance *Clélie*. Foi feita, porém, uma representação gráfica dessa fantasia.

[1] Mellnish, R. K. *An introduction to the mathematics of map projection*. p. VIII-144. London. The Cambridge Press. (Teoria em que se baseia a confecção de mapas.)

[2] De Martonne. *Traité de géographie physique* I, p. 54.

plificou as representações. Cartas fotográficas hipsométricas tiradas de avião, de balão, dirigível ou cativo, ou mesmo de papagaio de papel, por meio de uma câmara panorâmica múltipla. Ela pode captar uma imagem instantânea da densidade de circulação de certos pontos das cidades.

i) Importância, desde a guerra em trincheiras, dos serviços cartográficos na retaguarda dos exércitos em campo. No exército britânico esse serviço ocupa de mil a mil e 200 homens.

Os mapas permitem cálculos e operações. Por exemplo, para calibrar a mira dos canhões traçam-se linhas no mapa as quais unem os pontos do alvo e da objetiva, de modo a traçar o ângulo de pontaria. O transferidor indica a abertura.

g) Cartogramas. O cartograma aplica-se à distribuição dos fenômenos no espaço. Trata -se, então, de mapas geográficos que marcam as áreas de distribuição, mas combinadas com indicações complementares. Essas indicações apresentam-se hachuradas ou pontilhadas, mais ou menos densas, em colunas ou círculos, inscritos nas imagens correspondentes das curvas (de nível ou de clima, sinais convencionais, número, letras, marcas ou assinaturas, cores ou tintas com alteração gradativa de matiz). Os cartogramas apresentam a distribuição de um mesmo elemento de acordo com os graus de sua intensidade, ou de diversos elementos segundo suas variedades.

242.24 Espécies de mapas

Os mapas apresentam grande número de espécies.

a) Segundo o gênero dos fatos localizados (montanhas, estradas, ferrovias).

b) Segundo o objetivo ou uso.

c) Segundo a escala.

d) Segundo o material sobre o qual são reproduzidos.

Foram feitos mapas de tudo: mapas terrestres, de superfície e subsolo, mapas marítimos e mapas do céu.

1. *Mapas geográficos*. Os mapas geográficos, os mapas marítimos e os mapas astronômicos adquiriram uma importância e uma precisão crescentes, à medida que se desenvolviam paralelamente a arte do desenho e os conhecimentos geográficos e astronômicos. Os mapas geográficos são universais (mapa-múndi, planisfério) ou gerais, ou particulares. Eles são ditos topográficos, corográficos, físicos, políticos, etc., segundo o gênero de indicações que contêm. Os antigos conheceram mapas, pelo menos os mapas de itinerários; mas a cartografia só se aperfeiçoou nos últimos tempos. Todo país da Europa possui um mapa geral extremamente detalhado. O da França está na escala de 1:80 000 e tem 267 folhas. Há uma redução na escala de 1:320 000. As nações marítimas possuem também mapas marítimos ou hidrográficos, indispensáveis para a segurança da navegação.

Em colaboração com todos os países foi iniciado um mapa ao milionésimo. Trata-se do trabalho de uma associação internacional especializada. Foi firmado o compromisso pelo qual todos aceitassem a escala métrica e o meridiano de Greenwich.

Foram feitos mapas murais fixos, pintados (por ex., os grandes mapas do museu do Congo); mapas esculpidos em paredes (estação ferroviária de Versailles-Chantiers).

Os mapas de viagem se multiplicaram. Na França, por ex., mapas Mi-

Quadro das principais projeções

	Projeções verdadeiras		
	Secantes	Tangentes	esquemas convencionais
	Não perspectivas	Projeção equivalente de Lambert { normal, transversal, oblíqua	
Projeções horizontais	Perspectivas verdadeira. Estereográfica { normal, transversal, oblíqua Perspectivas ao infinito. Ortográfica { normal, transversal, oblíqua	Estereográfica externa	
Projeções cilíndricas	Mapa plano	Normal: Proj. de Mercator Transversal: Casmin	Proj. de Sanson (Flamsteed) Proj. de Mollweide
Projeções cônicas		Proj. equivalente de Lambert Proj. equivalente de De l'Isle	Proj. de Bonne Prof. policônica

chelin: mapas da França na escala de 1:200 000 em 86 folhas cartonadas ou enteladas; mapas *Tour de France* com 25 folhas. Mapas do serviço geográfico do exército, o mapa na escala de 1:80 000 em 274 folhas, revistas periodicamente pelos oficiais do serviço geográfico. Apresentam-se em folhas acondicionadas em uma carteira, e têm mapas geométricos.

Foram publicados mapas com plantas que apresentam uma espécie de panorama em imagens, conforme uma escala predefinida, de tudo que se vê de ambos os lados de uma estrada. (Ed. J. Burrow and Co.: *A motor tour through the cathedral cities in the South*.)

Os mapas de ciclismo com as características do percurso.

Falando dos mapas do sr. Maurice Lugeon sobre a região dos Altos Alpes, o sr. Milioud disse: "Desenhados de acordo com fotografias obtidas com ajuda de um processo especial, eles são de relevo, de uma precisão e, no entanto, de uma simplicidade que nos faz sonhar. É muito mais que ciência, é grande arte. Como essas imagens esquemáticas, com suas cores tão ricas e delicadas, mas todas convenções, podem despertar em nós o sentimento da natureza tão fortemente como o quadro de uma pintura? A forma, o relevo, a estrutura são para a montanha, mais do que em outro lugar, o suporte, a substância da beleza. E a arquitetura tem também sua parte no movimento e de vida na imutabilidade da linha."

2. *Mapas geológicos e batimétricos*. Hoje em dia conhecemos amplamente o subsolo da Terra. São os mapas geológicos que representam sua textura. Em todos os países, eles são confiados a organismos especiais dependentes do Estado e que procedem progressivamente ao estabelecimento e aperfeiçoamento do mapa, utilizando sondagens ou atualizações (ex.: organização do serviço geológico da Bélgica). O mapa publicado em estampas de tamanho pequeno não passa do resumo de uma vasta documentação organizada em pastas colocadas à disposição dos interessados.

Os mapas do fundo dos oceanos (cartas batimétricas), que são, de certa forma, prolongamentos dos mapas das linhas costeiras destinados à navegação, foram objeto de trabalho conjunto realizado pelo Institut Océanographique, por iniciativa do príncipe de Mônaco.

3. *Mapas marítimos*. Nos mapas marítimos são incluídos todos os detalhes úteis ao objetivo a que se propõem, em todas as circunstâncias que possam ocorrer, e suprimido tudo que seja estranho a esse contexto.

O mapa marítimo é uma representação esquemática do mar e do litoral tendo em vista a navegação.

O levantamento das superfícies submarinas feito por ultrassom substitui as sondagens. Assim, é seguro, rápido e econômico. O emissor de ultrassom é orientado conforme o eco de retorno da onda emitida.

4. *Mapas aéreos*. São um novo tipo de mapa, destinados à navegação aérea. Constituem, também, uma contribuição à cartografia geral à qual contribuem com uma imagem da superfície terrestre vista do alto, em 'voo de pássaro'. Eles ressuscitam, assim, o antigo processo da perspectiva aérea. Aos processos da imagem feita a partir de um avião acrescenta-se o uso de balões esféricos ou papagaios de brinquedo que obtêm imagens perpendiculares. Ex.: Mapa aeronáutico da França. Projeção cilíndrica. (Desmons, Paris, Challamel.)

5. *Mapas astronômicos*. Os mapas e atlas astronômicos alcançaram grande perfeição. É preciso compará-los com os catálogos de estrelas, começando pelos mais antigos. O catálogo de Ptolomeu (o *Almagesto*) contém 1 022 estrelas. Foram catalogadas desde então mais de 300 mil estrelas, 10 mil das quais são estrelas duplas e mais de sete ou oito mil nebulosas. O mapa fotográfico celeste incluirá todas as estrelas até a décima quarta grandeza. (Ver o que foi dito anteriormente sobre atlas celeste na seção 241.5).

242.25 A disposição material

Os mapas, pela sua extensão e a necessidade de consultá-los no todo ou em detalhe, apresentam dificuldades que deram origem a disposições materiais especiais.

a) Descobriu-se o jeito de dobrar os mapas colando-os em telas. Dessa forma, mapas grandes tiveram seu tamanho reduzido para o formato de livro (e seria possível, inversamente, desdobrar livros para o formato de mapa, quando se teria uma espécie de cartaz ou mural).

b) Os mapas podem ser impressos simplesmente em papel ou em seguida montados sobre tela, entelados e dobrados ou impressos em tecido.

c) Do ponto de vista material, temos mapas em folhas de papel, mapas entelados e acondicionados em carteiras, mapas entelados e dobrados, mapas impressos em tecido. Estojos para coleções de mapas ou de itinerários. Para dar resistência aos mapas, eles foram protegidos com celuloide, que aumenta a flexibilidade da tela, evitando rachaduras, fixando as cores e as tornando inalteráveis. (Processo dos mapas murais de Joseph Cremers, Bruxelas, Office de Publicité.)

d) Os mapas estão relacionados com os mapas-múndi de forma esférica. Eles pertencem também à categoria dos instrumentos e aparelhos.

242.26 Atlas

a) O atlas é uma coleção de mapas geográficos que contêm frequentemente a figura geral da Terra e de suas partes, com mais ou menos informações. Esses volumes são assim chamados porque Atlas sustentava o mundo, que é o que eles contêm, pelo menos metaforicamente. É no título da coleção de mapas de Mercator, publicada um ano após sua morte, em 1595, que a palavra atlas aparece pela primeira vez, foi Ortelius quem, na realidade, criou o primeiro atlas. A figura de Atlas, na posição representada pelos antigos, estava gravada no frontispício da obra.

b) "Foi necessário um esforço", disse Vidal de Lablache, "para unir

intimamente um estudo geral, que seria a ciência da Terra, à descrição da Terra. Para tal fim, a cartografia é seguramente o instrumento mais apropriado. Onde encontrar um meio de expressão tão capaz de concentrar as relações a serem expostas de forma conjunta ao espírito? Em um atlas, as relações das coisas aparecem em grande número e de forma clara. Deve estimular a curiosidade e oferecer matéria à reflexão."

Por extensão, dá-se ainda o nome de atlas a toda coletânea de mapas, quadros, pranchas que se juntam a uma obra para facilitar sua compreensão, ou que se publica separadamente. Isso foi tratado na seção 241.5.

Em consequência, pode-se definir o atlas como uma coleção de mapas, plantas ou estampas reunidos em um volume.

O atlas marítimo é uma coletânea de cartas marítimas que são frequentemente chamadas de *Netuno*.

c) O número de atlas publicados foi e continua sendo expressivo, uns aperfeiçoando os outros. A Library of Congress possuía no ano de 1920 a impressionante quantidade de 5 324 atlas, cujo catálogo ocupa quatro grandes volumes.

242.27 Plantas

a) *Noção*

Planta é um desenho que representa, sobre uma superfície plana, as diferentes partes de um edifício ou de um aparelho.

b) *As plantas arquitetônicas*

As plantas arquitetônicas são recursos imprescindíveis para representação de projetos e das instruções para a construção. As plantas são complementadas pelas maquetes antes da construção e, depois desta, por fotografias. A planta, as elevações e os cortes são designados sob o nome de figuras geométricas. Essas figuras, por causa de sua extensão, devem amiúde ser traçadas em folhas separadas, o que impossibilita que sejam unidas uma com a outra. Produz-se todo um conjunto de projeções de figuras sobre um sistema de plantas geométricas. Edifícios, máquinas e outras construções apresentam geralmente três direções principais: vertical, horizontal e retangular.

A planta é a projeção sobre um plano horizontal.

A elevação longitudinal é a projeção sobre um plano longitudinal.

A elevação direita é uma projeção sobre um plano lateral.

c) *As plantas industriais*

As plantas industriais, as plantas de construções e produtos da indústria se tornaram essenciais para a técnica da produção.

d) *O cadastro*

Em princípio o cadastro é o registro no qual as propriedades prediais de um país são registradas de acordo com sua extensão e seus limites. O cadastro é acompanhado de plantas. Essa é a única base possível para criar um imposto predial. Em todos os países existe um importante órgão da administração responsável por esse cadastro. As primeiras medições feitas pelos egípcios resultaram em verdadeiros cadastros. O Domesday Book, na Inglaterra, atingiu o mesmo objetivo. Na França, foi Carlos VII quem concebeu a ideia de um cadastro geral. O método para fazer o cadastro de terras públicas foi aprovado pelo congresso norte-americano desde o fim do século XIX. Esse método definiu um sistema retangular que foi aplicado às cidades e aos Estados.

242.28 Plantas em relevo

a) As plantas em relevo mostram em três dimensões (uma espécie de estereograma) a representação das características em altura da superfície terrestre.

b) Mapas em relevo foram feitos de diversos materiais moldáveis: papel *mâché*, papelão endurecido, argamassa de cimento e, recentemente, até mesmo de cimento-amianto (mapa em relevo da Bélgica).

c) A França possui no Hôtel des Invalides uma coleção única na Europa. São 105 plantas em relevo de praças-fortes e relevos que representam as diversas ciências. A galeria foi iniciada por Louvois. Aplicou a todos os relevos a mesma escala para a dimensão horizontal e vertical, 1 por 600.

Encontra-se na Bibliothèque Nationale uma coleção de plantas, geográficas e científicas em relevo.

Para mapas em grande escala, é necessário não somente conhecer a importância das convenções adotadas para a designação de fatos geográficos observados na superfície da região representada (vias de comunicação, cidades, rios, florestas), mas saber deduzir, a partir do modo de representação no plano, seu relevo (hachuras ou curvas de nível) e a interpretação das formas do terreno. Para compreender esse relevo, foram preparados mapas em relevo em perspectiva com um ponto de fuga ou vistas panorâmicas (ex.: os mapas em relevo do sr. Trinquier inseridos em *L'Illustration*).

Por outra parte, foram criadas perspectivas em relevo, adaptadas às necessidades atuais da geografia científica, com o nome de 'blocos-diagramas', que se tornaram um auxiliar precioso para a representação das formas do terreno. Sua utilidade foi aumentada com o acréscimo a suas faces laterais de cortes geológicos que revelam a estrutura da região representada; as relações do modelo com essa estrutura aparecem então com uma grande nitidez. O sr. W.M. Davis foi o primeiro a divulgar e resumir o emprego desses relevos. Paul Castelnau desenvolveu sua teoria. (La théorie du bloc diagramme: *Bulletin de la Societé de Topographie de France*, juillet-août 1912.)

Para evitar improvisação e qualquer intervenção pessoal no desenho desses blocos, o sr. P.-T. Dufour imaginou os relevos em perspectiva: um processo novo que permite obter perspectivas em relevo pela simples transposição automática e projeção oblíqua das formas do terreno representadas nas cartas hipsométricas (*Revue de Géographie: Annuelle*, tome 9, p. 3-38, 1916-1921). Um dispositivo muito simples (biela longa e pantógrafo) permite fazer automaticamente os desenhos e assim conseguir a expressão real dos fatos geográficos.

242.29 Coleções, instituições, locais, pessoas

As coleções de mapas e plantas, que inicialmente se misturavam com as dos livros nas bibliotecas, tendem a se especializar.

Coleções notáveis de mapas foram reunidas nas bibliotecas de Paris, Bruxelas, Washington, etc., onde se encontram em salas de mapas (mapotecas).

Em todas as bibliotecas há interesse em formar uma coleção especial desses materiais.

242.3 Iconografia. Estampas, gravuras, fotografias

Os documentos aqui tratados têm como característica de gênero o

fato de serem imagens, serem concretos, e de terem tanto uma existência autônoma, quanto a de fazerem parte de outro documento.

242.31 As imagens. A iconografia

Convém abordar separadamente a noção, a história e as espécies de imagens: 1º imagem em geral; 2º ciência da imagem: a iconografia; 3º publicações e coletâneas de imagens; 4º coleções de imagens: *Iconographia Universalis*; 5º catálogos de imagens: iconobibliografia; *Iconobibliographica Universalis*; 6º coleções, matrizes ou materiais iconográficos.

Entre as imagens há algumas grandes categorias: 1º estampas e gravuras, águas-fortes; 2º fotografias; 3º os cartões-postais ilustrados; 4º as cartas de jogar; 5º livros de imagens para crianças. Às vezes somos levados a formar um único grupo de todas as imagens em papel ou papelão: a) o processo de confecção (à mão ou com aparelho fotográfico) ou de reprodução, à mão, mecanicamente ou finalizados à mão; b) o estado do original, da cópia ou da reprodução; c) o texto que as acompanha, como título, legenda ou explicação sumária, as imagens sendo consideradas como a parte essencial e o texto como acessório; d) o fato de estarem emolduradas ou não; e) o assunto com o qual sejam concernentes (imagens científicas, didáticas, religiosas, etc.); f) as cores (preto e branco ou coloridas).

Adotamos para certas imagens as dimensões usuais dos cartões-postais. Estas imagens em cartões-postais podem formar uma coleção ordenada. Os livros de imagens para crianças constituem importante categoria.

Os princípios gerais de tratamento de documentos bibliográficos (textos) são fundamentalmente os mesmos para o tratamento dos documentos iconográficos (imagens), principalmente quanto às coleções, formatos, classificação e regras descritivas.

Convém, para que possam fazer parte da Enciclopédia, que todas as imagens publicadas separadamente (estampas, cartões-postais, etc.,) incluam seu respectivo número de classificação. Dispondo de índices de assuntos, de lugar, de tempo e de pessoas, os documentos poderão então ocupar seu lugar nas séries formadas de acordo com essas bases.

1. *A imagem e sua evolução*

A imagem dos objetos permite que deles se forme uma ideia clara e precisa, enquanto que a melhor descrição oral pode deixar na mente do leitor algo vago e impreciso. O homem sempre buscou a imagem. As possibilidades de reprodução por meio da gravura em madeira e metal, paralelamente à tipografia, multiplicaram as imagens, tanto incorporadas aos livros, quanto separadas (estampas). Vastas coleções iconográficas foram formadas, sobretudo depois do Renascimento. A fotografia com a fotogravura e os vários processos de reprodução de cores e o cinema criaram imensas novas possibilidades, tanto para a ilustração de livros quanto para publicações independentes. Coleções foram formadas, complementares às dos gabinetes de estampas. Foram elaborados listas e catálogos.

O papel da imagem não é de se exagerar. Ela se assemelha à palavra, sendo uma outra maneira de expressar as coisas. Nossa época deveria servir-se dela sistematicamente, o que tende a fazê-lo, na ilustração de livros e jornais, na ilustração para publicidade e para museus como forma de educação pela imagem, desde a meninice, continuando em todos os graus de ensino.

As imagens se classificam em reais, possíveis e imagináveis.

Os grandes tratados empregam simultaneamente a fotografia, que é exata, o desenho, que é interpretativo, e o esquema, que reduz ao essencial.

Tratamos anteriormente da imagem em geral. (Ver seção 22.3 e divisões.)

2. *O mundo em imagem*

Não seria exagero afirmar que hoje, com maior ou menor grau de perfeição, de rigor científico e gosto artístico, o conteúdo do vasto mundo acessível ao homem foi amplamente fotografado. E continua a sê-lo a tal ponto que o pensamento deve considerar a existência de uma documentação iconográfica universal (no original ou reproduzida) ao lado da documentação escrita (manuscrita ou impressa). Em diferentes setores enfatizou-se a conveniência de que os vestígios do passado, os documentos naturais, sejam fotografados, como forma de protegê-los de alterações e de seu desaparecimento. Por outro lado, diante do crescimento do saber, torna-se necessário encontrar novos meios para se instruir. A imagem, portanto, pode servir de base a uma nova linguagem, que permita uma assimilação mais geral, mais fácil e mais imediata. Um novo trabalho se impõe: incluir na sequência de imagens todas as ideias que ali seja possível incluir.

3. *A iconografia: ciência da imagem*

A iconografia é a ciência das imagens produzidas pela pintura, pela escultura e as outras artes gráficas. Ela tende a tornar-se, atualmente, a ciência da imagem em geral, qualquer que seja seu modo de produção.

A iconografia cristã foi a primeira a ser analisada de modo científico.

A palavra iconografia também designa a totalidade dos documentos iconográficos.

Para as épocas quando inexistia a fotografia de hoje, existem afrescos, esculturas, baixos-relevos, gemas, inscrições, grafitos, papiros, mosaicos, fundos de vasos, etc. Seu testemunho não é nem menos formal nem menos valioso do que o dos textos. O conjunto contribui para oferecer a síntese da história das mudanças da vida.

No passado, o trabalho iconográfico dos artistas era a única leitura do povo: o livro não existia, o jornal menos ainda.

As grandes coletâneas surgiram. A primeira publicada, em 1517, foi a de Mazzochi, intitulada *Ilustrium imagines*.[1] Outras se sucederam.[2]

Uma obra recente, *Botanical pen-portraits* dos srs. J.N. Moll e H.H. Janssonius (La Haye, Nyhoff) é um exemplo típico da substituição das descrições verbais (texto) pelos desenhos.

Foram formadas coleções de retratos. Por ex.: a Porträtsammelung der Nationalbibliothek. Seu foco é o retrato ou personagem representado, pouco importando o processo de produção do documento: gravura,

---

[1] As obras zoológicas de Aristóteles eram acompanhadas de desenhos. Quando a descrição se tornava difícil, o autor remetia para a figura que acompanhava o texto. Essas imagens frequentemente representam partes que somente podiam ser conhecidas por dissecação.

[2] Exemplos de coletâneas de iconografia: Errera, Isabella. *Répertoire abrégé de l'iconographie*. 20 vol. aproximadamente. O *Allgemeiner Bildneskatalog*, de Hans Wolfgang Singer, que terá de 8 a 10 volumes, informando sobre cem mil retratos de mais de 25 mil pessoas, de todos os países e de todos os tempos. Utilizou 18 coleções de retratos da Alemanha. Leach (Howard Seacoy). *Princeton's iconographic index* (In *L. J.* 50 1925, p. 208-10). Ribemont-Dessaignes, A. 1910, *Iconographie obstétricale*, fasc. I à III.

desenho, fotografia. Essas coleções devem ser formadas com referência a outras coleções estabelecidas separadamente, tendo em vista o material (por ex.: medalha, tela pintada), a forma (por ex.: busto ou relevo) ou as dimensões (por ex.: retrato de corpo inteiro).

O Comitê Internacional de Ciências Históricas decidiu realizar pesquisa entre os historiadores de diferentes países sobre a organização da documentação iconográfica em particular sobre os métodos de sua ordenação.

Foi criado na Holanda um Rijks Bureau voor Kunsthistorische en iconografische Documentatie.

Hoje em dia existem coleções de imagens de toda espécie e sobre qualquer assunto, ampliando a concepção do gabinete de estampas de antigamente, até abranger as fotografias. Seria preciso reservar para elas o nome de 'iconotecas'.

4. *Publicações iconográficas*

A imagem tem seu lugar em todas as publicações em que ilustra o texto. Mas também existem publicações de imagens e coletâneas de imagens. As publicações exclusivamente iconográficas se multiplicam. Têm o formato de livros, de álbuns e de atlas. Ao contrário da obra ilustrada onde o texto continua sendo essencial, nelas as informações escritas são acessórias. (Ex.: as publicações de Boisonnas. O *Index iconographique des maladies de la peau*, do dr. Chatelain, etc.).

5. *Coleções iconográficas*

Houve fortes motivos para que se pleiteasse a ampliação e multiplicação das coleções de fotografias documentárias (arquivos fotográficos). Foi proposto que, em todas as bibliotecas, um lugar lhes fosse reservado ao lado das estampas ou em combinação com as estampas. Fomos favoráveis a que os centros de documentação de cada ciência se ocupem em reunir sistematicamente toda a iconografia da respectiva ciência. Mostramos que essa última incumbência deveria caber especialmente a organizações internacionais (ver, por exemplo, o que começou a ser feito pelo Instituto Internacional da Agricultura em Roma). Projetamos a formação de uma coleção universal ligada à biblioteca mundial, de um lado, e com a enciclopédia universal, de outro lado. Ansioso por trabalhar, na medida de suas possibilidades, por desbravar o vasto campo da fotografia documentária, o Instituto Internacional de Bibliografia previu essas metas nos estudos preparatórios e nas primeiras realizações da enciclopédia documentária. Ele possui atualmente uma coleção de aproximadamente 150 mil documentos fotográficos, montados em folhas e em fichas, classificados por assuntos e organizados como parte gráfica de sua enciclopédia documentária. Ela é formada por pastas e documentos móveis e tende a atender àquelas metas: complementar as grandes enciclopédias publicadas, ser desenvolvida continuamente e sem fim, conter os documentos de qualquer origem e não a opinião de um único autor, formar, para o estudo de cada questão, em uma pasta internacional comparada, utilizando recortes dos artigos de revistas e jornais cuja importância documentária, como fonte pelo menos indicativa, cresce a cada dia. "É conveniente formar ou construir grandes coleções integrais de imagens, seguindo um plano metódico, e chegar a concretizar uma vasta enciclopédia iconográfica que educará ao mesmo tempo que divertirá, mostrando sucessivamente a gênese das coisas, a composição

dos objetos, a beleza de suas formas, a evolução dos seres, a fabricação e a disposição dos produtos." (François David, *Encyclopédie d'images*, p.8).

É preciso organizar os arquivos fotográficos gerais onde os artistas e os cientistas, os sábios e os jornalistas, os artesãos e os operários possam encontrar o que for lhes for necessário para o estudo, para o curso, para o livro, para o jornal, para o trabalho.

Começamos a fazer no IIB um dicionário iconográfico decimal em fichas, que contém uma ilustração característica de cada coisa representada na Classificação Decimal. Não basta ter uma fotografia de cada coisa; as coisas mudam de aspecto (cidades, locais turísticos, pessoas, etc.). Sua história está gravada em sucessões de fotos.

6. *Índice iconográfico universal*

Congressos internacionais recomendaram a criação de um índice iconográfico universal, abrangendo as imagens desenhadas, gravadas, fotografadas, separadas ou anexas às obras, confeccionando a lista por autores e assuntos tratados, indicando os lugares onde se encontram. Trabalhos notáveis existem nesse sentido. Por ex.: *Index locupletissimus iconum botanicorum*, o *Portrait index*, da Library of Congress. A elaboração de índices específicos deveria ser repartida por países, por assuntos, por épocas, segundo um plano de conjunto à maneira da bibliografia. Um método comum deveria ser adotado (regras catalográficas, formatos, classificação). Um índice central em fichas deveria concentrar, em primeira etapa, o índice dos índices, e, em segunda etapa, a suma dos índices. Em razão das estreitas afinidades entre um e outro, o índice iconográfico universal deverá estar ligado ao Repertório Bibliográfico Universal. (Ver Código de Regras nº 63.)

7. *Coleção de matrizes de cobre e de madeira*

Devido a seu interesse, sua importância seu custo de produção, somos levados a conservar as fotografias ou matrizes ou clichês das imagens, quer se trate de desenhos, gravuras ou fotografias.

As matrizes têm várias formas: placas de negativos de vidro, diapositivos para projeção, as autotipias ou fotogravuras destinadas à impressão. São necessárias providências para que sejam conservadas, pois representam um valor real e, por meio de empréstimo, são adequadas para melhorar grandemente o ensino, as conferências e as publicações. Há também as matrizes de madeira e de cobre. Recentemente chamou-se a atenção para a importância das grandes calcografias nacionais, formadas de matrizes gravadas em cobre (principalmente as do Louvre, em Paris).

Falta uma palavra em francês para designar esse tipo de coleção. O Buffalo Museum of Science, que possui 70 mil matrizes com descrições manuscritas, a denomina '*lantern slide library*' [biblioteca de diapositivos].

242.32 Desenho

a) A escultura, a pintura e a arquitetura baseiam-se no desenho, que não é menos necessário às artes industriais do que às belas-artes. O desenho encontra-se no contorno e no perfil de todos os objetos. Segundo os meios utilizados, distingue-se o desenho a lápis, a pastel, a carvão, a pena, etc. Do ponto de vista da execução, o desenho é um simples esboço, um croqui, ou ainda um estudo, uma cópia de modelo, um desenho em ponto grande. Há também o desenho somente a traço, e o desenho sombreado,

o desenho litográfico para gravura. A propriedade das estampas de tecidos é protegida por lei. Mediante processos mecânicos, produzem-se atualmente cópias reduzidas e muito precisas de determinados desenhos. (Ver seção 222.31 em 5 a 8).

b) A caricatura desempenha um importante papel. Damo-nos conta às vezes "que uma ilustração de jornal contém, no feliz acaso de uma caricatura, o resumo de toda uma situação política ou social" (Bourget).

242.33. Gravuras. Estampas

1. *Noção*

a) As gravuras e estampas são a reprodução obtida pela impressão de uma matriz de metal, comumente de cobre, sobre a qual foram traçados desenhos e figuras por meio de um buril, ácido ou outros processos mecânicos.

Em tipografia diferençamos 'gravuras' de 'composições'. As primeiras são feitas por qualquer processo de estereotipagem, as segundas com caracteres tipográficos.

b) Gravuras, estampas, litografias e outros produtos das artes gráficas apresentam um caráter realmente artístico. São em talhe-doce, abertas com o buril ou água-forte. São em preto e branco ou coloridas. Existem em exemplar único ou em vários exemplares. São obras de arte ou são de caráter comercial, comportando anúncios, publicidade ou informações semelhantes. São geralmente tiradas em papel especial e, quando se trata de tiragens limitadas, trazem com frequência o número da cópia e a referência ou a assinatura do autor.

'*Avant la lettre*' é a expressão empregada por artistas e ateliês de gravura para designar uma tiragem de obra que foi concluída em termos de desenho, contornos e sombras, mas que ainda não recebeu assinatura, marca ou legenda. O gravador imprime somente alguns exemplares e em seguida completa a prancha com a gravura da letra.

c) As gravuras se apresentam como sequências de ilustrações, às vezes separatas ou séries de gravuras publicadas em álbum ou separadamente.

A gravura, por todos seus modos de reprodução e por sua sucedânea, a fotografia, é utilizável sob as mais variadas formas. Ainda é difícil definir o limite entre a estampa propriamente dita e o livro ilustrado. Entre eles se apresenta a coletânea de estampas que forma um álbum, portanto, um livro. Há também os livros de imagem impressos de um só lado do papel e onde o texto é somente um acessório das figuras.

Certas obras incluem pranchas ilustradas separadas, em estojos, ou encadernadas à parte. Por ex., frequentemente, obras que tratam de arquitetura.

Os bons xilogravadores, ao criarem obras autônomas, de valor eminentemente decorativo, tornam-se ao mesmo tempo ilustradores de livros, e são levados a criar livros xilográficos.

d) A gravura deve ser estudada de um ponto de vista duplo: como forma documentária; como obra de arte (estudo sobre os artistas, desenhistas e gravadores, que se distinguiram pela criação independente, pela reprodução de obras de outros artistas ou pela simples ilustração de livros).

2. *História*

A gravura tem uma longa história. A xilografia é a impressão feita com blocos gravados de madeira. Os livros impressos por esse processo se

* Os dicionários franceses não registram a palavra com o sentido atribuído por Otlet. Tapouco os dicionários de português. [N.E.B.]

chamam *xylographes*.* Não trazem data nem assinatura; são quase sempre os resumos muito sucintos de grandes obras destinadas ao povo e acompanhadas de imagens para melhor prender sua atenção. A gravura teve altos e baixos (ver seção 222.31).

Nos últimos anos, houve uma espécie de renascimento da gravura em madeira e buril. Ela deixa com os processos fotomecânicos o que eles podem agora fazer melhor; mas ela dá ao artista que inventa sua própria obra o meio de concebê-la em função da técnica. Atualmente, a expressão direta e sintética de uma emoção subjetiva está substituindo a pesquisa da transposição refinada e analítica da observação objetiva.[1]

3. *Etnologia*

Entre os orientais, a gravura ocupa um lugar importante e se aperfeiçoou.

Os *kakemonos*, peças de altura variável, quadros que eram suspensos nas paredes internas das casas. Os *makimonos* são faixas horizontais mais estreitas de um comprimento que atinge às vezes quinze metros, conservados em rolos, que representavam temas da história, lendas religiosas, fantasias de toda natureza, e que se dividem em uma sucessão de múltiplos fragmentos complementares.

Há também a cromoxilografia (impressão colorida).

Os *sourimonos* são impressões coloridas com inserções de cores metálicas (ouro, prata, bronze, estanho e preto). Para fazer essas estampas é preciso uma sucessão de pelo menos 25 diferentes matrizes.

4. *Conservação. Ordenação*

As gravuras se conservam de diversas maneiras: em estojos e caixas de arquivo, em álbuns encadernados, em móveis especiais com gavetas ou em pastas.

As gravuras são amiúde emolduradas. A própria moldura às vezes é uma obra de arte. De qualquer modo ela deve se harmonizar com a obra e ser somente um acompanhamento do objeto emoldurado e não a coisa principal. A moldura deve submeter-se às exigências da gravura e não o inverso. A gravura cortada ou dobrada tem seu valor de mercado consideravelmente reduzido.

5. *Catalografia*

A catalografia da gravura realizou obras notáveis que têm lugar ao lado daquelas da bibliografia e frequentemente anexas a ela. Foram definidas regras para a descrição e ordenação delas. Essa catalografia toma o caminho das reproduções reduzidas. Ex.: Hugo Smidt Verlag empreendeu a publicação do catálogo de gravuras de Gersberg: a xilogravura alemã em folhas soltas. O catálogo conterá 1 600 reproduções de gravuras da obra em dimensões reduzidas de aproximadamente um quinto, um oitavo e um décimo do tamanho original.

6. *Calcografia*

A calcografia, nome antigo para designar as coleções de chapas de cobre gravadas conservadas para reprodução. A calcografia do Louvre é um tesouro precioso e muito pouco conhecido. Existem calcografias em di-

[1] Louis Lebeer. *Introduction de l'œuvre de Joris Minne.* (Bibliothèque Royale de Belgique. Exposition 22 avril 1933.) Ver também a obra de Max Elskamp.

versos países. O Instituto de Cooperação Intelectual organizou em diversas capitais exposições de calcografia.

242.34 Cartazes

1. *Noção*

O cartaz ilustrado (a placa colorida) é uma das espécies de um gênero constituído pelas vistas murais em geral. Estas compreendem também todas as pinturas parietais, painéis e tapumes que tinham o mesmo objetivo dos cartazes. Atribuímos a uns e outros a provocação do olhar e serem janelas abertas para a atividade humana e as belas paisagens.

Os cartazes são esquemas, símbolos: eles atraem por meio de uma ilustração que deve evocar os objetos, os produtos, os lugares turísticos.

2. *História*

Ainda é a Renaudot que devemos os *petites affiches* [pequenos cartazes]. Eles começaram a aparecer em 1638, desapareceram com a morte de seu fundador (1653), e reapareceram em 1715. A publicidade iria sempre crescer cada vez mais. Hoje, o governo e particulares têm frequentemente recorrido a cartazes propriamente ditos. Somente os cartazes governamentais podem ser impressos em papel branco; os outros são impressos em papel colorido e submetidos a um imposto [*droit de timbre*] muito alto.

Os primeiros cartazes em papel eram manuscritos. Eles apareceram na França no século XVI durante as guerras de religião. Encontraram bem cedo seu verdadeiro lugar: as muralhas. Os contendores não deixavam de colocá-los em toda parte, fosse secretamente, fosse abertamente. O século seguinte viu surgirem os primeiros cartazes impressos.

3. *Países*

O cartaz triunfa; nos Estados Unidos, foi a publicidade que permitiu total expansão a essa tradução do pensamento. Nisso, a objetividade da língua inglesa prestou um serviço incomparável, martelando intensamente em nosso intelecto o conceito que ela quer traduzir.

O cartaz teve um papel importante na educação do público na URSS. Ele serviu à passagem de uma agricultura atrasada para práticas agrícolas avançadas, ele luta contra o analfabetismo, pela melhor higiene, pela produtividade do trabalho. Ele não está mais limitado a algumas figuras lacônicas, nem sugestivas, nem aos apelos. Ele assume um caráter didático, oferecendo informações sobre essa ou aquela forma de vida econômica, explicando por meio de diagramas o caminho desse ou daquele processo econômico. Muitos dos cartazes se dirigem às nacionalidades da URSS em sua língua materna.

A imagem, que foi valioso meio de educação das crianças, e deve continuar assim sendo para a multidão de analfabetos e de menos letrados.

4. *Espécies*

Há cartazes publicitários (comércio), cartazes administrativos, cartazes políticos e eleitorais, cartazes de turismo.

Imprimem-se cartazes em tecidos de grandes dimensões (por ex.: o do romance *Ann Vickers*, de Sinclair Lewis, prêmio Nobel: 3,00 × 0,45 m).

As empresas ferroviárias publicam cartazes sobre as cidades e os lugares turísticos de sua rede. As estações se tornam também espécies de salões de pintura. Criaram-se tipos enormes de cartazes fotográficos.

5. *Cartazes políticos*

Em todos os países, atualmente, a propaganda política, principalmente nas eleições é feita com cartazes.

As eleições presidenciais dos EUA usam cartazes, jornais e placas, de cores brilhantes, que procuram atrair e impressionar os eleitores com apelos curtos e frases de efeito.

Ônibus abertos percorrem as avenidas e ruas, ocupados por barulhentas orquestras e cabos eleitorais, que exibem cartazes com inscrições de todos os tipos recomendando seu candidato. Algumas organizações democráticas projetaram um painel gigantesco, da altura de vários andares, transportado por três caminhões. A cada dez segundos esse painel ilumina-se eletricamente e podemos ler inscrições em letras enormes alternadamente vermelhas, azuis e brancas. A multidão, noite e dia, é influenciada pela propaganda do partido que atinge seus olhos e seus ouvidos. Os cartazes, as edições de jornais e a caricatura se sucedem.

A Inglaterra adotou medidas, durante a guerra, para o estudo dos recursos econômicos do Império e criar um movimento prático de negócios que lhe permitisse substituir pelos produtos do Império aqueles que ela obtinha antes dos impérios centrais. Trata-se do Imperial Institute, de Londres, associado ao Colonial Office e às câmaras de comércio do império que provocou esse movimento.

Exposições comparativas de cartazes eleitorais foram organizadas no Palais Mondial.[1]

6. *Legibilidade dos cartazes*

Experiências sobre a legibilidade a distância dos cartazes chegaram à seguinte ordem das cores: 1. preto sobre amarelo; 2. marrom sobre amarelo-claro; 3. preto sobre amarelo-claro; 4. amarelo sobre vermelho; 5. amarelo sobre verde-escuro; 6. preto sobre laranja, etc.

7. *Edição, venda de cartazes*

Até aqui os cartazes ilustrados não saíam do domínio publicitário. Agora são publicados regularmente. As companhias ferroviárias francesas encomendaram a confecção desses documentos a especialistas em cartazes, e são postos à venda para o público a preços muito baixos.

242.35 Brasão: heráldica

a) *Brasão*

A origem do brasão remonta à antiguidade: existem registros hebreus e gregos de seu uso. Mas o brasão propriamente dito nasceu na Idade Média, na época das Cruzadas. No Renascimento, representava uma grande honra. No reinado de Luís XIV todos queriam possuir um brasão de armas.

Abolidos quando da Revolução [Francesa], os brasões de armas foram posteriormente restabelecidos.

O brasão é composto por um sistema de signos emblemáticos, que formam uma notação. Pode-se distinguir o *escudo*, os *esmaltes*, as *figuras heráldicas* ou *peças honrosas*, os *ornatos internos* ou *móveis*, etc. O escudo é o *campo* onde são dispostos os símbolos que representam o antigo broquel. Na França, ele comumente tem a forma de um retângulo vertical

[1] *De l'affichage politique. Conseils pratiques pour la rédaction, l'apposition et la protection des affiches, jurisprudence et texte de loi sur la presse*, publié par le Comité des Droits de l'Homme et du Citoyen, Montpellier, 1895. in.-16º

com uma ponta pequena centralizada na porção inferior.

O escudo é denominado *enxaquetado* quando é dividido em casas como as de um tabuleiro de xadrez (em números de 20 ou 24), algumas são de metal e outras coloridas. A terça parte superior chama-se *chefe*: o meio, *centro*; a porção inferior, *ponta*. Ele pode ser dividido de quatro maneiras (*partições*): por uma linha perpendicular mediana (*partido*); por uma linha horizontal (*cortado*); por uma diagonal da direita para a esquerda (*fendido*); por uma diagonal da esquerda para a direita (*talhado*). Os esmaltes compreendem os *dois metais* (*ouro* e *prata*); as *seis cores*: o *azure* (azul), *goles* (vermelho), *sinople* (verde), *sable* (preto), o *amorado* e o *púrpura*; as duas peles: *arminho* (branco) e o *veiro* (azul). As figuras heráldicas ou peças honrosas são: o *chefe*, a *faixa*, a *pala*, a *cruz*, a *banda*, a *asna*, etc., num total de 19.

Os ornatos internos ou móveis são figuras naturais ou artificiais de homens, animais, plantas ou outras coisas: *aleriões*, *merletas*, *torres*, *estrelas*, *besantes*, etc. Acrescentemos ainda os ornatos externos: *elmo* ou *timbre*, *coroa*, *lambrequins* e *suportes*.

Dentre os tipos de brasões de armas notam-se: brasões de *cidades*, que as comunas adotaram no momento de sua emancipação ou em outras circunstâncias; os brasões das *sociedades* ou *corporações* (universidades, associações de comerciantes, etc.); os brasões de *famílias*, cada vez mais numerosos. Estes últimos são ditos *quebrados* quando os filhos caçulas os modificam para se distinguirem dos filhos mais velhos; *difamados,* se o rei lhes impôs uma modificação ultrajante; *irregulares* ou *falsos*, se violam as regras ou a verdade; *falantes*, se mostram os nomes de seus possuidores. Outrora, os juízes de armas compunham os brasões dos recém-enobrecidos.

b) *Heráldica*

Os brasões foram vistos durante muito tempo como objeto de uma ciência em si mesma, que, em certa época, era considerada a mais importante aos olhos dos que ocupavam as posições de maior prestígio da sociedade. Essa ciência tinha por objeto a descrição e a composição das armas que cada família nobre transmitiria de pai para filho como o símbolo ilustre de sua nobreza e antiguidade. Era ensinada pelos arautos de armas que tinham por principal função descrever o escudo dos cavaleiros quando se apresentavam para combate durante os torneios. Como nesses eventos apresentavam-se cavaleiros de todas as nações, os brasões são acompanhados por termos que se tornaram idênticos em todas as localidades.

242.36 Cartões-postais ilustrados. Cartas de jogar. Ex-líbris

242.361 *CARTÕES-POSTAIS ILUSTRADOS*

a) Os cartões-postais ilustrados tiveram desenvolvimento notável. Eles são objeto de um comércio importante e de coleções. Há cartões de diversos gêneros. Alguns, reproduzidos em papel tratado com brometo de prata e similares, possuem um valor sensivelmente superior aos cartões comuns. Podem ser enfeitados com complementos de materiais têxteis, com flores artificiais, etc. Os cartões-postais se apresentam soltos, brochados em cadernos ou em folhas.

"Expressão da vida, o cartão postal faz dela um panorama abreviado. Batismo, primeira comunhão, noivado, casamento, alegria da maternida-

de e da paternidade, a arte de ser avô, enfim o divórcio. Mas não a morte — o divórcio marca em cartões-postais a última etapa de uma vida de conto de fadas."[1]

b) Foram reproduzidos em cartões-postais monumentos, museus de arte e outros museus.

"Existem cartões-postais fantasiosos, a inebriante magia de cromos, as paisagens nevadas envolvendo sóis e luas inverossímeis, namorados apaixonados, jovens que almejam uma bela festa com um buquê de flores e um ar bestificado — mas, por outro lado, os belos rostos e as flores fotografadas realçadas nas cores certas."(Marius Richard.)

c) Os cartões-postais são reproduzidos por impressão em papel sensibilizado, por heliogravura, por fototipia, por meios-tons, por processos fotocromáticos e pelo offset. Alguns que mantêm o formato 6 × 9 dão a ilusão perfeita da fotografia de amador. Vendem-se cartões-postais em séries de 10 a 20 vistas.

d) Antigamente colecionavam-se cartões-postais. Eles eram guardados com cuidado em álbuns. Hoje, a vulgarização matou o colecionismo, mas conservam-se os cartões por causa das recordações ligadas a eles (lembranças).

242.362 *CARTAS DE JOGAR*

As cartas de jogar são, em certo sentido, documentos. Trazem imagens e sinais que suscitaram interessantes estudos sobre folclore. Em muitos países as cartas de jogar são objeto de monopólio do Estado ou de impostos especiais.

Elas possuem diversos formatos, e os baralhos são compostos comumente de 32 ou 52 cartas. As cartas são impressas em cartão bristol; também são feitos de celuloide. O tarô, que se relaciona com os jogos de cartas, foi o primeiro dessa categoria inventado para oferecer entretenimento. Acredita-se que as cartas vieram da Ásia, assim como o xadrez, com o qual possuem certos pontos em comum. Foram introduzidas na França por volta do fim do século XIII. Além das 52 cartas comuns, o tarô possuía uma quinta série que compreendia 22 figuras que representavam os naipes ou trunfos e recebem o nome mais específico de tarô. Encontrou-se na China o material de um jogo composto por 77 plaquetas e que se imagina que possa ter servido como um tipo de jogo de tarô. Ainda se pratica esse jogo em certas partes da Alemanha e da Itália.

242.363 *EX-LÍBRIS*

Os ex-líbris apresentam duas características. 1º A de sua função: ser uma marca de propriedade combinada eventualmente com o sinal de sua localização e outras indicações correlatas. 2º A característica de ser uma obra de arte, gravura ou estampa.

Ex-líbris, marcas de editoras e frontispícios com suas vinhetas falantes e dísticos sugestivos traduzem bem os múltiplos aspectos do livro.[2]

242.37 *FOTOGRAFIA*

1. *Noção*

a) A fotografia é a arte de fixar em uma chapa recoberta com uma

---

[1] Alice Halickon. Panorama de la carte postale. *Le Musée du Livre, Bulletin*, mars 1932, p. 43.

[2] Jardere, H. *Ex-libris, notices historiques et critiques sur les "ex-libris" depuis leur apparition jusqu'à 1894.* Paris, 1895.

substância sensível à luz as imagens obtidas com o auxílio de uma câmara escura. É um método que permite obter, pela ação de radiações visíveis ou invisíveis, a imagem duradoura de um sujeito. (E. Picard.) A reprodução dessa imagem também é chamada de fotografia.

b) A fotografia é portanto a 'escrita com o auxílio da luz' (*photo*: luz, *graphein*: escrever). Desde sua invenção, ela corresponde cada vez mais a essa definição. Existem agora três formas de escrever um texto ou fazer uma imagem: à mão, em máquinas grandes e pequenas (de datilografia ou impressão), e por meio da fotografia. Lamartine definia a fotografia como uma colaboração entre o artista e o sol.

O *método fotográfico* é utilizado cada vez mais em lugar do *método visual*. A objetiva, a chapa ou o filme, o papel sobre o qual a imagem reproduzida será fixada e sua multiplicação em documentos fotográficos constituem um processo que verdadeiramente amplia o olhar, substituindo a visão direta, não somente na observação científica, mas também na vida prática (no trabalho, no ensino e no entretenimento).

2. *Histórico*

Tudo que por aqui passa deixa algum vestígio, e, encontrando-se um reagente suficientemente sensível, pode-se ter a esperança de revelar sua existência. O menor raio de luz, a mais sutil vibração do éter e talvez o próprio pensamento possam ser registrados e produzir uma impressão indelével. "Quem sabe, dizia Marcelin Berthelot, se um dia a ciência com todo seu progresso, não irá encontrar o retrato de Alexandre em um rochedo, onde sua sombra houver parado por um instante."

As etapas do desenvolvimento da fotografia foram: 1º Fixação das imagens obtidas em metal (daguerreótipo, 1838); 2º prova em papel (1839); 3º negativo de vidro que permitia fazer um número infinito de cópias em papel (1845); 4º chapas recobertas com uma emulsão de gelatina para substituir o coloide; 5º aumento da sensibilidade da chapa reduzindo o tempo de pose; 6º obtenção de belas cópias com a adição às emulsões de materiais corantes: chapas ortocromáticas e pancromáticas; 7º aplicação da fotografia a todas as áreas científicas e industriais; 8º emprego de tomadas fotográficas para levantamento exato e rápido de mapas (fotogrametria) e em combinação com o avião (aerofotogrametria); 9º fotografia em cores ou fotografia integral, Lippman (1908); 10º fotografia das cores ditas de interferência (método tricrômico), processo de chapas autocrômicas com seis a sete mil grãos por milímetro quadrado; 11º filmes coloridos, películas autocromáticas cujo suporte é uma folha de celuloide.

3. *Espécies de fotografias*

a) Existe a seguinte série de termos: a. negativos ou positivos; b. preto e branco ou colorido; c. planos ou em relevo (estereogramas); d. original – diapositivo em vidro ou em película – fotografia ou fotograma; e. clichê tipográfico ou fotogravura; f. normal, microscópica, macroscópica (redução e ampliação); g. estática ou em movimento (cinema, fotografia dinâmica); h. para ver ou projetar; i. muda ou sonora.

b) A fotografia deu origem a muitas modalidades: a. ampliação ou redução; b. composições variadas de fotografias entre si, as criações da imaginação, o movimento; c. as fotografias originaram diversos tipos de impressão: separadas e soltas, em álbuns de vistas, ilustrando publicações e acompanhadas de textos descritivos, editadas em formatos para projeção.

c) Como documentos, é possível distinguir a fotografia artística, a fotografia de amadores e a fotografia industrial. Como divisões temáticas podem-se distinguir as fotografias de arte, as fotografias industriais, as fotografias documentárias e científicas.

4. *O campo da fotografia*

a) Pode-se dizer que a fotografia é um modo de escrever baseado em princípios matemáticos, físicos e químicos. A fotografia é a mais importante das máquinas intelectuais inventadas pelo homem. Não somente reproduz, mas produz os documentos e representa a realidade diretamente e sem o intermediário de um cérebro. Em favor da fotografia, existe a presunção de que ela não pode enganar, que ela é um testemunho irrecusável e irrefutável, que não faz parte da 'equação pessoal'. A fotografia desbancou o desenho. Por outro lado, abriu para ele um campo próprio, com aquilo que a fotografia não pode oferecer, a saber: 1º condensar em um mesmo quadro todas as ideias abrangidas por um conjunto de divisões da classificação e cujo assunto não se encontre condensado na natureza das coisas. Buscando reunir em uma mesma imagem toda uma série de ideias, o desenho deve fazer o possível para transmitir à ideia expressa todo seu valor instrutivo. Ex: a fotografia nos mostra uma árvore com sua copa aérea, enquanto o ilustrador pode nos fazer enxergar muito mais, como as suas ramificações no solo. 2º Mostrar a expressão dos sentimentos, coisa que a máquina fotográfica não consegue captar facilmente em todas as suas nuanças. Com frequência, as pinturas terão a missão de distinguir, para fixar no meio de um conjunto de ações, o traço mais característico e que seja ao mesmo tempo o mais fértil em ideias, o mais sugestivo e o mais assimilável. 3º Realizar criações imaginárias. (David.)

A fotografia de objetos materiais e das ciências é muitas vezes fria e esquemática, enquanto que o desenho pode ser caloroso e detalhado, registrando frequentemente o que a objetiva não conseguiria captar. Um artista sente, reafirma e materializa por meio do desenho e da pintura a íntima essência da vida que ele aspira a registrar.

b) A fotografia é o meio de representação mais realista, aquele em que a objetividade mecânica atinge a mais preciosa aproximação quando se trata de obter da natureza uma imagem bidimensional. Ela substitui o relevo pela perspectiva e fornece à luz e à sombra equivalentes. O olho humano está sujeito à imperfeição, ao mesmo tempo que à sensibilidade de todo organismo. Daí as inúmeras variantes de análise da luz e das formas que ela assume, assim como na interpretação de suas relações. O instrumento, ao contrário, ao fixar um instante do estado luminoso de um objeto não fica sujeito a nenhuma dessas inferioridades, nenhuma dessas emoções. Com regularidade, ele obedece imparcialmente apenas aos princípios aritméticos e físicos de sua invenção e de sua fabricação.

A fotografia científica é feita com o máximo de impessoalidade e depende do raciocínio e da lógica; a fotografia artística é guiada por uma escolha, sentimental ou emotiva. "A máquina em geral permitiu adentrar em um mundo novo; a passagem do desconhecido para a consciência, operada por ela, é seguida por estranha sensação de irrealidade." O olho artificial de uma objetiva pode ver e fixar aspectos desconhecidos, porque existem por apenas uma fração de segundo, em que dura o ato da fotografia, e que o olho humano não saberia distinguir ou mesmo conceber senão em certa medida, sob determinado ângulo e de determinada maneira.

c) A fotografia amplia o campo da documentação não somente porque ela reproduz documentos, mas porque ela os produz, tanto por causa dos melhores processos, quanto por atingir áreas inacessíveis por outros recursos: a fotografia aérea ou submarina, ampliações, aspectos novos.

5. *Técnica da imagem fotográfica*

a) Seja vidro ou celuloide, trata-se de um suporte sobre o qual é disposta a matéria sensível: a emulsão. Seja película ou chapa, a sensibilidade às cores é fundamental. É a tradução das cores em suas proporções ópticas, isto é, exatas. Designa-se essa propriedade pelo termo 'ortocromática'.

b) Pode-se comparar uma imagem fotográfica a uma imagem visual que é gravada na retina do olho de uma pessoa, e que, graças a uma maravilha científica, pode novamente impressionar de modo idêntico outros indivíduos afastados a qualquer distância do objeto visto originalmente, ou após um tempo ilimitado. A imagem fotográfica é absolutamente completa, ela reproduz os menores detalhes dos objetos, retraça tudo que a vista é capaz de captar. No desenho gráfico, ao contrário, quaisquer que sejam o talento e a paciência do desenhista, sempre haverá detalhes esquecidos ou indicados de modo incompleto. A retina da objetiva é muito mais potente do que a do olho humano. Em muitos casos a fotografia constitui um verdadeiro meio mecânico de visão, muito mais aperfeiçoado do que aquele que o homem possui em seus órgãos visuais: os olhos. Ela permite o registro de fenômenos de uma duração extremamente curta, extremamente distanciada ou reduzida (fotografia microscópica ou macroscópica). Uma coleção de imagens fotográficas representa no mais alto grau o armazenamento de imagens no cérebro, armazenamento que, como se sabe, constitui a memória e abastece todas as funções intelectuais. Um escaninho de fotografias representa para nós o esquema de um lobo cerebral. Somente a objetiva é capaz de ver e desenhar de forma fiel, sem interpretações e sem erros. E é por isso que a fotografia operou uma revolução no mundo ao criar o único processo capaz de fazer uma *cópia verdadeira*. Todo documento exato deve, portanto, se for uma cópia, ser de base fotográfica.

c) Foram feitos retoques, supressões, colagens e fotomontagens. Todas as alterações em fotografias originais devem ser conhecidas do ponto de vista da fotografia documentária; são meios de arte e poesia do ponto de vista da fotografia artística.

6. *Produção de documentos fotográficos*

a) As fotografias documentárias devem se adequar a certas condições. Começou-se a estabelecer essas condições em diversos campos das ciências. Por ex.: para a fotografia astronômica, para a fotografia arqueológica (*Précis d'archéologie du Moyen Âge*, de Brutails, cap. VI), para a arquitetura (J. Jamin: Congrès International de Photographie, 1910). Convém associar essas recomendações específicas a regras gerais. (Ver Código nº 64.) A fotografia científica exige pontos de referência para a realização de cálculos. Nesse terreno houve grandes progressos, dentre eles a fotometria ou fotogrametria.

b) Permanece essencial que a fotografia obtenha imagens exatas. O método descrito pelo sr. E. Estanave (Académie des Sciences, Paris, 16 juin 1930)* permitiu-lhe obter a imagem aérea de um objeto, visível a qualquer distância e apresentando em visão binocular todas as caracte-

* Photographie. Nouvelle contribution à la photographie intégrale. *Comptes Rendus Hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences*, t. 190, p. 584, jan./juin. 1930. [N.E.B.]

rísticas da fotografia integral, imagem única, em tamanho natural, com seu relevo e a mesma variação de campo que se observaria se nos deslocássemos diante do objeto real.

c) Os congressos já regulamentaram o formato das chapas, dos aparelhos, das cópias estereoscópicas, das fichas, etc. A padronização oferece ótimos resultados. É oportuno estendê-la também às publicações e coleções e integrar os formatos da fotografia à série de formatos da documentação geral. De grande formato (quadro), formato médio (folha), pequeno formato (ficha), formato de filme (micrograma) ou formatos métricos intermediários.

d) A cópia fotográfica vai revolucionar toda a documentação. Sem falar nos manuscritos, ela permitirá reduzir o número de empréstimos, os envios ao estrangeiro, as próprias viagens aos grandes centros de onde os periódicos não devem sair, e que se apresentam como meios eficazes somente em alguns casos excepcionais. Percebe-se que as bibliotecas serão dotadas de serviços de fotografia que irão transformar os grandes depósitos e as coleções especiais de salas de trabalho em *centros de emissão*, de onde os documentos serão difundidos (Morel). Abrem-se dois caminhos: a cópia fotográfica em tamanho real e a cópia reduzida (o livro microfotográfico, o microfilme).

Um novo aparelho, destinado à ampliação de microfotografias, permite que se façam fotocópias de manuscritos, frente e verso, com economia de papel e espaço.

e) As fotocópias podem ser verdadeiros extratos. Equivalem em todos os aspectos às cópias manuscritas que eram feitas de um livro ou de uma enciclopédia (texto ou imagem). Mas são extratos dispostos em uma ordem desejada, de tal modo que é possível disso resultar uma nova exposição, um verdadeiro livro novo, nunca antes escrito, mas onde a mente que selecionou os documentos pôde conceber o plano, as ideias diretrizes, certos detalhes, sem que forçosamente haja procedido aos desdobramentos.

A fotografia levou os pintores, ameaçados nesse terreno da verdade exterior, a se voltar para a expressão da verdade interior, psicológica. O cinema, do mesmo modo, influenciou a arte dramática. O jornal se concentra nas notícias e nas informações rápidas. Mas vive o dia a dia e não é superficial. O escritor irá voltar-se cada vez mais para a alma, abandonando o terreno das histórias e fatos anedóticos onde o jornalismo se destaca. Assim se confirmará o pensamento de Théophile Gauthier, para quem só o livro tem importância e permanência.

A fotografia foi durante muito tempo dominada pela concepção da pintura. Apenas recentemente ela se tornou de fato realista: ela reproduz as coisas diretamente, de forma despojada, e nos deslumbra; é possível ver os poros abertos e as rugas vincadas de um rosto; a textura de sulcos preciosos de um vulgar pedaço de madeira; os detalhes da estrutura, da textura ou da fatura de qualquer objeto fotografado. Nova concepção do espaço: um poder de conhecimento direto do mundo que nos envolve e de nossas próprias vidas.[1]

7. Diversas aplicações da fotografia

A fotografia deu origem a incontáveis aplicações. Por outro lado, ela

[1] L. Moholy-Nagy: *Une vision nouvelle.*

não foi somente um substituto automático do desenho, pois originou formas de documentos que seriam impossíveis sem ela. Por ex.:

a) A fotografia composta (galtoniana). Ela capta apenas os traços principais de diferentes rostos e lhes atribui um tipo simbólico.

b) A gastrofotografia é a fotografia aplicada ao controle visual do estômago, como auxiliar no diagnóstico médico (aparelho de F. Bac, Porges e Heilpern).[1]

c) Para a cronometragem do tempo de trabalho foram dispostas pequenas lâmpadas elétricas em pontos estrategicamente selecionados no corpo humano (mão, cabeça), para então fotografar os movimentos realizados. As tramas luminosas mostram as trajetórias das lâmpadas elétricas.

d) A metrografia é uma nova técnica que utiliza a objetiva para medir as imagens. O sr. Andrieu, em seu livro *Les révélations du dessin et de la photographie à la guerre*, descreve o modo de utilizar a representação da paisagem, qualquer que seja sua forma, por meio de medidas métricas. Após realizar pesquisas com diversas categorias, como médicos, artistas e topógrafos militares, ele desenvolveu um modo-padrão de visualizar objetos, isto é, o ângulo óptico pelo qual o olho vê. Ele chegou à conclusão de que existe uma espécie de distância humana, involuntária ou adquirida, que considerou como a chave de um sistema. Desse modo, Andrieu simplificou e tornou cômoda a utilização da perspectiva e de seu inverso ao abstrair regras geométricas.

e) A fotografia métrica, também chamada fotogrametria, fornece uma imagem totalmente de acordo com as medidas métricas. Ela permite ajustar as proporções de tamanho e distância dos objetos e reproduzir a fotografia como um plano independentemente da escala. A fotografia estereofotogramétrica tem a vantagem de conferir uma visualização plástica à imagem.

7. Fotografia aérea

As fotos aéreas vieram revelar um novo aspecto de inúmeras coisas e auxiliar em seu melhor conhecimento. (Ex.: mapas de países e plantas de cidades, vistas das pirâmides, estudos de tráfego e circulação, etc.). Com a fotografia aérea, cada comuna poderá ter uma imagem real de seu território. A fotografia aérea alcançou seu ápice com as tomadas feitas acima do monte Everest, a dez mil metros de altitude, no início de 1933, por Clydesdale e McIntyre. A fotografia aérea, que oferece uma visão distanciada dos objetos, permite descobrir particularidades que nos escapam quando os vemos de perto. Desse modo, foi possível descobrir na Mesopotâmia uma imensa cidade que poderia ter comportado cerca de quatro milhões de habitantes. Nas margens do Tigre, antigos sistemas de irrigação e fortes dispostos em série (artigo do sr. G. A. Beazeley [Air photography in archæology], em *The Geographical Journal* de maio de 1919 [v. 53, n. 5, p. 330-335]. Resumo em: *Bulletin Mensuel de la Société Centrale d'Architecture*, oct. 1919.)

Ao longo dos últimos anos, associações inglesas fizeram levantamentos aerofotográficos de dezenas de milhares de quilômetros quadrados na África, Ásia e América. A cartografia dessas regiões foi feita em um décimo do tempo que levaria o levantamento feito por meios terrestres e cus-

[1] *Revue Scientifique* 1932. p. 150.

tou menos de um quarto. Frequentemente os levantamentos teriam sido impossíveis de executar a partir do solo: a região pantanosa do Sudão conhecida pelo nome de Sudd é um belo exemplo. Aviões que totalizaram mil horas de voo, nas altitudes de 3 500 a 4 500 metros, fotografaram cinquenta mil quilômetros quadrados do Sudão e de Uganda, e os mapas foram entregues dois anos após o início da expedição. O levantamento terrestre mais rápido nessa região, com a organização mais competente, teria levado no mínimo dez anos e estaria longe de fornecer todas as informações precisas mostradas imediatamente pelas fotografias aéreas.

As fotografias aéreas fornecem um meio simples, direto e rápido de fazer o levantamento de enormes extensões; elas também oferecem a vantagem de fornecer imediatamente informações preciosas sobre a constituição dos territórios fotografados. Elas mostram os lugares onde existe a possibilidade de descoberta de ricas jazidas minerais, onde o solo se presta para a agricultura, as zonas onde as florestas devem ser conservadas por razões comerciais ou para fins de proteção, os melhores traçados para as estradas de ferro e as rodovias, e muitas outras informações de grande valor para o governo e para o desenvolvimento racional de um país. A fotografia aérea revelou, além disso, toda uma parte da história antiga, mostrando a configuração de cidades, estradas e terraços. Mesmo na Grã-Bretanha, detalhes históricos que permaneceriam escondidos provavelmente para sempre, foram descobertos graças à fotografia aérea.

A fotogrametria estereoscópica desenvolvida pelo professor Hugershoff, de Dresden, reduziu a um décimo do tempo as operações de campo, e as de gabinete a um sexto do tempo empregado com os antigos métodos. É possível hoje cartografar terrenos antes inacessíveis e impenetráveis, de grande extensão. Os aparelhos chamados autocartógrafos [*autocartographes*] permitem fazer mapas em relevo, com curvas de nível exatas, na escala de 1:10 000 ou 1:20 000, de florestas e cadeias montanhosas elevadas. As tomadas são feitas de aeroplanos ou lateralmente a partir de vias férreas nas montanhas, de barcos no litoral. Em duas horas, um avião pode tirar fotografias que cobrem uma superfície de 300 km² para mapas na escala de 1:10 000 e de 1 200 km² na escala de 1:20 000.[1]

a) *Fotografia do céu*. Uma obra de importância fundamental foi iniciada: a representação fotográfica do céu estelar. Nela trabalham 18 observatórios e alguns concluíram a tarefa. A obra completa será composta por duas mil folhas contendo as imagens de 50 milhões de estrelas até a grandeza 14, obtidas com exposições de aproximadamente meia hora. Ela incluirá também um catálogo com a posição de cerca de dois milhões de estrelas até a grandeza 11, obtidas com exposições de cinco minutos.

A fotografia aplicada à representação do céu nos permite: 1º visualizar em um relance a imensidão do universo acessível a nossos meios de pesquisa; 2º obter dessa representação fiel do céu a imensa vantagem de substituir medidas por imagens.

A cintilação das estrelas se extingue mais rapidamente para a chapa fotográfica do que para o olho humano.

b) A estereoscopia deve ser considerada, por um lado, como um problema matemático e, por outro, como uma problema gráfico. A ilusão de relevo que a estereoscopia oferece deve-se em parte a um aprendizado cerebral, o qual, quando ambos os olhos recebem uma imagem específica,

[1] München, Kartographische Gesellschaft.

não nos permite ver senão um só objeto tridimensional. Esse aprendizado, em que a imaginação tem importante papel, tornou-se tão perfeito que, se for possível olhar com os dois olhos um desenho formado por alguns traços e pontos dispostos aleatoriamente, nosso espírito sempre se esforçará para ali ver a imagem de um objeto tridimensional que não existe. (Eyckmann, *Annales d'Électrobiologie*, août 1909.)

O dr. Herbert Ives (apresentação na Society of Motion Picture Engineers, em Nova York) vê a solução do problema nestes objetivos: sem aparelho de visão individual para os espectadores; uma só exposição fotográfica para cada uma das imagens sucessivas que constituem o filme; um sistema de projeção única. O dr. Ives buscou distribuir as diferentes tomadas na própria imagem. (Estereograma de paralaxe.)

i) *Fotografia automática*. A empresa holandesa de telefonia, seção de Amsterdã, colocou em funcionamento um notável sistema de contabilidade fotográfica para seus 30 mil assinantes. Todas as estações ligadas por fios possuem seu contador disposto lado a lado, em grupos de 100, em uma grande sala. Mensalmente, um aparelho fotográfico automático posicionado em trilhos varre todos os contadores, um a um, com seus focos luminosos, e registra microscopicamente em filme contínuo os consumo do mês. Em uma sala anexa, funcionam diversas outras unidades do aparelho para emitir as contas dos assinantes. O filme do mês é projetado, ampliado sobre um vidro fosco, paralelamente ao filme do mês anterior. Uma datilógrafa transcreve à máquina, em papel, os números dos dois meses visualizados: o conjunto de calculadoras conectado na máquina de escrever processa automaticamente o valor a ser pago: números do mês atual, números do mês anterior, o preço em quilowatts. O controle é feito por uma segunda máquina que transcreve o número na ordem inversa da primeira; portanto, basta procurar os erros nos limites dos dois totais discordantes. Esse método pôs fim às reclamações. Toda a contabilidade de dois anos resumida em (30 mil assinantes × 24 meses = 720 mil × 2 números = 1 400 000 números) ocupa nos arquivos apenas a quinta parte de um metro cúbico.

i) *A fotografia integral*. O aparelho visual dos insetos é formado por um grande número de olhos extremamente pequenos, possuindo cada um uma córnea, um cristalino e uma retina. Existem mais de 25 mil em algumas espécies e é provável que todas essas imagens parciais formadas no conjunto de retinas formem um relevo extremamente nítido. Ademais, essa disposição deve permitir também a variação do campo de visão, conforme o inseto se desloca, e objetos diferentes podem assim aparecer-lhe sucessivamente. Gabriel Lippmann, em 1908, perguntou se seria possível realizar um sistema de fotografia integral que permitisse obter toda a variedade que oferece a visão direta dos objetos e ele apontou os princípios para uma solução desse difícil problema. Recordando os olhos compostos dos insetos, ele formou uma imagem que nos "representa o mundo exterior enquadrando-se aparentemente entre as margens da cópia impressa como se essas margens fossem as de uma janela aberta para a realidade". Em 1921, Estanave (Marselha) utilizou, no lugar de chapa gofrada, essas minúsculas lupas que vêm engastadas em certas canetas para crianças (lupas de Stanhope). Dessa maneira, reunindo 1 160 dessas lupas em um bloco rígido, ele tirou fotografias de objetos muito brilhantes que atendiam às condições da teoria de Lippmann. Ainda resta muito a fazer, mas a fotografia integral é possível.

8. *Organização*

a) A fotografia provocou o surgimento de diversos métodos para sua organização e respectivos organismos. A fotografia compete à documentação. O conjunto das fotografias existentes constitui a imagem fotográfica do mundo. Convém organizar e incluir a organização da fotografia na organização geral da documentação. Em 1906 ocorreu em Marselha o congresso internacional de fotografia documentária. O Instituto Internacional de Bibliografia e sua seção de fotografia documentária ali apresentaram um primeiro conjunto sistemático de regras referentes à organização, ordenação e colaboração. (Ver as atas do congresso e o *Bulletin de l'Institut International de Bibliographie* e o *Annuaire de la Vie Internationale*, p. 2434.) Esse primeiro conjunto, ampliado, aprimorado e relacionado com a documentação geral, voltou a ser tratado no código de regras para a organização da bibliografia e da documentação apresentado posteriormente na conferência bibliográfica internacional de 1910 (ver atas) e no congresso internacional das associações internacionais (1910, atas p. 168). A fotografia documentária e a iconografia geral são tratadas de forma conjunta no capítulo VI desses códigos. Ver a publicação nº 119, *Code de l'I. I. B. pour l'organisation internationale de la photographie*.

b) Foram constituídos órgãos próprios para a fotografia, centros de produção e de edição. Alguns grandes estúdios detêm uma posição notável, por exemplo, Braun, Boissonnas e Alinari, os artistas da fotografia.

c) Foram formadas em alguns museus importantes coleções relativas à ciência e à técnica da fotografia (por ex.: em Munique, em Paris, etc.).

d) Agências fotográficas fornecem aos jornais as imagens dos acontecimentos cotidianos. Por meio de assinaturas são reguladas as formas de uso e pagamento.

9. *Reprodução de documentos existentes. Fotocópia*

a) A fotografia proporcionou um meio confiável e econômico de reproduzir documentos antigos. Em primeiro lugar, trata-se dos manuscritos. Os congressos internacionais do livro, de bibliotecas e bibliografia voltaram-se muitas vezes para este tema. Em 1898 e 1905, ocorreu até mesmo um congresso internacional sobre reprodução de manuscritos. Mais recentemente, a Comissão da Cooperação Intelectual da Liga das Nações abordou essa questão. Nas reuniões científicas, foi recomendada a publicação de fichas impressas em fototipia com os tipos originais das espécies descritas por autores antigos (contribuições de Leval e E. Joubin). Em geral, devem ser tomadas providências para a reprodução fotográfica imediata dos documentos únicos ou raros em todos os campos.

Os processos fotográficos de reprodução foram empregados recentemente para reproduzir as histórias das vinte e quatro dinastias, de 1195, em edição PENA,* que deve abranger 800 volumes com, aproximadamente 130 mil páginas. É a história de cinco milênios da civilização chinesa. As obras originais são datadas a partir de 1034 aC. Com a fotografia foi possível reduzir o formato original. A obra mostra o grande avanço da China no processo de gravação de blocos de texto, que precedeu a tipografia propriamente dita.

b) Diante da quantidade, da dispersão e dos preços crescentes dos livros, jornais e revistas técnicas, não é mais possível ao particular adquiri-los regularmente, mesmo os mais importantes.

A compra isolada de fascículos dos periódicos que tragam os artigos

* Edição Bona, não Pena, na prática editorial chinesa, é a montagem de uma obra com pedaços de outras. A publicação a que se refere Otlet saiu de 1927 a 1937. [N.E.B.]

mencionados em referências é certamente uma solução menos onerosa. Contudo, ela obriga os leitores a manter uma correspondência trabalhosa e os editores a conservar coleções completas que logo estarão desfalcadas. Como a quantidade de exemplares em estoque é necessariamente limitada, e os fascículos se esgotam de forma desigual, os editores veem-se com frequência na impossibilidade de atender à demanda. A consulta em bibliotecas é sempre possível, mas, também é preciso que os artigos possam ser reunidos nas pastas de estudo. A solução encontra-se na fotocópia dos artigos segundo os métodos da fotografia comum ou da fotografia microscópica.

c) Existem aperfeiçoamentos dos processos de reprodução em tamanho normal, a saber: a Schwartz-Weiss, fotografia real em preto e branco, Photostat, o Comtophote, etc.[1]

O Recordak é um aparelho criado pela companhia Kodak, que permite que os bancos utilizem a fotografia microscópica automática de cheques, de modo que os originais sejam devolvidos aos emitentes. Em um filme de 16 mm de largura e 200 pés de comprimento, é possível fotografar 16 mil cheques. Uma bobina de 3 ¾ × 3 ¾ × 3 ¾ de polegadas contém oito mil cheques. Os bancos também aplicam esse processo à cópia fotográfica de documentos de caixa de todos os tipos, a fim de evitar sua acumulação.

242.38 A projeção

1. *Noção*

a) No dia em que alguém projetou uma fotografia, exumando a velha lanterna mágica, certamente ignorava o extraordinário caminho que nos levaria a percorrer. Ele nos apresentava dois novos princípios: de um lado, a superfície era ocupada somente durante segundos de utilização, sendo liberada para outros fins imediatamente após seu uso; e, por outro lado, a possibilidade de poder ampliar ou reduzir o objeto à vontade. Eis em que consiste a projeção.

A evolução da projeção foi marcada pelas seguintes etapas: 1º começou com a velha lanterna mágica; 2º depois assumiu a forma dos diapositivos de vidro; 3º depois, fotótipos, celuloides e mesmo papéis; 4º o movimento a favor do livro microfótico (fotoscópio, cinescópio) deu origem às imagens em películas, em formato de filme, primeiro em bobina, depois separáveis em imagens independentes; 5º desenvolvimento da projeção atual.

b) A projeção é a reprodução e a ampliação à distância de um objeto ou imagem. Ela é de três espécies: 1º projeção de diapositivos (vidro ou celofane); 2º projeção de corpos opacos (epidiascópio); 3º projeção com raios X. Ela é realizada tanto de longe como de perto com ou sem fios. A reprodução ocorre tanto em telas, quanto em papel fotográfico, onde se fixa a imagem. A projeção ampliada sobre tela dá origem a um documento virtual que logo desaparece, sem ocupar ou imobilizar outro suporte, ocupando o espaço somente em seu momento útil e desaparecendo para dar lugar a outra projeção.

c) Uma classificação geral da projeção possui as seguintes divisões: a) fixa ou animada; b) em preto e branco ou colorida; c) de objetos translúcidos ou opacos (diascópica ou episcópica); d) de grandes dimensões ou microscópica; e) sem relevo ou com relevo; f) sobre tela ou em panorama; g) sem fala nem música, com fala e música; h) com fio ou sem fio; i)

[1] Hanauer: *Minerva Zeitschrift* B. D. V. – Ernst Walser (Basileia): *Centralblatt für Bibliothekswesen* 1928 p. 417.

no escuro ou em plena luz. Os diversos aparelhos e processos existentes inserem-se nas seguintes categorias: lanterna mágica, cinema, fotoscópio, cinescópio, filmes falados, filmes sonoros.

2. *O livro microscópico ou microfotográfico. O livro projetado*

a) Propusemos, desde 1906, junto com Robert Goldschmidt,[1] dar ao livro ou aos documentos em geral uma nova forma: a do *volumen* em miniatura, que seriam assim produzido: fotografa-se cada página, elemento ou combinação de páginas diretamente em uma película ou filme em formato cinematográfico universal. As imagens assim obtidas apresentam-se sequencialmente, justapostas lado a lado no filme, nas dimensões reduzidas de 18 × 24 mm. Essa imagem virtual reproduz nos mínimos detalhes o texto, manuscrito ou impresso, bem como as ilustrações.

Esse negativo serve de matriz ou protótipo a partir do qual serão impressos os positivos nas mesmas dimensões. A leitura dos positivos poderá ser feita tanto com a ajuda de lentes de ampliação, quanto com uma simples lâmpada de projeção, ou 'aparelho de leitura', especialmente construída e de tamanho tão reduzido que pode ser levada no bolso.

b) O novo método permite filmar, em 200 segundos, 100 páginas do original de um livro. Em uma hora, muitos milhares de páginas podem ser registrados por um só aparelho, a um preço módico. Bobinando cada livro separadamente em sua caixa, um móvel (microfototeca), com dez gavetas, de um metro de superfície e 12 cm de altura, pode conter 18 750 volumes microfotografados de 350 páginas. Equivale a uma biblioteca cujas prateleiras teriam 468 metros de uma extremidade a outra. As cópias positivas são obtidas por contato. Máquinas apropriadas para essa operação permitem copiar até mil metros por hora, ou seja, 52 mil páginas.

c) No que concerne à leitura, o 'aparelho de leitura' reproduz em tamanho real o texto ou o documento gráfico. O aparelho tem um volume de cerca de 30 cm cúbicos e funciona com uma lâmpada elétrica alimentada por qualquer corrente ou por uma pilha. O aparelho, colocado sobre uma mesa, permite que a imagem do documento seja projetada verticalmente, de cima para baixo, sobre uma superfície opaca branca, e também por transparência, mudando-se o aparelho de posição de modo que a projeção seja feita de baixo para cima. Nesse caso, substitui-se a superfície branca por um suporte transparente de vidro fosco ou papel vegetal. Quando o aparelho está na horizontal, é possível projetar sobre qualquer superfície, inclusive transparente, como uma tela, parede e até mesmo o teto. Assim é possível a um grande número de pessoas assistir à projeção ao mesmo tempo (conferências, escolas, demonstrações científicas, etc). Se for preciso preservar a ampliação do documento, bastará substituir a tela por uma folha de papel sensível ao brometo de prata que se obterá, depois da revelação, uma reprodução na escala desejada, conforme a acuidade visual do leitor. Se a intenção for reproduzir o documento inteiro em poucos exemplares, um aparelho especial permite a cópia contínua em papel sensível da imagem ampliada do filme. Se, ao contrário, se quiser reproduzir a ampliação em muitos exemplares, um processo contínuo de impressão, que emprega tinta tipográfica, permite obter rapidamente a quantidade de cópias desejada.

---

[1] *Bulletin de l'Institut International de Bibliographie*, 1906 – R. Goldschmidt et Paul Otlet: *La conservation et la diffusion de la pensée. Le livre microphotique.* Publication n° 144 de l'I.I.B. – A ideia já abriu caminho e o processo tende a tornar-se universal.

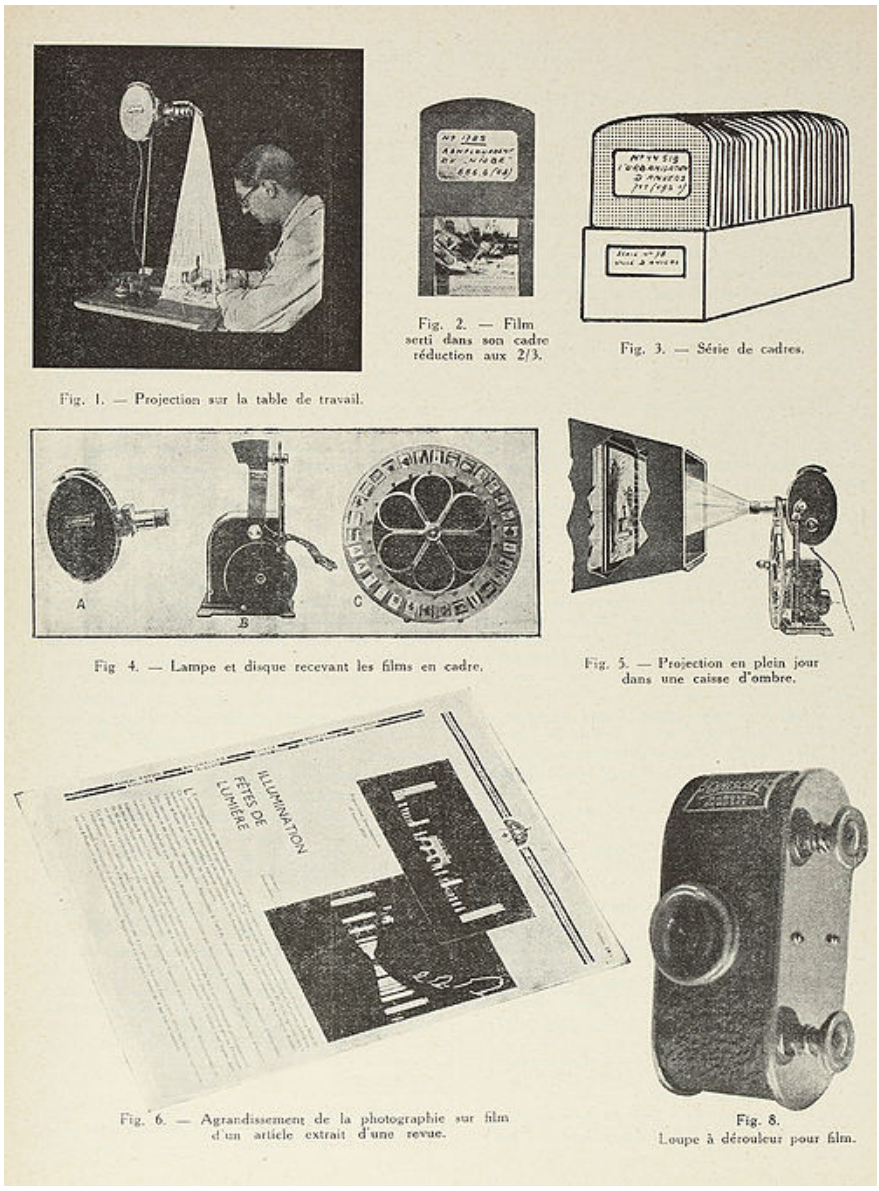


Fig 1. Projeção na mesa de trabalho. – Fig. 2. Filme encaixado em moldura; redução 2/3. – Fig. 3. Série de molduras (diapositivos).– Fig. 4. Lâmpada e disco com os diapositivos. – Fig. 5. Projeção à luz do dia em uma caixa de sombra. – Fig. 6. Ampliação da fotografia feita com negativo de um artigo de revista. – Fig. 8. Lupa para visão ampliada de filme.

Projeção à luz do dia. Imagens e textos podem ser vistos a olho nu e lidos com lupa. Uma cópia em papel serve de catálogo que pode funcionar como lembrete, principalmente no caso de aulas ou conferências. A partir do modelo básico foram desenvolvidas diferentes aplicações e aparelhos (fotoscópio, cinescópio, Zeiss, etc.).

d) Bibliotecas, institutos, museus, grandes repartições, gabinetes de estudos industriais, escolas, etc. podem ter atualmente seu microfoto e começar sua coleção da enciclopédia: adquirindo ou produzindo seus próprios filmes. No futuro, todo trabalhador intelectual terá sobre a mesa esse instrumento novo que ampliará os recursos de sua documentação, propiciando-lhe, em um formato maravilhosamente reduzido, um museu e uma biblioteca.[1]

e) O formato do microfoto é de 18 × 24 mm (imagem de cinema) ou de 24 mm de largura por 23 mm de altura, o que permite a inserção, em largura e altura, de qualquer documento, sem ser preciso rebobinar o filme. Para uma boa paginação, deve-se levar em conta que as imagens necessitam ser enquadradas em uma moldura de 24 × 33 mm ou múltiplos dessas dimensões. Os documentos em preto e branco e em escala de cinza são os únicos que podem ser fotografados sem receio, pois os coloridos geralmente tornam-se tons cinzentos ou pretos. Os textos a serem incluídos nas imagens devem ser escritos com tinta nanquim sobre fundo branco ou datilografados com uma fita bem escura. Não colocar texto em excesso nas imagens e cuidar para que o tamanho dos caracteres seja proporcional ao das imagens. É conveniente colocar sobre a imagem uma marca de coleção, um número de referência, um índice de classificação e um título. As imagens são montadas em fitas enroladas em bobinas. Um microfilme bobinado pode ter de 20 a 60 imagens, mas não há limite de comprimento. Elas são também utilizáveis, separadamente, montadas em pequenas molduras metálicas e móveis, podendo então ser ordenadas de diferentes formas. Existem câmeras fotográficas pequenas (Photoscopic, Cent Vues, etc.).

f) A projeção de microfilmes pode ser feita automaticamente (*autofilm*). Ela é contínua, em ciclos que recomeçam, sem exigir, portanto, qualquer intervenção humana, a não ser o acionamento inicial. O aparelho tem lâmpada, filme, mecanismo de rotação, tela e tomada elétrica.

É possível fazer projeções à luz do dia com um anteparo preto diante da tela. O aparelho é colocado em um local público (galerias de arte ou museus, vitrines, esquinas ou parques). A projeção é feita para os transeuntes. É uma espécie de publicidade mural aplicável à difusão de todo tipo de informação. São fabricadas lâmpadas de leitura para serem colocadas sobre o documento (Busch, Berlim). Existem óculos especiais (ampliador binocular Zeiss).

3. *Projeções de diapositivos*

Os diapositivos em vidro eram os únicos durante muito tempo. São pesados, frágeis e caros. O congresso internacional de fotografia unificou seu formato. Foram formadas coleções em centros de estudos.

4 . *Projeção de corpos opacos*

A projeção de corpos opacos baseia-se no princípio da reflexão da luz

[1] Hanauer, J. Das Kleinstlichtbild im Dienste von Technik und Wissenschaft. – *Das Technisch Blatt*, Beilage der *Frankfurter Zeitung*, 5 Sept., 1929.

e exige uma fonte de luz intensa. Corresponde ao desenvolvimento da antiga ideia das 'sombras chinesas' muito difundidas no Extremo Oriente. Existem numerosos instrumentos: o episcópio da Zeiss, o episcópio de Bergé, o Panoptique, o Mirrorscope.

5. *Radiografia*

a) Os raios X e os aparelhos que os produzem nos oferecem atualmente um poderoso meio de investigação, que enxerga sem causar danos, que penetra, sem prejudicá-los, nos objetos mais preciosos, e que as ciências da antropologia, paleontologia e pré-história devem aplicar e acrescentar aos seus métodos usuais de pesquisa (ex., múmias, sílex, etc.). É possível fazer uso da chapa de vidro e das cópias fotográficas positivas em papel.[1]

b) A fotografia, e mesmo a cinematografia, com dezesseis vistas por segundo, utilizaram a ação sensível dos raios X. Em anfiteatros de medicina são projetados filmes que demonstram o movimento de um esqueleto, o funcionamento dos músculos ou a contração do estômago durante a digestão. A radiografia mostra apenas sombras, a ampola de raios X não ilumina, ela apenas pinta sombras chinesas na parede.

Os raios X são instrumentos para o exame de pacientes e o diagnóstico de doenças, e também podem ter ação terapêutica. Os raios X deram origem a novas formas de documentação: os fotogramas, imagens produzidas pelo maravilhoso instrumento. A nitidez das imagens dispensa longos raciocínios, como era comum antigamente. A cirurgia de fraturas tornou-se praticamente banal. As imagens dos pulmões, estômago, piloro, rins, bexiga e de qualquer outro órgão que possa apresentar anormalidade são analisadas. Antes do século XIX, antes de Laennec, o tronco humano era como um território desconhecido. A arte da percussão e da auscultação foi objeto de sarcasmo durante muitos anos; hoje basta apenas enxergar. Os raios X podem ser aplicados em massa. Na Suíça, todos os recrutas são submetidos a exames radiológicos, visando ao diagnóstico da tuberculose em seus estágios iniciais e, portanto, passível de tratamento.

6. *Projeções diversas*

O dr. Manfred, de Manheim, construiu uma máquina para fazer projeções nas nuvens, a uma altura de 800 a mil metros, e visíveis a muitos quilômetros de distância. Cria-se um céu lúdico que, durante a noite, torna-se uma folha de papel, onde qualquer pensamento pode ser inscrito, e também uma tela onde é possível projetar uma fotografia ou um mapa.

242.4 Arquivos (peças, coleções, depósitos)

1. *Noção*

Os arquivos fazem parte da documentação geral. Não apenas seus métodos e instalações são distintos, mas, também, a concepção de seu objeto. 'Arquivo' (com inicial maiúscula) designa o prédio (depósito) do arquivo, o conjunto das coleções ali preservadas, ou, ainda, a administração do arquivo. A palavra 'arquivo' (com inicial minúscula) indica uma coleção específica, importante ou não; a expressão é sinônimo de coleta ou fundo de arquivo. Um fundo de arquivo é o conjunto dos documentos escritos, desenhados ou impressos, recebidos *ex officio* por uma instituição ou por seus funcionários, ou emanado deles, desde que esses documentos

[1] La radiographie en anthropologie et en pré-histoire par le dr. Foveau de Courmelles, *Revue Mondiale*, 15 nov. 1920, p. 177.

se destinem a ser mantidos por essa instituição ou esses empregados.[1]

Por arquivo compreendem-se três coisas:

1° a coleção dos documentos públicos e privados constituída a partir dos itens recebidos ou formalmente elaborados por uma instituição ou um dos seus funcionários, e que constituam prova ou testemunho;

2° o local onde essa coleção é conservada;

3° o órgão da administração que tem sua custódia e administração.

2. *Histórico*

Os antigos guardavam o arquivo em seus templos, assim como o tesouro público. Nos primeiros tempos da monarquia francesa, os reis levavam seu arquivo em viagens e até em guerras, expondo-o a muitos perigos. Sem tratar aqui dos arquivos dos outros Estados, nem, sobretudo, do incomparável arquivo do Vaticano, o arquivo nacional francês [Archives Nationales] foi, de fato, organizado no reinado de Luís XIV (1688). Foi reorganizado em 1870 quando passou a fazer parte das atribuições do ministério da instrução pública. Ele compreendem três seções: histórica; legislativa e judiciária; administrativa e dominial.

As primeiras coleções públicas organizadas foram o Trésor des Chartes, os arquivos das cortes judiciárias [*parlements*] e do tribunal de contas. As grandes coleções formadas por particulares deram a Colbert a ideia de um sistema geral de conservação e organização dos arquivos nacionais. Foram organizados, primeiro, os arquivos dos ministros. Clairambault, o jovem, sob o comando de Louvois, reuniu o arquivo da marinha em Saint-Germain-en-Laye, e o da guerra foi instalado nos Invalides (1688). O marquês de Torcy, ministro dos assuntos estrangeiros, criou em 1710 um depósito permanente de documentos diplomáticos. O imenso depósito dos Archives Générales da França foi organizado apenas na época da Revolução por Camus e Dannou. Por volta de 1860, os documentos do único depósito da guerra, manuscritos ou cartas, autógrafos, agrupavam cinco mil volumes encadernados e seis mil caixas.

3. *Espécies de arquivos*

As diversas espécies de arquivos são: 1° arquivos dos particulares, incluindo arquivos pessoais, arquivos familiares e arquivos de empresas; 2° arquivos das entidades comerciais, industriais e financeiras, tanto de firmas quanto de empresas; 3° arquivos de órgãos das administrações e instituições públicas em todos os níveis (por exemplo, o Parlamento); 4° arquivos das cortes e tribunais; 5° arquivos de instituições científicas; 6° arquivos de instituições sociais, obras beneficentes, partidos, associações de todos os tipos; 7° arquivos econômicos e sociais. O Comitê Internacional de Ciências Históricas está realizando uma enquete em todos os países sobre a organização dos arquivos econômicos e sociais contemporâneos. Até agora, essas espécies de arquivos foram sistematicamente constituídas na Basileia, em Haia, em Colônia e em Bruxelas. Elas têm por objetivo preservar, em particular, a memória da vida de nosso tempo e fazê-la sobreviver, da mesma forma que os arquivos administrativos, entre as fontes das histórias contemporâneas. A vida cotidiana certamente merece tanta atenção quanto os principais acontecimentos diplomáticos ou militares.[2]

---

[1] Cuvelier. Bulletin de l'Association Bibl. et Arch. de Belgique, 1908, p. 40.

[2] O artigo 12 do estatuto do Parti de l'Ordre Politique National, de Genebra determina que "em caso

4. *Funções e uso*

Os arquivos são cada vez mais pesquisados, incessantemente. É que a história deixa de ser uma especialidade, a narrativa dos acontecimentos políticos vinculados com a autoridade, portanto com os príncipes de tempos passados. A história é a relação do que todas as coisas foram no passado, as pessoas, os objetos, as obras, as ideias, as ciências, as artes, o trabalho, todo o homem e toda a civilização. Os arquivos são, portanto, fontes para investigar o estado passado, o estado transitório e fugitivo do*

* Neste ponto o texto é interrompido. [N.E.B]

5. *Instituições conexas*

Aos arquivos estão ligados muitos serviços, instituições e coleções. Por exemplo, anexa aos Archives Nationales, em Paris, funciona à École des Chartes. O Musée Paléográphique dos Archives compreende os documentos originais mais curiosos da história da França, desde 625.

6. *Arquivo e documentação administrativa*

O termo *archives*, em francês, tem sido empregado, às vezes, no sentido de 'papéis' [documentos] de todos os tipos, uns históricos, outros modernos e correntes, de uma pessoa ou de uma instituição. Desse modo, existe uma confusão. Buscou-se distinguir os dois e propor duas denominações distintas. 'Arquivo' para designar os documentos históricos, e 'documentação administrativa' para designar os documentos correntes necessários a qualquer instituição. Na realidade, existem laços muito estreitos entre as duas categorias, pois os arquivos históricos, no passado, eram vivos, constituídos por itens de uma verdadeira documentação administrativa.

* É em francês substantivo feminino, e só é usado no plural (*pluralia tantum*). [N.E.B.]

Por outro lado, as reformas propostas na organização da documentação administrativa terão repercussões na organização dos próprios arquivos históricos, uma vez que, mais cedo ou mais tarde, serão neles depositadas as peças que se tornarem antigas, e esse depósito se executará na forma e na nova ordem com que tiverem sido produzidos.

7. *Organização de arquivos*

A questão da concentração de arquivos se impõe, do mesmo modo que a centralização de bibliotecas.

Existem associações de arquivistas ligadas em forma de organização internacional.

A organização dos arquivos tem sido objeto de grandes atividades: ordenação, conservação material das peças, descrição, catálogo, comunicação, etc.[1]

8. *Publicação de documentos arquivísticos*

Um imenso trabalho é realizado em prol da publicação de manuscritos e documentos colocados à disposição de todos.

---

de dissolução [do partido] seus arquivos serão destruídos total ou parcialmente ou confiados a mãos seguras por ordem do chefe, sendo proibido permitir sua consulta antes do decurso de um prazo de cinquenta anos, sob pena de processo por perdas e danos." É importante que sejam adotadas medidas contra a destruição de arquivos de associações e de particulares que tenham estado ligados à vida pública. Todos os locais de conservação, por meio de garantia, deveriam ser os depósitos do arquivo nacional. Um grande depósito internacional deveria existir no Mundaneum.

[1] Fournier, Paul Eugène Louis. *Conseils pratiques pour le classement et l'inventaire des archives et l'édition des documents historiques écrits*. Paris: Champion, 1924. *Traité d'archivistique de Fruin*, traduzido por Cuvelier.

242.5 Música

242.51 Noção

a) No vasto círculo da documentação, a música ocupa um setor importante. Às vezes, esta documentação é separada de todas as outras, às vezes é combinada com elas.

Há a escrita, a impressão, a edição, a livraria, a biblioteca, a catalografia e as críticas musicais.

A música relaciona-se com a documentação de várias maneiras: 1° Ela se relaciona com a palavra, que se relaciona com a escrita. A música é a linguagem dos sons harmoniosos, assim como a linguagem é o modo de expressão das ideias. 2° Ela dá origem a documentos destinados à fixação e à preservação: as partituras musicais. 3° Ela produziu uma notação muito interessante, cujo estudo comparado mostra que a notação da linguagem pelo alfabeto é, apenas, um caso particular da notação em geral. 4° Ela faz a mente ingressar em um novo campo de relações. 5° A música não é independente de outros assuntos: ela extrapola na literatura e na filosofia, na etnologia, no entretenimento, e por todas essas ramificações liga-se à documentação geral.

b) A música é, em si, todo um mundo. Os sons que ela emprega se sucedem no tempo, seja expressando sensações agradáveis para a audição, seja sensações de natureza diversa. A música dos mestres pode atuar nas profundezas da alma e transformar até mesmo a personalidade. Com a música, saímos do domínio das ideias racionais, ligadas por elos lógicos e expressas em palavras. Saímos, também, do reino das formas e cores suscetíveis de representar realidades existentes ou imaginadas. Ingressamos em uma esfera diferente, onde as relações de novos tipos são estabelecidas entre os sons.

Beethoven diz: "A música é uma revelação superior à ciência e à filosofia." A música é uma linguagem não articulada. O homem criou na íntegra o mundo dos seres musicais, que são as melodias e sua arquitetura cada vez mais complexa na sinfonia e no poema lírico. Ela é artificialidade pura. Amanhã, quem sabe, a humanidade criará alguma nova arte baseada em outro sentido.

A música é a forma mais universal e imediata de arte que serve à expressão da alma humana; é também a mais apta a resolver a exclusividade artificial dos povos e fazer com que o próprio homem fale diretamente dos segredos mais recônditos e das paixões mais sinceras de seu ser. (J. Kodolanyi.)

c) Há quem espere encontrar na música uma ideia. Mahler, discípulo de Liszt, dizia: "Quando concebo uma grande pintura musical, sempre chega um momento em que a palavra (*das Wort*) se impõe a mim como suporte de minha ideia musical."[1] Toda arte deve comportar um significado inteligível e um ensinamento. Outros dizem: Não, a música é a arte de emocionar pela combinação de sons. Quanto mais um ser desfrutar de sons para si mesmo e em si mesmo, mais ele será músico; e o será tanto menos quando desfrutar dos sentimentos, em seguida das imagens, dos símbolos ou ideias que os sons suscitam nele, fora da própria esfera auditivo-emocional.[2] Existe uma espécie de incompatibilidade criadora intrínseca entre o gênero musical e o gênero literário. "A música me fala uma linguagem encantada que ouço com fervor, fechando os olhos, sem

[1] Romain Rolland. *Musiciens aujourd'hui.*

[2] Dr. Charles Odier. Comment faut-il écouter la musique? *Semaine Littéraire*, 28 février 1919.

tentar compreendê-la com a minha mente. Eu a acho linda e a amo toda vez que ela me inspira uma emoção indefinível que eu chamo de música."

d) Os elementos constitutivos da ideia musical são a entonação, a duração, a intensidade, o timbre, o valor harmônico, os grupos rítmicos, etc.

A teoria geral da música envolve o estudo dos próprios elementos da arte: o som e suas causas, os diferentes modos de produção e de agrupamento (medida, ritmo, melodia, harmonia de sons, os processos de notação, de expressão, de percepção da obra musical, etc.). É a base de todo o conhecimento verdadeiro da arte dos sons.

e) Os elementos da linguagem musical estão profundamente associados à vida orgânica e emocional do ser humano. Eles têm um significado geral, facilmente perceptível para todos os povos, apesar da diferença de raças ou línguas faladas. Mas, por outro lado, as sensações ou ideias que essa linguagem transmite refletem, muitas vezes, o que há de mais pessoal na alma do artista e que, de todo modo, se vinculam a um movimento particular de uso local ou nacional.

A música é internacional por seu modo de expressão e por seu poder da radiação, e nacional por seu modo de produção, pela fonte de onde emana. (P. M. Masson.)

A música é uma disciplina de reflexos condicionados, e isso, não apenas para os indivíduos, mas, também, para as coletividades. A ação é exercida pela cinética e pela estática, ou mudança do ritmo, pela intensidade do movimento. Ela exerce uma função mágica nos eventos étnicos da vida social dos povos da Ásia.[1]

Nas condições habituais de composição, a ideia — ou, se preferirmos, o tema, a melodia, formados no subconsciente —, é acompanhada, é verdade, até certo ponto, por sua harmonização, seu timbre, suas transformações futuras, desenvolvimentos dos quais são suscetíveis; tudo isso está contido na ideia, do mesmo modo que a semente contém a planta, a flor e o fruto. Mas tudo isso deve tomar forma, ser 'redigido' no tratamento harmônico ou politônico, no arranjo dos acordes, na orquestração, etc. Estas operações delicadas e complicadas constituem o trabalho artístico real, a elaboração da ideia. (E. Closson.)[2]

f) A música possui uma variedade de características que não estão presentes em outras formas de expressão, ainda que possam ser inspiradas por elas. 1° Os caracteres sintéticos e concentrados de certas obras. Bach, Beethoven, Mozart e Wagner são os quatro maiores gênios da música, que resumem ou contêm em germe todos os outros. Com eles, poderíamos reconstruir toda a história dessa arte. 2° A mais-valia atribuída a uma obra como resultado de um progresso alcançado fora dela. Assim, os instrumentos modernos e a dimensão dada às orquestras trazem uma grandeza e uma nova nobreza à música antiga. Por exemplo, se Mozart pudesse ouvir a execução atual de suas obras, o que ele diria? É de se questionar como os virtuoses da época as executariam nos instrumentos primitivos dos quais vemos amostras em nossos museus.

---

[1] E. Rosenstein. Géographie musicale, folklore persan. *Annales de l'Academia Asiatica* (Teheran) 1931, v. 2, p. 20

[2] *La musique et la vie intérieure*, de L. Bourguès e A. Déneréaz. História dos fenômenos psicológicos de natureza musical, um estudo das metamorfose sucessivas do som através dos anos e dos séculos; história dupla: das emoções humanas reveladas pela música e das sonoridades reveladoras dessas emoções.

Rieman. *L'esthétique musicale*. – Lavignac, A. e de la Laurencie, L. *Encyclopédie de la musique et dictionnaire du conservatoire*. – E. Closson. *Esthétique musicale*, 1921.

3° A música difere, essencialmente, de outras artes, pelo fato de ser uma arte de interpretação. O escultor e o pintor são, ao mesmo tempo, criadores e produtores de suas obras. A obra, uma vez executada, permanece imutável na forma em que o autor a concebeu. A obra musical não existe por si só; deve ser criada e recriada sempre que se quiser ouvi-la novamente. O compositor anota simplesmente, no papel, os sons que devem ser produzidos e por quanto tempo, para outorgar à sua criação essa vida efêmera. E essa notação é toda convencional. Se, por acaso, sua chave for perdida e então um detalhe na partitura mostrar-se ambíguo, a mais bela obra-prima estará reduzida a um criptograma irritante. Essa notação deve ser interpretada. Daí a extrema importância que o artista *executante* — cantor, instrumentista e regente — desempenha na vida musical.

242.52 História

A música tem uma longa história. Ela remonta às origens da humanidade.[1]

Antes de as palavras se dissociarem da música, a poesia era cantada, da mesma forma que, na pintura, as composições de murais, que eram ramo da arquitetura, tornaram-se pinturas de cavalete, obras independentes.

Nas origens mais antigas, não se separava a poesia do canto, e o vocábulo canto ainda é o nome de certos poemas que se cantam ou podem ser cantados; é, também, o nome das divisões de certos poemas, como a *Ilíada* e a *Odisseia*. Na antiga poesia francesa, dava-se o nome de canto a diversas espécies de obras em verso, algumas sujeitas a certas regras, e outras livres. Em particular, o canto dito *royal*, que esteve muito em voga, era uma espécie de balada composta por cinco estrofes de onze versos. Principiava com uma dessas palavras: *sire* [senhor], *roi* [rei] e *prince* [príncipe]. Daí o seu nome.

A partir do século XIX, a história da música substitui a classificação por gênero pelos estudos das diversas escolas nacionais. Esta divisão não é ideal, mas será assim até que o tempo nos venha a permitir o distanciamento necessário para discernir as grandes correntes que regem o complexo imbróglio da arte atual. (E. Closson.)

Na Idade Média, a música era, nas escolas e nas universidades, uma das sete artes liberais.

As últimas três décadas do século XIX e o início do século XX trouxeram grandes mudanças no gosto artístico do público francês. Enquanto, anteriormente, a verdadeira música parecia reservada a grupos de iniciados, vimos esta arte adquirir importância cada vez maior e tornar-se, na França, bem como na Itália e na Alemanha, parte integrante da vida da nação (G. E. Bertin.)

Na música contemporânea, há predominância da visão das coisas tangíveis expressas por um descritivismo que, partindo da sensação, chega à síntese das próprias coisas. A música moderna não supera a imagem em sua maior elevação; grande preponderância dada por ela à cor fonética ou harmônica. (A. Tirabassi.)

242.53 Questões fundamentais

a) *Paralelo entre a música e o livro*

No curso do tempo, a música produziu um material de extrema com-

[1] Ver o grande painel sinóptico da evolução da música publicado por Déneréaz, Lausanne. Paul Landormy. *Histoire de la musique*.

plexidade e pôde usar meios de expressão cada vez mais científicos e abundantes para tal fim. A esse respeito, ela pode fornecer exemplos e inspiração ao livro e à documentação, já que um paralelo entre o livro e a música destaca os seguintes pontos (ver o que se disse na seção 222.2):

1° A notação.

2° A instrumentação.

3° A orquestra e suas execuções portentosas (por exemplo, a *Grande missa dos mortos*, de Berlioz, pede de 150 a 200 artistas).

4° A polifonia. A música só pode se desenvolver no tempo; mas, graças à harmonia e à polifonia, ela alcançou uma simultaneidade de sucessão que lhe garante um campo mais amplo e que é como um sucedâneo do espaço. Sabe-se, agora, que essa construção com base científica, principiada na Idade Média, exigiu séculos para ser elaborada, e ainda está em curso (Ribot). A música tem uma arquitetura sonora que se expressa no tempo, do mesmo modo que a arquitetura visual se expressa no espaço. A ideia de ouvir, simultaneamente, várias notas ou várias melodias (polifonia, harmonia), parece, em um primeiro momento, bastante singular. É completamente estranha para algumas raças que possuem sistemas musicais refinados. A origem parece puramente harmônica. Teria surgido do uníssono e se diversificado gradualmente por causa das particularidades técnicas dos diversos instrumentos, da criatividade individual, etc. Essas variações, que teriam agradado, passaram a ser praticadas de propósito, disso resultando os intervalos musicais. (E. Closson, *Esthétique musicale*). Analogamente, pode-se perguntar se não seria possível escrever, simultaneamente, vários textos, assim como já se combinam textos e ilustrações. A notação de um burburinho de conversas seria uma escrita simultânea.

5° A interpretação. Enquanto os monumentos das artes plásticas, por sua fixidez, nos remetem forçosamente ao tempo de sua criação, as obras musicais do passado, recriadas pelo intérprete moderno a partir de um novo espírito, são confundidas por ele com as obras contemporâneas. Pode-se observar que essa 'recriação' também se opera no livro devido à contribuição que o leitor lhe traz (psicologia bibliológica).

6° O ouvido e o olho. A música compartilha com o livro o interesse dos homens. O órgão da música é o ouvido, enquanto o órgão do livro é o olho. O livro apresenta ideias, a música se limita a produzir sensações. O impulso nervoso, manifestação da sensibilidade do homem e de seu pensamento, é animado por um movimento. Quando o movimento se acelera, a sensação é animada ou alegre. Caso contrário, é lenta ou triste. É deste modo, e não de outro, que se podem gerar sensações por intermédio da música. Tal sensação não corresponde a tal som, e mesmo a música é impotente para exprimir a totalidade dos sentimentos de modo direto. Entretanto, sensação e música se relacionam graças a um substrato que lhes é comum: o movimento. Elas se tornarão sincrônicas: se a sensação for forte, a música será mais rápida; se for confusa, a música mudará o compasso; se for de tristeza, as notas serão mais lentas; elas também serão mais graves, pois a gravidade de uma nota está em sua lentidão interna (de la Grasserie.)

7° Entre a música e a literatura. As relações se tornam ao mesmo tempo mais estreitas e mais distantes. A música goza de uma autonomia que difere do pensamento lógico. Por outro lado, foi só em nossos dias que imitações (música descritiva) e pensamentos (música intelectual) foram introduzidos na música. (Herwarth Walden.)

b) *Estética musical*

Estamos sempre progredindo no estudo da estética musical. Um livro como o de E. Hoffman (*Das Wesen der Melodie*) tenta analisar a essência da melodia. Toda melodia que descreva uma curva qualquer, uma impressão sentimental, é transformada numa impressão intelectual em uma linha espacial, a partir do momento em que ela passa ao espaço e se torna, por assim dizer, visual. O sr. Hoffman expõe isso com o auxílio de diagramas, cifras, equações e logaritmos. Ele faz uma aproximação entre a concepção auditiva do cego e a concepção visual do surdo.

c) *Música, matemática e realidade*

A música e a matemática guardam certas afinidades. Ambas, em termos de linguagem, conduziram o homem a resultados surpreendentes. A matemática aplicada à física e à astronomia resultou no tratamento de realidades 'microfísicas e macrofísicas' desconcertantes para a lógica comum.[1] Por outro lado, a música criou um reino de realidades sonoras que supera imensamente os ruídos naturais. Ela ascendeu, para alguns, a uma verdadeira religião. "A música", dizia Camille Mauclair, "não é nada mais que a última forma da metafísica que não quer morrer no mundo e, ao não ser creditada por meio da palavra, se fez sonoridade para recomeçar a conquista das almas."[2]

242.54 Instrumentos musicais

a) O instrumento de música está, para o pensamento musical, assim como o livro está para o pensamento lógico. Serve para reproduzir esse pensamento, com ou sem a mediação do homem e da partitura musical.

b) O estudo dos instrumentos musicais nos revela os esforços para reproduzir todas as notas, todos os sons e todos os timbres; reprodução que é uma criação de sons.

A maioria dos povos possui seu instrumento de música nacional: p. ex., a guzla, a cítara, o tamboril, o violão e a balalaica.

c) A música mecânica recorre a chapas, cilindros, faixas e rolos feitos de qualquer material: metal, papel, papelão, etc. "Chamam a música mecânica de música em conserva." A essa música pertencem os papéis perfurados em rolos para pianolas e chapas para aparelhos de reprodução de música de documentos.

d) A música tem presenciado o aparecimento de novos instrumentos: o grupo dos saxofones, as tubas, e o emprego de tubos metálicos para flautas se generalizou. Foram fabricados violinos metálicos cujo som lembra o do trompete. O momento atual faria surgir novos instrumentos, mais sensíveis, uma vez que a harmonia tende mais para intervalos curtos, dissonâncias, e até mesmo terças e quintas de tom (Debussy). Há instrumentos compostos, como o *orphéal* e o *luthéal* de Cloetens.

e) Inúmeros instrumentos elétricos, radioelétricos ou fotoelétricos foram recentemente produzidos. Não se trata de sujeitar a arte à ciência ou vice-versa. As novas técnicas trazem apenas a contribuição de novos meios, com todas as vantagens inerentes à sua natureza: extensão a todas as regiões da escala, extensão do registro dos diversos instrumentos

---

[1] Yoland Mayor. Les constituants ultimes de la matière et de l'énergie. *Revue Scientifique*, 10-6-1933.
Laker, K. *Das musikalische sehen Graz*, 1913.
Hovker, R. *Die graphischen Darstellung als Mittel zum musikalischen Hören*, 1899.

[2] Mauclair, Camille. *La religion de la musique*. 3e éd., Paris, 1921.

existentes, produção de melodias anarmônicas, transposição instantânea e automática de trechos, transmissão elétrica ou radioelétrica da música com ou sem fio, distribuição racional do som por meio de alto-falantes dispostos em função das necessidades acústicas.

O eterofone de Theremin (instrumento sem teclado). O piano radioelétrico de Grivelet (instrumento com teclado). O *cellulophone* de Toulon. O órgão radioelétrico de Bertrand.[1]

No órgão eletrônico, os sons são produzidos pelas oscilações elétricas de válvulas. O teclado do órgão está em contato com essas válvulas. Uma tecla do teclado, ao ser baixada, faz contato e conecta à válvula osciladora o circuito filtrado de uma peça que lhe dá o timbre desejado e o sonoriza em um alto-falante.

f) O sr. Russolo, inventor do entoador de ruídos [*intonarumori*], propõe, do ponto de vista musical, o conceito de 'enarmonia'. Ele insiste nas novas e infinitas possibilidades dessa visão musical absolutamente diferente da harmonia tradicional. Esta pode ser considerada como *vertical*, enquanto a enarmonia pode ser representada em um desenvolvimento *horizontal* da transição de tons baixos para tons altos e vice-versa, numa forma enarmônica.

242.55 Notação musical

a) Assim como os números, as notas são de invenção relativamente recente. Guido d'Arezzo teria sido o primeiro imaginar a substituição das letras musicais por pontos dispostos em linhas paralelas (1023). Inicialmente iguais em duração, as notas foram depois diferençadas em *brancas* e *pretas* pelo cônego Jean de Muris (1338). J.-J. Rousseau e vários músicos da atualidade tentaram trocar as notas por cifras.

b) A linguagem da música é de tal sutileza que os signos que a fixaram exigiram mais pesquisas e mais ensaios do que a linguagem comum. Essa notação tardou a se constituir, depois de muita hesitação. Mas, como todas as invenções humanas, seu desenvolvimento seguiu as regras de nossa mente analítica, que continua a buscar maior clareza.

No início, os músicos interpretavam de cor as músicas que ouviam. Assim aconteceu com os egípcios, caldeus, sírios e hebreus. Este processo era pouco propício a facilitar o desenvolvimento da harmonia. Os gregos jamais tocavam as notas com a mesma duração; entregavam-se ao simples prazer de uma melodia que tudo leva a crer ter sido tão rudimentar quanto a dos árabes e dos orientais. À maneira dos hindus, os gregos anotavam o que tocavam por meio de letras de seu alfabeto. Os romanos seguiram o exemplo deles. Por isso, até hoje, para os alemães e ingleses, A ainda representa a nota lá e B a nota si.

No século VIII, os monges imaginaram marcar os movimentos ascendentes da voz por meio de um acento agudo, e os movimentos descendentes com um acento grave. Justapunham-se os acentos agudo e grave, que assumiam diferentes posições de acordo com a entonação pretendida. O agrupamento desses acentos constituía o que se chamava neumas, sinais longos que, na realidade, correspondiam a várias notas. Os copistas separaram esses neumas, que reduziram, por meio de abreviaturas, a simples pontos quadrados ou em forma de losangos. Depois, receberam como ponto de apoio uma barra horizontal da qual eles estavam mais ou

[1] Michel Adam. *Revue Générale d'Électricité*, 7 janvier 1928. *Revue Scientifique*, 25 février 1928, p. 120.

menos próximos. Duas linhas aumentavam o significado da nota, as quais logo evoluíram para três e depois para quatro linhas.

Guido d'Arezzo marcou o início de cada verso do hino a São João por meio de uma sílaba diferente, que correspondia ao nome da nota. Dessas sílabas restaram, apenas, as primeiras letras e, destas, as que deram origem às nossas claves. As barras de medidas, os bequadros, os bemóis e os sustenidos, foram introduzidos sucessivamente. Pelo si modulador, pelo B umas vezes *mollis*, outras vezes *quadratis*, o cromatismo pôde se desenvolver até o dia em que, pela primeira vez, ele adquiriu com Monteverdi uma força dramática, que foi a maior revolução musical de todos os séculos.

À medida que a notação se tornava precisa, a *harmonia* se tornava mais científica. No século XVII, Monteverdi mesclou com a harmonia consonante, a única até então empregada, a harmonia dissonante natural. Além disso, ele criou o atual sistema tonal, baseado na atração da nota sensível e da subdominante. Esse sistema viria a destronar o cantochão. Em 1581, Vincent Galilée abandonava o canto coral para praticar o canto monódico, princípio de nosso recitativo e de nossa declamação lírica.

c) É necessário ler a história infinitamente complexa da composição e da escrita musical para se dar conta do papel desta última, tanto para a elaboração como para a conservação das composições. A paleografia musical (semiografia) passou por muitas peculiaridades, claves, modos, tempos, prolações, alterações, conformações de notas e pausas, pontos, coloratura, ligaduras, etc. Houve os neumas, as notas, mais tarde a pauta como conhecemos hoje em dia. A música foi monofônica e depois polifônica. A sucessão de notas em diferentes alturas constitui os primeiros elementos esquemáticos da melodia. Os lugares onde essas subidas e descidas melódicas ocorrem, de acordo com sua relação com os elementos modais e outros, e assumem um significado sindóxico particular. Uma ou mais curvas melódicas que contêm os elementos da introdução e da conclusão constituem a frase. A ordem melódica incompleta em si é determinada, 'toma forma', com a duração relativa atribuída às notas. A frase musical principia com o icto inicial que constitui o impulso da partida. Com este, as notas se intensificam ritmicamente, isto é, os valores de duração são rigorosamente medidos de acordo com uma unidade-padrão (*musica mensurata*) ou apenas enunciados como longos ou breves, e não exatamente medidos (*musica plana*), à medida de sua sucessão em que cada um perde parte de sua duração ou extensão teórica. Essa intensificação, a prótase, pela progressiva diminuição dos valores que atingem seu máximo, toma o nome de acento agógico. Este precede a apódose que, ao contrário da prótase, aumenta proporcional e progressivamente a duração das notas, medida rigorosa e não à medida que elas se aproximam da *mora vocis* que precede a pausa. O justo valor agógico dado às notas em relação ao lugar que ocupam na prótase e na apódose constitui o ritmo. Os compositores dos séculos XV e XVI costumavam escrever a partitura em *cartelles* ou pedaços de pergaminho. As partes separadas eram transcritas nos livros do coro ou dispostas em uma ou duas páginas. O livro do coro era o único exemplar em torno da qual todos os cantores se posicionavam para a apresentação. Mais tarde, quando a música passou a ser impressa, raramente se viam as partes com essa disposição. A maneira mais usual era a de um caderno para as partes. Na época da grande época do contraponto, a partitura musical propriamente dita era desconheci-

da. A primeira tentativa de partitura, de acordo com o sentido moderno, remonta ao final do século XVI. Era somente pela audição que se podia tomar conhecimento das obras musicais dessa época; sua disposição em partes separadas não permitia sua leitura simultânea. Sentia-se pouca necessidade de visualizar o conjunto das partes do contraponto, pois os antigos compositores eram, ao mesmo tempo, cantores e, raramente, regiam suas obras. Para as composições de terceiros, eles interpretavam as belezas dos trabalhos estabelecidas de acordo com regras comuns e estritamente observadas. As notações foram se simplificando, mas, talvez, eliminando da própria música algo de sua complexidade. Por ex., as ligaduras (reunião de duas ou mais notas formando um único sinal) e a aplicação de várias sílabas sob uma ligadura. No final do século XVI, as ligaduras foram abandonadas, tornando-se mero embelezamento gráfico opcional. A transcrição da música antiga para a notação moderna está sendo realizada. A música antiga encontra na segunda uma equivalência estrita de seus valores fonéticos e duração. A transcrição é feita, eventualmente, em quatro claves (sol, dó 3ª linha, dó 4ª linha, fá 4ª linha.[1]

d) A leitura da música é o ato de apreender rapidamente, de acordo com a notação da partitura, o tom e o valor das notas.

e) A reforma da notação musical tem sido objeto de numerosos trabalhos. Eles convergem para uma 'notação contínua' (Houtstont, Pierre Hans, etc.). O sistema tradicional altera as notas com sustenidos e bemóis, simples ou duplos. Desde a adoção da escala temperada, apenas onze tons foram identificados, ou seja uma divisão da oitava em doze semitons iguais. Porém, alteramos as sete notas atuais e os sustenidos e os bemóis simples ou duplos, o que realmente nos dá 35 notas (7 × 5) diferentemente escritas para os onze sons. O bequadro restabelece o traste e se dispõe de claves diversas. Na música moderna, dissonante e moderada em excesso, a indicação da tonalidade pela armadura da clave tornou-se inoperante, pois, mal fora criada, foi posta de lado e substituída por outra.

A notação contínua possui várias vantagens: 1ª elimina as alterações que afetam até 80% das notas; 2ª estabelece uma pauta contínua com uma única clave e sinais de tonalidade/modalidade; 3ª dispensa a gravação feita à mão, permite escrever as partituras com máquina de escrever ou linotipo; 4ª limita em 10% os erros de cópia quando da gravação das partituras; 5ª suprime em cerca de 80% os sinais musicais; 6ª reduz pela metade o preço das partituras; 7ª traduz os sons a partir dos arabescos das notas.

A notação musical já mudou várias vezes. Quando a notação do cantochão se revelou incapaz de traduzir a música instrumental, a notação atual foi adotada; abandonaram-se, praticamente, duas claves de dó, uma de fá e uma de sol, e se alterou cada nota.

A leitura de uma partitura é um esforço prodigioso da mente que nem sempre se dá conta disso. As partituras das óperas de Strauss somam 32 pautas.

f) Foram criados sistemas de taquigrafia de música que permitem fazer ditados musicais sem interrupção, sem ensaios, como se fosse a taquigrafia de um texto literário. A notação comum é reforçada com sinais reduzidos à sua expressão mais simples. A notação comum é ilógica se comparada com o valor representado: as notas longas têm sinais simples

[1] As informações acima foram extraídas da *Grammaire de la notation proportionelle et sa transcription moderne*, do dr. Antonio Tirabassi (Bruxelles: Falk, 1930).

(redondos e brancos) e são, portanto, escritas rapidamente; as outras notas, que são mais lentas para escrever, podem ser substituídas por pontos colocados acima ou abaixo dos sinais convencionais. Os silêncios têm a mesma forma das notas, porém maior.[1]

g) Um sistema foi concebido para a análise harmônica completa de qualquer obra antiga ou moderna.[2]

242.56 Partituras musicais. Bibliografia

1. *Partituras musicais*

a) A obra musical escrita é imensa. Alguns compositores foram muito prolíficos. A edição das obras de Haydn, atualmente em curso, não terá menos de 80 volumes.

b) Os compositores adotam um sistema de numeração contínua de suas obras. Chama-se isso de número da obra. A cronologia e as obras nem sempre correspondem. É o caso das obras de Beethoven.

c) As obras musicais possuem um título extraído das circunstâncias de sua produção, seja de sua forma musical, seja de alguma peculiaridade de sua estrutura, seja, ainda, de algo puramente convencional. Geralmente os músicos numeram seus trabalhos (*opus* n°...). Alguns não o fizeram, como Mozart e Haydn, embora isso tenha sido feito nos catálogos dedicados às suas obras.

d) A música deu origem a vários processos de reprodução. Ela é gravada em metal ou litografada, mas, geralmente, não teve grandes progressos desde a época de Bach.

Existe agora a música tipografada. Essa forma de composição com tipos requer especialistas treinados. Poucas tipografias possuem as fontes para isso, o que é uma lacuna séria.[3]

Finalmente, a maioria das grandes obras musicais modernas existe apenas em manuscrito. Somente parte é editada. Continua-se a copiar partituras assim como se copiavam os manuscritos na Idade Média.

e) Diferencia-se, de um lado, a música (composição musical), e, de outro, a literatura musical (trabalhos sobre a música, sua história, teoria, execução, crítica, etc.). A literatura musical é muito extensa. Ela é tratada da mesma forma como são tratadas as demais obras publicadas sobre qualquer o assunto.

2. *Catalografia. Bibliografia*

a) A catalografia musical se faz em conformidade com regras que a prática introduziu gradualmente e que tendem a ser codificadas. As principais características das obras a serem destacadas são o nome do autor, o título da obra, o número da *opus* no conjunto da produção total do autor, sua extensão em páginas, o nome e o endereço da editora, como na catalogação de livros.

b) Existem excelentes bibliografias musicais: o *Handbuch*, de Aber, a *Literature of music*, de Matthew, o *Study of the history of music*, de Dickinson, a *Bibliographie des bibliographies musicales*, de Brenet (152 p.), o *Universal Handbuch der Musikliteratur*, de Pazdirek.

No Congresso Internacional de Editores (Bruxelas, 1933), o dr. Aber tratou da criação de uma bibliografia musical internacional.

---

[1] *Système de sténographie musicale* de Fernand Masuy, La Luvière (Belgique).

[2] H. Riemann: *Les éléments de l'esthétique musicale*, éd. française par G. Humbert.

[3] Gambles, William. *Music engraving and printing*. (London, Pittman, 1923.)

c) Existem importantes catálogos de bibliotecas de música: a Boston Public Library, de Boston, a Allen A. Brown Collection, o British Museum, etc. J. B. Kaiser (*Library Journal* 50, 1925, p. 700-704) propôs um catálogo em fichas, abarcando as cinco maiores bibliotecas de Paris.

242.57 Difusão da música

A difusão da música foi auxiliada: 1° pelos contatos entre pessoas e povos, por meio das viagens. Desse modo, na Romênia, os ciganos nômades e músicos fizeram muito pela difusão da música popular; 2° pela notação musical e a reprodução das partituras; 3° pela organização de sociedades musicais, orquestras, concertos, teatros; 4° pelos instrumentos musicais mecânicos (órgãos mecânicos, pianolas, orquestriões); 5° pelas transmissões de rádio, que tornaram acessíveis para os diferentes povos, mesmo os mais isolados, a música popular das outras nações. Por meio desta música, conseguiu-se captar uma visão clara e maravilhosa da própria alma das mais diversas raças. As emissoras de rádio romenas, sérvias, eslovacas, polonesas, russas, sírias, norueguesas e outras proporcionaram à música popular de seus países um espaço importante na programação. Assim, ofereceram ao público o tesouro de riquezas etnográficas até então acessíveis a uma elite de especialistas, e somente à custa de pesquisas e estudos. Desse modo, a rádio de Budapeste representou para a música cigana um renascimento inesperado.

242.58 Organização comercial das edições de música

Há editores que se especializaram na edição de músicas. Eles produzem em qualidade e quantidade. Por ex.: Breitkoff e Hartel, em Leipzig, Ricordi, em Milão, Durand, em Paris, etc.

Na Alemanha, a música é uma indústria altamente organizada; representa para os germanos excelente instrumento de propaganda, um modo especialmente eficaz de penetração pacífica e colonização intelectual. A música importada e exportada alcança volumes e valores consideráveis.

As livrarias de partituras se organizam como as de livros. A música orquestral constitui um material abundante que só pode interessar a um número limitado de pessoas. Esse material é frequentemente alugado com a opção de compra.

242.59 Bibliotecas e coleção de músicas

Grandes e numerosas coleções de obras musicais foram desenvolvidas (bibliotecas musicais, musicotecas). Algumas constituem instituições autônomas e independentes (bibliotecas de conservatórios). Outras são vinculadas a grandes bibliotecas, como o departamento de música da Library of Congress, em Washington. Há uma tendência de incorporar obras musicais às bibliotecas públicas.

Encontra-se disponível a assinatura universal de obras para leitura. Ex.: em Lausanne, os irmãos Fachard oferecem mais de 200 mil volumes.

Um instituto de tecnologia musical foi criado na escola técnica superior de Breslau. Ele se dedica à pesquisa sobre as relações entre a música e a técnica. Possui arquivos notáveis sobre a economia e a técnica musicais.

242.6 Monumentos chamados simbólicos: inscrições, moedas, medalhas

A arqueologia estuda os fatos sociais por meio dos monumentos onde

se manifestam; a epigrafia, a paleografia e a numismática os interpretam através das inscrições, das moedas e das medalhas que nos foram legados.

242.61 Inscrições

a) A palavra *inscrição* se aplica, geralmente, a tudo que está escrito na parte externa de um objeto, como um monumento, um livro, um imóvel, etc. Devido à importância muito especial das inscrições antigas como monumentos autênticos para o conhecimento da história da Antiguidade e da língua dos povos antigos, houve desde cedo a preocupação de reuni-los e estudá-los. Assim, a *epigrafia* se converteu, em nossos dias, em um dos alicerces da arqueologia.

Os povos antigos gravavam no mármore, em pedra ou no bronze uma profusão de atos públicos e privados, documentos de todos os tipos que hoje os contemporâneos, graças à difusão ilimitada de itens impressos, podem, simplesmente, confiar ao papel. As inscrições são, de fato, uma das fontes mais abundantes da história antiga.

b) Os antigos prodigalizaram as inscrições não só em templos e túmulos, mas, também, em armas, móveis e utensílios. Muito preciosas para as ciências históricas e filosóficas — cronologia, biografia, linguística, etc. —, as inscrições são o objeto particular da epigrafia. Compilações extensas e bem estudadas de inscrições gregas, latinas, etc. foram publicadas (*corpus inscriptionum*). A *Académie des Inscriptions* publica, desde 1867, entre outros monumentos, o *Corpus inscriptionum semiticarum*.

Outro tipo de grande compilação: o *Corpus inscriptionum latinarum consilio et auctoritate Academiae Litterarum Regiae Borussicae editum*, de Berlolini (1863–1885). As lacunas deste *corpus* são preenchidas por meio de uma publicação que contém, além das inscrições recém-descobertas ou retificadas, trabalhos epigráficos: *Ephemeris Epigraphica*.

Há compilações especializadas. Ex.: *Corpus inscriptionum*, de Blanchard, dedicado à medicina e à biologia.

c) Compilação definitiva com fac-símiles ou compilação provisória com texto conjectural em minúsculas. As inscrições são frequentemente fragmentárias, mutiladas. A questão da transcrição é aqui levantada: o princípio da transcrição bruta foi postulado, sem adição, nem distorção.

d) Os contemporâneos também prosseguem com o trabalho de transcrição, que aplicam a todos os campos: insígnias, etiquetas, inscrições em objetos. Um passeio pelas cidades, pelos logradouros públicos, tem muito a contar: a cortina do teatro, as inscrições em louça e objetos de lembrança, nos cartões-postais, nas placas comemorativas, etc., nas lápides funerárias, nas inscrições das casas, nos lavatórios, nas guaritas, nos bancos de jardim, nas árvores, nas paredes de lugares turísticos.

A epigrafia também se encontra nos pedestais de monumentos. Para a narrativa histórica, ela se estende às paredes de certos edifícios (ex., em todos os muros que circundam o novo museu colonial francês*); a epigrafia também se encontra em pranchas de madeira, como o memorial que o quebra-gelo *Malyguine* deixou nos lugares por onde passou.

* Teve diferentes denominações, desde sua fundação em 1931, até a atual, a partir de 2007: Musée de l'Histoire de l'Immigration. [N.E.B.]

242.62 Moedas e medalhas

a) Moedas são peças de metal (ouro, prata, cobre, etc.) cunhadas pela autoridade competente para servir nas trocas. As moedas são de ouro, prata ou bronze, e de ligas mais raras, de electro, ou liga de ouro e prata, de latão, ou de liga de prata e estanho, de chumbo.

As moedas são produzidas em grande número, mas as que restam dos tempos antigos são relativamente poucas.

b) O objetivo das medalhas é celebrar períodos e acontecimentos históricos. Elas são cunhadas por instituições oficiais ou associações. As medalhas antigas, das quais existem belas coleções, eram, em geral, as moedas da Antiguidade. As cidades da Grécia, zelosas para transmitir à posteridade as obras-primas de que se orgulhavam, costumavam reproduzi-las em suas moedas. Dir-se-ia que essas cidades inteligentes, desprovidas de gravura tipográfica, almejavam sanar essa carência com a gravação de medalhas.

c) Hoje em dia cunham-se medalhas para preservar a lembrança de um acontecimento ou de uma personalidade. Chamam-se *medalhas piedosas* as que representam algum tema devocional e de que os fiéis fazem uso: a medalha da Imaculada Conceição e a de são Bento. Em sua maioria, as medalhas são redondas; há ovais, quadradas, poligonais; são de ouro, prata, bronze, estanho, chumbo, etc. Há, ainda, moedas antigas de vidro e de terracota. O diâmetro das medalhas é chamada de *módulo*. Nas medalhas, distingue-se o *anverso* ou cara, e o *reverso*; a *legenda* e o *exergo* ou inscrições que elas apresentam; o *campo*, espaço entre a legenda e efígie; o *tipo* ou tema principal; os *símbolos* ou assuntos acessórias e emblemas; é necessário, ainda, acrescentar as marcas do gravador. A numismática, que trata da origem e da autenticidade das medalhas, de sua classificação, etc., é um importante e curioso ramo da arqueologia e da história; ela tem terminologia própria.

Ela se desenvolveu muito desde quando foi rejeitada a falsa noção de que as medalhas e as moedas deviam ser objeto de duas ciências distintas.

d) Pode se estabelecer uma classe especial de documentos constituída por placas e imagens honoríficas levadas junto ao peito, ao redor do corpo, em banda e a tiracolo ou exibidas nos funerais sob almofadas. Com os escudos, armas, brasões, figuras de brasões, obituários, dispostos em igrejas como complementos de lousas sepulcrais, e, nos cemitérios, cruzes, túmulos e mausoléus, tem-se aí uma linguagem convencional que se expressa com a ajuda de objetos que são como documentos.

e) A classificação de medalhas e moedas se faz de diversos modos, em função do tema, do tempo e da ordem geográfica.

f) A numismática criou sinais convencionais para identificar o grau de raridade das peças. Diversos sistemas foram implantados com essa finalidade. O mais antigo é o de Beauvais, exposto em sua *Histoire abrégé des empereurs*, publicada em 1769. Ex.: *C* peça conhecida. *R R R R* peça quase única. O segundo sistema é o de Mionnet (1806). Ex.: *R4* quarto grau de raridade, *R** peça única.

g) Grandes e numerosas coleções de moedas e medalhas foram formadas, comumente em bibliotecas, onde são organizadas em 'gabinetes especiais'. As peças são ordenadas, numeradas, catalogadas e descritas.

242.63 Selos e sinetes

a) Como foi dito, o uso de selos e sinetes remonta à alta Antiguidade. Eles eram gravados, frequentemente, no engaste dos anéis, em esmeraldas, etc. A diferença entre selos e sinetes é que estes são usados por particulares, e aqueles por soberanos ou outras autoridades públicas. Os imperadores romanos usavam um selo de ouro para autenticar atos importantes. O papa se serve de dois selos: um para os breves (anel do

pescador com lacre vermelho), e o outro para as bulas (selo de chumbo). Ao morrer o papa, são solenemente destruídos. Cada bispo tem seu selo, que é usado para autenticar certos atos, reconhecer relíquias, selar pedras sagradas, etc.

b) Quando o selo de uma pedra sagrada é rompido, deve ser novamente consagrado. Cada pároco ou paróquia deve ter seu selo particular. Na antiga monarquia francesa, distinguiam-se o *grande selo*, o *pequeno selo* e o *selo secreto*. No Império, o selo representava a águia imperial, etc. O título de *guardião dos selos*, ou *chanceler* é atualmente atribuído ao ministro da justiça. O conhecimento dos selos (*sigilografia*, *esfragística*) é um dos ramos da diplomática, da arqueologia e da história.

c) Os selos e sinetes são objetos de coleções, inventariados, descritos e catalogados, organizados em bibliotecas ou em depósitos de arquivo.

As pedras gravadas amplamente empregadas como sinetes deram origem a coleções importantes reunidas sob o nome de 'gliptotecas'. Há, também, algumas coleções de moldes que permitem acompanhar o progresso da arte no curso do tempo. Lippert publicou uma coleção com mais de quatro mil moldes, acompanhada de um catálogo. (Gliptoteca de Lippert.)

243 Documentos ditos 'substitutos do livro'

a) Uma após outra, maravilhosas invenções vieram ampliar imensamente as possibilidades da documentação. Elas não apareceram no prolongamento direto do desenvolvimento do livro, mas, de alguma forma, na sua extensão desviada: o objeto no museu, o telégrafo e o telefone, o rádio, a televisão, o cinema, os discos. Existem aí, de certo modo, *substitutos do livro*, no sentido de que os novos processos permitem alcançar os resultados que o livro procura (informação, comunicação), através de outros meios. Mas há também desenvolvimento adquirido, procurado ou vislumbrado de novos tipos de documentos. A esse respeito, um lugar importante deve-lhes ser atribuído na documentação. É na ausência de um nome comum para designá-los que um termo coletivo e provisório lhes pode ser aplicado: substitutos do livro. Mas esses substitutos não são simples *Ersatz* [imitação]. Eles ocorrem com tal força e irresistível corrente que, em seus efeitos, fazem pensar no que acontece no campo das comunicações materiais. O automóvel e o avião disputam o terreno secular que a ferrovia detinha há apenas dez anos, de modo quase exclusivo. Desde que o pensamento encontrou meios, pela escrita ou desenho e pelo papel, para se fixar materialmente naquilo que constituiu seu suporte, eis que o pensamento retorna de alguma forma às suas origens, a própria fala e se incorpora em fenômenos que uma nova e vasta aparelhagem permite produzir.

b) A documentação sonora ocupa seu lugar ao lado da documentação visual e gráfica. É o vasto domínio da fala, da música e do sinal pelo som, seja a expressão direta e presente, seja diferida ou gravada (fonograma), seja ainda de expressão transmitida à distância (telefone, rádio).

A tradição oral se opõe ao documento escrito. Existem tradições poéticas, religiosas, simbólicas e históricas, e também tradições científicas e técnicas. Muitos dados científicos não estão escritos; muitos processos operacionais são legados do mestre para o aprendiz, de homem para homem. Falou-se algumas vezes de livro visível, livro audível, livro tátil (entalhado).

c) De qualquer forma, a documentação é apenas um dos ramos de uma classe mais geral: os meios de informação e comunicação. Existem outras formas de comunicação do pensamento diferentes do documento e é sobre elas que falaremos agora. Esses outros modos são complementares da documentação propriamente dita ou estabelecidos em associação com ela.

O livro é apenas um meio; não é um objetivo. Existem outros meios e, pouco a pouco, eles superam o livro e o substituem. Por exemplo: as exposições universais substituem favoravelmente os tratados de geografia; a história é conhecida do grande público pelas óperas; os museus chamam a atenção para as ciências.

243.1 Objetos. Material de demonstração

1. *Noção*

a) O documento escrito ou gráfico é a representação de coisas materiais ou imagens intelectuais e abstratas das coisas. As próprias coisas materiais (objetos) podem ser entendidas como documentos quando são construídas como elementos sensíveis, de estudo direto, ou provas de uma demonstração. Trata-se então de 'documentação objetiva' e de 'documentação automática'.

b) Objetos de todos os tipos dão origem a coleções. Por exemplo, os objetos naturais: minerais (elementos químicos e compostos, rochas), plantas (ervas, madeiras, raízes), animais (anatomia, teratologia). E também os objetos criados pelo homem: materiais, produtos e objetos técnicos.

Há preparações e cortes microscópicos e macroscópicos.

Há todas as coleções da arqueologia que se baseiam em obras materiais, obras que se dividem em artísticas, quando possuem um caráter monumental, ou estética e técnica, no caso oposto.

As relíquias são partes do corpo de um personagem santo, tanto objetos que foram de seu uso quanto os que tenham sido utilizados para seu suplício, e conservados religiosamente.

2. *Espécies de objetos*

Os 'objetos' pertencem, portanto, a cinco grandes espécies:

1° Os objetos naturais: matéria e estrutura.

2° Os objetos artificiais, criados pelo homem para suas necessidades: matéria e estrutura.

3° Os objetos que apresentam vestígios humanos: servem para interpretações e possuem significados.

4° Os objetos demonstrativos, igualmente criados pelo homem, com o objetivo de representar e demonstrar noções.

5° Os objetos de arte.

3. *Modelos. Maquetes. Relevos*

a) Ao lado do objeto real ou natural, há o objeto reproduzido, interpretado ou mesmo o novo objeto proposto para construção em grande escala. Trata-se do modelo ou maquete (estereograma). Ele é fabricado em volumes tridimensionais, pode ser colorido, também pode ser posto em movimento (articulado), manualmente ou por máquina (reprodução estereomecânica).

b) Alguns modelos são científicos, outros são técnicos

1° Os modelos científicos são criados para fins de demonstração. Maxwell, que sempre concebeu modelos, disse em discurso perante a British Association, em 1870: "No interesse das pessoas dotadas de diferentes tipos de mentes, a verdade científica deveria ser apresentada em várias formas e considerada igualmente científica, quer quando ela se reveste da forma robusta e das cores vívidas de uma ilustração científica, quer quando tem a discrição e a lividez de uma expressão simbólica." *

* Onde Maxwell usou '*physical illustration*', Otlet leu '*modèle scientifique*'. (*The scientific papers of James Clerk Maxwell*, ed. by W.D. Niven. New York: Dover, 1965, v. 2, p. 220.) [N.E.B.]

2° As maquetes técnicas são muito úteis também na arquitetura. "Onde o profissional da área pode se contentar com uma planta para conceber o projeto, o cliente que o financia precisa ver", diz um fabricante de maquetes.

c) As reconstruções são representações na natureza: objetos encontrados, restaurados, montagem colorida, reconstituindo de maneira viva e real o ambiente estudado. Essas reconstruções, que representam tão exatamente quanto possível a imagem da realidade, são complementadas de forma agradável ou informativa por pinturas, fotografias e notas explicativas.

d) Os modelos podem ser em escala real (fac-símile), reduzida ou ampliada.

Os modelos são feitos de papel. São moldes, estênceis, etc. A confecção de vestuário e objetos destinados aos trabalhos têxteis e de costura faz ampla aplicação dos modelos em papel (moldes).

e) As maquetes podem ser em relevo (mapas e plantas em relevo); podem indicar apenas a terceira dimensão (por exemplo, a planta em relevo das salas dispostas na entrada de um edifício).

f) Reproduzem-se as obras dos escultores pelo processo de moldagem. Para este fim, aplica-se uma substância apropriada para capturar o volume e servir de forma. As operações que consistem em despejar nas formas metais em fusão ou outros materiais próprios que passam para o estado sólido (peças fundidas, sinos, canhões) levaram às moldagens mais finas de esculturas. Os moldes resultantes dessas operações deram origem a grandes museus (por exemplo, Paris, Trocadéro, Bruxelas, museus do Cinquentenário). Esses moldes abriram espaço para a criação de oficinas anexas, intercâmbios internacionais e vendas ao público. Sob os auspícios da Section des Musées da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, foi organizada uma exposição de moldes (baseada nas obras-primas dos grandes museus).

4. Instrumentos científicos

a) Um instrumento científico, considerado do ponto de vista da documentação, pode ser definido como um meio para constatar um fenômeno ou uma propriedade (observação), ou para medi-los, ou produzir o fenômeno à vontade, relacionando entre si certos elementos constitutivos (experiências).

Os instrumentos e aparelhos científicos de medição e comprovação, instrumentos matemáticos, astronomia, física, etc., são baseados em óptica e acústica e, portanto, são, de certa forma, extensões de órgãos dos sentidos, como os olhos (visão) e as orelhas (audição). Esses instrumentos podem ser considerados como ferramentas indiretas, como documentação ou como material demonstrativo.

b) Ábaco é tanto a calculadora de origem estrangeira, usada pelos romanos em todas as suas operações aritméticas, quanto as tabelas elabo-

radas para realizar inúmeros cálculos. Os chineses e os tártaros possuem o *suan-pan*, uma calculadora manual introduzida na Rússia no final da Idade Média e, a partir daí, importada em 1812 para a França, onde se tornou o ábaco das escolas. O valor atribuído aos sinais numéricos do ábaco foi o princípio da numeração escrita. Mais tarde, o nome ábaco foi dado a certas representações de números por meio de diagramas.

c) Instrumentos são usados para fazer demonstrações cada vez mais completas. Existe, por exemplo, o pequeno planetário destinado a mostrar os movimentos da Terra ao redor do Sol, os da Lua e dos planetas. São contribuições típicas que podem inspirar outras representações com outros objetos. Zeiss criou planetários imensos para a demonstração de fenômenos astronômicos.

d) Os padrões são instrumentos científicos de medição. Em 30 de abril de 1799 foi apresentado o metro definitivo. Foi depositado nos Archives de Paris. Em 1880 foi construído o novo protótipo do metro, cópia idêntica à dos Archives e o novo quilo. Eles são feitos de platina com 1/10 de irídio. Foram depositados no Pavillon de Breteuil, doado ao Institut International du Mètre [*sic*], em Sèvres, próximo a Paris.* Este é o caso típico de um objeto de valor comum que precisava ser construído e confiado a um organismo de conservação.

e) Os instrumentos são organizados em série. Assim, compõem o *painel de controle* de automóveis, navios e aviões. Nos automóveis, esse painel inclui moldura, odômetro e totalizador, manômetro de óleo, indicador de nível de combustível, botão de injeção de combustível na partida, chave de ignição e luzes de controle. Esses instrumentos práticos são todos baseados em instrumentos científicos.

f) O *Touring Club* elaborou mapas automáticos de distâncias que podem ser postos na categoria de instrumentos de medida.

* Em 1960 foi abandonada a definição do metro baseada em um protótipo. A definição de 1983 baseia-se no percurso da luz num dado período de tempo e faz parte do Sistema Internacional de Unidades (SI) administrado pelo Escritório Internacional de Pesos e Medidas (Bureau International des Poids et Mesures), fundado em 1875, em Sèvres. [N.E.B.]

5. Material didático. Material demonstrativo

a) Esse material é enriquecido todos os dias com novas peças. Estamos a caminho de uma representação de ideias em várias dimensões, um 'livro tridimensional em um estado dinâmico'.

O material de ensino entra na bibliografia? Será preciso catalogá-lo nos repertórios? Teria lugar nos levantamentos bibliográficos? Esse material pode ser publicado: por exemplo, o material Montessori, o novo material educativo e sensorial Decroly.

O método Montessori trabalha com um conjunto de objetos de formas convencionais.

b) É preciso lembrar aqui os registros automáticos, os aparelhos que registram fenômenos diretamente.

Criaram-se dispositivos publicitários na forma de imagens coloridas, de papelão, madeira ou metal, que podem ser colocadas verticalmente em vitrines. O processo é susceptível de generalização e adoção em exposições e museus.

Nos quadros luminosos (*Lichttafeln*), algumas peças são transparentes e a luz elétrica, projetada através delas, deixa aparecer às vezes, uma, às vezes a outra, às vezes todas simultaneamente.

No quadro magnético (*Magnettafeln*), os objetos metálicos nele colocados permanecem estáticos e podem ser movidos à vontade de acordo com as necessidades da demonstração.

c) O estudo por meio do objeto real assume uma importância cada vez

maior. Os trabalhos manuais fazem parte, cada vez mais, da base de todo o ensino devido à sua natureza concreta, intuitiva, prática e experimental. De agora em diante, a criança aprenderá tanto pela mão e pela ferramenta como pelo cérebro e pelo livro.[1]

O momento é chegado para se criar um material autoeducativo de todas as matérias escolares, relacionando mutuamente todos os seus elementos.

6. Jogos didáticos

a) Servimo-nos dos jogos educativos para promover o despertar da criança e permitir as repetições múltiplas das mesmas noções. Os jogos, portanto, incorporam ideias, noções, problemas e, por isso, são documentos.[2]

Os jogos educativos permitem realizar a individualização do trabalho e a repetição das noções por meio de exercícios especiais. Multiplicam-se os jogos didáticos. (Por ex., jogos de história, o Jogo de Nações, com informações básicas sobre a Liga das Nações). É um material que possui afinidades com a documentação. Enquanto o livro é estático, o jogo é dinâmico. Procede-se de certa forma a uma demonstração sucessiva de acordo com uma proporção que determina o acaso ou o cálculo. O jogo prende o interesse, cativa a atenção dos jovens e fascina até mesmo os adultos. O jogo comum, porém, em geral, não transmite conhecimento algum. Quantas noções não teriam penetrado no corpo social se os jogos de cartas, dominós, damas ou xadrez tivessem significados similares em vez de permanecerem com seu sentido estreito e vagamente histórico. (Origem e história do tarô.)

b) Convém desenvolver o significado do que sejam jogos educativos e ampliar a questão. A psicologia assimilou o jogo à atividade normal. Ao brincar, a criança é ela mesma. O adulto continua a jogar mais tarde, vivendo sua vida. Quando se joga? É difícil dizer. Diz-se que há jogo quando não há ação, um objetivo sério, mas 'pueril'. O jogo é sinônimo de ocupações fúteis, distrações puras, que podem às vezes descansar a mente, mas na maioria dos casos não têm outro efeito senão afastá-la da ação do tempo, que pesa tanto para os espíritos frívolos.

c) Todo jogo, todo esporte é uma luta: o homem contra o homem, contra as forças da natureza, contra si mesmo. Existe possibilidade de sucessos e derrotas alternativas de um ou do outro, espectadores ligados à luta, assistindo ao desenrolar de suas peripécias, possivelmente interessados nas apostas.

Em suma, se não há uma representação de uma ideia, como no espetáculo propriamente dito ou na festa, temos, pelo menos, a marcha rumo a um resultado prefigurado, esperado, atribuído como um objetivo da ação.

Muitos jogos utilizam material que de certa forma se assemelha a documentos (objetos documentários). Trata-se, aqui, de uma corrida de obstáculos imaginários representados sobre um tabuleiro (jogo do ganso). Jogos de cartas, dos quais o mais complexo, e que aumenta a complexidade sem cessar, é o *bridge* (desenvolvimento do *whist*). Deve-se seguir uma série de ações determinadas pelo acaso ou pelo cálculo.

---

[1] A. Nyns. *Les travaux manuels à l'école primaire*. Bruxelles, 1910, broch. 24 p.

[2] Il primo libro dei conti e dei giochi. G.B. Paravia. – E. E. Smith, *Teaching geography by problems*, 1925. – *Matériel Herbinière-Lebert donnant des chiffres, des couleurs, des formes, des lettres de l'alphabet. Jeux auto-correcteurs*. (Paris, Nathan.) – *Meccano* é o jogo que popularizou a arte da engenharia.

Uma terceira forma é representada pelo andar das peças com vários significados através de linhas geométricas, cada uma das peças com suas propriedades e significados, dando origem a relações, peças cujo movimento em direção ao objetivo também é determinado pelo acaso ou pelo cálculo (gamão, damas, xadrez, onde tudo está constantemente visível).

d) O brinquedo infantil se aproxima mais dos instrumentos de demonstração e dos materiais didáticos (jogos educacionais). Estes são, por um lado, os brinquedos de montar, as lanternas mágicas e os dispositivos de projeção, que podem servir além de brinquedo.

Muitos jogos didáticos são feitos de simples papelão.

As bonecas são um gênero em grande parte 'representativo'. Há bonecas de todos os tipos, personagens de bebês, bonecas de mascote, fetiches, bonecos para mamulengos e teatros de marionetes, teatros de sombras e bonecas decorativas que não são brinquedos. Há animais feitos de tecido, borracha ou outros materiais.

Os próprios passatempos assumem uma forma documentária: os problemas de *bridge*, palavras cruzadas, o jogo das 'batalhas navais', etc.

243.2 Disco: fonograma

1. *Noção*

O fonógrafo (gramofone) faz a gravação direta do som em bobinas ou discos. Estes são documentos e substitutos genuínos do livro, dos documentos escritos.

O disco é de grande importância para a difusão internacional.[1]

2. *Histórico*

Há muito que os inventores conceberam máquinas falantes. Suas pesquisas orientavam-se pelo caminho do órgão. Foi Scott Martinville que, segundo consta, teria sido o primeiro a descobrir o princípio do registro do som, da gravação de vibrações acústicas. Charles Cros mais tarde imaginou uma forma de reproduzir o som, sem, porém, conseguir isso na prática. Edison não foi o inventor, mas o construtor do fonógrafo.

3. *Técnica*

Os rolos e os discos eram feitos de cera e depois de ebonite. Grava-se em metal. Criaram-se discos flexíveis.

Vêm sendo feitas pesquisas sobre a edição de novos discos mais baratos, cuja flexibilidade e leveza tornariam o envio pelo correio tão fácil como o de uma carta comum. Já surgiram as phonocartes, que são cartões-postais recobertos com um material especial que aceita a gravação. (Forti e Marotte.)

Os discos de gramofone são gravados diretamente ou prensados à máquina ou por processo eletroquímico. Eles dão origem às matrizes (formas metálicas ou galvânicas).

Qualquer instrumento que grave o som é igualmente gravador de música e de voz.

4. *Características dos discos. Edição. Conservação*

a) Os discos eram originalmente rolos. Mais tarde surgiram os discos (placas, cilindros). Os discos foram progressivamente padronizados

[1] O Instituto de Cooperação Intelectual apresentou um relatório sobre a utilização do fonógrafo em suas relações com os problemas musicais de ordem internacional.

quanto às dimensões, que são determinadas pelo seu diâmetro. Os discos são de ebonite, ainda bastante quebradiços. Há também discos inquebráveis. No centro deles encontram-se as informações sobre sua identificação e nas quais se baseiam sua ordenação e seu catálogo. Incluem em destaque a marca da empresa (Odeon, His Master's Voice [HMV], Columbia) e um número de ordem do respectivo catálogo.

b) Os discos são acondicionados em envelopes de proteção, com uma abertura central, que permite a leitura do selo de identificação. Os discos assim protegidos podem ser colocados em gavetas de arquivo da mesma forma que as pastas. Os mesmos móveis podem ser usados em ambos os casos.

c) Os discos são editados da mesma forma que os livros e a música. É incessante sua produção, cujo número chega atualmente a dezenas de milhões de discos.

Os repertórios de discos formam grandes volumes. Óperas como *Fausto* ou *Carmen* foram gravadas na íntegra, com orquestra e canto, em 28 discos de dupla face, ao preço médio de 5 francos.

Os preços dos discos podem ser bem diferentes. Variam de 15 a 30 francos. Os discos de tamanho reduzido custam entre 5 a 8 francos.

d) A crítica dos discos assumiu uma importância rapidamente crescente. Revistas e jornais especiais lhes consagram um espaço cada vez mais destacado. Estabelecem-se os critérios do que seja um bom disco. A escolha do melhor disco é consequência disso. Os entusiastas do disco (discófilos) criaram associações que organizam audições públicas.[1]

5. *Tipos de discos. Aplicação*

a) Existem atualmente quatro tipos principais de discos: música sem letra, canto, dicção, ruídos.

b) Gravam-se discursos, propagandas, manifestos, declamações e declamações.

Gravam-se aulas e conferências. A tendência é organizar cursos completos em discos.[2]

c) Todas as grandes empresas gravaram em cera poesias, fábulas, peças de teatro. O valor desses discos é muito desigual, quer pela técnica de gravação, quer pela escolha do trecho declamado ou pelo talento do artista. (Por ex., o monólogo de Harpagon falado por De Féraudy; *A cigarra e a formiga* na interpretação de Georges Berr.)

d) Estudo de línguas. Graças ao fonógrafo, a questão do ensino de línguas progrediu muito. A eficácia resulta do paralelismo de sua ação na mente do espectador–ouvinte que recebe impressões simultâneas pelos sentidos da audição e da visão.

Os discos reproduzem vozes qualificadas, selecionadas dentre as mais expressivas. Em cerca de trinta lições, é possível adquirir um vocabulário suficiente para as necessidades da vida cotidiana. Levando a pessoa a entender, imitar e repetir, o dispositivo lhe permite assimilar naturalmente a fonética e a articulação, ao mesmo tempo que acompanha um curso de gramática e sintaxe com base nos diálogos ouvidos e que segue nos tex-

---

[1] Para uma discoteca ideal (seleção mensal dos discos mais vendidos das diversas gravadoras), *La Joie Musicale*, 5 février 1931, p. 15.

[2] A empresa Vocalion Chantal Cie. fez a gravação de um curso do professor Blanckaert (Université de Gand) que custou 1 500 francos por um disco de dois lados de 25 cm (grande formato), (incluía originais, matrizes, clichês e três exemplares). A Columbia produziu um interessante curso de história da música.

tos. Um simples livro silencioso não conseguiria isso.[1]

e) O sr. L. Heck, diretor do jardim zoológico de Berlim, publicou a relação de sua viagem de exploração à África oriental, anexando a cada volume um disco com a gravação das vozes dos animais que ele capturou e que foram tema de seu livro.

f) Gravação de falas em eventos. O Filene-Findley Instantaneous Interpretation System permitiu que a tradução simultânea das intervenções em reuniões fosse transmitida ao mesmo tempo para cada ouvinte, que recebia fones de ouvido, na língua de sua escolha: inglês, francês, alemão, espanhol e, eventualmente, em outra que lhe aprouvesse. O objetivo era ter um dispositivo que permitisse também a gravação elétrica automática de todos os discursos, dispensando-se a taquigrafia. Os nomes dos oradores e o texto das proposições são projetados numa tela.

g) Gravações sonoras podem ser feitas em discos ou películas transparentes que indicam a hora por meio de uma fonte luminosa, uma célula fotoelétrica e um sistema de espelhos móveis e obturadores, que permitem os registros numa sequência controlada por um relógio-mestre.

h) O dr. Radwan, com a ajuda de uma tela luminosa, que reproduz seu olhar, e discos fonográficos, que repetem suas instruções, consegue sugerir ou mesmo provocar o estado de hipnose, conforme noticiado por *Tout* (21 de agosto de 1932).

6. *Indústria*

O fonógrafo tornou-se uma grande indústria. As fábricas da His Master's Voice [HMV] em Hayes (a 12 milhas de Londres) formam uma cidade de nove mil almas — um aglomerado de grandes edifícios — de onde saem a cada semana dezenas de milhares de aparelhos. Há um conglomerado internacional, cuja posição foi consolidada com a recente fusão das empresas Gramophone e Columbia. A produção cooperativa de discos fonográficos começou, como reação contra esse conglomerado, por iniciativa da Kooperativa Förbundel, sueca, que vende os discos por dois terços do preço do monopólio.

O material sonoro é o objetivo de grandes trustes, de grandes corporações financeiras, como a empresa internacional de acústica Küchenmeister e suas coligadas do cinema falado, da Ultraphone, da Orchestrola-Vocalion e da Telegraphon. Uma dessas empresas prensa 17 500 discos fonográficos por dia, uma outra 35 mil.

As grandes empresas fonográficas possuem estúdios, equipamentos de gravação e processos próprios, além de artistas contratados.

Desde 1921, a venda de discos de Caruso, somente no estado de Nova Jersey, alcançou a soma de novecentos mil dólares.

7. *Desideratos documentários. Métodos*

a) O disco é uma documentação. Ele nos interessa tanto do ponto de vista da música, como do ponto de vista das letras. Existe, portanto, a possibilidade de formar coleções, catalogá-los e identificar os métodos que tenham condições de facilitar a documentação dos discos, bem como

[1] *Linguaphone. Conversational course*. O curso consiste em 30 lições em discos; cada lição abrange três partes. Uma descrição falada, uma conversação prática e uma página inteira de ilustrações que representam o assunto da lição. As ilustrações são também complementadas por cartazes de 30 × 40 cm para as classes iniciantes. Vocabulário de três mil palavras. O curso Linguaphone também existe em francês. A Pathégraphe também publicou um curso de língua.

seu uso na documentação.

b) Tanto para os discos quanto para os livros, é necessário distinguir o tratamento a ser dado aos conjuntos que buscam a universalidade e o que for apropriado para acervos especializados. Surgem fonotecas ou discotecas como uma espécie de biblioteca fonográfica. Os norte-americanos já empregam esta expressão: "The vast recorded library of the world's music" [A imensa biblioteca em discos da música mundial]. É desejável constituir-se uma coleção universal de discos, uma 'Phonoteca Universalis', e um catálogo ou inventário universal de discos, e também formar acervos de discos em todos os lugares, tratando-os como parte dos acervos documentários em geral e compatíveis com a Fonoteca Universal. As mesmas regras e princípios seriam aplicáveis aos conjuntos universais e aos acervos especiais.

c) Convém que se adote a padronização dos discos. Sem ela é impossível formar coleções. Os discos normais são de 25 cm, mas há os de 12, 25 e 30 cm.

8. *Acervos. Catalografia. Ordenação*

a) Acervos. Sob nomes variados formaram-se coleções de discos (fonoteca, discoteca). Constituíram-se, em especial, coleções de registros de etnologia, folclore instrumental e cantado, das vozes de grandes personalidades e oradores, de dicção, do canto e da execução de artistas.

O Institut Phonétique, que serve em comum às faculdades de medicina, ciências e letras da Université de Paris, possui o Musée de la Parole et du Geste (antigo Archives de la Parole), que reúne amostras de todos os falares do mundo — línguas, dialetos e patoás — e melodias populares.[1]

A Phonogramm Archiv-Kommission der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften [Viena] reuniu uma coleção de vários milhares de cilindros, acompanhados da documentação correspondente. Uma instituição similar funciona na universidade de Berlim.

O British Museum mantém uma coleção nacional de discos fonográficos.

b) Ordenação. A ordenação dos discos, nas coleções ou nos catálogos, pode ser feita segundo três ordens diferentes. A) Alfabética pelo compositor–autor das letras ou do texto, pelos artistas, pelo títulos das obras. B) Pela gravadora. C) Por assunto de acordo com a Classificação Decimal, ou catalogados por gênero. As grandes divisões podem ser: 1° ópera, ópera cômica, operetas clássicas; 2° canções, romanças clássicas; 3° cantos, monólogos, composições cômicas; 4° solistas e conjuntos instrumentais; 5° orquestra, sinfonia, música militar, fantasias, etc.; 6° danças; 7° música sacra; 8° textos. Limita-se às seções principais. Em cada uma, a classificação é feita por ordem alfabética de artistas, instrumentos ou orquestra.

c) Catalografia. O desenvolvimento da produção de discos torna conveniente a confecção de catálogos com registros bem redigidos, ordenação meticulosa, e publicação bem organizada. Cada grande gravadora publica seu próprio catálogo, algumas discotecas fazem os seus. Será útil um catálogo universal de discos associado ao catálogo universal de livros.

Os registros de discos podem adotar a forma e as disposições dos registros bibliográficos. Assim, incluirão: 1° nome do autor; 2° títulos; 3° data da obra; 4° tipo de instrumento e de voz; 5° nome do artista; 6° gra-

1 Ver *La Joie Musicale*, 1930, 15 février.

vadora; 7° número de ordem no catálogo da gravadora e cor do selo; 8° diâmetro dos discos; 9° número de partes ou discos; 10° data de gravação do disco. Exemplo:

Boieldieu. 1887. — *Le calife de Bagdad*, abertura (orquestra). Disco Odeon, n° 170.093, selo azul, diâmetro 30. (Gravado em duas partes em 1929.11.24).

As editoras de discos poderiam facilitar as atividades da documentação, como o fazem as editoras de livros. É conveniente incluir nos próprios discos todas as características relativas à sua identificação e anexar aos discos fichas ou registros catalográficos, ou eventualmente imprimir o texto da catalogação na capa de papel.

9. *O livro sonoro*

A nova invenção do 'livro sonoro' permite sua edição instantânea, bastando para isso o mecanismo de um aparelho com cabeçote de gravação acoplado a um amplificador, um documento, um livro ou uma carta falantes. O livro sonoro tem o formato de estreitas fitas que possibilitam a leitura auditiva quando passadas por um pequeno fonógrafo adaptado.

A invenção parte de dois processos conhecidos:

1° O processo que consiste em gravar eletromecanicamente na superfície de um disco de cera os sulcos que representam as ondas sonoras captadas por um microfone.

2° O processo da película sonora, que permite fazer rapidamente um número ilimitado de cópias fotográficas (tiragem por diazotipia) que passam diante de uma célula fotoelétrica, possibilita, sem desgaste perceptível, um número muito grande de audições de longa duração.

A invenção combina os dois processos e realiza uma cadeia de oito transformações de estado físico em que cada etapa corresponde à reprodução fiel da etapa anterior. 1° Usa-se um microfone diante do qual a pessoa fala. A energia acústica da voz é transformada em energia elétrica. 2° A corrente elétrica de baixa potência que é produzida é muito amplificada. 3° A corrente amplificada é transformada de corrente elétrica em energia mecânica pelo vibrador. 4° Essa energia mecânica é usada para sulcar a película superficialmente. 5° A película, que leva no fundo opaco a imagem transparente da vibração sonora, passa entre uma lâmpada e uma célula fotoelétrica. A energia do feixe de luz, que varia através das sinuosidades do sulco, é transformada em energia elétrica. 6° A corrente de baixa potência emitida pela célula fotoelétrica é bastante amplificada. 7° A corrente amplificada é enviada a um alto-falante que transforma a energia elétrica em energia mecânica vibratória. 8° A vibração mecânica da membrana do alto-falante é transformada em energia acústica cujas ondas reproduzem fielmente aquelas que atingiram, segundos antes, a superfície sensível do microfone.

A película move-se a uma velocidade de 45 cm por segundo. Películas gravadas ou suas cópias podem ser reproduzidas em qualquer 'leitor fotoelétrico' (fonógrafo fotoelétrico comercial). Um grande número de sulcos podem se justapor na largura da película. O livro sonoro, em película de 35 mm de largura, vem enrolado num carretel com cerca de 20 cm de diâmetro, e permite uma audição ininterrupta de seis horas de fala. A película original pode ser conservada indefinidamente. O preço da gravação é baixo e o equipamento necessário pode ser instalado em qualquer local. A reprodução sonora pode ser feita em casa, a custos modestos.

243.3 Filmes: cinema

243.31 Noção

a) O cinema (*motion picture*) foi chamado de máquina de refazer a vida. É a sétima arte.[1]

b) Os primeiros testes conclusivos datam de 1895. O desenvolvimento da invenção ocorreu de tal forma que as apresentações cinematográficas são realizadas agora em todo o mundo, até mesmo nos países menos abertos à civilização e nos vilarejos mais remotos. É porque o cinematógrafo oferece a mais surpreendente ilusão da realidade e da vida que se possa imaginar, apelando unicamente para o sentido da visão, que se pode considerar como o mais sutil e o mais perfeito para dizer tudo.

c) O cinematógrafo permite a projeção, à razão de 15 imagens por segundo, de uma sequência de fotografias tiradas seguindo o mesmo ritmo. As imagens dessas projeções na retina do espectador fundem-se em uma sensação única contínua. Essa fusão ocorre graças à persistência das impressões luminosas na retina por cerca de um décimo de segundo, mesmo depois do desaparecimento daquilo que a causou.

d) Os filmes suscitam inúmeras questões. Como documento, nele se encontram, assim como nos livros, os elementos materiais (suporte), os elementos gráficos, os elementos intelectuais, e os elementos científicos ou literários. Neles também se encontra o ciclo das operações documentárias: elaboração (filmar), publicação e vendas, catalografia, crítica, formação de coleções, utilização (projeção).

243.32 Histórico

a) A história do cinema deve ser apresentada sob vários pontos de vista. Tecnicamente, em 1825, o inglês Fitton aplica o princípio da retenção retiniana à imagem. Em 1829 este princípio dá origem ao disco de Newton. Em seguida vêm o fenacistiscópio ou caleidoscópio, o praxinoscópio de Raynaud e, finalmente, o fuzil fotográfico de Marey em 1875. São os verdadeiros ancestrais do cinema. Em 1895, os irmãos Auguste e Louis Lumière apresentam o cinematógrafo. Em 1900, os irmãos Pathé inauguram o primeiro estúdio de cinema em Vincennes.

E desde a invenção propriamente dita do cinema seu progresso se manifestou em três direções: o cinematógrafo em cores naturais, o relevo na cinematografia e o filme falado (sincronização da reprodução da voz com a da imagem).

b) Em termos de dados reproduzidos, o cinema tem várias épocas em sua história. 1° Ele começa em 1895 com prestidigitadores que multiplicavam as acrobacias, fantasias, aparições, duplicações, imagens ao contrário. 2° Os aparelhos aparecem nas feiras com películas que vão desde cenas melodramáticas às aventuras de ladrões aos crimes horrendos, passando por assuntos superficiais e mais do que superficiais. 3° Em 1902, aborda-se o grande tema histórico: por exemplo, os dramas famosos com grande encenação, com filmes atingindo por vezes 300 metros. 4° Em 1905, os atores conhecidos e amados do público deixam de considerar o cinema como uma distração de baixo nível. Delvaux, De Max, Mounet-Sully, representam Atália e Édipo, primeiras tentativas de levar o teatro para o cinema.

---

[1] Coustel, Ernest. Le cinéma, artigo ilustrado em *Larousse Mensuel*, maio 1920. – *Ciné*, de Maurice Widy. Étude de l'histoire du ciné et de son industrialisation. – *Le scénario du cinéma*, de Marcel Desinatine. — *Revue du Cinéma Éducateur*, publicada pela Liga das Nações. – Balázs, Béla. D*er Geist des*

c) Do ponto de vista estético. 1. Os primórdios do cinema eram de caráter experimental. Constituem o estágio metafísico pela exposição contemplativa e interrogativa das coisas e dos fenômenos, bem como pela presença de uma ação oferecida como simultânea. 2. Em seguida, vieram os períodos cinzentos durante os quais a técnica se aperfeiçoa. 3. O cinema aborda timidamente um pseudonaturalismo efêmero. 4. Ele atinge abruptamente sua idade de ouro, realizando os primeiros filmes materialistas da escola italiana: aproxima-se do teatro e oferece documentos reais e concretos de distúrbios psíquicos de todos os tipos, e do verdadeiro percurso das neuroses. 5. O cinema cômico, aquele cujos filmes provocam o riso. 6. Os filmes de propaganda revolucionária. 7. O cinema surrealista.[1]

"O cinema, a arte que primeiro teve que se apoiar no dinheiro progride [*sic*] graças ao dinheiro." (René Clair.)*

"A industrialização pode, amanhã, destruir todas as esperanças que fizeram nascer em nós a descoberta do mundo das imagens."

d) O cinema ainda está em seus primeiros fulgores. Um futuro ilimitado abre-se à sua frente. O cinema pode tornar-se mais importante do que a imprensa. Da mesma forma como os contemporâneos da invenção desta última entenderam mal sua imensa importância, talvez o mesmo nos esteja acontecendo com respeito ao cinema.

* A citação original: "Nous dirons, nous, que cet art, qui le premier, a dû s'appuyer sur l'argent, périra par l'argent, s'il ne se déprend pas de son tyrannique protecteur." No texto de Otlet, René Clair está escrito Real Cleid e a frase não coincide com a original, pois *périra* (perecerá) foi substituído por *progresse* (progride). A citação seguinte também é de René Clair e coincide com a original. Trata-se de conferência que o cineasta fez em Paris em 18 de fevereiro de 1927 e foi publicada em *Cinémagazine*, Paris, année 7, n. 10, de 11/3/1927, p. 463 (primeira citação) e no n. 13, de 1/4/1927, p. 34 (segunda citação). Um mês antes ele havia feito a mesma conferência em Bruxelas. [N.E.B.]

243.33 Características

243.331 *EM GERAL*

Neste século de vida intensa, o cinema torna dispensável viajar, ler, encher o cérebro de mil coisas incômodas cujas lembranças se apagam no momento em que se precisa recorrer a elas.

O cinema, ao contrário, fala ao cérebro pelos olhos. O método de ensino pela imagem, ou seja, intuitivo, não foi sempre o mais demonstrativo? O cinema vos transporta para qualquer lugar, mesmo para os destinos mais inacessíveis. O cinema penetra em todos os lugares. Ele inicia nos segredos de todas as manufaturas, ele vos faz assistir a todas as manifestações, ele registra todos os fatos. Um livro, uma narrativa interessante, um acontecimento ocorre no mundo e no dia seguinte o cinema mostra-o a todos, como se tivéssemos assistido à leitura ou sido testemunhas oculares do evento.

As peças de teatro, as fantasias mais complicadas, os dramas mais comoventes são representados pelo cinema nos mais apropriados locais e ambientes. Nenhuma representação teatral pode se igualar à cena cinematográfica. Quanto às cenas de transformação, algumas são realmente desconcertantes. Elas põem abaixo todas as ideias preconcebidas, beiram a magia. E ainda há os filmes sobre a vida cotidiana e as comédias.

Em resumo, o espectador, sentado comodamente na poltrona dos cineteatros, assiste a todos os acontecimentos interessantes que se passam no mundo inteiro. Os cinegrafistas são onipresentes, pouco importa o custo. (Prospectos de Cinema Pathé, 1909.03.04.)

243.332 *CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS*

a) Com o cinema, pode-se dizer, não há mais passado: a realidade transitória permanece eternamente viva e não é dos menores prodígios do

Films [Em português: *Estética do filme*. Rio de Janeiro: Edições Verbum.]

[1] Salvador Dalí. *Abrégé d'une histoire critique du cinéma*. (Édition des Cahiers Libres.)

cinematógrafo haver derrotado definitivamente, ao que parece, a força destrutiva do tempo. (Darguin e Auvernier.)

b) O cinema se dirige ao cérebro pelo sentido mais ávido de expressão, a visão, cujo campo de exploração é mais vasto do que o dos outros sentidos. O cinema atua sobre o cérebro mais diretamente do que a aula e até mesmo o teatro, porque ele dispensa o esforço de interpretação da linguagem escrita e falada, e condensa a emoção pela visão imediata das coisas. Ele poupa trabalho mental.

c) O cinema tornou-se uma prática comum. Ele desempenha um papel importante nas campanhas de propaganda. Ele apresenta a imagem viva, palpitante, emocionante; aprofunda-se nela numa sequência harmoniosa; não é apenas instrumento de demonstração, mas está à frente como um instrumento de atração. A imagem animada não ajuda apenas a pensar, ela grava profundamente a noção que se quer ensinar. Ela consegue passar certas noções às pessoas simples e não acostumadas ao trabalho mental.

d) O povo passou diretamente da leitura ou do analfabetismo para o cinema. É mais fácil ver do que ouvir, perceber as imagens completamente formadas do que transformar por si mesmo em imagens interessantes os sons ouvidos da linguagem falada.

Com a fala (no teatro), só podemos nos emocionar por meio das palavras, ou melhor, de fato, das ideias; somos tocados apenas pelo que compreendemos. O cinema, ao contrário, nunca procura fazer entender, mas apenas fazer sentir e sugerir. Como a música e as artes plásticas, ele se dirige exclusivamente aos sentidos e à imaginação. Longe de lhe ser útil, a palavra atrapalha-o com frequência porque o limita e lança-o no caminho da análise, embora ele seja essencialmente síntese. (Gaston Rageot.)

O cinema é mais que uma arte, mais que uma ciência; é a força mais poderosa que existe. (L. Aubert.)

O cinema sonoro completou a ilusão.

O cinema ajuda a representar os meios e os fatos. Quem estiver em sua tenda, no coração do Saara, receberá os milhares de acordes de um concerto tocado em Varsóvia; quem se sentar em uma poltrona de uma sala dos Champs Elysées assistirá ao combate entre um tigre e uma jiboia nas selvas de Java, ouvirá os rugidos da fera e o arfar do réptil.

e) Em 1914, o cinema era apenas uma distração agradável, um espetáculo conveniente com seus fervorosos admiradores. Havia pouco uso para a propaganda. Em 1933, o cinema é uma potência; sua clientela é imensa e moldada pela publicidade. O que ele mostra para as multidões supera em muito o que o orador mais hábil pode despejar do alto de uma tribuna sobre o público mais atento. Uma ideia expressa por intermédio do filme encontra maior receptividade do que uma ideia difundida pelos meios, ainda que formidáveis, da radiodifusão. (Marcel Lapierre.)

f) O desenho animado nos leva a um mundo que desconhece as leis que regem o nosso, um mundo onde a fantasia grotesca ou agradável ou às vezes dramática, reina todo-poderosa. A trilha sonora artificial nos revela ruídos desconhecidos, vozes, tonalidades de sons que nascem do nada.

g) O comércio geralmente vende realidades concretas. O cinema, pelo contrário, vende visões, assim como o teatro vende audições. Passado o filme, apresentada a peça, tudo que ficou foi uma troca material de dinheiro por imagens 'fantásticas'. O nada ou quase nada que se transforma em valor deu origem e tem mantido um mercado especulativo no mundo do cinema.

h) O cinema se parece com os cartazes e anúncios de publicidade. Ele é sugestivo, permanente, atraente, cheio de argumentos convincentes. Uma atração é criada em uma vitrina, num estande, numa loja, instalando-se um aparelho de projeção de movimento contínuo, sem necessidade de qualquer supervisão, dispositivos infinitos, em que o filme é exibido em um ciclo sem fim, sempre reiniciando, em uma tela visível sob as luzes. O moderno caixeiro-viajante aguarda o potencial cliente em sua casa e projeta um documentário, comentando-o, e, assim, lhe mostra a fabricação, a utilidade e a qualidade de sua mercadoria. Tudo cabe em uma maleta e pode ser instalado em qualquer lugar instantaneamente.

i) O cinema é movimento. É jogo de sombras e luzes atuando sobre volumes e superfícies geralmente dotados de uma vida ativa. Volumes, sombras, luzes. Equilibrar essas relações em função do movimento, e realizar sua união viva, eis o segredo da cenografia no cinema, o segredo da direção. Um filme é uma visão da beleza, não mais projetada unicamente no espaço ou sobre um plano, como um quadro ou pintura, mas também projetada no tempo, pela continuidade da ação, pela duração e pela realização completa do movimento. (Léon Chenon.)

j) O cinema traz em si as sementes de uma expressão unânime, sincera e exclusiva do mundo moderno. A tragédia entre os gregos, a catedral na Idade Média, o cinema em nossos dias. Exatamente o mesmo nível. Nem a poesia, nem o teatro, nem os balés russos, nem o circo, nem a pintura, a escultura, a literatura, nem mesmo a música. Porque tudo isso, exceto a música, é estático e o mundo moderno é movimento, dinamismo.[1]

243.333 *VANTAGENS PARA EXPLICAR NOÇÕES*

1° O cinema se impõe toda vez que um fenômeno é função do tempo. São necessárias longas perífrases e gestos mais ou menos precisos para fazer alguém entender movimentos sucessivos e especialmente simultâneos. 2° Em uma demonstração, todos os espectadores, mesmo numerosos, veem bem com igual facilidade sem ter que se apinhar em volta do apresentador. 3° Detalhes de pequenas dimensões podem ser projetados em *close-up*: uma engrenagem de relógio pode aparecer como um círculo de dois metros de diâmetro. 4° Certas demonstrações incluem detalhes tediosos. Se, por exemplo, for preciso desmontar um aparelho, bastará mostrar o início e o fim da operação, sem que seja necessário, como na realidade, ter que desparafusar todos os parafusos. 5° A ordem do filme pode ser lógica, enquanto a demonstração, na realidade, exigiria incessantes idas e vindas, as coisas sendo agrupadas pelas necessidades do trabalho de fato e não pela sequência normal das ideias.

O filme oferece os recursos do desenho animado que permitem mostrar uma visão interna dos objetos em funcionamento, com a vantagem do esboço feito no quadro mostrar as partes surgindo sucessivamente. Os desenhos animados oferecem uma impressão clara, duradoura e divertida. Eles se prestam à explicação das teorias mais complexas.

O cinema, em câmara lenta ou acelerada, proporciona aos espectadores as noções mais novas e mais exatas. Ele analisa os movimentos de mecanismos delicados ou resume em alguns segundos fenômenos cuja lentidão os tornam imperceptíveis.[2]

---

[1] Jean Denis ao analisar a obra de Moussinat sobre o nascimento do cinema na *Revue Catholique des Idées et des Faits* (5 août 1932).

[2] F. Meyer, *Bulletin du Bureau International de l'Enseignement Secondaire*, 1927, p. 103.

243.334 *MEDIDAS E ESTATÍSTICAS*

a) A filmagem é feita à razão de 18 quadros por segundo ou 20 metros de película por minuto.

Um filme resiste em geral de 120 a 125 dias de projeção à razão de oito projeções diárias.

Há películas, entretanto, que são exibidas mais de mil vezes.

Ao ritmo normal de 16 quadros por segundo, adotado para a projeção de filmes cinematográficos, uma película, cuja projeção requeira apenas 10 minutos, conterá 9 600 imagens. Um filme de uma hora não terá menos de 57 600 fotogramas.

Um filme como, por exemplo, a escalada do Mont Blanc, que tem 4 200 metros, com 52 imagens por metro, contém mais de 200 mil fotogramas.

Os filmes são produzidos em formatos diferentes, para que possam ser sprojetados tanto em aparelhos comuns, quanto em projetores chamados de amador.

Para os formatos reduzidos, foram utilizadas películas de 9,5 mm e 16 mm.

b) O órgão de censura dos cinemas da Pensilvânia deve ver anualmente de 360 m a 610 m de filme. Noventa por cento de todos os filmes são rodados nos Estados Unidos.

Os números seguintes, relativos a um país de importância secundária, são muito impressionantes. A repartição romena responsável pela censura autorizou, em 1930, a exibição de 1 035 mil metros de filmes, 673 mil dos quais eram de origem norte-americana, 254 mil da Alemanha e só 14 mil da Romênia. Estimou-se em 60% a proporção de películas sonoras em relação ao total.

c) Há 25 mil salas de cinema nos Estados Unidos. Alguns filmes custaram 10 milhões, mas esse custo é rapidamente recuperado nos Estados Unidos. É por isso que podem ser vendidos tão barato na Europa onde, na realidade, praticamente todos os filmes exibidos são norte-americanos.

Nos Estados Unidos a indústria cinematográfica é a quarta maior em importância de capital investido. Na França, foi formado um condomínio de empresas que já dispõe de 200 milhões; o atrativo está no fato de que uma sala que pode ser comprada por um milhão rende a mesma quantia por ano. Uma modelo bonita, uma menina de sete anos de idade, ganha nos Estados Unidos entre 300 e 400 mil francos porque seu rosto é fotogênico.

243.34 Técnica

243.341 *TIPOS DE PROCESSOS E APARELHOS*

a) Denomina-se câmara filmadora ou simplesmente 'câmara' o aparelho para filmar cenas em movimento, e 'projetor cinematográfico', ou 'projetor de filmes', o dispositivo usado para projetá-los na tela. O filme é composto de um suporte transparente, recoberto por uma camada de gelatina com as imagens fotográficas. O suporte, antes de celuloide, inflamável, atualmente é de acetato de celulose, não inflamável, com espessura de cerca de 0,12 mm. A camada de gelatina tem espessura de 0,03 mm. Além das imagens, o filme apresenta perfurações utilizadas para sua tração mecânica. As perfurações do filme-padrão de 35 mm e as do filme de 16 mm estão dispostos em duas fileiras laterais, e as do filme de 9 mm estão dispostas em uma fileira central única. As produções Pathé-Baby apresentam, além disso, entalhes que servem para fazer com que

o filme pare quando são mostradas legendas ou certas imagens. O formato- padrão de 35 mm é utilizado em projetores profissionais de salas de cinemas urbanas. Os benefícios obtidos são suficientemente altos de modo a tornar de importância secundária os preços dos aparelhos. No caso de filmes para fins de ensino, projeções domésticas e em pequenas propriedades rurais, é suficiente dispor de filmes que permitam projeções de 1,50 m a 2 m de largura, visíveis para uma centena de espectadores.

b) Chamamos de 'rolo' uma extensão de filme com cerca de 16 mil imagens. Esse comprimento é de 300 m tanto para filmes de 16 mm quanto de 9,5 mm. As dimensões das imagens são: filme-padrão (24 × 18), filme de 16 mm (9,72 × 7,24), filme de 9,5 mm (8,5 × 6,4). A duração da projeção de 100 m de filme de 35 mm é de 5,4 minutos. Se as imagens forem filmadas em baixa velocidade e projetadas em alta velocidade, os movimentos parecerão acelerados. É dessa forma que se pode mostrar, em poucos segundos, o crescimento de uma planta que foi filmado durante vários dias. Se, por outro lado, fotografamos em alta velocidade e as projetamos em baixa velocidade, os movimentos aparecerão lentos. É assim que se pode mostrar em câmara lenta certos movimentos de esportes.

c) A velocidade normal de filmagem e a velocidade de projeção do filme é de dezesseis quadros por segundo. Essa velocidade é suficiente para reconstituir a imensa maioria dos movimentos. Há, porém, uma categoria muito importante de movimentos muito rápidos que ultrapassam os limites deste processo como, por exemplo, o bater das asas de uma mosca ou o disparo de um projétil de canhão.

Marey* obtinha, desde 1879, 20 imagens por segundo. Bull obteve três mil em 1904. E. Abraham* e E. Bloch* variaram a velocidade de 20 para 50 mil imagens por segundo.

O sr. Bull estudou os movimentos rápidos de voo dos insetos e os tiros de balas, tendo obtido, graças à faísca elétrica, vários milhares de imagens por segundo. Atualmente se fala de 60 e de até 100 mil imagens por segundo. O sr. Noguès inventou o ultracinema com o qual se obtêm até 400 mil imagens por segundo projetáveis em tela.

d) O cinema recorre a múltiplas especialidades, as quais ele fez progredir: a óptica, a eletricidade, a iluminação, a cenografia, a arqueologia, a arquitetura, a maquiagem, a fotografia, etc. O cinema procurou, de múltiplas maneiras, e sob diferentes denominações, solucionar problemas de natureza técnica: a cinematografia colorida, a cinefonografia, a cinematografia de movimentos ultrarrápidos e movimentos ultralentos, a microcinematografia, o filme em três dimensões.

O cinematógrafo balístico de Cranz é capaz de fazer seis mil imagens por segundo e pode registrar uma imagem simples em silhueta no intervalo de tempo inconcebivelmente reduzido de um milionésimo de segundo.

"A tal velocidade, os movimentos de uma máquina ou da bala mais rápida, os movimentos naturais mais fugazes ou a vibração mais imperceptível da asa de um inseto, podem, finalmente, ser apreendidos e fixados em uma película sensível.»[1]

O cartaz animado foi produzido com o uso de prismas triangulares que representam, em cada uma das faces, uma fase de qualquer movimento. Este movimento pode ser reconstituído pela rotação dos prismas sobre si mesmos de modo intermitente.

* Étienne-Jules Marey (1830–1904). Médico e fisiologista francês, inventor da cronofotografia. [N.E.B.]

* Henri Abraham (1868–1943) e Eugène Bloch (1878–1944) foram eminentes físicos franceses. [N.E.B.]

[1] *Illustration*, 5 nov. 1910, p. 305.

Se a direção do filme exigir a presença do diretor, ao mesmo tempo, em mais de um lugar, utiliza-se o rádio para comunicação. (Strokheim* em Monegasco.) [*sic*]

* Talvez o ator e diretor austríaco Erich von Stroheim. [N.E.B.]

Os aparelhos podem ser parados à vontade e a atenção concentrar-se em uma imagem fixa. Pesquisa-se atualmente um dispositivo universal que possa projetar imagens fixas e em movimento, eventualmente ao mesmo tempo. Foi feita, por meio de um dispositivo independente, a projeção de legendas, que devem variar de um país para outro.

Edison fabricou o cinema portátil, transportado em uma mala, em que, ademais, a projeção pode ser feita à luz do dia.

O cinema, graças à filmagem em câmera lenta, pode revelar todas as operações delicadas. Desenhos esquemáticos e animados podem ser projetados em telas.

e) Várias invenções foram feitas para conseguir filmes em três dimensões. O sr. Berggreen resolveu o problema, em 1929, com um jogo de lentes e de cálculos ópticos: obter o efeito tridimensional com uma única câmara de filmagem e a projeção panorâmica em uma tela que ocupa todo um palco de teatro.

Como a gravação do som é sincronizada, a partir de agora é possível reproduzir, por exemplo, uma opereta inteira, com personagens em tamanho natural, dando a ilusão absoluta de cantar e dançar diante da caixa do ponto. A câmara, como os olhos humanos, capta duas imagens e as reduz a uma na película. A projeção do filme passa por duas lentes e assim o resultado é que esse mecanismo faz o trabalho de adaptação da retina, de ida e volta, se assim se pode dizer.

Dá a ilusão da visão natural, estando na proporção exata de nosso campo visual. Não é uma fotografia ampliada que resulta de projeção feita de uma distância razoável, mas uma espécie de reflexo contrário do objeto exposto.

A óptica tem um século de atraso. A fabricação de raios ópticos entrou na prática corrente.

"A chave do problema do relevo está na medida infinitesimal do tempo."

Quem sabe, um dia, o problema da leitura se resolverá assim: ler mais depressa.

f) Cinema colorido. Inventaram o cinema colorido, quer dizer, o cinema que não aumentaria o preço do filme, mas necessitaria somente da inclusão de um pequeno dispositivo, de preço acessível, nos projetores.

O sr. Legg montou um aparelho fotográfico, inspirado no cinema, cuja objetiva inclui 22 lentes. Duas mil e 600 fotografias instantâneas por segundo. Constatação: a faísca elétrica não se move em ziguezague, mas sim em espiral muito complicada. A fotografia instantânea é mais veloz do que a faísca elétrica.

g) Foi feito um aparelho que funciona como uma orquestra para o cinema. Um único homem substitui 20 músicos e pode reproduzir conjuntos instrumentais perfeitos, como solos de flauta, violino, clarinete, etc.

h) Na Rússia, estabeleceu-se o princípio segundo o qual o som não deve ser o complemento do espetáculo, senão um novo e poderoso meio de expressão do cinema. Estão particularmente interessados nos filmes de desenhos, no uso de bonecos no cinema e na criação matemática do som.

i) A última fórmula do cinema norte-americano consiste em transfor-

mar a sala de espetáculo numa espécie de prolongamento da própria tela. O cinema 'atmosférico' é construído de tal forma que os espectadores possam imaginar que participam verdadeiramente da ação.[1]

j) Os processos de filmagem são inúmeros. A trucagem no cinema é toda uma arte, assim como a fotografia. Trata-se de produzir ilusão. Algumas imagens consistem em deslocamentos sucessivos de objetos, à mão, quadro a quadro, para a filmagem.

Para desenhos animados, como aqueles em que Mickey é o herói, Walt Disney, seu autor, tem que fazer em média 10 mil desenhos.

k) O cinema encontra aplicações excepcionais. Por ex., em hospitais: filmes projetados no teto. Em teatros: projeção cinematográfica sobre fundo circular. O cine-panorama: cinema essencialmente documentário, em que as imagens seriam projetadas na parede interna de uma esfera por um ou vários aparelhos cujas imagens se sincronizariam; este sistema permitiria reconstituir uma paisagem ou uma cena em sua totalidade;[2] o planetário Zeiss realiza, segundo o mesmo princípio, a projeção da abóbada celeste.

243.342 Locais. Arquitetura

a) Para as filmagens, criaram-se estúdios montados de forma engenhosa. Foram construídas cidades cinematográficas, como, por exemplo, em Roma e, principalmente, em Hollywood.

b) A sala de cinema é criação recente. Suas condições foram assim especificadas: "Mais do que qualquer outra realização arquitetônica, a sala de projeção deve atender estritamente à sua função. Qualquer acréscimo estético é supérfluo, desenvolvendo-se a ação numa sala relativamente escura. A sala de cinema deve ser um lugar confortável, de fácil acesso, aonde se vai assistir e ouvir um filme, e não apreciar sua arquitetura."[3]

c) As salas de cinema mais modernas comportam três mil pessoas ou mais. Elas são mobiliadas com poltronas confortáveis. Sua tela é gigantesca, a reprodução é sonorizada, as pessoas surdas têm à sua disposição fones de ouvido.

243.35 Filme falado

Hoje, os filmes são classificados como mudos ou falados (cinefonograma).

a) O filme falado é uma grande invenção. Gravando ao mesmo tempo imagem e som, e projetando-os em perfeita sincronia, tem-se, sem dúvida, um dos avanços mais extraordinários. A gravação do som na película filmada é feita de acordo com vários sistemas que, em grande parte, procuraram imitar uns aos outros: horizontalmente, verticalmente, transversalmente. Houve tentativas de fazer com caneta inscrições diretas na parte da película reservada para a gravação de som: o caminho se abre aqui para combinações ilimitadas.

b) Do ponto de vista artístico, alguns estetas protestam com veemência. O filme falado, dizem eles, deixaria de ser uma interpretação, seria apenas uma cópia servil da realidade. Mas outros, pelo contrário, dizem que uma nova estética surgirá do filme sonoro.

Pirandello disse: "Os personagens do cinema são imagens, fantasmas:

---

[1] *Le Courrier Cinématographique,* 3 déc. 1932.

[2] Projeto de P. Otlet, retomando as experiências dos irmãos Lumière.

[3] G. Herbosch. Étude théorique sur les salles pour projections de cinéma sonore. *La Cité,* 1933, p. 21.

fantasmas não falam, seria macabro e assustador. As imagens do filme são distantes, longínquas, e a voz ressoará sempre próxima. O cinema é a linguagem das aparências e as aparências não falam. A linguagem real é a música. É necessário afastar o cinema da literatura e colocá-lo na música, pois é preciso que o filme seja a linguagem visual da música.

Há neste momento um certo retorno à expressão pela imagem, diminuindo o valor explicativo do diálogo. A fala não é mais necessária para o entendimento. É apenas mais um elemento que entra na síntese cinematográfica (coros, conversas gerais, gritos, canto).[1]

c) O filme falado traz uma transformação na técnica, desde o roteiro até a arquitetura dos cenários, a escolha dos artistas, a filmagem. Haverá o filme totalmente falado que sempre ocupará uma posição racional. Mas o filme mudo terá música, conversas e será exibido em todos os países. As partes do diálogo pouco importantes podem ser rodadas em duas versões: uma muda e a outra falada. As partes principais serão rodadas nas principais línguas do globo. A velocidade de projeção será de 24 quadros por segundo, ao invés de 32 ou 34.

d) O cinema foi sonorizado e a radiofonia se orienta para a televisão.

O filme falado, por um atalho, nos leva de volta ao documento. É o próprio Gaumont quem diz isso.

O admirável da invenção é a possibilidade extrema de se dispor do equivalente a uma gama infinita de instrumentos, cada um com um timbre diferente e que nenhum *luthier* seria capaz de criar. Uma intervenção manual no próprio filme pode acrescentar esses novos harmônicos.

243.36 Espécies de filmes

243.361 *GENERALIDADES*

Distinguem-se diferentes espécies de filmes: 1° os filmes científicos destinados principalmente a especialistas já familiarizados com os assuntos tratados, e não para divulgação junto ao grande público; 2° o filme de interesse geral, feito especialmente para escolas, e destinado a complementar o ensino das disciplinas; 3° os filmes publicitários, compostos por desenhos animados e diagramas, projetados continuamente em locais públicos, mediante dispositivos automáticos; 4° os filmes de ficção baseados em roteiros e interpretados por atores; 5° os documentários, reportagens destinadas aos programas de salas públicas de cinema.

O cinema também é recreativo, artístico, científico, documentário, pedagógico ou social.

243.362 Filmes artísticos

a) O cinema se afirmou como a sétima arte.

"Seria preciso", disse o sr. Pierre Benoit, "que as intrigas exibidas na tela fossem concebidas imediatamente por seus autores no formato cinematográfico, do mesmo modo que o tema de um romance se apresenta ao romancista em capítulos, do mesmo modo que para o dramaturgo a ação

1 Entre os filmes falados notáveis: *La mélodie du monde* (*Melodie der Welt*), *Hallelujah* (*Aleluia*), *City streets* (*Ruas da cidade*), *Quatre de l'infanterie* (*Westfront 1918: Vier von der Infanterie*; *Guerra! Flagelo de Deus*), *L'opéra de quatre sous* (*Die Dreigroschenoper*; *A ópera dos pobres*), *Jeunes filles en uniforme* (*Mädchen in Uniform*; *Senhoritas em uniforme*), *Le million* (*O milhão*), *À nous la liberté* (*A nós a liberdade*), *La lumière bleue* (*Das blaue Licht*; *A luz azul*), *Le chemin de la vie* (*Poutiovka v jizn*; *O caminho da vida*), *Je suis un évadé* (*I am a fugitive from a chain gang*; *O fugitivo*), *Les lumières de la ville* (*City Lights*; *Luzes da cidade*). [Em primeiro lugar, o título conforme citado por Otlet; entre parênteses, o título original seguido do título que o filme recebeu no Brasil. N.E.B.]

assume a forma de diálogo. Imaginai os recursos que o 'simultaneísmo' da tela oferece ao escritor de ficção. Ele lhe permite realizar o movimento que às vezes a leitura dos capítulos de um livro torna difícil de conseguir, que é produzir, num piscar de olhos, mediante paisagens, a atmosfera que longas descrições mal conseguem criar, de tornar tudo tangível."

b) O cinema não matará o teatro, mas já lhe faz uma concorrência inquietante. O filme permanece sempre o mesmo, tanto nas pequenas localidades quanto nos grandes centros. Não se pode dizer o mesmo dos teatros do interior. Grandes filmes custam muito caro, mas, uma vez produzidos, não há custos com artistas a serem pagos diariamente.

c) Foram produzidos filmes enormes.

Salambò, dois mil e 500 metros, 10 mil atores, 300 cavalos, sete atos, cenografia grandiosa, produzido por Photo Drama Company, de Chicago. Custo: um milhão e 215 mil francos.

O grande filme alemão (da Union-Film Gesellschaft) *Anna Boleyn* [*Ana Bolena*], sobre o século XVI Inglês (Henrique VIII e Ana Bolena) custou, somente para a construção da cidade 'Bolleynstaad', um milhão e 250 mil marcos. Toda a catedral de Westminster foi reproduzida em gesso. Quatro mil figurantes, 200 deles com papéis para representar, 200 cavalos, 20 diretores de produção.

O filme *Le coeur de l'Asie – l'Afghanistan* [*Serdtse Azii* (*Afganistan*)] acaba de ser lançado, como resultado da expedição cinematográfica especial da Sovkino, sob a direção do sr. Erofeev (a quem também devemos *Au delà du cercle polaire* [*Za poliarnym krugom*] e *Pamir*). O método é o dos fatos, mas fatos significativos, pitorescos, marcantes, reunidos para caracterizar a localidade fotografada. O filme mostra o sistema de vida medieval do Afeganistão: nômades feudais, camponeses, bem como as relações entre as diferentes classes da população, e, tendo essa situação social atrasada como fundo, as sementes de uma nova era, as reformas de Amanullah Khan, as novas instituições e novas relações das diferentes tribos e classes acerca das reformas.

d) Cenas de tempos passados que não foram filmadas não estarão perdidas, no entanto, para o cinema. Elas serão reconstituídas em locais e com personagens de existência efêmera, mas suficientes para fixar sua representação. Daí os imensos *sets* onde se evocam épocas e países inteiros. O filme *Robin Hood*, por exemplo, revive toda a era de Ricardo Coração de Leão. Vinte e dois especialistas e técnicos trabalharam com a ajuda de 146 volumes que tratavam dos usos e costumes dessa época. Dez mil artistas trabalharam nessa produção.

e) O princípio em que se baseia o cinema russo foi exposto da seguinte forma. A tônica do nosso tempo é a mentalidade científica do homem racional que observa e domina as forças onipresentes do eu arbitrário com o freio de seu intelecto. À mentalidade positiva do homem moderno deve corresponder uma arte positiva baseada no que a ciência conhece sobre o livro [*sic*].

Mas a ciência descobriu os imensos horizontes do irracional, que outrora se confundiam com os do demoníaco, e que o homem primitivo conheceu. A ciência deu um destino coletivo a todas as atividades humanas. Ao colocar em conflito o mundo intelectual e o mundo irracional, o cinema russo tentou construir uma arte de significado universal que, além de fronteiras e distâncias, cria formas absolutas para falar à consciência da espécie, ao inconsciente coletivo que existe em cada mente, mais que à

consciência individual.[1]

f) É no cinema, e não na literatura, onde a verdadeira face de uma nação é melhor refletida hoje.

243.363 *FILME CIENTÍFICO DOCUMENTÁRIO*

a) O cinema é considerado um auxiliar importante em todos os tipos de apresentação. Serve para fazer a síntese da exposição sobre uma questão, com a análise sendo feita por meio da fala e da projeção fixa; para o estudo do funcionamento de um aparelho ou de um método de fabricação; para o estudo de um fenômeno. O cinema é também um agente incomparável de informação, de documentação, de demonstração e de educação do sentido da visão. Seu espaço está previsto no ensino do desenho.

As aplicações científicas e documentárias são inúmeras. Hoje, o ensino da cirurgia é normalmente realizado pelo filme. Seu iniciador foi Doyen, bastante criticado há alguns anos.* Foi a cidade de Glasgow que tomou a iniciativa de produzir um filme descritivo, para divulgar no mundo inteiro suas belezas, seu caráter, suas formas de atividade. Este filme será renovado a cada dez anos com a produção de um 'filme de ouro' de Glasgow.

* Eugène-Louis Doyen (1859 –1916). Cirurgião francês, pioneiro do cinema documentário em medicina. [N.E.B.]

O cinema ensinou as teorias de Einstein.

Graças ao filme, o antropólogo pode agora ter em seu arquivo todas as manifestações específicas dos diversos povos, documentando assim suas vidas. Poderá compará-las à vontade, estudar os comportamentos, assistir a festas, combates, cerimônias religiosas e civis, diferentes modalidades de comércio.

Demonstrações feitas por instrutores qualificados podem ser filmadas para apresentação. A projeção do filme pode ser acelerada, desacelerada ou interrompida à vontade, para facilitar o acompanhamento da narração.

Criou-se a ilusão da vida acelerada: uma roseira que, em poucos segundos, emite folhas e um botão, paisagens filmadas em diferentes estações do ano e que, reunidas, mostram na tela um campo que em questão de minutos se cobre de neve, para logo perdê-la e se adornar com plantações e colheitas. O departamento de agricultura dos Estados Unidos filmou imagens sequencias de um carvalho muito novo, hora a hora, mesmo à noite.

Inversamente, desaceleraram-se os movimentos: o bater de asas de um pássaro, as formas da gota d'água ao pingar. Basta acelerar a filmagem para, por exemplo, 64 imagens em vez de 16 por segundo; com a projeção na velocidade normal, o movimento será mostrado quatro vezes mais lento.

O dr. Comandon* chegou a filmar, à razão de 32 quadros por segundo, seres incrivelmente pequenos, como os que vivem no sangue.

* Jean Comandon (1877–1970). Pioneiro do cinema documentário francês. [N.E.B.]

Em 1918, Abraham e Bloch registraram, por meio de descarga elétrica, 50 mil imagens por segundo. Eles empregam uma fonte de eletricidade de alta tensão, de 12 a 15 mil volts, e utilizam um dispositivo que gera clarões da ordem de um milionésimo de segundo. Também foram filmados insetos em voo rápido, balas de revólver e até mesmo projéteis de artilharia despontando da boca do canhão ou em diversos pontos de sua trajetória.

O estudo do voo dos insetos visa, depois do das aves, a fornecer elementos para a aviação. O professor Magna* produziu vários filmes na frequência até então desconhecida de três mil imagens por segundo. Com esta velocidade, trazida para a tela em 16 quadros por segundo, é possível

* Erro de transcrição. Trata-se de Étienne-Jules Marey citado na p. 351. [N.E.B.]

[1] V. Bougolaski. *Nouvelles soviétiques*, juillet 1931.

acompanhar, em câmara lenta, as batidas das asas de uma libélula, uma mosca, um mosquito, uma borboleta ou uma abelha. Esta tem, em situação natural, 200 batimentos de asas por segundo.

b) Combinação do cinema com a radioscopia. O cinema e a radioscopia foram combinados. Por exemplo, filmes feitos na faculdade de medicina de Paris, reproduzindo o movimento dos órgãos que se alojam no tórax, como o diafragma e o coração. Meio de investigação preciso e fiel.

Foi feita a seguinte demonstração: a progressão de leite de bismuto no sistema digestivo da rã. A vantagem desse sistema de demonstração é poupar as experiências; um experimento, uma vez feito e registrado, pode ser mostrado indefinidamente sem que seja necessário repeti-lo, e se vê melhor do que se fosse mostrado *in vivo*.

Um novo instrumento, o fonoscópio, destinado ao exame da laringe, permitiu estudar o mecanismo de produção da voz humana. Com câmara lenta na ordem de 1/3 000 a 1/8 000, veem-se imagens na tela mostrando o funcionamento do órgão.[1]

c) Cinejornais. Equivalem, de fato, à edição de um grande jornal. Realizam verdadeiras proezas em matéria de rapidez. Por exemplo, nos funerais do presidente Doumer, o *Pathé-Journal* contava com três carros de som e quatro operadores de câmara móveis; no mesmo dia, às 21 horas, cinco cópias chegavam a Bruxelas e foram ali projetadas.

d) Foi dado início ao trabalho de condensação do conteúdo de filmes. O Empire Marketing Board extraiu trechos de antigas fitas documentárias, cuidadosamente selecionadas, e os montou seguindo uma ideia muito clara em torno de um tema central ou fio condutor. Por exemplo, o Niagara, convertendo-se o símbolo do poder e da riqueza do Canadá. Quilômetros e quilômetros de filmes foram condensados em algumas centenas de metros, ricos de vida e ritmo.

Assim como se fazem livros com livros, extraindo, combinando, amalgamando, também se fazem filmes com filmes, selecionando, modernizando, dando nova vida a gravações antigas.

243.364 *FILMES EDUCATIVOS*

a) O número de filmes instrutivos e documentários produzidos em 1932 é de 416. Esses filmes foram produzidos por 141 empresas e juntos têm uma extensão de 238 832 m. O quadro dos últimos seis anos mostra um declínio acentuado: 1932: 141 produtores, 429 filmes, 244 086 m; 1931: 160 produtores, 469 filmes, 324 284 m; 1930: 194 produtores, 658 filmes, 418 374 m; 1929: 215 produtores, 728 filmes, 412 803 m; 1928: 222 produtores, 808 filmes, 455 039 m; 1927: 214 produtores, 870 filmes, 409 619 m.

b) No ensino, o filme, compondo um espetáculo, capta totalmente a atenção do aluno a quem nada distrai durante a projeção. O filme é um mestre incansável e pode repetir, indefinidamente, a mesma lição. Em alguns aspectos, é capaz de superar a educação, até um ano em três. Experimentos mecânicos, por exemplo, podem ser apresentados com a maior facilidade, enquanto que em uma sala de aula, só os alunos da primeira fila podem acompanhá-los. Um filme norte-americano sobre indústria de laticínios esclarece para os trabalhadores rurais mais broncos quais as condições de higiene que devem adotar ao lidar com as vacas e manusear o leite, sob pena, se forem ignoradas, de causar verdadeiras catástrofes.

---

[1] Le phonoscope à cordes vibrantes, do dr. Clary, *Revue Scientifique*, 13 août 1932, a. 70, p. 462-467. [A laringe] "permite ao homem exprimir e ouvir seu pensamento".

Edison, que acreditava que o curso comum dos estudos "representa um máximo de enfado para um mínimo de interesse", foi o primeiro a criar, para a educação de seu neto, filmes destinados a ensinar física, química e história natural. Agora, na educação, o cinema completa as explicações verbais, as manipulações de experimentos, a leitura de livros, as visitas a museus. Filmes rodados em diferentes velocidades mostram mais claramente o detalhe de um movimento rápido ou difícil, encurtando toda uma evolução imperceptível.[1]

Nos Estados Unidos, o ensino pelo cinema, a *visual education*, tornou-se objeto de estudos aprofundados. Os editores se preparam para publicar livros com textos relativos à ilustração dos filmes. Prevê-se uma economia no método. A cidade de Chicago diz que economizaria três milhões de dólares por ano se todas as escolas fossem equipadas para a *visual education*.

c) Há dois métodos em causa: 1° criar filmes para cada matéria da escola, enquadrando-os exatamente nos programas, e até mesmo em cada aula; 2° nos filmes mecanicistas, que forçam o espectador a aceitar o que lhe é dado, substituir por visões mais livres da realidade ou da imaginação criadora (opiniões da educação nova).

A utilização pedagógica racional do filme requer que se disponha do filme apropriado no momento em que melhor sirva para ilustrar a aula, isto é, no momento mesmo da aula. Para isso, conviria ter na escola uma pequena coleção de filmes, como se tem uma biblioteca.

d) Em toda parte, a pedagogia por meio do cinema está na ordem do dia. No Japão, ela se desenvolveu extraordinariamente. Prevê-se que os 120 milhões investidos nessa forma de educação já possibilitaram ganhar, numa única geração, três anos de estudos. O grande progresso recentemente alcançado consiste em poder interromper a projeção do filme à vontade, chamando assim a atenção para as passagens de maior interesse. Uma lâmpada incandescente, de fabricação especial, com um refletor parabólico, evita qualquer inflamabilidade. Os aparelhos são cada vez menores a ponto de caberem em uma pequena caixa pesando, apenas, 15 quilos. A partir de 1 300 francos, pode-se adquirir um aparelho que projeta imagens a oito metros em uma tela de 2 × 2 metros. Funciona com motor ou manualmente. Sendo os filmes de perfuração universal, eles podem rodar em todos os aparelhos, indistintamente. Na ausência de corrente elétrica, baterias portáteis podem ser usadas. Consegue-se escurecer as salas tingindo de preto as cortinas existentes.

O método de ensino por meio do cinema de caráter facultativo permite aulas de observação no ensino elementar; no ensino médio, aulas de vocabulário; e no nível superior, aulas documentárias.

Professores pensaram em distribuir ingressos para os pais dos alunos e passar os filmes semanais da escola no cinema de entretenimento dos domingos. Os 50 centavos pagos pelos pais cobrem a gratuidade para as crianças e reembolsam os ingressos emitidos.

O cinema, como a fotografia e o fonógrafo, começa a servir de 'memórias vivas', o filme de circunstâncias pessoais, familiares ou públicas que se queira conservar na lembrança.

e) O cinema tem sido adotado na educação dos surdos-mudos e no tratamento da gagueira. O dr. Doyen levou-o para as salas de cirurgia e,

---

[1] Sluys, A. *La cinématographie scolaire et post-scolaire*. Document n° 45 de la Ligue de l'Enseignement. Bruxelles, 1922.

segundo ele, as exibições serviram para criticar sua arte: ele, depois disso, se empenhou e aperfeiçoou sua técnica operatória. Houve propostas para que os filmes sirvam para a educação dos oradores, atores e dançarinas que, podendo ver-se ao natural, têm como se corrigir.

f) O Instituto Internacional de Cinema Educativo foi fundado em Roma como uma organização dependente da Liga das Nações. Ele publica uma revista de grande interesse.

243.37 Produção e utilização dos filmes

243.371 *PRODUÇÃO DE FILMES*

Gradualmente, surge um método para a produção de várias categorias de filmes.

Para fazer um bom filme, é necessária a colaboração de: 1° um especialista que forneça os elementos; 2° um técnico que ponha esses elementos em ordem, elaborando os roteiros encomendados, transformando os documentos em esquemas vivos; 3° um cineasta que dê ao filme um aspecto artístico e atraente, com a aplicação dos recursos de filmagem e cópia: tomadas; fusão, para encadear o primeiro plano nas tomadas de conjunto, as diversas peças de uma máquina ou seu funcionamento. (F. Meyer.)

É necessário distinguir as coisas orgânicas das inorgânicas. As inorgânicas devem ser projetadas em repouso (diapositivo simples). Em várias categorias, podem ser vistas por mais tempo (por ex., instrumentos). Para as substâncias orgânicas (por ex., uma operação), é preciso evitar a projeção de dados em escala muito pequena e com detalhes excessivos. É o esquema que se impõe: o esquema animado.

243.372 *UTILIZAÇÃO DOS FILMES. OS ESPECTADORES*

a) Os estudos de bibliologia psicológica aplicam-se ao cinema. É necessário continuá-los no que concerne à ação do filme sobre o espectador.

b) Outrora, os escritores liam. Os jovens poetas, sem dúvida, foram ao cinema para ver imagens em movimento na tela. O ritmo acelerado é a impressão dominante entre os principiantes de hoje. (C. H. Hirsch.)

c) O cinema e as neuroses. Por sua ação, o cinema é um perigo para os nervosos, os anormais e os doentes mentais. Pela impressão que exerce em qualquer idade, graças à febre da sedução, a uma cenografia cada vez mais aperfeiçoada, ele mantém, por horas, pode-se dizer, um verdadeiro poder de sugestão, de hipnotismo. A escuridão da sala, o silêncio sepulcral, a impressão de sentir todos os olhares fixos no mesmo quadro, a música, às vezes cativante, inebriante ou enfeitiçante, todas essas circunstâncias têm melhor desempenho do que teria o instituto de psicoterapia mais bem equipado, em uma preparação favorável para produzir o estado de hipnose e sugestão.[1]

d) Em toda parte começou uma ação com o objetivo de oferecer aos jovens o cinema que lhes convém.[2]

243.38 Ponto de vista moral, social e comercial

243.381 *PONTO DE VISTA MORAL E SOCIAL*

---

[1] Dr. V. de Ruette. *Cinéma educatif ou cinéma démolisateur*. Publication de l'Institut International du Cinématographe Éducatif, 1933.

[2] Primeira experiência do Cine Mundaneum (Palais Mondial) nas escolas e nos cinemas. Ver nota explicativa. – Comitê da Infância da Liga das Nações. *Effet du cinéma. Rapport sur les travaux du Conseil.* 1926, p. 113.

a) Uma tríplice ação oculta é exercida pelo cinema: 1° uma ação comercial, explorando as massas, sua credulidade e suas paixões; 2° uma ação política favorável à ideologia governamental (subsídios secretos dos governos aos produtores de filmes, em particular para a produção de cinejornais e a manutenção de um espírito militar e mesmo guerreiro); 3° uma ação social favorável à ordem existente das coisas e contrária às transformações (cinema de classe).

É necessário estar de sobreaviso. O 'documentário' nem sempre é um documento verdadeiro. A ele se acrescenta propaganda, pois o cineasta muitas vezes é convidado a pôr no filme sua fé e seus preconceitos.

b) Os governos organizaram a censura do cinema. Ela está orientada em função dessa ação tríplice.

Para o cinema, foi implantado um modo especial de controle (França, decreto de 20 de julho de 1919; Bélgica, lei de 1° de setembro de 1920). Proibida a entrada de menores de 16 anos nos cinemas públicos, exceto quando todos os filmes do programa tenham sido autorizados por uma comissão oficial de controle.

c) O cinema exerce uma ação poderosa sobre os sentimentos de guerra e paz. O filme *À l'Ouest rien de nouveau*, [*All quiet in the Western front*; *Sem novidade no front*] [baseado no livro] de Remarque, comprovou isso.

d) O *Cuirassé Potemkine* [*Bronenosets Potemkin*; *O encouraçado Potemkin*] coloca a arte técnica cinematográfica a serviço do ideal político comunista; *Retell* [*sic*], um filme nacional-socialista, expressou tal forma de persuasão que conseguiu convencer até mesmo os mais determinados oponentes desse movimento.

Na Rússia, o cinema, como todas as artes, foi integrado ao plano geral da construção socialista. Ele propicia uma informação ampla e uma visão artística da industrialização, visão acompanhada de palavras, ruídos e música.

e) Nos países do Oriente, o cinema foi o instrumento revolucionário por excelência. Por um lado, ele destruiu o prestígio do homem branco e sua civilização camuflada e superestimada, mostrando na tela seus defeitos e seus males. Por outro, ele iniciou, nesses países dominados, as classes dominadas, as mulheres, os trabalhadores, as crianças, nas conquistas emancipatórias das mesmas classes no Ocidente.

f) O cinema se torna uma arma formidável. Um dia, se discutirá na frente da tela como na sala de reunião, a favor ou contra a ordem estabelecida. O desafio é o controle das multidões, a começar pelas crianças. Na Bélgica, de uma população de oito milhões, 90 mil pessoas sentam-se todos os dias em frente da tela, ou seja, mais de 1% do total.

Um filme de alguns produtores pode ser assistido, em três meses, por 300 milhões de espectadores. Qual é o meio de difusão que pode combater tal instrumento de propaganda, a não ser a luz da qual deriva tão diretamente?[1]

g) Foi sugerido que fossem filmadas com som as sessões do Parlamento.

h) Quanto à influência danosa de certos filmes, é aconselhável, diz o

[1] "Suponhamos que um gênio, um apóstolo, um pensador, um profeta encontre doravante a tese regeneradora que melhorará a humanidade e que possa expô-la, condensá-la em um tema cinematográfico; em menos de três meses ela será revelada ao mundo inteiro. E quem, se amanhã a admirável doutrina revelada no Evangelho se manifestar, como outrora, no universo, poderá dizer sem ironia e sem hipérbole que seus propagadores não se chamavam mais Mateus, Lucas e João, mas Pathé, Gaumont e Edison?" (Pierre Decourcelle. Conferência no congresso de cinematografia, 1910).

sr. Coustet, opor-lhes lições de força, de saúde moral e física que emergem de muitos romances cinematográficos, e devemos reconhecer que, pelo menos desse ponto de vista, os editores norte-americanos deram um exemplo duplamente feliz, já que produziram obras atraentes que são, ao mesmo tempo, geradoras poderosas de força e alegria saudável, servidas generosamente.

i) O cinema coloca o problema da verdade física do documento. Anteriormente, o bom público acreditava nos exercícios ultraperigosos dos artistas de cinema em filmes de acrobacias. Especialistas revelaram os inúmeros truques. Hoje eles estão presentes em muitos documentários. Um manequim substituiu um homem numa cena de sacrifício humano, com selvagens, num país inexplorado, registrada na casa de um colono com seus empregados (documentário retrabalhado).

243.382 *PONTO DE VISTA COMERCIAL*

a) A tendência na indústria cinematográfica internacional é abolir pequenos filmes e pequenas salas para dar lugar a grandes produções.

b) Vimos perigo da formação de trustes que industrializam a produção do filme que deveria ser, acima de tudo, uma arte.

c) O filme comercial é um destruidor de talento. O magnífico florescimento das obras suecas foi pulverizado com dólares. O cinema alemão se desviou para suas tendências ao misticismo e fantasias, e na França ocorreu uma cisão, que deixou para os verdadeiros artistas apenas o território de um cinema de ensaio. (D. Coen.)

d) Insignificância dos filmes. Rico de pessoal, de inteligência, de recursos multimilionários, produzem-se filmes que precisaram de quatro, seis meses para serem filmados. E tem-se a impressão, sentida tantas vezes, de que 'não é só isso'.

e) O cinema moderno tem sido denunciado nestes termos: de todas as obras de arte, é a mais cara de produzir: um poema, uma peça de teatro, uma pintura, uma estátua e a música não exigem quase nada para serem produzidos pelo artista. No cinema, são centenas de milhares de francos, milhões. O capital intervém: ele quer lucrar, como com qualquer mercadoria. Então ele quer que ela esteja de acordo com o espírito da sociedade: moral burguesa, sensualidade, respeito à ordem estabelecida, acaso feliz para compensar a triste condição (a pobre datilógrafa acaba se casando com seu chefe rico). Ópio.

Alguns filmes custam milhões. O *Napoléon*, de Gance, custou sete milhões. Ele pôs em cena cinco mil soldados. Os custos gerais chegaram a 40 mil francos por dia. Um estúdio é alugado por até 25 mil francos por dia.

Os cineastas exigem a criação de um banco do cinema. Hoje, eles devem pagar taxas de juros aos investidores, que chegam a 40%. A censura suaviza os filmes sociais.

f) Os industriais do cinema respondem: a culpa é do público que vaia os bons filmes. O Estado não conseguiria fazer melhor. Ele se ocupa do que lê o público? Uma medida adotada na Alemanha deveria ser generalizada: o filme de arte ser isento de impostos. No começo, há 35 anos, os intelectuais desprezavam essa arte feita para ser tratada pelos pobres* de espírito; eles a deixaram para os criados. O sucesso da tela em oposição ao livro e ao teatro é que ela não requer qualquer esforço mental. Basta abrir os olhos. É uma distração, acima de tudo.

* No original está *princes* (príncipes). [N.E.B.]

243.39 Documentação. Cinemateca. Cinecatalografia

a) Tornou-se necessário inventariar e conservar os filmes.

O que acontece com os filmes comercialmente disponíveis? Como catalogá-los, como obtê-los depois? Foram criadas cinematecas (cinetecas, filmotecas). Foram feitos catálogos de filmes.[1]

b) O número de cinematecas está crescendo em diversos países.

Em Paris, a cinemateca nacional francesa foi instalada no Trocadéro. Ela conserva 500 mil metros de filmes feitos durante a guerra, pelo serviço de cinema do exército. As salas foram divididas em compartimentos independentes, com o emprego de divisórias de metal para evitar o risco de incêndio e estão equipadas com um sistema de ventilação aperfeiçoado para manter as condições higrométricas adequadas. Espera-se que as empresas contribuam, depositando uma cópia positiva, e, se possível, o negativo. A proposta é fazer uma seleção dos filmes depois de dez anos.[2]

Na França, o ministério da agricultura tem um serviço gratuito de empréstimo de filmes, e a quantia de dois milhões foi destinada à compra de filmes documentários de agricultura, etc., conforme os decretos de 20 de novembro e 17 de dezembro de 1923.

Também merece ser assinalado, em Paris, o Musée de la Parole, de Ferdinand Brunot.

Na Inglaterra, os abrigos da Associação Cristã de Moços põem à disposição de qualquer povoado em seu território, e por um valor módico, 600 filmes com todo o material necessário para um operador experiente.

c) Está previsto que o Instituto Internacional de Cinematografia Educacional, em Roma, coopere na criação de uma biblioteca internacional de filmes e no desenvolvimento de um catálogo geral de filmes educativos.

d) Enquanto os livros depositados na biblioteca têm duração praticamente ilimitada, sem se alterar, os filmes produzidos até hoje exigem cuidados. Estima-se, em geral, que seja de cerca de vinte anos o tempo máximo de duração de um negativo. Os positivos, bobinados e rebobinados tantas vezes pelos projetores, se deterioram. Também filmes considerados dignos de serem salvos deverão ser periodicamente renovados, de modo que um novo negativo possa, por sua vez, prolongar sua existência.

e) Uma grande cinemateca inclui os seguintes serviços: serviço de cinematografia, sala de projeção, estúdio de montagem de filmes, local de guarda de filmes, biblioteca, sala de exposições para equipamentos escolares, museu do cinema.

f) Catálogos de filmes (cinecatalografia) foram elaborados. Como o filme é um documento, as regras da catalografia bibliográfica em geral são amplamente aplicáveis: autor, colaboração, título, assunto, data, material do suporte, formato, extensão, modalidade (cor, som, etc.), produtor, versões sucessivas.

243.4 Radiofonia. Telefonia sem fio

243.41 Generalidades

a) Do ponto de vista documentário, o rádio pode ser definido como o

---

[1] Reivindicação do Congresso Internacional de Cinematografia para que seja feito um catálogo geral de filmes documentários e criada uma cinemateca geral.

Proposta nº 11 da 2ª seção do Congresso Internacional de Bibliotecas e Bibliófilos, Paris, 1923. "Que o depósito legal seja estendido às produções cinematográficas em forma semelhante ao projeto de lei apresentado nas câmaras francesas, forma que permite sua conservação e consulta nas bibliotecas." (Srs. Guisbach e Perrot.)

[2] Fernand Lot: La Cinémathèque du Trocadéro. Larousse, 15 mars 1933.

'livro de ouvir'. É, em certo sentido, um substituto do livro e, do ponto de vista bibliológico, é importante entender bem suas características.

b) O rádio se revela como o mais espetacular instrumento de transmissão intelectual, artística e moral posto à disposição do homem. Ele proporciona a pensadores, conferencistas, poetas e músicos, com um mínimo de esforço, o máximo de comunicação, tanto por sua amplitude quanto por sua intensidade. O pensamento confiado ao jornal ou ao livro é um número de uma tiragem, sujeito a toda a lentidão do transporte. Para ser recebido, deve superar a resistência oferecida por todos os homens ao esforço de ler e ao cansaço de pensar. Pelo contrário, para ser acessível, o pensamento difundido pelo rádio requer apenas o esforço de girar um botão e, como pode ser facilmente associado a uma outra ocupação, como o trabalho manual, por exemplo, durante as refeições, naturalmente encontra um público pronto a acolhê-lo. Além disso, o rádio é o único a atingir várias categorias de ouvintes refratários, por um ou outro motivo, à ação do livro e do jornal. Como os analfabetos, os pobres, os cegos e os enfermos. Só por esse fato, supera imensamente os recursos da imprensa, da tribuna, do teatro ou do púlpito. Poderá alcançar e impressionar, praticamente, a totalidade das população do globo. (Lhaude. [*sic*])

O papa mandou escrever na porta da estação de rádio do Vaticano: "Até os limites da Terra, acima das ondas do éter, pela glória de Deus e pela salvação dos homens." O reitor da universidade de Louvain, em um discurso reitoral, disse: "O rádio e o cinema se tornaram propagadores de ideias mais poderosos do que o púlpito da verdade". Lenin é o primeiro estadista a utilizar o rádio como forma de propaganda.

O rádio (palestras, concertos, teatro ou reportagens) se converte no livro mais atraente e mais apaixonante; cada uma das divisões do mostrador de um receptor é uma fatia da vida que o alto-falante reproduz fielmente ao nosso comando, sem manobras complicadas.[1]

c) O rádio comunga com o livro o fato de que pode ser usufruído individualmente. Somente se destina ao sentido da audição e a ouvintes, na maioria das vezes isolados em seus domicílios. Não se presta às influências de ouvintes ou espectadores reunidos num mesmo local (influência de multidões, assembleias públicas, reuniões).

Mas, por outro lado, como o livro matou o manuscrito, é possível que a máquina falante mate o volume impresso no futuro. A máquina falante escreve um texto nas ondas e faz com que seja ouvido por todos os seres vivos, em toda a superfície do globo: por isso, desnaturaliza e destrói o diálogo interior, feito de silêncio, que é a delícia do livro. Estamos rumando para um mundo onde a própria solidão do coração será pública.

d) Todas as civilizações, todas as literaturas conheceram, primeiramente, uma força oral. Foi através da voz humana que todas as velhas tradições e a música e a poesia, todas as manifestações intelectuais das raças, foram transmitidas de geração em geração. Cantos de Homero, lendas escandinavas, folclore local, lendas terríveis, canções históricas e lamentos. A escrita, em primeiro lugar, depois a impressão, relegaram a audição oral do pensamento a um campo mais estreito. Papel dos livros impressos neste grande movimento do espírito que leva o nome de Renascimento. A ciência lhe atribui hoje tal poder que a descoberta da radiodifusão aparece na vida do homem como um fenômeno social car-

[1] Comité Radiophonique de l'Enseignement: La Parole Libre T.S.F.

regado de mais consequências do que a própria invenção da imprensa.

e) O rádio está se desenvolvendo consideravelmente numa época em que todas as nossas ideias, todos os valores sociais aceitos pela massa até 1914, encontram-se inteiramente abalados.

Obviamente, esse estado de coisas aumenta as responsabilidades pela disseminação de falsas doutrinas, de transmissões deletérias e imorais. A invenção de um meio tão poderoso quanto o rádio coincide com um período de fermentação intelectual e social. Em escala maior, o fato da imprensa surgida no Renascimento poderá se repetir. Mas estamos à espera dos gigantes que poderão apoderar-se do instrumento e empregá-lo em tarefas que estejam à altura de sua força.

f) Até o presente momento, mais de 13 milhões de aparelhos de rádio estão em uso em todo o mundo. Há 420 estações operando regularmente no mundo.

Nos Estados Unidos: 168 estações, 15 milhões de ouvintes; orçamento: dois bilhões de francos franceses. Nenhum imposto. Suécia: 31 estações, 162 mil ouvintes; orçamento: 690 mil francos. Imposto: 48 francos por aparelho. Alemanha: 29 estações, três milhões 980 mil ouvintes; orçamento: 537 milhões 400 mil francos. Imposto: 63 francos por aparelho. França: 23 estações, 800 mil ouvintes; orçamento: quatro milhões 800 mil francos. Nenhum imposto. Bélgica: 5 estações, 228 400 ouvintes; orçamento: seis milhões de francos. Imposto: 60 francos por receptor.

243.42 Técnica

a) Os progressos técnicos foram rápidos. Hoje o sincronismo foi alcançado. O funcionamento é totalmente automático: lista de estações no mostrador. Há aparelhos que combinam fonógrafo e rádio. Por meio de um único botão de controle, passa-se de um aparelho ao outro. O 'controle total' permite escolher a estação preferida. Um dispositivo permite, na recepção, a audição na orelha. Um aparelho especial, o microfone portátil, é preso aos ombros do repórter, que preserva seus movimentos livres e o mantém afastado da boca sem alteração.

b) A London Broadcasting House, inaugurada em maio de 1932, é o centro de rádio mais bem equipado do mundo. Custou 900 mil libras e compreende 22 estúdios, cada um para um determinado gênero de emissão. Instalados numa espécie de torre, no centro de onze andares, os estúdios estão protegidos do barulho. Cada gênero de programa necessita de estúdio próprio e cada uma das 22 salas foi criada para um propósito específico, já que requer um tipo de audiência para cada gênero de emissão, para dar ao autor o relevo sonoro que ajuda a tornar mais fiel a transmissão de rádio. Num lugar especial (*mixed unit*) faz-se uma dosagem inteligente de inúmeros efeitos captados por cada microfone: uma espécie de química sonora, mistura acústica onde os alto-falantes também intervêm e os *echo rooms*, câmaras de eco.

A emissão realizada pelo locutor, a orquestra ou os atores é controlada pelos assistentes de direção e por um diretor principal, o 'diretor de som'. Este dirige a emissão do estúdio, dentro de uma sala de controle central (*control room*) equipada com uma série de dispositivos de medição conectados a receptores de teste situados a alguns quilômetros, onde se encontra uma série de chaves e botões para equilibrar os sons (volume controlado). Finalmente, o controle de tudo o que passa pela *control room* é feito na mesa de supervisão, onde um engenheiro também pode moni-

torar o que acontece com todas as emissões.

Sinais, lâmpadas de cores diferentes, dão as instruções. A luz vermelha, sinal que se tornou convencional em todos os estúdios, significa 'atenção, no ar'. A totalidade do edifício compreende 180 salas, um quilômetro, seis de corredores, 800 portas, 80 quilômetros de fios, e ali 1 700 pessoas têm de respirar nos estúdios sem janelas. O local serve para as transmissões nacionais (*national stations*), locais (*regional London*) e internacionais, e, em breve, para as transmissões destinadas ao império (*BBC Empire service*). Prevê-se que proximamente a televisão seja definitivamente integrada às transmissões regulares.

Assim, alguns anos após a surpreendente invenção do rádio, foi instalada uma central e uma subcentral, e, enquanto isso, o livro, antigo de milênios, ainda está à espera, apesar do que foi realizado pelas bibliotecas.

243.43 Difusão. Distribuição

Foi necessária uma organização inteira para que o público usasse amplamente o rádio. Os sistemas variam de país para país. Aqui estão alguns dados sobre este assunto.

a) Nos Estados Unidos, a nova invenção foi consagrada por David Rockefeller, na cidade do rádio [Radio City], edificada no centro de Nova York. Algumas universidades norte-americanas possuem estação de rádio. Ex.: a universidade estadual de Iowa (WSUI). Tem havido, recentemente, uma crescente demanda por parte do público de programas de informação. Os ouvintes não distinguem mais o que é educacional e recreativo; ambos são frequentemente sinônimos. Pretende-se combinar os dois em um. O Columbia Broadcasting System decidiu limitar o material publicitário a seis minutos por hora.[1]

Os ouvintes foram levados a se manifestar e os piratas do éter acabaram sendo vencidos. O sucesso das transmissões tem sido tal que as associações de universidades dos Estados Unidos, diante da diminuição do público frequentador dos campos de futebol, nas partidas jogadas por equipes de estudantes, dali baniram o microfone.

b) A rádio belga INR, em 1932, fez 6 582 horas de transmissão com um consumo de um milhão e 100 mil quilowatts. Ela utilizou 30 retransmissoras internacionais. O número de horas de transmissões escolares foi de 65,20, o de emissões columbófilas, 28 horas e 40 minutos. O percentual de tempo reservado para conferências, palestras e leituras foi de 8,58; noticiário, 313 horas; reportagens, 161; entrevistas, 70; conferências, 319; crônicas, 402; passatempos e esquetes, 93; temas diversos, 250.

c) Na Grã-Bretanha, o número de ouvintes aproxima-se de cinco milhões. No congresso eucarístico de Dublin, em 1932, 400 potentes alto-falantes eletrodinâmicos foram instalados para que a imensa multidão ouvisse a uma distância de 25 quilômetros todas as cerimônias e discursos.

d) Na Alemanha existem quatro milhões de radiouvintes. Em 1932, foram publicados nesse país 6 465 livros ou artigos de revistas sobre questões de radiodifusão, dos quais 67% eram de natureza técnica.

e) Na Holanda funcionam quatro grandes federações regionais. Elas mantêm programas muito extensos, inclusive cursos. Uma revista anuncia os programas e publica documentos impressos úteis para as apresentações orais. Essas federações possuem muitos membros voluntários e

[1] O sr. Mally, presidente da Columbia, em sua mensagem de Natal de 1932.

algumas são muito ricas como resultado dessas contribuições: 'Nós nos beneficiamos, por isso pagamos, não querendo ser parasitas', é o lema deles.

243.44 Aplicações

As aplicações do rádio se tornaram inúmeras e variadas. O radiojornal é uma realidade. O teatro também (radioteatro). O rádio foi instalado a bordo de navios, trens e aviões. Na Suécia, são irradiados cultos matutinos para enfermos e estudantes. A Torre Eiffel informa a hora para o mundo. Por retransmissão, o microfone de uma estação pode transitar por todos os centros de interesse da região. A radiorreportagem vai para fábricas, minas, estaleiros, reuniões, lugares onde ocorrem fenômenos naturais. Por intermédio do rádio foram organizados debates entre membros de sociedades científicas de Nova York e Londres, a cinco mil quilômetros de distância. A descrição da batalha de Jehol [*sic*] foi transmitida por aviões, com microfones, sobrevoando o campo de batalha. A cavalaria norte-americana foi equipada com aparelhos de rádio.

Foi estudada, nos Estados Unidos, a criação de uma universidade pelo rádio.

Os laboratórios científicos da universidade de Nova York transmitiram um som estranho e vibrante, muito semelhante a uma nota de violoncelo. Era a transformação em uma onda sonora de um raio de luz do planeta Vênus captado por um poderoso telescópio e direcionado para uma célula fotoelétrica.

A eficácia da publicidade feita pelo rádio faz com que ele seja procurado, em detrimento do jornal. O abuso de anúncios nas rádios deteriora sua natureza. Nos Estados Unidos, o rádio foi criado com base na publicidade comercial. Vozes se levantaram contra esse fato. A Grã-Bretanha, o Canadá, a França e outros países criaram uma organização especial para as transmissões de rádio. O controle estatal existe e os objetivos educativos são assegurados.

Numa publicação impressa, os olhos podem passar por cima dos anúncios que não interessam. No rádio, todos têm que ser ouvidos.[1]

243.45 Radiofonia escolar

a) Medidas especiais foram tomadas para organizar a radiofonia escolar. Esta cresceu rapidamente nos Estados Unidos, Inglaterra, na Romênia, Alemanha, Holanda, Áustria, Rússia, México etc. Não se trata de substituir o professor pelo rádio, mas de ajudá-lo a variar e complementar o ensino. O rádio deve ser complementado com todos os recursos intuitivos possíveis (material didático, mapas, projeções fixas, textos escritos no quadro-negro, etc.). Não é um passatempo, um divertimento, mas uma aula normal na qual os alunos devem estar dispostos a trabalhar.

b) Os vários modos de apresentação do ensino pelo rádio são: aulas comuns, conferências, palestras, conversas, diálogos, apresentação teatral, narrativas, reportagens educativas.

O Instituto Internacional de Cooperação Intelectual publicou um relatório sobre a radiodifusão escolar (1932).

c) Houve protestos nos Estados Unidos contra o fato de que a educação pelo rádio estaria nas mãos de comissões designadas por particula-

[1] *Radio-broadcasting by the American plan*. Tracy F. Tyles, 1933.

res que trabalham com recursos financeiros de fundações privadas que atuam de comum acordo com as grandes empresas comerciais. Almeja-se proteger o microfone contra aqueles que querem servir-se dele para seus próprios interesses e para doutrinar os cidadãos.[1]

d) Foram criadas organizações de rádio educativo. Elas incluíram em seu programa: construir grandes emissoras para transmissão regular de programas destinados a todos os níveis de ensino. Fazer com que o estatuto da radiodifusão seja imbuído de um espírito democrático, que garanta para a própria nação a gestão das emissoras de rádio.

243.46 O rádio e a documentação

a) A radiodifusão é constituída, essencialmente, por sons livres, e não por documentos, ainda. A documentação se produzirá de duas maneiras: 1° *Na emissão*. Documentos podem servir de base, como gravações em discos que são transmitidas, ou fitas perfuradas que acionem, na sequência das perfurações, os mecanismos geradores de sons, palavras, música, sinais, ruídos. 2 ° *Na recepção*. Já foi feita gravação em discos.

b) Vem sendo delineada toda uma técnica para falar pelo rádio. A base é um documento escrito que deve ser muito claro e trazer, como numa partitura, sinais convencionais para garantir as pausas e o que deve ser enfatizado. Preconiza-se a velocidade de 130 a 160 palavras por minuto em tom de conversa, mas não de conferência. Recomenda-se evitar palavras que contenham certas letras que dão origem a ruídos. Ex. [em francês]: o *s* e o *p* ou *t* no final das palavras. É conveniente combinar a distribuição de textos impressos com a transmissão oral via rádio.

c) "A radiofonia inaugura a ditadura da voz que, vinda de longe, vai-se embora. As palavras solitárias e efêmeras não podem ter nem a densidade nem a complexidade dos textos que se submetem amistosamente a lentidões e repetições ou recitações às quais um corpo disciplinado assegura um poder de sugestão e fascínio." (Pierre Bourgeois.)

243.47 Rádio e música

O rádio, baseado no som, não tem sido apenas um instrumento de transmissão da fala ou de sinais. Ele se desenvolveu como instrumento musical.

Isto é feito em três direções: mediante a difusão da música comum, com ou sem voz humana; mediante a produção de música escrita para o rádio; mediante a criação de instrumentos musicais baseados na radiofonia e trazendo sonoridades totalmente novas sons (órgão radiofônico, os instrumentos de Theremin, etc.).

243.48 Organização internacional

O rádio causa problemas que transcendem fronteiras, e se deve criar uma organização internacional para ele.

a) As emissoras multiplicaram-se como cogumelos. Atualmente, existem 259 na Europa. Seria necessário um organismo internacional para pôr ordem nessa abundância. A União Internacional de Radiodifusão foi criada em 1925. Ela nomeou várias comissões, incluindo a comissão técnica que desenvolveu um plano para a repartição das faixas de ondas. Plano de Genebra 1925, plano de Praga 1929. Plano de Madri, previsto em 1932.

---

[1] *Education by Radio*, 25 May 1933.

b) O Instituto Internacional de Cooperação Intelectual reuniu, em 1933, uma comissão para estudar as medidas preventivas e positivas que poderiam ser tomadas por governos e empresas de radiodifusão, a fim de melhor adaptar essa nova força aos interesses internacionais. Esses estudos se referem a matérias que podem ser objeto de acordos gerais ou regionais entre os governos e as empresas de radiodifusão, a aplicação desses acordos, a possibilidade de eliminar emissões que poderiam perturbar as boas relações internacionais, as medidas construtivas propensas a favorecer a aproximação dos povos através de transmissões que levem a conhecer suas diferentes civilizações.

c) A Liga das Nações dispõe, agora, de sua estação, perto de Prangins, a poucos quilômetros de Genebra. Construída com o propósito de estabelecer uma ligação direta com todos os Estados-membros, essa estação será usada, durante os períodos em que a assembleia não tiver sessão, para a radiofusão de conferências e cursos em prol da Liga das Nações. A instalação se deve à colaboração internacional (Marconi, Philips, etc.).

243.49 Antecipações

a) Se, amanhã, a pluralidade simultânea de emissões de ondas vier a se concretizar, o livro poderá apoderar-se dessa invenção. Já é possível imaginar obras clássicas ou de grande atualidade fonografadas e colocadas em 'vazão constante' nas dependências das bibliotecas. Assim, cada um poderia, à vontade e a distância, conseguir a leitura desejada. Seria o livro irradiado.

b) Seria possível imaginar, com alguma fantasia, que, um dia, as ondas de rádio sejam fixadas, 'congeladas'. Que assim estejam em algum lugar do imenso espaço, em uma escala reduzida (microscópica), de modo que o armazenamento seja limitado por falta de espaço. Isto seria como um documento, pois teria um corpo material, mas a tais distâncias que não seria nem visível, nem tangível, nem audível. Um aparelho de 'leitura' ou de audição serviria para a interpretação e uso subsequente dos dados que houvessem sido uma vez radiodifundidos. Seria possível fazer um registro imenso de todas as palavras pronunciadas, de todos os gestos feitos em todos os lugares. Esse seria, realmente, o 'jornal' da humanidade inscrito no céu, com seus anuários disponíveis para consulta a qualquer momento, análogo ao grande livro do mérito dos homens que, segundo a tradição, um anjo escreve constantemente: a memória mundial, parte da memória divina. Uma divagação? Certamente. Uma antecipação? Talvez.

243.5 Televisão

243.51 Noção

a) A televisão consiste na transmissão de imagens a distância. Televisão é a denominação genérica. Ela comporta os diversos processos técnicos ou métodos para alcançar o mesmo resultado: a transmissão de imagens a distância sem fio. Atualmente, o processo se divide em dois grupos: 1° a telefotografia; 2° a televisão propriamente dita (fotovisão, radiovisão, fonovisão).

b) A televisão, como recurso de transmissão imaterial das informações, é um substituto do livro. Mas, ao mesmo tempo, à maneira da telegrafia e da radiofonia, ela pode dar origem a documentos. (Fala-se, comumente, de belinograma, marconigrama, derivados dos nomes dos inventores.) Os documentos serão os produzidos para fins de transmissão, no início,

e os que se produzirão na recepção. Pode-se imaginar que a imagem em movimento transmitida a distância seja novamente filmada na chegada, e também que todo um filme criado a distância possa dar origem não apenas a uma imagem, mas a uma reprodução remota como filme.

Assim, é possível imaginar três momentos: imagem estática (foto), representação dinâmica direta da imagem (cinema), reprodução a distância em novos documentos de uma imagem em movimento 'televisionada'.

c) A projeção sem fio (televisão) resultará em economia de película e papel a serem substituídos pela tela.

243.52 Telefotografia. Radiotelefotografia

a) Telefotografia é a transmissão remota de textos, desenhos e fotografias, por fio ou por rádio.

b) A essência do problema a ser resolvido: traduzir uma imagem em uma corrente elétrica transmissível por fio ou por rádio; depois, reconstituir a imagem no ponto de recepção. Isso por meio da célula fotoelétrica, que é o melhor instrumento para a transformação de valores luminosos em valores elétricos. (Anteriormente usava-se selênio, um metaloide cuja condutividade para a corrente elétrica varia de acordo com a intensidade da luz que o ilumina.)

Aparelhos Belin (francês), Baird (inglês), Larolus-Siemens (alemão).

O processo é o seguinte: a fotografia ou a folha com o texto a ser transmitido é posta em um cilindro que gira regularmente ao longo de seu eixo, como uma tela em torno de um parafuso. Sobre este cilindro incide um feixe de luminosidade intensa. A luz refletida incide em uma pilha fotoelétrica.

Qualquer desenho e qualquer fotografia são formados por um conjunto de pontos brancos e pretos. Foi nesse fato que se baseou toda a fotogravura, a microfotografia e, agora, a televisão com ou sem fio, com ou sem movimento.

Graças ao emprego da célula fotoelétrica, criou-se o 'olho mágico'. Os sons são transformados em sinais luminosos e inversamente. O ciclo se realizou: *som — imagem — som*.

Para transmitir hoje uma fotografia a distância, não passamos de 2 500 elementos por imagem, ou seja, para 20 imagens completas, 50 mil sinais por segundo. Para transmitir corretamente um filme cinematográfico (este caso particular da televisão é chamado telecinema), é necessário decompor cada imagem em 300 mil elementos. Se o filme passar na velocidade de 20 imagens por segundo, serão necessários seis milhões de sinais por segundo ou 60 vezes mais.

243.53 Televisão propriamente dita

A televisão difere da telefotografia apenas quanto ao número de sinais que devem ser transmitidos em um tempo muito curto. De fato, uma impressão luminosa que persiste por cerca de um décimo de segundo e os pontos de luz produzidos em uma tela, próximos um do outro em menos de um décimo de segundo, serão percebidos simultaneamente e parecerão formar uma imagem de conjuntos contínuos.

A televisão tem sido objeto de experimentos em vários países, particularmente os de Rignaux e Baird. Os estúdios de Berlim e Londres fazem testes regulares e diários. Chegou o dia em que os ouvintes de rádio, ao mesmo tempo que ouvem uma cena de teatro, podem assistir à movimen-

tação dos atores na tela. A associação da radiotelevisão com a radiotelefonia suprime, definitivamente, para o homem, o efeito do afastamento, pois permite, a qualquer momento, ver a pessoa querida e falar com ela em qualquer ponto do globo onde se encontre.

243.54 Aplicações feitas ou por fazer

a) Começaram a funcionar serviços públicos de telautografia. Imagens de todos os tipos, isto é, fotografias (positivas ou negativas), filmes, desenhos, plantas, impressões, manuscritos, originais, estenogramas, etc., são aceitos para transmissão. Na recepção, os telegramas aparecem em preto e branco. O formato normal aceito pelo uso é de 18 × 25 cm. A tarifa é cobrada por cm^2.

b) Em abril de 1933 foi fundada, em Nova York, uma empresa com 1,5 milhão de dólares para investir na televisão. A televisão é anunciada como podendo alcançar um raio de 200 milhas a partir da estação de transmissão. Estúdios são previstos nos grandes centros. Os aparelhos receptores, demasiado caros para serem comprados pela clientela, serão alugados a preços acessíveis.

c) O mundo da imprensa está sob a ameaça de uma revolução provocada, primeiro pela adoção das reportagens telefotográficas e, em seguida, e sobretudo, pelo desenvolvimento do telejornal ou projeção telegráfica em bloco de uma página inteira de jornal.

A telefotografia permite projetar, ao mesmo tempo, em Marselha, Lille ou Londres, uma página inteira de um jornal composto em Paris (teleclicheria) de modo que o mesmo jornal seja lançado, ao mesmo tempo, nessas diferentes cidades. Na China, onde o alfabeto Morse encontra sérias dificuldades devido à escrita ideográfica, o telefotógrafo é utilizado para transmitir um texto escrito completo.

d) Cenas vivas de espetáculo serão reproduzidas, ao mesmo tempo, em milhões de aparelhos que permitirão ao público ter a sensação de ver, ao natural [*suivant nature*], desdobrar-se a ação dos atores mais ilustres ou os panoramas mais distantes, os mais pitorescos, em um palco de teatro e até mesmo em casa, e ouvir, ao mesmo tempo, o canto e a música distantes, gravados pelos aparelhos receptores. Será, então, possível assistir acomodado em uma poltrona de teatro, e até mesmo em casa: 1º a apresentação ao vivo [*naturelle*] de cenas distantes representadas pelos maiores atores do mundo; 2º ao desenrolar, diante dos olhos, dos panoramas mais pitorescos do mundo e ao natural, tão bem, senão melhor do que o viajante, sempre à mercê de um incidente de viagem e de problemas causados pelas intempéries da época em que é feita a viagem; 3º à execução, em condições naturais, de trabalhos e experiências mais inéditas que possibilitarão desenvolver o espírito humano, colocando-o a par de todos os progressos humanos.[1]

A televisão permite entrever essa possibilidade: uma representação teatral na capital de um país poderá ser vista e ouvida mediante o televisor e o alto-falante em todas as outras cidades do país.

e) Em breve a televisão será um problema praticamente resolvido, como já o é cientificamente; a imagem é reproduzida remotamente sem fio. Pode-se imaginar o telescópio elétrico, que permita ler em casa livros expostos na sala '*teleg*' das grandes bibliotecas, ler as páginas solicitadas

[1] Jean de Laby. *La société future*, p. 247.

antecipadamente. Este será o livro telefotografado. Calcula-se que um aparelho simples de transmissão em ondas curtas custaria, apenas, dez francos-ouro. Daí a perspectiva de se poder transmitir, simultaneamente, todas as páginas de um livro, e consultá-las em casa, para começar, no raio de uma cidade, com a esperança de mais tarde ampliar essa distância. Um atlas enciclopédico de 100 pranchas, projetado como obra de referência básica e transmitido permanentemente por 100 aparelhos, custaria uma despesa de mil francos.

f) O dr. Hartan, oceanógrafo, concebeu um aparelho destinado a registrar e reproduzir fotograficamente o que se passa em ambientes submarinos fora de nosso alcance. O observador desce para o fundo do mar o transmissor de televisão. A imagem aparece em uma tela posta em uma câmara escura do navio e basta pressionar um botão para fotografar uma paisagem ou filmar uma cena do fundo do mar.

243.6 Espetáculos. Teatro. Festas. Liturgia

243.61 Generalidades

a) Os espetáculos, como reproduzem cenas e apresentam ao nosso olhar imagens vivas, são substitutos de documentos. Assim acontece com o teatro, os cortejos, as representações, as festas, que são diversões em forma de espetáculo, mas são, também, exercícios de cultos e liturgia.

Por outro lado, os espetáculos originam determinados tipos de documentos: libretos, roteiros, programas, anúncios, etc.

Definiu-se espetáculo em sentido amplo: distração devida ao movimento artístico. Mas não se trata dos espetáculos que não inspiram nenhum pensamento literário, como os dos grandes *music halls*.[1]

b) Os espetáculos baseiam-se na ilusão. Esta é a aparência que se apresenta a nós como realidade. Existem tantas variedades de ilusões quanto de sentidos. Vê-se produzir, alternadamente, a ilusão da visão, da audição, do olfato, do paladar e do tato. Pode-se determinar seis classes de ilusões:

1° Ilusões naturais. Por ex., a miragem, a refração da luz, o eco.

2° Ilusões patológicas: todos os estados mentais causados por doença.

3° As ilusões científicas: a maioria dos instrumentos ópticos pode criar essas ilusões. Em particular, os espelhos deformantes, o próprio microscópio, que tem a propriedade de fazer os objetos parecerem maiores do que realmente são.

4° As ilusões artísticas: são todas as convenções que intervêm, como, por ex., a perspectiva no desenho e na pintura; a escultura em relevo ou médio-relevo.

5° As ilusões do teatro, materializadas por meio de cenários, luzes, encenações, imitações de tormenta, chuva, tempestade, batalha, rolamento de carro, sinos, etc.

6° Poder-se-ia acrescentar a ilusão documental, a do documento invocado para representar a própria coisa.

André Chénier escreveu: "A ilusão fecunda habita em meu peito. Sobre mim pesam em vão os muros de uma prisão. Tenho as asas da esperança."

243.62 Teatro

1. *Noção*

a) O teatro é uma reprodução da vida, com a reconstituição de am-

[1] Ex.: *Sidonie Panache*: espetáculo que passa de um milhão de francos; 200 artistas, 10 cavalos em cena; 16 quadros suntuosos.

bientes históricos ou geográficos. Em nossos dias, torna-se uma síntese de todos os recursos capazes de criar a ilusão da realidade completada pela da arte. A palavra, a música, os figurinos, o mobiliário e cenário.

b) O **teatro** é apenas uma *transcrição*, uma interpretação da vida exatamente igual às outras artes. (P. Souday.) É no teatro que a arte desenvolve o melhor de todas as suas qualidades. No palco, todos os heróis da fábula e da história são revelados, assim como os personagens e as paixões do momento: tudo favorece a ilusão. "Em poucas horas, o espectador é testemunha de fatos trágicos que encheriam uma vida inteira. Acontecimentos memoráveis se passam diante de seus olhos: ele assiste a encontros famosos, conspirações tenebrosas, lutas decisivas. Confidente de todos os personagens, ele é informado de seus projetos e colocado a par de suas intrigas; o inocente é conhecido por ele, assim como o culpado; ele assiste a todas as peripécias do drama e aguarda, ansioso, o desfecho. Parece que a arte aqui se supera e que o palco invade a plateia. Não é assim, no entanto. A palavra brilha no teatro, mas reina, apenas, pela eloquência e pelo discurso." (E. Blanc.) O teatro é um dos modos mais importantes da 'expressão'. Ele permite aos homens, de uma poltrona na plateia, passear através de países, tempos, anos, sociedades.

c) "Reunir os homens já é comovê-los", dizia Thiers. O teatro pode e deve servir à evolução das ideias. Sua voz eloquente argumenta com mais autoridade que o livro ou o jornal a favor da justiça e da humanidade. Sua influência direta sobre a opinião pública deve, em alguns casos, ser usada a despeito de todas as teorias da estética teatral. O espetáculo frequente de belas peças deve fazer parte da cultura intelectual, portanto moral, de um indivíduo. O teatro lhe proporciona, da mesma forma que uma leitura séria, que a visão de um quadro invulgar, que a audição de uma bela sinfonia, ideias mais elevadas que os pensamentos medíocres a que a banalidade de sua vida pessoal o inclinaria. O teatro educa seu pensamento e refina suas maneiras; ele também moraliza, mas por meio de uma prédica disfarçada. É verdade que o teatro que se dirige a uma multidão heterogênea só pode abordar os temas mais gerais da sensibilidade humana.

d) O teatro converteu-se em instrumento sistemático de propaganda. Os comunistas organizam em cada país uma seção do teatro proletário. Os anticomunistas trilharam o mesmo caminho.[1]

e) O teatro pode ser considerado como um meio complexo de expressar ideias muito complexas; uma máquina, uma ferramenta de pensar.

f) A documentação pode, sob vários pontos de vista, reclamar que o teatro está invadindo sua seara. Ele é, obviamente, um substituto do livro: o livro representado. Ele é, por excelência, uma 'representação' ficcional ou naturalista da própria vida, muitas vezes uma reconstituição histórica. O teatro, na forma oral, é um continuador da modalidade que revestia toda a literatura antes que fosse escrita. O teatro é baseado na ilusão. É um substituto da realidade. A literatura teatral é notável. Ela tem sido objeto de grandes coleções especializadas.

2. *História*

O teatro tem uma longa e complexa história.

a) Os estadistas da Grécia antiga souberam tirar partido do teatro, valer-se da curiosidade dos homens para interessá-los pelas lembranças pa-

[1] *La tragédie du Dniester*, drama em quatro atos do padre Paul Humpers. (Seminário apostólico dos irmãos oblatos, Waeregem, Bélgica.)

trióticas, por pensamentos férteis, adequados para fortificar os corações e elevar as mentes, apurar o gosto mediante a visão e a audição de obras-primas. Daí nasceu o anfiteatro grego. Era com um propósito patriótico que esses imensos edifícios, inicialmente talhados nas encostas, como em Orange,* tinham dimensões suficientes para acomodar toda a população de uma cidade, mesmo de uma república. O anfiteatro de Éfeso comportaria até 100 mil espectadores. Ele foi um poderoso meio de influência e condução das massas.

* Referência ao Théâtre antique d'Orange, no departamento de Vaucluse, França. Construído no século I dC pelos romanos. [N.E.B.]

O anfiteatro de Orange tem 100 metros de diâmetro interno. A sala do Trocadéro, construída em 1877, tem capacidade para 4 625 lugares (semelhante ao Albert Hall, de Londres).

b) Os Confrères de la Passion foram, no século XV, os verdadeiros pais do teatro na França.* Seus mistérios, milagres e moralidades eram, ao mesmo tempo, representação e apresentação. O espetáculo de então se uniu à simplicidade do cenário, a multiplicidade de planos na encenação, e, na encenação, o infindável desfile de episódios e imagens. A Igreja, seguindo o exemplo de Cristo, seu fundador, sempre fez uso da parábola.

* Confrérie de la Passion (1402–1676). Corporação teatral de amadores, formada por burgueses e artesãos de Paris, dedicava-se à representação de obras religiosas. De 1402 a 1676. [N.E.B.]

Na Idade Média, havia diferentes gêneros de mistérios. As grandes peças compreendiam os mistérios do Antigo e do Novo Testamento, da história grega, da história romana, da vida dos santos. Às vezes, a apresentação exigia quatro, cinco e até vinte e cinco dias. O mistério da tomada de Troia continha nada menos que 40 mil versos.

c) Luís XIV limitou a três os palcos de Paris em 1680. O surgimento de representações de segunda ordem em feiras se deve ao embate entre os palcos privilegiados e o teatro de feira [*théâtre de la foire*]. Isto fez nascer quase todos os gêneros híbridos. A história das salas de espetáculos corresponde mais ou menos à história dos gêneros teatrais.

d) Hoje em dia, a indústria cinematográfica alterou, completamente, a organização rotineira do teatro. Agora, o teatro tem substitutos. É o cinema falado, a obra encenada uma só vez para ser filmada e que pode ser reproduzida em todo lugar e a qualquer momento sem nova atuação dos atores humanos. É, também, a peça ouvida no rádio e que, amanhã, se verá na televisão.

3. *Espécies*

Há muitas espécies de teatro: tragédia, comédia, drama, teatro de revista, farsa simples; em prosa e verso; falado e musicado (ópera, ópera cômica, opereta).

De tempos em tempos, surgem novas formas de salas de teatro. É o caso, por exemplo, do teatro de Wagner [Richard-Wagner-Festspielhaus], em Bayreuth, e do Goetheanum, em Basileia.*

* Mais precisamente em Dornach, a cerca de 40 km de Basileia, Suíça. O edifício é sede do movimento antroposófico e seu nome é uma homenagem a Goethe. [N.E.B.]

4. *Composição dramática*

Os tratados de literatura resumem os princípios que a história, a experiência ou a convenção impuseram à composição dramática. Surge o número no teatro: a lei das três unidades — tempo, lugar e ação — remonta aos gregos e foi muito adotada nos clássicos franceses. Pesquisas foram feitas para catalogar e reduzir o número de situações dramáticas.Quem teve a primeira ideia foi Gozzi,* relata Goethe em suas conversas com Eckermann. Georges Polti levantou a questão novamente.[1] Gozzi estabe-

* Carlo Gozzi (1720–1806). Dramaturgo e escritor italiano. [N.E.B.]

* As obras de Georges Polti (1867-1946), no catálogo da Bibliothèque Nationale, são: *L'art d'inventer les personnages*. Paris: Eugène Figuière, 1912, e *Notation des gestes*. Paris: A. Savine, (s. d.) O livro editado pela editora Mercure de France é *Les trente-six situations dramatiques*. Paris: Mercure de France, 1895. [N.E.B.]

[1] G. Polti (autor da arte de inventar personagens dramáticos; da Notation des Estes) no *Mercure de France*.*

leceu que todas as situações possíveis se reduzem a 36. Ele indica as referências aos casos observados na literatura e acrescenta variedades (ex., remorso, crimes passionais, revolta, etc.). Polti inventariou, também, o número de surpresas que podemos experimentar na arte e na vida e chegou ao número de 1 332!

5. *Pessoas: os atores*

No teatro, o autor se dirige ao público por intermédio dos atores. Estes realçam a obra ou dela se apoderam. É como na música, onde os compositores se entregam aos intérpretes, mas com a diferença de que a partitura contém uma notação mais estrita das intenções do autor do que o texto teatral. Um bom ator sabe traduzir com sua sensibilidade profunda as atribulações íntimas de personagens complexos e matizados. Há atores que não interpretam seus personagens, mas que os encarnam, que são os próprios personagens. Assumem então esse personagem para dele se tornarem documentos vivos, substitutos (sósias) desse personagem.

6. *Locais e salas de espetáculos*

As salas de espetáculos têm grande importância. Pode-se também dizer que elas são equipamentos para ver e ouvir. Na Antiguidade, a primeira forma do espaço no qual o espetáculo acontece é um círculo, em cujo centro se organizam danças e lutas. Mais tarde, definidas as regras do jogo, reserva-se um local que tinha uma forma arquitetônica. Há, aqui, dois tipos distintos: o circo e o teatro. O circo abrange toda a área de um círculo (360°) e tem como protótipo a arena. O teatro alcança uma forma perfeita entre os gregos. Ele se modifica no período romano; na Idade Média, para a representação dos mistérios, os três pórticos das catedrais servem de palco, e o adro, de plateia. O teatro de Shakespeare, que data do século XVI, afasta-se dessas formas. Nos tempos modernos, devido ao clima rigoroso do hemisfério norte e à frequência das representações que se tornam diárias, os espetáculos deixam o ar livre e são dados em um espaço fechado. No século XIX, há dois tipos: o Scala, de Milão, e o teatro wagneriano de Bayreuth. No século XX, são quatro tipos: o teatro (Van de Velde, em Colônia, Gropius), a sala de concertos (sala Pleyel [em Paris], de Gustave Lyon, e a sala do Palais des Beaux-Arts, em Bruxelas), a sala de conferências (projetos de Hannes-Meyer e de Le Corbusier para o palácio da Liga das Nações), a sala de cinema, sala de imagens e sons, reproduções e figuras, mistas, entre sala de teatro e sala de concertos; sua forma é de quatro tipos: retângulo, trapézio, círculo e oval. O teatro passou por aperfeiçoamentos no que diz respeito à sala e à circulação, e também no palco e nos bastidores. As exigências da encenação evoluíram consideravelmente. Hoje, um modelo de palco dificilmente se assemelha ao de ontem.

7. *Encenação*

Antigamente, era-se indiferente à encenação. Hoje em dia, procura-se inserir as peças em seu ambiente. As reconstituições têm sido numerosas. Fez-se teatro até para ter a oportunidade de fazer arqueologia. Quanto ao figurino, a reforma remonta a La Clairon e a Lekain.* Contudo, a grande reforma da cenografia é do começo deste século. Pessoas em um cenário; indicações plásticas infundindo uma vida particular e intensa à imagem visual; as multidões e os indivíduos sujeitos ao ritmo do conjunto. Os

* La Clairon era o pseudônimo de Claire-Josèphe Léris (1723–1803). Atriz francesa. Lekain, pseudônimo de Henri-Louis Caïn (1729–1778). Ator francês. [N.E.B.]

dramas fantásticos, as fantasias, as peças sem pé nem cabeça concebidas por dramaturgos que se baseiam em maquetes de cenários e máquinas teatrais, truques sugeridos por pequenos inventores, ou que, por sua vez, eles mandam fabricar. Em seguida, os projetos previstos nas maquetes produzidos, aumentando-se as proporções.

8. *Países*

a) Alemanha. O teatro ocupa um lugar importante na vida intelectual de todas as grandes cidades alemãs. Há 250 teatros na Alemanha. Ao contrário do que acontece na França, onde somente Paris consagra o sucesso de uma peça, todas as grandes cidades da Alemanha podem criar obras de valor.[1] Na Alemanha, sob a influência das ideias de Gordon Craig em *The mask*, o sr. Reinhardt, diretor do Kamerspiel, e o sr. Brahm, diretor do Lessing Theater, de Berlim, realizaram estudos abrangentes de encenação. Mas foi no Schauspielhaus, de Düsseldorf, que os estudos avançaram muito. Este teatro foi fundado em 1905 por Gustave Lindeman e sua mulher, Louise Dumont. (Peças: *Medeia*, *Fausto*, *A Noiva de Messina*, etc.). Nos últimos anos, o teatro se transformou na Alemanha. Enquanto os chamados teatros comerciais entram em colapso, os teatros populares prosperam surpreendentemente. O de Berlim reúne 160 mil membros, e dispõe de três imóveis. Trata-se de um grande movimento de socialização do teatro a serviço de uma ideologia política e que se une aos teatros comunais operados sob controle direto dos conselhos comunais. Escolas de arte teatral foram anexadas a algumas universidades. O instituto Kiel possui a maior biblioteca de teatro da Alemanha.

Entre os povos germânicos, o teatro não é um simples instrumento de recreação. É um órgão de pensamento e um instrumento de educação, assim como a universidade, a biblioteca e o museu. Alguns teatros recebem subvenções milionárias.

b) Rússia. No teatro burguês, expressão da classe proprietária, o 'Teatro Proletário' se opõe ao teatro da classe média, como expressão das profundas aspirações dos trabalhadores manuais e intelectuais. A este novo conteúdo, proveniente de uma ideologia e uma nova literatura, corresponde também uma técnica nova em todos os aspectos.

9. *Correlações*

a) Texto escrito, texto lido, texto lido em voz alta, declamação, teatro, estes são os termos de uma mesma série e estão correlacionados.

b) A gênese da ópera está cheia de lições sobre o movimento que leva as artes a se combinarem. A ópera é uma síntese de várias artes. Durante muito tempo, na França, as óperas italianas, introduzidas por Mazarino, não eram do agrado do público. O gosto francês ainda se espantava com a ideia de um espetáculo, comédia ou tragédia, em que todas as palavras fossem cantadas. Os literatos eram sempre mais ou menos inimigos da música, e não queriam aceitar que esta pudesse competir com a poesia. Corneille a relegava aos entreatos, durante as mudanças de cenário.

c) Há uma analogia impressionante entre o que os pintores chamam composição e o que a gente do teatro chama encenação, isto é, entre a arte de dispor no palco os personagens de uma comédia ou de uma tragédia, e a arte de dispor os personagens de uma pintura na tela. Os atores

[1] Ver estudo na *Revue de Paris*, mai 1929.

formam uma sucessão de quadros de expressão essencialmente móvel e fugaz, mas bastaria tirar uma fotografia instantânea para transformá-los em composições alegres ou comoventes. De modo inverso, pode-se ver esta ou aquela pintura histórica como verdadeiras tragédias interpretadas como pantomima e imobilizadas diante de nós. Uma diferença: o pintor encontra na distribuição de luzes e sombras um meio de ressaltar suas principais figuras, enquanto no teatro, com exceção dos efeitos especiais de luz, a iluminação é uniforme.

243.63 Festas. Jogos públicos

a) Na celebração das festas, a distinção entre ator e espectador desaparece. Todos são participantes. As festas são solenidades religiosas ou civis instituídas em comemoração de um fato considerado importante. Encontram-se festas entre todos os povos, em todas as épocas de sua história. Entre os gregos, as bacanais ou dionisíacas, as ateneias, as panateneias, os jogos olímpicos e os jogos píticos, os pan-helênicos; entre os hebreus, o *shabat*, a páscoa, os tabernáculos. Entre os romanos, as ambarvais, as lupercais, as saturnais, as férias latinas. Entre os cristãos, a Anunciação, o Natal, a Paixão, a Páscoa, a Ascensão, o Pentecostes, Todos os Santos. Na França, as festas eram combates simulados, torneios, caça, banquetes; mais tarde, os entremezes, os mistérios, o teatro, a música, as mascaradas. Antes da Revolução, havia 82 festas por ano, quando não se trabalhava, reduzidas, pela Concordata [de 1801], a quatro, sem contar os domingos. Entre os gregos, os ritos das festas eram os sacrifícios com todo o aparato pomposo de cerimônias, de cortejos em que a juventude expõe seus encantos, peças de teatro, danças, cantos, lutas onde resplandecem, sucessivamente, a habilidade e o talento, combates de ginástica no estádio, lutas de palco no teatro. Chaussard (*Fêtes et courtisans de la Grèce*) subdividiu as festas da natureza em 'criação, renovação, exaltação, degradação'.

b) Os jogos e espetáculos de toda sorte sempre fizeram parte dos divertimentos públicos e até de solenidades de outra natureza. Assim, os antigos celebravam os *jogos fúnebres* nos funerais de heróis, reis ou príncipes. Na *Ilíada*, são descritos os jogos oferecidos por Aquiles após a morte de Pátroclo. Em Roma, os jogos fúnebres alcançaram um luxo inaudito. Tibério os proibiu para quem não tivesse pelo menos 400 mil sestércios. Mas só com Teodorico (no ano 600) é que foram abolidos. Os jogos mais famosos são os celebrados pelos gregos em Olímpia, em Nemeia, etc. em homenagem a Júpiter ou outro deus. A nação inteira para lá acorria, com seus atletas mais famosos, seus poetas mais louvados, todos aqueles que estavam ávidos pela glória. Disputavam-se, com efeito, todos os prêmios: de força, destreza, poesia, eloquência. Tentou-se, modernamente, restaurar os jogos olímpicos. Eles têm seus análogos hoje em dia, mas muito inferiores, nas competições de todos os tipos: corridas de cavalo, de bicicleta, de carro, etc. Em Roma, os jogos degeneraram em batalhas de gladiadores e outros espetáculos cruéis. É a esse tipo de espetáculo degradante que podemos associar as touradas.

c) Entre os sinais de festa e júbilo público destaca-se o das luzes, realizado em todos os tempos e entre todos os povos. Durante seus jogos seculares, os romanos usavam archotes de pinheiro para iluminação. Os gregos tinham seus *lamptiros*, procissões com fogaréus pelos mistérios de Elêusis. A *festa das lanternas* é celebrada na China desde tempos ime-

moriais. Hoje, a ciência colocou seus maravilhosos recursos a serviço de nossos divertimentos seculares ou religiosos: gás, eletricidade, fogos de artifício, etc. Entre os espetáculos de luz, periódicos e religiosos, estão: o de Roma, no dia de são Pedro, e o de Lyon, pela Imaculada Conceição.

d) Festas e manifestações desempenham um papel de destaque no novo regime alemão. É o sr. Goebbels, ministro da Propaganda, quem cuida disso.

243.64 Cerimônias civis. Etiqueta.

As cerimônias civis abrangem todas as formas exteriores observadas em atos solenes. Incluem o cerimonial do Estado e da Corte, o cerimonial diplomático ou de Estado para Estado, o cerimonial oficial, que regula as relações entre funcionários, ordens de precedência, etc. Todas essas questões de etiqueta e de observâncias civis, das quais o Antigo Regime, sem dúvida, exagerou a importância, não deixam de merecer atenção. Os tribunais, e mesmo as residências de presidentes de república, têm seus mestres de cerimônias, ou dignitários que exercem suas funções: apresentadores de embaixadores, etc. A história preservou a memória do sr. de Ségur, grão-mestre do cerimonial no reinado de Napoleão I, como um Dreux-Brézé do reinado de Luís XVI.* Hoje ainda existe no ministério de relações exteriores da França um serviço de protocolo, que cumpre o mesmo papel. Compreende-se por protocolo diplomático ou protocolo o cerimonial a ser seguido nas relações políticas. Abrange as qualificações e títulos atribuídos aos Estados, aos soberanos, aos ministros, etc., as fórmulas de cortesia a serem observadas em documentos políticos. A aplicação desse cerimonial é considerada importante para a manutenção de boas relações e a paz pública. Mas, desde a guerra, muitas coisas mudaram a esse respeito.

* Henri Evrard, marquês de Dreux--Brézé (1762–1829). [N.E.B.]

É especialmente intitulada de cerimonial da Corte a etiqueta que regula as relações do soberano ou dos príncipes e altos dignitários com aqueles que se aproximam deles. Ela era muito rígida entre os monarcas do Oriente, onde certas infrações podiam ser punidas com a morte (por ex., a história de Ester). Os bizantinos também a cultivaram com seu formalismo. Ela floresceu na corte da Borgonha, na época de Filipe, o Bom. De lá ela passou para a Áustria e depois para a Espanha, onde reinou vigorosamente. Introduzida na França por Ana da Áustria, contribuiu para o esplendor, às vezes verdadeiro e às vezes falso, do reinado de Luís XIV. O *Dictionnaire des étiquettes*,* da sra. De Genlis, é a suma de todas as regras seguidas na Corte da França. A etiqueta desapareceu com o Antigo Regime, e o Império não conseguiu restaurá-la. Útil em si, o rótulo torna-se, pelo abuso que é feito dele, ridículo, tirânico e intolerável.

* Genlis, Stéphanie-Félicité, condessa de. *Dictionnaire critique et raisonné des étiquettes de la cour, des usages du monde, des amusemens, des modes, des mœurs* [...] Paris, Mongie, 1818. [N.E.B.]

243.65 Culto. Liturgia.

a) Culto é o conjunto das formas assumidas pela religião, os atos que ela inspira ao homem em suas relações com Deus. O culto é interior e exterior. Todas as religiões deram espaço para o culto. A Igreja Católica acompanha o exercício do culto com cerimônias de grande pompa. O livro está intimamente relacionado a ele (evangeliários, livros de horas, livros de oração).

b) As cerimônias religiosas regulam o que se vincula com o sacrifício, os ofícios ou orações públicas, a liturgia, a administração dos sacramentos: batismo, casamento, funerais, etc. Elas são instituídas para intensi-

ficar o culto divino, elevar o espírito do homem e instruí-lo, honrando a divindade. Distinguem-se os ritos essenciais dos sacramentos, que o próprio Jesus Cristo instituiu, dos ritos estabelecidos pelos apóstolos ou seus sucessores. São Dionísio, autor da *Hierarquia celeste*, disse que as cerimônias foram instituídas pelos apóstolos e seus sucessores "para que, dependendo do nível de nosso entendimento, essas figuras visíveis fossem como um socorro pelo qual nos fosse possível elevarmo-nos à inteligência dos augustos mistérios". O Concílio de Trento proíbe omitir ou mudar as cerimônias da administração dos sacramentos, mesmo que elas não sejam essenciais. Essa proibição se refere particularmente aos bispos, que não podem, portanto, compor ritos particulares.

c) Um movimento sediado no mosteiro de Mont César, em Louvain, aspira à participação ativa dos fiéis (leigos) nos atos de culto católico, à riqueza e à variedade do ciclo litúrgico. Não mais espectadores mudos, testemunhas passivas.

> O historiador e o arqueólogo assistirão a uma restauração de usos abolidos por uma evolução que nem sempre julgamos feliz. O homem de ação, um meio de associar as almas não só nas obras apostólicas, mas na manifestação e no exercício da vida religiosa mais essencial. O psicólogo, um processo de ascetismo experimentado durante séculos e aprovado pela Igreja. Mas é um ponto de vista superior a esses. Se o culto é oração e ação do corpo místico da Igreja, a participação neste culto, mais do que um método salutar, é uma prática necessária. Ela se vincula às profundezas e à essência da vida cristã considerada em sua realidade coletiva. A vida litúrgica é a participação das almas no culto público, participação que não tem valor algum sem essa união profunda e espiritual.[1]

d) A música religiosa é de importância primordial no culto. Na Igreja Ortodoxa, os cantos se revestem de grandeza, entre os protestantes são hinos e cânticos. Na Igreja Católica, o cantochão e a reforma gregoriana, a grande súplica do *Kyrie*, o grande louvor do *Gloria* e do *Sanctus*, a grande afirmação teológica do *Credo*, a ternura do *Benedictus* (Orlando di Lasso, Palestrina, Marcello, Bach, Händel, Beethoven, Mozart). A música religiosa é transmitida pelo livro (manuscritos dos monges, antifonários, partituras).

e) "Uma música especificamente religiosa deveria se incorporar ao culto a ponto de jamais se distinguir dele. Entretanto, é necessário o trabalho de séculos: a liturgia da própria missa, embora suas partes essenciais nos pareçam tão fixas, levou tempo para estabelecer sua forma, sua declamação, sua melodia. O gregoriano foi uma novidade, como mais tarde o palestriniano, talvez também inicialmente chocante (Gheon)."

"Roma interrompeu os inovadores que propunham introduzir o fonógrafo no próprio ofício divino. A música, e especialmente o canto da igreja, não é, foi dito a esse respeito, um ornamento artístico simples, uma decoração acidental que cada um modifica e aplica à sua maneira. A Igreja canta porque falar não seria suficiente no impulso de sua oração, e esta canção é a sua oração. O canto deve traduzir os sentimentos do coração humano por um ato consciente e pessoal, cada vez renovado de seu ser vivo: nenhuma máquina, por mais sofisticada que seja, pode ser substituída pela voz que Deus deu aos homens para louvá-lo."[2]

---

[1] Reverendíssimo dom Capelle na XVIe semana litúrgica (1933). – Ver a questão de há muito controversa sobre a missa dialogada (relatório de dom Gaspar Lefebre). – Sobre a concepção da comunhão dos santos e a identificação com Cristo, ver a obra do padre Mersch sobre o corpo místico do Cristo.

[2] Dom Bède Lebbe. Phonographe et chant d'Église. *Revue Liturgique Assomption*, 1933. – O fonógrafo foi utilizado para ensinar música religiosa fora dos ofícios.

243.66 Diversos

a) *Miologia expressiva*. Os diversos movimentos da alma se expressam em nosso rosto, sem a ajuda da nossa vontade, pelo jogo dos músculos faciais. A isso se chama fisionomia. Sobre essa parte da miologia fez-se um estudo completo e científico (principalmente o professor Gratiolet).

b) *Dança*. Do ponto de vista cronológico, a dança está entre as artes mais antigas. Gesto instintivo e gesto estudado da poesia e da música. Os gestos de cada indivíduo, os gestos mais naturais, os de cada dia, de todos os momentos, são adaptados, tornados espetaculares, ampliados ou diminuídos de acordo com as necessidades da causa e das leis da óptica cênica. A mímica facial contribui, além do gesto, para dar à dança um selo de humanidade. A dança clássica é uma série de passos que são ordenados, definidos e que formam para o dançarino o alfabeto que lhe servirá para criar com a música uma dança em que todos os passos são previstos, como desenvolvimento, duração e finalização. Na dança, todos os que dançam participam de um todo que se revela homogêneo, dirigido por um mestre, incumbido de traduzir por meio do gesto uma ideia ou um pensamento, com um vocabulário de gestos ilimitados. "Cada gesto dos intérpretes encontra, ao se prolongar em nossa mente, um significado e uma ressonância próprios de cada espectador e de acordo com seus reflexos pessoais. A dança praticada dessa maneira é mais lógica e mais clara, ela expressa com o gesto o que não se diz e o que se sente. É uma linguagem. É um poema, é uma música visual.[1] Os balés russos, e depois deles outros espetáculos, produziram verdadeiras pequenas obras-primas de harmonia entre argumento, música, coreografia, cenários e figurinos.

c) *Trajes e uniformes*. Faz muito tempo que a vida social recorreu aos trajes e uniformes para expressar suas hierarquias e sua história. Com o militarismo, o uniforme tornou-se muito importante. Os recentes movimentos políticos atribuíram-lhe um lugar quase fundamental. (Os camisas negras de Mussolini, os camisas pardas de Hitler.)

Uma organização ativa, disse Einstein, é necessária para dramatizar a paz. E a Internacional Verde se apresentou "como uma nova ordem de vida em um novo mundo". Dirigindo-se à vida, esta ordem é realizada por símbolos, cores, bandeiras e também gestos, máquinas e paradas exteriores. A nova 'União Internacional para a Paz', criada pela juventude, também quer vestir seus membros com braçadeiras e uniformes.

d) *Viagem*. Uma documentação informativa é, também, um espetáculo que passa pelos olhos. Viajar ou adentrar em certos círculos é granjear as sensações diretas das coisas e viver entre elas, agir em função delas.

Ir ver com os próprios olhos aquilo que foi lido em descrições ou completar um plano de leitura com um plano de viagem; o que vem antes, o que vem depois. Ter visitado o mundo.

e) *As instituições*. Além das obras de arte, os povos têm suas instituições, criadas por suas leis fundamentais. Elas são como uma 'objetificação' de si próprios e, para alguns, ali se desdobra, muito mais do que em documentos e em obras de arte. No plano da história, sempre falamos de Atenas e Roma, e não de Paris, Berlim ou Londres, porque estas não têm nem a Acrópole nem o Fórum. O folclore, que se tornou ciência e foi admitido na sociologia, está próximo das instituições.

---

[1] Will' Arco. Sur les ballets de Kurt Jooss d'Essen. *Le Rouge et le Noir*, 1933.01.25.

243.7 As obras de arte. A arte

243.71 Generalidades

1. *Noções*

a) A arte é o homem incorporado à natureza: *Homo additus naturae* (Bacon). (Definição que poderia, além disso, se aplicar, igualmente, tanto à ciência quanto à arte.)

A arte visa a manifestar algum atributo essencial ou relevante, ou seja, alguma ideia importante, mais clara e completamente manifesta do que o fazem os objetos reais. A obra de arte tende a se nutrir de toda a ciência, de toda a vida pessoal e vibrante de seu tempo. Ela resume a vida, porque é o tempo que cria seu estilo e seu rosto. (Taine.)

A arte é a missão mais sublime do homem, pois é o exercício do pensamento que busca compreender o mundo e torná-lo compreendido. (Rodin.)

A arte é a metafísica comovida. (Definição da revista *Rythme et Synthèse*).

Arte, máquina de emocionar. A obra da ciência procura reproduzir a realidade, a obra de arte é uma transformação da realidade, deformação, humanização, criação.[1]

b) A arte tentou transmitir e assimilar os modos de sentir dos homens. Vibrando seu arco mágico, ela percorreu todas as suas sensibilidades, disciplinando-as, regulando-as pela doce imposição das mais refinadas sensações do artista que se espalham, contagiosamente, em seu público. A arte socializou as sensibilidades, como a religião ou a ciência, as inteligências, como a política ou a moral, as vontades. (G. Tarde.)

c) O raciocínio, a mente, a parte clara que existe em nós, é apenas uma parte de nós. Existe todo o campo de ideias confusas, sentimentos, sensações, tendências. A arte e a ciência são modos de expressar essas duas partes de nós mesmos. A ciência (conhecimento exato e sistemático) amplia, todos os dias, seu campo, novas ciências e técnicas, programas de ação consciente. A ciência invade o campo da arte. O livro científico expropria o livro de arte e de literatura. Mas enquanto, de um lado, as fronteiras da arte (expressão da personalidade do homem) recuam, do outro elas se estendem. Acabaram de ser incorporadas à grande arte (pintura, escultura e música) as artes industriais, que possibilitam ao homem novas oportunidades de expressar sua personalidade: a arte em tudo o que nos rodeia; em casa, na cidade, na oficina, no prédio público. Depois, a compreensão da arte na natureza. Em suma, veja que os maiores pensadores concebem a própria vida como uma obra de arte e estabelecem o bom gosto como regra suprema de conduta.

d) Está dito. O homem moderno sabe que são realidades profundas apenas aquelas que nos afetam diretamente; ele se deleita com os aparatos engenhosos da ciência e da indústria, mas carece destas certezas ideais que, anteriormente, a religião lhe concedia: duvidando delas e das metafísicas, ele é trazido de volta para si mesmo, e o mundo real se passa dentro dele; esse vazio angustiante não é apenas a ação, nem os prazeres do corpo que podem preenchê-lo, nem mesmo a especulação pura, que dificilmente alimenta os sentidos. Caberá à arte prover uma necessidade, que se tornará cada vez mais imperativa, criada pelo ócio que a máquina

---

[1] Seailles, *Essai sur le génie de l'art*. – Guyau, *L'art au point de vue sociologique*. – Perez Bernard, *L'art de la poésie chez l'enfant*. – Souriau, *L'esthétique du mouvement. La suggestion dans l'art*. – Ricardon, *De l'idéal*. – Hirth, *Physiologie de l'art*.

garante ao homem. Este, aliviado do trabalho embrutecedor que debilitava o pensamento, e privado da religião, em uma época sem arte conheceria duros momentos de angústia. A arte terá a missão por excelência de distrair e produzir aquele elevado contentamento sem o qual a tranquilidade da alma é impossível; ela até deve fazer com que tenhamos belos sonhos acordados; quanto mais longe forem os tempos da maquinaria, mais o homem precisará brincar com essas cordas que parecem estar ligadas ao infinito.

2. *Elementos constitutivos da obra de arte*

a) Os fatores que determinam a arte em sua evolução são os nossos sentidos, capazes de uma perfeição da qual ignoramos o limite; a razão; as necessidades físicas imperiosas; os sentimentos; o ambiente econômico social, político e cultural.

b) A arte comporta três elementos distintos; 1° a representação estética da realidade (arte gráfica, plástica e científica); 2° as criações de linhas e cores sem qualquer significado real (os ornamentos); 3° o elemento suprassensível.

O escopo do trabalho artístico é avaliado a partir de três pontos de vista: 1° seu valor em si mesmo; 2 ° suas qualidades técnicas; 3 ° seu significado com respeito à civilização dentro da qual nasce.

3. *Fatores de produção das obras de arte*

A criação artística é o resultado da implementação de muitos fatores. Esta criação tem sido objeto de estudos aprofundados.

"A arte e a vontade", diz Schwob, "têm sua origem naquilo que há de mais individual em nós mesmos, no centro de todas as nossas faculdades. A essência da arte também é a liberdade, enquanto a ciência busca a determinação. Aquilo que faz predominar em nossa personalidade um elemento em detrimento de outros diminui a arte porque restringe o livre movimento do indivíduo."[1]

Para o dr. Weiss (*Rivista Italiana di Psicoanalisi*, n° 1, 1932), a diferença entre as fantasias ou sonhos divinos e a obra de arte consiste em uma atitude peculiar do superego que se deixa corromper pela beleza e dá sua absolvição para o que é, em suma, apenas uma realização futura de instintos reprovados pelo próprio artista. Por outro lado, a criação artística pode ser interpretada como uma espécie de maternidade e, assim, responde a uma atitude feminina encontrada em cada artista.

243.72 Evolução

a) No começo, a arte, como todas as manifestações sociais, era muito simples. A música tinha modos simples; as belas-letras, imagens puramente simbólicas e representativas, como os hieróglifos; a pintura era decorativa, como um acessório da estatuária e da arquitetura; a escultura, como uma função artística diferenciada e independente, aplicada apenas à arquitetura; esta se reduzia à satisfação da necessidade do homem de se proteger contra as intempéries e as agressões.

b) Os caldeus, persas, gregos e romanos haviam outorgado a seus sacerdotes o esplendor dos paramentos e a pompa das cerimônias; os mesmos antepassados espirituais transmitiram aos cristãos seu solene

[1] Byvanck. *Un hollandais à Paris en 1891*, p. 232. Paris: Perrin, 1892.

cantochão. As corporações de ofícios de Bizâncio e da Europa ocidental erigiram basílicas admiráveis, depois vieram pintores e escultores que decoraram as naves e as capelas e transformaram essas catedrais em museus. Todas as artes, nascidas da iniciativa individual e quase sempre sob a influência de algum impulso de rebeldia, uniram-se em procissão à religião católica. Mais tarde, cada uma dessas artes emancipou-se da Igreja, e o que há de jovem, novo e criativo foi feito fora dela. (E. Reclus.)

243.73 Estética

a) À medida que as obras de arte foram sendo produzidas, aqueles que refletiam a respeito do que elas eram — estetas, filósofos, historiadores da arte e críticos — construíram teorias explicativas, se libertaram das normas e vislumbraram novas possibilidades.

b) O belo é tudo o que enriquece o tesouro da nossa vida interior. Há emoções estéticas quando nosso eu se sente aumentado em extensão, riqueza ou poder com algo que procede de outra personalidade humana. As faculdades estéticas se reduzem a um poder de expressão do artista, a um poder de simpatia do testemunho.

c) A ideia da beleza é a obsessão divina dos grandes artistas, como a ideia da verdade obceca filósofos e cientistas. Ela é o fruto espiritual do ideal de perfeição que atormenta a alma dos homens, desde que sua mente, buscadora de clareza e lógica, quis criar uma imitação dos ritmos do universo, da harmonia. A estética é a mística do sensível ponto de partida da contemplação, princípio visual ou auditivo do êxtase, o próprio fundamento do amor. A percepção do belo não é absolutamente igual entre os artistas. Está vinculada aos poderes ou limitações de sua psicologia ou poder criativo. O maior triunfo da arte é quando ela desperta em nós as emoções mais profundas e os pensamentos mais sublimes. As formas mais belas devem enquadrar as mais belas ideias. A arte deve ser o encanto da cultura humana, a manifestação social do ideal de beleza.[1]

d) O desenvolvimento das belas-artes comportou uma intensificação sistemática dos prazeres sentidos pelo olho e pelo ouvido; desenvolvimento simultâneo de duas vias: aumento da capacidade de gozo (subjetivo); aumento dos meios de gozo dos outros (objetivo).

243.74 Espécies de arte

a) Há inúmeras artes. A arte que tem como base o ouvido é a música.

As principais artes baseadas na visão são quatro: a escultura, a pintura, o paisagismo e a arquitetura. A escultura proporciona a forma; o paisagismo é a própria natureza adornada; a arquitetura é o anel que une as belas-artes com as artes aplicadas. Encontram-se entre as artes, o teatro, a dança, as artes decorativas, a fotografia e o cinema.

b) Tolstoi traçou uma diferença entre a arte das classes ricas, feita de sedução doentia e sensualidade, arte de prazer e excessos, tanto no campo literário quanto no das artes plásticas, e a arte do povo que poderia ser aquela que exprime os grandes sentimentos humanos de quem trabalha, as grandes ideias que são a essência das aspirações sociais.

c) A faculdade de se deleitar com as formas dos objetos regulares precedeu a de se deleitar com objetos irregulares. Os selvagens são insensíveis à beleza das paisagens. A humanidade só veio a descobrir as belezas

---

[1] Jean Delville. *L'idée de beauté, la défense de l'art*. 1 mai 1933.

da natureza, que agora são clássicas, nos século XVI e XVII, e isso é tão verdadeiro para as raças indo-germânicas quanto para as demais.[1]

243.75 Arquitetura

a) Arquitetura é a arte de construir seguindo regras determinadas pela finalidade dos edifícios. É a arte de projetar e formar espaços. Temos a arquitetura religiosa, civil, militar, hidráulica e industrial. Segundo os gregos, não haveria monumentos perfeitos exceto os que possuíssem tanto beleza quanto comodidade e solidez. Para conseguir beleza, a composição arquitetônica deve contemplar a ornamentação, a simetria e a harmonia ou eurritmia, conforme a conveniência. A comodidade depende da localização, da forma e da distribuição das diversas partes. Os modernos alteraram um bom número desses princípios.

b) Mais durável que a pena, mais impressionante que ela, a pedra constitui às vezes uma excelente expressão do espírito. Um grande monumento, edifícios destinados a instituições intelectuais (institutos, laboratórios, museus, bibliotecas) carregam para sempre a marca de seu criador; quando a ideia é fértil, ela cresce; a pedra acompanha.

c) 'Arquitetura ilusionista' é como se denominam pinturas decorativas que, por intermédio da perspectiva linear e de cores, reproduzem todos os detalhes da arquitetura real. Bastante empregada antigamente, sobretudo na Itália, foi aplicada a cenários de teatro, de festas e comemorações.

243.77 Escultura

a) As produções originais da arte estatuária podem ser de mármore, pedra, madeira, metal ou qualquer outro material. São estátuas, bustos, altos e baixos-relevos, objetos, grupos, reproduções de animais, etc. Não inclui as esculturas ornamentais de caráter comercial (como capitéis, colunas e chaminés).

b) O homem produziu bem cedo obras de escultura, que foram encontradas nas cavernas de povos pré-históricos. Os egípcios, assírios, persas, gregos e romanos nos legaram notáveis obras de escultura, muitas vezes de grande perfeição: estátuas de deuses, ídolos, baixos-relevos. Os gregos começaram a executar bustos em pleno relevo por volta da época de Alexandre. Em Roma, os primeiros bustos foram as imagens dos ancestrais, de cera colorida, de mármore, bronze ou mesmo de gesso moldado em modelo vivo.

c) A estatuária aproxima-se em maior ou menor grau da realidade, desde o baixo e o alto-relevo até a representação em pleno relevo.

No baixo-relevo propriamente dito, as figuras são pouco salientes e estão como que achatadas contra o fundo; no meio-relevo ou meio pleno-relevo, as figuras se projetam na metade de sua espessura; enfim, no alto-relevo ou pleno-relevo as figuras mostram-se quase destacadas do fundo. Os assírios e os gregos deixaram baixos-relevos magníficos: os do Partenon, por exemplo, ainda permanecem como modelares. Entre os baixos-relevos romanos, citemos os do arco de Tito e da coluna de Trajano.

243.78 As obras de arte e a documentação

a) As obras de arte e os monumentos simbólicos são documentos. São

[1] Ver de Humboldt: *Kosmos*. Bd. II, S. 16-23. – Burdet, *The sacred theory of the Earth*, v. I, p. 194-196. – Carpenter, *Mental physiology*, p. 154.

a expressão daquela parte da realidade que é o homem, o sentimento do homem. Por exemplo, todas as produções da arte, intérpretes de símbolos e alegorias, a pintura, a escultura, a arte dos vitrais, das tapeçarias e dos vasos, a própria arquitetura em certo sentido. A catedral da Idade Média foi chamada de livro do povo que podia ver e não sabia ler. Nas obras de arte encontram-se incorporados dados intelectuais e elas podem ser reproduzidas. Devido a esses dois aspectos, as obras de arte estão ligadas à documentação, pois os documentos se definem pela incorporação de dados suscetíveis de reprodução.

b) As obras de arte interessam à documentação sob vários aspectos: 1° a noção de representação visual de objetos, ideias e sentimentos; 2° a utilização do desenho e da cor; 3° a ideia de beleza, que anima e orienta a produção das obras e que também inspira as obras literárias; 4° a enorme produção bibliográfica suscitada pela arte, sua teoria, sua prática, suas obras, sua crítica e sua história; 5° o paralelismo histórico no desenvolvimento das letras e das artes, ambos igualmente efeitos e causas da cultura; 6° a reprodução das obras nos formatos materiais do documento; 7° o lugar enorme que a arte passou a ocupar na documentação de qualquer assunto e reciprocamente a dos métodos da documentação aplicados às obras de arte.

c) A língua do pintor não é a mesma língua do poeta. A pintura não precisa de tradutor. A tela, para ser compreendida, não exige intérprete algum. O pintor dirige-se ao público nacional ou estrangeiro, diretamente, sem intermediário. Ele trabalha para o mundo inteiro. Por isso, as influências imediatas da arte pictórica.

As obras de escultura também possuem uma característica altamente documentária, além de sua natureza artística. Por exemplo, os profetas e os vícios do pórtico da catedral de Amiens, os baixos-relevos dos átrios de Notre-Dame de Chartres, as obras escultóricas de tantas outras catedrais constituem a interpretação em pedra de concepções bem definidas.[1]

Cerca de 25 mil vasos gregos chegaram até nós. Trata-se de um rico repertório documentário, mais sólido do que os textos. Dá-nos uma ideia da grande pintura cujos originais se perderam irremediavelmente. Produtos industriais, esses vasos se prestam a uma ordenação geográfica e cronológica infinitamente superior à dos vestígios da estatuária.

d) Coleções. As obras de arte estão reunidas em coleções públicas ou privadas (museus, galerias, pinacotecas, gliptotecas). As mais célebres são, na França, as do Louvre e de Versalhes; em Roma, as do Vaticano e do palácio Farnese; as de Florença e de Dresden; as duas pinacotecas (antiga e nova) de Munique; os museus de Leningrado, Amsterdã, Bruxelas e os museus do Novo Mundo, como, entre outros, os de Nova York, Boston, Chicago, Filadélfia, etc. As coleções de pinturas e esculturas são objeto da museografia.

e) Reprodução. As obras de arte são produtos originais dos quais podem ser feitas reproduções, tanto plásticas quanto gráficas.

As moldagens das produções da arte estatuária são feitas de gesso, estuque, cimento, cartão-pedra, etc. Existem museus de moldes.

Os processos gráficos são os da impressão. Como a principal qualidade exigida é a exatidão, as edições se sucedem tendo como principal objetivo o aperfeiçoamento que se pode acompanhar através das diver-

[1] Winkelman, *L'art chez les anciens*.- Emeric, David, *Recherches sur l'art statuaire*. - Blanc, Ch., *Grammaire des arts du dessin*.

sas obras produzidas. Graças aos processos de reprodução, as obras de pintura e escultura se multiplicaram bastante. De início, foram feitas reproduções de obras originais preexistentes, enquanto agora vemos criações pictóricas e escultóricas que têm como finalidade primeira e última a reprodução mecânica. Hoje seria possível produzir uma série de cópias em gesso ou tela, coloridas, de tamanho natural, de todas as obras de pintura e escultura, de todas as nações, de todos os tempos, e isso visando aos objetivos da documentação. Essas cópias serviriam tanto a exposições itinerantes quanto a coleções permanentes. Dia chegará em que os progressos da moldagem, da impressão e dos prelos permitirão realizar a multiplicação de quadros em tamanho grande assim como, em sentido inverso, se obtêm cópias em tamanho reduzido. Um museu universal da arte baseado em reproduções, que exponha de forma ordenada a totalidade das obras magistrais, constitui um desiderato.

f) A catalografia das obras de arte foi realizada de forma abrangente do mesmo modo que a bibliografia das obras que tratam das obras de arte e de suas reproduções gráficas.

g) As anotações ou os esboços dos artistas desenhistas, pintores e escultores representam, em si, uma documentação pessoal de primeira ordem. Traçados em poucos segundos, ao vivo, servem-lhes depois nas reconstituições. Para isso é preciso observar sempre e, dizia Leonardo da Vinci, "desenhar imediatamente o que tiver observado; para tanto é necessário ter sempre à mão um caderno de bolso, pois essas coleções de estudos ao vivo devem ser conservados com grande cuidado para que sejam oportunamente utilizadas; como a memória não basta, eis um depósito de documentos que podeis acumular e a ele recorrer quando preciso for". O método documentário serve para ser aqui aplicado: formato, seleção, ordenação, catálogo.

25 OPERAÇÕES, FUNÇÕES E ATIVIDADES QUE SUSCITAM O LIVRO E O DOCUMENTO

a) O livro e o documento são o objeto da maior divisão do trabalho e cooperação que existam. Isso no que tange à sua produção e ao trabalho posterior que eles desencadeiam. A análise que aqui é feita desse trabalho concentra-se em identificar uma série de operações (atos, atividades) que, agrupadas segundo seu objeto, constituem de alguma forma as 'funções' da documentação.

b) Elas formam um ciclo, da vida ou fase do livro, do qual se tratará aqui:

1° Feitura intelectual (redação, composição). Origem do livro. – 2° Feitura material (impressão, reprodução, multiplicação). – 3° Descrição (catalografia, bibliografia e estudos objetivos motivados pelo livro). – 4° Críticas (juízos feitos sobre o livro). – 5° Distribuição e circulação (compreendendo edição, livraria, transporte, permutas, empréstimos e depósito legal). – 6° Conservação. – 7° Utilização (leitura, consulta, criação de novos livros mediante extratos ou fusão e assimilação de outros livros). – 8° Destruição (doença, acidente, esmorecimento e expiração do livro).

Nas fases do livro encontra-se a fórmula geral da evolução: criação, multiplicação, distribuição, dissolução.

c) Múltiplos fatores intervêm em todos os estágios desse ciclo de operações: as partes e as espécies de livros, consideradas como resultado a ser atingido pelo trabalho feito, ou como material do trabalho a ser feito;

os métodos; as pessoas; o equipamento; os locais; os órgãos especializados ou gerais. Cada um desses fatores foi abordado em seu local principal. (Ver seções 23, 24 e 41.)

d) É impossível que um ser consiga, isoladamente, produzir um livro. O trabalho deve ser dividido. Quem concebe, quem escreve, quem resume, quem comenta, quem imprime, quem corrige são outras pessoas. Há regras para cada uma dessas operações. (Ex., regras para edições críticas, regras da arte de escrever, regras tipográficas, regras da ordenação alfabética, etc.). Não se pede a uma mesma pessoa que empregue essas regras simultaneamente. É preciso, portanto, que várias pessoas se debrucem sobre uma mesma obra, sobre um mesmo texto, a fim de lhe dar a forma definitiva. Na origem, não havia divisão do trabalho entre as diversas operações ligadas ao livro. É somente do século XIX que data a organização, em ramos separados, da impressão, da edição e da livraria. Impõe-se uma estreita cooperação.

e) As operações são vistas aqui: 1° como operações em si mesmas e isoladas, em sua sequência ou continuidade, em suas ligações recíprocas; 2° quanto ao seu objeto, que concerne a documentos em estado de unidade, ou conjuntos de documentos; 3° quanto aos agentes das operações, pessoas ou organizações. – Operações, objetos e agentes encontram-se em ligação tão estreita que em grande parte são tratados em sua totalidade. O que se refere aos princípios de organização, métodos, equipamento, locais e o pessoal é tratado no capítulo 4 sobre organização racional da documentação.

251 Feitura intelectual

251.0 Generalidades

a) Na produção intelectual dos documentos foi possível distinguir produtor, produtos, operação, instrumentação e material.

A produção intelectual propriamente dita não é senão um estágio do ciclo. Procede do estágio anterior e se transmite ao estágio posterior.

Aquele que produz o livro e o documento (escritor, cientista, artista) é seu realizador ou principal criador. Sua ação é determinada por sua personalidade e seu caráter, por sua atitude geral quanto à vida e à sociedade, sua formação geral prévia, a preparação específica da obra elaborada, a reunião da documentação especializada e sua utilização.

b) O autor se serve da escrita, a fim de, numa língua que ele escolheu, exprimir os dados intelectuais segundo uma certa ordem e eventualmente ilustrando-as como algumas imagens. O autor realiza assim os diversos elementos do livro e do documento examinados anteriormente e aos quais ele aqui se refere. Convém examinar aqui os seguintes pontos:

1. o trabalho intelectual em geral; 2. os autores e a obra; 3. as operações; 4. a produção organizada; as organizações coletivas dos escritores.

251.1 O trabalho intelectual

251.11 Princípios

a) A elaboração de livros e documentos é uma espécie cujo gênero é o trabalho intelectual em geral. A elaboração das ideias é independente de sua redação. Na ordem cronológica, primeiro a mente reflete para depois redigir o documento. Descobrimentos do cientista, meditação do filósofo, decisão do homem de ação. Dissemos antes quanto o documento ajuda a refletir, a fazer com que se tenha nítida consciência das ideias.

b) O trabalho intelectual, como qualquer trabalho, deve passar da fase espontânea para a fase de reflexão e, sem nada perder do vigor e da originalidade que lhe é dada pela própria espontaneidade que brota das fontes da vida, é preciso acrescentar-lhe a outra força trazida pela experiência comum generalizada pela ciência: a racionalização. Há, portanto, métodos e processos a serem implantados pela própria pessoa ou em cooperação com outras; organização a ser adotada pelo indivíduo e no âmbito da ação comum.

c) A produção intelectual é devida a fatores individuais e fatores sociais. Estes últimos são muito numerosos. Entre eles, uns e outros predominam no caso de cada autor, de cada obra de cada autor. Gaston Rageot formulou esta pergunta: "Qual é na mentalidade dos autores modernos e no êxito de suas obras a participação exata do público? Quais são as leis do sucesso?" (*Le succès. Auteurs et public. Essai de critique sociologique*. Paris: F. Alcan, 1906.) O autor conclui que a maneira de ser do público suprimiu personalidades verdadeiramente eminentes; constata-se o caráter cada vez mais industrial da literatura, a necessidade crescente da atualidade e, por conseguinte, a impotência do escritor para refletir e meditar.

d) Há interesse em revelar a natureza e os fatores determinantes da criação intelectual por meio da observação das obras; em penetrar nos motivos profundos da atividade humana.

251.12 Conselhos para o trabalho intelectual

a) Possuir um assunto principal para estudo ou trabalho e nele pensar com persistência, a ele associando toda reflexão, observação, abordagem e leitura. Mas, simultaneamente, acompanhar a totalidade de seus estudos e os fatos do dia. Manter também toda sua documentação atualizada, a ela dedicando alguns instantes todos os dias.

b) Seguir um método. A desordem e a falta de organização não são a marca de um espírito superior, que delas não carece. Por maiores que sejam a inteligência, a facilidade de trabalho, as qualidades ou o caráter, se não houver método no trabalho, permanecerão como terrenos sáfaros. Quem for menos dotado, porém mais atilado e mais disciplinado, poderá levar vantagem.

c) "Saber trabalhar é ter conhecimento de todos os processos que podem facilitar a tarefa a ser executada, torná-la mais proveitosa. Os objetivos gerais de uma vida intelectual pessoal independente são: querer, saber, poder. O fator do querer é a criação de uma personalidade capaz de aproveitar os estudos realizados; o fator do saber é a memória; o fator do poder é a documentação." (Chavigny.)

d) Entregar-se de manhã cedo ao trabalho criador. Aproveita-se mais esse amadurecimento tão curioso que ocorre durante o sono.

e) Convém dividir seu tempo e escalonar seu trabalho.

f) Evitar a fadiga cerebral. Conservar a leveza da mente. Mas a fadiga decorre menos do próprio trabalho do que da azáfama, das preocupações, das rivalidades, das ambições não atendidas, das condições materiais, do barulho, da interrupção e da fragmentação, da pressa e da desordem com que o trabalho é executado.

g) Descansar de um trabalho mediante outro trabalho de natureza diferente. Ter seu plano geral pessoal de vida intelectual. Repassar de tempos em tempos suas próprias anotações, seus escritos, para compará-los com suas ideias do momento. Colocar sua atividade específica na pers-

pectiva dos objetivos gerais a que se propôs, de seu plano geral.

h) Ter um local principal de trabalho, seu 'gabinete', onde estejam reunidos os materiais, a documentação e também os equipamentos, os móveis e os acessórios preferidos. Deve-se poder trabalhar em qualquer lugar assim como com qualquer tempo. Levar sempre consigo o fichário de folhas soltas. Mas esses lugares de trabalho, fixos e móveis (em automóveis, trens ou barcos) são apenas provisórios, transitórios ou sucursais. É preciso um centro, que esteja em sua moradia, na repartição ou no instituto de pesquisa.

i) Estabelecer um equilíbrio entre o físico e o mental. Exercícios, eventualmente esporte; caminhar ao invés de tomar condução até seu local de trabalho; trabalhar ao ar livre. Alternar um trabalho físico com um trabalho intelectual. Essa era a regra das antigas ordens religiosas. Essa será a lei na Cidade Coletivista: um trabalho físico útil é preferível a inúteis exercícios de ginástica.

j) Saber tirar licença e férias, 'relaxar'; atualmente, a divisão racional da jornada de trabalho, da semana e da duração das férias é objeto de sérios estudos.

k) Os intelectuais norte-americanos criaram o ano sabático: uma renovação da mente a cada sete anos.

l) Não ignorar nem negligenciar as questões de higiene mental. As pessoas de mente frágil e as predispostas às doenças mentais devem se abster de certos estudos perigosos para o equilíbrio do espírito. Evitar as curiosidades malsãs e superiores às forças de que se dispõe. Evitar o que pode levar ao álcool, às drogas, à toxicomania.

m) Trabalhar com calma e sem nervosismo, avançando sem pressa, concentrando-se sem se consumir. Dispor sempre, diante de si, na mesa de trabalho, de um lugar claro, limpo e espaçoso. Isso ajuda. Para tanto, coloque logo qualquer papel em seu lugar, senão definitivo pelo menos transitório, e faço isso de modo que nada seja esquecido por ter ficado fora do alcance da vista.

n) Existem condições extremamente favoráveis à produção dos escritores. A atividade intelectual do cientista exige, de modo imperativo e constante, a calma, a paz, com a vida desobstruída de contingências e desassossegos.

o) Escrever em momentos regulares é um método. Outro método é escrever quando nos sentimos dispostos a isso. Um terceiro, é colocar-se resolutamente diante da folha de papel em branco, concentrado em seu assunto e começar a desenvolvê-lo, a corrigi-lo, a reordená-lo, sem perder o ânimo.[1]

251.2 Os autores e a obra

251.21 Noções

Todos os produtores, todos os intelectuais têm em comum inúmeras características, e a elaboração das obras requer condições bastante idênticas em grande quantidade de relações. Aqui, no entanto, tratar-se-á apenas dos autores e da elaboração dos escritos.

---

[1] Sobre o processo do trabalho intelectual e as condições de elaboração do saber, consultar obras de psicologia, lógica, metodologia e filosofia das ciências. Ver principalmente:

Paulhan. *Analyses et esprits synthétiques*. – Ribot. *Essai sur l'imagination créatrice*. – Toulouse: Poincaré. *Enquête sur la supériorité intellectuelle*. - Poincaré. A) *La science et l'hypothèse*. B) *La valeur de la science*. C) *Science et méthode*. - Boutmy. *La vérité scientifique*.

Exige-se do escritor: cultura intelectual, análise de si próprio, observação permanente da natureza, dos seres e das coisas; os quadros humanos constantemente registrados, a reflexão, o respeito à sua obra, o recurso às fontes, o esforço ininterrupto, a estilização, o máximo de sua força impressa à sua personalidade.

Por meio de infinitas gradações eleva-se do homem que simplesmente anota para si alguns fatos ao escritor bissexto, ao que se dedica principalmente à função de escrever e ao gênio que escreve. Todos têm papéis. E entre estes, nas pastas, manuscritos inéditos, inacabados, rascunhos, esboços, fragmentos, materiais, elementos de obras em gestação.

251.22 Espécies de autores

Distinguem-se escritores literários, científicos, técnicos, sociais e administrativos.

1. *O homem de letras*

a) O escritor competente é um especialista da expressão literária e do estilo. Jules Blois dizia: "Digo as palavras que quero quando quero, no momento que escolho." Um autor é um arquiteto das palavras. O autor está presente em cada sílaba, responsável por cada vírgula; diante de seu livro, em seu livro, ele dirige a sinfonia de seu universo mental em devir bibliológico, o coro inumerável de palavras e imagens."

b) O autor é elemento subjetivo do conhecimento. De um mesmo acontecimento dois autores farão duas narrativas diferentes. Existe aí uma 'equação pessoal', expressão corrente em astronomia e cuja relação ultrapassa essa ciência em todas as áreas de conhecimentos.

Paul Marguerite escreve: "Pertenço doravante ao universo de fricções observadas e vistas, a esse singular desdobramento do artista que cria com o real e o imaginário, opera mediante uma alquimia de elementos impossíveis de dosar, a ilusão mais ou menos perfeita na alma do leitor. Serei, em certas horas, o vidente despertado de um sonho e mesmo quando viver meus mais medíocres atos cotidianos um trabalho inconsciente ou semiconsciente persistirá em mim."

c) Os escritores podem ser classificados segundo uma determinada categoria. Há os de primeira, terceira e décima categoria. Os que hoje classificamos como de décima categoria às vezes podem ter sido, para seus contemporâneos, de primeira categoria.

d) Nossa época transformou a literatura em um ofício. Perdeu o respeito pela coisa escrita. Espalha a confusão entre escritores e fazedores de livros. "Monumentos improváveis de imbecilidades são cotidianamente apresentados aos editores. E estes favorecem um transbordamento de mediocridades no meio das quais os verdadeiros valores são asfixiados."

2. *O homem de ciência*

a) Quase todo homem de ciência tem um problema central que o apaixona e a cuja solução ele consagra todos seus trabalhos. É por causa disso que ele se torna sábio ou cientista. Pico della Mirandola tentou provar que os diferentes povos da Terra devem todas suas verdades religiosas a uma revelação primordial depositada nos livros de Moisés, e é ao ardor incansável com que perseguiu esse objetivo que ele deve seus vastos e sólidos conhecimentos de línguas orientais.

O desejo impaciente, a febre, a santa loucura da busca da verdade an-

tes de tudo e acima de tudo. Quem não possui em sua alma esse fogo sagrado atravessa o mundo da natureza lançando-lhe um olhar distraído e superficial; os verdadeiros cientistas detêm-se diante dos menores detalhes e buscam a razão de todas as coisas. Passam dia e noite a perseguir a ideia que os ocupa, que os preocupa, que não lhes dá trégua. É o *delenda Cartago* dos homens da ciência. Para eles é como se fosse um pesadelo; também não medem esforços, nem fadiga, nem às vezes a imolação.[1]

Quem tem alma de pesquisador: é, em primeiro lugar, para sua profunda satisfação pessoal que dedicará anos inteiros a uma lida solitária que não provocará nenhum estardalhaço retumbante, ainda mais porque trabalha sem fazer alarde, sem relações, sem participar de igrejinhas em volta das quais, a não ser muito excepcionalmente, acontecem sucessos; os banquetes e as recepções necessárias para não serem ignorados, não são absolutamente de seu feitio. Não se deixa levar facilmente, e será chamado de maníaco porque, ao invés de abordar, com brilho e superficialidade, uma questão, ele irá, de modo uniforme, tão longe quanto possível na aquisição, confirmação ou demolição de uma certeza. Não se atendo, de modo algum, às aparências fáceis, empregará anos de paciência para chegar a um resultado cuja importância parecerá pouco proporcional ao trabalho despendido, aos olhos de quem vê a ciência como um romance brilhante, sem calcular a gigantesca soma de conhecimentos minúsculos necessários à síntese inesperada, às vezes pungente, e amiúde instantânea. (Jean Painlevé.)

b) O cientista pertence a duas famílias: a dos analistas encerrados em sua especialidade, excelentes observadores e críticos muito argutos, mas receosos das teorias e das observações; a dos espíritos sintéticos de visão larga, grandes amantes de teorias, apaixonados pela unidade, sempre ampliando o campo de suas investigações, reduzindo o número de princípios explicativos.

"Necessidade desses homens de elevada cultura geral, de grande consciência, que dominem os desvios e arredores de cada ciência, homens que tenham a faculdade e a habilidade de filtrar de alguma forma a produção mundial para permitir que passe apenas aquilo que ela contiver de essencial e de bom, homens que saibam separar da ganga os fatos importantes para valorizá-los em seu verdadeiro lugar e empregá-los subsequentemente na construção de sínteses acessíveis a todos." (A. Lacroix.)

251.23 A obra

A obra está no autor desde o início; dele ela se separa pelo parto laborioso da composição, durante o qual o cordão umbilical continua a ligá-la a ele; no terceiro estágio, a obra vive uma vida independente: o autor se destaca dela como ela se destaca dele.

A obra é o volume ou os volumes que contêm um trabalho ou um estudo completo de qualquer tipo.

a) A obra anônima é a que não traz nem a assinatura, nem as iniciais ou o anagrama do autor. As obras anônimas são bastante numerosas.

Anonymus virou estátua, que representa um monge, cujo rosto quase não se vê, erigida em Budapeste.

b) Pseudônimo. Trata-se do nome simulado assumido pelo autor para ocultar sua personalidade. Muitas vezes é formado com o anagrama do

[1] Jean Boccardi. Les sciences d'observation à travers les âges. *Revue Scientifique*, 1933, p. 226.

nome. Questionou-se se ficava bem essa dissimulação, essa hipocrisia, essa duplicidade.

c) A resposta foi que os pseudônimos e as figuras de fantasia são para alguns autores possibilidades ilimitadas de sua imaginação. Ao se desligarem deles para experimentar ou descrever tipos de vida que transpõem seus próprios conflitos e definem intelectualmente os sistemas filosóficos, científicos ou religiosos. Personalidades místicas nas quais um autor se encarna sucessivamente. Até o momento foram contados mais de 200 pseudônimos de Stendhal, verdadeiros desdobramentos do ser.

d) Obra póstuma é aquela que vem à luz depois da morte do autor. O escritor e o cientista deixam, ao morrer, papéis, manuscritos inéditos, inacabados ou simples materiais. Pascal deixou papéis que logo foram impressos. Newton deixou importantes descobertas.

Em geral é graças a cuidados piedosos que as obras póstumas são editadas. Os manuscritos raramente são concluídos; notas e materiais deixados pelo autor das obras são muitas vezes publicados depois de uma seleção e da redação de notas ligando as diferentes partes.

e) Obra apócrifa é a que, sem motivo, é atribuída a determinado autor. A muitos autores foram feitas atribuições desse tipo, e também a obras coletivas (Os Evangelhos apócrifos, os Falsos Decretais, etc,).

f) A obra de um autor é composta por suas obras isoladas e de suas obras completas (reedição de suas obras isoladas).

g) Existem as obras sobre as obras. Foram consagradas obras à vida dos autores (biografias). Ligadas à história de sua evolução.

De um criador é preciso conhecer os mestres, as influências de seu trabalho. É preciso saber se ele formou escola, isto é, o ensino de diretrizes impostas ou contribuídas por um mestre ou mestres reconhecidos como tais.[1]

Os autores são, em muitos casos, cientistas. Portanto, "a história da ciência é inseparável da história dos cientistas. Não é de somenos conhecer seus antecedentes, seu caráter, a evolução de sua carreira, quais foram as condições de sua existência, as condições favoráveis ou difíceis do meio no qual seus trabalhos foram realizados, saber também da origem deles, acompanhar o desenvolvimento de suas concepções e de suas realizações em função do ambiente científico e social de seu tempo. E tudo isso muitas vezes ajuda a avaliar melhor a importância daquilo que a eles devemos."[2]

251.24 Produtividade dos autores

Quantas pessoas escrevem? Quantas obras produz um escritor?

a) É difícil determinar o número de escritores. Seria possível obter uma cifra aproximada dividindo-se a quantidade de livros e separadamente a quantidade de artigos que aparecem por uma média de obras por autor.

Segundo o *Census of occupation* de 1932 existem nos Estados Unidos 12 mil autores.

b) Alguns homens produziram um fluxo constante de artigos, livros e folhetos. Ex.: a obra de Sainte-Beuve abrange 70 volumes. Um trabalhador infatigável como P. Bleeker publicou não menos de 500 trabalhos sobre peixes e se ocupou de 15 mil espécies. Charles Jenks, autor de *Dia-*

---

[1] Exemplo: W. Jäger. *Aristotels Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung*. Berlin, 1923.

[2] Alfred Lacroix. *Figures de savants*.

mond Duck e de *Nick Carter*, chegou a escrever dez mil palavras por dia para atender às demandas das editoras de obras destinadas aos jovens.

O jornalista norte-americano Gilson Willet divulgou algumas informações sobre o trabalho por ele realizado e o que lucrou durante 18 anos de carreira. Durante esse período, ele escreveu sete milhões e 200 mil palavras e recebeu por isso 72 mil dólares, que equivalem a 360 mil francos, ou seja, um centavo por palavra. Além disso, publicou mais de cem novelas curtas e mais de 1 500 artigos para revistas. Seus artigos foram publicados em 80 revistas mensais ou semanais diferentes. Durante seis meses por ano ele viaja em busca da documentação e, no ano passado, chegou a percorrer 15 mil milhas, ou seja mais de 24 mil quilômetros.

O sr. Edgard Wallace, autor inglês do gênero de aventuras policiais, morreu em 1932, com 56 anos, tendo deixado uma produção de 150 romances, 30 peças de teatro e inúmeros filmes. Com isso juntou uma fortuna de um milhão de libras em vinte anos. Wallace perdia imediatamente nas corridas o dinheiro que lhe rendiam os romances, mas ele gozava de uma prodigiosa facilidade para escrever. Um dia, segundo seu biógrafo, ele se esqueceu da data -- era um sábado -- em que deveria entregar a um jornal um romance de 120 mil palavras. Na terça-feira anterior, ele ainda era visto no hipódromo, onde perdeu até o último centavo. Foi sé então que se lançou à tarefa e começou a ditar, dia e noite, no ditafone, para suas secretárias, o conteúdo de seu romance. A cozinheira, o jardineiro, a camareira, o motorista, todo mundo foi chamado a colaborar para pôr em ordem as folhas do romance, à medida que eram datilografadas. Na manhã de sábado faltavam ainda 40 mil palavras, mas à noite estava tudo pronto. Na manhã seguinte, munido do cheque de mil libras que havia recebido, Wallace apareceu sorridente no hipódromo de Alexandra Park.

251.25 Por que se escreve

Causas particulares e pessoais, causas ocasionais e causas permanentes influem na produção de livros e documentos.

Há um grande interesse por conhecer as causas que influem diretamente na produção das obras: por que os autores escrevem.[1]

1. *Causas pessoais e particulares*

Escreve-se pelas mesmas razões pelas quais se fala; porque viver é pensar e pensar é exprimir-se pela fala ou pela escrita. Não falar, não escrever é descer vivo no silêncio da tumba. Escreve-se para expor, contar, explicar, informar, prescrever, aconselhar, exortar, consolar, protestar, admirar, cantar, orar. O homem escreve por necessidade de se expressar como ele fala, como ele canta. Ele é levado a isso pela utilidade, mas também pelo exercício normal de uma faculdade.

O filósofo antigo ou o guru indiano falam curvando-se para o discípulo que amam e conhecem.

Cerca do século XVI começou-se a escrever para substituir os pregadores cujo púlpito se queria ocupar. Os pregadores falavam para todo um mundo, para todo um povo que representava o magistério universal da Igreja romana, a quem o Cristo ordenou que falasse *super tecto*.

"Mesmo quando não se amam, os homens têm necessidade de comu-

[1] Pourquoi écrivez-vous? Enquete de *Littérature*, Paris, nov. 1919. 8, place du Panthéon. – Uma enquete foi também realizada pelos escritores da URSS.

nicar o que são em si mesmos; a linguagem é prova disso. Essa comunicação se faz principalmente por intermédio do livro. É ele que, de uma forma especial, rompe o silêncio que para nós é insuportável." (Edmond Picard.)

Paul Marguerite escreve: "A embriaguez de traduzir seu pensamento ao longo do mágico fio de tinta que se desenrola e que se liga ao cérebro e à retina, faz ver, faz tocar, faz viver as paisagens e os seres. O ofício de escritor, o mais nobre, o mais belo, o mais altivo que existe. Quantas vezes contemplei com emoção a pontinha de madeira que guarnece uma pequena lanceta fendida, a caneta que me serve, e também, segundo os versos de Mallarmé, [...] "le vierge papier que sa blancheur défend". Ora, isso e algumas *gouttes noires** bastam. Balzac constrói sua *Comédia humana*, Victor Hugo, sua floresta sonora e cantante, Pascal garatuja seus *Pensamentos*, La Rochefoucauld burila suas *Máximas*.

* *Black drops*, poção opiácea, de origem inglesa, usada no século XIX. [N.E.B.]

Questão mais profunda: por que funciona e sob a influência de quais fatores o consciente e o subconsciente são ativados? Para Freud e sua escola a sexualidade é o fundamento inequívoco da maioria das atividades humanas. D. H. Lawrence (*Fantasia of the unconscious*) tem outra opinião: "É o simples e desinteressado anseio do macho humano construir algo maravilhoso, a partir de sua própria cabeça e de seu próprio eu e da fé e deleite de sua própria alma, que dá início a tudo. [...] Isto é, o motivo essencialmente religioso ou criativo é a razão primeira de toda a atividade humana. O motivo sexual vem depois. E existe um grande conflito entre os interesses de ambos, sempre."

Existe, portanto, no escritor o sentido interior de uma finalidade.

Na Antiguidade e na Idade Média, o bardo tradicional declamava em troca de um jantar. Os escritores escreviam por prazer, por objetivos educativos ou na esperança de receber doações ou privilégios da parte de patronos das letras ou homens públicos influentes.

Quando se constata quão imperativa é a necessidade de falar em certas circunstâncias, pode-se perceber que quem escreve obedece a uma necessidade análoga. Quanta gente preferiria deixar que lhe cortassem a língua a calar as palavras que lhe queimam os lábios; quantos homens sacrificaram sua situação e sua posição diante da necessidade de dizer um gracejo ou soltar uma expressão vingativa.

Malva, o escritor proletário belga, responde: "Só alguém muito esperto se conhece o suficiente para dizer com toda a honestidade porque escreve. Trata-se de uma necessidade que deve ter sua origem. Minha vida de operário me incitou a escrever. Sendo eu de temperamento sensível e melancólico, não posso ver as misérias alheias sem que tenha a vontade de denunciá-las. Também tenho de viver o que escrevo. Minha memória afetiva me serve muito; as recordações afluem em mim quando as solicito. Concedo à imaginação apenas o campo indispensável à sustentação da narrativa. A Malva, o operário das minas, cada um vem contar histórias. Dizem-lhe: 'Ora, tu, que escreves, deverias contar-lhes isso'."[1]

"Por que escrevo? É preciso pôr para fora o que guardo no coração, é por isso que escrevo." (Beethoven.)

"Não escrevi para produzir uma obra de arte, mas para tomar consciência de minha própria condição." (Remarque.)

Os escritores escrevem:

[1] *Rouge et Noir*, 7-12-1932.

1° Porque são impelidos por uma força inevitável.

2° Porque esperam, com essa prática, notoriedade e glória.

3° Porque esperam ganhar dinheiro e ter lucro.

4° Porque escrever é o meio de materializar o trabalho intelectual de qualquer espécie que seja.

5° Porque o próprio escrito é amiúde um ato, uma forma de ação, o acompanhamento, preparação ou conclusão da ação: influência do escrito, apreço político e prestígio social.

6° Porque escrever é um meio para descobrir ideias, verificá-las, esclarecê-las, ordená-las, eliminá-las do campo da consciência, a fim de deixá-lo livre para a produção de outras ideias, para assentar bases sólidas a partir das quais o pensamento se lançará mais alto e mais longe.

7° Para a glória do espírito humano em si. (O lema da École Polytechnique: *Pour la Patrie, les sciences et la gloire*.)

8° Porque uma força impele o escritor a escrever, assim como os seres da natureza são impelidos a se reproduzir. Escrever para ser liberado do fardo do pensamento que deve se exteriorizar.

O escritor, o cientista e o artista são assim, à sua maneira, místicos. Mas enquanto os verdadeiros místicos entram na posse do objeto infinito de seus desejos, eles jamais o conquistam e permanecem eternos descontentes; sofrem com qualquer imperfeição de suas obras.

2. *Causas ocasionais*

A obra ou é espontânea ou é encomendada. Ela é ocasional ao ser produzida por ocasião de um fato extrínseco ao autor ou que decorre de sua própria vida, ou ela é essencial, que nasce do desenvolvimento orgânico do pensamento. A obra é isolada ou faz parte de um todo, de uma sequência que não marca necessariamente o título. Ela é autônoma ou ligada a um terceiro conjunto: coleção ou plano.

Muitos escritores recebem de sua época muitas sugestões que lhe são devolvidas: "sua influência em inúmeros casos é a de agentes de transmissão que colocam a serviço das ideias que eles oferecem e que não criaram a força contagiosa de sua paixão e a força sedutora de seu talento. É difícil distinguir suas ações do movimento coletivo e dos outros esforços individuais que vão no mesmo sentido." (Lanson.)

A história da música mostra a que ponto as obras foram definidas ocasionalmente. Isso aparece assinalado até no título delas. No passado, a música absoluta, por si mesma, era muito pouca. Hoje em dia, as ocasiões para escrever são inúmeras. Como cursos, conferências, teses de estudantes, e os vários relatórios que é preciso apresentar.

3. *Causas gerais*

a) Entre as causas gerais do aumento da produção figuram: o desenvolvimento das ciências; a difusão da educação; o aperfeiçoamento das técnicas de impressão; a criação contínua de bibliotecas, tanto como organismos independentes, quanto como arquivos de associações ou instituições públicas ou privadas.

b) Houve momentos em que escrever era generalizado. Por exemplo, durante os três primeiros séculos do cristianismo houve uma grande agitação em relação à fé. Os pagãos não se furtavam de modo algum a combater os argumentos do cristianismo e achavam ocasião para escrever as obras mais magníficas. Isso explica as belas apologias dessa época que se

contam entre os tesouros mais ricos da antiguidade cristã. No período de conversão dos povos nórdicos não se encontra nada disso.

Os tempos modernos trouxeram, com os institutos de pesquisa, os órgãos dos governos, as revistas e os jornais, um elemento de continuidade no processo de redação. O que era, outrora, folha avulsa e livros lançados ao acaso, torna-se uma espécie de fonte permanente de produção de dados de toda espécie atualmente. São grandes organizações de redação de textos que se formam com essas quatro características: colaboração ampla, redação contínua, difusão considerável e documentação auxiliar constituída.

251.26 Como se escreve

a) Numa enquete publicada em *Victoire*, em 1925, o sr. G. Picard perguntou aos autores "como nascem seus livros? São concebidos na dor ou na alegria? Seguem sua inspiração ou um plano?" Albert Cim, em seu livro *Le travail intellectuel*, relata de modo divertido fatos e anedotas sobre os métodos e as manias de autores célebres, se escreviam melhor antes ou depois da refeição, sóbrios ou depois de haverem bebido, etc.

b) Exemplos: Buffon escrevia com punhos de renda. – Goethe somente podia escrever durante poucas horas, de manhã. – Darwin trabalhava penosamente e só na posição deitada. – Emile Zola, de quem se dizia ser trabalhador, não parava de afirmar seu gosto pela preguiça. – Gambetta, durante suas caminhadas, conversava com seus companheiros de marcha, como se quisesse testar suas ideias. – F. Croisset fazia apenas algumas anotações num pedaço de papel, deixando à lógica da ideia o trabalho de determinar sua forma. – Balzac empregava imensas laudas de papel, escrevendo no centro a ideia nuclear e seu desenvolvimento em textos escritos em todas as direções. – Comte afirmou (*Système de politique positive*, I, p. 11): "Essa reconstituição direta do poder espiritual me suscitou de imediato uma meditação contínua de 80 horas".

A vida dos escritores realiza todas as formas da existência. Há felizes e infelizes, ricos e pobres, conhecidos e desconhecidos, cobertos de glória e honra e desprezados. Flaubert falou das angústias de quem deseja escrever bem. Depois da publicação de seu primeiro livro, os irmãos Goncourt indispuseram-se com sua família. "Escrever é suicidar-se; a glória é uma reabilitação excepcional!" Em suas *Origines de la Révolution Française*, o sr. Mornet diz: "Meu livro é o resultado de dez anos de pesquisas diretas e assíduas sobre esse tema, de trinta anos de estudos sobre o século XVIII. Com o método adequado, eu deveria ter ido passar vários anos em uma vintena de cidades para ali realizar semelhantes pesquisas." – Netchaiev, precursor de Lenin, enfermo nas prisões do czar, recebeu depois de alguns anos uma lousa e giz com que se dedicou a essa tarefa de Sísifo: escrever e desenhar, e em seguida apagar para recomeçar um trabalho condenado a logo desaparecer.

c) O escritor e o artista, no momento em que produzem, encontram-se em um estado psicológico especial. Para Souriau, a criação artística é um ato inconsciente, levado a cabo em um estado de hipnose onde se apagam as ideias normais (conscientes).

A vida de um livro, como a de um homem, passa por um período de gestação. O livro foi concebido pelo autor na união de seu pensamento com a inspiração, boa ou ruim; no amplexo de todas suas forças intelectuais e do gênio quando disso deve resultar uma obra-prima. Consagran-

do-se às suas ideias, o autor exaure toda a série de desejos e desilusões. (Renée Pingremon.)

251.27 Remuneração dos escritores

De que viveram, de que vivem os escritores, o que recebem de retorno de suas obras?

a) Os desideratos da inteligência são uma coisa, os dos intelectuais, tantas vezes expressos, são outra coisa. O intelectual deve assimilar seu trabalho a uma profissão, deve, por conseguinte, viver de seu trabalho, e a obra documentária, expressão desse trabalho, será, como consequência, obra 'livre' ou obra 'servil'? Essa é uma questão que há muito tempo vem sendo suscitada, particularmente em nossos dias, por causa dessas três circunstâncias: aumento do número de intelectuais, aumento do papel da inteligência na sociedade, formas novas assumidas pela 'comercialização e a profissionalização'. (Profissionais liberais: médicos, técnicos de nível superior, advogados, engenheiros, educadores, cientistas, todos aqueles que com sua inteligência participam da vida).[1]

b) Os autores da Antiguidade e os da Idade Média escreviam, em geral, para se comprazer, com finalidades educativas, na esperança de receber donativos ou porque contavam com a ajuda de patronos das letras ou de homens públicos influentes. Somente juristas, advogados e ocasionalmente *impresarii* recebiam honorários.

Faz muito tempo, no entanto, que a literatura industrial existe. Sobretudo, a partir de quando surgiu a imprensa, escreve-se para viver. Mas, em geral, principalmente na França, durante os séculos XVII e XVIII, associavam-se ideias de liberdade e desapego material às belas obras. Posteriormente, passou a prevalecer a organização exclusivamente mercantil, sobretudo na imprensa. Usava-se da pena e do pensamento assim como se usa do trigo ou do vinho. (Sainte-Beuve: *Portraits contemporains*. Paris: Calmon Lévy.) O teatro e principalmente o romance eram tidos como capazes de abrir uma carreira proveitosa. (Alexandre Dumas, Zola, Ponson du Terrail.) A poesia também trazia riqueza para alguns. (Victor Hugo, Lamartine.)

"Nossa época transformou a literatura em profissão. Estranha concepção das letras", disse Bernard Grasset (*La chose littéraire*). "Como a pintura, a literatura desperta muitas vocações. Há mais de mil *marchands* de quadros, mais de três mil e 700 escritores profissionais."

No século XVIII, não havia intelectuais que vivessem de sua escrita. (La Bruyère doou, a troco de nada, seus *Caractères* ao livreiro Michallet.) O que hoje é uma tiragem de luxo correspondia naquela época a uma grande tiragem (a *Henriade* não passou de dois mil exemplares). Os homens de letras viviam graças às pensões reais ou às liberalidades dos mecenas. (A. Brule: *La vie au XVIII siècle. Les gens de letres*.)

c) Alguns exemplos de quantias pagas a escritores: Milton vendeu seu *Paraíso perdido* ao livreiro Symons por cinco libras esterlinas. As edições posteriores dessa obra na Inglaterra e em toda a Europa produziram mais milhões do que havia de tostões nessas cinco libras. O sr. Ohnet tem 100 mil leitores. Émile Zola ganhou entre dois a três milhões escrevendo seus romances. Flaubert recebeu de seu editor por *Madame Bovary*, pelos di-

[1] Os desideratos da intelectualidade francesa. Enquete do *Mercure Universel* (nº de juin 1932). – Discussões e trabalhos da Confederação Internacional dos Trabalhadores Intelectuais e das confederações nacionais afiliadas.

reitos durante vinte anos, a soma de 500 francos, paga de uma vez. Um romancista que pode dificilmente produzir dois romances por ano recebe de 2 500 a 2 700 francos por volume. Antes da guerra, na Rússia, eram pagos 500 francos por lauda de 40 mil letras. Na Alemanha, a um autor que almeja ser conhecido, pagavam-se 60 a 80 marcos por lauda. Em suas memórias o editor McClure, que havia publicado as *Aventuras de Sherlock Holmes*, conta que, pelas seis primeiras histórias, pagou a Conan Doyle a quantia de 6 480 francos, quer dizer, 1 080 francos por história. Para as seis histórias seguintes, pagou 9 920 francos, isto é, 1 320 francos por história. Os honorários não pararam de aumentar. Há alguns anos, quando Conan Doyle publicou uma nova série de aventuras de seu herói favorito, o editor norte-americano comprou por um milhão e 200 mil francos o direito de publicação nos Estados Unidos. – *Nada de novo no front* rendeu ao sr. Remarque, em francos belgas, quase doze milhões em direitos de autor.

d) O trabalho desinteressado do escritor permanece. Renan escreveu: "Senti um prazer muito grande ao escrever esse livro para que peça outra recompensa a não ser a de havê-lo feito." Ao contrário, outro autor disse que "a grande satisfação do trabalho realizado é não ter mais de realizá-lo!".

251.3 Operações da feitura intelectual

a) As operações do trabalho intelectual que levam à elaboração de um livro, de um artigo ou qualquer documento formam todo um ciclo onde se distinguem seis fases principais: 1° a escolha do assunto; 2° a preparação: leitura, pesquisas; 3° a redação; 4° a preparação do original para publicação; 5° a publicação; 6° a entrega do livro ao seu destino.

b) As diversas operações são aqui descritas apenas de modo esquemático e, por esse motivo, talvez deixem a impressão de simplicidade. Na prática, elas decorrem, na realidade, de um conjunto de precauções, complicações e manipulações técnicas que constituem o tema de extensas exposições às quais se dedicaram obras especializadas. Van Hoesen (*Bibliography*) denomina 'bibliografia prática' tudo que se refere a essas diversas operações. A palavra inglesa *authorship* é amiúde aplicada a isso.

251.31 Escolha do tema a ser tratado. Assunto

O tema é escolhido livremente ou encomendado.

a) Os escritores têm diante de si a infinidade dos assuntos possíveis.

O universo é inesgotável. Os conhecimentos não têm limites e tampouco as obras e documentos. Como distinguir o principal do que é secundário, o útil do que é fútil, o que é oportuno do que é obsoleto, o que é interessante do que é monótono. Um duplo fator influi no critério de escolha. O tempo: à medida que ele passa a importância diminui. Ex.: em época de crise todas as notícias são úteis, mas, passados esses dias, viram conversa-fiada. A distância: o que está perto nos toca mais do que o que está distante. Por ex.: o detalhe sobre o que acontece numa cidade não tem interesse algum para quem vive do outro lado do mundo.

b) Nas ciências, os temas a serem tratados são indicados pelo estado ao qual chegou cada ciência e o problema que se impõe a cada momento aos pesquisadores. Na literatura as grandes fontes de inspiração são o homem, a natureza, a sociedade, a história, a existência, os livros.

Um assunto é tratado por muito tempo de modo incidental ou como

parte de uma obra, antes de dar origem a um tratado que lhe seja consagrado exclusivamente. Como na biologia, na sociologia, como na documentação, e também nas diferentes artes (ex.: o opúsculo *De arte illuminandi*, que data do século XIV, é o primeiro manual dedicado à iluminura, mas bem antes o assunto era abordado nos tratados mais gerais).

251.32 A preparação da obra. Leituras. Pesquisas

A preparação implica leitura, pesquisa, metodologia, escolha, definição e delimitação do tema da pesquisa, colecionamento, arranjo e seleção dos materiais, anotações, compilação da bibliografia, crítica das fontes.

1. *A pesquisa*

A pesquisa pode ser de três ordens: 1° observação, experimentação, viagem, enquete; 2° meditação, reflexão; 3° consulta da documentação, seja os trabalhos de terceiros (ver bibliografia), seja sua própria documentação.

Convém refletir sobre o assunto antes de se lançar à pesquisa bibliográfica, e sobre ele continuar refletindo em todas as etapas da leitura e da redação.

Numerosas obras foram publicadas sobre como fazer um trabalho de pesquisa. Por exemplo, o de Schluter, *How to do research work*; o de Reeder, *How to write a thesis*. Cada matéria tem sua própria metodologia; existe, no entanto, uma metodologia geral; a filosofia, a lógica aplicável a todo pensamento científico. A filosofia, especialmente a lógica, aplica-se a isso. Por ex.: a *Logique*, de Giard, *Grammar of science*, de Pearson. Para a história temos *Lehrbuch der historischen Methode*, de Ernest Bernheim (1908), *Writing of history*, de Flug, *Introduction aux études historiques*, de Langlois e Seignobos.

Em medicina, *Introduction générale aux études médicales, leur technique*, do dr. Paul Chavigny. Em filosofia e literatura, *Problems and methods of literary criticism*, de Morize; *Research, synthesis and preparation* (*in humanistic and social sciences*), de A. H. Nason.

2. *As anotações*

a) A matéria-prima básica de todo trabalho intelectual é a anotação. Os cientistas que analisam uma obra tomam às vezes tantas notas quantas são as páginas do livro.

As anotações são de diferentes tipos:

1. Anotações bibliográficas, livros julgados úteis para consultar, para ler, para reler ou livros já lidos; passagens, trechos de obras que sejam fonte. – 2. Citações, extratos, cópias de algumas frases interessantes com indicação exata da fonte. – 3. Crítica das obras, análise de um parágrafo ou de uma página. 4. – Ideias originais, esboços de hipóteses científicas, bosquejos de artigos ou capítulos; lugar ou divisão do assunto, frases felizes, títulos a serem lembrados, simples pensamentos, ideias já redigidas, ideias resumidas ou em quadros, frases de transição.

b) Observar o princípio monográfico. Um elemento, uma ficha; uma ficha, um elemento. Podem ser usadas várias fichas, se o espaço de uma não for suficiente. É preferível escrever somente num dos lados da ficha, tendo em vista eventual necessidade de cortar e colar. Mas há exceções possíveis.

As anotações desenvolvidas e o original destinado à gráfica serão fei-

tos em laudas ou folhas dobradas ao meio. É preferível trabalhar apenas com dois formatos: folhas ou fichas. Ter o cuidado de colocar o título e o cabeçalho em cada ficha e lhe atribuir o número de classificação do sumário da obra [*sic*].

c) No desenvolvimento do pensamento e do escrito, as anotações são tanto balizas quanto representantes de realidades existentes. Impossível negligenciá-las: elas afirmam sua existência e convém bastante levá-las em consideração. Também o fichário é comparável a uma 'máquina de pensar'.

d) É preciso apressar-se a anotar as ideias que pareçam ser fecundas. Com frequência, são muito fugazes e, às vezes, quando são mais tarde procuradas, na coleção das anotações, é que estamos em condições de aproveitar tudo o que contêm.

e) O cotejo das anotações faz com que brotem outras ideias, mesmo tardiamente.

f) No momento da redação do texto, as anotações podem ser utilizadas como se encontram (são coladas no lugar que lhes corresponde nas laudas do original); ou então refundidas em nova redação enriquecida agora de contribuições procedentes de várias fontes, ou mesmo de reflexões ou observações anteriores, bem como de consultas aos documentos.

Um método consiste em simplesmente atribuir às fichas do manuscrito uma numeração contínua, que remete para as divisões correspondentes do plano. É mais fácil de criar, mas menos eficiente, pois as fichas não podem ser lidas, relidas, remanejadas ou completadas várias vezes. Isso é possível com o outro método, quando as próprias fichas são dispostas na ordem do original e as modificações feitas no plano durante o trabalho repercutem imediatamente na própria ordem das fichas.

Aproveitar as anotações coligidas, mas não se sentir levado a utilizá-las a qualquer custo. A composição da obra continua, independente das anotações, e a elas se recorre como se fossem um auxiliar. No entanto, se as anotações forem representativas de fatos ou reflexões construtivas ou críticas, não se pode negligenciá-las sem com isso faltar aos preceitos da ciência que aspira a uma exposição verdadeira e completa.

g) Contudo, não abusar. É preciso limitar as notas, a fim de evitar dois grandes inconvenientes. Primeiro, o congestionamento: a superabundância de anotações obriga à superabundância de releituras no momento de sua utilização, acrescida da dificuldade de encontrá-las no conjunto. Além disso, as anotações tornam a memória preguiçosa e a desviam do objetivo que comumente envolve uma operação de avaliação, síntese e atualização. Mas esses dois inconvenientes em nada diminuem a grande utilidade, ou, mais exatamente, a indispensável necessidade das anotações.

h) A obra extraída de anotações apresenta muitas imperfeições. Aparecem repetições em pontos que foram tratados várias vezes e lacunas acerca de outros pontos que, por algum motivo excepcional, não foram abordados. O pensamento evolui e os pontos de vista mudam. Embora o sentido geral possa continuar bastante parecido, as expressões de outrora podem não ser plenamente satisfatórias hoje em dia e um detalhe de agora não coincide com o detalhe de então. E, em muitos casos, as informações a recuperar estão às vezes muito fragmentadas ou muito complexas. Outras vezes seu desenvolvimento é bastante desigual, podendo ainda estar muito presas ao objeto original, dificultando sua separação para que

sejam, de modo útil, isoladas, conservadas e reunidas em um todo inteligível e verdadeiramente apresentável. (François Simiand. *La méthode positive en science économique*, p. 4.).[1]

251.33 Redação, composição literária: o original que 'se escreve'

Redigir: toda obra literária, toda obra da retórica e do estilo (ver seção 225).

1. *A realização da obra*

a) O autor faz sua escolha entre todos os assuntos, entre todas as formas literárias e documentárias e, para abordá-la, fará escolhas entre todas as ordens possíveis de disposição, entre todas as ideias, todas as possibilidades de frases, entre todas as palavras. Pois, elaborar uma obra é proceder a uma seleção contínua.

b) O escrito pode e deve ser o pensamento no estado mais perfeito: as palavras voam, os escritos ficam. Boileau afirmou: "Comumente, o esforço que o autor fez para burilar,* para aperfeiçoar seus escritos, faz com que o leitor não tenha de se esforçar para lê-lo." E ele acrescentou, em outro lugar, "Fazei vinte vezes a vossa obra / poli-a sem parar e volte a poli-la." Satena [*sic*] disse: "Um escrito que exala a trabalho não foi bastante trabalhado." E H. Taine apresentou esta outra definição: "Um escrito, qualquer que seja, não faz senão manifestar uma alma". Escrever um livro, dizia Verhaeren, é cometer um ato de vontade. Trata-se durante três meses, seis meses, um ano ou mais de concentrar o espírito em um mesmo assunto, interessar-se por ele, dominá-lo, abraçá-lo.

* Em Otlet está 'ler' (*lire*) ao invés de 'burilar' (*limer*). *Oeuvres poétiques de Boileau*. Préfaces. Paris: Imprimerie Générale, 1872, t. p. 55. E L'art poétique, p. 209. [N.E.B.]

c) Um livro representa milhares de coordenações de ideias. Todo um livro está presente na mente do autor no momento em que ele o termina.

O leitor que consulta um livro grande, de 500 páginas, às vezes de mil páginas ou mais, será que se dá conta da maneira como o autor teve de proceder para redigir sua obra? Ele não é ingênuo ao ponto de crer que o sábio compõe escrevendo seu texto de enfiada, começando na primeira e terminando na última linha. Os processos adotados são muito interessantes de conhecer. Comparando-os e examinando-os será possível deduzir conselhos genéricos, talvez um método de composição.

d) Para que a obra seja realizada existe de início o temperamento do autor; depois, sua preparação geral; depois o inconsciente que nele atuou, reunindo documentos para suas reflexões futuras, depois a documentação especializada no assunto; por fim, o ambiente interior e exterior da hora e o reflexo normal contra as imagens cerebrais que serão sucessivamente evocadas pela mente.

Diante do papel em branco, e tendo tomado da pena, o pensamento irá desenvolver-se, desdobrar-se, desenrolar-se. Ele se compara com o fio que se desenrola, com o novelo de fio. O pensamento é orientado para um ponto central e ele se esforça para expô-lo, explicá-lo, 'correlacioná-lo', expressar suas consequências. No documento e por meio do escrito o pensamento procede da forma como faz na conversa e com a fala.

e) É no momento de escrever que se dá acabamento ao edifício do pensamento. Materiais, dados reunidos em notas se destacam nitidamente como uma ideia de conjunto, uma tese ou uma organização.

"Quando, terminado o trabalho preparatório, o escritor que o compõe é, mediante um esforço *sui generis*, colocado no centro da questão, ele

[1] Ver também seção 233 (*Lugar das notas nas obras*) e 257 (*Leitura das notas*), 412.6 (*Sistema de fichas e folhas, ou sistema de livros, cadernos e classificadores*).

experimenta uma espécie de sentimento inspirador que desabrocha em livros ou em artigos. Não que os argumentos do livro ou do artigo concluído, com sua multiplicidade de ideias e palavras, possam se conter de forma resumida em um sentimento inicial perfeitamente indivisível, mas esse sentimento (um esquema dinâmico) possui em si não se sabe qual força para suscitá-las." (Bergson.)

Escrever é um processo de criação e não apenas de expressão. O escritor, com a pena na mão, não apenas transcreve um pensamento que teria formado previamente, mas o elabora. Ideias lhe acorrem ao escrever pelo jogo de associações; ele deve esclarecê-las revestindo-as de palavras necessárias para exprimi-las; deve sistematizá-las por causa da própria necessidade em que se encontra de apresentar uma exposição e de explicitá-las; ele é colocado diante de incoerências, vazios, isolamentos de uma concepção meramente esboçada. A visão limitada do ponto a ser resolvido canaliza então sua atenção e facilita o esforço de criação.

f) Toda obra precisa de uma espécie de vida interior que deve animar o plano e conferir-lhe unidade. As diferentes ideias emitidas devem ser apenas faces de uma ideia mais geral que engloba todas. É a lei superior de todas as artes que se esforçam para que todos os detalhes de uma obra qualquer, seja quadro, estátua, peça de vidro, etc., contribuam para a tradução de um sentimento único.

"Admito, quase como uma lei, que basta dispormos de uma ideia matriz, que se esclareça e se confirme com três ou quatro grupos de argumentos sucessivos", afirma F. Sarcey. Todo discurso é uno: ele se reduz a uma única proposição atualizada mediante diversos rodeios de frase. Um assunto bem estruturado é como um animal vertebrado.

g) Há obras que são escritas de enfiada. Outras se sujeitam a diferentes etapas, seus autores reveem-nas, refundem-nas várias vezes. Seus manuscritos com passagens riscadas, com páginas intercaladas, com correções feitas com tintas diferentes permitem que se veja seu pensamento em busca da formação definitiva.

A ideia pode também ir se acumulando (ideia acumulativa). Redigem-se então, separada mas paralelamente, as exposições específicas em datas sucessivas. De início, um primeiro trabalho, depois um segundo que acumula o primeiro e o segundo, depois um terceiro que acumula o segundo e o terceiro.

h) O ensino é uma preparação para a arte de escrever. Os humanistas aprendem a organizar a vida mental, a criar hierarquias de ideias e conceitos; na verdade, a compor escritos, a ressaltar o que é importante e esquecer o que é acessório. Escrever exige treinamento. Taine dizia: "Faz quarenta anos que escrevo francês e percebo a cada dia que ainda não o conheço." Deve-se aprender a escrever como se aprende piano e violino, diz Georges Remy: demoradamente, pacientemente, austeramente." Camille Lemonnier passava uma parte de suas noites a praticar 'escalas literárias', a se impor tarefas que exigiam esforço, como expressar de vinte formas diferentes uma mesma ideia: 'cai a noite' ou 'a lua brilha no telhado'. Durante toda a vida, sem jamais faltar um dia, ele lia o dicionário, sem deixar de verificar o sentido exato das palavras, de enriquecer ou relembrar seu vocabulário. Céline, autor de *Voyage au bout de la nuit*, recomeçou manualmente cinco ou seis vezes essa obra enorme e foi com sacrifício que decidiu entregá-la ao editor. Escreveu outra que, segundo ele, não ficará pronta antes de 1938.

i) O processo de redação terá evidentemente uma influência na própria composição. 1º O processo sintético: ter uma ideia-mestra e começar a escrever para desenvolvê-la, subordinando os fatos e os argumentos, dar o máximo de unidade e força ao pensamento, utilizar achados de ideias e palavras que ocorrem enquanto se escreve. 2º O processo analítico: registrar, um a um, em fichas, os fatos e as ideias e desse material extrair um pensamento dominante, assegurar-se de que nada foi esquecido, ceder o primeiro lugar à realidade, de preferência a qualquer argumento brilhante, mas privado de toda a força sintética, misteriosa e até subconsciente do pensamento, em trabalho que se escreve diretamente de um jato.

2. *As regras*

a) A arte da composição literária (retórica) oferecerá as diretrizes gerais para a escrita, assim como a lógica as oferece para o pensamento. Todos os princípios da composição e da retórica, da exposição científica e da ordenação devem estar presentes na obra. Há princípios gerais, regras particulares, conselhos e recomendações. Na verdade, não convém abusar deles. A obra é mais importante do que as regras e se deve abrir espaço para a renovação das formas e também do fundo.[1]

b) As operações intelectuais da arte de escrever dizem respeito a: 1º o fundo: invenção de ideias (decidir o que se dirá); 2º a forma: disposição das ideias (composição das ideias propriamente ditas ou plano). Estabelecer a ordem em que serão ditas. Desenvolvimento das ideias (elocução, redação ou sigla [*sic*]; dizer tudo sobre aquilo que se decidiu dizer.

c) A redação é um trabalho complexo. Exige uma análise minuciosa e detalhada dos fatos (dissecção) e que se criem as hierarquias de ideias e conceitos, quer dizer, compor escritos, destacar o importante e selecionar os materiais; a reprodução de textos dispersos em documentos múltiplos e dificilmente acessíveis. É preciso rever completamente aquilo que só é preparatório e acessório; distribuir a matéria de modo equilibrado.

d)Escrever é o resultado de uma longa evolução literária. Comparem-se, por ex., dois poetas separados por vários séculos, Arquíloco de Paros e Horácio. O primeiro procede aos solavancos; tem pouca capacidade para seguir o fio de um pensamento bem ordenado; o segundo sabe colocar ordem em seus sentimentos e redigir.

3. *O plano*

a) O plano é a ordenação das obras, a talagarça sobre a qual vai se bordar a tapeçaria. O método a seguir na exposição do assunto. É de importância capital.

O sábio do Oriente não se perturba com ordenação alguma, com ordem alguma. Ele medita profundamente. Formula 'versículos' e os escreve em seguida. Assim foram compostos os livros sagrados, como a Bíblia e o Corão.

---

[1] Kilman Mikszath, quando lhe pediram um prefácio para uma 'teoria da novela', limitou-se a contar a seguinte história. Um charlatão, que se passava como mestre especialista em catarata, foi convidado pelos professores a fazer uma operação na presença deles. Ele operou com sucesso, usando uma simples navalha, mas depois que ouviu de um dos mestres todas as complicações e todos os labirintos desse mundo que chamamos de olho e todas as catástrofes que um mínimo tremor da mão, um palpitar mais forte das veias, um desvio minúsculo da navalha poderiam causar, ele nunca mais ousou operar uma catarata, nem mesmo curar um simples terçol. "Esse também seria meu destino, concluiu Mikszath, se para o vosso livro eu tivesse que aprender tudo o que a ciência exige de uma obra literária: nunca mais eu ousaria escrever uma novela." (*Nouvelle Revue de Hongrie*, mai 1933, p. 509.)

O ocidental, porém, busca a ordem, ordem esta que se ampliou, à medida que o tempo foi passando, e permitindo que fosse alcançada de modo mais completo.

b) Vimos a importância da ordem na exposição (seção 22). Alguns autores nisso se superaram. Por exemplo, santo Tomás. Em sua *Suma*, ele reduz as objeções a um pequeno número, semelhantes às aporias de Aristóteles; preparam para a tese geral e são muitas vezes tão interessantes quanto a solução do problema no próprio corpo do artigo. Mas o progresso bibliológico de santo Tomás revela-se, sobretudo, na ordenação sistemática: ninguém se igualou a ele, nem antes nem depois, e ele contribuiu em muito para oferecer uma visão nítida e profunda da totalidade dos dogmas. E a cada dia aumenta a preocupação com um método mais conciso para a exposição dos dados. Lê-se, amiúde, na apresentação de algum livro inglês: "The contents of the book have been arranged in a manner which renders them easy to read and to master."

c) A arte da composição organiza todos os capítulos de um livro, todos os períodos, todas as frases para a ação, para o objetivo almejado por esse livro. O plano dos livros tende a se identificar com a própria ordenação dos dados científicos, com a arquitetura das ideias.

d) Traçar o plano da obra, um plano vivo que crescerá e se modificará durante o próprio trabalho. O plano será no futuro o sumário do livro; servirá para tornar precisa cada ideia, para a colocar em seu justo lugar, para mostrar a ideia e as divisões, para evitar repetições e digressões. O plano é próprio da obra, é uma ordenação especial, pessoal. O plano receberá uma numeração progressiva decimal especial. Será feita a concordância com a Classificação Decimal, que é universal e impessoal e que permitirá facilmente ir às fontes nos materiais da documentação.

252 Feitura material. Reprodução. Impressão

1. *Noção*

a) Depois que os documentos são consolidados no original, é possível que muitos sejam reproduzidos em múltiplos exemplares. Ao longo do tempo, foram feitos esforços constantes para se conseguir essa multiplicação com menos esforço e custo. No começo, havia um único meio: a cópia, ou seja, a reprodução feita à mão de duplicatas, da mesma forma como o original havia sido feito. Esse processo primitivo foi sendo progressivamente substituído por operações mais eficientes. A história do livro mostra sua evolução. Atualmente, é possível distinguir quatro espécies de meios. A tipografia (documentos impressos, publicação). A máquina de escrever (documentos datilografados ou mimeografados). A fotografia (documentos multigrafados). Acrescente-se a reprodução por moldagem, decalque ou estênceis de documentos-objetos. Assim a reprodução é um fato generalizado em documentação. A tipografia é o processo mais geral. É dela sobretudo que se tratará aqui.

b) A tipografia aumenta extraordinariamente os efeitos da ideia escrita. Nada do que nela se faz é negligenciável.

c) A tipografia deve ser vista: 1º como profissão; 2º como indústria e comércio; 3º como arte; 4º como auxiliar da documentação, e, por conseguinte, da ciência, da educação e do progresso social.

d) A tipografia beneficiou-se de todos os avanços conquistados pelas diversas artes e que são em si o resultado da aplicação das ciências: graças à mecânica que aperfeiçoou as impressoras e adotou o vapor como força

motriz; graças à química em que se baseia a litografia e toda a arte da reprodução fotográfica; graças à eletricidade que permitiu não somente a galvanoplastia, mas o emprego do motor elétrico.[1]

2. *Histórico*

a) A invenção da imprensa foi realmente um desenvolvimento e não um fato abrupto, uma descoberta acidental, tampouco o resultado de alguma causa ou conjunto de causas localizadas em um tempo e lugar. A prática de imprimir com um cunho e uma prensa é tão antiga quanto os selos cilíndricos da Babilônia e é comprovada pelos selos da Antiguidade e da Idade Média. A própria prensa teve seu protótipo na antiga prensa de parafuso empregada na Idade Média para inúmeras finalidades (encadernação de manuscritos, prensagem de papel, fabricação de vinho, etc.) Assiste-se, então, ao nascimento de dois processos distintos: a xilografia, que consistia no entalhe feito em madeira de uma imagem gravada invertida e depois entintada (cartas de jogar, livros em bloco, ilustrações de livros primitivos); a tipografia consiste em caracteres individuais talhados ou fundidos em blocos independentes de igual altura. A impressão com o emprego de madeira, assim como o papel, teria vindo da China, mas este país não fez sua invenção progredir até a tipografia. Havia blocos gravados de madeira na Itália e na Alemanha antes do século XV. Houve moralistas e membros do clero que tentaram dar um caráter moralizante aos jogos de cartas fazendo imprimir em seu verso desenhos religiosos ou científicos. (*Ars moriendi*, *Apocalypse*, *Biblia pauperum*, *Canticum canticorum*, *Speculum humanae salvationis*.) Essas publicações destinavam-se ao povo, enquanto a nobreza possuía seus admiráveis manuscritos iluminados, os missais e os livros de horas.

O momento e o local da primeira impressão europeia com tipos móveis, bem como o nome do impressor, até hoje permanecem como tema de discussão. Gutenberg, em Mogúncia, por volta de 1450? Coster, na Holanda? Castaldi, na Itália?

Quem quer que tenha sido, a invenção de Gutenberg, associado com Johann Fust e Peter Schoeffer, parece ter se limitado à fundição dos tipos, e foram esses três homens que de fato deram início à produção dos primeiros livros impressos (o *Catholicon*, a Bíblia de 42 linhas, o Saltério). Devido a diversas circunstâncias, mas, principalmente, o saque de Mogúncia, a invenção foi levada para outros lugares: Bamberg, Colônia, Augsburgo, Nurembergue, Basileia, Itália.[2]

---

[1] *Modern printing*, by the British Printer. Thant House, Fleet Street 8 c, London. 5 sh.

Greffier, Désiré. *Les règles de la composition typographique, à l'usage des compositeurs, des correcteurs et des imprimeurs*. Trata-se de leis criadas pelos mestres e longamente utilizadas que são expostas neste livro. Paris: A Muller. Preço: 1 fr.

Degaast, H. *Manuel d'apprentissage pour les industries du livre* (20 volumes ilustrados). Paris: Aus Orphelins d'Auteuil.

Thibaudeau, F. *Manuel français de typographie moderne*. Vol. 1-2. Paris: Bureau de l'éd. 1924 (continuação de *Lettre d'imprimerie*). Vol. 1. *Typographie moderne*. XVI. 583 p. *Album d'alphabets*. 160 p.

Boivin et Lecene. *Le livre ilustré moderne* (*histoire technique*). Cercle de la Librairie. 4 fr.

Morison, Stanley. *Four centuries of printing. A survey of the development of the art of printing from the beginnings down to 1924*.

Turpain, A. De la presse à bras à la linotype et à l'électrotypographie. *Revue Générale des Sciences Pures et Appliquées*, nov. 15, 1907.

L'imprimerie et la pensée moderne. *Bulletin Officiel des Maîtres Imprimeurs*, Paris.

[2] Uma boa história concisa da imprensa encontra-se em Van Hoesen e Walter em seu livro *Bibliography enumerative and historical*.

Ver também: Winship. *Gutenberg to Plantin*. Cambridge: Harvard University Press, 1926. – R. Peddi. Books on the practical side of printing. Bibl. Soc. Trans. 9 (1906-18), p. 1. – Morison and Jackson. *Brief*

b) a invenção da imprensa participa do caráter complexo de toda invenção. São empregados elementos diversos dos quais os inventores comumente não percebem a diversidade de relações nem os desenvolvimentos que trazem em suas entranhas.

Com base em documentos verídicos de um processo, sabemos que Gutenberg, em 1439, associou-se a companheiros para aperfeiçoar a fabricação de espelhos (*Spiegeln*) com o que esperava lucrar vendendo-os na feira ou na peregrinação a Aachen [Aix-la-Chapelle]; sabemos que ele receava que seus amigos dissessem que se tratava de feitiçaria.*

A sociedade, que incluía um certo Hans Riffe, foi dissolvida. Acontece que, com base em documentos posteriormente descobertos, em Estrasburgo, de 1436 a 1439, Gutenberg dedicou-se a dispendiosas pesquisas, realizadas em segredo, e que tinham como objeto a imprensa (a prensa). Em Avignon, de 1440 a 1446, Walter Riffe (provavelmente parente de Hans Riffe, que fora excluído da sociedade por Gutenberg) inventou os caracteres móveis de metal. A partir de 1445, em Mogúncia, Gutenberg combinou a prensa com os tipos móveis.

Por outro lado, os espelhos de aço polido eram conhecidos desde longa data e nada tinham de misterioso em sua fabricação, porém foi na Alemanha, por essa época, que foi inventado o vidro estanhado, amplamente utilizado em Veneza em molduras de vidro biselado. O nome *Spiegel*, *speculum* (espelho)* era dado a pequenos trabalhos, às vezes ilustrados com gravuras, impressos com blocos de madeira pela primeira vez na Holanda por volta de 1420–1430. Os espelhos manuscritos mais antigos remontam ao século XIII, quando Vincent de Beauvais escreveu seu *Speculum mundi*. Encontram-se exemplares desses espelhos gravados com punção e buril. Somos levados a pensar que a sociedade criada por Gutenberg reunindo gravadores e ourives tinha como finalidade precisamente a impressão desses espelhos gravados em chapa metálica. É interessante observar, nessas origens longínquas, uma outra associação, que é a das ideias em que se vê a obra, de um lado as ligações às vezes estabelecidas no início de toda invenção, e, por outro lado, as ligações com o espelho. O livro continua sendo um espelho e, elevado ao grau de enciclopédia, como queria Vincent de Beauvais, é o espelho * do mundo.[1]

c) Quando, em 1470, foi instalada a primeira prensa de impressão na França, na própria Sorbonne, a universidade de Paris tinha sob seu controle vários milhares de pergaminheiros, copistas e encadernadores, que eram fornecedores de mestres e estudantes.

No século XVI, seriam necessárias seis mil horas de trabalho em um ateliê de copistas então existente para conseguir produzir dez mil exemplares de um de nossos jornais de quatro páginas. Com o material de que hoje se dispõe é possível fazer o mesmo trabalho em 175 horas. As máquinas modernas colocam os artesãos do século XX em condições de executar obras que outrora exigiam os esforços conjugados de 34 homens.

Os primeiros impressores aparentemente não tinham ideia da importância de seu trabalho. Encaravam a nova arte, comparada com o trabalho de escrever à pena, simplesmente como um processo mais rápido e menos cansativo de produzir livros.

d) A história da imprensa, por sua natureza, interessa a outras pessoas

* Os peregrinos que iam a Aachen acreditavam que esses 'espelhos' captavam raios milagrosos emanados de relíquias guardadas na catedral. Não eram espelhos, mas uma espécie de medalha recortada, de chumbo ou estanho. Em meados do século XV tinham três círculos interligados, representando a Virgem Maria de Aaachen, a veste da Virgem e a cabeça de Cristo. No centro, um círculo menor era o espelho de fato. Mais informações, com uma hipótese de natureza mística sobre as pesquisas de Gutenberg, ver: Schuchardt, Read Mercer. The reformation as media event. In: McNutt, Jennifer Powell; Lauber, David (ed.) *The people's book; the Reformation and the Bible*. Downers Grove: IVP Academic, 2017. De mais fácil acesso uma versão, com boas ilustrações, em: https://secondnaturejournal.com/reformation-media-event-full-essay/ [N.E.B.]

* Espelho: Designação atribuída na Idade Média a algumas obras de caráter moral, didático, científico ou ascético. Faria, Maria Isabel; Pericão, Maria da Graça. *Dicionário do livro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 308.[N.E.B.]

survey of printing. N. Y. Knopf, 1923.

[1] Pierre Gusman. Avant d'être imprimeur, Gutenberg fit-il des mirroirs? *Toute l'Édition*, 10 juin 1933. – Baseado em pesquisas do abade Requin.

e não só aos especialistas. Ela abrange: 1º a história das invenções que seguramente propiciaram o desenvolvimento dessa arte; 2º a história de sua difusão e de sua influência nos diversos países e campos das ciências.

A imprensa não parou de se desenvolver desde Gutenberg. Evolução marcada pelas seguintes etapas: 1º caracteres gravados em madeira; 2º caracteres móveis; 3º prensas; 4º gravura; 5º litografia; 6º prensa a vapor; 7º rotativas; 8º máquinas de compor; 9º telautografia.

As datas seguintes assinalam etapas:

1436 Invenção de Gutenberg.
1820 Primeira prensa a vapor.
1850 Clichês de fotogravura.
1870 Rotativa ou máquina de impressão contínua.
1886 Máquina de compor.

e) A difusão da tipografia teve início em Mogúncia por volta de 1450 e só foi chegar à Abissínia em 1923.

As tipografias se desenvolvem: são cada vez mais numerosas, instalam-se em todos os países, nas metrópoles e nas colônias; cresce o número de trabalhadores e seus equipamentos e instalações.

f) Coleções relativas à tipografia e à sua história (equipamentos e materiais) foram formadas em diversos países, principalmente no museu do livro, de Leipzig, no museu Gutenberg, em Frankfurt, no Musée Plantin em Antuérpia e no Victoria and Albert Museum em Londres.

Os progressos da imprensa são resumidos regularmente no *Gutenberg-Jahrbuch* editado por A. Ruppel, editor da Gutenberg-Gesellschaft, em Mogúncia.

3. *Impressores e tipografias*

a) Os grandes impressores do século XV e do século XVI foram Koberger, na Alemanha, Froben, em Basileia, Aldo, na Itália, Wynken de Worde, na Inglaterra, Estienne, na França. No século XVII, os Elzevirs na Holanda.

Com frequência os impressores conseguiam obter importantes patrocínios. Por exemplo, Colard, Mansion, Aldo Manuzio, Caxton. Os Etienne foram ajudados pelos reis de França. Plantin era arquitipógrafo de Filipe II.

b) Havia, antigamente, a concessão do privilégio de impressão. O que foi concedido em 1644 a René Descartes para suas obras diz:

"[...] e que a invenção das ciências e das artes, acompanhadas de suas demonstrações e dos meios de colocá-las em prática, sendo uma produção das mentes mais excelentes do que o comum, foi a razão pela qual os príncipes e os Estados sempre receberam os inventores com todas as espécies de gratificações, a fim de que os lugares de que são súditos onde tais coisas se introduzem tornem-se mais florescentes." *

* Baillet, Adrien. *La vie de monsieur Descartes.* Paris: Daniel Horthemels, 1691, 1e partie, p. 276. [N.E.B.]

c) Não se sabe se as marcas de impressor foram empregadas inicialmente como marcas de comércio para proteger os direitos do editor contra os atos de pirataria ou se é preciso vê-las como assinaturas de artista. Desde o século XVI, elas passam a ser um elemento importante da decoração da página de rosto. As marcas são símbolos de toda espécie, personificações acompanhadas de divisas. (Landauer contou duas mil.) A de Plantin era um compasso com a divisa 'Labore et Constantia', a dos Elzevirs, um sábio, uma esfera e uma Minerva.

d) Os primeiros impressores eram tanto tipógrafos quanto editores.

Foi no século XVII, período de turbulências, menos nos Países Baixos, que aconteceu a separação entre impressão e edição. A divisão atual por ramos especializados de impressão, edição e venda a varejo data do século XIX.

e) No reinado de Francisco I havia 12 impressores, editores e livreiros. Em 1800, havia 60 livrarias em Paris. Em 1909, contavam-se 300 editores, 3 600 impressores, cinco mil livrarias de varejo. O número de tipografias dividia-se aproximadamente à razão de uma:

na Bélgica	para	3 500 habitantes
na Suíça	para	3 697 habitantes
na Holanda	para	4 000 habitantes
na Dinamarca	para	4 250 habitantes
na Itália	para	4 850 habitantes
na Alemanha	para	6 250 habitantes
na Inglaterra	para	6 743 habitantes
na Áustria	para	9 155 habitantes
na Suécia	para	10 657 habitantes
na Hungria	para	12 680 habitantes
na Letônia	para	16 665 habitantes
na Finlândia	para	18 584 habitantes
na Noruega	para	11 403 habitantes
na Tchecoslováquia	para	11 420 habitantes

f) As gráficas são classificadas por especialidade: tipografia, litografia, offset, jornais de grande tiragem, livros de arte, catálogos de arte, trabalhos publicitários artísticos, heliogravura, tri e quadricromia, relevografia, colunas de arte [*sic*], cartazes, ações e obrigações, cadernos, etiquetas, cartonagem, calendários, agendas, impressão em relevo, etc.

g) "O sábio e magnífico impressor vive para o livro: a escolha do tipo e do formato, a vinheta, os ornamentos, o frontispício, o colofão e a página de rosto são os acontecimentos de sua vida; a eles dedica a mesma consciência e o mesmo ardor que o herói dedica a seus maiores feitos. Ele ergue a letra ou faz com que a coloquem sob seus olhos, avalia-a, pesa-a e a dosa; mede o caminho; fixa as formas e as impõe na rama; nada lhe é estranho; arquiteto, é também o pedreiro, o canteiro, o instalador do telhado e até o preparador de argamassa. Quando as folhas são impressas na prensa manual, pode-se dizer que a mão dele está em toda a obra. Ele é o mestre da obra." (André Suarès.)

h) A gráfica é independente, autônoma ou faz parte de um complexo mais geral. É o que acontece com a gráfica de um jornal, onde, no mesmo edifício, ela se encontra junto com os serviços de redação, edição e de livraria ou venda e mesmo de associação quando o jornal é seu órgão.

Assim, a gráfica que se estabeleceu de início como atividade independente, em virtude da divisão do trabalho, tende a fazer parte de organizações maiores. Como no caso de institutos científicos, de organizações sociais e estabelecimentos industriais que instalaram suas próprias gráficas nos mesmos locais.

i) Existem as grandes imprensas do Estado, como a Imprimerie Nationale, de Paris, o Government Printing Office, em Washington, as imprensas estatais da URSS, que têm crescente importância. A primeira citada possuía, por volta de 1875, uma produção medida em onze mil volumes [*sic*]. A segunda conta hoje com mais de 125 máquinas de compor.

4. *Operações*

a) Uma vez composto pelos autores (escritores, jornalistas, redatores), o original pode ser reproduzido, multiplicado, e passar por diversas operações da gráfica e de todas as demais categorias de pessoas entre as quais se encontram as seguintes.

A impressão de um trabalho precisa das seguintes operações: composição tipográfica, tiragem de provas, revisão, paginação, impressão, secagem e acetinação, se for o caso, e brochura.

b) Quando o original do autor chega ao escritório do impressor, ele deve ser registrado, examinado sucintamente para que nele sejam indicados a largura da linha, qual o entrelinhamento, os tipos e até as máquinas em que deverá ser composto. Recomenda-se que o revisor também passe os olhos no original.

c) Compor é reunir os diversos materiais que as fundições colocam à disposição do tipógrafo (letras, espaços, material branco, quadrados, entrelinhas, lingotes, guarnições, vinhetas), é assim formar linhas, páginas, quadros e fazer chapas perfeitamente esquadradas, prontas para serem enramadas e em seguida impressas.

Deu-se o nome de grafismo ao conjunto das condições da tipografia do livro. É o resultado da colaboração entre o autor, o impressor e o leitor. Cada um deles possui exigências muitas vezes não levadas em conta pelo outro. Trata-se de um compromisso entre três tipos de desideratos.

O autor deve conhecer o essencial da tipografia, os recursos que ela oferece para o grafismo do pensamento. Ele deve dar sua opinião ao impressor.

É conveniente que o autor coloque como anexo ao seu original uma nota com suas recomendações ao impressor. Comentará sobre os elementos que comporão o livro e dirá quais são suas escolhas, sua decisão ou suas preferências. Por ex.: tipos, corpos dos tipos, largura da mancha, páginas preliminares, paginação, etc.

A arte da impressão é toda uma arte, e existem muitos meios que permitem a industriais pouco escrupulosos imprimir o mínimo de texto no máximo de páginas. No momento da definição do orçamento, é preciso prestar atenção na largura da mancha, o tamanho dos caracteres, o entrelinhamento, a posição dos entretítulos no início das linhas e sem quebra ao invés de sua justificação no centro das páginas.

5. *Processos de reprodução*

a) Um princípio técnico domina toda a reprodução. Linha ou imagem somente se expressam, originariamente, mediante uma oposição de luz e sombra. São elas que se trata de reproduzir e multiplicar. Três grandes possibilidades: 1º um material (tinta, de qualquer cor) que, aplicada sobre a parte da superfície a ser reproduzida, será transferida para a superfície substrato da reprodução. A superfície será em oco ou em relevo, sendo que ambas as formas podem receber igualmente a fina lâmina de tinta que será transposta para elas. O material dessa superfície poderá ser uma peça inteira, como num bloco gravado ou clichê, ou poderá ser feita de elementos móveis que sirvam para compor os conjuntos, como os caracteres tipográficos. 2º A luz que atravessa a superfície escrita, e que imerge ou nela se reflete, indo, com igual tamanho, ou reduzida ou ampliada, reproduzir em outra superfície, seja de maneira fugaz, seja de maneira permanente (fotografia em negativo de vidro, em papel). 3º A combina-

ção da luz com a superfície em que a imagem projetada vai se fixar em uma matéria com vazios e cheios suficientes para formar, por sua vez, uma matriz fixa que se enquadra na primeira categoria.

b) A escrita se processa diretamente (por ex., caneta, lápis) ou por meio de um terceiro corpo (por ex., composição com caracteres tipográficos). Escreve-se para fazer cópias (cópia com prensa copiadora de cartas, escrita com tinta de cópia; cópia com papel-carbono obtida com ajuda de um lápis, de uma ponta especial, de um estilete muito fino ou máquina de escrever).

c) Há diversos processos de impressão, sendo os principais a tipografia e a litografia. A tipografia baseia-se em caracteres de impressão móveis, compostos à mão, ou em caracteres compostos com máquina, seja linha a linha (linotipo), seja caractere a caractere (monotipo). A litografia é o processo de impressão pelo qual obtém-se em uma folha de papel ou de metal a impressão do que foi escrito, desenhado, gravado ou transportado para uma pedra de natureza especial.

d) Clichê. Fazem-se com um metal fungível chapas sólidas que reproduzem em relevo a impressão de uma composição tipográfica, de um desenho, de uma prancha gravada de madeira e que podem ser empregados para a tiragem de múltiplos exemplares. O clichê é o relevo em metal obtido pelos processos de estereotipia, com o qual se faz a tiragem em série de uma composição tipográfica, de um desenho ou de uma prancha de madeira gravada.

1º Telha ou estéreo: obtida ao se despejar sobre um flã preparado (cartão especial feito com folhas de papel superpostas) a liga de chumbo que, depois de solidificada, é fresada e montada ao contrário. 2º Galvano: obtido com soluções galvanoplásticas de cobre, com um molde ou cunho, executado em chumbo ou mais geralmente em guta-percha ou cera. A telha de cobre assim obtida é colocada ao contrário, depois consolidada despejando-se liga de chumbo sobre ela; o lado inverso é em seguida fresado e montado em madeira. 3º Zincografia: clichês tipográficos obtidos pela fotogravura sobre zinco. 4º Autotipia: o clichê autotípico é a reprodução de uma fotografia pelo processo de meios tons. 5º Clichê a traço: é a reprodução de um desenho feito com tinta preta sobre cartão branco e que não apresenta vestígio algum de meios-tons, contendo exclusivamente traços e pontos pretos sobre branco. Em alemão e às vezes em inglês, chama-se autotipia o processo conhecido na França e na Bélgica pelo nome de similigravura. Heliogravura designa todos os processos de gravação em que se faz uso da luz. O termo é também empregado como sinônimo de fotogravura, que designa processos que permitem a obtenção de chapas gravadas em talho-doce cujos pretos são ocos. A fotogravura compreende processos que utilizam a fotografia para a obtenção de chapas ou clichês gravados e destinados à impressão tipográfica. Em inglês e em alemão essa palavra designa exclusivamente os processos conhecidos na França e na Bélgica pelo nome de 'heliogravura'. Fotomecânica designa os diferentes processos que empregam a fotografia para a criação de um clichê.

e) A partir de 1910 surgiram dois novos modos de impressão que, depois de longos e penosos ensaios e tentativas, se impuseram por causa da rapidez da execução e da beleza da produção. Um deles é a rotogravura ou fotogravura rotativa em oco, que emprega cilindros de cobre gravados em oco; o outro é a rotocalcografia ou impressão offset, que resulta do

repinte na branqueta ou almofada emborrachada (rotoprint).

f) Reprodução de imagens.

Existem hoje três modos principais de reprodução de imagens: 1º Impressão em relevo: as imagens se apresentam em forma de clichês a traço ou clichês em meios-tons (similigravura). 2º Impressão planográfica: a imagem não apresenta nenhum desnível, nenhum relevo. Ela se estende sobre uma pedra ou uma chapa de zinco, previamente tratada com uma camada sensível e somente a preparação dada à chapa impede que a tinta venha a se depositar sobre a imagem inteira (processo litográfico ou offset). 3º Impressão em oco: ao contrário do processo em relevo, o clichê é formado por uma infinidade de espaços ocos de profundidade variável nos quais a tinta se deposita em maior ou menor profundidade. Uma raspadeira limpa o relevo (processo heliográfico reticulado ou com granulagem de resina).

g) Todos os dias são inventados novos processos de reprodução para multiplicação de pequenas ou grandes quantidades. A reprodução de edições originais esgotadas é feita por processos zincofotográficos; os processos de recuperação de tintas de impressão (impressão anastática), processo de decalque, do 'preto-branco' (*Schwartzpresse*). Para a reprodução em pequenas quantidades de exemplares, dispõe-se também de inúmeros meios, como os hectógrafos (cromógrafos à base de gelatina) e os duplicadores à base de estêncil. Depois dos processos baseados na luz e chapas, a fotoquímica poderá encontrar outros substitutos para a velha tipografia: a impressão com raios X. Com ela será possível impressionar as folhas sem que se seja obrigado a passá-las pelas impressoras.

h) A documentação normal baseia-se no sentido da visão. Uma documentação especial surgiu para quem está privado desse sentido: os cegos. Um sistema de escrita-leitura foi inventado com base no sentido do tato, aparelhos foram criados para implantar o sistema e cada dia aumenta o número de documentos. Além disso, conseguiu-se compor partituras musicais por meio de processos tipográficos.

6. *Tipos*

a) Os tipos são fundidos. Enormes estabelecimentos industriais se dedicam exclusivamente a essa operação.

b) Os tipos empregados nos primeiros livros impressos são grosseiros e arcaicos, difíceis de decifrar. Buscava-se ao máximo uma aproximação com os manuscritos da época, tratava-se de imitá-los. Posteriormente, houve melhorias, quando a invenção foi revelada, mas o estilo dos caracteres continuava sendo o gótico. Os italianos foram os primeiros a criar os caracteres romanos. Aldo inventou o itálico (aldino, cursivo) inspirado na letra de Petrarca.* Aldo conquistou o privilégio de exclusividade de uso desse tipo na Itália.

d) A Oxford University Press tem condições de fazer impressões em mais de 150 línguas diferentes.

e) A altura do caractere se mede de acordo com o sistema métrico ou de acordo com diversos modelos dos quais os principais sistemas são os de Didot e Fournier. Cada um deles abrange uma série de subdivisões que se baseiam no sistema de pontos tipográficos. O ponto tipográfico vale dois pontos ou 1/16 da antiga linha; ou seja, atualmente, por volta de 1/3 de milímetro ou 0,376 mm. Surgiram, por conseguinte, os linômetros. Por exemplo, uma linha, com base no linômetro Didot 6, corresponde à altura

* Updike, Daniel Berkeley. *Printing types: their history, forms, and use*. 4.ed. New Castle, DL: Oak Knoll Press, v. 1, 2001, p. 128. Atribui a história dessa 'inspiração' a um equívoco de leitura do colofão da edição aldina de *Cose volgari*, de Petrarca. [N.E.B.]

de 2,25 mm, portanto, à linha dita *nonpareille*.

O sistema tipográfico Didot foi criado por Firmin Didot, no começo do século XIX. É adotado pela maioria das tipografias francesas e belgas. Esse sistema aperfeiçoou o que foi criado em meados do século XVIII por Pierre Simon Fournier.

Nos jornais, mede-se a altura e a largura da superfície impressa de uma página; a quantidade de linhas por página; a quantidade de colunas por página; a largura da coluna.

f) As antigas caixas de tipos continham apenas as letras dos alfabetos e com poucas variações. A quantidade de tipos cresceu, mas o progresso da página impressa revela-se sob o império de uma tríplice preocupação. Responder aos desideratos da fisiologia do olho, muito estudada nos laboratórios com a finalidade de melhorar e tornar mais rápida a legibilidade; atender às necessidades estéticas cada vez precisas e que almejam fazer do livro uma obra de arte; enfim, poder compor à mão não apenas os escritos, mas tudo o que é exigido pelas numerosas notações além da escrita: a música, os diagramas e cartogramas, as figuras esquemáticas.

7. *A composição mecânica*

a) A máquina penetrou triunfante na tipografia. Ela não elimina a intervenção do homem nem a inteligência de suas mãos. A máquina obedece a quem a guia; ela oferece ao operário tipógrafo o colaborador que executa para ele toda a parte fastidiosa da profissão, como compor letra por letra no componedor, como fazer o trabalho demorado e monótono da distribuição dos tipos.

A máquina compositora, com seus diversos avanços, apresenta as seguintes vantagens: tipos sempre novos, instrumento de trabalho muito rápido; menor quantidade de erros tipográficos para corrigir, pois não ocorre mais a falta de letras, de tipos virados, de números difíceis de ler, de letras amassadas, empasteladas, acesso cômodo a diversos tipos de caracteres, facilidade de guardar alguns textos para reimpressão, enquanto, antigamente, era preciso, para isso, imobilizar uma parte do material de composição. A compositora compõe cinco mil letras por hora e redistribui quinze mil. Existem hoje em dia muitas dessas máquinas, como a linotipo, a monotipo, a intertipo (*intertype*) e a tipógrafa (*typograph*).

b) A máquina monotipo oferece a vantagem de um teclado de pequenas dimensões separado da fundidora. É possível, assim, acionar o teclado de dentro de um gabinete, longe da máquina, e trabalhar nas mesmas condições que se tem ao usar uma máquina de escrever comum. Isso pode permitir a economia de uma transcrição. Por ex., fichas bibliográficas, principalmente as resultantes da análise de periódicos, e os extratos ou cópias de obras podem ser feitos sem o risco de sujar os originais ou a obrigação de transportá-los para fora do local.

A Intertype Corporation fornece máquinas com um novo dispositivo que permite justificação e centralização das linhas, o qual agrega à máquina Intertype as seguintes vantagens mecânicas: justificação automática e instantânea de linhas de qualquer tamanho, sem emprego de quadratins e espaçadores; 2º centralização de um título, no meio de uma linha, sem empregar material espaçador; justificação ou centralização de um texto, palavra e mesmo uma só letra com ou sem o uso de material espaçador.

Uma alavanca de controle encontra-se na frente da máquina ao alcance da mão do operador. Na posição para baixo, a máquina centralizará

um texto, palavras, uma palavra, uma única letra em qualquer largura de linha, sem maiores cuidados. Levantada, a máquina justificará automaticamente a linha que estiver com folga.

d) Podem-se esperar da composição mecânica progressos em várias direções. As fitas perfuradas da monotipo, onde no futuro um mesmo toque marcará caracteres visíveis, tornar-se-ão clichês preciosos, legíveis por todos, mediante a utilização múltipla dos mesmos textos. A simples máquina de escrever, munida de caracteres tipográficos e capaz de fazer a justificação automática, fornecerá os originais que em seguida bastará passar para a litografia. Falou-se de uma máquina de compor fotográfica, menos complicada e incômoda do que a tipografia. Letras dispostas em um suporte de vidro são iluminadas por meio de um teclado que aciona as lâmpadas; um dispositivo de espelho e prisma transmite a imagem da letra a ser fotografada para uma chapa pré-sensibilizada, que se desloca automaticamente depois de cada fotografia. Há, porém, a justificação e a correção.[1]

8. *Prelos e outras máquinas*

a) O prelo Marinoni, inventado em 1872, modificou por completo a confecção material dos jornais. Contribuiu para o desenvolvimento dos jornais no mundo inteiro.

A prensa de Gutenberg produzia, com esforço, uma folha por minuto, enquanto que as impressoras de hoje podem imprimir de 30 a 1 600 exemplares no mesmo espaço de tempo. As rotativas mais recentes possuem um potencial de 100 mil exemplares com múltiplas páginas em uma hora.

b) As máquinas de encadernar fazem maravilhas. Cada vez mais podem receber mecanicamente as folhas, logo que saem da impressora, dobrá-las mecanicamente, costurá-las mecanicamente e colocá-las na prensa mecanicamente. Calcula-se que essas máquinas decuplicaram a capacidade de produção das oficinas de encadernação.

9. *Organização da tipografia*

a) Na maioria dos países, as gráficas contam com uma forte base corporativa, os patrões de um lado, os operários de outro; às vezes, há corporações mistas. As empresas firmam contratos coletivos e verdadeiros códigos sobre essa questão. Existe um congresso internacional de impressores, que incumbiu uma comissão que organizasse um escritório internacional de estudos sobre a indústria do livro.

O romano gravado por Claude Garamond tornou-se modelo característico de toda a Europa, sobretudo se quisermos reconhecer que essa regularidade de forma, hoje exigida das fontes de tipos, não existia nas fontes criadas há três séculos. Na época, era apenas o olho que guiava o gravador em seu trabalho; hoje em dia, ele dispõe de instrumentos de precisão que permitem lidar com os punções e as matrizes com uma exatidão matemática. Em 1592, os Elzevirs gravavam seus tipos. O que buscavam eram formas regulares, a fim de facilitar a leitura dos caracteres.

b) Em uma mesma obra, todas as fontes empregadas devem pertencer à mesma família: a unidade da obra assim o exige. Quanto ao tamanho dos caracteres, ao número de letras por linha, ao espaço da entrelinha,

1 *Revue Suisse de l'Imprimerie*, 1933, juin, p. 15

existem regras cujo objetivo é reduzir ao mínimo a fadiga do leitor. As disposições de linhas, de formato, de proporção, de claros, de regularidade têm sua importância. O problema consiste em deixar o máximo possível de claros, ao mesmo tempo que se atribui aos traços grossos e aos finos das letras a espessura indispensável para que possam ser lidas facilmente mesmo com uma visão medíocre.

b) Existem notáveis museus da imprensa, como, entre outros, o Gutenberg-Museum, de Mogúncia, o museu de Berna, o museu Plantin, em Antuérpia, o museu do livro em Leipzig. Algumas grandes gráficas formaram pequenos museus. Foram criadas coleções de documentos tipográficos. A biblioteca tipográfica de Jersey City, a Bibliothèque des Arts Graphiques de Edmond Morin, em Paris, a biblioteca do Kunstgewerbemuseum, em Berlim.

253 Distribuição e circulação do livro e do documento

253.0 Generalidades

a) Uma vez produzido, como original ou reprodução, o livro — o documento — é objeto de distribuição, a qual se organizou progressivamente ao longo do tempo. Atualmente, ela dispõe de instituições e sistemas aperfeiçoados. É preciso distinguir a distribuição material, ligada às operações de transporte, da distribuição intelectual ou difusão de dados incluídos nos documentos e, como consequência, a influência desses dados.

b) O tempo de difusão das obras é muitas vezes bastante longo. Dante, por exemplo, era muito pouco conhecido na França até o fim do século XVIII, sua fama data da época do romantismo. A da epopeia de Tasso, *Jerusalém libertada*, data, especialmente na França, do século XVII. Shakespeare ali chegou no século XVIII, quando foi traduzido e imitado.

c) A distribuição do livro é feita: 1º por venda; 2º por permuta; 3º por doação. Convém, neste ponto, levar em conta: 1º a indústria editorial; 2º o comércio livreiro; 3º o serviço de transportes e comunicações.

d) Produzir um livro é a coisa trabalhosa, complicada e demorada que se conhece. Ela termina e tudo começa novamente. Agora é preciso fazer com que ele seja lido. Os poetas descritos por Boileau paravam os transeuntes para lhes implorar que ouvissem seus versos. Os autores de hoje com muita frequência são levados a adotar processos semelhantes.

Difundir um livro pelo mundo, disse Schiller, é uma tarefa quase tão difícil quanto escrevê-lo.

Não basta, então, escrever, imprimir, editar, pois é preciso preocupar-se ainda com o que acontecerá com as obras que são publicadas. Lançadas no grande turbilhão bibliográfico, devem finalmente chegar a quem delas possa fazer uso. Aí está o ponto final do processo. Como não é possível estabelecer uma relação imediata entre o livro e seu leitor, foram criadas estações intermediárias. Duas são muito importantes: a livraria e a biblioteca, e cada uma delas se desdobra, conforme se trate do próprio livro ou de seu sucedâneo, o registro bibliográfico para a livraria e o registro catalográfico para a biblioteca. O problema geral apresenta-se nos seguintes termos: entre a multidão de livros de um lado e a multidão de leitores, de outro, como fazer para que determinado livro alcance, rápida, cômoda e seguramente um leitor determinado que o deseja ou ao qual o autor o destina. Trata-se de um problema de distribuição do livro e que deve ser organizado com a ajuda de instrumentos apropriados que, primordialmente, devem incluir a classificação.

Quadro comparativo de corpos tipográficos

CORPOS em pontos	ANTIGAS DENOMINAÇÕES FOURNIER	DIDOT	INGLESA	ALEMÃ	ITALIANA
3	»	Diamant	Diamont ou Excelsior	Diamant ou Half petit	Diamante
3 1/2	»	»	Brilliant	Brillant	
4	»	Perle	Semi-Brevier	»	Perla o Milanina
5	Parisienne	Sédanoise ou parisienne	Pearl	Perl	Parigina
5 1/2	»	»	Agate [1]	»	
6	Nonpareille	Nonpareille	Nonpareil	Nonpareille	Nonpariglia
7	Mignonne	Mignonne	Minion	Kolonel	Mignona
7 1/2	»	Petit-texte	»	»	
8	Petit-texte	Gaillarde	Brevier	Petit	Testino
9	Gaillarde	Petit-romain	Bourgeois	Borgis	Gegliarda o Garamoncino
10	Petit-romain	Philosophie	Long-Primer	Korpus	Garamone
11	Philosophie	Cicéro	Small Pica	»	Filosofia
12	Cicéro	St-Augustin	Pica	Cicéro	Lettura
13	»	»	»	»	»
14	St-Augustin	Gros texte	English	Mittel	Silvio
16	Gros-texte	Gros-romain			Testo
18	Gros-romain	Petit-parangon	Three line nonpareil	Tertia	Parangone o grosso testo
20	Petit-parangon	Gros-parangon			Ascendonica
22	Gros-parangon	Palestine			
24	Palestine	»	[2]	Doppelcicero ou Text	Palestina
28	Petit-canon	»			Cannoncino
32	Canon	»			Cannone
36	Trismégiste	»			Sopra canoncino
40					Corale
44	Gros-canon	»			Ducale
48					Reale
56	Double-canon	»			Imperiale
72	Triple-canon	»			Imperiale-Papale
76					Papale
96	Grosse--Nonpareille	Grosse--nonpareille			Papale cancelleresco
100	Moyenne de fonte				Grosso di fonderia

[1] Empregado na América do Norte para anúncios classificados, o ágata foi introduzido na França pelas máquinas de compor.
[2] Na Inglaterra, os múltiplos são contados tanto pela *nonpareille* quanto pelo cícero; diz-se, por exemplo, para o corpo 24 *four line nonpareil* ou *two line pica*.

Os tipos alemães são fundidos com o ponto Didot. Os tipos ingleses são fundidos com um ponto especial inventado pelos americanos. Esse ponto baseia-se na *inch* ou polegada inglesa, a qual corresponde a 72 pontos. A título de comparação, existem 2 660 pontos Didot e 2 835 pontos ingleses em um metro.

e) Seria interessante, quanto a isso, possuir coeficientes que permitam avaliar a velocidade de propagação de uma ideia por intermédio do livro.

Quanto tempo decorre entre o momento em que um fato é descoberto, a ideia concebida e o momento da leitura. Existe um tempo necessátio para escrever, imprimir, distribuir, divulgar e fazer ler. Esse tempo tem duração variável segundo os processos empregados para tal fim.

253.1 A indústria editorial

1. *Noção*

a) Editor é quem manda imprimir e assume a responsabilidade de publicar as obras dos outros. O editor é comparável ao empresário que financia a construção de um edifício. É ele quem estabelece a relação entre as diferentes especialidades que contribuem para a produção do livro. Também é dado o nome de editor ao homem de letras e ao especialista que analisa e cuida de publicar as obras dos outros.

b) O editor é o núcleo do mundo dos livros, situado entre o autor, o impressor, o livreiro e o público. Os editores são responsáveis: 1° perante o autor que lhe confiou suas esperanças de sucesso; 2° perante a nação, cuja causa intelectual não deve trair com a publicação de produtos inferiores; 3° perante o público, de quem não deve pôr em risco a saúde moral, mas, ao contrário, procurar fortalecer e elevar. (Henri Jacques.) São necessários vultosos capitais para realizar um bom trabalho de edição, em que é preciso lidar com várias indústrias, para que se tenha a expectativa de obter retorno financeiro com a venda dos livros, venda que às vezes ocorre durante um longo período de tempo, e para manter e dinamizar a publicidade.

"Se o livro é o veículo do pensamento, a editora é o caminho, o canal, o rio, a via. Entre autor e editor deve haver aliança e colaboração. (Pierre Georges.)

2. *História*

a) Foi muito discutido se as pessoas a quem os romanos deram o nome de livreiros compravam dos autores o direito de publicar e vender suas obras. Como o livro era manuscrito, não havia necessidade de formar estoques e o autor podia, a qualquer momento, fazer alterações em sua obra. Os livreiros e os editores da Idade Média formavam uma mesma corporação.

A fundação das universidades de Bolonha, Pádua, Florença, Paris, Oxford e outros lugares, do século XIII ao século XV, e durante a Renascimento, tornou mais patente a importância do livro. Colônias de copistas e livreiros se instalaram em torno das universidades onde estabeleceram grandes *scriptoria*.[1]

Após a invenção da imprensa, assistiu-se à separação da função do editor (impressores que imprimiam os livros que editavam). Na Revolução, a profissão de editor foi declarada livre e sem qualquer outra exigência, a não ser a obtenção de uma patente, a qual desapareceu mais tarde.

b) Antigamente, na Inglaterra, era costume publicar certos livros com base no princípio de compartilhar lucros e perdas entre um número acordado de editores e livreiros. Essa prática perdurou até meados do século XIX. Eram extraordinariamente poucas as obras cujos direitos de autor

[1] Cf. Delalain. *Étude sur la librairie parisienne du XIIIe au XVe siècle*.

haviam caducado. (Ex.: dicionário de Johnson) [*A dictionary of the English language*, de Samuel Johnson]. O compartilhamento podia chegar até a 200 acionistas. Esse método, aberto a todos, criou um monopólio em muitos casos porque todos os interessados eram acionistas e mantinham os preços altos. William Pickering foi o único a enfrentar a corporação de editores ao publicar belas edições de clássicos ingleses a preços baixos (as séries Aldine Poets, Small Books on Great Subjects, etc).

c) A história da indústria editorial ainda não foi inteiramente escrita, mas algumas grandes empresas publicaram a de suas oficinas. Há editoras cujas histórias remontam a tempos muito distantes. Na Inglaterra, por exemplo, a casa Rivington remonta ao século XVI, Longman ao século XVII e Murray, ao século XVIII.

d) As transformações no mundo da indústria editorial foram objeto de um arguto trabalho de Bernard Grasset, *La chose littéraire*. Antigamente os compradores de livros formavam uma aristocracia, hoje formam uma democracia. Essa revolução ocorreu na França, especialmente depois de 1919, a partir do dia em que a publicidade começou a ser empregada pelos editores a favor dos escritores. Além da publicidade, o modismo bibliográfico (isto é, o esnobismo literário), os prêmios e as coleções de literatura contribuíram para fazer o homem comum deter-se diante da vitrine das livrarias. Por conseguinte, multiplicaram-se artificialmente as necessidades de leitura e, ao mesmo tempo, decuplicou a quantidade de obras editadas, produzindo uma inflação literária. Os autores, em número de 3 700, reuniram-se em sindicatos. A crítica deixou de ser imparcial.

3. *Espécies*

a) Há cinco grandes espécies de editoras: 1° editoras propriamente ditas (firmas, empresas, sociedades ou particulares) que editam com fins comerciais; 2° editoras de revistas e jornais; 3° associações e instituições que, acessoriamente, editam suas publicações; 4° governos, administrações públicas e instituições de serviço público; 5° os particulares.

b) As associações e instituições não têm fins lucrativos (associações especializadas, sociedades de bibliófilos, associações científicas, artísticas e literárias). Por exemplo, a nova Christian Science Publishing House, em Boston, cujo edifício não saiu por menos de quatro milhões de dólares, é um centro editorial (*Christian Science Monitor*, *Christian Science Journal*, *Christian Science Sentinel* e toda a literatura publicada pela associação).

Organizações políticas e sociais são editoras. Na Holanda, por exemplo, a Arbeiderspers engloba uma vasta concentração de todas as edições socialistas e operárias. Ela conta com mais de 900 pessoas, edita sete jornais diários, vários semanários e jornais sindicais, uma revista mensal *De Socialistische Gids*, livros teóricos, obras científicas e romances.

As universidades inglesas e norte-americanas possuem suas gráficas e suas editoras: Oxford University Press, The University of Chicago Press, The University Press, Cambridge. Foi criada em Paris, depois da guerra, uma cooperativa, as Presses Universitaires de France.[1]

O mundo científico procura o modo mais econômico de publicar trabalhos de pesquisa, visando, principalmente, à criação de gráficas e editoras cooperativas.

---

[1] Trabalho de M. Caullery sobre as Presses Universitaires e vários empreendimentos cooperativos de impressão e edição existentes fora da França (apresentado à Confédération des Sociétés Scientifiques Françaises).

b) Alguns autores são seus próprios editores. Eles mesmos tratam de todos os contratos relacionados com a impressão, papel e acabamento de suas obras. A livraria, cujo nome figura em seus livros, não passa de uma distribuidora. Por exemplo, nos dias atuais, Bernard Shaw é seu próprio editor. Alguns de seus romances têm tiragem acima de 70 mil exemplares.

c) Antigamente os livros eram dedicados a mecenas. Atualmente, são formadas comissões de patrocínio ou comissões de honra; recorre-se às associações e se publicam livros 'sob os auspícios de...' ou se estabelece uma relação entre a obra e autoridades oficiais ('publicação financiada por...').

d) A Book Society [inglesa] implantou o seguinte sistema: mensalmente amostras de livros a serem publicados são enviadas à comissão de seleção da sociedade, que faz sua escolha por maioria de votos. Os membros da sociedade recebem um exemplar do livro escolhido, e podem trocá-lo por alguma das obras incluídas na lista suplementar de volumes recomendados.

e) Os sovietes da Rússia incluíram nos fundamentos de sua constituição a autodeterminação dos povos. Ao invés do antigo regime, baseado em uma única cultura, a da Rússia, como nação dominante, eles adotaram um regime de liberdade das culturas nacionais. Isso foi acompanhado pela edição intensiva de obras das literaturas em línguas nacionais. Com essa finalidade, foi criada, em Moscou, uma organização denominada editora central dos povos, que publica livros em 42 línguas diferentes, entre as quais as de povos remotos, como os iacutos, chuvaches, zirianos, ossétios, abecásios, etc., muitos dos quais não possuíam escrita. Os sindicatos (com mais de 10 milhões de afiliados) possuem uma vasta imprensa e editam uma literatura de massa sobre as mais variadas questões ligadas ao movimento sindical, ao trabalho e à autoeducação. Para a difusão da música entre as massas, o governo soviético empreendeu um grande trabalho de edição de obras musicais concentrado no setor de música das edições estatais.

f) O governo mexicano criou um departamento de publicações. Dependente do ministério da Educação Pública, dispõe de oficinas modernas de impressão e acabamento, que edita toda uma série de publicações relacionadas com o trabalho da educação popular: livros científicos, livros didáticos, publicações padronizadas e outros, todos documentos apropriados para desenvolver a vida atual do país. O material fornecido facilita o trabalho conjunto, coordena os esforços e generaliza os resultados.

4. *Extensão da indústria editorial*

a) O mundo da indústria editorial amplia, a cada dia, o ciclo de suas atividades. Importantes editoras existem, atualmente, em Madras e Bombaim (Índia), Xangai, Sydney e Capetown.[1]

b) Em 1920, havia 13 049 editoras e livrarias alemãs, das quais um terço correspondia à edição e dois terços eram de livrarias de varejo.

c) No momento do seu centenário, a livraria Hachette, que tem hoje um capital de 43 milhões de francos e que cobre o ciclo completo de tudo o que se relaciona ao livro, declarou que recebe uma média de 541 cartas

[1] As listas de editoras aparecem em *Cleggs' international directory of booksellers, publishers, etc.* (edição 1931); *Lexicon der deutschen Verlage*, Leipzig 1930; e as listas de editoras anexas às bibliografias nacionais.

por hora, nove por minuto. A produção média de livros e publicações é de 22 milhões de exemplares por ano. Ela tem interesses em diversas fábricas de papel, no exterior, e em fábricas de pasta de celulose que alimentam as fábricas francesas de seus fornecedores. Ela mesma imprime parte de seus livros, tanto em suas gráficas, quanto em gráficas contratadas. Ela criou as *Messageries des Journaux Hachette*, as bibliotecas das estações ferroviárias, e a Agence Générale de Librairie et de Publications, para a difusão de livros e jornais franceses no exterior.

5. *Contrato e modo de edição*

a) Os contratos entre autor e editor assumem três formas: 1° o editor edita às custas do autor; 2° o editor compra o manuscrito, ou uma edição, ou uma tradução; 3° o editor paga direitos autorais (*pourcentage royalty*). O autor monitora a tiragem e o costume criticável das 'perdas' [*passes**]. O autor recebe exemplares para distribuição gratuita, para divulgação de caráter científico.[1]

b) Elaborou-se um contrato-padrão de edição. O Instituto Internacional de Cooperação Intelectual acolheu o exame dessa questão.

c) Há diferentes modos de publicação: 1° por subscrição, antes da impressão; 2° por fascículos ou partes; 3° depois de concluído o acabamento. As edições chamadas por 'subscrição' consistem em imprimir e distribuir algumas centenas ou milhares de boletins de subscrição anunciando a próxima publicação de uma obra. As vendas adiantadas salvam a publicação das dificuldades econômicas que podem estorvar sua impressão.

6. *Deontologia dos editores*

a) Eis uma bela definição de editor proposta pelos tchecoslovacos no recente congresso internacional de editores: "o verdadeiro editor deve ter a ambição de desenvolver no domínio da cultura uma iniciativa própria; não se limitar apenas a exigir da vida intelectual seus meios de existência, mas também a lhe aportar algo, a contribuir para seu desenvolvimento. Ajudar o trabalho vivo de artistas e pensadores, que são representativos do seu tempo, trabalhar menos para hoje do que para o amanhã e segurar-se contra sua parte de riscos, na esperança de, finalmente, chegar a vencer todas as dificuldades. Colocar a honra da profissão acima de todas as perspectivas de lucros."

b) A função da indústria editorial torna-se cada vez mais nítida. Ela não pode mais ser considerada como uma indústria em si, separada de todas as outras e fracamente vinculada às necessidades do livro. A indústria editorial toma consciência de seu dever de conformar-se aos princípios mais avançados da técnica e de satisfazer às aspirações mais adequadas da sociologia progressiva. O objetivo ideal das atividades editoriais é repartir entre os homens o máximo de bens intelectuais, em forma literária e documentária. Resta saber como esse fim poderá ser conciliado com os objetivos interessados do comércio; trabalhos como o de Carl Mennicke, *Das Buchhandel in das geistige Lage Gegenwart*,* procuraram responder a essa pergunta.

O sr. Gaston Zelger publicou em 1928 um *Manuel d'édition et de librairie*, resumindo para a profissão e seu aprendizado, tudo o que é essencial para conhecer.

* No original esse autor está citado como Karl Meinicke. O folheto, de 48 páginas, foi publicado em Potsdam, em 1928, e trata do comércio livreiro "na atual situação intelectual" da Alemanha. [N.E.B.]

[1] What editors and publishers want. *Liverpool, Literary Year Book Press*, 1925.

7. *Indústria editorial, inteligência e publicidade*

a) A indústria editorial é condicionada por três grandes fatores: 1° o dinheiro: editar é uma operação comercial. Ela se insere no ciclo econômico e, como tal, gera salários, compras, impostos e lucros. Ela permitiu que se formassem grandes fortunas. 2° A inteligência: editar é uma operação de natureza intelectual, colocada a serviço da verdade, das ciências, das letras, das artes e da educação dos meios de difusão por meio dos livros e documentos. 3° A propaganda: editar permite colocar esses mesmos meios a serviço de causas de natureza política, econômica e social. Na indústria editorial a inteligência precisa ser protegida tanto contra o dinheiro como contra a propaganda, seja contando com seus próprios órgãos de edição, seja se organizando para influir ou para lidar coletivamente com a edição comercial ou de propaganda, para que lhe seja possível chegar assim a conquistar uma parcela mínima das marcas de distinção externa. A confusão de objetivos é um perigo.

b) A publicidade desempenha importante papel no lançamento de uma obra. A obra de um autor desconhecido pode ser vendida se for apoiada por uma publicidade eficaz. O custo da publicidade menos eficaz é de milhares de francos. Fortes críticas foram desencadeadas contra a organização do chamado blefe literário. Denunciaram o 'sindicato parisiense da literatura comercial'. Criação de prêmios, procedimentos publicitários, coleções, belos livros feitos de textos inferiores e papéis de alta classe. Uma editora recruta suas 'crias' e as impõe; ela pretende criar o acontecimento literário. Com golpes de audácia, conquista o leitor; com engenhosidade, esforça-se por mantê-lo.

Os editores muitas vezes faltam à verdade ao dizerem 'o público adora isso'. Os editores não deveriam acompanhar a multidão, mas colocar-se à sua frente, publicando os autores que, pela afirmação de sua personalidade, revelam um espírito original independente.

c) Por outro lado, as causas que dificultam a publicidade de impressos destinados a especialistas são: tiragens muito limitadas, preços elevados, principalmente devido ao luxo exagerado das capas, inserção de itens fora do seu espaço real ou em livros e revistas concernentes a vários temas, ausência de índices apropriados para facilitar as pesquisas em longas séries.

d) A indústria editorial a serviço da propaganda ocupa um lugar importante. Seria interessante conhecer as somas gastas, direta ou indiretamente, pelos governos com essa finalidade. Não existe apenas a URSS ou os antigos beligerantes. Celebrando seu centenário, a Librairie Hachette afirmou estar a serviço do pensamento francês. Há a propaganda religiosa, como as da Congregação para a Doutrina da Fé, em Roma, e da Bible Society, de Londres. Existe a literatura de todos os partidos políticos e sociais e de todas as associações com finalidade social.

e) Há editores bastante empenhados nas lutas políticas. Por exemplo, na Alemanha, para as obras de literatura social, alguns, como Ernst Rowolt, apoiaram o movimento de esquerda, enquanto outros, como a Hanseatische Verlagensteld, forneceram o armamento intelectual do movimento nacional-socialista.

8. *Organização comercial*

a) As editoras modernas conquistaram uma poderosa organização comercial e financeira. Como investimento poucas empresas oferecem

a segurança de uma editora. De fato, enquanto na indústria a duração de uma patente é limitada a 15 anos, a propriedade literária cessa somente depois de decorridos 50 anos da morte do autor.* O fundo editorial assim formado tem um valor que não diminui. Esse valor dificilmente tem igual em outros ramos do comércio ou da indústria. Uma editora que disponha de um rico fundo de propriedades literárias oferece toda a segurança de empresas monopolistas, um monopólio múltiplo e de longa duração.[1]

* Duração mínima fixada pela Convenção de Berna para que uma obra caia em domínio público. Cada país, porém, pode adotar uma duração maior. No Brasil, é de 70 anos após a morte do autor. [N.E.B.]

b) No início, as gráficas editoras publicavam indistintamente tudo o que era proposto aos serviços que prestavam: livros religiosos, ciências, romances, etc. Foi somente no século passado que vimos o editor se acomodar numa especialidade: educação, direito, medicina, etc., à medida do crescimento da clientela e da pressão da concorrência.

c) O fenômeno da concentração continuou na indústria editorial. Durante o século XIX encontramos na Alemanha uma especialização crescente de editoras independentes; essa tendência atingiu pleno desenvolvimento após a guerra, graças à adoção de princípios de racionalização moderna. Paralelamente, observou-se um grande movimento que tende a impor cada vez mais os trustes e cartéis, movimento esse determinado não somente por razões de ordem puramente comercial ou literária, mas também por uma nova orientação das formas de pensar.

Na França, assistimos ao açambarcamento de todo os pontos comerciais de livrarias, quiosques, estações ferroviárias, bancas de jornais e até mesmo de editoras.

Grandes consórcios de editores e livreiros são muitas vezes mais prejudiciais do que úteis, porque se direcionam infalivelmente para objetivos políticos ou financeiros.

9. *Organização corporativa*

a) Em todos os países, as editoras formaram organizações corporativas, tanto as especializadas exclusivamente nas atividades de edição, quanto as que também incluem o comércio de livrarias.

b) Na França, a Société des Gens de Lettres centraliza a apresentação das obras de seus membros às editoras, às revistas e aos jornais. Os textos das obras apresentadas são geralmente mimeografados. Essa organização não prescinde de uma certa comercialização da literatura e da prática de 'encher linguiça', que compraz a tantos autores profissionais. Os textos reproduzidos são remunerados por um valor determinado, por linha, que é repassado aos autores por intermédio da sociedade.

c) Foi fundado o Congresso Internacional de Editores. Após uma interrupção de 18 anos, ele retomou suas atividades em 1931 (9ª série); 16 países participaram. O Congresso se reuniu em Bruxelas em julho de 1933.

253.2 A livraria

Na cadeia de operações do livro está reservada à livraria a função de receber as obras prontas das mãos das editoras e colocá-las à venda para seus clientes. À primeira vista isso é muito simples. Na realidade, porém, é de uma enorme complexidade. Pois, ao contrário de qualquer outro co-

---

[1] Prospecto da Société des Éditions de la Sirène. O editor Calmann Lévy conseguiu arrematar, por 500 francos, depois da morte de Baudelaire, a propriedade das obras do poeta posta à venda por seus credores. Durante os 50 anos de duração da propriedade literária, somente a coletânea *Fleurs du mal*, amiúde reeditada, rendeu uma centena de milhares de francos.

mércio, o do livro apresenta três características: A) Os objetos vendidos são diferentes de um para o outro. Em outros comércios, eles são fungíveis, aqui são individuais. Uma livraria possui assim centenas e milhares de livros diferentes em número maior ou menor de exemplares. B) Os objetos procurados pelos compradores são comumente pouco conhecidos. Os compradores vêm suprir-se do alimento intelectual, da nutrição dos livros, mas ignoram frequentemente a própria existência daquilo que vão adquirir. C) Por fim, uma livraria não é somente um local de vendas; é uma agência intermediária entre os livros oferecidos e os livros demandados. O livreiro não pode ter tudo na loja e o comprador não aceita ver sua escolha limitada ao que o vendedor possui atualmente na livraria.

Valer-se de distribuidores é algo imprescindível para os autores que imprimem diretamente suas obras sem a participação de uma editora.

253.21 Concepção da livraria

A condição da livraria e a concepção do livreiro apresentam particularidades que variam de país para país.

1. *Situação e condição do livreiro*

O livreiro, nos Estados Unidos, é um verdadeiro comerciante e não um simples depositário. Em cada livro ele arrisca seu dinheiro. Ele não conhece a consignação, nem as contas de depósito, principalmente as devoluções à editora. Ele se submete a todas as obrigações que regem a compra e a venda de mercadorias. Esses poucos traços são suficientes para diferençar os livreiros europeus dos livreiros norte-americanos. Essa condição é determinante para toda a política do livreiro e do editor norte-americano, bem como para suas relações mútuas. Como compra e vende e como adianta capitais, o livreiro norte-americano deve estar seriamente preparado para as responsabilidades de sua profissão, tanto do ponto de vista comercial quanto do ponto de vista literário. Comprar livros para revendê-los pressupõe uma cultura que permite avaliar seu valor intrínseco e um conhecimento prático do gosto da clientela. Como esses custos operacionais não se limitam a despesas gerais e como seu estoque representa seu capital pessoal, o livreiro norte-americano não faz da sua loja um túmulo para seus livros. Ele aplica à venda métodos comerciais modernos que foram comprovados nos vários ramos de negócios: pesquisa de mercado, aquisição racional, contabilidade adequada e inventário permanente, venda com base científica, *mailing list* e publicidade. Como os livros que oferece à venda foram comprados, e, embora seja possível avaliar num relance de olhos a qualidade material do livro, o seu conteúdo intelectual escapa aos cérebros despreparados, o livreiro norte-americano só ingressa nessa profissão depois de estudos gerais suficientes e uma formação técnica especial que ele pode adquirir em universidades ou em cursos oferecidos pela American Library Association.

2. *Noção*

A livraria tem como função atuar como intermediária entre os centros de produção das publicações (editoras) e o público comprador das publicações.

O livreiro norte-americano não se presta a cruzar os braços em sua loja, à espera de que o cliente se digne fazer o sacrifício de entrar e lhe oferecer seu dinheiro. Não, ele deve promover a venda; fazer uma son-

dagem racional; valorizar os serviços de sua empresa e as vantagens que proporcionam; acompanhar a publicidade das editoras e se esforçar para utilizá-la; aproveitar os festivais de temporada para oferecer à sua clientela os livros que ele supõe venha a ser de seu interesse, pois ele conhece seus gostos e pode se valer disso. Sua publicidade desperta o desejo, dinamiza a demanda, e os serviços que ele lhes presta fazem dos clientes seus fiéis agradecidos.

Serviço é a palavra de ordem.

3. *Deveres do livreiro*

Os livreiros são os guias de aconselhamento de seus clientes. Eles em grande parte compartilham com os autores e os editores o nobre exercício de um papel de educador e orientador do pensamento voltado para o bem, o verdadeiro e o belo.

4. *Espécies*

Existem vários tipos de livrarias: 1° livrarias de sortimento ou livrarias de varejo; 2° livrarias de livros antigos, antiquários, sebos, venda de livros de ocasião; 3° livraria por encomenda; 4° livraria ambulante, venda de livros porta a porta.

5. *Centros do comércio livreiro*

Sempre houve centros de produção e comércio de livros. Em Roma, após as conquistas e saques realizados pela República; os *scriptoria*, perto das universidades, do século XIII ao XV. No século XIII, o comércio de livros só em Paris ocupava mais de seis mil pessoas entre copistas, encadernadores e iluminadores.

O Renascimento estimulou a produção de cópias e novas obras. Após a queda de Constantinopla, Veneza torna-se o centro do comércio de manuscritos. Córdoba, sob os mouros, tornou-se um centro para o comércio de manuscritos árabes e mais tarde de manuscritos hebraicos. Na Suíça, em Constança e Basileia, durante o Concílio da Igreja no século XV. Paris, lugar de manuscritos, retardou por longo tempo a introdução da imprensa.

Atualmente, as capitais são centros de comércio livreiro. Além delas, na Alemanha, Leipzig, Colônia, Munique, Frankfurt; na Itália, Milão e Turim; na Espanha, Barcelona; na Bélgica, Antuérpia.

253.22 Organização do comércio livreiro

A indústria editorial e o comércio livreiro representam uma imensa força em todo o mundo. Essa força começou a se organizar e essa organização já se tornou amplamente universal. Falta ainda, porém, muito a ser feito, para que todas as realidades e potencialidades existentes na indústria editorial e no comércio de livros alcancem seu pleno efeito, para que estejam conectadas e unidas ao conjunto do movimento em prol de um progresso superior.

a) O comércio livreiro alemão.[1] A organização do comércio livreiro alemão é notável. A *Börsenverein des Deutschen Buchhändels*, isto é, a associação dos livreiros, tornou-se uma instituição que faz parte do conjunto do empresariado do livro. Fundada em 1825, seu número de membros era

[1] Hans Köster. L'organisation de la librairie allemande. *Toute l'Édition*, n° 345, 346 e seguintes.

338 (1830), 1 156 (1875), 3 562 (1913) e 5 264 (1932). Ela está instalada na Deutsches Buchhändlerhaus.

Baseia-se numa contabilidade central bem como numa regulamentação geral e a centralização das expedições. A revista *Börsenblatt für den Deutschen Buchhandel* é de propriedade da associação, assim como a *Bibliographie* (Hinrichs) é o anuário oficial das livrarias alemãs. A escola superior de livreiros foi fundada em 1851. A partir de 1888 teve início a regulamentação comercial dos livreiros e a regulamentação da venda ao público. As infrações desses regulamentos causavam, de um lado, a exclusão do infrator da Börsenverein e a interdição de utilizar-se de suas instituições e estabelecimentos e, por outro lado, o boicote. Esses regulamentos concedem à associação uma autoridade absoluta. A importância de Leipzig como cidade do livro não parou de crescer. Ela conseguiu assegurar, pelo sistema de consignação com condições, um quase monopólio da venda das produções das editoras. Em 1839 havia 701 editoras entre os livreiros representados em Leipzig. Era muito complicado e muito caro para o livreiro passar suas encomendas e devolver os encalhes às diversas editoras. Em Leipzig, todo o tráfego de livros podia ser feito de forma relativamente rápida e por fretes aceitáveis. Já em 1842 foi criado um 'escritório de encomendas', responsável por distribuir rapidamente aos destinatários a correspondência dos livreiros que chegava aos distribuidores. O número de editoras representadas aumentou de 2 662 (1844) para 10 980 (1914). Em 1926, foi criado o serviço de envio de encomendas (*Paketauchstelle*) [*sic*]. Na Alemanha, o número de livrarias era de 500 no início do século XIX; por volta de 1850, seu número atingiu 1 750. Este número cresceu muito depois que a liberdade do exercício da profissão foi oficialmente reconhecida. As livrarias alemãs concedem facilmente descontos de 40% para o exterior. A venda de livros para outros países é vista como um meio de propaganda e não unicamente como uma transação comercial. As livrarias não hesitam em enviar as obras em consignação.

A Börsenverein adotou, em abril e maio de 1933, uma série de medidas para assumir seu lugar no Terceiro Reich e trabalhar de acordo com os princípios que presidem a nova organização da nação alemã. Todos os comerciantes alemãs de livros serão obrigados doravante a fazer parte da Börsenverein. O comércio de livros será 'concedido", cabendo à Börsenverein uma participação ativa e decisiva na organização e aplicação do sistema de concessões. Todas as editoras ou livrarias geridas atualmente pela administração pública serão transferidas a empresas privadas. Os sindicatos, associações e partidos políticos serão proibidos de manter livrarias. Luta pela diminuição do preço dos livros; exame de Estado obrigatório para os funcionários de livrarias; medidas contra os clubes de livros e negócios que acumulem as funções de editora e livraria, que deverão ser assumidas por editoras e livrarias; proibição da venda de livros por grandes lojas; medidas contra as bibliotecas modernas que emprestam livros. Um grupo de trabalho foi nomeado, com poderes plenos, composto por cinco membros, incluindo um representante do ministério da Educação Popular e da Propaganda, dois editores e dois livreiros; desses quatro últimos, três pertencem ao Partido Nacional-Socialista. As diversas associações profissionais e regionais de editores e livreiros afiliados à Börsenverein foram convidadas a promover a renovação de suas comissões.[1]

[1] Ver *Börsenblatt*, 3 e 18 de maio de 1933.

b) Nos Estados Unidos.[1] Adotam-se supervisão e regulamentação livremente aceitas. Os controles de orçamento e de estoques das livrarias, a colaboração na publicidade, informações das livrarias sobre as novidades (publicidade feita pelas editoras para as livrarias). — Multiplicação de pontos de venda de livros. Publicações centralizadas de boletins bibliográficos destinados a distribuição pelas editoras a seus clientes. Estudos generalizados sobre leitores e o mercado. Informações sobre isso são passadas pelo livreiro ao editor.

Organização de exposições de novidades a cada nova temporada ou para comemorações. Regulação estrita das práticas comerciais: data de início da venda de livros, venda com preços marcados, quarentena antes da reedição de um livro em formato mais barato, regulamentação das vendas promocionais feitas pelas editoras, anúncio antecipado de reedições e de promoções projetadas pelas editoras.

Prevê-se, nos Estados Unidos, o desaparecimento progressivo das livrarias privadas e sua substituição gradativamente pelas bancas de jornais e *drug stores* (farmácias). A causa disso? Excesso de livros, excesso de publicidade, excesso de elogios falsos organizados em torno das novidades sempre sensacionalistas; exagero de ponta a ponta.

c) O comércio livreiro holandês conta com uma organização muito antiga. O Bestelhuis de Amsterdã é uma organização corporativa dos comerciantes do livro altamente desenvolvida.

d) Na França, a Maison du Livre nasceu de um ato de simpatia de 150 editores e 800 livreiros. É um dos agentes mais atuantes na difusão do livro francês no país e no exterior.

Seus serviços incluem:

1° O serviço de distribuição dos pedidos de encomendas, que encaminha rapidamente às várias editoras as encomendas das livrarias, economizando para elas as despesas de correio.

2° O serviço de compras, ou centro de fornecimento para as livrarias.

3° O serviço de agrupamento das remessas feitas pelas diversas editoras, a pedido de seus clientes, e a expedição das respectivas encomendas, de acordo com instruções fornecidas previamente.

4° O serviço de devolução, que redistribui às editoras os livros não vendidos devolvidos pelas livrarias.

5° O serviço de assinaturas, que permite ao livreiro fazer a assinatura de uma grande quantidade de jornais e revistas.

A essa série de serviços está ligado o serviço de transporte ferroviário instalado na Maison du Livre Français para seu uso exclusivo.

Há também:

O serviço bibliográfico que responde as mais variadas perguntas relativas à busca de livros.

As *Tables Bibliographiques* (mensais e trimestrais) que mantêm os livreiros a par das novidades em todos os gêneros de publicação.

O *Bulletin de la Maison du Livre Français*, que os coloca em contato com o mundo editorial, os progressos técnicos ou comerciais ocorridos na indústria do livro.

Os cursos de livreiro, que, junto com os do Cercle de la Librairie, preparam os jovens para conhecer e entender sua profissão.

e) Na França, deixaram saudades as grandes livrarias dos tempos de

[1] Relatório Cheney sobre as condições econômicas do livro nos Estados Unidos.

Louis-Philippe, da Restauração, de Napoleão, os Didier, os Renduell e os Lavocat, que mantinham salões literários e sabiam anunciar para os homens ilustres. Foi proposto dividir as livrarias em duas categorias totalmente diferentes: 1º O livreiro ou livraria, com a ressurreição da antiga licença, que era concedida somente a pessoas instruídas e atualizadas. Essa licença incluiria o direito de monopólio da venda do livro a 12 francos e acima, e do livro in-18 *Jésus* ou in-8º *couronne* que são os livros de bibliotecas; 2º As livrarias-café padronizadas, livrarias-perfumista, livrarias-confeitaria, que venderiam papel, romances baratos, revistas de moda, liquidações falsas de livros velhos a 12 francos, recosturados a 6 francos e outras revoluções nas livrarias.[1]

Os livreiros são levados a regular as relações coletivas entre eles e os editores. O congresso dos livreiros franceses reivindicou a formação de uma comissão mista de editores e livreiros.

Vemos um aumento na importação e exportação de livros, a criação de livrarias de nacionalidades diversas em países estrangeiros (ex.: livrarias francesas no exterior, livrarias estrangeiras na França).

Foi proposta a criação de grandes depósitos regionais de livros que preservariam os livreiros varejistas do risco de incêndios; os livros seriam ali depositados sem ter que retornar aos depósitos da editora por um custo alto.

f) O comércio do livro e da imprensa assumiu a forma de sociedade anônima, com ações e obrigações, com o registro de valores na bolsa ou no mercado bancário. Em Paris, por exemplo, temos a Agence Havas, o *Didot Bottin* (anuário), *Le Temps*, *Le Figaro*, *Le Petit Journal*, *Le Petit Parisien*, Les Publications Périodiques (Desfossé), a Librairie Hachette, Les Publications Périodiques Marinoni e inúmeras gráficas e fábricas de papel.

A Librairie Hachette, por exemplo, em 1932, após ter amortizado quase 13 milhões, registrou um lucro líquido de 16,5 milhões; além do dividendo de 110 francos por ação, com novo saldo de 11 milhões e 375 mil francos.

253.23 Formas e instituições do comércio livreiro

253.231 *DISTRIBUIDORAS*

Distribuidoras. A reposição de estoque do livreiro é complexa, uma vez que ele deve se dirigir a um grande número de fornecedores, os editores, que vendem produtos específicos e geralmente não intercambiáveis, porque eles atendem às necessidades ou aos desejos mais diversos. Há, por assim dizer, pulverização do trabalho que o livreiro deve realizar. Se não for cuidadoso, fatalmente haverá desperdício no transporte e, consequentemente, mais despesas. No entanto, a remuneração do livreiro é apenas um desconto definido sobre o preço de capa. Esse desconto é uma espécie de acordo de vendas que a editora celebrou com o livreiro e no qual ele deve embutir todas as suas despesas e o lucro líquido. Portanto, cabe ao livreiro reduzir ao máximo a proporção dos seus custos.

Por outro lado, os clientes têm pressa. O livro é tão mais desejado quanto formos capazes de encontrá-lo imediatamente.

Da necessidade de diminuir drasticamente as despesas do livreiro e de reabastecê-lo imediatamente é que nasceram as distribuidoras.

[1] Sylvain Bonmariage, *Mercure Universel*, juin 1932, p. 27.

253.232 *VENDAS DE PORTA EM PORTA. LIVRARIA AMBULANTE*

A) Os vendedores ambulantes desempenharam um papel importante desde a invenção da impressão. Eles geralmente vendiam livros baratos, almanaques, obras religiosas ou de caráter popular. Eles foram os precursores do *quai* de Paris. Seus serviços eram frequentemente requisitados por sociedades religiosas e outros propagandistas. Na Inglaterra do século XVI, difundiram os panfletos dos puritanos, dos monarquistas e dos católicos. No século XIX, distribuíram Bíblias e folhetos religiosos.[1]

b) O desenvolvimento da imprensa diária, o progresso do ensino fundamental, a difusão do livro e o surgimento da livraria local foram um golpe praticamente decisivo para a literatura de lendas, de comédia de absurdos, de futilidades e frivolidades, como era antigamente.

c) A venda de livros de porta em porta tem sido e continua a ser um meio de comercialização do livro. Nos lugares remotos dos Estados Unidos, os livros são geralmente conhecidos pelo público somente através dos vendedores ambulantes. Não há nenhuma loja bem abastecida para satisfazer aos gostos e despertar a curiosidade dos leitores.

Uma inovação consistiu em automóveis transformados em livrarias. Destinam-se a vender as obras oferecendo-as nas cidades onde não existem livrarias, a não ser de forma rudimentar.

253.233 *SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇÃO DE JORNAIS*

Grandes serviços de distribuição de jornais e periódicos foram organizados. Na França, as Messageries Hachette fornecem serviços de distribuição e venda em bancas e nas estações ferroviárias. Elas despacham diariamente até 275 mil kg de impressos em 58 mil pacotes. A venda em Paris conta com o auxílio de 15 furgões e 55 depósitos, que atendem a mais de 260 livrarias-papelarias e bancas. Os serviços de assinatura, terceirizados pelas empresas publicadoras, embalam e despacham prestamente os jornais para um milhão e 55 mil assinantes.

As Messageries assumiram uma grande importância. Proprietárias das '*bibliothèques de gare*'* e das bancas de jornais, elas se valeram de sua condição de monopólio para excluir da distribuição certos órgãos que as desagradavam. Varejistas e distribuidores da França, apoiados pelos jornais excluídos, lideraram uma campanha de protesto. Com base na condição de sociedade anônima, as Messageries poderiam facilitar a penetração de empresas estrangeiras. Foi reivindicado que houvesse controle pelo Estado.[2]

253.234 *LIVRARIAS DE LIVROS USADOS*

1. A compra e venda de livros usados são objeto de um ramo especial do comércio livreiro, chamado *bouquinerie* (comércio de alfarrábios) ou livreiros antiquários. Eles dão origem a organizações poderosas.

2. Por exemplo, grandes livrarias adquirem todo o estoque de certos periódicos e livros e os colocam à venda por um preço tornado possível por causa de sua escassez no mercado. Algumas empresas também têm um departamento especial para teses e separatas. Elas adquirem bibliotecas inteiras. Possuem agentes em todo o mundo o que lhes garante o recebimento contínuo de livros usados. A combinação com os serviços

---

[1] Charles Nisard. *Histoire des livres populaires ou de la littérature du colportage*. Paris, Amyot, 1854. 2 v.
[2] Uma decisão recente sobre as Messageries Hachette contém considerações muito sugestivas.

modernos de comercialização de livros completa o sistema. A concentração das assinaturas de periódicos, encaminhadas em seguida às editoras, traz facilidades de todos os tipos na ativação das expedições. Têm contas bancárias e cheques postais em todos os países, e agências em grandes centros universitários. A centralização de encomendas num único livreiro acarreta redução de custos. Remessas de livros e fascículos de periódicos podem ser feitas ao mesmo tempo. Os acertos de contas são feitos com uma única empresa. A livraria Gustave Foch, de Leipzig, tem filiais em Berlim, Nova York, Tóquio e Osaka. A empresa divulga que se relaciona com 50 mil clientes; que seu estoque permanente de teses, anuários e separatas ultrapassa 500 mil; que em seu boletim bibliográfico mensal (*Bibliographisches Monatschrift*) citou cerca de 150 mil obras. Ela fez a distribuição de 664 catálogos, alguns dos quais incluem até 600 itens. Anuncia a venda de 15 mil monografias, teses, programas e folhetos cobrindo todo o campo da filologia clássica por cinco mil marcos.

A empresa H. W. Wilson anuncia que dispõe para seu serviço de intercâmbio de periódicos de mais de um milhão de exemplares de fascículos de três mil periódicos. Ela elaborou um catálogo desse material.

3. Em geral, como obter livros que estão fora de circulação ou esgotados? (*out of the way and out of print*).* Existem os sebos, os leilões de livros e as duplicatas das quais bibliotecas e pessoas estejam decididas a se desfazer. Publicam-se catálogos e há as seções de livros procurados (por ex., 'Books wanted', publicada em *The Publisher and Bookseller*. Mas todos esses meios carecem de rapidez, porque não estão relacionados e trabalham de modo descentralizado. A Repartição Internacional de Bibliografia estudou um projeto que consistiria em estabelecer, ao lado do Repertório Bibliográfico Universal, uma 'bolsa internacional', a saber, um sebo onde as ofertas de livros estariam em fichas verdes e os livros procurados em fichas cor-de-rosa. As livrarias de livros de segunda mão e os particulares estabeleceriam as condições e, por uma pequena taxa, as fichas seriam inseridas no repertório da bolsa. Bibliotecas, particulares e livreiros também agiriam em nome de seus clientes ou com o objetivo de integrar determinadas coleções, elaborariam e enviariam as fichas cor-de-rosa. A oferta encontraria automaticamente uma solicitação no repertório. Assim como as fichas da Cruz Vermelha em Genebra facilitaram o reencontro de membros das famílias evacuadas e exiladas durante a guerra.

4. *Livros de segunda mão*. A Börsenverein alemã tomou decisões relativas à venda de livros usados: a) qualquer obra cuja edição esteja esgotada pode ser colocada em um catálogo de livros de segunda mão; b) em compensação, é proibido fornecer a preços reduzidos, como se fosse uma obra usada, uma edição esgotada que não existe mais em estoque e exemplares novos de uma nova edição; c) é proibido vender ou anunciar para venda a preços reduzidos volumes que ainda não foram publicados ou dos quais só tenham sido publicadas partes; d) no caso de uma obra esgotada que inclua vários fascículos antigos e que tenham sido completados por meio de fascículos novos, a venda ao preço de livros de segunda mão só será permitida se a parte complementar constituir uma pequena fração em relação à obra como um todo.

253.235 *FEIRAS DE LIVROS*

Paralelamente às livrarias fixas, existem as feiras de livros (*book fairs*,

Messe). Elas eram particularmente importantes na Alemanha. Começando em Frankfurt, mudaram-se para Leipzig, onde floresceram e esta cidade se tornou o centro livreiro alemão. As feiras contribuíram para a difusão do livro. Na de Leipzig surgiram os catálogos, antecedentes das bibliografias comerciais sistemáticas, e a corporação de livreiros alemães. As feiras alemãs eram um meio de reunir editores, cientistas, autores e compradores de livros.

253.236 *LEILÕES*

Os leilões de livros são uma atividade importante do comércio livreiro em geral. Eles se constituem no melhor meio de liquidar coleções após o falecimento do proprietário ou quando ele se vê forçado a vender. Essas vendas feitas em leilões contribuem para definir o preço dos livros antigos no mercado. Para esses leilões são feitos catálogos, muitas vezes notáveis, compilados por bibliógrafos especialistas. Também são publicados na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos catálogos de todos os leilões realizados num ano (*Jahrbuch der Bücherpreise*, organizado por Gertrud Hebbeler, vol. XXVI, 1931, XIII-342, Leipzig, Harrassowitz). (Sessenta leilões na Alemanha, Áustria, Holanda, Escandinávia, Tchecoslováquia e Hungria, quatro mil e 500 obras referenciadas). Em Paris, os leilões de livros ocorrem no Hôtel Drouot.

253.24 Modalidades diversas

1. *Especialização*. A livraria pode ser geral ou especializada. Há livrarias exclusivamente dedicadas à venda de livros infantis.[1]

2. *Concentração*. A concentração também ocorre com as livrarias alemãs. A empresa Vereinigung Wissenschaftlicher Verleger De Gruyter und Co. (V. W. V.) absorveu em 1922 as empresas G. J. Göschen, Guttentag, George Reimer, Karl J. Trubner, e Veit und Co.

3. *Livrarias não comerciais*. Existem livrarias com serviços de comercialização, que não visam ao lucro, estabelecidas com base no *self-supporting*.

Por exemplo, o serviço de livraria técnica organizado por empresas especializadas industriais e comerciais, a fim de documentar sua clientela.

Universidades criaram serviços de livraria. A universidade de Columbia, por exemplo, tem uma livraria que vende com desconto aos estudantes as obras que são úteis para seus estudos (The Columbia University Bookstore).

4. *Distribuição gratuita de livros*. No Uruguai, a *Enciclopedia de Educación*, publicação trimestral dedicada a trabalhos estrangeiros e publicada pela diretoria de educação primária e normal, é enviada gratuitamente aos diretores das escolas públicas que têm que mantê-la na biblioteca escolar como patrimônio da instituição que administram.

5. *Monopólio*. As livrarias, na URSS, pertencem ao Estado. Na Iugoslávia, a agência Avala foi declarada, a partir de 1º de agosto de 1932, concessionária do monopólio de importação de revistas e jornais do exterior.

253.25 Métodos

A livraria põe em prática vários sistemas de difusão do livro.

a) Livraria de varejo.

b) Sistema de ofertas em domicílio, ou venda aperfeiçoada de porta

---

[1] Ex. A livraria Walter Schatzki, Frankfurt.

em porta (venda de obras por intermédio de agentes, mascates, caixeiros viajantes).

c) O *mail order business* (reembolso postal).

d) Sistema de catálogos, em jornais e revistas, que consiste em concentrar uma publicidade enorme em um único artigo de cada vez.

Entre as estratégias publicitárias, cogitou-se sacrificar determinado livro, enfiando uma página em cada encomenda enviada aos clientes, tendo o cuidado de indicar a fonte.

e) As livrarias introduziram as noites de autógrafos, quando os autores assinam as suas obras.

f) Recomprar a preço reduzido exemplares da edição anterior dos assinantes da nova edição. Ex: O *Andreescher Handatlas* recompra por 10 marcos as primeiras edições dos compradores que pagam 32 marcos. pela nova edição; que então podem ser adquiridas por 22 ao invés de 32 marcos.

g) Instalação de máquinas automáticas de venda de livros nas estações de trem: 12 livros à escolha.

h) Os livros são oferecidos como bônus pelos jornais: um livro acompanha uma assinatura. Anteriormente, por volta de 1835, livros eram vendidos na França com bilhetes de loteria. Os romances e os guias reembolsáveis são formas modernas do livro vendido com bonificação.

i) A remessa, para exame, de publicações de categorias definidas previamente para serem apreciados em casa por alguns dias facilita as compras de pessoas que não têm disponibilidade de ir à livraria.

j) O Bücherzettel, em uso na Alemanha, é uma espécie de cartão-postal no qual a pessoa escreve de um lado o endereço de uma editora ou de uma simples livraria de varejo, e, do outro, o título do livro desejado, e informando seu endereço. O cartão então é selado e postado. Três ou quatro dias depois, o carteiro entrega a encomenda e recebe o pagamento que, por uma taxa muito pequena, é enviado ao remetente.

253.26 Preços e comissões

O preço dos livros é igual a todos os preços. Desde a guerra ele sofreu constantes mudanças.

a) Exemplares do *Décret* e das *Décrétales*, bem escritos e bem corrigidos, sem qualquer luxo de miniatura ou iluminura, custavam, cada um, uma soma que representava cerca de 1 200 francos atuais. No século XIII, os jovens canonistas começaram a encontrar esses manuscritos para alugar nos *stationarii*. Em 1303, os livros escolares custavam apenas de sete *deniers* a 10 *sous*. Em 1463, Johannes Fust vendeu sua famosa Bíblia de 1464 por 40 coroas (cerca de 375) ou mais. Um in-fólio valia no século XIII entre 400 e 500 francos atuais. No final do século XIV, um exemplar do *Roman de la rose* era vendido em Paris por 833 francos.

Após a invenção da imprensa, o preço de uma mesma obra caiu de 500 para três francos.

b) Em 1904 Stanley Jast avaliava em cinco xelins por exemplar o preço médio dos livros publicados na Inglaterra.[1]

Para 29 revistas científicas alemãs listadas pelo sr. Roquette, antes da guerra, o preço da assinatura anual passou de 438 marcos, em 1870, para 1 187 marcos em 1900.

---

[1] *The Library*, 1904. p. 146.

Grandes romances populares, de 350 páginas, eram vendidos antes da guerra por 65 centavos de franco. Mérouvel, etc.

Antes da guerra, o livro de preço impresso na capa, o famoso e clássico *prix marqué* de 3,50 francos era vendido por 3,20, 2,75 e às vezes 2,65 francos.

c) Em novembro de 1917, podia-se dizer ao Comité du Livre* que o preço do papel aumentara de 100 à 400%, o preço das tintas na mesma proporção, o papelão para cartonagem e encadernação em até 700%.

O aumento do preço dos livros (25 francos pelo que há 20 anos custava 2,75 francos) abre um novo caminho para o empréstimo de livros e os gabinetes de leitura.

"Hoje estima-se que um volume no formato in-16 *Jésus* [19 × 24 cm] ou in-8° *couronne* [18 × 11,50 cm] por seis francos franceses, quando não for um saldo disfarçado, constitui verdadeiro *dumping*, uma concorrência desleal, um subpreço demagógico, que só é possível por meio de combinações equivocadas quanto aos direitos autorais, a qualidade material do volume, etc." (Sylvain Bonmariage.)

O livro de biblioteca, nos Estados Unidos e no Canadá, se vende por 2,50 dólares, na Alemanha e na Inglaterra por cerca de 35 francos. Na França, propôs-se que o preço do livro de biblioteca fosse fixado em um mínimo de 15 francos por volume de 300 páginas, mediante acordo entre o Cercle de la Librairie e a Société des Gens de Lettres de France.

d) Agora, esforços vêm sendo envidados para manter as vendas com preços impressos na capa. Aviltar o preço do livro "é precarizar o lucro razoável do livreiro e do editor. Corre-se o risco de abalar o prestígio literário, que tem direitos e deveres. O livro, de fato, é um objeto único e também é razoável admitir que ele tenha um preço fixo, da mesma forma que se admite no caso de uma especialidade farmacêutica ou um perfume." (Henry-Jacques.)

O Congresso Internacional de Editores manifestou a esperança de que as associações nacionais de livreiros e editores façam acordos bilaterais entre si, fixando oficialmente o preço de venda de seus livros em cada país, acordos que devem ser submetidos à secretaria permanente do congresso, que será responsável por apresentar um projeto de convenção internacional em uma sessão futura. Em caso de impossibilidade de acordo, o preço de venda deverá ser, no mínimo, o preço cheio de venda no mercado doméstico.

e) A comissão do livreiro é variável. Vai de 20 a 50%. Anteriormente havia a prática de a cada dois exemplares comprados pelo preço cheio o livreiro recebia um terceiro exemplar.

f) Os mortos vão-se rapidamente, e também os livros. Um vai atrás do outro, e os livros de hoje serão relegados às prateleiras mais altas dos armários e ao fundo das lojas, e os de ontem, à espera do encontro nas liquidações. Ou seja, todos acabarão, nos mostruários de calçada e nos catálogos, com um desconto de 60 ou 75%.

g) Lemos muito durante a guerra. No pós-guerra imediato e por alguns anos, a indústria do livro atingiu seu auge de prosperidade. Então veio a crise. Deveria ser possível determinar em que medida a redução gradual das vendas pode ser atribuída à falta de dinheiro e quanto à diminuição do interesse pelo livro.

As crises econômicas também afetam o livro. As causas gerais têm influência aqui. Entre elas enumeramos o cinema, o rádio, o fonógrafo e o

automóvel. Considere-se também o baixo valor de alguns livros de editoras que editam de qualquer maneira, qualquer coisa, de qualquer um.

h) O livro, para ser barato, deve ser vendido a 6,50 ou 3 *sous*. Esse livro será uma espécie de jornal dobrado e costurado, capaz de ser preservado e feito em série. Este é o futuro do livro democrático moderno. O camponês e o operário agora sabem ler; mas é preciso que tenham o que ler. Eles querem algo além de almanaques. (Haustaux.)

253.27 Comércio Exterior

253.271 *EXPORTAÇÃO*

Em alguns países os livros são de real importância para o comércio exterior. As estatísticas aduaneiras os consideram por peso. Em 1928 a França importou 4 189 900 kg (1 270 200 kg de livros, 2 849 000 kg de jornais e revistas, 21 100 kg de mapas, e 68 600 kg de partituras). Foram exportados 20 289 400 kg (4 480 600 kg de livros, 5 589 600 kg de jornais e revistas, 54 400 kg de mapas, e 12 289 400 kg de partituras). Portanto, foram exportados cinco vezes mais livros franceses do que a França importou de livros estrangeiros.

Em dois anos e meio, 19 milhões de volumes alemães entraram na França.

253.273 *DIREITOS ADUANEIROS*

O regime alfandegário dos livros é muito variável. Na Dinamarca, existe a imunidade aduaneira para o livro. Nos Estados Unidos, os livros encomendados pelas bibliotecas não pagam direitos aduaneiros.

Em alguns países, a fim de promover a imprensa, as gráficas e a educação em geral, a importação de papel de impressão é livre de taxas, assim como a importação dos livros impressos. (Chile.)

253.28 Instalações e costumes

253.281 *OS LOCAIS E AS INSTALAÇÕES*

A antiga loja de livros altera profundamente sua aparência. Ela adquire o aspecto arejado das seções de lojas de departamentos; muitas vezes ela é apenas a sucursal de uma organização com várias ramificações, torna-se ao mesmo tempo uma loja, um depósito, uma vitrina, um gabinete de leitura e logo um centro de orientação e informações bibliográficas.

A arquitetura do nosso tempo apresenta estas duas características: ela é fundamental, ela atende às necessidades específicas de cada espécie de trabalho e finalidade, por outro lado, a instalação e os equipamentos estão em conexão e ligados diretamente ao prédio e aos próprios locais. O mostruário da livraria deve ser apenas o atraente prefácio da loja, do próprio estabelecimento.

O conforto rivaliza com o luxo e a beleza nos salões de vendas. Ambiente refinado, poltronas macias, flores frescas. Algumas livrarias, como as de Brentano, Scribner ou Macmillan, são verdadeiros palácios. As outras, menos suntuosas, se esforçam, no entanto, para sempre apresentar os livros em um ambiente apropriado. Como estamos ainda longe disso, acostumados, oh, tristeza! com esses caixotes sombrios de volumes uniformes, enfileirados em prateleiras. Ao sul, o livro se apresenta em um cenário digno de sua primazia intelectual; não o sebo indigente ao qual se dá tanta atenção quanto a que se dá a qualquer quitanda.

A disposição do espaço da livraria (arquitetura–instalação–ordena-

ção) deu origem a muitas soluções inventivas. Em uma delas, houve um esforço para armazenar a maior quantidade possível de livros, noutra, a instalação permite que os clientes folheiem confortavelmente os livros expostos sobre as mesas; e ainda em outra, também existe a tentativa de atrair o público transmitindo-lhe uma impressão surpreendente de abundância e variedade; e alhures a livraria transborda para a calçada e assim, voltamos indiretamente aos toldos de antanho.

253.282 *AS VITRINAS*

A revista *Publishers' Weekl*y organizou, no primeiro semestre de 1932, um amplo concurso de vitrinas de livrarias nos Estados Unidos, da qual podem ser extraídas as seguintes leis.

As melhores vitrinas são as que se dirigem ao maior número de pessoas, que dão uma ideia do que se pode encontrar no interior, que fazem o transeunte parar, que o forçam a entrar e o deixam no estado de espírito ideal para ouvir sem resistência a conversa do vendedor. As boas vitrinas mantêm o meio-termo entre superabundância e pobreza; chamam a atenção por todos os meios lícitos; apresentam as mercadorias à altura dos olhos, expostas de forma agradável, e que falam o máximo possível à imaginação; impactam quando é necessário impressionar; conforme a necessidade, são barrocas, atordoantes, mas se revestem de dignidade com igual facilidade; atraem os transeuntes com fotos, cartazes, cenas pitorescas e curiosidades de todo tipo; apresentam um conjunto de livros diferentes com a mesma atratividade de um único título; oferecem reedições com o mesmo entusiasmo com que apresentam a última novidade por cinco dólares; usam a atualidade para manter o interesse; divulgam fatos paralelos à história do livro ou do autor. A vitrina pode chocar, seduzir, provocar ou excitar, mas nunca entediar; se ela vende livros infantis, ela vende para adultos e crianças; se expõe livros de um dólar, ela convida quem não lê a começar a ler e o leitor habitual a ler mais; se promove um livro *que deve ser lido*, ela explica o porquê; toda semana ela é nova, fresca, atraente e atualizada. A vitrina é o melhor vendedor. Não se deve poupar tempo nem esforço para montá-la habilmente; esses esforços pagam dividendos com o incremento geral nas vendas e renovado interesse pela loja.

Houve uma reforma nas livrarias no dia em que colocaram livros em um mostruário do lado de fora, à disposição de todos, que poderiam examinar seu conteúdo, eliminando qualquer surpresa para o comprador.

É lamentável que não se aproveite melhor a rua para vender livros. — Nem os vendedores ao ar livre em logradouros públicos nem os comerciantes dos mercados vendem produtos bibliográficos, e, contudo, quantas possibilidades haveria para isso.[1]

Os 'bazares de livros' são há muito tempo uma curiosidade das cidades turcas. Eles contêm todas as variedades da literatura muçulmana, as obras dos autores turcos, árabes ou persas, antigos e modernos.

253.283 *CONTAS DE CLIENTES*

A boa organização das contas entre livreiros e clientes é motivo de boa relação e fonte de eficiência do comércio nos Estados Unidos.

O comprador é bem-vindo e precisa ser mimado. Ele recebe crédito sem dificuldade. É aberta para ele uma *charging account*, uma conta cor-

[1] Rafael Alberto Arrieto. El libro y la calle. *Boletín de El libro y el Pueblo*, México, sept. 1929.

rente de compras a serem quitadas no final do mês. Uma fatura provisória acompanha cada encomenda, e alguns dias antes do vencimento, um extrato chega ao cliente que transfere o valor em cheque, ao mesmo tempo que paga as contas de aluguel, água ou eletricidade.

253.284 *ACERTOS DE CONTAS. CONTABILIDADE*

Em todos os ramos do comércio, os métodos de liquidação de contas se aperfeiçoaram. A importância das boas práticas é grande, especialmente para as contas de varejo, inumeráveis em princípio e incapazes de arcar com os custos ordinários de contabilidade e cobrança. Na Alemanha, os atrasos na quitação das contas entre editores e livreiros foram objeto de uma luta feroz. Os pagamentos são feitos duas vezes por ano. Atualmente existe uma organização centralizada para o recebimento desses pagamento. (Escritório de pagamento e desconto.)

253.285 *DOCUMENTAÇÃO ADMINISTRATIVA. CONTROLE*

1. A documentação administrativa da livraria (documentação relacionada às atividades da livraria) baseia-se principalmente em: 1° bibliografias e anúncios de novidades; 2° as fichas de estoque; 3° os formulários de encomenda.

2. *Controle*. As vendas dos anos anteriores e as suas médias por categoria, por autores e editores, devem ser utilizadas para estimar o valor das compras futuras; o controle do estoque permanente, feito de forma regular e racional, é absolutamente necessário para direcionar as próximas compras.

No acordo entre a American Publishers Association, a American Booksellers Association e a *Publishers' Weekly*, foi adotado um modelo-padrão de fichas de estoque, dando ao mesmo tempo informações práticas e concisas. A frente do cartão tem o nome do autor e da editora, o título, a data de publicação, a classificação, o formato, o número de páginas e o preço. Uma sinopse, com cerca de sessenta palavras, resume o enredo e os personagens principais, se for um livro de ficção, ou expõe a ideia principal para os outros casos. Em um campo reservado, indica-se o público-alvo e se é popular, intelectual ou especializado.

Os livros infantis são classificados por faixas etárias. Se o livro pertence a uma coleção, isso é mencionado. Outro campo destina-se a relembrar os livros publicados pelo mesmo autor, seus resultados de vendas e a relação que seus trabalhos anteriores apresentam com o livro atual. O verso da ficha está inteiramente disponível para as informações sobre encomendas e estoque. Três colunas são reservadas para a data, o estoque e o pedido. O trabalho é, portanto, muito simplificado; pode-se saber a qualquer momento sobre a situação do estoque e levantar o número de vendas feitas em determinado momento. Estas fichas de estoque são generosamente fornecidas pelos editores.

Além disso, encontramos em cada livraria um sistema para controlar os orçamentos de compras, vendas, despesas e verificação de estoque; assim, os varejistas não compram além de sua capacidade de vendas e, portanto, não acumulam volumes que não podem escoar.

253.286 *CLIENTELA*

As empresas alemãs Karl May, Herder und Co. e Eugen Diederichs fizeram enquetes entre seus clientes sobre os motivos da compra dos li-

vros. Uma dessas pesquisas, com base nas 17 935 respostas aos 115 486 questionários, concluiu que o leitor tinha comprado o livro pelas seguintes razões:

1°	Ele já o tinha lido em uma biblioteca	5,55 %
2 °	Ele tinha lido um livro da mesma coleção	44,40%
3 °	Um amigo recomendou	8,45%
4 °	Ele viu na vitrina	1,40%
5 °	Ele leu um anúncio	1,60%
6 °	Ele ganhou de presente:	
	a) no Natal	20,15%
	b) no aniversário	11, 5%
	c) em outras ocasiões	7,49%
		———
		100, 00%

253.287 *EMBALAGEM*

A embalagem dos livros tem uma importância real. Em sua forma atual, consiste em uma folha de papel de embrulho, várias folhas de papel ordinário, uma etiqueta e um barbante. Em sua forma mais avançada, a embalagem é feita com uma caixa de papelão de tamanhos variados, correspondentes aos formatos adotados. É mais resistente, menos pesada, de utilização mais rápida, de boa apresentação e adequada para verificações postais e aduaneiras.

253.29 A documentação na livraria

a) Seria necessário que, em cada livraria, o comprador pudesse sentir-se em casa e, para isso ele não teria, a cada livraria, que ser iniciado em diferentes critérios de ordenação, de catálogo, de disposições materiais. A característica de uma rede é oferecer os mesmos elementos essenciais em cada uma de suas estações. Suponhamos que nossas grandes redes ferroviárias tivessem colocado os viajantes diante da necessidade de estudar o planejamento de cada estação antes de poder usar seus serviços: seria uma complicação e uma perda de tempo. Suponhamos que os serviços de navegação, os correios, o gás e a eletricidade, tivessem feito o mesmo. O ritmo de nossa civilização seria diferente e cada nova invenção complicaria a vida ao invés de simplificá-la.

b) As obras colocadas à venda são hoje dispostas nas prateleiras em condições completamente arbitrárias, de modo que o grande princípio de 'sirva-se você mesmo' não pode ser posto em prática. Seria diferente se a classificação universal (a Classificação Decimal) fosse aplicada a essa ordenação. Sabendo que à mesma divisão 7, por exemplo, correspondem todas as prateleiras onde se encontram as obras sobre belas-artes, qualquer leitor, conhecendo os índices das matérias que o interessam, pode encontrá-las. Para os funcionários da livraria isso seria uma grande economia de tempo, pois a mesma classificação, ensinada a eles ainda quando aprendizes, seria encontrada em todos os lugares, independentemente de suas andanças e mudanças de emprego.

c) Um catálogo do conteúdo das estantes deveria ser posto à disposição dos compradores ao mesmo tempo que serviria a todos os funcionários interessados. A consulta desse catálogo é mais rápida do que o exame das próprias obras. Serve para todo mundo como um auxiliar da memória. Esse catálogo deveria ser feito em fichas, ordenadas tanto por autor como por assunto, neste caso de acordo com a Classificação Deci-

mal aplicada aqui do mesmo modo que nas estantes e estabelecendo um paralelismo perfeito entre a ordenação das próprias obras e a do catálogo.

d) Mas o catálogo deveria ser completado por um repertório bibliográfico, implantado em combinação com o catálogo, bem distinto dele, mas também em fichas e segundo a Classificação Decimal. Este repertório deveria compreender as obras fundamentais de todos os assuntos e, em particular, as obras recentes. Seria um poderoso instrumento de vendas. O que se ignora não se pode desejar. Tantos livros excelentes, maravilhosos e preciosos, por um preço insignificante em comparação com os serviços que podem proporcionar. Existem tantos desses livros que ninguém, mesmo os leitores compradores, ou os empregados das livrarias, conhecem, ou, se conheceram, deles não guardaram nem os títulos, nem os autores.

e) Seria preciso também que cada livraria estivesse ligada à respectiva agência nacional de bibliografia e documentação. Todas agências nacionais são convidadas a se conectar às agências especializadas ou locais de documentação; por outro lado, estes também são convidados a se manter conectados com outras agência nacionais e com o Instituto Internacional de Bibliografia e Documentação. Consequentemente, cada livraria seria uma estação da rede universal, ou seja, todo leitor comprador que a ela se dirigisse poderia receber por seu intermédio todas as indicações bibliográficas desejáveis sobre o assunto de seu interesse. A bibliografia aqui é sinônimo de canal de vendas.

f) Também seria igualmente necessário que toda livraria possuísse e usasse permanentemente o volume das tabelas da Classificação Decimal. Essas tabelas, como será explicado, compreendem atualmente sessenta mil divisões sistemáticas ordenadas, todas representadas por números classificadores; são acompanhadas por um índice alfabético cuja apresentação é da maior simplicidade. Essas tabelas serviriam de instrumento para a ordenação dos livros nas estantes, para o catálogo-repertório, para consultas de informação. Mas ainda teria o resultado de lembrar ou informar ao leitor sobre as circunstâncias relativas às questões pelas quais ele se interessa. Folhear essas tabelas é receber vinte sugestões diferentes, todas igualmente úteis, para estudos, para informações, para aplicações da vida prática. É também, portanto, o instrumento para expandir as vendas.

253.291 *FONTES DE INFORMAÇÕES*

A documentação tem uma dupla função a cumprir na livraria. a) Informar o livreiro sobre os livros a serem vendidos pela livraria. b) Informar os clientes sobre os livros existentes. Na concepção de uma rede universal de documentação, cada livraria pode ser comparada a uma estação que se mantém em ligação permanente com os centros nacionais e com o centro mundial da rede. A livraria, como a biblioteca, é o ponto de contato com o leitor, com o público. Ela tem o maior interesse em servir como um canal entre eles e os centros de informação, por um lado, e os centros de abastecimento, por outro lado.

Os livreiros norte-americanos têm todo um ferramental para se orientar na massa crescente de publicações e escolher aquelas que lhes parecerão as mais fáceis de vender entre sua clientela. Para tal fim existe toda uma imprensa especializada: bibliografias gerais ou especializadas, jornais e revistas literárias, catálogos de editores, periódicos da American

Library Association e da American Association of Bookpublishers,* *booksellers clubs* e bibliotecas. A revista semanal oficial da corporação de livreiros, *The Publishers' Weekly*,* editada em Nova York, constitui a principal fonte de informação. Toda semana publica uma centena de páginas com matérias preciosas: críticas de livros recentes, anúncios de novidades no prelo, estatísticas de *best-sellers*, biografias de escritores, reproduções de ilustrações, retratos de editores, estudos sobre os processos de produção, bibliofilia, curiosidades, conselhos práticos, resultados de experiências, métodos organizacionais, sugestões sobre como expor os livros, campanhas publicitárias, lições sobre como vender, etc. Sem esquecer um duplo índice alfabético de autores e títulos de todos os livros, de ficção e não ficção, recém-impressos nos Estados Unidos durante os oito dias anteriores. Revista muito completa, como vemos, e cuja documentação é de primeira linha. Há também o volumoso *Publisher's Trade List Annual*, que, há sessenta anos, publica uma lista, por editores e por autores, de todos os livros norte-americanos que estão à venda.

A livraria vale-se da publicidade como instrumento de trabalho, mas publicidade de informação, de documentação: remessas de catálogos, de recensões de livros; demonstrações do interesse por determinada obra, da aprovação de outra, da utilidade de uma terceira; ofertas de pesquisas e vendas de livros de múltiplas editoras.

Existe um repertório internacional de livrarias.[1]

253.292 *ENSINO PROFISSIONAL*

O Cercle de la Librairie, de Paris, organizou cursos sobre livrarias, que ele cogita completar com cursos por correspondência. Foi solicitado que fosse dado a esses cursos um caráter oficial. Assim, fariam com que a livraria voltasse a ocupar o lugar que ela ocupava na antiga França, por causa de sua patente e seus privilégios, no armorial dos ofícios.

Vejamos o programa dos cursos sobre compra e venda de livros na Columbia University, de Nova York:

1. *Seleção e compra de livros*. Estudo da profissão com aplicações à compra de livros de qualidade. Escolha de edições que atendam às necessidades de vários mercados. Determinação de quantidades para estocar. Descontos. Condições de pagamento. Métodos de compra e outros problemas de ordem prática. Exercícios práticos de encomendas. Demonstrações de vendas por um representante da editora, descrevendo os fatores que afetam a compra de livros a serem publicados.

2. *Aspectos práticos da venda de livros*. Estudar a localização e instalação de uma livraria. Encomendas e arrumação do estoque. Anúncios e publicidade. Manutenção dos livros e do inventário permanente. Estatísticas. Previsão de vendas, etc. História do comércio livreiro. História da confecção do livro e estudo dos processos modernos. Demonstrações práticas sobre cada tema e discussões. Visitas a instituições que representam os vários aspectos da indústria do livro, da gráfica à editora, e das distribuidoras atacadistas às livrarias de diversas categorias. Pesquisas de campo pelos alunos com a obrigação de relatá-las aos colegas.

Os cursos são ministrados por profissionais, diretores de estabelecimentos muito importantes e renomados pelo seu modernismo. Não ensinam meras teorias, mas os meios práticos que sua experiência lhes

* American Booksellers Association. [N.E.B.]

* Sempre foi uma revista editada sem ligação com associações de livreiros. Atualmente se chama *Publishers Weekly*. [N.E.B.]

[1] Clegg, James. *The international directory of booksellers*.

permitiu considerar como os melhores.

253.293 *CONCLUSÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO COMÉRCIO LIVREIRO*

Pelas razões indicadas, é importante organizar a função dos livreiros e transformar cada um de seus locais em uma estação ativa de uma vasta rede de documentação. Essa rede inclui principalmente as distribuidoras centrais de livros ou bolsas do livro para abastecimento, as agências bibliográficas e de documentação para informações e as bibliotecas para difusão.

A) Ser uma estação dessas redes implica aceitar os regulamentos, as normas, as formas de cooperação e as recomendações. Tudo o que diz respeito à relação com as distribuidoras centrais já é um feliz avanço. Para que se possa ter ideia de todas as vantagens disso, convém lembrar o estado caótico e desordenado do comércio livreiro há algumas décadas. Na época, o espírito empresarial ainda não havia criado as poderosas organizações de hoje, de modo que as relações internacionais eram limitadas e a confiança que atualmente existe nem sempre estava presente.

B) As relações com as bibliotecas também foram durante muito tempo mal interpretadas. Parecia que colocar livros à disposição do público para leitura significava diminuir o público de compradores individuais. O grande desenvolvimento das bibliotecas públicas, principalmente nos países anglo-saxões e germânicos, mostrou que o contrário é verdadeiro. A biblioteca é um agente de difusão do livro e quanto mais um livro for conhecido, mais será comprado. A biblioteca é a melhor forma de publicidade gratuita dos livros.

C) As metas que hoje se colocam para a documentação geral são prementes. É necessário organizá-la.

253.3 Transportes, correios, telégrafos e telefones

253.31 Generalidades

a) A documentação se relaciona muito de perto com os meios de transporte e comunicação: o transporte de documentos já acabados; a transmissão a distância de sons (vozes) ou signos (alfabeto ou imagens) com local de recepção dos documentos prontos, enquanto outros foram estabelecidos no local de emissão para facilitá-la. Tudo que diz respeito ao desenvolvimento dos meios de comunicação interessa ao responsável pela documentação por dois motivos: maior velocidade na transmissão dos dados contidos nos documentos; aceleração na expedição de documentos e sua colocação em mãos dos leitores, espectadores ou ouvintes.

b) Os meios de comunicação se desenvolvem em três fases: 1° primeiro, a fala, depois os sinais (fogos noturnos, mensagens africanas por tambor); mais tarde, os mensageiros; 2 ° comunicação pela escrita; 3 ° a imprensa; 4 ° comunicação por meios mecânicos: sistema postal, telégrafo, telefone, rádio, estrada de ferro, automóvel, barco e avião.

c) O transporte de livros e documentos seguiu ao longo dos tempos todo o progresso dos meios materiais sucessivamente inventados e aplicados, mensagens a pé, a cavalo, diligência, barco, ferrovia, automóvel, avião. Ele emprega todos os meios de comunicação cuja evolução ao longo dos tempos tem sido extraordinária.[1]

[1] *The pageant of transport through the ages*, by W. H. Boulton. London, Sampson.

d) É impossível aqui dar uma visão geral, por mais breve que seja, da vastidão e da variedade que atingiu em nossos dias a rede universal de transportes e comunicações. É preciso referir-se a estudos sobre este assunto. Mas é importante ter sempre presente no espírito a existência dessa rede com todas as possibilidades atuais e futuras.

253.32 O correio

1. *Noção*

O serviço de correio consiste essencialmente em transportar as correspondências, umas manuscritas ou pessoais (cartas), outras impressas e impessoais (livros, revistas e jornais). O correio emprega os mesmos meios utilizados para o transporte de pessoas e mercadorias, acerscentando, em alguns casos, seus próprios meios (por exemplo, pombos-correio, foguetes postais, etc.) ou meios que organiza ao admitir terceiros para sua utilização (por exemplo, as malas postais). O correio é uma das instituições mais benéficas e simpáticas que o governo implantou. Oferece a cada homem uma maneira fácil e barata de entrar em relação direta com todos os outros homens, por mais distantes que estejam. As correspondências distribuídas pelo correio são como muitas flechas que podem ser disparadas em linha reta de qualquer lugar para qualquer lugar. Um selo e uma caixa de correios e está garantida a comunicação até os rincões mais remotos dos desertos africanos ou australianos.

2. *História*

Desde as origens da civilização, havia serviços de correio em todos os lugares. Os próprios selvagens têm seus correios e suas mensagens. Ciro criou em seu império estafetas que se revezavam para levar mensagens. Duas cartas endereçadas da Bretanha, de César a Cícero, chegaram, uma em 26, a outra em 28 dias. No império de Diocleciano, já havia um correio por conta de particulares. Carlos Magno, em 807, criou correios na Itália, Alemanha e parte da Espanha. Na Alemanha, em 1500, Franz von Taxis solicitou e obteve autorização para instalar um serviço de correios. No reinado de Luís XIII, as pessoas começaram a ter sua própria correspondência transportada por mensageiros reais. No reinado de Luís XIV, o envio de uma carta de Paris a Lyon custava 12 *sous*.

A estação de correios, criada em 1672 na França, foi adquirida por um milhão; menos de 100 anos depois, essa soma tinha decuplicado. No reinado de Luís XVI, havia em toda Paris seis caixas de correio. Mais tarde, em todos os lugares, o correio foi organizado como serviço do Estado. Em 1839, Rowland Hill adotou o preço único de um *penny* para o transporte de cartas em toda a Inglaterra. Em 1844, na França, foram anexados gabinetes ambulantes aos trens ferroviários. A União Postal Universal data de 1867. Atualmente, os serviços postais geram receita para os governos; a rede postal se expandiu imensamente; as sedes dos correios são edifícios complexos e suntuosos.

3. *Estatísticas*

O Post Office britânico emprega 230 mil servidores. Já em 1905, ele havia distribuído pela União Postal Universal 2,6 milhões de números de jornais comprados por assinatura postal, 32,140 milhões de correspondências (cartas, cartões-postais, impressos, documentos comerciais e amostras).

Os seguintes números referem-se à distribuição anual em uma única cidade, Bruxelas, com cerca de 700 mil habitantes (estatística de março de 1932):[1] 60 milhões de cartas, 16 030 mil cartões-postais, 21 600 mil encomendas, 40 200 mil jornais, 1 896 mil amostras sem valor comercial, 935 mil documentos comerciais, 47 980 mil impressos, 20 milhões de impressos sem destinatário ou franqueados,[2] 3 370 mil cartões de visita.

4. *Operações postais*

a) O correio ampliou sucessivamente o número de seus diversos serviços (correspondência, jornais, caixa de poupança, coleta e pagamento, etc.). Possui 14 serviços na Bélgica. O correio usa o termo genérico 'objeto postal'. O desenvolvimento do serviço de encomendas recém-implantado e o cheque postal ampliaram sua utilidade.

b) O correio transporta qualquer documento. No entanto, estabeleceu limites máximos de tamanho e peso e adota exceções quanto ao conteúdo. As agências postais auxiliares existentes nas grandes organizações que também produzem documentos facilitam a expedição (por exemplo, na Liga das Nações, em Genebra, no Instituto Internacional de Agricultura, eme Roma). O sistema de caixas *01 box* [*sic*] nas agências de correios públicas facilitam a distribuição a qualquer hora. Em alguns países, o correio aceita o despacho em massa de material impresso sem destinatário. Esse material será distribuído às pessoas da profissão indicada pelo remetente. Seu objetivo são os anúncios e listas de preços correntes.

c) Em novembro de 1929, houve em Genebra uma conferência europeia sobre o transporte de jornais e periódicos (documentos: 1930. § III, 1).

d) A pesquisa de endereços representa um grande trabalho para o correio. Dariam um volume, disse o sr. Zacione, os endereços grotescos, absurdos, incoerentes e ininteligíveis das correspondências que chegam periodicamente ao serviço de refugo, depois de passar inutilmente pelas mãos de todos os servidores qualificados. Ele cita o exemplo de uma carta endereçada 'Para meu filho em Paris', outra para Lyon 'Para o sr. M... que mora na casa perto de onde tem um monte de neve'; outra 'para o sr. Durand, no mesmo endereço da anterior'. Já em 1862, o número de cartas rejeitadas era de 2 175 206, das quais 100 176 eram para endereços incompletos, 638 257 para endereços onde os destinatários eram desconhecidos, 1 086 cartas sem endereço e 1 435 687 cartas recusadas.

5. *Selos postais*

a) O primeiro selo data de 1840.* No passado, havia selos postais simples aplicados manualmente nos envelopes. O número de selos existentes atualmente ultrapassa 60 mil. Esse número dobrou desde 1913. Os Estados começaram a fazer tiragens para fins fiscais: edições novas e caras. Existem inúmeros selos comemorativos. Por iniciativa de Rowland Hill, a Inglaterra adotou sozinha o selo durante dez anos. A França adotou-o em 1850. A companhia Thurn und Taxis* introduziu-o na Alemanha em 1850. Desde 1653, entretanto, vendiam-se na França bilhetes de porte pago.

No Congresso Postal Universal de 1906, foi apresentada a proposta de emissão do selo universal de 10 cêntimos.

* O Brasil foi a segunda nação do mundo a adotar o selo postal, em agosto de 1843. [N.E.B.]

* No original: Tour et Taxis.[N.E.B.]

[1] *L'Union Postale*, août 1933.

[2] Impressos de qualquer tipo, inclusive jornais e material de propaganda política, que dispensam o endereço dos destinatários e selos postais, para serem entregues em todas as casas de um distrito postal à base de um exemplar por imóvel.

b) Os selos ou cupons-resposta são um instrumento monetário usado em muitos casos. O 'selo mundial', emitido sob certas condições, seria o início de uma moeda mundial.

c) Os selos postais são os documentos de menor tamanho. Alguns são obras-primas e a imaginação, composição e desenho.

d) As condições de fabricação são muito complexas, a fim de evitar as fraudes de obliteração e de cancelamento. As oficinas impressoras de selos usam materiais que permitem a impressão em tipografia, talha-doce e heliogravura. O papel utilizado é de textura e composição adequadas a seu uso (metade de trapo, metade de pasta química). Em 1931, a oficina de selo produziu 670 milhões de selos postais belgas, representando um valor de franquia de 390 milhões de francos e 45 milhões de cartões-postais. Essa produção exigiu, no que diz respeito aos selos, 500 mil metros quadrados de papel (40 mil kg) e 12 mil kg de goma-arábica. As folhas são controladas uma a uma; o que escapa ao descarte por se apresentar defeituoso fará a alegria dos colecionadores e alcançará um valor às vezes enorme.[1]

e) Os selos foram usados para divulgação. Eles tornaram conhecidas cidades, locais, grandes homens e instituições; serviram para comemorar acontecimentos. Também foram usados para propaganda. Os soviéticos anunciaram a intenção de publicar selos antirreligiosos; antes disso, as correspondências com selos espanhóis, que violavam o respeito das crenças, foram proibidas nos Estados Unidos.

Os selos comemorativos são emitidos pelas administrações postais frequentemente com a realização de concursos.[2] Na França, o selo da campanha contra a tuberculose, criado em 1925, rende anualmente cerca de 20 milhões [*sic*], arrecadados durante um único mês, dezembro. Tudo é motivo e ocasião para renovar, para comemorar. Os fatos comemorados ampliam de alguma forma o simbolismo da filatelia e seu significado documentário.

f) Os selos são objeto de coleções. Atingem preços fantásticos, com base em sua raridade e não em sua beleza. Um selo das ilhas Maurício foi avaliado em um milhão de francos belgas. Os dois outros que foram emitidos em seguida são avaliados em meio milhão. Depois vem um selo da Guiana inglesa. Contam-se os colecionadores em centenas de milhares, mas há quem diga que chegam a milhões. Existe toda uma estrutura organizada: catálogos, comerciantes, publicações e revistas filatélicas, bolsas de selos, associações filatélicas internacionais, peritos, estudos para impedir falsificações, coleções públicas. O British Museum possui uma coleção que lhe foi doada por um rico comerciante da cidade e que vale milhões. Encontra-se exposta em um móvel especial onde se guardam, em compartimentos, os caixilhos que são retirados por ocasião de uma visita. Os selos mais preciosos são conservados em caixas-fortes. Assim acontece no museu postal de Berlim. Os selos representam um instrumento monetário empregado em inúmeras situações. A universidade de Cleveland criou um curso de técnica filatélica. Alguns periódicos filatélicos (principalmente *Der Philatelist*) publicaram bibliografias de filatelia.

Editam-se álbuns fac-similares de selos em folhas encadernadas ou em fichários móveis. É possível também fazer coleções de selos em fichas; este é um método que oferece a vantagem de crescimento indefinido e

---

[1] Belga. Les vignettes postales en taille-douce et en héliogravure. *La Chronique Graphique*, 1932, p. 167.
[2] Le timbre néerlandais de la Paix. *Bulletin Interparlementaire*, juin 1933, p. 114.

permite uma subdivisão bem detalhada da ordenação, por país e ano de emissão. As fichas divisórias indicam os países e os períodos de anos.

6. *Sigilo da correspondência*

O serviço de correios garante o sigilo da correspondência. No entanto, em tempos normais, em alguns países, são abertas as cartas de cidadãos suspeitos ou sobre os quais há desconfiança; a espionagem vale-se desse processo. Observa-se que a violação de correspondência não poupa nem mesmo os mais altos funcionários, que se vigiam mutuamente. A censura postal alemã foi recentemente aplicada à correspondência em trânsito. Isso estimula a criação de serviços postais aéreos, sem escalas, e suscita a questão da internacionalização do correio.

7. *Franquia postal*

As organizações de documentação merecem gozar de franquia nacional e internacional por qualquer meio de transporte e comunicação. São, por excelência, instrumentos para o estabelecimento de relações, determinando, por conseguinte, atividades de ordem econômica. O IIB gozava de franquia postal antes da guerra e a XIII Conferência Internacional de Documentação deu atenção a este ponto. O museu do Congo, em Tervueren [Bélgica], goza do privilégio da franquia de transporte em toda a África belga; qualquer pessoa pode remeter à agência postal mais próxima uma peça qualquer destinada ao museu.

8. *Equipamentos*

O serviço de correios desenvolveu instrumental e mecanismos, de uso cada vez mais extenso, alguns dos quais podem prestar-se a emprego generalizado em outras áreas da documentação.

Máquinas que podem franquear em uma hora quatro mil cartas, no caso de acionamento manual; de 12 a 15 mil, com acionamento por manivela, 35 mil, com máquina elétrica rotativa. A movimentação da correspondência em agências importantes e das malas postais nos centros de triagem e nas estações ferroviárias é feita por meio de triciclos mecânicos, monta-cargas e tratores, tubos pneumáticos e rampas.

Máquina de franquear com marcas afixadas pelo serviço de correios.

Triagem automática instalada nos correios de Roterdã e Buenos Aires.[1]

9. *Correio aéreo*

A comissão preparatória aeropostal europeia, de Praga, em junho de 1931, elaborou um projeto geral de linhas de correio aéreo que ligariam as capitais da Europa e seus principais centros de atividades. (*Union Postale*, juillet 1931, p. 231). Durante a noite, quando as pessoas interrompem o trabalho, os aviões transportam as mensagens preparatórias para novas tarefas.

O desenvolvimento da aviação em seu estágio atual tem acima de tudo uma utilidade postal. Aumenta a velocidade de transmissão de 1 para 5, e o livro é um dos beneficiários. O coração da África, da Ásia e da América do Sul em breve estará conectado regularmente ao coração da Europa e da América do Norte. A aviação que revoluciona os transportes, transforma as condições de distribuição de correspondência e material impresso. Ela faz mais, ao zombar da censura. Já teve esse papel durante a guerra.

[1] *L'Union Postale*, février 1932. Automécanisation postale de l'hôtel des postes de Buenos-Aires, par M. Ramon R. Tula, directeur des postes.

Ela o retoma hoje. Não foi um aviador italiano (julho de 1930) que lançou sobre Milão pequenos documentos antifascistas?

253.33 Telégrafo

1. *Noção. Histórico*

Todos os telégrafos têm em comum a finalidade de servir para transmitir notícias rapidamente entre grandes distâncias. Reconhecem-se os seguintes tipos de telegrafia: *aérea*, *óptica*, *pneumática* e *elétrica*. Durante muito tempo, o telégrafo aéreo era conhecido pelos chineses, mas foi só no final do século XVIII que se combinou o uso de lunetas com o dos sinais aéreos. A telegrafia aérea existiu na França até a implantação de telégrafos elétricos (1846). Havia cinco linhas principais que partiam de Paris e chegavam a Lille, Estrasburgo, Toulon, Bayonne e Brest. A distância média entre as estações era de 12 quilômetros. A *telegrafia óptica* baseia-se na projeção de raios luminosos, paralelos, interrompida a intervalos fixos. As primeiras experiências datam do sítio de Paris em 1870. Pode-se usar a luz solar, de dia, e à noite, qualquer luz artificial. Finalmente, a telegrafia pneumática que não passa de um sistema de transporte rápido de mensagens, em tubos, nos quais o ar circula por meio de bombas. As mensagens são depositadas em pequenos cilindros que são rapidamente ejetados até o ponto de chegada. Este sistema é usado principalmente em Paris e Londres.

2. *Técnica*

a) A evolução técnica do telégrafo elétrico teve estas etapas: 1° O *Wheatstone* de sinais simples que apareciam rapidamente em um mostrador. 2° O *Morse*, com registro escrito de sinais longos e breves a partir de um manipulador. O sistema foi transformado depois em um aparelho sonoro, à razão de 60 palavras por minuto. 3. O *Hughes*, de teclado, com capacidade de 120 palavras por minuto. 4. O *Baudot*, que permite que o operador use a mesma linha com um fluxo de 550 letras. 6° O *teletipo*, aplicação da máquina de escrever. 7. O *Siemens*, baseado no princípio de Baudot, mas com a intervenção de um teclado que perfura as letras nas fitas que depois passam a uma velocidade acelerada na parte frontal do aparelho de transmissão. 8. O dr. James Robinson inventou um aparelho telegráfico que permite transmitir por um único fio até 40 telegramas ao mesmo tempo (por enquanto, o máximo foi de seis a sete). 9° O *telautógrafo*, que transmite manuscritos, entrou em operação entre Paris, Lyon e Estrasburgo. Já em 1865, a administração dos correios adotou o pantelégrafo do padre Caselli. Mais tarde, a telautografia funcionou em hotéis e fábricas (Estados Unidos). Podemos vislumbrar a revolução que será desencadeada por um novo aparelho. As quatro operações da linguagem — falar ou ouvir, escrever ou ler — poderão ser feitas a distância. Serão lançadas diretamente nos grandes livros de contabilidade as partidas dobradas e serão suprimidos os intermediários do correio e dos bancos (contabilidade telautográfica).

b) A técnica do telégrafo trouxe à luz fatos importantes dos quais poderemos tirar proveito, principalmente, quanto ao registro, compreensão e documentação de dados e informações. 1° Pela eletricidade (eletroímã) sinais são transmitidos a distância. Esses sinais, longos e breves — pontos e traços —, são combinados de diferentes modos, a fim de formar um código alfabético. Ocorre, portanto, transformação entre vários sistemas

de sinais, elétricos e alfabéticos. 2° A corrente elétrica é quase instantânea. Por outro lado, a operação humana de escrever com sinais elétricos não o é, pois refletir toma tempo. Como a implantação de linhas de eletricidade tem custo elevado e é preciso utilizá-las ao máximo, contornamos essa dificuldade ao compartilhar o uso de uma mesma linha entre vários operadores, trabalhando quase simultaneamente e baseando as operações não mais em um ato de atenção, mas em um ato reflexo (recurso ao inconsciente). Este é o princípio de Morse, Hughes e Baudot. 3° O coração humano pulsa ao ritmo de 90 × 2 = 180 batimentos por minuto. Este foi o ritmo adotado para o telégrafo Baudot, concretizando assim um princípio de psicotécnica. 4° Foram introduzidos teclados, mas a disposição das teclas varia conforme o caso, estando longe da concepção de um teclado universal.

3. *Estatísticas*

Antes da guerra, da Europa ao Extremo Oriente, quatro milhões de palavras foram transmitidas, incluindo 2,5 milhões pela Rússia. Atualmente, mais de 14 milhões de palavras são transmitidas. A Alemanha, por exemplo, enviou em 1933, 10 869 204 telegramas comuns em serviço ordinário e 9 709 111 em serviço internacional limitado ao continente e 1 064 687 fora do continente.

4. *Forma dos telegramas*

Os telegramas compreendem uma grande variedade de tipos: ordinários, em formulários de luxo, noturnos, de imprensa, cartas telegráficas, de fim de semana, de saudações e felicitações, telegramas urgentes, vales telegráficos e fototelegramas.

5. *Organização dos serviços*

Chegou-se gradualmente à integração completa dos serviços do telégrafo, dos cabos submarinos, da radiotelegrafia e do telefone. A evolução moderna tende ao desaparecimento do telégrafo como entidade administrativa distinta. Os avanços realizados na técnica de transmissão e o fato de que uma proporção considerável de telegramas já é transmitida por telefone indicam que a distinção feita entre transmissão oral e transmissão letra por letra é artificial.

6. *Controle*

A censura, conforme a época, também se aplica aos telegramas. No início da guerra mundial, o Almirantado inglês mandou os pescadores levantar os cabos submarinos alemães e cortá-los, o que logo isolou o *Reich* de comunicação com o exterior. Empresas privadas de telégrafo têm prejuízo devido às vantagens indiretas para os proprietários: a prioridade de enviar telegramas e talvez o controle de telegramas de terceiros [*sic*].

7. *Códigos em idiomas acordados*

A Conferência Telegráfica Internacional, Madri, 1932, regulamentou novamente os telegramas cujo texto é formado por palavras que têm seu significado determinado por um código. Esses códigos, palavras reais ou formadas com palavras artificiais, são construídos livremente. Sua base é uma palavra de cinco letras sem acento.

253.34 Telefone

1. *Noção*

O telefone, inventado por Bell e que se generalizou após o telégrafo, realiza a transmissão direta da voz. Suas instalações tornaram-se automáticas, os assinantes pagam proporcionalmente ao número de chamadas. As redes telefônicas nacionais estão conectadas umas às outras. Havia em 1932, na Bélgica, 300 mil aparelhos telefônicos, dos quais 265 mil eram automáticos (63 mil aparelhos em 1914). A telefonia transoceânica está organizada. Agora é possível comunicar-se da Grã-Bretanha com mais de 93% de todos os assinantes de telefone no mundo. O uso simultâneo do telégrafo e do telefone foi uma criação técnica (sistema van Ryssel-berghe); isso não causou nenhuma limitação no número ou na eficácia dos canais de conversação.

2. *Telefone e documentação*

a) A comunicação telefônica substitui as cartas (ou as visitas pessoais). Tem a vantagem da velocidade (instantaneamente são trocadas perguntas, respostas, novas perguntas, novas respostas, discussões detalhadas, acordos). Mas tudo isso se perde: *verba volant*. Por conseguinte, convém confirmar por carta ou redigir para si mesmo uma nota, um memorando, que, na documentação, será tratado como carta.

b) Os aparelhos inventados recentemente destinam-se a permitir a gravação automática de conversas, especialmente na ausência do correspondente. Outros dispositivos permitem responder de um ponto central às perguntas feitas; por ex.: hora certa pelo telefone.

c) Apesar de excelentes, as comunicações telefônicas ou telegráficas não podem substituir conversas diretas. Hindenburg e Ludendorff chegaram a acordo sobre isso, durante a guerra, quando trataram de unir o grande quartel-general que estava em Charleville com o quartel imperial que estava em Plessis (setembro de 1916).

254 Distribuição e difusão do livro

1. *A distribuição em geral*

A economia do livro, um bem intelectual, implica, como a economia dos bens materiais, a função de distribuição. Quem possui livros e por quais processos eles se distribuem entre seus possuidores? Na verdade, a distribuição é muito desigual. 1° Entre países. Países antigos possuem coleções antigas que inexistem em países jovens (ex., Itália, França, Alemanha, Paraguai, Nova Zelândia). Países ricos, que podem adquirir livros antigos, como os Estados Unidos, e países pobres como as repúblicas da América Central. 2° Entre indivíduos. As classes ricas podem adquirir obras de que as classes menos favorecidas pela fortuna devem se privar, devido ao preço ou ao horário de funcionamento das bibliotecas. 3° Entre profissões. Aquelas baseadas na erudição e as sujeitas a transformações constantes (medicina, tecnologia) ou que implicam um vasto campo de dados a serem utilizados em cada caso (direito). 4° Entre as cidades e o campo. As cidades concentram livros e coleções públicas, especialmente nas capitais, enquanto faltam na província e no campo. 5° Entre as aglomerações onde a distribuição do livro está bem organizada e onde ela faz falta (por exemplo, Estados Unidos, Alemanha). As estatísticas tendem a estimar os totais da distribuição do livro e os coeficientes por categorias de habitantes dos livros colocados à sua disposição.

Um dia, talvez assistamos ao surgimento de um direito social novo, o direito de cada pessoa, de cada cidadão, de um país (ou do mundo), de poder dispor de um conjunto mínimo de livros. Esse direito seria análogo ao direito à educação, que assumiu a forma não só do direito de ir gratuitamente à escola, mas a obrigação de frequentá-la (educação obrigatória).

Toda civilização é um produto artificial, formado sob o império dos conhecimentos produzidos nas ciências sistemáticas pela inteligência. Quanto mais esses conhecimentos se distribuírem pelo corpo social, mais poderá progredir a civilização. Daí a necessidade de reparti-los amplamente, e isso deve ser feito pelos canais da educação, da informação e da documentação.

2. *Depósito legal*

a) O depósito legal é a entrega obrigatória, pela editora, gráfica ou autor, de exemplares de toda obra ou periódico publicado.

b) O motivo do depósito legal variou com o tempo. Seu objetivo inicial visava à censura (*Zensur-Exemplar*), depois, à proteção contra a reprodução (*Schutz-Exemplar*), mais tarde para favorecer a formação de coleções e, finalmente, para favorecer a bibliografia, isto é, interesses científicos (*Studien-Exemplar*). O depósito legal está na base da bibliografia nacional. Convém que seja completo e ágil, que abranja todas as publicações, livros e periódicos, e que as sanções legais sejam efetivas.

c) O depósito legal foi instituído em 5 de agosto de 1617 mediante edito do rei Luís XIII, o qual mandava que fossem depositados gratuitamente na biblioteca real dois exemplares de qualquer obra impressa. Essa foi a origem do depósito legal. O número de exemplares a serem depositados variou ao longo do tempo, chegando até nove. Durante o Império foi reduzido para cinco exemplares e agora é de apenas dois exemplares.

d) O depósito legal existe em muitos países. O número de exemplares a serem depositados varia. Na Rússia, chega a 24.

3. *Distribuição gratuita*

É conveniente haver distribuição gratuita de obras de ciência e daquelas que a propaganda especializada quiser difundir amplamente, destinando-as a universidades, bibliotecas, instituições científicas e organizações internacionais, a fim de divulgá-las em qualquer centro de estudo e de ação internacional. Os autores deveriam esforçar-se para fazer o depósito gracioso de suas obras em bibliotecas importantes de vários países. Do mesmo modo as instituições no que tange a suas edições. A fundação Carnegie distribui pequenas coleções de livros sobre a questão da paz.

4. *Empréstimo de obras entre bibliotecas*

1° No caso desse tipo de empréstimo, deve-se fazer distinção, conforme sejam manuscritos, impressos raros ou únicos, livros antigos, de gravuras ou fotografias, mapas ou outros tipos de documentos. 2° Como justificativa do empréstimo, devemos considerar: a) que o trabalho científico só pode avançar com a consulta possível de todas as obras informadas pela bibliografia e que se encontram espalhadas nas bibliotecas em locais onde nem sempre se encontram os trabalhadores mais qualificados para usá-las; b) que o país tem interesse em ser valorizado pelo uso de suas próprias riquezas bibliográficas; c) a noção de uma comunidade intelectual universal e da coletivização dos instrumentos e produtos do trabalho intelectual está a ganhar terreno todos os dias. 3° Contra o empréstimo

se levantam: a) todos os argumentos a favor das chamadas bibliotecas de consulta, que oferecem aos trabalhadores a certeza de que lá encontrarão as obras que estiverem catalogadas; b) todos os argumentos contra os riscos aos quais ficam expostas as obras que são transportadas para fora da biblioteca. 4° As alternativas para o empréstimo são: a)reedição das obras raras; b) fotocópia; c) viagens bibliográficas, por isso há viagens de estudo em todos os campos. 5° Uma organização internacional de empréstimos entre bibliotecas continua a ser uma instituição desejável. É por meio de uma convenção internacional que se pode concebê-la, uma convenção aberta a todos os países, com acesso facultativo às partes interessadas. Essa organização manterá relações com outras organizações relacionadas ao livro como parte da organização mundial da documentação. Deverá ligar-se à organização nacional e à organização local da documentação.

Sobre empréstimo internacional entre bibliotecas foram publicados numerosos trabalhos.[1]

5. *Permuta internacional*

O serviço de permuta internacional foi aprovado pela convenção de 1884.*

* Talvez seja a convenção relativa à permuta de documentos oficiais e publicações científicas e literárias assinada em Bruxelas em 15 de março de 1886. Os signatários iniciais da convenção foram Bélgica, Brasil, Espanha, Estados Unidos, Itália Portugal, Sérvia e Suíça. [N.E.B.]

a) A concepção original da permuta internacional deve-se a uma poderosa organização norte-americana, a Smithsonian Institution. Os norte-americanos, que almejavam internacionalizar essa ideia, encontraram acolhida favorável na Bélgica e um patrocínio muito ativo de Flandres. Infelizmente, naqueles dias distantes em que o internacionalismo mal começava, deixamos de dotar a convenção com um órgão permanente. O resultado foi que nenhuma melhoria ocorreu ao longo dos anos. Iniciativas visando a uma conferência internacional de revisão e ampliação foram tomadas antes da guerra na própria Bélgica. Toda a questão passou depois para a Comissão de Cooperação Intelectual da Liga das Nações.

A concepção baseia-se no princípio de que, como intercâmbio de experiências científicas, de informações e de materiais, o livro é um dos mais poderosos estímulos ao desenvolvimento do pensamento científico.[2]

A importância da permuta é mostrada, embora seja apenas em um aspecto, pelo *Catalogue des dissertations et écrits académiques provenant des échanges*, publicado pela Bibliothèque Nationale de Paris.

b) Seria conveniente, sobretudo: 1° que a permuta fosse organizada tanto nacional quanto internacionalmente; 2° que as remessas, a título de permuta, fossem mais frequentes (encomendas postais, em vez de encomendas ferroviárias); 3° que o princípio básico dos acordos de 1884 [*sic*] se tornassem realidade, a saber: a totalidade da produção intelectual de cada país permutada com a totalidade da de todos os outros países. O Serviço de Permuta Internacional sendo particularmente favorável à permuta de periódicos, este é o meio de formar coleções internacionais de revistas.

c) As permutas internacionais adotam três formas: 1° permuta com equivalência imediata (espécie de bolsa de livros); 2° permuta sem equivalência nem benefícios imediatos: um tipo de conta corrente cujo cré-

[1] J. Emler. *Prêt international entre bibliothèques.* Fédération Internationale des Associations de Bibliothèques. Publ. vol. 4. La Haye 1932, p. 150 – Gustav Abb. Wege zum internationale Leihverkehr. *Zentralblatt für Bibliothekswesen*. 1933, p. 161.

[2] Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. *Guide des services nationaux de renseignements, de prêt et des échanges internationaux.*

dito e débito só são saldados com o tempo; 3º distribuição gratuita de publicações por intermédio do Sistema de Permutas Internacionais e sem o requisito de reciprocidade.

d) A convenção Internacional de 1884 [*sic*] abrange dois objetos: 1º as publicações de sociedades científicas; 2º documentos oficiais, parlamentares e administrativos, bem como obras executadas por ordem e à custa dos governos.

e) Na Alemanha, um decreto de 5 de janeiro de 1926 criou o Reichstarstelle im Ministerium des Innern (agência de permuta do ministério do Interior). Compete-lhe o encargo de organizar a permuta oficial com o exterior, promover as relações (também com as sociedades científicas), realizar a expedição centralizada e redistribuir as remessas do exterior de acordo com o método da Smithsonian Institution. A agência alemã recebeu assistência da Emergency Society of German and Austrian Science and Art, criada pelo professor Boas,* da Columbia University de Nova York.

A Smithsonian Institution ampliou grandemente seus próprios serviços de permuta. Suas coleções são encaminhadas à Library of Congress. O número de seus correspondentes é da ordem de 30 mil, o de peças permutadas, de 60 mil. A recepção dos envios é acusada por meio de cartão-formulário.

f) Na Rússia, o serviço de permuta é organizado pela VOKS (sociedade para relações culturais entre a URSS e o exterior). Mantém relações com 70 países; atuou como intermediária na remessa de 1 422 881 obras de 1924 a 1933. O número de correspondentes permanentes é de 4 368. Em 1925 era de apenas 118. O serviço estimula a permuta ao mesmo tempo que centraliza as expedições.

g) Na sua resposta à Liga das Nações, o governo português apresentou a ideia de que as convenções de permuta internacional de Bruxelas deveriam ser cumpridas segundo um modelo uniforme e um formulário comum. Esse governo vê as vantagens da convenção "na criação de agências internacionais uniformemente organizadas e intimamente ligadas entre si, que constituam o instrumento de intercâmbio e informação bibliográfica entre os centros de cultura intelectual das diferentes nações (universidades, academias, comunidades científicas e literárias) e entre autores e cientistas que queiram entrar em contato internacionalmente, permutando suas publicações e disseminando suas ideias". (*Journal de la Société des Nations*, septembre 1928, 1413.)

h) Pode-se imaginar o que seria para o progresso geral uma organização global que generalizasse para o mundo inteiro o que fez a Smithsonian Institution para os Estados Unidos. Haveria 30 mil correspondentes, todos produtores intelectuais, formando anualmente em 70 países o depósito de 60 mil publicações. Dado o que já existe, a organização de semelhante rede de permuta, estabelecida como parte da Rede Universal de Documentação, certamente não está acima das possibilidades atuais.

* Franz Boas (1858–1942). Antropólogo norte-americano, um dos fundadores da da antropologia cultural. [N.E.B.]

255 Descrição do livro. Inventários. Catálogo. Bibliografia

255.1 Noção

a) *Objeto*. A bibliografia deve fornecer informações sobre a existência das obras e sua importância. Ela é o inventário, a descrição das obras publicadas, independentemente de saber em quais coleções ou bibliotecas se encontram. É, portanto, a fonte de nossa informação sobre livros

existentes e a base de toda a documentação. Ela é a intermediária entre livros e leitores.

b) *Modalidades*. São diversas as modalidades de bibliografia: a) pesquisas bibliográficas feitas pessoalmente e em casos particulares; b) pesquisas bibliográficas realizadas por órgãos oficiais, serviços ou institutos bibliográficos; c) obras de catalografia ou bibliografia em forma de manuscritos, ou originais, normalmente em fichas; d) obras impressas.

c) *Funções da bibliografia*. A bibliografia, que foi sempre útil, tornou-se um instrumento de trabalho indispensável. Tem vários objetivos (utilidades, funções). 1° Registrar a produção intelectual, qualquer que seja sua finalidade, e, metodicamente, fazer o inventário dessa produção. 2° Elaborar o catálogo e o guia de pesquisas através dessa produção. 3° Permitir que se verifique rapidamente até onde chegou o estudo de uma questão, a fim de se esclarecer e evitar repetições: aproveitar o que já foi feito e trazer sua contribuição pessoal. 4° Permitir acompanhar o histórico de uma questão. A história das ideias, da ciência e das várias teorias científicas se confunde grandemente com a história dos livros, a bibliografia (por ex., a economia matemática está quase inteiramente na obra daqueles que, de Isnard, Van Thunen e Cournot até Fisher e Moore, escreverem sobre este assunto). 5° Facilitar o estabelecimento das anterioridades de toda natureza (científica, técnica, de direito autoral e patentes). 6° Notificar as pessoas interessadas sobre novos trabalhos, assim que aparecem. 7° Permitir comparar as obras. 8° Valorizar as coleções atuais de livros, jornais e revistas. Sem bibliografia, elas seriam somente, como tantas coleções do passado, imensas necrópoles.

d) *Utilização*. A bibliografia deve ser utilizada, em particular: 1° para a elaboração de uma tese; 2° para aprofundar uma questão que parece interessante; 3° para se informar sobre algum aspecto da prática profissional; 4° para expor um trabalho perante uma academia, sociedade científica ou congresso; 5° para preparar e atualizar um curso; 6° para escrever um artigo, fazer um livro ou preparar uma conferência. É importante não ignorar a bibliografia, e também não se perder nela. Ela é um meio e não um fim.

e) *Significado e grau do termo bibliografia*. No primeiro grau, a bibliografia é o registro tão exato e tão completo quanto possível de um escrito, a partir do momento em que esse escrito veio a existir, embora nem sempre seja possível obtê-lo, como, por exemplo, no caso de um livro representado por um único exemplar, um livro destruído, etc. A descrição tem a forma de um *registro bibliográfico*. No segundo grau, a bibliografia é a reunião e apresentação de registros bibliográficos de escritos que se enquadrem em certas condições de fundo, forma ou autor, determinadas pelo objeto da bibliografia e cujos registros apresentem certa uniformidade, de modo que possam ser vistos como unidades de um conjunto. Utilizando as coleções e outras fontes de informações bibliográficas é que se faz bibliografia na prática.

f) *Estatísticas*. O número de bibliografias aumentou consideravelmente. Talvez haja 100 mil bibliografias e catálogos. Em 1897, já havia na Bibliothèque Nationale de Paris cerca de 75 mil títulos classificados como bibliografias, incluindo 60 mil catálogos de bibliotecas e de editoras ou livrarias e 15 mil bibliografias especializadas. E isso sem contar as bibliografias inseridas nos periódicos ou constantes de livros.

g) *Catalografia geral*. A bibliografia é um caso da catalografia em geral,

e que diz respeito ao livro.

1. A catalografia geral pode ser definida como inventário, levantamento, lista, catálogo ou cadastro, tendo em vista conhecer a consistência dos conjuntos de todas as coisas (documentos, seres, fenômenos, acontecimentos e fatos). A elaboração do catálogo pode conter mais ou menos detalhes, ser objetiva (caracteres) e também subjetiva (avaliação, relevância). A organização pode ser na forma de conjuntos mais ou menos universais, suscitando várias possibilidades de ordenação segundo distintas características, de modo a facilitar a pesquisa das coisas, e permitir a identificação dessa coisa, ou seja, a confirmação de uma relação entre cada um dos exemplares ou indivíduos e toda a classe descrita no catálogo.

2. Vêm sendo feitos estudos para identificar as obras com base nos signos (caracteres) tipográficos e no suporte ou substância (papel e marca d'água).[1] Essa identificação não deixa de ter analogia com o sistema de antropometria judiciária, o qual foi originalmente adotado para a identificação de criminosos, sendo depois estendido à identificação de qualquer grupo de pessoas. Atualmente, a tendência favorece um sistema universal de identificação, baseado em sinais naturais ou marcas convencionais aplicadas às coisas.

3. O catálogo é, até certo ponto, um sucedâneo da coisa, seja porque não a possuímos, seja por ser ela de natureza muito extensa, muito incômoda para ser conservada e manuseada, ou porque dela só existe um único exemplar, que não pode ocupar diferentes lugares em vários pontos da ordenação.

4. Na catalografia de objetos distinguimos: a determinação das classes, dos tipos e das coisas. Por ex., as espécies de plantas e animais que são descritas. E as coisas em sua existência individual que contamos (estatística) e que registramos ou contabilizamos cada vez mais.[2]

h) *Tamanho dos registros*. O registro bibliográfico pode assumir a forma representativa, sinalética, e também pode incluir tudo o que se diz sobre a coisa (sua história, seu valor e suas relações). Assim, o registro bibliográfico tem um tamanho variado: referência simples inserida em prospectos, resumos, relatórios e nos catálogos. O registro pode chegar até a reproduzir fotograficamente a página, o título, o sumário, às vezes o prefácio ou páginas de amostra tiradas dos trechos ou ilustrações mais características. Algumas obras dão origem a estudos altamente desenvolvidos (monografias).

i) *Extensão da bibliografia*. A bibliografia foi ampliada em três direções: 1° catálogo de artigos de revistas, partes de obras, passagens ou textos específicos; 2° notas analíticas cada vez mais extensas, completando os títulos simples; 3° formas de apresentação que repetem os registros ou suas traduções em várias séries: assunto, local, período, eventualmente forma e idioma, ordem alfabética de autor.

j) *Defeitos das bibliografias*. A maioria das bibliografias tem como defeito: 1) seu particularismo: estão longe de abarcar a produção internacional, quer se trate de bibliografias em formato de livro ou bibliografias periódicas; 2° ficam rapidamente desatualizadas; 3° a delimitação do campo coberto carece de precisão.

k) *Requisitos da bibliografia*. Os critérios para avaliar uma boa biblio-

---

[1] Haebler, K. *Typenrepertorium der Wiegendrucke.* Sammlung Bibliothekswissenschaftliche Arbeiten.

[2] "On connaît en Allemagne l'existence de chaque fusil." Hitler, 19 de outubro de 1933.

grafia são: 1° precisão; 2° completude; 3° ausência de repetição; 4° forma bem apresentada; 5° valor crítico; 6° publicação rápida.

A grande lástima das bibliografias é quando começam com entusiasmo e não são continuadas. As pessoas são indicadas para fazer o trabalho, mas não dispõem de meios.[1]

As referências bibliográficas devem ser redigidas com o máximo cuidado. As confusões causadas pela negligência foram apontadas por Pierce Butler (Bibliography and scholarship. In: *Bibl. Soc of Amer. Paper* 16, 1922, p. 52-63). Oitenta títulos de uma lista, citados em determinado livro, só puderam ser identificados em um catálogo de biblioteca depois de consultadas 3 276 fichas.

l) *Bibliografia e catálogo*. Na sua forma completa, o catálogo da biblioteca é uma bibliografia, mas há entre eles as seguintes diferenças. 1° A bibliografia descreve o livro em geral, o protótipo de cada livro ou documento. O catálogo descreve exemplares determinados, os de uma coleção, de determinado acervo. A bibliografia é nada menos que o catálogo detalhado de uma biblioteca que fosse completa. 2° A bibliografia é uma obra que fornece informações que muitas vezes dispensarão a localização do próprio livro, enquanto que um catálogo é criado inicialmente como auxílio para encontrar os livros.[2]

m) *Cooperação, divisão do trabalho, concentração*. O trabalho bibliográfico é contínuo. Incessantemente chegam obras novas para completá-lo, para corrigi-lo, para ampliá-lo, "Fazer livros é um trabalho sem fim", diz o Eclesiastes.* A bibliografia jamais é terminada: ela deve continuar. 1° Devido à incessante publicação de novos livros e documentos. 2° Porque o trabalho que foi feito não o foi em condições satisfatórias. 3° Porque estamos sempre preocupados em refazer bibliografias diferenciando-as por causa do campo abrangido, do público-alvo, da extensão, do tipo de ordenação. Para facilitar esse imenso trabalho, evitar os recomeços; começamos a introduzir a cooperação, a divisão das operações do trabalho, a concentração dos produtos do trabalho.

* Eclesiastes 12:12. *Bíblia de Jerusalém*. [N.E.B.]

n) *Concepção nova*. Em bibliografia, esta concepção tende a prevalecer: 1° elaborar, coletar ou analisar conforme as bases do plano, da cooperação; 2° constituir os repertórios em fichas manuscritas; 3° confiar sua custódia a uma biblioteca ou centro bibliográfico; 4° encarregá-los de organizar um serviço de informações (consulta no local) ou envio de cópias pelo correio.

255.2 História da bibliografia

a) Houve, desde a alta Antiguidade, listas de conteúdos de bibliotecas e narrativas que falavam de livros. Antes da imprensa, as obras são designadas pelas primeiras palavras do texto. Só mais tarde é dada importância ao nome do autor; começa-se, mesmo na ordem alfabética, a considerar somente o prenome.

Quando a imprensa aparece, veem-se logo impressores e livreiros a produzir seus próprios catálogos com finalidade mercantil: catálogos das *Messen* ou feiras, catálogos de Plantin, etc. No século XVIII são feitos catá-

[1] Com frequência faltam recursos às instituições. Por exemplo, o importante *Index Medicus* esteve suspenso por alguns meses em 1895, e depois continuou até 1899, ano em que parecia que iria desaparecer definitivamente. Foi então fundada a *Bibliographia Medica* por Marcel Baudoin (dirigida por Richet-Potin), publicada somente de 1900 a 1908. Em 1921, o *Index Medicus* ressurgiu, publicado pela Carnegie Institution. Sua continuação foi anunciada sob a direção da American Medical Association.
2 Wheatley. *Bibl. Soc. Transactions*, 1 (1892-93).

QUADRO DE TIPOS DE BIBLIOGRAFIAS

A. QUANTO À NATUREZA DOS DOCUMENTOS BIBLIOGRAFIADOS (conteúdo)

Assuntos a	Lugar de origem das publicações b	Período das publicações c	Formas dos documentos d	Língua dos documentos e	Extensão f
1. Todos os assuntos 2. Um assunto determinado (especificar por um índice decimal)	1. Todos os países 2. Um país determinado (especificar por um índice decimal)	1. Todos os períodos 2. Só retrospectiva 3. Todas as datas. 4. Uma certa data (a especificar eventualmente por índice decimal de tempo) 5. Somente breve	1. Todas as espécies de documentos 2. Uma espécie de documento 21. Livros 22. Periódicos 221. Artigos de fundo 222. Fatos e crônicas 223. Bibliografia e análise	1. Todas as línguas 2. Uma língua determinada (a especificar por um índice decimal)	1. Completa 2. Seletiva

B. QUANTO À NATUREZA DA PUBLICAÇÃO BIBLIOGRAFIANTE (continente)

Tipos de registros g	Forma de ordenação do registro h	Línguas da publicação bibliográfica i	Forma da publicação bibliográfica j	Periodicidade da publicação bibliográfica k	Ordenação dos sumários que acompanham os fascículos l
1. Registro breve 2. Registro bibliográfico completo 3. Registro com breve indicação do conteúdo da obra 4. Análise, resumo da obra 5. Notas críticas 6. Os próprios fatos em si com fontes (informações documentadas)	1. Numérica 2. Alfabética de autor 3. Ideológica 31. Analítica por cabeçalho de assunto 32. Sistemática 321. Por palavra 322. Decimal 323. Outras notações 33. Geográfica (local de publicação) 34. Cronológico (data de publicação)	1. Registros em várias línguas 2. Misto (internacional) 3. Um idioma determinado (especificar pelo índice decimal)	1. Em fichas 2. Em volumes 21. Em volumes completos 22. Em fascículo 3. Anexa a outra publicação 4. Manuscrita 41. Em folhas 42. Em fichas	1. Uma só vez 2. Periodicamente 21. Diária 22. Várias vezes por semana 23. Semanal 24. Quinzenal 25. Bimestral 26. Trimestral 27. Anual 3. Irregular	1. Numérica 2. Alfabética de autor 3. Ideológica (assunto, lugar, período) 31. Analítica 32. Sistemática 321. Palavras 322. Decimal 323. Outras notações 33. Geográfica 34. Cronológica (período de publicação)

logos destinados ao grande público. No início do século XIX aparecem as primeiras bibliografias nacionais periódicas (*Journal de la Librairie*). Em 1895, uma conferência decide a criação do Repertório Bibliográfico Universal e funda, para realizá-lo, o Instituto Internacional de Bibliografia.

b) Na evolução da bibliografia, distinguem-se três épocas: 1º universal (poligráfica); 2º especializada e nacional; 3º de cooperação internacional. Essas épocas são determinadas pela própria história do trabalho científico.

c) A Alemanha, que deu origem à tipografia, foi em todos os tempos uma grande produtora de livros. Isso explica, no que concerne à bibliografia nacional, que ela tenha aberto o caminho. As outras nações europeias seguiram-na. Depois, os Estados Unidos se entregaram com afinco ao trabalho de organizá-la e racionalizá-la.

d) A bibliografia foi a primeira a colocar para o livro o problema da totalidade, superando assim a biblioteca que, em estágio precedente, tinha colocado o problema da coleção. A bibliografia introduziu assim em toda a documentação o espírito universal e enciclopédico que a conduz e a transforma neste momento. Esse espírito, superando a própria documentação, penetra por sua vez completamente na organização do trabalho.

255.3 Tipos de bibliografia. Características

As bibliografias apresentam diversos tipos. O quadro na página anterior permite caracterizá-las e contribuir assim para seu desenvolvimento e crítica. Seria desejável que um acordo internacional interviesse quanto a essas características e à sua notação. A partir daí, todas as bibliografias indicariam, no concernente a seu caráter bibliográfico ou catalográfico, a descrição exata de suas características e do campo que elas cobrem. Assim, por exemplo, uma fórmula, um pouco longa talvez, mas completamente precisa, indicaria: a, 2(3) — b, 1 — c, 32 — d, n — e, 4, etc.

255.4 Tipos diversos de bibliografias

A bibliografia compreende as seguintes espécies de trabalhos que levam o nome de 'bibliografias'. Importa conhecer a existência delas e poder se servir disso.

1º As *bibliografias nacionais*, umas retrospectivas e recapitulativas, outras periódicas e correntes.

2º As *bibliografias especializadas* (retrospectivas ou correntes, nacionais ou internacionais). Elas são editadas para cada ciência, seja por particulares, seja por organismos criados, patrocinados ou subsidiados por associações científicas ou pelos poderes públicos.

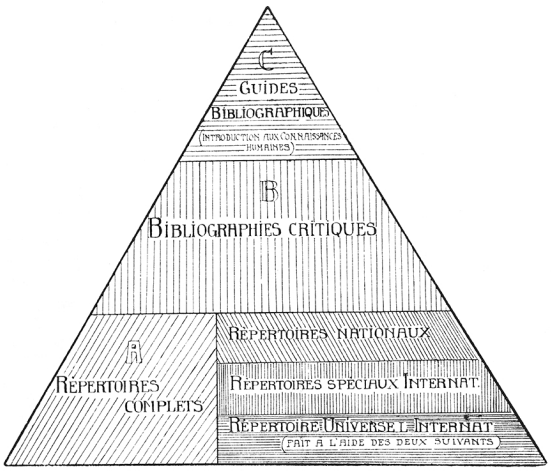
3º As *bibliografias ditas universais*. Elas se referem à totalidade das obras. O Repertório Bibliográfico Universal foi criado pelo Instituto Internacional de Bibliografia com a finalidade de concentrar em um inventário único todas as informações publicadas pelas bibliografias específicas.

4º As *bibliografias analíticas e críticas* (revisões sobre o estado da arte, revisões bibliográficas, resumos, anuários, anais, seções bibliográficas das revistas). Essas bibliografias são dedicadas, umas à literatura geral, outras às disciplinas especializadas. Elas informam sobre o conteúdo e a importância das obras e complementam assim as coletâneas chamadas bibliografias elementares, que se limitam a mencionar títulos de obras. A maior parte das revistas publica revisões e resumos. A maioria das ciências conta com suas coletâneas especializadas de revisões da literatura e delas são publicadas também coletâneas gerais.

5º As *bibliografias seletivas*. Baseiam-se em seleções feitas segundo critérios que elas explicitam. Nessa categoria podem-se colocar: os catálogos impressos das bibliotecas, gerais ou especializadas, formadas segundo princípios racionais; os guias bibliográficos que constituem introduções à totalidade dos conhecimentos humanos ou a alguns dentre eles.

6º As *bibliografias comerciais*. São produzidas pela indústria editorial e pelo comércio livreiro, em inúmeras formas: catálogos de editoras; ca-

tálogos de livrarias; catálogos de leilões e catálogos de livros usados (sebos). As duas últimas categorias são importantes para selecionar livros cuja edição esteja esgotada ou quando é preciso adquirir exemplares em melhores condições de conservação, de preço e de edição.



A pirâmide das bibliografias
C = Guias Bibliográficos (Introdução aos Conhecimentos Humanos).
B = Bibliografias Críticas. A = Repertórios Completos: Repertórios Nacionais. Repertórios Especializados Internacionais. Repertório Universal Internacional (Feito com a Ajuda dos Dois Anteriores.)

7º *Fontes bibliográficas*. Além dos trabalhos bibliográficos citados acima, há um grande número de documentos que podem ser vistos como fontes de informações bibliográficas, embora não tenham coordenação [*sic*] de obras: prospectos e catálogos de editoras, críticas publicadas em revistas e jornais, etc.

255.41 Bibliografia de bibliografias

O grande número de bibliografias e catálogos existentes levou à elaboração das bibliografias de bibliografias ou dos manuais bibliográficos.

Se os livros são instrumentos de pesquisa de primeiro grau e as bibliografias instrumentos de 2º grau, as bibliografias de bibliografias são de 3º grau. E, como o número dessas últimas cresceu consideravelmente, criou-se o 4º grau das bibliografias de bibliografias das bibliografias. Um 5º grau foi inclusive alcançado com uma bibliografia de B, de B, das B.

As primeiras bibliografias de bibliografias eram listas de catálogos de bibliotecas (Philippe Labbé, *Bibliotheca bibliothecarum*, 1653). Peignot em 1810 publicou o primeiro *Répertoire bibliographique*, e, em 1812, sua extensão, como *Répertoire bibliographique universel*. Namur, em 1838, em seu *Manuel des bibliothèques*, publicou 10 mil títulos. Em 1866, Petzholdt publicou sua *Bibliotheca bibliographica*, obra bastante cuidada. Vallée em sua *Bibliographie des bibliographies* (1863), muito criticada, incluiu trabalhos publicados em revistas. Em 1897, Stein, em seu *Manuel de bibliographie générale*, tentou uma síntese de todas as bibliografias publicadas até 1896. Ele continuou os dados nas bibliografias modernas.

O *Manuel de bibliographie historique* de Langlois (1901–1904) inclui em sua primeira parte um quadro das bibliografias de bibliografias.

Schneider publicou em 1923 seu *Handbuch der Bibliographie*. É seletiva e dele não fazem parte as bibliografias por assuntos.

Em sua *Bibliography* de 1926, Van Hoesen e Walter traçam, em texto corrido, um quadro geral das bibliografias.

A *Bibliographia bibliographica* foi publicada pelo Instituto Internacional de Bibliografia (H. La Fontaine).

O *Index Bibliographicus* foi publicado sob os auspícios da Liga das Nações pelos senhores Marcel Godet e Joris Vorstius.

Um grande número de revistas bibliográficas atualizam as bibliografias das bibliografias retrospectivas. Por ex., *Zentrallatt für Bibliothekswesen*, *Bibliographe Moderne*, *Archiv für Bibliographie, Buch- und Bibliothekswesen*, *Bibliothèque de l'École des Chartes*, *The Library*, *The Library Journal*, *Revue des Bibliothèques*), *Rivista delle Biblioteche*, *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, *Het Book*, *Bogens Verden*, etc., etc. O *Index Bibliographicus*, repertório internacional das fontes de bibliografia corrente, é publicado sob os auspícios do Comitê de Cooperação Intelectual.[1]

Foi Josephson quem publicou em 1913, em Chicago, a primeira bibliografia de 4º grau (*Bibliographies of bibliographies*).

255.42 Bibliografias universais

Definição. Em princípio uma bibliografia universal deve abranger todos os livros existentes. Não existe, portanto, atualmente, tal bibliografia, mas esforços para chegar a isso e obras tão gerais e tão extensas que não têm espaço em outras espécies de bibliografias.

Histórico. Catálogos gerais de bibliotecas existiram desde o início destas. O catálogo da biblioteca reunida em Alexandria pelos Ptolomeus e que chegaria a 600 mil volumes. O catálogo (em versos) da biblioteca de Calímaco. O *Lexicon* de Suídas, a *Naturalis historia* de Plínio que, segundo contam, mencionaria duas mil obras diferentes. Na Idade Média, há fontes bibliográficas nas obras das enciclopédias e das sumas do período. Após a invenção da imprensa, é Konrad Gesner quem compila a primeira bibliografia universal, a *Bibliotheca universalis*, obra do século XVI, que ficou rapidamente famosa, e que foi suplementada, indexada e resumida muitas vezes. Em 1698, Savonarola anuncia um *Orbis litterarius universus*, que se perdeu, e teria chegado a 40 volumes manuscritos. Francesco Marucelli, em 1701, começa seu *Mare magnum*, com 111 volumes manuscritos. Os catálogos das feiras de Frankfurt, com seu caráter internacional, tornam-se a base de compilações como a de Draud e Georgi, mas Langlois classifica esta junto com as bibliografias seletivas de Ebert, Brunet e Groessel.[2]

Tentamos extrair da montanha dos milhões de volumes descritos sobre todos os assuntos, em todas as épocas e em todas as línguas, volumes conservados nas longas galerias das bibliotecas, o número pequeno de obras que receberam a aprovação da inteligência e do tempo. Assim fez um Aimé Martin em seu *Plan d'une bibliothèque universel* (Bruxelles, 1837), "Número muito pequeno de obras, se o comparamos, diz o autor, com essas massas pesadas de infólios e in-quartos que o tempo abateu mortalmente e que os vermes roem em suas prateleiras como cadáveres em suas tumbas: número prodigioso, se considerarmos a multiplicidade de ideias

[1] Não há lista especial dos trabalhos apresentados em congressos, conferências e reuniões internacionais sobre bibliotecas e bibliografias. Dados a esse respeito são encontrados no *Zentralblalt*.

[2] Ver um esboço da história da bibliografia em Otlet e La Fontaine: la création du Répertoire Bibliographique Universel. *Bulletin de l'Institut International de Bibliographie*, 1895.

Ver também: Erman, Wilhelm. *Weltbibliographie und Einheitskatalog*. Bonn; Leipzig, 1919.

espalhadas em cada um desses livros, os princípios que eles proclamam e o imenso impulso que o conjunto dessas luzes pode dar ao mundo." A bibliografia universal assim compreendida é necessária. Ela é convocada para oferecer um conjunto completo da grande obra da humanidade desde os primeiros tempos do mundo civilizado até nós. A totalidade dessas divisões é uma verdadeira história do espírito humano por meio dos próprios monumentos do pensamento.

255.43 As bibliografias nacionais

De modo progressivo, mas seguro, constrói-se o sistema das bibliografias nacionais. E ele se constrói com mais segurança e eficiência na medida em que se propõe a ser um ramo articulado do sistema mais vasto de documentação universal.

a) As bibliografias nacionais tornaram-se bibliografias fundamentais porque é a divisão pelo lugar de produção que dá a base mais segura e mais rápida para um primeiro registro dos livros. Posteriormente as obras são retomadas em outras bibliografias. Mas haverá sempre interesse em recorrer a elas enquanto ainda não existirem bibliografias especializadas, quando se precisar de fontes mais gerais do que as contidas nas últimas, quando for preciso verificar referências, para completar as bibliografias especializadas que amiúde negligenciam as obras antigas, para conhecer obras recentemente publicadas, para completar as informações a respeito de obras já conhecidas, mas que as bibliografias especializadas não descrevem nem complementam. (Por ex., a imprenta, a colação, o preço.)

b) As bibliografias nacionais, em geral, contêm as obras publicadas nos países pelos autores do país e sobre o país.

c) A compilação das bibliografias tem três fontes: comercial (associações de editores e livreiros); governamental (depósito legal, direito autoral); científica (o trabalho das bibliografias).

d) As bibliografias nacionais começaram com listas feitas pelos impressores, amiúde afixadas na porta de suas oficinas ou em estabelecimentos universitários.

e) Nenhuma bibliografia nacional é completa, acabada. Mas a encontramos mais ou menos terminada, repartida entre diversos tipos de publicações. Por ex., as obras segundo a época, com um lugar à parte para os manuscritos e os incunábulos; os livros; os outros documentos exceto os livros, principalmente os mapas, gravuras, partituras; os periódicos e os artigos de periódicos; as obras segundo as diversas línguas nacionais faladas no país de publicação; a bibliografia em volumes ou na forma de publicações contínuas; a bibliografia oriunda de uma das três fontes indicadas antes ou da combinação de duas ou três dá origem a coletâneas ordenadas por data e a bibliografias locais sistemáticas, por assunto, ou alfabéticas; há um sistema que é acumulativo.

2. *Tipos realizados*

No caso da Inglaterra, convém que as pesquisas sejam feitas do seguinte modo. 1º Publicação da semana passada: *Publisher's Circular*. 2º Publicação do mês passado: *Publisher's Circular Monthly* ou *Bookseller*. 3º Do último trimestre: *Whitaker's Cumulative List*. 4º Do último ano, o *Whitaker* ou o *English Catalogue*. 5º Para períodos anuais, o *English Catalogue*. 6º Para alguns séculos, o *London Catalogue*, os *Term Catalogues* ou o *Transcript of the Stationer Register*.

Mas há além dessas as grandes fontes do catálogo do British Museum, da *Cambridge history of English literature*.

A França possui a *Bibliographie de la France* recentemente reorganizada, o *Catalogue Mensuel de la Librairie Française,* começado por Lorenz e continuado por Jordell, o grande *Catalogue général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale* e seu *Bulletin mensuel des récentes publications françaises*. A H. W. Wilson Company (New York) implantou um vasto sistema de catálogo impresso, cujas características são as seguintes: 1º Em um volume (*The United States Catalog*) estão todas as obras publicadas nos Estados Unidos e ainda disponíveis nas livrarias em 1928. Os títulos arranjados em uma única ordem alfabética de autor, título e assunto (190 mil títulos, 575 entradas, 3 164 páginas). 2º Suplemento. *Cumulative Book Index 1928–1932*, 2 300 p. Abrange todos os livros de língua inglesa. 3º Serviço para o ano corrente, publicado doze vezes em fascículos que acumulam a cada dois meses, quatro meses, seis meses e doze meses. A publicação informa o preço do editor, edição, tipo de encadernação e data de publicação. Ela alcança os livros publicados por editoras, pelos próprios autores, por associações e institutos, os livros publicados por subscrição, uma seleção de publicações oficiais e folhetos.

Recentemente novos progressos ocorreram na Alemanha, e resultam da poderosa organização dos editores e livreiros reunidos na Börsenverein em Leipzig. Eles contribuem para a bibliografia alemã com a *Deutsche Nationalbibliographie*.

Os alemães possuem o gênio e a paciência da organização no domínio intelectual, como já fizeram no domínio industrial sob o duplo signo da racionalização e da eficiência. Sem dúvida a bibliografia, para ser feita, custa dinheiro e trabalho, bons serviços também e ideias. Mas um método racional possibilita tanta economia, ocasionada pelo melhor encadeamento das operações, que os recursos surgem. Eles são garantidos quando, às utilidades do trabalho feito, acrescentam-se outras utilidades de grande rendimento. Eis a cadeia:

1º Os produtores do livro alemão, há vários anos, começaram a se associar — editoras, distribuidoras, livrarias — e realizaram essa maquinaria formidável que tem o nome de Börsenverein (bolsa do livro de Leipzig). Em torno de 30 mil livreiros repartidos por toda a Alemanha e em grande número de outros países passaram a ter um vínculo com uma central, o que lhes facilitou ao mesmo tempo as encomendas, as expedições e os acertos de contas.

2º Essa organização criou a partir do zero a Deutsche Bücherei, a grande biblioteca nacional alemã, onde se concentra tudo que se publica em alemão, não importa onde. Seus volumes são de algum modo exemplares testemunhos, reunidos para todos os fins, do pensamento, da cultura, da técnica, da administração e também do comércio dos livros.

3º Os livros produzidos e colocados à venda têm que ser catalogados; é preciso também catalogar a Deutsche Bücherei, é preciso enfim erguer um monumento total ao pensamento alemão escrito e impresso (*Schriftum*), à sua bibliografia. A ideia era fazer de uma única vez as operações correspondentes a esses três objetivos, que outrora eram distintos, separados, e que repetiam cada um o mesmo trabalho, ou quase, com novas despesas. O resultado é a *Deutsche National Bibliographie*.

4º Isso decorreu da fusão do que já existia e sem perda para ninguém. Assim foi elevada de nível e com nova função a publicação bibliográfica

semanal antiga e bem conhecida, o *Wöchentlichen Verzeichnisse*.

5º Para ser útil a todas as bibliotecas, foram realizadas essas duas reformas: os registros dos livros, em vez de serem feitos de maneira sumária e descuidada, seguem agora as regras catalográficas da norma prussiana, e, ao contrário de impressos com tipos medíocres e miúdos, se apresentam com uma composição muito elegante.

3. *Desideratos e recomendações*

É possível formular nos seguintes termos os desideratos e recomendações das bibliografias nacionais.

1º Principio. A bibliografia nacional deve constituir um sistema completo sob todos os pontos de vista: a) autores, b) editores, c) assuntos, d) locais, e) períodos de tempo, f) formas, g) línguas das publicações.

2º Extensão. O sistema deve abranger: a) o registro daquilo que foi publicado, na forma de descrição bibliográfica; b) tanto quanto possível a análise do conteúdo das obras; c) sua classificação; d) as informações catalográficas compatíveis com as das grandes bibliotecas nacionais ou especializadas do país.

3º Quanto às formas. O sistema deve incluir: a) livros; b) revistas e jornais; c) conteúdo dos periódicos (eventualmente artigos de fundo de grandes jornais); d) publicações, edições em fichas; e) gravuras, estampas, fotografias; f) mapas e plantas; g) partituras musicais.

4º Quanto ao período de tempo. Da origem aos dias atuais, em duas séries distintas: a) parte retrospectiva; b) parte corrente periódica.

5º Quanto aos assuntos. Todos os assuntos, concernentes a todos os locais e de todos os tempos.

6º Quanto aos autores. a) Os autores nacionais, residam eles no país ou no estrangeiro (pode-se indicar estes últimos com um asterisco); b) autores estrangeiros que publicam sobre o país, os habitantes, as personalidades ou as obras do país.

7º Quanto aos impressores e editores. Todas as publicações impressas no país, trate-se de autores nacionais ou estrangeiros, de assuntos nacionais ou estrangeiros.

8º Modo de publicação. Publicação única, mas em diferentes formatos, de modo a atender a diversas utilidades: a) formato de volume ou fascículos para serem encadernados em volumes; b) edição em papel *pelure,* que facilita o recorte e a colagem em fichas; c) se possível, edição em fichas.

9º Redação dos registros. a) Registros completos; b) regras catalográficas internacionais; c) dispositivos que permitam responder tanto às necessidades da bibliografia quanto às dos catálogos de bibliotecas. Nesse sentido, principalmente a impressão dos registros secundários (*additional entries*) sob os registros principais aos quais se refiram e o número de chamada constante da obra no catálogo da biblioteca nacional; d) numeração contínua dos registros, colocada no final de cada registro, na parte inferior, à direita.

10º Ordenação. a) Classificação sistemática (Classificação Decimal); b) cabeçalhos analíticos ou palavras-chave que indiquem de modo sucinto o assunto tratado pela publicação (na parte inferior, à direita).

11º Língua da bibliografia. A língua nacional: título, prefácio, eventualmente os índices em diferentes línguas, se houver diversas línguas nacionais, o corpo da bibliografia na língua original de cada obra com tradução, eventualmente, do título para as outras línguas, em forma de nota.

12º Índices. a) Índice de autores e de títulos das obras anônimas; b) índice alfabético de títulos dos periódicos; c) índice das entradas decimais complementares da parte principal em ordem decimal (indexação múltipla, entradas por lugares); d) índice analítico (alfabético dos assuntos com remissiva para os números da Classificação Decimal); e) princípios adotados nos índices acumulativos; f) índices mensais, anuais, decenais.

13º Capa. a) Capa removível, para formar pastas; b) informação no reto da capa sobre as principais entradas em ordem sistemática com remissão ao mesmo tempo para as páginas e os números de ordem dos registros.

14º Suplementos. Suplementos destinados a dar conhecimento das obras de anos anteriores que não foram incluídas nos fascículos ou volumes dos anos em que as publicações apareceram.

15º Partes. Partes distintas: 1. para livros; 2. para títulos de revistas e jornais; 3. para artigos; 4. para estampas e para partituras de música.

16º Paginação. Especial para cada parte.

17º Anexos. 1. Introdução explicativa; 2. histórico das transformações da publicação; 3. estatística da produção bibliográfica do país em consonância com as tabelas estatísticas internacionais; 4. características da bibliografia sob diversos pontos de vista indicados em 255.1 [no quadro e em 255.3] e, em particular, a fórmula numérica dessas características.

18º Forma de produção. a) As obras devem ser reunidas pela biblioteca nacional do país, seja por via do depósito legal, seja por via de compra ou de doação de autores e editoras; b) acordos com as gráficas, editoras, repartições públicas que editam, associações e grupos científicos, associações de editoras de jornais e revistas; c) correspondentes nas províncias.

19º Coordenação. Em cada país a bibliografia nacional deveria ser estabelecida de maneira a combinar em um instrumento único os desideratos da ciência, das bibliotecas, da indústria editorial e do comércio livreiro. Para esse fim, sobretudo: 1º a bibliografia deveria ser produzida não somente em volumes, mas também em fichas; 2º nesse último formato, como nos Estados Unidos, combinada com o certificado de depósito para fins administrativos e de direito autoral; 3º todo livro deveria receber seu número de matrícula ao mesmo tempo que seu índice numérico de classificação. Esse número, doravante, substituiria as longas e dispendiosas descrições textuais nas transmissões telegráficas e de lançamentos de contabilidade. Esse código (p. ex., França 1929, nº 1426) seria suficiente para indicar com concisão, precisão e segurança determinada obra, de determinado autor, sobre determinado assunto, editada por determinada empresa na França em 1929. Essa indicação de identidade, atribuída à obra em primeiro lugar, seria impressa nela, em seu registro e nas fichas correspondentes.

255.44 Bibliografia especializada por assuntos

Há bibliografias temáticas de todas as ciências, de quase todos os assuntos especializados. Dentre elas, há obras notáveis. Mencionaremos apenas algumas.

Por ex., o *International Catalogue of Scientific Literature*, o índice em fichas do Concilium Bibliographicum, criado em Zurique, em 1895, por Herbert Haviland Field, o *Index-Catalogue*, seguido do *Index Medicus*, o *Manuel de bibliographie historique* de Langlois, o *Manuel* [*bibliographique de la littérature française moderne* (1500–1900)] de Lanson, o *Guide to the study*

of history, sob os auspícios da American Historical Association.

Em história natural, mineralogia, botânica e zoologia, a bibliografia necessita de organização. Seu trabalho não se confina ao laboratório ou ao observatório. Ele se expande pelo mundo todo e as publicações da mais obscura história local podem conter observações de fenômenos naturais.

O *International Catalogue of Scientific Literature* foi elaborado por uma organização internacional sob os auspícios da Royal Society de Londres. Esta tinha publicado o *Catalogue of Scientific Papers*, bibliografia do conteúdo dos periódicos científicos de 1800 a 1900.

O *Catalogue of Scientific Literature*, que começou em 1901, editou até hoje 216 volumes contendo aproximadamente três milhões de referências de periódicos de ciências de 34 países. Ele deixou de ser publicado. Sua organização baseava-se em um escritório internacional, em Londres, e escritórios regionais que enviavam para lá as fichas dos trabalhos nacionais. Publicava anualmente um volume por ciência. Foi elaborada uma classificação geral que empregava letras seguidas de uma numeração de quatro algarismos. O catálogo foi muito criticado, por ser publicado com atraso, incompleto; com muito poucas remissivas nos índices; classificação insuficiente e isolada, que utilizava quase todas as letras do alfabeto, sem se preocupar com as outras ciências; a técnica e as ciências aplicadas deixadas de lado; não utilização das bibliografias periódicas existentes, cooperação restrita; ausência de preocupação com a bibliografia universal.

A Smithsonian Institution, em dezembro de 1932, apresentou um plano para a retomada dos trabalhos do *International Catalogue*, baseando-se no fato de ainda haver uns vinte centros nacionais de documentação para a bibliografia científica mantidos com fundos governamentais. Esse novo plano consiste em reunir um fundo rotativo de 75 mil dólares a serem aportados por fundações educacionais ou doadores privados além da cobrança de assinaturas anuais no valor de 50 dólares. Foi levantada uma lista de mil nomes. Estima-se que o material reunido pelos escritórios nacionais e ainda inédito valha de um a dois milhões de dólares.

O *Biological Abstracts* foi viabilizado graças à ajuda da Fundação Rockefeller, do Laura Spelman Rockefeller Memorial, do American Council of Learned Societies e do National Research Council.

255.45 Outras espécies de bibliografias

a) As bibliografias baseadas em formas documentárias ou generalidades, chamadas às vezes, erroneamente, de 'bibliografias especiais', diferem das bibliografias universais e daquelas baseadas em assuntos ou das bibliografias nacionais. Suas peculiaridades permitem que sejam agrupadas pelos seguintes tipos, segundo a característica que serviu para o agrupamento das obras. 1º Por autor, ex., autores, autoria de pessoa jurídica, tipos de autores, plagiários. 2º Por edição ou publicação (ex., primeiras edições, obras inacabadas, edições de luxo, edições microscópicas, livros suprimidos, exemplares de associações. 3º Por afinidade de conteúdo, por ex., eróticos. 4º Por valor ou utilidade: melhores livros, livros didáticos, obras de consulta, etc.

b) Há tipos de bibliografias ligadas a características secundárias, mas que têm sua utilidade, por ex., as das edições de clássicos consideradas definitivas, as dos livros baratos de bons autores (edições Teubner, Tauchnitz, Everyman, etc.), a de livros anunciados e que nunca foram publicados ou que começaram a ser publicados e nunca foram terminados.

Mas outros são fúteis. Por ex., esta: *Books printed in two point fly's eye type*, livros impressos com tipos de olho de dois pontos, isto é, um oitavo do entrelinhamento dos livros comuns.

c) As bibliografias de publicações oficiais surgiram tardiamente. Os documentos oficiais são em número elevado. Os *blue books* ingleses eram aproximadamente cem por ano antes da guerra. Eles são publicados pelos nomes de diversos departamentos ou órgãos especializados, o que torna as pesquisas difíceis. Os Estados Unidos tiveram o maior cuidado com seus documentos oficiais. Eles centralizaram a impressão nas oficinas do Printing Office, a distribuição no Superintendent of Documents, as coleções na Library of Congress, o catálogo nas fichas editadas por essa biblioteca. Ver as obras de Swanton, *Guide to the use of the U. S. government publications*, e de Everhart, *Handbook of U.S. public documents*. Atualmente existe uma abundância de publicações da Liga das Nações e da Repartição Internacional do Trabalho.[1]

d) As publicações de associações, as teses e *Festschriften* [livros de homenagem] foram arrolados em inúmeros levantamentos. Por ex.: *Minerva*, *Index generalis*, *Handbook of learned societies*, *Bibliographie des travaux scientifiques*, de Deniker.

e) Há listas de livros notáveis por sua história, sua associação, etc. Ex.: livros perdidos e imaginários, livros acidentalmente destruídos, livros suprimidos, proibidos, expurgados (por ex. *Romans à lire et à proscrire,* de Bethléem) livros em exemplar único, livros com dedicatórias, livros que pertenceram a celebridades, autografados, com notas manuscritas, etc. Dentre os livros imaginários, citemos um do século XVIII: *Mémoire sur l'usage des chats dans l'art musical et sur la manière de pincer leur queue pour les faire miauler en concert* [Memória sobre o uso de gatos na arte musical e sobre o modo de beliscar seu rabo para fazê-los miar em concerto].

f) Anônimos e pseudônimos. Há bibliografias especiais de obras cujos autores são anônimos ou pseudônimos. P. ex., Samuel Halkett e John Lang: *Dictionary of anonymous and pseudonymous literature* (*1926–1933*).

g) Bibliografia baseada na data das publicações. Foram feitas bibliografias baseadas na ordem cronológica de publicação das obras. Ex.: Napiersky: *Cronologischer Conspect der Lettischen literatur von 1587 bis 1830*. – De fato, todas as bibliografias publicadas periodicamente são bibliografias cronológicas, fato que aparece muito claramente quando as coleções continuam por diversos anos. As bibliografias especializadas são frequentemente feitas em ordem cronológica, que é a ordem do desenvolvimento da ciência. Ex.: Maurice Lecat: *Bibliographie du calcul des variations*, 1916. A ordenação por datas suscita muitas peculiaridades. Ver a esse respeito Voge, A. Law: Chronological arrangement of subject-cards in a dictionary catalog. (*Library Journal*, 1917, nº 6, p. 441-443.)

h) Catálogo de editoras, livrarias e leilões. Os catálogos dos editores têm diferentes formas. Catálogos completos (frequentemente são uma verdadeira história da editora respectiva). Catálogo de livros novos. Catálogo de livros ditos 'de fundo', isto é, ainda em venda. Os editores publicam avisos e circulares, em folhas ou fichas, com ou sem resumo, prontos para inserir nos fichários. Existem catálogos comuns de editores de um país (por ex., na França o *Le Soudier*) ou de uma especialidade. Trata-se de catálogos individuais das editoras, impressos nos mesmos formatos e

[1] Myers, Denys P. International documentation, its classification and purpose. In *Libraries*, 1927, p.107-113.

reunidos por meio de um índice comum. Os catálogos das livrarias são publicados em número considerável. Eles são de caráter universal, abrangendo tudo. Foram feitas para livrarias separatas da *Bibliographie de France*, que levam impressos os nomes de diversas livrarias. Há os catálogos de sebos (antiquários), os catálogos de leilões e a publicação com os preços pelos quais são vendidas as obras (*Book-Prices Current*).

i) Bibliografia dos melhores livros. John Lubbock (*On the pleasure of reading*) fez uma lista dos cem melhores livros. Von Möllendorff (*Die Weltliteratur*), 975 livros com uma tabela de comparação por país, sendo a Itália a parte mais importante. Sonnenschein (*Best books*) publicou em 1910 uma lista de 100 mil obras, mas nem todas as línguas estão bem representadas. N. Rubakin (*Parmi les livres*). Alexander J. Philip publica anualmente uma seleção, *Best books of the year*, com excelentes introduções e detalhada categorização, uma espécie de história da literatura científica. *Le guide polonais des autodidactes*. O *ALA Catalogue* da American Library Association, edição de 1906, lista dez mil obras fundamentais, com comentários e ordenadas pela Classificação Decimal. Ela é complementada pela *Booklist*, mensal. O *ALA Reading with a purpose, a series of reading course*. Koeller e Volckmar, *Kleine Literaturführer*. O *Répertoire bibliographique de la littérature française*, de Federn, etc., etc. O Instituto Internacional de Cooperação Intelectual tem publicado listas de obras notáveis editadas em diferentes países no curso de um ano. Sob a direção de Tweney, houve o projeto de um 'guia bibliográfico internacional', ordenadas pela Classificação Decimal. Numerosos concursos foram organizados para indicar os melhores livros: houve até um cujo júri era composto por crianças de menos de 12 anos. Duas tendências se confrontam: a daqueles que gostariam que se procedesse à eliminação dos livros menos interessantes e a dos partidários da universalidade. *Melius est abundare quam deficere*.

j) Obras ditas de referência. As obras de referência foram definidas como as '*clearing houses* dos conhecimentos', as 'bibliotecas em miniatura'. Elas incluem enciclopédias, dicionários, anuários, tratados e manuais referentes a todas as ciências e que contêm muitas bibliografias. Buck G., *Keys to the halls of books* (1926), enumera 25 tipos de livros de referência. Mudge publicou *New guide to reference books* (1923). – Kroeger, Alice B. *Guide to the study of reference books* (1917). – A Reynolds Library (Rochester, EUA) planejou centralizar todos os catálogos de obras de referência. – Os congressos alcançam um número considerável (contou-se mais de três mil de 1842 a 1910). Deles resultam inúmeros trabalhos que são publicados em volumes separados, em suplementos ou fascículos de publicações independentes, e em periódicos. – A bibliografia corrente é completada pela cronologia dos acontecimentos e pelas histórias da ciência, da literatura, da arte, pelos relatórios sobre os progressos realizados nos diversos ramos das ciências e das técnicas. – As *Tables annuelles de constantes*, publicadas por C. Marie e instituições norte-americanas, são auxiliares da bibliografias limitadas às pesquisas relativas aos dados que elas registram.

k) Biografia. Existe um grande número de coletâneas de biografias, umas retrospectivas, outras correntes, e informações bibliográficas sumárias dispersas em dicionários e anuários. – As histórias literárias, as biobibliografias e enciclopédias são fontes importantes de biografias de autores de todos os países e de todas as épocas. São inúmeras: Zedler [*Grosses vollständiges Universal-Lexicon aller Wissenschaften und Künste*], Ersch e Gruber [*Allgemeine Encyclopädie der Wissenschaften und Künste*],

Nicéron [*Mémoires pour servir à l'histoire des hommes illustres de la république des lettres avec le catalogue raisonné de leurs ouvrages*], Joecher [*Allgemeines Gelehrtenlexikon*], Vapereau [*Dictionnaire universel des contemporains* e *Dictionnaire universel des littératures*], Michaud [*Biographie universelle, ancienne et moderne*], Hoefer [*Nouvelle biographie générale*]. Há dicionários biográficos nacionais. As informações sobre os autores contemporâneos são difíceis de obter. Citemos: Inglaterra: *Who's who* (1933, 85º ano); Estados Unidos: *Who's who in America* (1932, 17º vol.); França, *Qui êtes-vous* (1924), Alemanha, *Wer ist's* (1928, 9ª ed.); Itália: *Chi è* (1928–1929); Países Baixos, *Wie is dat* (1932, 2. ed.), R.K. *Wie is dat*.

255.46 Bibliografia de revistas e jornais

É necessário distinguir a bibliografia dos periódicos da dos artigos dos periódicos; a bibliografia dos jornais da dos artigos de jornais.

a) A bibliografia dos periódicos adota frequentemente o nome de anuário da imprensa. O Congresso Internacional da Imprensa Técnica, de 1928, ocupou-se de um anuário internacional da imprensa técnica mundial. Stein, em seu *Manuel de bibliographie générale*, apresenta o *Répertoire des tables générales des périodiques de toutes langues* [lista dos índices acumulativos de periódicos]. O inventário dos periódicos científicos das bibliotecas de Paris foi realizado sob a direção de A. Lacroix (Paris, Masson, 1924-25, 4 vol. in-8º) (Académie des Sciences). – A *World list of scientific periodicals published in the years 1900–1921* (London University Press, 1923) identifica 24 678 títulos. É um catálogo coletivo das bibliotecas da Grã-Bretanha. Traz lista de abreviações, editores, mudanças de títulos e suas datas, identidade dos periódicos que mudaram de nome, datas de interrupção, indicação das bibliotecas em que um periódico pode ser consultado ou retirado por empréstimo.

b) O *International Index to Periodicals*, atualmente publicado pela H. W. Wilson Co. é um índice de um grande número de periódicos e que se publica cinco vezes por ano. O sexto fascículo é combinado com o volume acumulativo anual que reúne e rearranja os dados do ano inteiro. A cada quatro anos, o volume anual é substituído por outro, que reúne acumulativamente a matéria com os três volumes precedentes. Os quatro volumes plurianuais da coleção cobrem juntos os anos 1907–1927, ou seja, 21 anos, e compreendem 384 mil entradas. O modo de publicação adotado permite descartar sucessivamente os fascículos depois que foram acumulados e consultar a copiosa matéria, sem ter que recomeçar várias vezes a consulta a diferentes ordens alfabéticas.

c) O problema da unificação do sistema de abreviação dos títulos de periódicos foi estudado pela Comissão de Cooperação Intelectual, discutido pela Réunion des Bibliothécaires, examinado em conjunto com esta pelo Congresso Internacional dos Bibliotecários, em Roma. Agora, possui-se com a *World list of scientific periodicals* um instrumento prático para as abreviações dos títulos das revistas.

d) Trabalhos de envergadura relativos à indexação do conteúdo de periódicos foram realizados em todos os países e em diferentes ramos das ciências e das técnicas. Assim, por exemplo, o *Poole Index* norte-americano, o *Schedularium* (fichas) do Concilium Bibliographicum, o *Catalogue of scientific papers* (século XIX), o *International Catalogue of Scientific Literature* (1900–1914). Encontra-se a lista desses índices na *Bibliographie des Bibliographies* e para períodos recentes no *Index Bibliographicus*. O *Poole*

Index foi a primeira obra dessa natureza. Ele registrou, de modo cooperativo, 590 mil artigos de 470 periódicos diferentes, tendo sido continuado pelo *Annual Literary Index* e pelo *Annual Library Index*.

A *Bibliographie de Belgique* edita anualmente a lista dos periódicos publicados no país. Durante anos, a *Bibliographie de Belgique* publicava também, em cooperação com a Repartição Internacional de Bibliografia, um *Bulletin des Sommaires des Périodiques.* Nele, os artigos das revistas eram referenciados de forma bibliográfica, acompanhados do respectivo índice decimal.

e) As listas de jornais são frequentemente publicadas junto com as das revistas. Há bibliografias ou índices de alguns jornais, levantamentos valiosos para nos orientarmos sobre fatos contemporâneos. (Ex.: *The Times Index*, *New York Times Index*.)

f) O trabalho para compilar a bibliografia das revistas e jornais é imenso, e só pode ser realizado em cooperação e publicado na forma de diversos levantamentos. Terá seu lugar no Repertório Bibliográfico Universal.

255.47 Catálogos de grandes bibliotecas

a) Os catálogos de grandes bibliotecas são obras de muita envergadura, continuadas por diversas gerações. Os principais exemplos são os das bibliotecas nacionais de Paris, Londres (British Museum), Washington (Library of Congress), Berlin, Viena, Madri, Roma e Leningrado. Alguns são impressos, outros permanecem manuscritos. Incluem suplementos e complementos. Entre os catálogos impressos, é necessário citar os do Peabody Institute de Baltimore, da universidade de Edimburgo, da universidade de Leiden, da biblioteca real de Copenhague, da biblioteca pública de Dresden, da Biblioteca Nacional de Santiago.[1]

b) Os catálogos são tão antigos quanto as próprias bibliotecas. Eles já existiam nas bibliotecas de Nínive, Babilônia, Atenas, Tebas, Cartago, Roma, Alexandria e outras da Antiguidade. Os catálogos primitivos e os dos tempos posteriores eram muito imperfeitos; comumente eram organizados por nome de autor ou segundo uma ordem de assunto mais ou menos arbitrária. Não havia regras fixas para a catalogação. Eram usadas folhas encadernadas, nas quais eram deixados espaços em branco para intercalações, que eram rapidamente preenchidos, dando origem a muitas complicações, emendas, complementos e acréscimos. A obra do catálogo estava em perpétuo recomeço, cada vez seguindo sistemas diferentes. É na metade do século XIX que a catalografia recebe um forte impulso. Foram adotados catálogos em fichas móveis que se prestam à escrita à máquina. Adotaram-se regras catalográficas, foram feitos acordos para padronizar e ao mesmo tempo generalizar e unificar regras e formatos.

c) Espécies de catálogos. Os catálogos das bibliotecas são: *Quanto ao objeto*, dedicados à totalidade do acervo ou, separadamente, aos livros, aos periódicos, aos mapas e plantas, aos manuscritos, aos incunábulos, às obras de referência. *Quanto à ordenação,* por autor, sistemáticos de assuntos, alfabéticos de assuntos. *Quanto ao modo de elaboração*, manuscritos ou impressos, em classificadores ou em fichas, retrospectivos ou correntes.

As espécies de catálogos podem ser divididas em: A. *Catálogos gerais*: 1. catálogo onomástico ou alfabético de autores (*name catalog*); 2. catálogo de assuntos (*subject catalog*), metódico ou sistemático; 3. catálogo topográfico (*shelf list*); 4. catálogo-dicionário (*dictionary catalog*); 5. catálogo

[1] Répertoire des catalogues d'imprimés des principales bibliothèques du monde entier, em Stein, *Manuel de bibliographie générale* (F. Milkau, Centralkatalogue und Titeldrucke (1898).

de aquisição (inventário, livro de tombo, *accession book*). B. *Catálogos especiais*. São em número ilimitado e podem corresponder a cada espécie de fundo ou coleção: manuscritos, incunábulos, obras raras e valiosas, periódicos, partituras musicais, teses acadêmicas, gravuras e estampas, mapas e plantas, obras duplicadas ou incompletas, etc. Convém juntar ao catálogo geral o maior número desses catálogos especiais.

d) O catálogo geral da Bibliothèque Nationale, de Paris, que é também a mais importante bibliografia retrospectiva, chegou em 1933 a 122 volumes na letra N. Sobre sua história, consultar a introdução do sr. L. Delisle no primeiro volume do *Catalogue général des imprimés de la Bibliothèque Nationale*.

A publicação fotográfica do catálogo da Bibliothèque Nationale de Paris será facilitada graças à iniciativa de uma comissão nomeada pela American Library Association: 40 bibliotecas norte-americanas decidiram fazer assinaturas do catálogo, pelo preço de 250 francos ao invés de 125. Com esse adicional de aproximadamente dois milhões de francos, o catálogo será terminado em 11 anos ao invés dos 25 anos previstos. O processo fotostático possibilitará produzir 50 volumes por ano com 3 200 entradas em cadernos de 50 páginas. Cada volume custa 35 dólares encadernado, isto é 11 mil dólares por todos eles. Uma nova edição do catálogo impresso originariamente de A a L foi feita pelo processo Catin (espécie de processo anastático). O trabalho será efetuado por uma organização especial, com catalogadores aposentados, que receberão remuneração de 15 mil francos, isto é, a metade do montante de seus vencimentos anteriores, mas que se somarão aos 15 mil francos da aposentadoria.

e) Há crise nos catálogos das bibliotecas da Alemanha. O antigo catálogo sistemático é vítima do imenso desenvolvimento das ciências durante essa última dezena de anos. A Deutsche Bücherei mudou para a ordenação mais fácil, a do *numerus currens* [número de registro]. O catálogo sistemático da biblioteca estatal da Prússia, em Berlim, que compreende mais de 1 400 volumes in-fólio (a biblioteca tem dois milhões de volumes), é um dos raros que sobreviveram aos ataques do tempo. Um índice alfabético de assuntos, com três quartas partes terminadas, foi acrescentado a ele. O catálogo-dicionário não pôde ser implantado até agora na Alemanha.

255.48 Catálogos coletivos de bibliotecas

a) Entre os catálogos de bibliotecas específicas e a bibliografia colocam-se os catálogos coletivos (*union catalogues*). Eles são dedicados ao inventário das obras pertencentes a um conjunto de bibliotecas. Pela extensão do campo que cobrem, constituem uma contribuição importante para a bibliografia e podem mesmo, sob certo ponto de vista, ser considerados como uma bibliografia seletiva.

b) Os catálogos coletivos tomam como base tanto o local onde as obras estão depositadas (catálogo coletivo das bibliotecas de uma cidade, de uma região), a natureza das publicações (periódicas ou manuscritas), quanto o assunto (livros de uma determinada ciência).

c) Dentre os catálogos coletivos, deve-se assinalar o National Union Catalog dos Estados Unidos (Library of Congress), o Gesamtkatalog das bibliotecas da Prússia, o catálogo coletivo de Estolcomo e de Oslo, o catálogo coletivo dos periódicos pertencentes às bibliotecas de Paris, o catálogo coletivo das bibliotecas da Bélgica (Repartição Internacional

de Bibliografia e Documentação). Catálogos coletivos existem principalmente na França para manuscritos, tesouros artísticos, fundos especiais de bibliotecas provinciais e incunábulos.

d) O *Gesamtkatalog der Preussische Wissenschaftlichen Bibliotheken* (catálogo coletivo das bibliotecas especializadas da Prússia), organizado em fichas em 1895, reúne aproximadamente dois milhões e 500 mil títulos e é mantido continuamente em dia para os títulos impressos em Berlim. Começou a ser impresso. Quando a publicação tiver sido terminada, bastará a cada biblioteca acrescentar à mão seu próprio número de chamada depois dos títulos das obras que ela possui em seu próprio acervo, para ter, em lugar de um catálogo ultrapassado, um novo catálogo composto com unidade. [1]

e) Por iniciativa do sr. Berghoeffer, a biblioteca Rothschild, de Frankfurt, fez um catálogo coletivo das bibliotecas de língua alemã (*Samenkatalog wissenschaftlicher Bibliotheken der Deutschen Sprachgebiets*). Começado em 1891, possui hoje mais de três milhões de títulos com quatro milhões de indicações dos locais onde se encontram os livros (Foundorten). Trata-se de uma fusão de catálogos impressos e datilografados, bem como dos registros de aquisições de bibliotecas especializadas de língua alemã (Alemanha, Áustria, Luxemburgo, Suíça e Holanda). Baseia-se numa ordenação por quatro critérios: geográfico, cronológico, autor e assunto.[2]

f) O National Union Catalogue, catálogo coletivo da Grã-Bretanha, continua sendo elaborado pela National Central Library (Londres) e seu Information Department (Inquiry Office of the Joint Standing Committee on Library Cooperation).

g) Um acordo foi celebrado entre a Library of Congress e a American Library Association para a preparação de um catálogo norte-americano (*Library of Congress Union Catalogue*). Trata-se de chegar à catalogação de oito a nove milhões de títulos. Atualmente, sete milhões já estão catalogados (seis milhões e 600 mil entradas de cinco milhões de títulos). A Rockefeller Foundation participou no primeiro plano quinquenal da obra com 50 mil dólares por ano. O esforço foi orientado para as obras menos solicitadas (*unusual book*), notadamente as anteriores a 1800 ou em língua estrangeira antes de 1870. Para recuperar tais obras em uma biblioteca universitária com 144 mil itens no livro de tombo foram necessárias 41 horas e 15 minutos, e 140 horas para copiar os 12 300 títulos selecionados.

g) É lamentável que até hoje não tenha sido possível chegar-se a um acordo para publicar um catálogo coletivo das grandes bibliotecas do mundo: Paris, Londres, Berlim, Washington.

Que os catálogos coletivos nacionais, no entanto, hoje desfrutem de interesse internacional fica comprovado principalmente pelo fato de que, graças à intervenção da American Library Association e da Bibliographical Society of America, a Rockefeller Foundation concedeu uma subvenção ao Preussische Gesamtkatalog.

255.49 Repertórios de coleções

Foram elaborados repertórios ou listas das grandes coleções especiais de obras existentes em certos países. Por ex., para os Estados Unidos, o

---

[1] H. Fuchs. Das Gesamkatalog der Preussischen Bibliotheken und sein Ausbau zu einen Deutscher Gesamtkatalog. In *Von Bucherei und Bibliotheken*. Ernst Kuhnert dargebracht, Berlin 1928.

[2] Ch. W. Berghoeffer. a) Der Frankfurter Sammelkatalog. *Zentralblatt für Bibliothekswesen*, 1925. b) Vorschrift für den Sammelkatalog, 1927.

Index directory to special collections (Richardson). Para a Grã-Bretanha, o *Special libraries directory*, publicado pela ASLIB.

255.5 Resumos e análises

a) Os resumos constituem a exposição da documentação. Eles consistem na análise, de forma sucinta, do que está contido nos documentos (concisão, condensação, extração da 'essência medular').

b) A utilidade dos resumos está em função da seleção dos documentos a serem resumidos, do grau de completude que se pode esperar do número de informações, do grau requerido de originalidade, novidade e importância, enfim, de sua exatidão e de sua fidelidade.

c) O resumo tem um valor em si. A concisão de sua exposição obriga a ressaltar os princípios fundamentais e adotar um plano que leve a realçar ao mesmo tempo o estado de um assunto e sua dinâmica interior.

d) Houve abuso de resumos. Antes da guerra, dizia-se que os alemães só conseguiam trabalhar com os *Centralblätter*. Abdicavam facilmente de recorrer aos trabalhos originais e receber a impressão complexa e direta de uma fonte primária. É preciso, sobretudo, trabalhar com base nas fontes primárias. Os norte-americanos tendem a retomar uma ideia parecida: tudo está nos *abstracts*. No entanto, apesar dessas críticas, o resumo é um fato e tem um papel a cumprir. As coletâneas de resumos devem ser como uma revista científica que se lê para saber das 'novidades', para ficar a par, *grosso modo*, do que está acontecendo, para não ignorar por completo algum fato essencial. Mas, quem se limita aos jornais e jamais lê as atas dos Parlamentos, os livros sobre questões diplomáticas, ou as memórias e recordações dos homens envolvidos na vida pública, terá uma ideia bem falsa da política.

e) Há coletâneas gerais de textos condensados. A *Review of Reviews* inaugurou há algum tempo um tipo bem especial. O *Reader's Digest* publica mensalmente aquilo que seu editor julga mais característico aparecido nas revistas. *Lu et Vu* declaram analisar três mil jornais por semana.

f) As coletâneas de resumos especializados são, em primeiro lugar, os *Centralblätter* e os *Jahresberichter*, publicados na Alemanha por quase toda ciência. Os norte-americanos produziram grandes coletâneas. Ex.: *Science Abstracts*, *Physics Abstracts*, *Biological Abstracts*, *Social Science Abstracts* etc. Esse último estende-se por mais de mil páginas por ano, analisa três mil periódicos em 35 línguas, oferece mais de 22 mil resumos e é sustentado por mil patrocinadores.

g) Foram envidados esforços para coordenar, normalizar, padronizar e concentrar a publicação de resumos, particularmente pelo National Research Council, de Washington, e a Comissão de Cooperação Intelectual da Liga das Nações. Em 1920, a Confédération des Sociétés Scientifiques Françaises apresentou o projeto de uma publicação de resumos de trabalhos científicos do mundo inteiro com um orçamento anual de dois milhões e 517 mil francos. Calculou-se (por volta de 1922) que seriam necessárias quatro mil páginas para analisar e resumir anualmente todos os trabalhos de química e que isso custaria 90 mil francos. Na conferência da Library Association (Blackpool, set. 1928), foi debatido o tema 'recensão de livros' [*book reviewing*], apresentado em uma comunicação de M.C. Squire, foi dito, dentre outras coisas, que a primeira condição para se condensar um livro é... tê-lo lido.

h) Recomendou-se o *Auto-referat*, publicação de resumos feitos pelos

próprios autores dos artigos. Esses resumos são publicados junto com o artigo original, acompanhados eventualmente de tradução para o esperanto ou outra língua. A Federação Odontológica Internacional estabeleceu um método de análise bibliográfica muito detalhado com modelos e comentários (*Bulletin de la Fédération Dentaire Internationale*, 1928, p. 4).

i) Gradualmente foi-se constituindo uma técnica para resumir. Ela foi descrita em muitas instruções redigidas pelos colaboradores das publicações que editam.[1] Daí extraímos as seguintes recomendações: 1º a extensão do resumo foi estabelecida em 3% do original; 2º estilo direto, evitando palavras desnecessárias e circunlóquios; 3º distinguir o que é novo e original e que faz a ciência evoluir daquelas outras partes que são compilações de fatos, resumo da literatura, bibliografias. Novas aplicações ou novas circunstâncias de aplicações de fatos ou princípios comuns, novas interpretações, teorias ou hipóteses. Resumos informativos ao invés de descritivos; resultados obtidos; 4º fazer o índice das publicações de resumos com base nos próprios resumos e só inserindo no índice o que estiver nos resumos; 5º limitar o resumo de livros ao ponto de vista, à finalidade, à caracterização do conteúdo, à indicação daquilo que eles contêm de novo; 6º buscar padronização, mas levar em conta que ela depende dos assuntos. Por ex., em ciências, é mais fácil na taxonomia do que em domínios de natureza experimental; na técnica, as patentes têm suas reivindicações (ou *claims*); 7º orientar os leitores, por meio dos resumos, para os livros e os artigos, primeiramente para aqueles que devem reter sua atenção por causa da novidade; fazer o resumo de modo a servir também para a informação de quem não tem acesso às obras condensadas; 8º extrair de cada ramo da ciência diversas categorias de dados que é necessário acompanhar e indicar nos resumos. Por ex., no que diz respeito à taxonomia, à faunística e à florística, ver *Biological Abstracts*.[2]

255.6 Citações. A bibliografia nas obras

a) As obras eruditas e científicas se apresentam com seu aparato bibliográfico no texto, ao pé da página, no começo ou no fim dos capítulos ou em lista colocada em apêndice e classificada seja na ordem dos capítulos, seja em uma ordem única numérica, cronológica ou alfabética. A citação é um meio de prova e de controle. Somente os poetas escondem de seus comentadores a fonte de sua inspiração e de suas alusões e não incluem em seus versos informações bibliográficas.

b) Livres dessas imensas leituras sob as quais a imaginação e a memória são igualmente esmagadas, os antigos tinham poucos documentos para consultar; suas citações não são quase nada, e, quando remetem a alguma autoridade, é quase sempre sem indicação precisa. Heródoto se satisfaz em dizer em seu primeiro livro, *Clio*, que ele escreve segundo os historiadores da Pérsia e da Fenícia; em seu segundo livro, *Euterpe*, ele fala conforme os sacerdotes egípcios que para ele leram seus anais. Ele

---

[1] *Guide for collaboration in the preparation of abstracts for* Biological Abstracts, 1928, 12 p. com modelos.

[2] Fontes: V.J. Jastrow estudou teoricamente as regras dos Jahresberichte. Handbuch zu Literatur berichten. Im Anschluss an die Jahresberichte der Jahresberichte der Geschichtwissenschaft. Berlin, 1891, in-8º – A A.S.L.I.B reuniu uma coleção de instruções destinadas a seus analistas para certas publicações. Ela discutiu o método em suas reuniões *Aslib Information*, June, 1933). – Rosenhain, Dr. 1928. Scientific abstracting (*A.S.L.I.B. Bulletin*). – Ahren, Wilhelm. Ein Vorschlag für das Buchbesprechungswesen, *Börsenblatt f. den D. Buch*. 89, 1922, S. 877-881. - Savage and Baker. *Manual of descriptive bibliography for library catalogue*, London, Library Supply Cy. – Picard Edmond. Comment doivent être rédigés scientifiquement la notice et l'argument d'une décision judiciaire. *Pandects Belges*, introduction, 1886..

reproduz um verso da *Ilíada*, uma passagem da *Odisseia*, um fragmento de Ésquilo: Heródoto não carece de autoridade nem tampouco seus ouvintes dos jogos olímpicos. Tucídides não faz nenhuma citação: menciona somente alguns cantos populares. Tito Lívio não se apoiou jamais em textos, autores, historiadores e narradores; é essa sua maneira de proceder.[1]

c) A citação é frequentemente abreviada e vimos os meios para se fazer isso. Assim para a Sagrada Escritura, há um método convencional (Mat. VI, 7); para os incunábulos a referência tem, por ex., a forma (Hain, 10.029). Deve-se condenar o emprego de *locus citatus* ou *loc. cit.* (obra citada) que nos obriga a voltar página por página.

d) Criticou-se o método de citações. Há quem diga que "as citações significam somente que uma opinião é compartilhada e que não saberíamos expressá-la de forma melhor". Outros combatem o método de citação porque apresenta dificuldades insuperáveis. "Se sois capaz de repensar as questões, não podeis deixar de transformá-las. Então as citações vos sufocam. O método de citações provoca um aumento do texto dez vezes maior do que seria razoável. Hoje se estudam os assuntos menos importantes e a quantidade de escritos avoluma-se. Sois coagidos a citar, repetis vinte vezes a mesma coisa, por ignorância, para refutar ou para elogiar. O número das ideias gerais reduz-se então a pouca coisa. O professor tem justamente a função de garimpar esse resíduo de ideias na mixórdia dos trabalhos escritos." (Bouasse.)

255.7 Formas e modos de reprodução

a) Qualquer que seja seu objeto, seu tipo de estrutura ou sua finalidade, as bibliografias e catálogos são, quanto à sua forma, manuscritos ou impressos; e, quanto ao seu modo de reprodução, apresentados em cadernos, volumes ou fichas. Os modos de reprodução são à mão, à máquina de escrever, por mimeógrafo (estêncil), por clichê tipográfico (galvanotipia), matriz litográfica ou composição em linotipo, reprodução fotográfica (fotostática) e microfotografia (fotoscópio, cinescópio).

b) Durante muito tempo, os catálogos foram manuscritos, depois foram impressos. A tendência hoje é voltar ao estado manuscrito (datilografado) devido ao trabalho e ao custo dos catálogos impressos.

c) A impressão das fichas (produção, armazenamento e conservação) foi objeto de numerosos e aprofundados estudos. Um sistema eficiente seria o de conservar a matriz dos registros e fazer as tiragens em caso de necessidade. As primeiras tentativas foram feitas pelo Concilium Bibliographicum, ainda em 1896, utilizando o processo tipográfico. O IIB, nos anos de 1897 a 1900, fez tentativas baseadas em matrizes zincográficas. Mais tarde foram propostos os processos de composição em linotipo e monotipo, outros de base fotográfica, depois os adressógrafos.

Os adressógrafos vieram revolucionar tecnicamente a bibliografia, porque permitem produzir em estêncil, com a ajuda de uma simples máquina de escrever, de caracteres variados, os conteúdos de registros de até nove linhas, que, em seguida podem ser reproduzidos à vontade, em fichas ou listas. O registro, bem elaborado e completo na origem, pode permitir imprimir fichas à vontade, prontas para serem inseridas em qualquer esquema de ordenação, e em quantos exemplares se julgar necessário. A máquina também faz seleção, permitindo tirar várias cópias,

[1] Chateaubriand. *Études ou discours historiques sur la chute de l'Empire romain*. Préface, p. 10.

não fazer de uma ou outra ficha indicada. Calculou-se que uma pessoa, por ano, poderia elaborar 20 mil fichas segundo esse método.[1]

d) A generalização do catálogo impresso em fichas possibilitaria grandes vantagens: identidade entre os catálogos e a bibliografia, e sobretudo com o Repertório Bibliográfico Universal, ao qual poderiam ser incorporadas todas as fichas; impressão pelas bibliotecas; venda de fichas por unidade para os catálogos de outras bibliotecas; reimpressão contínua segundo as necessidades; possibilidade de se chegar um dia a um acordo entre todas as grandes bibliotecas para que não dupliquem inutilmente o trabalho, uma vez que todas elas possuem em parte os mesmos livros. Podem-se elaborar repertórios e catálogos em fichas utilizando os catálogos impressos; mas isso é muito caro. Calculou-se que seriam necessários milhares de dólares para recortar, colar e ordenar todos os suplementos acumulados do catálogo do British Museum. O catálogo em fichas suprime esses custos. As fichas recebidas podem ser inseridas diretamente no catálogo.

e) Pode-se considerar a forma do catálogo em fichas impressas no formato 12,5 × 7,5 cm como superior a todas as outras. Temos o grande exemplo da Library of Congress, os exemplos das bibliotecas de Berlim, de Haia, da bibliografia russa (Palácio do Livro [Knijnoi Palat]). A Liga das Nações publica em fichas internacionais as referências de suas publicações. A Ann Arbor Library (Michigan) [*sic*] começou dessa forma a impressão para seus serviços e os de 25 outras bibliotecas que compram suas fichas. A editora Wilson, nos Estados Unidos, inclui fichas catalográficas em suas edições. Empresas publicam suas novas obras em fichas. Ex.: *Verein Deutscher Ingenieur Zeitschrift*, *Maschinenbau*, *Archiv für Warmenwirtschaft und Damfkesselwesen*, etc.

f) Todas as tentativas feitas nos Estados Unidos para publicar fichas de catálogos fracassaram enquanto a iniciativa foi feita em pequena escala. Ela obteve sucesso magnífico quando a Library of Congress tomou a si essa tarefa e ofereceu a todos a garantia de continuidade e regularidade perfeitas. O catálogo da Library of Congress [LC]é elaborado com fichas de formato internacional; exemplares dessas fichas são depositados em determinadas bibliotecas; o catálogo tem ligação com os registros de *copyright*; é prático para o empréstimo internacional e o serviço de cópias fotostáticas. Há mais de 44 mil assinantes das fichas. É possível adquirir por unidade as fichas editadas pela LC. Esta tem sempre em estoque um certo número de exemplares e faz reimpressões. As fichas trazem um número de ordem, o número de chamada da classificação da Library of Congress e agora também o da Classificação Decimal. Já teve início a impressão nos próprios livros, no verso da página de rosto, do número da ficha da LC. Quem possuir uma obra poderá assim facilmente obter a ficha. Evita-se, portanto, que cada biblioteca venha a repetir o trabalho de catalografia.

g) O método de composição em linotipo, desde que só se dedique uma linha para cada referência (*one title, one bar linotype method*) permite utilizar a baixo custo uma mesma composição tipográfica para a ordem alfabética e a ordem geográfica (ex.: *An index directory to special collections in North American libraries*, de E. C. Richardson).

A composição em linotipo facilita também a elaboração de índices

[1] E. Morel. Mécanique et bibliographie. *La Librairie*, 15 déc. 1933.

e catálogos ditos acumulativos. O processoa cumulativo permite evitar pesquisas em diferentes sequências ordenadas alfabeticamente ou sistematicamente, sempre recomeçando.

255.8 Elaboração de bibliografias e catálogos

255.81 Noção e objetivo

Tratou-se aqui do que é comum à elaboração de bibliografias, de catálogos de bibliotecas e de catálogos de todas as coleções de quaisquer publicações. O catálogo tem quatro objetivos: 1º é uma lista, um inventário do conteúdo de uma coleção, feito para atender a qualquer finalidade; 2º é uma descrição das obras, que delas destaca certas características essenciais; 3º é uma coleção de registros que representam, de modo conciso, as próprias obras e que facilitam qualquer tipo de intervenção, que assim pode ser praticada ou planejada não sobre as 'coisas significadas', mas sobre 'signos'; 4º é um dispositivo especialmente indicado para recuperar facilmente os livros procurados, mesmo quando só se conhece uma de suas características, como, por exemplo, o nome do autor ou o assunto tratado.

A arte de organizar catálogos — a catalografia — é uma arte de total precisão. Trata-se de dar unidade a elementos tão múltiplos e diferentes quanto os livros de uma coleção, e, em seguida, formar um todo com as partes, do modo como se procede na montagem de uma máquina com peças separadas. A possibilidade de funcionamento, a solidez e a elegância da máquina dependem da exata conformidade de cada peça com o plano preestabelecido.

255.82 Repertório ou catálogo alfabético de autores

1. *Noção e objetivo*. O repertório ou catálogo alfabético tem por objetivo informar sobre as obras existentes ou possuídas por determinada biblioteca fazendo-se a pesquisa por autor ou por título no caso de obra anônima, de autor desconhecido e de periódicos.

2. *Partes*. Compreende três divisões: a) dos autores; b) dos anônimos; c) dos periódicos. Na verdade, nada se opõe a que sejam reunidas em uma única sequência alfabética as fichas das obras por autor e as dos anônimos, se se julgar útil, desde que se marquem então os periódicos no repertório de assuntos na divisão 'periódicos', o que pode ter reais vantagens para bibliotecas menores.

3. *Forma*. É elaborado, de preferência, com fichas manuscritas, datilografadas, impressas ou copiadas por técnica fotográfica. Assume eventualmente o formato de livro (publicação, caderno, classificador de folhas soltas).

4. *Registros*. Para os autores e para os anônimos, as fichas são elaboradas de acordo com as regras dos repertórios bibliográficos.

5. *Sequência de ordenação*. 1º Os registros se colocam em ordem alfabética de nomes colocados em destaque, na forma adotada em dicionários: por ex., *Dupont* antes de *Durand*; *Lemercier* antes de *Lemonnier*. 2º O prenome serve de elemento de ordenação adicional dos registros que tenham o mesmo sobrenome (homônimos). 3º Sob cada autor as obras se sucedem conforme a data de sua publicação: virão em primeiro lugar as obras sem data de edição seguidas pelas de data mais antiga, e no fim as mais recentes. É para permitir esse segundo nível de ordenação que a data de publicação é colocada em destaque nos registros. 4º Os registros

relativos às diferentes edições de uma mesma obra ou suas traduções são colocadas depois do registro relativo à obra original.

255.83 Repertório ou catálogo sistemático de assuntos

1. *Noção e objetivo*. O repertório ou catálogo sistemático de assuntos tem por objetivo dar a conhecer as obras existentes ou possuídas pela biblioteca sobre uma matéria determinada: ciência, técnica, questões sociais, personagens, época histórica, etc.

2. *Forma*. Ele é elaborado seguindo a mesma forma material do repertório ou catálogo alfabético (seção 255.82).

3. *Classificação*. O catálogo sistemático é elaborado conforme a ordem da classificação sistemática e com o emprego da notação respectiva (números de classificação, letras ou signos). As observações seguintes aplicam-se ao catálogo organizado de acordo com a Classificação Decimal.

a) *Obras que tratam de vários assuntos*. Quando uma obra trata de vários assuntos, ela é representada no *catálogo sistemático* por várias fichas ordenadas pelos números respectivos desses assuntos. Contudo o volume é colocado em ordem nas estantes somente pelo número correspondente ao *assunto principal* da obra, ou, se os diversos assuntos forem de igual importância, pelo número que aparece primeiro na ordem da Classificação Decimal. É este número ou, se for o caso, o do assunto principal, que será usado como indicador de localização [cota ou número de chamada]. Para evitar confusão, é necessário, em casos como este, reproduzir esse indicador de localização em cada uma das fichas desdobradas da ficha principal tanto do repertório alfabético quanto do repertório sistemático. Assim, por exemplo, a obra Sarrien, Louis. – 1885. – *Manuel de physique et de chimie* será indexada em [53(02) + 54(02)]. Ela figurará no catálogo alfabético por meio de dois registros indexados um em 53(02) e outro em 54(02). Se esta obra tivesse, por exemplo, o número de tombo 1525, o número de chamada dela seria

$$\frac{53(02)}{\text{N}^{\circ}\ 1525}$$

pois o índice decimal 53(02) é o que vem em primeiro lugar no número de chamada. Como se disse, o número de chamada é reproduzido integralmente nos dois registros.

b) *Correlação com a localização nas estantes*. O sistema de ordenação do catálogo é independente do sistema adotado para a ordenação das obras nas estantes. Então, mesmo que não se adote a Classificação Decimal para essa ordenação, esta classificação pode ser aplicada sem dificuldades especiais ao catálogo. Somente, nesse caso, serão modificados os números de chamada que, por exemplo, poderão comportar simplesmente os números de tombo, se a ordem de localização adotada for a desses números.

255.84 Repertório ou catálogo analítico (alfabético) de assuntos

1. *Noção, objetivo*. O repertório ou catálogo analítico, ou, mais precisamente, a parte analítica do catálogo geral, é formado por uma série de registros catalográficos, ordenados por cabeçalhos de assuntos referentes ao tema tratado nas obras, em ordem alfabética. O catálogo analítico pode substituir o catálogo sistemático, mas é preferível que ele o complete, de modo a oferecer às pesquisas, além do inventário, um sistema

de três ramos: alfabético de autores para as buscas por nome de autor, sistemático decimal para pesquisas sistemáticas e por classe de ideias, e analítico alfabético para buscas especializadas. As três partes do catálogo contribuem, assim, para o objetivo desejado. Pesquisando-se no analítico, encontra-se nos registros o índice decimal utilizado como número de chamada e, com a ajuda desse índice, poderão ser encontradas facilmente no catálogo sistemático as obras da mesma classe.

2. *Escolha dos cabeçalhos de assuntos*. Os cabeçalhos de assuntos são emprestados das palavras do título, principalmente os substantivos. Eles podem ser, além disso, termos sugeridos pelo conhecimento do conteúdo, notadamente pelo sumário e, de maneira geral, todos os termos sob os quais se presuma que a obra possa ser procurada. As obras literárias e teatrais, as obras musicais e as obras clássicas de todos os assuntos entram pelo título (pela primeira palavra do título, exceto o artigo).

A escolha dos cabeçalhos de assuntos (rubricas, assuntos, *headings*, *Stichwörter*) não pode ser arbitrária, em razão da sinonímia dos termos possíveis e da repartição dos conteúdos sob cabeçalhos de entendimento e abrangência diferentes. Foram criadas listas de termos escolhidos com indicação, por meio de remissivas do termo principal sob o qual terão entrada os registros. (M. W. MacNair. *Subject headings used in the dictionary catalogs of the Library of Congress*. Washington, 1928). Com igual finalidade, foi preconizado também o emprego do índice alfabético da Classificação Decimal, o qual representa um sistema concreto de cabeçalhos de assuntos.[1]

3. *Registros*. Os registros são desdobrados tantas vezes quantos forem os cabeçalhos de assuntos de interesse. Na ficha principal inscreve-se, em nota [pista], todos os termos utilizados a fim de poder facilmente encontrá-los, se ocorrer qualquer motivo para modificar ou eliminar os diversos registros relativos à obra. O termo sob o qual será ordenado cada registro é inscrito em destaque, no alto da ficha à direita, no lugar ocupado pelo índice decimal nos registros destinados ao catálogo sistemático.

4. *Ordenação*. Três sistemas são possíveis:

1º sistema: o catálogo analítico pode formar uma sequência alfabética distinta. Criam-se grupos, separados por divisórias, conforme as necessidades, e de modo a facilitar as buscas, à razão de uma divisória para cada grupo de 20 ou 50 fichas que contêm os registros.

2º sistema: os registros do catálogo analítico são combinados em uma única sequência de ordenação com os registros do catálogo de autores. Forma-se então o que se denomina catálogo-dicionário. As obras anônimas, ordenadas pela primeira palavra do título, no catálogo de autores, já representam uma contribuição à ordenação analítica. Nesse caso, talvez seja preferível colocar os cabeçalhos de assuntos em destaque no lugar ocupado pelo nome do autor, a fim de facilitar o manuseio das fichas no catálogo, ao mostrar sempre no mesmo lugar o elemento com o qual é seguida a ordem alfabética. Para não alterar o formato-padrão do registro, limitamo-nos a acrescentar uma linha superior, com essa destinação.

3º sistema: inserem-se no catálogo analítico fundido com o catálogo de autores os termos do índice alfabético da Classificação Decimal. Passa-se, então, a dispor, para as buscas, de um dicionário geral que concentra todos os modos de referência.

---

[1] Trebst, Hans. Studien zu einer analytischen Sachkatalogisierung. *Zentralblatt für Bibliothekswesen* 48 (1931), S. 36-61 u. S. 119-138.

255.85 Registro catalográfico

Para elaborar o catálogo, prepara-se, de cada obra, um registro, que constitui a descrição sinalética da obra.

1. *Elementos do registro*. O registro compreende: cabeçalhos, o corpo do registro (título, colação, imprenta, conteúdo e notas bibliográficas).

A) Os cabeçalhos são formados pelos nomes de autores (ou seu equivalente, no caso de obras anônimas), pelos cabeçalhos de assuntos e pelo número de classificação (ou número de chamada). Os cabeçalhos ocupam a primeira linha do registro e o começo da segunda linha. Eles variam segundo a parte do catálogo à qual são destinados os registros.

B) O corpo do registro compreende: a) a descrição bibliográfica; b) o título da obra; c) a colação, ou descrição material interna, especifica o número de volumes, o formato, a paginação, o número e a natureza dos mapas, plantas, etc. que constituem uma obra; d) as informações de edição (imprenta) compreendendo o lugar de publicação e a empresa (nome da editora), a data de edição, o preço; e) as notas que incluem indicações necessárias à compreensão do título ou relativas ao conteúdo da obra, assuntos tratados, partes e capítulos importantes; as informações essenciais sobre o autor, detalhes bibliográficos históricos e informações que não aparecem nem no título, nem na imprenta, nem na colação. A crítica das obras pode ser feita por meio de notas quanto ao seu valor e sua utilidade, ou por comentários do seguinte tipo: obra ruim ou inútil do ponto de vista do seu valor científico intrínseco; livro contrário a determinada doutrina filosófica ou religiosa; livro de moralidade ruim ou duvidosa; livro a ser colocado à parte, em reserva, e para ser lido com conhecimento de causa; livro recomendado como um dos melhores de sua espécie; livro destinado a certa categoria de leitores (crianças de determinada idade, adolescentes, mulheres etc.); obras de iniciação, de preparação, de complementação; livro de divulgação; livro para especialistas; livros úteis para o ensino, a prática ou a administração.

C) Número de chamada (quando se tratar do catálogo de uma biblioteca ou determinada coleção).

D) Destino do registro. Os registros catalográficos baseiam-se em uma descrição dos elementos principais que constituem os livros e sobre as distinções a estabelecer entre as diversas variedades desses elementos. Esses elementos foram enunciados no nº 11.

2. *Tipos de registros: principais e secundários*

O catálogo é uma reunião de registros dispostos segundo a ordem adotada para seu arranjo: ordenação onomástica, ordenação sistemática, ordenação analítica. As obras são mostradas em todos os lugares onde os pesquisadores esperam encontrá-las. Por isso, há dois tipos de registros: 1º registros completos (registros principais) ordenados como entradas principais e considerados como a fonte completa das informações ministradas sobre as obras; 2º registros concisos (adicionais ou secundários) que só fazem menção a algumas informações e que remetem, para informações complementares, ao registro principal. Entre os registros principais e os registros secundários cria-se, por conseguinte, um vínculo, na forma de uma *referência* (remissiva). Remete-se do registro secundário para o registro principal, mas não inversamente. As referências podem ser feitas de registros a registros ou de entradas a entradas, sendo estas as que são feitas para um grupo de registros e não para determinados re-

gistros. Em princípio, o registro ou ficha principal será o mais completo. Conterá todos os dados úteis. As outras fichas serão derivadas dela, seja *in extenso*, como simples cópia, seja mediante extrato do registro principal, e dele também procederão as inscrições a serem feitas nos próprios livros (etiquetagem, carimbagem, ex-líbris). Os cabeçalhos servem para entrada dos registros nos catálogos. Eles podem mudar de acordo com a destinação do registro a uma ou outra parte do catálogo.

3. *Disposição material dos registros*

O aspecto dos registros bibliográficas tem grande importância. Um catálogo não é lido, é consultado. Recorre-se a ele para pesquisas variadas tanto sobre um ponto, quanto sobre um outro. Eles devem, portanto, ter o máximo de legibilidade e serem dispostos de maneira que o olho possa facilmente descobrir neles o elemento desejado fazendo abstração de todos os demais. Esse resultado pode ser obtido do seguinte modo:

1º Dar especial atenção ao traçado das letras. A legibilidade será sua qualidade primordial. Nada de letras com floreados. Os nomes próprios serão escritos com caracteres romanos (maiúsculas dos textos impressos). Serão usados tamanhos e larguras variados segundo a importância dos elementos e a conveniência de destacá-los ao alternar sua disposição.

2º Ter-se-á cuidado ao dispor os textos na ficha de maneira que as informações colocadas em destaque apareçam na parte superior da ficha, sem margem muito grande. Bases da ordenação, as entradas devem, quando da consulta dos catálogos, poder ser lidas de um relance, sem necessidade de percorrer a ficha toda.

3º A cada elemento que forma o registro é atribuído um lugar fixo, sempre o mesmo, determinado por razões de utilidade e correlação, e apresentado de forma característica. As cópias, extratos ou inscrições derivadas recebem, tanto quanto possível, o mesmo lugar e a mesma forma, de modo a alcançar o máximo de unidade e homogeneidade, tanto na escrita quanto na leitura.

4. *Modelos*

Os modelos da página 475 mostram essas disposições padronizadas, apresentadas primeiramente na forma de indicação geral com remissiva para os números do quadro de regras catalográficas e, em seguida, na forma de um exemplo concreto.

5. *Redação dos registros. Regras catalográficas*

a) A imensa variedade de obras e a necessidade de recuperá-las nos grandes catálogos deram origem a regras catalográficas bem detalhadas para a redação dos registros e a escolha de entradas necessárias para a ordenação alfabética. Diversos códigos dessas regras foram publicados. O código do Instituto Internacional de Bibliografia adotou essas regras como base, notadamente as regras anglo-americanas, e as compatibilizou. O quadro aqui apresentado resume o essencial. Os diversos elementos que ele mostra devem ser transcritos no registro, na ordem como aparecem no quadro e conforme a disposição dos modelos mostrados.

b) As regras concernem a: 1º livros e documentos descritos seja em seu protótipo nas bibliografias, seja nos exemplares específicos depositados em uma biblioteca ou um lugar determinado; 2º descrição desses livros e documentos; 3º sua descrição em formato catalográfico. As regras

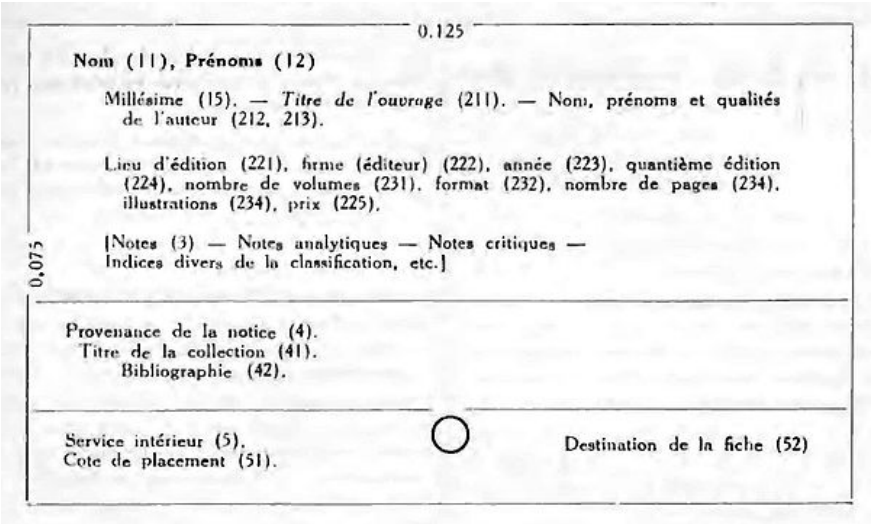
que concernem a bibliografia baseiam-se, portanto, nas três noções gerais mencionadas antes: do livro, da descrição e da catalografia.

c) As regras bibliográficas são: 1º gerais e divididas de acordo com os diversos elementos da descrição bibliográfica; 2º especiais e divididas de acordo com as diversas espécies de livros e documentos a serem descritos indicando, conforme os casos, anulações ou complementos às regras gerais. As espécies e as partes do livro estão, portanto, na base do estabelecimento e do estudo das regras bibliográficas.

d) Três questões se colocam: 1º quais elementos devem constar do registro; 2º de que forma esses elementos devem ser redigidos; 3º onde, na obra ou outro lugar, encontrar informações relativas ao elemento.

e) A descrição da obra será: a) externa (título, data, colofão, número do volume, número de páginas e de fólios); b) interna, sintetizando, em breves dados conteúdo, fundo e forma: doutrina, plano, método, língua.

À descrição do livro deveria ser juntada uma crítica (breve, direta e ágil, como diz Menéndez Pelayo) de modo a expressar a impressão que teria, com a simples leitura, um homem inteligente e culto.


0.125

Nom (11), Prénoms (12)

Millésime (15). — *Titre de l'ouvrage* (211). — Nom, prénoms et qualités de l'auteur (212, 213).

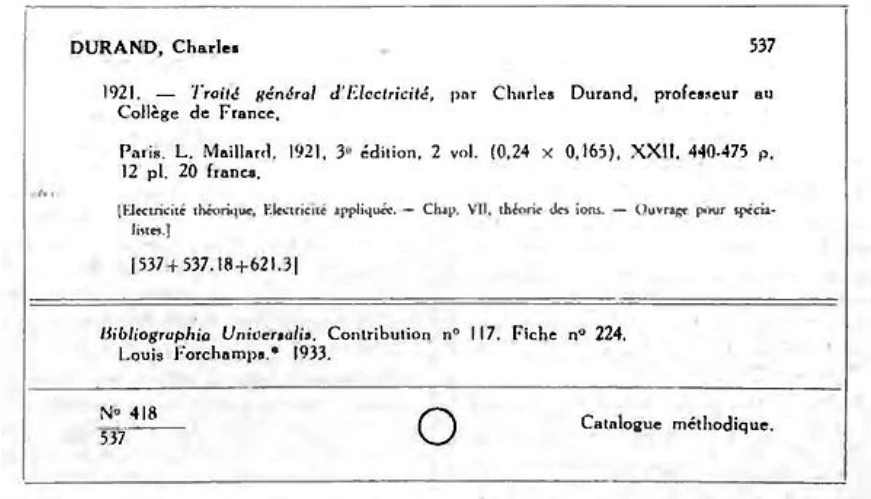
Lieu d'édition (221), firme (éditeur) (222), année (223), quantième édition (224), nombre de volumes (231), format (232), nombre de pages (234), illustrations (234), prix (225).

0.075 [Notes (3) — Notes analytiques — Notes critiques — Indices divers de la classification, etc.]

Provenance de la notice (4).
Titre de la collection (41).
Bibliographie (42).

Service intérieur (5).
Cote de placement (51).

Destination de la fiche (52)


DURAND, Charles 537

1921. — *Traité général d'Electricité*, par Charles Durand, professeur au Collège de France.

Paris, L. Maillard, 1921, 3e édition, 2 vol. (0,24 × 0,165), XXII, 440-475 p, 12 pl. 20 francs.

[Electricité théorique, Electricité appliquée. — Chap. VII, théorie des ions. — Ouvrage pour spécialistes.]

[537+537.18+621.3]

Bibliographia Universalis, Contribution nº 117. Fiche nº 224.
Louis Forchamps.* 1933.

Nº 418
537

Catalogue méthodique.

Quadro de regras catalográficas

1. **OS CABEÇALHOS**

11. *SOBRENOME OU NOME DE AUTOR COLETIVO*

Anagramas. Registrar pelo nome do autor, se for conhecido, com remissiva para o anagrama.

Anônimos. Catalogar a obra pela primeira palavra do título, desprezando o artigo, que poderá ser deixado no lugar inicial, desde que entre parênteses. Se o autor for conhecido, fazer uma remissiva para seu nome e colocar este nome entre colchetes; se for uma suposição, marcar com um ponto de interrogação, assim (?).

Colaboradores. O primeiro nome, ou o mais conhecido. Remissivas para os outros (ver *Anônimos*). As obras de quatro ou mais autores são tratadas como anônimas com remissivas para os nomes dos autores.

Ilustradores. Seu nome será incluído no registro se aparecer na página de rosto, caso em que também lhes serão destinados registros especiais no catálogo alfabético.

Iniciais. Os autores identificados apenas pelas iniciais do nome são colocados entre os anônimos, caso não seja possível identificar as iniciais.

Mulheres. Pelo nome como aparece na obra, com eventual referência ao nome de solteira ou ao nome do marido.

Nomes compostos. Não separar dois nomes unidos por hífen. Ex.: Petit-Radel.

Nomes originais. Os nomes são reproduzidos em sua forma original. Os nomes, antigamente latinizados, são escritos da forma que lhes é atribuída em sua língua materna, com remissiva para forma latina ou francesa mais conhecida (Pétrarque, Petrarca; Cicéron, Cícero).

Nomes múltiplos. Mencionar primeiro o nome patronímico e de origem para os autores franceses, italianos, espanhóis, alemães, etc. (As exceções são inúmeras, como, p. ex., Fénelon e Voltaire.) Para os autores ingleses o último nome é o principal, o primeiro tem o papel de prenome.

Partículas. As partículas *de*, *d'*, *von* (alemão) devem ser descartadas em seguida aos prenomes, ou, na ausência de prenomes, colocadas entre parênteses depois do nome. Ex.: Avezac (d'); Unienville (baron d'); Rauville (Hervé de); Magnon de St-Elier (Ferdinand); Pelzeln (A. von). As outras partículas *du*, *des*, *O'* (irlandês), *Mc ou Mac* (escocês), *van*, *ten*, *ter*, *tot*, *de* (holandês), *da* (português), *den*, *zu*, *zum*, *zur* (alemão) e os artigos *Le*, *La*, *Les* fazem parte do nome. Ex.: Da Cunha; Den Bush (von); Du Bois; La Bourdonnais (Mahé de); Le Gentil; L'Homme; Mac Leod; O'Brien; Van der Maesen; Van-Neck. Os nomes de santos são precedidos das palavras *saint* [santo] ou *bienheureux* [beato].

Personagens. Se o autor for um personagem nobre, antigo ou místico, escreve-se o nome pelo qual ele é conhecido na história. Faz-se o mesmo para os nomes dos homens ilustres (ex.: Michel-Ange).

Poliônimos. O verdadeiro nome, ou o pseudônimo mais difundido, com remissivas.

Prenomes compostos. Quando o prenome for unido ao nome de família por um hífen, adotar o nome de família com remissiva do prenome composto. Ex.: Aimé-Martin ver Martin, Aimé.

Pseudônimos. Adotar o nome do autor, se for conhecido, seguido do pseudônimo entre colchetes e a abreviatura *pseud*. Fazer uma remissiva para o pseudônimo, assinalando-o com a abreviatura (*pseud.*)

Assinado. Marcar com a menção (assinado :) todo nome de autor que não aparecer na página de rosto, mas somente na assinatura.

Tradutores. Indicar somente o nome do autor com remissiva para o do tradutor. O mesmo para o prefaciador e o comentador.

Obras coletivas. As revistas, jornais, compilações e coletâneas têm entrada pelo título. As publicações e documentos oficiais entram pelo nome das unidades administrativas e órgãos dos quais emanam: ministério, província, município, pelo nome do órgão mais específico com remissiva geral única para o órgão hierarquicamente superior. As publicações de associações, academias, instituições, corporações e empresas entram pelo nome das entidades das quais emanam.

12. *PRENOMES*

Em seguida ao sobrenome, transcrever integralmente se possível o ou os prenomes, ou pelo menos as iniciais em conformidade com as indicações do livro. Unir os prenomes ou as iniciais com um hífen. As pessoas que, como soberanos, perderam, no uso comum, seu nome de família serão citadas pelo prenome, seguido do nome do país e depois do número de ordem (ex.: *Louis* (France XIV).

13. *TÍTULOS E QUALIFICATIVOS*

Alguns qualificativos (abade, almirante, coronel, doutor, general, etc.) são indicados antes dos prenomes ou iniciais dos prenomes, imediatamente após o sobrenome. Mas pode ser indicado como se diz a seguir em 213.

14. *CLASSIFICAÇÃO*

Anotar, na mesma linha do nome do autor, com justificação à direita do registro, os índices da Classificação Decimal e os cabeçalhos de assuntos. Os índices aí colocados variam para cada obra, dependendo de serem registros principais ou secundários (remissivas).

15. *DATA*

Anotar a data (ano) de edição no alto da segunda linha, à esquerda, sob o nome do autor e antes do título. Separá-la do título por um travessão. Anotar quando o autor tiver indicado a data pelo mês do ano. (Ver 223.)

2. CORPO DO REGISTRO

21. *DESCRIÇÃO DA OBRA*

211. *Título da obra*. Transcrever integralmente, entre dois travessões, o título da obra (desde que não seja muito longo, respeitando sua ortografia, mesmo que apresente erros; nesse caso, porém, assinalar os erros com a ressalva *sic* entre parênteses: (*sic*). — Não obedecer à pontuação do título, a não ser que se trate de registros minuciosos de obras raras, quando será empregado o sinal || para marcar o fim de cada linha e reproduzir a disposição material dos títulos. Não transcrever os travessões que podem ser encontrados nos títulos para indicar partes; substituí-los por outros sinais, tais como: 1, 2... — Abreviar eventualmente os títulos muito longos indicando com reticências ... as partes suprimidas. — O caractere & deve ser transcrito na língua do título: *et*, *and*, *und*, *en*, etc. — As palavras em outras línguas diferentes da do título são transcritas em itálico. — *N. B.* O título de um ensaio ou artigo publicado em um periódico é transcrito também integralmente. Como fonte, faz-se menção somente ao título do periódico, seguido do local de edição e da data (e, eventualmente, com o número da série e as páginas iniciais e finais). — Os artigos sem título são repertoriados sob um título conciso precedido da palavra 'Sobre' escrita entre colchetes [Sobre]. Os registros que descrevem os periódicos no todo, como coleções, incluem a periodicidade, a existência de

índices e seu formato; sinal de cruz † indica que o periódico deixou de ser publicado.

212. *Sobrenome e prenome*. Repetir o sobrenome e o prenome do autor na transcrição do título, estejam eles antes ou depois do título, e independentemente de já estarem em destaque (nº 11) [no modelo da página anterior].

213. *Títulos e qualificativos*. Citar os títulos (nobiliárquicos ou episcopais) e os qualificativos, como aparecem na página de rosto. Ex.: José-Maria de Hérédia, de l'Académie Française; vice-amiral Jurieu de la Cravière, de l'Académie Française; J.-B. Rolland, de Kessang, explorateur; Mgr Amand-René Maupoint, Evêque de St-Denis (Réunion).

22. *INFORMAÇÕES DA EDIÇÃO*

(Imprenta, colação. — *N. B*. Se se tratar de artigos de periódicos, o título e o lugar de edição.)

221. *Lugar de edição*. Indicá-lo *em itálico* e na língua do título; inexistindo a informação sobre o local, colocar em itálico (*s. l.*) que significa *sine loco*, ou seja, *sem local*. O lugar é indicado entre parênteses quando for notoriamente conhecido, embora omitido no título.

Indicar eventualmente as tiragens, com quantidades exatas, se tiverem sido impressas em papéis especiais.

222. *Empresa* (editor). Designá-la e, se o nome for de uma pessoa, incluir a inicial do prenome; em sua falta, registrar o fato por meio das letras (*s. n.*) que significam *sine nomine*, ou seja, *sem nome*.

223. *Data*. Indicar em algarismos arábicos, ou (*s. d.*) *sine datum*, ou seja, *sem data*, ou (*s. l. n. d.*) *sem lugar, nem data*. Indicar as datas extremas do primeiro e do último volume de uma obra (1885–1893). Se a data aparecer no fim do livro, da dedicatória ou do prefácio, escrevê-la entre parênteses. A data aparece também na linha destinada ao ano, como foi dito em 15. Indicar, se houver espaço, as datas relativas aos autores, à conclusão ou submissão do manuscrito, à apresentação perante associações, à impressão.

224. *Edição*. Indicar a edição, exceto a primeira, a menos que não seja útil assinalar. Mencioná-la no lugar onde aparece no título, quando há explicações, e em todo caso antes do travessão ou da alínea que deve preceder a imprenta. Indicar eventualmente a data das diversas edições.

225. *Preço*. Se possível, indicar o preço da obra (preço marcado no volume). Se se tratar de um periódico, o preço da assinatura por ano e por fascículo, se for vendido assim.

23. *COLAÇÃO*

231. *Número de volumes*. Indicar: Um vol., 2 vol., 3 vol., ou ainda 2 tomos em um vol.

232. *Formato*. Especificar o formato, entre parênteses, em centímetros, primeiro a altura (24 × 16,5). Arredondam-se as frações para meio centímetro.

233. *Paginação*. Especificar o número de páginas ou de colunas (ex.: XXII – 572 pp. ou 1.144 col.) Contar o verso deixado em branco da última página impressa, mas não as páginas em branco seguintes ainda que pertençam ao caderno de impressão. Informar se os volumes são encadernados ou brochuras e se todos se destinam a ser comercializados. Nos registros dos catálogos indicar se a obra foi ou não encadernada, e se as encadernações apresentam interesse artístico ou histórico.

234. *Ilustrações*. Distinguem-se as ilustrações impressas no miolo do texto e que entram na paginação e as estampas fora do texto, impressas em folhas separadas e que não contam na paginação. Assinalar especialmente e indicar a quantidade, se forem fora do texto, ou se se trata de um álbum ou de um atlas: estampa eventualmente colorida (pl. pll.), figuras

(fig. figg.), frontispício (front.), retrato (port.), mapa, planta. Indicar nas notas os documentos desta espécie que estão incorporados no texto e que apresentam algum interesse para ser ressaltado.

3. **NOTAS**

a) *Notas analíticas* : conteúdo, capítulos importantes. Eventualmente, reprodução do registro analítico incluído na própria obra pelo autor ou pelo editor; eventualmente, a sinopse ou o sumário; indicação da existência de bibliografia anexa à obra; a indicação das categorias de leitores aos quais a obra é destinada. b) *Notas críticas*: apreciação, utilidade para algumas categorias de leitores. c) *Notas históricas*: Fontes que inspiraram a obra: indicação sobre fatos posteriores à obra, tais como processos, polêmicas, imitação, traduções, fraudes, falsificações. Eventualmente indicações relativas à personalidade do autor. d) *Notas bibliográficas*: informações eventuais sobre registros descritivos mais completos ou resumos críticos importantes. e) *Estado físico*: descrição do estado físico do exemplar, se se tratar de um catálogo. f) *Ordenação*: enumeração dos diversos índices da Classificação Decimal ou dos cabeçalhos de assuntos sob os quais a obra deve ou pode figurar na bibliografia ou no catálogo (análise em forma de número de classificação). g) *Pistas*: informações nas fichas principais de todas as fichas secundárias que foram desdobradas, de tal modo que, em caso de mudança, de correções ou alteração de localização, todas as fichas referentes a uma obra possam ser encontradas e que as modificações sejam feitas em todo o sistema. h) *Bibliotecas depositárias*. Nas bibliografias talvez seja útil informar o número de chamada do livro na biblioteca nacional do país onde a obra foi publicada, ou eventualmente o de outras bibliotecas. Para obras valiosas ou raras, principalmente manuscritos, indicação eventual dos locais onde se encontram.

4. **PROCEDÊNCIA DO REGISTRO**

As fichas impressas trazem informações de procedência, a fim de que seja possível identificá-las sempre que necessário. Essas informações compreendem: 41 O título da coleção editada à qual pertence a ficha com o número de ordem da coleção. As fichas de contribuições ao Repertório Bibliográfico Universal (Bibliographia Universalis) trazem os números dessas contribuições. 42 O nome do bibliógrafo com, eventualmente, a data de publicação do registro e o sinal * (autópsia) pelo qual ele declara ter visto a obra pessoalmente.

5. **SERVIÇO INTERNO**

Enquanto todas as outras informações do registro são gerais, esta se refere unicamente ao serviço interno.

51. *Código de ordenação*

O número de chamada (*call number*) consiste em uma marca ou símbolo que indica de forma concisa, respectivamente, o lugar, a classe, o autor, a obra, a data e a edição. O número de chamada reproduz o que é colocado no próprio livro e que serve para inseri-lo em seu lugar específico nas estantes. O número de chamada é colocado separadamente nos catálogos das bibliotecas mesmo que seja igual ao índice da classificação decimal. Esta informação é útil para os desdobramentos do registro destinados à inserção nos outros índices decimais além daquele que serve para a localização nas estantes. É útil também para as fichas secundárias destinadas ao catálogo analítico por cabeçalhos de assuntos cujos termos substituem o índice decimal da entrada.

52. *Destino da ficha*. Indica-se a parte do repertório ou do catálogo à qual se destina a ficha.

f) Podem-se distinguir, quanto aos gêneros a serem introduzidos na descrição das obras, algumas categorias fundamentais: a) o manuscrito antigo; b) os incunábulos ou primeiras impressões, até 1500; c) os livros antigos até 1800; d) os livros modernos. Em princípio, as obras antigas de 1500 a 1800, que, embora colocadas algumas vezes à parte nas bibliotecas, são descritas segundo as regras catalográficas gerais.

g) Há regras relativas: 1º a todo catálogo, repertório ou bibliografia; 2º a todo catálogo de assuntos; 4º enfim, regras próprias ao catálogo decimal. Além disso, as diversas espécies de bibliografias ou catálogos (inventário, autor, assunto) têm correlações que cabe determinar.

h) Se são feitos livros de livros, também se fazem bibliografias de bibliografias, portanto de segunda mão. Em princípio, só se deve descrever uma obra que estejamos vendo. Agir de outro modo é perpetuar bibliografias incompletas e amiúde inexatas, por acúmulo de erros de cópia e não comprovação dos registros. Entretanto, a utilização de registros já redigidos é necessária, pois o trabalho não poderia ser sempre recomeçado.

i) As instruções do código de regras catalográficas são numerosas. Elas oferecem grande interesse porque levaram à resolução de dificuldades de diferentes espécies ou as mesmas dificuldades de diferentes maneiras. Elas constituem portanto a documentação mais preciosa para o estabelecimento do código de regras internacionais. Para as regras catalográficas internacionais ver *Actes de la Conférence Internationale de Bibliographie et de Documentation*. T. I. Bruxelles, 1908 e Bruxelles, 1910. – *Manuel du Répertoire Bibliographique Universel*, IIB, Bruxelles, 1907. – *Bulletin IIB*, fasc. 1/2, 1910. Ver também os diversos relatórios da comissão de regras bibliográficas internacionais das conferências de documentação. – Bureau Bibliographique de France, *Instructions sur le dépouillement des publications périodiques françaises rédigées en vue de la préparation du Répertoire Bibliographique Universel*, 1906. – Dentre as regras catalográficas importantes, deve-se citar sobretudo: regras da K. K. Hofbibliothek de Viena (1901). Regras das bibliotecas prussianas, 1910. – *Règles et usages observés dans les principales bibliothèques de Paris* (1913). – *Katalogregler för Kungl. Bibliotheket*, Stockholm (1916). – Regras da Bodleian Library. (1918). – Regras do British Museum (1920). – *Forslag til Katalogeringsregler*, do Norks biblioteks forenings Katalogkomits (1921). – *Regels voor de titelbeschrijving*, vastgesteld door de Rijkscommissie van advies inzake het bibliotheekwezen (Leiden, 1924). – *Katalogisierungsregler for norke biblioteker* (1925). – *Instrucciones para la redacción de los catálogos de las bibliotecas del Estado*, Madrid, 1926. – Biblioteca Apostolica Vaticana. *Norme per il catalogo degli stampati* (Città del Vaticano, 1931, VII, 400 p.[1]

[1] Mann, Margaret. Introduction of cataloging and the classification of book. (Principles, objectives, detail of actual practices. Discusses classifications systems. Kind of Catalog.) *

– Winconsin University Library School. *Cataloguing rules on cards* comp., by Helen Turnell. New ed., Madison 1919.

– John Crerar Library. Chicago. Cataloguing rules. Supplementary to the Cataloguing rules, compiled by the Committee of the American Library Association and to the Supplementary Cataloguing rules, issued on cards, of the Library of Congress, Chicago, the Board of Director, 1916.

– Shamurin, E. I. Le catalogue alphabétique. Palais Central du Livre. Moscou 1932 (em russo, evolução da teoria do catalogismo. Bibliografia sucinta classificada) *

– J. Van Hove, F. Remi, J. F. Vanderheyden. *Règles catalographiques à l´usage des bibliothèques de Belgique. Catalogue alphabétique d´auteurs et d´anonymes*. Bruxelles, 1933. 256 p.

– *Biographie de Belgique*. t. I. Introduction: Sur les principes qui ont servi de base au classement alphabétique des notices dans la biographie.

– Lévy, Edouard. *Le manuel des prénoms*. Um vol. in-8° de VII + 312 p. Préface de Pierre Mille. Prix: 12 fr. Paris. Imprimerie Administrative Centrale, 1922

* Trata-se de: *Introduction to cataloging and the classification of books*. Chicago: American Library Association, 1930. [N.E.B.]

* Shamurin, E.I. *Alfavitnyy katalog. 3-ye perer. i dop. izdaniye "Rukovodstva po sostavleniyu alfavitnogo kataloga"*. Moskva: Knijnoi Palat RSFSR, 1932. 382 p. Bibliogr.: "Kratkaya bibliografiya po knigo opisaniyu i katalogizatsii ", str. 357-375. Izd. 2-e. [N.E.B.]

j) As regras catalográficas foram objeto de estudos teóricos bem elaborados, exaustivos e muito interessantes. Alguns desses estudos são bastante genéricos e outros têm a forma de comentários sobre regras em vigor. Ex.: Dale, *Erbauterungen zu den Instruktionen für die alphabetischen Kataloge der preussischen Bibliotheken* (1927). – de Greve, *Praktyken en theorie der Titelbeschrijving* (1930, comentário das regras holandesas).

256 Crítica, censura, controle científico

256.1 Generalidades

1. *Documentação e importância dos livros*

A determinação da importância dos livros continua sendo uma questão de grande relevância. Esse princípio ocorre paralelamente ao da conservação por meio da catalogação da totalidade de documentos, e estes dois processos estão na base da organização da documentação. É necessário determinar a importância dos livros porque, por um lado, nem todos têm mérito igual e, por outro lado, o uso de todos os livros por todos os leitores é uma impossibilidade.

2. *O exame dos livros*

Pode assumir várias formas: crítica, censura, controle científico. O exame pode ter duas finalidades distintas: a avaliação do livro do ponto de vista do respeito à verdade científica, a avaliação do ponto de vista de finalidades outras, que não seja essa verdade específica, tais como os fins sociais, morais, políticos, militares, etc.

3. *Crítica*

A crítica é o exame racional dos trabalhos do intelecto. Em vez de ensinar princípios e regras diretamente, a crítica os aplica ao trabalho de outros. Não se limita a reprovar; ela julga; e seu mérito essencial é ser imparcial nos julgamentos, livre de todo preconceito, alheia a toda paixão, acima de qualquer fraqueza. Seu único objetivo é promover, por uma justa avaliação das obras intelectuais, o progresso das ciências e das artes.[1]

– Van Wijk, N. *De transkriptie van russische eigen namen*. 's Gravenhage, secretariaat der C.V. V.O.L.B. 1925.

– Walter, F.K. *Abreviations and technical terms used in book catalogs and in bibliographies*.Boston. Library of Congress. *Notes on the cataloguing, calendaring and arranging of manuscripts.* Washington, 1931.

– Guppy, Henry. *Suggestion for the cataloguing of incunabula*. Aberdeen, the University Press.

– Hanson, I.C.M. *Rules for corporate entry*. New York, 1905.

– Schiwedetzky, G. *Amtliche Drucksache*. Berlin, 1925.

– U.S. Superintendent of Documents. *Author heading for U.S. public document.* Washington, Government Printing Office, 1907.

– Hantzsch, Victor. Die Landkartenbestände der Königlichen öffentliche Bibliothek zu Dresden. Leipzig, Harrassowitz, 1904. (Beihefte zum *Zentralblatt für Bibliothekswesen*, XXVII).

– American and British Library Association. *Catalog rules: author and title entries.* Chicago, 1908.

– Bibliothèque Royale de Belgique. Bureau de Documentation des Études Byzantines et Slaves. *Tableau de transcription des alphabets cyriliques*. Bruxelles, 1932.

– Library of Congress. Preservation of maps. How they are classified, preserved and cataloged. The method employed in the L.C. *New York Tribune*, 1899. 28 Nov.

– Schmidt-Phiseldeck, Kay. *Musikalien Katalogisierung. Ein Beitrag zur Lösung ihrer Probleme*. Leipzig. Breitkopf & Haertel, 1926.

– Wallace, Ruth. *The care and treatment of music in library.* Chicago: American Library Association, 1927. (A.L.A. Committee on Cataloging Contribution n 1).

– Mac Nair, Mary Wilson. *Guide to the cataloguing of periodicals*. 3rd ed. Washington: Government Printing Office, 1925 (Library of Congress).

[1] R.P. Broekaert. *Le guide du jeune littérateur*. 1882, p. 218.

O trabalho da crítica em seu conjunto é comentar o livro e a produção intelectual.

Distinguimos a crítica: a) segundo seu objeto: literário, teatral, artístico, político e social, científico, bibliográfico, a crítica textual; b) de acordo com o caráter, privado ou oficial, daqueles que exercem a crítica; c) segundo a forma dada à crítica: opinião ou julgamento de autoridade; d) segundo as consequências ou aprovações.

4. *Características da obra a ser criticada*

Um obra pode ser: 1° rica ou pobre de ideias ou fatos; 2° completa ou incompleta; 3° bem ou mal elaborada, fora do assunto, digressiva, desproporcionada, organizada ou não de acordo com ideias norteadoras, conclusões que ultrapassam as premissas ou falta de planejamento; 4° bem ou mal escrita (clareza, brilho); 5° bem ou mal anotada: referências de primeira ou segunda mão; formas diferentes de citação de um mesmo trabalho; 6° com ou sem repetições; 7° estilo pesado e monótono ou estilo leve, agradável, elevado; 8° se for uma obra de ficção, ter situações implausíveis.

5. *Forma da crítica*

A crítica tem duas faces: positiva ou negativa, construtiva e destrutiva. Sua função é: 1° cooperar com os autores para formar critérios, em todos os campos: verdade científica, bem moral, justiça social, beleza na arte, na natureza e na vida, possibilidade de aplicação prática; 2° aplicar os critérios à avaliação das obras; 3° formar o conhecimento dos leitores em relação aos critérios e ajudá-los a avaliar as obras e, consequentemente, a escolher melhor suas leituras e fontes de informação. A crítica se distingue do trabalho descritivo de publicidade das obras, de sua catalogação, de sua bibliografia e do trabalho de análise e resumo. De fato, críticas e bibliografia se aproximam estreitamente.

O julgamento crítico pode ser simples e claro. "Seu livro é excelente; seu livro é detestável." Pode ser um jogo de matizes, que não é necessariamente 'um jogo de objeções'. Às vezes a crítica é *ad hominem* e, ao devolver ao autor o que ele disse aos leitores, torna–se, por sua vez, sermão e conselho. O silêncio da imprensa pode ser mais terrível do que a crítica.

6. *Os critérios*

a) Somente pode haver crítica fundamentada se houver critérios. E os critérios baseiam-se, de fato, em uma tabela de valores. A determinação dessa tabela, segundo Nietzsche, especialmente dos valores mais elevados, é o fato capital da história universal porque tal hierarquia de valores determina os atos conscientes ou inconscientes de todos os indivíduos e motiva todos os julgamentos que fazemos sobre seus atos.[1]

Os critérios de julgamento do livro serão de dois tipos: 1° julgar sua credibilidade ou valor científico; 2° julgar seu grau de atração ou valor literário.

b) Os principais critérios podem ser reduzidos a cinco: 1° verdade científica; 2° beleza; 3° bondade; 4° justiça social; 5° eficiência no trabalho. O uso simultâneo desses critérios pode, por si só, fundamentar a crítica.[2]

c) O trabalho superior da crítica consistirá em eliminar o falso do verdadeiro, o mau do bom, a repetição do original.

---

[1] Lichtenberger. *Philosophie de Nietzsche*

[2] N. Rubakin. *Organisation biblio-psychologique de la bibliothèque d'instruction générale* (1933).

d) Como reconhecer de forma inquestionável que um livro é realmente importante? Poder-se-ia responder: porque se impõe ao leitor que, inicialmente, queria escapar de seu domínio. Mas isso é subjetivismo.

e) Os católicos afirmam os critérios segundo os quais a importância de uma obra literária tem relação direta com sua concordância com a doutrina católica.

7. *Os críticos*

Os críticos devem ser homens cultos que saibam medir seus julgamentos e expressá-los em linguagem equilibrada. Eles devem se expressar de acordo com critérios, normas, leis e princípios, que são nada mais do que os dados científicos. Há diferença entre ação crítica e ação publicitária. O objetivo é colocar em evidência os valores verdadeiros, deixando na sombra a falsa glória e a reputação superestimada. Um crítico deve dedicar sua vida ao tipo de trabalho que escolheu. Sua finalidade é orientar os talentos, mostrar-lhes os meios à sua disposição e estimulá-los a que se dediquem por inteiro à obra de que são capazes. O autor escreveu para seus leitores. O crítico é um dos leitores que se ergue e fala em nome de todos os outros. Em princípio, o crítico deve ser independente. Em muitos jornais importantes, o crítico depende do diretor de publicidade.

Existe atualmente o 'por favor, publicar', pequena papeleta impressa que acompanha os volumes enviados pela 'assessoria de imprensa'. Chama a atenção dos críticos para o caráter essencial da obra, oferece informações e antecipa juízos que favorecem uma escolha prévia.

8. *Eficácia da crítica*

Os críticos contam quase só com objeções morais ao formular seus juízos; a eficácia destes é, portanto, limitada. Alguns críticos chegaram até a pedir o boicote de livros (por exemplo, a *Revue des Lectures*, dirigida pelo abade Bethléem). Uma crítica firme e conscienciosa impediria o nascimento de muitos livros desinteressantes. Ajudaria o editor, que não teria mais receio, diante de um fracasso justificado, que não teve boa acolhida; evitaria os vinte cartazes publicitários (pagos) que alegrariam o sr. Rosny; traria de volta o tempo em que o público, antes de escolher, olhava a crítica. (Gabriel Beauchesne.)

Discutir os méritos de um trabalho não é destruí-lo. É guiar o autor em direção ao melhor caminho. A crítica, compreendida de modo elevado, torna-se a colaboradora diretamente ligada a uma obra que se torna comum (autor, crítico, público).

Na URSS, foi adotada uma forma metódica de crítica teatral. O autor de uma peça pode ser convidado a discuti-la com uma comissão de outros autores, para responder às suas críticas e, em seguida, se for preciso, incorporar à sua obra as modificações que considerar úteis.

9. *Organizações*

Há uma associação de críticos que publica um boletim *La Critique Littéraire*. Uma associação de críticos poéticos foi tentada. Existe um congresso internacional de crítica teatral e musical. Ele trata da proteção da liberdade de crítica, que se esforçará por assegurar legalmente, por todos os meios; de estender aos críticos de todos os países os benefícios e direitos conquistados por uma associação nacional.

256.2 Crítica e história literária

a) A crítica literária analisa os processos empregados pelos literatos.[1]

Há dois momentos distintos, primeiro lê-se para entender um autor e assimilá-lo; no outro momento, vê-se a literatura como um documento e procura-se situar o autor.

Na história da literatura, o objetivo é conhecer um indivíduo e descrevê-lo da forma mais detalhada possível; os meios: cada indivíduo, embora único, situa-se em algum lugar no tempo e no espaço, toda obra, embora única, situa-se em alguns momentos da vida de seu autor.

Não se pode pretender definir ou medir a qualidade ou a energia de uma obra literária sem antes nos expormos direta e ingenuamente à sua força. A completa eliminação do elemento subjetivo não é, portanto, desejável nem possível, e o impressionismo está na base do nosso trabalho.

A história da literatura é parte da história da civilização e, como toda história, esforça-se para chegar aos fatos gerais, destacar fatos representativos, marcar o encadeamento dos fatos gerais e representativos. (L. Auzon.)

A literatura é o triunfo de alguns grandes artistas. "Antes de ler uma obra-prima, não sei, pessoalmente, o que ela contém: então, sempre procuro descobrir, sinto-me na obrigação de ler tudo que está acessível, e é por um acaso feliz que encontro a obra-prima." (S. Etienne.)

A crítica literária conhece dois métodos, o método evolutivo e o comentário impressionista. Um terceiro método consistiria em descrever estados de sensibilidade expressos pela arte.

b) A crítica de Boileau é sempre dogmática. Ela profere sentenças em nome de regras que os clássicos consideravam imortais. A beleza é absoluta: existe apenas um tipo de beleza, a beleza clássica. Fora dela, há apenas desordem e mau gosto. (A querela entre antigos e modernos.) Para Madame de Staël e Chateaubriand, a beleza das obras literárias é relativa; ela depende do tempo, das circunstâncias, da raça, da religião, dos costumes e da forma da sociedade. Villemain aponta a estreita relação entre as ideias filosóficas, os costumes e as letras (século XVIII). Sainte-Beuve se restringe a fazer uma crítica científica impessoal e realista. Ele se esforça para sair de si próprio, a fim de abordar sem prevenção o autor que ele estuda. Ele pergunta tanto sobre seu tipo físico, sobre seu temperamento quanto sobre a força de sua mente ou a complexidade de sua alma.[2]

Taine procura fazer da crítica uma verdadeira ciência. Para ele, os fenômenos da vida intelectual e moral seriam governados por leis tão rigorosas quanto as do mundo físico. O homem é animal de espécie superior que produz filosofias e poesias, quase como os bichos-da-seda fazem seus casulos e as abelhas a sua colmeia. O objetivo da crítica é procurar as causas que determinaram o nascimento de uma obra-prima. Essas causas, tão múltiplas, se relacionam a três grupos: a influência da raça, do meio e do momento (histórico). A crítica de Brunetière é baseada nas teorias evolucionistas de Darwin e Haeckel. Os gêneros literários vivem uma vida independente e análoga à das espécies animais, isto é, nascem, se desenvolvem, se organizam e se desintegram sob a ação de circunstâncias favoráveis ou hostis. As obras literárias são unidas entre si por um

---

[1] Lanson: La méthode de l'histoire littéraire (*Revue du Mois*, 1910, t. II, p. 403). – Paul Van Tieghen: *La question des méthodes en histoire littéraire.* (Premier Congrès International d'Histoire Littéraire, Budapest, 21-23 mai 1931). (*Bulletin des Sciences Historiques*, 1931). – Etienne, S. Défense de la philologie, *Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liége*, fasc. LIV, 1933.

[2] J.B. Besançon e W. Struik. Précis historique et anthologie de la littérature française. *Le Critique*, II, p. 325.

determinado elo; obras anteriores exercem ação sobre as que as sucedem; o momento é de suma importância. A crítica de Anatole France é impressionante. Seu ceticismo proíbe-o de julgar os escritores de acordo com um sistema que é sempre questionável. Sua sensibilidade artística, que se delicia com a beleza da literatura, leva-o a contar ao público as impressões nele produzidas pelos livros. Quanto às obras literárias, ele consegue narrar as aventuras da sua alma. Para Jules Lemaître, impressionista também, a crítica é a arte de apreciar os livros, refinando por intermédio deles, sua sensibilidade.

O papel ditatorial da crítica inglesa foi mantido por muito tempo pela revista *The Athenaeum*. Mais tarde foi assumido pelo suplemento literário de *The Times*.

Bernard Shaw gosta de evitar as críticas aos seus trabalhos e as enfrenta com uma crítica preventiva.

O tempo é a autoridade suprema que julga os livros, um juiz que nunca se deixa deslumbrar ou enganar. O tempo é a reflexão da humanidade. (Aimé Martin.)

F. Vézinet publicou uma coletânea interessante 'O século XVII julgado pelo século XVIII', um conjunto de julgamentos literários selecionados e anotados. Constata-se que, apesar das divergências de gostos e ideias, os autores do século XVIII se encontram em um elogio comum aos seus antecessores. Algumas páginas têm mais que interesse histórico. São modelos de crítica refinada e criteriosa. (Ex .: o paralelo entre Racine e Corneille, de Vauvenargues.)

"Assim como existem ideias no ar, escreve Byvanck, parece que estão espalhados, na atmosfera intelectual de uma sociedade, germes de situações morais análogas que, fecundados por espíritos em busca de expressões artísticas, se modificam segundo as personalidades que eles atingiram."

É como se o Espírito dirigisse uma questão geral aos vários espíritos da mesma geração. Uma conversa começa, um drama nasce, onde todos são atores, queiram ou não. A tarefa do crítico é recolher, ordenar e classificar as respostas e em seguida elaborar consequências literárias. A técnica literária encontra ou até cria a lógica dos produtos do espírito. Uma crítica munida de antenas capta e reúne analogias distantes.[1]

256.3 Crítica científica

a) Na ciência, a crítica é condição essencial: trata-se de crítica a ideias. Os cientistas se criticam uns aos outros, uma preocupação comum, em prol do avanço da ciência. Apesar das críticas, eles permanecem ligados uns aos outros por deferência, estima, amizade ou por uma comunhão de aspirações. Criticar um ao outro é demonstrar a importância atribuída a obras e teorias, pois, se não fossem importantes, cada uma em seu campo, qual seria o alcance da crítica?

b) A ciência avança 'à custa do transitório' e devemos nos resignar com seu caráter aproximativo. Portanto, necessariamente, o documento científico terá como característica ser, nos estágios iniciais, inevitavelmente incompleto e impreciso.

Chegaremos a publicações provisórias sujeitas a críticas durante um

[1] Byvanck. *Un hollandais à Paris en 1891*, p. 1944. Paris, Perrin, 1892.
La mission de Claudel, par Victor Bindel. *La Revue Catholique des Idées et des Faits*.

certo tempo, como já vem sendo feito pelas comissões de normalização e pela comissão da Classificação Decimal (edição provisória).

Os grandes cientistas se preocupam em ter seus trabalhos lidos por colegas e acolher as observações de fundo e de forma.

c) O espirito crítico é necessário, sobretudo, para fazer a boa crítica. E esse espírito requer a capacidade de encontrar o elo e as analogias entre as várias proposições, leis, teoremas, fenômenos e especialidades científicas, que parecem não estar relacionados e serem muitas vezes até discordantes; a capacidade de encontrar a gênese mais natural dos fatos, a unidade na diversidade, a ordem no caos, as leis na desordem: a capacidade de ver o que é útil, o que é verdadeiro, e suprimir o que é supérfluo, inútil, falso. Não será gênio, a menos que possua uma mente crítica, visto que o gênio avança por sínteses. (V. G. Cavallero.)

d) Em geral, a crítica é desorganizada: 1° ela não dispõe de critérios formulados de forma sistemática; 2° ela não se aplica senão a um número limitado de obras ou trabalhos;[1] as críticas formuladas e publicadas permanecem dispersas em relação ao leitor; estes raramente chegam à obra criticada (bibliografia insuficiente das críticas); 4° a ausência de comprovação das críticas, ou por não ter havido mais edições da obra criticada, ou por terem sido totalmente ignoradas pelo autor, que não se dá ao trabalho de refutá-las.

e) Entendam-se como controle científico as medidas orgânicas que visam a estabelecer o valor das teses e conclusões. Para tal fim, seria necessário determinar quem julgará e qual será o procedimento. O julgamento deveria ser feito por órgãos ou agentes designados por associações internacionais devidamente organizadas e mantidos pelas mais altas autoridades científicas de cada área de sua competência. O processo de defesa de teses remonta à Idade Média; dá-nos uma indicação do que pode ser feito, mas deve ser aprimorado. Seria útil se houvesse regras científicas e regras bibliológicas, bem como a possibilidade de conhecer o estado exato da posição da ciência sobre cada questão, por meio de documentação bem organizada.

f) O conceito de especialista e de especialização vem se desenvolvendo. A avaliação por especialista se generaliza. Ela consiste em emitir uma opinião fundamentada sobre o estado atual dos conhecimentos aplicados a um problema concreto específico. Em matéria jurídica, a confirmação sobre a situação de determinada legislação constitui um 'parecer'. O conceito de parecer generaliza-se em todos os setores. A avaliação especializada seria, então, uma mescla de parecer e de crítica.

g) A propósito, há conclusões de congressos nacionais e internacionais. Essas conclusões resultam de procedimentos regulares que se tornam cada vez mais precisos: inclusão de questões na ordem do dia, consultas, relatórios de comissões, debates segundo as regras, votação e consolidação posterior das resoluções.[2]

h) Em algumas áreas há testes de controle. Por ex., a questão da revisão dos manuais de história. Ela foi objeto de trabalhos de uma comissão de especialistas da Liga das Nações, Congresso Internacional de Ensino de História (Haia, 2 de julho de 1932). Eles repercutiram na comissão para o desarmamento moral criada pela conferência internacional sobre

---

[1] Ver o que foi dito na seção 255 sobre bibliografias críticas e sua utilização.

[2] Code des vœux et résolutions des associations internationales. Publication de l'Union des Associations Internationales, Bruxelles.

a limitação e redução de armamentos. Foi proposto um procedimento de revisão. Todo historiador que tenha uma crítica a fazer encaminha-a à comissão nacional do país ao qual pertence o autor incriminado. Alguns até vislumbraram medidas governamentais e disciplinares. Foram evidenciadas as dificuldades para conciliar o respeito à verdade histórica com a cortesia internacional, a liberdade de pensamento e os direitos individuais.[1]

i) De modo geral, talvez fosse possível imaginar uma organização geral da crítica científica. Qualquer livro anunciado por meio da bibliografia seria criticado por essa organização. A crítica, muito diferente do resumo ou análise, consistiria essencialmente em comparar a obra criticada com outras obras similares, mostrando as relações entre elas e a ciência considerada em seu conjunto. A confrontação com a *pasta universal* sobre cada questão, formada pela documentação, seria então o meio de implantar com agilidade e segurança o trabalho de crítica. A organização da crítica consistiria, portanto, em um escritório mundial com regras e meios próprios de trabalho. Ela mesma poderia elaborar críticas de certas obras importantes e estaria à disposição de todos os autores para fazer, sob demanda, a crítica preliminar de sua obra, como fazem os escritórios de patentes. A obra sob crítica seria dissecada em todas as suas partes e cada uma comparada com a matéria anterior. O autor seria convidado a manifestar o que ele reivindica como novidade. Ele destacaria essas passagens no exemplar submetido à crítica. Seria considerado que todo o restante seria secundário, por ser um recurso conhecido de desenvolvimento e argumentação

j) Seria desejável que a crítica científica inclua critérios e avaliações de natureza estritamente bibliológica: a forma e o estado material do livro, sua conformidade com as regras preconizadas, suas características do ponto de vista da psicologia dos leitores, etc.

256.4 Censura em geral

1. *Noção*

a) A censura é uma crítica oficial dos escritos acompanhada de sanções materiais. Existe a censura civil e militar e a censura religiosa. (Ver também a seção 259.2 Destruição de livros.)

b) Durante toda a Idade Média, na França, o comércio de livros foi submetido à tríplice censura do clero, das universidades e dos tribunais. Quando se percebeu a ajuda poderosa com que a imprensa e o comércio livreiro poderiam contribuir para as novas ideias, as mais rigorosas medidas foram tomadas contra eles. Francisco I, cognominado Pai das Letras, ordenou, por meio de um edito, o fechamento de todas as livrarias, sob pena de morte.

c) A censura governamental pode se estender a todos os tipos de publicações, às comunicações postais, telegráficas, telefônicas e radiofônicas. Em fevereiro de 1933, os jornais e todas as publicações comunistas foram interditados por quatro semanas, em toda a Prússia, e os da social-democracia, por 14 dias. Até os correspondentes da imprensa estrangeira foram advertidos.

d) Uma forma indireta de censura é a proibição do transporte quando os respectivos meios estão nas mãos do Estado (correios, ferrovias). O

[1] Instituto Internacional de Cooperação Intelectual 1932. *La revision des manuels scolaires contenat des passages nuisibles à la compréhension mutuelle des peuples*. 234 p.

domínio da censura se estende às esferas onde o pensamento pode penetrar e agir. Atualmente, há censura ao rádio e ao cinema.

Foi reivindicado que houvesse um serviço de censura, junto à alfândega, contra a exportação de livros sujos e nocivos, de modo a proteger a reputação do pensamento francês no exterior. (André Cadoret.)

O regulamento escolar modelar das escolas primárias superiores (28 de dezembro de 1888) diz no art. 15: "O ministro pode proibir o uso, nas escolas, de obras de ensino, de leitura ou de premiação contrárias à moral, à constituição ou às leis."

e) Mesmo assim, o pensamento mantido sob coerção encontra dezenas de formas de se expressar. As publicações proibidas circulam clandestinamente; na ausência de textos, ocorrem conversações, encontros secretos, e mesmo sociedades secretas. Vejam-se as diferentes formas assumidas pelo folclore, de modo mais ou menos preciso, para expressar protesto: por exemplo, em Roma, o Pasquino (donde 'pasquinada'), que era a estátua, em cujo pedestal, durante quatro séculos, foram afixados libelos ou versos contra o papa soberano da cidade;[1] na Bélgica, os protestos contra a ocupação alemã, durante a guerra mundial.

f) A censura, dizem ironicamente os escritores reacionários, melhorou o estilo dos autores, forçando-os a serem engenhosos. Ao lhes ser concedida liberdade excessiva fez-se com que perdessem a arte dos subentendidos.

2. *Histórico*

As traições e os atos de lesa-majestade foram punidos desde sempre. Livros religiosos heréticos foram queimados por Constantino e por outros imperadores cristãos. As autoridades eclesiásticas e governos civis deram continuidade a essa prática durante a Idade Média. Savonarola queimou os livros de seus adversários. A invenção da imprensa, ao facilitar a multiplicação dos livros, fez crescer o perigo dos livros aos olhos das autoridades civis e religiosas. As primeiras licenças, os primeiros privilégios concedidos aos impressores foram parcialmente inspirados pelo anseio de controlar.

Todos os tipos de restrições limitaram as editoras; impressos e livros foram confiscados e queimados; editores e autores foram presos e, por vezes, executados. As primeiras listas de livros censurados foram publicadas em Paris (1544), Louvain (1546) e Veneza (1549). O primeiro *index* romano de livros proibidos apareceu em 1559. Ele impedia a expressão do pensamento, mas não a deteve. Os reformadores, contra os quais foram tomadas medidas, continuaram a lutar, por meios ainda mais duros, contra as obras católicas.

A simples posse de certos livros foi proibida, muitas vezes, ao longo da história. Em Portugal, por exemplo, os judeus tinham que aguardar a autorização de Manuel II para terem sinagogas e a posse de livros hebraicos.

Uma ordenação do *parlement* de Paris, de 16 de agosto de 1666, proibia a venda de "qualquer libelo ou escrito, qualificado como gazeta manuscrita, sob pena de exílio, na primeira vez e, na segunda, a galé". La Bruyère diria: "Um homem que nasceu cristão e francês sente-se extremamente constrangido ao escrever, pois lhe são vedados os grandes temas e os pequenos, proibidos". Duclos iniciou uma conferência, em 1770, nos seguin-

[1] *Pasquino*, de Renato e Fernando Silenzi, Milano, Valentino Bompiani (Recueil de satires populaires depuis l'an 1500).

tes termos: "Senhores, vamos falar do elefante; é a única besta, um tanto quanto considerável, do qual se pode falar sem perigo, nestes tempos..." Essa política de censura perdurou até a Revolução e causou muitos danos à edição de livros na França. Foi abolida pela Assembléia Nacional.

Mas ela foi restabelecida no período de Napoleão. Em notícia dedicada a Lalande, Jarrin relata a proibição de escrever, que lhe foi imposta pelo Instituto, por ordem de Napoleão. A Restauração, a monarquia de Julho, Napoleão III e o governo da Grande Guerra lançaram mão da censura. Louis Veuillot, o grande panfletário católico que sofreu particularmente as restrições à livre expressão do pensamento, no Segundo Império, expôs o fato nas obras *Les odeurs de Paris* e no prólogo de *Le fond de Giboyer*.

3. *Em diversos países*

A censura tem existido em quase todos os países; foi mais rigorosa, ou menos, consoante o período. Praticamente todos os governos mantêm o direito de censurar, suprimir ou confiscar publicações imorais ou revolucionárias.

a) Nos Estados Unidos, recentemente, houve tentativas de restaurar a censura, em relação com a controvérsia dos 'fundamentalistas' e o ensino da teoria da evolução. Chicago foi sede do movimento que defendia 'cem por cento de americanismo nos livros didáticos'.

b) Na Rússia czarista passagens de textos eram censuradas com uma tarja preta. Na URSS, muitas dificuldades são colocadas à liberdade escrita e falada do pensamento. A imprensa é quase toda oficial. A filha mais nova de Tolstoi não pôde fazer uma edição completa das obras de seu pai (cem volumes) em razão de seu caráter religioso.

c) Os órgãos de imprensa italianos estão sob controle exclusivo do governo, os editores dos principais jornais são diretamente nomeados ou destituídos pelo *Duce*. Além disso, a agência central de Roma baixa, diariamente, 'recomendações' sobre política internacional, livros novos, etc.; além disso, as informações vindas do estrangeiro são centralizadas, filtradas e redistribuídas. Este é o chamado regime da 'verdade imposta'.

d) O governo alemão de Hitler tomou medidas que chegaram ao ponto de expulsar jornalistas estrangeiros, culpados, a seu ver, de fornecer, sobre os acontecimentos que ocorrem na Alemanha, uma versão diferente da que é admitida oficialmente. O governo incumbiu uma comissão de rever os catálogos, a fim de fazer um '*index* de obras estranhas ao caráter alemão'. A comissão definirá também a lista de jornais e revistas que serão tolerados nas salas de leitura. Os livros colocados no *index* serão queimados em praça pública. Os estudantes garantem que levarão ao pelourinho os escritos não alemães. Os livros marxistas e comunistas juntados em maio de 1933 para serem queimados chegaram à cifra de um milhão.

e) A guerra mundial, que foi um esforço de coletivização de todas as forças dos países em luta, mobilizou as penas e também as consciências.[1]

Foi punido, durante a guerra, o 'derrotismo militar', expressão de qualquer dúvida sobre a vitória final. Depois da guerra, conhecemos o derrotismo social; foram objeto de censura as dúvidas sobre a superioridade do sistema capitalista e a simpatia pelo comunismo da URSS. Mais recentemente, na Áustria, o governo propôs uma lei para reprimir as manifestações escritas ou orais sobre o derrotismo monetário. Não se podia

[1] Demartial. *La mobilisation des consciences.*

expressar inquietação sobre a estabilidade do xelim.

f) É bastante impressionante a ordem do dia do superior quartel-general francês, datada de 25 de agosto de 1917, sobre as recomendações a fazer à imprensa. Ela prescreve o que deve ser evitado e o que deve ser dito, e contém observações sobre a psicologia dos soldados leitores de jornais.[1]

A censura recebia instruções: não desmoralizar o país, por conseguinte, suprimir tudo que possa influenciar negativamente o otimismo oficial e obrigatório. Por exemplo: não permitir informar as perdas sofridas, os aviões abatidos, os navios afundados, as cidades bombardeadas; esconder as descrições tão horripilantes quanto verdadeiras feitas por pessoas que testemunharam os fatos, em suma, preservar o ar franco e jovial da guerra que o *Kronprinz* não tinha sido o único a descobrir.

Conhecemos as sutis receitas da arte dos comunicados desde as revelações de Pierrefeu (Plutarco mentiu).

g) A censura militar tem ligações estreitas com o serviço de segurança militar e, este, com o serviço de informação (chamado de espionagem quando se refere ao serviço do inimigo).

A esse serviço militar correspondem os esforços para obter documentos e fotografias, lê-los, vê-los, ao menos. Trata-se da espionagem. Todos os exércitos têm os chamados serviços de informação: o 2e Bureau da França, o Intelligence Service da Inglaterra, etc. Os historiadores da Grande Guerra relatam que, antes da batalha de Amiens (rio Somme), em março de 1918, o Intelligence Service conhecia, desde fevereiro, o plano do inimigo; isso foi realmente lido em seus planos que estavam em pastas não colocadas sob sigilo. A divulgação ou busca de segredos militares é punível com morte ou prisão perpétua, por ordem do Império, para reprimir 'a traição contra a nação alemã'.

4. *Censura religiosa. Proibição*

a) A Igreja proibiu aos fiéis o acesso direto às escrituras sagradas. Ela acredita ser necessária uma boa preparação teológica. Ela teme as falsas interpretações, citações erradas, as adaptações impróprias ou mesmo irreverentes e obscenas. Para não errar, deve-se conhecer, além do latim, o grego, o hebraico e o aramaico.[2]

b) Houve algumas proibições curiosas. Incumbido pelo papa de reorganizar as escolas da França, em 1225, o cardeal Le Coursoni, que deu à corporação de mestres e estudantes de então, o nome de universidade, autorizou o ensino da dialética de Aristóteles, mas proibiu sua física e sua metafísica. Houve expurgos no século XIII quando surgiram, no mundo cristão, as traduções greco-latinas e árabes latinas de Aristóteles. O papa Gregório IX incumbiu três teólogos de Paris que examinassem esses livros. Eles deveriam preparar um texto expurgado destinado aos estudantes. A revisão, no entanto, permaneceu como rascunho. Santo Alberto Magno e Santo Tomás de Aquino continuaram comentando as obras de Aristóteles, leitura proibida, sob pena de excomunhão.

c) Para salvaguardar a verdade religiosa contra os ataques dos hereges, foi instituída a Inquisição. Segundo Llorente, a Inquisição espanhola, de 1481 a 1808, julgou 341 021 pessoas, das quais 31 912 morreram na fogueira e 17 699 foram queimadas em efígie; as demais foram sentenciadas a penas

[1] Berger, Marcel e Allard, Paul. *Les secrets de la censure pendant la guerre.* (Edit. les Portiques, 144).
[2] Ricciotti, Giuseppe. *Bibbia e non Bibbia.* Brescia: Morcelliana, 1932.

menores, mas sempre graves. Diz-se que a Biblioteca do Escorial guarda um exemplar de todas as obras que foram queimadas pela Inquisição.

d) Uma bula de Leão X, baixada em 14 de junho de 1520, condenou como heterodoxas 41 proposições de Lutero, concedendo-lhe sessenta dias de reflexão, durante os quais teria que se retratar, sob pena de excomunhão. Lutero respondeu escrevendo a obra *Contra a bula do anticristo*. Em 10 de dezembro, ele queimou a bula de excomunhão junto com o direito canônico, os textos de Eck e Emser contra ele e várias obras da escolástica e casuística, dizendo: "Como tu tens atormentado a Santa Palavra do Senhor, possa o fogo eterno te atormentar!" Ele anunciou este auto de fé em um cartaz público.

e) Existem formas de crítica oficial. As proposições extraídas dos livros foram objeto de denúncia a Roma e eventualmente de condenação. (Ex., as controvérsias em Roma nos séculos XVII e XVIII a respeito das cerimônias chinesas.) Os doutores da Sorbonne admitiam ou condenavam certas teses *ex officio*. Quando apareciam certas obras, os papas logo as condenavam ou então formulavam seguidamente proposições que eles condenavam declarando que eram encontradas na obra. (Ex., o livro de Jansenius). Os doutores apontaram que a Igreja também procedeu negativamente, dizendo contra os hereges o que não é seu dogma, sem apresentar expressamente seu conteúdo.

f) Ainda há censura religiosa na forma de aprovação para publicação de livros de caráter teológico ou eclesiástico. O *imprimatur* não implica a Igreja.

g) A Igreja romana implantou o *Index librorum prohibitorum* (índice de livros proibidos). Uma congregação romana é encarregada disso. Se um dado livro é colocado no *Index* e não outro, que seja ainda mais grave, isso se deve a que a Igreja foi informada sobre esse livro por uma denúncia ou pergunta a ela dirigida, ou por uma campanha feita contra o assunto desse livro ou, principalmente, pela celebridade do autor.

257 Uso do livro. A leitura

257.1 Noção de leitura

Ler é conhecer o conteúdo dos livros, é coligir o que os autores registraram nos livros. Ler é a ação de compreender e assimilar o pensamento dos outros por meio de caracteres gráficos. Para ser compreendido, o novo conhecimento deve ser incorporado aos conhecimentos anteriormente adquiridos. Trata-se de uma operação de correlação.

257.2 Necessidade e vantagens da leitura em geral

Todo homem deve procurar viver como um ser intelectual, o que ele é, e, portanto, desenvolver sua inteligência sem se deixar absorver inteiramente pelas funções de natureza automática ou secundária. Além disso, o livro oferece o melhor do pensamento reflexivo e coordenado das melhores mentes. A leitura, portanto, se impõe a todo homem, porque mantém a vida da mente, que precisa se alimentar de ideias, como o corpo precisa de alimento. Uma vida sem leitura será sempre uma vida medíocre. Confúcio já dizia: "Aprender sem pensar é desperdiçar esforço; pensar sem aprender é perigoso." Sêneca escreveu: "Refugia-te no estudo, escaparás de todos os desgostos da existência. O tédio do dia não te fará suspirar após a noite e não cuidarás apenas de ti mesmo, inútil para os outros."

O livro é o instrumento para uma ginástica cerebral e também senti-

mental, que nos proporciona mais perspicácia e menos impulsividade, o que nos habitua, pelo esforço de uma reflexão íntima, a explorar implacavelmente todas nossas fontes pessoais da razão e da emoção (Pierre Guitot-Vauquelin). O livro é um amigo, um lenitivo, um guia, é ele que nos ajuda a formular nossos pensamentos e sentimentos que se mantiveram vagos e imprecisos; nutre-se de sua substância e proporciona conforto espiritual. Lembremo-nos desta frase de uma velha simples e enrugada, dizendo ao bibliotecário, ao trazer de volta um livro: "Que lindos sentimentos, esse livro alegra as horas sombrias e nos ajuda a viver".

Do ponto de vista social, constata-se que a educação pelo livro é, de todas, a mais econômica (biblioteca, universidade do povo, autodidatismo metódico).

257.3 Diferentes objetivos da leitura

A leitura pode ter vários objetivos: 1° cultura geral (formação da mente); 2° Recreação (uso do lazer); 3° educação (ciência transmitida por manuais de autodidatismo); 4 a informação e a documentação (informações).

É preciso ler durante toda a vida: 1° No início da juventude, pois é o meio de adquirir vocabulário, de aprender a se expressar bem, de abrir a mente. Todo assunto ensinado, revisto a partir do ângulo da leitura, aparece mais amplo, real, dotado de vida nova, mais importante. 2° Ler como estudante. É o momento em que a inteligência é conduzida aos altos cumes, um momento em que se tem lazer. Ler é ouvir vários mestres, a totalidade dos mestres. 3° Ler continuamente durante a vida ativa, pois o contato direto com as realidades, que se precisa dominar e disciplinar, permite rever as coisas de forma diferente, e toda a experiência depositada nos livros por aqueles que os escreveram, poderá vivificar e amplificar extraordinariamente a experiência pessoal que se adquire. 3° Ler quando se retira da vida ativa, na hora dita da aposentadoria, que deve ser o momento precioso de renovação intelectual, por causa do longo tempo de lazer que ela proporciona à leitura. Os livros se carregam ainda de significação quando lidos e relidos depois de uma existência longa, feita tanto de estudo quanto de ação e emoções.[1]

257.4 Diferentes maneiras de ler

Há várias maneiras de ler e de usar livros e documentos:

1° Ler na íntegra, de uma só vez, como acontece com as obras literárias; 2° Instruir-se e aprender lendo e relendo. Assimilar uma obra, analisando-a, de lápis na mão, para torná-la a base de reflexões pessoais ou discussões subsequentes em grupos de estudos; 3° Consultar certas passagens dos livros conhecidos de si próprio, ou, por indicação de terceiros, certos elementos, capítulos ou fatos, a fim de colher informações sobre questões específicas e utilizá-las em seus trabalhos; 4° Percorrer rapidamente os livros, folheando-os e manuseando-os. Faz-se, assim, um primeiro reconhecimento no vasto domínio dos livros, entra-se em contato com as obras clássicas fundamentais célebres, ou se usa a memória visual e topográfica para examinar uma coleção inteira; 5° Comprometer-se a realizar um ciclo de leituras, gradativas, seguindo um plano fixado

[1] Mazel, Henri, 1906. *Ce qu'il faut lire dans sa vie.* (Ciclo completo de leituras sistemáticas que abarcam todos os períodos da existência e acompanham o homem até a idade madura, com o espírito enriquecido de tudo o que ele teria retido de sua viagem através da literatura universal.)

antecipadamente, que pode se estender por vários anos e até mesmo por toda a vida.

Todas essas operações intelectuais são muito distintas. Todas têm sua utilidade, desde que usadas com discernimento, apropriadas para cada caso, consoante os livros, leitores ou propósitos perseguidos pela leitura.

a) *Leitura formativa. A leitura e a cultura*. A educação geral comporta todo o conhecimento e todo o desenvolvimento pessoal a que alguém, disposto a garantir para si os múltiplos benefícios da era de formação contínua em que vivemos, deve ambicionar.

A 'leitura formativa' visa a tornar o indivíduo mais inteligente e melhor. Amplia a sensibilidade, expande as concepções sobre a natureza e a vida do homem, da sociedade e do universo, inspira o amor ao trabalho e ao esforço e o sentimento da dignidade humana. Elevamo-nos graças à leitura de um belo livro e nos afastamos da materialidade que nos rodeia.

b) *A leitura sistemática*. A leitura sistemática é feita de acordo com um plano. Este plano pode ser feito à maneira dos programas escolares, que determinam as questões e suas sequências, ou à maneira dos *syllabus* que informam as fontes de consulta e as leituras a serem feitas. Os 'guias para autodidatas' (autodidatismo, autoeducação) são mais abrangentes e se relacionam melhor com o ensino superior. Os guias poloneses e russos são modelos dos quais não há equivalentes em francês.[1] Os cursos por correspondência, muito comuns nos países anglo-saxões, se apoiam, em larga medida, em leituras sistemáticas.

A leitura é forçosamente fragmentada. Pode tender a tornar-se enciclopédica. Mas não poderá produzir, por si própria, a síntese no espírito, de acordo com as habilidades e necessidades de cada um. É necessária a intervenção de leituras de ordem geral para promover a síntese, fruto de gerações, que não pode ser obtida, por si próprio, a não ser com grande esforço e tempo. Há muito tempo que o ensino carece de organização e síntese. Deve-se considerar atualmente a necessidade de organizar a leitura, inspirando-se na forma como a educação foi organizada, evitando-se a justaposição simples dentro de compartimentos estanques, muitas vezes, com o uso de métodos arcaicos.

c) *A leitura instrutiva ou científica*. Sua finalidade é fornecer conhecimentos gerais e especiais ao espírito e auxiliar a formar opiniões. – As leituras científicas devem fortalecer o espírito, retificar o julgamento, aumentar a memória de forma a ampliar as faculdades de assimilação. O cérebro é o filtro das ideias, cabe a ele filtrar tudo que lemos, tudo que ouvimos. O essencial é formar a capacidade de julgar, que decide, em última instância, o que deve ser mantido ou rejeitado em relação aos assuntos em estudo, e, em face das contradições dos autores, selecionar o que considera verdadeiro e, de certa forma, constituir seu próprio sistema. É a síntese operada em cada espírito, mas uma síntese que tem a característica de ser sempre aperfeiçoável, acrescentada e passível de alteração. A atitude obstinada não é necessária e se for preciso manter suas ideias, na crença de que são corretas e verdadeiras, não se deve hesitar em modificá-las ao reconhecer que outras são mais corretas. Pensar livremente é bom, pensar de acordo com a verdade é melhor. – "A arte de ler livros de emoções consiste em deixar-se levar pela emoção. Mas a arte de ler livros de ideias consiste em comparações e aproximações contínuas. Material-

[1] Ver a recensão desses guias no *Bulletin de l'Institut International de Bibliographie*, 1911; ver também Boïarsky, *Enseignement autodidacte* na coleção Le Musée du Livre, em Bruxelas).

mente, lê-se um livro de ideias, folheando as páginas, tanto da esquerda para a direita, quanto da direita para a esquerda, ou seja, tanto voltando ao que se leu quanto progredindo na leitura. O livro de ideias, mais do que qualquer outro livro, não diz tudo de uma vez; seu significado se completa e se esclarece ao avançarmos, e só o possuímos depois de lido por inteiro. Por isso, é necessário, à medida que ele se completa e se esclarece, ter em conta sempre que lemos hoje para entender o que lemos ontem, e lemos hoje para melhor compreender o que se leu ontem." (Émile Faguet.) Trata-se de se apoderar de fatos, de ideias e do estilo do autor, pouco importando como ocorre essa tomada de posse.

d) *Leituras repetidas*. É necessário repetir continuamente a leitura. Um grande pensador e um grande poeta representam uma elevada síntese da natureza psíquica. Não conseguiríamos entendê-los na primeira tentativa. Compreende-se de modo distinto, de acordo com a idade, as circunstâncias, públicas ou privadas, conforme as leituras feitas e a experiência pessoal adquirida. Depois da guerra mundial que sofremos, o que entendemos melhor dos escritores lidos outrora?

A mente é uma só, e seu funcionamento precede qualquer expressão completamente formulada. Entre uma ideia e outras ideias, entre uma ideia e as várias maneiras de expressá-la, há uma *luta* que resulta precisamente na obra produzida. Portanto, escolhe-se, entre os grandes autores, aquele pelo qual sentimos a mais forte e maior simpatia e, entre as obras desse autor, aquela que mais nos toca e mais admiramos. Assim, tendo esse livro, ele será lido continuamente, sem descanso, sem trégua, como um luterano lê sua Bíblia ou um bom inglês culto lê seu Shakespeare. A leitura obstinada de um mestre, diz Théodore Banville, vale mais do que estudar vários modelos. Ela permitirá compreender e apreender os processos pelos quais a expressão consegue dar à luz uma ideia. Permitirá perceber a luta do espírito consigo próprio, com a língua, o espírito sempre mais vasto e mais profundo do que a fórmula na qual ele mesmo se esforça para se conter.

e) *Leitura documentária e informação*. A documentação consiste em tomar conhecimento do que foi dito de original ou importante sobre uma questão. Para trabalhar com método, é preciso investigar, primeiramente, se o assunto a ser examinado já foi estudado e os resultados que foram alcançados. Deve-se, então, tentar, fazer avançar a ciência e modificar os resultados obtidos anteriormente por meio de novas descobertas ou de estudo mais aprofundado das fontes já conhecidas. É a bibliografia que informa sobre as fontes que constituem a documentação, é a enciclopédia que ajuda a condensar o que essas fontes contêm.

f) *A leitura anotada*. Tomar nota de um livro é acompanhar a leitura fazendo anotações, que são feitas: a) com um sinal simples: sublinhado, cruz ou traço na margem; b) com palavras ou frases escritas na margem; c) com notas feitas em folhas de papel, fichas, cadernetas ou cadernos. A anotação refere-se: a uma melhor compreensão do texto, a reflexões pessoais sobre o texto, a extratos úteis para o trabalho em curso, a um resumo para melhor assimilar o tema tratado. A anotação feita no texto impresso tende, muitas vezes, a complementá-lo e dar-lhe uma forma, do jeito que o autor poderia ou teria feito: divisões e partes indicadas por números ou letras, palavras importantes sublinhadas e, eventualmente, marcadas com cor; frases que expressam as principais teses ou proposições; referências a páginas anteriores ou posteriores, referências a outros autores.

A anotação no próprio livro o danifica; ela interfere em sua aparência original, perturba os leitores subsequentes. Mas o livro destinado ao estudo e o documento dirigido à ação ganham se forem anotados: livros escolares, manuais universitários, livros utilizados para estudar uma ciência, cartas e relatórios. Aquilo que anotamos é útil, em si mesmo, para rever ou repassar uma matéria, refletir sobre uma apresentação, entender num relance, e também serve para outros leitores. Há obras publicadas com coletâneas de anotações (notas, glosas, escólios). – As anotações em livros de acervos de bibliotecas privadas ou daquelas formadas para atender às necessidades específicas de uma instituição são proveitosas. Eles são instrumentos de trabalho. Os centros e serviços de documentação, em particular, têm a vantagem de poder fazer anotações nos livros para auxiliar a catalografia, a elaboração de resumos, de análise e exame minucioso, a cópia, etc.

g) *Leitura recreativa*. Ela relaxa, distrai, consola, reanima. Re creativo = re–fazer o eu. "Os livros, remédios da alma."

257.5 Mecanismo intelectual da leitura

A boa leitura não é o resultado de um ato espontâneo. Ela deve ser organizada; o espírito deve estar formado, é necessário um método. Na ausência de um sistema de leitura, não se chega à cultura e ao uso prático dos conhecimentos contidos nos livros. É necessário produzir constantemente leitores melhores.

A tarefa mais nobre do bibliotecário, assim como do mestre e do irmão mais velho em relação ao mais novo, é ensinar a ler e a se instruir. Ler não é soletrar, não é repetir palavras e frases, é compreender, assimilar, reagir intelectualmente. Em seu estágio mais elevado, a leitura é o prelúdio do pensamento original e da produção intelectual.

O livro bem escrito é um verdadeiro edifício intelectual, uma síntese de ideias e não apenas uma coleção classificada de informações. Ele apresenta argumentos para demonstrar, ele conecta fatos para evidenciar aspectos, pontos de vista. As palavras, frases e capítulos se sucedem como meio para expressar, explicar, fazer compreender e sentir um pensamento singular, porém complexo, dividido e desdobrado. Enquanto o conteúdo do livro não tiver sido percebido, compreendido, assimilado, ele não terá sido bem lido. Muitas vezes os olhos somente seguem um texto sem que o intelecto participe da leitura: não entendemos nada sem que a atenção esteja concentrada, a terminologia mais bem interpretada, subitamente, ilumina-se a página, o capítulo, o livro. O fenômeno mental é análogo ao do principiante que sabe soletrar as sílabas de uma frase muito antes de compreender seu significado. Os olhos da mente devem ler junto com os olhos do corpo e, claro, não são a mesma coisa. Durante muito tempo a psicologia teve de se limitar a realizar análises. Hoje, no entanto, estamos nos aproximando do mistério do pensar, que é sintético. O pensamento que brota em um jato, a própria linguagem que não se apresenta mais apenas com suas categorias gramaticais abstratas, mas como expressão total, categorias essas que não passam de meios, pois o objetivo é que é o essencial.[1]

Os estudos psicológicos permitiram definir os tipos mentais de crianças e de adultos. Esses estudos, transpostos para o domínio do livro, ad-

[1] Ver Delacroix. *Le langage*.

quiriram importância capital. Eles se baseiam na relação entre autores, livros e leitores e determinam as reações particulares de uns sobre os outros. Um ramo especial a 'bibliologia psicológica', se ocupa disso.

257.6 Recomendações ao leitor

1° Não se dedicar a nenhuma leitura que esteja muito acima de suas forças e de seu conhecimento; isso pode desviar o gosto das leituras sérias. Isso não deve afastar a vontade de tomar um livro científico de grau superior e de lê-lo e relê-lo até que o compreenda; 2. Todo livro iniciado deve ser concluído, a menos que produza uma repugnância insuperável; 3. Reler o livro em que se tenha encontrado verdadeiro benefício, mas do qual algumas partes permanecem obscuras. Mas não relê-lo imediatamente; é necessário um intervalo que permita às noções adquiridas se assentarem em seu lugar lógico na memória. O subconsciente deve ter tempo para fazer seu trabalho; 4° Evitar ler em demasia. Se ler é bom, viver é melhor. Os livros são reflexos da vida quando dotados de valor. Não se satisfazer com o reflexo: entrar diretamente na vida. Observa-te a ti mesmo, a exemplo dos observadores: "É necessário estudar a realidade, tanto quanto os livros" (La Rochefoucauld); 5. Evitar ler mal, ou seja, a leitura desatenta e superficial; evitar ler em demasia jornais e livros cujo valor é ínfimo. É perder seu tempo, debilitar a memória e formar um hábito pernicioso no sentido de não se chegar a ler os escritos que têm direito à atenção. A memória se debilita porque as impressões são confusas, fugidias, e o cérebro perde o hábito de reter impressões nítidas e duradouras. Ao ler, buscar menos absorver do que assimilar; 6. A. Vanner (*La clarté française*, p. 70) dá os seguintes conselhos:

Como deve ser feita uma leitura literária? Podem-se distinguir duas etapas:

"a) Na primeira, leia sem tomar notas, sem consultar dicionário; numa palavra, leia por prazer, sem que seja obrigado a empregar todo um mecanismo que, por vezes, é suficiente para as mentes menos inclinadas desagradarem da leitura. Não aprenderá menos quantidade de palavras, ideias e fatos interessantes, circunlóquios e expressões que vai encontrar instintivamente e que lhe trarão desenvoltura. Certamente obterá esse benefício e será mais sensível à beleza de estilo se ler em voz alta, de vez em quando, e se memorizar algumas páginas de cada um dos nossos grandes autores. Se necessário, anote os livros que leu, faça uma análise muito breve deles e resuma, em poucas palavras, a impressão que tem deles. b) Na segunda etapa, quando buscar penetrar os segredos do dizer bem, poderá resgatar as passagens mais notáveis de suas leituras para decompor os processos que correspondem melhor às suas qualidades ou que se opõem aos seus defeitos. Ser prudente nesse método e não fazer nada que se pareça com 'cadernos de anotações', sob pena de perder toda a originalidade."

7 ° Da sua parte, E. Faguet (*L'art de lire*, Paris, Hachette, 1912) faz as seguintes recomendações: Como ler. Questão capital. Duas regras básicas: "a) Ler lentamente: a arte da leitura é a arte de pensar com um pouco de comodidade. Portanto, ela possui as mesmas regras gerais que a arte de pensar. É preciso pensar lentamente. É preciso ler lentamente, é preciso pensar com prudência, sem possibilidade de erro, e fazendo frequentes objeções; é preciso ler com prudência, levantando objeções constantes ao autor, porque ler é pensar com o outro, pensar o pensamento de outro e

pensar o pensamento em conformidade ou contrário ao que o outro nos sugere; b) reler: para compreender melhor, para apreciar os detalhes e o estilo, para comparar-se a si mesmo em dois momentos diferentes de sua vida e do seu desenvolvimento."

8. "A arte de ler bem é uma das mais importantes. O tempo rigorosamente medido concedido à leitura, ofereça-o exclusivamente às obras das grandes mentes. Cada escola tem seus mestres e seus discípulos, suas obras-primas e suas banalidades. É uma grande economia de tempo e trabalho seguir um bom guia que, fazendo-vos passar rapidamente diante do banal e do medíocre, vos convida a, simplesmente, olhar para as flores raras e a saborear os frutos saborosos." (Schopenhauer)

257.7 Ler e anotar

Para que as ideias sejam assimiladas e as noções preservadas na memória, combinam-se, na medida do possível, os três modos de percepção e de ação motora: ver (ler com os olhos), articular e ouvir (ler em voz alta), traçar as letras (escrever).

Duas operações permanecem estreitamente relacionadas ao ensino, tanto no nível superior e na formação de pessoal científico, como no ensino fundamental: a leitura e a escrita. O resumo do que se lê, os extratos de textos, a anotação de fatos considerados relevantes, dignos de serem retidos, as reflexões pessoais produzidas pela leitura, são essenciais para a boa assimilação do conteúdo das obras. É a maneira de refazer, por si próprio, o caminho trilhado pelo autor.

Mas as notas assim tomadas têm um valor diferente de um simples exercício. Conservadas, classificadas, alteradas, aumentadas constantemente com outras notas extraídas de outras fontes, elas podem constituir um verdadeiro livro: o livro peculiar de cada um, do qual se possa dizer 'meu livro', 'minha enciclopédia', quintessência de tudo pelo qual nos interessamos, síntese de tudo o que aprendemos, memória artificial de tudo o que desejamos lembrar.

O método racional para se ler com fruição é, assim, complementado pelo método racional de tomar notas. Convêm registrá-las cuidadosamente, coletá-las e coordená-las em repertórios pessoais bem ordenados. 1° A anotação em fichas ou folhas soltas dispostas em arquivos ou repertórios deve ser preferida. As fichas, de fato, constituem, de certa forma, a extensão do nosso cérebro; elas preservam, fielmente, o registro dos dados que nossa memória não consegue reter em razão do aumento constante dos conhecimentos, e fornecem os elementos gráficos sobre os quais nossa reflexão poderá ser exercida. As anotações que fazemos rematam, frequentemente, esse órgão extracerebral que é o arquivo. Por se tratar de um cérebro bem organizado, cuja memória está ativa, elas nos fornecem, de pronto, as informações necessárias. 2° As fichas serão ordenadas por assunto, tanto alfabeticamente como em um dicionário, ou sistematicamente, como na Classificação Decimal.

O emprego das fichas ordenadas leva ao hábito de classificar, metodicamente, na mente, o que se encontra nelas. A mente adota, gradualmente, mediante suas próprias operações de memorização, os mesmos métodos de registro e de agrupamento daquilo que vê, e aprecia como funciona na prática a classificação por meio das fichas. Por isso é que a memória, como resultado, se expande e se torna mais ágil.

As mesmas fichas também serão utilizadas em trabalhos (artigos, co-

letâneas, cursos, conferências e debates). Posteriormente, elas trazem um duplo benefício: evitar novas transcrições que, muitas vezes, estão sujeitas a erros; obrigar a mente a ter em conta fatos e ideias anotados em diversos momentos, confirmados por várias outras mentes, e que expressam tantos aspectos diferentes de uma mesma coisa. Assim, as notas nos livram da unilateralidade. Já não ouvimos o som de um sino, mas os de um carrilhão.

257.8 Ler em voz alta

Ler em voz alta faz entender melhor o significado das ideias, nossa memória das palavras se enriquece e nosso discurso se aperfeiçoa.

A leitura em voz alta desempenha um papel vital. Frequentemente, a palavra escrita parece mais pobre do que a palavra falada para expressar todos os estados psíquicos, pois não pode ser acompanhada por gestos e emoções. A leitura em voz alta, especialmente a do professor, devolve ao texto o que lhe foi tirado. Convém ler em voz alta na escola, com a família, entre amigos e até mesmo sozinho.

As sessões de leitura em voz alta, e em pequenos grupos, são recomendadas. Escolhem-se trechos de autores de interesse do grupo em geral. Principia-se com algumas palavras sobre o autor e sua vida. Após a leitura, responde-se a perguntas, releem-se certas passagens e se discutem, conjuntamente, as dificuldades. Podem-se formar círculos de leitura no ambiente da biblioteca (até 25 pessoas por círculo). Essas leituras podem ser feitas seguindo um plano sistemático. As sessões de leitura são praticadas, sobretudo, nos países eslavos. (Ver, também, os ciclos de leitura organizados pela National Home Reading Union.)

Além da leitura, há a memorização. Decoram-se poemas, passagens inteiras de livros; livros sagrados.

A recitação de textos decorados e a leitura de textos têm um espaço importante nos processos, nos rituais, nas liturgias e na arte. Por ex.:, o juramento em um tribunal; as palavras de abertura e encerramento pronunciadas pelo presidente nas assembleias; as leituras preliminares em certos atos notariais; os ofícios religiosos lidos, cantados ou recitados.

257.9 Questões diversas

257.91 Fisiologia da leitura

1. Mecanismo da leitura. A leitura fluente das palavras, números, notas musicais, etc. envolve movimentos oculares, sacadas de amplitude variável. O menor ângulo que o olho pode percorrer lateralmente é de cinco graus. Esse ângulo é inversamente proporcional à distância que vai do texto aos olhos; é menor, de longe, e maior, de perto. A fadiga ocular também é inversamente proporcional a esse ângulo; maior na visão de longe, onde o ângulo é menor, e menor na visão de perto, onde o ângulo é maior.

Por essas razões e por causa das maiores dimensões das imagens capturadas, as crianças preferem ler de perto. No entanto, isso, associado a lesões correspondentes de acomodação e convergência, é causa frequente de astenopia, ou seja, de fadiga ocular. Portanto, hábitos pessoais devem ser levados em conta.

As linhas são vistas, apenas, parcialmente, por parágrafo, e cada parágrafo corresponde a uma sacada. Lemos cerca de 20 caracteres por sacada, um pouco mais se as letras forem estreitas ou pequenas, um pouco menos se forem largas e grandes. Cada sacada com parada consecutiva dura em

média meio segundo. As sacadas da leitura podem ser gravadas com uma haste aplicada nas conjuntivas e conectada a um tambor ressonante que se comunica com as orelhas por dois tubos de borracha; percebemos as sacadas simplesmente aplicando a polpa do dedo na pálpebra.

A universidade de Chicago possui um equipamento de 600 mil dólares para fotografar os diferentes movimentos e posições dos olhos durante a leitura. As fotografias gravadas em película cinematográfica mostram a posição dos olhos a cada 1/25 avos de segundo. Graças às descobertas realizadas com esse aparelho, foram feitas mudanças no ensino da leitura.

A leitura pode se tornar tão automática quanto a audição. 1° Entre leitores não habituais, podemos observar movimentos de articulação da fala acompanhando a leitura. 2° Entre leitores treinados, a articulação e a audição ocorrem mentalmente. 3° Em casos extremos, esses intermediários acabam por desaparecer completamente da consciência, deixando, apenas, a compreensão, reduzida esta muitas vezes ao mínimo. (Delacroix).

Como ensinar a ler, começando pelas crianças?

As pesquisas prosseguem, particularmente nos Estados Unidos e na Alemanha. Letras e palavras são abstrações. Mas o termo correlativo de abstrato é concreto. Em primeiro lugar, talvez fosse necessário propiciar aos adultos, tanto quanto às crianças, uma leitura por imagem e ensiná-los a contar, a expor o que veem; assim, atenderíamos ao princípio: 'do objeto ao símbolo'. (Obras de Gansberg, Greyerz, Lay, Enderlin, L.H. Lanbek, *Neue Deutsche Schule*, Feb. 1932)

Há o método de leitura global do dr. Decroly.

2. O olho. A leitura permanece condicionada pelo órgão da visão. Tudo o que vier a favorecê-lo ou melhorar as condições de seu desempenho beneficia a leitura. Novos estudos foram realizados sobre a acuidade visual e suas variações. O sr. Danjon os relata. A estrutura descontínua da retina impõe seu valor. A acuidade visual é medida por meio de um padrão de linhas paralelas e equidistantes, separadas por intervalos da mesma espessura. Aos poucos, afastando-se do alvo, constata-se que há uma distância-limite além da qual as linhas se fundem em uma mancha cinza uniforme. O ângulo-limite sob o qual se vê a distância entre os eixos de duas linhas consecutivas é chamado de capacidade discriminatória do olho. Essa faculdade varia com o brilho do objeto e o contraste entre as linhas pretas e o fundo. Há, aqui, aspectos determinantes para a boa leitura, como a escolha dos caracteres e do papel, e as condições da luz.[1] Em um único nervo auditivo existem três mil fibras distintas. Uma educação adequada do ouvido poderia torná-lo capaz de captar uma multiplicidade de combinações musicais infinitamente mais complexas do que as que atualmente ele consegue perceber. O estudo dos órgãos da visão ainda não alcançou a mesma precisão que o estudo dos órgãos da audição, mas já se sabe o suficiente para se poder tirar conclusões análogas.

257.92 Higiene visual

a) *Condições ideais. Distância*. A leitura deve ser feita a cerca de 30 centímetros em condições normais de iluminação, composição do texto, papel, etc. Míopes, presbiopes e astigmáticos devem ter o cuidado de usar óculos apropriados que devem ser regularmente verificados. Cuidar dos olhos como o bem mais precioso que se tem.

[1] Danjon: *Revue d'Optique*, mai 1928 (resumo em *Revue scientifique*, 1929, p. 245).

b) *Iluminação*. A iluminação mínima será de dez velas. Ter uma boa iluminação. Luz abundante. Evitar luzes muito intensas e brilhantes, como o sol incidindo diretamente sobre as páginas. É necessária uma luz suave, estável, filtrada, ao invés de viva e ofuscante. Em primeiro lugar, a luz natural; em seguida, a iluminação elétrica, incandescente, mas com abajur para focalizar toda a luz na página, ou iluminação a gás incandescente.

O olho vê com mais ou menos nitidez, sob certas condições de iluminação, desde que as condições dessa iluminação correspondam: a) à acuidade visual (diz-se que a acuidade é tanto maior quanto mais próximos forem os pontos que o olho distingue claramente um do outro); b) à sensibilidade relativa do olho, sua capacidade de apreciar as diferenças de brilho e cor. Como o olhar abarca, por vez, apenas um campo extremamente limitado e, portanto, se move continuamente, a nitidez ainda depende da velocidade da percepção e da acomodação. A duração provável da observação de um mesmo ponto sem que a imagem seja perturbada é medida pela continuidade da visão. O olho é uma 'câmara escura'. O cristalino é a objetiva. Ele recebe de cada ponto do objeto iluminado um feixe de raios de luz, que se concentra em um ponto correspondente ao fundo da câmara. Uma luminosidade adequada deve atender a sete condições: 1. proporcionar uma iluminação que assegure uma visão nítida; 2. distribuir, criteriosamente, a luz, de acordo com utilização a ser dada ao local; 3. evitar grandes contrastes de luz e sombra; 4. evitar ofuscamento pelo brilho excessivo dos pontos de luz; 5. controlar os reflexos; 6. controlar as sombras; 7. garantir a limpeza constante dos dispositivos.

c) *Atitude higiênica*. Ao ler ou escrever, manter o corpo ereto e sem rigidez, de modo a evitar as costas arqueadas e os desvios da coluna, tão comuns entre os trabalhadores intelectuais. Melhor curvar o tórax e trazer os ombros para trás, de modo a dar aos pulmões o máximo de espaço possível para ele se dilatar na caixa torácica. É conveniente alternar a posição em pé com a posição sentada. Tanto quanto possível, não inclinar a cabeça sobre um texto; usar uma mesa ou segurar o livro ao nível dos olhos. Não ler nem estudar totalmente deitado, com a cabeça apoiada para trás, porque isso resulta em grande cansaço para os olhos.

d) A leitura depende da legibilidade dos textos.[1]

e) *Fadiga*. Se os olhos estiverem cansados pela luz ou pelo trabalho, lave-os, simplesmente, com água fervida, ou com uma solução de água de camomila, também fervida, eliminando qualquer impureza.

257.93 Tecnologia de leitura

As condições ópticas do livro impresso são as seguintes:

1. *O papel*

a) Espessura. O papel dos livros deve ser opaco para que os caracteres impressos não apareçam no verso. Jamais usar papel excessivamente poroso, que pode deixar a tinta passar e manchar a página oposta.

b) Cor. Papéis muito brancos, azulados, cinzentos ou brilhantes são descartados devido aos reflexos ou a falta de legibilidade.

A melhor tonalidade de papel é *amadeirada* (Javel), muito repousante; o *creme* (Risley); o *rosa*; o branco *fosco e opaco*.

O papel conhecido por quadrado duplo, de 22 kg a resma, tem uma espessura muito adequada.

---

[1] British Medical Research Council. *Report on the legibility of type* by R. L. Pyke, 1926, e o capítulo de Koopman, *Booklover and his books*, Boston, 1927.

2. *Os tipos*

a) Família. É preferível a impressão em tipos romanos (Soenneken). As fontes usadas na composição devem estar impecáveis para evitar falhas de impressão. Tipos de legibilidade mais difícil, como gótico, grego, etc., devem ser evitados. Javal foi o primeiro a insistir sobre a visibilidade e legibilidade dos tipos de impressão.

b) Corpo. Javal propõe a quantidade de seis letras e meia por centímetro, o que corresponde ao corpo de 9 pontos ou '*gaillarde*'.

Cohn e Weber são da mesma opinião, propondo o tipo de um milímetro e meio; mas consideram isso um mínimo. Risley acha que deve ter três milímetros de altura e 0,25 milímetro de espessura.

c) Forma. A forma quadrada, tão larga quanto alta, parece preferível.

d) Olho. O olho do tipo, dependendo da largura da letra e da espessura do traço, deve ser de tamanho médio.

3. *Linhas*

a) Largura da linha. A largura das linhas não deve passar de oito a dez centímetros (Javal, Berlim) com 50 a 60 letras.

No formato in-quarto, será preferível dispor o texto em duas colunas separadas por um intervalo de três a quatro milímetros.

b) Entrelinhas. O entrelinhamento estará vinculado ao tamanho das letras. No caso de caracteres *petit-romain*, terá de 2,5 a três milímetros.

257.94 O papel do livro e da leitura no aprendizado por si mesmo. O autodidatismo

a) *Noções sobre aprendizado por esforço próprio*. O termo autodidatismo ou autodidaxia (de *auto* (si) mesmo; *didasko*: instruir) é empregado para designar a arte de aprender sem mestre, o talento para estudar e se formar sem ir à escola nem ensino sistemático (*self education*). Hoje, embora a escola, de fato, ofereça formação para todos, cada um precisa desenvolver-se e atualizar-se por si mesmo. Os médicos, físicos, químicos e técnicos que fizeram seus estudos em universidades ou escolas politécnicas há um quarto de século e que não acompanharam o progresso da ciência, por meio do uso permanente da documentação, muitas vezes deixam de ser reconhecidos devido às transformações que atingiram as teorias e sua própria aplicação. O historiador Gibbon afirmou: "Todo homem recebe duas educações; uma que lhe é dada pelos outros; a outra, mais importante, a que ele se dá a si mesmo."

b) *Desenvolvimento histórico*. Por diferentes razões, Inglaterra, Estados Unidos, Rússia e Polônia são países de tradição autodidata. A Inglaterra porque o proletariado a cultivou; os Estados Unidos pela mesma razão e porque as distâncias são grandes; a Rússia, porque as pessoas não tinham liberdade; a Polônia devido à perseguição de sua língua.

c) *Formas diversas*. A educação individual assume muitas formas: o ensino presencial e coletivo, fora da escola, por meio de cursos abertos ao público, conferências, excursões, visitas a museus e fábricas, etc. (universidades populares); o ensino semipresencial, como os cursos por correspondência (International Correspondence Schools of Scranton); o ensino a distância, ou estritamente individual, autoeducação por excelência, com o auxílio de bibliotecas, salas de leitura, edições populares, programas de estudos particulares, guias de leitura.

d) *Escolha dos livros: um guia de leitura*. É necessário escolher suas leituras.

1. Comte se ocupava disso, já em 1854, e sugere 150 títulos; *sir* John Lublock lista cem obras (*The hundred best books*). 2. As revistas *Le Magasin Pittoresque*, *Pages Libres*, *Intermédiaire des Chercheurs et des Curieux* e a italiana *Coenobium* criaram enquetes sobre o assunto. 3. H. Mazel publica, em 1906, pela Société du Mercure de France, *Ce qu'il faut lire dans sa vie*, que trata essencialmente de livros de literatura e filosofia. 4. De Brandis, em 1911, publica, pela editora Schleicher, *Comment choisir nos lectures*, plano de leituras científicas e literárias. 5. *American Library Association catalog* (seleção de oito mil títulos para bibliotecas populares). 6. Monografias e revistas da National Home Reading Union, Londres, 1889. 7. As iniciativas russas: a) programa de leitura em casa (Programmy Domacheniago Tchtenia), por um grupo de professores de Moscou (Vinogradov, Tchuprov, Miliukov); b) Programa de leituras para autodidatas (Programmy Tchtenia dlia Samoobrasovania), por um grupo de professores e estudiosos de Petrogrado (Kovalevsky, Pavlov, Borodin, Skabitckevski, Kariev, Rubakin), inclui um programa enciclopédico e programas especiais. 8. O guia polonês, *Poradnik dla Samoukow* (programa para autodidatas), que abarca os ensinos elementar, médio e superior (citado no *Bulletin de l'Institut International de Bibliographie*: *Le Guide des Autodidactes, une œuvre polonaise d'enseignement par le livre*, Bruxelles 1909. 9. Lazare Boïarsky. *L'autodidaxie et un guide rationnel de lecture*. Le Musée du Livre (Bruxelles, fascicule nº 39, 1917). 10. *À travers les livres*, de Nikolai Rubakin.

e) *Organização do autodidatismo*. A importância social do autodidatismo justifica a preocupação das autoridades públicas e dos líderes do mundo intelectual em lhe atribuir uma organização racional. Nada contribuiria melhor para estabelecer a unidade fundamental do pensamento social entre todos os povos do que uma grande obra, uma espécie de enciclopédia de estudos, elaborada pelos cientistas de todos os países, destinada a todos os níveis de ensino e lançando mão de todas as celebridades e de toda a experiência de guias de leitura precedentes.

257.95 Orientação para novas pesquisas

Estamos apenas iniciando os estudos sobre a leitura. Foi coletado um imenso material comentado, mas ainda é insuficiente e, especialmente, são necessárias experiências. Vejamos alguns pontos:

a) O livro é o objeto intelectual intermediário entre o autor e o leitor que deve compreendê-lo. O seu aperfeiçoamento pode envolver estes três elementos.

b) O livro e a leitura estão intimamente ligados ao futuro da inteligência. Parece realmente possível melhorar a expressão das coisas no próprio livro e também a compreensão pela mente das coisas bibliologicamente expressas.

c) Devem-se estudar as reações da mente às várias formas de uma mesma ideia que constituam uma escala gradativa contínua: a coisa (uma ave, por ex.), em seu estado real, na natureza; a mesma coisa nas coleções ou nos museus: os moldes de uma peça, de um aparelho, certas funções; as monografias, a imagem, o texto descritivo e explícito; o texto na forma sutil da poesia que tomou a coisa como tema.

d) A leitura é um tipo de adivinhação; a mente guiada pelo olho está sempre à frente da palavra que traduz o que está escrito. Pode-se comparar qualquer texto com as ondas do mar que o barco deve vencer. Se ele for pequeno, terá que seguir todas as cavidades das ondas; se for grande,

poderá abrir passagem entre as ondas e, assim, ganhar tempo na rota.

e) Lê-se horizontalmente, mas, também, vertical e diagonalmente. Lê-se até termos aprendido do que se trata. Saltam-se os lugares comuns, as redundâncias e as repetições. Pula-se o que já sabemos ou o que não é interessante para o que estamos procurando.

f) Existe uma distinção entre a leitura sonora (externa) e a leitura silenciosa (interna). Basicamente, a verdadeira distinção é entre leitura explícita e leitura implícita.

g) Não existe uma predisposição hereditária para a leitura? O longo esforço das gerações precedentes, sobretudo desde que todo mundo começou a ler, esse longo esforço deixou algum vestígio em uma estrutura modificada do cérebro?[1]

h) Entender mais, mais rapidamente, mais completamente, mais profundamente, é o objetivo a ser atribuído à inteligência. Portanto, qualquer melhoria da leitura, que consista em entender o conteúdo de um documento, leva a aperfeiçoar a inteligência.

i) Temos aqui a lógica expressa no livro a ser lido e a psicologia, segundo cujas leis procede a mente que lê. A lógica oferece o processo pelo qual os próprios elos das coisas expressas pelos termos da linguagem são trazidos à luz quando não aparecem, nem direta, nem espontaneamente. A lógica procede discursivamente, como nossa mente. Se as relações entre A e C não são óbvias, ao uni-las, ela diz, através de B, a implicação até então implícita, se torna explícita. É a função do silogismo que se reduz à fórmula: se A está em B e C também em B, então A está em C.

j) Para bem entender o mecanismo da leitura, deve-se ver nele o inverso do mecanismo da escrita. Uma vez sabido como pensamos, falamos e escrevemos, uma vez constatado que procedemos pela simplificação, intuição e pela forma implícita, nos é mais fácil conceber como lemos.

k) O que acontece quando há compreensão? O cérebro faz um trabalho ativo para apreender a conexão entre duas ou mais coisas. O cérebro opera da maneira em que uma conexão é estabelecida entre dois lugares físicos: uma estrada é criada e esta é a representação material da conexão. Haverá no cérebro alguma conexão anatômica ou fisiológica (comissura) que se formaria materialmente para realizar materialmente a conexão psíquica? E, se assim fosse, a hereditariedade seria melhor compreendida, assim como a facilidade de aproveitar uma conexão estabelecida com todas as outras, fazendo, inclusive, com que um mero exercício intelectual, como o estudo de línguas antigas, servisse para liberar a própria inteligência, tornando-a mais apta para todos os outros estudos.

l) A admirável compreensão dos números! Basta ter compreendido de uma vez por todas os dez algarismos, as dez filas de algarismos e suas relações entre si, para então compreender todos os números.

m) A linguagem talvez seja apenas o desenvolvimento analítico e gramatical do grito que é sua síntese. Uma pluralidade de caminhos está aberta para expressar qualquer pensamento (por exemplo, a ordem diferente dos vocábulos na frase, a voz ativa ou a voz passiva), o que tenderia a levar a crer na preponderância do pensamento implícito sobre o pensamento explícito.

n) A vivacidade das reações e a intuição são características das naturezas simples. A fixação intelectual da inteligência é produzida pelo abuso

[1] C. Richet. *Stabilité des caractères acquis*. Académie des Sciences de Paris, 7 août 1933.

do pensamento explícito, que cinge a mente como em uma carapaça sólida e pesada da qual é difícil escapar. Pensemos no abuso da escolástica após os belos períodos do tomismo na Idade Média.

o) Pensamos em forma de linguagem (palavras ou imagens) que requer certo tempo de audição e até mesmo de visão, ou pensamos intuitivamente, por meio de algo muito sutil, *sui generis*, que permite perceber instantaneamente e induzir ou deduzir sem demora o que percebemos? Neste último caso, o que seria esse 'algo', e como conseguir fixá-lo diretamente para, assim, alcançar complexos mais poderosos? A notação, que é uma verdadeira condensação de ideias, o esquema, que é uma abstração e uma simplificação, nos coloca no caminho da descoberta.

p) A organização pode tomar três direções: as instituições, as operações, as funções. Vê-se que a leitura se exerce, simultaneamente, em todas as três. Um sentimento vago vai se formulando gradualmente e se expressa nestes termos: um humano que não lê é um homem tão perigoso para si e para os outros como aquele que não passou pela escola. A leitura quase obrigatória está prestes a se concretizar por meio da persuasão e não da coação. Já se poderia falar de uma produção de leitura contínua. Em termos numéricos, teríamos uma produção média por indivíduo e hora que seria uma produção nacional por hora para todos os indivíduos do país e mundial para a sua totalidade. Esta taxa (D) é fator do número e da extensão dos livros (L), do número e da intensidade de funcionamento das organizações de distribuição (livraria e biblioteca) (B + L), a disposição do espírito e do gosto dos leitores (E), bem como o tempo de que dispõem (T).

Donde a fórmula:

$$D = L \times B \times E \times T$$

Embora não possa ser especificado por números, pode-se dizer que a produção mundial de leitores, em 1930, excedeu a produção dos anos anteriores.[1]

258 Influência do livro. Amor ao livro

Uma vez produzido e difundido, que influência tem o livro? A análise desta pergunta envolve diversos aspectos: a difusão mais ou menos rápida dos escritos; a propaganda e a opinião pública; a influência particular da poesia e do romance; o livro e o comportamento; o amor pelo livro e as diversas formas de interessar-se por ele; a bibliofilia e o mecenato.

258.1 Influência do livro

258.11 Em geral

a) O uso do livro é direto, localizado, imediato para a leitura e a consulta. É também indireto, difuso, a longo prazo, em virtude da influência que exerce sobre o indivíduo ou sobre o corpo social (formação cultural, formação ideológica e de opinião). O livro tem uma influência individual ou social. Essa é exercida de forma diversa e em proporções distintas, dependendo do gênero.

b) A introdução de novas ideias enfrenta, comumente, 'resistência inicial'; desenvolve-se em contato com princípios preexistentes. Muitos autores não encontram eco entre seus contemporâneos. Desenvolvimento

[1] Mirguet, Victor. *La lecture expressive*. – Riquier, Léon. *Leçons de lecture expressive*. – Legouvé, Ernest. *L'art de la lecture*. – Yoland, Victor. *Le bon langage*. – Mlle Tordeus. *Manuel de prononciation*. – Sigogne. *L'art de parler*.

de uma nova ideia: reação natural contra a autoridade das ideias tradicionais (*succès de scandale*) seguida pela curiosidade, que, por sua vez, provoca estudo e crítica, ou escárnio. O livro de Marco Polo, que descreve sua viagem à Ásia, não obteve crédito junto aos venezianos. Eles nada viram além de um tecido de fábulas, um trabalho de extraordinária imaginação. O livro permaneceu, por muito tempo, no estado de manuscrito, do qual foram feitas apenas algumas cópias; mais tarde, foi impresso no início do século XVI e se espalhou por toda a Europa. Jules Verne, ao contrário, escreveu mais de quarenta volumes igualmente emocionantes para várias gerações de adolescentes. Que ideias e sentimentos ele trouxe para milhares de cabeças jovens?

c) Um autor acaba tendo um círculo de leitores. Ao continuar a escrever, ele multiplica e expande esse círculo.

"As palavras permanecem, e, depois que certas afirmações foram proferidas, ninguém, nem mesmo aquele que as pronunciou, é delas dono, para limitar seu alcance e suas repercussões, que, de eco em eco, se difundem pelo universo. Quem se atreveria a sustentar que Lutero, Zwinglio e Calvino não renegariam o protestantismo de hoje?" (Ernest Denis.)

258.12 Propaganda. Opinião pública

a) A propaganda é uma ação destinada a obter adeptos para uma causa, uma doutrina, um partido, uma associação, uma instituição, uma confissão, uma fé. A propaganda, em nossos dias é, em grande parte, feita pelo documento. Grandes organizações deram uma ideia do que pode ser conseguido por meio da propaganda sistemática e contínua em grande escala: a propaganda para a fé católica, a propaganda dos partidos políticos, especialmente o socialismo e o comunismo, a propaganda dos governos durante e depois da Guerra Mundial, a propaganda turística, etc. A propaganda, em razão de seu caráter intelectual, se distingue da publicidade que visa a fins comerciais. Mas ambas devem levar em conta princípios psicossociológicos comuns, e se servem de meios parcialmente idênticos.

b) O objetivo da propaganda é provocar uma mudança de mentalidade, introduzindo novas ideias nas mentes, combatendo as noções existentes, ou criando um estado gerador de certos comportamentos. A propaganda existiu em todas as épocas. Hoje exerce-se por razões políticas, econômicas e sociais muito diversas. Toma a forma de esforços de grande envergadura com recursos muito importantes.

c) A propaganda está relacionada, por um lado, à educação–instrução e, por outro lado, à publicidade comercial. Ela é exercida pela palavra, pelo exemplo, pela manifestação, mas, especialmente, pela documentação em suas várias formas.

d) O conjunto dos leitores forma a opinião pública. Essa tem na produção dos autores uma influência análoga ao 'consumo' na produção econômica. "Não há bolsa de valores literários dos escritos, do valor artístico das pinturas", diz Tarde, "mas ela tende a ser formada pelo agrupamento de críticos literários, críticos de arte, nas capitais, e pelas academias, cujo primeiro destino era, ao que parece, cumprir este ofício de bolsa moral e estética, servindo como um metrônomo para a opinião." A imprensa, difundindo-se, tende a tornar mais semelhantes os exemplares dos juízos individuais que, em seu conjunto, chama-se de opinião.[1]

[1] G. Tarde. *L'opinion et la foule*. Paris: Alcan, 1901.

e) Grupos específicos com propósitos diversos organizam-se para influenciar a opinião pública; objetivos interessados: políticos, comerciais, religiosos, morais; objetivos desinteressados: artes, ciências, letras, religiões.

É bem sabido como, por assim dizer, pela pregação inflamada e contagiosa dos apóstolos, nasceu a fé cristã em todos os países da Europa, espalhada e consolidada na Idade Média. Sabemos quais foram as causas — propagação de ideias científicas sucessivamente descobertas e julgadas contrárias ao dogma — que fizeram declinar a fé de cada povo. Sabemos quais foram as causas opostas, por meio de novas pregações de novos apóstolos trazendo novos argumentos, que a fizeram restaurar aqui e ali. A Igreja católica instituiu a Congregação para a Propaganda da Fé. No período da Reforma, os escritos de Lutero voaram de mão em mão, e percorreram toda a Alemanha com a rapidez de um relâmpago, agitando poderosamente os espíritos. Em julho de 1521, os judeus de Antuérpia (os marranos) possuíam um fundo comum que financiava a impressão das obras de Lutero em espanhol. Por meios ocultos, fizeram esses livros entrar na Espanha.[1] Pouco depois, os ingleses os imitam, importando bíblias heréticas para a Grã-Bretanha.[2] Já em 1890, a Sociedade Bíblica de Londres tinha 5 297 sociedades auxiliares. Suas receitas ultrapassavam cinco milhões de francos, metade das quais vinham da venda de Bíblias. Em 1889 ela havia gasto, desde o início (1804), 275 milhões de francos, com cerca de quatro milhões de exemplares postos em circulação anualmente, e, desde 1889, o número de traduções da Bíblia chega a 275.

f) Sob todas as formas, a literatura de propaganda abarca uma quantidade formidável. Três fatores contribuem para isso: 1) O fato de que a organização social, seja local, nacional ou internacional, baseia-se cada vez mais na persuasão e no livre consentimento, e não na força e na violência (formação da opinião pública); 2) A instrução das massas; 3) O progresso das artes gráficas (reproduções, publicação de anúncios, jornais).

g) A Alemanha de Hitler, após sua chegada ao poder, concentrou todos os meios de propaganda em uma única mão, a do poderoso sr. Goebbels: imprensa, rádio, cinema, etc. Trata-se de justificar os atos do governo perante a opinião pública sem receio de qualquer oposição. Ação positiva pela propaganda; ação negativa pela censura.

258.13 Influência da poesia

a) Assim como a lanterna mágica causa ilusões à visão, a poesia causa ilusões à mente. A tirania exercida pela imaginação sobre as mentes incultas é tão grande que um menino emocionado pelo relato de histórias inverossímeis, a do Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, chora, treme de medo e se impressiona ao ponto de não se atrever a sair de noite por temor de ser surpreendido pela fera; ele sabe muito bem que os lobos não falam (Macaulay: *Études littéraires*).*

O poeta, afirma Grosse, tem na mão o violino encantado do conto alemão: desde a primeira nota, o guerreiro abandona sua espada, o operário deixa cair sua ferramenta, o sábio fecha seu livro e, movidos pelos mesmos sentimentos, seus corações vibram em uníssono e se identificam com o do poeta. Na poesia, escreve Shelley, se passa da admiração

* A citação original é: "No man, whatever his sensibility may be, is ever affected by Hamlet or Lear, as a little girl is affected by the story of poor Red Riding-hood. She knows that it is all false, that wolves cannot speak, that there are no wolves in England. Yet in spite of her knowledge she believes; she weeps, she trembles; she dares not go into a dark room lest she should feel the teeth of the monster at her throat. Such is the despotism of the iagination over uncultivated minds." Macaulay, Thomas Babington (1800–1859). *Literary essays*. New York: Thomas Y. Crowell, 1900, p. 9. O título da tradução francesa é *Essais littéraires*.

[1] C.D.I.P. Frédériq. *Corpus documentorum. Inquisitionis pravitatis Neerlandicoe*. Gand, 1902–1906, v. p. 394.

[2] *Bulletin des Archives d'Anvers*, II, p. 309.

à imitação e da imitação à identificação. Na prosa, qualquer que seja a participação da imaginação, é preciso dar algo à inteligência, pois uma regra elementar da arte da oratória, que se busca inutilmente, é persuadir o ouvinte antes de tê-lo convencido e destruído as razões que opõe à tese. A poesia, ao contrário, logo alcança o objetivo, penetra no mais íntimo do coração, nele se oculta, apossa-se dele e o domina completamente.[1] A poesia é a música das ideias. Estas, afirma Monti, não produzirão jamais uma forte impressão se não estiverem acompanhadas da harmonia.

b) Segundo Plutarco, os espartanos não permitiam, entre eles, poetas que escrevessem coisas leves, que não fossem edificantes. Platão, no oitavo livro de sua *República*, propunha que a poesia fosse proibida para quem não fosse modelo de bons costumes. Quintiliano não queria que se explicassem às crianças os versos de Horácio e outros poetas. Cícero reprovava os poetas por saturar o espírito com brandura e arrebentar a corda da virtude. Virgílio, em sua última disposição testamentária, ordena lançar *Eneida* às chamas. Lutero não admite em suas aulas Juvenal, Marcial e Catulo.

c) "Uma atrocidade", disse Valera (*Nuevos estudios críticos*), "tem menos importância em verso do que em prosa, desde que seja dita com elegância. Em verso, a metade dos leitores não se apega ao sentido, de modo que o poeta pode blasfemar e maldizer a seu bel-prazer, se converter em máquina infernal que lança orações jaculatórias ao diabo e insultos a Deus, sem que o leitor se altere ou se escandalize, pois ele mal presta atenção, a não ser à melopeia soporífera do verso. Como se assistisse a uma batalha, sem dela participar, ele está cego pela fumaça, ensurdecido pelo barulho, mas não sabe para onde os tiros apontam."

d) A influência da poesia, assinala Macaulay, é maior nas mentes infantis do que nas dos adultos, como foi mais poderosa nos povos primitivos e selvagens do que nas nações civilizadas. O predomínio dos poetas atuais é muito inferior ao dos antigos bardos, alemães ou gauleses. Imaginamos, pesarosos, os terríveis efeitos produzidos pelas tragédias de Ésquilo, as convulsões dos rapsodos que declamavam os versos de Homero e a insensibilidade dos moicanos a entoar o cântico da morte.

258.14 Influência do romance

a) O romance é a produção literária mais em voga. Ele ocupa o primeiro lugar nas leituras. É, sem dúvida, o gênero que possui o maior número de admiradores. De cem obras tomadas aleatoriamente nas bibliotecas públicas, oitenta são romances. De cem livros vendidos, 95 são da mesma categoria.

b) O romance é o gênero mais inteligível e apropriado de nosso século. Ele preenche o vazio deixado pelo desaparecimento da epopeia. Baseia-se na própria natureza do homem: a aspiração ao ideal pela nobreza do espírito humano, insatisfeito com as mesquinharias, as misérias da vida real. Em forma de fábulas, contos em versos, novelas trovadorescas e livros de cavalaria, o romance alcançou, em todos os tempos e em todos os povos, uma grande importância, porém nunca obteve uma popularidade comparável à que desfruta em nossa sociedade democrática. O romance substituiu a epopeia, que era incapaz de conter em seus moldes o ideal e a vida dos povos modernos. Ele se iguala, portanto, a todo o esplendor do

1 Lopez Pelaez. *Les ravages du livre*. Ch. XV, La poésie, p. 233.

gênero épico de tempos antigos.[1]

c) Os personagens do romance se insinuam pouco a pouco na alma do público que acaba por se convencer de que eles são seres reais e efetivos, e, talvez, em seu foro íntimo, dê mais importância às suas ideias que às dos homens que o rodeiam. (Ledesma.)

d) A literatura contemporânea é, em sua maior parte, uma exaltação do ato sexual. Se acreditarmos em muitos de nossos romancistas modernos, a mais nobre e mais elevada satisfação que um ser humano possa se propor é a satisfação de um instinto que temos em comum com os animais. (F. Payot, *L'éducation de la volonté*.)

e) A leitura em excesso dessas obras é uma espécie de suicídio espiritual, pois absorve o próprio pensamento, afasta o interesse pelas investigações científicas, reprime o sentido do real, exalta a imaginação à custa das outras faculdades, povoa a mente com representações inúteis, perturba com imagens impressionantes a atenção, a meditação e a reflexão necessárias ao estudo, e debilita as energias da vontade, incapaz de levar a termo o desenvolvimento lógico de uma demonstração. (Lopez Pelaez.)

f) A leitura de romances pode acabar alterando, violentamente, a regularidade do funcionamento dos nervos e produzindo distúrbios cerebrais muito profundos. De todas as causas que afetaram a saúde da mulher, a principal delas tem sido a multiplicação dos romances nos últimos tempos, pois elas experimentam emoções intensas em sua leitura. (Tissot.) Fisiologicamente, a emoção produz contração ou dilatação dos vasos, espasmos dos músculos orgânicos... bem como exaltações e depressões, lucidez e sombra na mente. (Don Raphael Salillos.) Não é incomum que as mulheres dadas a essas leituras sofram de histeria, tenham pesadelos e, pela razão mais fútil, rompam em soluços nervosos. Após ler um romance que as impressionou, algumas pessoas sentem a mente escurecida, perdem a memória e permanecem por algum tempo atordoadas, sem saber bem onde estão. Para alguns, o romance tem uma influência que, verdadeiramente, pode degenerar em loucura e atos criminosos.[2]

g) O estudo dos distúrbios, mesmo os fisiológicos, causados pela leitura de romances, é um caminho que permite que se façam relações entre a palavra lida, sua representação mental e a realidade. (Psicologia bibliológica.)

258.15 A influência do livro no comportamento

Há duas opiniões. Os criminologistas italianos proclamam a impotência das ideias no campo da realidade (Ferri: *Les criminels dans l'art*). Por mais que um raciocínio convença a nossa razão, não mudamos de comportamento. Nossa vida é dividida em duas partes, uma teórica e outra prática. A perpétua contradição que existe entre elas seria grotesca se não fosse geral. As teorias científicas, crenças religiosas e opiniões políticas carecem de influência decisiva sobre as ações dos indivíduos; pelo contrário, têm um indicador e um efeito de um temperamento psicofisiológico em determinado ambiente físico e social. Crenças, opiniões e teorias são três efeitos da mesma causa; é a resistência mais ou menos visível do temperamento e do ambiente. Os homens nascem idealistas,

---

[1] Lopez Pelaez. *Les ravages du livre*. O autor estuda especialmente os romances.

[2] Marc: *La folie*. – Bourget: *Le disciple*. – José Ingenieros: *La psychologie des simulateurs* (*La lecture*, 1905). – Dr. Moreau: *Œuvres*. – Ferri: *L'homicide devant l'anthropologie criminelle*. – Cervantes: *Dom Quixote*. – Spencer: *La morale des divers peuples*. 234 p.

positivistas, materialistas ou místicos. Na variedade de opiniões científicas, religiosas ou políticas que os cercam, eles se apropriam daquelas que melhor atendem às suas disposições embrionárias. O antropólogo italiano C. Ferrero diz que, apesar de nossas queixas razoáveis sobre a arte moderna, especialmente sobre a poesia, frequentemente pessimista, satânica e macabra, o mal tem alguma compensação e até alguma vantagem; é como uma válvula de segurança, uma espécie de escape que serve de contrapeso às tendências anormais que, sem isso, se transformariam em ação. Muitos homens se contentam com uma satisfação puramente literária, plástica ou musical. Foi assinalado que, se assim fosse, para que a consequência deduzida estivesse certa, os poetas e artistas teriam de se limitar a manifestar em suas produções o estado de sua mente sem torná-los conhecidos pelos outros. (Lopez Pelaez.)

A sugestão transmitida por uma obra de arte não tem a mesma força da sugestão direta e imediata de um fato visto e percebido; mas a difusão é maior e o raio de ação mais amplo.

Outros argumentam, no entanto, que o livro pode levar à ação. "Tudo que familiariza a mente do homem com uma má ação, observa Darwin [*sic*]no *Livre de la destinée* [*sic*], aumenta a sua capacidade de realizá-la." — "Pensar em uma ação predispõe à sua execução", diz o fisiologista Gratiolet. A ação, afinal, nada mais é do que uma ideia que tomou forma. E toda ideia toma forma quando ela encontra em seu caminho um homem vivo. Nós somos o que desejam os autores.

"Não há nenhum de nós que, no fundo de sua consciência, não reconheça que não teria sido o mesmo se não tivesse lido tal ou tal obra, poema ou romance, pedaço de história ou filosofia." Paul Bourget, prefácio de *Disciple*.

O leitor de um livro se faz, de certo modo, discípulo do autor, em cujo magistério ele costuma confiar e a ele se entregar. (Lopez Pelaez.)

A ação do livro e da imprensa sobre as almas é bem conhecida da Igreja, que se reservou o poder de distribuir livros, de organizar a censura eclesiástica e, de maneira contínua, advertir para o que ela chama de má leitura (livros contrários ao dogma e à moral).

A palavra falada, diz Zaccharie em sua *Storia polemica della prohibizione dei libri*, é a flecha voadora que fere quem está no caminho; a palavra escrita é o dardo que penetra na parte mais íntima da alma. O que está escrito pode ser lido muitas vezes e, como o fruto proibido do paraíso terrestre, tenta, continuamente, a visão.

Se todos estamos inclinados a imitar o que vemos, entre as mulheres a faculdade de imitação, observa o dr. Roussel (*Système physique et moral de la femme*), assume um caráter absolutamente doentio. Há algumas que não conseguem assistir a um ataque espasmódico sem experimentar o mesmo. Existem venenos para a alma como existem para o corpo. As máximas falsas resultam numa morte tão penosa quanto as forças venenosas, e o número de venenos intelectuais é tão grande quanto o dos venenos físicos (Proal: *La criminalité politique*).

É muito importante saber quais livros circulam nas mãos dos homens, disse Melanchton.

"Alegria, dor, amor, vingança, soluços e risos, paixões e crimes, tudo é copiado... Eis o livro. A tinta flutua neste oceano de sangue e lágrimas... Um pensamento traduzido do chinês ou grego, tomado de Sêneca ou são Gregório, preparou um futuro, pesou sobre um atributo, decidiu um des-

tino... Una-se à autoridade da poesia o interesse do romance; o traço impresso é indelével como a mancha de sangue na mão de Macbeth... E sem que se note, sem que se entenda que o coração bate graças ao trabalho de outro. São raros os que trazem a marca do livro na cabeça ou no peito, na testa ou nos lábios. Pobre coração que se adianta ou atrasa e se ajusta às letras, como o relógio que se regula pelo relógio de sol. O livro se apodera de vós e vos acompanha do colo de vossa mãe ao banco da escola, da escola à faculdade, da faculdade ao quartel, ao palácio, à praça e até ao leito de morte, onde, dependendo do volume de páginas folheadas durante a vida, tereis uma última hora serena ou cristã, covarde ou valente." (Jules Vallès, *Les Refractaires.*)

258.2 Amor ao livro. Bibliofilia. Bibliomania

a) O amor ao livro dá origem à formação dos 'amantes do livro', ao mecenato e aos grandes benfeitores, que favorecem a produção de belos livros, ao conjunto de princípios e, até mesmo, de organização que tem sido chamado de bibliofilia. Isso deu origem a um grande número de obras que trataram disso, algumas das quais muito antigas.[1]

b) A bibliofilia racional deve basear-se no conceito das edições apreciadas como mais belas, segundo os critérios da beleza do livro (estética do livro), quanto à execução tipográfica, à correção do texto, à beleza e à boa aparência da encadernação.

A perfeição do livro estaria nos livros mais verdadeiros quanto às ideias, nos mais perfeitos quanto à produção material, nos mais belos quanto aos seus aspectos exteriores.

c) A bibliofilia tem um grande papel. Ela dissemina o amor e o gosto pelo livro. Seu objeto é, com frequência, genérico, mas a arte, normalmente, o purifica. Além disso, é necessário admitir a lógica de certos sentimentos necessários para impô-la, para que nas grandes coisas, por sua vez, se afirme. Os bibliófilos salvaram muitas obras do esquecimento e, graças a eles, coleções foram preparadas e completadas.

d) A bibliofilia suscita várias questões. Flutuação nos movimentos bibliofílicos. Uma admiração pelo livro belo se desenvolveu nos últimos anos, sobretudo depois da guerra, como resultado da inflação geral, onde prevalecia a especulação. Doutrinas estéticas, mera curiosidade ou excentricidades que resultaram numa corrida de negócios rumo à bibliofilia, de repente, em uma forma de produção subitamente alvoroçada. Vários processos de ilustração, escolha de papéis, encadernação, etc. (Questões gerais discutidas em outro lugar.) Várias categorias de amantes de livros, observação de casos especiais, amor sincero ou hipócrita. Sociedades e grupos de bibliófilos.[2]

e) O respeito ao livro, o gosto pelo papel impresso é, por vezes, inato. Porém, ele pode ser adquirido. Nada melhor do que a história do livro para desenvolvê-lo. Na VI Semana de Missiologia (Louvain), missionários disseram: Os indianos do Punjab mostram o mais profundo respeito pelos livros sagrados. Se uma doutrina for extraída de suas páginas, ela não será discutida. Os *sikhs* depositam seus livros sagrados em liteiras

---

[1] Richard de Bury: *Philobiblon*. — Jackson, H. *The anatomy of bibliomanie*, N. Y. 1932, 869 p. — *Philobiblon, Zeitschrift für Bücherliebhaberei*, Leipzig, Harrasowitz. – *Het Book*. – *Zeitschrift für Bücherfreunde*. – *Library, Bibliofilia*. – *Nordisk Tidschrift för Bok- och Bibliothekvasen*.

[2] Clément-Janin & Kieffer, René. *Essai sur la bibliophilie contemporaine* (de 1900 à 1928). Inúmeras ilustrações e estampas que dão a impressão de se estar percorrendo uma maravilhosa biblioteca de livros de arte.

cobertas com tecidos preciosos e não permitem que ninguém se aproxime deles sem primeiro tirar os sapatos. Se as distribuições de Bíblias — aos milhões — organizadas pelos protestantes têm vantagens, a de fazer conhecer a pessoa e os ensinamentos do Salvador, elas também têm a desvantagem de desacreditar, em certa medida, os livros sagrados dos cristãos. Um livro que é distribuído tão liberalmente, que se joga, desprotegido, no carro, não pode ser, aos olhos de um indiano iletrado, um livro muito precioso.

f) Os belos livros, além de seu valor intelectual, têm valor de mercado. Este é calculado em três níveis: valor da obra; valor da edição; valor do exemplar (completo e bem preservado). Uma avaliação, por exemplo, dirá: "Bom exemplar da bela edição deste livro importante e raro." – "Obra completa, sem manchas, correções ou rasgos." A raridade é outro elemento de valor. Ele não é intrínseco, mas extrínseco, dependendo de circunstâncias externas a própria obra. Existem edições numeradas, obras esgotadas e pouco comuns.

g) A bibliofilia começa com o amor pelos livros, por seu conteúdo e forma material, e termina na bibliomania, que dá pouca atenção ao conteúdo e se apega à forma, associando-a à raridade puramente acidental do livro. Pont de Verdun escreveu este famoso epigrama:*

C'est elle! Dieu! que je suis aise!
Oui, c'est la bonne édition.
Voilà bien, pages neuf et treize,
Les deux fautes d'impression
Qui ne sont pas dans la mauvaise.

* É ela! Deus, que sorte me deste! / Sim, é esta a melhor edição! / Vejam aqui, páginas nove e treze, / Os dois erros de impressão / Ausentes naquela que é a malsã. Philippe-Laurent Pons de Verdun (1759–1844). Político e escritor francês. [N.E.B.]

h) A bibliofilia está cada vez mais na moda. Nela, a especulação e o esnobismo se mesclam. Os amantes do livro realmente abnegados estão se tornando raros. O problema para o colecionador é descobrir os autores que serão procurados e qual a importância do seu preço de mercado. Por meio da publicidade, busca-se, de certa forma, tirar dinheiro da posteridade, atribuindo a este ou aquele livro, a partir de sua publicação, um valor que só seria alcançado, segundo a lógica das coisas, duzentos ou trezentos anos depois. A bibliofilia se torna, segundo alguns, "uma especulação para astutos"; segundo outros, pode-se empregar hoje esta expressão "analfabeto como um bibliófilo".[1]

259 Conservação, alteração, destruição do livro e do documento

259.1 Conservação

a) Os livros e os documentos não são necessariamente bens deterioráveis, perecíveis ou que sejam destruídos pelo uso. São bens duráveis, que exigem medidas de conservação que lhes permitam atravessar as eras. Essas medidas têm por objetivo tanto sua conservação física quanto sua utilidade* social; elas devem se conciliar com os procedimentos específicos que facilitem seu uso. Estes pontos foram tratados principalmente na seção 26 *Coleções* e na 23.1 *Higiene*.

* No original: *sécurité sociale*. [N.E.B.]

b) Fazendo a distinção entre a existência intelectual de um livro e sua existência material, considera-se que o livro será conservado desde que alguns exemplares, pelo menos um, tenham sido salvos da destruição. Pode-se então reproduzi-lo. Este é o caso com a maior parte dos livros publicados depois de certo tempo.

[1] John T. Winterich: *A primer of book collecting* (London 1928). – Bernard Grasset: *La chose littéraire*, Paris, Gallimard 1929. – Emile Henriot: Sur la bibliophilie. *Gazette de Lausanne*, 9 mai 1930.

c) Os inimigos do livro que impõem a necessidade de cuidados e medidas de conservação são: 1º a poeira. Evitar bater os livros e espaná-los. O aspirador permite combater a poeira; 2º A umidade, que recobre os livros com uma horrível lepra branca, que marca as páginas com manchas amareladas e dá aos volumes um cheiro de mofo. Pode-se combater a umidade com a ventilação do ambiente. Evitar colocar os livros em armários fechados, mantê-los afastados das paredes. O sulfato de carbono elimina a umidade; 3º Os insetos de diversas espécies. A umidade em temperaturas quentes faz com que surja toda uma família de pequenos vermes que abrem buracos nas páginas. Os desastres que causam em países quentes, como o Brasil, por exemplo, são enormes.

d) O livro vive. Até hoje essa expressão tinha um sentido figurado. Mas os trabalhos do dr. Galippe apresentados na Académie des Sciences (3 de novembro de 1919, *C. R.* nº 18, t. 69, p. 814) lhe conferem um significado próprio. Na própria substância do papel e do papiro permanecem vivas algumas bactérias, chamadas impropriamente de granulações, que resistem a todos os agentes físicos ou químicos. A sua vitalidade é tal que eles se conservam por cerca de dois mil anos.

259.2 Destruição, alteração, furto e eliminação

259.21 Generalidades

a) Como todo objeto criado pelo homem, o livro, em sua vida, está sujeito a três tipos de ação: 1º aquela que lhe inspira o trabalho humano, finalizado e racionalizado; 2º aquela que é inerente às forças naturais que foram nele incorporadas e a ele submetidas; 3º aquela das forças externas que operam na natureza e na sociedade. Em termos de organismo intelectual, os livros participam do ciclo biológico: nascer, crescer, reproduzir-se, morrer. Durante sua fase de construção, ele será aumentado e passará por um processo de assimilação de outros livros, pela combinação destes com sua estrutura e seus elementos. Durante sua vida, estará sujeito a acidentes imprevistos, a doenças orgânicas, a mutilação, a dissolução, a destruição e o fim do livro (doença, acidente, extinção e fim do livro).[1] Em sua fase de destruição, ele será dividido, combinado, fundido, eliminado e morrerá.

b) A duração das obras deve ser levada em conta com base em seus diversos elementos. 1º O elemento material: geralmente é o mais frágil, o livro é usado, se desgasta, se destrói. Há a água e o fogo, além de choques e tudo que lhe causa rupturas e rasgos, há a poeira e a sujeira que se espalham. Em princípio, deseja-se um livro durável, mas as condições econômicas levam frequentemente a um livro efêmero. 2º O elemento linguístico: a língua do livro lhe garante uma duração eficiente em relação à existência da língua empregada no estado vivo da comunidade de leitores. 3º O elemento intelectual envelhece, torna-se obsoleto, o sucesso de seus primeiros dias distancia-se dele.

c) Apesar dessas condições relativas, o livro contribui para a perenidade das coisas. Tudo muda, tudo acaba, tudo morre e todos os empreendimentos humanos são relativos. As ruínas de civilizações e cidades, uma Palmira, da qual, por exemplo, Roma invejou a riqueza, e de Atenas, a beleza que foi reduzida a nada. Mas o livro ainda existe para perpetuar seu nome e descrever seu esplendor: ele é mais indestrutível do que os

[1] Dryon, F. *Essai bibliographique sur la destruction volontaire des livres ou bibliolyties*. Paris: 1889, in-4º, extr. du Livre.

monumentos e a pedra.

d) O respeito ao livro e ao documento se justifica por razões de moral humana e social. Por razões de moral divina também: o dever de honrar em todas as circunstâncias o criador na criatura, dever que se estende às obras desta.

Para um chinês, destruir um papel escrito é um pecado. Matar um livro, conforme disse Milton, é cometer um atentado mais grave do que um homicídio.

Os livros são pessoas morais e intelectuais. Não temos o direito de destruí-los em uma sociedade civilizada, assim como não mais se aplicam as penas de morte às pessoas físicas.

e) A destruição e a perda dos livros assume quatro formas conforme incidam sobre: a) um exemplar; b) a obra completa; c) grandes conjuntos de livros, como, por exemplo, bibliotecas; d) monumentos literários de todo um povo, de toda uma civilização.

259.22 Duração dos livros

a) A economia das mercadorias perecíveis implica uma produção que se renova continuamente (por exemplo, os gêneros necessários à alimentação). Os livros e os documentos possuem em grande medida esse caráter perecível. Eles contêm dados, fatos, números, opiniões, que o curso do tempo modifica. Deste modo, os livros necessitam estar em um modo de constante renovação.

b) É necessário prever e empregar modos voluntários de eliminação? Primeiramente, é preciso responder à seguinte pergunta: todo livro, todo documento, todo impresso, precisa ser conservado? Sim, dizem os totalistas, porque: *nullus est liber tam malus quin in aliquid prodest*.*

Eliminar? A geração atual não saberia escolher. A próxima tampouco ousará. Mas o que fazer diante da acumulação de livros onde tudo se cria incessantemente e onde quase nada morre? Historiadores afirmam que, atualmente, nenhuma vida seria longa o suficiente para percorrer somente as fontes referentes ao regime de Napoleão. Mas, por outro lado, o que seria de nós se, desde a fundação do Império Romano, há dois mil anos, toda a administração, toda a história e toda a ciência dos antigos tivessem sido escritas, registradas, até mesmo publicadas? O que faríamos com toda essa montanha de papel? Para lê-las e para consultá-las perderíamos o tempo de viver nossa vida.

Então, se o documento é o meio de se recordar, retoma-se a questão em parte, perguntando se convém que o homem conserve a lembrança de tudo. A resposta demanda reflexão. Um exemplo que pode ser citado é o de Jesus Cristo no cristianismo. Ao contrário dos fundadores de religiões, ele mesmo nada escreveu. Entretanto, segundo contam os Evangelhos e a Igreja, ele passou a vida a instruir seus apóstolos, dizendo-lhes para irem difundir seus ensinamentos pelo mundo. Ele provavelmente nunca desejou que os Evangelhos fossem a narrativa de sua vida, limitados ao número de quatro; existiram outras narrativas que desapareceram. Mas como são preciosos esses manuscritos! O que não representaria para os cristãos a descoberta de um deles atualmente? Este exemplo memorável esclarece o papel do documento. Quem julgará se uma destruição é necessária? Para julgar não é preciso começar recolhendo tudo?

c) O elemento intelectual terá a duração apropriada à ideia exata e verdadeira, a uma forma adequada e harmoniosa, ou uma aliada à outra.

* A citação é atribuída a Plínio, o Velho: *Nullus est liber tam malus, ut non aliqua parte prosit.* (Nenhum livro é tão ruim que, sob algum aspecto, não tenha utilidade.) [N.E.B.]

Existem obras obsoletas, que se tornaram inutilizáveis. Ainda assim, existem trabalhos que resultam de longos anos de estudos e que fazem justamente com que sejam esquecidos todos os trabalhos anteriores. Ocorre uma *struggle for life*, uma luta pelo melhor livro.

Atribui-se equivocadamente à literatura atual qualidades de durabilidade e de longevidade que ela não pode possuir em seu conjunto. Todo grande homem deve morrer duas vezes, disse Paul Valéry: a segunda, quando a sua influência cessa de existir, quando o seu império intelectual e moral desmorona.

Não há obra eterna. "Uma obra que dura é uma obra que dificulta o aparecimento de novas obras. A obra antiga possui somente um valor histórico, ela só pode servir para permitir ao pesquisador compreender por quais fases passou a espiritualidade* humana, mas não possui nenhum valor como obra de arte, pois a obra de arte é um momento da grande vida humana, a humanidade desfrutou dela plenamente por um instante, depois esse momento passa e nunca mais retorna e não representa nada mais para ela. Contudo, seria materializar a obra de arte fazer dela algo a que se apegar, de que se lembrar, uma lembrança obsessiva da carne."[1]

d) Obras perdidas e descobertas. Perderam-se inúmeras obras de todas as civilizações. Possuímos apenas uma parcela da Antiguidade grega, cujos tesouros eram imensos. Por exemplo, de tantos poetas que rivalizavam no gênero trágico há somente três cujas obras chegaram até nós: Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Mesmo desses autores possuímos apenas uma pequena parte de sua obra. As descobertas nas bibliotecas são 're-descobertas'. Assim, foi redescoberta em 1891 a *Constituição de Atenas*, de Aristóteles, que se acreditava que estivesse perdida para sempre. Por qual milagre foram encontradas as obras de Aristóteles, no fundo de uma caverna, e resgatadas por uma ninharia pelo bibliófilo Apélicon? Outro amigo dos livros, que não se preocupava em pagar por eles, Sila, apelidado o venturoso, porque poupou a cidade de Atenas, apoderou-se da biblioteca de Apélicon e a levou para Roma em grande triunfo.

e) Existem obras natimortas, que, embora anunciadas, jamais foram publicadas, apesar de seu manuscrito haver sido elaborado. Existem obras chamadas de publicação em série que, após alguns volumes editados, não foram concluídas. Há também o desaparecimento de livros que nunca viram a luz do dia e cujos manuscritos permanecem inacessíveis. Mas o conteúdo desses livros pode ter chegado ao conhecimento de estudiosos, graças a relações com seus autores, e dessa forma ter exercido influência apesar de tudo, mesmo que por intermediários.

f) Talvez existam leis gerais que determinam a destruição de livros bem como a sua produção. As casas e os mobiliários foram substituídos por outros ao longo dos séculos. As bibliotecas foram substituídas por outras bibliotecas. De tempos em tempos a humanidade renovou suas ciências e suas artes, seus laboratórios e seus museus: renovação, entorpecimento, destruição.

g) A medida da rarefação dos livros pode ser encontrada no Gesamtkatalog das bibliotecas prussianas. Constatou-se que as bibliotecas, exceto a real de Berlim, possuem 40% de livros que esta não possui. Portanto, mesmo as grandes bibliotecas não são organismos suficientes para a salvaguarda dos livros.

---

[1] André Déléage. L'Internationale de l'art. *L'Esprit*, p. 135, oct. 1932.

259.23 Histórico

Desde sempre, os livros foram assimilados, por seu conteúdo, aos sistemas religiosos, filosóficos, sociais e políticos de que eram a expressão. Esta foi uma das razões para sua destruição. Os livros dos cristãos foram destruídos pelos pagãos, quando eles se recusaram a reconhecer a religião do Estado e a prestar sacrifício aos grandes deuses do Império; em seguida o mesmo se repetiu com os livros dos pagãos por parte dos cristãos. De 380 a 1380 as pessoas que trabalhavam para chegar a um texto revisto da Bíblia destruíram muitos exemplares, no esforço para estabelecer um texto único para o mundo inteiro. Mais de uma vez, os pagãos envidaram todos os esforços para destruir os livros dos cristãos e dos judeus. Na perseguição instigada por Antíoco contra os judeus, os livros de sua fé foram procurados, rasgados e queimados, e aqueles que se recusaram a entregá-los foram condenados à morte, como é possível constatar no primeiro livro dos Macabeus. Em 303, Diocleciano, publicou em Nicomédia um edito pelo qual ordenava que todos os livros dos cristãos fossem queimados, suas igrejas destruídas e que eles fossem privados de todos os direitos civis e de todos os empregos. Diversos cristãos, dentre os quais se encontravam bispos e padres, sucumbiram à crueldade dos julgamentos e entregaram seus livros a Diocleciano. Este também mandou queimar, no ano de 290, os antigos livros de alquimia sobre ouro e prata, a fim de que os egípcios não pudessem enriquecer com essa arte e obtivessem uma fonte de riquezas para as revoltas contra os romanos.[1]

Os livros religiosos heréticos foram queimados por ordem de Constantino e outros imperadores romanos. O costume foi mantido durante a Idade Média pelas autoridades eclesiásticas e os chefes civis. Savonarola queimou os livros de seus adversários. A invenção da imprensa aumentou a ameaça dos livros aos olhos das autoridades civis e eclesiásticas. As tipografias viram-se cercadas de restrições. As tipografias e os livros foram confiscados, e os livros, queimados. Tipógrafos e autores foram presos e às vezes, executados. Listas de livros censurados foram publicadas em Paris (1544), Louvain (1546) e Veneza (1549). O primeiro índice de livros proibidos, elaborado pelo Vaticano, foi publicado em 1559. A censura eclesiástica tornou-se severa, após o concílio de Trento. De um lado, os protestantes responderam com medidas drásticas contra as obras católicas. Na Inglaterra, Worde,* que havia vendido livros heréticos, foi torturado, e as cinzas de Wycliffe* foram jogadas ao vento. O vandalismo foi semeado nos quatro cantos do mundo, muitas iluminuras de tratados árabes, atualmente foco das exposições de arte oriental, assim como os textos que as acompanhavam foram irremediavelmente perdidos. Na América, o governador monarquista da Virgínia, Berkeley, agradecia a Deus por não haver prensas tipográficas em sua província.

* Wynkyn de Worde (ca. 1455–1534). Importante impressor e editor inglês, assistente e sucessor de William Caxton. Não foi encontrada fonte que confirmasse que tenha sofrido tortura. [N.E.B.]

* John Wycliffe (*ca.* 1320–1384). Excomungado *post-mortem*, teve os restos mortais exumados, queimados e as cinzas lançadas no rio Swift, Inglaterra, em 1428. [N.E.B.]

259.24 Formas da destruição

a) As causas da destruição de livros são numerosas: 1º desgaste natural; 2º destruição por acidente ou por acaso; 3º perda por ignorância; 4º destruição voluntária pelos autores ou proprietários, 5º destruição por fatos de guerra ou revoluções; 6º incêndios; 7º autos da fé; 8º falsificações e adulterações; 9º roubos.

b) Existe a destruição por rasura: inapagável se diz da escrita, dos tra-

[1] Berthelot. *Collection des anciens alchimistes*. Introduction, p. 4.

ços, dos caracteres, em uma palavra, de um signo formado; indelével se diz mais frequentemente da matéria do signo, da tinta, por exemplo, que serviu para traçar os caracteres. Em sentido figurado, pode-se dizer que uma lembrança não pode ser apagada, e, de uma mancha, que ela é indelével. O que se escreve se corrige, se rasura, se apaga ou se destrói. Existem quatro modalidades de destruição. Rasurar não significa apagar. Na França antiga, as decisões do Conselho ordenavam às vezes ao *parlement* que rasurasse as censuras de seus próprios registros.

Na Idade Média, os monges ignorantes destruíam inúmeros manuscritos antigos apagando os textos do pergaminho com lixa e depois reutilizando o mesmo material para transcrever obras religiosas (origem dos palimpsestos). Felizmente, foi possível, mais tarde, reconstituir uma parcela dos textos primitivos que se encontravam sob os textos superpostos.

c) Existem destruições parciais ou na forma de mutilação. Após o livro *As flores do mal*, de Beaudelaire, ter sido condenado (1857), o editor, Poulet-Malassis, ao invés de destruir os exemplares que lhe restavam, colocou-os à venda após se contentar em cortar os seis trechos condenados.

d) Ao lado da destruição de livros e documentos, existe a destruição da ordem que foi estabelecida nas coleções. Alterar essa ordem, não devolver algo a seu devido lugar, é um ato de verdadeira destruição. O livro pode ainda estar lá, por inteiro, mas a coleção está desfeita, pois a série que ela constitui foi alterada ou destruída.[1]

e) Há também a destruição do livro como tal pela extensão de seus substitutos. Em a *Mort du livre*, Maurice Escoffier anunciou a morte do livro desbancado pelo rádio. A resposta ao autor foi que, no total, cinco ou seis capítulos transmitidos por rádio seriam suportáveis à audição e que cerca de cinquenta livros no máximo poderiam ser transmitidos por ano.

259.25 Destruição por causas naturais

a) Três fatores influem na vida física do livro: 1º a qualidade da edição, o papel; 2º a qualidade da encadernação; 3º a maneira como o leitor trata o livro.

b) A destruição do livro provém de seu uso, pelo constante manuseio e por causa de acidentes de todo tipo, ocorridos ao longo de toda sua vida. As obras das bibliotecas mais frequentadas, particularmente das bibliotecas mais populares, têm uma vida limitada. É possível estimar que, após cerca de dez anos, um terço dos livros estão inutilizáveis ou danificados. A vida de um livro que passa doze vezes por ano por mãos diferentes é ainda mais curta. Nas bibliotecas onde não cabem grandes coleções, tão completas quanto possível, convém fazer descartes. Trata-se de uma forma de eliminação de livros em relação aos órgãos que os possuem. Essa eliminação incide nas obras obsoletas ou em mal estado. Ela deve ter por corolário não a destruição física das obras, mas seu encaminhamento para outros locais.

c) Existe a destruição dos livros pelos insetos. Os produtos de ação preventiva geralmente aplicados possuem apenas uma eficácia geral (naftalina, benzina, sublimado corrosivo misturado com cola, pedaços de madeira embebidos em sulfato ou acetato de cobre). Alguns procedimentos podem danificar os livros, como, p. ex., bater nos volumes e aplicar sulfeto de carbono. Após um concurso realizado pelo Congresso Internacional

[1] Sobre a desordem criada em 1924 na Bibliothèque Mondiale, decorrente de uma desastrosa mudança de local, ver a publicação da União das Associações Internacionais: *L'affaire du Palais Mondial.*

dos Bibliotecários, em 1900, três trabalhos estudaram o problema e responderam de formas diversas à questão.

d) Os avanços tecnológicos, que levaram à produção de papel de baixa qualidade, são fatores da destruição dos livros.

e) Mesmo com todas as precauções é necessário ter em vista a reprodução dos livros e documentos. As obras acabam por se deteriorar e desaparecer. Portanto, é necessário prevenir a destruição intelectual, confeccionando reproduções a tempo. É uma espécie de corrida de revezamento que jamais pode ser interrompida.

259.26 O fogo

a) O papel é um material altamente inflamável, porém nem tanto quando se apresenta compacto na forma de livro. Demonstrou-se recentemente, em experiências em Magdebourg, que as coberturas de palha das choupanas podiam tornar-se incombustíveis pela compressão da palha. Para haver fogo, é necessário haver ar.

b) O fogo já destruiu muitos livros no curso da história. Antes da guerra, a biblioteca de Turim; depois a biblioteca da abadia de Tongerloo, ao norte de Antuérpia; em Paris, as coleções documentárias do pavilhão holandês da exposição colonial de Vincennes.

c) Os manuscritos danificados e deteriorados podem ser reconstituídos. Nas *Memorie della Reale Academia della Scienze di Torino* (2ª série, LIV), e na *Encyclopedia chimica*, suplemento anual de 1905, o sr. Guareschi, que foi encarregado, após o incêndio da biblioteca de Turim, de proceder aos ensaios de restauração dos manuscritos estragados, registrou o interessante resultado de suas pesquisas e procedimentos.

259.27 Destruição voluntária de documentos

a) Os livros e os documentos podem ser destruídos, voluntária, ocasional ou sistematicamente, de modo isolado ou em grandes conjuntos. Quando ocorre uma tal destruição, quais devem ser as normas para regular uma destruição racional? É necessário distinguir caso a caso, mas é preciso sempre proceder com cautela.

b) Existe a destruição periódica de certos documentos pessoais (correspondência, notas manuscritas, documentos de transações, documentos de família) ou eliminação em arquivos e repertórios de todo tipo de itens que se desatualizaram ou que não possuem mais nenhum interesse e se tornaram estorvos. O papel se rasga, ou melhor é rasgado. Cada um é juiz do que, dentre aquilo que produziu ou aquilo que recebeu, deve ser destinado ao lixo. A desobstrução dos espaços exige uma destruição contínua e pode-se afirmar que há casos em que a destruição do papel é tão útil quanto a sua produção. Como os trabalhos pessoais e anotações dos quais se tem certeza de que o conteúdo passou para outras notas.

c) As editoras destroem voluntariamente muitos exemplares de livros, quando, decorrido certo tempo, os estoques ficam acumulados. Algumas editoras, distribuidoras e colecionadores não chegariam à destruição com o propósito de tornar as obras escassas e aumentar seu valor econômico ou o valor da coleção? A destruição é o último recurso das editoras. É uma das modalidades da morte do livro. Consegue-se uma compensação ao vender como papel velho (antes da guerra, pagavam-se seis francos por 100 kg, e se calculava que o papel correspondia, aproximadamente, a 1/10 do preço de custo das obras).

d) Dentre os impressos mais efêmeros estão os jornais e os cartazes. Há livros cuja característica é serem impressos em grandes tiragens, dos quais se encontram inúmeros exemplares em determinado momento, mas que, salvo os que se guardam como provas, desaparecem depois de pouco tempo. Ex.: guias ferroviários e livros didáticos velhos. Mas é preciso conservar alguns exemplares. Muitas organizações não conservam coleções de jornais e revistas por mais de seis meses, um ano ou três anos, e se desfazem delas como papel velho. Muitas dessas publicações poderiam ser conservadas mediante transferência para coleções públicas.

e) A destruição regular deve ser feita em arquivos da administração pública, em particular a correspondência e papéis comerciais. O governo dos Estados Unidos regulamentou com muita precisão a destruição de certos itens. Ex.: *Regulations to govern the destruction of records of carriers by water* (1929).

f) Os documentos são destruídos principalmente por meio de entrega a comerciantes de papel velho, para serem triturados, ou são incinerados. Em todo lugar há indústrias que compram papel com a promessa de que será destruído. O papel passa por uma triagem de qualidade. Às vezes, a destruição é feita na presença de um tabelião, como no caso de títulos ao portador. Há organizações que angariam papel velho para venda, como a Invalides de Guerre.) Os jornais velhos possuem muitos destinos. Servem para embalar verduras, limpar sapatos, proteger os pés do frio, fazer fogo, embrulhar marmitas, confeccionar colchões com aparas, estofar, enxugar vidros e ladrilhos depois de lavados, etc.

259.28 Destruição por guerras e revoluções. Autos da fé

a) O balanço assustador de destruições e vandalismo que se seguiram às invasões dos bárbaros, às invasões dos normandos, à Guerra dos Cem Anos e à de Trinta Anos, às guerras religiosas e às que se seguiram à introdução da Reforma; as depredações e os incêndios revolucionários, as destruições da guerra mundial [1914–1918].

b) A biblioteca de Louvain foi destruída por um incêndio quando os alemães ocupavam a cidade.* Foi reconstruída com auxílio financeiro norte-americano, segundo projeto do arquiteto Whitney Warren.[1]

Durante a guerra mundial, outras bibliotecas, que não foram diretamente incendiadas, foram tão mal tratadas que inúmeros livros se perderam. Houve incêndios de casas e edifícios, que, mesmo sem serem bibliotecas, possuíam livros. A guerra também provocou uma escassez de papel que fez com que os lojistas sacrificassem um grande número de exemplares.[2]

c) Durante a guerra sino-japonesa, chamada, por eufemismo, de re-

* A Bélgica foi ocupada pelos alemães de 1914 a 1918. A biblioteca da universidade católica de Louvain foi incendiada em 25 de agosto de 1914 por tropas alemãs. Perderam-se mais de 300 mil volumes, inclusive milhares de manuscritos medievais. Em maio de 1940, seis anos depois da edição deste livro,a biblioteca foi novamente incendiada, quando, na Segunda Guerra Mundial, o exército alemão voltou a invadir a cidade. [N.E.B.]

[1] Houve o caso da 'balaustrada de Louvain' que seria instalada na fachada da nova biblioteca. Nela estava inscrito: *Furore teutonico diruta. Dono americano restituta* [Destruída pela fúria alemã. Reconstruída com doações americanas]. Em junho de 1928, monsenhor Ladeuze, reitor da universidade, opôs-se à sua colocação e declarou que a substituiria por uma outra sem inscrição. Um grupo de estudantes, que, por sua vez, eram contrários à colocação da placa sem inscrição, obrigou monsenhor Ladeuze a pedir proteção policial para que ela fosse instalada. Em uma manhã de julho, o operário Felix Morren a quebrou, tendo sido condenado, por isso, a um mês de prisão. Um processo foi aberto contra a universidade pelo arquiteto Warren, que exigia que se colocasse a balaustrada com a inscrição. Ele insistiu enfaticamente que a inscrição fora aprovada, segundo ele, pelo cardeal Mercier. Após ter ganho em primeira instância, Warren perdeu na apelação e em última instância. A causa foi ganha, portanto, pela universidade. Assim, uma nova balaustrada, totalmente despida de inscrições, foi novamente erguida no lugar, em maio de 1933. Oito dias depois, o mesmo operário Morren a pôs abaixo, uma segunda vez, a marteladas, alegando que a balaustrada sem inscrições era de Hitler.*

[2] A guerra atinge de muitos modos a produção intelectual. Quando ela estoura, destrói brutalmente

pressão ao banditismo, tivemos que lamentar, em Zhabei [bairro de Xangai], a destruição irreparável da biblioteca do Extremo Oriente e dos estoques da editora China Commercial Press.

d) As pilhagens de guerra recaíram inúmeras vezes sobre os livros. Durante as guerras da época da Revolução e do Império, de cada conquista chegavam a Paris as remessas, principalmente da Áustria e da Itália, de preciosos objetos de arte ou literatura, destinados a enriquecer o tesouro nacional francês. Eram adquiridos seja como troféus, seja em virtude de convenção estipulada em tratados. Na queda do Império, a França foi obrigada a fazer restituições. Após a guerra mundial, os tratados incluíram cláusulas relativas às coleções. Juntamente com as destruições, ocorreram os grandes saques de livros, análogos às pilhagens de obras de arte, como, por exemplo, os manuscritos e os livros da Geórgia, que foram levados para Moscou, de onde mais tarde foram devolvidos.

e) Os estudantes da academia de belas-artes de Leningrado reivindicaram que o ex-diretor, sr. Masslov, e seu assistente fossem processados, acusados de terem destruído 60 mil obras de arte e reproduções em gesso do regime anterior. O sr. Masslov achava que, depois da revolução de outubro de 1917, era preciso fazer tábula rasa de toda a produção burguesa e capitalista que não correspondesse à ideologia comunista.

f) Os chefes do III *Reich* declararam: "eliminamos dos livros a palavra 'marxismo'; bastarão não mais de 50 anos e nenhum alemão conseguirá reconhecer o significado dessa palavra". A biblioteca central da casa do povo [Volkshaus], de Leipzig, e a biblioteca de Schoenluk [*sic*] foram destruídas.

g) Ao longo de toda a história foram queimados livros.[1] Como se vê na pintura *São Paulo em Éfeso*, de de Vos, que se encontra no museu antigo de Bruxelas, são Paulo atirando às chamas livros judeus. As bulas papais ordenaram a eliminação de muitas obras condenadas pelos tribunais eclesiásticos.

Em 10 de dezembro de 1520, Lutero queimou solenemente, em Wittenberg, a bula do papa Leão X, com as decretais de seus predecessores, o corpo do direito canônico e a *Suma* de santo Tomás de Aquino. Na França, outrora, o *parlement* ordenou que os livros que fossem objeto de uma condenação fossem queimados pelo carrasco. Pascal com suas *Provinciais*, Fénélon com seu *Telêmaco*, Rousseau com seu *Emílio* e muitos outros que foram vítimas dessa ordem.

Um auto da fé de 20 mil livros aconteceu em 9 de maio de 1933 em Berlim. Uma imensa fogueira dividida em cinco partes foi acesa no centro de uma praça, depois que a lenha havia sido regada com combustível. Os estudantes lançaram ao fogo os livros trazidos por veículos. Uma multidão imensa assistiu ao espetáculo enquanto músicos tocavam. O fogo começou à meia noite, pois a autorização do ministro do Interior tardou a chegar. O príncipe Augusto Wilhelm assistiu pessoalmente ao auto da fé.

---

valores existentes e aniquila a produção. Na situação de preparação, a paz armada retira os jovens da produção que, durante o serviço militar, ficam impedidos de produzir. Pode-se imaginar o que será uma nova guerra. Um avião comum poderia transportar tranquilamente mil projéteis chamados 'Electrons', em forma de ovo e pesando um quilo. Seriam ateados mil incêndios em locais diferentes, os quais nenhum modo de contenção atual poderia extinguir. Empregando gás, o fosgênio ou Lewisite, haveria destruição e morte em imensas extensões. – Na Inglaterra, como faltava papel de jornal, foram trituradas grandes coleções de documentos oficiais, que não haviam sido distribuídos. Os camponeses russos possuíam poucas bíblias e eles em geral eram analfabetos. Mas as bíblias que estavam no campo, foram utilizadas durante a guerra civil para fazer cigarros!

[1] Farrer, James Anson. *Books condemned to be burnt.* London: Stock, 1892.

Os autos da fé de Berlim se repetiram em diversas cidades alemãs. Esses acontecimentos tiveram ampla repercussão em vários países, provocando violentos protestos das penas dos escritores. *Non credo*, não acreditamos que tal fato, ocorrido no ano de 1933, seja compatível com qualquer civilização.[1]

259.29 Falsificações e adulterações. Furto

a) As adulterações e as falsificações constituem uma das maneiras de eliminar dos documentos sua integridade intelectual. O código penal trata das falsificações e adulterações em textos de escrituras públicas ou valores numéricos em documentos comerciais ou bancários. A punição prevista é pena de trabalhos forçados por um período, ou perpetuamente. Para atentado contra a integridade moral das obras, ver seção 274.5 *Censura*.

b) Desde sempre que se furtam livros, e eles continuarão sendo furtados no mundo inteiro. O furto de livros não representa a destruição de livros propriamente dita. Mas quando o furto acontece em detrimento de uma coleção constituída, ele representa para esta uma destruição parcial. Quanto mais a coleção for completa, maiores serão os danos causados pelo furto. Os monges de São Víctor* tinham tal amor pelos livros, que chegavam a excomungar quem os furtava. Os homens ricos às vezes se interessam em mandar furtar peças do local onde se encontram. São exemplos dessa prática o furto de peças processuais do processo contra madame Hanau, na França, e o furto ocorrido no processo Coppée, na Bélgica.*

* Há abadias de São Vítor, em Paris e Marselha. [N.E.B.]

* Marthe Hanau (1886–1935) processada por fraude financeira. Barão Evence Coppée (1851–1926), magnata da indústria belga, que, por ter vendido derivados de carvão aos alemães, quando a Bélgica estava ocupada, na Primeira Guerra Mundial, foi envolvido em processo que se encerrou sem que fosse indiciado. [N.E.B.]

c) O furto e a possibilidade de adulterações obrigam a que sejam tomadas precauções que, às vezes, são obstáculos ao progresso. Por exemplo, o livre acesso aos catálogos e às coleções torna-se impossível se, por causa dele, houver apropriações indevidas. Ora, se não houver livre acesso, as bibliotecas estarão inclinadas a não adotar uma ordem sistemática para as obras e a se contentar com a ordem do número de registro, e, às vezes, até mesmo dispensar um catálogo sistemático, entrando em seu lugar a memória do bibliotecário.

26 ÓRGÃOS DA DOCUMENTAÇÃO. CONJUNTOS CONSTITUÍDOS, COLEÇÕES E TRABALHOS

a) Na exposição anterior, detivemo-nos na análise do livros e dos documentos e seus componentes, suas partes, suas espécies, suas funções ou operações.

A obra específica é a unidade.

Aqui, a unidade é o ponto de partida e a parte componente de um conjunto mais extenso formado por uma coleção de unidades similares consideradas como partes ou submúltiplos de uma unidade maior ou múltipla.

b) Uma coleção é a reunião de um grande número de coisas ou de objetos do mesmo gênero, com a finalidade de instruir, deleitar ou ser útil. Ex.: coleção de livros, de quadros, de medalhas, de conchas, de minerais.

E pluribus unum. 'De muitos, um' é essencialmente o lema das coleções.

c) No início, os documentos eram objeto de coleção para amadores.

[1] Notícia do *Telegraaf*, de Amsterdã, 11 de maio de 1933 (Avondblad, 4º bladz., p. 13). – Ver nosso protesto em *La Librairie*, Paris.

Seu gosto, que amiúde levavam até à mania, foi apurado ao se generalizar, depois transformou-se em auxiliar de estudos sérios e de pacientes pesquisas. Finalmente, as coleções se afirmam na própria base da ciência.

d) Os objetos das coleções apresentam condições particulares segundo sua natureza: dimensões, estado sólido ou líquido, objeto *in natura* ou amostra dele, em escala real, reduzido ou ampliado, raro ou abundante, tendo, por conseguinte, valor e características como preciosos, etc. ou sem valor comercial.

e) Os conjuntos ou coleções formados com base na tríade fundamental das faculdades humanas — conhecimentos, ações e sentimentos — dão origem a três grandes grupos: 1º aqueles relacionados aos conhecimentos e aos estudos. Possuem, geralmente, um caráter impessoal e sua natureza é principalmente estática. 2º Aqueles que se relacionam às atividades práticas. Geralmente possuem um caráter pessoal ou limitado a um círculo particular de interessados; seu funcionamento é de caráter principalmente dinâmico, o que é imposto pela utilização de peças que deem continuidade às operações. 3º Aqueles relacionados aos sentimentos e à imaginação, os documentos de literatura e de arte. Eles são, de fato, concretos e ligados ao primeiro grupo (ciências).

f) São tantas as espécies de conjuntos, de coleções, tantas as espécies de estabelecimentos incumbidos de cuidar de sua reunião quantas são as espécies de documentos. Na realidade, assim que diversas coleções de documentos são confiadas a um mesmo estabelecimento, logo são repartidas entre vários organismos diferentes. Encontra-se aqui o que existe em todas as atividades e organizações humanas, notadamente na indústria e na administração pública e nas instituições científicas em geral.

A bibliografia fez com que fossem criados certos serviços autônomos que se transformaram em centros de documentação. Há uma tendência de associá-los às bibliotecas, ou, melhor, de desenvolver as bibliotecas até abranger os centros de documentação. Por outro lado, também se resolveu a questão dos complexos de bibliotecas–arquivos–museus–centros de documentação. Nomes especiais foram atribuídos a esses organismos que se chamam organismos componentes.(Ex.: o British Museum é ao mesmo tempo museu e biblioteca.)*

Existem também estabelecimentos para os filmes (os cinemas), para o rádio (as estações de rádio), para as representações teatrais (os teatros). Eles foram abordados nas matérias respectivas.

Devem ser considerados cinco grandes organismos: os serviços de bibliografia e documentação (seção 261), as bibliotecas (seção 262), os arquivos históricos (seção 263), as repartições, escritórios e secretarias (arquivos correntes, documentação, administração) (seção 264) e os museus (coleções de espécimes, objetos, modelos) (seção 265).

O mesmo nome é comumente aplicado aos estabelecimentos, às coleções e aos edifícios, onde elas se encontram organizadas, sendo esses organismos encarregados de sua reunião, conservação e utilização.

Esses estabelecimentos apresentam essas três características:

1º Neles se reúne o conjunto de condições relativas ao objetivo especificado: os objetos, as operações, as funções, o material, os locais e as pessoas.

2º Suas denominações indicam o que eles possuem de principal, mas as funções reservadas a cada um desses estabelecimentos se encontram frequentemente, a título acessório, nos outros. Assim, uma biblioteca

pode ter um museu e um arquivo, e vice-versa. Em alguns países, a mesma instituição compreende todas as funções sob uma mesma denominação.

3º Encontra-se em todas essas instituições uma similaridade de operações para as quais convém que haja, em grande parte, uma unidade de métodos. Possuem em comum o fato de lidar com documentos. Todas, para os usuários, o público leitor, os visitantes e os clientes, são distribuidoras de informações.

261 Os centros e serviços de bibliografia e documentação

261.1 Generalidades

a) A importância assumida pela bibliografia (catalografia) levou à criação tanto de serviços distintos que a têm como objeto no seio das grandes instituições, principalmente as bibliotecas, quanto de estabelecimentos autônomos: os centros bibliográficos.

b) Os centros nasceram de duas necessidades: 1º a de dar maior amplitude ao trabalho bibliográfico, confiando-o a pessoal especializado que possa garantir rapidez, regularidade e continuidade que não se encontram nos trabalhos empreendidos por pessoas isoladas e por voluntários. A organização mais eficiente da bibliografia tornou-se de fato uma função do mundo científico em relação à continuidade e à eficiência da própria pesquisa científica.

2º A necessidade de dispensar a impressão desses trabalhos, por ser muito onerosa devido à sua própria extensão. Os centros puderam prosseguir seus trabalhos na forma de manuscritos permanentes.

c) Os trabalhos dos centros encontram-se tanto no estado de protótipos, originais e inéditos, quanto em estado de impressos. Podem estar acessíveis ao público, gratuitamente ou por uma quantia módica, pode-se consultá-los no local ou somente cópias são enviadas após pedido por correspondência

d) A Repartição Internacional de Bibliografia,* criada em 1893, foi o primeiro centro, em ordem cronológica, que logo assumiu a forma cooperativa e internacional. Em seguida, os centros se multiplicaram, tanto em âmbito nacional, de caráter geral, quanto especializados em uma área da ciência ou de atividade. As bibliotecas, que haviam elaborado admiráveis catálogos de seus livros, as editoras de bibliografias de livros, que haviam criado organizações para suas publicações, viram-se sobrecarregadas quando, no fim do século passado [século XIX], os periódicos científicos surgiram em toda parte e logo passaram a concentrar o mais recente e mais importante da produção científica. Seria impossível para cada biblioteca repertoriar o conteúdo dos periódicos por ela recebidos. A nova função criou o novo órgão.

e) Nos dias atuais delineia-se um novo movimento. As grandes bibliotecas estão agora com suas coleções de livros e periódicos tão desenvolvidas que se tornaram verdadeiros centros de documentação integral.[1] Ao lado delas, sobretudo nos países anglo-saxões, multiplicaram-se as bibliotecas especializadas (*special libraries*) que se tornaram verdadeiros centros de documentação (*information bureaux*).

261.2 Atividades de um centro

As atividades de um centro de documentação podem ser realizadas

* Forma aqui adotada para Office International de Bibliographie. Encontram-se em textos em português outras formas, como oficina e escritório. [N.E.B.]

[1] Sobre a organização prática de uma seção catalográfica em uma biblioteca, ver J. Van Hove: *Bulletin de la Presse Périodique Belge*, 1933, nº 1.

em quatro níveis:

I. A bibliografia propriamente dita organizada em forma de repertório, conforme visto na seção 255, e que seja também uma duplicata parcial do Repertório Bibliográfico Universal.

II. Outros repertórios, além do bibliográfico. 1º Repertórios biográficos: informações sobre autores (vinculado ao repertório bibliográfico de autores). 2º Repertórios de pseudônimos (idem). 3º Repertório de editoras (vinculado ao repertório geral de pessoas, entidades e assuntos). 4º Repertório de termos bibliográficos, em anexo. 5º Repertório de abreviações (vincular ora com os termos bibliográficos ora com o repertório bibliográfico de autores, periódicos). 6º Repertório de cabeçalhos de assuntos (vincular com o índice alfabético das tabelas da Classificação Decimal).

Esses diversos repertórios existem de forma embrionária e são objeto de discussões ou de simples estudos. A Repartição Internacional de Documentação tem-se dedicado a projetá-los como partes de um Repertório Universal do qual seriam componentes apoiando-se mutuamente.

III. A bibliografia é uma parte da catalografia geral dos documentos. Esta se estende também às estampas e gravuras, às fotografias, aos mapas e plantas, à música, à epigrafia, aos monumentos e medalhas, aos discos fonográficos, aos filmes cinematográficos, às peças de museus e aos objetos apresentados para objetivos de documentação. Além dos dados da natureza, da técnica, da arqueologia. Donde se conclui: a necessidade de conceber um catálogo geral que abranja todas as espécies e todas as formas de documentos, ampliando o arcabouço do Repertório Bibliográfico Universal, do qual é apenas uma parte, e tratando das outras partes segundo um método análogo (registro, descrição, ficha ou elemento para formá-los, ordenação e cooperação).

IV. Em um nível posterior a catalografia pode se estender indistintamente a tudo que auxilie o trabalho científico ou a vida prática e dar origem a numerosos repertórios úteis.

261.3 A pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica enseja as seguintes observações:

a) A pesquisa pode ser feita sobre uma obra, um autor, uma questão, um assunto ou sobre uma ciência inteira.

b) Ela pode concentrar-se em qualquer característica das obras das quais somente se conhece uma ou algumas características individuais, uma característica (por ex., autor, título, editor, local de publicação, etc.) ou somente a classe (por ex., assunto, local ou período tratados).

c) A pesquisa pode ser feita de dois modos: 1º Com repertórios bem elaborados e relativamente completos, a bibliografia pode ser descendente, partindo dos primeiros trabalhos e acompanhando a história de seu desenvolvimento. 2º Em caso contrário, de modo ascendente, partindo das datas mais recentes para remontar gradativamente ao passado. Dessa forma, tira-se proveito imediato das pesquisas bibliográficas feitas por autores mais recentes. Assim se poupa bastante trabalho.

d) Pela pesquisa de um assunto determinado: 1º Ver o manual de bibliografias que informa quais são as bibliografias especializadas existentes. 2º Consultar a mais recente e completa dessas bibliografias; 3º As biobibliografias dos pesquisadores que estudaram o assunto. 4º As diversas bibliografias nacionais, especializadas e universais, se não houver bi-

bliografia específica do assunto ou se a que houver precisar ser verificada por causa de equívocos nos registros. 5º Atualização desses dados por meio de consulta às bibliografias periódicas que tratam do assunto e às bibliografias periódicas gerais que abrangem todas as matérias.

e) Nos centros de documentação e nas bibliotecas de pesquisa e especializadas, as pesquisas são feitas sob a direção de um bibliotecário ou documentalista experiente. Os pesquisadores têm à sua disposição os catálogos da instituição, os índices e as coleções bibliográficas e o bibliotecário.

f) Essas pesquisas serão facilitadas à medida que se for concretizando, com seu centro e estações, a Rede Universal de Documentação. A partir desse momento, cada um poderá entrar em contato com seu centro, a Repartição Internacional de Bibliografia, em Bruxelas, no Palais Mondial.

261. 4 Como obter as obras mencionadas nas bibliografias

Para os livros modernos, a indicação do local da edição é suficiente para se chegar ao editor, recorrendo às bibliografias nacionais. No caso de periódicos, revistas e anuários, que sejam universalmente conhecidos, basta apenas escrever para a editora para adquiri-los. As obras clássicas, antigas, que não são mais comercializadas, têm preços que podem atingir cifras elevadas fazendo com que o leitor fique de mãos vazias. É preciso então escrever e em sete de dez vezes não se recebe resposta alguma. Às vezes para conseguir um simples número de uma revista é exigida a assinatura durante um ano. (Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra.) Nesse caso, aconselha-se escrever ao autor, aos cuidados da editora da qual se conheça o endereço. Três organizações auxiliares seriam convenientes:

1º Um vasto depósito mundial de periódicos vendidos por fascículo (livraria de periódicos).

2º Um repertório internacional de obras usadas (ofertas e demandas)

3º Um serviço internacional de endereços. A Repartição Internacional de Bibliografia examinou as possibilidades de criar esses dois últimos repertórios como complemento a seus próprios repertórios. Ele ainda está no seu início.

Os autores deveriam conservar alguns exemplares de seus escritos, principalmente das separatas, para poder atender a demandas eventuais e esporádicas.

262 As bibliotecas. Coleções de livros

Convém, antes de tudo, formar uma concepção do que é uma biblioteca, do que são os diversos tipos de bibliotecas.

Em seguida, uma vez que se tenha decidido o tipo de biblioteca que se propõe constituir, é o momento de efetuar a sua formação e de fazê-la funcionar. A biblioteca é um organismo, uma entidade que criamos e cuja vida regulamos segundo princípios técnicos e métodos rigorosos. As operações com essa finalidade concernem às instalações materiais, à escolha e aos meios para a aquisição dos livros e sua respectiva organização em coleção, seu uso, sua manutenção e sua conservação.

262.1 Concepção da biblioteca

262.11 Noção, definição

Por *biblioteca* entende-se uma coleção de obras escolhidas segundo certos princípios norteadores, ordenadas fisicamente, catalogadas se-

gundo determinado sistema, facilmente acessíveis aos estudiosos e com a garantia de que se conservam no estado como os deixaram autores e editores. A biblioteca reúne uma parte de livros cujos assuntos foram estudados anteriormente. Ela tem por função organizar a leitura de forma coletiva.

A palavra *biblioteca* designa não só um órgão com sentido restrito, mas também lugares arrumados especialmente para tornar a leitura cômoda e agradável. Utiliza-se ainda a palavra para o móvel onde se guardam livros.

As bibliotecas públicas dignas deste nome são coleções de obras, sistematicamente selecionadas, de todos os ramos do conhecimento ou da especialidade objeto da instituição, perfeitamente catalogadas e colocadas amplamente à disposição dos leitores que podem recorrer a elas como a vastos centros de informação e de documentação.

As bibliotecas compreendem, ao mesmo tempo, todo o produto do trabalho intelectual e os meios de multiplicar esses produtos. Elas são simultaneamente depósitos, laboratórios e instrumentos da ciência. Do ponto de vista do ensino e da difusão do conhecimento, são as aliadas e os complementos da escola e da universidade, e devem funcionar inclusive como elementos da organização da educação do povo.

A biblioteca pública é um órgão coletivo que tem como objetivo socializar a leitura e torná-la um serviço público de natureza intelectual e educativa. Ao invés de obrigar as pessoas a que, individualmente, obtenham livros para lê-los em casa, a biblioteca reúne acervos que são colocados à disposição de todos e que podem ser consultados e lidos em salas de uso coletivo.

A biblioteca moderna transformou-se. Ela era uma força passiva, uma energia latente, um simples potencial de energia. Tornou-se uma força viva para a comunidade, uma energia liberada. Ela é, em primeiro lugar, um organismo social.

A biblioteca pública é o verdadeiro organismo social que deve despertar e desenvolver o interesse do público pelas coisas do espírito. Pequenas ou grandes, todas as bibliotecas deveriam ajudar na difusão do pensamento e do progresso intelectual situado na base da vida, da indústria e da coletividade.

A experiência mostra que não são os leitores que faltam, mas as bibliotecas é que não são adaptadas aos leitores.

A biblioteca é um 'laboratório', é o laboratório ou oficina intelectual equipado e organizado para este fim. Carlyle disse: "A verdadeira universidade, em nossa época, é uma coleção de livros."

262.12 História das bibliotecas

a) A história das bibliotecas pode ser dividida em quatro períodos: 1º na Antiguidade (Egito, Assíria, Roma); 2º na Idade Média: a obra dos monges; 3º na era moderna; 4º na época atual (bibliotecas nos Estados Unidos).

As mais antigas bibliotecas do Egito e Mesopotâmia eram os arquivos reais e os dos templos. Não se encontram provas de que houvesse leitura pública. Mesmo na Grécia, onde todas as formas de literatura se desenvolveram no mais alto grau, e onde a capacidade de ler e escrever era quase geral, o número de pessoas que ouviam os discursos, as peças de teatro e a poesia do que liam.

Acredita-se que foi Assurbanipal (568–628 aC), neto de Senaqueribe, o primeiro a fazer uma coleção de obras literárias organizadas de maneira

que pudesse usá-las. Os resquícios dessa biblioteca formam uma massa considerável, pois seu conteúdo, corresponderia, no formato dos livros modernos, a mais de 500 volumes de 500 páginas, in-4º.

Houve bibliotecas na Caldeia, Pérsia e Egito (Ramsés) e sua origem remonta ao terceiro milênio. As bibliotecas ficavam nos templos e tinham caráter religioso. Atenas (Pisístrato), Biblioteca de Alexandria (700 mil volumes) e a de Pergámo. No quarto século, na época dos imperadores, havia 29 bibliotecas em Roma. (As imensas coleções que existiam em Roma no templo da Paz).

A queda do Império Romano levou à destruição das bibliotecas. Na Idade Média, as bibliotecas se reconstituem lentamente nos mosteiros e nas escolas episcopais. A fundação das universidades levou à fundação de bibliotecas (Sorbonne). Durante o Renascimento houve um grande desenvolvimento graças à proteção de reis e príncipes amantes das letras. A Revolução [francesa] nacionalizou as bibliotecas (Bibliothèque Nationale). A época moderna criou a biblioteca pública, cujo modelo mais completo foi realizado nos Estados Unidos e na Inglaterra.

As bibliotecas cristãs da Idade Média eram principalmente consagradas a livros religiosos. Quando a Igreja se tornou proeminente, do ponto de vista temporal e também espiritual, as igrejas e os mosteiros tornaram-se centros de estudos laicos.

Nos novos países, como os Estados Unidos, as bibliotecas foram criadas para a educação e documentação de todos. As bibliotecas mais importantes encontram-se nos locais onde existe maior densidade populacional. Na França, na Alemanha, na Itália, na Espanha, na Bélgica e na Holanda, onde, ao contrário, as bibliotecas são de datas antigas, elas permanecem como salas de museus de livros preciosos ou curiosos, muito mais frequentadas por eruditos do que pelo público em geral. A ideia da biblioteca para todos é recente, nesses locais, e só vem se concretizando pouco a pouco. Foi muito mais o acaso do que um pensamento reflexivo que presidiu o seu desenvolvimento.

b) A intervenção de fatores externos.

A evolução da biblioteca ocorreu paralelamente à do livro, da educação e da cultura intelectual. Mas seu desenvolvimento influenciou diretamente o estado geral da mentalidade pública e da pesquisa científica.

A constituição e a disposição interna das bibliotecas evoluíram sob a influência do número crescente de livros existentes e de leitores, acarretando modos de armazenamento cada vez mais compactos e que permitissem o acesso fácil aos livros.

Os papiros antigos eram guardados em escaninhos; os manuscritos da Idade Média em caixas. Mais tarde colocam-se os volumes (grandes in-fólios) em escrivaninhas, às quais são acorrentados. Posteriormente, os livros, devolvidos à liberdade, são colocados em armários, ao longo das paredes. Depois, fizeram-se nichos e estantes. Os armazéns de livros foram separados da sala de leitura cujas dimensões se tornaram cada vez maiores. Mais recentemente multiplicaram-se as salas de leitura, que se especializam, e ficam perto das coleções especializadas.

c) De maneira geral as bibliotecas passaram por vários estágios, até chegar ao ponto de hoje dispormos de algumas muito aperfeiçoadas.

1ª fase: As bibliotecas são 'epigráficas': nas paredes dos templos e palácios. – 2ª fase: As bibliotecas são as dos monarcas (a biblioteca dos reis). – 3ª fase: As bibliotecas se abrem ao público, ainda com poucos livros

e poucos leitores, que se instalavam nas salas em meio aos livros. – 4ª fase: Com o aumento do número de livros e de leitores criou-se uma sala de leitura pública e um armazém separado para os livros. – 5ª fase: Instituição das bibliotecas nacionais. – 6ª fase: A sala de leitura aumenta de tamanho, mas é arrumada como sala de trabalho onde ficam as obras de referência, o que dispensa constantes idas aos armazéns (ex.: Bibliothèque Nationale, biblioteca do British Museum). – 7ª fase: Acrescenta-se à sala de trabalho uma sala para os catálogos e as obras bibliográficas. – 8ª fase: Acrescentam-se salas de trabalho especiais perto dos armazéns. Nelas se colocam obras de referência e duplicatas de catálogos especializados (Nova York). – 9ª fase: Leva-se ainda mais longe a especialização. Criam-se gabinetes de trabalho individual para estudiosos selecionados e *boxes* para consulta entre as estantes de livros (Harvard). – 10ª fase: A biblioteca se une com o museu, o arquivo e o serviço de documentação (pastas) ou parte para se organizar como serviço especializado junto a instituições dedicadas prioritariamente a algum desses objetos. Desse modo, a biblioteca se estende a todo o campo da documentação.

262.13 Desenvolvimento atual das bibliotecas. Bibliotecas em diversos países

A palavra biblioteca é elástica, sendo aplicada a um móvel que contenha algumas obras ou a uma coleção de milhões de volumes como a do British Museum e da Bibliothèque Nationale de Paris.

Atualmente as bibliotecas se multiplicaram consideravelmente, ampliaram seus serviços, suas coleções de livros cresceram, e o público as procura em grande número. Exemplos: biblioteca que possui quatro milhões de volumes (Paris, a Nationale); que atende a uma média de mil leitores por dia (Londres, British Museum); que dispõe de 400 funcionários (Washington, Library of Congress); que tem seções para impressos, revistas, jornais, manuscritos, estampas, fotografias, música, impressos para cegos (Washington, idem).

Os armazéns de livros (*stock*) são quase todos inteiramente metálicos; com andares de baixa altura (12 ou mais andares), com capacidade para vários milhões de volumes (Washington). Na nova biblioteca da universidade de Harvard, 60 professores dispõem de gabinete pessoal com acesso ao armazém, onde podem receber seus alunos; têm a chave da biblioteca, o que lhes permite ir trabalhar tanto à noite quanto de dia; por outro lado, 300 *boxes* com mesas são colocados no armazém, para permitir aos alunos de pós-graduação, munidos de autorização especial, que trabalhem próximo às estantes. No andar superior 34 salas de trabalho, com biblioteca especial de livros de uso corrente, acham-se montadas para o trabalho dos estudantes em cada uma das seções ou departamentos (matemática, francês, alemão, sânscrito). A biblioteca do British Museum, em Londres, a biblioteca pública de Nova York, a biblioteca de Harvard, para citar apenas algumas, estão abertas das nove da manhã às dez da noite. A biblioteca do Congresso tem várias centenas de funcionários, a de Harvard tem mais de 100. Imprimem-se os catálogos da biblioteca em fichas e grandes salas de catálogos precedem as salas de trabalho. A tendência é para coleções completas. Por ex., sobre a questão da *efficiency* a biblioteca de Nova York publicou uma lista de 1 200 títulos, e ela possui todas as obras ali citadas.

A biblioteca de Harvard tem um milhão e 200 mil volumes, a de Nova

York, um milhão, a de Columbia, 550 mil. A central das bibliotecas de Nova York recebe uma média de 10 mil visitantes por dia. É notável constatar que foi possível reunir, em um século, nos Estados Unidos quase toda a produção intelectual que levamos milhares de anos para criar na Europa.

A biblioteca de Nova York movimenta anualmente 11 milhões de volumes [*sic*]. A totalidade da Bibliothèque Nationale da França dispõe de três milhões e 500 mil francos. A biblioteca nacional de Berlim sozinha tem 16 milhões de francos. Cada biblioteca da universidade prussiana recebeu um crédito médio de 525 mil francos.

As bibliotecas contam com um sistema de sucursais, ramais e sub-ramais, estações (por ex., em escolas, hospitais, prisões, etc.). Elas iniciaram também um sistema de extensão extramuros no estilo da extensão universitária (*library extension*, atendimento por correspondência e encomendas postais). Criaram-se serviços regionais de biblioteca (*county library*) que comportam uma coleção central de livros distribuídos em toda a região, através das bibliotecas locais, agências dos correios e bibliotecas ambulantes (*book wagons*).

a) *Inglaterra*. Na Idade Média a Inglaterra possuía muitas bibliotecas; em parte foram perdidas por causa da Reforma. As bibliotecas de Oxford e de Cambridge parecem ter precedido a fundação das bibliotecas universitárias em outros lugares. O British Museum é o maior centro de atividades científicas do país.* Ele data de 1753 e suas coleções só perdem para as da Nationale [Paris] e da biblioteca Lenin. O British Museum recebe anualmente por volta de 60 mil volumes por depósito legal.

* Em 1972, as coleções bibliográficas do British Museum foram transferidas para a British Library, estatuída como biblioteca nacional do Reino Unido. [N.E.B.]

Na Inglaterra há 500 sistemas de bibliotecas instaladas em um milhar de imóveis. Cem milhões de obras por ano circulam nas mãos dos leitores. Por exemplo, em Croydon, com população de 200 mil habitantes, 700 leitores frequentam as bibliotecas diariamente.

A Inglaterra e o País de Gales trabalham a fim de implantar um sistema de bibliotecas que abranja a totalidade do país.[1] Ele compreende: 1º um sistema de grupos locais em torno de centros ou núcleos formados por bibliotecas importantes. Até as bibliotecas rurais são atendidas. 2º Um sistema de bibliotecas especializadas incumbidas de compartilhar seus recursos por intermédio da Association of Special Library and Information Bureaux e da Association of University Teachers. 3º Uma biblioteca central destinada a atender às necessidades do conjunto (antiga Central Library of Students, a ser transformada em uma instituição nacional). Tudo está baseado no princípio da cooperação voluntária e do anseio de que cada biblioteca doravante se sinta parte de um sistema geral.

Das 700 bibliotecas inglesas, a menor possui cinco mil volumes e todas dispõem de uma sala de leitura com jornais e revistas, e muitas contam ainda com uma sala especial para crianças.

b) *Estados Unidos*. Ocupam o primeiro lugar no *ranking* de bibliotecas: número de volumes, uso, perfeição dos métodos. Sua realização mais característica é a biblioteca pública, dirigida mais para a massa do que para as pesquisas científicas. No entanto, em paralelo foram também criadas bibliotecas científicas nas universidades e suas faculdades em instituições científicas. A Library of Congress possui três milhões e 500 mil volumes,

[1] Ver sobre este tema o relatório de *sir* Frederic C. Kenyon, diretor do British Museum e presidente do Board of Educatioon, Departmental Committe, Public Library, no *Library Journal*, 1 January 1928, p. 11.

a New York Public Library tem três milhões com 46 ramais e aproximadamente 400 outros órgãos de distribuição. A Library of Congress tinha, em 1924, três milhões de livros e folhetos, 900 mil mapas, aproximadamente um milhão de peças musicais e 500 gravuras. Foram gastos oito milhões de dólares no prédio, 3,5 milhões para a compra das coleções e mobiliário e um milhão de dólares durante esses 20 anos para despesas de custeio.

Em 1915 havia nos Estados Unidos 8 302 bibliotecas das quais aproximadamente três mil possuíam pelo menos cinco mil volumes. Os homens ricos (principalmente Carnegie) fizeram doações importantes, mas o imposto especial para bibliotecas aportou 35 milhões de francos. O quadro de associados da American Library Association conta com quatro mil membros. Muitas dessas bibliotecas têm sucursais e ramais que atendem as populações rurais por meio de bibliotecas ambulantes.

c) *Holanda*. Este pequeno país deu atenção especial às suas bibliotecas.

Em 1919 a Holanda contava com 56 municípios com uma ou várias bibliotecas que possuíam sala de leitura e uma média de cinco mil volumes.

Em 1908, as *leeszalen* [salas de leitura] da Holanda (com as sucursais) eram seis; em 1933: 110 salas de leitura (em todas as cidades com mais de 20 mil habitantes, existe agora uma sala de leitura subvencionada pelo Estado). Número de livros existentes no conjunto das bibliotecas públicas: 1913: 100 mil; 1933: um milhão e 800 mil. Frequência: 1908: 300 mil; 1931: dois milhões e cem mil. Receita: 1903: 25 mil francos; 1931: um milhão 780 mil francos. Subvenções do Estado: 250 mil francos. Os particulares: aproximadamente 500 mil francos.

d) *Bélgica*. As grandes bibliotecas são: a Bibliothèque Royale de Bruxelas, fundada em 1827, mas herdeira das coleções formadas pelos duques de Borgonha, as bibliotecas de Gand, de Louvain, hoje a biblioteca da universidade de Bruxelas, a Bibliothèque des Bollandistes, o Musée Plantin-Moretus. Depois da guerra, durante a qual a leitura se intensificou, um movimento foi feito a favor da organização das bibliotecas públicas. Uma legislação especial foi adotada.

Em 1921, na Bélgica, das 2 639 comunas aproximadamente 1 500 não possuem nenhuma biblioteca pública. Entre as 1 600 reconhecidas pelo ministério, poucas são as que estão convenientemente equipadas, instaladas e dirigidas (relatório parlamentar Heyman). Dessas bibliotecas, com exceção da aglomeração de Bruxelas e das principais cidades do interior, 601 possuíam menos de 300 volumes e 46 mais de três mil volumes. Essas bibliotecas funcionam, em geral, como local de empréstimos e não têm sala de leitura.

e) *Tchecoslováquia*. A Tchecoslováquia é (com a Bélgica) o primeiro país que tonou obrigatória a implantação de bibliotecas públicas. Cada aglomeração deve ter sua biblioteca e as cidades de 10 mil habitantes devem nomear um bibliotecário. Nas cidades menores, uma pessoa que tenha feito cursos de biblioteconomia, durante um mês, deve ser nomeada. O ministério da educação fornece um manual de administração de biblioteconomia à comunidade e inspeciona a biblioteca. A lei exige que um quinto de todos os livros de cada biblioteca tenham conteúdo educativo (1928).

f) *França*. Os antigos reis fizeram as primeiras tentativas para formar bibliotecas. Esforço não sistemático. Francisco I criou a biblioteca real de Fontainebleau que foi transferida para Paris e se tornou a Bibliothèque Nationale. Ela cresceu no reinado de Luís XIV e Colbert. Durante a

Revolução e com Napoleão foram transferidas coleções vindas dos conventos ou formadas por espólios de guerra. Agora ela tem mais de quatro milhões de volumes, 125 mil manuscritos e 300 mil gravuras.

A Mazarine, a do Arsenal, a Sainte Geneviève e a da Sorbone são de importância primordial. Inúmeras bibliotecas científicas, artísticas, históricas e sociais dependem de universidades, administrações e das cidades.

Na França a biblioteca pública está atrasada.

A maior parte das instituições que têm o nome de biblioteca não são bibliotecas públicas do ponto de vista moderno. Não atendem, ainda que imperfeitamente, às necessidades da comunidade. São incompletas: com frequência salas pequenas com pouca manutenção, iluminação deficiente, estantes apinhadas até o teto; o público só pode escolher um livro consultando um catálogo ruim, rasgado, muitas vezes obsoleto, que é preciso folhear rapidamente numa mesa na entrada da sala. Os bibliotecários são geralmente pessoas sem qualquer formação profissional, e estão tão sobrecarregados de trabalho e tão ocupados com suas carreiras verdadeiras que pouco atuam e pouco interesse têm pela biblioteca (Jessie-Carson.)

g) *Alemanha*. As grandes bibliotecas são as de Berlim, Munique, Dresden, Göttingen, Heidelberg, Leipzig e Tübingen. Há muitas bibliotecas de associações científicas. Um excelente sistema de empréstimo entre bibliotecas. Uma grande expansão de bibliotecas populares. No setor técnico, tiveram grande desenvolvimento a biblioteca dos engenheiros alemães, a do Patentamt [serviço de patentes], a do Deutschen Museum, e da Deutsche Bücherei, em Leipzig.

h) *Itália*. Possui magníficas coleções de livros. Ela teve colecionadores particulares que possuíam enormes bibliotecas na época do Renascimento. A antiga biblioteca do Vaticano, iniciada no século IV pelo papa Damásio, foi reorganizada conforme os princípios modernos pelo papa atual [Pio XI], que, quando era o cardeal Ratti, foi bibliotecário da Ambrosiana de Milão. A Laurenciana, de Florença (Medicis-Laurenziana), a Biblioteca Nazionale de Florença, a Vittorio Emmanuele, de Roma, as bibliotecas de Nápoles, Palermo, Turim, Bolonha, Pádua. Na Itália fascista continuou-se a agitar a questão de dotar cada cidade com uma biblioteca popular, provida de bons livros, bastante atraente. Reivindica-se que isso seja atribuição da Opera Nazionale Dopolavoro.

i) *Rússia*. Esse país possui enormes bibliotecas. A de Leningrado (quatro milhões e 260 mil volumes) recebeu recentemente um novo prédio. Em Moscou a biblioteca Lenin. Conforme o decreto soviético de 4 de maio de 1920, todas as bibliotecas da república formam em seu conjunto uma rede única de bibliotecas do Estado. A reforma interna é análoga à dos museus e dos arquivos. A administração depende de organismos especiais do comissariado de instrução pública.

j) *Vaticano*. A biblioteca do Vaticano é antiga e rica. Sua origem remonta ao início do século XV com Martinho V. Ela foi vítima de uma catástrofe fulminante, sendo que uma parte dela desmoronou. Em 1932 o papa Pio XI inaugurou um novo prédio.

k)*Liga das Nações*. Desde sua fundação a Liga das Nações criou sua biblioteca. A doação Rockefeller de dois milhões de dólares lhe garante um prédio junto ao novo Palais des Nations em Genebra.[1] A Repartição Internacional do Trabalho possui uma grande biblioteca.

---

[1] Sevensma, T.P. *La Bibliothèque de la Société des Nations*. Paris: Champion, 1930. 8º

l) *Organizações internacionais*. Formaram grandes bibliotecas. As do Palais de la Paix (Haia), do Instituto Internacional de Agricultura (Roma), da União Pan-Americana (Washington). A União das Associações Internacionais transformou em Bibliothèque Mondiale a do Mundaneum (Palais Mondial, em Bruxelas).

262.2 Espécies de bibliotecas

262.21 Generalidades

Existe um número considerável de bibliotecas. Elas são diferenciadas segundo o público a quem se dirigem (bibliotecas científicas e não científicas); pela natureza das coleções (bibliotecas gerais e especializadas) (livros nacionais ou estrangeiros); pela área de ação sobre a qual estende sua organização (bibliotecas comunais ou municipais, regionais ou provinciais, nacionais e internacionais).

Podemos distribuir as bibliotecas da seguinte maneira:

1º As grandes bibliotecas nacionais: têm por objetivo conservar toda a produção nacional e formar grandes coleções gerais, visando a estudos e pesquisas de toda natureza. 2º) As bibliotecas públicas, estabelecidas em todos os centros populacionais e destinadas a multiplicar as facilidades de leitura e estudo para o público em geral. 3º As bibliotecas dos estabelecimentos científicos, de pesquisa ou ensino: universidades, institutos, observatórios, museus, jardins botânicos, etc. 4º As bibliotecas das administrações públicas: ministérios, tribunais, prefeituras, serviços públicos de qualquer espécie. 5º As bibliotecas das associações científicas, dos órgãos de pesquisa e das sociedades que têm por objetivo o interesse geral em todas as áreas de atividade. 6º As bibliotecas das associações e das instituições internacionais, cujo objetivo é reunir, tanto quanto possível, as publicações de todos os países relativas à sua especialidade. Essas últimas categorias de bibliotecas são particularmente interessantes devido à sua especialidade. Estão, sobretudo, orientadas para seu pessoal, caso se trate de instituições, ou a seus membros, no caso de associações. No entanto, elas são geralmente acessíveis a estudiosos que solicitem seu uso.

As bibliotecas podem também estar disponíveis especialmente para diversas categorias de leitores. As grandes categorias sociais se afirmam aqui: homens e mulheres, crianças, idosos, enfermos, cegos, prisioneiros, trabalhadores do campo, indústria, mineração, pesca, comércio, etc.

A biblioteca do tipo universitário se distingue da biblioteca pública pelo fato de não estar orientada para pessoas de qualquer idade, interesse, inteligência e experiência, mas aos estudantes, aos professores, aos especialistas e aos pesquisadores. Com ela se relacionam as bibliotecas científicas ditas de pesquisas, organizadas dentro dos institutos correspondentes.

Os gabinetes de leitura são lugares públicos onde, mediante pagamento, leem-se livros e jornais. Novas formas de bibliotecas são criadas permanentemente. Bibliotecas nos jardins (Madri, Roma), biblioteca ambulante instalada em bondes (Munique), em ônibus (Estados Unidos). Bibliotecas em trens (Tchecoslováquia). Projeto de biblioteca postal (Bélgica). Biblioteca associada a conferências radiofônicas (League of Nations Union, Londres).

262.22 A biblioteca pública

A biblioteca pública não pode ser tratada como obra de caridade, mas

como um verdadeiro serviço público, como um componente principal da educação continuada. Ela deve, a esse título, ter o objetivo principal de ser um forte fator de desenvolvimento intelectual e moral da nação.

A biblioteca pública ou biblioteca municipal é mantida por meio de taxas ou doações voluntárias. Ela funciona de acordo com as normas legais. Não está reservada a uma classe especial, como as bibliotecas de associações científicas ou de universidades. Ela é destinada à comunidade, a todas as pessoas.

A biblioteca municipal é feita para todo mundo, diz o sr. Coyecque em suas recentes publicações. Ela se dirige a todos, é coletivamente a biblioteca pessoal de cada um; há quem a considere como complemento daquela que possuem, e há quem a veja como compensação daquela que não possuem. Distrair, instruir e informar, eis o programa integral da biblioteca municipal, afirma ele.

As bibliotecas municipais apresentam esse traço em comum: trabalho de divulgação científica e literária e, ao mesmo tempo, centros de informação prática; não são, como as bibliotecas científicas, repositórios cujos acervos, guardados e perpetuados, crescem indefinidamente; nelas os livros passam e não permanecem; trata-se aqui menos de quantidade do que de qualidade; a biblioteca coloca à disposição do público o que há de melhor e mais atual, na forma e no conteúdo, aspectos estes que estão amiúde interligados; nas áreas científicas, técnicas, profissionais, sociológicas, a obra que leva em conta os últimos progressos ou a última legislação; em literatura, representantes de todos os movimentos contemporâneos, espécimes de todos os gêneros, produtos de todas as correntes; para os didáticos, edições recentes, tão atraentes quanto eram antiquadas as da velha pedagogia; nas áreas de história, obras que empreguem os prodigiosos recursos da fotografia e seus derivados industriais.

A biblioteca municipal é duplamente enciclopédica: ela abraça ao mesmo tempo a totalidade dos conhecimentos e a totalidade da população; não há um ramo do saber que nela não encontre seu lugar; não há ninguém na cidade que não se interesse por usá-la, mesmo que seja apenas para aprender ou conhecer quem a frequenta regularmente.

A biblioteca é um dos órgãos da vida coletiva, nem mais nem menos necessária ou supérflua do que outros, seja o reservatório de água, o gasômetro, o mercado ou a escola; é o empório de abastecimento intelectual. É, em última análise e, sobretudo, a oficina onde deve se formar o espírito público, em condições superiores às dos dois outros formadores de opinião, a conferência e o jornal.

Uma biblioteca não é "um empório de livros que se limita a distribuir números" [*sic*]; é uma obra de educação pública da qual podem e devem depender, em grande medida, a educação da nação e a formação do espírito público.

Os princípios expostos neste tratado têm por objetivo o de formar bibliotecas com base em dados racionais. O conjunto dos livros que a biblioteca possui forma um organismo cujas partes são solidárias. Reunindo a integralidade dos conhecimentos, ela é enciclopédica; dispondo as obras conforme uma ordem rigorosa, ela obedece à classificação dos conhecimentos. Semelhante biblioteca é a imagem da própria ciência; seus livros, desde que sejam escolhidos entre os melhores, os mais claros e os mais recentes, são a própria expressão escrita dos conhecimentos. Depositárias do saber, essas obras são mestres que falam quando os inter-

rogamos, e, juntos, formam uma verdadeira universidade literária, onde estão representados todos os ramos do ensino pela leitura.

262.23 Bibliotecas infantis

1. Em geral, existem bibliotecas especiais para crianças (de 8 a 14 anos). Existem também seções infantis nas bibliotecas gerais. – O progresso da leitura, na nação, pela iniciação da juventude. – Seleção escrupulosa dos melhores livros e em quantidade suficiente. – Participação mais ativa do bibliotecário junto aos pequenos leitores. – A hora do conto na biblioteca e na escola. – Resumo, pela criança, dos livros lidos. – Na Inglaterra, a circulação de livros nas bibliotecas para crianças é de 100 mil volumes por ano.

Na biblioteca pública de Washington, a seção infantil é especialmente bem organizada, a fim de informar o público sobre literatura destinada à juventude. Um serviço de consulta para adultos foi criado; um contém livros que podem ser emprestados pelos pais para seus filhos, outra, com 1 600 títulos que formam uma exposição intitulada Biblioteca Ideal para as Crianças.

2. *Organização*. As bibliotecas infantis podem existir de modo independente, para esse fim específico, ou ser um departamento de outra biblioteca, ou como biblioteca escolar. Salas para crianças: parte para leitura no próprio local, parte para empréstimo domiciliar. Mesas que permitam às crianças fazer seus exercícios. Mesas para revistas infantis; mesas para obras de referência.

3. *Livros infantis*. Quatro categorias: *a*) cartilhas com historinhas para crianças que não sabem ler; *b*) obras similares com certa quantidade de textos simples, para crianças abaixo de nove anos; *c*) livros para crianças de nove a doze anos; *d*) livros para crianças acima de 12 anos.

4. *Catálogo das bibliotecas infantis*. Reconhecer que a criança deve poder usar o catálogo. Evitar que a terminologia nele empregada seja diferente da usada para os adultos. Os cabeçalhos do catálogo serão inspirados nos títulos dos próprios livros. Serão evitados abreviações e sinais bibliográficos. (Ver um exemplo de aplicação da Classificação Decimal a esse tipo de catálogo em Berwick Sayers, *The childrens library*, p. 56.)

5. *A biblioteca escolar*. A escola deve ajudar a biblioteca a ensinar a ler sistematicamente e, como fruto disso, ensinar a manusear e respeitar os livros. Pequena biblioteca na própria escola: encaminhar as crianças à biblioteca pública para que completem, através de leituras, as lições passadas ou a preparar. Os livros didáticos dos estudantes constituem o núcleo da biblioteca pessoal que se tornará a biblioteca da família; complemento conveniente desses livros seriam introduções e sumários interligados e formando pequenas enciclopédias bem estudadas. Reciprocamente a biblioteca deve ajudar a escola: uso das folgas e férias dos estudantes; fornecimento de livros de leitura à escola.

As condições da *biblioteca de trabalho* na escola são estudadas. Elas aumentam de importância na razão inversa da luta para destituir de sua posição privilegiada o manual escolar. (Ve Congrès de l'Imprimerie à l'École, 2 de agosto de 1931. Relatório Freinet-Ruch.). Para familiarizar a juventude com as bibliotecas, os norte-americanos possuem um manual muito prático elaborado pelas sras. Hutchins, Johnson e Williams (*Guide to the use of the library, a manual for college and university students*, 1929).

262.24 A biblioteca particular

1. *Composição*. A biblioteca particular deve ser concebida segundo princípios racionais levando em conta os recursos de que se dispõe para as aquisições, o espaço para guardá-las, o tempo necessário para colocá-las em ordem e os cuidados que devem ser dados às obras.

Em princípio, não é conveniente que os particulares em geral possuam livros em quantidade, mas é preciso que possuam livros bons, bonitos e modernos no caso de temas científicos. A biblioteca privada será composta por três tipos de livros: 1º um fundo enciclopédico, com uma seleção de obras gerais ou de referência sobre todos os assuntos, que permitam senão o estudo pelo menos obter de imediato algumas noções sobre qualquer questão com que a gente se defronta durante a vida e os estudos: 2º as obras relativas à especialidade, à profissão, aos estudos e às atividades correntes. Esses livros devem ser tão completos e numerosos quanto possível; não deverão limitar-se apenas à especialidade, mas abranger também obras relativas aos ramos auxiliares; 3ª as obras relativas às questões de interesse ocasional.

O lugar dos livros que não são mais consultados ou que são pouco consultados é nas bibliotecas públicas. E há o interesse real do homem de estudo de evitar que sua casa fique entulhada de livros. O melhor é colocar em um depósito ou doar às bibliotecas públicas e especialmente às de sociedades científicas de que faça parte as obras que não utiliza mais, sobretudo as obsoletas e as relativas a questões estudadas ocasionalmente e que não são mais de seu interesse. Tem-se a certeza assim de poder encontrar esses livros no dia em que houver necessidade, eles e todos os outros sobre o mesmo tema que a biblioteca possuir.

2. *Método*. Os métodos de organização das bibliotecas em geral são aplicáveis às bibliotecas particulares, sobretudo no que se refere ao local das obras nas estantes e ao catálogo.

3. *Organização do conjunto*. O doutor L. Berczeller (Viena) estudou a situação das bibliotecas privadas e propôs uma organização muito interessante de tais bibliotecas baseada nos números que apresenta. Um trabalhador intelectual lê em média por dia um volume equivalente ao valor de dez marcos, o que dá três mil marcos por ano, e, como sua vida ativa dura em média trinta e cinco anos, tem-se um total, com juros, de 200 mil marcos. No final de sua vida, o trabalhador teria, portanto, teoricamente, a posse de uma biblioteca de milhares de obras que teriam custado uma soma elevada e necessitaria de um espaço grande; tomando por base o leitor típico de um volume por dia e a existência de 100 mil trabalhadores, dedicados somente às ciências naturais, chegaríamos a um capital de cinco bilhões de marcos que teriam sido investidos nessas bibliotecas privadas se fossem racionalmente constituídas. Esses números mostram a necessidade das bibliotecas públicas cujos fundos sejam comuns.

4. *Biblioteca familiar*. Há um apostolado a instituir: difundir entre os povos e a pequena burguesia o gosto pela biblioteca familiar junto à mesa de estudos das crianças.

5. *Biblioteca de bibliófilos*. Ao lado das bibliotecas privadas, há as bibliotecas de bibliófilos, as quais se baseiam na seleção de livros bonitos e raros. Não são muitas e tudo que diz respeito ao uso dos livros é afetado por isso. São guardados em armários fechados, arrumados de modo sumário, conforme características extrínsecas, evita-se a colocação de marcas aparentes na lombada, a catalogação é feita em pequenos fichários de folhas

soltas, são comprados em leilões ou por meio de encomendas feitas a livreiros especializados.[1]

262.3 Partes, coleções, fundos, serviços e departamentos

a) As bibliotecas são: 1º conjuntos compostos de diversas partes ou coleções; 2º organismos que fazem funcionar diversos serviços; 3º centros que realizam vários trabalhos. Por isso, a biblioteca tem uma organização centralizada única, sendo dividida em departamentos distintos, que têm diferentes denominações, mas colocados sob uma direção geral única.

b) A biblioteca contém as seguintes categorias de obras, muitas vezes formando divisões especiais: 1º livros; 2º folhetos; 3º obras de referência; 4º publicações oficiais; 5º diários oficiais (que contêm leis, tratados e atos legislativos mais recentes); 6º documentos oficiais dos governos, dos parlamentos e dos grandes órgãos da administração (regulamentos, anuários oficiais, atas de debates parlamentares, textos de projetos de leis e orçamentos, relatórios apresentados ao legislativo pelos diferentes ministérios, estatísticas, etc); 7º manuscritos (sala de manuscritos, sala de mapas e plantas); 8º mapas geográficos e atlas (plantas de prédios, máquinas e aparelhos); 9º gravuras (sala de estampas); 10º periódicos (periodicoteca); 11º jornais diários (hemeroteca); 12º fotografia (fototeca); 13º música.

c) São formadas coleções separadas com base no formato (in-fólio) ou de alguma característica especial dos livros (inferno, censura, imorais).

d) Há eventualmente coleções de outros documentos, diferentes das publicações, e que dizem respeito à documentação geral, tal como cinemateca, fototeca, arquivo histórico, arquivo enciclopédico documentário (pastas) e objetos do museu.

e) A leitura e a consulta são favorecidas pela diversidade de salas de leitura, acesso às estantes, ditas de referência, mesas de trabalho junto às coleções, salas de trabalho reservadas aos pesquisadores científicos que fazem trabalhos de fôlego, cubículos de trabalho. Na biblioteca universitária Ann Arbor, os médicos do hospital podem solicitar que seja lido para eles, por telefone, qualquer artigo de que precisem com urgência.

262. 4 Técnica e organização das bibliotecas (bibliotecnia, biblioteconomia)

262.41 Generalidades

a) A técnica das bibliotecas desenvolveu-se grandemente. Ela se envolve com pormenores cada vez mais específicos e precisos. Remetendo, quanto a isso para os tratados especializados, uma vez que esta apresentação se aterá aos aspectos gerais.[2]

b) Uma biblioteca não existe por si só. É preciso formá-la, da mesma maneira que se constrói um prédio ou uma máquina. Ela não é um amontoado de livros. É preciso formar uma coleção, isto é, criar um verdadeiro

---

[1] Consultar as obras de Muhlbecht, Otto: *Buchlielberei*, 1898. – Slater, *How to collect books*, 1905. – Winterich: *Primer of book collecting*, 1927. – Allans: *Book-hunter at home*, 1922. – Willis's: *Bibliophily*, Boston 1921.

[2] Milkau, F. *Handbuch der Bibliothekswissenschaft*, 2 vol. 1932–33. – Morel, Eugène: *Bibliothèque; essai sur le développement des bibliothèques publiques et de la librairie dans les deux mondes*. Paris, 1908. – Briscoe, W.A. *Library planning; a compilation designed to assist in the planning, equipment and development of new libraries, and the reconstruction of old ones*. London, 1927. 141 p. – Coyecque, Ernest. *Code administratif des bibliothèques d'études*. Paris, 1929, 2 vol. (organisation, cadres et traitements). Paul Otlet: *Manuel de la bibliothèque publique*, publication nº 133 de l'Institut International de Bibliographie, 1925, 166 p. – Trozet, Léo. *Manuel pratique du bibliothécaire*. Préface de MM. Pol Neveux et Charles Schmidt. Paris, E. Nourr, 1933.

órgão intelectual, cujas partes sejam correlatas entre si e alcancem o máximo de rendimento com o mínimo de esforço e trabalho.

c) Como toda 'construção', a da biblioteca pressupõe materiais (os livros), um plano (a classificação), processos (os métodos), equipamentos (o material), pessoal, operações e uma organização.

Em seguida, quando a biblioteca estiver formada, trata-se de mantê-la à altura de sua tarefa, de fazer ajustes, de fazer funcionar os serviços relativos ao seu uso. Tudo isso exige atividades de ordem administrativa e de ordem executiva, partindo de uma direção confiada a pessoas ou órgãos responsáveis. O todo forma uma unidade: a organização.

d) *Atividades*. A sequência das operações compreende a aquisição das obras, o tratamento dos livros ao serem recebidos, o catálogo, a classificação. Um local separado deve ser destinado para a reorganização de acervos antigos segundo os novos princípios. A comunicação e o empréstimo das obras, a cooperação nos trabalhos e serviços organizados em comum com estabelecimentos similares.

e) Grande ou pequena, uma biblioteca deve ter uma administração, deve ser dirigida com ordem, conforme um estatuto ou regulamento. As condições especiais e locais determinam em cada caso esses princípios.

262.42 Aquisição

a) Há quatro modos de aquisição: 1º por depósito legal; 2º compra; 3º doação dos autores ou editoras e colecionadores; 4º permuta.

b) As compras constituem uma função importante da biblioteca. A seleção dos livros a serem comprados se faz com a ajuda de catálogos, bibliografias, circulares, resumos, etc. Os desideratos são informados pelos leitores. Deve haver diretrizes para regular as compras. A regra deve ser a imparcialidade. Para facilitar as aquisições, foram feitas listas escolhidas; estabeleceram-se proporções entre as obras das diversas áreas.

c) Para fazer as compras, as bibliotecas se dirigem aos livreiros, conforme estejam concentrados ou dispersos. Empresas importantes são organizadas para abastecer regularmente as bibliotecas com livros dos quais elas precisam.

d) O livro raro costuma chegar às bibliotecas públicas assim como os quadros raros chegam aos museus oficiais. O povo e os doadores acreditam que é lá onde terão maior chance de sobreviver e serem comunicados a quem saiba melhor aproveitá-los. É uma espécie de comunismo intelectual.

e) "É preciso bibliotecas completas", diz o sr. Zanitzky, diretor do palácio central russo do livro. "Somente a bibliografia é medida da integralidade de uma biblioteca. O leitor deve ter à sua disposição a literatura completa de hoje; pelo menos é por esse motivo que as épocas de valor histórico universal não são muito frequentes."

Impressionado com a produção quantitativa sempre crescente do livro, levantamos recentemente o problema da retirada de alguns livros de algumas bibliotecas e o problema da redistribuição das coleções. A conservação de protótipos de todas as publicações é uma coisa, a presença de livros pouco consultados em certas bibliotecas é coisa diferente.

O crescimento no centro das cidades é algumas vezes enorme; por ex., no British Museum, 1 600 metros de prateleiras são acrescentados todos os anos. Em 1931, acrescentaram-se à coleção 22 567 livros, ou seja, uma média diária de sessenta livros novos ou reedições de livros antigos. A

Bibliothèque Nationale de Paris está em situação análoga.

Fomos levados a prever: 1º estabelecimento de vastos depósitos nacionais separados da biblioteca principal (*extramuros*) ; 2º redistribuição das coleções. O acaso amiúde foi responsável pelas coisas; a razão deve corrigi-las. Concentração, fusão, transferência e intercâmbio. De todo modo, sistematização, organização de redes com centrais, ramais e sucursais, princípio comprovado que tudo que pertence à comunidade deve ser administrado para o bem da comunidade; 3º transferência das duplicatas para a Biblioteca Mundial. Como os periódicos são a infantaria da ciência, uma biblioteca científica vale por estes três fatores: 1. riqueza em revistas; 2. acessibilidade ao máximo (estar disponível diretamente, recebimento pontual e rápido dos fascículos); 3. o catálogo, aliás, sua bibliografia.

262.43 Operações na entrada

As operações seguintes devem ser realizadas quando os volumes chegam, na mesma ordem indicada abaixo:

1º *Abertura de pacotes*. Se as entregas forem acompanhadas de faturas ou notas fiscais, seu conteúdo será verificado, a nota marcada e rubricada pelo verificador que anotará cuidadosamente, nesse documento, as eventuais irregularidades.

2º *Exame do livro*. Cada livro, ao ser recebido, deve ser examinado quanto a seu estado material. *a*) Corresponde ao pedido, à lista ou nota que acompanha a remessa?; *b*) Está inteiro, faltam partes, faltam ilustrações ou estão fora de lugar as que são indicadas nos índices?; *c*) Está em boas condições: danos materiais, manchas, encadernação ou brochura com defeitos? *d*) Será uma duplicata?

3º *Abertura de cada volume*. Separação das páginas: usar um bom corta-papel (as lâminas de facas ou tesouras não servem); cortar, seguindo da esquerda para a direita. Para que as páginas permaneçam retas, abri-las em pequenos conjuntos apoiando ligeiramente ao longo da margem interna. Evitar que a lombada do livro seja bruscamente amassada.

4º *Determinação do número de chamada da obra*. Faz-se agora, pois ela será necessária às operações ulteriores: o registro no inventário, a colocação do selo e o catalogo. O índice de ordenação pode ser inscrito primeiro a lápis na capa do volume, no aguardo de outro registro.

5º *Inscrição no inventário* (ver abaixo). As obras com continuação e os periódicos são inscritos em sua ficha alfabética já existente. Ali está o número do inventário e seu índice de ordenação.

6º *Marca de propriedade*. Assim que o livro vai para o inventário, ele deve ser considerado como fazendo parte da coleção e deve receber uma marca de propriedade. Se o leitor puder emprestar livros de várias bibliotecas, é necessário impedir a confusão quando da devolução das obras. Em caso de falecimento ou mudança do detentor do livro, seus mandatários deverão ter conhecimento da origem e da propriedade das obras na residência do falecido. A marca de propriedade deve impedir também a troca ou a circulação ilegal das obras que pertencem à biblioteca. A marca pode ter duas formas: o carimbo e o ex-líbris. a) Carimbo: carimbar os volumes é bem importante para as bibliotecas que atendem a um número muito grande de leitores. O livro leva o carimbo com o nome da biblioteca, com menção da cidade e eventualmente o endereço onde está localizada. Podem ser usados carimbos úmidos ou carimbos secos (em relevo). Esses últimos têm a desvantagem de não ser suficientemente aparentes,

mas não causam manchas no livro. O lugar do carimbo deve ficar primeiramente na página de rosto do volume ou no verso desta, e depois nos elementos encartados, nos fascículos de uma mesma obra e nos mapas e gravuras. Se preferirmos respeitar esses elementos quando apresentam um caráter artístico que poderia sofrer danos, o carimbo fica no verso. Para maior precaução, carimba-se ainda uma determinada página no corpo do volume, por exemplo, na página 5, 105, 205 e a cada 05: o carimbo deve ser de pequeno formato e os caracteres simples e nítidos. A tinta deve ser visível, que não possa ser apagada e que seque rapidamente. A tinta vermelha é visível e seca rápido. Acrescenta-se produto secante. Evitar cores com anilina. b) Ex-líbris: o sistema que foi usado primeiramente como marca de propriedade é o ex-líbris. Esse é gravado ou colado na parte externa ou no interior da capa (armas, desenho, figura alegórica ou legenda, ou combinação desses elementos). Um lugar é reservado para a inscrição do número de chamada da obra. Esse sistema convém ainda atualmente, sobretudo para as bibliotecas pessoais. Ele pode ser usado com o sistema de carimbo.[1]

7º *Etiquetagem dos volumes*. Tem por objetivo mostrar o lugar de colocação dos volumes e deve ser bem aparente. Pode servir ainda como marca de propriedade se a etiqueta tiver o nome da biblioteca nela impresso. É a marca de propriedade mais visível e desempenha sua função, mas não exclui o uso da aplicação do carimbo e o ex-líbris, pois a etiqueta pode ser descolada acidental ou voluntariamente. Ela contém o índice de Classificação Decimal e o número da obra no inventário. Contam-se seis espécies de símbolos para expressar os diversos elementos que servem para ordenar os livros nas estantes. 1º classe (índice decimal ou índice de outra classificação), 2º autor (o número de Cutter), 3º título da obra (números de Cutter): é necessário indicar se há vários livros de um mesmo autor na mesma classe, 4º edição (se houver várias edições, indicar pelo número usual da edição, 5º data: tabela de Biscoe com números arbitrários (data real da edição ou data abreviada), 6º local especial que corresponde às diversas séries ou fundos. Por exemplo: as letras dos formatos (q) quarto e (f) fólio. E as designações de fundos pelas letras A, B, C, etc.

A etiqueta tem o formato retangular. O formato 1/6 de ficha é recomendável. Ela é colocada em baixo na capa ou na encadernação, no canto inferior à esquerda, sempre no mesmo local e na mesma distância para todos os volumes. Se o volume for muito espesso, pode-se colocá-la na lombada, em baixo, uma etiqueta de formato redondo, oval ou retangular com cantos cortados. De maneira nenhuma ela poderá cobrir textos. Pode-se também substituir a etiqueta por um carimbo úmido, de mesmo tamanho, aplicado nas capas dos volumes com espiral. Depois da etiquetagem, os volumes serão guardados nas estantes na ordem dos números do inventário, até que possam ser incorporados ao seu lugar respectivo nas coleções.

---

[1] As coleções de ex-líbris revestem-se de interesse não apenas para a arte, mas também para a história das bibliotecas. Os repertórios de ex-líbris a que dão origem constituem verdadeiras listas históricas de bibliotecas privadas. A quantidade desses repertórios, por região, é cada vez maior. Eles atualmente terminam com índices alfabéticos gerais dos brasões, de lemas e de nomes próprios, que remetem para informações descritivas dos próprios brasões e que assim permitem sua identificação mais fácil. O equivalente dos ex-líbris aplicável aos documentos de qualquer espécie deveria chamar-se *ex-documentis* e ser alvo de alguma padronização. É à Alemanha que cabe a honra de ter inventado o ex-líbris, por volta de meados do século XV; encontra-se a primeira menção a ele no ano de 1480; Um século mais tarde aparecem ex-líbris na França e na Inglaterra.

262.22 Catálogo *

a) O catálogo é um elemento capital da biblioteca. Sem catálogo, ela é um corpo sem cabeça.

b) Tratamos, junto com a bibliografia, na seção 261, tudo que se refere ao catálogo.

c) O inventário combina com o catálogo, mas ele é de primeira importância. O inventário pode ser em livros pautados ou em fichas. As inclusões serão feitas dia a dia ou em ordem numérica; a vantagem das fichas quanto à intercalação é pequena: permitir que o trabalho seja dividido entre várias pessoas é algo que só existe nas grandes bibliotecas ou quando se trata de recuperar atraso. O inventário é comparável ao livro diário de contabilidade. Pode servir de base para redigir outras partes do catálogo, e, se for completo, permitirá que dele se extraiam elementos, do mesmo modo que os lançamentos do livro-razão, que ordena as mercadorias por contas, são extraídos do livro diário. O registro de cada obra no inventário pode ser feito em texto corrido, seguindo as determinações quanto às diversas características a serem descritas, ou em colunas.

As características a serem mencionadas são as seguintes: 1º data de entrada da obra (mês, dia e ano); 2º número de registro no inventário; 3º índice da classificação; 4º indicações de ordem bibliográfica: autor, título, etc.; 5º encadernação, estado da obra; 6º número de exemplares; 7º forma de aquisição, compra, preço; 8º valor atual; 9º doação (nome do doador); 10º permuta; 11º observações diversas.

d) As bibliotecas tornaram-se órgãos da bibliografia e são, por outro lado, órgãos de cooperação com a bibliografia. São levadas a isso pelo seu próprio catálogo, pelo catálogo coletivo nacional ou local, de que algumas participam, e pelos trabalhos bibliográficos que realizam, que publicam ou que seus funcionários executam. (Ex., Library of Congress, Preussische Staatsbibliothek).

* Esta seção sobre catálogo, como logo esclarece o autor, deveria estar em 261. Note-se que há um erro na sequência numérica. [N.E.B.]

262.44 Colocação nas estantes

262.441 *NOÇÃO E OBJETIVO*

As obras não podem ser colocadas misturadas nas estantes. É preciso uma ordem que reflita o catálogo. O objetivo de toda ordenação é facilitar a pesquisa. Da ordenação que for dada aos livros nas estantes dependerá a maior ou menor facilidade que teremos para encontrá-los. O número de chamada é a marcação ou etiqueta colocada nas obras e que contém os elementos destinados a determinar o local a ser ocupado na estante por cada obra na sequência constituída pela coleção bem ordenada de todas as obras. O número de chamada serve, portanto, para encontrar os livros. Ele é o vínculo entre o catálogo, as obras e as prateleiras onde estão arrumados. Ele deve, portanto, constar nos registros catalográficos, nas próprias obras e na sinalização a ser colocada, em intervalos, nas estantes. O número de chamada tem relação direta com o sistema adotado para a ordenação das obras. Sua forma e seus elementos diferirão, portanto, a depender da escolha.

262.442 *SISTEMA DE COLOCAÇÃO DOS LIVROS*

Três sistemas fundamentais de arrumação das obras nas prateleiras são possíveis. Esses sistemas se excluem. É preciso escolher um deles e a ele se ater rigorosamente.

Os *formatos*, os *fundos* e a disposição material das estantes podem cau-

sar alguma dificuldade e deveriam ser compatíveis com o sistema adotado.

A) *Arrumação por número de registro*. O sistema de ordenação mais simples é o da ordem dos números de registro atribuídos às obras ao ser feito seu tombamento ou inventário. As obras que são incorporadas ao acervo são colocadas uma em seguida à outra conforme a ordem de chegada. A busca é feita por esse número. Os periódicos formam uma sequência à parte, pois após cada título será deixado espaço livre correspondente ao crescimento normal da coleção.

B) *Colocação pela ordem sistemática decimal*. Essa colocação é feita pelo índice da Classificação Decimal subdividido pelo número do registro. Escreve-se o número de chamada da seguinte forma

$$\text{nº}\ \frac{324}{511} \qquad \text{ou} \qquad \text{nº}\ \frac{324}{511}$$

Nas estantes, as obras são colocadas em ordem das divisões decimais. Obtém-se assim um paralelismo perfeito entre o arranjo nas estantes, o catálogo sistemático de assuntos e a Classificação Decimal. A ordem adotada pode ser a da classificação abreviada (divisão de 1º, 2º, ou 3º nível) ou da classificação detalhada e completa. As obras que tratam de vários assuntos são colocadas nas estantes pelo número do assunto principal. Ele pode aparecer nos outros índices em fichas ou marcadores que levem o registro catalográfico abreviado da obra, remetendo para o número do assunto principal.

C) *Arranjo por ordem alfabética*. As obras nesse sistema estão colocadas nas prateleiras seguindo a ordem do catálogo alfabético. Se um autor for representado por várias obras, os diferentes títulos serão subarranjados por sua ordem alfabética. Para facilitar essa ordenação, fazem-se tabelas que transformam grupos de letras dos nomes em grupos de números.[1]

262.443 *ESCOLHA ENTRE ESTES MÉTODOS*

É a natureza das coleções, a característica da biblioteca e dos leitores a quem ela se destina, o local e a equipe disponível que devem decidir sobre a escolha de um desses métodos. Assim, a ordenação em três formatos (octavo, quarto, fólio), seguida do número do registro em três séries, é a mais simples para a imediata colocação na estante, a menos sujeita a mudanças e a mais fácil ao se fazer o empréstimo e para fazer o inventário do acervo.[2] Contudo, a ordenação de acordo com o sistema decimal detalhado oferece, por sua vez, várias vantagens que faltam na ordenação por formato e por número de tombo. O que diminui o trabalho do bibliotecário nem sempre é o que há de melhor para os leitores. As coleções das bibliotecas nos Estados Unidos são, em sua maior parte, arrumadas de acordo com o assunto das obras, ou seja, o número atribuído ao assunto na Classificação Decimal. Este é o sistema que convém quando o próprio leitor é incentivado a escolher livremente, nas estantes, as obras que deseja consultar ou tirar por empréstimo. Ele assim encontra reunida toda a literatura sobre um mesmo assunto. A ordenação por assunto requer

[1] Nos Estados Unidos, as tabelas de Cutter e de Biscoe. Os russos fizeram uma adaptação para a forma e a frequência de seus nomes próprios. Ver Griorjev, J.V. *Distribiution et conservation des livres dans les bibliothèques*. Moscou, 1931, p. 23

[2] Os volumes no formato in-fólio, por causa de seu tamanho, ficarão mais bem acomodados na

espaço de expansão, em cada divisão, de tamanho correspondente ao seu provável crescimento. Esta medida é de difícil previsão e são necessárias revisões periódicas (quando, por exemplo, da realização de inventários) ou quando um aumento imprevisto da coleção torna necessário ampliar o espaço reservado para uma divisão de assunto. A determinação do assunto de uma obra só pode ser feita por pessoal capacitado, apto a discernir a qual classe pertence a obra e atribuir-lhe o número de classificação correspondente. Esta operação exige um exame da obra e leva, naturalmente, um certo tempo. A grande vantagem de agrupar todos os livros e periódicos que tratam do mesmo assunto implica, porém, sacrifício de espaço, de material e trabalho, o que faz com que isso não seja adotado quando há carência de recursos e pessoal. Entretanto, quando essas considerações não vêm ao caso, e especialmente nas 'bibliotecas de trabalho' formadas especialmente para o uso dos quadros de pessoal de uma empresa ou de uma repartição pública, que tem interesse em examinar em determinado momento o conjunto de todas as obras possuídas sobre um determinado assunto, o arranjo dos livros nas estantes segundo a ordem dos assuntos será considerado como ideal. Aqui, o objetivo a ser alcançado, uma consulta completa, fácil e rápida, é importante o suficiente para que se considerem os rearranjos ou reservas de espaços como elementos secundários.

262.45 O empréstimo de livros

a) O empréstimo ou retirada de obras para leitura possui duas formas. 1° Emprestar livros para leitura somente na biblioteca, com condições de acesso variáveis segundo as categorias das obras. 2° Empréstimo de livros para uso fora da biblioteca, paralelamente com o empréstimo interno, ou apenas o empréstimo externo, reduzindo a biblioteca a um depósito de livros, sem sala de leitura, ou o empréstimo externo limitado a livros em duplicata ou de fácil substituição.

b) Para registrar os empréstimos, foram concebidos dispositivos engenhosos que permitem ver de imediato o que foi e quando foi emprestado, e quem fez o empréstimo. Assim, garante-se o controle. Os leitores são convidados a participar dessas operações preenchendo os formulários de empréstimo ou acessando livremente as estantes. Os empréstimos podem ser registrados em fichas ou cadernos. As seguintes informações são úteis para identificação ou estatísticas. 1° Bibliotecário que atendeu. 2° Número de ordem do pedido dos empréstimos. 3 ° Número de tombo do livro. 4° Classificação Decimal do livro. 5° Autor. 6° Título. 7° Volume. 8° Estado do livro. 9° Data do empréstimo. 10° Nome e assinatura do usuário. 11° Idade do usuário. 12° Sexo. 13° Nacionalidade. 14° Profissão. 15° Data de devolução. 16° Nome do bibliotecário que emprestou o livro. 17° Observações. Essas informações são muito completas; elas podem ser simplificadas para somente os itens 2°, 3°, 9°, 10° e 15°.

c) O empréstimo de livros em domicílio fez progressos notáveis em algumas bibliotecas. Os pedidos feitos por cartões-postais são atendidos em casa por correio ou por serviço de entregas.

d) O empréstimo entre bibliotecas está em crescimento. Em 1926–1927, a biblioteca estadual da Prússia enviou 59 299 exemplares impressos e recebeu 2 866; a da Bavária, respectivamente, 24 354 e 1 848; a da

posição deitada. Se ficaram na posição vertical, serão empurrados pelos volumes próximos e assim danificados. Existe um tipo de móvel especial para guardar e ler os volumes in-fólio em pequenas bibliotecas (mapotecas).

universidade de Goettingen 15 115 e 3 447. O regulamento do empréstimo no interior da Alemanha data de 25 de fevereiro de 1924; uma regulamentação comum de 30 de março e 5 de maio de 1925, regula o empréstimo fora da Alemanha. Este tipo de empréstimo é uma importante conquista da organização das bibliotecas. Permite aos trabalhadores intelectuais, independentemente de onde residam (desde que haja uma biblioteca estadual, regional, universitária ou de faculdade ou instituto de pesquisa) obter, gratuitamente, sem custo de correio ou embalagem, sem fretes caros, todos os livros necessários para o seu trabalho, existentes em bibliotecas da Alemanha.

262.46 Locais, instalações, mobiliário, equipamentos

a) As bibliotecas são organizadas em edifícios especialmente concebidos para tal fim e que contêm instalações e mobiliário adequados.

b) Um edifício de biblioteca deve ser uma construção separada, ou ocupar uma ala própria de um prédio, para atender aos requisitos necessários de silêncio, ventilação e iluminação. Convém ser feito esforço no sentido de reduzir ao mínimo o percurso entre o livro e o leitor; também é preciso diferenciar nitidamente os dois grandes serviços de uma biblioteca, o que se relaciona com o trabalho interno de processamento dos livros e o relativo à utilização dos livros pelos leitores.[1]

Sugerimos que em Paris, um dia, a Bibliothèque Nationale e o Louvre sejam interligados por passagens subterrâneas e que, tendo ao centro o Palais Royal, dedicado às ampliações e à concentração de coleções dispersas, seja formado um imenso complexo dedicado à documentação em todos os seus aspectos

c) O arquiteto Jan Witkiewicz-Koszczyc declarou que, em sua opinião, é impossível fazer um projeto racional de um edifício de biblioteca que possa ser ampliado até o infinito. O edifício pode ser construído em várias etapas, mas o programa deve ser definido e prever um todo completo e uma possibilidade limitada de expansão. O exame das bibliotecas existentes mostra que elas precisam de uma nova construção ao cabo de 50 a 60 anos. O desenvolvimento de possibilidades técnicas está relacionado ao desenvolvimento da leitura e dos livros. Depois de 50 anos, a nova geração terá que resolver a questão de maneira diferente em harmonia com todos os progressos alcançados simultaneamente pela técnica, pela sociedade e pela documentação.

d) As instalações técnicas estão melhorando constantemente: iluminação, transporte mecânico dos livros, circulação de ar.

263 Os arquivos (arquivos históricos)

1. *Noção*

a) Os arquivos são o conjunto dos documentos legais do Estado, de províncias e municípios, de instituições públicas e privadas e pessoas físicas. Os 'arquivos históricos' são aqueles anteriores a uma data determinada. Eles são acessíveis ao público ao contrário dos 'arquivos administrativos', que atendem exclusivamente às necessidades da administração

[1] A nova biblioteca da escola de estudos superiores comerciais de Varsóvia, que abriga provisoriamente a biblioteca nacional polonesa (arquiteto Jan Witkiewicz-Koszczyc), adota uma nova disposição dos locais: as salas de leitura são colocadas imediatamente acima do armazém de livros com interligação feita por meio de monta-cargas elétricos. Assim, o livro se encontra a uma distância mínima do leitor, fazendo um percurso vertical e de apenas um pavimento. No edifício, mil estudantes podem trabalhar à vontade e simultaneamente. O edifício foi construído em 17 meses e meio.

e não podem desfrutar da mesma publicidade. Os documentos históricos chegam a enormes quantidades.

b) O propósito da implantação de arquivos é, principalmente, a preservação dos documentos legais, a documentação da história, as informações científicas de natureza social.

c) Os arquivos se diferenciam quanto à propriedade (arquivos oficiais ou privados), quanto à publicidade (arquivos públicos ou secretos), quanto ao objeto (arquivos administrativos ou científicos).

2. *Histórico*

Na França, a Assembleia Constituinte, mediante confisco, abriu para o Estado, isto é, para todo mundo, uma grande quantidade de arquivos privados e coleções particulares: arquivos, bibliotecas e museus da Coroa, arquivos e bibliotecas de conventos e corporações de ofícios extintas. Eles foram divididos entre algumas instituições nacionais. O mesmo aconteceu em menor escala na Alemanha, Espanha e Itália.

O arquivo nacional da França contêm vários milhões de documentos, distribuídos em cerca de 300 mil caixas, maços, classificadores e pastas; crescem a cada dia com documentos que as administrações não precisam mais para os negócios correntes. Na Inglaterra, uma comissão real de 1914 tratou da questão dos arquivos. (Ver Relatório Edwards, nº 13.)[1] Na Rússia, o governo soviético tomou uma série de novas medidas para a centralização e arranjo dos arquivos.

3. *Arquivística. Métodos*

A ciência dos arquivos, criada por Mabillon com o nome de diplomática, continuou a se desenvolver. Métodos muito precisos foram desenvolvidos para a organização de arquivos.[2] Foi tema de debates em associações de arquivistas e congressos internacionais de bibliotecários e arquivistas. A forma como os arquivos são tratados tem identidades fundamentais com o tratamento de livros em bibliotecas: arranjo em armazéns, inventários e catálogos, comunicação pública das peças, etc. Mas também há diferenças marcantes.

4. *Inventário e modos de conservação*

a) Sempre que possível, os materiais de arquivo devem ser ordenados como estavam no momento em que existiam os órgãos e administrações de onde provieram, e o inventário deve refletir esse arranjo. A restauração dessa ordenação primitiva quase sempre é possível. A duração eterna, a qual se deve mirar nos trabalhos dessa espécie, só pode ser obtida pelos inventários baseados no arranjo racional que se deduz do próprio arquivo. Por conseguinte, é necessário respeitar os fundos (princípio da proveniência) e dar ao inventário uma imagem exata do órgão ou instituição cujo arquivo se queira dar a conhecer. (J. Cuvelier). "Um fundo ar-

---

[1] "Existe o arquivo dos serviços secretos do Intelligence Service que faz parte do arquivo do Foreign Office, dos ministérios, do castelo de Windsor (documentos que passam à condição de históricos, mas que dizem respeito às intrigas palacianas), do British Museum (sem indicação de procedência), da Scotland Yard (retratos de espiões), do Almirantado e do War Office (plantas, gráficos, planos de contra-espionagem). O arquivo do Intelligence Service é protegido contra atentados e incêndios criminosos. Existe, no mundo, gente muito bem situada que adoraria encontrar uma forma de destruir certas pastas." (Les hommes aux mille visages.) *Indépendance Belge*, 21 oct. 1933.)

[2] *Manuel pour le classement et la description des archives*, par S. Muller, J. A. Feith et Fruin. Traduction française du hollandais, adaptation aux archives belges, par Jos. Cuvelier, adaptation aux archives françaises, par H. Stein. La Haye: A de Jager, 1910.

quivístico bem ordenado deve oferecer na organização dos documentos a imagem exterior da estrutura orgânica do Estado, assim como o bom arquiteto deixa adivinhar pela fachada a destinação e a estrutura interna do edifício" (Léopoldo Galcotti).

b) Na maioria dos países, foi feito um esforço considerável para analisar sistematicamente os arquivos: tabelas, índices, diretórios, inventários e catálogos de documentos. Os arquivos assim tratados analiticamente são os materiais ordenados da história. Obras sintéticas da história podem envelhecer, não mais atender às ideias do momento, enquanto que os arquivos mantêm-se permanentes. "A tarefa do arquivista deve consistir exclusivamente", diz J. Cuvelier, "no trabalho de análise que ele colocará à disposição do historiador. *Sic vos non vobi* ['assim como vós, não para vós']. Durante seu horário de expediente, o arquivista será o enciclopedista da história, fornecendo, por sua vez, informações sobre documentos de todas as partes da história." – R. Galli propôs formar em Roma uma coleção completa de inventários impressos de todos os arquivos do mundo (*Nuova Antologia*, juglio 1895).*

* Galli, Roberto. Per gli archivi di Stato. *Nuova Antologia*, v. 58, n. 14, p. 242-258, luglio 1895. [N.E.B.]

c) Os arquivos históricos são conservados de três formas: classificadores, pastas e caixas. Os classificadores apresentam a forma de origem que não pode ser modificada. Caixas de papelão devem ser evitadas ao máximo possível, exceto para cartas e diplomas (pergaminhos e selos) que devem ser colocados em envelopes e reunidos em caixas que os protejam. As pastas constituem o modo mais prático. Elas são extensíveis à vontade, ocupam o mínimo de espaço e, dispostas nas prateleiras, facilita que se perceba as que foram retiradas.

5. *Centralização*

Na França, projetou-se que os arquivos de todos os ministérios ficarão subordinados a um único órgão. Na Áustria, o sr. Redlich pediu que os arquivos formassem um órgão único que abrangesse todos os arquivos do Estado, tanto os da administração central quanto os das províncias, e incluiria uma equipe conjunta com um diretor científico. O sr. Mayr propôs que todos os arquivos estivessem reunidos em um mesmo prédio. Napoleão I teve a ideia de reunir em Paris os arquivos de toda a Europa, e, para começar, enviou para lá os do Vaticano, do Sacro Império Romano-Germânico, da Coroa de Castela, etc., que mais tarde teve que restituir.

6. *Relação entre a documentação administrativa e o arquivo*

O termo 'arquivo' refere-se a depósitos de títulos e documentos autênticos de toda espécie que interessem a um Estado, pessoa, cidade, instituição pública ou privada, empresa ou indivíduo. Relações orgânicas devem ser estabelecidas entre o arquivo corrente que constitui a documentação das administrações e o arquivo histórico. 1º Convém que as grandes instituições transfiram periodicamente para o arquivo do Estado os documentos que se tornaram desnecessários para o serviço atual e que são para isso identificados de comum acordo por uma comissão composta por funcionários das instituições e do arquivo do Estado. A transferência é uma operação que visa a desafogar e melhorar a segurança dos arquivos, colocando-os à disposição dos trabalhadores científicos. É feita de acordo com as circunstâncias. Às vezes, a lei a regula. Em alguns casos, por exemplo, a nova legislação torna inúteis os documentos anteriores. Foi proposto fixar o prazo médio de vinte e cinco anos, admiti-

das exceções. Uma duplicata do catálogo é transferida com o arquivo. O original, no entanto, permanece com a administração para que possa, a qualquer momento, solicitar o retorno das peças de que possa precisar. Os depósitos arquivísticos são, em certo sentido, ramos do serviço de documentação das instituições. Eles são, no que tange a itens do passado, 'centrais dos centros de documentação'.[1] 2º Convém que o processamento do arquivo corrente seja assegurado de tal forma que, após sua transferência para os depósitos arquivísticos, ele exija apenas um mínimo de arranjo e catalogação. Se o arquivo administrativo (documentação administrativa, documentos modernos) fossem bem ordenados no momento de sua constituição, esse arranjo permaneceria após o recolhimento ao arquivo.

7. *Eliminação de documentos*

Vários países adotaram disposições muito específicas para o descarte e a eliminação de certos documentos de arquivo (ver os regulamentos dos arquivos inglês e italiano). Qualquer documento oficial deve ser mantido como propriedade do Estado. Todo órgão da administração deve ter a faculdade de transferir, a qualquer momento, para o arquivo do Estado (serviço central ou departamental) os documentos que não são mais utilizados. Em todo órgão da administração, uma pessoa deve ser designada como responsável pela guarda dos documentos e sua eventual transferência para o arquivo nacional. A direção deste, jamais de modo isolado, deve ter o direito de ordenar a destruição das peças de acordo com os várias órgãos interessados da administração. A Guerra Mundial destruiu enormes quantidades de materiais de arquivo, embora, por outro lado, tenha preparado muitos para o futuro.

8. *Arquivos econômicos e sociais*

a) Foram criados arquivos econômicos e sociais contemporâneos: coleções de documentos, impressos ou manuscritos, que interessam à história de um município do ponto de vista artístico, econômico, social e político. Não se trata de livros ou folhetos, que têm seu lugar em uma biblioteca, mas de folhas avulsas distribuídas em logradouros públicos, prospectos de lojas comerciais, preferencialmente prospectos ilustrados ou acompanhados de amostras, programas ilustrados de teatro, etc., em suma, todo um conjunto de documentos da vida cotidiana, de caráter extremamente fugaz e, consequentemente, condenados, por parte de particulares, a uma destruição imediata.

b) Foram instituídos, principalmente na Holanda, vários depósitos arquivísticos de grandes empresas comerciais.

c) Seriam necessários (localmente, regionalmente, nacionalmente, internacionalmente) depósitos gerais onde fosse possível para todos, gratuitamente, no caso de instituições científicas públicas ou de utilidade pública, e, para os demais, mediante pagamento, depositar os documentos de uso pouco frequente, mas que são importantes não destruir. Esses depósitos podem ser instalados fora dos grandes centros.

9. *Uma Internacional dos arquivistas*

O Instituto Internacional de Cooperação Intelectual reuniu, em 1931,

[1] J. Cuvelier, *De la nécessité des versements périodiques des documents administratifs dans les dépôts d'archives*. Comunicação no Congresso Internacional de Ciências Administrativas 1910. (4-1-12).

um comitê internacional de arquivistas, cujas sessões serão doravante periódicas. Este comitê é formado por diretores de arquivos nacionais de nove países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Itália, Grã-Bretanha, Países Baixos e Suíça. Em sua estimativa, o trabalho de coordenação das administrações dos arquivos centrais deveria concentrar-se, principalmente, na publicação de um guia internacional de arquivos, no intercâmbio de fac-símiles paleográficos, na unificação da terminologia, bem como no intercâmbio de professores e conferencistas entre as diferentes instituições ou escolas de formação de arquivistas.

264 Os órgãos da administração. Documentação administrativa (Departamentos, secretarias, arquivos correntes)

264.1 Noções fundamentais

a) Define-se a documentação administrativa (diferente da documentação científica) como aquela que tem origem na administração das coisas. É o conjunto das operações documentárias e dos próprios documentos que registram, inscrevem, tomam nota da atividade prática na medida em que ela acontece, para fins de comunicação, memória e comprovação.

b) A documentação administrativa constitui o conjunto de ferramentas da administração. É o conjunto das peças que informam os chefes e os funcionários e lhes permitem que, em qualquer circunstância, tomem decisões com conhecimento de causa. Assim como uma fábrica elabora produtos, uma administração produz documentos. Contudo, se, na fábrica, o produto é o objetivo, na administração, o objetivo é a atividade administrativa, que só pode ser exercida com o acompanhamento de documentos, incorporando-se neles.

c) A documentação administrativa refere-se a qualquer administração. Quer se trate de órgãos públicos (a administração propriamente dita) ou de organizações privadas; de organizações com fins lucrativos ou fins econômicos ou sociais; de organizações que sejam pessoas jurídicas ou escritórios e estúdios de pessoas físicas, os princípios serão os mesmos, um mesmo método orientará a documentação administrativa em todas suas formas e em todas suas aplicações.

d) Os ingleses dizem *registration* (*record department*). Os alemães dizem *Registratuur*. Os franceses dizem *archives* e às vezes *enregistrement*, mas o primeiro desses termos também é usado para designar o documento histórico e o segundo [*enregistrement*] também é aplicado a um órgão de fiscalização, o cartório de registro civil. Como nenhum deles, ademais, abrange exatamente o conteúdo do que devem significar, parece melhor usar a expressão 'documentação administrativa'.

e) A documentação administrativa deriva diretamente da própria administração a qual é modelada pela organização adotada para a atividade (trabalho).

264.2 A administração. As transformações que ocorreram paralelamente às transformações da sociedade

1. *Posição no conjunto*

A documentação administrativa ocupa o seguinte lugar na tabela sinóptica das coisas e propriedades, apresentada segundo um desenvolvimento dicotômico. a) A vida humana e as outras formas de existência. b) A sociedade e a parte não social da existência do homem. c) O governo e a vida social privada. d) A administração e outros modos de atividade

oficial. e) A documentação e as outras funções da ordem administrativa.

2. *A administração*

A noção de documentação administrativa é uma função das noções de documentação, por um lado, e de administração, por outro.

Contudo a noção da documentação se transformou, como também a noção de administração. Apesar das aparências, apesar dos retrocessos momentâneos, locais ou especiais, a civilização e o progresso geral acontecem em todos os lugares, transformando todas as coisas. Não levar em conta os grandes problemas a partir desse ponto de vista significa não compreender ou compreender erroneamente o processo em que estamos inseparavelmente envolvidos. Este lema triádico deverá prevalecer: 'Uma nova civilização, uma nova administração; uma nova administração, uma nova documentação'.

3. *Processos que acontecem nas sociedades*

Os principais processos que acontecem simultaneamente e influenciam as necessidades da documentação são, especialmente, estes:

a) Nossa sociedade se 'economiza' ou se 'industrializa' cada vez mais, isto é, ela baseia sua vida material no desenvolvimento das máquinas, na grande produção e, por conseguinte, na concentração de todas as funções econômicas.

b) Ela se 'intelectualiza', isto é, o empirismo é substituído pela racionalização ou pela aplicação racional da ciência.

c) Ela se 'universaliza', isto é, estende suas estruturas e atividades ao mesmo tempo nos vários campos (ligações próximas de todos os setores da vida social); no espaço (todos os países); no tempo (continuidade evolutiva do processo visando a um desenvolvimento progressivo constante).

d) No conjunto das atividades sociais, ao lado das atividades de pessoas e grupos, as atividades do Estado e suas divisões (central, regional, local) aumentam de importância como órgãos de coordenação das atividades individuais e como agentes de atividades coletivas úteis a toda a comunidade.

e) A administração assume novas formas que exigem, em sua totalidade, o desenvolvimento da documentação.

4. *Novas formas características da administração*

a) Quer se considere a fórmula comunista (coletivismo, marxismo) ou a ditatorial (fascismo), o resultado é um desenvolvimento das funções do Estado em ambos os lados e, como corolário, o da administração.

A concepção de uma administração limitada teve que ceder, em quase todos os lugares, à concepção de uma grande intervenção dos poderes públicos na vida econômica, social e intelectual. Bem no extremo encontra-se hoje a administração comunista da Rússia soviética. A Alemanha está semissocializada. Em Viena, na Áustria, o município participa de 66 empresas, principalmente de construção, engenharia elétrica e maquinaria. Essa participação excede a metade do capital de algumas empresas e mesmo a totalidade de outras.

A grande transformação é que atualmente a administração deve estar a serviço do público e não o contrário, como no regime aristocrático ou oligárquico em que a administração era instrumento do príncipe ou das elites privilegiadas. Já a administração, como órgão da coletividade,

deve assumir tudo o que puder fazer com eficiência e em comum, por via regulamentar, ao invés de confiar isso a particulares deixados por conta própria. A administração surge então como um enorme aparelho, uma máquina que requer que se saiba como dominá-la, a fim de que ela, por si mesma, não se torne senhora de seus mestres.

b) Aos formatos tradicionais, a administração adiciona novas formas. No momento, empresas ou serviços de natureza mista crescem enormemente. Até o presente momento, as formas jurídicas da atividade do poder público na ordem econômica eram apenas a *régie* [empresa pública] e a concessão. A *régie*, em que o poder público se torna empresário, é a responsável por administrar o serviço, por sua conta e risco, por contratar seus próprios empregados e funcionários, a quem ordena e dirige e que recebem vencimentos e salários fixos; a concessão é quando o poder público confia a implantação e operação do serviço a um empresário privado, ou mais frequentemente a uma empresa, que suporta o risco da atividade, mas geralmente é a única a auferir lucros e que, sujeita apenas a cumprir o que está estipulado em contrato, pode administrá-la de acordo com os métodos e sob as condições que lhe parecerem melhores.

A estes dois sistemas e como modalidade acrescentem-se o sistema de *régie intéressée*, onde a atividade é confiada a um concessionário (indivíduo ou empresa), remunerado proporcionalmente à despesa e aos lucros, e o sistema de arrendamento, ou entrega da operação a um intermediário que paga uma taxa fixa, ficando com o excedente dos lucros.

A fórmula da economia mista associa a autoridade concedente, representante do interesse público, com outros sócios, representantes do caráter industrial da empresa; nesse caso ocorre a partilha entre as duas partes contratantes dos encargos sociais, das responsabilidades da administração, dos lucros e das perdas. Esta fórmula vincula de alguma forma o poder público com a atividade privada. Oferece uma conciliação entre o direito público e o direito comercial; serve de intermediário entre a administração e a economia.

A sociedade anônima pode ser a forma jurídica dada à empresa de economia mista, em que o poder público aporta uma contribuição em bens ou dinheiro e, como compensação, recebe ações que lhe conferem votos deliberativos e inclusive lugares no conselho de administração; lugares, além do mais, que lhe podem ser reservados independentemente de eleição, devido ao seu caráter de autoridade pública e dos interesses gerais que representa.[1]

c) A administração comparada revela a existência de novas estruturas e novas atividades administrativas. Vejamos alguns exemplos. Na organização municipal moderna de Viena funciona um serviço de controle (*Kontrollamt*). Tem três atribuições, teoricamente distintas, mas praticamente interdependentes que são: o controle de gestão, o controle das contas e o controle da organização.

No que diz respeito à gestão, o dever final do serviço de controle é manter o município informado de forma contínua e completa sobre os resultados de suas atividades e descobrir quaisquer imperfeições econômicas. Seus funcionários examinam diariamente no local as operações econômicas. Eles se asseguram de que os dados e registros contábeis estão conformes com a realidade. Quanto ao controle organizacional, esta

[1] Relatório de Maurice Felins em *L'Administration Locale*, 1930, p. 938.

é condição essencial para que o controle da gestão e o das contas possam ser exercidos de forma eficaz. Deve aprovar projetos que modificam a organização ou tomar iniciativas nesse sentido. Durante as suas verificações diárias, ele é capaz de reunir uma vasta experiência e beneficiar imediatamente todas os órgãos municipais com as constatações feitas em um deles no que concerne a imperfeições ou aperfeiçoamentos.

d) Algumas grandes organizações (a aviação na França, por exemplo) são capazes de constituir verdadeiras integrações de todas as técnicas. Sua estrutura consiste em serviços completos e paralelos onde o número de restrições é reduzido ao mínimo e cada um acompanha diretamente seu trabalho: o serviço de pesquisas, o serviço técnico, o serviço de fabricação, o serviço de bases externas e, para a informação de todos, o serviço do centro de documentação.

e) Ao mesmo tempo, estamos testemunhando a criação, dentro da própria administração, de órgãos de coordenação e de ligação. Citemos as transformações trazidas aos órgãos do governo central da Inglaterra com o advento do governo trabalhista; os planos apresentados na França para tornar a presidência do conselho um órgão de coordenação entre os vários ministérios (trabalhos do grupo de estudos administrativos Fayol sobre essa matéria). O plano implementado na Sérvia-Croácia.

f) Há tempos, em vários países, organiza-se a mobilização da nação para caso de guerra. Isso é acompanhado por uma vasta organização paralela, meio militar, meio civil.

5. *A racionalização do progresso*

De fato, hoje todas as forças ativas da sociedade lutam contra a rotina e o empirismo a favor do progresso e da racionalização. Mas foi sobejamente demonstrado que a rotina encontra um fulcro nos regulamentos administrativos que, pela lentidão com que são elaborados, estão amiúde atrasados quanto à técnica, mesmo no dia de sua aprovação. Uma melhor documentação da administração evitará parcialmente esse defeito inadmissível. Os regulamentos da administração devem hoje ter uma forma flexível para se adaptar ao progresso. Seus dados essenciais devem ser periodicamente revistos e corrigidos à luz de novas descobertas. A cooperação constante é necessária entre os órgãos administrativos, as organizações científicas e as grandes indústrias.

6. *A ciência e a administração*

O papel da ciência foi gradualmente introduzido nos assuntos sociais, e a ciência passou a atuar tanto na administração quanto na documentação.

a) Na época da autocracia, eram os conselheiros particulares do príncipe, pessoas arbitrariamente escolhidas por ele, e cujos conselhos, dados secretamente, não precisavam necessariamente ser seguidos.

b) Depois surgiu a organização de uma hierarquia de funcionários a redigir relatórios e fazer propostas, mas que eram funcionários remunerados, sem dispor de qualquer independência de espírito. O problema permanece aberto, ainda hoje, quanto ao direito de o funcionário dever obediência a ordens irracionais ou às quais sua consciência faz objeção.

c) Os especialistas foram nomeados em seguida.[1] Eles são designados com base em sua competência reconhecida e, presume-se, livre de qual-

[1] Em meados de janeiro de 1930. o governo espanhol publicou uma nota oficial com o seguinte trecho:

quer obstáculo na apresentação de sua opinião. Suposição simples, no entanto, porque o próprio fato de sua designação implica uma escolha interessada e, de fato, o especialista raramente é independente.

d) A organização objetiva da atividade científica, estabelecendo um estatuto regulatório das relações entre as autoridades públicas e seus órgãos administrativos, por um lado, e, por outro lado, os organismos científicos independentes com as atividades ou serviços dos quais são incumbidos por convenção.

264.3 O problema e sua solução

O problema geral da documentação administrativa pode ser formulado assim: 1º Como as unidades administrativas (Estado, províncias, municípios) podem oferecer a qualquer momento e dar a conhecer aos seus cidadãos a apresentação documentária de sua situação? 2º Como sair da desordem para a ação e alcançar uma cooperação cada vez mais regular e ampla, do nível local e nacional ao internacional? Como fazer para que cada organização possa estabelecer sua própria documentação, a caminho de uma organização mundial das atividades humanas e um plano mundial?

A solução proposta é a seguinte: a) Conceber como una e indivisível cada unidade administrativa prevista, qualquer que seja sua divisão em órgãos distintos (diretorias, departamentos, seções, serviços, etc.). b) Apresentar, de início, uma exposição, uma descrição analítica e integral, um estudo da situação da entidade em questão (documentação estática). c) Registrar, sistemática e continuamente, todas as mudanças específicas que ocorrem nessa situação, à medida que aconteçam, e de uma forma que contemple, elemento por elemento, do menor ao maior, individualmente e em conjunto, os dados dessa situação (documentação dinâmica). d) Periodicamente comparar a representação intradocumentária assim obtida com a realidade externa documentada, fazendo todas as correções e ajustes necessários.

264.4 Princípios gerais de organização

1. *Organização*

Todo órgão (estabelecimento industrial, comercial, administrativo ou científico) constitui uma unidade que requer, para seu funcionamento normal, um certo número de 'documentos' ou registros diversos, na forma de folhas, fichas, quadros, encadernados em livros, cadernos ou cadernetas, ou destacados e móveis (formulários no sentido geral da palavra). É de grande interesse que esses documentos formem uma unidade correspondente (unidade do órgão documentário) e que, por conseguinte, façam-se simplificações, complementos e sequências. E o mesmo se dirá da obra, do instituto, do estabelecimento, do serviço e da administração pública. A empresa é uma obra na qual a vida se manifesta por múltiplos movimentos que devem ser seguidos e contabilizados, se quisermos estar cientes de como o órgão se comporta. Mas, na vida da empresa somente existem movimentos interiores. Essa obra que a simboliza está em contato com o exterior; é preciso conhecer os movimentos de troca existentes, há condições que repercutem em um e outro (Eugène de Fages).

"Convencido da injustiça da campanha de difamação levada a cabo no estrangeiro contra a situação econômica da Espanha, o governo decidiu convidar quatro ou cinco especialistas estrangeiros para visitar a Espanha e estudar a situação, a fim de emitir uma opinião abalizada."

A todo órgão (indivíduo, administração, empresa, etc.) correspondem quatro ordens de unidades que interferem entre si e se combinam. 1º Unidade real (física). 2º Unidade jurídica (estatuto). 3º Unidade contábil (patrimônio). 4º Unidade documentária.

A divisão de qualquer órgão ocorre na forma de serviços, departamentos ou seções, que incluem a coexistência de pessoas, coisas, locais e imóveis, tudo no estado estático, e, no estado de funcionamento dinâmico, as atividades no tempo e no espaço.

2. *Ação organizada*

A ação organizada (o trabalho) resulta na implantação de certo número de fatores essenciais cuja existência e relações recíprocas podem ser reduzidas aos doze termos da seguinte fórmula:

"No objetivo (A), especificado e desenvolvido de acordo com o plano (B); distribuídos no tempo de acordo com o programa ou orçamento (C) de acordo com as instruções e ordens (D) em conformidade com os métodos (E), submeter a matéria e os objetos (F) a uma série de operações (G) fazendo intervir os agentes pessoais, individuais ou coletivos (H), os agentes materiais (matérias, formas, ou propriedades) e as máquinas, ferramentas ou instrumentos (J) para obter os produtos ou resultados (K) destinados a serem integrados nos conjuntos (L)."

3. *Ação documentada*

O funcionamento de qualquer administração deve ser acompanhada de documentos. Durante as operações, um registro contínuo dos dados administrativos essenciais deve ser realizado, registro feito em documentos apropriados e que permitam uma constante circulação dos dados administrativos necessários ao trabalho em todo o órgão documentário. A documentação, desdobramento e espelho da ação assim definida, intervem para: 1º cada um dos doze termos previstos; 2º cada uma das suas relações mútuas, duas a duas, ou mais; 3º a cada momento do tempo de sua interação; 4º em cada lugar no espaço onde ela ocorre.

4. *Elementos da documentação*

1º As escritas que são simples ou compostas (analíticas e sintéticas) e tendem para redações unificadas e padronizadas (formulários). 2º Os conjuntos documentários ou coleções de dados documentados que contêm escritas semelhantes. 3º A ordenação atribuída às escritas no documento e também atribuída aos documentos do conjunto ou das coleções por eles formadas. 4º O continente ou receptáculo material dos documentos. 5º Os levantamentos (estatística, contabilidade, medições), a partir das escritas feitas, e que consistem em contagem cujos dados numéricos (totais, médias, coeficientes, índices) expressem, com base nos registros administrativos, o estado geral, absoluto ou relativo, dos dados 'administrados'. 6º Os relatórios periódicos com o objetivo de: a) determinar a situação dos elementos administrados em datas sucessivas (estado ou balanço); b) propor os objetivos seguintes, orientação e trabalhos. 7º As decisões que são: a) ordens, se forem de chefes hierárquicos; b) resoluções, se forem de órgãos ou colegiados competentes; c) convenções ou convênios no caso de acordos entre entidades independentes. 8º Os dados a serem registrados são todos de âmbito administrativo, mas podem ser de diferentes tipos: 1. contábeis, 2. jurídicos e legais, 3. técnicos.

5. *Características dos documentos*

Os itens incluídos na unidade documentária contêm as seguintes espécies e características: 1. os itens chamados impressos, itens manuscritos, itens recebidos de fora; 2º os itens produzidos internamente; 3º os itens de base (itens matrizes), itens originais e os deles derivados (resumos, extratos, elementos a serem colocados em outros itens); 4. os próprios itens, seu catálogo e o simples enunciado dos cabeçalhos ou índices usados para seu manuseio, distribuição e localização, ou seja, a classificação.

6. *Correlações*

Deve-se fazer a vinculação entre as publicações administrativas, a correspondência administrativa e todos os 'registros' de ordem administrativa que ocorram nas pastas, listas ou repertórios. Este princípio, que doravante se coloca, iluminará em muito o labirinto da documentação: a base e fonte primeira de toda documentação é formada pelos registros internos, estando em último lugar as outras duas formas (ou seja, as correspondências com destinatário conhecido, por um lado, e os impressos, por outro lado, que na verdade, são apenas correspondências para destinatários impessoais, universais, desconhecidos). Correspondência e impressos podem, em certo momento, anteceder seu registro, mas é importante neles inserir seus dados essenciais de caráter geral ou permanente, e imediatamente após sua confecção. Esta é a maneira de dispor de um repertório para os dados administrativos por múltiplos e variados que sejam os formulários e expressões. Um conjunto completo e contínuo que seja, para os dados e as administrações, seus elementos, seus agrupamentos, suas repercussões, o análogo daquilo que são na contabilidade as operações expressas em dinheiro.

Todos os dados administrativos e, portanto, todos os documentos que os contêm são relacionados uns aos outros segundo o princípio da classificação. Ela é sintética, procedendo do geral ao específico, de modo a passar de fatos e resultados gerais aos fatos individuais e particulares.

7. *Classificação*

A classificação minuciosa da entidade administrativa (estrutura, função, finalidade, órgãos, atividades, elementos com os quais ou na qual atua) é única, qualquer que seja a extensão.

8. *Formas da documentação*

A totalidade da documentação é representada por três ordens de elementos: a) arquivo de itens dispostos em pastas; b) repertório de registros organizados em fichas; c) atlas de quadros sintéticos que resumam e coordenem os dados de ambos de uma maneira sinóptica e visual. Arquivo, repertório e atlas complementando um ao outro, seu objeto comum é a própria realidade administrada. Eles são determinados separadamente do ponto de vista material apenas pelas necessidades da dimensão de seus itens e, do ponto de vista intelectual, pelas necessidades inerentes ao modo adotado para o registro.

9. *Plano*

O plano detalhado da entidade: plano elaborado de acordo com seu objetivo, seu programa e que seja uma projeção antecipada da realidade futura proposta para os esforços da entidade. Um orçamento é a parte

financeira de um plano, como a lei e o estatuto são a parte jurídica, um e outro complementam as outras partes do plano geral.

10. *Balanço administrativo*

A organização dos dados de forma que todos contribuam para constituir para a entidade o balanço administrativo de sua eficiência. Com isso é preciso entender uma disposição da documentação que, indo de resumo em resumo, e de condensação em condensação, torne possível não só representar e quantificar os fatores dominantes da vida total da entidade, com suas causas, consequências e incidentes, mas ainda, em relação a cada um deles, os coeficientes que mensurem, de acordo com o plano, os objetivos a serem alcançados. A eficiência será expressa pela diferença maior ou menor entre os números do estado atual e do estado proposto.

11. *Manual*

Elaborar, em cada órgão, um manual geral que contenha: 1º a classificação sintética do órgão em concordância com a Classificação Decimal Universal;[1] 2) uma descrição da organização e das operações a serem realizadas; 3) uma coleção geral de formulários com observações explictivas de seu uso.

12. *Partitura administrativa*

Aspirar a dotar a administração de qualquer órgão de um documento central, que coordene todos os outros documentos e que sirva para o comando e a visão de conjunto das atividades do órgão, análogo ao que é, para a coesão do trabalho dos músicos, a partitura do regente. A partitura orquestral tem tanto pautas horizontais quanto partes instrumentais, e essas pautas são cortadas verticalmente pelas barras de tempo, de modo a garantir o sincronismo perfeito entre todos os instrumentos. A 'partitura' administrativa deve ser dividida em faixas horizontais por serviços e subdividida, em seguida, por faixas verticais correspondentes aos momentos do tempo no qual as operações devem ser executadas. Em grandes organizações, a partitura administrativa pode ser concebida e originar, por duplicação, um mecanismo de rolagem automática da partitura e que acione, à distância, outros mecanismos secundários que desencadeiam a movimentação das partes relativas a cada serviço e emitindo um sinal de aviso visual ou sonoro.

264.5 Assuntos diversos

1. *Estatística, contabilidade e metria*

a) À documentação administrativa estão intimamente relacionadas a *contabilidade* (sobretudo: contas, balanços, orçamento, previsão, controle, contabilidade mecânica), a *estatística* (censos e estatísticas resultantes de registros administrativos, medições de fenômenos, coeficientes e constantes sociais, repertórios manuscritos e anuários impressos, estatística mecânica), a elaboração de *atlas administrativos*.

---

[1] Para os desdobramentos disso ver os trabalhos do Instituto Internacional de Bibliografia e de Documentação e as coleções-modelo e comparadas formadas no Palais Mondial. Em particular, ver: 1º A Classificação Decimal Universal. 2º O atlas administrativo. 3º A coleção comparada de formulários, por estabelecimento e em sua unidade orgânica por tipos de formulários empregados. 4º Os tratados de Paul Otlet: a) *Manuel de la documentation administrative* (publication nº 137); *Sur les possibilités pour les entités administratives d'avoir à tout moment leur situation présentée dcumentairement* (publication nº 162).

b) Estatística, contabilidade e metria são distintas. 1º Estatística é a contagem de fenômenos característicos de acordo com suas unidades naturais concretas: homens, casas, terra cultivada, etc. 2º Contabilidade é o registro do movimento dos valores econômicos de um patrimônio vinculado ao padrão de valor monetário, como o franco ou qualquer outro tipo de moeda. 3º Metria é a medida de todos os fenômenos característicos vinculados de cada vez aos padrões próprios a cada fenômeno. Embora sejam diferentes entre si, estatística, contabilidade e metria se relacionam estreitamente: 1º é preciso estabelecer unidades-padrão para cada categoria ou aspecto do fenômeno, como foi feito para a moeda; 2º lançar mão de contagens estatísticas para estabelecer suas medidas reais; 3º elaborar formulários gerais de situação de qualquer ponto de vista à maneira de contas ativas e passivas e balanços.[1]

2. *Documentação científica e técnica das administrações*

Paralelamente à organização da documentação administrativa, toda administração deve procurar organizar a documentação de acordo com os métodos e desideratos gerais relacionados à Rede Universal. 1º Publicações e catálogos de suas publicações. 2º Biblioteca e permutas nacionais e internacionais. 3º Bibliografia. 4º Pastas documentárias.

265 Os museus

265.1 Noções

a) Um museu público é todo edifício que serve de abrigo para a conservação de objetos relativos à arte, história, ciência ou indústria, e que está aberto ao público para o estudo desses assuntos (Henry Miers). Em princípio, um museu pode incluir animais e plantas vivas, livros e obras de pintura e escultura. Contudo, coleções desta natureza levam, respectivamente, o nome de jardim zoológico, jardim botânico, biblioteca e galeria de arte. O museu se diferencia de outras instituições de documentação na medida em que inclui peças tridimensionais, para serem vistas e não para serem lidas.

b) Os museus modernos são maravilhosas acumulações de objetos. São os armazéns da natureza e da civilização. Os museus de pintura, no início deste século, já contavam com mais de 25 mil obras. Quando o Natural History Museum de Londres ocupou suas instalações atuais, a transferência durou três anos. Só de peixes fósseis são mais de nove mil. O National Museum de Washington deu entrada a mais de 200 mil espécimes por ano. Mais de 150 mil vasos podem ser encontrados nos principais museus da Europa. O Musée Historique des Tissus de Lyon possui 400 mil amostras de tecidos.

c) Os museus tornaram-se 'tesouros' coletivos. São para toda a coletividade o que as antigas coleções reais eram exclusivamente para os detentores do poder, e também são, do ponto de vista intelectual, o que, do ponto de vista espiritual, eram os tesouros das catedrais. Os museus, por suas maravilhas, nos surpreendem, nos encantam, nos deslumbram. Sua visão causa-nos emoções saudáveis ou constitui uma lição profunda.

d) Os objetos reunidos em sua integridade ou por amostras (parte de um material homogêneo) são documentos devido à intenção que determina sua reunião (coleção) e porque são úteis para estudo, ensino e pesquisa.

---

[1] Ver Paul Otlet, Statistique et comptabilité de l'IIB nº 137 e 162 mencionados no Congresso Internacional de Contabiidade, 1923. Études sur le bilan mondial, *France Comptable*, 1932 e 1933.

e) A apresentação de objetos, estáticos ou em movimento, os museus, as exposições e as demonstrações guardam entre si as maiores afinidades e são, em certo sentido, espécies de um mesmo gênero, com base, por um lado, na visualização das coisas, por outro lado, no fato de que são peças essencialmente tridimensionais.

f) O sr. Paul M. Rea, presidente da American Association of Museums apresentou as seguintes observações:

[1]"A ideia essencial do museu, além de sua função de conservar os dados da ciência," diz o autor, "é a interpretação das ideias associadas aos objetos nas coleções. O museu apela ao órgão dos sentidos mais rápido e mais ativo que possuímos: o olho. Os museus são, portanto, instituições de ensino visual. Os princípios da educação visual são essencialmente os mesmos, independentemente da natureza do objeto, seja artístico, histórico ou científico; que atraiam o público em geral ou grupos selecionados. E todos ainda têm o problema da apresentação. Este problema envolve não apenas a técnica, mas também a psicologia e se compara com problema semelhante enfrentado pelo anunciante cuja tarefa é também chamar a atenção e imprimir ideias."

g) O desenvolvimento de um museu pode ser comparado ao de uma criança: o progresso visível de um dia para o outro é pequeno, embora o crescimento no final do ano seja grande. Um museu não pode ser considerado como algo realizado de uma vez por todas e pronto. A estagnação é a morte para o museu. A concepção desejável é a de um quadro sendo constantemente completado, melhorado quanto às peças expostas e os pontos de vista destacados.[2]

265.2 Museologia. Museografia

a) A *museologia* ou *museografia* é o conjunto de conhecimentos, princípios e regras práticas relativos à reunião, montagem e disposição de objetos reais para fins de conservação, estudo, ensino ou demonstração, seja em coleção permanente ou museu, seja pela utilização de objetos como auxiliares da grafia na demonstração das ideias.

b) Os museus suscitam em grande parte as mesmas questões que as bibliotecas: objeto e finalidade; organização (fundação e estatuto, direção, pessoal, membros); administração (finanças, orçamentos, receitas e despesas); operações (formação de coleções, catálogo, preparação, etiquetagem, inventário, catálogo, conservação, apresentação e demonstração). Museu, mapas de pesquisa, de documentação, de estudo, de divulgação e de informação.

c) Os museus de objetos e a museografia encontram seu lugar na documentação, seja quando considerados como parte integrante dela, em sentido amplo, seja como fontes auxiliares de informação, seja porque certos princípios e certos métodos são comuns a ambas as áreas, seja ainda porque existem estreitas ligações entre museus e bibliotecas.

O museu é o livro *in natura*.

---

1 *Bulletin of the International Association of Medical Museums*, Dec. 1922

2 Murray, D. *Museums, their history and their use*. 3 vol. Glasgow, 1904. – Flower, W.H. Le rôle et l'organisation des musées d'histoire naturelle. *Revue Scientifique*, v. XLIV, p. 385. – A report on the public museum of the British Isle. (Other than the National Museum) by sir Henry Miers to the Carnegie United Kingdom Trustee 1928. – Lowe, Dr. A report on American Museum work, by Dr. Lowe. Dunfermline Carnegie United Kingdom Trustees. – Coleman (Laurence Vail) *Manual for small museum*, New York. – *Mouseion*. Revue Internationale de Muséographie. Publiée par l'Office International des Musées, Paris. – *The Museum*. Illustrated journal devoted to museum activities and interests,

d) Foram criadas organizações para o estudo da museografia. Por exemplo, a American Association of Museums, a associação de museus alemães, a Junta de Museos de Ciencias Naturales, de Madri, etc.

A Repartição Internacional de Museus (International Museums Office), organizada pela Comissão de Cooperação Intelectual da Liga das Nações, estuda diversas questões de interesse direto para as administrações nacionais de belas-artes, principalmente a exportação clandestina de obras de arte, formação profissional de restauradores de obras de arte, precauções a tomar em caso de transporte marítimo, colaboração internacional entre repositórios de medalhas, estudo dos problemas da construção moderna de museus, unificação de catálogos de museus, elaboração de métodos unificados para a redação de catálogos e de etiquetas colocadas nos próprios museus, etc. A repartição publica a revista *Mouseion*.

265.3 Histórico

a) Noé levava na arca o mais lindo museu de história natural que jamais existiu. Alexandre Magno, segundo uma tradição aceita como mais ou menos verdadeira, durante suas expedições militares, reuniu uma grande coleção de animais que serviu a Aristóteles para escrever sua história natural. Alguns acreditam que isso era mais como uma espécie de jardim zoológico. Os antigos chamavam inicialmente de museu um templo dedicado às musas. Posteriormente, o nome passou a ser aplicado a qualquer local consagrado às musas, isto é, ao estudo das belas-letras, das ciências e das artes. Assim era o *museu de Alexandria*, que Ptolomeu II Filadelfo mandou construir em meados do século III aC, o qual continha, além de sua famosa biblioteca, salas de aula, aposentos para estudantes e alojamento para professores. Tudo isso foi consumido pelas chamas.

b) As coleções artísticas tiveram desenvolvimento diferente em Atenas: em uma das alas dos propileus eram reunidas obras de vários pintores famosos (pinacoteca). Em Roma, as obras-primas levadas da Grécia eram colocadas em lugares públicos. Os monumentos públicos eram adornados com pinturas; os cidadãos ricos reuniam curiosidades da natureza. Em Bizâncio, Constantino recolheu obras de arte e as distribuiu na cidade. Os soberanos e os ricos formavam as coleções públicas.

Na Idade Média não havia museus artísticos, porém as igrejas, conventos e abadias desempenhavam esse papel. Durante o Renascimento foram realizadas muitas escavações. Os soberanos, as cidades e os nobres possuíam coleções, mais ou menos valiosas, que se tornaram os núcleos da maioria dos grandes museus públicos. (Os Médici, Florença; os papas, Vaticano; o Escorial, Madri; Francisco I e Luís XIV, o Louvre). As coleções dos monarcas eram no início lembranças pessoais, uma coleção de retratos de parentes e pessoas íntimas; os tesouros privados, as insígnias e as joias da coroa, os móveis, as tapeçarias, os cristais, as porcelanas que os soberanos traziam de suas viagens ou que os embaixadores estrangeiros lhes ofereciam como presentes.

No final do século XVIII surge a ideia de utilizar as obras de arte para formar o gosto da população. [Na França] A partir da Revolução, as coleções que se achavam concentradas em conventos e museus são transformadas em instituições públicas. Ainda dependem, em alguns países, do domínio da Coroa, mas se tornaram inalienáveis. O Louvre foi o primeiro

museu verdadeiramente nacional da Europa. Durante as guerras do Império, os franceses se apossaram de muitas obras de arte, especialmente da Bélgica. Em 1801 foram criados depósitos em 15 cidades.*

Os museus científicos tiveram origem nos gabinetes de curiosidades naturais que nascem junto com as ciências naturais. Os progressos da navegação, as viagens, as descobertas, seguidas pelas grandes conquistas coloniais e, especialmente no século XVIII, a prática de enviar naturalistas em expedições distantes levaram a que fossem reunidas na Europa coleções de quase tudo que vive no globo, animais e plantas. Um longo e laborioso trabalho de descrição e classificação pôs em ordem uma multiplicidade de formas, do que resultou uma série de inventários que ainda nos servem hoje em dia. Para completá-los, outros seguiram os exploradores nas viagens rumo às última terras desconhecidas, outros percorreram os mares. Inúmeros amadores coletaram, em diversas regiões, todos os seres que lhes interessavam. Há cinquenta anos, os navios oceanográficos revelaram um novo mundo, que vive nas profundezas das águas. O censo dos seres vivos enriquece-se constantemente com novas formas. A partir de 1619 é publicada uma lista de gabinetes científicos. Em 1681 é instalada a sala de anatomia e o anfiteatro público da universidade de Leiden. Por volta de 1750 é fundado o museu de Brückmann, em Wolfenbüttel, o qual contém curiosidades mecânicas. As oficinas dos alquimistas antigos, os gabinetes de física, os salões científicos do século XVIII são contribuições para a formação dos museus científicos.

* Pelo decreto de 31 de agosto de 1801, foram criados em quinze cidades francesas depósitos regionais para abrigar os s obras de arte nacionalizadas pela Revolução. Isso deu início à institucionalização dos museus franceses. O decreto também é conhecido pelo nome de Jean-Antoine Chaptal, ministro do Interior, que o redigiu. [N.E.B.]

265.4 Transformações dos museus

Uma transformação semelhante à que ocorreu nas bibliotecas parece estar em vias de acontecer nos museus. Ela toma diversas direções:

1° Os museus eram outrora conservatórios de objetos raros e preciosos. Sem alterar essa sua característica, também procuramos transformá-los em centros de documentação dos objetos expostos (documentos tridimensionais); complementar os objetos, seja reproduzindo-os seja mostrando suas ligações e seu encadeamento, ou fazendo comentários sobre eles com a ajuda de textos selecionados. 2° Os museus, formados por objetos originais, constituem coleções necessariamente incompletas. Fazem-se esforços para reproduzi-los em réplicas de diferentes tipos, ou modelos em escala reduzida, e assim possibilitar a integração de séries formadas pelos originais que façam parte de uma coleção. 3° Havia museus apenas para certas áreas do conhecimento e algumas atividades práticas. Gradualmente, o museu foi se tornando uma forma e um método que se aplicam a todos os campos (ciência, técnica, sociologia, história, literatura, medicina, comércio, direito, etc.). 4° Em uma mesma localidade, museus e coleções estavam separados, dispersos, largados nos locais onde as circunstâncias os tinham originado. Surge a ideia de um museu geral, coletivo, universal. Os diversos museus não são mais considerados apenas como departamentos ou ramais de um museu central, da mesma forma que as coleções das bibliotecas não são consideradas como acervos e os estabelecimentos como sucursais. 5° O museu era autônomo e isolado entre todas as instituições de natureza intelectual. Costuma ocupar um lugar coordenado em todas essas instituições de acordo com o princípio superior de uma organização geral do trabalho intelectual: Relações do museu com o livro (biblioteca), com o ensino (escola e universidade), com a pesquisa (institutos) e com aplicações sociais (a vida em geral). 6°

O museu, por sua organização, permanecia sempre com um caráter local, regional ou nacional. Agora, consideramos cada vez mais o conjunto dos museus de uma localidade, de uma região, de um país e de todos os museus do mundo. E isso não vale somente para o intercâmbio de coleções, mas também para a cooperação em trabalhos de desenvolvimento conjunto.

265.5 Métodos

O trabalho museográfico consiste em: 1° reunir as peças; 2° identificar as peças; 3° classificá-las; 4° etiquetá-las; 5° elaborar o catálogo; 6° dedicar um registro especial para as peças ou conjuntos notáveis; 7° organizar os objetos nas chamadas séries de vitrinas e de reservas ou exposições e demonstração em galerias públicas para estudos; 8° organizar a divisão do trabalho de cooperação.

1. *Colecionamento*

As coleções não devem ser reunidas aleatoriamente. É necessário um método, uma sistematização no colecionamento de objetos selecionados, especialmente os solicitados ou criados. O colecionamento não deve restringir-se às contribuições fortuitas de doações. Devem-se distinguir as salas de exposições que constituem a maior parte das reservas, onde a exclusividade não é imperativa. O sucesso de um museu passa por ter um plano bem definido, um sistema organizado de colecionamento de objetos para que, em seguida, possa atrair a contribuição de terceiros, tanto de peças quanto de dinheiro para adquiri-las.

2. *Classificação*

É um fator essencial em museus ou bibliotecas. Vários métodos foram adotados, segundo o tipo de museu, com base na natureza dos objetos ou naquilo que diferencia a instituição. Adota-se uma ordem histórica (cronologia, escola), geográfica (países, regiões) ou simples (de acordo com o sistema utilizado nas ciências). Em seguida, para ordenar os objetos, a mesma ordem que a dos textos nas obras, os dois tipos de documentação, bibliográfica e museográfica, são apresentados como complementares entre si. Em um museu do tipo documentário, o visitante encontra os objetos reunidos sistematicamente em uma representação evocativa da vida, do que se conhece e que é essencial no conjunto desses objetos e em cada um deles.

3. *Catálogo*

Os museus organizados possuem seus catálogos, cujo papel é semelhante ao catálogo das bibliotecas. Mas, neste caso, tendo em vista o número relativamente menor de peças e sua ordenação sistemática, a descrição das peças e as indicações de procedência puderam ser ampliadas.

Os catálogos de museus constituem uma literatura considerável. As ampliações e as transformações de museus originam novas edições de catálogos, que precisam ser atualizados, ampliados, detalhados e aprofundados com descrições cada vez mais fidedignas.

Os catálogos têm um valor muito desigual; seria útil estabelecer condições mínimas para tais obras. Os catálogos de objetos e os de livros implicam simples registros sinaléticos ou registros minuciosos; uma única ordem de coisas ou várias ordens (por número de inventário, por

registro, por país, por data, por categoria de objeto). São feitos em forma de manuscritos ou impressos, em fichários ou classificadores; são de uso restrito pela administração dos museus ou colocados à disposição do público. O catálogo, guia prático do museu, apresenta o material conforme a ordem das salas. Uma introdução geral apresenta imediatamente o visitante ao próprio espírito das coleções expostas. Os museus, graças a alguns catálogos por eles elaborados, fornecem respostas para buscas de informações e seus vastos repertórios tornam-se centros de estudos. Esse foi, por exemplo, o propósito original do museu germânico [Germanisches Museum]. Do mesmo modo que se faz em relação aos livros, existem os catálogos coletivos ou comuns, catálogos de catálogos, listas (cadastros ou anuários) de coleções e museus.[1]

4. *Apresentação. Moldagem*

Existe toda uma gama de técnicas de moldagem, de apresentação de peças e da arte de fazer demonstrações: cortes de máquinas que mostram mecanismos que se acham comumente ocultos; máquinas acionadas ao se apertar um botão ou uma alavanca elétrica; dioramas ou palcos em miniatura, nos quais os objetos são montados como numa representação teatral; cinema e projeções à luz do dia (*daylight motion picture*) complementando os objetos com imagens em movimento, etc.

5. *Locais*

As instalações do museu deram origem a edifícios característicos que constituem um grupo importante entre os edifícios monumentais. Como toda arquitetura, esta tende a ser cada vez mais funcional. As instalações, portanto, apresentam toda a diversidade possibilitada pelas circunstâncias e recursos disponíveis. Em princípio, não devemos nos sujeitar a formas e espaços existentes, mas torná-los adequados para as exposições e não o contrário. Para que o museu venha a ter o formato de um tratado visual, objetivo e sinóptico, a distribuição dos espaços será feita com base no mesmo princípio que, em um livro, preside a distribuição do conteúdo por capítulos, seções e parágrafos, até chegar à frase e à palavra. Portanto, serão adotados espaços retangulares grandes e bem iluminados, divididos por meio de divisórias móveis dispostas de modo a formar salas, suportes e painéis.

6. *Cooperação*

A cooperação e assistência mútua no campo dos museus têm sido até hoje limitadas. A cooperação pode assumir várias formas: a) distribuição de duplicatas; b) permuta; c) empréstimos temporários; d) conferências para discutir pontos de interesse comum; e) associações de museus. Um sistema central de museu municipal com galeria de arte e filiais nos vários distritos da cidade foi estabelecido em Glasgow, Hull, Manchester e Norwich. O sistema do País de Gales estabeleceu relações com o museu nacional de Cardiff e os museus locais.

265.6 Exposições. Feiras. Mostras

[1] Para herbários, temos, por exemplo: 1° a lista de herbários das administrações públicas, sociedades e particulares; 2° a lista alfabética de autores e colecionadores, com indicação dos herbários que podem ser consultados sobre amostras autênticas, com referências às fontes que permitem afirmar os fatos. Menção à localização atual das coleções.

a) Os museus relacionam-se com as exposições, que são locais, regionais, nacionais ou internacionais, temporárias ou permanentes (museus fixos ou circulantes); particulares e especializadas ou gerais e universais.

b) As exposições universais internacionais são das festas ou eventos públicos que caracterizam os tempos modernos. Mansart já havia inaugurado no Louvre (1609) exposições de pintura e escultura.* Um século depois (1798), ainda em Paris, houve a primeira exposição de produtos da indústria. Exposições desse tipo não tardarão a se multiplicar na França e no estrangeiro. Mas a primeira *Exposition Universelle Internationale* ocorreu apenas em 1851 em Londres, no Crystal Palace. Vieram em seguida: a primeira exposição universal internacional de Paris (1867); as de Viena e Filadélfia (1876); a terceira de Paris (1878); a quarta, a mais espetacular, em 1889; a de Chicago (1893), durante a qual se realizou o famoso parlamento das religiões; a de Paris (1900) e as recentes nos Estados Unidos, em St. Louis e Chicago. Na Bélgica, Bruxelas, Antuérpia e Liège.

c) São organizadas exposições que reconstituem, por algumas semanas, alguns conjuntos que existiram certa feita mas se dispersaram com o tempo. Por ex. : a exposição Grenier des Goncourt (Paris, maio de 1933, 473 números).

d) As exposições têm grandes semelhanças com os museus. Como estes, elas apresentam peças para exibição, porém, com uma duração temporária e não permanente. Exposições, de certa forma, são coisas que viajam acompanhadas de pessoas que as explicam.

e) Após as exposições itinerantes ou circulantes, houve exposições em trens ou barcos. Assim, foram organizados trens-exposição com até 18 vagões, estacionados em muitas cidades (trem canadense, trem belga).

f) As feiras, cujas origens remontam à Idade Média, tiveram um grande desenvolvimento após a guerra. Baseadas na apresentação de amostras, elas se aproximam das exposições.

g) Uma exposição pode ser uma operação documentária quando o objeto em exibição for um documento: 'Mostra', como se diz em italiano. E existe a exposição do manto sagrado de Cristo, em Trier.

A renovação de métodos transforma as exposições. Assim, a exposição da revolução fascista, em Roma, tornou-se eficaz para a propaganda: uma arte dinâmica, apaixonada, senão brutal, que reúne em uma síntese cambiante e exasperada os objetos mais díspares. O jornal, o cartaz, a música, a caricatura, a fotografia, a insígnia, o emblema, o vestuário, a arma, a bandeira. (E. Condroyer.) Os 18 mil documentos fascistas foram expostos em 30 salas, não no formato neutro, acadêmico e solene de museus de arte, mas de um modo agressivo e diferente que se mostra a igual distância do espetáculo teatral e da publicidade.[1] Buscou-se, por meio de luzes, cores e formas, suscitar no visitante um estado de tensão da alma, preparando-o para os documentos que ele irá descobrir.

265.7 Monumentos. Sítios. Ruínas e escavações

a) Os monumentos são documentos do ponto de vista científico, histórico ou estético. São as obras de arquitetura criadas pelo homem, antigas ou novas, preservadas ou em estado de ruínas. São também os locais naturais.

b) Monumentos e sítios são descritos, catalogados e reproduzidos.

[1] Ver *Bruxelles*, janvier 1934, p. 4.

São adotadas medidas para seu tombamento (a título de patrimônio nacional). Existem organismos incumbidos de sua proteção. (Comissões de sítios e monumentos.)

c) Escavações foram feitas em vários lugares desde tempos remotos. Neste século, um recrudescimento nas escavações, devido à rivalidade e à cooperação entre vários países, descobriu centros arqueológicos de primeira importância em todas as partes do mundo. Por exemplo, a expedição sueca em Chipre descobriu mais de 18 mil objetos. Alguns protestos se levantaram contra a profanação de túmulos, e se chegou a ver na morte violenta dos violadores a intervenção dos poderes mágicos dos faraós perturbados em seu último sono.

27 PESSOAS

Participam da documentação organizações e pessoas especializadas. Uma exposição sistemática e completa desse tema exigiria que aqui fosse abordado de forma independente. Teríamos, assim, uma análise e uma síntese integrais. Mas, para evitar repetições, delimitamos o tratamento desse tópico aos diversos assuntos especiais com os quais guardam afinidades, e também na seção 4 *Organização*.

a) O livro é um dos produtos da atividade humana que requer as operações mais distintas. Estes, ao longo do tempo, foram separados, de acordo com os princípios de divisão e cooperação no trabalho, entre uma série de pessoas e funções.

b) Os *autores* (escritores, cientistas, jornalistas) produzem o manuscrito das obras. Eles são os criadores dos livros e quem os assinam. Eles detêm a propriedade autoral, que podem ceder a terceiros, no todo ou em parte. Os *editores* se incumbem de sua distribuição e de todas as operações comerciais; são, de certo modo, os empresários gerais do livro, agrupando, sob sua direção, os diversos ofícios e profissões. Eles tendem a se especializar em um gênero. As *gráficas* (tipógrafos, litógrafos, gravadores, fotogravadores, etc.) reproduzem o livro em múltiplos exemplares, encomendados pelos editores ou pelos autores. As *livrarias* lidam com a venda de livros novos. Elas são depositárias das editoras. Os *sebos* (livrarias de livros usados, de livros raros, alfarrabistas) cuidam de livros que não são novos. Os *bibliógrafos* fazem catálogos e descrições de livros. Os *críticos* os avaliam. Os *bibliotecários* os conservam e difundem.

c) O mundo do livro conta com uma poderosa organização coletiva: associações e sindicatos; câmaras ou bolsas do livro com centralização de encomendas; organizações para exportação e expedição para o exterior, catálogos coletivos, publicações profissionais. Regulamentos e contratos coletivos, bem como legislação local, nacional e internacional, organizam as relações jurídicas do livro e daqueles que com ele trabalham.

d) Há organizações que correspondem a cada uma das principais funções, atividades, grupos e pessoas. Ex.: gráficas, livrarias, bibliotecas, arquivos, centros de bibliografia e documentação, etc.

28 CORRELAÇÕES ENTRE OS DIVERSOS ELEMENTOS DO LIVRO E DO DOCUMENTO

280 Generalidades

Um estudo geral das correlações aplicáveis aos livros tomará por base o quadro a seguir, do qual apenas algumas partes serão aqui discutidas.

281 Correlações em geral: relações entre os vários elementos, partes,

espécies. Função do livro e do documento.
282 Correlação com as idealidades:
.1 O verdadeiro (a ciência).
.2 O belo (a estética).
.3 O bem (a moral). O livro e a ação.
283 Correlação com as utilidades:
.1 Saúde. Higiene.
.2 Economia.
.3 Lei.
A tabela geral de relações encontra-se *in fine* neste livro.

283.2 A economia e o comércio dos livros. Biblio-economia

O livro, sua confecção, sua circulação, sua conservação, sua distribuição e sua utilização dizem respeito a atividades econômicas. Existe uma biblio-economia.

Por outro lado, como os fatores econômicos influenciam o livro?

O livro e a economia. No livro estão presentes as três categorias econômicas: o capital das editoras, a mão de obra dos trabalhadores das indústrias do livro e a inteligência dos autores. Pode-se também classificar os autores entre os trabalhadores, dado o papel preponderante que desempenham na confecção do produto e, por outro lado, o fato de sua contribuição intelectual não se aplicar à direção da própria indústria do livro.

Estudado sob seu aspecto econômico, o livro nos faz nele reencontrar as grandes categorias da época moderna.

1. A divisão do trabalho.

2. Comercialização: um novo valor que se agrega aos outros.

3. O industrialismo, o capitalismo (maior participação dos capitais fixos na instalação de gráficas).

Produção. Todas as questões econômicas gerais são pertinentes ao livro.

Elas estão voltadas para a organização das cinco forças: capital, trabalho, conhecimento, consumo e Estado coordenador.

A organização dos autores em relação aos editores, dos leitores em relação tanto a uns quanto aos outros por preço e qualidade.

Se se levam em conta os custos de transporte nos Estados Unidos, os custos do seguro, os direitos aduaneiros, as comissões e a diferença no preço do papel, pode-se facilmente calcular que um livro vendido na França por 3,50 francos seria vendido nos Estados Unidos, se fosse impresso lá, ao preço de 2,00 francos e talvez até abaixo desse valor.

A parte dos autores. Trabalho intelectual. Viver da mente: escrever nos jornais, fazer traduções, dar aulas.

A comercialização do livro. Reclama-se do mercantilismo dos proprietários que, em vez de exercer o papel de juízes magnânimos, só se preocupam em enriquecer. Pode-se até reclamar do mercantilismo dos 'mercadores de papel'.

A literatura industrial que, conforme Nisard denunciou, busca exclusivamente o sucesso, isto é, as tiragens.

No futuro, um poderoso sindicato de literatos e editores lançará, em profusão, no mercado mundial, uma abundante e desprezível literatura de guerra. Essa literatura militarista, somada à literatura policial, se desenvolverá de forma intensa e complexa. (Guilbeaux.)

Convém que os produtores intelectuais, os artistas, os homens de le-

tras e os cientistas encontrem meios de sobrevivência, que não tenham que depender de obras que criam para sua satisfação interior, e cujo valor o público não consegue apreciar com rapidez suficiente que lhes permita viver como produtores.

Como pode a inteligência proteger-se da tirania do ouro? Charles Mauras abordou essa questão em *L'avenir de l'intelligence*.

As confederações de trabalhadores intelectuais nos diferentes países e a Confederação Internacional dos Trabalhadores Intelectuais (CITI) estão envolvidas na defesa dos interesses econômicos e legais dos escritores.

A Société des Gens de Lettres [Paris] trata dos interesses materiais dos autores. Um folhetim terá sua reprodução proibida nos jornais que não a tenham negociado antes com essa sociedade.

O campo da documentação é dividido entre comercialização (atividade de industrialização e de entes privados que atuam com objetivo de lucro) e seu inverso (atividade de indivíduos e entes de caráter público ou privado que atuam sem objetivo de lucro e em benefício da comunidade).

O comércio dispõe de meios quase ilimitados na forma de capital rentável. Este, por meio de pagamentos antecipados ou crédito, permite realizar trabalhos com retorno financeiro de longo prazo. A comunidade dispõe de fundos públicos e recursos voluntários, que também são consideráveis, mas não estão disponíveis para pagamento de trabalhos e serviços com a quantidade, velocidade e regularidade desejáveis.

Existe agora um desenvolvimento simultâneo nas duas direções: de um lado, comercialização de serviços públicos, e, de outro lado, o trabalho científico. A tradição considerou que as atividades e serviços intelectuais eram práticas alheias ao comércio; é o caso dos cientistas, poetas, filósofos e sacerdotes. (Os clérigos não faziam nenhum trabalho servil.) Havia, portanto, para os bens intelectuais, uma espécie de comunismo, embora o pequeno número de letrados e escritores no passado houvesse determinado uma diferença entre bens intelectuais e bens morais, os quais, desde muito cedo, estiveram disponíveis para compartilhamento entre todos (obras de religião, moral, obras de salvação). Hoje em dia, o socialismo e o comunismo, afastados de início daquilo que concerne à intelectualidade, pretendem instituir certas obras como serviços públicos. (Ex: organização de bibliotecas, museus, editoras, livrarias e bibliografias, na Rússia soviética.)

Por outro lado, a edição de livros tornou-se quase inteiramente comercial; as revistas, os jornais, as livrarias e a crítica, também. Existem gabinetes de leitura, com assinaturas pagas e direito de retirar obras por empréstimo para leitura domiciliar. Existem centros de documentação comerciais.

283.4 O direito e o livro

1. *Em geral*

O direito, cujo objeto é a regulação das relações sociais, estende seu domínio para as coisas do livro. Trata-se, por um lado, da liberdade e da regulação da imprensa (impressão, venda, circulação), e, por outro, dos direitos privados resultantes das obras escritas, ou seja, o vasto domínio da propriedade literária. O último direito compreende duas partes bem distintas: o direito de garantir a individualidade da obra, que seria uma extensão da individualidade do autor [direito moral], e o direito aos be-

nefícios econômicos da obra como objeto com valor monetário [direito patrimonial] .

Liberdade, personalidade e propriedade são os dados das instituições gerais de natureza jurídica. Apresentam-se a propósito do livro e do documento. Onde há uma ou mais coisas, objetos de produção, um ou mais agentes humanos de produção e um processo produtivo, existem direitos sobre coisas ou direitos de pessoas ou relacionados a pessoas, e direitos de fazer ou não fazer.

Toda uma legislação, local, nacional e internacional rege o livro. Ela é ampliada por convenções coletivas e voluntárias, aprovadas por associações e sindicatos. A liberdade de expressão, a censura oficial. Os direitos autorais, as disposições relativas aos impressos e à imprensa, a colocação de cartazes, a venda de porta em porta, a venda e a distribuição de material impresso pelos correios são partes do direito da documentação. Os contratos coletivos entre autores e editores, entre sindicatos de tipógrafos e proprietários de gráficas, entre livrarias e editoras, e entre bibliotecas são dispositivos e regulamentos que organizam a vasta matéria documentária no âmbito das leis gerais e especiais.

2. *Direito internacional*

O direito internacional de autor foi definido pela convenção de Berna. Aprovada em 1886, revista em 1908 e em 1914, garante nos países que a ela aderiram a mesma proteção a todo autor de um Estado membro semelhante à concedida aos nacionais do país em causa, mesmo quando essa proteção for mais ampla do que a prevista na lei de direito autoral estrangeira. Protege todas as obras literárias ou artísticas, no que tange aos direitos de reprodução, tradução, representação e adaptação. Os Estados Unidos não fazem parte da convenção de Berna; pelo sistema de *copyright*, um autor, para ter seus direitos ali respeitados, deve ainda fazer o registro de sua obra e pagar uma taxa. Há um movimento favorável à adesão dos Estados Unidos à convenção. A URSS aplicou o comunismo ao domínio literário assim como o fez ao domínio econômico. Ela se apropria de todas as obras estrangeiras que julga interessantes e delas faz o uso que lhe parecer conveniente.

A convenção de Berna de 1886, revista em Roma em 1928, voltará a ser revista em 1935. Na sessão de 18 de maio de 1934, da Académie Diplomatique Internationale, o sr. Ernest Lemonon preconizou o depósito legal internacional e o estabelecimento de sanções internacionais para as violações do direito de autor.

Criação de um direito de domínio sobre as obras estrangeiras proposta na congresso do livro de Paris.

Os cidadãos devem estar garantidos, em sua pessoa, seu domicílio, seus documentos e seus bens, contra qualquer busca e apreensão. A Constituição da Pensilvânia afirma isso formalmente (art. 8, cap. 1, da lei de 1873).

** A elaboração deste tratado, cuja impressão teve curso durante o ano de 1933, foi interrompida em 1934 por causa dos lamentáveis acontecimentos relativos ao fechamento do Palais Mondial, descritos* in fine. *Os incidentes que antecederam esse fechamento ocorreram quando a composição havia chegado à página 328.**

* Correspondente à p. 511 desta tradução. [N.E.B.]

3

Os livros e os documentos

Unidades ou conjuntos considerados do ponto de vista da bibliologia comparada

30 Generalidades

O livro e o documento, tendo sido contemplados em si mesmos (parte 2), devem ser considerados também como uma unidade individual concreta, como um conjunto e em sua totalidade. Daí o quadro a seguir, do qual apenas algumas partes são consideradas abaixo.

31 Livros como unidades.
311 Obras individuais, livros famosos ou que correspondem a peculiaridades interessantes (monografias bibliográficas).
312 Obras de um mesmo autor: suas relações.
313 Obras de uma mesma categoria de autores: suas correlações.
32 Livros e documentos como conjuntos.
321 Nos diversos assuntos (ciências e atividades práticas).
322 Nos diversos países (distribuição de livros no espaço).
323 Em diversas épocas (evolução, história do livro).
324 Em diversas formas (classes de livros). A literatura.
325 Nas diversas línguas (o livro nas línguas).
33 Livros e documentos considerados em sua totalidade.

323 História do livro

1. *História das várias partes do livro*

O livro tem uma longa história: cada um de seus elementos, cada uma de suas partes e de suas espécies é o produto de um desenvolvimento às vezes muito lento. – Escrita: o livro tem suas origens na escrita figurativa e no traçado de signos convencionais. (Paleografia: ciência das escritas). – Suporte: foi inicialmente inscrição mural (epigrafia), tabuinhas ou cilindros de argila, placas de bronze, cera ou ardósia. Mais tarde, o livro foi escrito em papiro e pergaminho, depois em papel originário da China. – Forma: teve, na Antiguidade, a forma retangular, com placas de cera justapostas; era feito de folhas sobrepostas e reunidas no formato de códice. Hoje, ele costuma ser de folhas ou fichas, móveis ou reunidas em pastas móveis (monografia). – Reprodução: foi escrito à mão (manuscrito), depois gravado em madeira (xilografia), em seguida composto com tipos móveis (imprensa, Gutenberg). Foi reproduzido em pedra (litografia), depois pela fotografia (fotogravura, heliogravura, fototipia), mais tarde por processos químicos (processo anastático ou revivescência de tintas). – Ilustração: Remonta à mais alta Antiguidade, iluminura, miniatura, depois gravura em relevo e oca. – Encadernação: muito antiga, torna-se uma arte em Bizâncio no século X, desenvolveu-se na Itália no século XVIII, na França nos séculos XVI e XVIII, e renasce hoje.

2. *História geral*

a) Antiguidade. Invenção e transformação das escritas, constituição das línguas em linguagens literárias. O papiro. As primeiras literaturas: a formação dos gêneros literários. Primeiros ensaios de redação nas ciências. Conservação de textos sagrados em templos e palácios. Influência da escravidão: o círculo estreito de letrados, filósofos e sábios. As poligrafias *de omni re scibili*. Os primeiros enciclopedistas: Aristóteles.

b) Idade Média. Os bárbaros destroem as bibliotecas. Os monges copiam os manuscritos. A era dos manuscritos: no século XIII, a invenção do papel de trapo. A Idade Média, grande por sua arte, sua filosofia, sua teologia. Poucas criações literárias. Desenvolvimento quase nulo das ciências. Os 'espelhos' e as 'sumas', formas da ideia enciclopédica.

c) Renascimento e tempos modernos. O Renascimento descobre a Antiguidade. Época da erudição: reprodução, tradução, comentários de obras. Invenção da imprensa, por volta de 1436. Ela se espalha por toda a Europa com a Reforma. Desenvolvimento da gravura. As guerras de religião usam os livros. No século XV, o livro é formado com as características essenciais que conserva até hoje. Plantin em Antuérpia (por volta de 1550). Fundação, em Paris, da Bibliothèque Nationale (1595) e da imprensa nacional. Os primeiros jornais. A constituição das ciências em corpos de doutrinas autônomas. Século XVIII: as ideias agitam o povo. A enciclopédia de Diderot e d'Alembert. O papel dos livros, panfletos e jornais políticos na Revolução Francesa. Século XIX: as invenções mecânicas aplicadas à produção do livro; a reprodução fotomecânica da imagem; o triunfo da democracia; a difusão do ensino; o regime constitucional nos grandes Estados fundamentado na liberdade de expressão e de imprensa; o progresso na organização administrativa dos Estados e o papel dos impressos de todos os tipos no concernente a isso. Desenvolvimento das ciências com base na divisão do trabalho; organização racional do comércio e da edição de obras científicas; as revistas, os jornais informativos. O comércio livreiro e a indústria editorial tornam-se universais, as bibliotecas gigantescas e as edições gigantescas. Organização internacional do livro e da documentação.

3. *As fases*

Toda história é dividida de duas formas: por data (cronologia) e por fases (faseologia [*phaséologie*], estágios, épocas). Em virtude da primeira, limitamo-nos a indicar a localização de um acontecimento no tempo; em virtude da segunda, indicamos a divisão do tempo de acordo com a duração de alguns acontecimentos de grande importância, aos quais os outros se subordinam ou são por eles influenciados, e que ocorrem segundo uma certa proporção. A cronologia é comum à história geral e à história específica, embora neste último caso seja feita menção apenas dos fatos gerais que influenciam os fatos específicos e, quanto a estes, somente os fatos relativos à história especializada, excluindo outros. As fases, ao contrário, são distintas, dependendo se for uma história geral ou uma história específica, e diferentes também segundo cada história específica.

A história geral divide-se em Pré-História, Antiguidade (cinco mil anos), Idade Média (mil anos), Idade Moderna (350 anos), Idade Contemporânea (120 anos). Do ponto de vista *material*, a história do livro apresenta os seguintes grandes fatos que delimitam outras tantas fases: 1. antes da escrita; 2. invenção da escrita; 3. invenção do papel; 4. inven-

ção da imprensa, revistas e jornais; 5. leitura generalizada e produção em massa; 6. multiplicação da imagem; 7. novos substitutos do livro (rádio – fonógrafo – filme).

Do ponto de vista *intelectual*, a história do livro pode ser dividida em um número muito diversificado de fases que se confundem com as da história das ciências, das letras, das artes, da educação e da vida econômica, social e política.

Ao estabelecer as fases do desenvolvimento histórico de cada elemento e de todo o conjunto, a partir de vários pontos de vista, chegamos ao resultado de uma melhor compreensão de toda a evolução.[1]

4. *História dos livros e história das realizações*

A história da literatura é a história dos livros e da influência dos livros. Não é a da política. Por longos períodos, os pensamentos expressos nos livros e a condução dos assuntos políticos foram fatos bastante distintos. Quando se passa à ação as coisas mudam. Não se trata apenas de argumentar, discutir e propor, é preciso procurar agir. Enquanto estiver na presença só de escritores e leitores, o valor de uma ideia dependerá exclusivamente da inteligência e do talento do autor, da aceitação e da compreensão dos leitores. Se, ao contrário, partimos para a ação, é a realização que conta. Assistimos a uma opinião reformista transformar-se em uma opinião agressiva e, depois, uma opinião revolucionária. (Daniel Mornet.) História de ideias de um lado, história das atividades do outro.

324 O livro e a literatura

1. *Noção*

a) A literatura é o conjunto da produção literária de um país ou de uma época. Em sentido amplo, literatura pode também abranger todos os tipos de livros. Uma parte importante da bibliologia deve consistir em estudar as leis gerais de produção, intercâmbio e consumo literário.

As obras de literatura fornecem o manancial mais abundante para o estudo comparado do livro, dos vários pontos de vista bibliológicos.

É à literatura que também se deve a maior parte da produção bibliográfica. Para muitas pessoas, os livros se reduzem ao livro literário.

b) No prefácio de *Les contemplations*, Victor Hugo definiu assim o conteúdo da literatura: "Estas são, de fato, todas as impressões, todas as lembranças, todas as realidades, todos os fantasmas vagos, risonhos ou funestos, que podem conter uma consciência, retornando e relembrando, raio a raio, suspiro a suspiro, se misturando na mesma nuvem escura. É a existência humana que sai do enigma do berço e termina no enigma do caixão; é um espírito que vive de brilho em brilho, deixando para trás a juventude, o amor, a ilusão, a luta, o desespero, e que para, desvairado, 'no limite do infinito'. Começa com um sorriso, continua com um soluço e termina com o toque de um clarim no abismo. Um destino é escrito no dia a dia." A literatura descobre uma alma, um coração, um sofrimento, uma virtude, um vício.*

c) Do ponto de vista individual, a literatura responde a este objetivo: "buscar sua alma em outra alma, explorar o eterno monumento deixado pelos clássicos antigos, beber deste rio fértil, perceber a luz dos sóis que no passado percorreram o mundo com seus magníficos raios, frequentar

* Hugo, Victor (1802–1885). *Les contemplations*. 5e éd. Paris: Hachette, 1858, p. i. A última frase, depois das aspas, não está no texto de Victor Hugo. [N.E.B.]

[1] Muller-Lyer. *Phasen der Kultur. The history of social development* implementou esse método em sociologia, especialmente na economia.*

a sociedade das grandes mentes."

A multidão, qualquer que seja ela, ama a literatura. Ela aprecia as invenções dos poetas, o drama da fantasia, as descobertas da inspiração. Ela sabe que os romances não são mais do que segredos de família, e essa audaciosa revelação aguça a curiosidade de todos os circunstantes incapazes de se exprimir.

d) A literatura é tão vasta quanto o pensamento humano. É a manifestação intelectual da humanidade no que ela tem de mais elevado com as artes, a ciência e as invenções.

Para criar uma literatura, era necessário que o homem tivesse lazer. Em todos os lugares onde ele conseguiu criar um pouco, a literatura imediatamente floresceu.

Em suas múltiplas formas — poesia, teatro, história, oratória — a literatura foi a primeira mestra dos povos. De início sua base era o estudo e seu objetivo era expor brilhantemente aqueles fatos naturais sobre os quais se erigiu a ciência moderna. Ela surge logo na infância das sociedades, assim que o homem aprende a coordenar suas ideias e possui meios para transmiti-las. Inicialmente ela fixa, em um idioma incorreto e tosco, os fatos memoráveis, transmite os nomes dos heróis, dos pastores de povos ou dos domadores de monstros; mais tarde, fortalecida, ela descreve os grandiosos espetáculos da natureza; canta as guerras e entoa hinos aos deuses.

Depois que a literatura produziu, assim, uma certa quantidade de obras notáveis, o próprio exame dessas inspirações diretas cria outra fonte de literatura — a crítica —, que julga e compara entre si as produções das eras precedentes.

e) A literatura não é um espelho da sociedade. A expressão literária pode reforçar certos traços da realidade, pode lutar contra outros ou ignorá-los. A literatura não é um reflexo, mas uma recomposição da vida. Muitas vezes ela exprime divergências que na realidade são compensadas e desaparecem. Uma psicologia das nações que se baseie na literatura corre o risco de levar a resultados enganosos e artificiais.[1]

f) Utilidade da literatura. Diversos objetivos podem ser atribuídos à literatura. A literatura deve servir ao povo, conectar as gerações entre si, desenvolver a consciência da humanidade. Ao destruir formas obsoletas, construir com os novos elementos e conservar o patrimônio e os conhecimentos, estará, ao mesmo tempo, a serviço da tradição e da revolução.

g) A literatura deu origem: 1° às próprias obras, à sua reunião nos melhores textos: 2° aos escritos sobre as obras literárias, escritos esses divididos em quatro grupos: a) exposições sobre a sequência das obras produzidas; b) literatura comparada; c) crítica literária (ver seção 254); d) teoria literária (ver seção 224.1).[2]

O estudo literário das obras chegou a minúcias extremas com a nova disciplina conhecida como estilometria. Por exemplo, para estabelecer a cronologia dos escritos de Platão, Wincenty Lutosławski criou um método completo (*The origin and growth of Plato's logic*, 1897). Este método tem seu ponto de partida em uma pesquisa cuidadosa de mais de 500 peculiaridades que caracterizam o estilo dos escritos tardios de Platão, o *Timeu* e as *Leis*. Foi descrito para os leitores de língua francesa pelo sr. P. Tannery, em um artigo na *Revue Philosophique* (1899, p. 159).

---

[1] Curtius. *Essai sur la France*. Paris, Grasset, 1932.

[2] Verest, J. (S. J.). *Manuel de littérature. Principes. Faits généraux. Lois*. 3e éd. 676 p.

2. *Histórico*

a) As literaturas, como conjunto das produções dos escritores de uma nação, um país ou uma época, geraram produções inumeráveis, dentre as quais muitas obras magistrais. Houve sucessivamente as literaturas indiana, hebraica, chinesa, grega e latina, e as literaturas italiana, espanhola, francesa e alemã. Temos também as literaturas russa, escandinava, holandesa e flamenga, húngara, polonesa e romena. E, em geral, cada língua possui suas obras literárias, especialmente as línguas que recentemente alcançaram a liberdade: a literatura letã, lituana e finlandesa, e todas as literaturas específicas das nacionalidades que constituem a Rússia Soviética.

b) As literaturas evoluíram em grande parte de maneira conjunta; no Ocidente, elas se originarem diretamente das literaturas greco-latinas. O antigo francês e o antigo provençal — as línguas de *oc* e de *oïl* — derivadas principalmente do latim, criam obras comuns e imitadas em todos os lugares (épicos franceses). Nos séculos XV e XVI, a Itália era uma fonte luminosa da qual outras nações emprestavam sua luz. A Inglaterra e a França também resplandecerão simultaneamente no século XVI; no início do século XVII, a França foi buscar na Espanha o modelo para seu teatro, e da Itália trouxe os madrigais. No final do século XVII, ocorre o contrário: a Itália e a Espanha os emprestam à França. No século XVIII, escritores franceses que admiram a Inglaterra trazem de lá a filosofia e mais tarde o teatro. A Rússia produz uma literatura em grande parte francesa. No século XIX, o Romantismo, e depois o Realismo, pertencem a todos os países. No século XX surgem formas de literatura internacional.

3. *História da literatura*. (Literatura comparada)

a) A história literária, em sentido amplo, deve ligar-se à história das formas literárias, das formas bibliológicas e documentárias e à do conteúdo das obras. Ela compreende, por intermédio das obras, a história das ideias, do sentimento e também da ação.[1]

b) História da literatura. Demogeot (*Histoire de la littérature française*) definiu assim esta história:

"Não eram apenas escritores, artistas da linguagem, mais ou menos hábeis, que buscamos nesta longa revisão literária; era a elite dos espíritos de cada tempo, os representantes intelectuais da nação. Todo pensamento sobre o qual uma época foi vivida, toda ideia que serviu de tocha para uma geração, estava necessariamente reproduzida para nós em sua forma privilegiada. [...] Vista assim, a história da literatura francesa era a própria história do homem em uma grande escala, um estudo de psicologia sobre o gênero humano. Seguimos com emoção religiosa a grande biografia desse indivíduo imortal que, como diz Pascal, sempre vive e aprende constantemente. Cada época literária era um dos momentos de seu pensamento; cada obra, uma das visões de sua mente, ou uma das batidas de seu coração."

c) A literatura nasce, floresce e morre. As obras correspondem à sensibilidade, aos gostos, à compreensão de uma época, de um momento, e depois se tornam obsoletas, passam, caem no esquecimento. Ocasionalmente, alguma delas sobrevive ou ressuscita. São as obras-primas ou a obra de qualidade tal que será somada ao tesouro dos séculos.

---

[1] Ex: *Histoire du sentiment religieux en France*, par l'abbé Brémond.

d) As histórias da literatura constituem, para as obras literárias, os melhores inventários selecionados, ordenados e críticos.

"A crítica trata somente de obras literárias, isto é, de ideias, sentimentos, experiências e sonhos que a arte revestiu de eternidade. Cada vez mais, a literatura circunscreve seu campo ao estudo do coração humano." (Lanson, *Histoire de la littérature française*, 1411.)

e) Os tratados de literatura, mesmo os mais enriquecidos com citações traduzidas de forma mais ou menos fiel, tornam as obras conhecidas apenas vagamente. A única maneira de estimá-las pelo valor justo é reportar-se a seus textos originais.

f) É quase impossível comparar as diferentes literaturas entre si do ponto de vista de seu valor respectivo, pois, para não mencionar as preferências possíveis, existem poucas pessoas para quem mais de duas ou três literaturas são familiares.

g) Muitos fatores poderosos influem para dar à literatura o mesmo caráter universal de que se reveste a ciência e a própria civilização. (Literatura e internacionalização.)

4. *Literatura oral. Tradição*

a) A tradição é a transmissão oral de histórias, verdadeiras ou falsas, de boca em boca e por um longo período. É a memória da humanidade (Gabriel), a ligação do presente com o passado (Lacordaire), o ponto de partida de qualquer especulação sobre o futuro (Proudhon). Existem tradições históricas preservadas na memória por narrativas épicas; tradições míticas, produtos espontâneos da imaginação, interpretando à sua maneira a natureza e seus fenômenos, tradições que remontam às origens da humanidade, mas obscurecidas e alteradas. Muitas nações, que não possuíam o livro, foram reduzidas a confiar apenas à memória suas leis e seus poemas.

b) A literatura falada estava na origem; continuou pela Antiguidade e a Idade Média, e continua se aperfeiçoando. Um século atrás, os irmãos Grimm recolheram uma coleção de contos populares alemães. Os contadores de histórias, verdadeiros artistas orais, possuem o talento inato do detalhe e aquele tempero precioso capaz de prender o ouvinte.

A literatura oral ainda existe hoje. Por ex., os bantos do Congo belga. Os idiomas ali são múltiplos. Os apólogos e os contos da floresta datam de origens muito distantes. Sua linguagem é cheia de ordem e método. Em suas histórias encontram-se pontos de contato com as dos egípcios e outros povos civilizados.[1]

5. *A matéria literária*

a) O material literário assim como o material científico (ambos alimentam o material bibliológico) está se desenvolvendo e se expandindo.

Toda a história literária demonstra essa lenta elaboração. Raramente temos exemplo de uma elaboração espontânea.

b) "O gênio clássico teve suas grandes belezas, mas pode ser criticado por não ter punido os vícios e crimes de deuses e reis, ao emprestar-lhes uma nobreza de linguagem que dificilmente correspondia à vileza de seus sentimentos. O romantismo opôs o grotesco ao sublime, a feiura à beleza, o interesse pessoal ao altruísmo, e concedeu aos crimes e aos vícios hu-

[1] G. D. Périer. *Musée du Livre : Exposition du livre colonial*. Octobre 1931.

manos um lugar frequentemente exagerado. O novo gênero literário terá de se impor a augusta missão de penetrar nos refolhos mais recônditos da alma para nos revelar todas as nuances, todas as fragilidades das qualidades e virtudes humanas. Com uma competência que não só superará todos os riscos da monotonia, mas também ressaltará o valor moral incomparável, sustentáculo da beleza literária elevada a seu máximo apogeu."

c) Prosperidade ou crise, ordem ou revolução, guerra ou paz, as obras literárias brotam de modo inesgotável. Veja-se a nova literatura russa. No prefácio de *La défaite* [*Razgrom*], de Aleksandr Fadeev (Éditions Sociales Internationales), Maurice Parijanine escreve: "Nossa literatura proletária tem uma tarefa essencial: mostrar como, na atmosfera de uma grande revolução social, o 'homem velho', qualquer que seja sua origem, reage aos acontecimentos, como se forma o homem de uma nova era, que pertencerá de corpo e alma à coletividade, que será membro ativo e útil em um estado socialista..."

E vemos obras como *Nós* [*M'i*], de Zamiatin, descrevendo o contrário, num universo caracterizado pela mecanização a todo o transe, entre a razão e a imaginação, a ordem estabelecida e a atração subversiva da revolução, entre o individualismo e a sujeição completa à coletividade, entre a noção do bem, representando tudo o que é admitido, e a noção do mal, representando tudo o que o homem sufoca nele mesmo.

d) A literatura contemporânea tem sido, sucessivamente, romântica, idealista, parnasiana, realista, simbolista e inflamada de ideais internacionalistas.

Duas grandes correntes permeiam a literatura atual: 1° aqueles que proclamam a literatura pela literatura; 2° aqueles que dizem que literatura significa vida glorificada, vida consolada. O ofício forja o pensamento do escritor, assim como o pensamento forja seu ofício. Alma, coração e inteligência devem estar unidos em cada ato, a cada minuto do dia. Só escreva com a mão que age.

6. *Gêneros literários*

a) Há uma multiplicidade de gêneros literários.

Passados os embates entre clássicos e românticos, um acadêmico dizia em 1824: "Os gêneros foram reconhecidos e consolidados, não podemos mudar sua natureza nem aumentar seu número".

Dumas, pai, ao receber *Madame Bovary*, de Flaubert, escreveu: "Se isso for bom, tudo o que escrevemos desde 1830 não vale nada".

Na verdade, entre os diferentes gêneros literários não houve solução de continuidade. Na Idade Média, a história se misturava com romance e o romance com a história.

Em literatura, novos gêneros foram inventados e reinventados, como, por exemplo, o gênero da opereta inventado durante o Segundo Império.

b) As mesmas formas, as mesmas ideias a serem expressas podem dar origem a vinte formas diferentes. Contos filosóficos, diálogos, discursos, conferências, fantasias, teatro. "Todo livro que exerceu sua influência em dado movimento da sociedade teve sua própria peculiaridade, que não permite classificação. O que são *Dom Quixote*, *Pantagruel* e *Fausto*?" (Sr. Barrés.)

Como forma de um mesmo patrimônio literário, e por ordem cronológica de aparecimento, o pensamento é expresso primeiro pelo romance; o teatro geralmente faz isso com atraso.

c) Descrição. Em uma descrição, não há ação ou pelo menos uma única ação. A ordem das partes é opcional.

É necessário saber como dividir os detalhes em alguns grupos distintos, a fim de dar à descrição toda a clareza desejada. Para isso, muitas vezes é preciso dar uma visão geral do objeto a ser descrito. Em seguida, indicam-se os diferentes pontos a serem tratados, os quais serão desenvolvidos gradativamente. Ao visitar um monumento, não basta percorrer sucessivamente todas as partes; é necessário ter uma visão de conjunto.

A descrição inclui o quadro e o retrato. O quadro é uma descrição, cujo título também serviria ao trabalho de um pintor, e que contém exclusivamente aquilo que o artista poderia fixar na tela. É uma descrição que se destina a substituir o quadro que não temos diante dos olhos. O retrato é uma descrição física e moral.

d) Narrativa. Em retórica, é a parte do discurso que inclui a narração dos fatos: a *exposição* a precede e a *confirmação* segue-se a ela. Distinguem-se a narrativa *oratória* da narrativa *histórica* e da narrativa *poética*. Esta é deixada para a imaginação do poeta. A narrativa histórica, ao contrário, deve expressar a verdade exata; quanto à narrativa oratória, ela se adapta ao discurso e expõe os fatos no momento mais favorável à causa. Demóstenes, Cícero e Bossuet são citados como tendo se destacado neste gênero. O nome narração também é estendido a todos os tipos de redações e exercícios literários pelos quais os humanistas se preparam para seguir cursos de retórica.

e) Conto. Este nome abrange todo um gênero de literatura, em prosa ou verso, cultivado deste antigamente entre vários povos. A Ásia nos deu as *Fábulas indianas*, de Bidpay, que viveu, dizem, dois mil anos antes de Cristo; as *Fábulas milésias*, de Aristides de Mileto, consideradas a fonte do romance grego; *As mil e uma noites*, de Saadi, poeta persa. O Ocidente teve os *romances de cavalaria* e os *romances* de nossos trovadores; os contos de fadas (*Chapeuzinho vermelho*, *O pequeno polegar*, *Pele de asno*, *Barba azul*); os contos-novelas (*Decameron* e *Heptaméron*); em suma, contos de todos os tipos: fantásticas, filosóficos, morais.

f) Epopeia. A *Divina comédia* não é uma criação súbita, o sublime capricho de um artista divinamente talentoso. Ao contrário, está relacionada a um ciclo anterior inteiro, a um pensamento permanente que se vê reproduzido periodicamente nas eras anteriores; um pensamento uniforme, em primeiro lugar, que gradualmente emerge depois de várias tentativas ao longo dos séculos, até que um homem o compreende e o fixa definitivamente em uma obra-prima. (C. Labitte.)

g) Mito. Difere da alegoria e da fábula, pois é menos uma criação de poetas e mais um produto espontâneo da imaginação popular. O *mito* desempenha um papel fundamental na origem das religiões que levararam ao politeísmo e ao antropomorfismo, como as da Índia e da Grécia (a mitologia). Muitas vezes o mito traduz fatos históricos, embelezados pela gratidão ou admiração popular; assim, os mitos de Júpiter, Jano, etc., que parecem ter sido reis antigos; outras vezes, expressa grandes fenômenos naturais, como a luta entre o dia e a noite, o caos dos elementos durante as tempestades, o relâmpago, os terremotos; outras vezes, por fim, ele traz em si um sentido moral, como nos mitos de Prometeu e de Pandora.

h) Literatura erótica e pornográfica. Foi outrora identificada por sua truculência ou por sua cortesia, suas pretensões filosóficas ou seu desprezo por qualquer espiritualismo; hoje é identificada pela marca da as-

túcia intelectual. Sua característica não está nem na complacência, nem na audácia, nem no realismo, mas na moda do anormal, do mórbido e do doentio.[1]

"Colocar tantas descrições, tantas cenas e tantas receitas de pecados mortais sob os olhos de jovens ardentes, sob os olhos de moças a quem as mães tanto se esforçam para impedir que venham a fruir aperitivos proibidos antes do casamento, ou maridos entediados por estarem sempre com a mesma parceira, documentar como são cometidos, inflamando-os, excitá-los, aumentar-lhes o potencial explosivo, diminuir a força de sua resistência, interrompendo-a nem que seja por algumas horas, mas nunca se conhece o freio de sua consciência; isso não é bom, é muito ruim, especialmente da parte de um homem que professa o respeito à moral cristã e que reconhece ser necessário obedecer aos 6º e 9º mandamentos de Deus. *Não praticarás a luxúria, nem do corpo nem do consentimento. Só desejarás a conjunção carnal no casamento*." (Comentário do abade Englebert sobre *As bacantes*, de Daudet, livro colocado no *Index*. *Revue Catholique des Idées et des Faits*, 1932.04.15, p. 114.)

i) Livros fúteis. Não há composição fútil ou ridícula que não tenha sido feita. Há obras literárias cujos autores omitem intencionalmente uma letra do alfabeto (lipogramas). Píndaro compôs uma ode sem empregar a letra S. Nestor de Laranda, contemporâneo do imperador Severo, compôs uma *Ilíada* em 24 cantos: o primeira sem A, o segundo sem B e assim sucessivamente. Na Idade Média surgiram algumas obras dessa natureza, nas quais italianos modernos também se destacaram.

j) Acima de todos os gêneros, há dois que todos os demais compartilham: o gênero maçante e o gênero interessante.

7. Poesia

a) Da inspiração nasceu a poesia, essa *linguagem dos deuses*. Seria injusto ver na *poesia* e na *prosa* apenas uma diferença baseada na métrica, no ritmo e na observância de outras regras poéticas. Essas duas formas da palavra respondem acima de tudo a duas formas muito diferentes de sentir e expressar o verdadeiro e o belo. Quantos versificadores laboriosos, diz E. Blanc (*Dictionnaire universel de la pensée*), que nunca conseguiram se livrar da prosa, enquanto prosadores mais bem dotados se elevaram sem esforço e sem pretensão a uma poesia sublime! Existem duas tendências que atraem de modo desigual todas as almas. Algumas encantadas com as imagens de sua imaginação, movidas pelo pressentimento do infinito e pela expectativa de uma revelação suprema, buscam novos horizontes, como aqueles audazes navegadores, para quem o velho mundo já não era suficiente. A Terra, apesar da sua imensidão, parece-lhes muito acanhada; eles aspiram continuamente a uma vida superior e ideal, onde os espetáculos de sua imaginação e as concepções encantadoras de suas mentes não seriam mais sonhos vãos. É entre eles que se devem procurar os poetas. Há outros, ao contrário, que a imaginação nunca seduzirá e que as possibilidades visíveis não conseguiriam distrair do fato que acaba de ser realizado ou está sendo preparado. Sem o risco de jamais cair abaixo da realidade, como também sem esperança de ascender acima dela, eles se-

[1] Raoul Derwere. L'érotisme dans la littérature moderne. *La Revue Nationale*, Bruxelles, 15 avril 1933.

A Liga das Nações organizou uma pesquisa, com levantamentos anuais, sobre publicações obscenas (livros, imagens, fotografias, periódicos, filmes, cartas de jogar e cartões-postais). As questões são baseadas no acordo de 1910 e na convenção internacional de 1923.

guem um caminho uniforme, não sem méritos e sem honra. É entre eles que se escolherá mais de um espírito judicioso e firme. Mas que renunciem à esperança de um dia ser poetas. Feliz é aquele em quem a imaginação mais viva se uniria com a razão mais firme e mais bem esclarecida. Mas quem pode, ao mesmo tempo, herdar toda a verve dos poetas e toda a razão dos filósofos, suceder a Homero ao mesmo tempo que a Aristóteles, escrever a *Ilíada* ao mesmo tempo que a *Metafísica*?

b) Gêneros. Existem vários gêneros de poesia. Do ponto de vista do objetivo perseguido pelo poeta e da forma por ele escolhida, distinguem-se poesias *líricas*, *épicas* ou *heroicas*, *dramáticas*, *didáticas* ou *filosóficas*, *elegíacas*, *pastoris* ou *bucólicas*, *eróticas*, *satíricas* e a poesia *descritiva* (muito praticadas no século XVIII). De acordo com os assuntos ou a forma como é tratada, a poesia é chamada *sagrada* ou *profana*, *séria* ou *leve*, *cômica*, etc. Do ponto de vista do ritmo e da métrica, a poesia se chama *rítmica* ou *métrica*. Na primeira, observam-se a cadência e o número de sílabas, mas não sua quantidade, porque todas são consideradas iguais: tal é a poesia moderna em geral e a dos orientais. Por outro lado, a poesia métrica baseia-se na quantidade de sílabas, algumas das quais são curtas e outras longas: por exemplo, a poesia grega, latina e alemã (ver *Histórias da literatura* e os *Tratados de poesia*).

A poesia *lírica* é a mais elevada entre todos os gêneros da poesia, a que melhor expressa o arrebatamento e exige a maior inspiração. Seu nome vem do fato de que ela era cantada com acompanhamento da lira. Inclui a ode e suas várias formas: ditirambo, hino, cântico, cantata, etc. Também se desdobra na balada, na canção, na elegia, no soneto e até nas óperas e dramas destinados a serem cantados. Existem modelos admiráveis de poesia lírica na Bíblia (salmos, cânticos de Moisés, etc.). Os líricos gregos, e em particular Píndaro, também brilharam nos primeiros lugares. Entre os romanos, encontram-se Horácio e Catulo. A poesia litúrgica, muito rica, possui verdadeiras joias. A Idade Média teve as obras de seus trovadores.

f) Fases. Há três fases na criação poética: o universo oferece ao poeta um material infinito e um esboço de forma, que a mente elabora e completa; a segunda fase consiste nesta transformação e purificação espiritual; a terceira desenvolve, do ponto de vista humano, os objetos poéticos assim criados. Ater-se aos propósitos estéticos é tomar o poeta por todos os homens, adorar ídolos e expor-se à morte por inanição em um museu atravancado de obras-primas. O poeta manda em sua casa: no ato de construir seus poemas, ele é o único juiz de seus próprios meios e fins. Mas a casa do poeta não é o universo; suas obras são parte integrante do patrimônio humano e são úteis para a cidade e para a civilização. O poeta se isola do homem para trabalhar, mas se subordina à humanidade para servi-la.[1]

d) Objeto. A poesia expressa duas coisas: 1° ideias; 2° sentimentos. E muitas vezes ambas estão amalgamadas.

A poesia tem ou pode ter sua forma, sua cor, sua música e, além disso, ela dispõe do verbo sem o qual todo o resto fica necessariamente um pouco vago e que acrescenta a todas as outras qualidades a luz do espírito e o esplendor da verdade. (Paul Souday.)

Ser poeta é ter o dom da imagem, do ritmo, da emoção, da musicalidade, da evocação. (Edmond Picard.)

Todas as meditações do poeta são êxtases e todos os sonhos são visões.

---

[1] Victor Bindel. La mission de Claudel. *Revue Catholique des Idées et des Faits*. 1933.05.12.

e) Preocupação metafísica. Atribuímos à poesia, expressão da vida espiritual dos povos, a finalidade de expressão do humano, a preocupação metafísica ou a liberdade lúdica. Pode-se perguntar se a poesia moderna tem uma tendência geral, ou se, ao contrário, falta-lhe direção, se está viva, ou se está morta, como alguns afirmam; se são ou não são vantajosos os intercâmbios recíprocos entre poesias de diferentes povos, especialmente entre a poesia ocidental e a poesia oriental; se há lugar para a liberdade dos versos ou o retorno a formas rigorosas.

Para alguns artistas, o ato da criação literária consiste em tomar consciência das coisas do universo em sua verdade, em sua nudez original, renascer com elas, recriá-las em espírito depois de Deus. "Sou o Inspetor da Criação", diz Claudel, "o Verificador da coisa presente; a solidez deste mundo é a substância da minha beatitude!". (*Art poétique.*) Nas obras literárias, a poesia construiu uma metafísica do coração. Na criação imaginária, a narrativa objetiva parece ter a função de manifestar uma metafísica da inteligência. A arte dramática, particularmente a tragédia, uma metafísica da vontade.

A poética é a aspiração ao infinito. (A. Delacour.)

f) O verso. Em tempos primitivos, quando a escrita era ignorada ou pouco difundida, recorria-se às formas sincrônicas e regulares da poesia para que a mente do povo mais facilmente absorvesse os preceitos. (Um Hesíodo que fala apenas por aforismos.)

g) Histórico. Distinguem-se três períodos na história do verso. 1º Período físico, quando o homem expressa de forma simplesmente emocional o que sente. Em um estado de emoção, as batidas do coração e a tensão dos nervos são expressas de forma rítmica. 2º Período físico-mecânico-intelectual, quando o ritmo se funde com a técnica do verso. Assim, sem poder adotar nem o sistema greco-romano (quantitativo, qualitativo) nem o sistema germânico (acentuado), os franceses contaram as sílabas, e o ritmo consiste em observar regras numéricas. 3º O período intelectual ou psicológico ou revolucionário, quando o indivíduo segue suas tendências naturais, suas inclinações, suas emoções. Alguns experimentos de laboratório tendem a sugerir que o novo verso francês se baseia em acentos ou mesmo em quantidades.[1]

h) A paginação. Normalmente, a disposição dos versos é a figura visível do ritmo. Em algumas edições de poesias francesas, os versos não estão alinhados de acordo com o número de sílabas, mas de acordo com o comprimento aparente, que não tem valor métrico e depende do acaso das palavras e da ortografia. (Ex., a edição de *Fleurs du mal*, 1917, ou a edição de Verhaeren, pela Société Littéraire de France.) Os adeptos do versilibrismo adotaram um terceiro método que consiste em colocar todos os versos sem distinção na mesma linha.

Paul Fort, que escreve versos regulares, coloca-os um em seguida ao outro, sem mudar de linha, como se faz na prosa.

i) A forma poética. O poema, por todas as complicações de ritmo, de cesura, de aliterações e rimas que supõe, é a forma superior de criação espiritual, porque "a matéria do pensamento é a linguagem que é para elas [as formas poéticas] o que as fornalhas são para o fogo, que se torna útil somente quando está envolvido e preso nelas". (Rageot.)

j) Prosódia musical. O ritmo desempenha um importante papel na

[1] Thieme, H. P. *Essai sur la civilisation française*. 1933.

linguagem. Em algumas línguas, o significado de uma palavra muda de acordo com a localização do acento. A própria linguagem pode ser considerada como uma música inorgânica, sendo fértil em padrões rítmicos e contendo em suas inflexões uma melodia latente. Na poesia, os modelos rítmicos da linguagem são organizados em ritmos verdadeiros pela alternância de sílabas acentuadas e não acentuadas, ou simplesmente por sua associação em grupos regulares. O ritmo poético pode ser comparado ao ritmo musical, mas suas combinações são infinitamente menos numerosas. Existem dois tipos de poesia: 1° a poesia *qualitativa* baseada na qualidade. É a das línguas clássicas, grego e latim, e das línguas germânicas. Essas línguas, sendo bastante rítmicas e com sílabas fortes ou fracas, ou longas e breves, portanto, muito distintas uma da outra, são organizadas de acordo com modelos rítmicos regulares, mantidos do começo até o fim da peça. 2. Poesia *quantitativa*, baseada principalmente na quantidade de sílabas. É o caso da língua francesa, que não é rítmica, mas apenas acentuada. Poetas humanistas do Renascimento, como Baif, tentaram em vão adaptá-la a ritmos antigos. (E. Closson.)

k) Surrealismo. O surrealismo criticou a poesia racional; mostrou que a poesia era a atividade livre do espírito, e que essa atividade não poderia ser dirigida pela razão, a qual representa nossas aquisições passadas e as congela; a razão que expressa as etapas percorridas pela ciência não deve mesmo ser usada para definir aquelas da arte; é em uma associação livre e não em uma ideia definida que se deve marcar o tempo de pausa quando o pensamento se detém, se fixa nas palavras. Uma imagem? Não, não necessariamente uma imagem, uma aproximação das coisas mais imprevistas possíveis e que, no entanto, imediatamente é reconhecida como essencial. "Estendi guirlandas de estrela a estrela e dancei", disse Rimbaud.[1]

l) A poesia científica. Os poetas aceitaram uma missão que, ao longo dos tempos, vem crescendo. Eles não separaram o pensamento da forma, mas, com seu verbo magnífico aproximaram-se da ciência ligada às ideias, trabalhando pela descoberta do universo e nossos destinos. Eles começaram a conhecer essa ciência por fora e, depois, cada vez mais por dentro. Irão questioná-la sobre as incógnitas universais e sobre nós mesmos, pedindo-lhe emoções, entusiasmos ou apreensões pungentes. A verdadeira poesia científica é alcançada quando o poeta logra penetrar a ciência e, assim, torna-se o centro vibratório consciente e emite conhecimento científico. Essa poesia, legada da Índia à Grécia, a Lucrécio, entrevista na Idade Média, é representada mais perto de nós por Chenier, Delille, Leconte de Lisle, Richepin, Sully Prudhomme, por Verhaeren, por René Ghil. Todos compuseram uma obra única, assenhorearam-se de hipóteses científicas e se apresentaram na zona da filosofia lindeira com a ciência e dali extraíram diretamente a emoção, às vezes adicionando novas hipóteses, a fim de multiplicar as relações com os pontos de síntese, para melhor escrutinar as trevas que nos rodeiam.[2]

8. O *romance*

a) O romance continua sendo um gênero imenso.

Estima-se que a imprensa diária publica 50 mil romances por ano, 95% dos quais são fornecidos pelas 'fábricas de romances'.

---

[1] André Deléage. L'Internationale de l'Art. *Esprit*, 1932, p. 155.

[2] E. A. Fusil. La poésie scientifique, de 1750 à nos jours. (Édition Scientia, 87, boul. St-Germain, Paris). Artigo sobre este assunto por René Ghil em *Les Cahiers Idéalistes Français*, juillet 1918, p. 178.

b) Os romancistas se esforçam para fazer-nos interessar pela novidade ou pela rebuscada trapalhada de suas intrigas. Outros, mais sutis, nos oferecem estudos psicológicos ou de costumes. Há alguns que visam a criar uma atmosfera e forçar o usuário a nela adentrar. O romance ideal combinaria os três gêneros: nutrido por uma trama forte, também seria um documento psicológico ou social, banhado, ademais, em uma atmosfera de uma densidade, de um singular poder de sugestão. (Georges Remy.)

c) O romance foi julgado com severidade.

Produção de uma mente fraca, escrevendo com facilidade coisas indignas para serem lidas por espíritos sérios. (Voltaire.)

O romance, gênero detestável porque permite não concluir. Como a sociedade é feita de homens e campônios, de ignorantes e sábios, descrever o que existe significa falar tanto de uns quanto de outros com igual simpatia.

d) "Por mais fútil que seja, um romance tem muito mais probabilidades do que uma obra doutrinária de refletir uma *concepção coletiva*. Nenhum público lê um romance que lhe desagrade. Pode-se dizer que o sucesso de um romance que deixou marcas na história está sujeito a uma dupla condição. Primeiro, é preciso que aos olhos de um grande público ele tenha expressado a vida de uma época; melhor ainda, sua verdade, sua verossimilhança, isto é, uma espécie de síntese da realidade e do ideal; a combinação complexa daquilo que essa época ou essa nação eram de fato com aquilo que acreditavam ser, ou o que desejavam ser ou parecer. Pois é nessas condições complexas que uma sociedade se reconhece em uma obra e a adota; será chamada precisamente 'a expressão dessa sociedade' neste sentido, mas só neste sentido, o que nem sempre é bem compreendido. O romance é, portanto, um livro representativo." (A. e C. Lallo, La guerre et la paix dans les romans français. *Mercure de France*, I.VII.1917.)

9. *Literatura e ciência*

a) Para alguns o propósito essencial do romance deve ser de ordem filosófica e científica. Taine coloca o romancista, o historiador e o cientista em posição de igualdade e convida os três para colaborar com a 'grande investigação sobre o homem'. O romancista, diz Louis Barras, deve ser um historiador e, acima de tudo, um filósofo e um sábio. Para ele, foi-se o tempo do romance sentimental, romântico e pretensamente histórico; ele deve ceder o lugar ao romance lógico, psicológico, filosófico e científico, escrito com um método rigoroso e boa observação, que descreve os movimentos do coração humano e do qual extraímos lições e direção. Pois o romance em sua forma mais elevada é a vida em seus múltiplos aspectos, observados e colocados em um livro por obra da arte.

Em *La vie en fleur*, Anatole France escreveu: "As ciências separadas das letras permanecem maquinais e toscas; e as letras privadas das ciências são vazias, pois a ciência é a substância das letras". A união da literatura contemporânea com a ciência permanece íntima, pois sem verdade uma obra não conseguiria perdurar. (Paul Voivenel.) Os cientistas tinham uma grande cultura literária associada à forte cultura científica, não só livresca, mas vivida. Paré, Palisay, Cabanis, Cuvier, Laplace, Lacépède, Volney são grandes cientistas e grandes escritores. Para o poeta, cada descoberta, cada acontecimento apenas tem valor se lhe propiciarem material verbal.[1]

[1] Maiakovski. Comment on fait un poème. *Europe*, 15 juillet 1933.

Para o cientista, ao contrário, essa descoberta fornece material teórico.

b) Em um livro científico, ao contrário de uma obra literária, as ideias não se afogam na fraseologia complicada. Ganhamos clareza e precisão. Os fatos permanecem, secamente, friamente, com seu próprio valor, intrínseco e exato. Os contemporâneos atribuem ao fundo uma profunda reverência que os predecessores atribuíam à forma. Mas, dizem, a imprecisão na exposição das ideias é um feitiço para o coração. Distinguimos as harmonias da linguagem humana baseadas na razão e não na estética. O que tem muita precisão não satisfaz à estética, elemento da literatura e, portanto, entra no quadro da ciência. O que é muito disperso não corresponde à fixidez necessária para uma observação científica.

c) O novo estilo é o estilo da simplificação. O modernismo é essencialmente expresso por esta fórmula: a adaptação rigorosa do objeto à sua destinação é geradora de beleza, pelo menos de euritmia. (L. Van der Swaelmen.)

O estilo é a marca deixada na tradição pela própria vida, consciente apenas de criar.

As palavras, as frases que elas formam, os livros de que são compostos, de certa maneira são as 'prisões' das ideias. Formulá-las com exatidão, eis o grande problema de qualquer redação, a partir de qualquer documentação. A letra mata, o espírito dá vida. A mente, o pensamento, deve, portanto, ser mantida como primordial e essencial, enquanto a palavra escrita deve aparecer como sua aproximação maior ou menor.

4

Organização racional dos livros e documentos

Biblio-Tecnia, Biblio-Economia

a) Após ter identificado o que é documentação — enumerativa, descritiva, histórica —, é necessário identificar o que é documentação normativa. Este é o objetivo desta quarta parte do tratado: a organização racional dos livros e dos documentos. Trata-se da economia (biblio-economia) e da técnica (biblio-tecnia).

b) Serão tratados separada e sucessivamente os seguintes pontos (precedidos de sua numeração):

41. Princípios gerais e métodos a pôr em prática para implantar a organização.

42. Elementos ou conjuntos implantados em uma organização com quatro níveis.

421. As unidades. São constituídas pelos documentos.

422. Os diferentes conjuntos (coleções e serviços). São formados pela reunião de documentos similares e sua organização.

423. Os organismos. Constituem-se pela reunião dos referidos conjuntos.

424. A rede universal de documentação. Formada por todos os organismos unidos sob a égide de um acordo que defina objetivos, atividades e método de ação, as relações de cooperação e as relações de intercâmbio.

c) Nesta parte considera-se o conjunto da documentação, seus objetivos, as partes que a compõem, suas unidades, coleções, operações e formatos. Examina-se de qual maneira eles devem ser tratados, e como organizá-los de modo a formar conjuntos e, no nível superior, desenvolver uma organização universal e mundial. Os meios, métodos, equipamentos e as relações entre organismos são examinados em função deste objetivo maior. Trata-se portanto, principalmente, de relações gerais, de ligações correlatas.

No início deste tratado, sob o título de Fundamentos (0), resumimos as diretrizes gerais sobre este assunto.

d) A organização descrita a seguir é, em parte, aquela que a Repartição e o Instituto Internacional de Bibliografia e de Documentação começaram a implantar. Nós a desenvolvemos sobre diferentes pontos, a título de comentários ou de novas sugestões, enquanto aguardamos que se façam manifestar decisões coletivas internacionais.

41 PRINCÍPIOS GERAIS E MÉTODO DE ORGANIZAÇÃO

Quaisquer que sejam as obras a serem criadas e os conjuntos a constituir, serão necessários princípios gerais e um método, os quais, para uma organização racional e mundial, deverão ser universais. É preciso, portanto, tratar aqui: 1° dos princípios; 2° do método; 3° do equipamento; 4° dos locais; 5° do pessoal; 6° das operações; 7° dos outros fatores de organização (finanças, acordos, regulamentações).

411 Os princípios gerais

Devem ser formulados princípios gerais no que se refere: 1º aos documentos em si e suas espécies; 2º à documentação em seu conjunto; 3º ao problema; 4º ao objetivo e ao plano; 5º aos princípios de unidade, universalidade, padronização e cooperação.

411.1 Os documentos

a) A análise prévia deverá estabelecer a seguinte diferenciação entre: 1° a realidade; e 2° o documento, que é a representação da realidade em forma literária (o bíblion, o escrito, o texto), gráfica ou plástica (o ícone, a imagem).

b) Em princípio é possível distinguir, seguindo uma ordem crescente de combinações:

1° A realidade (*realia*) (ex., uma ciência, uma paisagem, uma pessoa), quer seja a realidade em seu ambiente ou meio natural, ou a realidade em uma coleção de objetos (museografia).

2° A imagem (ícone). Ela reproduz a realidade. Distingue-se a reprodução direta da realidade. Ela se dá por meio de um dos seguintes processos: pintura, aquarela (colorida), isolada, móvel ou fixa (afresco), de teto, emoldurada numa parede, em um objeto, desenho (preto e branco ou colorido), gravura, fotografia, escultura.

3° A reprodução de uma reprodução da realidade mediante os mesmos processos: pintura, desenho, gravura, fotografia, etc.

4° Os escritos (bíblion). Distingue-se se dizem respeito diretamente à realidade ou se se referem a uma imagem e, neste caso, são: a) relativos a uma reprodução da realidade, como um quadro, desenho, gravura, fotografia, escultura; b) ou relativos a uma reprodução de uma reprodução feita, por sua vez, por uma pintura, desenho, gravura, fotografia ou escultura.

c) As realidades, as imagens e os escritos podem dar lugar: 1° a coleções específicas ou universais; 2° ao catálogo destas coleções específicas ou ao catálogo universal.

d) O repertório dos elementos da realidade (*realia*) é um inventário das coisas, seres e fenômenos, do ponto de vista da própria coisa, do lugar e do tempo, nas três séries.

e) O museu é uma coleção de objetos reais.

f) Nos organismos documentários, pode-se proceder de duas formas: 1° as coleções de coisas reais formam serviços distintos, segundo as diferentes formas de reprodução, as diferentes formas de escritos, ou os catálogos e os repertórios segundo as diversas formas de reprodução. 2° Pode-se, pelo contrário, combinar em uma série única várias coleções, catálogos ou repertórios que, em princípio, possam ser identificados.

g) Pode-se efetuar a ordenação das diversas coleções e seus catálogos ou repertórios, com base em critérios diferentes, de modo a permitir pesquisas em múltiplas entradas.

O quadro geral da página seguinte resume essas diferenças.

411.2 A documentação

Por documentação entenderemos tanto o conjunto dos documentos como a função de documentar, ou seja, informar por meio da documentação. Este ponto foi tratado na parte 1.

1. Realidade	1. As próprias coisas	1. Autor do original
2. Reprodução da realidade	2. A menção da coisa na classificação	2. Autor da reprodução
3. Escrito sobre uma reprodução da realidade	3. O catálogo geral que inventoria as coisas em si ou que pertençam a coleções determinadas	
	4. O catálogo (geral ou específico) de documentos relativos às coisas	

411.3 O problema

Há um problema central na documentação, como em todas as disciplinas. Pelo fato de o documento não ser um dado da natureza, mas uma obra que depende da vontade humana, o problema diz respeito à ação e seu desenvolvimento. Como todos os problemas de ordem prática, ele só pode ser resolvido gradativamente e por aproximações sucessivas. A solução depende de bons métodos, de cooperação no trabalho, de organização nos esforços. O problema se coloca em duas partes: quanto à editoração do livro e do documento; quanto à sua utilização.

1. *Quanto à editoração do livro e do documento*

a) Distinguem-se: 1° *os livros*, em seu conjunto, que têm por finalidade a transcrição dos conhecimentos científicos; 2° *a ciência* que tem por finalidade o conhecimento da realidade; 3° *a realidade* que é o conjunto das coisas corpóreas que existem (mundo ou universo).

b) O objetivo ideal atribuído é: 1° para a *ciência*, que ela seja completa e perfeita e cubra integralmente o campo da realidade; 2° para os livros, que eles sejam completos e perfeitos e que cubram integralmente o campo da ciência. Os livros deveriam, portanto, ser os 'espelhos' da realidade.

c) Crítica do estado atual: 1° quanto à ciência: a) a ciência atual é incompleta na medida em que os conhecimentos somente cobrem uma parte do campo da realidade (caráter inconcluso da ciência); b) a ciência atual não compreende somente verdades (erros da ciência).

2° Quanto aos livros: a) os livros somente transcrevem uma parte dos dados científicos e consequentemente uma parte da ciência (caráter inconcluso dos livros); b) eles transcrevem tanto nossos conhecimentos falsos quanto os verdadeiros (erros dos livros); c) eles transcrevem várias vezes os mesmos conhecimentos (repetições); d) eles não reúnem as exposições dos conhecimentos em algumas obras, mas os dividem e dispersam em inumeráveis volumes (fragmentação e dispersão); e) eles não coordenam os fatos expostos de acordo com seu grau de importância e de utilidade (mistura do principal com o secundário).

d) O problema da editoração do livro é, portanto, duplo: 1° possibilitar a transcrição da integralidade de nossos conhecimentos; 2° permitir a extração dos conhecimentos verdadeiros da massa inumerável de livros, eliminando os erros e as repetições e ordenando-os em séries e separando o principal do acessório.

Duas comparações esclarecem o problema: é preciso colocar ordem nas 'montanhas' de papéis e de documentos; é necessário criar uma 'metalurgia' do papel, construir * galerias de acesso a essas montanhas, cujas vertentes abrigam tesouros, extrair o bom minério e depois separar da

* O trecho que começa com a palavra 'galerias' e vai até o fim da seção 411.42 Plano, na p. 583, consta de errata da edição original e na qual o autor indicou que havia sido omitido. [N.E.B.]

ganga o metal puro. A extração do ferro de uma ganga é feita à razão de 40 a 65%, do cobre à razão de 7 a 8%. Para extrair alguns miligramas de rádio são necessárias toneladas de hornblenda!

2. *Quanto à utilização do livro e do documento*

Assim que o conhecimento das coisas é adquirido por algumas mentes e por elas incorporado nos livros e nos documentos, torna-se possível, com o mínimo de tempo e esforço, que todas as mentes o adquiram se dele tiverem necessidade. Isso é utilização e difusão.

O quadro a seguir mostra as diferenças sobre cujas bases se coloca o problema da documentação.

a Instituição	b Documento	c Estado da coisa	d Característica	e Extensão	f Grau	g Modo de conservação	h Forma
1. Biblioteca	1. Ficha	1. A coisa	1. Analítica	1. Totalidade	1. Detalhado	1. Armazenado	1. Texto para ler
2. Bibliografia	2. Livro	2. Seu resumo	2. Sintética	2. Parte	2. Condensado	2. Exposição	2. Imagem para ver
3. Arquivo	3. Pasta	3. Seu catálogo			3. Seletivo		
4. Enciclopédia	4. Tabela	4. Seu nome					
5. Museu	5. Objeto	5. Sua classificação					

411.4 Objetivos, plano e organização da documentação

Como toda obra do homem, o livro e o documento são determinados por um objetivo. É a esse objetivo que autores e colaboradores devem subordinar seus trabalhos.

O objetivo, o plano geral, foi exposto no início deste tratado com o título de Fundamentos (0). Falou-se das tarefas comuns propostas para a ação de todos. A definição dos métodos está em função principalmente desse objetivo.

Os seis objetivos a serem visados na organização podem ser expressos com estas seis palavras de ordem: mais, melhor, mais ordenado, mais fácil, mais rápido, para um número maior.

411.41 Objetivo

O objetivo da documentação organizada consiste em poder oferecer, a respeito de qualquer tipo de fato ou de conhecimento, informações documentadas: 1° universais quanto ao seu objeto; 2° corretas e verdadeiras; 3° completas; 4° rápidas; 5° atualizadas; 6° fáceis de obter; 7° reunidas de antemão e prontas para serem comunicadas; 8° colocadas à disposição do maior número de pessoas.

Atualmente, a documentação organiza-se com base em uma racionalização e organização dos conjuntos de elementos, apoiando-se nos dados mais avançados da ciência e da técnica, de um lado, e do trabalho intelectual e da industrialização, de outro lado.

Construir o contato 'entre a elaboração do pensamento e o registro dos conhecimentos'.

O objetivo específico seria:

1° Ampliar o efeito do livro e do documento como resultado físico do registro do saber humano (eficaz quanto à coisa, ao espaço e ao tempo, quanto ao indivíduo e à sociedade).

2° Contribuir para a formação, a partir do conjunto de documentos, de um *corpus librorum*, que seja representativo do pensamento universal, da

ciência aceita como sistematização dos conhecimentos.

3° Manter o livro, por conseguinte, como instrumento do trabalho intelectual, necessário tanto ao conhecimento como à transmissão do saber adquirido e à construção dos próprios conhecimentos.

Desideratos principais da documentação

a) Quanto à produção e à distribuição: elaborar a documentação em formatos e modos que permitam a constituição de conjuntos de tal sorte que cada um deles se insira e se incorpore facilmente no todo.

b) Quanto à utilização: dispor de uma documentação a) completa; b) de fácil obtenção (1° com exigências e formalidades simples; 2° rapidez; 3° custo); c) de assimilação ou leitura fácil.

411.42 Plano

É conveniente: 1° decompor; 2° definir; 3° ordenar e 4° estabelecer relações entre os dados concernentes ao livro-documento em causa: a) em sua entidade total; b) em suas partes ou elementos; c) em suas operações ou funções; d) em sua gênese ou sua história; e) em sua distribuição no espaço.*

* O trecho que termina com a palavra 'espaço' e começa com a palavra 'galerias' ,na penúltima linha da p. 581, consta de errata da edição original em que o autor indicou que a página fora omitida. [N.E.B.]

411.43 Organização. Concentração do trabalho e descentralização

a) Pode-se definir a organização, o conjunto de princípios e disposições para ligar entre si, de forma permanente, todos os elementos que concorrem para um conjunto simples ou uma sucessão de atos. Compete ao organismo formado por esse conjunto e a seus órgãos ligados aos outros órgãos a ação de proteger esse conjunto, sua unidade, sua continuidade e sua adaptação, afastando-o de tudo que possa perturbá-lo ou destruí-lo, e realizar tudo que possa melhorá-lo e desenvolvê-lo.

b) A organização determina o organismo e o organismo, por sua vez, determina a organização. É a função que, ao ser exercida, cria o órgão; é o órgão formado (a estrutura) que realiza a função. Há ação e reação, recíprocas e contínuas. Com o advento do reino humano, caracterizado pela inteligência, um fator novo intervém, a finalidade dos atos, a organização preconcebida, a antecipação dos fins e dos objetivos, como consequência de planos e programas.

A partir daí a organização se apresenta em três fases ou graus. 1° A organização é puramente ideológica; ela existe no pensamento. 2° A organização é representada por um órgão de caráter social: uma convenção que marca um acordo convergente de vontades, uma instituição, um organismo. 3° A organização passa a ter um caráter material, ela é incorporada em objetos, máquinas, instalações e locais.

A organização da documentação deve ser desenvolvida, simultânea e paralelamente, nos três domínios: ideológico, institucional e material.

c) De maneira geral, tudo que fica fora do ponto de vista especulativo (o pensamento puro) e interessa ao ponto de vista prático (a ação), dá lugar à 'economia' (organização, instalação, gestão, administração) e à técnica. Há uma economia e uma técnica da documentação e ela abrange as quatro funções de produção, distribuição, divisão e consumo. (Documento-economia, biblio-economia, documento-tecnia, biblio-tecnia.)

As crianças falam sem saber gramática, os camponeses cantam sem saber música; assim a maior parte dos homens lê e escreve sem se preocupar com a técnica literária ou documentária. A elaboração, o conhecimento e a difusão dessa técnica aperfeiçoarão os documentos assim como a

gramática e a teoria musical puderam aperfeiçoar a língua e a música. Da mesma forma os homens são sociáveis; eles se aproximam e colaboram espontaneamente sem ter plena consciência da realidade social, da ciência social (sociologia) e das técnicas sociais. Mas é com base nestas últimas que o progresso social é finalmente desenvolvido.

No domínio dos livros e dos documentos em particular, é preciso chegar à consciência de uma organização, de uma economia e de uma técnica. A organização racional em qualquer domínio implica objetivos e planos, cooperação, divisão e repartição do trabalho, métodos e compromissos.

d) Enquanto todos os objetos ao nosso redor se transformavam rapidamente, o livro mostrava por muito tempo um contraste, pois em sua forma externa ele permaneceu quase imutável. Apesar da evolução do pensamento científico, o conteúdo bibliológico, os modos de registro de nossos conhecimentos progrediam pouco.

Há um século que o pensamento humano adquiriu em grande medida um conteúdo novo, ciência, técnica, artes, literatura, sociologia: se a ideologia não chegou a ser completamente revolucionada pelo menos foi profundamente modificada e imensamente aumentada. A esse conteúdo certamente correspondem modos novos de expressão, uma adaptação do continente: o livro, os documentos.

Mas faz alguns anos que esses pontos acabaram sendo objeto de estudos e de movimentos. Ocorreram verdadeiras inovações. Estamos somente no começo.

Um certo número de ideias e invenções resultou em progresso considerável para a documentação: o reconhecimento da necessidade da publicação dos trabalhos científicos; a colaboração; a concepção de um ciclo que liga todas as operações, todos os trabalhos; a classificação; a ficha e o repertório; o centro de documentação, a enciclopédia, a ideia de regras, normas e unidades aplicáveis ao trabalho intelectual e às produções intelectuais como ao trabalho industrial e às produções industriais.

e) Ao longo dos séculos passados uma técnica e uma organização foram aplicados à produção material dos livros (a tipografia) e à sua distribuição (livraria). É um exemplo e também a justificativa para se reivindicar a organização das outras partes. Assim, na tipografia, o tamanho das letras foi padronizado (o ponto tipográfico), bem como as regras de revisão de provas tipográficas e, em grande parte, o formato. A indústria editorial conta com uma bela organização, com suas distribuidoras e livrarias.

Começa-se a perceber que o trabalho relacionado ao livro só poderá se fortalecer se tiver a ajuda de equipamentos apropriados, que não poderá valer-se de práticas cooperativas senão com o auxílio de métodos uniformes e coordenados. Nessa dupla ordem de ideias, a cada dia surge algum progresso.

f) Pode-se objetar: 1° A organização proposta é demasiado vasta. Mas o próprio pensamento não é de uma vastidão irredutível? 2° O momento é confuso e caótico, o que divide vence o que une. Mas por que não examinar profundamente as divergências para detectar as convergências? 3° Com o tempo, a organização se desenvolverá por si só, sem que seja necessário moldá-la. Mas os espíritos renunciaram, em todas às áreas, às fatalidades resignadas, a fim de eles mesmos guiarem diretamente seus destinos. A ideia está lançada. Sempre haverá tempo para apresentar novos argumentos ou aprofundar os antigos.

g) A organização da documentação deve ser realizada em cinco níveis:

I. *Livro e documento*. A organização da multiplicidade de dados gráficos e intelectuais para constituir a unidade do livro e do documento. a) Livro específico. b) Livro universal (enciclopédia).

II. *Coleções de livros e documentos*. A organização da multiplicidade de livros e documentos. a) Coleções específicas (bibliotecas, hemerotecas, iconotecas, fototecas, etc.). b) Coleções universais: *Bibliotheca Universalis*, *Iconographia Universalis*.

III. *Órgãos ou centros de documentação*. a) Órgãos especializados ou locais. b) Órgão universal.

IV. *Rede Universal de Documentação*. a) Centro da rede. b) Pontos da rede.

V. *Correlação*. a) Com o trabalho intelectual. b) Com a organização mundial em geral.

411.5 Diferentes princípios

Devem ser implementados os seguintes princípios: 1° unidade; 2° universalidade; 3° expansibilidade; 4° racionalização, normalização e padronização; 5° cooperação; 6° publicidade; 7° seriação dos esforços.

411.51 Unidade (complexidade)

A unidade consiste em conceber como um único conjunto toda a documentação e a conduzir para ela constantemente tudo aquilo que tenderia a se distanciar dela.

411.52 Universalidade (completude)

A organização do conjunto sugerida inclui as diferentes espécies de documentos, coleções e organismos nas quatro etapas seguintes:

1° Protótipo universal (ideais). A reflexão científica combinada com a invenção estabelece em estado teórico ideal o que é conveniente para a organização, tanto em seu conjunto como em suas partes. Ela cria assim sob cada parte o protótipo universal que tem um caráter exclusivamente ideal e constantemente suscetível de desenvolvimento e revisão.

2° As normas: por convenção estabelecem-se para todas as ordens de documentos, coleções e organismos, normas e unidades. Deve-se proceder por recomendações, regras e convenções.

3° Os documentos, coleções e organismos, do tipo universal, se conformam às normas estabelecidas e se elaboram em todas as partes ou pontos da rede universal. Essas coleções deveriam ser designadas por uma nomenclatura sistemática, com termos internacionais (latim). *Editio Universalis*, *Bibliographia Universalis*, *Bibliotheca Universalis*, *Atlas Universalis*, *Projectio Universalis*, *Encyclopedia Universalis*, *Museum Universale*.

4° Coleções e órgãos centrais e conjuntos constituídos de maneira convencional, sob direção de órgãos centrais, põem em prática a cooperação.

411.53 Expansibilidade (regra). Métodos universais e aplicações particulares

a) Os métodos adotados são expansíveis. Eles são desenvolvidos em diferentes graus, mas a partir do grau superior, aquele de extensão e complexidade máximas.

Cada elemento do método e da organização oferece uma escala de

graus, indo do mais simples ao mais complexo (muito pequeno, pequeno, médio bastante grande, muito grande); 'quem pode mais pode menos'. As regras destinadas à documentação universal não entrarão em conflito com as necessidades de documentações específicas. Cada uma destas estará livre para aplicar até certo grau de detalhamento os métodos e as regras que forem julgados úteis.

b) A aplicação desses princípios gerais enseja as seguintes observações: 1° As regras catalográficas minuciosas, como as que são adotadas, por exemplo, para livros raros e incunábulos podem, de redução em redução, se limitar a duas linhas ou mesmo a uma linha. 2° A classificação pode ser simplificada ao ponto de usar somente um, dois ou três algarismos, não usar certas divisões comuns (a língua, por exemplo) ou simplesmente não empregar as subdivisões comuns ou somente cinco, três ou mesmo uma casa decimal. 3° A forma material dos catálogos pode ser em fichas de cartolina ou se limitar, caso necessário, a um catálogo impresso ou manuscrito em volume avulso. 4° As obras e os artigos serão analisados, e há regras para tal fim, mas será possível se abster de notas analíticas, de conteúdo ou de crítica. Será possível aplicar um sistema completo de duplicatas e referências ou limitá-las ao essencial. 5° Na organização da biblioteca e das coleções dos próprios documentos será possível colocar os itens na ordem estrita da classificação, intercalando em seu devido lugar, quando as obras tiverem múltiplas entradas, cartolinas identificadoras em quantidade igual a essas entradas nos catálogos; será mesmo possível dividir uma grande biblioteca enciclopédica em seções correspondentes às divisões principais da classificação, de modo a aproximar das obras os próprios leitores, permitindo-lhes o livre acesso às estantes. Pode-se aplicar o princípio da ordenação sistemática nas estantes somente na sala de leitura e dar livre acesso a elas, enquanto que nos armazéns a ordem seguida seria a do número de registro ou número de tombo, eventualmente respeitando os diferentes fundos constituídos anteriormente.

c) Dessa forma os métodos universais constituem uma espécie de reservatório geral. Competirá a cada organismo determinar o grau com que os aplicará e a extensão que pretende lhes dar. O 'manual geral de métodos' será, portanto, completado com instruções escritas, elaboradas em cada instituição, incorporando as decisões tomadas no que tange à aplicação do manual.

d) O princípio da expansibilidade do método oferece diferentes vantagens. 1° Todo trabalho, realizado uma vez, mesmo que seja de grau elementar, será utilizável em todo trabalho posterior. Sabe-se exatamente aonde se quer chegar; pode-se começar por qualquer parte, com a certeza de poder a todo instante melhorar e completar, de poder enfrentar novas exigências que se imporão em face de um aumento súbito ou significativo das coleções. 2° Aqueles que devem edificar grandes arquiteturas documentárias (bibliotecas, catálogos, repertórios, arquivos e serviços afins) sentem-se em comunhão de trabalho com todos aqueles que aplicam os mesmos métodos ao redor do mundo, de poder colaborar no desenvolvimento e aperfeiçoamento dos métodos e dos pontos de uma rede universal, e de estarem ativamente conectados ao centro da documentação universal. 3° Para aqueles que devem se servir das coleções e recorrer aos serviços das bibliotecas e instituições documentárias é vantajoso precisar conhecer apenas um só método, geral, sintético e único, apesar de seus graus de desenvolvimento e, por conseguinte, sentir-se imediatamen-

te 'em casa' em todos os lugares onde são adotados, o que faz ganhar tempo e permite utilizar mais a fundo os recursos documentários dessas instituições. 4° Estabelecer a cooperação em certos trabalhos e serviços fica cada vez mais possível. Dessa forma, progressivamente, chega-se à concepção da unidade da documentação correspondente à unidade dos conhecimentos: pelo pensamento, todas as bibliotecas, todos os arquivos, todos os museus e todos os centros de documentação do mundo constituem ramos ideais de uma única grande organização universal na qual todas as obras estão à disposição de todos por meio da livre leitura, observação, consulta, empréstimo, cópia ou intercâmbio.

Ut omnes unum sint.* Encontramo-nos assim no coração do problema geral do tempo presente e também de todos os tempos: indivíduos e sociedade, egoísmo e altruísmo. O homem ganha com as formas superiores de sociabilidade (solidariedade, fraternidade), será ele capaz de se elevar até elas por um esforço consciente, racional, dirigido, constante? Evidentemente este esforço somente se justifica se houver intercâmbio, reciprocidade, mutualidade. Mas é necessário começar e ter consciência de que o círculo final de expansão — a universalidade e a mundialidade — não deverá destruir os círculos do indivíduo, do instituto, da nação mas, pelo contrário, depurá-los de um egoísmo que prejudica seu próprio desenvolvimento.

* A fim de que todos sejam um. João 17:21. *Bíblia de Jerusalém*. [N.E.B.]

411.54 Racionalização, normalização e padronização

a) Visando à padronização da documentação as regras a seguir não podem ser arbitrárias. Elas devem ser coordenadas não somente entre si mas também em relação a todas as outras padronizações e sobretudo com os modos de fazer geralmente adotados, porque são os mais naturais ou os mais conformes em relação a hábitos sociais.

b) Os movimentos naturais baseiam-se no uso predominante da mão direita. Todos os gestos ativos, todos os que exigem habilidade, força e graça, são feitos com a mão direita.

Mas os movimentos da mão direita são comandados pela posição do polegar, que, ao se sobrepor aos outros dedos, faz da mão um instrumento de preensão apto a segurar um instrumento, um utensílio, e manejá-lo facilmente. Este fato determina a posição da pena e a direção da escrita que, nos ocidentais, é universalmente dirigida da esquerda para a direita, do alto para baixo.

A direita permanece no lugar de honra. (O Evangelho já fixa este lugar. O Cristo à direita de seu Pai.) Pode-se justificá-lo pela facilidade de prestar ajuda àquele que se quer honrar. Deixa-se o outro à direita quando se caminha, pois, se estivermos indo ao seu encontro, será mais fácil saudá-lo com o chapéu e estender-lhe a mão.

c) Na documentação é natural restringir a maior parte das regras ao livro e à página do livro. Isso leva a quatro direções ou bases fundamentais: 1. da esquerda para a direita (sentido da escrita e da leitura); 2. de cima para baixo (idem); 3. retorno periódico à primeira linha, em seguida à página, ao invés de uma continuidade de linha e de papel; 4. o ângulo inferior esquerdo é a base de todos os alinhamentos. Este ângulo é fixo independentemente de sua dimensão.

Donde as seguintes aplicações: 1. Os livros são colocados nas estantes da esquerda para a direita, de cima para baixo, recomeçando após cada prateleira e cada estante. 2. Nos catálogos as fichas são ordenadas da fren-

te para trás; a ordem cronológica das fichas também é da frente para trás; as gavetas são dispostas de cima para baixo e em fileiras distintas de uma única gaveta. 3. Em uma pasta as cartas antigas são ordenadas em primeiro lugar. 4. Em fichários e classificadores, as fichas divisórias são inseridas na frente dos documentos e não atrás; os visores de etiquetas são dispostos da esquerda para a direita e em estrita ordem de subordinação (e não sobrepondo e procurando aumentar a visibilidade dos títulos, o que logo será inútil quando novas fichas forem inseridas na sequência).[1]

411.55 Cooperação. Colaboração

a) Diante do trabalho a ser feito, o homem pode ter duas atitudes: isolamento ou cooperação. Nenhuma obra pode ser realizada com um simples comando dado às coisas; é necessário que o trabalho seja elaborado sucessivamente. É possível que um mesmo homem opere a sequência de operações necessárias por uma divisão introduzida em seu trabalho, é também possível que ocorra uma distribuição das tarefas e que, por diferentes motivos, o homem consiga a colaboração de outros homens. É o ato de sociabilidade por excelência. Os motivos podem ser a coerção, a troca de valores ou um ato desinteressado em relação a outra pessoa, ou o trabalho a ser realizado.

b) As relações tornadas internacionais levaram à colaboração internacional. Passa a ser importante prever e tratar de forma igual as coisas da documentação, sob o aspecto universal e mundial.

c) A questão que se coloca aqui é da obrigação ou da liberdade na cooperação. Um mínimo sendo necessário em todos os domínios, isso não deve ser realizado através de todos os meios possíveis? O exemplo do rádio é característico. A URSS atua como quer, não coopera na organização mundial das ondas; ela interfere, com suas próprias ondas, em todo o sistema implementado pelos outros países.

d) Nos métodos, bases da cooperação, há cinco etapas: 1º eles começam por uma ideia teórica; 2º em seguida eles são aplicados individualmente; 3º em seguida eles são objeto de recomendações; 4º finalmente de regras; 5º e pode ser entrevisto o momento no qual leis e também convenções e tratados internacionais, acordados entre governos, imporão certas regras sem as quais trabalhos fundamentais não podem ser continuados.

411.56 Publicação das obras e trabalhos científicos

Tornar público está na base de tudo aquilo que está incorporado no livro, sendo que este se autodefine como 'uma publicação'. Deve-se distinguir entre a possibilidade de conhecer fatos e o esforço por fazê-los efetivamente conhecidos por um grande número de indivíduos. A ciência, a técnica, as indústrias e a condução dos negócios públicos devem passar gradativamente do estado de sigilo ao estado de publicação. A publicação foi instituída para leis, patentes, registros civis, estado civil e informações administrativas, como as estatísticas.

Diante da multiplicidade de trabalhos que esperam a vez de serem publicados, seremos levados a realizar seu registro em agências especiais

[1] O Deutsche Normenausschuss (conselho alemão de normalização) ocupa-se há vários anos da racionalização no campo das bibliotecas. Entre seus objetivos estão a aplicação do formato DIN aos livros e às revistas, a unificação dos títulos citados (*Zitiertitel*), a classificação e outras questões. O subcomitê de normalização das bibliotecas é presidido pelo diretor-geral, dr. Kruss, delegado à Comissão de Cooperação Intelectual da Liga das Nações.

nas quais cada um poderá obter uma cópia (expedição).

411.57 Seriação dos esforços. Etapas

É grande a diferença entre uma criação que parte do zero, com poderosos meios, ideias, homens e recursos financeiros, e uma organização que liga elementos já existentes, cada um deles com seus próprios meios de existência e direção. Pela coerção pode-se obter tudo no primeiro caso; mas, no segundo caso, tudo dependerá da boa vontade. A analogia neste caso entre uma organização científica e a síntese científica é impressionante. Esta é constante e espontaneamente operada com liberdade, tendo na base as miríades de resultados analíticos, específicos, e no topo as diretrizes gerais e os princípios formulados pelos espíritos sintetizadores. Esta síntese, de certa forma, funciona, portanto, autonomamente. O livro, que carece de ser organizado, constitui uma realidade viva e seus organismos funcionam do mesmo modo que todos os órgãos sociais, em parte espontaneamente, em parte deliberadamente, racionalmente, convencionalmente. O corpo da documentação (*corpus documentarium*) fornece a estrutura e o suporte à matéria bibliológica (*materia bibliologica*), que se confunde com a ciência, a arte, a literatura, a técnica e toda atividade. É importante não destruir o que foi substituído, somente revisar quando em um contexto geral, saber reconhecer com tato e sutilidade o que deve ser deixado por conta própria e o que deve, pelo contrário, ser colocado diretamente em um quadro lógico e natural. Consequentemente, toda organização definida e convencional deve proceder segundo as etapas determinadas pelas circunstâncias. É necessário saber preparar e amadurecer a ação e considerar que, ao implantar certas ilhotas no imenso rio, dá-se uma direção à própria corrente.

412 Métodos

Os métodos compreendem: 1° regras uniformes e codificadas; 2° coleta sistemática dos documentos; 3° classificação que ofereça um quadro comum a todas as divisões da instituição, e em que, sob seus números, constem todos os assuntos que possam interessar-lhes; 4° sistema de redação analítica e sintética, monografias e poligrafias; 5° sistema dos formatos; 6° sistema das fichas e folhas arquivadas verticalmente; 7° sistema de duplicatas e referências que consiste em incluir um mesmo documento nas diferentes séries fundamentais da classificação às quais ele se refira; 8° sistema dos repertórios e das pastas dispostas em classificadores verticais, formando conjuntos organizados; 9° métodos documentários universais e aplicações particulares.

Na elaboração dos métodos universais, no Instituto Internacional e neste manual, procedeu-se de duas formas diferentes:

1° Certos métodos foram elaborados diretamente.

2° Outros, já existentes, foram adotados, mas revistos, ampliados e integrados ao sistema geral.

412.1 Regras uniformes e codificadas

São necessárias regras que especifiquem e coordenem as formas dos documentos e os conjuntos por eles formados: regras suscetíveis de aperfeiçoamento, em que as formas e os conjuntos possam ser concebidos de acordo com tipos fundamentais, alguns tradicionais, outros novos. As regras bibliográficas e documentárias internacionais serão objeto de um

'código coordenado da documentação'.

A questão dos métodos domina a arte do livro, da bibliografia e das bibliotecas, assim como domina a arte de todas as outras disciplinas. Pelos métodos, quem lida com livros é auxiliado pelos meios que lhe fornecem sua competência e sua tecnicidade. Há uma técnica geral da ordenação dos documentos, uma técnica bibliológica, uma bibliotecnia.

A técnica apoia-se neste princípio fundamental: concretizar concepções e ideias, levando em conta condições de espaço e tempo. As atividades nos organismos documentários se inspiram neste princípio, e assim pode ser definida uma distribuição adequada dos objetos, dos recursos e das energias, segundo o lugar e o momento. "De fato, diz Coyecque,* tudo é técnica; em outros termos, para fazer uma coisa e para fazê-la bem feita, é necessário ter aprendido a fazê-la." Toda técnica, para guiar eficazmente a ação, deve ser fundamentada na ciência do objeto de que ela trata. Há uma técnica do livro e do documento, uma bibliotecnia; e ela deve apoiar-se na ciência do livro e do documento, a bibliologia.

* Ernest Coyecque (1864–1954). Importante arquivista e bibliotecário francês. [N.E.B.]

412.2 Coleções sistemáticas

Colecionar é a ação de reunir em coleções. Os documentos existentes formam séries, o que nos leva naturalmente a reuni-los e assim transformar em um corpo real aquilo que até então somente tinha existência como um conjunto ideal.

Os catálogos universais são prenúncios das coleções universais. Assim o catálogo dos livros existentes (bibliografia) antecipa o conjunto que um dia será a coleção dos livros reunidos em biblioteca; o catálogo dos objetos prenuncia a coleção de coisas ou o museu. O exemplo típico é o da coleção de selos postais. Qualquer um, de acordo com o catálogo editado de todas as emissões filatélicas, pode saber antecipadamente para onde dirigirá seus esforços de colecionador. E isso acontece em relação a qualquer série de itens, inclusive documentos, que se busca reunir sistematicamente, seja concentrando os desconhecidos e procurados, seja reunindo os conhecidos e descritos anteriormente.

412.3 Classificação [*classification*] e ordenação [*classement*]

A importância do assunto e o fato de as tabelas da Classificação Decimal, cuja segunda edição acaba de ser concluída, conter numerosas indicações de princípios e métodos, nos levam a resumir explanações que, na íntegra, aqui talvez parecessem desproporcionais.

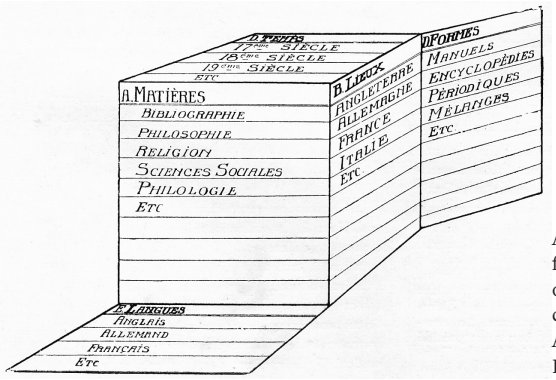
412.31 Noção da classificação

Entende-se por ordenação [*classement*] bibliográfica a arte de dispor as obras de acordo com sua matéria (assunto ou conteúdo), e por classificação o quadro ou as tabelas que apresentam os conhecimentos na ordem em que as próprias obras deverão estar.

A classificação bibliográfica é uma ordem sequencial. Ela se desenvolve em uma série linear única na qual todos os termos ocupam, uns em relação aos outros, um lugar ou posição designados por um signo (palavras, números ou quaisquer símbolos ordenados sistematicamente).

A classificação é a estrutura do organismo intelectual que é a biblioteca ou uma coleção de documentos. Ela tem múltiplas utilidades: 1° serve para a seleção de obras, pois constitui um verdadeiro plano de aquisição; 2° é útil para a leitura, pois representa o plano de um ciclo de leituras

fundamentais (autodidatismo); ela serve também para o estudo da terminologia, para a ordenação dos assuntos numa enciclopédia; 3° o catálogo sistemático da biblioteca e das coleções baseia-se nela; 4° a localização das obras nas estantes e dos documentos nas pastas classificadoras segue sua ordem; 5° representa uma ordenação dos conhecimentos no espírito.



A CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

A massa de livros separada por diferentes pontos de vista, sucessiva ou simultaneamente (subdivisão), conforme as cinco características: A. Assunto; B. Lugares; C. Tempo; D. Formas; E. Línguas.

[Para melhor visualizar a imagem, convém ampliá-la, ou consultar o original em https://fr.wikisource.org/wiki/Page:Otlet_-_Trait%C3%A9_de_documentation,_1934.djvu/385]

1. *Divisão do estudo*

Um estudo completo da classificação contemplaria as seguintes questões:

A. A classificação em geral. Taxonomia.

1. Preliminares. Definição. Importância. Relações e correlações com a ciência em geral, a lógica, a linguagem, a escrita e a notação, a documentação, os objetos e as artes. 2. Noções fundamentais. Realidade e concepção, o indivíduo e a classe, as categorias. As ordens taxonômicas fundamentais. 3. Graus na classificação: classificação de uma coisa, de uma ciência, do conjunto das ciências. 4. Espécies de classificação: natural e convencional. 5. Notação, expressão da classificação, cabeçalhos de assuntos, símbolos. 6. Formas da classificação: alfabética (analítica), metódica (sintética).

B. A Classificação Decimal Universal (CDU)

1. Noções. Histórico e desenvolvimento. 2. Características e plano da classificação. 3. Notação. 4. Divisões e números simples ou compostos. 5. As tabelas sistemáticas, alfabéticas, sintéticas. Concordância em relação às principais classificações. 6. Emprego. Aplicações e indexações diversas: publicações (títulos, tabelas e índices), catálogos (bibliografias), coleções (bibliotecas); museus; repertórios, arquivos e pastas diversas, patentes, legislação, estatística, contabilidade. 7. Edições diversas da CDU. 8. Exame crítico da classificação; revisões propostas. 9. Organização da cooperação para o desenvolvimento da CDU.

2. *Classificação teórica*

Classificar é a operação mais elevada do espírito, aquela que implica todas as outras. O espírito se eleva à medida que é capaz de abstração, de sistematização e de síntese. Classificar enseja quatro operações distintas, quatro procedimentos sucessivos da inteligência.

a) Extrair, por comparação, da multiplicidade de coisas (seres, objetos, fenômenos, acontecimentos), as classes ou tipos mais gerais e esta-

belecer em seguida as relações entre eles, de acordo com as linhas de uma arquitetura intelectual de conjunto (sistemática, construção da ciência).

b) Designar cada uma das divisões do quadro da classificação assim obtido mediante uma notação adequada, número de chamada ou índices (linguagem).

c) Em seguida, para cada objeto a ser classificado (notas, livros, fichas, qualquer documento), reconhecer seu lugar na classificação como conteúdo em relação ao continente; fixar este lugar ao inscrever no objeto a notação correspondente (indexação).

d) Enfim, formar a coleção ou o conjunto dos objetos a classificar (livros, documentos, etc.) de tal modo que sua ordenação [*ordonnancement*] reproduza a própria ordem [*classement*] da classificação.

3. *Dificuldade da classificação*

No entanto, no estado atual de avanço dos conhecimentos:

a) A ciência em sua maior parte ainda não foi construída e as aspirações por uma estrutura lógica (indução e dedução) não foram atendidas.

b) A linguagem natural não se presta para denominar os conceitos científicos, pois: a) essa linguagem é tão múltipla e variada quanto as nações existentes, enquanto a ciência é universal; b) essa linguagem consiste em um sistema de vocábulos que se baseia em analogias superficiais e distantes, remontando à era da ignorância da humanidade (exemplo, a palavra Sol, derivada de uma raiz sânscrita que significa brilhante, serve para designar um corpo bem determinado do sistema solar); c) os vocábulos, enfileirados na arbitrária ordem alfabética das letras que os transcrevem, não revelam nada da ordem sistemática das coisas revelada ou formulada pela ciência.

412.32 Tipos de classificação bibliográfica

Há inumeráveis sistemas de ordenação. Todos, no entanto, podem ser reduzidos aos tipos do quadro seguinte:

- Classificação sistemática
- Classificação alfabética
  - Sem notação
  - Com notação
    - Notação com números
    - Notação com letras
    - Notação com outros símbolos
    - Notação por combinação de números, letras e símbolos.

412.33 Classificação alfabética. Classificação Decimal

A classificação alfabética recorre a palavras, nomes próprios e substantivos comuns, posicionados de acordo com a ordem alfabética, à maneira dos dicionários: ela é prática porque não exige nenhum instrumento intermediário para a ordenação.

Mas a classificação alfabética por assuntos apresenta as seguintes desvantagens em comparação com a classificação decimal: 1° ela dispersa o assunto em divisões ordenadas arbitrariamente, seguindo a ordem das letras e não a ordem das ideias como o faz a CD; 2° ela obriga cada um a definir sua opção quanto às divisões que irá utilizar, enquanto que a CD oferece um quadro pronto; 3° ela obriga a escrever palavras mais longas do que números, principalmente quando se deseja dividir a palavra prin-

cipal por palavras secundárias ou ainda estas por palavras terciárias, enquanto que, na CD, basta acrescentar aos números decimais um ou dois números; 4° os cabeçalhos de assuntos somente têm significado em uma única língua, enquanto que os índices da CD são internacionais; 5° devido à escolha arbitrária das palavras, toda ordenação alfabética tem um caráter pessoal, enquanto a CD tem caráter impessoal e universal. Graças a ela tornou-se possível a centralização automática de documentos e dados oriundos das fontes mais diversas; 6° na troca de correspondências, se o correspondente A tiver tido o cuidado de inscrever o código de ordenação dos itens na cópia e no original, e isso com um único toque, ele dispensará o correspondente B de proceder à classificação dos originais recebidos. Donde, no conjunto, uma economia de 50% na ordenação dos itens.

412.34 Principais classificações sistemáticas

As classificações francesas, como a de Brunet e a da *Bibliographie de la France*, envelheceram. Nos países anglo-saxões conhecem-se as classificações de Dewey (Decimal Classification), de Cutter (Expansive Classification), de James Duff Brown (Subject Classification). A biblioteca do Congresso, em Washington, tem sua própria classificação. H.E. Bliss (*The organization of knowledge in libraries*, 1933) apresentou uma crítica dos grandes sistemas e formulou proposições para uma nova classificação.[1]

412.35 Histórico dos sistemas existentes

A história das classificações bibliográficas, também chamadas sistemas bibliográficos, é muito antiga e muito extensa. Ela permite constatar as diferentes e sucessivas influências que foram exercidas sobre elas. Sem entrar em detalhes, eis alguns fatos gerais que caracterizam as grandes etapas percorridas.

Não se sabe nada muito preciso sobre os sistemas da Antiguidade, embora não haja dúvida de que existiram. Conhecemos os sistemas da Idade Média baseados no *trivium* e no *quadrivium*. Eles serviam para as bibliotecas dos mosteiros, das catedrais e dos castelos. No século XVI, com o desenvolvimento da imprensa e o progresso das doutrinas de liberdade religiosa e política, ocorreram tentativas de inovação. Gesner deu o primeiro exemplo nesse sentido.

No século XVII vimos aparecer os sistemas filosóficos baseados exclusivamente na classificação *a priori* dos conhecimentos humanos. É a continuação dos tratados de Bacon e de outros reformadores dos métodos científicos. Essas classificações, no entanto, foram aplicadas com extrema reserva. No século XVIII, pelo contrário, pode-se observar nos sistemas bibliográficos as mesmas tendências para seguir a tradição ou adotar novas ordenações de base filosófica. A obra de Gabriel Peignot (1802) ressalta, pelo seu próprio título, toda a influência exercida sobre os sistemas pelo progresso da classificação das ciências: *Essai d'un système bibliographique calqué sur les trois divisions de l'Encyclopédie et précédé d'une notice sur l'ordre observé par Bacon, d'Alembert et Diderot, dans le tableau sommaire des connaissances humaines.**

[2] Ensaio de um sistema bibliográfico calcado nas três divisões da *Encyclopédie* e precedido de uma nota sobre a ordem observada por Bacon, d'Alembert e Diderot, no quadro sumário dos conhecimentos humanos. Peignot, *Dictionnaire raisonné de bibliographie*, t. 1, p. 256–289. [N.E.B.]

[1] Trataram especialmente da classificação bibliográfica em seus escritos: Bishop, Bradford, C. Coulson, Charles A. Cutter, Carl Diesch, H.H. Field, Donker Duyvis, Rudolf Forke, Rudolf Gjelsness, Hanauer, E. Krelt, E. Wyndham Holme, H. Lafontaine, Margaret Mann, Charles Martel, William Stetson, Mervil, Julia Petter, Ernest Cushing, Richardson, C. Richet, W.C. Berwick Sayers, Georg Schneider, H. Sebert, A.R. Spofford, A. Law Vöge, etc.

No século XVIII e no início do XIX reinava a ideia, especialmente entre os autores franceses, que era atribuição da bibliografia apreciar o valor de todos os livros que ela registrava e indicar o lugar exato que cada livro deveria ocupar em uma classificação lógica de toda a literatura, baseada em uma classificação anterior de todos os conhecimentos. Mas, pouco a pouco, chegou-se a condenar esses tipos de classificações, consideradas impossíveis, e retornou-se aos antigos métodos. A classificação de Brunet, em seu *Manuel du libraire* (1810) marca esse retorno. Esta classificação era, de fato, aquela criada pelos livreiros eruditos do século precedente e que, por muito tempo, foi utilizada na França e em outros países.

No conjunto do movimento bibliográfico, a França se notabilizou por um forte apego à tradição. A Inglaterra produziu sistemas práticos e quase sempre também conformes à tradição. A Alemanha se manifestou através de sistemas que, em suas divisões principais, eram frequentemente baseados em considerações filosóficas bastante vagas. Os Estados Unidos se preocuparam principalmente em adotar dispositivos práticos e uniformes. Em sua *Bibliotheca bibliographica*, publicada em Leipzig, em 1866, J. Petzholdt descrevia, na ordem cronológica de sua criação, 115 sistemas bibliográficos, sendo que o primeiro remontava a 1347. Depois daquela época, mais de sessenta sistemas foram criados.

Uma certa unidade se impõe, ou, pelo menos, um sistema geral que se superponha aos sistemas específicos, ao qual todos se reportariam e que poderia ser aplicado toda vez que não houvesse nenhum motivo imperioso para se distanciar do sistema geral.

Ao lado das classificações bibliográficas vimos outros tipos de classificação sendo formados, visando a objetivos utilitários. Inicialmente foram as classificações das grandes exposições universais. Desde 1853 (Londres), data da primeira delas, essas classificações foram sendo simplificadas ao mesmo tempo que eram detalhadas e coordenadas. Homens eminentes trabalharam nelas (por exemplo, Le Play, em 1855).* Em sua última forma, que lhe foi dada pelo comitê internacional das exposições, elas representam o fruto de muita experiência. As classificações adotadas pelos grandes museus foram objeto de cuidados especializadas e hoje existem museus de tudo. Existem também classificações de uma importância prática muito grande destinadas à ordenação das patentes de invenção, estatísticas (indústrias e profissões), mercadorias (tarifas e estatísticas alfandegárias), à organização das grandes lojas de departamentos, etc. Cabe lembrá-las nesta breve revisão da história das classificações.

* Frédéric Le Play (1806–1882), um dos fundadores da sociologia francesa, elaborou a classificação adotada para a formação dos grupos de produtos a serem apresentados na Exposição Universal de Paris de 1855. Ela abrangia as etapas de fabricação dos bens de consumo, desde as matérias-primas até os produtos manufaturados, e as artes aplicadas à indústria. [N.E.B.]

412.36 A Classificação Decimal

a) *Princípio*. O Instituto Internacional de Bibliografia ignorou as dificuldades que somente o tempo podia resolver. Para os objetivos da organização da documentação, ele colocou acima de tudo a existência de uma classificação que fosse universal, padronizada e existente, mesmo que convencional e incompleta em sua expressão. Ele elaborou, em duas edições sucessivas (1895 e 1927/29), uma classificação prática.

b) *Característica*. A Classificação Decimal atende às dez características da seguinte definição:

1° Classificação sistemática em sua disposição e enciclopédica em seu conteúdo.

2° Notação decimal, em que os números se combinam segundo certas funções correspondentes aos aspectos fundamentais dos documentos.

3° Classificação apresentada em tabelas com dupla entrada, uma metódica e a outra alfabética.

4° Permitindo uma indexação sumária ou detalhada conforme a necessidade.

5° De aplicação universal a todas as espécies de documentos e objetos.

6° A todas as coleções ou partes de um organismo documentário.

7° Apropriada às necessidades da ciência especulativa e àquelas da atividade prática.

8° Suscetível tanto à invariabilidade quanto ao desenvolvimento ilimitado.

9° Instrumento que faz parte da organização internacional da documentação.

10° A documentação concebida como base da organização mundial do trabalho intelectual (ver publicação nº 51 do Instituto Internacional de Bibliografia).

c) *Fundamento*. A unidade de classificação é indispensável para que o trabalho documentário tenha sucesso. Até aqui foram elaboradas 170 classificações bibliográficas diferentes. No entanto, nenhuma cooperação é possível se cada um se mantiver fechado em seu sistema. Foi, portanto, necessário unificar a ordenação e propor a adoção de uma classificação universal, a exemplo do que fez a *Convention* francesa ao reconhecer a necessidade de um sistema universal de pesos e medidas. Em 1895, a primeira Conferência Bibliográfica Internacional escolheu para esse fim a Classificação Decimal, adotando todo um programa para seu desenvolvimento. Em 1904 foi publicada a edição das tabelas desenvolvidas.

A edição recente da Classificação Decimal, publicada pelo Instituto Internacional de Bibliografia, foi concluída em 1933. Ela compreende em suas tabelas metódicas 66 mil divisões e em seu índice alfabético ao redor de 40 mil palavras. A obra compõe um volume de 1 153 páginas com duas ou três colunas. A Classificação Decimal tem sido até hoje mais aplicada no Repertório Bibliográfico Universal. Devida a Melvil Dewey em sua forma inicial, ela agora é o resultado de uma vasta cooperação dirigida pelo instituto; cooperação voluntária e doação anônima de pensamento e trabalho à comunidade humana.

Todos os conhecimentos são nela representados em seu ciclo inteiro: a enciclopédia do saber. O princípio é muito simples. Uma classificação alfabética por cabeçalhos de assuntos seria por demais empírica para satisfazer às necessidades de agrupar conceitos e do sistema da ciência. Seria a dispersão: a dificuldade de lidar com as expressões complexas que encontramos na terminologia moderna de disciplinas tais como a medicina, a técnica ou as ciências sociais; seria sobretudo a impossibilidade de assentar a cooperação internacional sobre uma base estritamente nacional das diferentes línguas para cada país.

A Classificação Decimal apresenta-se como uma ampla sistemática dos conhecimentos, espécie de 'sumário' [*table de matières*] dos sumários de todos os tratados e periódicos especializados. Mas, como seria impossível encontrar nessas classificações o lugar atribuído a um assunto em relação a outro assunto, impõe-se uma numeração que determine a ordem. Essa numeração é decimal, o que este exemplo ilustrará. O assunto alotropia será assim classificado:

5ª classe: Ciências naturais
4º grupo: Química pura
1ª divisão: Teorias químicas
7ª subdivisão: Alotropia.

ou seja: 541.7.

O número 541.7 é dito decimal porque o saber inteiro é constituído pela unidade, da qual cada ciência é uma fração, e cada questão particular é uma casa decimal de uma ordem mais ou menos subdividida. Para abreviar, suprimiu-se o zero da notação completa, que seria 0.541.7, pois o zero seria repetido na frente de todo número. O número composto dos algarismos 'cinco, quatro, um, sete' pode ser enunciado assim ou então agrupando os algorismos em conjuntos de três, como no telefone, ou conjuntos de dois, ou então enunciando 'quinhentos e quarenta e um, sete'. Basta o número para designar um assunto, pois as palavras subentendidas, que são sempre as mesmas, foram deixadas naturalmente de lado: 'classe, grupo, divisão e subdivisão'.

A classificação é também chamada decimal, pois reparte todos os assuntos em dez classes e depois, em cada classe, em dez grupos ou menos, e em cada grupo em dez divisões ou menos. Bastará traduzir as tabelas para todas as línguas para que o mesmo número 547.1 tenha em todas o mesmo significado; bastará subdividir esse número em novos algarismos decimais, correspondentes a subdivisões de 'alotropia' (como a isomeria, a tautomeria e a polimeria) para acompanhar o desenvolvimento científico futuro em todas suas ramificações; será, enfim, suficiente registrar este número em todo documento, livro, brochura, artigo, referência bibliográfica e qualquer item que diga respeito à alotropia, para assegurar que sua ordenação será seguida na universalidade das questões científicas.

O índice alfabético da tabela remete ao número classificador de cada palavra, como o índice de um livro remete às páginas. E, graças a seu índice, o documento será recuperado com a mesma facilidade com que se pode localizar, dadas a latitude e a longitude, um lugar preciso no globo terrestre.

Acrescente-se a esse primeiro princípio, muito importante, da classificação decimal, um segundo: a combinação de números classificadores entre si, toda vez que for útil expressar uma divisão composta ou complexa. Veja-se a questão da estatística em 31 e a das indústrias químicas em 66.

Por convenção, admite-se que os números sejam unidos pelo simples sinal : escrevendo-se assim 31:66 Estatística das indústrias químicas.

Isso identifica relação em geral, mas um assunto ocupa também uma posição no espaço e no tempo. Pode-se tratar de indústrias químicas na França limitadas a um período, como o século XIX (ou seja, de 1800 a 1899). O sinal característico para divisões de lugar são os parênteses, e o das divisões de tempo, as aspas. Assim, será possível formar o índice composto 31:66(44)"18" Estatística das indústrias químicas na França no século XIX.

Se tivermos uma expressão de quatro números, formando um conjunto de oito algarismos, separados por três sinais característicos, para expressar, em função da universalidade do saber, quatro divisões subordinadas, e quisermos expressá-la em escrita corrente, usaremos 53 letras. Como todos os termos desses números são reversíveis, eles podem ser-

vir sem dificuldade para uma ordenação geográfica ou cronológica tanto quanto ideológica. Poder-se-á dizer por exemplo:

(44)31:66"18"

França – estatística – indústria química – século XIX (ordenação baseada no lugar).

"18"(44)31:66

Século XIX – França – estatística – indústria química (ordenação baseada no tempo).

As subdivisões de relação e situação das divisões (lugar e tempo) aqui explicadas podem ser completadas, segundo o caso, por subdivisões de documentação, relativas à forma e à língua do documento (por exemplo, revista em italiano). Por fim, teremos subdivisões comuns para todas as partes de uma ciência e também para todas as indústrias, a fim de exprimir certos pontos de vista, certas questões encontradas amiúde, como, por exemplo, composição dos corpos, propriedades e preparação, seriam expressos pelo número 02.03.05 adicionado a qualquer elemento químico.

Por exemplo:

546.52 Tálio

546.52.02 composição do tálio

546.22 Enxofre

546.22.02 composição do enxofre

546.22.05 preparação do enxofre

Em virtude da lei das combinações e permutações, as tabelas de classificação existentes permitem formar livremente milhões de números classificadores compostos. Assim como a numeração aritmética não nos dá todos os números já formados, mas nos fornece o meio de formá-los quando necessário; do mesmo modo a classificação nos fornece o meio de criar números classificadores na medida em que as documentações organizadas nos apresentam divisões compostas a serem traduzidas para notação numérica.

5. *Progresso em via de realização*

A Classificação Decimal está sendo aperfeiçoada incessantemente, graças ao princípio de decimalização implementado pela colaboração de especialistas de todos os países, hoje bastante extensa.

Paralelamente busca-se a elaboração: a) de uma estrutura sintética das ciências (lógica e metódica); b) de uma classificação científica e filosófica (taxonomia); c) de uma linguagem científica e de uma notação racional (terminologia e simbologia). Da classificação sintética, una ou múltipla, e em constante evolução, podemos nos reportar, mediante concordância, à própria Classificação Decimal que assim engloba, em si, uma nova ordem de entradas, complementar àquela que ela já apresenta no seu índice alfabético.

c) Concordâncias entre classificações

É possível estabelecer concordâncias entre a classificação decimal considerada como classificação universal auxiliar e as classificações especiais em uso. Exemplos:

	Classificação Decimal	Intern. Catal.	Cutter	Halle (Hartwig)
Cálculo integral	517.3	A. 4000	—	Pc. I. 3B
Literatura alemã	843	—	Y. V.	Dc

a) A classificação decimal tem três características: 1° convencional e padronizada; 2° auxiliar; 3° internacional. Ela não objetiva ser a mais lógica das classificações, nem a única. b) A elaboração dessa classificação, até aquela que será continuada pela atualização desta, se desenvolve no contexto das seguintes ideias: a classificação decimal, composta agora de tabelas sistemáticas e de um índice alfabético, será completada por tabelas sintéticas que não terão notação própria e poderão ser constantemente transformadas e adotar as variantes dos diferentes sistemas e escolas pertinentes. A classificação decimal poderá periodicamente, após grandes lapsos de tempo, ser objeto de reformulação radical, de modo a não opor sua intangibilidade aos progressos das ciências e da vida. O Instituto Internacional de Bibliografia, em relação com outras organizações interessadas, continuará os estudos relativos à classificação em geral (teoria e prática: taxonomia), de modo a estabelecer os elementos das tabelas sintéticas e aqueles da revisão periódica.

412.37 Desenvolvimento da classificação em geral em quatro direções diferentes

Um esforço imenso foi feito através dos anos, e particularmente no século XIX, para melhorar as classificações e para aprofundar as noções fundamentais. De início desorientados, esses esforços hoje tratam de quatro objetos diferentes:

1° A teoria da classificação, que tem origem na lógica. Essa teoria foi detalhada e enriquecida com novas observações.

2° A sistemática de cada ciência, de cada ordem de conhecimento, enumeração dos seres estudados, sua seriação natural, contexto dos estudos e das organizações de estudos.

3° A classificação das ciências, ou a relação entre os diferentes ramos do conhecimento, que deve satisfazer às leis da lógica e ser fundamentada em todas as sistemáticas particulares, mas abstendo-se dos detalhes destas.

4° A classificação bibliográfica e documentária, das quais o objetivo utilitário é a ordenação e a recuperação rápida e segura dos itens e documentos de qualquer natureza. Ela visa a ser tão prática e completa quanto possível. Ela se conforma às leis da lógica, utiliza as sistemáticas particulares e a classificação das ciências. Mas renuncia a ser uma obra da razão teórica para se contentar em ser uma obra da razão prática. A continuidade, a estabilidade, seus desideratos principais, justificam as discordâncias com a ordem científica rigorosa. Seu caráter deriva ainda de um outro fato. Devendo servir à ordem nos documentos e não nas ideias, não lhe é suficiente enumerar, em suas divisões, seres e fenômenos; ela deve enumerar também os documentos e a forma como as noções são neles combinadas e incorporadas. Este fato influencia o próprio agrupamento das divisões. A classificação, com efeito, deve poder servir tanto à ordenação das obras antigas quanto das obras modernas, àquelas que desenvolvem seu assunto segundo planos tradicionais quanto àquelas que o desenvolvem segundo visões novas. A classificação bibliográfica e documentária é, portanto, semelhante, em seu desenvolvimento, a uma língua. Esta recebeu constantes acréscimos, e o tempo se incumbiu de que caíssem em desuso algumas partes, mas jamais promovendo uma reformulação radical ou uma nova síntese. A língua possui palavras e formas de todas as épocas: ela multiplica suas exceções segundo as necessidades, ela não

tem outro objetivo senão ser expressiva, ou seja, poder dizer tudo e estar segura de ser entendida. Assim a classificação, um rio incessantemente acrescido de riachos e córregos, foi constituída por adições sucessivas e conservou em seu leito tudo aquilo que o tempo lhe trouxe. Ela procurou classificar tudo e permitir recuperar, a todo momento, tudo. Mas, embora agora bem distintas, a teoria lógica das classes, a sistemática, a classificação das ciências e a classificação documentária se influenciam estreitamente e o progresso de uma traz benefícios às demais.

412.38 Taxonomia geral. Ciência da classificação

O fato de termos podido identificar e descrever perto de 200 classificações bibliográficas diferentes, sem falar das classificações elaboradas nas ciências, fornece uma base objetiva à taxonomia. Este termo foi proposto por Durand de Cros em sua obra *Essai de taxonomie* (Paris, Alcan).*

Convém reservá-lo para o estudo histórico, comparado, teórico e técnico da classificação em geral e de todas suas espécies ou formas.

Em geral toda classificação é uma criação consciente. Deste ponto de vista é difícil distinguir, tanto aqui como na língua, entre o que é inconsciente e consciente, natural e artificial. (Embora na língua, desde o início, tivesse sido preciso reconhecer este elemento consciente.) No entanto, entre o propósito deliberado de uma classificação universal e a simples elaboração de uma classificação empírica que possa responder a necessidades práticas existe uma tal distância que é preciso distinguir, como na própria língua, três disciplinas distintas:

1º A *taxonomia histórica e comparada*, dedicada à descrição das classificações existentes, às leis de sua produção, a seu cotejo sistemático. Dizer o que é, deve ser neste caso uma preocupação exclusiva.

2º A *taxonomia construtiva*. Ela se dedica a orientar a evolução e a transformação das classificações existentes. (Desde 1912, P. Karblinger* propôs uma linguística construtiva, objetivando que os linguistas se ocupassem das línguas naturais e de sua evolução orientada, do mesmo modo que as academias interlinguísticas cuidam das línguas artificiais).

3º A *taxonomia normativa*. Sistema total de teorias e técnicas que serve para a produção de uma classificação universal. (O termo linguística normativa foi proposto por X. de Jezierski em 1927 para denominar uma disciplina análoga no que diz respeito à produção de línguas universais.)

O requisito lógico é um atributo da classificação. Quanto mais uma classificação é lógica, mais ela está apta a ordenar de maneira exata todo conjunto de ideias, documentos ou objetos. Não há classificação que não satisfaça mais ou menos a esta condição. É verdade que a experiência demonstra que é possível chegar a classificar um assunto mais ou menos difícil com qualquer classificação. Mas a introdução de um formalismo lógico, que não existe nas classificações usuais, se reveste de muita utilidade.

Deve-se também situar os estudos de taxonomia no quadro mais geral dos estudos conexos antecedentes, consequentes ou paralelos. A classificação tem relações muito estreitas com : 1º a documentação. 2º A história das ciências. 3º A filosofia geral das ciências. 4º A lógica. 5º Os estudos sobre a língua e em particular a 'interlinguística' ou estudo das línguas artificiais. 6º Os dados relativos à notação em geral (simbólica, pasigrafia). 7º Dados relativos à representação gráfica: esquemas. 8º Os dados relativos às medidas (metrologia).

* Nome não localizado. É provável que seja um erro tipográfico. Foneticamente, o que se aproxima dele é o de Karl Bühler (1879–1963), filósofo, linguista, e psicólogo alemão, que publicou trabalhos importantes sobre teoria da linguagem.[N.E.B.]

412.4 Documentos analíticos e sintéticos. Monografia e poligrafia

Distingue-se o documento analítico do documento sintético, a monografia analítica da poligrafia sintética. Para uma análise bem conduzida, as coisas se decompõem em elementos últimos; por meio de uma síntese completa, os elementos divididos podem ser reagrupados em sua unidade de primeira ou segundo outros tipos de unidade.

Análise e síntese são métodos fundamentais, quer se trate de concepções ou de coisas reais. Aplicadas integral e sistematicamente, elas facilitam a organização.

412.5 Sistema de formatos

a) O papel é o material mais empregado universalmente. A supressão de seus inumeráveis formatos e sua substituição por alguns poucos seria uma medida econômica e eficaz.

b) *Formatos aplicados pelo Instituto Internacional de Bibliografia*

Estes formatos, definidos em centímetros, são:

1º *Formato ficha*: 7,5 × 12,5, usados no sentido da largura. Este formato foi adotado pelas conferências internacionais de bibliografia. É o formato do antigo cartão postal universal. Há concordância entre as medidas métricas (7,5 × 12,5) e as medidas inglesas (3 × 5 polegadas).

2º O *formato quarto* (dito máquina ou *coquille*): 21,5 × 27,5. Formato aplicado às pastas dos arquivos documentários. As publicações feitas nesse formato são particularmente recomendadas pelos seguintes motivos: a) a divisão em duas colunas corresponde aos desideratos da fisiologia do olho; b) a disposição das margens produz uma economia nos custos de impressão que equivale à da matéria impressa; c) a identidade dos formatos com o da correspondência e das notas datilografadas facilita a inserção nas pastas de fascículos ou folhas deles destacadas.

3º O *formato cartão postal*, devido ao grande número de documentos fotográficos editados neste formato (9 × 14), usado no sentido da largura.

4º O *formato quadro*. A série de estampas do Musée Mondial e do atlas correspondente (*Encyclopedia Universalis Mundaneum: Atlas*) é produzida neste formato (64 × 67).

5º O *formato* (*23 × 24 mm*) para a confecção de imagens para projeção. Este formato é utilizado tanto pelos microfilmes quanto pela microfichas impressas em papel. É o formato internacional adotado pela cinematografia.

c) *Formato DIN*

Adotado desde 1923 pela Deutsche Industrie Normung, donde o nome Formato Normalizado DIN, adotado em 1928 em congresso internacional por 11 países. Todos os formatos apresentam a mesma relação entre seus lados maior e menor expressa pela razão 1: $\sqrt{2}$.

A superfície inicial é a folha de papel de 1 m², com 841 × 1 189 mm de lado. Os formatos seguintes são deduzidos deste pela sua divisão ao meio, por corte ou dobra, no sentido do lado maior. Cada um deles é designado pela letra A seguida do número de dobras necessárias para obtê-lo, partindo do formato original chamado A0. O formato intermediário se deduziria de uma série B e os intermediários dos intermediários, de uma série C, calculados do mesmo modo por médias geométricas.

Deve-se preferir a série A e somente adotar as séries seguintes em caso de absoluta necessidade.

d) Nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha foram feitas tentativas de

simplificação do número de formatos existentes. Ao ser constatado que o formato DIN acarreta um gasto suplementar de papel ao redor de 10%, foi elaborado na França um novo sistema, baseado nos números *Renard*, também chamados 'números normais', já aplicados internacionalmente por diversas indústrias, notadamente na metalurgia e na eletricidade e aplicáveis a todos os problemas, formatos, pesos e diversas margens de tolerância. O princípio é o seguinte: no estabelecimento de uma série racional de números crescentes, representando dimensões, pesos, superfícies, volumes, velocidades, forças, quaisquer medidas, o intervalo que separa dois números consecutivos dessa série devem ser progressivos e calculados proporcionalmente aos números que os enquadram. O formato francês proposto tem uma série principal *carré* 45 × 56 cm (formato atual) e duas séries complementares *Raisin* (50 × 64 cm) e *Jésus* (56 × 72 cm).[1]

Na prática obtém-se para o in-quarto *carré* o papel para datilografia ou o formato folha, oposto ao formato ficha. 1º Formato DIN A4, 21 × 29,7 cm. 2º Formato tradicional francês in-4º *coquille* 21 × 27 cm. 3º Formato na dimensão *Renard* 21,5 × 27 cm.

e) Procurou-se também uma padronização do peso do papel segundo uma medida normal, baseada no princípio do peso por metro quadrado. Pode-se assim manter uma mesma gramatura ou uma mesma forma independentemente do formato. Foram criadas tabelas derivadas da série *Renard*: cálculos do peso da folha não cortada e da resma de 500 folhas dos três formatos propostos.

Praticamente, e de modo aproximado, divide-se por oito o peso em gramas por metro quadrado da folha, e se obtém, em números arredondados, o peso em quilogramas da resma correspondente. Inversamente, multiplica-se por 8 o peso da resma para obter o peso em gramas do metro quadrado. Os papéis são entregues e faturados pelo peso líquido.

f) Na impressão (em offset, por exemplo) de formulários, cadernos de engenharia, etc., principalmente em escritórios de projetos, é frequente a necessidade de reproduzir desenhos, croquis, plantas, fórmulas ou qualquer outro trabalho. A comodidade e o mínimo de perda exigem que as relações de tamanho (largura e comprimento) dos originais a serem reproduzidos sejam idênticas ou bastante próximas dos formatos do papel em que será feita a impressão. Os sistemas DIN e *Renard* resolvem isso.

g) Em resumo, a normalização do papel está em vias de acontecer, mas ainda não foi conquistada. Para realizá-la será necessário levar em conta dois fatores: 1º As relações mais ou menos próximas, mas que inegavelmente existem entre indústrias que parecem, à primeira vista, totalmente independentes, e os produtos correspondentes. Por ex.: componentes das máquinas de fabricar papel, componentes de máquinas impressoras, tipos de impressão, embalagens e recipientes. 2º Os desideratos de todos os interessados devem ser considerados: os dos usuários, com o consumo tendo primazia sobre a produção, levando em conta a experiência acumulada nas bibliotecas, nos centros de documentação e no IIB; levando em conta também os grandes consumidores de papel, como a administração pública, bancos, companhias de transporte ferroviário, grandes indústrias; os interesses dos produtores: fabricantes de papel, das gráficas, dos fabricantes de máquinas de impressão; das empresas de transformação de papel e dos fabricantes de máquinas de transformação de papel.

[1] Ver o relatório do sr.. J. Danguin à XII conferência do I.I.D.

412.6 O sistema de fichas ou folhas e o sistema de livros, fascículos ou registros

1. O livro tradicional é composto de folhas reunidas e cada uma traz um texto em linhas a serem lidas da esquerda para a direita e sucessivamente, de cima para baixo (os povos orientais escrevem e leem as linhas de cima para baixo; os antigos possuíam 'volumes', que eram desenrolados para leitura do texto).

2. De fato, o conteúdo de um livro pode ser representado por uma única linha contínua, mas seccionada em partes iguais, cada parte correspondendo a uma página. Esse seccionamento é material: ele não corresponde ao seccionamento segundo as divisões intelectuais da ideia (capítulos, seções, parágrafos, alíneas).

3. A disposição em forma de folhas ou fichas soltas, que não são presas por costura ou encadernação, permite aproveitar as vantagens dos três princípios seguintes:

a) *Princípio da monografia*. Cada elemento intelectual de um livro é (após ter sido secionado do conjunto do texto) incorporado em um elemento material correspondente.

b) *Princípio da continuidade e da pluralidade de elaboração*. Lembrando que um livro é elaborado intelectualmente por um ou vários colaboradores e, uma uma vez terminada a redação, será encerrado, as fichas permitem que com ele trabalhe um número ilimitado de pessoas. Jamais se deve considerá-lo como acabado.

c) *Princípio da multiplicação de dados*. As fichas são multiplicadas, a fim de que os diferentes dados figurem em diferentes critérios de ordenação (por exemplo, critérios ideológicos, geográficos, cronológicos, etc.).

4. As fichas ou folhas avulsas se organizam em repertórios dispostos em fichários ou classificadores verticais, intercalados por fichas divisórias, ou pastas.

5. A Classificação Decimal exprime as classes em uma ordem relativa e não na ordem absoluta de números consecutivos. Ela funciona como uma espécie de paginação para pastas e classificadores.

6. Dois métodos gerais estão presentes: fichas (folhas) ou livros (registros). O primeiro baseia-se na mobilidade dos elementos componentes, o segundo, em sua fixidez. Combinando o sistema de fichas e folhas com o princípio monográfico, obtém-se concretamente, nos documentos, uma coincidência perfeita entre a unidade intelectual e a unidade física do suporte escrito, entre o seccionamento do pensamento e as seções do livro.

412.7 O sistema das duplicatas e referências

Um mesmo documento somente pode estar presente em um único lugar ao mesmo tempo. No entanto, em função de suas características, ele pode fazer parte de várias séries. Para contornar esse obstáculo são empregadas duplicatas ou referências. Os registros de um catálogo são representantes de documentos catalogados: esta é uma aplicação fundamental e ampliada do sistema de duplicatas–referências. Mas este sistema pode ser generalizado. Por exemplo, em uma biblioteca, podem-se intercalar, nos diferentes lugares a que corresponde cada um dos números da classificação de um documento, pranchetas ou cartolinas que marcam o lugar onde o livro se encontra na ordem principal. Do mesmo modo, em um museu. De fato, trata-se menos de ordenar os documentos do que preencher, por intermédio deles, as diferentes lacunas abertas na classifi-

cação. Esta desempenha o papel de um tipo de catálogo preestabelecido da coleção a ser formada.

412.8 O sistema de repertórios e ordenação

O repertório desenvolveu-se pouco a pouco, junto com o livro, e seus aperfeiçoamentos tendem a criar um tipo novo, que modifica radicalmente nossa concepção tradicional.

Um livro, do ponto de vista de sua forma, pode ser definido como um conjunto de páginas cortadas no mesmo formato e ligadas entre si para formar um todo. Não foi sempre assim. Por muito tempo o livro foi um rolo, um volume (*volumen*). Sobre o material que naquela época substituía o papel — o papiro e o pergaminho — escrevia-se sem solução de continuidade, do começo até o fim. Para ler um livro, era necessário desenrolá-lo. A consulta de uma ou outra passagem ou para escrever no verso certamente não era algo muito prático. O formato de códice, que foi introduzido nos primeiros séculos de nossa era, e que é a base de nosso livro atual, evita esses inconvenientes. Ele é formado a partir de várias folhas dobradas, dispostas em páginas superpostas, girando ao redor do eixo da lombada ligada aos planos da encadernação ou da brochura, e podendo receber a escrita no reto e no verso. Mas seus defeitos são numerosos. Ele constitui uma coisa finita, terminada, não suscetível de acréscimos. A revista, com seus fascículos sucessivos, propiciou à ciência um meio ininterrupto para concentrar seus resultados; mas, por sua vez, ela forma uma coletânea que se defrontou com a barreira da desordem. É impossível reunir os artigos que tratam de assuntos similares ou conexos; esses são colocados de qualquer jeito em números sucessivos da publicação e, se for preciso fazer uma pesquisa, será necessário manipular massas volumosas e pesadas de papel. Os índices certamente ajudam e trouxeram melhorias: índices de assuntos, uns sistemáticos, outros analíticos; índices onomásticos com nomes de pessoas e lugares. Os índices anuais são precedidos de sumários mensais e seguidos de índices gerais, acumulados a cada cinco, dez ou vinte e cinco anos. É um progresso, mas o repertório é certamente ainda maior.

O repertório tem por princípio dissociar aquilo que o livro amalgamou, reduzir a complexidade a seus elementos e consagrar uma página a cada um desses elementos. As páginas, agora, acompanham o formato das folhas ou das fichas. É o princípio da monografia levado ao limite extremo. Não se encaderna ou, caso se encaderne, será móvel, quer dizer, a qualquer instante as fichas reunidas por uma vareta, uma barra de fixação, um anel, uma ligação qualquer, podem retomar sua independência; podem-se intercalar fichas novas, mudar de lugar fichas antigas e reordená-las.

Temos no repertório um instrumento novo, apropriado ao registro analítico e monográfico de fatos, ideias e informações. O sistema foi aperfeiçoado por meio de fichas divisórias, de formas e cores variadas, dispostas de modo a exibir externamente o quadro da classificação adotada e reduzir assim ao mínimo o tempo da pesquisa. O repertório foi ainda aperfeiçoado pela possibilidade de usar, mediante recorte e cola, materiais impressos em grandes folhas, ou mesmo livros publicados sem a preocupação de servir a repertórios, dos quais dois exemplares podem, um para o reto, outro para o verso, fornecer os materiais necessários. Indo mais longe, copiou-se das máquinas de estatística, semelhantes às

usadas no censo de Washington, o princípio das 'máquinas selecionadoras' por meio das quais é possível pesquisar mecanicamente em volumes enormes de fichas acumuladas. A máquina separa, dentre milhares de fichas, unicamente aquelas que respondem à questão formulada.

412.9 Métodos documentários universais e aplicações particulares

412.91 Princípio

O Instituto Internacional de Bibliografia tem buscado a elaboração e adoção de um método geral e universal. O método parte do princípio 'quem pode mais, pode menos'. As regras aplicáveis à bibliografia e à documentação universais não deixariam, portanto, de atender às necessidades das coleções de alcance mais estrito. Para esses casos é possível decidir pela aplicação das regras até um certo nível de detalhe (por exemplo, as regras catalográficas). Em vários lugares estão sendo preparados desenvolvimentos destas regras. Eis uma contribuição:

412.92 Aplicação do princípio

a) As regras catalográficas minuciosas, como as que são necessárias para a descrição de obras raras (difíceis de encontrar) podem, de redução em redução, limitar o registro a duas linhas ou mesmo a uma única linha.

b) A classificação pode ser simplificada ao ponto de não usar certas subdivisões comuns (língua, por exemplo) ou simplesmente não empregar subdivisões comuns ou apenas cinco, três ou mesmo uma casa decimal.

c) A forma material dos catálogos pode ser em fichas de cartolina ou se limitar, caso necessário, a um catálogo impresso ou manuscrito em um volume solto.

d) As obras e os artigos serão analisados e há regras para tal fim, mas será possível se abster de notas de conteúdo ou de crítica. Será possível aplicar um sistema completo de duplicatas e referências ou limitá-las ao mais essencial.

e) Na organização da biblioteca e das coleções de documentos será possível colocar os itens na ordem estrita da classificação, intercalando em seu devido lugar, quando as obras tiverem múltiplas entradas, cartolinas identificadoras em quantidade igual a essas entradas nos catálogos; será mesmo possível dividir uma grande biblioteca enciclopédica em seções correspondentes às divisões principais da classificação, de modo a aproximar das obras os trabalhadores, permitindo-lhes o livre acesso às estantes. Pode-se aplicar o princípio da ordenação sistemática nas estantes somente na sala de leitura e permitir livre acesso a elas, enquanto que nos armazéns a ordem seguida seria a do número de registro ou de tombo, eventualmente respeitando os diferentes fundos constituídos anteriormente.

413 Meios materiais: materiais e equipamentos; mobiliário; instalações

a) Enquanto os métodos são os meios intelectuais para elaborar obras e reuni-las, também é indispensável dispor de meios materiais: 1° equipamentos; 2° mobiliário; 3° instalação; 4° materiais.

413.0 Generalidades

A mão do homem é e continua sendo a primeira ferramenta e, quaisquer que sejam os instrumentos criados, ela continua tendo uma impor-

tância capital, nem que seja para acionar o equipamento. Desenvolver na mão, mediante exercícios e disciplina, a rapidez, a sensibilidade, a precisão do gesto e a força, e o costume com a fadiga é, portanto, de grande utilidade.[1]

1. *Noção*: A máquina é um prolongamento a) dos órgãos de percepção do homem (sentidos); b) dos órgãos que conservam e combinam os dados percebidos (memória e raciocínio); c) dos órgãos de ação e de expressão (mãos, pés, corpo, cabeça, voz).

2. *Objetivo*: O objetivo da máquina é prestar ajuda, substituir ou intensificar a força do homem nessas três direções.

3. *Operação*: A máquina é designada para se concentrar em três operações: a) escrever (máquinas de escrever, de imprimir, de fotografar); b) ler (gramofone, projetores); c) pensar (registrar as observações: termômetro, barômetro registrador; combinar dados: máquinas de calcular e para resolver equações, fazer as quatro operações aritméticas fundamentais, calcular médias e proporções).

413.1 Equipamentos. As máquinas do trabalho intelectual

Sob nossos olhos encontra-se em processo de construção um imenso maquinário destinado ao trabalho intelectual. Ele é composto pela combinação de diferentes máquinas especiais existentes, das quais, apesar do individualismo e do particularismo dos inventores, podem ser entrevistas necessárias ligações. Esse maquinário está hoje quase que exclusivamente a serviço da indústria, do comércio e das finanças. Amanhã ele será colocado a serviço da administração e do trabalho científico e então será possível colher maravilhosos resultados.

413.12 Máquinas para as diferentes operações

Para assinalar aonde os aperfeiçoamentos mais recentes nos conduziram, convém agrupar os fatos sob rubricas das grandes operações: registrar os fatos, multiplicá-los, transformá-los, conservá-los em conjuntos, apresentá-los à leitura, sintetizá-los, transportar os documentos.

413.121 *REGISTRO*

A primeira função é o registro.

413.121.1 *Ditar*. Máquina para fixação da fala. O ditafone grava segundo os princípios do fonógrafo. Foi inventada uma máquina para taquigrafar em escrita legível, o estenótipo.

413.121.2 *Escrever*. As máquinas de escrever se tornaram instrumentos ultra-aperfeiçoados. A disposição das teclas nos teclados se universaliza, as máquinas são silenciosas; pode-se transportá-las em estojos de pouco peso; é possível fazer a reposição de peças sem ter que danificar toda a máquina.

413.122 *MULTIPLICAÇÃO*

Ao escrever à máquina é possível obter em uma única operação, diretamente, até 20 cópias-carbono (Elliot Fisher). Os duplicadores foram muito aperfeiçoados desde o mimeógrafo Edison. Seu estêncil se conserva por muito tempo e pode servir várias vezes. Na 'rotocalcografia'

[1] Rodin esculpiu uma admirável coleção de mãos que exprimem o caráter de cada modelo.

[offset] temos uma verdadeira pequena imprensa que permite obter textos e desenhos e conservar indefinidamente as matrizes feitas com chapa metálica. Para certos elementos, frequentemente empregados, existem as placas dos adressógrafos, que são matrizes que podem se juntar umas às outras.

413.123 *OPERAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES*

413.123.1 *Calcular*. As operações intelectuais mais fundamentais são hoje feitas por máquina; trata-se das operações de cálculo: adição, subtração, multiplicação, divisão, extração das raízes. As opções de máquinas são extensas, desde a simples régua de cálculo até a calculadora.

413.123.2 *Contabilizar*. Trata-se de realizar três operações de forma integrada: escrever, calcular, repetir o escrito segundo as diferentes categorias de ordenação adotadas: operação em ordem cronológica ou diário, operações por pessoas físicas ou jurídicas, operações por contas internas representando conjuntos. Imaginou-se o princípio da escrita ou da datilografia em uma única máquina, não funcionando mais por simples cópia mas por superposição dos diferentes documentos contábeis que devem receber a mesma inscrição, mas cada uma nos espaços apropriados. Diversos sistemas existem, segundo o mesmo princípio, no qual o papel carbono é o meio. Mas há carbono mais ou menos bom, sensível, que não pode ser apagado, que não suja: há dispositivos engenhosos para acelerar e tornar mais segura a intercalação de documentos que devem receber as mesmas menções. Há o princípio da máquina Elliot Fisher que funciona datilograficamente, que processa simultaneamente os cálculos em colunas horizontais e verticais, retém e transcreve separadamente somente os totais, facilita as inscrições múltiplas em peças diferentes e procede eventualmente com papel em bobinas em que o corte somente pode ser feito posteriormente.

413.123.3 *Selecionar*. Essa operação é realizada pelas máquinas Power e Hollerith. O princípio está no emprego de fichas perfuradas em colunas, indo até 44 ou mesmo 85 colunas, sendo que cada uma representa os 10 dígitos. Quer se trate de quantidades e números que as representam, ou de características com sua gradação representada por números, as perfurações correspondentes a isso são feitas por meio de um teclado perfurador. De todas as fichas colocadas ao acaso numa pilha, a selecionadora separa somente aquelas que respondem a uma ou mais condições (categoria ou ordenação). A calculadora instalada na selecionadora processa as adições e agrupamentos de números. A máquina de escrever, também ligada à selecionadora, registra os resultados. Com certeza, essas máquinas maravilhosas permitem entrever um futuro auspicioso para o trabalho da documentação. Elas se baseiam essencialmente na redução dos dados característicos de um assunto qualquer a um código cifrado, a transcrição dos dados de cada folha de informação em fichas perfuradas de 85 colunas, a reunião e conservação dessas fichas podem ser feitas em qualquer ordem, pois a máquina selecionadora pode a qualquer momento extrair das pilhas aquelas que respondem às questões formuladas. Duas aplicações podem ser entrevistas, uma com as fichas (catalográficas, bibliográficas e sinaléticas), a outra com as folhas soltas que servem para a

documentação e a correspondência e nas quais o canhoto ficaria em um quadro com números para perfuração. Esses números serão os da Classificação Decimal.*

* Sobre as máquinas que Otlet descreve ver Senra, Nelson de Castro. *Uma breve história das estatísticas brasileiras (1822–2002)*. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2009, p. 168-171. Importante também para conhecer sobre a introdução dessas máquinas no Brasil, onde se tornaram conhecidas pelo nome genérico de Hollerith. John Shaw Billings mencionado na p. 168, é o mesmo que editou o *Index-Catalogue*, obra citada por Otlet na seção 124.3. O livro de Senra está disponível na internet. [N.E.B]

413.124 *CONSERVAÇÃO E CONSULTA POSTERIOR DOS DADOS*

413.124.1 *Individualizar os dados*. O princípios das fichas foi generalizado. Ele realiza o princípio da 'monografia' (inscrição de uma única espécie), a mobilidade (intercalações à vontade), acumulação de dados sem retranscrição ou recobrimento, a cooperação, as fichas produzidas em qualquer lugar podem ser reunidas depois para formar um único conjunto.

413.124.2 *Conservar*. Móveis chamados 'classificadores' ou 'fichários' foram fabricados com o fim de manter as fichas e as folhas isoladas ou agrupadas. Trata-se de gavetas para ordenação vertical; nelas são formados os grupos com a ajuda de fichas divisórias e pastas. Marcadores de diferentes cores são dispostos para evidenciar as características da ordenação principal.

Há também os fichários para folhas avulsas, que são presas com anéis, ou do tipo Kolonazo.*

* A marca é Kalamazoo. [N.E.B.]

413.124.3 *Ordenar*. A ordenação das fichas é assegurada pela classificação, da qual a Classificação Decimal representa a modalidade mais avançada. Seus índices numéricos, uma vez transcritos nas fichas, facilitam a ordenação correta.

413.124.5 *Consultar*. Encontrar rapidamente os dados registrados, conservados e ordenados. Fichas, fichários fixos ou móveis e a classificação são meios que facilitam bastante a consulta. Mas teremos ido mais longe ao avançarmos em duas direções, a visibilidade e a acessibilidade.

a) Para assegurar a visibilidade, diante da impossibilidade de expor tudo, tentamos fazer com que, de cada ficha, seja vista uma pequena superfície na qual possam ser feitas anotações essenciais (fichário Kardex, findex [*sic*], etc.). Temos assim dispositivos em que as fichas são colocadas horizontalmente em gavetas rasas, onde ficam superpostas, exceto na extensão inferior, e são fixadas uma a uma por um sistema qualquer. Para que seja possível retirar as fichas rapidamente, para nelas incluir anotações das contas segundo o método do toque único, os primeiros dispositivos foram aperfeiçoados; as fichas são colocadas verticalmente em compartimentos em forma de gaveta, mas segundo um escalonamento repetido. Além disso a ficha é diferente do catálogo, pois, enquanto esse é fixo, a ficha pode ser retirada para receber anotações e para qualquer processamento com ajuda da selecionadora. Por outro lado, o fichário portátil para folhas soltas também é colocado em um compartimento no qual as folhas retomam, após serem reunidas, o caráter de fichas avulsas que podem ser lidas de cima para baixo sem que sejam deslocadas, ou então serem retiradas para qualquer manipulação complementar.

b) A acessibilidade das fichas é facilitada por esses diversos dispositivos. No entanto, se os documentos se tornam muito numerosos, a multiplicação necessária dos arquivos ou fichários portáteis exige deslocamentos para a consulta. Se se tratar de uma simples intercalação, não haverá dificuldades. Mas isso muda se se tratar da recuperação de docu-

mentos para uma anotação complementar a ser feita numa máquina fixa (por exemplo, o toque múltiplo, ou mesmo a verificação rápida das peças que devemos examinar para determinar ou verificar quaisquer relações entre dados fixos). O ideal seria ter todos os documentos ao alcance da mão. Por isso, convém contar com mesas de trabalho com várias gavetas, mesas circulares com uma peça giratória no centro, móveis para classificadores ao alcance da mão e da vista e com rodízios. Um princípio novo acaba de ser concretizado: o arquivo deslizante sobre trilhos com motor elétrico. É instalado sobre o piso, perpendicular à mesa de trabalho. Ele avança ou recua pela ação dos dedos sobre uma simples manivela. O documento desejado se oferece à mão e à vista, sem necessidade de deslocamento da pessoa.

413.125 *TRANSPORTE DOS DOCUMENTOS*

O transporte dos documentos requer procedimentos e arquivos especiais.

1° A *carteira de fichas*. (Pequeno formato, ver sua descrição.) A pasta para as peças preciosas (formato em harmonia com a carteira). Eventualmente a carteira de fichas pode conter o documento de identidade e papel-moeda.

2° A *valise* ou pasta (formato grande). Três tipos são possíveis: a) valise com duas divisões, com sanfonas que se dobram uma sobre a outra; b) valise com uma divisão e fechadura com chave; c) pasta que pode ser colocada verticalmente sobre a mesa e que mostra os documentos ordenados.

3° Os *sacos de tecido* para viagem, formato pequeno e grande, cinzentos ou pretos. Não pesam e permitem manter os papéis separados, transportá-los de modo ordenado, pois basta retirar, em sua devida ordem, as fichas e pastas dos arquivos e colocá-las nos sacos. Em qualquer lugar, sobre uma mesa, uma lareira, uma prateleira de armário, será possível reconstituir a ordenação vertical. Os livros a serem despachados poderão eventualmente ser embalados em sacos de tecido do mesmo tipo.

4° A *mala-arquivo*. Disposição de uma mala, ou de uma simples caixa, adaptada como arquivo, de forma que aberta ou retirada a tampa, surja um móvel que oferece todas as facilidades para ordenar os documentos; os livros em sua prateleira, pastas e fichas em seus escaninhos, material de papelaria e escrita ao alcance da mão. Essas malas-arquivo podem eventualmente servir como mostruário e para publicidade em exposições.

413.13 *INVENÇÕES A SEREM FEITAS*

As invenções nem sempre se devem exclusivamente aos inventores. Os usuários das invenções podem prestar um serviço útil visando à sua produção ao informarem o que desejariam que fosse inventado. Diz o adágio que um problema bem enunciado está resolvido pela metade. Esta metade é de competência notadamente das organizações internacionais que prestam serviço a todos seus membros, sendo que cada uma se concentra em uma lista permanente, revista e atualizada, dos desideratos a serem propostos aos inventores.[1]

O que vem a seguir limita-se a invenções desejadas para os campos da bibliografia e da documentação. A invenção é a concretização da ima-

[1] Há uns vinte anos foi elaborada uma lista de invenções essenciais que foi publicada em cooperação com as agências de patentes (M. Michel). Essas invenções eram aquelas sobre as quais, naquele

ginação criativa, guiada por princípios científicos. Ela pode se aplicar a uma máquina ou aparelho, a um dispositivo, um método ou um modo de organização e cooperação.

1. *Impressão*. Um processo para impressionar folhas de papel em massa sem ser preciso manipulá-las e passá-las no prelo. (Sugestão: impressão com raios X de papel cortado na dimensão apropriada e empilhado.)

2. *Imagens*. Meio econômico e rápido de elaborar imagens que possam ser inseridas em textos para impressão. (Sugestão: inspirar-se no que foi feito para a música, onde a continuidade da duração das notas foi resolvida através do recurso a elementos distintos. Uma 'fonte' de linhas curvas e quebradas, de superfícies poligonais e circulares, unidades elementares de todos os diagramas, figuras e desenhos simplificados que poderiam ser compostos à mão.)

3. *Fotografia*. a) Um papel fotográfico sensível, barato, que permita a reprodução de textos e imagens de livros e documentos sem grandes despesas (uma substância menos onerosa que a prata). b) Uma câmera de bolso que permita tirar fotografias instantânea e economicamente de qualquer trecho ou imagem de um livro a ser consultado em uma biblioteca ou lido na mesa de trabalho. c) Um meio para fixar em papel transparente as fotografias ampliadas e projetadas para obter um clichê ou decalque que possa servir para reprodução heliográfica.

4. *Escrita*. a) Combinar numa lapiseira minas de várias cores e borracha de apagar. b) Aumentar a velocidade da escrita com a ajuda das máquinas. (Sugestão: escrever palavras inteiras, ou até frases. Caminho aberto pela máquina do inventor C. C. Bolston).

5. *Leitura*. Imaginar uma máquina, um dispositivo ou um método que permita aumentar a velocidade da leitura ou da assimilação do conteúdo de um texto, de um livro, de um documento qualquer.

6. *Máquinas selecionadoras* (*máquinas de estatística*). Possibilidades com as máquinas selecionadoras chamadas máquinas de estatística (Hollerith, Power) e pesquisar as seguintes possibilidades: a) Usar papel comum. (Sugestão: poder-se-ia reservar a parte de baixo de cada carta, folha de correspondência, relatório, nota, qualquer anotação, um espaço reservado para a perfuração. Em seguida os próprios documentos originais poderiam servir para elaborar mecanicamente todas as operações de ordenação e recuperação). b) Dispor pelo menos da possibilidade de escrever à mão, de forma legível, nas fichas, todas as indicações características úteis. c) Ter à disposição uma centena de colunas de números, a fim de poder multiplicar as características. d) Poder selecionar, dentre um conjunto de fichas, aquelas que trazem um número individual específico e obter mecanicamente sua ordenação segundo a série progressiva dos números.

7. *Escrita e leitura direta*. Transformação mecânica da fala em escrita legível e inversamente da escrita para a fala. (Sugestão: basear-se numa escrita fonética, fotografia de uma parte, gramofone de outra parte. Transformar as gravações nos discos em letras e as letras em sons.)

8. *Teleleitura*. Como aplicação particular da televisão. 1° Apresentar textos para leitura a distância. 2° Permitir que toda pessoa, mediante dispositivo apropriado, tome conhecimento à distância de textos publica-

---

momento, era importante que se concentrasse a engenhosidade dos espíritos por conta das felizes repercussões que elas teriam sobre toda a técnica e a utilização industrial das ciências. Essa lista, atualizada, deveria ser republicada agora, completada pelas listas que cada associação internacional tivesse elaborado em seu campo específico.

mente expostos com essa finalidade. 3° Permitir a visão à distância dos textos de livros que se encontram nas estantes de uma biblioteca ou das folhas reunidas em pastas nos classificadores. (Serviço: aumentar assim a difusão das coleções das bibliotecas e dos centros de documentação.)

9. *Telescrita*. Como aplicação particular da telemecânica, desenvolver a possibilidade: a) de escrever facilmente à distância; b) de incluir à distância anotações em textos existentes; c) de fazer essas anotações sem tirar do lugar os textos dos livros ou dos classificadores. (Sugestão: o telefotógrafo, o telefonógrafo Zoller que permite que uma pessoa que esteja ao telefone, a distância, possa escrever com números uma mensagem destinada ao interlocutor que não atende.)

10. *Mobiliário*. a) Melhorar a mesa de trabalho quanto à possibilidade de acesso e ordenação de documentos nela colocados e a ela acoplar máquinas e instrumentos auxiliares do trabalho intelectual. (Sugestão: uma mesa de trabalho em que a posição do trabalhador seja central.) b) Fazer uma mesa com múltiplas superfícies para escrever, nas quais possam ser dispostos, separada e distintamente, os elementos necessários aos diferentes trabalhos em curso, sem ser preciso tirar do lugar e ordenar novamente esses elementos toda vez que o trabalho for interrompido para a execução de outro. (Sugestão: uma mesa de trabalho em forma de roda, e, como se fossem seus raios, prateleiras articuladas e que fossem móveis. Uma mesa como essa foi construída no século XVIII.) c) Facilitar o duplo movimento de ordenação e consulta dos documentos por meio de um arquivo de grande capacidade sempre aberto, ao alcance da mão e vista, móvel sobre trilho (reto ou circular e acionado eletricamente).

11. *Escritório de trabalho intelectual*. a) Interligar, em uma sequência contínua, os diferentes aparelhos já inventados para o trabalho de escritório. b) Coordenar entre si os aparelhos levando em conta seus formatos, a redução do espaço, a combinação das diferentes máquinas em uma única, o sincronismo na operação de diferentes máquinas.

12. *Gabinete de trabalho*. Coordenar, simplificando e completando os diferentes elementos (mobiliário, aparelhos e acessórios) que compõem o gabinete de trabalho (escritório, estúdio) de um trabalhador intelectual, aumentando a eficácia.

13. *Máquina de traduzir*

É possível empregar um método novo para a tradução instantânea e simultânea em diferentes línguas das apresentações orais em assembleias e congressos internacionais.

O desenvolvimento normal das reuniões internacionais torna urgente a solução do problema das línguas. Enquanto esperamos pela generalização do esperanto, será necessário recorrer aos tradutores. Mas quanta perda de tempo e aborrecimentos para os membros de um congresso por causa da tradução em duas línguas, muitas vezes em três línguas, de todos os discursos e intervenções. Propomos um método novo: à medida que o orador fala, os tradutores, ao invés de resumir oralmente o que ouviram, fariam o resumo analítico por escrito em tiras de papel que seriam imediatamente projetadas numa tela. O dispositivo é simples. Atrás da mesa diretora, ou da tribuna dos oradores, instala-se uma tela branca, com uma moldura, com o recuo necessário para a projeção com luz ambiente (método conhecido). Os tradutores ficam sentados em frente à mesa, em número correspondente às línguas de que se queira ter a tradução. Cada um se instala em sua escrivaninha, sobre a qual uma fita de papel transpa-

rente ou celuloide se desenrola automaticamente a uma velocidade que ele pode regular conforme for preciso para acompanhar a fala. As fitas passam imediatamente diante do projetor que as projeta na tela. É possível deixar o texto se acumular em diferentes linhas, dispondo para este fim de diferentes projetores ou de um único. Haveria tantas telas quantas fossem as línguas traduzidas. O telautógrafo pode ajudar. O aparelho aqui descrito pode ser usado também por professores e conferencistas, servindo também para substituir a escrita ou o desenho no quadro-negro.

413.14 Desiderato geral

Hoje todas as máquinas são criadas separadamente. Cada inventor, cada construtor, teve em mira mecanizar ou tornar mais fácil uma operação. Se fossem reunidas em uma única unidade seu rendimento seria ampliado singularmente. Há obstáculos, é claro: os homens são mais inclinados à especialização do que ao trabalho conjunto. Desde que as patentes mantenham compartimentos estanques, o mercantilismo prefere aquilo que apresenta rendimento imediato. É necessário, no entanto, considerar essa unidade, o escritório organizado como a oficina, tendo em perspectiva o trabalho dividido, contínuo, em série, em cadeia, o 'avental de Ford' [*sic*]. Precisamos dispor de um complexo de máquinas combinadas, que realize simultânea ou sucessivamente as seguintes operações: 1° transformação do som em escrita; 2° multiplicação dessa escrita pelo número de vezes que for necessário; 3° produção de documentos de maneira tal que cada dado tenha sua própria individualidade, mantendo suas relações com os dados do conjunto, e que estas relações sejam lembradas quando necessário; 4° número de ordenação incluído em cada dado; perfuração do documento em correlação com esse número; 5° ordenação automática dos documentos e sua inserção nos arquivos; 6° recuperação automática dos documentos a serem consultados e sua visualização ou colocação na parte de uma máquina, quando for preciso fazer anotações adicionais; 7° manipulação mecânica à vontade de todos os dados registrados para obter novas combinações de fatos, novas relações entre ideias, novas operações com a ajuda de números.

A maquinaria que realizaria estes sete desideratos seria um verdadeiro cérebro *mecânico e coletivo*. Há uma tendência, mais ou menos consciente, de desenvolvê-la, o que é comprovado por quem está a par dos esforços que vêm sendo envidados atualmente em vários lugares. Afirmar com precisão sua concepção geral e sua desejabilidade significa acelerar a chegada do momento que ela se concretizará.

413.15 Utilização generalizada

Atualmente, as empresas industriais, comerciais e financeiras são quase as únicas que se beneficiam dos admiráveis meios mecânicos que existem, para ajudar no trabalho intelectual e organizá-lo. Somente essas empresas têm o dinheiro necessário. Mas amanhã será diferente. As necessidades de racionalização generalizarão o emprego das máquinas e, portanto, apressarão as invenções a serem feitas:

A. *No campo prático*: 1° as instituições financeiras; 2° as administrações públicas (municípios, províncias, Estados, a Liga das Nações); 3° as obras sem fins lucrativos.

B. *No campo teórico*: Existem institutos científicos locais, nacionais, internacionais.

Pode-se imaginar desde já o que poderiam ser as grandes centrais do trabalho intelectual que combinariam o serviço de direção, secretariado, contabilidade, documentação e estudos, ou seja, tudo aquilo que, nas instituições, é inteligência refletida, precisa, objetiva, científica, coordenada, o próprio cérebro que deve agir, como a consciência sensível que percebe os dados, a memória que os retêm, o pensamento que os inter-relaciona e combina, a vontade que transmite as ordens aos órgãos de execução representados pelas fábricas, lojas, serviços, administrações e institutos científicos. Essas grandes centrais seriam, repitamos, cérebros coletivos baseados em grande parte em cérebros mecânicos.

413.3 Instalações

As instalações podem ser definidas: a disposição interna dos equipamentos, do mobiliário, dos objetos, sua relação com os espaços, sua distribuição de acordo com as necessidades das operações do trabalho, da ação do conjunto, das ligações materiais que fazem do todo um grande 'maquinário'.

O *mobiliário, as instalações, os locais*: em sentido profundo, constituem verdadeiras máquinas. De sua distribuição favorável e bem concebida depende o rendimento do trabalho. Foram produzidos modelos aperfeiçoados e ignorá-los significa desconhecer as leis da eficiência. O mais forte será quem estiver mais bem equipado.

O arranjo das instalações é capital. À existência autônoma e independente dos elementos que constituem materiais e mobiliário se sobrepõe uma existência solidária e coletiva. Eles formam um sistema no que tange ao trabalho intelectual que ajudam a executar e aos documentos produzidos por esse trabalho. Os elementos dos materiais são, em si, bastante estáticos: aproximados e dispostos em ordem, eles se tornam dinâmicos.

413.4 Materiais

As operações relacionadas ao livro e ao documento necessitam de materiais. Em primeiro lugar, é o papel, mas também a cartolina, a tela, o celuloide, o vidro, a borracha, as tintas, as cores, etc. O aperfeiçoamento desses materiais, sua escolha, a maneira de prepará-los e de utilizá-los têm uma grande importância em relação aos objetos finalmente produzidos. A boa organização exige que nada seja negligenciado, que as condições ideais dos materiais sejam determinadas, conhecidas e aplicadas. Para este fim pode-se aproveitar o trabalho realizado na especificação das grandes licitações públicas e as normas adotadas pelas corporações industriais.

414 Os locais. Arquitetura

1. **Situação**. 1. Situação central. – 2. Fachada para o nascente: o sul favorece a proliferação de insetos e o poente provoca umidade. – 3. Evitar proximidade de poeira e do que pode produzi-la. – 4. Evitar uma vizinhança barulhenta. – 5. Evitar, para os armazéns de livros e documentos, a incidência direta de raios solares que estragam as encadernações e amarelecem o papel, tornando-o quebradiço pelo ressecamento.

2. **Arquitetura e decoração**. A arquitetura moderna baseia-se na adaptação da forma ao uso. Um organismo documentário é um conjunto de funções que devem ser exercidas em um espaço. A arquitetura é a técnica que separa, reparte... organiza o espaço. A aparência externa e a interna

devem ser alegres. A decoração das salas e o aspecto arquitetônico dos prédios devem atrair toda atenção. Importância de uma ornamentação artística de bom gosto. Obras admiráveis foram executadas na Inglaterra e nos Estados Unidos. (Ver os livros especializados.) O ideal é um imóvel isolado, em um jardim. Prever o futuro, as ampliações.

3. **Tipos de locais**. Segundo as etapas de um desenvolvimento progressivo, pode-se passar pelas seguintes fases:

1° Estantes simples em uma sala que compartilha outro uso (por exemplo, um escritório, uma sala de aula); 2° uma única sala, mas dedicada exclusivamente à biblioteca ou ao centro de documentação; 3° conjunto maior (sala de leitura, armazém, vestiário); 4° prédio especial, inteiramente dedicado à biblioteca; 5° complexo de prédios utilizados por instituições similares e do qual a biblioteca seja o centro. (Ex.: conjunto de prédios científicos e educacionais reunidos no âmbito de uma universidade, conjunto de prédios consagrados à ciência, às artes e às letras; conjunto de prédios consagrados às administrações ou aos ministérios. A casa de todos, o memorial da guerra nos Estados Unidos, que reúne todas as instituições de formação continuada e sociais.)*

* Não foi possível confirmar a informação sobre esse memorial. [N.E.B.]

4. **Composição dos locais**. Convém, a depender da importância do órgão de documentação, prever uma ou várias salas de leitura, armazéns, manutenção (recepção de materiais e eventualmente catalogação), execução do trabalho (gabinetes), direção e administração, vestiário para leitores e funcionários, local para guarda de bicicletas, carros, etc.; instalações sanitárias e lavabos (importância da limpeza).

5. **Estantes e armazém de livros**. Diferentes sistemas, de acordo com a extensão das coleções: 1° estantes dispostas na sala de leitura; em semicírculo para permitir o livre acesso às estantes e também o controle; 2° estantes colocadas em uma sala vizinha, protegida de furtos e poeira; 3° estantes situadas em salas afastadas, armazéns, caso necessário, mas com comunicação fácil por monta-cargas, aparelho elétrico de transporte interno, telefone, tubo pneumático, etc.

6. **Iluminação**. Luz natural abundante, não ofuscante; a luz deve vir do alto ou da esquerda. – Iluminação artificial: se for elétrica, bem suave (vidro fosco ou abajur), se for a gás, com bico incandescente. A melhor iluminação é elétrica: o gás prejudica os livros. – Dispor as mesas de leitura de forma tal que recebam o máximo de luz sobre toda a superfície. A luz que vem da esquerda ou do alto é a melhor. Evitar que a sombra de um leitor seja projetada sobre o lugar ocupado por outro leitor. Deixar suficiente espaço para que os leitores, ao circular, não perturbem os demais. – Evitar colocar as estantes na contraluz. Quando a luz vem do lado, as estantes devem ser colocadas contra a parede; se a luz vier de cima, elas podem ser colocadas paralelas ou perpendiculares às paredes. Cortinas interceptam os raios solares muito fortes.

7. **Calefação e ventilação**. Precauções contra incêndio, poeira, ar excessivamente seco. Temperatura alta é prejudicial para o trabalhador intelectual (18 °C no máximo). A calefação com radiador de água quente é a melhor. Lareiras abertas são prejudiciais aos livros.

A ventilação é feita pelas janelas nas salas ocupadas por pessoas. Aberturas de ventilação natural e ventiladores elétricos. Recentemente foram construídos armazéns fechados hermeticamente, nos quais o ar é renovado somente por ventiladores (fornecimento de ar livre de poeira).

8. **Limpeza**. Precauções contra a poeira. Vantagens dos aspiradores de

pó a vácuo. (Ver seção 273.)

415 Pessoal da documentação

a) Aos diferentes ramos da documentação, em suas diferentes etapas e momentos, estão ligados inúmeros profissionais, alguns bastante especializados, desde autores, impressores e editores até livreiros, bibliotecários e funcionários dos centros de documentação. Poderíamos incluir entre essas pessoas até mesmo os usuários da documentação, os leitores e aqueles que consultam e fazem pesquisas.

b) A terminologia está atrasada em relação aos fatos. Precisamos de um termo genérico que designe todas as categorias de pessoas que se interessam pelos livros e pelos documentos. Tentamos o neologismo 'documentador' ou 'documentalista'. Há diferentes maneiras de se ocupar do livro e seria necessário poder designar cada um individualmente e todos em conjunto. O caso é análogo ao da arte, com diferentes tipos de ocupação: artistas e artesãos (criadores, intérpretes, copistas de partituras); críticos e especialistas; amadores, peritos, colecionadores; mecenas e patrocinadores; galeristas, antiquários, editores de arte, diretores de espetáculos, empresários; há ainda o poder público, grande patrocinador.

c) Tratou-se antes de diferentes categorias de pessoas relacionadas com o livro. Agora nos limitaremos ao bibliotecário, e nossas considerações poderão ser estendidas às demais categorias.

415.1 O bibliotecário

1. *Concepção da função*. O bibliotecário tem por função organizar e administrar a biblioteca. O bibliotecário é uma combinação de educador, estudioso, executivo, administrador e organizador. O objetivo supremo que ele deve perseguir é divulgar as possibilidades do livro. O bibliotecário será animado por um triplo espírito: 1° O *espírito que anima o intelectual*: lembrar-se constantemente que o livro e, por conseguinte, a biblioteca, subordina-se ao campo das forças científicas, estéticas, morais e espirituais. 2° O *espírito técnico*: fazer com que toda ação, toda operação, seja sempre executada com o máximo de tecnicidade, de acordo com os melhores métodos, com o melhor material, o melhor equipamento, o melhor pessoal, para atingir o rendimento máximo. 3° O *espírito social*: ter consciência e preocupação social, almejar ser útil para a maioria, trabalhar pelo aperfeiçoamento da sociedade.

O chefe de uma biblioteca conta com colaboradores: bibliotecário-adjunto, redatores, datilógrafos, pessoal de apoio.

2. *Qualidades exigidas do bibliotecário*. O bibliotecário deve ter boa cultura geral e formação profissional. Deve ter qualidades morais, principalmente civilidade e temperamento estável, que resulta em grande parte de uma boa saúde, e cuidados com a higiene, além de paciência, iniciativa, ordem, método, exatidão, memória e desprendimento.

Todas as qualidade gerais exigidas pelo trabalho intelectual são necessárias ao bibliotecário: atitude resoluta, estar decidido a vencer, a superar dificuldades. – Perseverança: terminar o que foi iniciado. – Continuidade: uniformidade nos esforços, regularidade. – Concentração no trabalho. – Entusiasmo que não é outra coisa senão o interesse intensificado; o 'fogo sagrado'. – Ambição: ao desejar intensamente atingir um resultado ficamos mais perto dele. – Espírito aberto: tolerância, curiosidade intelectual, desejo de progresso.

O bibliotecário desempenhará seu papel social ao fazer com que a própria biblioteca preencha sua função. Em seu meio, será um agente ativo da cultura intelectual. Terá amor por sua profissão e será o auxiliar da ciência, o *servus servorum scientiae*.* O 'servo dos servos da ciência'.* Ele também terá amor pelo progresso de sua biblioteca: enriquecer constantemente suas coleções, aperfeiçoar sua organização, torná-las conhecidas e fazer com que sejam utilizadas.

* O lema proposto por Otlet lembra um dos títulos oficiais usados pelos papas, após o nome, no cabeçalho das bulas pontifícias: *Servus Servorum Dei* (servo dos servos de Deus). [N.E.B.]

3. *Formação profissional*. O bibliotecário deve adquirir uma formação profissional. Isso será obtido por meio de um curso de biblioteca [*cours de bibliothèque*, no original], exercícios práticos, eventualmente um estágio, e muitas leituras. Uma vez começada a formação, o bibliotecário deverá continuá-la indefinidamente, pois terá que se aperfeiçoar e se manter atualizado.

O bibliotecário acompanhará o movimento universal em prol das bibliotecas. Acompanhará esse movimento em seu país e também no resto do mundo, principalmente onde ele é mais intenso, sobretudo nos Estados Unidos, Inglaterra, Itália, França, Alemanha, países escandinavos, Holanda e Suíça. Ele almejará que seu país tire proveito da experiência universal, que ele não fique atrasado em relação ao estrangeiro, que ele também contribua para o progresso geral.

4. *Conhecimentos do bibliotecário*. O bibliotecário deve ser um erudito. O programa de estudos a ser-lhe atribuído tem de aprofundar e desenvolver os programas do ensino fundamental, médio e universitário. Ele deve ter amplas noções de história (os acontecimentos no tempo), de geografia (as coisas no espaço), de ciências (a própria realidade em suas três divisões: a natureza, o homem e a sociedade), de literatura e arte (que exprimem as impressões, emoções e reações humanas em contato com as coisas e as ideias). O bibliotecário deve ter uma noção das aplicações das ciências à vida prática e não ser incapaz de chegar à compreensão das grandes sínteses filosóficas. O bibliotecário deve ser um enciclopedista; ele deve se interessar pelo conjunto dos conhecimentos humanos. Em uma sociedade de trabalho intelectual especializado como a nossa, a biblioteca, junto com a escola e a universidade, é a única instituição que apresenta o conjunto dos conhecimentos e que se preocupa com suas inter-relações.

5. *Trabalhos do bibliotecário*. O bibliotecário saberá 'trabalhar'. A concepção do trabalho foi modificada nos últimos anos sob o império de certas ideias: organização, seriação e divisão do trabalho, eficácia, rendimento máximo (*efficiency* [em inglês no original]). O trabalho intelectual, depois do trabalho manual, foi gradativamente influenciado por essas mesmas preocupações.

O bibliotecário deve ler. Sem dúvida essa leitura não deve ser feita em detrimento de suas funções, que devem ser exercidas no interesse dos leitores. O bibliotecário é, antes de mais nada, um agente encarregado de fazer funcionar um serviço e suas funções não devem ser entendidas por ele como uma sinecura, uma aposentadoria intelectual. Mas, feita esta ressalva, ele deve dar o exemplo do estudo e da leitura.

6. *Assistência ao leitor e ao pesquisador*. O bibliotecário, a qualquer momento, deverá dar assistência ao leitor, principalmente ao leitor sem experiência. Para ser mais útil, ele se esforçará para conhecer a condição intelectual e as necessidades do meio onde a biblioteca está situada. Convém distinguir entre assistência intelectual e assistência moral. A pri-

meira consiste em ajudar o leitor a melhor encontrar o que ele procura realmente. A segunda procura substituir a direção moral do leitor e influenciá-lo em certo sentido. – O pessoal das bibliotecas públicas prestará total assistência intelectual e técnica, mas se absterá de qualquer assistência moral que possa perturbar a liberdade de consciência do leitor ou transformar a biblioteca em auxiliar de propaganda política, filosófica ou religiosa. Uma biblioteca pública deve ser essencialmente uma instituição imparcial e neutra.

7. *Dever científico do bibliotecário*. Todas as profissões, das mais humildes às mais elevadas, têm um duplo dever científico. 1° A prática de todos que as exercem deve se apoiar na ciência que fundamenta a profissão. 2° Cada um também deve se esforçar para trazer para a ciência comum uma contribuição de observação, de reflexão, de experiência e de invenção. Uma concepção científica da profissão eleva e engrandece: ela tira a inteligência do isolamento e a 'socializa'.

416 Operações

a) As operações relativas aos livros e aos documentos se encadeiam e compõem um ciclo; umas conduzindo à preparação de trabalhos (manuscritos) e à sua publicação, outras intervindo depois que a obra nasceu e se revestiu das condições necessárias à sua existência individual. Trata-se das operações necessárias à sua difusão e incorporação à totalidade da documentação: a enciclopédia ou o livro universal.

b) É oportuno considerar em conjunto as diferentes operações e manipulações pressupostas pela elaboração do documento. Todo progresso desenvolvido sobre qualquer ponto pode impactar vantajosamente outros pontos.

c) Os serviços a serem assegurados internacionalmente para os trabalhadores intelectuais e o público em geral são os seguintes: 1° venda de obras; 2° comunicação e empréstimo de obras; 3° fornecimento de informações bibliográficas; 4° fornecimento de revisões e resumos; 5° fornecimento de reproduções de documentos (cópias manuscritas, datilografadas, fotocopiadas); 6° tradução de documentos; 7° fornecimento de relatórios sobre o estado da arte.

417 Outros fatores de organização

Dentre outros fatores de organização devem ser incluídos as finanças, os estatutos e a regulamentação.

1. *Finanças*. Cada órgão, cada trabalho, se desenvolve em um contexto econômico da sociedade. Deve haver portanto financiamento, ou seja, alocação de recursos financeiros necessários para pagar pessoal, materiais e a implantação inicial.

As condições de financiamento dependem de cada caso. Mas seria conveniente que houvesse a constituição de um fundo mundial para atender à insuficiência de fundos especiais e assegurar complementações tendo em vista obrigações e tarefas onerosas incorridas pela organização internacional.

2. *Estatuto*. É por meio de um estatuto geral, instrumento de caráter jurídico, que a organização poderá ser concretizada.

O estatuto expressaria as recomendações oriundas de reuniões científicas. Convém que os estatutos especiais sejam unificados e ligados ao estatuto geral.

3. *Regulamento*. As disposições de ordem técnica, relativas à organização dos serviços internos e da cooperação devem ser expressos sob forma de regulamentos aprovados pelos organismos em todos os níveis. Esses regulamentos são, no que diz respeito às disposições internas, os análogos aos estatutos para as disposições externas.

42 OS ELEMENTOS OU CONJUNTOS A IMPLANTAR

Conforme foi antecipado, é conveniente tratar sucessivamente: 1° dos documentos; 2° dos conjuntos ou coleções; 3° dos organismos documentários; 4° da rede universal; 5° das relações com o trabalho intelectual e a organização mundial.

421 Os livros e os documentos (primeiro escalão da organização)

Primeiro escalão da organização: cada documento é constituído por um conjunto de fatos ou ideias apresentado na forma de texto ou imagem e arranjado conforme uma ordenação ou um plano que é determinado pelo objeto ou finalidade a que se propõem aqueles que os redigem. É oportuno levar em conta a organização da redação, da publicação e da distribuição de livros e documentos.

421.1 Regras concernentes às publicações

421.10 Generalidades

a) Uma ortografia existe para as palavras, uma gramática para as frases, uma lógica para as proposições, uma retórica para as argumentações. Se isso fosse tudo, não deveria haver também uma arte para escrever artigos, livros, revistas, uma arte documentária. Seria absurdo negar isso. Na verdade, essa arte já existe, mas de modo tácito. O que importa agora é dar expressão a tal metodologia.

b) A redação do documento (livro, artigo, um simples texto) está na origem do ciclo documentário. Essa redação determina amplamente o que virá em seguida, pois é com todas as suas qualidades e seus defeitos que disso resultará o documento. Um erro de raciocínio, uma expressão inadequada, um erro de impressão ou uma referência bibliográfica truncada serão repetidos sem que ninguém possa remediá-los de verdade depois de iniciada sua distribuição e sua divulgação. É importante, portanto, dispor de regras, de normas. Elas precisam ser elaboradas, como já foi dito sobre as regras em geral. Elas têm que visar igualmente, em todos os níveis sucessivos próprios a elas, a prescrições de três categorias: 1° as espécies bibliológicas, isto é, as formas bibliográficas propriamente ditas, a começar pelas especificações de materiais. 2° As espécies literárias que se exprimem nas formas intelectuais das diversas categorias de exposição. 3° As espécies científicas, isto é, sua própria essência. Essas regras devem prescrever, em cada matéria e conforme as necessidades da análise e da síntese, a maneira regular, rápida e largamente assistida por meios automáticos, de proceder à construção contínua de cada ciência pela concentração e comparação de dados.

c) As regras da documentação devem ter como alvo: 1º a redação de textos científicos (precisão, integralidade e comparabilidade de descrições científicas; composição, divisão e distribuição das diversas partes das publicações, certificação dessas datas; modo de citação dos diversos elementos expostos, ilustrações, etc.); 2º a forma interna das publicações que abrangem e estruturam um conjunto de textos (terminologia e lín-

guas, abreviação e notação, emprego de ilustrações e esquemas, tabelas e índices, etc.); 3º a forma material e dimensão das publicações (caracteres, unificação de formatos, publicação em fascículos e em folhas separadas, meios de recortar as revistas e de incorporar os números nas pastas dos repertórios de documentação); 4º a difusão (edição, leitura, conservação nas bibliotecas).

d) Essas regras documentárias, úteis para cada publicação considerada isoladamente, são preciosas, sobretudo se se considerar seu conjunto. Elas devem inspirar-se no princípio que foi formulado nestes termos. Considerar que qualquer publicação, por mínima que seja, é uma contribuição para a obra científica total. Com essa finalidade, é necessário: a) que toda publicação, como repositório de resultados, seja feita de forma comparável, utilizável, suscetível de ser integrada ao conjunto do corpo documentário da ciência; b) que as coleções sistemáticas sejam estabelecidas por adição e justaposição de elementos parciais; c) que haja acordo para a cooperação com as publicações gerais. Por conseguinte, cada trabalho, embora represente em si mesmo uma obra independente, com sua própria finalidade, e embora subordine sua redação a esse fim, cada trabalho deve poder igualmente ser considerado como uma contribuição ao edifício geral da ciência. Nesse sentido todo autor deve se considerar como colaborador de uma espécie de grande livro universal dedicado à exposição integral da ciência e formado intelectualmente pelo conjunto de publicações existentes; todo trabalho específico deve ser considerado pelo pensamento como uma parte de tal exposição. O livro universal é imaginado como o total das obras publicadas; ele tem hoje uma existência simplesmente intelectual. Mas ele tende também para uma existência material mais e mais completa graças aos grandes trabalhos de codificação, compilação, retranscrição sistemática e sintética, que são contribuições ao saber presentes nos tratados, nas enciclopédias, nos atlas, na catalografia e na bibliografia. A indexação possui neste momento uma técnica notável, destinada a ressaltar tudo o que é publicado relativo a todos os assuntos.

O imenso trabalho que se efetua dessa maneira é apenas um trabalho indireto e um trabalho de segunda mão. Ele deve nos conduzir a duas outras espécies de trabalho:

1º Extrair das publicações o próprio texto ao qual se reportam as referências bibliográficas, dividi-las e dissecá-las, redistribuir seus dados no quadro de uma ordem única, aquela adotada por sua catalografia, de maneira a reunir diretamente tudo o que se refere a um mesmo assunto, a facilitar a comparação de textos mediante sua justaposição. 2º Harmonizar os próprios textos no momento em que são redigidos. Trata-se de regras e formas racionalizadas e unificadas, trata-se de substituir normas arbitrárias, incoerentes e inúteis, substituir uma individualização dos textos que não levam em conta outros textos similares e complementares, modos de produção que levam a economia do trabalho posterior de ordenação, catalografia, condensação, redistribuição e codificação sintética.

Objetar-se-á que isso é um grave atentado à liberdade de escrever, intolerável jugo imposto ao pensamento que pretende se mover nas direções e nas formas determinadas por quem quer que escreva.

Responderemos que precisamos agora de um duplo sistema de escrita, o da vida e o da ciência. Um, o sistema literário que pode ser feito de concisões, elipses, quase de originalidade. O outro, o sistema científico, todo

rigoroso, que usa uma terminologia exata, longa e pouco musical, que constrói a frase sempre da mesma maneira, que repete lugares-comuns e fatos elementares porque é a verdade que precisa ser completa: que, longe de dissimular a estrutura de construção do raciocínio, se esforça para trazê-la à luz, a fim de melhor assegurar que as condições de verdade atenderam ao sistema científico: enfim, que, deliberadamente, reconhece que, se necessário, será pedante, empolado e mesmo ridículo, se comparado com o sistema literário.[1]

e) O imenso trabalho que se realiza dessa maneira, é apenas um trabalho indireto e um trabalho de segunda mão. Ele deve nos conduzir a duas outras espécies de trabalho:

f) O trabalho científico tende a um conhecimento cada vez mais completo, cada vez mais exato. É por aproximações sucessivas, por tentativas e erros, que se avança. A teoria é o centro de toda ciência.

Os cientistas somam seus esforços para reduzir o mais possível os princípios, para lhes dar uma forma mais pura, mais vigorosa, mais simples, para estabelecer seu verdadeiro sentido e defendê-lo contra objeções muito apressadas. Pode-se, a esse respeito, falar da 'linhagem' de uma teoria e acompanhá-la, como método aplicado, em uma série de obras que tratam de aspectos particulares ou concretos.

Em certos domínios, como na economia, a teoria está ainda na simples fase de burilamento. O progresso das ciências consiste em evoluir do estado qualitativo e descritivo ao estado quantitativo e causal. As ciências apresentam três tipos: 1º perfeitamente quantitativo: a astronomia de posição; 2º imperfeitamente quantitativo: a física e ainda mais a química, multiplicidade colossal de pequenos fenômenos emaranhados; 3º a ciência imperfeita: em que os fenômenos ainda que quantificáveis, escapam a uma teoria quantitativa.[2]

O raciocínio matemático serve de instrumento auxiliar e provisório, para deduzir mais convenientemente e com mais certeza as consequências qualitativas de premissas qualitativas. Pois nossa capacidade de deduzir em linguagem comum é incomparavelmente mais frágil do que em linguagem matemática.

Mas a dificuldade matemática subsiste. Pareto (Manuel) cita o caso, relativamente muito simples, de um mercado de cem indivíduos e 700 mercadorias. Haveria 70 699 condições a considerar, e consequentemente um sistema de 70 699 equações a resolver. Isso praticamente ultrapassa a capacidade da análise algébrica e ultrapassaria ainda mais se tomasse em consideração o número fabuloso de equações que daria uma população de quarenta milhões de habitantes e alguns milhares de mercadorias.

h) o quadro seguinte resume as distinções que se impõem a qualquer comunicação e a respeito das quais regras são necessárias.

---

[1] Essas questões foram objeto de muitos trabalhos por intermédio ou em conexão com o IIB. Citemos especialmente o código para a documentação publicado em 1919, os relatórios apresentados no congresso internacional da imprensa periódica, da imprensa técnica e da fotografia documentária. Entre os trabalhos de fora do IIB convém recordar os debates que ocorreram em 1918 na Faraday Society de Londres (The coordination of scientific publication), que se prolongaram e acabaram por levar à criação da organização inglesa ASLIB.

Nas conferências internacionais de documentação de 1932 e 1933 foram apresentadas comunicações com propostas sobre essa questão.

[2] Painlevé: Introduction de la *Théorie* (*mathématique*) *de l'économie politique* de Jevons, 1909.

1. *Quanto à substância*
Os dados (fatos e ideias). Eles se apresentam:
11 No estado particular (um fato ou uma ideia)
12 No estado do conjunto (toda uma ciência).
2. *Quanto à sua modalidade*, a exposição se refere:
21 Ao que é. Foi subdividida em:
211 A descrição. As características da coisa. Ela se relaciona:
211.1 Ao objeto em si (descrição propriamente dita).
211.2 À situação da coisa no tempo (narração).
211.3 À situação da coisa no espaço (exposição geográfica).
212 A explicação. Ela concerne à demonstração, às leis, aos argumentos, ao encadeamento lógico das proposições; dedução e indução; argumentos e provas.
22 Ao que deveria ser: o plano (projeto, programa).
3. *Quanto ao documento*.
31 Um elemento de documento.
32 Um conjunto de documentos: livro e documento como uma unidade.
33 Um certo conjunto de livros e documentos (coleção).
34 A totalidade dos livros e dos documentos
4. *Quanto às correlações*
41 O documento considerado nele mesmo, isolado de todos os outros.
42 O documento considerado em suas relações com os outros documentos similares da mesma natureza.
421 Descrição completa.
422 Catálogo.
423 Resumo.
424 Codificação (fusão).

421.11 Recomendações concernentes às publicações em geral

As recomendações seguintes tendem a facilitar a conservação, a ordenação, a catalogação das publicações, a garantir a comunicação rápida e permanente com todos os que possam se interessar por elas, a relacioná-las com todas as obras da mesma categoria, a integrá-las nos quadros da organização geral atribuída à documentação. Essas recomendações se destinam conjuntamente ao autor, ao editor e ao impressor.

a) **Título**: explícito por si mesmo; acompanhado se for necessário de um subtítulo explicativo e de um título geral de coleção.

b) **Nome do autor**: sobrenome acompanhado do prenome ou prenomes e do qualificativo ou profissão.

c) **Ano de impressão** da obra conforme aparece na própria publicação.

d) **Edição**: indicar se se trata de uma nova tiragem, de uma reimpressão, de uma edição nova em que houve acréscimo, supressão, correção ou nova composição e atualização.

e) **Formato**: adotar os formatos padronizados ou, se ainda não houver uma decisão geral sobre essa questão, adotar os sistemas de formato sobre os quais tenham sido alcançados acordos significativos.

f) **Divisão**: divisão clara em capítulos e seções; entretítulos ou cabeçalhos de parágrafos: sua numeração. Título corrente no alto das páginas relativo aos capítulos e aos parágrafos. Cuidar para que toda página recorta-

da conserve as indicações mínimas de sua origem. Empregar uma divisão própria para a obra, expressa em notação decimal; após cada parágrafo, indicar os índices da classificação bibliográfica universal.

g) **Sumário**: transcrição dos títulos dos capítulos.

h) **Conclusão**: anunciar claramente o assunto tratado; apresentar conclusões; completar a exposição com um resumo sucinto. Apresentar eventualmente o resumo em várias línguas, principalmente línguas internacionais.

i) **Paginação**: em caracteres impressos em um dos lados [esquerdo ou direito] da página, e o outro lado [esquerdo ou direito] sendo normalmente reservado aos números dos capítulos ou parágrafos. Numerar todas as páginas com algarismos arábicos; excepcionalmente, empregar algarismos romanos, exclusivamente nas páginas preliminares ou fora do texto, como prefácio ou anexos. Colocar a numeração na parte superior ou inferior da página, mas tomando cuidado para que não desfigure o aspecto da página, que seja bem visível, mesmo ao folhear o livro quando de uma consulta, que não haja algarismo entre dois traços longos que formam linhas e dão a impressão de começo de página, se a numeração for no alto, ou de fim de página, se a numeração for no pé da página.

j) **Índices**: sumários metódicos e índices analíticos (alfabéticos, temáticos, onomásticos, topográficos, cronológicos). Nos índices, incluir na ordem alfabética todas as palavras que ocorrerem ao pesquisador na área em causa e inserir também na mesma ordem alfabética cabeçalhos sob os quais fiquem agrupados os termos indexados. É um modo de duplicar de uma certa maneira a lista alfabética por uma lista ideológica.

k) **Ilustrações**: acrescentar ao texto ilustrações que facilitem sua compreensão (imagens reais, fotografias, imagens abstratas, gráficos, esquemas, mapas).

l) **Tipografia**: caracteres bem legíveis, tradicionais, pois não se trata de obras para bibliófilos, boa hierarquização dos tipos de corpos e famílias diferentes. Respeitar as condições gerais da página tipográfica (caracteres, espaços, margens, justificação). Hierarquização dos caracteres conforme a hierarquização das matérias. Os caracteres negritos, mesmo de caixa baixa, dominam os caracteres comuns, mesmo de caixa alta. Evitar multiplicidade de entretítulos no centro das páginas, quando for possível justificá-los à esquerda, antes da primeira linha de um texto. Evitar multiplicidade de fios e travessões inúteis. Informação que for secundária será composta com tipo menor. A escolha dos tipos tem importância. Os caracteres tipográficos têm toda uma história. Artistas e mestres impressores criaram tipos notáveis. Os catálogos de tipos constituem uma publicação essencial de uma boa gráfica. Convém consultá-los para fazer a escolha.

m) **Papel**: de boa qualidade, não muito pesado, levemente matizado, para não cansar a vista, e de qualidade que permita evitar, que, com passar do tempo, ele se torne amarelado e quebradiço.

n) **Encadernação**: ou pelo menos planos de papelão para proteger o livro. Cortar as folhas, nas dobras dos cadernos, no caso de brochuras, a fim de poupar aos leitores a perda de tempo acarretada pela necessidade de abrir as páginas.

o) **Informação bibliográfica**: acrescentar às obras o que pode facilitar sua rápida catalogação e ajudar nas pesquisas bibliográficas, especialmente:

1°) No verso da página de rosto, imprimir dentro de uma cercadura do tamanho de uma ficha, o registro bibliográfico da obra (com o número de classificação), que bastará em seguida copiar para o catálogo de qualquer biblioteca pública ou privada; 2° Incluir na obra esse mesmo registro, em três cópias soltas, ou repetido três vezes na mesma folha, para serem colados em fichas, a fim de formar automaticamente os catálogos e repertórios; 3° fazer essas divisões e as da classificação bibliográfica universal (tabelas sucintas pondo simplesmente ao lado as numerações correspondentes das duas tabelas sem especificar a tradução das divisões). Semelhante concordância, se encontrasse grande aceitação, facilitaria extraordinariamente a consulta das obras, pois seria suficiente, para uma mesma pesquisa, se reportar ao mesmo número de classificação nas diversas obras; além disso, essa tabela fornece o meio de multiplicar as referências bibliográficas nos repertórios e facilita a utilização do livro pelo recurso do recorte nas pastas documentárias.; 4° fazer os anúncios bibliográficos da obra nas bibliografias correntes; redigir o prospecto de divulgação do livro de maneira a dar uma ideia objetiva do conteúdo, e que mereça ser conservada mesmo não se possuindo a obra, e nele transcrever o sumário; 5° depositar os exemplares previstos no depósito legal ou na biblioteca nacional do país. Fazer outros depósitos, especialmente um depósito internacional facultativo para assegurar a difusão da obra e se assegurar contra os riscos e a destruição; 6° informar na capa do livro ou em outro lugar as outras obras do mesmo autor e breves informações biográficas; 7° incluir referências bibliográficas tão exatas e completas quanto possível em notas de rodapé, no final dos capítulos ou no final da obra.

421.12 Recomendações concernentes às publicações periódicas

Seria conveniente obter de todos os periódicos a observância de um certo número de princípios e regras, o que facilitaria enormemente o seu uso e as operações subsequentes à sua publicação. Se, para o editor de uma revista, a tarefa termina quando ela está impressa ou distribuída, uma outra tarefa começa para aqueles que têm que conservá-la, catalogá-la e utilizá-la, os quais não têm mais diante de si uma única publicação, mas um número considerável de publicações diferentes. Eles devem tratá-las como coleções e, para esse fim, é importante que possam, tanto quanto possível, encontrar em cada uma certos elementos na forma de características idênticas, que facilitem a formação de conjuntos e séries completas. Para tal fim recomendam-se as seguintes características. Elas completam as características precedentes comuns a todas as espécies de publicações.

1° **Conteúdo, matérias tratadas**

a) Trabalhos originais, monografias sobre temas específicos.

b) Trabalhos abrangentes que revelem o estado de uma questão (revisão da literatura, relatório sobre o avanço da ciência).

c) Resumos que mantenham o leitor informado sobre os fatos de sua área.

d) Bibliografia: referência e resumos que informem sobre o que é publicado na área.

e) Calendário de eventos futuros.

f) Informações sobre as atividades de instituições, associações e pessoas.

2° **Títulos**: Liberdade total quanto à escolha do título dos periódicos.

Ocorrerá fatalmente que um mesmo título seja adotado em diferentes países, mas expresso em línguas diferentes. Ter o cuidado de evitar títulos muito longos, difíceis de memorizar e que atravancarão as citações. Será melhor ter um subtítulo. Na área das ciências, convém adotar um título expressivo que mostre com clareza de qual assunto trata o periódico.

3° **Abreviação dos títulos**: Trabalhos e debates importantes revelaram o interesse que existe quanto à boa forma abreviada de designar os títulos dos periódicos.[1] De todo modo, é conveniente que o próprio periódico apresente a forma abreviada pela qual ele é designado.

4° **Datas**: a data deve figurar com destaque em cada fascículo. O ano bibliográfico dos periódicos começa em primeiro de janeiro e não durante o ano. Encontra-se em revistas alemãs uma data precedida da palavra: *Redaktionsschluss* [fechamento desta edição].

5° **Citação de periódicos**: Foi sugerido que o periódico fosse representado pela combinação de um número com uma sigla.[1]

Numeração do volume, numeração do fascículo, paginação: As referências nos periódicos devem ser feitas pelo ano e a numeração do volume (e não apenas pela data e a página). Isso é útil após os fascículos terem sido encadernados. A paginação às vezes é contínua durante vários anos. Isso abrevia a forma de citação. O *Bulletin de l'Union de la Presse Périodique* usa: 41° année sociale (3e du *Bulletin* juillet-août-septembre 1931, n° 1176 da coleção).

6° **Formato**: Adotar um dos formatos usuais. A unificação dos formatos foi objeto de estudos e debates. O Congresso Internacional da Imprensa Técnica e Profissional ocupou-se disso nas sessões de 1929 e 1930. O formato DIN começa a ter ampla aceitação, e ele permite a composição em duas colunas. O que é recomendável, porque as colunas facilitam a leitura fácil (acomodação dos olhos após cada linha); porque, como as linhas a serem substituídas, no caso de correção de erros, se tiverem sido compostas em linotipo, serão pequenas, haverá economia de custos; enfim, porque dispomos de amplas superfície para inserção de ilustrações, e se poupam duas de cada quatro margens.

7° **Largura das linhas e paginação**: Evitar linhas muito largas. Elas fadigam a visão pela dificuldade de acomodação após cada fim de linha. Elas atrapalham também o recorte e a colagem dos resumos em fichas.

8° **Caracteres tipográficos**: Empregar caracteres bem legíveis, agradáveis ao olhar.

9° **Paginação**: Cada página constitui um todo identificado, eventualmente destacável.

a) No alto de cada página a indicação do assunto, do artigo ou do cabeçalho geral com o índice decimal (indicar se o artigo é continuação).

b) No pé de cada página, o título da revista, a data e a paginação, esta em caracteres graúdos bem legíveis e colocados na margem externa para facilitar a consulta sem ser preciso abrir as páginas completamente (exemplo: a revista *Le Papier*).

10° **Cabeçalhos genéricos ou títulos coletivos**: Indicar o assunto com cabeçalhos de assuntos com o correspondente índice decimal. O resultado será um título corrente de aspecto agradável, colocando-o com cercadura no alto da página de início de cada seção mais importante, fi-

---

[1] Trabalhos da Comissão de Cooperação Intelectual.

Hanauer propôs um número de ordem permanente. Pollard publicou em sua *World List* siglas abreviadas. Arundele Esdaille propôs combinar as duas sugestões.

cando no centro os cabeçalhos de assuntos, à direita o índice decimal e à esquerda a repetição do nome ou algum cabeçalho apropriado (ex.: *Le Papier*, 1930.01.15).[1]

Cabeçalho do nome	Comércio exterior	382
	ou	
676.106	Pastas de celulose	676.106

11° **Partes oficiais ou não oficiais**: Nas publicações de instituições distingue-se claramente a parte oficial da parte não oficial. Nas revistas alemãs, por ex., encontra-se a menção: *Schluss des Redaktionellen Teils* [Fim da parte redatorial].

12° **O periódico e o tratado**: Como o periódico tem relações com o tratado, expondo matérias similares, convém criar uma ligação entre eles: 1° Fazendo no periódico referências constantes ao tratado. 2° Fazendo do periódico um substituto do tratado. Nesse caso tentar:

a) indexar em detalhe cada parte;

b) referir-se constantemente de um para o outro;

c) criar índices sistemáticos detalhados;

d) facilitar a separação de cada um dos artigos para assim formar nas pastas uma enciclopédia documentária.

13° **Calendário de reuniões e eventos futuros**: objetivo, instituição, data, índice decimal. (Ex.: ver *Revue Internationale* 1912.)

14° **Ilustração**: a ilustração é a segunda língua de um texto, uma língua universal (ilustrar os artigos com imagens, figuras, esquemas, mapas).

15° **Resumo dos artigos em outras línguas**: Exemplo: *Revue Économique Internationale*.

Breve resumo (conteúdo, discussão, tese ou conclusão) adicionado a cada artigo e destinado a ser reproduzido e eventualmente traduzido.

16° **Sumários**: o sumário conterá registros bibliográficos completos: assunto, página, entradas na forma de índice decimal (ex.: *Le Papier*, 15 janvier 1930). A Société Française d'Électriciens publica mensalmente um resumo em esperanto de suas publicações e o envia a personalidades e instituições do país e do exterior.

Acrescentar a cada fascículo um sumário de seu conteúdo, com número de classificação e breve resumo, publicado de maneira a poder ser usado nos repertórios por simples recorte e colagem em fichas.

17° **Índices**: A forma mais recomendável para os índices é: 1) um índice sistemático segundo a Classificação Decimal remetendo para a paginação ou a numeração dos resumos; 2) um índice alfabético que remete somente aos números de classificação utilizados.[2]

Elaboração de índices de assuntos, índices anuais e índices acumulativos, em forma que permita seu uso direto para as fichas bibliográficas.

---

[1] *Le Papier, revue technique des industries du papier et du livre* (Paris) aplica a C. D. de quatro formas (ver o n° de janeiro de 1930:

1° Os artigos levam os índices da C. D.

2° As páginas da revista levam os índices da C. D. junto com os números da paginação.

3° O sumário é dividido em três colunas: títulos, páginas, números da C. D.

4° 'Fichas documentárias': informações na forma de fichas inseridas na revista de artigos publicados nos anos anteriores sobre um mesmo assunto indicado por cabeçalho e pelo índice decimal.

[2] Ver: O tipo prático do *British Power and Fuels Bulletin*: Bradford S.C.; Pollard, A.F.C. 1932. Systematic subject indexes to periodical volumes. *Report of Proceedings of the Ninth Conference* (ASLIB), 1932, p. 20-40.

Tanto quanto possível, imprimir os artigos em unidades separadas e de modo que possam ser recortados, sem danificar os artigos vizinhos, e colocados nas pastas da enciclopédia documentária, utilizando para isso apenas um exemplar do periódico. Este desiderato é realizável começando os artigos em página ímpar e, no caso de terminar em página também ímpar, dividir ao meio essa parte final que irá para o verso da página par.

18° Pode-se simplesmente fazer, de forma concisa, um índice decimal de assuntos: os números de classificação que remetem para a paginação (ex.: revista *La Vie Internationale*, 1912).

19° **Publicidade, anúncios**: A publicidade é uma condição financeira de existência para grande número de periódicos:

a) É importante dar à publicidade um caráter documentário ao máximo: publicidade referente às matérias tratadas, descrição das finalidades gerais e da maneira como os produtos, aparelhos e serviços atendem a elas, explicação, quando oportuna, dos princípios gerais: ordenação e indexação dos anúncios

b) Possibilidade de recorte e conservação nas pastas e arquivos.

c) Anúncios colocados eventualmente no verso das páginas que contêm os registros bibliográficos, para facilitar o recorte e colagem. Anúncio eventualmente em formato de ficha para recortar pronta para ser inserida nos fichários. (Folha de anúncios intercalada com reto e verso dedicados a anúncios ou só o verso, reservando-se o reto para texto documentário.)

d) Indexação decimal dos anúncios

e) Certas revistas publicam 'índices da publicidade por assunto' e 'índice alfabético por empresa'.

20° **Indexação dos periódicos**: A indexação integral do periódico de acordo com a Classificação Decimal Universal é recomendada pelos motivos seguintes:

1) Ordenação do próprio periódico nas bibliotecas;

2) Ajuda na confecção dos índices e da bibliografia geral;

3) Ordenação automática dos artigos nas pastas após o recorte.

4) Nas anotações que fazemos depois da leitura do artigo, pode-se nelas colocar diretamente o índice que temos sob os olhos sem pesquisas adicionais nos índices.

21° a) Informar os números da classificação em cada artigo, igualmente em cada informação que não seja uma crônica, em cada registro bibliográfico de recensões ou de listas bibliográficas. b) Se o assunto tratado for complexo, informar os números compostos (materiais, pontos de vista, lugares, tempos, forma, língua). c) Se tratar de vários assuntos, informar vários números.

22° **Organização interna do periódico**: Incluímos aqui este item apenas para lembrança. A redação e administração da revista participam, assim como as do jornal, de uma dupla natureza: as de uma instituição intelectual (científica ou social) e as de uma empresa industrial e comercial. A lei norte-americana de 24 de agosto de 1912 distingue, claramente, para os periódicos, o *publisher*, o *editor*, o *managing editor* e o *business manager*.

421.2 Publicação de livros e documentos. A indústria editorial mundial

Nossa época renova todas as formas. Quais novidades ele introduz nas formas da indústria editorial: novidades realizáveis, imaginadas ou desejáveis?

Os quatro grandes fatores que agem sobre todas as atividades contemporâneas estão presentes: comerciais, científicos, políticos e sociais. Tudo se comercializa, tudo se torna objeto da ciência objetiva; tudo, direta ou indiretamente, repercute no Estado, organismo da vida política; tudo deve se adaptar a uma situação que consagra o direito das massas, a democracia.

A indústria editorial evolui dentro do círculo desses quatro fatores; cabe a ela coordená-los em vista de seus próprios fins: produzir livros eficientes quanto à quantidade e à qualidade.

Quer se trate de trabalho intelectual ou trabalho social, assistimos à multiplicação das associações. Elas estão ligadas entre si pelos laços de uma federação, que vai das federações locais, regionais e nacionais às federações internacionais. E todas, constantemente, produzem publicações que, a cada dia, assumem maior importância e maior desenvolvimento. Em particular, é preciso reconhecer como órgãos publicadores de primeira ordem as grandes associações internacionais de todas as especialidades. Elas são a concretização dos efeitos e esforços coletivos mundiais em cada domínio; elas incorporam em si a soberania necessária para reivindicar, em instância superior, sobre os interesses dos quais elas são depositárias e defensoras. Elas pretendem permanecer independentes do poder e de suas censuras, das finanças e de suas influências deformadoras. Sua ação, suas decisões, seus trabalhos são determinantes no seu domínio respectivo. Como existem atualmente no mundo cerca de 400 associações internacionais atuantes, mais ou menos desenvolvidas, porém tendo todas, pelo menos em germe, um serviço de publicação, representam, em seu conjunto, uma força editorial de primordial importância. Mas essa força não está organizada.

No momento em que todos os problemas de uma melhor organização da documentação surgem e são discutidos, é oportuno esboçar um plano em que as forças intelectuais, comerciais e políticas da atividade editorial encontrem seu lugar e possam livremente cooperar sem invadir a seara uns dos outros.

Foi, portanto, proposta a constituição, numa forma a ser estudada (cartel, truste, cooperativa, aliança, instituto), de um grande congraçamento de esforços. Para facilitar, chamemos a isso A, e chamemos B a vasta coleção de publicações que a ele caberia dotar o mundo.

O editor coletivo A seria formado por todas as associações internacionais que a ele aderissem. A coleção B compreenderia as diversas formas de publicação nas quais o pensamento científico, informativo e educativo veio progressivamente fluir. Isso teria, para cada domínio de conhecimento e das profissões, as dez formas seguintes:

1° um tratado geral sistemático;
2° um dicionário alfabético;
3° uma revista;
4° um anuário com informações sobre pessoas e instituições;
5° uma coletânea bibliográfica: referências e resumos;
6° um anuário que relate os progressos dos doze meses anteriores;
7° uma coletânea iconográfica das tabelas de dados numéricos;
8° um atlas de quadros sinópticos;
9° uma coletânea de textos antigos ou clássicos;
10° um sistema de catálogo-inventário.

Tratar-se-ia, portanto, sob a elevada supervisão das associações de

cada um dos setores do círculo enciclopédico, totalmente abrangido pela soma dessas associações reunidas, de produzir a verdadeira enciclopédia de cada ciência, e, para culminar, a enciclopédia universal dos conhecimentos.

Exceto, de um lado, a especialização e, de outro lado, a síntese, não há mais o que dizer agora sobre enciclopédia.

Dela os tempos de antanho conheceram algumas formas. Os tratados de Aristóteles 'enciclopedificaram' a ciência de seu tempo. Os homens da Idade Média o fizeram por sua vez. Quando os enciclopedistas do século XVIII produziram sua obra, o conhecimento tinha crescido tanto que eles o repartiram não mais em tratados, tomos e capítulos, mas em artigos ordenados alfabeticamente. Eles ainda produziram uma obra original, registrando pela primeira vez dados que, sem eles, não teriam sido escritos tão cedo e tão bem. Depois deles, fizeram-se dicionários e enciclopédias de divulgação. Mas nossa época retomou o caminho, ela também almeja por uma obra centralizada, de grande envergadura e de porte intelectual fundamental; ela quer, à sua maneira, realizar o sonho secular da concentração, do bíblion ou livro universal.

Para conseguir isso, as associações federadas — a entidade A — tem a possibilidade de se dirigir à entidade coletiva B, formada de fato por todas as bibliotecas do mundo. Se as associações são cooperativas de produtores intelectuais, as bibliotecas são cooperativas de consumidores intelectuais. Cabe-lhes adquirir, ordenar, catalogar, conservar e comunicar os livros aos pesquisadores, aos leitores. Mas o dever indica também para elas ajudar a produzir melhores livros. As bibliotecas constituiriam, portanto, cada uma, na sua totalidade se forem gerais, e por algumas de suas partes, se forem especializadas, o depósito da coleção B: a enciclopédia cooperativa mundial. Elas se tornariam assim as estações organizadas de uma grande rede de distribuição da informação científica mais completa, mais recente e mais autorizada. Cada trabalhador da inteligência teria a certeza de encontrar nelas a expressão atualizada dos conhecimentos organizados e o que eles contêm de essencial e fundamental: introdução ou conclusão de todas as buscas se estendendo pela bibliografia a todas as outras fontes do saber, cotejo generalizado com base em uma medida comum, aferida e padronizada, exprimindo o melhor do pensamento comum, cérebro coletivo nas páginas impressas no qual viriam fixar-se a memória comum e a consciência intelectual da humanidade, onde viria refletir-se a imagem constantemente móvel do mundo.

Se as associações internacionais com potencial de produzir são 400, as bibliotecas com potencial de consumir (portanto de comprar, de assinar) são bem mais de mil nas sessenta nações que compartilham dois bilhões de seres humanos. Ligar as associações por intermédio de A à rede de bibliotecas basta teoricamente para assegurar a realização de B.

Mas tal plano viria a dar o mais forte impulso à indústria editorial comercial, pois as empresas privadas — o grupo C — seriam convidadas a participar desse empreendimento. Todos os compradores particulares ficariam com elas. Quer dizer, tudo que ultrapasse a tiragem básica de mil exemplares será compartilhado sistematicamente entre as bibliotecas da rede. E essa tiragem poderia ser considerável para certas partes. Por outro lado, a produção solidamente apoiada em todo lugar na estrutura sólida do sistema da enciclopédia, seria de imediato elevada a um nível superior. Obras especiais surgiriam, ligadas por múltiplas conexões ao

sistema inteiro, e isso tudo seria benéfico para a indústria editorial.

De seu lado, enfim, as edições feitas pelo Estado (vamos chamá-las D), mais bem organizadas, ajudariam, como de fato ajudarão, a indústria editorial mundial. Entendemos com isso que as publicações dos governos, de suas repartições, dos órgãos oficiais, receberiam um plano de publicação e formariam, para cada país, uma coleção coerente e contínua.

421.3 Distribuição dos livros e documentos

Deveria ser estabelecido um sistema internacional que coloque exemplares de trabalhos originais ao alcance de toda biblioteca, de todo laboratório, mesmo os que estiverem muito afastados dos grandes centros. Este sistema seria o complemento lógico da bibliografia. Só então, todos os trabalhadores científicos teriam a garantia de estar trabalhando em conjunto em uma obra comum e isso com a ajuda dos mesmos materiais e dos mesmos instrumentos de trabalho. Essa foi a primeira ideia das permutas internacionais. Ela se desviou de seu caminho, mas poderia retomá-lo sobre as seguintes bases:[1]

1° O serviço seria estabelecido em ligação com o Centro Internacional de Bibliografia e seu Repertório e com o Serviço Internacional de Permutas que contaria com uma agência central de distribuição.

2° Seria elaborada de uma parte uma lista das publicações, de outra parte uma lista das bibliotecas, dos institutos e dos laboratórios, publicações e organismos participantes da Rede Universal de Documentação.

3° Um fundo financeiro mundial (que seria constituído para prover os diversos serviços científicos de utilidade internacional) deveria intervir para fornecer as compensações necessárias às publicações. Os exemplares nas quantidades desejadas seriam distribuídos diretamente ou agrupados nos serviços locais de permuta, ou enviados ao escritório central de permutas. Este supervisionará todos os envios.[2]

4° Na impossibilidade de serem enviadas as próprias publicações, o serviço forneceria fotocópias.

5° A publicação em certos casos poderia ser completada pelo depósito no escritório central de um exemplar manuscrito original. Esse depósito equivaleria à publicação (publicidade). Seria anunciado nas bibliografias. Dele eventualmente seria dado recibo com cópia fotográfica anexa (microfotos). (Ver projeto do Science Institute [*sic*]) de Washington.

422 Os conjuntos: acervos, catálogos e serviços (segundo escalão da organização)

422.0 Generalidades

a) Com os livros e os documentos considerados como unidades, formam-se conjuntos: acervos, catálogos e serviços. É o segundo nível da organização.

b) É necessário que os acervos se formem como um sistema mundial.

Em princípio, o sistema se estenderá às grandes categorias de acervos: 1º Livros (bibliotecas). 2º Revistas (periodicoteca). 3º Jornais (hemeroteca). 4º Documentos oficiais. 5º Patentes. 6º Manuscritos. 7º Mapas e plantas (mapotecas). 8º Imagens, estampas, desenhos, fotografias (iconoteca). 9º Arquivos administrativos. 10º Arquivos documentários (resumos, recortes, enciclopédia documentária). 11º Coleções de modelos gráficos

[1] Ver a resposta do prof. Strohl à enquete do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. 1933.
[2] Ver sobre essa questão as propostas do prof. Mraie [*sic*].

(técnica do livro). 12º Coleções de espécimes de jornais e de periódicos. 13º Catálogo de notícias e catálogos comerciais. 14º Discos, livro sonoro (discoteca). 15º Filmes (cinemateca). 16º Objetos, modelos, amostras, obras de arte (museu: estereoteca).

c) Rede de grandes instituições. A rede geral se divide em redes ou em espécies de instituições determinadas pelas espécies de coleções.

Então haverá organizações relativas à produção e a difusão de jornais, de revistas, de patentes, de imagens, de filmes, de informações pelo rádio, de museus.

d) Trataremos a seguir de seis formas principais: 1º Bibliografia; 2º Bibliotecas; 3º Enciclopédia; 4º Documentação administrativa; 5º Arquivos históricos; 6º Museu.

422.1 Sistema mundial

a) É preciso prestar atenção especialmente sobre quatro pontos: 1º criação de um tipo universal de registro bibliográfico; 2º regras catalográficas universais; 3º sistema geral de bibliografia e catálogo; 4º Repertório Bibliográfico Universal. Os dois primeiros pontos foram tratados em 255.85, p. 473 a 479.

422.11 Sistema geral de bibliografia e catálogo

a) Constatam-se quatro fases no trabalho da bibliografia:

1º Seu início ocorreu antigamente com os grandes catálogos de bibliotecas.[1]

2º Posteriormente, assumiu um caráter autônomo e próprio com os grandes desenvolvimentos dos periódicos e a ampliação da literatura científica e técnica (fundação do IIB).

3º Desenvolveu-se gradualmente mais tarde nas formas da documentação geral com a multiplicação de centros e serviços de documentação.

4º Uma aproximação ocorre agora entre o trabalho dos órgãos propriamente bibliográficos e os das bibliotecas? Os primeiros tendendo a também abranger coleções de livros e os segundos completando-se como centros de documentação.

---

[1] Imprimiu-se o catálogo geral de manuscritos. Na Revolução os bens das congregações e dos emigrados foram declarados bens nacionais, seus livros e manuscritos foram destinados a fundar em todo o país [França] grandes bibliotecas para a instrução popular. Um inventário era necessário. Surgiu a ideia de fazer um catálogo geral de todas as bibliotecas de Paris e dos departamentos. Conforme as instruções de 1790 e 1791, um milhão e 200 mil fichas, representando aproximadamente três milhões de itens, chegaram a Paris. Era pouco. Em 1794, o convencional Grégoire apresentou seu relatório sobre a bibliografia. Foi preciso desistir da ideia do catálogo impresso. Imprimiu-se mais tarde o catálogo geral dos livros impressos da Bibliothèque Nationale. Em sua introdução, Léopold Delisle faz ilusão simplesmente a um catálogo coletivo das bibliotecas nacionais [*sic*] de Paris (p. LXXVII). – Como a Comissão Internacional de Cooperação havia solicitado que, em cada país, fosse fundado um centro de orientação para o conjunto das coleções públicas, o sr. Roland Marcel resolveu iniciar na Bibliothèque Nationale um catálogo em fichas dos fundos especiais e de obras raras das bibliotecas do interior. Finalmente ele decidiu ampliar sua pesquisa (confiada ao sr. Pol. Neveux) e publicar os resultados: "Les richesses des bibliothèques provinciales de France". A lista está em ordem alfabética de cidades, e não diz nada sobre as próprias bibliotecas. – Charles Martel, em 1896 (*Les catalogues collectifs ou communs à plusieurs bibliothèques*) declarou que "um catálogo de todas as bibliotecas públicas seria um inútil e arriscado empreendimento, pelo menos por enquanto".

A publicação fotográfica do catálogo da Bibliothèque Nationale de Paris foi facilitada graças ao trabalho de uma comissão designada pela American Library Association: 40 bibliotecas norte-americanas decidiram pagar pela assinatura do catálogo a quantia de 250 francos em vez de 125. Com esse suplemento de aproximadamente dois milhões de francos o catálogo deverá ser finalizado em 11 anos ao invés dos 25 anos previstos.

Ver também Marcel Godet, diretor da Bibliothèque Nationale (Suíça). *Mémoire concernant la création d'un catalogue général et d'un service de renseignements de bibliothèques suisses* (Association des Bibliothécaires Suisses). Berne 1927 (17 p.). 8º

b) O sistema completo de bibliografia deve estender-se às categorias de bibliografia seguintes:

1º Bibliografia de bibliografias, com as bibliografias das bibliografias de bibliografias.

2º Bibliografia universal e internacional em geral: a) história da literatura universal abrangendo todos os países e todas as épocas; b) limitada a algum país ou alguma época.

3º Bibliografias especializadas.

4º Bibliografia nacional e bibliografia de publicações em uma língua determinada.

5º Bibliografia de obras de grupos de autores ou de certos fatos: a) publicações das sociedades científicas; b) teses e trabalhos acadêmicos; c) publicações oficiais; d) obras anônimas; e) pseudônimos, fraudes literárias; f) revistas e jornais.

6º Catálogos de alguns fundos: a) catálogos de editores; b) catálogos de bibliotecas; c) catálogos de livrarias; d) catálogos de leilões.

7º Bibliografia seletiva: a) bibliografia geral seletiva: bons livros, livros recomendados; b) catálogos de livros proibidos autoridades civis e religiosas.

8º Revistas de recensões e de crítica dita 'literária'.

9º Enciclopédias em geral (contendo referências bibliográficas).

10º Biografias (contendo informação sobre as obras dos autores).

c) A indexação decimal pode ser feita em cinco momentos diferentes: 1º Na própria obra (o livro ou o artigo publicado em periódicos). 2º Nas bibliografias primárias que são as bibliografias nacionais responsáveis pelo catálogo nacional de cada país. Nas bibliografias nacionais ou internacionais que publicam os registros primários dos periódicos. 3º Nas bibliografias que extraem seus dados das bibliografias primárias. 4º Nos catálogos e repertórios das bibliotecas em geral. 5º Nos registros e documentos dos fichários e classificadores dos trabalhadores científicos.

Seguindo um dos cinco momentos em que está envolvida a indexação, ela tem uma esfera de utilidade maior. Feita na fonte, nas próprias obras, ou pelo menos nas bibliografias primárias, ela acompanha o destino das obras e de registros bibliográficos e catalográficos através de toda a sua circulação e distribuição. Um duplo esforço deve ser feito, portanto, em vista dessa indexação. É preciso decidir sobre: a) os autores e os editores; b) os editores de bibliografias primárias.

422.12 Sobre o Repertório Bibliográfico Universal

1. *Definição e conteúdo*. O Repertório Bibliográfico Universal (RBU) ou Bibliographia Universalis foi projetado como um catálogo no qual deve estar registrada integralmente e ordenada toda a produção intelectual, em forma de inventário, e que a torna largamente acessível a todos e para todos os propósitos. Ele deve abarcar todas as obras, incluir os escritos de todos os tempos, produzidos em todos os países, em todas as formas, em quaisquer materiais. Dele farão parte livros, folhetos, folhas avulsas, revistas, jornais, publicações oficiais e obras didáticas. Estarão excluídas as partituras musicais, as estampas, a numismática, a epigrafia e os materiais de arquivos.

Não nos limitaremos a mencionar as obras como unidades. Quando formarem coleções, ali estarão representadas com todos os seus elementos componentes, como acontece com as obras poligráficas. É o caso so-

bretudo dos periódicos. O repertório conterá o resultado de sua análise, isto é, os registros dos artigos que compõem cada um de seus fascículos.

2. *Organização do trabalho*. O Repertório Bibliográfico Universal foi concebido como a soma das bibliografias isoladas. O trabalho de sua elaboração deve ser repartido sobre uma dupla base: nacional e internacional.

a) As bibliotecas nacionais de cada país devem aceitar a responsabilidade pelo catálogo das obras nacionais. São qualificadas para esse fim, pois foram instituídas para coletar toda a produção bibliográfica de seus países respectivos. Elas catalogam obrigatoriamente suas coleções e a muitas dentre elas foi atribuída a missão de fazer a bibliografia nacional. É racional, portanto, tendo em vista uma economia máxima de esforços, solicitar-lhes que combinem em uma só três tipos de encargo: seu catálogo, a bibliografia nacional e a participação desta no Repertório. Na falta da biblioteca nacional, uma outra organização nacional, de objetivos também amplos, e formada em moldes federativos, deve assumir a função aqui descrita.

b) Cada uma das associações internacionais especializadas deve aceitar a tarefa de garantir a análise integral dos periódicos de sua especialidade, seja por sua própria conta, seja por intermédio de um terceiro órgão sob sua supervisão. As associações internacionais evoluem rapidamente para uma etapa em que assumem as funções de organização internacional do trabalho intelectual, da qual faz parte a documentação. Elas se tornam federações que agrupam as associações nacionais de sua especialidade e a partir daí adquirem condições de proceder a uma divisão do trabalho no país entre suas diversas seções. A análise de periódicos é uma obra que excede as forças de uma biblioteca nacional, a menos que se trate de países pequenos, de pouca produção. Os artigos em geral incidem sobre assuntos muito específicos, que exigem, para sua ordenação adequada e minuciosa, os conhecimentos de especialistas em número igual ao das ciências existentes. As associações internacionais podem facilmente recorrer à cooperação desses especialistas. São seus membros, os trabalhadores intelectuais em todos os domínios, que são os primeiros interessados tanto a tornar conhecidos seus trabalhos nesses periódicos, quanto a conhecer eles mesmos os trabalhos que se desenvolvem em toda parte.

3. *Centralização, descentralização*. Se o instituto dispusesse dos recursos necessários, seria possível realizar em sua sede central a análise de todos os periódicos, a ordenação dos registros e suas publicações, o envio regular a todas as bibliotecas, a todos os centros e particulares interessados. O instituto organizaria gabinetes, internamente, repartindo as tarefas entre eles de acordo com os assuntos e que contariam com a colaboração de especialistas qualificados.

Uma tal organização permitiria dar à obra inteira a amplitude, a regularidade e a eficiência que se pode esperar de um trabalho realizado em grande escala e com métodos padronizados, organizado por sequências bem ordenadas, com a ajuda máxima de instrumental técnico. Uma coleção central de periódicos seria formada em conexão com a biblioteca internacional. Ela funcionaria com base no exame direto dos artigos. Desnecessário dizer que todos — especialistas, editores e particulares — estariam diretamente interessados em enviar gratuitamente seus periódicos a um registro internacional.

Como semelhante organização, por falta de recursos e de acordos para obtê-los, não pôde ser concretizada até agora, foi preciso recorrer

ao método descentralizado. Este consiste essencialmente em fazer recair o peso do trabalho nas unidades interessadas, e a supervisionar o andamento dos trabalhos.

4. *Princípios*

a) O RBU foi organizado com fichas de formato universal. Divide-se em duas partes: uma por autor, outra por assunto, esta última classificada pela Classificação Decimal, suscetível de ser amplamente distribuída. O essencial é existência, na sede do instituto, de um repertório-protótipo, que os trabalhadores possam consultar no local ou do qual possam receber, após o envio de pedido por correspondência, transcrições que respondam às consultas formuladas. Isso reduz os gastos ao mínimo e, quanto às cópias, as despesas incorridas são cobertas pelos interessados. O capital necessário é, portanto, reduzido. Mas ao mesmo tempo, cria-se toda uma escala de meios de reprodução cada vez mais satisfatórios e que podem ser empregados simultaneamente, dependendo das circunstâncias: reprodução fotográfica ou microfotográfica[1] multiplicação em duplicador, impressão, em coletâneas especiais, com o verso da página em branco, ou em anexos, de publicações existentes, ou finalmente impressão direta em fichas. Foi formada uma coleção de publicações do RBU.

d) Distinguiu-se entre o repertório-protótipo estabelecido na sede do instituto (atualmente em Bruxelas) e os repertórios derivados e organizados de acordo com os mesmos métodos nos centros de estudos. O primeiro, por definição, deve tender a ser completo. Os outros foram concebidos como repertórios limitados a certos setores determinados pelo próprio uso que possam ter os órgãos que os estabelecem (bibliotecas nacionais, gerais, especializadas, locais ou internacionais; institutos e laboratórios; universidades, administrações públicas, associações, etc.). Esses destinam-se a reunir em cada órgão ou serviço documentário: a) o conjunto das fichas recebidas de diferentes fontes externas, e em primeiro lugar do Repertório Bibliográfico Universal; b) o conjunto das fichas redigidas no próprio local, com eventualmente a combinação em uma única ordem dos registros relativos à bibliografia e dos relativos ao catálogo da biblioteca do estabelecimento.

5. *Modos diversos de cooperação*. A organização e o método do RBU tornam possíveis inúmeros modos de cooperação prestada por uma infinidade de cooperadores. Elabora-se um quadro. Os autores, associações, cientistas, quadros administrativos oficiais: eles remetem a lista completa de seus trabalhos em fichas na forma descritiva prescrita. As bibliotecas: organização de seu catálogo de acordo com regras mínimas, e envio de cópias, impressas ou manuscritas. Os editores: produção, de acordo com essas mesmas regras, de seu catálogo e publicação de boletins de novidades em fichas de formato universal. Organismos ou particulares, editores de bibliografias nacionais ou internacionais, de guias, índices ou listas bibliográficas: publicação de seus trabalhos observando os desideratos mínimos. Editores de revistas: publicação, nas mesmas condições, de índices e resumos. Todos esses modos de cooperação, postos em prática simultaneamente e funcionando continuamente, resultarão em importantes contribuições para o RBU. Eles se somarão aos trabalhos executados na sede central do instituto e apressarão a conclusão da obra.

[1] Sobre os processos microfotográficos, ver Publicação nº 14 do IIB.

6. *Estado atual dos trabalhos e da cooperação*. O Repertório Bibliográfico Universal foi fundado pela primeira Conferência Bibliográfica Universal, reunida em 1895. Ele se desenvolveu mediante os esforços conjugados do Instituto e da Repartição Internacional de Bibliografia, criados nesse ano por essa mesma conferência. Em 1º de abril de 1934, o RBU compreendia 15 646 346 fichas. Havia atendido a 27 mil pedidos de informação; em 142 trabalhos impressos tinham sido publicadas aproximadamente meio milhão de registros classificados pela Classificação Decimal.

a) Catálogo coletivo geral das grandes bibliotecas do mundo. A bibliografia informa sobre a existência das obras, o catálogo informa sobre as bibliotecas que as possuem. Mas é óbvio que os registros são fundamentalmente os mesmos em ambos os casos. Bastaria, portanto, lançar nas fichas bibliográficas as informações relativas ao catálogo. De fato, atualmente, o Repertório vem sendo combinado com esse tipo de catálogo.

b) Repertórios dedicados a séries específicas de dados contidos nos documentos bibliográficos. Por ex., os repertórios de anais de eventos, leis, patentes, estatísticas, constantes teóricas e práticas, ilustrações documentárias. Outro exemplo, os repertórios a serem criados para uso especial dos livreiros antiquários e que serviriam para facilitar a oferta e a procura de obras de segunda mão colocadas à venda.

c) Repertório de resumos. Em princípio o RBU concerne apenas a bibliografias sinaléticas (ou primárias). Mas todo ele foi projetado para reunir os registros bibliográficas analíticos (*abstracts*). Os registros básicos são idênticos em ambos os casos. Há interesse em que se multipliquem as informações sobre o conteúdo dos trabalhos. Não obstante, anotações sobre a importância deles e, ocasionalmente, críticas de que sejam alvo, que são de caráter pessoal e subjetivo, devem ser apresentadas sob a responsabilidade de um crítico que assine o registro. Enfim, atualmente, o Repertório Universal contém inúmeros registros analíticos e o IIB solicitou, aos autores e editores desses registros que adotem as recomendações gerais relativas ao formato, às fichas e à Classificação Decimal.

d) O RBU deve naturalmente se tornar-se o núcleo central de um Repertório Universal de Documentação composto de um conjunto de repertórios universais, cada um deles consagrado ao inventário de uma das outras espécies de documentos, ou do conteúdo de certas publicações consideradas em seu detalhe ou na escolha de alguns de seus elementos, baseando-se nas necessidades constatadas, ou nas primeiras realizações já ocorridas em vários lugares. Os mesmos princípios de organização e de método são aplicáveis a esses diferentes inventários e é evidente que a sua reunião em uma mesma organização teria as vantagens de uma boa coordenação de forças. Esses inventários tratariam dos seguintes materiais: manuscritos, partituras musicais, estampas, fotografias e filmes, mapas e plantas, obras de arte, objetos conservados em coleções e museus, arquivos, medalhas e selos, epígrafes, fonogramas, índices de espécies naturais e monumentos construídos pelo homem.

e) O Repertório Bibliográfico Universal é, por antecipação, o catálogo elaborado da biblioteca mundial ideal, formado hoje (à média de um exemplar de cada edição) pelos livros existentes em todas as bibliotecas do mundo. A biblioteca mundial destina-se, em princípio, a concentrar em um mesmo lugar os exemplares ou a reprodução fotográfica de todos os livros.

É a descrição e a ordenação de documentos (livros, periódicos e arti-

gos de revistas, etc.) distinguindo a bibliografia sinalética da bibliografia analítica. 1º Utilização direta das bibliografias especializadas existentes. 2º Análise, do ponto de vista dos repertórios a serem formados, das bibliografias gerais, e análise das recensões de obras publicadas nas revistas. 3º Levantamento sistemático dos artigos publicados em revistas da especialidade e dos artigos relativos a essa especialidade publicados em revistas gerais. 4º Análise interna das publicações (livros, relatórios, artigos, anais de eventos, etc.), catalografia, indexação dos elementos distintos contidos nessas publicações, do ponto de vista dos consulentes.

Convém que seja formado o sistema mundial de bibliografia, catalografia e repertórios de informação, tanto de manuscritos originais quanto de materiais publicados. Aqui está o quadro.

A. *Bibliografias*

a) Em cada país uma bibliografia nacional que inclua: 1º livros; 2º periódicos (revistas, jornais); 3º artigos de periódicos. b) Em cada ciência uma bibliografia especializada em duas partes: 1º bibliografia sinalética; 2º bibliografia analítica (resumos). c) Uma bibliografia de bibliografias: 1º corrente; 2º retrospectiva. d) o Repertório Bibliográfico Universal.

B. *Catálogos coletivos*

Em cada país um catálogo coletivo particularmente das obras possuídas pelo país. Eventualmente catálogos coletivos locais. O Repertório Bibliográfico Universal por autores combinado com informações sobre o lugar onde as obras estão depositadas e servindo de catálogo coletivo das grandes bibliotecas do mundo.

C. *Repertórios diversos*

a) Repertório internacional de editoras.

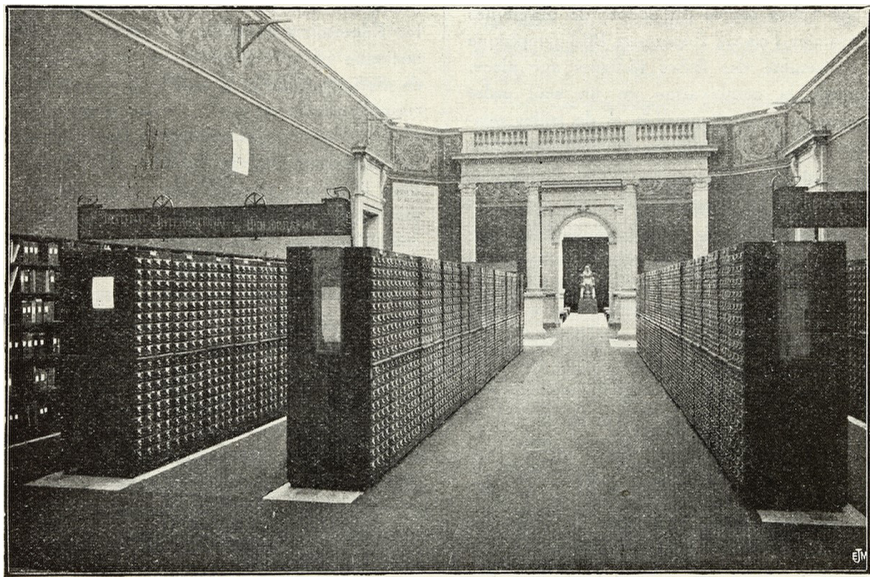
b) Repertório internacional de periódicos.

c) Repertório internacional de centros de documentação existentes.

d) Repertório internacional de coleções, serviços e trabalhos contínuos.

e) Repertório internacional de positivos para projeção. (a. Vidros ou celuloide. b. Microfilmes).

f) Repertório internacional de filmes cinematográficos.



O Repertório Bibliográfico Universal no Palais Mondial. O Mundaneum.

g) Repertório internacional de discos.

h) Repertório Internacional de museus e coleções de arte, de ciências, (objetos naturais de técnica (objetos industriais), de higiene, de questões sociais, de história.

i) Repertório internacional de universidades, escolas superiores e instituições de ensino.

j) Repertório internacional de institutos e laboratórios de pesquisa.

k) Repertório internacional de especialistas.

l) Repertório internacional de tradutores.

m) Repertório internacional de produtores (fabricantes e produtos).

422.2 Bibliotecas

A biblioteca foi definida antes (seção 262).

422.21 Integração das bibliotecas

É preciso sue se realize a integração das bibliotecas: seu desenvolvimento e sua transformação deverão ocorrer nesse sentido, a fim de que sejam, em sua plenitude, centros de documentação e laboratórios comuns de trabalho científico baseado nos documentos. Por definição, as bibliotecas devem ser o vasto complexo que essa tarefa implica, dividindo-se em seções distintas, que incluam os diversos ramos da documentação, mas unidas por vínculos duradouros em uma unidade superior.

"Em todo lugar", afirma Coyecque, "as bibliotecas são suscetíveis de novos progressos, seja em alguns casos por imitação, geralmente respondendo ao que se faz de melhor fora delas, e em outros por invenção e experimentação de ideias novas. É necessário lutar contra esse progresso; burocracia contra técnica; empresa deficitária contra doutrina fecunda."

422.22 Sistema nacional de bibliotecas

a) Convém que seja criado um sistema nacional de bibliotecas, onde cada uma seja considerada estação de uma rede geral de abastecimento para atender às necessidades da vida intelectual; b) que a essa rede sejam ligadas as bibliotecas existentes, mas modernizadas, transformadas, e eventualmente integradas em grupos, se isso for julgado útil; c) que em todas as cidades sejam criadas bibliotecas públicas com salas de leitura e serviço de empréstimo domiciliar; d) que sejam desenvolvidos os serviços de bibliotecas circulantes; e) que seja instituído um serviço postal de bibliotecas que permita a todo cidadão obter por empréstimo domiciliar obras de uma coleção geral, formada por dez mil volumes, com o melhor de todos os campos, mediante caução depositada na caixa de poupança, e que o catálogo dessa biblioteca, apresentado na forma de guia sistemático de orientação para a leitura, a documentação e o ensino autodidata, seja divulgado gratuitamente em todo o país.

422.23 Rede mundial internacional de bibliotecas

A Comissão de Cooperação Intelectual se incumbiu da coordenação de bibliotecas: 1º ela pediu a formação, em todos os países que possuam uma biblioteca nacional ou central, de um 'centro nacional' que seria equipado de maneira a fornecer aos trabalhadores intelectuais todas as informações apropriadas para orientá-los sobre as bibliotecas bem como os centros especializados onde teriam a certeza de encontrar a documentação de que necessitassem. Esse 'centro' possuiria, ademais, todos os

instrumentos de trabalho necessários: coleções de catálogos, impressos, bibliografias, biografias; repertórios de acervos especializados. 2° Os especialistas preconizaram a criação de um 'centro internacional' destinado a servir de ligação entre os diferentes centros nacionais.

Ele teria a função de multiplicar os contatos entre os diversos órgãos nacionais ao mesmo tempo que se encarregaria de encaminhar-lhes qualquer pedido de informação.

É a coleção dos próprios documentos, mantidos em sua integridade individual (livros e publicações diversas de todas as espécies). A coleção está organizada em receptáculos adequados e de fácil acesso.

É preciso organizar as bibliotecas em uma rede mundial, conforme os quatro componentes seguintes:

1° as bibliotecas nacionais gerais
2° as bibliotecas nacionais especializadas
3° as bibliotecas internacionais especializadas
4° a biblioteca mundial.

422.24 A biblioteca mundial

As razões de ser e as bases da biblioteca mundial são as seguintes:

1. *Valor simbólico da biblioteca mundial*. Estabelecer pelo esforço comum um monumento ao livro, ao mesmo tempo expressão e instrumento da inteligência. Honrar o livro em si como se honram as obras de arte e as grandes manifestações do gênio humano. Esse motivo seria suficiente para justificar a existência da biblioteca mundial. Aqui, é a humanidade que, coletivamente, deve prestar essa homenagem ao livro como tantas nações o fizeram com suas bibliotecas nacionais.

2. *Utilidade prática da biblioteca*. Constituir progressivamente, ao longo dos anos, um centro de estudos e pesquisas sobre o livro que previnam as dificuldades inerentes à dispersão extrema das obras. Colocar este instrumento de trabalho à disposição dos organismos mundiais, tanto oficiais quanto privados, que se aproximaram de Genebra, pela necessidade de concentração, e cujas bibliotecas particulares, exclusivamente administrativas, não conseguiriam satisfazer por completo às suas necessidades.

Abrigar, em local que seja considerado o mais protegido do mundo contra guerras e revoluções, um exemplar de todas as obras que se publicam no mundo. Com esse exemplar de reserva, proteger os livros contra outros perigos de destruição que os ameacem. Possibilitar também o acesso a eles a qualquer tempo, independentemente das proibições que possam atingi-los nos países de origem ou onde estejam depositados.

3. *Composição geral da biblioteca*. A biblioteca receberia: 1° todas as publicações oficiais dos Estados e suas administrações; 2° aquelas das sociedades científicas, educativas e sociais; 3° as revistas; 4° os principais jornais diários. Todas essas publicações devem ser recebidas quase sem frete. Um exemplar de controle de todas as publicações enviadas por intermédio do serviço de permutas internacionais ali seria depositado. Da mesma forma, os próprios autores ou seus herdeiros devem enviar suas obras para esse serviço; coleções de particulares devem ser solicitadas ou doadas em legado. As associações internacionais devem ser convidadas a nela depositar seus próprios acervos. E as obras duplicadas, resultantes de uma melhor coordenação das bibliotecas nacionais, deveriam servir antes de tudo para abastecer as coleções e eventualmente facilitar o empréstimo internacional.

No seio da biblioteca mundial devem ser constituídos fundos internacionais e coleções internacionais para patentes de invenção, coleções de leis, estatísticas, manuscritos e documentos de arquivos modernos, partituras musicais, fotografias, gravuras, filmes cinematográficos, discos fonográficos, etc.

4. *Organização e cooperação*. A organização deve ser de uma fundação autônoma, cooperativa, administrando todos os fundos possuídos ou depositados; cada participante deve poder eventualmente conservar a propriedade de suas obras ou coleções, mas permitir sua utilização coletiva. Os interessados serão representados no conselho de administração da fundação.

Em particular, a Associação Internacional de Editoras e a dos autores e editores deveriam cooperar com a biblioteca mundial, a fim de concretizar, do ponto de vista mundial, o que os editores alemães já fizeram em Leipzig para o livro alemão (Deutsche Bücherei).

5. *Interesse especial para os países pequenos e médios*. Os países grandes puderam formar conjuntos documentários de grande valor, tanto para suas bibliotecas quanto para seus centros de legislação estrangeira, etc., mas os países pequenos não podem esperar muito tempo para realizar, por seus próprios meios, conjuntos equivalentes. Só lhes resta, portanto, aceitar para seus cidadãos uma situação inferiorizada, o que não consentiriam sem resistência, ou serem tributários das grandes nações. Esta última solução não está livre de riscos. Porque a nação grande organiza suas instituições documentárias em benefício sobretudo de seus nacionais: línguas utilizadas, assuntos das coleções desenvolvidas, facilidades de acesso, privilégio na ordem dos serviços, medidas quanto ao sigilo das comunicações e ao exercício das censuras, etc. Num quadro político de incertezas, acordos bilaterais sobre essa questão não constituem garantia absoluta. Em caso de guerra, de bloqueio, de revolução, de neutralidade, de mudança de regime interno, o que representariam esses acordos? Nessas condições, a solução cooperativa oferece a melhor solução. A biblioteca mundial, em todos seus departamentos, se apresenta como um organismo cooperativo e federativo e, como toda nação dela participa, ela se torna algo indivisível, com o compromisso de administrar no seu próprio interesse e no das demais nações cooperantes.

6. *Biblioteca das associações internacionais*. Existe pelo menos uma centena de associações internacionais que começaram a formar coleções. E todas elas, sem distinção, têm o dever e condições de formá-las, se lhes fossem propiciadas facilidades para isso. A biblioteca mundial tem condições de atendê-las, nas condições mais econômicas e vantajosas, realizando ao mesmo tempo um duplo objetivo: proporcionar às associações meios de organizar sua própria biblioteca e assegurar ao mesmo tempo o crescimento das coleções mundiais.

7. *Centro das bibliotecas do mundo e de uma rede universal de documentação*. Existem hoje no mundo cerca de mil grandes bibliotecas e dezenas de milhares de bibliotecas médias e pequenas.

Assim como o pensamento universal é uno, do mesmo todos os livros nos quais ele encontra sua expressão são os elementos de um grande livro universal ideal. E todas as bibliotecas específicas que os conservam são partes de uma biblioteca que em pensamento pode-se considerar também universal, se bem que dividida em múltiplas coleções. Mas para que todas essas bibliotecas possam sentir os laços de solidariedade intelec-

tual que as unem, e para facilitar no futuro as relações entre elas, convém que uma biblioteca mundial lhes sirva de centro comum.

8. *Depósito de segurança em caso de guerra*. Os riscos de guerra são de novo tão grandes que é necessário preparar, com antecedência, para tal eventualidade, uma proteção dos livros raros de todos os países. Da mesma forma que a Cruz Vermelha prepara desde agora os serviços para prestar em caso de conflito, também é preciso preparar um asilo temporário para os tesouros da mente. Seria necessário constituir alguma nova Cruz Internacional, uma Cruz de Ouro, por exemplo, organizando com antecedência as medidas de proteção e um depósito para o qual, ao primeiro sinal de alerta, poderiam ser remetidas as obras mais preciosas oriundas de toda parte. Em 1914, livros foram retirados às pressas de todos os lugares em risco. Mas os abrigos que foram então encontrados (e de onde muitas vezes, aliás, saíram bastante danificados), doravante não serão mais seguros com os métodos de combate que se anunciam. O Pacto Roerich tratou dessa proteção.*

9. *Realização*. No seio dos institutos do Palais Mondial, Mundaneum, a biblioteca mundial já começou.

Em princípio todas as bibliotecas gerais são, potencialmente, bibliotecas universais, e todas devem incluir acervos de todos os países. A biblioteca mundial, à semelhança da bibliografia e da enciclopédia mundial, deve ser concebida como uma rede da qual ela também faça parte, a Rede Universal de Documentação. No centro, a biblioteca mundial na mesma rede biblioteca coletiva serviços mundiais no seio das bibliotecas nacionais [*sic*]. O sistema de permutas, de empréstimo e depósito legal deverão ser desenvolvidos em função desses objetivos.

Serão formadas bibliotecas universais de cada ciência, e que venham a possuir tudo que tiver sido escrito a respeito de qualquer assunto tratado pela respectiva ciência. O conjunto dessas bibliotecas, situadas em locais diversos ou reunidas em um mesmo lugar, constituiria a biblioteca como a totalidade dessas bibliotecas.

Seria possível imaginar que a biblioteca mundial será um dia a biblioteca de protótipos, a partir pelo menos de uma época determinada.*

* Proposta de tratado internacional, apoiada pela Liga das Nações, em 1930, pelo qual os países signatários se comprometeriam a defender, em tempo de guerra ou de paz, os locais de valor cultural, como museus, universidades, bibliotecas, teatros, etc. Em 1935, foi assinado por todos os países que faziam parte da União Pan-Americana, em solenidade presidida por Franklin Delano Roosevelt, na Casa Branca. [N.E.B.]

422.3 A enciclopédia

a) Enquanto a bibliografia proporciona o catálogo dos livros e dos documentos, dos quais a biblioteca forma coleções, a enciclopédia trabalha com seus elementos para com eles criar novos conjuntos onde são distribuídos, coordenados e dispostos estruturas de formatos uniformes e de uma ordenação única.

b) A obra enciclopédia se apresenta em cinco grandes formatos:

1° *Pastas enciclopédicas documentárias*. São formadas com partes de documentos, de extratos de publicações, sem transformação nem alteração; nelas também se guardam impressos pequenos que não tenham espaço próprio na biblioteca.

2° *Repertórios enciclopédicos ou fichários*. Eles são formados com os mesmos elementos das pastas documentárias e só se diferenciam pelo formato.

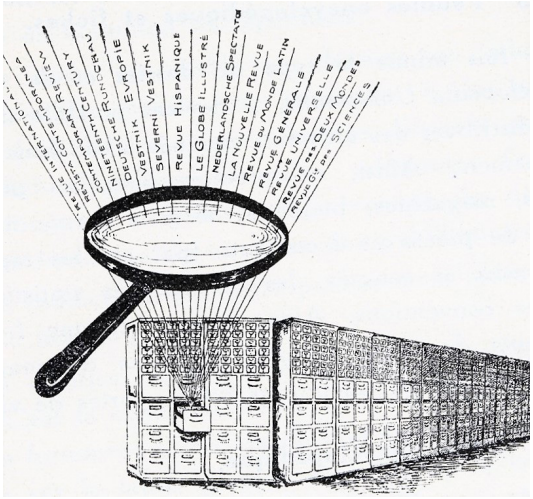
3° *Folhas e fichas enciclopédicas*. São publicadas diretamente para serem utilizadas nas pastas organizadas.

4° *Atlas enciclopédico*. É formado de quadros que mostram os elementos essenciais.

5° *Codificação enciclopédica*. Obra última da documentação, tem por objeto condensar, generalizar e sintetizar os dados dos conhecimentos e das atividades.

c) A obra da enciclopédia pode ser realizada por partes, mas ela se caracteriza essencialmente por sua universalidade. Todo seu método tem por objetivo atingir um dia essa universalidade e desde já antecipá-la no plano ideal.

d) Como a bibliografia e a biblioteca, a enciclopédia, nessas cinco formas, apresenta os três níveis seguintes: 1° método de organização em geral utilizável por cada um, abstração feita de relações de cooperação com outrem; 2° aplicação generalizada de métodos de tal modo que conjuntos possam ser formados, facilitando os trabalhos individuais; 3° organização formal dessa cooperação por intermédio de um órgão geral, elaborando ou dirigindo trabalhos e formando coleções centrais, assegurando o funcionamento da rede. Esta se ligará à Rede Universal de Documentação. O nome *Encyclopedia Universalis* seria reservado para ela.



A enciclopédia documentária
[Melhor visualização em: https://fr.wikisource.org/wiki/Page:Otlet_-_Trait%C3%A9_de_documentation,_1934.djvu/416]

422.31 Pastas enciclopédicas documentárias

O arquivo (ou pastas) abrange as peças originais e os documentos pequenos, na sua integridade ou em partes, que são ali guardados. Para sua formação as publicações são recortadas, a fim de redistribuir essas partes segundo uma ordem diferente da original e reunir em conjuntos tudo que se refira a um mesmo assunto. As pastas incluem os extratos ou recortes de livros, periódicos, jornais, notas manuscritas, datilografadas ou mimeografadas. Assim constituídas, oferecem duas grandes vantagens: 1° Elas agrupam as peças reduzindo ao mínimo o esforço da consulta. 2° Permitem, por assim dizer, de maneira automática, apreender as coisas mais objetivamente e em sua totalidade, cada documento expressando um ponto de vista, a realidade total sendo construída pelo conjunto desses pontos de vista. 3° Essas pastas contêm a possibilidade de uma crítica imediata. Quem as consulta não tem que sofrer influências tendenciosas, estará livre de 'preconceitos' por causa da própria diversidade das fontes reunidas e também pela diversidade das críticas apresentadas em todos os sentidos.

422.32 Repertório enciclopédico ou fichário

Esses repertórios são formados com os mesmos elementos das pastas documentárias. Delas se diferenciam apenas pelo formato (125 × 75 mm). Eles são constituídos por recortes de publicações, cópias de extratos, escrita direta nas fichas, por análise dos dados contidos em relatórios e correspondências.

A enciclopédia é formada com repertórios de fatos em fichas. Esses repertórios se referem tanto a questões, coisas, objetos, produtos, quanto a países, sua história, pessoas e organizações. Eles são dispostos conforme diversas critérios fundamentais de ordenação: sistemático (assunto), histórico (data), geográfico (lugar).

422.33 Folhas enciclopédicas e fichas

Uma vez admitido o tipo de pasta e de fichário da *Encyclopedia Universalis*, torna-se possível publicar e distribuir elementos destinados a alimentá-los automaticamente. Assim, em primeiro lugar, os periódicos (revistas, boletins) em forma móvel; a coletânea de peças e documentos (p. ex., os relatórios de conferências e congressos, patentes, estatísticas, leis, acordos. E também, como fichas, os documentos de qualquer natureza: anúncios de obras, elementos de anuários, calendários futuros, cartões de visita, etc.

422.34 Atlas enciclopédico

Sob o nome de 'Atlas Universalis Mundaneum', os institutos do Palácio Mundial se empenharam em estabelecer um vasto conjunto de painéis, sendo cada um dedicado a determinado assunto e atendendo em seu conjunto ao plano de uma exposição sintética dos dados relativos ao mundo, à natureza, ao homem, à sociedade, à história, à geografia, e à organização universal.[1]

Acordos de cooperação foram negociados com o Gesellschafts- und Wirtschaftsmuseum de Viena (Orbis Mundaneum). A obra tem as seguintes características:

1° O atlas é formado por painéis que podem ser colocados também em exposições e museus e servem de material didático no ensino.

2° O atlas contém tantas pranchas quantos sejam os pontos a serem focalizados de acordo com o plano de estudos comuns (ou classificação).

3° Os painéis são normalizados em suas dimensões físicas, uniformes e equilibrados, e metódicos do ponto de vista gráfico.

4° O atlas e os painéis, tanto quanto possível, promovem a comparabilidade dos dados, os diversos dados de um conjunto, de um país, de diversos países, os dados de diversos países com os dados das ciências e os destas com os da história.

5° O painel é o meio gráfico de apresentar dados à mente do modo mais fácil, mais rápido e mais completo. O painel deve poupar a quem o aprecia a tensão mental causada pela dificuldade de compreender, de apreender o sentido, de ligar um sentido ao de outros dados compreendidos antes, o que requer arte na distribuição dos dados em grupos bem distintos, claros, coerentes, em dar-lhes forma, presença marcante, cor adequada (estilo do painel).

---

[1] Paul Otlet, A.Oderfeld. *Atlas de la civilisation universelle*. Conception, organisation, méthode de la préparation du matériel didactique en coopération internationale. 1929. Public. n° 132 de l'Union des Associations Internationales.

6° Com o painel cria-se um novo modo de expressão das ideias. As formas criadas podem ser generalizadas e dar origem a outros painéis. O conjunto de painéis assim produzidos já oferece uma grande variedade de formas. Encontram-se neles muitos meios de exprimir ideias gerais ou abstratas, que, à primeira impressão, não se pensaria em 'enquadrar' ou não se saberia como fazê-lo.

7° Cada painel do atlas universal será submetido à revisão das melhores autoridades, individuais ou coletivas (associações, academias, congressos, representados por suas comissões especializadas). Cada um apresentará as correções que julgar apropriadas e o painel receberá em seguida sua assinatura. Essas assinaturas reforçarão sua fidedignidade.

8° A matéria-prima do atlas está amplamente disponível e será utilizada. Mas está dispersa dentro de obras que são às vezes de difícil consulta ou se apresenta como documento separado, mas de diferentes tamanhos, com escalas variadas, sem ligações sistemáticas, sem facilidades, portanto, para que sejam adquiridos juntos ou por partes homogêneas.

Por exemplo, os atlas geográficos contêm os mapas, os panoramas geográficos mostram os lugares, os álbuns históricos mostram as imagens de monumentos, de objetos usuais, de obras de arte. Mas essas coleções, sozinhas, são insuficientes, pois são isoladas e sua reunião não é coerente. Existem ainda outras formas de representação, diferentes dessas, como os esquemas, os diagramas, os quadros sinópticos. Ademais, é preciso que haja cooperação na execução dos painéis, a mobilidade das folhas, para mais facilmente fazer combinações, a cor.

9° A análise (divisão) consiste em estabelecer separadamente cada elemento por mais especializado que seja. A síntese (composição) consiste em reagrupar os elementos. O fato de os painéis serem em folhas móveis (fichas) permite a combinação: ordem das partes e do todo, ordem de repartição segundo o espaço ou lugar, ordem de sucessão no tempo, etc. Os índices de ordenação facilitam esses diversos usos. Comentários especiais apontam e sugerem as combinações possíveis, umas fundamentais, outras secundárias.

10° O princípio da síntese deve estar na base dos painéis, a saber, todo dado novo adquirido, em qualquer domínio que seja, deve imediatamente repercutir em todas as partes interessadas. Desse ponto de vista, o registro da ciência deve ser construído à maneira da contabilidade que acompanha e registra toda a movimentação de quantias, bem como as repercussões dessa movimentação. Cada um, por meio da expressão de seu pensamento, deve ser convidado a utilizar os painéis universais existentes. Se há objeção a fazer, talvez seja apenas por causa da insuficiência desses painéis (incompletos ou incoerentes) ou pelo fato de não estarem à altura da ciência atual.[1]

---

[1] O *Wiener Methode* (método de representação estatística implantado pelo Gesellschafts- und Wirtschaftsmuseum, de Viena) foi assim resumido: 1. visualizar os dados estatísticos por meio de um número repetido de figuras e não com figuras maiores; 2. ao invés de círculos e quadrados, retângulos que facilitem a comparação; 3. empregar imagens coloridas, de desenhos em preto e branco chamados *Magnet-bilder* (para expressar os fenômenos de massa variáveis), diapositivos móveis e filmes chamados de desenhos; 4. cores claras reservadas para a representação de dados determinados, as de cor cinza para os indeterminados, por ex., o que é organizado e desorganizado; 5. símbolos de cor: verde = agricultura, branco = forças hidráulicas (a hulha branca). A representação de dados estatísticos por meio de imagens é uma necessidade urgente se quisermos lançar mão do enorme apelo popular que a estatística contém.

O método também ganhou o nome de método Neurath; os acontecientos fizeram com que fosse transferido para Haia o centro de trabalho que havia sido iniciado em Viena (International Foundation for the Promotion of Visual Education).

422.35 A codificação

a) Ela compreende a obra de codificação e coordenação dos próprios dados. Dela resultam extratos e transcrições nos quadros de uma sistematização única. É que se poderia chamar de livro universal em oposição aos livros particulares.

Os próprios dados são bem distintos dos documentos nos quais eles mencionados. Trata-se de organizar sistematicamente conjuntos desses fatos e dados. Para cada um faz-se um registro sistemático que informe: 1. os elementos que devem ser destacados para cada categoria de fatos; 2. o modo pelo qual convém colocá-los no registro (Regras documentárias).

Para a confecção desses registros, utilizam-se todas as fontes que tiverem sido obtidas. Analisam-se os documentos da biblioteca e das pastas e se utilizam também os dados documentários recolhidos em enquetes. Deve-se ter o cuidado de identificar em cada registro a fonte dos dados.

b) A codificação é o elemento final da documentação que se atribui aos conjuntos. O dia em que todo o saber estiver codificado, nossa mente estará na posse de um instrumento incomparável, que ajudará em todas suas operações intelectuais.

A codificação consiste: 1° em dizer as coisas uma única vez; 2° em dizê-las de tal forma que a ideia geral preceda a ideia específica e se eleve assim à categoria de princípios, normas, leis, regras; 3° em dizer as coisas de maneira sistemática e ordenada.

c) Trata-se de retornar à unidade elementar as multiplicações e as complexidades. A operação apresenta analogias com a redução das frações a um mesmo denominador e com as transformações sucessivas das expressões algébricas. A operação volta a reduzir os documentos e seus elementos documentários e a integrar em seguida os dados desses elementos, ou seja, a fundi-los eliminando as repetições.

d) O código é colocado em pastas ou atlas onde cada folha móvel destina-se a inserir no quadro (tabulação) um dado disposto segundo as formas bibliológicas mais adequadas (esquemas, ilustração) no original ou proveniente da análise sistemática do conteúdo das publicações.

e) A codificação pode contar com o poderoso auxílio de processos mecânicos.

f) A codificação deve ser concebida em evolução constante. É a própria condição da ciência. As teses que sejam as mais merecedoras de confiança devem ser, de tempos em tempos, rediscutidas, submetidas ao crivo da crítica, levando em conta novos pontos de vista.

422.4 A documentação administrativa

Os arquivos administrativos abrangem três peças, a saber: cartas, relatórios, estatísticas, contas relativas a uma instituição. Dão origem à formação de: 1° pastas dedicadas, cada uma, a uma pessoa ou entidade, a um problema ou questão; 2° repertórios ou fichários que reúnem, conforme quadros uniformes, os dados analíticos da administração (repertório administrativo geral); 3° quadros com texto, colunas, esquemas, imagens que condensam esses mesmos dados de forma sintética.

Para organizar a documentação administrativa é preciso fazer aprovar um conjunto de disposições em grau local, regional, nacional e mundial.[1]

---

[1] Ver P. Otlet: *Manuel de la documentation administrative*. Publicação do Instituto Internacional de Bibliografia.

1. *Objeto da documentação administrativa*

A documentação administrativa moderna baseia-se, de um lado, em alguns princípios que formam um corpo doutrinário (teoria) e de outro lado alguns instrumentos que lhe cabe aplicar (prática). A documentação administrativa é semelhante à contabilidade. Esta cuida do registro e dos cálculos de dados, relativos aos valores de cada órgão objeto da contabilidade; ela tem sua teoria; ela tem seus livros e suas fichas essenciais ou auxiliares. A documentação administrativa procede ao registro de dados de ordem administrativa, tanto internos quanto externos. Em sentido lato, abarca a contabilidade que trata apenas de um dos aspectos da administração, o aspecto econômico.

2. *Importância*

O problema da administração coloca-se hoje em dia com uma acuidade como nunca houve. As populações cresceram imensamente, suas necessidades e seus recursos se tornam complexos, sua interpenetração e sua interdependência aumentaram, é forçoso colocar mais ordem nisso que rapidamente degenerou em caos. Na administração de homens e coisas, de interesses públicos e privados, de atividades civis e militares, em toda administração é preciso documentação: para coletar as informações e para coordená-las, para avaliar as decisões, para transmiti-las em seguida e controlar sua execução. A documentação é necessária seja em formato frágil e maciço, em papel ou em substitutos do papel, mas sempre será documentação. A tríplice burocracia do Estado, do capital e das organizações precisa ser ajudada e tornada menos pesada. E a documentação para todos três, acima das fronteiras, deve buscar a unificação e a internacionalização. No caso das administrações municipais, a União Internacional de Cidades começou a fazer isso; para as empresas, a tarefa deverá ser assumida pela câmara de comércio internacional; para os governos, pela Liga das Nações.

3. *Princípios fundamentais da documentação administrativa*

Esses princípios são

a) Unidade do órgão documentário. Todos, absolutamente todos os documentos recebidos de fora e elaborados internamente devem formar um único conjunto no quadro do qual deve-se atribuir um lugar para cada um.

b) Princípio da ação documentada. Toda operação jurídica de alguma importância que cria ou liquida compromissos, todo ato administrativo que altera relações sociais, todo ato administrativo que produz ou transforma materiais será duplicado em documentos ou escrituras que servirão para representá-los, lembrá-los, esclarecê-los e que permitirão assim atuar sobre eles a distância. A partitura musical que possibilita às maiores orquestras uma interpretação fiel do pensamento dos compositores, essa é a imagem daquilo que é preciso alcançar. Não diz o adágio popular que em uma empresa que anda bem as coisas se passam como se se tocasse por música?

Os documentos e demais itens caberão todos indistintamente em um dos formatos básicos do formato comercial (21,5 × 27,5 cm), o formato de ficha (7,5 × 12,5 cm) o formato painel (64 × 67 cm) ou o sistema dos formatos DIN.

d) Princípio da eficiência. Todo trabalho dito de escritório em oposição ao trabalho de fábrica, de oficina ou de estaleiro exigirá a mesma racionalização destes, visando à economia, à divisão das tarefas e às operações em 'linhas' ligadas em 'cadeias'.

4. *Instrumentos fundamentais da documentação administrativa*

Esses instrumentos são:

a) O plano geral da organização. Direção. Pessoal. Serviços. Operações. Trabalhos característicos e plano em constante transformação e modificação como a própria empresa.

b) A classificação geral dos materiais. A Classificação Decimal Universal do Instituto Internacional de Bibliografia atualmente publicada em uma nova edição e que abrange em uma única ordem sistemática os índices numéricos da totalidade das coisas naturais e humanas, principalmente todas as indústrias, todos os comércios, todas as pessoas jurídicas, todas as ciências e técnicas e questões sociais. De suas 66 mil divisões, reserva quase inesgotável, utilizam-se as que servem, assim como, conforme as necessidades, servimo-nos das palavras de um dicionário, dos mapas de um atlas, dos números da lista telefônica.

c) O manual geral. Centraliza na ordem da classificação as exposições, regulamentos e instruções, relatórios que tenham um caráter duradouro. Contém também os elementos necessários para dirigir as atividades com a cooperação do pessoal.

d) Os formulários. Abrangem em um único sistema, cujas partes são coordenadas entre si, a totalidade dos documentos impressos ou mimeografados de emprego corrente, cujos espaços em branco são preenchidos ao serem utilizados. Os formulários são criados seguindo as instruções do manual onde são descritas e comentadas; eles levam um número de ordem, índice de ordenação e a data de preenchimento.

e) Os classificadores. Fichários e capas. São os continentes ou receptáculos; seus formatos são apropriados aos formatos dos documentos. Estes, depois de terem sido indexados de acordo com a classificação, vão para seu lugar, formando as coleções, os repertórios e as pastas.

5. *Operações da documentação administrativa*

O trabalho é executado conforme o método definido por esses princípios, com os instrumentos que lhes servem de auxiliares, também com a ajuda de pessoal treinado e máquinas e aparelhos que venham tornar cada vez mais mecânicas as operações intelectuais. Em sua origem, o trabalho tem como matéria-prima os documentos. No final, têm-se como produtos esses mesmos documentos transformados e preenchidos ou documentos novos. O todo apresenta-se tanto em estado estático, isto é, no estado de conservação e repouso, ordenado nos repertórios e coleções, quanto em estado dinâmico, isto é, em processo de elaboração, de circulação e de utilização.

6. *Ligação entre as documentações científicas e administrativas*

Paralelamente à documentação administrativa, com mais ou menos desdobramentos, mas, pelo menos sempre, com um núcleo, cada organização estabelece a documentação científica e técnica, formada por obras, revistas, jornais, catálogos, leis, jurisprudência, patentes, estatísticas, mapas, fotos, plantas, publicações comerciais e toda espécie. Esses diversos documentos são reunidos em coleções que são dotadas de catálogos e desenvolvidas de três modos essenciais: a biblioteca, os arquivos enciclopédicos em pastas documentárias e o repertório bibliográfico. As duas documentações, a científica e a administrativa, são uma da mente e uma do método. A todo instante estão à disposição do chefe, de seus adjuntos e de seus colaboradores. A eles, para serem tocados como se tocam órgãos imensos onde todos os registros e todas as chaves estão lá prontos

para emitir com segurança todos os sons de que necessita a composição musical.

422.5 O arquivo histórico

É formado por documentos antigos, comumente manuscritos e originais, relativos à administração de outrora e que abrangem principalmente os documentos jurídicos de órgãos públicos e papéis particulares de famílias e estabelecimentos comerciais.

Para a organização do arquivo é preciso rever, ampliar e desenvolver as disposições que começaram a ser tomadas e regulamentá-las no escalão local, regional e mundial.

422.6 Organização de museus

As coleções museográficas abrangem amostras, espécimes, modelos, peças variadas, tudo que é útil para a documentação, mas que se apresenta como objetos tridimensionais. Essa é a documentação objetiva. O museu é para ser administrado com base nos princípios gerais e no método geral, quanto ao colecionamento, ao catálogo e à ordenação. Tem, portanto, analogia com a biblioteca e os arquivos.

É oportuno dotar os museus e suas coleções de objetos de qualquer natureza de uma organização escalonada em nível local, regional, nacional e mundial.

422.61 Plano geral

A organização dos museus deve ser feita segundo as três formas seguintes:

1° Como instituição autônoma, os museus podem adotar tanto uma integração vertical com as outras instituições — bibliografia, biblioteca, enciclopédia e museu — quanto uma integração horizontal multiplicando seus setores até chegar aos museus universais.

2° Em suas relações recíprocas, os museus tenderão a estabelecer intercâmbio e cooperar, a se associar ou estabelecer nas relações de centros, sucursais ou divisões complementares.

3° Convém também levar a cabo um museu universal mundial, que seja ao mesmo tempo enciclopédico e completo e realizado por meio da união de todas as forças nacionais e internacionais.

422.62 O museu mundial

No plano geral, o museu mundial, uma das instituições do Mundaneum, fundado em 1910, tem por objetivo 'visualizar' os dados relativos ao mundo e a seu conteúdo. Divide-se em cinco séries de seções: 1° Seções nacionais ou geográficas. Representar cada nação sob os diversos aspectos de sua existência e de sua vida: o território, a população; a vida econômica, intelectual e política; a história do país. 2° Seções históricas. Representar uma síntese da história universal: o que aconteceu ao longo do tempo e das idades. Expor não somente como o encadeamento de grandes fatos que determinaram os destinos da humanidade, mas também como a evolução constante de ideias, costumes e forças sociais, como a sequência de civilizações do passado. 3° Seções científicas. Representar o ciclo das ciências e das atividades práticas, representá-las em seus dados essenciais, seu desenvolvimento histórico e seus progressos mais recentes. Ligar-se ao que tem importância humana e mundial; mos-

trar cada elemento como parte da universalidade; expor as correlações, interdependências e repercussões de todas as partes do universo: a natureza, o homem, a sociedade, a vida tornada mundial. 4° Seção dos problemas mundiais e da organização mundial. 5° Seção de arte.

423 Órgãos documentários (**3° escalão da organização geral**)

O órgão documentário é formado pelo conjunto das diversas coleções, formando conjuntos de documentos. Ele realiza assim o terceiro escalão da organização internacional.

Trata-se aqui da maneira de constituir o próprio órgão documentário, destinado a realizar a unidade orgânica entre o pessoal, os trabalhos e as coleções.

a) Convém que os órgãos da documentação contem com os seguintes órgãos (dos quais já se tratou na seção 26): 1° As bibliotecas (gerais ou especializadas, dos tipos chamados científicas ou públicas). 2° Os arquivos históricos. 3° Os museus. 4° Os escritórios administrativos. 5° Os centros de documentação que participam da natureza dos diversos organismos precedentes e que são de duas espécies: a) os centros ou serviços de documentação independentes ou ligados a instituições científicas, repartições públicas, instituições com fins sociais; b) os centros ou serviços de informação e documentação dos órgãos industriais, comerciais ou financeiros. 6° Os escritórios profissionais, as bibliotecas particulares, os gabinetes dos trabalhadores intelectuais onde se encontram organizadas coleções de livros, documentos e repertórios destinados ao estudo e à elaboração de trabalhos intelectuais.

b) Quanto a seu objeto, são gerais (enciclopédia) ou especializados. Quanto a seu raio de ação e sua organização, são locais, regionais, nacionais, internacionais (mundiais). Quanto a sua natureza, uns são oficiais, outros privados e alguns são mistos.

c) A documentação interessa a todos, mas por razões e em proporções diferentes. Dois tipos de órgãos são relativos a isso: os órgãos propriamente documentários, aqueles em que a documentação é a função principal e os órgãos acessoriamente documentários. A contribuição desses últimos é valiosa como produtores, distribuidores ou usuários.

d) Órgãos acessoriamente documentários. 1° As academias e as associações científicas são centros de documentação. Elas se reúnem para ouvir e debater as comunicações de seus associados. Possuem correspondentes com os quais se relacionam e lhes proporcionam condições de receber muitas informações. Fazem publicações e organizam uma biblioteca, amiúde arquivos.

2° Os laboratórios e institutos de pesquisas. Possuem geralmente documentação na sua área de atuação. Há tipos bem diferentes. Laboratórios de biologia, de física e química, laboratórios industriais dedicados ao estudo de matérias-primas, de produtos e máquinas. Os institutos de ciências humanas e sociais.

3° As universidades, instituições de ensino e escolas devem ser também consideradas como centros de documentação. Em princípio, atuam mediante a transmissão oral do ensino. Mas, de um lado, os mestres desempenham de bom grado funções de informação individual e, de outro lado, as bibliotecas, museus, arquivos e coleções de livros, de objetos e de documentos são quase sempre anexos a essas instituições.

4° Associações internacionais. São inúmeras e algumas bastante for-

tes. Foram identificadas 520 a partir de 1842, a mais antiga.[1] Elas começam com um comitê, depois um congresso, uma secretaria permanente, sua transformação em associação, finalmente uma organização com escritórios e serviços múltiplos. Cada ciência, cada ramo do conhecimento atual deve ter sua associação internacional. Identificam-se três tipos de associação internacional: a que se ocupa da ciência em causa e à qual pertence o órgão; a que se ocupa dos profissionais (proteção, direitos, defesa econômica e sindical); a que se ocupa de pautar seu estatuto por uma função social. As associações internacionais são ativas no campo da documentação (publicação, coleção, classificação, etc.)

e) Centro de documentação. Nasceu um novo tipo de instituição: o centro de orientação [*renseignement*], de informação, de documentação. Nomes muito diversos lhe foram dados (serviço de informação, serviço de orientação, etc.). O centro era um tipo *sui generis* ao lado da biblioteca, do museu, do arquivo? Não parece mais. O centro surgiu devido a uma carência quádrupla das bibliotecas: 1° carência no que respeita ao colecionamento das novas espécies de documentos que fugiam da moldura tradicional; 2° carência no que concerne aos métodos mais avançados para o colecionamento, a organização, a ordenação e o catálogo; 3° carência no que concerne à especialização da documentação; 4° carência no que concerne aos serviços diversos a serem prestados aos usuários de documentos (bibliografia, análise, cópia, etc.). Sobre esses quatro pontos as bibliotecas de tipo tradicional foram ultrapassadas e a realidade, mais forte, fez com que órgãos novos pudessem se adaptar a funções novas ou ampliadas. Muitas bibliotecas, porém, por sua vez, acompanharam o movimento, enquanto na concepção teórica da documentação a linha de demarcação seja impossível de traçar. Convém, portanto, que os dois movimentos (bibliotecas e centros de documentação) se unam, se aliem, se fundam mesmo no âmbito de uma organização universal.

O centro de documentação terá sido necessário porque houve um momento de estagnação no desenvolvimento da biblioteca. Atualmente, porém, quando a obra de agitação, de lançamento e de criação foi concretizada, os dois órgãos devem unir-se. O centro deve fundir-se com o mais antigo e mais importante, a biblioteca doravante incorporada ao movimento de crescimento e de reforma. A duplicidade pode causar perturbação e desperdício.

424 A Rede Universal de Informação e Documentação (4° escalão da organização internacional)

424.1 Princípios da rede

Do inquérito sobre os fatos, do estudo dos trabalhos e dos órgãos existentes pode-se traçar o seguinte esboço de uma organização mundial.

1° Será organizada uma rede universal que estabeleça relações cooperativas entre todos os órgãos específicos de documentação, públicos e privados, para produção e para utilização.

A rede, do modo que for possível, deve ligar entre si os centros produtores, distribuidores e usuários de qualquer especialização e de qualquer lugar. Trata-se praticamente de que todo produtor que tenha algum dado para divulgar, alguma proposta a apresentar ou a defender — todo usuário que possua alguma informação para coletar a fim de avançar em

[1] Ver *Annuaire de la Vie Internationale*, publication n° 47 de l'Union des Associations Internationales.

seu trabalho teórico ou prático — qualquer pessoa, enfim, possa com o mínimo de esforço e o máximo de certeza e abundância obter o que lhe seja oferecido.

Para concretizar a rede, expressão da organização, haverá um organismo universal da documentação.

2° A organização cobrirá o campo inteiro das matérias do conhecimento e da prática, bem como a totalidade das formas e funções da documentação.

3° A rede será organizada mediante um acordo internacional, que inclua tantos objetos específicos quantas sejam as ordens que existam na documentação. Cada um definirá a quais desses objetos dá sua adesão. O acordo consagra o livre ingresso e a livre saída, a qualquer momento, de todos os órgãos existentes que atenderão a condições mínimas de aceitação. A rede disporá de uma repartição mundial, guardiã do acordo, órgão para promover a cooperação, dirigindo-a, tornando-a possível, organizando e administrando em sua sede as coleções centrais comuns.

4° A organização implicará a aplicação dos princípios de um plano geral de cooperação, coordenação, concentração e especialização do trabalho, repartição das tarefas entre órgãos existentes ou criação de órgãos novos com o fito de assumir tarefas antigas. A organização será realizada mediante concentração vertical, horizontal, longitudinal.

5° Os órgãos de documentação serão multiplicados de maneira a responder às necessidades permanentes. Serão especializados e cobrirão a parte do domínio geral que será definida de comum acordo.

A fim de racionalizar suas atividades e torná-las mais eficientes, será feita, gradualmente, uma reforma de órgãos documentários ou de suas atividades pelo caminho da fusão, separação, concentração, descentralização e criação.

6° A repartição será feita segundo as três bases combinadas a) da matéria (repartição vertical) (assunto ou ciência); b) do local (repartição horizontal); c) da espécie de função ou operação documentária (repartição longitudinal). [Publicação, biblioteca, bibliografia, arquivos, enciclopédia ou museografia; locais regionais, nacionais ou internacionais; gerais ou especializados]*; a solução comporta aproximadamente cem matérias, sessenta países, seis formas de documentação, das duas modalidades, produção ou utilização, ou seja um bloco ou rede de 72 mil alvéolos. No centro, na sede da repartição mundial, estarão reunidas as coleções gerais bem como os serviços centrais de permuta e empréstimo, colocados sob um regime de propriedade comum e gestão cooperativa.

* Colchetes do autor. [N.E.B.]

7° Relação. A rede geral será orgânica e hierarquicamente constituída de tal modo que em cada matéria os órgãos locais estejam ligados aos regionais, estes aos nacionais, os últimos aos internacionais e estes ao organismo mundial. Mas, em todos os escalões e em todos os sentidos, os órgãos poderão *ad libitum* cooperar e utilizar mutuamente seus serviços.

8° A organização nacional será confiada a órgãos internacionais sob autoridade e com a cooperação dos quais serão abertos os órgãos especializados. Os órgãos especializados serão privados (associações internacionais) e outros oficiais (Liga das Nações, União Pan-Americana, uniões oficiais de governos.

424.2 Elementos existentes da organização

a) Os núcleos de tal organização existem. a) As bibliotecas nacionais

com serviços de catálogos coletivos e empréstimo; b) os centros de documentação, os centros de informação, as bibliotecas especializadas de alguns países; c) as uniões nacionais de documentação; d) o serviço internacional de permutas; e) órgãos que produzem catálogos e bibliografias; f) redações das grandes publicações periódicas ou de edições revistas: jornais, revistas, *degrés* [*sic*]; h) órgãos de documentação, informação e publicação que funcionam em associações, na Liga das Nações ou ligados a ela: privados, mistos ou oficiais; os serviços desse tipo na secretaria, na Repartição Internacional do Trabalho, Comissão de Cooperação Intelectual, Organização Internacional dos Transportes, Organização Econômica e Financeira, comitês nacionais de cooperação intelectual; i) a Repartição e o Instituto Internacional de Bibliografia e de Documentação.

Todos esses órgãos funcionam. Eles já atendem amplamente às condições da organização de conjunto imaginada, e ainda mais porque o plano foi elaborado tendo em vista sua utilização ao máximo.

425 Correlações com o trabalho intelectual e a organização mundial em geral (5° escalão da organização)

A Rede Universal de Documentação deve ocupar lugar na organização geral do trabalho intelectual e isso na própria organização mundial. Assim, o quarto escalão da organização se completa com um quinto escalão que o ultrapassa e extrapola, e cuja tarefa é da incumbência de outros, mas que pode ser amplamente auxiliada e orientada por ele.

425.1 Organização internacional do trabalho intelectual

a) Na quase totalidade dos casos, o trabalho intelectual se origina e se abastece de documentos e, uma vez concluído, enseja a elaboração de um novo documento. Esse é o vínculo estreito que une a organização da documentação àquela mais geral do trabalho intelectual.[1] Tudo que melhora em uma aparece na outra. Quanto à documentação, toda iniciativa tomada no território vizinho, causa-lhe consequências. Por isso é que sua implantação e sua reforma devem ocorrer no quadro mais amplo concebido pela organização do trabalho intelectual.

b) A documentação ocorre na cadeia das operações intelectuais organizadas: a pesquisa científica; o ensino; a documentação; a informação; o conselho (os conselhos dos serviços técnicos: análise; administração; direção; execução, a ação.

425.11 Plano geral

c) A ciência e o trabalho necessitam de uma organização que, ao mesmo tempo, se estenda: 1° a todos os países; 2° a todas as áreas do saber; 3° a todas suas funções. Essa organização deve ser internacional e universal.

Essa organização implica: 1° a cooperação das instituições não governamentais (sociedades científicas, academias, universidades e associações internacionais); 2° a cooperação dos governos; 3° o estabelecimento de um centro internacional.

As funções do trabalho intelectual (objetivo, atividade) e dos órgãos que lhe correspondam (estrutura, instituição) são as seguintes:

[1] Sobre o lugar da documentação na organização do trabalho intelectual ver as publicações da União de Associações Internacionais n° 97, 98, 105 e 107.

A) *Pesquisas científicas e invenções:*
Aa. Programa de pesquisas; *Ab*. Inventário das pesquisas intelectuais; *Ac*. Trabalhos. (Dos institutos, laboratórios, missões de estudos, explorações.)

B) *Métodos: unificação e normalização:*
Ba. Terminologia, nomenclatura, notação, esquema:
Bb. Classificação, sistemática; *Bc*. Sistema de unidades.

C) *Discussão*:
Ca. Conclusões científicas; *Cb*. Decisões de organização; *Cc*. Recomendações de ordem prática e social. (Das associações, academias, federações.)

D) *Conservação da ciência*:
Da. Publicação; *Dd*. Bibliografia; *Dc*. Biblioteca; *Dd*. Enciclopédia; *De*. Arquivo, pastas documentárias; *Df*. Museografia; *Dg*. Síntese, codificação.

E) *Ensino e difusão da ciência*:
Ea. Ensino; *Eb*. Propaganda científica, ação sobre a opinião pública.

F) *Utilização e aplicação da ciência*:
Fa. Saúde pública; *Fb*. Indústria e vida econômica; *Fc*. Administração e organização jurídica; *Fd*. Desenvolvimento social, moral, estético.

Funções do trabalho intelectual

Semelhante organização precisa que seus órgãos permanentes estejam ligados a um órgão central. Esse órgão foi definido e denominado *Mundaneum*, e foi para desenvolvê-lo que, ao lado das associações internacionais não governamentais, começou-se a abrir as que se agruparam na União das Associações Internacionais e em seu lar, o Palais Mondial. Do lado oficial está todo o trabalho desenvolvido pela Comissão Internacional de Cooperação Intelectual e por seu instituto, o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual.[1]

425.12 O Mundaneum

1. *DEFINIÇÕES*

O Mundaneum, centro científico, documentário, educativo e social, desenvolve-se em três direções: como ideia, como instituição e como corpo físico de coleções e serviços.[2]

A. *A Ideia*. A concepção é que, como o mundo é uno e interdependente em todas suas partes, e assim reconhecido, é preciso agora buscar observar e compreender essa unidade, deduzir e dar a conhecer as consequências práticas para o comportamento individual e coletivo. Paralelamente à multiplicidade de ciências específicas, especializadas e analíticas, é necessária uma ciência geral, enciclopédica e sintética; paralelamente à multiplicidade de organizações, de constituições e de planos independentes, são necessários uma organização, uma constituição e um plano mundial. Assim, o pensamento de cada um poderá alcançar a concepção do todo; o humanismo almejado pela educação poderá tornar-se bem de todos; a civilização, tornando-se universal e dirigida por meios racionais, poderá enfim opor-se com êxito aos horrores e às confusões da crise, da guerra e da revolução; o ideal e o bem da prosperidade, da paz, da justiça e da ascensão dos homens rumo a um destino mais elevado.

B. *A instituição*. Trata-se de um livre agrupamento das forças da mente,

[1] Ver o plano apresentado pela União das Associações Internacionais à Conferência da Paz de Paris (1919) e à Liga das Nações (Publicação da IAI.)

[2] Sobre o Mundaneum, ver as publicações 116, 124, 128, 134 e 144 da União das Associações Internacionais.

uma federação de órgãos, uma união de associações nacionais e internacionais. Cada uma delas preserva sua autonomia, mas, em prol da grande cooperação internacional, elas se ligam pelos vínculos da adesão formal, na qualidade de membro, ou por meio de acordos específicos que constituem uma convenção, ou da simples simpatia expressa em virtude da comunidade de objetivos e esforços.

C. *O corpo físico*. Trata-se da totalidade das coleções e serviços destinados a ser ao mesmo tempo um resultado e uma união de esforços, um tesouro e um instrumento. Agrupam-se, de modo dinâmico, nas cinco estruturas que as funções coletivas já criaram no curso da evolução intelectual, mas, até hoje, de modo separado e local, e, agora, trata-se ao mesmo tempo de uni-las e elevá-las ao patamar mundial, a saber: a pesquisa, com seminário e laboratório; a documentação, com biblioteca, bibliografia e arquivo enciclopédico; o ensino com cursos, conferências, semanas e quinzenas, formas [*sic*] de universidade, congressos com assembleias e comissões.

Esse conjunto vasto e complexo foi concebido e sua realização começada segundo os princípios de totalidade, simultaneidade, gratuidade, voluntariedade, universalidade e mundialidade.

Evidentemente, serão necessárias décadas para que tal obra alcance uma construção suficiente para que sem contestação todos possam reconhecê-la e utilizá-la. Neste momento, ela já pode oferecer a união daqueles que a reconhecem e que a ajudam: indivíduos esclarecidos e estimados; associações de vanguarda, governos ansiosos pelo progresso geral: a Liga das Nações consagrada em princípio a objetivos similares mas convocada a atingi-los por vias administrativas e oficiais.

2. *HISTÓRICO*

A obra do Mundaneum remonta a 1895. Foi quando se fundou o Instituto Internacional de Bibliografia, com o objetivo de elaborar o Repertório Bibliográfico Universal. Essa foi a primeira criação internacional de ordem puramente científica que se propunha elaborar em colaboração uma obra contínua e torná-la propriedade comum que não pertence a nenhuma nação.

Em 1998, foram lançadas as primeiras bases da biblioteca internacional, em 1907, as da União das Associações Internacionais, que foi definitivamente fundada em 1910, quando se realizava seu primeiro congresso mundial. Nesse mesmo ano foi instituído o museu mundial.

Sobreveio a guerra, interrompendo qualquer avanço e pondo toda a obra em condições muito críticas. No entanto, alguns trabalhos fundamentais foram feitos na Holanda e na Suíça, e, sob os auspícios da união, publicados em 1914, 1916 e 1918, sobre os acontecimentos considerados do ponto de vista internacional e sobre a organização que seria conveniente dar às relações entre os povos sob o nome de Liga das Nações.

Em 1920, imediatamente depois da guerra, as associações internacionais empreenderam um grande esforço de organização e de cooperação, concentrando obras existentes e criando novas. Elas então instalaram o centro intelectual em um vasto edifício provisório posto generosamente à sua disposição pelo governo belga, que contava com cem salas e ocupava uma área de cerca de um hectare. Nessa ocasião foi criada a universidade internacional.

Em 1921, realiza-se no Palais Mondial o congresso internacional dos trabalhadores intelectuais, e, com base no plano por ele aprovado, foram imediatamente encetadas as negociações, já conduzidas com a Liga das

Nações, tendo em vista criar em sua estrutura, em cooperação com as associações internacionais, uma organização geral do trabalho intelectual. Foi essa a origem da Comissão de Cooperação Intelectual.

Em agosto de 1922, delegados oficiais de vinte governos celebraram a transformação do centro de Bruxelas em fundação internacional. Em 1924, o governo belga retomou os espaços colocados à disposição do Mundaneum, a fim de destiná-los a uma atividade de caráter comercial. Passados dois anos, um novo governo ratificou os acordos anteriores. O Palais Mondial pôde então continuar a se desenvolver.[1]

3. *PROGRAMA GERAL*

Quadro da documentação, do museu e do ensino.

A) *As ciências*. (Dados gerais e sintéticos.)

1. A quantidade e a extensão: Número e espaço. As matemáticas. – A matéria e a energia: Os elementos e as forças, os corpos celestes e a Terra. A física, a química, a astronomia e a geologia. – 3. A vida, suas formas e variedades, sua continuidade. A biologia e a história natural. – A mente e seu mecanismo, a alma e suas faculdades. A psicologia. – 6. A explicação das coisas e dos sistemas. A filosofia. – 7. A divindade.

B. *Os países, as nações*. (Visão de conjunto. – Transformações recentes.)

1. Países da América. - Países da Ásia. - 3. Países da África - 4. Países da Oceania. 5. Países da Europa. 6. Geografia geral, humana e social.

C. *A história*. (As grandes épocas da civilização e sua significação para o momento atual.)

1. As origens da humanidade: a pré-história. 2. O que devemos aos egípcios, babilônios, persas e judeus. Os povos da Antiguidade. – 3. As origens da civilização ocidental: os gregos e os romanos. – 4. O que aconteceu do século IV ao século XIV: a Idade Média. 5. O Renascimento e o humanismo. 6. Antes, durante e depois da Revolução Francesa. 7. Apanhado da história contemporânea. A guerra mundial e o pós-guerra.

D. *Organização da vida internacional*. (Os problemas mundiais e as soluções propostas.)

1. Os recursos da natureza nocivos ou úteis para o homem. A proteção contra as calamidades naturais. – A saúde, a raça, a população, a demografia. – 3. A vida econômica: Produção, distribuição, finanças, transporte, trabalho. – 4. A vida social: consumo, repartição. O trabalho, as classes sociais. A justiça social. – A vida intelectual: ciências, artes, letras, língua, educação moral. Religião. Informação. Documentação. Livro de orações. 7. A Liga das Nações: por que e como ela foi instituída; sua estrutura, suas atividades, sua história, sua reforma. 8. As associações internacionais: organização e atividades. Os congressos universais. – 9. A síntese mundial: como a humanidade pode realizar um progresso mais rápido e uma civilização mais universal. Constituição mundial. Plano mundial. – 10. Os institutos do Palais Mondial. O Mundaneum. A cidade mundial.

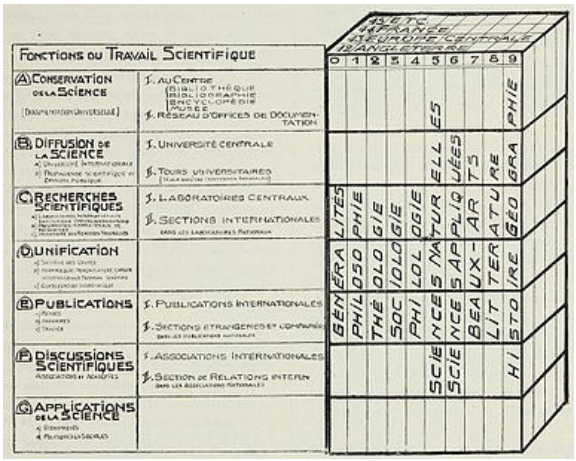
4. *ESTATÍSTICA*

(Situação dos trabalhos e coleções em 1° de abril de 1934.)

1. Bibliografia (15 646 346 fichas), 27 mil consultas. – 2. Biblioteca (175 000 unidades). – 3. Hemeroteca (80 mil unidades). – 4. Arquivo enciclopédico documentário (10 mil pastas. – 1 milhão de peças. – Atlas universal (seis mil quadros). – 6. Classificação (tabelas decimais: 66 mil divisões. – 7. Filmes microfotográficos (quatro mil e 500 imagens). – 8. Cine-Munda-

[1] Ver *in fine* o que aconteceu quando do fechamento do Palais Mondial por causa de um ato arbitrário.

neum: sessões de filmes documentários e educativos em associação com os cinemas. 9. Ensino (4 quinzenas internacionais; 552 conferências por 117 conferencistas em ciclo trienal). – 10. Codificação. (Resolução e conclusões das associações internacionais). – 11. Publicações originais: Série UAI (141 números) : Série IIB (170 números). – 12. Estudos e trabalhos: desenvolvimento dos seis pontos do programa do congresso das associações internacionais. 13. – Museu: 60 salas, 15 mil números [*sic*]. – Dezenas de milhares de visitantes, dos quais 640 eram escolas.



A organização mundial do trabalho intelectual
Melhor visualização:
https://fr.wikisource.org/wiki/Page:Otlet_-_Trait%C3%A9_de_documentation,_1934.djvu/425

425.2 Organização mundial em geral

425.21 Princípio

A desordem provocada pela guerra mundial e por suas consequências, crise e revolução, levaram gradualmente os espíritos a conceber a necessidade de uma intervenção racional nas relações internacionais. Parece que ficou para nossa época trabalhar, embora em meio às maiores dificuldades, para o futuro de uma nova civilização, de base universal, abarcando o conjunto das nações entre as quais se distribuem dois bilhões de seres humanos. Semelhante civilização precisa estar organizada, ser orientada e ter seus fatores essenciais dirigidos. A inteligência, a razão, a ciência, a técnica, o bem da humanidade devem assumir o lugar hoje ocupado pelas paixões, a ignorância, o empirismo, os egoísmos e os interesses particulares. Desde logo a organização do trabalho intelectual deve ser correlacionada com a organização mundial, e por meio dela, à organização da documentação, instituto da inteligência. Assim, as forças do livro e do documento são convocadas para se colocar a serviço das mais elevadas necessidades da humanidade.[1]

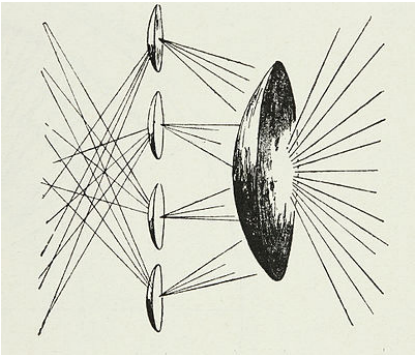
A organização mundial deve estender-se aos seis territórios da vida social: o da saúde, o da economia, o do social, o político, o intelectual, o espiritual; ela deve ligar-se, de grau em grau, ao continental, ao nacional, ao regional, ao local. Ela deve basear-se nos indivíduos livres mas disciplinados, nas associações privadas prolongadas em associações interna-

[1] Paul Otlet. *Les problèmes internationaux et la guerre* (1916), na coleção das publicações da União das Associações Internacionais. – *Constitution mondiale* (1917). – *La cité mondiale* (1927 et 1930). – *Le plan mondial.*

cionais; nos poderes públicos e nos governos, sendo estes unidos como sociedade universal das nações ou república mundial.

425.22 Instrumentos da organização mundial. A cidade mundial

Os instrumentos a serem implantados são a constituição mundial, o plano mundial e a cidade mundial.



A ATUAÇÃO DO CENTRO MUNDIAL

A cidade mundial é concebida com a missão de ter três objetivos principais. 1° Ser um instrumento prático para a cooperação internacional, em todos os domínios, à semelhança do que faz, em cada país, a capital faz ao facilitar a cooperação em escala nacional. 2° Oferecer a oportunidade, com a união de todas as forças, para construir uma cidade-modelo, pois ela seria realizada com base em um plano, de uma vez, e libertada assim das contingências das cidades antigas que são difíceis de transformar. 3° Enfim, constituir uma representação e um símbolo permanente da unidade humana.

Como raios, as ideias, os sentimentos, os interesses e também os documentos e os objetos a ele enviados são coletados pelas associações internacionais. Lá são submetidos a um tratamento especializado. Em seguida, são remetidos para o centro mundial, para que lá sejam coordenados, enriquecidos, sintetizados. Finalmente, são enviados do centro para as associações de seu escalão e, difundidos pelo mundo, contribuem para sustentar e desenvolver em toda a parte

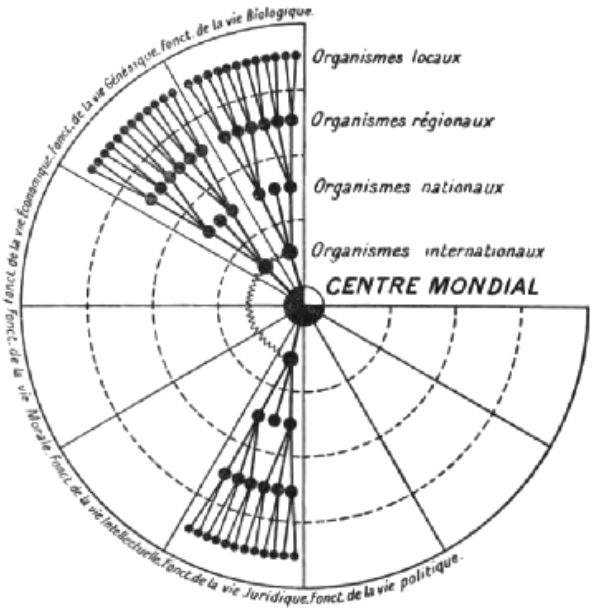
a civilização universal.

A cidade mundial pode ainda definir uma exposição universal permanente, uma grande feira, um grande mercado; uma enorme bolsa de negócios de todas as espécies, uma instituição central de informações e de ensino atuando na forma de uma verdadeira universidade viva. Cada nação teria ali seu pavilhão, cada associação internacional, sua casa, cada órgão da vida mundial, seu instituto. A cidade mundial, observatório e espelho da vida nova do mundo, seria construída em um local que gozasse de extraterritorialidade. Ela seria para as relações temporais o que são a Cidade do Vaticano e as cidades religiosas de Meca, Jerusalém e Benares para as relações espirituais.

Segundo sua concepção teórica, e o tempo ajudando, a cidade mundial ofereceria de cada ordem funções mais coordenadas. Ela ofereceria, portanto, também quanto à expressão, a mais racional, a mais desenvolvida, a documentação, da qual ela seria a cidade do livro, a 'bibliópole'. Mas

em sua inteireza, como símbolo e representação, ela teria de expressar, de figurar, de demonstrar. Também, sua arquitetura inteira seria função da ideia. A cidade mundial será um livro colossal, cujos edifícios e suas disposições — e não somente seu conteúdo — serão lidos, à semelhança do povo da Idade Média que 'lia' as pedras das catedrais.

E assim verdadeiramente uma edificação imensa se ergueria com o tempo: '*da ficha à cidade mundial*'.



ORGANIZAÇÃO MUNDIAL
Setores por função da vida geral. – Órgãos locais, regionais, nacionais, internacionais de diversos tipos participantes da rede de comunicação, de cooperação e de intercâmbio de um centro mundial.
[Melhor visualização: https://fr.wikisource.org/wiki/Page:Otlet_-_Trait%C3%A9_de_documentation,_1934.djvu/427]

5

Síntese bibliológica *

* No original está *synthèse bibliographique*, mas na respectiva *table systématique des matières* lê-se o que parece ser a forma correta: *synthèse bibliologique*. O mesmo para o parágrafo seguinte. [N.E.B.]

Do conjunto de dados bibliológicos é possível extrair algumas relações ou leis gerais, colocando os problemas fundamentais, delineando soluções, embora sejam antecipadas e de um futuro distante. É o trabalho de síntese, depois do trabalho de análise.

51 AS LEIS BIBLIOLÓGICAS

Em primeiro lugar, é necessário verificar se há leis bibliológicas e como são concebidas. E quais são essas leis. As leis formuladas como universais aplicam-se aos livros? As leis estabelecidas em outras áreas por diversas ciências têm seu prolongamento nas áreas do livro e do documento? Há leis próprias para o livro, leis que se sobreponham às leis primeiras, que as estendam ou sejam independentes delas?

511 Das leis em geral

a) Toda ciência constitui-se de diversas etapas. Numa delas, estimula-se o estudo para a coleta de materiais e a comparação dos resultados dos fatos. Na outra, estabelecem-se as relações permanentes entre os fatos, ou seja, as leis. Em bibliologia, devem-se compreender os fatos gerais, comuns a todos os livros considerados como um todo orgânico do qual cada livro é uma parte.

b) Com relação à síntese, os sistemas são dois. No primeiro sistema, a síntese é apenas a apresentação da mudança do universo e das causas imediatas que regem essas mudanças; ela será sempre apenas isso. No outro sistema, a síntese é possível, ou pelo menos será possível conhecer a razão primeira das coisas.

Ora, a síntese do livro e do documento deve manter-se, por enquanto, no quadro do primeiro sistema, pois suas razões últimas nos escapam.

c) Em bibliologia parece que não há nada a explicar, uma vez que tudo nela é obra do homem, atos conhecidos do homem. Portanto, seria preciso apenas estudar as relações entre fins e meios, a fim de ampliar a concepção dos fins e melhorar os meios. Isso é verdade na maioria dos casos; mas, assim como não basta que um ato seja nossa ação, ainda que voluntária, para conhecer as causas reais e as repercussões, igualmente no livro, que é nossa própria realização, mantêm-se as mesmas questões fundamentais da ciência sobre quaisquer outras coisas. Talvez até devido à sua complexidade, é da sua natureza apresentar essas questões com mais profundidade e abrangência.

d) A pesquisa das suas leis, de sua realidade, de sua coordenação e de sua simplificação é a obra contínua da ciência. Colocar o problema e indicar as soluções provisórias já é fazer trabalho científico.

Atualmente, estamos de acordo com o reconhecimento do papel necessário da hipótese, e no reconhecimento de que, na sua elaboração, a ciência precisa assumir a forma teórica, admitindo, de acordo com os progressos adquiridos, ver uma teoria nova, mais adequada à realidade, tomar o lugar de uma teoria anterior.

As grandes leis, mesmo na condição de hipótese, são fecundas em descobertas importantes e sobretudo em aplicações no âmbito das invenções.

e) Em todas as partes deste tratado, fatos gerais foram apresentados. E a eles remetemos. O que for dito agora é um complemento, e, de certa forma, sua superestrutura.

512 As leis universais e as das diversas ciências aplicadas à bibliologia

Uma fundamentação circunstanciada, ciência por ciência, objeto da ciência por objeto da ciência, deveria examinar suas relações recíprocas com o livro e a bibliologia. Iremos nos limitar aqui às relações mais importantes. O livro é comparado sucessivamente a um mecanismo, a um organismo, a um psiquismo e a um sociologismo (até mesmo a um teologismo).

O problema último da ciência e da filosofia é saber se cada ordem de fenômeno é sui generis, se constitui uma espécie distinta baseada em um princípio irredutível ao princípio da ordem anterior, ou se, ao contrário, existe uma continuidade, graças à qual a explicação da ordem mais simples, a ordem físico-química, é suficiente.

As leis científicas, em geral, são explicações das coisas. Transportadas de um domínio a outro, essas leis contribuem para uma melhor compreensão. Milhares de argumentos tomados por empréstimo de todas as áreas do conhecimento podem ser aplicados na análise dos fatos do livro e renovar sua concepção. E a recíproca é verdadeira.

512.1 Leis universais

As leis que são consideradas universais são válidas para o livro e o documento.

A) A lei da mudança e da evolução é universal. Todas as coisas da natureza estão em perpétua mudança e trazem em si um eterno futuro. Cada coisa desenvolve-se sempre passando gradualmente por uma série de estados de complexidade crescente, tendo continuidade por meio de transições imperceptíveis. Para conceber claramente seu estado presente, é sempre necessário estudá-los na série de seus estados anteriores, voltando à suas origens, e acompanhá-los passo a passo nos seus desenvolvimentos sucessivos. Esta lei, pudemos constatar, verifica-se no livro.

B) As leis de adaptação, de repetição e de oposição. Podemos reuni-las no seguinte quadro de relações:

	1. Círculo físico	2. Círculo vital	3. Círculo sociológico
A. adaptação B. repetição C. oposição	combinação química ondulação choque	fecundação geração homicídio	invenção imitação guerra

O livro ocupa seu lugar neste quadro. Ele é adaptação, repetição e oposição.

C) A lei de repetição amplificadora. Na física, toda onda, toda vibração e todo movimento tendem a irradiar-se em todas as direções onde podem, teoricamente, propagar-se em forma de som, luz e calor. Na química, as

forças consistem em uma circulação de movimentos em cadeia. Na biologia, cada célula, cada animal, cada planta tem a tendência de propagar-se seguindo uma progressão geométrica. Na sociologia, dado um grupo de consciências em contato mental, se uma delas concebe uma ideia, uma ação nova ou aparentemente nova, e esta ideia ou esta ação mostra-se com uma aparência de verdade ou de grande utilidade, ela se comunicará em torno dessa consciência de três, quatro ou dez pessoas e cada uma delas, por sua vez, irá espalhá-la à sua volta e assim por diante.[1]

Há repetição, uma expansividade universal de acordo com uma lei geométrica. A ação do livro é similar e sua lei é geométrica.

512.2 Matemática

Da matemática é importante, sobretudo, o algoritmo. Muitos aspectos gerais da realidade, a quantidade, a forma e o movimento, conseguem exprimir-se sem palavras, até sem figuras, através de uma simples notação. A notação desempenha um papel crescente nos livros, e dos quais se pode dizer que são algoritmos. Isso foi exposto anteriormente (nº 222.21 e 222.24).[2]

512.3 Mecânica

a) O mecanismo que estuda ou que produz a aplicação da mecânica é uma combinação de órgãos ou partes dispostas para produzir um funcionamento do todo. O livro é um mecanismo, um dinamismo, e a ele também podemos aplicar as palavras de Arquimedes: "Da mihi ubi consistam, et terram coelumque movebo." ("Dai-me um ponto de apoio e moverei o mundo.")

b) A bibliologia estabelece uma relação entre tempo e espaço. Conforme Einstein e Ouspensky, o tempo seria a quarta dimensão do espaço. O livro é, antes de tudo, uma materialização da ideia com a ajuda de uma superfície gráfica. A terceira dimensão é quase inexistente por causa da pouca espessura do papel. Agora, todo o esforço por melhorar as formas bibliológicas tem como objetivo a economia de tempo ou resulta na economia de tempo. Assim, reduzir materialmente as superfícies do livro, como no livro microfotográfico, é agir sobre o tempo, reduzindo a duração do seu manuseio; reduzir intelectualmente as dificuldades de compreensão é agir do mesmo modo. Os dados e os problemas do continuum espaço–tempo estão implicitamente incluídos no livro e cabe à bibliologia trazê-los à luz.

512.4 Físico-Química

A física e a química e sua união em físico-química formularam, entre outras, quatro grandes leis que são verificadas no livro.

A) A lei da conservação da energia: nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. Quanto ao livro também: eles conservam a energia mental, o conteúdo dos livros passa a outros livros quando eles próprios já

---

[1] G. Tarde. *Psychologie économique*, 1902, p. 5.

[2] Ver sobretudo: 131 Generalidade do método. 132. Análise e síntese. 133 Pluralidade dos sistemas bibliológicos. 15 Relações da bibliologia com os outros conhecimentos. 154 Ciência geral comparada.

Para o músico, a notação musical é o auxiliar quase imprescindível de sua concepção musical. Ele não poderia lembrar ou ter consciência de toda a música antes de escrevê-la. Houve um tempo em que a preocupação era exclusivamente com a notação, quando a música tornou-se uma espécie de matemática. Sem dúvida, o sentimento e a inspiração faziam falta. Essa fase, porém, preparou as possibilidades da música posterior, que encontrou novos modos de expressão.

estiverem destruídos; e toda criação bibliográfica tão original e tão poderosa implica redistribuição, combinação e amálgamas novos de dados anteriores.

B) A lei do mínimo esforço. Ela rege também a evolução do livro.

C) A lei dos ciclos naturais. A natureza oferece grandes ciclos fechados e constantemente renovados, como o das águas, córregos e rios que fluem para o mar; nuvens se formam pela evaporação das águas dos oceanos; ventos, bloqueios de nuvens pelas montanhas condensando a chuva, que alimenta córregos, riachos e rios. No livro também se observa tal ciclo fechado e universal. A cadeia das operações de produção, distribuição, conservação, utilização e destruição, pois montanhas de jornais, periódicos e livros vão para o triturador e, de lá, seguem para a fábrica de papel para servir a outras publicações.

D) A lei do comportamento. Embora muito contestada, esta lei é formulada assim: nos seres vivos não há nada além de fenômenos de ordem exclusivamente físico-química, dos quais o animal não participa nem voluntária nem conscientemente. E não podemos ignorar que, no fenômeno do livro tomado como um todo, há uma analogia quase automática: produção de jornais, de revistas, venda pelas livrarias e empréstimo pelas bibliotecas.

512.5 Biologia

Diversas leis da biologia encontram-se também nas leis da bibliologia. E o livro é um organismo.

E) A lei da filogênese. Os indivíduos constituem as espécies que se encadeiam em longas linhagens. Assim como os livros.

F) A lei da ontogênese ou lei da repetição abreviada e não ampliada da filogênese. É formulada assim: "no seu desenvolvimento embrionário cada indivíduo assume sucessivamente as formas pelas quais passou sua espécie". Esta lei é modificada pela lei da taquigênese. "Certos indivíduos saltam etapas inteiras da evolução" (recapitulação aquisitiva e aceleração na recapitulação). Na produção do livro, verifica-se que, antes de assumir a forma que apresenta ao ser publicado, ele atravessa, na pessoa do autor, as fases da ontogênese bibliológica. E, em alguns casos de elaboração ultrarrápida, direta, há o equivalente da taquigênese. As obras fundamentais (tratados, princípios primeiros) vão se repetindo de edição em edição e, muitas vezes, abreviando-se. O próprio termo recapitulação é emprestado à documentação.

G) Lei da hereditariedade e da seleção. A hereditariedade é o fenômeno da reprodução dos seres e da formação, conservação ou desaparecimento de suas diversas funções vitais.[1]

H) Lei da organização. Todos os fenômenos da vida formam uma espécie de rede da qual uma malha não pode se mover sem que todas as outras se movam. Da mesma forma com todos os elementos de um livro, com todos os livros entre si.

I) Lei da adaptação. Esforço dos seres vivos para se ajustar ao seu meio. O mundo do pensamento que é expresso nos livros está também perpetuamente em movimento. E a menor variação em um ponto obriga a mente a adaptações, portanto, atualização perpétua de ideias; daí esses livros, esses escritos que ponderam de novo sobre as questões, que mudam seus rótu-

1 Johanssen: *Exakte Vererbungslehre*. (Ciência exata da hereditareidade.)

los, sintetizando-as de forma diferente. Também o corpo da ciência poderia manter-se estável diante da necessidade dessa adaptação intelectual.

J) A lei da sobrevivência do mais forte (*struggle for life*); esta lei tem sido interpretada muito amplamente no sentido de uma sobrevivência dos mais 'aptos', garantida entre os seres mais evoluídos pela inteligência ávida por combate.

Entre os livros também há uma grande luta pela vida, luta para ser lido, triunfo e sobrevivência dos mais fortes, o valor intrínseco como qualidade de força.

512.6 Psicologia[1]

O livro é um 'psiquismo'. O registro que ele realiza é comparável à consciência humana que percebe as relações e liga os acontecimentos sucessivos; relações que em seu conjunto e as intervenções constituem, aos olhos de muitos, a própria consciência.

A questão foi tratada na seção 155 Psicologia bibliológica e é mencionada aqui apenas para relembrar.

K) Lei do equilíbrio. A psicologia mais sutil concebe a inteligência como uma informação de fora, e a consciência como uma síntese dessas informações. Colocando a liberdade como o propósito da vida, ela mantém como função a todo momento o mais delicado equilíbrio entre o meio interno e o meio externo. O livro é um prolongamento da informação que, ampliada, exige um maior esforço de síntese para realizar um aumento do estado de consciência e liberdade.

L) Lei da associação. É próprio da mente poder associar o maior número de ideias, de perceber mais clara e rapidamente as relações de analogias e diferenças; de poder guardá-las na memória. O livro e o documento são instrumentos que ajudam diretamente no desempenho dessas funções.

512.7 Sociologia[2]

a) A sociologia reduziu para dez as leis do desenvolvimento da organização do trabalho social.[3]

Encontramos essas leis no livro, do qual se pode dizer que é um 'subsilogismo'.

---

[1] Observações complementares. 1. É preciso tratar do livro do ponto de vista dos efeitos psicológicos que ele causa no leitor. A quê o livro deve servir? Como atinge o efeito procurado e também outros resultados? 2. Existem tipos intelectuais possíveis de distinguir pela observação. 3. Esses tipos representam os tipos sociais variáveis segundo as raças, o meio e a época e que um inquérito com fins bibliológicos, completado com uma estatística de grandes números, permite determinar (psicossociologia bibliológica). 4. Os livros são os equivalentes dos textos ou meios imaginados pelos psicólogos para identificar, medir e classificar características mentais dos indivíduos. 5. Os resultados da reação à leitura nos indivíduos permite que se faça uma avaliação da relevância de um livro no que concerne à sua assimilação. Há obras mais ou menos assimiláveis por esse ou aquele tipo de leitor. 6. Por conseguinte, é possível deduzir regras científicas, as quais, colocando-se unicamente do ponto de vista dessa assimilação, deveriam ser respeitadas pelos autores, a fim de alcançar o máximo de 'lisibilidade'. Essas regras seriam como um desenvolvimento das regras da antiga retórica; sintetizariam em um único corpo de doutrina, além delas, outras que começaram a ser elaboradas, umas empiricamente, outras cientificamente, a fim de captar e prender a atenção, provocar emoções, mudar a direção de vontades e resoluções, fazer compreender conceitos, tanto no que tange ao indivíduo quanto ao grupo ou à massa. É a pedagogia ou maneira de se dirigir à criança; a arte do propagandista religioso, político, do moralista; a arte do conferencista, do orador e de todos que falam em público; a arte do confessor e do mestre espiritual; a arte que intervém na crítica científica.

[2] A sociologia bibliológica, de que tratamos no nº 153, tem por objeto considerar, na explicação sociológica total, os fatos que se relacionam com o fator 'livro'. E, reciprocamente, de procurar explicar os fenômenos do livro com explicações de ordem sociológica.

[3] Müller-Lyer, History of social development, p. 255,

1° *A lei das dimensões* ou do anseio de ampliar-se. O livro tende a aumentar suas dimensões constantemente, ampliando os conteúdos de que trata.

2° *A lei da forma* ou função da entrada contínua de novos elementos que se fundem aos elementos anteriores. O livro também vê entrar constantemente na sua estrutura novos elementos que não excluem os primeiros, mas dão origem a formas sintéticas novas, de estruturas livres que se somam às estruturas antigas.

3° *A lei dos grupos organoplásticos* que são, em sociologia, a união familiar e a união social, ambos antagônicos ao longo da história. Em bibliologia, constata-se a coexistência e a oposição do livro monográfico e do livro total (tratado, enciclopédia).

4° *Lei de cooperação*. A lei de cooperação também se destaca na elaboração de todas as partes e no funcionamento de todos os setores do livro.

5° *Lei de diferenciação*. Os livros vão se especializando e se diferenciando cada vez mais.

6° *Lei de integração*. Paralelamente à diferenciação, os livros vão se integrando cada vez mais em um grande corpo bibliográfico que se estende a todas as matérias (matéria bibliológica) constituindo uma expressão superior.

7° *A lei de centralização* que se expressa pelo desejo de uniformidade na produção. O livro tende também a unificar-se, as empresas que o produzem tendem a fundir-se e a formar trustes.

8° *A lei de concentração*. Em virtude desta lei, todo organismo faz um esforço para concentrar suas forças e tornar seu trabalho mais eficiente. Similarmente, os organismos do livro economizam suas forças, concentrando suas operações, e nos próprios livros há uma maior concentração de assuntos pela incorporação de conteúdos de obras anteriores.

9° *Lei de imitação*. Assim que uma forma de livro é criada, os autores apressam-se a fazer imitações.

10° *A lei de associação*. Ela resume em uma só todas as leis anteriores de desenvolvimento e em virtude da qual há uma tendência cada vez maior de aumentar a 'sociabilidade', a 'socialização'. No livro, ocorre essa mesma tendência. Tudo o que originalmente era individual, isolado e disperso aproxima-se e entra em relação de associação.

b) A sociedade é um tecido de ação 'interespiritual', de estados mentais agindo uns sobre os outros.[1] Ela é um acordo entre mentalidades, uma conexão mental, um conjunto de opiniões e intenções que se contradizem ou se contrariam o mínimo possível, que se confirmam e se ajudam o máximo possível. A sociedade é assim um sistema que difere de um sistema filosófico em que os estados mentais dos quais se compõe estão dispersos entre um grande número de cérebros distintos ao invés de estarem juntos no mesmo cérebro. O livro é o meio de regularizar, generalizar e amplificar essas ações entre as mentes.[2] (G. Tarde, *Psychologie économique*, p. 1.)

c) A sociologia destacou o caráter universal da noção de valor. O valor abrange tudo o que é humano e social. É uma qualidade que atribuímos

---

[1] Os sociólogos buscaram de início para a ciência das sociedades um fundamento de ordem mecânica. Para Quetelet (*Le système social*), o mundo social é uma espécie de sistema solar. Comte empresta da mecânica (parte estática, parte dinâmica) as divisões da sociologia e fala de física social. Carey imagina uma química social. Spencer faz da sociedade um organismo e nela encontra todas as funções. Tarde ver na sociedade uma função psíquica.

[2] *Ibidem*, chapitre II: La valeur et les sciences sociales, p. 63.

às coisas, assim como a cor, mas que na realidade só existe em nós, de modo totalmente objetivo. O valor consiste na concordância dos juízos coletivos que fazemos sobre a atitude em face dos objetos que serão acreditados, desejados e apreciados, com maior ou menor intensidade e por um grupo maior ou menor de pessoas. O valor divide-se em três grandes categorias que são as noções originais e capitais da vida em comum: o valor-verdade, o valor-utilidade e o valor-beleza.

O livro participa dessas três ordens de valores pela verdade do que ele apresenta, pela informação útil que traz e pelo elemento de beleza que ele materializa.

512.8 Metafísica. Metapsíquica. Teologia

a) O livro pode também ser referido como um 'teologismo'. Como registro, é comparável à consciência universal como a definem os espiritualistas da velha e da nova escola; comparável à consciência divina definida pela teologia ou à consciência coletiva definida pela metapsíquica (consciência coletiva, pensamento sem tempo e sem espaço onde toda a realidade está representada; dr. Osty).*

* Eugène Osty (1874-1938). Médico francês estudioso de fenômenos mediúnicos. Presidiu o Institut Métapsychique International (1924–1938). [N.E.B.]

b) Cada vez mais, análise é a lei do espírito. Nessa direção, vimos a física global de Aristóteles dissolver o seu próprio objeto ao entrar em confronto com a física matemática dos modernos. Nessa direção vemos em nossos dias a sociologia dissolver a hipóstase transcendendo a multidão de seus membros em contato com a ciência estatística. Mal tendo acabado de se constituir, com concepção e objeto próprios — o livro e o documento — a bibliologia, ciência da mesma linha que a física, a psicologia e a sociologia, vê esse objeto fragmentar-se sob a ação da mesma análise.

c) A bibliologia, dependendo de como a aceitamos, conduz a um absoluto ou dele se afasta. Por causa dela, também se coloca a questão das suas relações com a metafísica. Pelo bíblion, representação mais ou menos adequada da realidade, é para além da linguagem que existe o problema do nominalismo e do realismo. "O espírito, a ciência, o verbo e o documento que ele expressa podem abraçar em um amplexo intelectual, o absoluto?", ou melhor, "os esforços do cientista fornecem não uma representação adequada de todas as coisas, mas apenas uma expressão, cada vez mais e sempre, comutável de uma mente para outra, na qual o acordo universal das mentes possa, em última análise, concretizar-se?".[1] Ver, no livro, o intelecto lutando consigo mesmo, com seus duplos, é muito esclarecedor dos mais antigos problemas da metafísica.

d) A noção metafísica e teológica da beatitude (fim supremo, bem divino) distingue entre a beatitude objetiva de Deus e a beatitude subjetiva ou outra pela qual o homem alcança esse fim supremo. A imagem do rosto, na eternidade, é confirmada para não precisar eliminar as condições individuais que lhe são compatíveis. Pois nada seria menos monótono e menos diferente do que o amor de Deus, que na realidade espalha-se e retorna a si através dos eleitos.[2] Desse mesmo ponto de vista, não seria em vão todo o esforço das literaturas, beneficiadas, tão logo são escritas, para criar formas, espécies e tipos representados nos livros e apreensíveis por eles. Por conseguinte, tudo que foi criado pelo indivíduo por intermédio

[1] E. Dupréel. *Traité de morale*. 1932. Ver também a crítica desta obra feita por Marcel Decort, *Revue Catholique des Idées et des Faits*, 4 août 1933.

[2] J. Bellarmin. Eternelle félicité des saints. (Le Royaume de Dieu, la Cité de Dieu, la Maison du Seigneur, le Paradis.) *

* Robert Bellarmin, santo. *Traité de l'éternelle félicité des saints, divisé en cinq livres, et traduit du latin du grand cardinal Belarmin. Paris, 1656.* Também intitulado: *Du Bonheur éternel des saints.* [N.E.B.]

do bíblion não terá que desaparecer um dia, absorvido pelo infinito.

Ao contrário, a literatura teria ajudado a moldar a diversidade das almas e a opor-se ao desnível ontológico que existe entre o objeto superior e a posse desse objeto. Assim, teria fundamento a imortalidade sonhada pelos poetas para suas obras.

513 As leis próprias dos livros

1. *O livro, nova realidade*. O livro e o documento trouxeram uma nova realidade distinta de todas as outras: a materialização do pensamento. Como o pensamento é uma imagem das coisas, o livro veio trazer uma reprodução, uma cópia do mundo, considerado como o modelo. De fato, três grandes resultados ou leis bibliológicas predominam no enorme crescimento de documentos dos nossos tempos: a) Ele é constituído pelos livros em verdadeira duplicação das mentes, o 'duplo da humanidade'. b) Esse 'duplo documentário' vai se libertando progressivamente de seus geradores, os autores. Destacando-se deles, age em seguida sem eles, produzindo um efeito na extensão pela acumulação dos dados escritos, e em profundidade pelo processo cada vez mais elaborado de abstração e da generalização das ideias que torna o documento possível. c) Em toda parte, a condição humana é totalmente alterada.

O homem primitivo nem tinha a linguagem à sua disposição. Depois, mesmo sabendo falar, viveu em relativo silêncio, pois só poderia quebrá-lo na presença de seus semelhantes. Agora, o homem vive em um ambiente de conversa contínua, vozes falam-lhe diretamente, vozes dos documentos, vozes do rádio.

2. *O livro, instrumento de abstração*. Nesse mecanismo, ele é uma força intelectual condensada que, à maneira do vapor, da eletricidade e da pólvora, que, em pequena quantidade, ao ser detonada, causa nos cérebros uma expansão de força considerável. O mecanismo do livro percebe a maneira de formar as reservas de forças intelectuais: é um acumulador. Externalização do próprio cérebro, desenvolve-se em detrimento do cérebro, assim como as ferramentas se desenvolvem em detrimento do corpo. Em seu desenvolvimento, o homem, em vez de adquirir novos sentidos, novos órgãos (por exemplo, três olhos, seis orelhas, quatro narizes), desenvolveu o cérebro graças à abstração pelo signo, e o signo, pelo livro.[1]

A história da humanidade mostra seu progresso para materializar e objetivar as ideias. Estas são as etapas: 1. inteligência que concebe; 2. linguagem; 3. escrita; 4. livro; 5. modelo; 6. transformação técnica pela qual as coisas são formadas e determinadas de acordo com um objetivo humano; elas igualmente tornam-se expressões do abstrato.

O livro-signo tem de específico o fato de ser o meio de registro integral do pensamento tendo em vista sua transmissão; além disso, é uma notação ou registro integral da realidade.

E, como instrumento intelectual, o livro serve não somente para enunciar teorias mas para construí-las; não somente para traduzir o pensamento, mas para formá-lo. E ele vê abrir-se agora diante de si todo o

[1] *Signo e figura*. O signo (palavra abstrata ou símbolo abstrato), comparado com a figura, tem três grandes vantagens: 1° O signo é mais compreensível. Assim, a palavra 'triângulo' (ou seu signo quando, por convenção, existir) representará todas as espécies de triângulos, enquanto a figura só pode representar um triângulo de uma espécie determinada: equilátero, isósceles ou escaleno. 2° O signo é mais flexível. Por ex., as palavras 'cor' ou 'tamanho' permitem separar essas qualidades de todos os objetos. 3° O signo é mais preciso. Por ex., colocar trezentas e doze figuras uma ao lado da outra é mais confuso do que escrever seus números abstratos: o número 312.

destino brilhante da transcrição mecânica.

3. *O livro, obra intelectual*. Há três pontos de vista diferentes segundo os quais a obra intelectual pode ser apreciada. 1° O artista pode ver no livro a diversidade de obras, "a fonte e o fim, por assim dizer divino, das coisas; o alfa e o ômega do universo"; 2° o cientista pode estar especialmente preocupado com a construção intelectual coerente e lógica, com a elaboração de princípios e métodos; 3° o sociólogo pode interessar-se sobretudo pelo modo como as obras contribuem para a construção do equilíbrio mental da sociedade, para assegurar a todos os espíritos uma mesma hierarquia de conhecimentos, um encadeamento de problemas sistematizados que serão respondidos por um certo número de livros fundamentais. Duas vezes no passado a humanidade conheceu equilíbrio mental semelhante: com o politeísmo homérico, na Grécia antiga; com o sistema católico na cristandade da Idade Média. Hoje em dia, a produção de livros tende talvez a reconstituir em novos formatos o belo equilíbrio que tantos fatores estudados levam a qualificar como sempre temporário.[1]

4. *O livro, instrumento de ilusão*. O homem vive grandemente da ilusão; ela desempenha um papel muito importante nos motivos de suas ações e lhe seria impossível existir sem ela. "Uma humanidade da qual todas as convicções fossem removidas, da qual se destruísse qualquer ideal e que visse cruamente as coisas como elas realmente são, logo estaria condenada a perecer." * (Gustave Le Bon.) O livro literário é um verdadeiro instrumento gerador de ilusões. O livro satisfaz, assim, a uma necessidade profunda do ser humano.

* Le Bon, Gustave (1841-1931). *L'homme et les sociétés, leurs origines et leur histoire*. Paris: J. Rothschild, 1881, p. 504. [N.E.B.]

5. *O livro, instrumento de unidade, de liberdade e de igualdade social*. O homem poderia ser reduzido a três elementos: pensamento, sentimento e ação. Esses três elementos coexistem e funcionam simultaneamente. Consequentemente, a vida psíquica — o eu interior ou mental de cada indivíduo — é essencialmente representação ou tendência. Por outro lado, coexistem várias entidades humanas semelhantes; elas mantêm relações entre si, seja diante de algo útil, que acontece poucas vezes, seja diante de pessoas que, potencialmente, seriam igualmente úteis, e em número reduzido. A sociedade baseia-se no mutualismo ou no parasitismo, mas, nos dois casos, com o foco nos objetivos, órgãos e meios colocados à sua disposição. É nesse lugar e nesse processo que o livro-documento acontece. Trata-se essencialmente de uma máquina para produzir palavras e imagens e, portanto, uma máquina para reproduzir a realidade. Seu papel se torna claro quando é integrado ao ciclo das operações sociais que se desenvolve da forma como segue.

Primeiro surgem as coisas sozinhas (a realidade). Depois, para obter aquilo a que se propõem, os homens acrescentam a elas a exteriorização de si mesmos e de sua intenção. De um lado, por referência ou gesto e a demonstração pelo exemplo; de outro lado, as exposições e imposições expressas pela fala. Em seguida, intervém o documento, escrito e imagem, que repete as coisas e repete as intenções dos homens sobre elas. Finalmente, objetos materiais são criados e se formam instituições, que irão atuar como novas causas. Ora, nossa época confere ao social uma posição e um lugar que ele nunca teve nos estados anteriores da civilização. Nossa época é a da guerra, da revolução e da crise, três grandes males que atingem cada indivíduo que, isoladamente, não pode fazer nada. E a

[1] G. Tarde. *Psychologie économique*, p. 95.

guerra promoveu uma concentração de forças extraordinárias com base em um único projeto unitário, enquanto, neste momento, se afirma uma vontade de planejamento e subordinação do indivíduo à sociedade.

É nesse ambiente que o livro e o documento hoje se encontram. Na verdade, e por sua própria existência, eles ajudam ou entravam, pois não podem ser coisas socialmente indiferentes. De intenção e propósitos organizados, eles podem ser usados em um sentido ou em outro:

A) Ou podem ser os instrumentos de um projeto compulsório, com tudo o que isso implica, seja de criação e divulgação de documentos favoráveis, seja de eliminação de documentação considerada contrária ao objetivo (jogo de influências, censura e destruição).

B) Ou podem ser os instrumentos de liberdade intelectual, ajudando a libertar os indivíduos de qualquer submissão mental e da imposição de um tipo de vida, qualquer que ele seja.

O livro-documento está, portanto, no cerne da batalha social. Ele é um colaborador de importância primordial para ganhá-la ou perdê-la, para fazer vencer ou fazer perder.

Mas, não poderia ser mais ainda? Fazer com que, por seu intermédio, o próprio problema social seja posto em outros termos, evitando-se a antinomia desesperadora entre um projeto que produz ordem, segurança e grandes vantagens materiais, embora sacrificando a liberdade intelectual, e essa liberdade, mas privando os indivíduos dos maravilhosos resultados anunciados por tal projeto?

Pode-se verificar a conciliação e a síntese em uma aplicação mais profunda das características peculiares dos dois elementos em questão: a pessoa humana e o livro-documento. De fato, enquanto os bens materiais são em número limitado, os bens intelectuais são ilimitados. Acontece que o livro-documento dá existência corporal, acessibilidade e multiplicação infinita aos bens intelectuais. Isso ajuda a modificar as condições da existência individual e as do vínculo social entre os indivíduos. Quanto à pessoa humana, a própria natureza do espírito, desde que tenha recebido seu pleno desenvolvimento, inclina-a para o verdadeiro, o belo e o bem. Tal inclinação é natural; ela ocorre irresistivelmente apenas pela força psíquica e interior, sem qualquer intervenção de força material externa. A unidade de projeto e conduta necessários para grandes trabalhos comuns pode, portanto, ser esperada do simples jogo da ciência (a verdade), da arte (o belo) e da moral (o bem). E todos eles têm no livro seu poderoso auxiliar.

6. *O livro, instrumento da felicidade*. Este último ponto a ser considerado é particularmente pertinente a um momento da história humana em que os males sofridos e, mais ainda, a angústia dos males possíveis impõem uma indagação sobre os fundamentos da vida, sobre seus propósitos, sobre a relevância do processo individual e social em que os homens estão envolvidos.

Neste caso, encontram-se no mesmo território as altas ciências, as altas filosofias, as altas crenças, senão como conclusões práticas, pelo menos como métodos, fatos e demonstrações.

De fato, se o homem for um anjo caído, ele deve retornar a seu estado anterior mediante um esforço de aperfeiçoamento, e dedicar-se às promessas da salvação. Se o homem, ao contrário, for uma extensão da linhagem natural dos seres, será rumo a um grau superior de progresso que ele deverá esforçar-se, encontrando em sua ascensão passada a cer-

teza de suas possibilidades futuras. A perfeição, em ambos os casos, é o imperativo categórico.

No segundo caso, trata-se de uma evolução em dois estágios. No início, a humanidade, através de longas reviravoltas, de lutas intermináveis em circunstâncias de que não tinha nem o conhecimento nem a vontade, chega às suas formas de organização atual.

Ao longo das centenas de milhares de anos desse período, para sobreviver, a espécie humana soube encontrar um processo, a inteligência e a consciência, a técnica e a disciplina social. Mas se por isso a espécie foi salva, sua vida assegurada, este foi o preço da felicidade do indivíduo. Acontece agora uma nova era em que a cultura, conquistada tão penosamente, está destinada a servir à melhoria do bem-estar individual.

Mas, nos dois casos — felicidade eventual hoje, felicidade eventual amanhã —, de qualquer forma, para chegar lá trava-se uma luta metódica e consciente. Em ambos os casos, há a confiança e também a satisfação orgânica e psíquica pelo próprio esforço prestes a se concretizar, independentemente da importância da meta que esse esforço tem por alvo.

Sendo esses os dados do destino humano, a grandeza do livro aparece em ambas as alternativas; isso contribui para resolver o problema da felicidade para todos, fornecendo mais recursos para travar a luta, seja para reconfortar, seja para permitir ao homem, depois de haver pago seu tributo aos deveres sociais e ter conquistado o direito ao lazer sem outras compensações, evadir-se da sociedade, do planeta, de si próprio, através dos caminhos inumeráveis da ficção e da fantasia.[1]

52 OS PROBLEMAS DA DOCUMENTAÇÃO

1. PROBLEMAS PRÓXIMOS

Há os problemas antigos e os novos problemas. Os problemas das bibliotecas e das coleções, o da bibliografia e o da catalografia estão teoricamente resolvidos. Métodos e organização foram estabelecidos; apenas sua aplicação está atrasada. Os novos problemas que prendem a atenção são três: 1° Como publicar livros e documentos atendendo às aspirações de uma documentação ideal. 2° Publicados os livros, como transformar seu conteúdo em matéria de livros mais genéricos — tratados e enciclopédias — ampliando sua concepção até produzir um livro universal para cada ciência — enciclopédia com quadros sintéticos e analíticos permanentes, na forma de pastas, sendo cada área confiada a um órgão especializado, ligado à respectiva associação ou congresso internacional. 3° Como organizar a leitura ou o uso sistemático e generalizado dos livros e dos documentos.

2. PROBLEMA FINAL. SOLUÇÕES HIPOTÉTICAS IDEAIS

Para avaliar melhor o valor das soluções propostas, suponhamos por um instante o problema resolvido em condições ideais. Há três hipóteses:

A. O caso-limite seria, obviamente, aquele em que não fosse mais necessário recorrer ao livro e à documentação. Isto aconteceria na hipótese de haver um espírito puro, dispondo, a todo instante, do conhecimento

[1] O quadro da felicidade foi traçado ao longo da humanidade: Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias*; Ferdowsî, no *Livro dos reis*. Platão falava do reino bem-aventurado de Cronos (*Político* 269, *Leis*, liv. IV, onde se encontra a questão da cidade do futuro. Aristóteles falava da vida perfeita ou da felicidade (eudaimonia) (*Ética*, liv. I, cap. IV, *Retórica*, liv. I e V). Santo Agostinho abonou o progresso (*De civitate dei*, XXII, 24).

intuitivo e completo de todas as coisas, como elas são, foram e serão. É a hipótese teológica da divindade e de todos os espíritos que participam de sua natureza onisciente, onipresente e eterna. Para Deus, para os anjos e para os eleitos, a escrita e a documentação são completamente dispensáveis. (É verdade que a Bíblia, escrita para os homens, revela que há no céu um grande livro no qual anjos da guarda registram continuamente os méritos e deméritos de cada um, a fim de facilitar o trabalho do juízo final.) Esta primeira hipótese tornar-se-ia parcialmente realizável pela humanidade se fosse possível confirmar e aperfeiçoar as descobertas daquilo que hoje se chama 'metapsíquica'. Um estado de clarividência e premonição generalizado eliminaria qualquer razão de ser do documento.

B. Uma hipótese menos absoluta, mas ainda muito radical, pressuporia que todos os conhecimentos, todas as informações pudessem ser extremamente compactadas, o suficiente para caber em um certo número de obras dispostas na própria mesa de trabalho, portanto, ao alcance das mãos, e indexadas de modo a facilitar, ao máximo, a consulta. Nesse caso, o mundo descrito na totalidade dos livros estaria realmente ao alcance de todos. O livro universal constituído de todos os livros ter-se-ia tornado, de modo bastante próximo, um anexo do cérebro, o próprio substrato da memória, mecanismo e instrumento externo ao espírito, mas tão perto dele e tão apto para seu uso que seria realmente uma espécie de órgão anexo, apêndice exodérmico. (Não desprezemos a imagem que nos suscita a estrutura do ectoplasma.) Esse órgão teria a função de tornar nosso ser 'ubíquo e eterno'.

C. Daí, uma terceira hipótese, realista e concreta, que poderia, com o tempo, tornar-se muito viável. Aqui, a mesa de trabalho não está mais repleta de livros. No lugar deles ergue-se uma tela e, ao alcance da mão, está um telefone. À distância, em um edifício imenso, encontram-se todos os livros e todas as informações, com todo o espaço necessário exigido por seu registro e manutenção, com todo o equipamento de catálogos, bibliografias e índices, com toda a redistribuição de dados em fichas, folhas e pastas, com a seleção e a combinação operadas por uma equipe permanente e bem qualificada. O lugar de armazenamento e de ordenação também se torna um lugar de distribuição, a distância, com fio ou sem fio, televisão ou telautografia.* A partir daí, surge na tela a página que dará resposta às perguntas feitas por telefone, com ou sem fio. A tela seria duas, quatro ou dez vezes maior, no caso de haver múltiplos textos e documentos a serem confrontados simultaneamente; haveria um alto-falante, caso a visão precisasse ser auxiliada por um dado auditivo. Um Wells certamente gostaria dessa hipótese.* Utopia hoje, porque isso não existe em nenhum lugar, mas pode muito bem tornar-se a realidade de amanhã, desde que nossos métodos e nossos instrumentos sejam aperfeiçoados. E esse aperfeiçoamento talvez chegue tão longe ao ponto de tornar automática a chamada de documentos na tela (simples números de classificação, livros, páginas); automática também a projeção subsequente, desde que todos os dados tenham sido reduzidos em seus elementos analíticos e organizados para serem trabalhados pelas máquinas seletoras.

Para tais hipóteses, por mais fantasiosas que sejam, a bibliologia — ciência sistemática e lógica do livro — deve encontrar seu lugar. Nenhuma ciência dos dias atuais consegue orientar-se por alguma hipótese-limite, que se coloque com uma finalidade de síntese, que proteja contra a dispersão e a desorientação no labirinto infinito de pequenos avanços

* No original está *télétaugraphie.* [N.E.B.]

* H.G. Wells (1866–1946), historiador e romancista inglês. Seus romances de ficção científica alcançaram grande popularidade. Foi pioneiro no campo da futurologia. Há estudos sobre a convergência das ideias dele com as de Otlet quanto ao futuro da informação. [N.E.B.]

analíticos. Se a química se tornou uma ciência formidável, a hipótese, em princípio arbitrária, da unidade da matéria, está certa em muitos aspectos. E o progresso da aviação foi determinado pela hipótese mitológica de Ícaro, o Voador.

53 FUTURO E ANTECIPAÇÃO DO LIVRO

1. *Fases do desenvolvimento*

A evolução da documentação desdobra-se em seis etapas. Na *primeira*, o homem vê a realidade do universo por meio de seus próprios sentidos. Conhecimento imediato, intuitivo, espontâneo e impensado. Na *segunda*, ampliando sua experiência, ele pensa sobre a realidade, generalizando-a, interpretando-a, fazendo uma nova representação dela. Na *terceira*, ele introduz o documento que registra aquilo que seus sentidos perceberam e o que seu pensamento construiu. Na *quarta*, cria o instrumento científico e a realidade parece então ampliada, detalhada e nítida, um outro universo revela sucessivamente todas as suas dimensões. Na *quinta*, o documento intervém novamente, agora para registrar diretamente a percepção fornecida pelos instrumentos. Documentos e instrumentos, a essa altura, estão tão associados que não existem mais duas coisas distintas, mas apenas uma: o documento-instrumento. Na *sexta*, mais uma etapa, e todos os sentidos, tendo dado origem a um desenvolvimento próprio, para cada um deles foi criado um instrumental registrador, novos sentidos emergem da homogeneidade primitiva e se especificam, enquanto o espírito aperfeiçoa sua concepção, antevendo nessas condições a hiperinteligência. 'Sentido–percepção–documento' são coisas, noções soldadas entre si. Os documentos visuais e os documentos sonoros complementam-se com outros documentos, os táteis, os gustativos, os odoríferos e outros mais. Nessa etapa, também o 'insensível', o imperceptível, se tornará sensível e perceptível, pela intermediação concreta do instrumento-documento. O irracional, por sua vez, tudo que é intransmissível e foi negligenciado, e por causa disso se revolta e se rebela, como acontece nos dias de hoje, o irracional encontrará sua 'expressão' por caminhos ainda imprevisíveis. Esse será então, de fato, o estágio da hiperdocumentação.

2. *O livro universal*

a) O livro futuro (livro de amanhã, livro do futuro) é aquele que idealmente podemos imaginar como o sucessor do livro de hoje.

É necessário distinguir o livro futuro, produto natural e espontâneo de forças existentes, não controladas e nem dirigidas, do livro futuro como produto racional da observação, da indução, da dedução, da imaginação e da criação.

A pesquisa sobre o livro que ainda nascerá deve pautar-se como a pesquisa sobre o livro existente, considerando sucessivamente cada uma das partes materiais constituintes, cada uma das estruturas, cada uma das suas funções e cada um dos seus aspectos.

As transformações incidem sobre todos esses elementos ao mesmo tempo e todos reagem reciprocamente si.

O documento típico do futuro deverá, portanto, conter todas as possibilidades herdadas, juntamente com as que ainda lhe será possível adquirir; será uma síntese de características adquiridas, as mais eficientes, somadas às finalidades que lhe venham a ser atribuídas.

b) A bibliologia, que já considera todos os livros como um livro que

está em crescimento constante, deve dar a essa expressão uma efetividade mais completa.

Precisamos da 'suma das sumas' (*summa summarum*), 'o livro universal'. Todo o conhecimento naquilo que tem de essencial, concentrado, que, exposto uma vez, organize, segundo as possibilidades, sobretudo para a pesquisa analítica e sintética, o que for imprescindível para a utilização de toda a documentação que contenha esse saber disperso, repetido, desordenado.

c) Suponhamos que todos os avanços atuais do livro, os propostos e os possíveis, sejam alcançados simultaneamente, nos mesmos documentos ou conjuntos de documentos, e isso em grande escala; teremos assim, ao mesmo tempo, um estado de integração e um estado ideal que cumpre alcançar com todas as nossas forças. Será, para dar-lhe uma denominação curta, o livro universal (ou, por outros qualificativos, o livro ideal, puro, sintético, integral, quintessencial, futuro e antecipado). Sua elaboração teórica e prática, constantemente desenvolvida, revista e renovada, deveria tornar-se uma obra comum e central, submetida constantemente a todos os esforços. Isso implica que, segundo a fórmula hipotética, se possa dizer: 'O livro universal sendo atualmente A (enumeram-se aqui todas as características), quando desse livro forem confeccionados também os elementos X ou Y, então o elemento Z que propomos se tornará possível.' Exemplo: quando tivermos o filme cinematográfico colorido, será possível criar faixas contínuas de papel colorido e, consequentemente, livros cinéticos coloridos e baratos.

d) A evolução do livro acontece em quatro direções: 1° os pequenos avanços inerentes ao próprio desenvolvimento de cada livro; 2° o avanço resultante do trabalho de ligação com a totalidade dos livros; 3° o avanço nos substitutos do livro; 4° o avanço a partir da consciência de todos os outros avanços e do princípio de que a evolução deve continuar.

e) Na sua nova forma, o livro estará: 1° em crescimento contínuo (fichas, folhas, pastas); 2° redistribuindo seus elementos; 3° em cooperação; 4° em análise–síntese (quadros–esquemas); 5° em condensado–desenvolvido; 6° sob controle autorizado exercido pelas grandes associações; 7° em teoria e em aplicação internacional; 8° em um livro–instituto ou um instituto–livro dedicado a cada ciência e articulado com uma organização central.

f) Como conseguiremos condensar, resumir, simplificar e tornar assimilável a ciência do nosso tempo? Ela se tornou tão vasta que ameaça dominar o cérebro do homem, enquanto este é que deveria dominar a ciência. Descartes e Leibniz ainda conseguiram conhecer toda a ciência. O maior cientista de nossos dias, Poincaré, conhecia toda a matemática, a física e uma parte das ciências naturais. E só. Grandes recursos tornaram-se necessários e devemos observar os seguintes: 1° maior divisão do trabalho; 2° trabalho em cooperação; 3° surgimento de centros de informação especializada aos quais teremos o direito de recorrer para qualquer consulta especializada; 4° sistematização ou síntese que substitua milhões de detalhes por algumas leis ou proposições gerais; 5° a matemática, que fornece com suas fórmulas poderosos meios de condensação; 6° visualização através do desenvolvimento de recursos instrutivos de representação, principalmente esquemáticos; 7° desenvolvimento de máquinas intelectuais; 8° o livro transmitido pelo rádio destinado à leitura para todos, seja a leitura individual e audição de um livro desejado, seja pela solicitação de informações individuais pelo rádio; 9° televisão: o livro, o documento que,

sob demanda, será apresentado à leitura na televisão, seja para todos ou para cada um. Enquanto se aguarda a televisão, podem-se imaginar livros transcritos em discos fonográficos, tocando em vazão constante: cada livro teria seu comprimento de onda e se tornaria audível.[1]

g) O progresso intelectual geral também dependerá das seguintes condições, todas relacionadas com a documentação:

1° Uma língua mais simples, mais poderosa e mais geral.

2° Uma classificação mais lógica, mais universal e uma notação mais integral.

3° Uma escrita mais unificada, mais rápida e mais legível.

4° Uma ilustração e uma figuração mais geral.

5° Uma mecanização mais completa: poder falar diante de um dispositivo que produza imediatamente a transcrição escrita da fala; de outro lado, poder apresentar um texto escrito a uma máquina que o lerá em voz alta e inteligível.

6° Uma apresentação cada vez mais analítica e sintética.

7° Uma ciência mais comparável e mais bem estruturada.

3. *A classificação, pedra angular do pensamento e do documento*

a) A humanidade está num momento crítico da sua história. A massa de dados obtidos é enorme. Novos instrumentos são necessários para simplificar e condensar esses dados, senão a inteligência jamais saberá como superar as dificuldades que a dominam, nem conquistar os progressos que vislumbra e aos quais aspira.

b) O conhecimento primitivo, a atividade primitiva, a sensibilidade primitiva eram muito simples e estavam intimamente relacionados. A língua criada então era um meio de expressão entre uns e outros. Ela abre para o homem um novo horizonte e a possibilidade de superar as primeiras dificuldades. A língua, na verdade, deu-lhe um caminho para aperfeiçoar o pensamento interior e a memória. Ela colocou em seu poder um instrumento pelo qual ele podia referir-se de alguma forma a todas as coisas a seu alcance, para evocar, analisar, combinar. A escrita, outra maneira de se expressar, foi inventada, primeiro ideograficamente, e depois alfabeticamente. A lógica foi formada paralelamente à gramática e à literatura escrita. Aconteceu que as palavras foram formadas separadamente, mas todas se influenciando mutuamente e constituindo o sistema da língua. Depois de um longo tempo, foi apenas pelo estudo de sua linguagem que o homem conseguiu constituir sua ciência e sua filosofia. Chegou um dia em que o método se afirmou e, através dele, um meio regular para examinar as coisas em si mesmas, descobrir coisas novas, fazer a linguagem recuar para segundo plano. A sistematização do conhecimento é ampliada. A terminologia científica fez seus primeiros progressos e a escrita alfabética mostrou-se insuficiente a ponto de fazer surgir a notação e a figuração, a sistemática. A medida, isto é, a comparação exata e expressa em números, teve início, e através dela as ciências foram gradualmente sendo moldadas no padrão da matemática, dando lugar ao cálculo e assumindo a forma dedutiva. No entanto, afirmou-se a técnica, termo que no seu sentido amplo significa as aplicações das ciências aos problemas da vida. A ação pura foi totalmente transformada. Tornou-se lógica, abrangendo conjuntos cada vez maiores. Ela aumentou sua eficiência por meio

[1] Sobre as transformações do livro e seu futuro, ver a colaboração de Paul Otlet no *Festschrift* do museu Gutenberg, de Mogúncia, 1925.*

* *Gutenberg Festschrift zur Feier des 25 Jaehrigen Bestehens des Gutenberg Museums in Mainz*. Mainz: Verlag der Gutenberg-Gesellschaft, 1925. 448 p. [N.E.B.]

da organização, normalização e produção em série.

c) Eis, com amplas pinceladas, o esboço da evolução consumada, o verdadeiro determinismo dos fatos, relacionados entre si e engendrando-se uns aos outros.

O momento atual caracteriza-se pela existência simultânea de todos os elementos sucessivamente adquiridos. É marcado também pela necessidade de dominá-los por alguma ideia ou fórmula de ordem superior. Se essa ideia não for alcançada, o risco de ver esses elementos se dispersarem, se oporem e se contradizerem é enorme; verifica-se também a impossibilidade de atingir o grande progresso que se vislumbra, se deixarmos as coisas caminharem por si próprias. Isso significa que nossa época deseja ansiosamente a síntese. Ela está convicta da unidade fundamental das coisas e da interdependência de tudo que as compõe. Ela sabe que, seja qual for a estrutura e a consistência da realidade, ela só pode apreendê-la ou concebê-la através do seu próprio espírito, cuja lei suprema é a unidade. Prioritariamente, sua doutrina é, portanto, o universalismo, ou seja, um sistema que abarcaria todas as coisas. Universalismo para o pensamento (síntese ou filosofia geral da ciência), para a ação (economia geral ou organização), para a emoção (coordenação da sensibilidade e união das artes), para a expressão (sistema geral para traduzir pensamento, ação e emoção em termos inteligíveis, para representar, com máximo flexibilidade, todas as partes e seus conjuntos).

d) É nesse ambiente que se encontra a classificação. Não podemos mais concebê-la separada dele. Uma ciência bem construída é um sistema, e um sistema é a classificação. Uma atividade ampla, normal e regular que se realiza é a ordem, e a ordem é a classificação. Uma sensibilidade florescente é uma harmonia de impressões e sentimentos, e a harmonia é classificação.

Então, na classificação devem se encontrar, como no instrumento intelectual da síntese suprema, os sistemas de pensamento, a ordem de ação e a harmonia da sensibilidade. Mas, para existir no domínio das realidades comunicáveis, a classificação deve se expressar. Essa expressão só pode ser sintética e, consequentemente, deve realizar, por sua vez, os avanços que escapam à pretensão de nossas pobres línguas e nossa antiga escrita. Ela deve combinar o melhor da terminologia científica, da notação, da figuração esquemática, da medida, da normalização e da matemática (algoritmo, fórmula e cálculo).

e) A forma da linguagem tem uma influência preponderante na forma do espírito. A linguagem orienta inconscientemente nossa mentalidade porque é o elemento essencial do pensamento. Criar uma classificação sintética com notação concisa das ideias é dotar o espírito de uma verdadeira língua escrita universal capaz de atuar poderosamente sobre a própria forma de pensamento.

f) É possível alcançar o ideal assim vislumbrado? Ao defini-lo claramente, nos aproximamos dele. Este ideal permite especificar os desideratos, condição primeira.

4. A estrutura dos conhecimentos

Assim que se tornar realmente ativa, a documentação dará mais um passo para uma nova etapa. Ela levará em conta a própria estrutura de vários sistemas de nossos conhecimentos e que denominamos ciências. Poucos nos preocupamos com isso neste momento, e, em grande medi-

da, espera-se que os resultados surjam do acaso, da mera justaposição de dados, do agrupamento de matérias de acordo com a ordem empírica dos currículos escolares que, por sua vez, determinam a divulgação de cursos e estabelecem o modelo tradicional e clássico em que serão moldados de modo muito empírico todos os dados.

Se a análise das publicações leva a imaginar uma verdadeira metalurgia bibliográfica, se por ela se extrai o metal precioso da ganga imprestável, resta uma questão paralela ainda mais importante: produzir no dia a dia o quadro da síntese de fatos e ideias. Aqui, praticamente tocamos nos últimos elementos do pensamento. Pois, ao se fazer a comparação entre todas as ciências, entre todos seus métodos e todos seus resultados, o que se percebe são as grandes simplificações, à maneira pela qual Mach descreveu o processo do pensamento ao pesquisar sobre economia, graças a leis que o pensamento queria cada vez mais compreensíveis e explicações que fossem cada vez mais aplicáveis aos fatos. Este é um esforço que se poderia chamar de 'metabibliografia', à medida que avança rumo às regiões transcendentes.

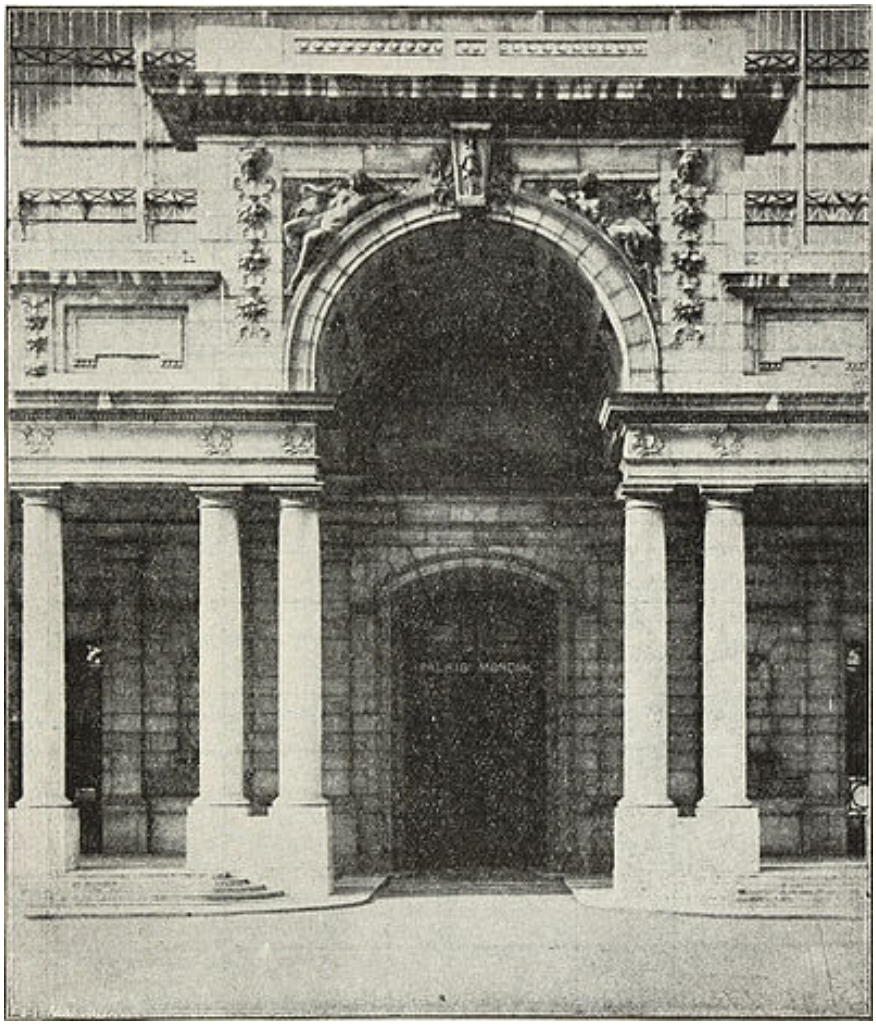
5. *O livro, instrumento de universalidade, de ubiquidade e de eternidade*

Filme, disco, rádio, televisão: estes instrumentos, tidos como os substitutos do livro, tornaram-se, de fato, o novo livro, os instrumentos mais poderosos para a difusão do pensamento humano.

Pelo rádio, poderemos não apenas ouvir em todos os lugares, mas também falar de todos os lugares. Pela televisão, poderemos ver não só o que está acontecendo em todos os lugares, mas todos poderão ver o que quiserem do lugar em que estão. Assim, discursos, música, teatro, museu, espetáculos, manifestações, todos poderão ouvir, ver, assistir e até mesmo aplaudir, ovacionar, cantar em coro, soltar seus gritos de torcida; isso tudo da sua poltrona, juntos com todos os outros.

Estar em todos os lugares, tudo ver, tudo ouvir e tudo conhecer. Mas não é isso a perfeição e a plenitude que o homem, em soberana homenagem e soberana louvação, tem atribuído a seu próprio Deus? Graças a esses instrumentos de ubiquidade, universalidade e eternidade, o homem terá então se aproximado do estado de divindade, do estado que se presume ser o dos eleitos diante de Deus, isto é, a contemplação resplandecente da realidade total.

Tudo isso, nada menos que isso, talvez até mais, encontra-se potencialmente no livro!



O PALAIS MONDIAL – O MUNDANEUM

Quadro recapitulativo I — Por operações da documentação

A Operações	B Documento	C Pessoas	D Organismo	E Locais	F Ciência–Técnica Arte
1 Composição	Notas Manuscrito	Autor Escritor Ilustrador	Particular	Gabinete	Arte literária (gramática e retórica
2 Reprodução	Cópia Exemplar	Copista-datilógrafo Impressor Fotógrafo	Tipografia	Escritório Ateliê Oficina	Tipografia Fotografia
3 Distribuição		Editor Livreiro	Editora Livraria	Escritório	
4 Catalografia	Registro Catálogo	Catalogador			
5 Crítica	Rescensão (crítica)	Crítico			
6 Coleção		Bibliotecário	Biblioteca	Biblioteca	
7 Codificação	Código Enciclopédia	Compilador			

Quadro recapitulativo II	Por escalões de organização da documentação

A Escalões	B Elementos ou órgãos Unidades ou conjuntos	Ca (por si) Integração das partes	Cb (em relação mútua) Rede	Cc (Em centrais mundiais) Instituições
1º escalão Os livros e os documentos	1. Livros 2. Periódicos 3. Outros documentos			Liber mundialis Periodicum Mundiale
2º escalão Os conjuntos ou coleções	1. Bibliografia 2. Biblioteca 3. Enciclopédia 1. Pastas 2. Atlas. Códigos 4. Arquivos 5. Doc. administrativa 51. Pública 52. Privada 6. Museu 7. Cinema–rádio-fonógrafo	Bibliografia universal Biblioteca universal Museu universal	Rede de bibliografias Rede de bibliotecas Rede de museus	Bibliographia Mundialis Bibliotheca Mundialis Encyclopedia Mundialis Archivum Mundiale Documentação Administrativa Mundialis Museum Mundiale Cinema–rádio–fonógrafo mundialis
3º escalão Os organismos documentários	1. Gabinetes 2. Serviços de documentação de diferentes órgãos 3. Serviços de documentação autônomos 4. Bibliotecas (como instituições complexas)			Documentatio Mundialis
4ºescalão A Rede Universal de Documentação			Rede	
5º escalão As relações externas	1. A Organização do Trabalho Intelectual 2. A Organização da Vida Mundial		Rede dos Mundaneums Rede das Cidades	Mundaneum Maximum Civitas Mundialis

Tabela resumida da Classificação Decimal

0 Obras gerais
01 Bibliografia
02 Biblioteconomia
03 Enciclopédias gerais
04 Ensaios e coleções gerais
05 Revistas e periódicos gerais
06 Sociedades, academias, associações gerais
07 Jornais. Jornalismo
08 Coleções. Poligrafia
09 Manuscritos. Livros valiosos

1 Filosofia
11 Metafísica geral. Cosmologia
12 Metafísica especial
13 Espírito e corpo
14 Sistemas filosóficos
15 Psicologia
16 Lógica
17 Moral

2 Teologia
21 Teologia natural
22 Bíblia. Evangelho. Escritura sagrada
23 Teologia dogmática
24 Prática religiosa. Devoção
25 Obras pastorais
26 A Igreja
27 História da Igreja
28 Igrejas e seitas cristãs
29 Religiões diversas

3 Ciências sociais. Direito
31 Estatística
32 Política
33 Economia política
34 Direito
35 Administração pública
36 Assistência. Seguro. Associação
37 Ensino. Educação
38 Comércio. Transporte. Comunicação
39 Costumes. Folclore

4 Filologia. Linguística
41 Filologia geral
42 Filologia inglesa
43 Filologia germânica
44 Filologia francesa
45 Filologia italiana
46 Filologia espanhola. Portuguesa
47 Filologia latina
48 Filologia grega
49 Línguas diversas

5 Ciências puras
51 Matemáticas
52 Astronomia. Geodésia. Navegação
53 Física. Mecânica racional
54 Química. Cristalografia. Mineralogia
55 Geologia. Geofísica. Meteorologia
56 Paleontologia
57 Biologia. Antropologia
58 Botânica
59 Zoologia

6 Ciências aplicadas
61 Medicina. Fisiologia. Farmácia
62 Artes do engenheiro
63 Agricultura. Agronomia
64 Economia doméstica
65 Comércio. Transporte. Organização
66 Indústrias químicas
67 Tecnologia mecânica
68 Profissões e ofícios
69 Construção

7 Belas-Artes
71 Urbanismo. Arquitetura de jardins
72 Arquitetura
73 Escultura. Numismática
74 Desenho. Decoração
75 Pinturas
76 Gravura
77 Fotografia
78 Música
79 Jogos. Esportes. Divertimentos

8 Literatura
81 Em geral
82 Literatura inglesa
83 Literatura alemã
84 Literatura francesa
85 Literatura italiana
86 Literatura espanhola. Portuguesa
87 Literatura latina
88 Literatura grega
89 Literaturas diversas

9 História e geografia
9 (3) História antiga
(4) Europa
(5) Ásia
(6) África
(7) América do Norte
(8) América do Sul
(9) Oceania. Regiões polares
(História moderna)
91 Geografia e viagens
92 Biografia

Fontes: Bibliografia

1. A bibliologia em todas suas partes conta com rica e abundante bibliografia. Nesta obra, sob cada matéria, foram indicadas fontes.

2. Uma farta documentação já foi reunida no Palais Mondial (Mundaneum) nas quatro formas da bibliografia, no Repertório Bibliográfico Universal; nas obras existentes na biblioteca; nos arquivos e anotações manuscritas da enciclopédia documentária; nos quadros, modelos, objetos, espécimes e elementos de demonstração no atlas e no museu. A bibliologia está ordenada nos índices 002, 01, 02 e 655.

3. Bibliografias impressas dedicaram grande atenção ao tema, principalmente as de Petzholdt, Vallée, Stein e Schneider. Van Hoesen e Walter apresentam listas extensas e ordenadas em sua obra *Bibliography*.

4. Os sumários e índices de periódicos, as coletâneas de associações e atas de congressos sobre o livro fornecem análises importantes. De alguns conjuntos documentários foram publicados índices coletivos, principalmente o de George Watson Cole: *An index to bibliographical papers published by the Bibliographical Society and the Library Association*, London, 1877–1932.

A bibliografia corrente encontra-se em *Internationales Jahresbericht der Bibliographie*, do dr. Joris Vorstius (1933, Jg. 4).

POSFÁCIO

Este livro, que começou a ser escrito num dia ensolarado, chega ao fim, precipitadamente, numa noite de sombras carregadas. Dedico-o a minha mulher, companheira, colaboradora e guardiã dos dias felizes ou funestos. Deposito-o nas mãos de meu neto, de outra geração. Na impossibilidade de entregar seu destino a meus compatriotas, confio-o a meus amigos de todas as nações: decimalistas, documentalistas, humanistas, mundaneístas!

Conta-se que Heráclito, diante do desinteresse de seus contemporâneos, atirou seu manuscrito atrás do templo de Artemísia, na esperança que mais tarde ele seria ali encontrado por homens de melhor compreensão. Foi assim que nos chegaram fragmentos que são hoje objeto de uma imensa bibliografia. Não existe mais templo de Artemísia, mas existe a imprensa, existem os tipógrafos, obscuros e leais amigos.

Bruxelas, no lado de fora do Palais Mondial, agosto de 1934, onde, no 15° dia, se reuniu o conselho do Instituto Internacional de Documentação.

Liber : lux, instrumentum, consolatio : fictio
Mundus : nature, homo, societas, deus

Novam evolvere humanitatem — Meliorem exaltare civilisationem — Altiores cum rebus jungere ideas — Opus maximum instruere Mundaneum

Livro : luz, instrumento, consolação : ficção
Mundo : natureza, homem, sociedade, deus

Desenvolver uma nova humanidade
Exaltar uma civilização melhor
Unir ideias mais elevadas com as coisas
Erguer o Mundaneum como a construção mais elevada

Sobre o caso do Palais Mondial

DOCUMENTO I

Bruxelas, 3 de março de 1934

Ao conde de Broqueville,
Primeiro-Ministro, Bruxelas.

Senhor Primeiro-Ministro,

Recebemos do senhor ministro de obras públicas uma carta datada de 28 de fevereiro, que diz:

> "Senhor secretário-geral,
>
> Informo a V.Sª, respeitosamente, que, com o objetivo de dotar os Musées Royaux com a ampliação de que precisa, o conselho de ministros decidiu, em sua reunião de 10 do corrente mês, pôr à disposição de seus museus os locais do Cinquentenário ocupados a título precário pela União das Associações Internacionais.
>
> Rogo a V.Sª, por conseguinte, a fineza de adotar as medidas necessárias para que esses locais sejam desocupados até o dia 31 de maio próximo, no mais tardar.
>
> Receba, senhor secretário-geral, os protestos de minha elevada consideração.
>
> O Ministro, Sap."

Certamente deve haver um equívoco provocado por uma informação insuficiente. Com efeito, o senhor ministro das ciências e artes, em data de 26 de maio de 1926, nos escreveu:

> "Examinei com a maior atenção o processo do Palais Mondial e reconheço, naturalmente, que foram cometidos erros. Os governos anteriores reconheceram vossa instituição e assumiram o compromisso de ajudar-vos financeiramente, além do compromisso de colocar locais à vossa disposição. Enquanto se aguarda a construção de locais convenientes, as vossas coleções não serão mais desalojadas."

Confiando nessa carta, nossa União realizou um esforço considerável e incorreu em grandes despesas. Ela compartilhou os benefícios dessas promessas com um grande número de grupos e associações belgas e internacionais, e também com diversos países representados por suas legações e consulados.

Venho, portanto, respeitosamente, apelar ao conselho de ministros para que faça uma investigação que lhe permitirá conhecer exatamente o estatuto de nossa União e de seus institutos do Palais Mondial, bem como os acordos formais estabelecidos oportunamente com o Estado belga, acordos situados no quadro das votações do Parlamento, das resoluções reais e das decisões da Liga das Nações.

Aceitai, senhor primeiro-ministro, os protestos de nossa elevada consideração,

União das Associações Internacionais,
Paul Otlet, secretário-geral.

DOCUMENTO II

Depois do fechamento do Palais Mondial

Em 1º de junho, às 6 horas da manhã, em um ato arbitrário e de força, o governo belga mandou fechar o Palais Mondial.

Decorrido um mês, o Palais Mondial ainda não foi reaberto. Todas as tentativas amigáveis antes do fechamento haviam sido em vão. Diante do tratamento que lhe foi aplicado, e a fim de salvaguardar sobretudo sua dignidade, e também seu tesouro de obras intelectuais, a União das Associações Internacionais avaliou que somente lhe restavam as vias judiciárias. A [associação] Amis du Palais Mondial en Belgique aconselhou enfaticamente essa maneira de agir, e isso pela honra dos belgas, disseram, na expectativa de que a justiça seja também um dos poderes que expressam oficialmente a opinião pública do país.

Mas aonde levará o desdobramento desse caso? Os procedimentos são lentos e, mesmo que se venha a ganhar, um processo deixará atrás de si animosidades que tornam o ambiente pouco favorável.

Lembre-se que o Palais Mondial foi organizado depois da guerra pela União das Associações Internacionais. Esta, fundada em 1910, e que reúne vários institutos, associações e organismos internacionais, havia proposto em 1919 ao governo belga um plano completo com a finalidade de criar em Bruxelas, ambiente já antigo de vida internacional, uma instituição que teria como objetivo a livre cooperação no campo intelectual. Primeiro o governo e depois o Parlamento, o rei e a opinião pública aceitaram o plano. Ele correspondia ao espírito da Liga das Nações e oferecia a Bruxelas [no original: Belgique] uma certa compensação por não ter sido escolhida como sede da Liga. Testemunhos disso são as atas, a correspondência, os debates parlamentares e a imprensa no momento da criação.

A obra realizada recebeu melhoramentos materiais avaliados pelo número de 17 milhões de peças; ela é, segundo pensam seus fundadores, administradores e amigos, completamente desinteressada; ela é, em sua totalidade, uma doação universal; milhares de colaboradores lhe aportaram ideias, trabalhos, objetos, dinheiro e sentimentos de simpatia. Todos os serviços foram sempre públicos e gratuitos, sem qualquer taxa cobrada para ingresso, locação, visita ou consulta. Por outro lado, nenhuma dotação secreta veio alterar o caráter objetivo e imparcial da instituição.

O Palais Mondial, o Mundaneum — Palácio das Nações, da Civilização e da Paz — ergue-se no coração da capital da Bélgica como um símbolo, grandioso e voluntário, da humanidade depois da guerra.

Com a Sociedade das Nações em Genebra e a Corte Internacional de Justiça em Haia, o Palais Mondial em Bruxelas é a afirmação visível e permanente de uma vontade de responder ao apelo imperativo da inteligência, da concórdia e da colaboração.

Acontece que, para ajudá-lo a superar dificuldades, aparentemente temporárias e decorrentes de uma súbita mudança na política internacional do governo do país onde está sediado, o Palais Mondial, com poucas exceções, não encontrou os apoios oficiais externos com os quais esperava poder contar. Uma ação externa que o protegesse não ocorreu de modo eficaz nem em tempo útil. A proteção solicitada à Liga das Nações não pôde ser dada. O recurso à Corte Internacional de Justiça foi dado como impossível.

Se, em tais condições, o Palais Mondial devia permanecer definitivamente fechado, é natural que não haveria mais lugar em nossa civilização para uma instituição de caráter universal, inspirada no ideal inscrito com estas palavras em sua entrada: Pela liberdade, igualdade e fraternidade mundiais — na fé, na esperança e na caridade humanas — rumo ao trabalho, ao progresso e à paz de todos!

Rejeitamos, porém, as apreensões pessimistas e continuamos a ter confiança em intervenções poderosas. Intervenções, seja para agir como mediadores entre a instituição e o governo belga (cuja composição foi recentemente modificada) seja para oferecer, na própria Bélgica, um outro abrigo, seja para ajudar na transferência para outro lugar mais seguro e acolhedor.

1934. 07. 03. Paul Otlet

Lista de ilustrações, quadros e modelos

			p.
1.	Estatística geral de livros e periódicos (modelo)	124.3	29
2.	Estatística do livro (diagrama)	17	56
3.	O livro e a representação do mundo (esquema)	17	55
4.	O universo, a inteligência, a ciência e o livro	17	56
5.	A documentação e suas partes (quadro)	17	56
6.	Elementos que compõem o livro e o documento (quadro)	22	64
7.	Elementos da linguagem (quadro)	223.1	127
8.	Estrutura e partes do livro	23	165
9.	Paginação (modelo)	233	180
10.	Tábuas e índices (modelo)	234	184
11.	Mapas: principais projeções (quadro)	242.22	295
12.	O cinescópio: projeção de microfilmes (ilustração)	242.38	319
13.	Quadro comparativo de corpos tipográficos	253	414
14.	Quadro de tipos de bibliografia	255.2	451
15.	A pirâmide das bibliografias (esquema)	255.4	453
16.	Quadro de regras catalográficas	255.85	476
17.	Diferenças relativas ao problema da documentação	411.3	582
18.	O Repertório Bibliográfico Universal (ilustração)		634
19.	A enciclopédia documentária (ilustração)		639
20.	Funções do trabalho intelectual		650
21.	A atuação do centro mundial		654
22.	A organização mundial do trabalho intelectual		655
23.	Organização mundial		655
24.	O Palais Mondial (ilustração)		673
25.	O Palais Mondial destruído (vinheta)		680

Índice Alfabético

abreviação 222.22
abstração 513.2
aquisições 262.42
administração (documentação) 424.
aeração 414.7
alegorias 222.02
alfabeto 222.14
alfândega 253.273
almanaque 241.32
amor ao livro 258.2
análise e síntese 132
análises (resumo) 255.5
antecipações 521
antologia 241.84
anuários 241.33
apara dos livros 221.33
arquitetura 243.75
arquivo 242.4
    administrativo 424.4
    histórico 422.5
arte 243.7
associações 163
atlas 242.26
    enciclopédico 422.34
autodidaxia 257.94
autores 251.2

biblio-economia 4
bibliografia 255
bibliologia 1
    pedagógica 157
    pura 142
    tecnológica 156
bibliometria 124
bíblion 211.3
biblioteca mundial 422.24
bibliotecário 415.1
bibliotecas 262
bibliotecnia 4
biblioteconomia 262.4
biologia 512.5

caligrafia 222.151
caracteres tipográficos 222.153–222.43
características do livro 212
cartões-postais ilustrados 242.361
cartas de jogar 242.362
cartazes 242.34
C. D. (Classificação Decimal) 412.36
catálogo 241.5–255
censura 256.4
centros 424.4
    de documentação 261
Cidade Mundial 425.2
ciência 154, 411.44
cinema 243.3
cinemateca 243.39
circulação do livro 253
citações 255.6
classificação 224.5–412.3
    decimal 412.36
classificadores 412.8
codificação 422.35
coleções 241.4
coletâneas de textos 241.4
comentários de textos 241.44
comércio exterior 253.27
comércio livreiro 253.2, 421.3
composição 251.33
    literária 224.1
    mecânica 252.7
conjuntos a formar 42
    de livros 3
conservação do livro 259.1
contabilidade 253.284
contrato de edição 253.15
convenção 417.2
cooperação 411.55
correios 253.32
criptografia 222.163
crítica 256.1

datilografia 222.152
decoraçao 222.33
definições de livro 211.5
depósito 421.3
descrição do livro 255
desenho 242.32
destruição do livro 259.2
dicionário 241.22
difusão do livro 254
direito 281.4
    do título 231.19
discos 243.2
distribuição 253
documentação 411.2
    administrativa 422.4
documento 411.1
documentologia 1
elementos gráficos 222
    intelectuais 224
    linguísticos. Línguas 223
encadernação 221.31
enciclopédia 241.22
envoltório do livro 221.3
ensino 157, 162
    por si mesmo 257.94
epígrafe 242.6
épocas (livros das diversas) 321
equação do livro 212.5
equipamento 243.1, 413
escrita 222.1
    dos cegos 222.164
escritores 251.27
escultura 243.77
espécies de livros 24
espetáculos 243.6
esquemas 222.32

estampas 242.3
estatística 124.3
estética do livro 222.4
estilo 224.2
estímulo ao livro 164
estrutura do livro 23
estudos 16
evolução do livro 323
ex-líbris 242.363
exportação 253.271
exposição 243.1
exposições 224

fala 223.21
    e a escrita 223.2
falsificações 259.29
feiras de livros 253.235
feitura intelectual 251
    material 252
festas 243.6
fichários 422.32
fichas 412.6
filme 243.3
    falado 243.35
filologia bibliográfica 152
finanças 417.1
físico-química 512.4
folhas enciclopédicas 422.33
folhetos 241.11
fonograma 243.2
fontes (bibliologia) 165
formas 221.21
formatos 221.22
fotografia 242.37
funções do livro 25
fundamentos 0
fundos 262.3
furto 259.29
futuro do livro 521
grafia em geral 222.0
grafologia 222.152
gravuras 242.3

história da bibliologia 17]
    das bibliotecas 262.12
    do livro 323
    literária 256.1

iconografia 242.3
ideografia 222.161
I.I.B. 424.1
iluminura 242.13
ilusão 513.4
ilustração 222.3
imagens 222.3
imprensa 252
imprensa 241.32
impressoras 252.8
impressores 252.3
incêndio 259.26
incunábulos 242.19
indústria editorial 253.1
    mundial 421.12
influência 241.327
influência do livro 241.3, 258.1
inscrições 242.61
instalações 413.3
Instituto Internacional de Documentação
    424.1
instrumentos intelectuais 159
inventários 255

jornais 241.32
justificação 222.45

leilões 253.256
leis bibliológicas 51
leitores 241.328
leitura 257
línguas 223
    internacionais 223.7
linguística 152
literatura 324
liturgia 243.6
livraria de livros usados 253.234
livro propriamente dito 241.14
    universal 422.3
locais 243.342, 253.281, 414
lógica bibliológica 154

manuscrito (autor) 251.33
manuscritos 242.1
mapas 242.2
máquinas 413.12
matebibliologia 124.4
matemáticas 512.2
material 243.1, 413.1
    didático 243.1
matérias (livro nas diversas) 321
matérias-primas 413.4
mecânica 512.3
medalhas 242.62
medida dos livros 124.2
metafísica 512.8
metapsíquica 512.8
métodos 412
moedas 242.62
monumentos, símbolos 242.6
motivos decorativos 222.33
Mundaneum 425.2
museu 243.1, 422.6
música 242.5

noção do livro 211
nomenclatura 122
normalização 411.54
notação 222.21
    musical 242.55
notas 257.7

objetivo 411.41
objetos 243.1
obra 251.2
obras de arte 243.7
obras de conjunto 241.2
operações 25, 416

opinião pública 241.323, 258.12
organização mundial 425.2
    da documentação 4
    trabalho intelectual 425.1
órgãos da documentação 26
ortografia 223.6

países (livros nos diversos) 322
Palais Mondial 425.2
paleografia 222.151
papel 221.1
papiro 242.18
partes do livro 23
partituras musicais 242.56

pastas documentárias 422.31
permuta 421.3
pesquisas 161, 251.32
pesquisas bibliográficas 261.3
pessoas 415
plágio 241.86
planta 242.27, 411.42
preços 253.26
problema 14, 411.3
projeção 242.38
propaganda 258.12
psicologia 512.6
    bibliológica 155
publicações 421.11
público, leitores 241.328

radiofonia 243.4
radiotelefotografia 443.2
redação 251.33
rede universal 424
referências 412.7
registros 412.6
registros bibliográficos 231.18
    catalográficos 255.85
regras 412.1
    bibliográficas 255.85
regulamentos 417.3
repartição do livro 254
Repertório Bibliográfico Universal 422.1
repertórios 412.8, 422.32
reprodução de livro 252
resumo (análise) 255.5
    da obra 0
retórica 224.1
romances 258.14

selos 242.63
serviços de documentação 261
símbolos 222.02
sinalização 22.03, 223.92
sinetes 242.63
síntese 132
    bibliológica 5
sistemas bibliológicos 133
social 513.5
sociologia 512.7
    bibliológica 153
substitutos do livro 243
suportes (substâncias) 221.18

taquigrafia 222.162
taxonomia 412.38
teatro 243.6
telegrafia 253.33
telefotografia 243.52
telégrafo sem fio 243.4
televisão 243.5
teologia 512.8
terminologia, biologia 122
    científica 223.8
tintas 222.142
título 231.1
trabalho intelectual 551.1, 425
traduções 223.91, 241.83
transportadoras 253.233
transportes 253.3
tratado 241.21

universalidade 411.52
utilização do livro 257

vendas de porta em porta 253.232
vida 158
vitrinas 253.282
vocabulário 223.13

Tabela Sistemática de Assuntos

Apresentação, 3

0. Fundamentos
I. Objetivos da documentação. II. Partes da documentação. III. Operações. IV. Métodos. V. Órgãos documentários. VI. Organização universal. VII. Ciências bibliológicas.

1. A bibliologia ou documentologia. Ciências do livro e da documentação
11 Noção. Definição. Características, 11
111 Noção, 11
112 Necessidade de uma bibliologia, 11
113 Objetivo, 12
114 Condições da constituição da bibliologia como ciência, 12
115 Objeto próprio da bibliologia, 13
116 Fundamento, 14

12 Divisão e modos de expressão, 15
121 Partes das ciências bibliológicas, 15
122 Terminologia. Nomenclatura, 16
124 O livro e a medida. Bibliometria, 17
124.1 Noções, 17
124.2 A medida dos livros, 18
124.3 A estatística, 22
124.4 A matebibliologia, 27

13 Método da bibliologia, 28
131 Generalidades, 28
132 A análise e a síntese dos elementos, 31
133 Pluralidade dos sistemas bibliológicos, 32
134 Método de exposição da bibliologia, 33

14 Problemas gerais da bibliologia, 33
141 Problemas práticos, 33
142 Problemas teóricos: a bibliologia pura, 34

15 Relações da bibliologia com os outros conhecimentos, 37
151 Rrelações gerais, 37
152 A linguística ou filologia bibliológica, 38
153 A sociologia bibliológica, 40
154 A ciência ou lógica bibliológica, 41
155 A psicologia e as atividades da mente ou psicologia bibliológica, 45
156 As relações do livro com a técnica ou bibliologia tecnológica, 48
157 Ensino ou bibliologia pedagógica, 49
158 O livro e a vida, a realidade, 50
159 A evolução simultânea dos instrumentos intelectuais, 50

16 Organização das pesquisas e dos estudos, 51
161 Pesquisas, 51
162 Ensino, 51
163 Associações, 52
164 Fomento ao livro, 52
165 Fontes, 52
17 História e evolução. Fases das ciências bibliológicas, 52

2. O livro e o documento

21 O livro em geral, 59
211 Noção e definição de livro e de documento, 59
.1 Definição geral, 59
.2 Os documentos menores, 59
.3 O bíblion, 60
.4 Definições literárias de livro,61
212 Análise das características do livro e do documento, 62
.1 Características gerais, 62
.2 Qualidades e defeitos dos livros, 63
.3 O livro, capital e ferramenta, 63
.4 Unidades, múltiplos e submúltiplos, 63
.5 Equação do livro, 63

22 Elementos que compõem o livro e o documento, 64
220 Visão de conjunto, 64
221 Elementos materiais, 65
.1 Substância ou suporte, 65
.11 Noções, 65
.12 Histórico, 65
.13 A fabricação do papel, 66
.14 Espécies de papel, 68
.15 Qualidade do papel, 69
.16 Consumo e preço, 70
.161 Consumo, 70
.162 Preço, 71
.17 Usos do papel, 72
.18 Outros materiais de suporte, exceto o papel, 72
221.2 Formas, formatos e dimensões do livro e do documento, 73
.21 Formas, 73
.22 Formatos, 75
221. 3 O envoltório do livro: brochagem, aparagem e encadernação, 78
.31 Encadernação, 78
.32 Conselhos práticos sobre encadernação, 8
.33 Corte das margens, 80

222 Elementos gráficos: os signos, 81
.0 Grafia em geral, 81
.01 Os signos em geral, 81
.02 Símbolos. Alegorias, 82
.03 Sinalização, 83
.04 Importância da grafia no livro, 83
222.1 Escrita, alfabeto, caracteres tipográficos, 83
.11 Noção, 83
.12 História, 84
.13 Espécies de escrita, 88
.14 O alfabeto, 89
.15 O conhecimento das escritas, 90
.151 Paleografia, 90
.152 Grafologia, 91
.14 Instrumentos, tintas e especialistas da escrita, 92
.141 Instrumentos, 92
.142 As tintas, 93
.143 Especialistas da escrita, 95
.15 Escrever à mão ou à máquina, 95
.151 A caligrafia, escrita à mão, 95
.152 A datilografia. Escrita à máquina, 97
.153 Os tipos de impressão, 97

.16 Os sistemas especiais de escrita, 99
.161 A ideografia, 99
.162 Taquigrafia, 99
.163 Criptografia, 100
.164 Escrita dos cegos, 101
.165 Escrita mediúnica ou espírita, 102
.166 Escrita morse, 103
.167 Questões diversas, 103
.171 Método para aprender a escrever, 103
.172 Velocidade da escrita, 104
.173 Emprego da escrita, 104
.174 Unificação das escritas: sistema universal de escrita, 104
222.2 Notação e abreviação, 108
.21 Notação, 108
.22 Abreviação, 110
.23 Outros signos comuns, 111
.24 Notação universal, 111
222.3 Ilustração
.31 Imagens reais, 113
.32 Imagens esquemáticas, 117
.33 Padrões decorativos, 119
222.4 A página. A estética do livro, 120
.41 Noção, 120
.42 Histórico, 121
.43 Os caracteres tipográficos, 121
.44 Linhas, 121
.45 A largura das linhas, 122
.46 A paginação, 122
.47 As margens, 122
.48 As colunas, 122
.49 A estética do livro, 123

223 Elementos linguísticos. As línguas, 124
.1 Noções, 124
.11 Relação entre realidade, linguagem e ciência, 124
.12 A língua e o ser humano, 125
.13 O vocabulário, 125
.14 Domínio da língua, 125
.15 A linguística e a filologia, 126
.16 Psicologia, 126
.17 Divisão da linguagem, 126
.18 A gramática, 126
223.2 A palavra e o escrito, 127
.21 A fala, 127
.22 A palavra sagrada, 128
.23 Conversa e conferência, 128
.24 Discurso, 129
.25 Debates, 130
.26 Escrever e falar, 130
223.3 Histórico, evolução, 131
223.4 Espécies de línguas, 133
223.5 Língua literária, 133
223.6 Ortografia, 134
223.7 Línguas internacionais, 136
223.8 Terminologia científica especializada, 138
223.9 Diversos, 139
.91 Traduções, 139

.92 Sinalização
.93 Correlações da língua, 139

224 Elementos intelectuais. As formas da exposição, 139
.0 Visão de conjunto, 139
.1 Técnica da composição literária. Retórica, 141
.2 O estilo, 144
.3 A exposição, os enunciados, 145
.4 O plano, 148
.5 Ordenação ou ordens dos enunciados, 148
.6 Ordens do enunciado, 149
.7 A exposição na ciência, 150
.8 A exposição e as formas intelectuais na literatura, 153

225 Elementos científicos ou literários do livro. Os dados da exposição

23 Estrutura e partes do livro, 165

230 Visões de conjunto, 165

231 Títulos e informações externas, 166
.1 O título, 167
.11 Noções, 167
.12 Histórico, 168
.13 Características do título, 168
.14 Espécies de títulos, 168
.15 Desideratos de títulos, 169
.16 Títulos curiosos e indesejáveis, 169
.17 Local e forma do título, 170
.18 Os títulos e os registros bibliográficos, 170
.19 Regime jurídico do título, 170
.2 O autor, 171
.3 Data, 172
.4 Endereço bibliográfico [Imprenta], 173

232 Prefácio. Introdução, 173

233 Corpo da obra, 174
.1 Divisão, seccionamento das obras, 175
.2 Notação das divisões, 177
.3 Ordem das matérias no livro, 178
.4 Inclusão de entretítulos, 178
.5 Paginação, 179

234 Sumário, tábuas e índices, 181
.1 Noções, 181
.2 Histórico, 181
.3 Espécies de tábuas e índices, 182
.4 Tábuas sistemáticas, 182
.5 Índice alfabético, 183
.6 Outras tábuas e índices, 184
.7 Tábuas e índices nas diferentes ciências, 186
.8 Lugar e forma material das tábuas, 186

235 Outras partes do livro, 187

24 Espécies, classes, famílias de obras, 189

240 Generalidades, 189
.1 Noção, 189
.2 Classificação, 190
.3 História. Evolução. Genética, 192
.4 Relações entre as espécies, 193
.5 Espécies, ciclo bibliográfico e tipos de exposição, 194

241 Documentos ditos bibliográficos, 194
.1 Obras especializadas, 194
.2 Obras de conjunto, 196
.21 Tratados. Manuais, 197
.211 Noções, 197
.212 História dos tratados, 198
.213 Espécies e tipos de tratados, 199
.214 Métodos. Desideratos, 206
.22 Enciclopédia. Dicionário, 209
.221 Noções, 209
.222 Histórico, 211
.223 Espécies, 212
.224 Tipos de enciclopédia, 213
.225 Enciclopédias e dicionários especializados, 215
.226 Dicionário, léxico, vocabulário, glossário, 216
.227 Desideratos. Métodos, 218
.31 Revistas. Periódicos propriamente ditos, 219
.311 Noção, 219
.312 História e evolução dos periódicos, 220
.313 Objetivo. Função, 221
.314 Classes de periódicos, 222
.315 Partes, 222
.316 Operações. Funções, 223
.317 Periodicoeconomia. Organização, 323
.32 Jornais, 224
.321 Noção, 224
.322 História dos jornais, 226
.323 Função dos jornais. Opinião pública, 229
.324 Características, 230
.1 Espécies de imprensa, 231
.325 Composição e partes do jornal, 231
.326 Tipos de jornais, 233
.327 Influência. Propaganda. Valor e venalidade da imprensa, 234
.328 O público. Os leitores, 238
.329 Organização, 239
.1 A imprensa em diversos países, 248
.33 Anuários (almanaques, calendários, agendas), 251
.331 Noção, 251
.332 Tipos de anuários, 251
.333 Desideratos. Recomendações 253
.334 Almanaque. Calendário, 254
.335 Anuários, 255

241.4 Coletâneas, coleções de textos. Comentários, 255
.41 Noção, 255
.42 Espécies, tipos de coletâneas e coleções, 256
.43 Publicação de textos, 259
.431 Noção, 259
.432 Regras para a publicação de textos, 260
.433 Tipos de publicação de coletâneas, 261

.44 Comentários de textos, 262
241.5 Catálogos, 262
241.6 Tabelas e quadros, 265
241.7 Outras espécies de documentos, 269
241.8 Modalidades de uma mesma obra. Edição. Tradução. Extratos. Adaptações, 275
.81 Edição, 275
.82 Exemplares, 276
.83 Traduções, 276
.84 Extratos. Antologia, 280
.85 Arranjo. Transcrição, 281
.86 A novidade e o plágio. Empréstimo. Cópia. Citação, 282
.87 Obras completas, 284
.88 Continuidade das obras, 284

242 Documentos gráficos exceto as obras impressas, 284
242.1 Os manuscritos, 284
.11 Noção, 284
.12 Histórico, 284
.13 Iluminura. Miniatura. Decoração, 285
.14 Erros na cópia, 285
.15 Coleções. Bibliotecas, 286
.16 Catálogos de manuscritos, 286
.17 Trabalhos sobre os manuscritos, 286
.18 Os papiros, 288
.19 Manuscritos modernos. Incunábulos, 289
242.2 Mapas e plantas. Atlas, 290
.21 Noções, 290
.22 Histórico, 291
.23 Técnica, 293
.24 Espécies de mapas, 294
.25 A disposição material, 296
.26 Atlas, 296
.27 Plantas, 297
.28 Plantas em relevo, 298
.29 Coleções, instituições, locais, pessoas, 298
242.3 Iconografia. Estampas, gravuras, fotografias, 298
.31 As imagens. A iconografia, 299
.32 Desenho, 302
.33 Gravuras. Estampas, 303
.34 Cartazes, 305
.35 Brasão: heráldica, 306
.36 Cartões-postais ilustrados. Cartas de jogar. Ex-líbris, 307
.361 Cartões-postais ilustrados, 307
.362 Cartas de jogar, 308
.363 Ex-líbris, 308
.37 Fotografia, 308
.38 A projeção, 317
242.4 Arquivos (**peças, coleções, depósitos**), 321
242.5 Música, 324
.51 Noção, 324
.52 História, 326
.53 Questões fundamentais, 326
.54 Instrumentos musicais, 328
.55 Notação musical, 329
.56 Partituras musicais. Bibliografia, 332
.57 Difusão da música, 333

.58 Organização comercial das edições de música, 333
.59 Biblioteca e coleção de músicas, 333
242.6 Monumentos chamados simbólicos: inscrições, moedas, medalhas, 333
.61 Inscrições, 334
.62 Moedas e medalhas, 334
.63 Selos. Sinetes, 335

243 Documentos ditos 'substitutos do livro', 336
243.1 Objetos. Material de demonstração, 337
243.2 Disco: fonograma, 341
243.3 Filmes: cinema, 346
.31 Noção, 346
.32 Histórico, 346
.33 Características, 347
.331 Em geral, 347
.332 Características específicas, 347
.333 Vantagens para explicar noções, 349
.334 Medidas e estatísticas, 350
.34 Técnica, 350
.341 Tipos de processos e aparelhos, 350
.342 Locais. Arquitetura, 353
.35 Filme falado, 353
.36 Espécies de filmes, 354
.361 Generalidades, 354
.362 Filmes artísticos, 354
.363 Filme científico documentário, 356
.364 Filmes educativos, 357
.37 Produção e utilização dos filmes, 359
.371 Produção de filmes, 359
.372 Utilização dos filmes. Os espectadores, 359
.38 Ponto de vista moral, social, comercial, 359
.381 Ponto de vista moral e social, 359
.382 Ponto de vista comercial, 361
243.39 Documentação. Cinemateca. Cinecatalografia, 362

243.4 Radiofonia. Telefonia sem fio, 362
.41 Generalidades, 362
.42 Técnica, 364
.43 Difusão. Distribuição. 365
.44 Aplicações, 366
.45 Radiofonia escolar, 366
.46 O rádio e a documentação, 367
.47 Rádio e música, 367
.48 Organizações internacionais, 367
.49 Antecipações, 368

243.5 Televisão, 368
.51 Noção, 368
.52 Telefotografia. Radiotelefotografia, 369
.53 Televisão propriamente dita, 369
.54 Aplicações realizadas ou previsíveis, 370

243.6 Espetáculos. Teatro. Festas. Liturgia, 371
.61 Generalidades, 371
.62 Teatro, 371
.63 Festas. Jogos públicos, 376

.64 Cerimônias civis. Etiqueta, 377
.65 Culto. Liturgia, 377
.66 Diversos, 379

243.7 As obras de arte. A arte, 380
.71 Generalidades, 380
.72 Evolução, 381
.73 Estética, 382
.74 Espécies de arte, 382
.75 Arquitetura, 383
.77 Escultura, 383
.78 As obras de arte e a documentação, 383

25 Operações. Funções e atividades que suscitam o livro e o documento, 385
251 Feitura intelectual, 386
251.0 Generalidades, 386
251.1 O trabalho intelectual, 386
.11 Princípios
.12 Conselhos para o trabalho intelectual, 387
251.2 Os autores e a obra, 388
.21 Noções, 388
.22 Espécies de autores, 389
.23 A obra, 390
.24 Produtividade dos autores, 390
.25 Por que se escreve, 392
.26 Como se escreve, 395
.27 Remuneração dos escritores, 396
.3 Operações da feitura intelectual, 397
.31 Escolha do tema a ser tratado. Assunto, 397
.32 A preparação da obra. Leituras. Pesquisas, 398
.33 Redação, composição literária: original que 'se escreve', 400

252 Feitura material. Reprodução. Impressão, 403
1. Noção, 403
2. Histórico, 404
3. Impressores e tipografias, 406
4. Operações, 408
5. Processos de reprodução, 408
6. Tipos, 410
7. A composição mecânica, 411
8. Prelos e outras máquinas, 412
9. Organização da tipografia, 412

253 Distribuição e circulação do livro e do documento, 413
253.0 Generalidades, 413

253.1 A indústria editorial, 415
1. Noção, 415
2. História, 415
3. Espécies, 416
4. Extensão da indústria editorial, 417
5. Contrato e modo de edição, 418
6. Deontologia dos editores, 419
7. Indústria editorial, inteligência e publicidade, 419
8. Organização comercial, 419
9. Organização corporativa, 420

253.2 A livraria, 420
.21 Concepção da livraria, 421
.22 Organização do comércio livreiro, 422
.23 Formas e instituições do comércio livreiro, 425
.231 Distribuidoras, 425
.232 Vendas de porta em porta. Livraria ambulante, 426
.233 Serviços de distribuição de jornais, 426
.234 Livrarias de livro usados, 426
.235 Feiras de livros, 427
.236 Leilões, 428
.24 Modalidades diversas, 428
.25 Métodos, 428
.26 Preços e comissões, 429
.27 Comércio exterior, 431
.271 Exportação, 431
.273 Direitos aduaneiros, 431
.28 Instalações e costumes, 431
.281 Os locais e as instalações, 431
.282 Os móveis para colocação dos livros, 432
.283 Contas de clientes, 432
.284 Acertos de contas. Contabilidade, 433
.285 Documentação administrativa. O controle, 433
.286 Clientela, 433
.287 Embalagem, 434
.29 A documentação na livraria, 434
.291 Fontes de informações, 435
.292 Ensino profissional, 436
.293 Conclusões sobre a organização do comércio livreiro, 437

253.3 Transportes, correios, telégrafos e telefones, 437
.31 Generalidades, 437
.32 O correio, 438
.33 Telégrafo, 442
.34 Telefone, 444

254 Distribuição e divulgação do livro, 444

255 Descrição do livro. Inventários. Catálogo. Bibliografia, 447
.1 Noção, 447
.2 História da bibliografia, 450
.3 Tipos de bibliografia. Características, 452
.4 Tipos diversos de bibliografias, 452
.41 Bibliografia de bibliografias, 453
.42 Bibliografias universais, 454
.43 As bibliografias nacionais, 455
.44 Bibliografia especializada por assuntos, 458
.45 Outras espécies de bibliografias, 459
.46 Bibliografia de revistas e jornais, 462
.47 Catálogos de grandes bibliotecas, 463
.48 Catálogos coletivos de bibliotecas, 464
.49 Repertórios de coleções, 465
.5 Resumos e análises da literatura, 466
.6 Citações. A bibliografia nas obras, 467
.7 Formas e modos de reprodução, 468
.8 Elaboração de bibliografias e catálogos, 470
.81 Noção e objetivo, 470
.82 Repertório ou catálogo alfabético de autores, 470

.83 Repertório ou catálogo sistemático de assuntos, 471
.84 Repertório ou catálogo analítico (alfabético) de assuntos, 471
.85 Registro catalográfico, 473
256 Crítica, censura, controle científico, 481
.1 Generalidades, 481
.2 Crítica e história literária, 484
.3 Crítica científica, 485
.4 Censura em geral, 487
257 Uso do livro. A leitura ,491
.1 Noção de leitura, 491
.2 Necessidade e vantagens da leitura em geral, 491
.3 Diferentes objetivos da leitura, 492
.4 Diferentes maneiras de ler, 492
.5 Mecanismo intelectual da leitura, 495
.6 Recomendações ao leitor, 496
.7 Ler e anotar, 497
.8 Ler em voz alta, 498
.9 Questões diversas, 498
.91 Fisiologia da leitura, 498
.92 Higiene visual, 499
.93 Tecnologia da leitura, 500
.94 O papel do livro e da leitura no aprendizado por si mesmo. O autodidatismo, 501
.95 Orientação para novas pesquisas, 502

258 Influência do livro. Amor ao livro, 504
.1 Influência do livro, 504
.11 Em geral, 504
.12 Propaganda. Opinião pública, 505
.13 Influência da poesia, 506
.14 Influência do romance, 507
.15 Influência do livro no comportamento, 508
.2 Amor ao livro. Bibliofilia. Bibliomania, 510

259 Conservação, alteração, destruição do livro e do documento, 511
.1 Conservação, 511
.2 Destruição, alteração, furto e eliminação, 512
.21 Generalidades, 512
.22 Duração dos livros, 513
.23 Histórico, 515
.24 Formas da destruição, 515
.25 Destruição por causas naturais, 516
.26 O fogo, 517
.27 Destruição voluntária de documentos, 517
.28 Destruição por guerras e revoluções. Autos da fé, 518
.29 Falsificações e alterações. Furto, 520

26 Órgãos da documentação. Conjuntos constituídos, coleções e trabalhos, 520

261 Os centros e serviços de bibliografia e documentação, 522
.1 Generalidades, 522
.2 Atividades de um centro, 522
.3 A pesquisa bibliográfica, 523
.4 Como obter as obras mencionadas nas bibliografias, 524

262 As bibliotecas. Coleções de livros, 524

.1 Concepção da biblioteca, 524
.11 Noção, definição, 524
.12 História das bibliotecas, 525
.13 Desenvolvimento atual das bibliotecas. Bibliotecas em diversos países, 527
.2 Espécies de bibliotecas, 531
.21 Generalidades, 531
.22 A biblioteca pública, 531
.23 Bibliotecas infantis, 533
.24 A biblioteca particular, 534
.3 Partes, coleções, fundos, serviços e departamentos, 535
.4 Técnica e organização das bibliotecas (bibliotecnia, biblioteconomia), 535
.41 Generalidades, 535
.42 Aquisição, 536
.43 Operações na entrada, 537
262.22 Catálogos, 539 [*Item fora da ordem lógica.*]
.44 Colocação nas estantes, 539
.441 Noção e objetivo, 539
.442 Sistema de colocação dos livros, 539
.443 Escolha entre esses métodos, 540
.45 O empréstimo de livros, 540
.46 Locais, instalações, mobiliário, equipamentos, 542

263 Os arquivos (**arquivos históricos**), 542

264 Os órgãos da administração. Documentação administrativa, 546
(Departamentos, secretarias, arquivos correntes), 546
.1 Noções fundamentais, 546
.2 A administração. As transformações que ocorreram paralelamente às transformações da sociedade, 546
.3 O problema e sua solução, 550
.4 Princípios gerais de organização, 550
.5 Assuntos diversos, 553

265 Os museus, 554
.1 Noções, 554
.2 Museologia. Museografia, 555
.3 Histórico, 556
.4 Transformações dos museus, 557
.5 Métodos, 558
.6 Exposições. Feiras. Mostras, 559
.7 Monumentos. Sítios. Ruínas e escavações, 560

27 Pessoas, 561

28 Correlações entre os diversos elementos do livro e do documento, *561*
280 Generalidades, *561*
283.2 A economia e o comércio dos livros. Biblio-economia, 562
.4 O direito e o livro, 563

3. O livro e os documentos
Unidades ou conjuntos considerados do ponto de vista da bibliologia comparada
30 Generalidades, 565
323 História do livro, 565
324 O livro e a literatura, 567

4. Organização racional dos livros e documentos
Biblio-tecnia, Biblio-economia

41 Princípios gerais e método de organização, 579
411 Os princípios gerais, 580
.1 Os documentos, 580
.2 A documentação, 580
.3 O problema, 581
.4 Objetivo, plano e organização da documentação, 582
.41 Objetivos, 582
.42 Plano, 583
.43 Organização. Concentração do trabalho e descentralização, 583
.5 Diferentes princípios, 585
.51 Unidade (complexidade), 585
.52 Universalidade (completude), 585
.53 Expansibilidade (regra). Métodos universais e aplicações particulares, 585
.54 Racionalização, normalização e padronização, 587
.55 Cooperação. Colaboração, 588
.56 Publicação das obras e trabalhos científicos, 588
.57 Seriação dos esforços. Etapas, 589

412 Métodos, 589
412.1 Regras uniformes e codificadas, 589
412.2 Coleções sistemáticas, 590
412.3 Classificação [***classification***] **e ordenação** [***classement***], 590
.31 Noção da classificação, 590
.32 Tipos de classificação bibliográfica, 592
.33 Classificação alfabética. Classificação Decimal, 592
.34 Principais classificações sistemáticas, 593
.35 Histórico dos sistemas existentes, 593
.36 A Classificação Decimal, 594
.37 Desenvolvimento da classificação em geral em quatro direções diferentes, 598
.38 Taxonomia geral. Ciência da classificação, 599
412.4 Documentos analíticos e sintéticos. Monografia e poligrafia, 600
412.5 Sistema de formatos, 600
412.6 O sistema de fichas ou folhas e o sistema de livros, fascículos ou registros, 602
412.7 O sistema de duplicatas e referências, 602
412.8 O sistema de repertórios e ordenação, 603
412.9 Métodos documentários universais e aplicações particulares, 604

413 Meios materiais: materiais e equipamentos; mobiliário; instalações, 604
413.1 Equipamentos. As máquinas do trabalho intelectual, 605
.12 Máquinas para as diferentes operações, 605
.13 Invenções a serem feitas, 608
.14 Desiderato geral, 611
.15 Utilização generalizada, 611
413.3 Instalações, 612
413.4 Materiais, 612
414 Os locais. Arquitetura, 612
415 Pessoal da documentação, 614
.1 O bibliotecário, 614
416 Operações, 616
417 Outros fatores de organização, 616

Finanças, estatuto, regulamento, 616
42 Os elementos ou conjuntos a implantar, 617
421 Os livros e os documentos (**primeiro escalão da organização**), 617
421.1 Regras concernentes às publicações, 617
.10 Generalidades, 617
.11 Recomendações concernentes às publicações em geral, 620
.12 Recomendações concernentes às publicações periódicas, 622
421.2 Publicação de livros e documentos. A indústria editorial mundial, 625
421.3 Distribuição dos livros e documentos, 628
422 Os conjuntos: acervos, catálogos e serviços (**segundo escalão da organização**), 628
.0 Generalidades, 628
422.1 Sistema mundial, 635
.11 Sistema geral de bibliografia e catálogo, 629
.12 Sobre o Repertório Bibliográfico Universal, 630
422.2 Bibliotecas, 635
.21 Integração das bibliotecas, 635
.22 Sistema nacional de bibliotecas, 635
.23 Rede mundial internacional de bibliotecas, 635
.24 A biblioteca mundial, 636
422.3 Enciclopédia, 638
.31 Pastas enciclopédicas documentárias, 639
.32 Repertório enciclopédico ou fichário, 640
.33 Folhas enciclopédicas e fichas, 640
.34 Atlas enciclopédico. 'Atlas Universalis Mundaneum', 640
.35 A codificação, 642
422.4 A documentação administrativa, 642
422.5 O arquivo histórico, 645
422.6 Organização de museus, 645
.61 Plano geral, 645
.62 O museu mundial, 645

423 Órgãos documentários (**terceiro escalão da organização geral**), 646
424 A Rede Universal de Informação e Documentação (**quarto escalão da organização internacional**), 647
.1 Princípios da rede, 647
.2 Elementos existentes da organização, 648

425 Correlação com o trabalho intelectual e a organização mundial em geral (**quinto escalão da organização**), 649
.1 Organização internacional do trabalho intelectual, 649
.11 Plano geral, 649
.12 O Mundaneum, 650
.2 Organização mundial em geral, 653
.21 Princípio, 653
.22 Instrumentos da organização mundial. A cidade mundial, 654

5. Síntese bibliológica
51 As leis bibliológicas, 656
511 Das leis em geral, 656
512 As leis universais e as das diversas ciências aplicadas à bibliologia, 657
.1 Leis universais, 657
.2 Matemática, 658
.3 Mecânica, 658
.4 Físico-Química, 658
.5 Biologia, 659

.6 Psicologia, 660
.7 Sociologia, 660
.8 Metafísica. Metapsíquica. Teologia, 662
513 As leis próprias do livro, 663

52 Os problemas da documentação, 666
.1 Problemas próximos, 666
.2 Problema final. Soluções hipotéticas ideais, 666

53 Futuro e antecipação do livro, 668
.1 Fases do desenvolvimento, 668
.2 O livro universal, 668
.3 A classificação, pedra angular do pensamento e do documento, 690
.4 A estrutura dos conhecimentos, 671

Quadro recapitulativo I. Por operações da documentação, 674
Quadro recapitulativo II. Por esalões de organização da documentação, 675
Tabela resumida da Classificação Decimal, 676
Fontes: Bibliografia, 676
Posfácio, 677
Anexo: documentos
Sobre o caso do Palais Mondial, 678
Depois do fechamento do Palais Mondial, 679

Lista de ilustrações, quadros e modelos, 681
Índice alfabético, 682
Tabela sistemática de assuntos, 685.

Texto composto com a fonte FreightText Pro, criada por Joshua Darden, no corpo 11/13,2. Projeto gráfico e digitação: Briquet de Lemos / Livros. Liberado para livre acesso na internet em 10 de setembro de 2018. Ano do sesquicentenário de nascimento de Paul Otlet.